A Linha Neutra

ANTICRÔNICAS E DESAVENTURAS DE UM ALUNO DO ITA

(BASEADO EM FATOS VIRTUAIS)

Nota do autor:

Esta é a estória de um garoto que, como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones... Led Zeppelin, Soundgarden e Stone Temple Pilots, e que um belo dia saiu de sua cidade para ir cursar o ITA, numa distante terra chamada São José dos Campos.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes de pessoas que realmente existam ou tenham existido ou fatos que tenham realmente ocorrido é pura coincidência. Eu repito, é tudo ficção.

Toda quarta-feira, se não chover, tem mais um capítulo.

Coloque seus comentários em:

http://alinhaneutra.blogspot.com/

Saudações Iteanas,

CMP

1 Abertura 7

2 Alegria 11

3 Noite E Dia 15

4 Maria Luiza 20

5 Bicho De 7 Cabeças 29

6 Tigresa 44

7 A Primeira Vez 51

8 Bons Momentos 56

9 Quero Mais 63

10 Quem Você Pensa Que É? 67

11 Gentileza 71

12 Essa Noite Não 76

13 Feliz Aniversário 81

14 Nostalgia 88

15 Super-heróis 94

16 Descendo A Serra 107

17 Sincero 113

18 Girando Em Torno Do Sol 120

19 Dez 144

20 Popular 162

21 Não Sei Não 171

22 O Doce E O Amargo 191

23 Parabéns Pra Você 195

24 Difícil 200

25 Camila Camila 210

26 Zero 218

27 Sessão Das 10 222

28 Leve Desespero 225

29 Alegria, Alegria 238

30 Feliz Ano Novo 246

31 Bichos Escrotos 256

32 Enquanto Isso 271

33 Limbo 278

34 Tesouros Da Juventude 289

35 3 Semanas 295

36 7 300

37 316 306

38 Olhos Puxados 313

39 5:15 321

40 Envelheço Na Cidade 330

41 Michelle 340

42 Enquanto O Mundo Explode 344

43 TV A Cabo 350

44 15:51 356

45 Ando Meio Desligado 361

46 Ainda É Cedo 378

47 12:51 397

48 11:59 402

49 Quandol 409

50 2:1 415

51 Essa Moça Tá Diferente 430

52 Amigos Novos E Antigos 436

53 2 Semanas 451

54 Sereia De Água Doce 476

55 A Linha Neutra 491

56 Já Que Você Não Me Quer Mais 495

57 Tente Outra Vez 506

58 Na Pressão 518

59 Inverno 541

60 Agora Só Falta Você 573

61 Só O Fim 602

62 A Cidade E Os Campos 636

63 Saideira 643

64 Encontros E Despedidas 666

65 Beira Mar 674

66 Pro Dia Nascer Feliz 679

67 Dê Um Rolê 691

68 Walking In London 703

69 O Sonho 707

70 Mi Habitación 713

71 Hey Hey What Can I Do 727

72 In Another Land 739

Abertura

Estávamos finalizando a sessão matinal, fluindo sobre o verde cristal líquido. O dia estava ensolarado, mas o sudeste que começava a soprar era o bastante para aliviar o calor.

- O marzinho até que não tá mal, tá ligado? – Neno comentou ao sairmos da água.
- Bom demais pra janeiro – respondi.
- E a pranchinha, tá funcionando?
- Tá, dessa vez tu acertou a mão
- Dessa vez? Eu sempre acerto a mão, tu é que erra o pé de vez em quando.

Neno era um grande amigo de infância, que se dedicara inteiramente à fabricação de pranchas nos 3 últimos anos. Ele estava começando a colher os frutos do seu trabalho, sua marca já era forte no mercado regional e seu nome despontava no cenário nacional.

Eu estava disposto a continuar a amigável discussão, simplesmente pela falta de algo melhor a fazer, mas minha atenção voltou-se para as 2 marias que desfilavam na areia.

Levei em consideração o ângulo de incidência dos raios solares, a temperatura da areia e a velocidade de deslocamento delas e estimei um FPS de 40 a 45. E dado que as 2 estavam de batom a conclusão era única:

- Turistas! – exclamamos em uníssono.

Interessante como Neno chegara à mesma conclusão, ao mesmo tempo, sem ter o menor conhecimento de Cálculo Diferencial e Integral. Seu método dedutivo merecia um estudo mais detalhado. Estudo esse que ficaria para outra ocasião, pois por mais que as capacidades dedutivas de Neno me intrigassem, um acontecimento singular demandava prioridade: uma das moçoilas estava olhando em nossa direção.

De imediato contei os passos que ela deu até virar o rosto: 3. Fato: se uma pessoa que está andando olha pra você por mais de 2 passos consecutivos significa que você chamou a atenção dela. Isto é independente da velocidade de deslocamento da referida pessoa.

Daquela vez eu fui mais rápido que Neno, provavelmente porque ele não estava olhando pros pés da menina.

- Esse verão vai ser massa, Neno, tá ligado?
- Pode crer, velho.

Continuei a secar as beldades, talvez olhassem de novo. De repente Neno soltou uma frase cujos efeitos mudariam completamente a seqüência de eventos daquela ensolarada manhã:

- Não olha agora, mas tem uma figura vindo falar contigo, nas esquerdas.

Geralmente quando alguém diz “não olha agora” a primeira coisa que a gente faz é olhar agora. Depois de anos de atos falhos, muito treinamento e autodisciplina, eu aprendera a

controlar o impulso inicial. O quê, naquele específico caso, causou resultados altamente questionáveis.

Eu girei a cabeça lentamente, 150 graus em aproximadamente 2 segundos. Que com certeza foram os 2 segundos mais angustiantes da minha vida, durante os quais eu recebi um total de 8 descargas de adrenalina.

A primeira aconteceu logo após que minha cabeça começou o movimento angular, quando me dei conta de que as marias estavam olhando de novo pra nós. As 2!

A segunda foi quando meus instintos reprodutivos me mandaram parar a rotação anti-horária e iniciar uma rotação horária. A terceira foi provocada pela inércia resultante do meu reflexo condicionado em reação à frase "não olha agora", que imediatamente bloqueou os insistentes instintos.

A quarta resultou do acesso rápido ao banco de dados relativos ao comportamento feminino – cabe aqui ressaltar o baixo volume de dados acumulados neste setor – de onde foi recuperada a seguinte informação "elas vão pensar que você está ignorando-as, o que reduzirá consideravelmente suas chances de sucesso".

A quinta foi quando meu cérebro concluiu que a figura que se aproximava era uma mulher, de biquíni. A sexta também resultou do acesso rápido ao banco de dados relativos ao comportamento feminino: "mulheres não gostam que você olhe para outras mulheres enquanto você está conversando com elas". Mas eu não estava conversando com elas!! – reclamei mentalmente – "Não interessa, a reação é a mesma" – respondeu o banco de dados.

A sétima ocorreu quando eu reconheci quem era a figura, e a oitava quando nossos olhares se alinharam. Naquele instante eu sabia que estava totalmente transparente, vulnerável mesmo, pois aquela pessoa me conhecia a fundo. Mais do que eu mesmo. E ela conseguia ler todos os meus pensamentos.

Um ser humano comum estaria caído no chão, gemendo de dor, depois de tanta adrenalina. Graças a cinco anos de refeições diárias no H15 meu estômago tornara-se imbatível, tão forte como o de um tubarão tigre, de modo que permaneci de pé, imóvel. Minha cabeça, no entanto, estava a mil. Meus tímpanos ressoaram docemente quando ela falou meu nome:

- Celso, ou melhor, engenheiro Celso.
- Carolina.
- Meus parabéns.
- Muito obrigado.
- Obrigada pelo convite, infelizmente não pude ir...
- Sei... obrigado pelo cartão.

Já fazia um ano e meio desde a última vez em que nos havíamos visto. Eu estava de férias e tinha ido à formatura dela. Não conversamos muito naquela noite, pois o seu namorado fez

marcação cerrada. Ainda bem que eu conhecia outras pessoas da sua turma, o que tornou o ambiente mais agradável.

Eu segurava a prancha como se estivesse abraçando alguém, Carolina mantinha-se impassível, os longos cabelos dançando sobre seu rosto, seus seios. Carolina nunca se abalava com nada, nem tração nem compressão. Carolina era o equivalente humano da linha neutra.

- Prancha nova?
- É, Neno me deu esta “thruster” de presente de formatura. 5’ 9” por 19” ¾ por 2” ¼, “squash tail”, fundo reverso, FCS de fibra de carbono.

Naquele momento me dei conta que Neno saíra de fininho, e já estava de conversa mole com as 2 marias. Eu esperei que ele pelo menos estivesse limpando a minha barra. Só pra variar, já que geralmente ele gostava de dar uma de beque.

- Você chegou quando?
- Ontem à tarde.
- Chegou ontem e já está aqui na praia, pegando onda e olhando as bundinhas das meninas...
- Exatamente.
- Vai ficar até quando desta vez?
- Eu acho que vou ficar um bom tempo desta vez.
- É mesmo?
- É.
- Algum motivo especial?

Eu sinceramente não estava gostando do rumo da conversa. Eu passara os 2 últimos anos da minha vida tentando convencer-me que nós jamais daríamos certo. Ao que me constava ela havia feito o mesmo em apenas 6 meses. O que é que ela queria mais? Fazer-me arrepender de novo pelos meus vacilos?

- Eu aceitei uma oferta aqui na área, começo a trabalhar depois do carnaval.
- Seus pais devem estar muito felizes em ter o filhinho de volta.
- Muito. Eu também estou feliz.

Pelo menos estava, até aquele momento. Mas eu não iria deixar um pequeno incidente daqueles estragar o meu bom humor. Onde estava Neno, que não vinha em meu socorro? Tomando suco de frutas com as turistinhas.

- Trabalhando muito? – perguntei, tentando desviar do assunto que estava me incomodando.
- Estou de férias este mês.
- Legal.
- Você vai ter que se acostumar com isso também...
- O quê?
- Só 1 mês de férias.

- Sei.

Carolina virou o rosto por um momento, olhando o mar. Eu procurei Neno novamente, ele tava na sombra das barracas, sozinho, mas pela cara dele deu pra perceber que as coisas tinham ido bem. Eu torci para que ele tivesse marcado algo para aquela noite.

Carolina me fitou novamente, um leve sorriso no rosto. Mais uma vez ela conseguia manipular minha paciência. Eu não sabia o que dizer, nem o que fazer. Fiquei calado, olhando nos olhos dela. Ela continuou sorrindo, na tentativa de desarmar-me. Funcionou, eu começava a sorrir também. Estranho como ela ainda conseguia ter aquele tipo de efeito sobre mim. Eletromagnetismo?!?

- Você lembra que foi aqui que nós nos beijamos pela primeira vez? – ela perguntou, ainda sorrindo.
- E pela última vez também...
- Também... 2 anos e 2 dias atrás. Você lembra do que me disse naquele dia?
- Lembro de cada palavra.
- Eu não esqueci você, Celso, eu nem tentei...
- Carolina, o que é que você está fazendo?
- Eu estou sendo honesta com você, você bem que podia tentar ser honesto consigo mesmo.
- Em faço isso todos os dias.

Carolina delicadamente tomou a prancha das minhas mãos, colocou-a na areia, passou a mão no meu rosto e disse:

- Eu sei que você ainda pensa em mim, Celso. Você não precisa me dizer isso, está escrito nos seus olhos. Você só precisa parar de se culpar, e deixar de pensar que não me faz feliz. Você sempre me fez feliz, e hoje, além de feliz, eu estou muito orgulhosa de você.
- Como assim?
- Você soube aceitar todos os desafios, todos os sacrifícios, tudo para realizar o seu sonho. Somente pessoas muito especiais conseguem manter este tipo de atitude.

Eu fiquei pensando no que ela acabara de falar. E pensei em todos os amigos que tinham passado pelo que eu passei. Ela continuava me olhando nos olhos. Colocou os braços em torno do meu pescoço, apertou seu corpo contra o meu e aproximou seus lábios aos meus.

- O próximo passo é você quem vai ter que dar – ela disse bem baixinho, os olhos bem abertos, lendo meus pensamentos.

Pela primeira vez ela parecia não saber o que eu ia fazer.

Alegria

Eu estava voltando da praia, era uma quinta-feira, a primeira do ano novo. O calor estava insuportável, as ondas haviam baixado de vez e os turistas começavam a invadir nossas areias. Tudo levava a crer que seria outro longo e entediante verão; nada a fazer senão voltar pra cidade e resolver alguns assuntos pendentes.

Quando cheguei em casa meu irmão me deu a notícia:

- Ligaram do ITA, você passou! Meus parabéns, Celso.
- Eu passei?? Eu passei?!?
- Passou, eles falaram que você tem que estar lá na segunda-feira. Eles disseram que ligariam mais tarde, deixaram um número...
- Aonde? Aonde está o número? Segunda-feira?!? Não vai dar tempo!!
- Essa não, aruá, a outra segunda. Regininha ligou também, queria saber quando você voltava da praia.

Regininha, assunto pendente número 1. Linda, inteligente e meiga. Estávamos juntos há 7 meses, mas já havia passado da hora de acabar. Eu só não sabia como. Talvez finalmente tivesse um bom pretexto, eu ia morar em outra cidade, estudar o tempo todo.

- Carolina ligou?
- Não.

Carolina, assunto pendente número 2, nunca ligava. Eu resolvi ligar pro ITA pra confirmar a notícia e anotar os detalhes. Depois trataria dos assuntos pendentes, afinal de contas assuntos pendentes, por definição, sempre ficam pra depois.

Toda a família ficou feliz, um sonho realizado. Eu chorei um bocado, e depois rezei, agradecendo pela conquista. Minha mãe chorava sem parar, meu pai ligou pra todo mundo e meu irmão ligou pra namorada dele, que por sua vez também ligou pra todo mundo. As comemorações familiares só acabaram no domingo de noite.

Regininha ficou muito feliz por mim, e eu, mais uma vez, não consegui tomar a decisão certa. Eu achei que na segunda, depois de passada toda a euforia do fim de semana, eu finalmente conseguiria... Carolina, eu tinha que falar com ela. Será que ela estaria em casa? Carolina sempre estava em casa, ainda mais numa noite de domingo.

- Oi, Carolina, tá a fim de sair?
- Tô, vamos. Já estou pronta.

Carolina sempre estava pronta. Não que ela vivesse arrumada o tempo todo, ela simplesmente não se arrumava nunca. E nem precisava. E qualquer roupa lhe caía bem. Nem que fosse uma calça desbotada e uma blusa branca de botão, dessas de ficar em casa mesmo.

Seus cabelos ainda estavam molhados, e o efeito revelador da água escorrendo na sua blusa estava me deixando, digamos, entusiasmado. Não que eu nunca a tivesse visto sem roupa, mas ela estava extra sensual naquela noite. Antes de entrarmos no carro ela me abraçou forte e me beijou intensamente. Algo estava errado, Carolina nunca me beijava em público, muito menos na frente da irmã e do irmão.

- Para onde vamos? – perguntei, tentando disfarçar minha ansiedade.
- Precisa perguntar?! – ela finalmente sorriu, o que me fez relaxar um pouco.

Carolina tinha usado aparelho ortodôntico por mais de dois anos, ela ainda usava quando nos conhecemos. Apesar de já fazer mais de um ano que o tratamento havia acabado ela ainda tinha um certo receio de sorrir. Mas algo me dizia que ela estava séria por outro motivo.

Nós havíamos passado a noite de ano novo juntos, tínhamos ido numa festa de uns amigos dela e depois fizemos uma festa a dois, até o amanhecer. Carolina sempre ficava triste entre o Natal e o ano novo, pois era quando mais sentia falta de sua mãe. Mas apesar da tristeza ela não tinha ficado tão séria como ela estava naquela noite.

Eu achei melhor não falar nada, podia estragar o momento. Quando chegamos ela colocou o CD que eu tinha compilado para ela quando ela fez 19 anos. Foi naquele momento que eu me toquei que não estaríamos juntos quando ela fizesse 20. Ou 21, ou 22... uma leve melancolia tomou conta de mim, melancolia esta que levaria anos para se dissipar. Todo sonho tem seu preço, e eu estava apenas começando a pagar pelo meu.

O CD era uma exuberância visual e acústica, uma obra prima, modéstia à parte. Na frente eu havia colocado uma foto dela que eu tirei no dia em que ela tirou o aparelho. No verso eu coloquei uma foto minha, pegando onda. No rótulo eu combinei as duas fotos e colei o título “Carolina 1.9”. A seleção musical começava com “Sensible shoes” e terminava com “Mexican moon”, numa seqüência projetada para neutralizar qualquer resistência. Ela me disse que foi o melhor presente que ela ganhou naquela noite, que por sinal foi a primeira que passamos juntos. Eu guardara uma cópia comigo, sem as fotos e dizeres especiais, que alguns anos depois seria muito providencial, e considerada ”a coisa mais romântica que esse sujeito já fez na vida”.

Ela também trouxe uma garrafa de vinho branco, geladinha, que saboreamos sem pressa, como se aquela noite fosse durar pra sempre.

Passamos um bom tempo sem falar nada, nossos corpos envoltos numa contínua transferência de calor e massa. Ela quebrou o silêncio com a sutileza que lhe era peculiar.

- Você viaja quando? – ela perguntou depois de tomar mais um pouco do vinho.
- Quê? – eu fiz que não entendi.
- Quando é que você vai viajar pro ITA?
- Você tá sabendo?! – ótimo, assim eu não precisaria explicar mais nada.
- Claro, eu tenho o hábito de ler jornal. Que foto ridícula eles colocaram, você todo sorridente, dizendo que ia fazer estágio na NASA...

- Eu não falei nada disso, aliás, eu não falei nada do que foi publicado, foi tudo invenção daquela repórter desmiolada.
- Daquela repórter sua amiga.
- Ela não é minha amiga, nós apenas estudamos Inglês na mesma classe... eu viajo no domingo que vem.
- Vai cortar os cachos?
- Vou.
- Vai ficar uma gracinha – ela disse enquanto me acariciava os cabelos – já estou com saudades...
- É só por um ano, depois vou deixar crescer de novo.
- De você, seu bobão – ela sussurrou no meu ouvido, iniciando outra sessão de transferência de calor e massa.

Carolina sabia que eu tava namorando Regininha quando nós começamos a sair juntos. Ela nunca tinha falado nada a respeito, mas depois do seu aniversário ela me disse que eu teria que fazer uma escolha. Eu falei que queria ficar com ela, e que terminaria tudo com Regininha antes do final do mês. Eu não somente não cumpri o que disse como também não falei nada pra ela. O mês acabou, o ano acabou e eu nada.

E foi por isso que eu voltei da praia decidido a executar minhas duas resoluções de ano novo, resolver meus assuntos pendentes. A começar pelo número 2.

- Carolina, eu tenho que te falar uma coisa, é sobre Regininha...
- Deixe-me adivinhar, você não terminou com ela.

Incrível como mulher saca essas coisas de longe. Uma lição que seria muito útil num futuro muito próximo.

- Não. Eu não consegui olhar nos olhos dela e acabar tudo.
- Quanto mais tempo você demorar mais ela vai sofrer. E você, e eu também.
- Eu não queria magoar você, nem ela, nem ninguém. Eu só queria que essas coisas fossem mais simples.
- Você tem a opção de tornar as coisas simples, Celso.
- É verdade. Eu vou falar com ela amanhã.

Ela me olhou no fundo dos olhos e disse:

- Eu sei que você não vai.

Levantou-se e foi tomar um banho. Voltou enrolada na toalha e sentou-se na cama, as pernas cruzadas na minha frente, as mãos repousando sobre as coxas. Aquela imagem ficou permanentemente registrada na minha memória, como também ficaram as palavras que ela disse. Eu sentei e segurei as suas mãos.

- Celso, o que eu vou te dizer agora vai ser muito difícil pra nós dois. Eu gosto muito de você, muito mesmo. O bastante pra tolerar as suas indecisões com relação à sua namoradinha linda e maravilhosa, seus fins de semana na praia com seus amigos.

- Mas...
- Mas eu não vou tolerar ficar longe de você. Eu jamais pediria pra você ficar aqui comigo. Eu acho melhor a gente não se ver mais.

Eu não sabia o que dizer. Eu não conseguia nem olhar pra ela. Fui tomar um banho. Ela ficou parada, de olhos fechados, quando eu voltei ela perguntou:

- Quando você vem por aqui?
- No carnaval, depois em maio por uma semana e depois no meio do ano.

Sentei ao seu lado e segurei suas mãos novamente.

- Carolina, eu sei que você não vai ficar de bobeira pra sempre, mas nós ainda somos muito novos pra ficar fazendo promessas pro resto da vida. Eu acredito que nunca vou gostar de alguém como gosto de você, e se a gente tiver que ficar junto nem tempo nem distância nem nada nem ninguém vai impedir que isso aconteça.
- Eu sei, eu sei – ela disse enquanto me abraçava.

Ela ficou mais aliviada, e eu também. Eu realmente acreditava no que eu estava falando, só o tempo mostraria se eu estava certo ou não. Ficamos na cama por mais algumas horas e depois fomos ver o sol nascer na praia.

Naquela segunda eu criei coragem e fui terminar tudo com Regininha, mas na hora H eu não consegui. Achei que com o tempo ela iria ficar mais acostumada com a minha ausência, e que a coisa iria decair naturalmente, sem maiores traumas.

Carolina e eu ficamos juntos todos os dias daquela semana. Eu acho que o receio da separação nos aproximou mais, mas de certa forma eu senti que ela nao estava muito firme das idéias.

Eu arrumei minhas coisinhas: alguns livros, CDs, roupas e a minha Tele. Meu pai ficou dizendo que eu não ia ter tempo pra tocar guitarra, que ia atrapalhar os estudos. Meu tio, pelo contrário, me incentivou, dizendo que pessoas que tocam um instrumento fazem amigos mais facilmente. O interessante é que o fato de eu tocar guitarra foi um fator decisivo nas escolhas que fiz, nas amizades que cultivei e nos caminhos que segui no ITA.

Noite E Dia

A chegada ao ITA foi uma mistura de curiosidade, excitação, admiração e respeito. E receio, naturalmente. Outros colegas também chegaram ao mesmo dia, e tivemos uma breve reunião com um representante da Dival sobre a programação das semanas seguintes. Eu estava nas nuvens, pois fazia parte da nata da intelectualidade nacional. Pelo menos foi isso o que nos disse o tal sujeito.

Fomos levados ao alojamento dos alunos, o H8, onde encontrei alguns amigos dos tempos de colégio. Estávamos todos muito felizes, radiantes mesmo. Logo fomos conhecendo mais e mais gente, de todos os cantos do país, os mais variados sotaques. Tinha cada figura... a minha primeira impressão foi que eu estava no meio de um bando de malucos. Mal sabia eu que em muito breve aqueles malucos estariam com armas carregadas nas mãos.

Aquelas eram as pessoas com as quais eu iria conviver boa parte dos cinco anos seguintes. Eu não fazia a mínima idéia do que nos esperava: os trotes, o treinamento militar, as aulas, as longas noites de estudo, as séries, as provas, os labs, os exames, as desistências, os trancamentos, os desligamentos... o bostejo, as azarações momentâneas, os namoricos passageiros, os romances duradouros, a perda de alguns amigos, as amizades sinceras, a camaradagem, o sentimento de fazer parte de algo que é muito maior que nós mesmos. O amadurecimento e a transformação interna que ocorreriam conosco.

Passei as primeiras noites num apê provisório, antes de começar as aulas mudaria para o definitivo. Que no meu caso foi definitivo mesmo, visto que foi lá que morei até o fim do curso.

No sábado o Presidente do CASD conversou conosco. Era um rapaz muito calmo e sensato, de fala mansa. Suas palavras tiveram um efeito positivo sobre mim, marcante mesmo. Uma frase em peculiar me influenciou bastante durante os cinco anos que passei na escola, e que até hoje me norteia na conduta da vida: “Nesta escola existem dois tipos de alunos: os que passam pela escola e os que a escola passa por eles. Procurem ser alunos do primeiro tipo”.

O que ele não disse é que os alunos do primeiro tipo são apenas 5% do total, mas isso eu iria descobrir por mim mesmo.

No domingo à noite, depois do jantar no H13, que até que não tava tão ruim assim, eu pequei a minha Tele e fui pra sala de música. 1 bateria, 1 piano, amplificadores. Só faltava achar alguém que também gostasse de música e ia ficar tudo bem. Passei uns vinte ou trinta minutos dedilhando sozinho, sem fazer muito barulho.

De repente notei que algumas pessoas se aproximavam, ouvi vozes e sorrisos. Pensei que seriam alguns calouros – “bichos” no jargão local – que estariam reconhecendo as redondezas. Quando eles entraram na sala eu parei de tocar, pois percebi que se tratava de veteranos, e eu pensei que eles poderiam estar procurando algumas vítimas para dar trotes. Eram 2 caras e 1 guria: um deles segurava duas baquetas, o outro carregava uma capa de guitarra parecida com a da minha Tele, só que maior. Pelo tamanho dela deduzi que o conteúdo era um baixo. A menina carregava um inconfundível estojo marrom com um

logotipo dourado e preto: Gibson USA. Comecei a me sentir intimidado. Ela foi a primeira a falar:

- Não para não que eu adoro esta música!
- Nós também – completaram os rapazes, o baterista já sentando no banquinho e o outro abrindo a capa do baixo.
- Vocês vão ensaiar agora? Eu já estava de saída – falei meio sem jeito.
- Eu não chamaria isto de ensaio, a gente toca só de brincadeira – falou a menina, que parecia ser a "band leader".
- É, todo dia a gente toca de brincadeira, quem sabe um dia a gente aprende – disse o baterista.

A menina colocou o estojo, ainda fechado, numa cadeira e estendeu-me a mão:

- Oi, meu nome é Renata, esse é o André e aquele ali é o Pedrão, nosso exímio baterista. Como é seu nome?
- Oi, meu nome é Celso.
- Agora que já nos conhecemos você vai ter que me mostrar como é que se toca esta música – ela continuou, com um sorriso amigável.
- Não é muito difícil não, só o dedilhado inicial é que é meio complicado.

Eu toquei o dedilhado umas três ou quatro vezes e ela disse:

- Eu acho que peguei. Vamos ver.

Ela finalmente começou a abrir o estojo, e eu já estava me roendo de curiosidade pra saber qual era o modelo da sua guitarra. Meus olhinhos brilharam quando ela levantou o feltro protetor, tirou a guitarra do estojo, colocou a correia sobre o ombro e começou a dedilhar em Cm#. Se eu tivesse uma máquina ali teria tirado umas trinta fotos.

Esperei ela terminar de tocar o trecho e falei, meio de queixo caído:

- É assim mesmo.

Eu não conseguia tirar os olhos da guitarra.

- Alguma coisa errada? – ela disse ao perceber minha fixação.
- Não, eu só tava admirando a sua Gibson Les Paul Classic Premium Plus, "open Zebra coils". Eu nunca vi nem ouvi uma dessas assim tão de perto. Que som massa!

Ela sorriu, tirou a correia do ombro e disse:

- Toma, toca uma música nela.

Eu passei uns 2 min só alisando a guitarra, olhando cada detalhe. Parei quando percebi que os 3 estavam me olhando como se eu estivesse diante de uma nave extraterrestre.

- Agora que você já babou a guitarra toda termina de tocar aquela música pra ver se a gente aprende – André comentou.
- Foi mal – eu disse, olhando para Renata – a segunda parte é bem fácil, e o verso também.

Ela pegou a Tele e foi me seguindo. André foi deduzindo o baixo e depois que nós três nos sincronizamos Pedrão entrou com a batera. Passamos a música umas cinco vezes até ficar mais ou menos.

Fizemos uma pausa e eu fui devolver a guitarra para Renata, mas ela recusou:

- A Tele é mais leve.
- É, mas o som nem se compara – retruquei.
- Essa é mexicana, não é? Elas são bem feitas, mas as bobinas originais são meio fracas, o número de espiras é baixo. Você pode melhorar o som se colocar umas bobinas mais potentes. Eu tenho umas em casa, se você quiser eu instalo pra você. Não precisa nem trocar os capacitores e potenciômetros.
- Obrigado.
- De nada, eu trago na semana que vem.

Enquanto André e Pedrão discutiam como eram as viradas da bateria ela me contou que eles iriam começar o quarto ano e estavam fazendo um estágio de férias numa empresa local do setor aeronáutico. Pedrão fazia MEC – Engenharia Mecânica – Renata e André faziam AER – Engenharia Aeronáutica.

- Eu pensei que você fazia Eletrônica, aquele papo todo de bobina, capacitor e potenciômetro.
- Não, não. Eu aprendi um pouco de eletrônica no ano passado, quando fiz ELE-18. Depois eu dei uma olhada no website da Gibson, peguei um ferro de solda e fui experimentando com diferentes captadores, capacitores e pots.
- Não me diga que você usou esta obra de arte aqui para fazer experiências...
- Claro que não, eu jamais modificaria nada nesta guitarra. Eu tenho outras cobaias em casa. Essa daí meu irmão me deu no Natal, ele está fazendo doutorado no RIT e comprou por lá.

Aquela conversa toda tinha muita sigla pro meu gosto, devia ser coisa da cultura local. Decidimos passar a música de novo, e daquela vez todo mundo gostou. Eles perguntaram se eu também cantava, eu falei que não cantava nem no banheiro. André prontificou-se para assumir a tarefa.

- Amanhã eu trago a letra. Vamos ver como é que fica – ele disse.
- Nós estamos tocando toda noite, de domingo a quinta, até o fim do mês, quando acaba o estágio – Renata completou – você está sumariamente convocado.
- Valeu, estarei aqui toda noite.
- Quando as aulas começarem, em março, nós reservaremos a sala de música duas horas por semana – ela disse enquanto guardava a Gibson no estojo.

Conversamos mais um pouco sobre música, o ITA, os diferentes cursos, a vida no H8. O trote, que eu começaria a conhecer de perto naquela mesma noite. Aquelas 3 pessoas foram, mesmo sem saber, contínuas fontes de equilíbrio e sabedoria para mim. Nos anos seguintes eu também teria a chance de fazer por outros novos colegas o que eles fizeram por mim. E eu aprenderia que a camaradagem do H8 seria umas das coisas mais importantes na escola.

- Apareça no nosso apê – falou Pedrão ao nos despedirmos – lá ninguém vai te dar trote, nem te chamar de bicho.
- Valeu, vou aparecer sim.

Fui pro meu quarto, fiz minhas orações e deitei, pensando que ia dormir. Acordamos todos com o barulho de explosões no corredor, pessoas gritando: "acorda, bicho", gritos selvagens. Logo estávamos cantando pelos corredores, fazendo propaganda gratuita de creme dental. E ai de quem não quisesse colaborar, ia ter que contar até 10, em algarismos romanos, enquanto suas partes mais privadas eram submetidas a um poderoso tratamento químico.

Depois ficamos sentados no chão, ouvindo o discurso improvisado dos segundanistas, os temíveis "chacais". Aquela lenga-lenga tomou boa parte da noite, que acabou com um banho na piscina do H8, carinhosamente apelidada de "Feijãozinho", óbvia referência a seu peculiar formato.

Lá pelas duas da manhã finalmente voltamos pro apê, cansados e molhados. Na manhã seguinte começamos o treinamento militar, e mais uma vez fomos exaltados por sermos a nata da nata da raspinha da tampa do iogurte. O que começou a me intrigar, pois se éramos assim tão inteligentes, mas tão inteligentes mesmo, por que então passávamos os dias de farda, marchando? E as noites levando gritos de uma dúzia de desajustados sociais, que aparentemente não tinham nada a fazer durante as férias escolares a não ser interromper o nosso sono e tentar colocar 100 pessoas num apartamento projetado para acomodar 6?

O resto da semana foi a mesma coisa: trote de dia, de farda, e trote de noite, de pijama. Pelo menos eu estava conhecendo o pessoal da turma, e pela sexta feira eu já sabia o nome de todo mundo, o que para mim foi uma verdadeira proeza, visto que tinha, e ainda tenho, uma péssima memória para nomes.

Os ensaios com Renata, André e Pedrão estavam progredindo. André cantava razoavelmente bem e nós concentramos nossa atenção naquela única música. Na quinta feira concluímos que estava boa o bastante e Renata propôs que na semana seguinte cada um trouxesse uma nova música, e juntos escolheríamos qual seria a mais adequada para ter a honra de duplicar o nosso repertório.

Vários colegas da minha turma também tocavam algum instrumento. Um deles, Shimano, tocava todo e qualquer instrumento. Passávamos boa parte to tempo livre conversando sobre música, pois tínhamos praticamente o mesmo gosto musical. Ficamos todo o fim de semana na sala de música, e foi incrível como conseguimos tocar umas 20 músicas, assim de primeira.

No domingo de noite eu liguei pra casa e contei como tinha sido a semana, mas não dei muitos detalhes sobre os trotes para não assustar minha mãe.

- *Você está comendo direito, meu filho?* – foi a única preocupação dela.
- Claro, mãe – menti descaradamente.

Meu pai quis saber como era o treinamento militar. Eu falei que não era uma coisa muito rigorosa, mas não deixava de ser uma perda de tempo. Ele riu e disse para eu tentar aproveitar assim mesmo, que poderia aprender algo de útil. Depois ele perguntou se eu já havia ligado para Regininha, eu falei que ligaria logo em seguida. E liguei, naturalmente.

Depois liguei para Carolina e falei que estava com muitas saudades. Ela perguntou se eu tinha conhecido alguma pessoa interessante. Eu percebi o verdadeiro sentido da pergunta e só pra sacanear falei que sim, e que o nome dela era Renata. Depois expliquei bem direitinho que foi amizade à primeira vista, e que Renata era como se fosse assim uma irmã mais velha, só que legal. Ela ficou rindo:

- *Pois fique sabendo que minha irmã e meu irmão me acham muito legal.*

Depois ela disse que eu precisava mesmo de uma mulher forte pra me orientar. Eu fiz que não entendi e continuei contando tudo o que acontecera desde minha chegada. Nos despedimos com palavras carinhosas e eu falei que ligaria no domingo seguinte.

Naquela noite fui dormir cedo, mas passei um bom tempo sem conseguir pegar no sono. Fiquei pensado em como aquela primeira semana tinha sido intensa, como minha vida tinha mudado tanto em tão pouco tempo. Lembrei das coisas e pessoas que eu deixara pra trás, e me questionei se aquelas coisas e pessoas ainda importariam para mim, se elas ainda me reconheceriam, quando eu voltasse um dia... se eu voltasse um dia.

Maria Luiza

Voltei do carnaval extremamente motivado: as aulas no ITA finalmente começariam e teríamos CPORAER somente 1 vez por semana. Shimano e JF, um outro colega de turma que também tocava guitarra, estavam na minha sala. Nós havíamos desenvolvido uma salutar amizade nas semanas iniciais, eles haviam trazido seus instrumentos e planejáramos ensaiar regularmente.

Eu sentia muita falta de Carolina. Havíamos passado o carnaval na praia, longe do agito, e eu estava completamente convencido de que nossos destinos estavam permanentemente conectados. Ela, no entanto, preferiu ser mais cautelosa. Quando nos despedimos ela me disse que seria melhor vivermos um dia de cada vez, dando tempo ao tempo e permitindo que nossa relação amadurecesse progressivamente.

Ela também disse que mais cedo ou mais tarde eu iria conhecer alguém interessante, e que a atração seria mútua. Eu disse que achava pouco provável, afinal de contas eu estaria em São José. Mas ela estava certa, de novo, pra variar. E a coisa aconteceu muito mais cedo do que eu poderia imaginar. Foi no primeiro dia de aula.

JF e eu estávamos indo pro lab de Química. Minha cabeça ainda tava cheia dos épsilons e deltas da aula de MAT-11 que tivéramos de manhã. Eu nunca tinha visto tanto teorema na minha vida, e ainda não tinha percebido qual era a importância daquilo tudo para quem pretendia ser engenheiro.

Nós fomos parar no prédio errado, e antes que pudéssemos nos aperceber do erro notamos um grupo de 5 chacais à distância. Nós nem conhecíamos os caras, mas chacais eram facilmente reconhecíveis de longe. Tentamos sair de fininho, mas eles nos viram e começaram a vir em nossa direção. JF foi rápido na elaboração do plano de fuga:

- Vamos nos separar pra quebrar a vantagem numérica deles. Eu vou descer aqui e correr pro prédio da Física, e você dobra naquele corredor à esquerda e tenta descer pela escada do fundo.

Não tive nem tempo de analisar a viabilidade tática do plano, visto que JF já desaparecia escada abaixo. Decidi executar minha parte, pois os chacais aceleraram o passo e começaram a gritar:

- Pega o bicho!!

Ao dobrar o corredor notei que a escada do fundo era um pouco distante demais. Decidi que era hora de improvisar, e entrei no banheiro que ficava logo depois das salas de professores no lado esquerdo. Minha batida cardíaca estava pra mais de 140, e logo logo iria subir ainda mais um pouco, pois eu acabava de perceber que tinha entrado no banheiro feminino.

E havia uma pessoa lá dentro, e aquela pessoa era interessante, muito interessante. Ela estava lavando as mãos e tomou um leve susto quando me viu, mas entendeu o que estava acontecendo assim que ouviu as vozes no lado de fora:

- Cadê o bicho?!? – indagou o primeiro chacal.
- Será que ele desceu a escada? Vou olhar lá embaixo, aê – disse o segundo.
- Eu vou checar o banheiro – falou o terceiro. Ele obviamente entrou no banheiro masculino, como qualquer homem normal faria.

Naquele instante deduzi que os outros dois tinham seguido JF, que com certeza já estaria a salvo no prédio da Física. Ninguém corria mais rápido que JF. Eu, por outro lado, me encontrava encurralado ali naquela situação ridícula, sem saber onde enfiar a cara, de tanta vergonha que tava sentindo. O suor frio escorria da minha testa, e o meu corpo ficou paralisado por uma fração de tempo que me pareceu interminável.

A menina tinha cara de braba, mas sorriu de leve e colocou seu indicador perpendicularmente sobre os lábios. Ela usava sandálias, calça jeans, dessas que parece que faltou tecido pra cobrir a área abaixo dos joelhos, e uma camiseta de algodão, dessas curtinhas, dando pra ver a barriguinha. Que por sinal era bem firme, como eram também as áreas, ou melhor, volumes, que se situavam logo acima. Sua pele mostrava quanto o verão havia sido generoso com ela. O cabelo, castanho escuro, preso na tentativa de aliviar o calor, contrastava perfeitamente com seus olhos cor de mel. Minha análise visual foi interrompida pela conversação dos meus algozes em potencial:

- Aê, o bicho não está lá embaixo, aê.
- O bicho sumiu – disse o chacal que tinha entrado no banheiro.
- Não é possível – disse o outro – será que ele entrou aqui?!?

Eu pensei que estava lascado. Eles começaram a bater na porta e um deles falou:

- Bichano, você tá aí dentro??

A beldade bronzeada, num gesto de genuína caridade, fez sinal pra eu me esconder no fundo do banheiro, abriu a porta e perguntou pros chacais:

- O que é que vocês estão fazendo aqui?
- Estamos procurando um bicho que...
- Procurando **1** bicho? – ela indagou, o sarcasmo inundando o ar – engraçado, eu tô vendo **3** na minha frente.

Ela devia ter poderes especiais, pois os caras saíram de mansinho, resmungando baixo. A partir daquele instante a expressão “girl power” começou a ter uma conotação completamente nova para mim. Ela entrou de novo, me chamou com um gesto da mão, abriu a porta devagarzinho, deu uma espreitada e disse:

- Pode sair agora, eles já foram embora.
- Obrigado – falei, ainda com vergonha, enquanto seguia devagar.

Ela olhou o nome na minha placa de batismo, sorriu com os cantos dos lábios e falou, marota:

- Agora você me deve uma, Celso.

Eu fiquei pensando naquelas palavras por um momento, mas logo lembrei que ainda tinha que achar o lab de Química. Decidi tentar encontrar JF no prédio da Física. Ele estava com um grupo de colegas na frente de um outro prédio, que logicamente tinha que ser o da Química.

Quando me aproximei ele ainda estava narrando para todo mundo como conseguira bravamente escapar de 5 chacais, e me perguntou o que havia acontecido comigo. Eu não tive coragem de contar a verdade, e simplesmente disse que havia seguido o plano de fuga dele, e que também saíra ileso do quase fatídico incidente.

O lab de Química foi incrível, quanto equipamento num mesmo lugar! Minha vontade era começar a mexer em tudo, mas naquela tarde nos limitamos às pipetas, buretas e bico de Bunsen. As experiências executadas foram bem interessantes; fazer o longo relatório, no entanto, foi menos atraente. Quando acabamos já estava na hora do jantar. O H15 estava cheio, JF e eu sentamos com alguns colegas de turma e conversamos sobre as aulas e labs daquele primeiro dia. Pelo jeito que falávamos era bem fácil de se notar o quanto estávamos felizes e orgulhosos.

De volta ao H8 JF me ajudou a fazer a mudança para o meu novo apê. Ficava no fundão do H8-B, perto do Feijão. Quando lá chegamos conheci 2 alunos do terceiro ano, Ricardo e Fabio, que também estavam mudando pra lá e que ficariam no "sarcófago", ou quarto dos fundos, que já estava devidamente equipado com um sistema de som e um PC. Eles foram muito simpáticos e me receberam bem. Em tempo formaríamos fortes laços de duradoura amizade. Eles falaram que no apê também moraria um amigo deles do segundo ano. Eu coloquei minhas coisas no quarto da direita, agradeci a ajuda de JF e fui tomar um banho.

Quando acabei decidi dar um pulo no apê de André e Pedrão, que moravam no H8-A. Eles não estavam lá, mas deixei uma nota com o número do meu novo apê, e também perguntando se iríamos tocar naquela noite.

Decidi voltar ao meu apê provisório e agradecer aos colegas pela gentileza de terem me aturado temporariamente.

Quando passava pela frente do Mosca Frita dei de cara com a minha salvadora daquela tarde. Ela estava ainda mais fatal, se é que era fisicamente possível. Os cabelos soltos, caindo sobre os ombros. Shorts, sandálias e camiseta. Éramos praticamente da mesma altura, o que tornava impossível qualquer tentativa de evitar contato visual.

- Oi, Celso, tudo bem? – ela falava como se fôssemos conhecidos de longas datas.
- Tudo bem, e você? – retruquei, tentando agir como se nada de anormal tivesse acontecido naquela tarde.
- Tudo bem, tudo bem. Pode ficar melhor se você me pagar uma cerveja.

- O quê?! – eu realmente precisava ouvir aquilo de novo.
- Uma cerveja, você não sabe que é tradição pagar uma cerveja pros seus veteranos?
- Não, sei disso não.
- Faz parte do trote, é um jeito de você conhecer as pessoas, pegar bizus.

“Se tomar cerveja com uma gata dessas é trote eu quero mais é levar trote pro resto da vida”, pensei comigo mesmo.

- Como é, vou ganhar minha cerveja ou não? – ela simulou uma certa impaciência.
- Claro que sim, qual é a marca que você gosta? – perguntei, já checando se tava com grana no bolso.
- Eu gosto da que tiver gelada – ela respondeu enquanto sentava numa mesa no pátio e cruzava as pernas.

“Boa opção”, pensei. Peguei 1 bira, 2 copos, e fui pra mesa. Segurei seu copo com a mão esquerda, dando um giro de 45 graus em torno do eixo x. Enchi o copo lentamente até a boca, inclinando-o de volta à medida que despejava o precioso líquido, limitando assim a formação de espuma a uns 5 mm de espessura. Ela observava a operação atentamente, o que me dava suficiente ângulo para olhar para suas coxas, que com certeza estavam a menos de 30 cm de distância das minhas mãos. Pensamentos impuros invadiram-me a cabeça imediatamente, e foi naquele instante que me lembrei das proféticas palavras de Carolina. O que senti em seguida foi uma mistura de desejo desinibido e culpa antecipada. Eu não sabia no momento, mas aquela combinação antagônica ainda iria me seguir por um bom tempo. Por 4 semanas, para ser mais exato.

Sentei-me e enchi meu copo, utilizando semelhante procedimento. Quando terminei ela levantou o seu e fizemos o tin-tin:

- À nossa.
- À nossa – repeti, tentando controlar meus pensamentos. A cerveja estava realmente gelada, o que de alguma forma ajudou-me no meu propósito.

Ela parecia ter aprovado a escolha, pois tomou um gole bastante generoso. Ao terminar ela sorriu de leve e perguntou:

- E aí, como foi o primeiro dia de aula?
- Interessante – respondi como quem tenta mudar de assunto.

Ela captou a mensagem. Tomou outro gole e disse:

- Já conheceu muita gente?
- Já, já conheço todos da minha turma, alguns chacais, 3 alunos do quarto ano e 2 do terceiro, que moram no meu apê. E você – completei, tomando outro gole. Eu bebia devagar, pois não queria que aquele encontro acabasse logo.
- Mas você não me conhece ainda, você não sabe nem o meu nome – novamente ela dava aquele sorriso com os cantos dos lábios, que eu já começava a gostar.
- Qual é o seu nome?

- Eu não posso lhe dizer o meu nome.
- Não?
- Não. Você tem que adivinhar.
- Ana?!
- Não – ela começou a rir, como se aquela situação fosse realmente engraçada.

Eu não estava achando muita graça naquilo, mas pensei que talvez fizesse parte do seu ritual de acasalamento. Resolvi continuar com o joguinho.

- Carla?!
- Não, não – ela ria com gosto – você tem que me pedir uma dica.

"Essa daí vai ser um assunto complicado", pensei. Se pra saber o nome dela eu ia ter que pedir uma dica imagina o que eu iria ter que fazer pra poder alisar aquelas coxas maravilhosas. Mais uma vez resolvi continuar com o joguinho, pelo menos iria esticar a conversa.

- Uma dica, tá bom, me dá uma dica.
- Pergunta quantos nomes eu tenho.
- Quantos nomes você tem?
- 4.
- 4 – tomei mais um pouco da bira e falei – e agora?
- Agora você me pede uma dica do primeiro nome.
- Tá bom, me dá uma dica do primeiro nome – pedi, já começando a gostar daquela brincadeirinha, embora ainda não fizesse muito sentido.
- Eu sou uma virgem.

Ela estava começando a entrar em território conhecido. Eu já ouvira aquele tipo de brincadeira antes, e tinha uma resposta padrão na ponta da língua:

- Não se preocupe, pois isto tem cura – falei num tom meio sério meio debochado.

Ela não se conteve e deu uma sonora gargalhada que durou pelo menos uns 20 s. Ao terminar ela falou:

- O nome, o nome tem a ver com a palavra virgem, entendeu? Esse trote é assim, as dicas tem a ver com os nomes, e você deduz os nomes a partir das dicas.

"Ah, entendi agora", pensei comigo mesmo. Então tudo aquilo era um trote? E eu que tava pensando que a garota era esquisita mesmo.

- Virgínia?
- Não.
- Maria.
- É – ela terminou o primeiro copo e começou a se servir. Sua técnica de refilamento era semelhante à minha, o que não me causou surpresa, pois tal técnica é bastante popular. Ela também completou meu copo, apesar de ainda não estar vazio.

Naquele ponto eu achei que já conhecia o mecanismo da brincadeira e prossgui:

- Agora me dá uma dica do segundo nome.
- Muito bem. Uma política do estado de São Paulo.
- Marta?
- Marta?? Você já viu alguém se chamar Maria Marta?!? – ela sorria novamente, seus lindos olhos cor de mel me fitando como se eu tivesse acabado de falar a coisa mais ridícula do mundo.
- Não, não – realmente, Maria Marta era ridículo, mas marchar o dia inteiro também era. E levar trote também. E se esconder no banheiro feminino pra fugir de trote era mais ridículo ainda. E aquela coisa de pedir dica pra adivinhar nome com certeza era a mais ridícula de todas. Mas eu continuei a brincadeira – Luiza? Maria Luiza?
- Acertou.
- Luiza com s ou com z? ... me dá uma dica – falei sorrindo.
- Com z, pra isso aí eu não tenho dica.
- Agora me dá uma dica do terceiro nome.
- Uma praia do litoral gaúcho.
- Torres – respondi com firmeza.
- Muito bem.
- E agora uma dica do quarto nome.
- Um rio pequeno.
- Ribeiro – finalizei triunfante.
- Acertou, pronto, **agora** você sabe o meu nome.
- Maria Luiza Torres Ribeiro – tomei outro gole da bira, olhei de novo pra ela e repeti como se eu achasse realmente importante memorizar aquele nome – Maria Luiza Torres Ribeiro.
- Mas pode me chamar de Lú. Agora quando a gente se encontrar de novo e eu lhe perguntar qual é o meu nome você vai ter que falar ele inteirinho.
- Senão?
- Senão você vai ter que me pagar uma cerveja de novo.

"Boa idéia", pensei, já começando a calcular o quanto iria me custar uma cerveja por dia, sete dias por semana, 4,286 semanas por mês. Isto supondo que a gente se encontrasse todo dia e ela não percebesse que eu errava seu nome de propósito. Lembrei-me do par de coxas bronzeadas e concluí que o investimento seria bastante justificável.

Maria Luiza me contou que estava começando o terceiro ano, e que estava satisfeita em ter escolhido MEC. Falou-me também que trabalhava no Departamento Cultural do CASD, o qual organizava e promovia shows musicais e outras atividades culturais para a comunidade iteana. Ela com certeza era uma daquelas pessoas que passava pela escola, referida na conversa que o presidente do CASD teve com os bichos.

Depois ela me disse que praticava Tae Kwon Do, e que estava se preparando para fazer o teste para mudar pra faixa vermelha. Deduzi que aquele fora o motivo pelo qual os chacais tinham se mandado tão depressa. A cara de braba com certeza também ajudava.

- E ainda sobra tempo pra estudar? – perguntei, realmente intrigado.

- Claro, estudar é minha prioridade número 1. Foi pra isso que eu vim pra cá. O trabalho no CASD não toma tanto tempo assim, e o Tae Kwon Do me dá a energia e o equilíbrio necessários pra sobreviver no ITA e no H8.

Interessante, e eu que pensava que tudo que eu precisava era estudar muito, afinal de contas aquilo era uma escola, certo? Eu realmente não tinha condições de entender o profundo significado daquelas palavras naquele momento.

Nossos copos estavam vazios, e eu achava que já havia bebido o bastante, mas mesmo assim perguntei se ela queria outra.

- Não, obrigada, eu já estou perto do meu limite. E além do mais não seria justo você gastar toda a sua grana só comigo, os outros veteranos também tem que tomar as deles.

Ótimo, pois assim não correria o risco de encher a cara e passar por outra situação embaraçosa no mesmo dia. Eu nunca havia ficado de porre na vida e não estava curioso pra saber como era.

- Você pratica algum esporte? – ela perguntou, enquanto descruzava as pernas e colocava a direita por baixo da esquerda.

Depois ela se inclinou pra frente, colocou o cotovelo direito sobre a mesa e apoiou o queixo na mão direita e o braço esquerdo na perna esquerda. Tudo isso sem desviar o olhar. Eu interpretei aquela singela seqüência de gestos como genuína demonstração de curiosidade e cortesia social, afinal de contas em nenhum momento ela havia tocado os cabelos, o que teria acrescido um indiscutível elemento de flerte àquela despretensiosa coreografia.

Mesmo assim eu dei uma rápida checada no seu decote, e aproveitei a deixa pra jogar um pouco de charme. Só de leve, afinal de contas a menina era faixa azul. Além de ser veterana do terceiro ano, enquanto eu era apenas um bicho fedorento que não sabia nem o que era uma EDP.

- Eu pego onda – falei enquanto fazia uma cara de mau e cruzava os braços, ressaltando os peitorais.
- Você pega onda? Meu irmão também.

E foi naquele momento que eu tive a certeza de que o vento começava a soprar em meu favor, pois ela começou a alisar os cabelos com as pontas dos dedos, bem devagar, os olhos cor de mel fixados nos meus. A menos que a mistura de testosterona e álcool etílico que circulava na minha corrente sanguínea estivesse me causando alucinações, o que certamente era possível, embora pouco provável.

Eu coloquei meus cotovelos na mesa, apoiei meu queixo nas mãos e olhei bem no fundo dos seus olhos. Fiquei sem falar nada por uns 10 s, saboreando aqueles momentos enquanto ensaiava mentalmente o próximo passo.

Meus devaneios foram subitamente interrompidos por um par de vozes amigas que pareciam não se dar conta do que estava acontecendo naquela mesa:

- Oi, Lú – disse André.
- Graaande Celso – Pedrão completou enquanto me massageava os ombros amigavelmente.
- Oi pessoal – respondeu Maria Luiza, as costas novamente em contato com a cadeira.
- Vocês viram meu recado? – perguntei, disfarçando meu desapontamento.
- Vimos e já estamos prontos para começar a tocar – respondeu André.
- Inclusive já passamos no seu apê e pegamos a Tele. Vamos lá?
- Você toca guitarra também?! – Lú perguntou, demonstrando surpresa.
- Tocar? Esse cara aqui arrasa, meu – exagerou André, deixando-me encabulado.
- Você que ir na sala de música com a gente, só pra conferir? – Pedrão perguntou.
- Não, não. Fica pra outro dia – ela me olhou esquisito ao falar aquilo. Eu tive a impressão de que "outro dia" significaria "nunca".
- Vamos nessa. Tchau – falei pra ela ao me levantar.
- A gente se vê por aí – ela respondeu, sorrindo levemente.

No caminho pra sala de música eles fizeram alguns comentários espirituosos:

- A gente não atrapalhou nada não, né Celso? – indagou Pedrão.
- Não, não, eu tava apenas pagando uma cerveja pra um veterano, que por acaso era do sexo feminino – respondi tentando manter o bom humor.
- Claro, claro – falou André com leve ironia na voz.
- Faz parte do trote, né? Eu tive até que adivinhar o nome dela, tá ligado? – finalizei sorrindo.

Eles riram também, aparentando concórdia. Renata já estava na sala de música quando chegamos lá. Nós ensaiamos novamente aquela primeira música, que ainda era a única do nosso repertório, visto que ainda não havíamos decidido qual seria a segunda. A novidade era que Renata concordara em cantar a segunda voz, e o resultado estava muito bom, quase a ponto de satisfazer o perfeccionismo dela. E o som da Tele estava uma belezinha depois que ela havia trocado as bobinas.

No final do ensaio nós tivemos uma conversa que me deixou intrigado.

- Celso, deixa eu te falar uma coisa.
- Claro, Renata, o que foi?
- Quando eu tava vindo pra cá eu vi você no Mosca.
- E...
- Eu sei que eu não tenho nada a ver com isso, mas eu me considero sua amiga. E como amiga eu me sinto no dever de lhe dizer uma coisa.
- Pode dizer, Renata, estou ouvindo.
- É sobre aquela menina que estava na mesa com você.
- Maria Luiza?
- É. Toma cuidado com ela.

Renata não disse mais nada. Eu tive a impressão que ela queria dizer muito mais que aquilo, mas achei melhor não forçar a barra.

Voltei pro apê e fui descansar um pouco, pois sabia que a noite ia ser longa. Não demorou muito e chegaram 3 chacais no meu quarto. Fui introduzido a um daqueles trotes de nome esquisito. Os ingredientes eram: venda nos olhos, cadeira, cordão, tijolo. E outras partes que prefiro não descrever no momento. Eu sobrevivi, inteiro.

Eles se deram por satisfeitos e foram embora. Mas eu não consegui mais dormir, fiquei pensando no que Renata havia me dito. E nas palavras de Carolina. E nas coxas de Lú. O mais inquietante de tudo foi que eu fiquei com uma estranha impressão de que eu conhecia aquela menina de algum outro lugar, de alguma outra época.

A porta abriu novamente, e eu me levantei da cama antes que a cama se levantasse de mim. Não eram chacais, e sim meus colegas de apê, Ricardo e Fabio, que estavam ajudando na mudança do cara do outro quarto, Marcelo Seno30. Que era um chacal. E um dos mais temíveis, diga-se de passagem. Baixinho, daí o apelido, mas brabo que nem siri na lata.

Ricardo nos apresentou e disse-nos, bem sério, pelo menos tão sério quanto ele conseguia ficar:

- Regra numero 1 do apê: essa coisa de bicho e chacal é da porta pra fora, falou? Aqui dentro nós somos O Apê.
- Falou, mermão – Seno concordou, enquanto apertávamos as mãos.
- E qual é a regra número 2? – perguntei, já descontraído.
- O que a gente fala aqui no apê, fica no apê, da porta pra dentro – completou Fabio, que também me pareceu sério ao falar.

Depois de estabelecidas as condições de contorno, Ricardo propôs:

- Vamos pegar a geladeira?
- Vocês têm uma geladeira?! – perguntei surpreso, enquanto saíamos do apê.
- É claro, como é que a gente ia sobreviver aqui sem uma geladeira?! – Fabio olhava os outros colegas como se aquilo fosse realmente impossível.
- Vocês compraram uma? Quanto vai ser a minha parte? – perguntei.
- Não precisa pagar nada, nós herdamos a geladeira duns caras que moravam conosco e se formaram no ano passado – explicou Marcelo.
- Que por sua vez herdaram de outros que se formaram antes deles – continuou Fabio.
- E quando vocês se formarem ela fica pra quem vocês quiserem – completou Ricardo.

Enquanto nos dirigíamos ao antigo apê deles pra pegar a geladeira eu fiquei pensando como dera sorte e como estava bem instalado, perto do Feijão, som, computador, geladeira, colegas de quarto “bizurados”. Em breve eu descobriria que, apesar de sermos bem diferentes, eu tinha muito em comum com cada um deles.

Bicho De 7 Cabeças

As primeiras semanas de aula haviam sido muito interessantes: teoremas, labs, mais teoremas, mais labs, aulas de Química, Física. Mas o trote estava nos deixando muito cansados. Eu, pelo menos, só vivia cansado. Alguns dos meus colegas de turma, no entanto, pareciam estar se divertindo com aquela leseira. Um dia eu cheguei no 228 e encontrei o meu amigo Alex molhando o pijama de Marcelo Seno30 e colocando-o no congelador. Foi a maior comédia quando o meu colega de apê descobriu a brincadeira, algumas horas mais tarde. Ele passou dias resmungando “esse bicharal tá de sacanagem, isso não se faz”. Mas todos nós, inclusive Seno, achamos aquela mini revanche muito engraçada.

Mas eu não achei graça nenhuma quando eu levei a minha primeira velva. Eu estava na minha, caminhando no corredor do B, quando uns babacas do quarto ano, que moravam no 216, sem mais nem menos me seqüestraram. Eu jamais imaginei que quarto-anistas pudessem se rebaixar ao nivel de dar trote, eu pensava que todos fossem evoluídos feito Renata, André e Pedrão, mas eu estava enganado. Aqueles marmanjos do 216 haviam passado da fase de chacal, mas a fase de chacal ainda não havia passado deles. Mas eu sabia que no H8 não havia hierarquia, e que a terceira lei de Newton podia ser livremente aplicada a qualquer tipo de trote. Meus sábios terceiro-anistas companheiros do 228 me passaram o bizu para a vingança, ou melhor, proporcional retaliação: colocar algumas gotas de laxativo no filtro do 216, e foi o que eu fiz por 5 dias. Os coitados com certeza colocaram a culpa na comida do H15, e eu aprendi que 10 s de sofrimento poderiam resultar em 120 hs de alegria.

Segundo a tradição do H8, teríamos que fazer uma “revolta dos bichos”, e nos vingar dos chacais. Dos poucos que participaram do trote, é claro, pois a maioria deles não gostava de dar trote. Pelo menos os trotes de nome esquisito, que eu continuava achando ridículo. Armamos-nos com bombaranjas, bombacates, velvas e afins, e partimos pra luta. Foi um massacre, conseguimos pegar todos eles. Todos exceto Seno, que conseguira escapar, sem minha ajuda, é claro, vide regra número 1 do apê.

Preparamos o Show do Bicho, com os usuais quadros de personificação de professores, sátiras do treinamento militar e do trote, contato com a família, e a parte musical. Nossa turma tinha realmente muitos talentos musicais, dos mais variados estilos. Shimano, JF e eu decidimos tocar apenas 2 músicas, apesar de termos ensaiado umas 20. Assim daria tempo pra todo mundo participar. Convidamos outros colegas de turma para nos acompanhar: Eduardo, no piano e voz, Gustavo no baixo, Valéria e Cristina nos vocais. Shimano tocaria bateria, visto que ninguém mais tinha suficiente coordenação motora para tal.

O pessoal do Centro Acadêmico Santos Dumont estava nos ajudando na organização do evento, o que me dava a chance de passar bastante tempo com Maria Luiza, embora nunca estivéssemos sozinhos. Eu sempre tinha a impressão de que ela me olhava de uma maneira diferente, especial. E quando falava comigo seus olhos fixavam-se profundamente nos meus. Podia ser só impressão. Eu com certeza sentia- me atraído por ela. E aquela carga tava se acumulando, feito num capacitor, e cada vez que a gente se via era mais tensão aplicada nas placas. Mas a sua presença era intimidadora, Maria Luiza tinha cara de braba, e eu nunca insinuei nada pra cima dela, nada mesmo.

O engraçado é que ela sempre ia aos nossos ensaios, mas nunca aparecia quando eu tocava com Renata, André e Pedrão. Obviamente havia algo de errado entre ela e Renata, mas eu não tinha nada a ver com aquilo, e nunca toquei naquele assunto com nenhuma delas.

Uma bela noite estávamos ensaiando na sala de música e ela apareceu por lá. Faltavam poucos dias pro Show do Bicho e as músicas que havíamos escolhido para tocar já estavam redondinhas. Ela aproveitou que todos os "músicos" estavam lá e explicou que nos próximos dias iríamos ensaiar no Auditório Antônio Lacaz Netto, com luzes, mesa de som e tudo mais, de modo a termos conhecimento do palco. Ficamos todos animados com a idéia, e começamos a definir a seqüência das apresentações. Ninguém queria ficar por último, mas JF propôs que tocássemos por último e nós concordamos.

No final do ensaio Maria Luiza me perguntou se eu já havia tocado em público, e se eu estava ansioso a respeito do show.

- Já, eu já toquei em festivais de colégio, festinhas. Tem mistério não, show é show. O importante é ensaiar bem e se concentrar na música enquanto você toca, tá ligada? – eu falava com entusiasmo, e ela continuou.
- Você tinha uma banda?
- Não era bem uma banda, era mais um grupo de amigos que se reunia de vez em quando pra levar um som. Era divertido, a gente usava o cabelo grande, tinha aquele jeito de roqueiro, cara de mau.
- Você tinha o cabelo grande? De que tamanho?

Eu tirei a minha carteira do bolso e mostrei a foto pra ela.

- Desse tamanho aqui, vê.

Ela pegou a carteira com as 2 mãos, olhou pra foto, olhou pra mim de novo. Repetiu o procedimento umas 4 vezes e depois perguntou:

- E as menininhas, ficavam loucas atrás de vocês?
- Não, a gente tocava só pra se divertir, não rolava essas coisas não – eu falei rindo, dando a entender que tal tipo de coisa rolava mesmo.

Naquele instante eu lembrei que havia sido daquela maneira que eu tinha conhecido Regininha, não fazia nem 1 ano, tocando com uns amigos num festival do colégio dela. Depois de show ela havia pedido pra uma amiga dela nos apresentar e no outro dia já estávamos namorando.

Eu fiquei sério por uns instantes, lembrar de Regininha deixou-me levemente melancólico. Eu não havia sido muito honesto com ela, e não havia nada que eu pudesse fazer para apagar aquela falha da minha memória.

Maria Luiza devolveu-me a carteira, com as 2 mãos. Seus olhos cor de mel me fitaram intensamente quando ela falou:

- Nós nascemos no mesmo ano, eu sou apenas 6 meses mais velha que você.
- É mesmo? – eu ainda estava pensando em Regininha, e não dei muita atenção ao comentário de Maria Luiza.
- Exatamente 6 meses – ela continuou, como se aquilo fosse uma coisa fora do comum.
- Então quer dizer que seu aniversário foi no mês passado – eu resolvi entrar naquela conversa, pelo visto era interessante para ela – você nem me convidou pra festa.
- Claro que não, eu nem sabia que você existia.

Naquela hora eu vi a bola quicando na pequena área, e decidi chutar a gol:

- E se soubesse, teria me convidado?
- Claro que sim, você seria meu convidado de honra.

Ela falou de um jeito que eu tive que contar até 10 pra me segurar e não lhe agarrar ali mesmo na sala de música, na frente de todo mundo. Ou melhor, na frente das 3 pessoas que ainda estavam lá, e que, para minha sorte, estavam falando alto o bastante para eu ter a certeza que não haviam escutado a nossa conversa.

Maria Luiza parecia não estar se incomodando com a presença deles, e continuava me fitando, me convidando com seus olhos, a boca levemente aberta. Eu não sei se foi a minha timidez ou a lembrança das palavras de Carolina, mas eu não consegui fazer nada. Nada mesmo, nem falar eu falei. Fiquei ali, olhando para ela, feito um pleonástico bicho babaca.

- Nós vamos fechar a sala, tá? – disse um dos colegas.
- Tá legal – respondi, pegando a Tele e colocando-a na capa.

Saímos da sala e ao caminharmos ela falou sobre o ensaio geral no auditório, que era realmente importante e que todo mundo precisava ir, e coisa e tal. Eu começava a acreditar que tinha feito a coisa certa, que por mais que eu sentisse atração por ela seria melhor segurar a onda e deixar a coisa esfriar. E fui dormir feliz, sem drama na consciência.

Na noite seguinte, logo após o jantar, JF e eu reunimos o pessoal e fomos ao ensaio geral no auditório. Quando chegamos lá começamos a ter uma leve preocupação: como é que a gente ia conseguir colocar 7 pessoas, 1 bateria e 1 piano naquele palco? Eduardo foi mais otimista e lembrou de um não tão distante fato:

- Se nós conseguimos demonstrar que é possível colocar 100 bichos num apê do H8 isso aqui vai ser moleza.
- Taí uma coisa de boa no trote – Gustavo complementou – mudou nossos paradigmas sobre o que é ou não possível.

Logo chegaram todos que iam participar do Show do Bicho, e mais o pessoal que queria ver o ensaio geral. Ficou a maior zona, ninguém tinha um roteiro. Foi aí que o nosso colega Breno, o coordenador geral do show, apareceu e assumiu a liderança do negócio. Explicou a seqüência dos quadros, alternando com as apresentações musicais, e falou pra todo

mundo dar uma passada geral, sem se preocupar com erros, só pra ele poder cronometrar tudo e começar a testar a iluminação.

Aparentemente todos haviam ensaiado bastante, pois a coisa fluiu tranqüilamente. O pessoal do CASD tava dando o apoio no som, luz, efeitos. Maria Luiza, no entanto, não estava lá.

Renata, André e Pedrão apareceram depois das 9:00, e eu falei pra eles que iríamos tocar em seguida, logo depois do colega que estava tocando violão, e que por sinal cantava muito bem. Eles sentaram lá no fundão e disseram que iriam checar se dava pra ouvir bem por lá.

Subimos, os 7, ao palco, e passamos as músicas. Eu achei que estavam boas, mas estava esperando a opinião final dos meus veteranos.

- Estão boas – disse Renata.
- Estão muito boas – disseram André e Pedrão.
- Vocês vão estar aqui no sábado? – perguntei, animado com a reação deles, 1 B, 2 MBs.
- Vamos sim, nós não perdemos um Show do Bicho, é sempre muito engraçado – respondeu André, Pedrão concordou com a cabeça.
- Eu não vou poder ficar – lamentou Renata – eu tenho que ir pra Campinas, pois sábado é o aniversário da minha mãe.
- Que pena – lamentei também.
- Mas eu vejo a fita depois, sem falta, eles sempre gravam os shows.

Assim que Renata acabou de falar Maria Luiza chegou no auditório. Eu não pude evitar e olhei pra ela. Ela olhou pra mim e sorriu carinhosamente, mas quando viu Renata no palco parou de sorrir e seguiu andando em direção a Breno. Eles começaram a conversar algo sobre os cartazes do show e eu voltei minha atenção para meus 3 amigos.

- A gente vai pro H8, vocês ainda vão tocar de novo? – indagou André.
- Hoje não, só amanhã de noite e no sábado de tarde, antes do show – respondi, enquanto olhava de novo na direção de Maria Luiza, como que mostrando pra ela que eu já estava de saída. Ela olhou pra mim, mas não fez nada, continuou conversando com Breno.

Despedimo-nos do pessoal da turma e voltamos pro H8. No caminho Renata me perguntou quem havia escolhido as músicas que havíamos tocado. Eu disse que uma havia sido minha sugestão, mas que todo o grupo havia concordado, e que a outra havia sido idéia de JF.

- Você não gostou? – perguntei, meio intrigado.
- Gostei, eu gosto muito dessa música, "A girl like you" – ela falou rindo, me olhando assim de lado – você vai dedicar pra alguém?

André e Pedrão, que até então estavam quietos, começaram a rir também. Eu resolvi entrar na brincadeira:

- Eu ia dedicar pra você, mas você não vai estar presente – falei, todo meloso.
- Até parece – ela respondeu, no mesmo tom.
- A do R.E.M. ficou muito maneira, Celso – André comentou.
- “The one I love”... já imagino quem seja – Pedrão retrucou, me olhando de lado.

Aqueles 3 sempre estavam de bom humor, sempre tentando ver as coisas pelo lado positivo.

- Eu ainda não estou acreditando que você vai passar um fim de semana no H8, André. Sua namorada tá sabendo disso? – Renata parecia curiosa.
- Tá, quando eu disse que era pra ver o Show do Bicho ela deixou.
- Ela ainda lembra do nosso Show do Bicho? – ela continuou.
- Lembra, ela disse que nunca riu tanto na vida, embora não tenha entendido a maioria das piadas.
- Você namora com a mesma menina desde o primeiro ano? – perguntei, querendo saber como tal coisa era possível.
- Desde o colegial – André respondeu orgulhoso.
- É por isso que ele vai todo fim de semana pra São Paulo – explicou Pedrão.
- Você também não fica muito atrás, né Pedrão? Já faz o quê, 3 anos com a Marília?
- 3,5 – corrigiu Pedrão.
- Eu não tenho namorado – Renata apressou-se a explicar, pressentindo que a sua vez estava chegando.
- Renata é muito exigente – comentou André.
- Mandona também – Pedrão complementou, fazendo-nos todos rir, concordando.
- E você, Celso, tem alguém especial? – Renata perguntou, com o tom meloso.
- Eu acho que sim – insinuou Pedrão.
- Eu acho que sei quem ela é – brincou André.
- Eu não sei do que vocês estão falando – desconversei, meio assustado ao descobrir que eles haviam notado minha atração por Maria Luiza.
- A gente viu o jeito que vocês se olharam no auditório – insistiu Pedrão.
- E no H15, na mesma mesa toda noite – observou André.

Eu fiquei calado, talvez eles mudassem de assunto. Funcionou, André e Pedrão começaram a conversar sobre o Show do Bicho do ano anterior. Renata, no entanto, retornou ao tema:

- Celso, tá óbvio que tem algo rolando entre vocês, platônico ou não. Eu já te disse isso antes, eu não tenho nada a ver com isso, mas toma cuidado com ela.
- Não tem nada rolando entre nós, Renata. É só uma atração passageira, e eu não tenho a mínima intenção de levar isso adiante. Daqui a pouco passa, eu já vi isso antes.

Eu então contei pra ela sobre Carolina, e que apesar de não termos assumido nenhum compromisso sério eu não pretendia ficar com nenhuma outra pessoa. Ela olhou pra mim, bem séria, e disse:

- Eu admiro a tua atitude, mas vou te dizer uma coisa: o H8 às vezes pode ser um lugar bem solitário. E a gente acaba fazendo coisas que não devia ter feito.

Eu fiquei pensando naquelas palavras, e mais uma vez evitei perguntar o que tinha acontecido entre elas. Ao chegarmos no hall do B Renata falou pra mim:

- Espera aqui que eu vou ao meu apê e já volto.
- Tá bom.

Ficamos lá, os 3, conversando potoca. Quando ela voltou trazia o famoso estojo marrom.

- Eu queria que você tocasse com ela no show.
- Massa! – eu parecia um menino que ganhava um brinquedo novo.
- Agora você vai ter que dedicar a música pra Renata – Pedrão comentou, rindo.
- Não, dedique pra "você sabe quem" – ela sugeriu – ela vai gostar.

Fui pro apê e guardei aquela jóia rara no meu armário. Só tirei de lá quando fomos ensaiar na sexta à noite. Lú estava lá desde o começo, filmando tudo. Breno mais uma vez fez um bom trabalho na coordenação e organização do ensaio. Todo mundo deu uma passada geral, tudo foi bem, sem maiores problemas.

Quando terminamos Lú veio falar comigo, ainda no palco.

- Que guitarra bonita, é sua?
- Não, é de Renata. Ela me emprestou pro show. Ela não vai poder ficar aqui neste fim de semana e...

Maria Luiza me olhou como se estivesse se lembrando de algo desagradável.

- Alguma coisa errada? – perguntei, despretensiosamente.
- Não, não – ela continuava com o mesmo olhar.
- Alguma coisa que você queira me dizer? – continuei, no mesmo tom de voz.
- Não, hoje não, quem sabe um dia desses.

E pareceu estar triste, sozinha. Eu lembrei da conversa da noite anterior com Renata e fiquei pensando, mais uma vez, no que poderia ter acontecido entre elas. Estava claro que elas ainda não estavam preparadas para falar sobre aquele assunto, e eu não iria forçá-las de jeito algum.

- Você vai filmar o show amanhã? – indaguei, desviando o assunto.
- Vou sim, pode se preparar, pois vai ficar tudo registrado.
- Eu já tô pronto, pode começar a gravar – brinquei.
- Você vai pro baile também, não vai? – ela falou, bem humorada.
- Baile do Bicho? Não sei, como é que são esses bailes?
- Tem música ao vivo, a gente dança...
- Eu não sou muito de dançar não – interrompi – você tá organizando o baile também?
- Não, o Departamento Social é que organiza os bailes, Fabio é o diretor. Você tem que ir, vai ser divertido.

Eu não fazia a menor idéia de como seria o tal do Baile do Bicho, mas concordei em ir assim mesmo, apesar de não gostar de dançar. Ela estava certa sobre uma coisa: o baile seria mesmo muito divertido. Principalmente porque eu passei a maior parte do baile do lado de fora do H15. O que aconteceu nos dias seguintes ao baile, no entanto, não foi tão divertido assim.

No sábado, logo depois da aula de Quimex, fomos ao auditório para o último ensaio geral. Breno, para surpresa do todos, comunicou que haveria mais 1 quadro no show, e que uma ligeira modificação na seqüência teria que ser feita. Nós não fomos afetados, pois ainda seríamos os últimos, mas teve gente que não gostou muito e logo começou uma discussão sem propósito que só fez atrasar o ensaio geral. JF achou que nós já estávamos preparados, e que não precisaríamos ensaiar de novo. Eduardo, Gustavo e Shimano iriam tocar com outros colegas também, de modo que ficaram por lá. JF e eu aproveitamos o tempo livre para preparar tudo, verificar se as cordas estavam boas, afinar o baixo as guitarras – a Tele seria a nossa reserva, caso um de nós quebrasse alguma corda no meio da apresentação.

Valéria e Cristina foram se preparar psicologicamente, ou seja, se embonecar para o show. Elas sugeriram que nós também colocássemos "uma roupinha mais arrumadinha, e não aquelas roupas de ir pra aula". Obviamente que ignoramos completamente tal descabida sugestão.

Quando cheguei no apê o pessoal já estava no clima de festa.

- Quero ver se vocês sabem tocar de verdade – brincou Ricardo.
- Esses caras não tocam nada, mermão, tá tudo pré-gravado – seguiu Seno.
- Assim não vale, Celso – finalizou Fabio.
- A gente vai arrasar, vocês vão ver – retruquei, no mesmo tom de brincadeira.

Tomei meu banho, coloquei minha calça preta, uma camiseta limpa e um par de tênis. Fizemos um lanche rápido no Mosca e fomos pro auditório. JF já estava lá, e nós fomos falar com Breno, pra ver se tudo tava certinho. Breno e Sávio, outro colega de turma que ajudava na organização do evento, estavam meio preocupados com a duração do show, que tinha que começar na hora senão ia acabar muito tarde, mas o resto tava tudo bem.

Eu perguntei por Maria Luiza e Sávio disse que ela havia passado boa parte da tarde no auditório, ajudando-os, e que tinha ido pro H8, mas ainda não havia voltado. Eduardo, Shimano, Gustavo, Valéria e Cristina acabavam de chegar, e fomos sentar todos juntos.

Em pouco tempo o auditório estava quase lotado. Professores e funcionários do ITA, alunos, familiares e amigos. Começamos a ficar um pouco inquietos, mas JF nos tranqüilizou:

- Calma, gente, vai dar tudo certo.
- Tomara que sim, JF, tomara que sim – Cristina torcia.

Breno apareceu no palco, todo arrumadinho, parecia um apresentador de telejornal, e recebeu os convidados:

- **Senhoras e senhores, boa noite! Bem vindos ao Show do Bicho!**

De repente foi a maior gritaria:

- Bicho! Bicharal! Sai daí, bicho. Mais alto!

Depois de uns 2 minutos de algazarra o show finalmente começou. Tava tão engraçado que conseguimos finalmente ficar mais relaxados. A primeira apresentação musical foi da nossa colega Francisca Nagai, que tocou música erudita no piano. Outros quadros teatrais e musicais vieram em seguida, com algumas participações de Eduardo, no piano, Gustavo, no violão, e várias de Shimano, no piano, violão, flauta e cavaquinho.

Depois do último quadro teatral foi a vez do nosso amigo Rodrigo, que atacou de bossa nova e MPB. Nós tocaríamos logo em seguida, e resolvemos ir nos preparar na área por detrás do palco.

Maria Luiza estava lá, e quando nos vimos eu senti um frio na barriga. Ela estava simplesmente maravilhosa: sapatinhos pretos, de salto baixo, uma saia estampada e uma blusinha branca, levemente decotada. Os cabelos estavam diferentes, levemente cacheados, e caíam sobre os ombros seminus. Foi a primeira vez que eu a vi de batom. Ela percebeu a minha reação. Colocou as mãos na cintura, deu uma requebradinha e perguntou, sorrindo com os cantos dos lábios:

- Gostou!?

Eu sorri de volta, olhei bem no fundo dos seus olhos cor de mel e disse:

- Adorei!!

Depois eu voltei à realidade e perguntei:

- Você não disse que ia filmar o show?
- Eu filmei a primeira parte, mas pedi pro Rai filmar um pouco. Não se preocupe que eu já estou voltando pra lá pra filmar vocês.

Ela começou a andar, mas parou bem na minha frente e falou baixinho:

- Não se esqueça de se concentrar na música enquanto você toca.
- Vai ser difícil – eu respondi no mesmo tom.

Ela voltou pro auditório e eu fui pegar a Les Paul Classic e a Tele. Eu não sei se alguém tinha prestado atenção à nossa cena, e nem estava mais preocupado em esconder o óbvio. Eu só queria subir no palco, tocar aquelas benditas músicas e apertar Lú pro resto da noite.

Não fizemos nenhuma dedicatória. JF e eu começamos, sincronizados, impecáveis. A execução foi precisa, o ritmo bem marcado, as vozes bem nítidas, tudo no lugar certo. JF fez a primeira parte do solo, eu fiz a segunda. Eu dei uma errada, de leve, mas ninguém

percebeu, exceto JF e Shimano. A segunda música também saiu certa, e quando acabamos todos os bichos chegaram perto do palco e juntos cantamos a Cova. Breno agradeceu a presença de todos e fez um convite para que fossem ao Baile do Bicho, no H15.

Francisca e Shimano foram os destaques da noite, e logo foram assediados por professores e colegas das outras turmas.

JF e eu guardávamos as guitarras quando Ricardo, Fabio e Marcelo vieram nos parabenizar. Eles trouxeram um amigo deles do terceiro ano, um cara com jeito atlético, bonitão, que em tempo seria um dos melhores amigos que eu faria no ITA.

- Esse aqui é o CIB, ele canta e toca guitarra também – Fabio fez as introduções.
- Vocês tocaram bem – CIB comentou – vamos ver se a gente toca alguma coisa qualquer dia desses.
- Claro – respondeu JF – nós praticamente passamos os fins de semana enfurnados na sala de música.
- Você canta também? – perguntei – massa.

Eu achei o cara legal, mas tava mais preocupado em achar Maria Luiza e ir falar com ela. Ela também estava cercada de gente, mas olhava para mim com uma cara de “é hoje”. André e Pedrão nos cumprimentaram, elogiando a nossa apresentação. Ricardo nos ofereceu uma carona pro H8, pois precisávamos guardar as guitarras, principalmente a Les Paul de Renata.

De lá fomos andando pro H15. O lugar estava todo decorado, cheio de gente, música alta, laser, o escambau. Ia ser difícil encontrar Maria Luiza por ali. Ricardo pegou umas biras pra nós, que foram consumidas rapidinho, pois o ambiente tava quente demais. Fabio nos encontrou e disse que ia nos apresentar a 2 amigas deles, da cidade.

- Vocês têm que conhecer gente fora do H8 – ele comentou.

JF ficou animado com a proposta, e fomos todos pra mesa em que elas estavam. Elas eram realmente bonitas e simpáticas, mas eu não tava pra muita conversa. Elas falaram que gostaram da nossa apresentação no Show do Bicho. JF aproveitou a deixa e começou a jogar lero pra cima delas. Ricardo notou a minha inquietação e me chamou pra pegar mais umas biras.

- O que foi, Celso? Não gostou das meninas?
- Não é isso não, elas são legais, Ricardo. É que eu tô, assim, meio que azarando uma outra pessoa, tá ligado? E eu preciso falar com ela, mas eu não sei se ela já está por aqui.
- É alguém que eu conheço?

Ricardo vivia aprontando conosco, sempre com alguma brincadeira na cabeça. Mas ele adorava ajudar as pessoas, e eu notei que naquele momento ele tava querendo me ajudar.

- É Maria Luiza.

- Maria Luiza... – ele ficou sorrindo, olhando pra minha cara de babaca – gente finíssima! Espero que ela se acerte com você, vocês combinam direitinho.
- Você acha mesmo? – perguntei, tentando ver se ele não estaria aprontando.
- Tenho certeza, depois eu te explico o porquê, agora vamos pegar umas biras e achar a Lú.

Pegamos as biras, mas nada de Lú. Voltamos pra mesa das amigas de Ricardo e Fabio e ficamos na espreita. Elas queriam dançar, então ficamos dançando em grupo. Depois de uns 15 minutos na pista de dança Ricardo me cutucou e disse, discretamente:

- Não olha agora não, mas a nossa amiga está ali do outro lado, bem na diagonal.

Bastou ele dizer "não olha agora não" e eu já estava virando o rosto e olhando agora sim. Ela estava com o pessoal do Departamento Social, Rai, Valéria e Cristina, e olhava em nossa direção. Ela não virou o rosto quando eu a vi. Eu andei ao seu encontro, desviando-me das pessoas que dançavam. Parei na sua frente e comecei a pensar no que ia falar para ela.

- Pra quem não gosta de dançar até que você tava bem animadinho – ela comentou, ironicamente.
- Eu tava com o pessoal do apê e as amigas deles queriam dançar – falei, meio sem graça.
- Não precisa se explicar, Celso – ela finalizou com um risinho de vitoriosa.

Eu fiquei calado, olhando pra ela, frustrado, pensando que tinha estragado tudo, que todo aquele desejo acumulado nas últimas 4 semanas ia se dissipar naquele risinho. Eu olhei pra Valéria e Cristina e comentei:

- Vocês cantaram muito bem, valeu.
- Você acha mesmo? Eu não tava conseguindo me ouvir direito – comentou Cristina.
- Nem eu – Valéria confirmou.
- Vocês estavam ótimas, meninas, e na platéia todo mundo ouviu vocês direito – afirmou Maria Luiza, colocando um fim nas suas dúvidas – você tocou direitinho também, Celso.

Ela deu aquele sorriso com os cantos dos lábios. Aquilo era um bom sinal, e eu me animei de novo. Nem tudo estava perdido.

- Eu tava concentrado na música – falei, jogando o velho charme e olhando nos olhos dela, as mãos batendo nas coxas ao ritmo da música que tocava.
- E foi difícil? – ela manteve o olhar.
- Foi.
- Posso saber por que? – ela segurou as mãos enquanto fazia a pergunta.
- Eu acho que você sabe o porquê – eu cruzei os braços, apertei-os contra o peito e fui chegando perto dela.

Ela me estendeu a mão e sugeriu:

- Vamos dançar um pouco.

Eu segurei firme a sua mão, tentando esconder o meu ligeiro nervosismo. Fomos dançar bem no meio do salão. Quer dizer, ela estava dançando, eu fiquei me esforçando para manter um mínimo de coordenação entre os movimentos das mãos e os das pernas e preservar intacta a minha noção do ridículo. Pra minha sorte quando a música acabou o conjunto começou a tocar músicas lentas. Nós nos olhamos e lentamente reduzimos a 0 a distância entre nossos corpos. Ela colocou seus braços em torno do meu pescoço e eu coloquei os meus em volta de sua cintura. Comecei a acariciar suavemente a área que ia do topo da saia até a base da blusa, sentindo sua pele macia estremecer ao meu toque.

Aumentei a pressão progressivamente, sentindo seus seios se comprimindo contra meu tórax, suas coxas deslizando lentamente contra as minhas. Notei que ela também sentia as reações no meu corpo, pois também aumentava a pressão dos seus braços, puxando meu rosto em direção ao seu pescoço. Eu beijei lentamente a área por trás da sua orelha, seu pescoço, seu rosto, sentindo vibrações mecânicas se propagarem no seu corpo e ressonarem no meu. Nossos lábios se encontraram, e nosso primeiro beijo foi longo e suave. Cessamos o movimento rotacional, permitindo apenas que uma única parte de nossos organismos se mexesse e continuasse a gerar inúmeros impulsos elétricos e descargas químicas.

Eu não lembro quanto tempo permanecemos naquele sublime estado, parados ali no meio de todo mundo, nos beijando intensamente, mas quando paramos nos abraçamos ainda mais forte. Como se pudéssemos daquele jeito segurar de volta todo o tempo que havíamos desperdiçado naquelas 4 semanas anteriores. Eu soltei meus braços e acariciei o seu rosto, olhando pros seus olhos. Beijamo-nos novamente, várias vezes.

Ela segurou minha mão e falou no meu ouvido:

- Vamos lá pra fora.

Chegamos na mesa de mãos dadas, mas ninguém comentou nada. Rai, Valéria e Cristina ficaram sorrindo. Tomamos uns refrigerantes e saímos. Passamos mais uma boa hora nos beijando e trocando carícias superficiais. Depois ela segurou minhas mãos e falou:

- Vamos sentar um pouco que eu quero te falar 1 coisa. 2, aliás.

Uma delas tinha que ser o misterioso lance com Renata. Mas eu fiquei me perguntando qual seria a outra. Sentamos em frente ao laguinho do H13. Sua saia ficou um pouco acima dos joelhos, e a primeira coisa que me veio à cabeça foi passar a mão naquelas lindas coxas. Mas aquilo teria que esperar mais um pouco, pois quando ela começou a falar eu notei que seu rosto estava bastante sério. Ela segurava fortemente as minhas mãos.

- A primeira é sobre algo que aconteceu entre a Renata e eu – ela me olhava firme, demandando minha completa atenção – você vai ter que me prometer que não vai contar isso pra ninguém. Lembre-se que você ainda me deve um favor.
- Pode falar, Lú, eu estou te ouvindo. E prometo que não vou contar pra ninguém.

- Eu tava no primeiro ano, ela tava no segundo, nós morávamos no mesmo apê, no mesmo quarto.

Naquele instante eu lembrei das palavras de Renata, de como o H8 às vezes podia ser um lugar bem solitário e que a gente acabava fazendo coisas que não devia ter feito. Comecei a imaginar uma cena muito interessante. Interessante para o meu cérebro pervertido, diga-se de passagem. Ela continuou:

- Ela namorava um carinha do quarto ano, Cláudio, que era lá de São Vicente. Ele pegava onda também.
- Sei – comentei.
- Eles tavam namorando desde o ano anterior. Ela estava apaixonadíssima, ele também. Ele era meio galinha, vivia azarando tudo que é mulher, mas ela estava conseguindo mantê-lo na reta.

Até alguém ajudar o cara a sair da reta, não foi? E quem foi este alguém? Quem foi?? Eu tinha sacado tudo. Só faltava saber os detalhes. E eu que tava pensado em uma coisa completamente diferente...

- E o que foi que aconteceu? – a pergunta mais correta seria "E como foi que tudo aconteceu?".
- A gente estava no apê e ela chegou do jantar toda feliz da vida. Foi logo depois que a gente voltou das férias do meio do ano. Perguntamos o motivo de tanta alegria e ela falou que na semana seguinte eles iriam passar o fim de semana em Campos, pra "curtir o frio".
- Curtir o frio... – eu fiz de conta que não tava entendendo.
- Não se faça de bobo, eu sei que você entendeu muito bem o que eles tavam planejando fazer.
- Ah, aquilo...
- É, aquilo. Nós ficamos torcendo por ela e desejando que desse tudo certo. No dia seguinte ela foi pra Campinas, pra passar o fim de semana.
- Na certa foi pegar uns bizus com a mama – eu tentava descontrair a conversa, pois Maria Luiza estava com uma cara muito triste.
- Acho que sim – ela deu um risinho de leve e depois apertou minhas mãos novamente – naquele fim de semana que ela tava fora a gente saiu, num grupo de amigos. Ele tava lá com a gente.
- E...
- Ele me deu 1 beijo.
- Assim sem mais nem menos? – investiguei, pois tinha certeza que não fôra o caso.
- Não, eu passei a noite toda olhando pra ele, e ele começou a me paquerar também. Foi só 1 beijo mesmo, nada mais. No dia seguinte nós conversamos e concluímos que não tinha nada a ver, e que o que fizemos foi errado.
- E quem contou pra ela?
- Ele contou quando ela voltou no domingo de noite. Ela acabou tudo na hora, não quis mais falar com ele. Eu sabia que ela não ia perdoar nenhum de nós, comecei a arrumar minhas coisas e mudar pro apê do lado, fui morar com umas meninas da

minha turma. Ela chegou no apê chorando, gritou comigo, me chamou de vagabunda e disse que nunca mais ia olhar na minha cara.

Eu analisei o drama: paquerar e beijar o namorado da amiga é um pouco além da conta. E a D.C.? Existem regras para isso tipo de coisa. Eu nunca tinha feito algo parecido nem nunca iria fazer. Por outro lado, será que a reação não tinha sido desproporcional à ação? Tudo isso por causa de 1 e somente 1 beijinho? E a terceira lei de Newton, aonde é que ficava?

- Então eles não foram pra Campos – deduzi o óbvio.
- Não.
- E eles não reataram depois?
- Não. Ele ficou um tempão insistindo, mas ela nem falava com ele. No ano seguinte ele se formou e eu acho que eles nunca mais se viram.

E eu que achava que eu é que era complicado com aquelas coisas.

- E você ficou se sentido culpada por tudo – concluí.
- Até hoje eu me sinto culpada.
- Agora deixa eu te falar a minha opinião desta estória toda – pra mim estava claro o que estava por trás daquilo tudo – ela ainda não estava decidida a ir "curtir o frio" com o mané, porque se tem 3 coisas que ninguém segura é água morro abaixo, fogo morro acima e mulher quando está a fim de dar, tá ligada?. Ela nem gostava do cara tanto assim. E em vez de assumir isso e abrir o jogo com ele ela usou um incidente sem conseqüências como desculpa pra dispensar o sujeito.

Maria Luiza me olhava admirada. Como é que eu conseguira deduzir em 2 min algo que ela passara quase 2 anos sem perceber?

- Você ainda não está enxergando? – insisti, apresentando minha análise lógica da situação – primeiro ela "se apaixona" por um surfista galinha, que provavelmente tinha 1 dúzia de marias à disposição espalhadas entre São Vicente e São José. Depois ela se convence de que o cara tá curado, apaixonado por ela e sob seu controle. Lembre-se que estamos falando de uma pessoa extremamente exigente, perfeccionista e que gosta de mandar em todo mundo. Um belo dia ela chega e conta pras amigas do apê que decidiu dormir com ele, ninguém pergunta se ela está segura a respeito dessa decisão. Ela vai conversar com a mãe, volta com a cabeça cheia de dúvidas, já disposta a melar tudo, mas sem jeito de contar a verdade pro sujeito. E aí chega a salvação da situação: o cara conta que beijou a amiga de quarto dela. Ela faz 2 cenas, resolve o problema dela e acaba não fazendo coisas que achava que não devia fazer. E seque sua vidinha feliz. O babaca fica frustrado, pois não conseguiu o que queria, e a bichete fica 2 anos se sentindo culpada por ter precipitado o fim do romance da amiga. Um belo dia a "vítima" conhece um bicho gente boa que fica a fim da ex-amiga dela, e então ela começa um joguinho de mistério na inconsciente tentativa de ajudá-los a ficar juntos, numa estranha maneira de agradecer pelo favor da amiga, tá ligada?
- Agradecer pelo favor? – ela ainda estava intrigada com a minha análise.

- Claro, era o que ela devia ter feito, ao invés de te chamar de vagabunda – finalizei, concluindo que já tinha recebido muita informação sobre um assunto sobre o qual eu muito provavelmente não precisava saber nada.

Maria Luiza ficou pensativa, tentando absorver aquela coisa toda. Eu aproveitei e pousei minha mão na sua perna, como quem não quer nada. Depois de uns instantes perguntei:

- E a outra coisa que você queria me falar?
- Ah, é sobre o Fabio.
- Fabio lá do apê? O que é, ele é bicha mesmo? Tem muita gente no H8 que fala que ele é boiola.

Ela começou a rir. Eu comecei a alisar o seu joelho, bem de leve.

- Não, quer dizer, eu acho que não. A gente namorou no semestre passado.

Oh-oh, aquilo sim era uma coisa que eu precisava ter conhecimento, de preferência **antes** daquela noite. Fiquei pensando se **eu** é que ia ter que me mudar do meu querido apê.

- Será que ele vai ficar chateado...?
- Com a gente? Não, claro que não. Eu só estou falando pra você não ficar surpreso caso ele comente no apê.
- Você tem certeza?
- Claro que tenho. Nós somos amigos. Ele é um ótimo amigo, mas era um péssimo namorado.
- Como assim?
- Ele me deixava muito largada, sumia por uns dias, depois aparecia como se nada tivesse acontecido. Eu não suportava aquilo.
- Foi por isso que vocês acabaram?
- Também – ela falava come se estivesse lembrando de algo engraçado, pois continuava a rir. Eu subi a mão um pouco.
- O que mais aconteceu? – “agora ela vai dizer que flagrou Fabio se agarrando com outro cara”, pensei.
- Um dia a gente tava namorando no meu carro e ele sem mais nem menos me chamou pra ir prum motel. Eu fiquei surpresa com aquilo, nós nunca tínhamos nem conversado sobre esse tipo de assunto.
- E... – eu não estava estranhando a sutileza do rapaz.
- Ele disse que nós já estávamos namorando há 3 meses e que já tava na hora. Como se tivesse hora marcada para essas coisas acontecerem.
- Sei – eu subi mais um pouco a mão, devagarzinho, levantando a sua saia uns 5 cm, e continuei a tocar aquela pele macia com as pontas dos dedos.
- Aí eu falei pra ele que realmente tava na hora da gente ir dormir: eu no meu quarto e ele no dele. No dia seguinte nós conversamos e decidimos que seria melhor continuarmos apenas como amigos.
- E vocês também não foram “curtir o frio” em Campos – finalizei, rindo.
- Não – ela riu também.

Naquela altura dos acontecimentos eu já acariciava uns 300 cm2 da sua coxa esquerda, sentindo os finos pelinhos mexer ao meu toque. A sua saia estava bem longe da posição original, mas sem revelar maiores detalhes. Ela olhou pra minha mão, depois me olhou de lado e falou baixinho:

- O que é que você está fazendo?
- Uma coisa que eu tava querendo fazer desde aquele dia no Mosca.

Ela olhou pra minha mão novamente e disse:

- Tá me dando arrepio.
- Quer que eu pare? – eu sabia qual era a resposta, ela já teria movido minha mão se quisesse.
- Não – ela me puxou o rosto e nos beijamos novamente.

Continuamos a nos beijar, eu troquei de mão, e de perna, pra outra não se sentir desprezada. Depois de uns 10 min eu passei para a segunda área de interesse: a barriguinha. Eu acariciei a área e concluí que o Tae Kwon Do realmente lhe dava muito equilíbrio. Pelo menos no que se referia à distribuição dos diferentes tecidos biológicos daquela região do seu corpo.

Ela alisava meu rosto, beijávamo-nos sem parar. Avancei o indicador por baixo da sua blusa, arriscando a exploração da terceira área, ou melhor, volume, de interesse, mas ela sutilmente baixou minha mão de volta à área numero 2. Subi novamente, desta vez por cima da blusa, e o resultado foi mais favorável. Depois de alguns mágicos instantes voltei pra área número 1, que afinal de contas tinha sido o objeto de 4 semanas de fissura.

Ficamos ali até que o dia começou a amanhecer. Voltamos pro H8 de mãos dadas e nos despedimos com um longo beijo. Cheguei no apê sem fazer muito barulho e preparei-me para dormir. Deitei-me na cama e fiquei pensando em tudo que tinha acontecido naquela noite. Lembrei das outras noites em claro que havia passado nas semanas anteriores, por motivos bem distintos, e sorri satisfeito. Eu não sabia que tinha acabado de passar pela primeira fase da minha vida no ITA, a fase de adaptação, de aceitação. A segunda fase começaria naquela tarde de domingo, e seria tão difícil quanto a primeira.

Tigresa

Alguém um dia me disse que para se sair bem no ITA só eram necessárias 3 condições de contorno: estudar, estudar, estudar. Aquelas condições, apesar de necessárias, não eram suficientes. Mas eu não sabia disto naquela tarde de domingo, quando acordei.

Eu costumava estudar todos os dias, inclusive fins de semana, nem que fosse apenas por 1 horinha, e como não havia estudado nada no dia anterior eu decidi ler alguma coisa pra tirar o atraso. Peguei 1 maçã na geladeira e sentei à mesa, o livro de Física aberto na minha frente. O pessoal do apê não estava por lá, e a ausência do usual bostejo ajudou a concentrar-me, de modo que consegui estudar 1 capítulo inteiro antes que eles aparecessem de volta.

- O dorminhoco acordou – Seno observou ao entrar no apê.
- O que foi que aconteceu ontem? Você sumiu, Andréa e Adriana ficaram me perguntando onde você estava – Fabio parecia ter ficado chateado com o fato de eu ter saído sem falar nada – eu pensei que você tinha voltado pro H8, mas quando nós chegamos aqui, lá pelas 2:00, o seu quarto estava vazio.

Ricardo não falou nada, ele com certeza fazia idéia do que se havia passado. E, pelo visto, não havia comentado nada com os outros 2. Pela maneira que ele estava sorrindo eu deduzi que ele preferiu que eu mesmo contasse.

- Foi mal. Eu devia ter falado com vocês antes de desaparecer do baile.
- Espero que tenha sido por um bom motivo – Ricardo continuava com o riso descarado.
- Eu estava com uma pessoa que vocês conhecem.
- Que a gente conhece? Quem foi?? – Marcelo estava realmente curioso.
- Maria Luiza – eu olhei para Fabio de modo a ver a reação dele.

Ele pareceu não ter se incomodado com a notícia. Pelo contrário, ficou rindo:

- Maria Luiza, gente finíssima. Ela te falou que a gente namorou no ano passado?
- Falou sim – respondi sem dar todos os detalhes – você não vai ficar...
- Claro que não, Celso. Pena que não deu certo conosco, porque ela é muito legal – ele continuou, depois riu de novo – pelo menos ficou aqui no apê mesmo.
- E aí, já falou com ela hoje? – perguntou Ricardo.
- Não.
- Tá esperando o quê? Que ela venha aqui atrás de você? – ele prosseguiu.
- É isso mesmo, não pode jogar mole com essa mulherada – Seno interveio com seu profundo conhecimento do comportamento feminino.
- Sei não, eu acho que foi um lance de uma noite só – comentei – eu não quero dar a impressão de que vou grudar no pé dela, tá ligado?
- É, mas não fica muito tempo sem conversar com ela, senão ela vai pensar que você tá largando. Isso aconteceu comigo – Fabio falava com conhecimento de causa.
- Sei não, Celso, eu acho que você devia ir falar com ela. Se vocês concluírem que foi uma coisa de momento pelo menos não vai ficar um clima ruim entre vocês. Agora

se você não fala com ela hoje ela pode começar a ficar desconfiada de alguma coisa, e vocês podem acabar deixando passar uma coisa que seria legal.

O ponto de vista de Ricardo fazia sentido. Mas a ressaca moral abatia-se sobre mim, e eu estava começando a pensar que aquilo tudo não devia ter acontecido. Fiquei imaginando como é que eu ia contar aquilo para Carolina, quando ligasse para ela naquela noite.

- Eu acho que vou esperar até amanhã, assim nós 2 teremos tempo de pensar melhor – finalizei.

Geralmente eu esperaria pelo menos uns 5 dias antes de ligar, mas naquele caso seria quase impossível eu não encontrar com ela no H8 ou no H15 nos dias seguintes.

Passamos o resto da tarde no apê, conversando sobre o Show do Bicho e outros assuntos ainda menos relevantes. Eu liguei para Carolina naquela noite, mas não comentei nada sobre Maria Luiza, pois certas coisas é melhor falar ao vivo mesmo. Ela me perguntou como havia sido o show, e nós basicamente só conversamos sobre o grandioso evento. Eu sabia, no entanto, que de alguma forma ela percebeu que tinha algo no ar. Carolina sempre sacava aquelas coisas de longe.

O dia seguinte foi tão normal quanto possível. Eu geralmente almoçava com o pessoal da turma, e jantava com o pessoal do CASD, Rai, Valéria e Cristina, que sempre sentavam no lado direito do H15. Ou então jantava com André, Pedrão e Renata, que sempre sentavam no lado esquerdo. Naquela noite eu fui pro lado esquerdo, não porque estivesse evitando Maria Luiza, e sim porque precisava agradecer à Renata por ter-me emprestado a Les Paul. Nós conversamos sobre o show, naturalmente. Antes de sairmos do H15 eu acenei para Lú e para o pessoal do outro lado, mas não fui lá.

De volta ao H8 eu devolvi a guitarra de Renata e fui pro apê estudar. Nós teríamos 2 provas naquela semana e eu queria começar bem. O pessoal do apê também estava estudando e, apesar do contínuo fluxo de bostejo que sempre rolava, ninguém tocou no assunto Maria Luiza.

No dia seguinte, no entanto, começaram as cobranças. Que não vieram dos amigos do apê, mas das amigas de turma, Valéria e Cristina. Tudo começou no intervalo das 10, depois da aula de MAT-16, quando caminhávamos para o prédio da Física.

- Celso, por que você não foi falar com a Lú, ontem, no H15? – Valéria foi a primeira a atacar.
- Eu falei com todo mundo na mesa – retruquei, já prevendo o que viria em seguida.
- Você acenou de longe. Isso é bem diferente – ela continuou o ataque.
- E qual é a diferença, falar oi, acenar... – o que eu devia ter falado mesmo era "o que é que vocês têm a ver com isso, kátzu?".
- Celso, o que a gente tá querendo dizer é que você podia ter ido lá e falado algo do tipo "oi, Lú, tudo bem com você?", entendeu, porra? Dar um pouquinho de atenção, e depois você ia embora com seus amigos – Cristina foi mais sutil, como sempre.
- Sei. Tá bom, eu faço isso hoje à noite – eu falei, mantendo a calma.

Valéria não agüentou a minha aparente indiferença e soltou mais uma:

- Ai se fosse comigo...
- Então ainda bem que não foi com você – chutei, pois ela tinha largado a bola na pequena área.
- Imagina se eu ia querer ficar com você, mas nem sonhando! – ela rebateu, com um certo desdém.
- Olha, nunca diga desta água não beberei... – observou Cristina, rindo.

Valéria decidiu ficar quieta. Eu aproveitei para soltar uma brincadeirinha e encerrar de vez aquela conversa descabida:

- E você, Cristina, beberia desta água aqui? – perguntei, enquanto passava o braço amigavelmente sobre o ombro dela.
- Claro que sim, Celso. Você até que não é de se jogar fora – ela brincou também, passando seu braço amigavelmente sobre minha cintura.

Naquela tarde, depois do lab de Química, quando cruzávamos o buraco do brig em direção ao H15, Cristina voltou a tocar no assunto.

- Celso, você vai conversar com ela, não vai?
- Eu não sei, Cristina, eu não quero dar a impressão de que vou grudar no pé dela só porque a gente ficou no baile.
- Você já parou pra pensar que ela pode estar pensando a mesma coisa?
- Não – de repente eu me dei conta de tal possibilidade – Foi isso que ela disse pra você?
- Ela não falou nada pra mim, e mesmo se tivesse falado eu não ia te dizer merda nenhuma.
- Sei, a regra número 2.
- Exato. Vá conversar com ela, se você achar que não quer levar nada adiante você abre o jogo e fica tudo em paz.
- Como assim? Se eu achar? Você tá me dizendo que ela já decidiu que quer levar isso adiante? Foi isso que ela disse pra você? – eu comecei a ficar desconfiado de que Cristina estava realmente me escondendo algo.
- Eu já te disse, ela não falou nada pra mim. E mesmo se tivesse falado eu não ia te dizer porra nenhuma – ela sorria de uma maneira que me deixou mais intrigado ainda.

O jantar foi normal, nós conversamos sobre os assuntos usuais: aulas, labs e afins. Maria Luiza estava sentada à minha frente, e também parecia estar se portando como se nada tivesse acontecido no baile. Eu tentava não olhar muito nos olhos dela, ela parecia fazer o mesmo. Eu me convenci de que ela também não estava querendo levar nada adiante, e achei que seria melhor nem tocar mais no assunto.

Quando voltamos pro H8 eu fui direto pro apê, estudar o átomo de Bohr, pois no dia seguinte tinha prova de Química. E pelo visto todo mundo ia ter alguma prova, pois todos

foram estudar também. Meter gagá. Os veteranos sempre diziam: “só o gagá salva”. E no caso salvou mesmo, pois fiz boa prova no dia seguinte.

Valéria e Cristina não tocaram mais no assunto Maria Luiza, mas continuavam me olhando com aquele olhar de cobrança quando Lú estava junto da gente, durante o jantar. Eu continuava convencido de que Maria Luiza e eu estávamos em fase, e que tava tudo normal. E continuei assim até a quinta de noite, quando eu finalmente me dei conta de que phi não era igual a 0.

Nós tínhamos acabado de jantar, e quando saíamos do H15 ela me falou que queria conversar uma coisa comigo. Eu sabia que tinha algo no ar, pois sempre que ela falava “uma coisa” o que ela realmente queria dizer era “uma coisa importante”. E, além disso, nós havíamos conversado umas coisas durante o jantar. Amenidades, naturalmente.

E conversar foi o que fizemos enquanto caminhávamos pro H8. Ela começou:

- Celso, a gente não precisa fingir que não aconteceu nada com a gente.
- Não, não. Você tem razão. É que eu não queria dar a impressão de que eu ia grudar no seu pé por causa disso.
- Eu sei, eu também não. Mas também não quero que as coisas fiquem esquisitas entre a gente – ela me olhava de uma maneira que era difícil saber se ela estava interessada ou simplesmente não queria mais tocar no assunto.

Eu não sabia o que dizer, então continuei calado. “O que passou, passou, foi massa, e daqui pra frente vamos ser apenas amigos”, foi o que pensei naquele momento. O que ela disse em seguida veio confirmar o que eu acabara de deduzir.

- E só porque aconteceu 1 vez não significa que tenha que acontecer de novo.
- Claro que não, Lú – eu fiquei aliviado, finalmente estávamos em fase.

Ficamos sem falar nada por alguns instantes, caminhando sem pressa, nossos olhares se alinhando várias vezes. O que ela disse em seguida abalou minhas convicções, e trouxe-me de volta as imagens da noite do baile.

- Também não significa que não possa acontecer novamente – ela sorriu levemente.
- É, também não – eu tentei manter a calma, e larguei o comentário padrão – se tiver que acontecer, acontece.

Chegávamos ao H8, e eu queria ir estudar meus épsilons e deltas, pois na sexta de tarde tinha prova de MAT-11. Despedimo-nos no hall do B, e ainda bem que tava cheio de gente por lá. Eu não sei o que teria acontecido se tivéssemos a sós, pois o que ela falou naquele instante foi definitivamente tentador:

- Celso, tem mais uma coisa. Eu queria que você soubesse que eu gostei do que aconteceu – seus olhos cor de mel me fitavam profundamente enquanto ela falava.
- Eu também gostei, Maria Luiza – concluí que finalmente estávamos em fase. O que eu não sabia mais era em qual plano estávamos.

Fui pro apê estudar, pois, como os veteranos sempre diziam, “só o gagá salva”. E salvou mais uma vez, fiz uma boa prova de MAT-11 na tarde seguinte, apesar de ter-me atrapalhado em uma das n+1 demonstrações. Eu continuava sem entender qual seria a aplicação futura daqueles teoremas todos, afinal de contas eu estava estudando para ser um engenheiro, e não um matemático. Mas ao mesmo tempo eu sabia que se eu não bitolasse os benditos teoremas eu não iria ser nem uma coisa nem outra, então optei por passar menos tempo me preocupando com aquelas profundas questões existenciais e mais tempo decorando, quer dizer, entendendo e aprendendo, os importantes teoremas.

Naquela noite o jantar foi bem mais agradável. Lú e eu conversamos animadamente com todos na mesa, Valéria e Cristina não tinham mais aqueles olhares esquisitos e ninguém precisou ficar fingindo nada. E eu acabei me convencendo de que Carolina não ia nem ficar muito chateada só por causa de uns inocentes beijinhos, que naquela altura dos acontecimentos já eram coisa do passado.

No sábado de tarde Maria Luiza me perguntou se eu gostaria de ajudá-la a catalogar alguns discos antigos na RUSD. Aquela tarde foi muito especial pra mim, pois abriu um novo capítulo da minha vida no ITA.

A primeira coisa que me chamou a atenção na RUSD foi o belo par de seios que eu vi logo depois que entramos. Eu fiquei admirando aquelas linhas perfeitas por um bom tempo, até que ela perguntou:

- Você gostou?
- Muito massa – respondi, sem tirar os olhos daquelas curvas maravilhosas.

Não, ela não estava me mostrando os seus detalhes anatômicos. O que eu olhava era uma obra de arte, riscada ali mesmo nas paredes do estúdio da RUSD.

- Quem foi que fez isso? – perguntei, já deduzindo que o cara devia ser um gênio.
- Foi um carinha da turma 90’. Segundo a lenda ele era surfista também.
- Só podia ser, saca só a perfeição das curvas. Ele deve ter se inspirado após um dia de ondas perfeitas – eu olhei pra ela, sorrindo.
- E ainda segundo a lenda ele faleceu 1 semana depois de se formar – ela ficou séria ao falar aquilo – num acidente, pegando onda em Maresias.

Eu fiquei sério também, e imaginei como teria sido legal ter conhecido aquele cara, ter papeado com ele, ter surfado com ele em Itamambuca...

- Vamos começar? – ela perguntou, interrompendo meus pensamentos.
- Vamos.

Ela não havia brincado quando falou “alguns discos antigos”, era coisa antiga mesma, de vinil! Mas isso não significava que era coisa ruim, muito pelo contrário. Tinham muitas pérolas por lá, acumuladas desde os anos 50.

Uma em especial deixou-me eletrizado, e eu segurava aquele disco como se fosse uma raridade. E realmente era. Maria Luiza não entendia o que tava acontecendo. Eu olhei pra ela e indaguei:

- Você sabe o que é isso aqui?
- Um disco!?
- É muito mais que um disco, isso é uma obra-prima: Sweet Fanny Adams, em vinil! Eu conheço um monte de gente que pagaria mais de 100 paus por...
- Que por pra tocar? Tem um toca-disco ali – ela parecia não estar comovida.

Maria Luiza ligou o som e eu coloquei pra tocar o primeiro lado do disco. Meu coração acelerou quando eu ouvi os primeiros acordes de "Set me free".

- Lú, saca só a batera. A guitarra agora, que timbre – eu continuava, empolgadíssimo.

Ela ficou rindo. A coitada aparentemente não tinha a mínima noção do que estava ouvindo, ela provavelmente pensava que o rock tinha nascido com o Nirvana. Eu teria que preparar um curso rápido de ROC-16: introdução aos anos 70.

Eu aumentei o volume quando começou a tocar "Heartbreak today", e fiquei gesticulando como se tivesse com uma guitarra nas mãos. Maria Luiza ria sem parar. Quando a música acabou eu falei pra ela:

- Você nunca ouviu um som desses, né?
- Não – ela continuava rindo, satisfeita com minha alegria.
- É tudo analógico, os caras tinham que tocar mesmo, não tinha essa coisa de cortar, copiar e colar não, tá ligada? Deixa eu colocar uma que talvez você tenha ouvido por aí.

Virei o lado do disco e coloquei "Ballroom blitz". Ela fez uma cara pensativa, e quando chegou no refrão ela disse:

- Essa daí eu já ouvi lá em casa, meu pai sempre põe pra tocar no aniversário dele – ela parecia estar se lembrando.
- E a gente que pensa que os nossos pais não passam de um bando de bobocas... – comentei.

Enquanto ouvíamos o resto do disco e continuávamos a catalogar o acervo ela me contava a história da Rádio Universitária Santos Dumont. Ondas curtas, AM, FM. As batalhas pra conseguir transmissores, legalização, o escambau todo.

Depois eu achei um outro disco que eu gostava muito: Bicho.

- Espero que você goste desta música – eu disse enquanto colocava o lado 2 – vou dedicá-la aos seus olhos cor de mel – eu falei amigavelmente.
- Muito obrigada. Eu adoro esta música – ela respondeu no mesmo tom.

Enquanto Caetano narrava suas aventuras com a sua Tigresa, a minha me continuava a narrar as desventuras da RUSD. E assim passamos o resto da tarde, ouvindo música e conversando sobre a rádio. Ao sairmos de lá ofereci minha ajuda caso ela precisasse novamente no sábado seguinte, mas ela disse que no outro fim de semana iria para Santos.

No domingo eu estudei bastante, pois teríamos 3 provas na semana seguinte. Como os veteranos sempre diziam, "só o gagá salva".

A Primeira Vez

Foi numa quarta-feira, eu achava que estava preparado, e que aquele dia seria o ápice de tudo que acontecera nas semanas anteriores. Mas não estava. E o resultado não foi bom. Eu sabia que aquele tipo de coisa acontecia com muita gente durante o curso no ITA. Eu achava que iria acontecer comigo também, mas não esperava que fosse tão cedo, ainda no primeiro semestre.

Eu não precisava nem esperar o resultado que viria na semana seguinte, eu tinha certeza absoluta que tinha tirado o meu primeiro D. Não seria o último, mas o primeiro D a gente nunca esquece.

Foi em Física, e meu único consolo era que eu não estava sozinho naquela tragédia, a maior parte dos alunos das turmas 1 e 2 tinha se ferrado também. Uns poucos tiraram I, uma meia dúzia de uns 3 ou 4 tiraram R. E um sujeito da turma 2 tirou L. O que causou um interessante comentário do professor: "essa prova não foi difícil, teve gente que tirou L". Realmente, 1 pessoa em mais de 60. E o que dizer dos mais de 50 que tiraram D, inclusive eu? Anomalia estatística??

O que mais me assustou foi saber que havia um reator nuclear naquele mesmo prédio...

Eu cheguei no H15 ainda sob o efeito devastador da fatídica prova de Física. Maria Luiza percebeu a tristeza no meu rosto quando eu sentei à mesa pra jantar e perguntou:

- A prova foi tão ruim assim?
- Foi terrível, Lú. Eu acho que me dei mal, muito mal – comentei.
- Eu também – adicionou Valéria.
- Eu também... puta merda, foi foda – confirmou Cristina.
- Mas vocês estudaram tanto... é assim mesmo, às vezes acontece – ela tentou nos consolar.

Ainda ficamos chateados por mais alguns minutos, mas depois que os nossos veteranos começaram a contar quantas vezes eles tinham ido mal em provas nós começamos a entender que fazia parte da coisa, e que não dava para ir bem sempre. Exceto para os 2 ou 3% de gênios que havia em toda turma, o que claramente não era o nosso caso.

Mas não adiantava se lamentar, não adiantava argumentar que o professor havia cobrado matéria que ele não havia dado em sala, não adiantava alegar que a prova tinha sido longa demais para ser resolvida em apenas 2 horas. A única coisa produtiva a ser feita era estudar pra cacete de montão à beça, e foi isso que todo mundo fez. Ao final do semestre a maioria do pessoal, inclusive eu, já havia se recuperado, mas alguns não foram tão felizes e passaram por uma outra primeira vez: a primeira segunda época.

Pelo menos nas outras matérias estava tudo bem, todo aquele gagá que eu estava metendo estava valendo a pena, minhas notas estavam boas, B e MB na sua maioria. De vez em quando um R, de vez em quando um L. E eu realmente gostava dos labs de Química e Física, apesar dos longos relatórios.

Eu não estava mais tocando tão freqüentemente quanto gostaria, aparentemente as distrações ficavam mais rarefeitas com o aumento da pressão. Durante a semana sobrava pouco tempo pra tocar com Renata, André e Pedrão, e nós tivemos que reduzir a freqüência dos ensaios de 2 horas por semana pra 1 hora a cada 2 semanas. O que não foi um problema grave, pois afinal de contas nosso repertório constava apenas de uma única música.

Mas aos finais de semana quase sempre sobrava um tempinho pra ir à sala de música. JF e Shimano sempre me acompanhavam, e numa bela tarde de sábado nós resolvemos convidar CIB. O cara tocava direitinho, mas quando ele começou a cantar JF falou que havíamos acabado de achar o nosso Eddie Vedder, observação com a qual concordamos de imediato.

Só faltava achar um baterista, pois Shimano queria mesmo era tocar baixo. CIB convidou um cara do quinto ano, Bruno, que aparentemente tinha tempo de sobra para praticar conosco. Escolhemos umas 3 ou 4 músicas e começamos a ensaiá-las, tão regularmente quanto possível, para o Show do Ponto Médio e o Encontro Musical.

Bruno era mineiro, daqueles bem tranqüilos, fazia AER, e era ASPOF. Depois dos ensaios ele sempre nos contava algumas das centenas de estórias que ele havia presenciado ou vivido no ITA. Gente boníssima, equilibrado, sempre indagava e respeitava as opiniões alheias, o tipo de iteano que todos nós gostaríamos de ver na direção do CTA, um dia.

Eu estava feliz, minha vidinha simples estava toda sob controle: minhas notas, em sua grande maioria, estavam boas, eu havia conseguido achar tempo para tocar com os amigos e estava em bons termos com Maria Luiza, numa quase confortável mistura de atração e intimidação.

Mas ao mesmo tempo eu pensava no que eu poderia estar fazendo se não estivesse no ITA, se eu estivesse estudando numa escola que não demandasse tanto tempo, tanto esforço. Eu provavelmente teria mais tempo para fazer as coisas que eu gostava de fazer, mais tempo para passar com meus familiares e amigos, mais tempo para ter uma vida mais "normal".

Sim, porque aquela vida no H8 não era nem um pouco normal. Dormir tarde toda noite não podia ser uma coisa normal, muito menos quando o motivo para tal era simplesmente conversar potoca com os colegas. Conversar besteira até as 2:00 da manhã, ou 3:00.

E não era uma vida muito saudável também, nem fisicamente nem mentalmente. Como se não bastasse uma intensa rotina diária de aulas e labs, inclusive aos sábados, e uma elevada carga de tarefas que consumiam boa parte das noites e dos finais de semana – descontando o tempo dedicado ao bostejo, naturalmente – e que inevitavelmente causavam uma não desprezível quantidade de estragos em nossos organismos, nossos estômagos ainda eram constantemente bombardeados por uma variedade quase indescritível de materiais supostamente digeríveis, que iam desde saladas andantes até intricadas combinações proteicas das mais variadas e indecifráveis origens. Sem falar no gosto... #*@**#!!

E quanto mais o tempo passava mais eu me convencia de que a primeira impressão que eu havia tido sobre meus colegas no primeiro dia no ITA – de que eu estava no meio de um bando de malucos – havia sido deveras conservadora. "Bando de malucos" estava longe de

descrever o que eles realmente eram, mas muito longe mesmo. Ninguém havia dado sinais de ter tendências agressivas, mas fora isso tinha de tudo.

A começar pelo sujeito que gostava de guardar as roupas em pastas de arquivar documentos, daquelas que tinham elásticos nas pontas. Tinha uma pasta para camisas, outra para cuecas, outra para meias etc. E as pastas eram devidamente identificadas com etiquetas adesivas e organizadas em ordem alfabética. O cara também tinha um filtro de água dentro do armário... eu fiquei um pouco assustado quando vi aquilo tudo pela primeira vez, mas depois olhei ao redor e me convenci de que naquele apê havia uma geral distorção do conceito de lógica. Pois um dos colegas de quarto do meu organizadíssimo colega de turma, que por sinal também era da minha turma, possuia uma peculiar habilidade, a habilidade de não conseguir marchar.

Todo mundo sabe que qualquer criança de 3 anos consegue marchar, colocar uma perninha na frente da outra e alternar os movimentos das mãos, mas o nosso querido companheiro não conseguia. Não que eu achasse que aquilo fosse um problema, ou uma deficiência, muito pelo contrário, eu achava que era uma evolução biológica, e que em poucas gerações ninguém iria mais conseguir marchar mesmo. Mas todo mundo achava que ele estivesse fazendo aquilo de propósito, só para sacanear com o pessoal do CPORAER. Depois de algum tempo ficou claro que era mesmo uma questao de coordenação motora, ou falta de. Agora o mais engraçado mesmo foi descobrir que aquele mesmo sujeito era o melhor jogador de futsal que havia no H8. Enquanto os adversários ficavam atordoados pela complexidade dos seus descoordenados movimentos ele chutava numa direção aleatória qualquer e pum, gol!

No fundo mesmo só havia uma diferença entre aqueles 2 camaradas: o paradoxo ambulante tirava boas notas. Coisa que, diga-se de passagem, era razoavelmente importante no ITA.

Tinha um outro colega que colecionava catota. Isso mesmo, o cara tinha mania de depositar suas melecas num copo, e ficava orgulhoso quando tinha a oportunidade de mostrar sua coleção para os amigos. Eu, por exemplo, gostava de colecionar CDs, mas eu acho que cada um tem o direito de colecionar o que quiser, desde que não seja algo ilegal, naturalmente. E catota é uma coisinha inofensiva... pessoal demais para ser mostrada em público, talvez, mas não machuca ninguém.

Pior mesmo era o cara que gostava de atear fogo em tudo. Em tudo mesmo, até nos colegas. Mas não era por agressividade, era por diversão. Eu ficava com medo até de olhar atravessado pra ele. Ainda bem que ele era da minha turma, coitado do bicho que tivesse um chacal piromaníaco daqueles.

E tinha outro que nunca havia visto uma vaca. O que era completamente normal para uma pessoa nascida e criada no Brasil, afinal de contas nem tem tanta vaca assim no nosso país.

Tinha também o Suininho, cujo apelido auto-explicativo torna desnecessária qualquer tentativa de comentário sobre sua pessoa.

E tinha o Tango. Não, o rapaz não era dançarino ou algo parecido. Tango era a abreviatura de Orangotango, o carinhoso apelido pelo qual ele era conhecido desde os tempos de cursinho no Rio. Ninguém sabia qual era o verdadeiro nome dele, eu mesmo não sei até hoje, mas segundo ele mesmo ainda conseguia ser mais feio que o seu peculiar apelido. Tango era o cara que tinha o rosto mais assimétrico do H8, e o mais simpático também, e o mais popular. Tango estava sempre de bom humor, e todo mundo gostava dele.

O que é que meus colegas iam ser quando crescessem? Professores universitários, empresários, diretores de empresas internacionais? Engenheiros projetistas de aviões??

Bom, meus amigos podiam ser um pouco diferentes, mas eram pessoas simples e modestas, em sua grande maioria. JF, Shimano, JD, JA, Alex, todos eles eram simples e modestos. Valéria era extremamente modesta. Chatinha, pentelha, sempre do contra, mas modesta. E simples. A primeira e única vez que eu vi Valéria maquiada foi no dia da nossa formatura. E eu só descobri que Valéria era rica 1 semana depois da nossa formatura, quando eu fui passar o Natal na sua mansão, em Caraguá.

Cristina também era muito modesta, e simples, e discreta. Ela gostava de chamar palavrão, e bem mais que eu, diga-se de passagem, mas fora isso ela era extremamente discreta.

Angelina era ainda mais discreta que Cristina, e ainda mais simples e modesta. Fala mansa, pausada, se não fosse pelo seu carregadíssimo sotaque carioca ninguém nunca ia nem saber de onde ela era. Eu batia altos papos com ela, nos intervalos das aulas, ou no H15, pois ela sacava muito de som, muito mesmo. Angelina era a única pessoa do H8 que sabia de cor a discografia completa da Juliana Hatfield.

Na verdade só havia 1 cara da nossa turma que não era nem modesto nem discreto, o coitado que, logo na primeira semana de aula, caiu na besteira de declarar, em público, que iria ser Summa Cum Laude. Ele também tirou D na prova de Física. Mas pelo menos ele era engraçado, e eu sempre me divertia quando ele estava por perto, independente do motivo.

Enquanto eu observava Rai saboreando o seu sani eu me perguntava se eu havia mesmo feito a escolha certa. Será que aquela vida isolada e distante do mundo real era mesmo para mim? Será que eu iria mesmo conseguir fazer um bom curso ou estava apenas abalado por ter tirado um D, de Deprimente, em Física?

Eu mantive aquelas leves preocupações para mim mesmo. Eu decididamente não queria preocupar os meus pais com aquelas bobagens, e tambem não queria nem influenciar nem ser influenciado pelos colegas.

E logo depois eu lembrei de que havia resolvido todos os problemas do Humiston. E do Resnick. 2 vezes! E por que? Porque eu queria estudar no ITA. E lembrei também da agradável sensação de liberdade e independência que eu desfrutava no H8. Ninguém me perguntava para onde eu estava indo, a que horas ia voltar, com quem eu ia sair... e o melhor de tudo é que nem dinheiro eu precisava mais pedir aos meus pais.

Eu sentia muita falta da minha família. E de Carolina, mas nós nos comunicávamos freqüentemente, e eu tinha certeza de que tudo estava estável entre nós. E em poucas semanas nos veríamos novamente, pois a semaninha estava cada dia mais perto.

Só havia realmente 1 coisa mesmo que **realmente** me incomodava **mesmo**: já fazia um tempão que eu não pegava onda, a falta da água salgada deslizando sob meus pés era uma coisa perto do insuportável. E aparentemente eu era o único surfista no H8, não tinha nem como arrumar uma prancha, carro e sair num surfari. E aquelas coisas não caíam do céu. Pelo menos era o que eu pensava até então.

Bons Momentos

Quando saímos do H15 Maria Luiza me falou que queria me mostrar uma coisa que estava no seu carro. Eu não fazia a mínima idéia do que era, pois não nos havíamos visto desde a semana anterior, quando ela estava de saída para Santos.

Ela falou que era uma coisa que eu ia gostar muito, e da qual provavelmente eu estava sentindo muita falta. Eu olhei pra ela com uma cara de sacana, mas ela esclareceu logo:

- Não é isso que você está pensando, mas pra você deve ser tão bom quanto. Agora feche os olhos – ela ainda fez mais mistério quando chegamos perto do seu carro.

Será que era uma Les Paul Classic? Pra quê tanto mistério? Ela abriu as portas e falou:

- Pode abrir agora.

Eu não acreditava no que estava vendo. Abri a capa, segurei com as 2 mãos para sentir o peso e chequei as dimensões:

- 6' 0" por 19" ¼ por 2" ¼, "swallow", triquilha. Massa. De quem é essa prancha?
- É do meu irmão, ele emprestou pra você – ela respondeu sorrindo.
- Ele não está usando mais? E o que é que eu vou fazer com ela? Pegar micro onda no laguinho do H13? – eu acreditava, mas ainda não entendia.
- Ele tem outras em casa. Ele falou que essa daí vai funcionar bem em Itamambuca.
- Itamambuca?! Do que é que você está falando? – eu começava a entender, mas precisava de confirmação verbal.
- Este fim de semana nós vamos pra Ubatuba. E você vai surfar Itamambuca.

Eu coloquei a prancha de volta no carro e disse:

- Mas eu tenho aula no sábado de manhã, tá ligada?
- A gente sai logo depois da sua aula. E voltamos no domingo de tarde.

Eu agradeci a sua infinita bondade e fui pro apê estudar, pois no dia seguinte tinha prova de MAT-16, mais teorema pra decorar... quer dizer, entender.

Mas a prova foi boa. E de noite eu fui ao shopping, comprar parafina. E depois fui estudar.

Na sexta de noite eu estava animadíssimo, e fui arrumar minhas coisas: 2 "boardshorts", "rashguard", 2 camisetas limpas, 1 toalha, 1 par de sandálias, escova de dente, pasta, fio dental, protetor solar.

O pessoal do apê ficou curioso:

- Vai viajar? – Fabio perguntou.
- Vou pra Ubatuba amanhã, pegar onda – respondi animado – tô de volta no domingo de noite.

- Ubachuva? – Marcelo Seno30 ficou rindo.
- Ubachuva?! Chove muito por lá, é? – comecei a colocar as coisas na bolsa.
- O tempo todo. O litoral norte de São Paulo é só chuva, rapá: São Sebastrovão, Caraguatachuva, Ubachuva – Seno ria sem parar.
- Então isso aqui não vai ser necessário – coloquei o protetor de volta ao armário.
- Mas a gente vai comer pizza no sábado de noite, Celso – lembrou Ricardo.
- Foi mal, Ricardo, mas pizza tem todo dia, Itamambuca é só 1 vez na vida, tá ligado? – rebati.
- Você vai com quem? – Fabio fez a pergunta que eu não queria responder no momento.
- Com Maria Luiza – falei enquanto começava a escolher os CDs.
- U-hú, vai rolar, vai rolar!! – Seno gritou, animado.
- Sendo assim está perdoado – Ricardo sorriu – a pizza você come outro dia, a-há.
- Não é nada disso, gente, é uma “surfing trip” – falei, meio sem graça.
- E desde quando ela pega onda!? – Fabio também ria sem parar.
- Ela só está fazendo um favor pra um amigo, me emprestando a prancha do irmão, me mostrando os points – insisti.
- Sei não, Celso, eu acho que desta vez não tem escapatória – Ricardo continuou – lembra que eu te disse que vocês 2 combinavam?
- Lembro, mas eu realmente não sei se isso faz sentido. Eu nem sei o que foi que ela viu em mim... – eu ainda estava escolhendo os CDs que ia levar, Supernovice, Concrete Blonde, Spoken, mas não achei o Tidal.
- Eu sei o que ela vai ver... – Seno não se continha – mas vai ficar decepcionada.
- Olha, Celso, se eu fosse mulher e você fosse homem eu daria pra você – Fabio comentou, tentando esconder a ironia do comentário.
- Vocês se completam, ela gosta de produzir shows, você gosta de tocar. Ela tem aquela coisa zen com o Tae Kwon Do, você surfa, que não deixa de ser zen.
- Sei, ela estuda Análise Dinâmica de Sistemas, eu estudo análise de épsilons e deltas tão pequenos quanto eu possa imaginar... – falei enquanto procurava o Tidal.
- Eu aposto que ela não está ligando pra isso. Ela tem aquele jeito “girl power”, você tem esse jeitão tranqüilão, essa cara de “bad boy” – Ricardo continuava com a teoria dele.
- “Bad boy”? Eu?! – eu achei o Tidal, mas fiquei pensando se seria necessário levar.
- É, ela gosta mesmo de uma cara de mau, namorou o Fabio... – Seno ainda ria sem parar.
- Você pega onda, toca guitarra, é “bad boy” bastante aqui pro H8 – Fabio explicou.

Interessante, não sabia que praticar um esporte aquático e tocar um instrumento de cordas eram qualificações para ser “bad boy”. Eu achava que era preciso ter pelo menos umas 2 tatuagens, daquelas bem coloridas. E andar de moto, daquelas bem barulhentas.

- Por falar em “bad boy”, cadê o CD do STP? – perguntei.
- Taqui, ó – Marcelo me passou um CD.
- Esse não, o outro.
- Eu acho que tá no som – Ricardo foi lá e pegou o bendito CD.
- Pronto, eu acho que está tudo aqui – falei enquanto fechava a bolsa.
- Não está esquecendo de nada? – Ricardo fez uma cara apreensiva ao perguntar.

- Acho que não, deixa eu ver – dei uma conferida, realmente faltava algo – a parafina! Valeu, Ricardo.

Eu fui ao meu armário e peguei a parafina, ainda lacrada. Ele foi ao armário dele e voltou com uma caixinha cinza, ainda lacrada. Ele riu ao colocá-la nas minhas mãos:

- Essa é fabricada aqui em São José, a-há.
- Eu acho que não vai ser necessário levar isso não – eu fiquei olhando pra caixinha.
- Nunca se sabe, Celso. É melhor se prevenir... – Fabio comentou.
- Tu ainda tá duvidando do que vai rolar em Ubachuva, mermão? – até Marcelo Seno30 parecia estar um pouco mais sério naquele instante.
- Eu vou deixar a bolsa com ela, agora. Vai que ela abre a bolsa, assim "sem querer querendo", e dá de cara com isso aqui. No mínimo vai pensar que eu sou muito pretensioso, e aí eu fico sem surfar amanhã – expliquei meus motivos para tanto receio.
- Ou então ela vai pensar que você é um cara prevenido que se preocupa com a sua segurança e com a dela também – Ricardo mais uma vez fazia sentido – vem ver uma coisa aqui no meu armário.

Ele abriu a porta direita do armário e eu pude ler uma singela frase: "os hormônios falam mais alto que as ideologias". Eu pensei um pouco sobre a frase, extrapolei sua filosofia para o caso em pauta e concluí que seria melhor se prevenir mesmo. Coloquei a caixinha na bolsa e falei:

- Nesse caso vou levar isso aqui também – coloquei o Tidal na bolsa, fechei-a e fui entregá-la para Maria Luiza.

Fui dormir pensando nas ondas que naquele instante se moviam no Atlântico, e que no dia seguinte quebrariam nas praias de Ubatuba. Acordei mais cedo que de costume, tomei café no H15 e fui pra aula. Foi uma longa manhã, e quando a aula de Quimex finalmente acabou eu saí quase correndo. Cristina me desejou boas ondas, mas pela cara que ela fez eu percebi que ela falava de outra coisa.

O tempo tava meio nublado, mas eu nem liguei. Maria Luiza tava me esperando no estacionamento, e logo saímos. Eu nem falava nada, de tanta expectativa.

- Eu fiz uns sanduíches pra gente comer no carro – ela comentou, tentando me acalmar.
- Legal, assim a gente chega mais rápido – deduzi.
- Eu chequei a previsão das ondas, hoje vai ficar em torno e 1 m, 1,5 m. Amanhã em torno de 1,5 m.
- Beleza, e o vento?
- Fraco, variável, seja lá o que for isso.
- Muito bom. Quando é que a gente chega lá?
- Calma – ela riu da minha ansiedade – coloca um som aí e relaxa, pois vai demorar um pouquinho.

O trânsito na Tamoios não estava ruim, mas eu fiquei inquieto o tempo todo e só consegui relaxar mesmo quando começamos a descer a serra em Caraguá e eu vi o mar. Quando chegamos lá embaixo ela perguntou se eu queria parar para alguma coisa.

- Eu tô legal, mas se você quiser parar tudo bem – pensei que ela queria ir ao banheiro.
- Eu estou bem, vamos em frente.

Eu comecei a apreciar a paisagem, que realmente era muito bonita. Comemos uns sanduíches e conversamos um pouco sobre mar, praia, esse tipo de coisa. O tempo continuava nublado, mas não chovia. Parecia até que abria um pouco à medida que chegávamos mais perto de Ubatuba, o que não deixava de ser um paradoxo.

Quando chegamos na Praia Grande eu pedi para ela parar um pouco, desci do carro e fiquei olhando o pessoal pegar onda por uns instantes. Ela ficou rindo ao me ver tão contente.

- Até que tá legal aqui – comentei.
- Itamambuca vai estar melhor, vamos, já está perto.

Atravessamos a cidadezinha e do alto da estrada eu vi as ondas quebrando em Itamambuca. As mesmas ondas que viajavam na noite anterior estavam ali, vindo ao meu encontro.

Chegamos na praia, finalmente. Enquanto Maria Luiza saía do carro eu troquei de roupa, no carro mesmo, usando a velha técnica da toalha. Ela ficou admirada com a minha rapidez:

- Eu não acredito nisso, você ficou sem roupa na minha frente e eu nem vi nada!
- Anos de prática, Lú. E, além disso, você estava de costas.

Tirei a prancha da capa, passei a parafina e fiquei olhando as ondas quebrarem.

- O que é que você está esperando agora? – ela parecia curiosa.
- Estou contando as séries e os intervalos: 4 ondas por série, intervalo de 8 s.
- Isto significa que se você cair numa onda você tem 8 segundos pra sair debaixo d'água até a próxima quebrar em cima de você de novo?
- Exceto se eu pegar a última da série. Mas geralmente a terceira é a melhor. Agora chega de teoria – finalizei, começando a andar em direção à água.
- Divirta-se – ela sorriu ao falar.

Eu voltei em sua direção, dei-lhe um beijo no rosto e falei:

- Obrigado.

Ela ficou rindo. Enquanto eu esperava a série acabar pra entrar no mar eu pensei que ela devia estar mesmo muito satisfeita em fazer uma caridade daquelas.

Entrei rapidamente e me posicionei uns 3 m mais ao fundo do que os outros surfistas que estavam na área. Dei uma sacada geral no ambiente e fiquei aguardando as ondas.

Eu geralmente não gostava de invadir um “home break” alheio sem a competente companhia dos meus “broders”, mas o clima local pareceu ser pacífico, e eu me convenci de que tudo ia correr bem. A primeira série logo despontou à minha frente, mas eu segui as informais internacionais regras de cortesia e deixei que os locais batalhassem e dividissem entre si aquelas 4 ondas medianas.

O que, de certo modo, acabou sendo um excelente investimento, e de curtíssimo prazo de retorno. A série seguinte chegou mais cedo, e maior. Os 2 fominhas que estavam ao meu lado foram rápidos em deslocarem-se de modo a deixar-me assumir uma clara posição de dupla interferência – da qual eu taticamente saí movendo-me para o fundo – e desceram a primeira onda.

Eu fiquei sozinho no “line-up”, o que me dava total prioridade para deixar a segunda onda passar e pegar a terceira, a melhor. Mas eu sabia muito bem que desprezar uma belezinha daquelas iria me custar o respeito ainda não conquistado, e logo virei a prancha e remei com todo gás. Eu tinha que descer aquela onda. Eu podia até virar a maior vaca na frente de todo mundo e passar 24 s comendo espuma, mas eu ia descer aquela onda. A face esquerda pareceu-me mais promissora, e foi a escolhida.

Eu percebi que o irmão de Maria Luiza entendia do assunto tão logo fiquei de pé. Aquela pranchinha ia mesmo funcionar muito bem em Itamambuca. Dei uma cavada rápida e forte, e quando me dei conta já estava dando uma rasgada na crista. E foi naquele momento que eu senti que haviam pelo menos 3 atentíssimos pares de olhos analisando cada movimento meu. Estava na hora de deixar a modéstia de lado e botar pra quebrar naquela semi-merreca.

Desci novamente até a base da onda, a fim de maximizar a conversão da energia potencial em cinética, subi ao segundo terço e arrisquei uma derrapada de rabeta, que me levou de volta à crista. Tudo que eu desejei naquele momento foi que os meus cálculos estivessem corretos, e que no final daquela deslizada de 180 graus o sistema Celso-prancha ainda tivesse energia suficiente para permanecer estável, e de preferência ainda em movimento.

Contei com uma ajuda extra das imutáveis leis da hidrodinâmica, que cederam-me mais um pouco de quantidade de movimento quando a prancha bateu de encontro à espuma que vinha do outro lado. Virei rapidamente de encontro à face, dei 2 aceleradas no terço intermediário, abri até a base novamente e fui a toda velocidade de encontro à junção. Os resultados foram um pouco melhores do que eu estava esperando: consegui virar a prancha no topo da junção, tirar as 2 quilhas da onda e colocá-las de volta na descida, isso tudo sem cair. Naquela altura dos acontecimentos a onda já havia quebrado por completo, tudo que precisei fazer foi finalizar a manobra e relaxar enquanto virava o rosto em direção ao fundo para verificar se alguém estava em rota de colisão comigo.

Retornei rapidamente ao mesmo lugar que estava antes e aguardei a série seguinte. Fiquei mais 2 horas dentro d’água, direto, tirando o atraso. O sol havia aparecido de vez e o vento tinha parado um pouco. Eu não pensava mais no ITA, H8, gagá, provas, labs, relatórios, séries, Carolina, Maria Luiza... minha atenção estava completamente focada nas ondas. Até que deu sede e saí para tomar água.

Maria Luiza estava tomando sol. Eu sentei ao seu lado e aproveitei pra dar uma sacada naquelas coxas maravilhosas enquanto bebia água. E no resto também, é claro. Foi a segunda vez que eu a vi de batom. Eu ri discretamente e achei que devia ser costume local.

- E aí, tá gostando?
- Tô, o mar tá muito bom.
- Vai cair de novo?
- Não vai ficar tarde?
- Tarde pra quê? Hoje não tenho hora pra nada – ela disse enquanto sentava.
- Eu não acredito nisso, você ficou sem roupa na minha frente e eu nem vi nada!
- Eu já estava de biquíni por baixo. E, além disso, você estava dentro d'água.

Ela sorriu, pegou a garrafa da minha mão e tomou um gole d'água. Eu olhei pro seu rosto e falei brincando:

- Agora você vai descobrir os meus segredos...
- Ótimo – ela tomou outro gole e tirou os óculos escuros, os olhos cor de mel me fitando profundamente.

Pensei e agi rapidamente: peguei a prancha e voltei pro mar. Fiquei pegando onda por mais uma meia horinha, quando começou a querer escurecer. Decidi pegar a última do dia e sair, o dia seguinte traria outras mais.

Arrumamos as coisas no carro e fomos pra pousada, que ficava bem perto do agito de Ubatuba. Quando entramos no quarto eu notei que haviam 2 camas, o que automaticamente me fez deduzir que aquele fim de semana realmente não era nada mais que um passeio entre amigos, e que os meus colegas de apê estavam completamente enganados.

Ela foi tomar um banho e eu fui ligar pro meu amigo Neno, só pra dizer pra ele que eu tinha acabado de surfar Itamambuca. Neno ficou morto de inveja, mas ele tinha feito a mesma coisa no ano anterior, quando ele tava em Noronha. E eu exagerei também, disse que tava mais de 2 m. Ficamos conversando potoca por mais um tempo, até que Maria Luiza saiu do banho. Ela usava um vestidinho estampado, curtinho, desses de usar na praia.

Eu fui tomar meu banho antes que as idéias ficassem atrapalhadas. Saí com a maior fome, a sessão daquela tarde tinha acabado com minhas reservas de energia.

Comemos num lugarzinho ali perto, fomos andando mesmo. Depois passeamos um pouco, entramos num monte de lojinhas. Eu comprei uma camiseta, uns postais para minha coleção e um par de brincos para Maria Luiza, em agradecimento pelo passeio. A noite estava bem fresquinha, agradável. Sentamos num banquinho, tomamos sorvete e ficamos conversando por um bom tempo. Não sei se era por estarmos bem próximo das CNTP, mas a pressão relativa que eu sentia era zero. Começou a chover um pouco, e decidimos voltar pra pousada.

Quando entramos no quarto ela disse que tinha uma surpresa pra mim, e me mandou sentar na cama e fechar os olhos. Eu nem me dei ao trabalho de imaginar o que seria, pois

provavelmente ela não estava tirando a roupa, e nada além daquilo poderia tornar aquele dia ainda mais perfeito do que havia sido até então.

Quando finalmente ela me disse para abrir os olhos eu percebi que mais uma vez eu me enganara. Não, ela não tinha tirado a roupa. Ela havia conectado a filmadora à televisão e, para minha surpresa, o que tava rolando era a "sesh" daquela tarde. Ela tinha filmado tudo, inclusive as quedas, e não tinha me falado nada.

- Isto requer uma trilha sonora – falei enquanto procurava o CD do STP.

Ela sentou-se ao meu lado e ficamos ali, ouvindo música e vendo sua gravação.

- Essa foi boa – eu comentava de vez em quando.
- Ôps – ela ria quando eu caía – essa eu corto na edição.
- Não, corta não, deixa assim mesmo.

Quando acabou eu falei pra ela:

- Lú, valeu mesmo, eu nem sei como vou poder te agradecer por tudo isso...
- Não precisa agradecer, Celso. Eu fico feliz só em ver essa tua carinha de felicidade, os olhinhos brilhando...

Eu passei a mão nos seu cabelos, várias vezes. Fiquei olhando pros seus olhos e lhe dei um leve beijo nos lábios, daqueles de amigo, sem língua. Ela ficou sorrindo.

- O que foi? – eu perguntei baixinho.
- Nada – ela continuou sorrindo – você parece que tá com receio de se envolver comigo.
- Dá pra notar, é? – eu continuava acariciando seus cabelos.
- Hum-hum.
- Não é nada com você não, Lú. Eu é que sou meio complicado com essas coisas – confessei.
- Complicado...
- É, eu tenho uma ligeira dificuldade em manter relacionamentos estáveis – a frase mais correta seria "eu não consigo ficar com a mesma pessoa por muito tempo".
- E...
- E você é uma pessoa muito especial pra mim. Eu não gostaria de magoar você – "assim com magoei Regininha, e vou magoar Carolina", pensei.
- E se eu estiver disposta a correr o risco? – ela segurou a minha mão e colocou-a por cima da perna.

Eu fiquei apertando a sua perna, ela apertava a minha mão. Não deu pra resistir. "Os hormônios falam mais alto que os escrúpulos também", concluí, ao dar-lhe um beijo na boca. De língua, obviamente. Enquanto nos beijávamos eu abri a bolsa e peguei o ingrediente final daquela noite. Ainda bem que eu havia trazido aquilo.

Quero Mais

A pessoa que inventou a semaninha deveria ganhar algum tipo de homenagem especial. Uma estátua, na entrada do CTA. Que idéia genial, mini férias no meio do semestre. Quebrar o ritmo, baixar a pressão, logo depois de um intenso período de provas. Alguém me disse que a idéia veio do MIT...

Eu estava animadíssimo com a perspectiva de ir pra casa e visitar minha família. Era a primeira vez que eu passava tanto tempo longe de casa, 8 semanas.

No apê todos também estavam contentes. Até pararam de me perguntar o que tinha realmente acontecido em Ubatuba. Exceto Seno, que todo dia repetia a mesma ladainha:

- E aí, mermão, rolou sexo ou não rolou?

E eu repetia a mesma resposta:

- Sexo conforme a definição aureliana ou clintoniana?
- Clintoniana, é claro. A definição aureliana é muito vaga – ele continuava.
- Eu já te falei que não, e mesmo que tivesse rolado eu não ia te contar nada.

Eles viajaram na sexta, eu ia sair no sábado. Despedimo-nos brevemente. Depois eu peguei emprestado o violão de JF e fui encontrar-me com Maria Luiza. Ela ia pra Santos na manhã seguinte, restava-nos pouco tempo para passarmos juntos. Nós ficamos namorando um pouquinho no laguinho do IAE e depois fomos pra sala de música. Eu fiquei tocando violão pra ela até umas 2:00 da manhã, quando ela decidiu ir dormir pra poder encarar a estrada relativamente descansada.

- Eu vou te escrever todo dia – ela prometeu.
- São apenas 8 dias, Lú.
- Eu sei, mas eu vou ficar com saudades assim mesmo.
- Eu também.
- Não se esqueça de checar suas mensagens...

Eu a interrompi com um longo beijo.

- Vou checar todo dia, assim que voltar da praia – prometi.

A viagem foi tranqüila, cheguei em casa ao final da tarde. Minha mãe tinha feito uma torta de chocolate, que eu belisquei de leve, pois fui correndo pra praia, antes que escurecesse. Depois passei na casa de Neno, só pra conversar potoca.

Quando voltei meu irmão convidou-me pra uma festa que ia ter na casa da namorada dele. Eu declinei o convite, pois além de não ir muito com a cara dela eu precisava conversar com Carolina. Ele então me explicou que havia trocado de namorada, que a nova era realmente legal e que ela queria me conhecer.

- Ela falou que você pode levar quem quiser.
- Então tá, vou ver se Carolina vai querer ir. Que horas vai ser a festa?
- Lá pelas 10:00.

Meu irmão sempre teve uma percepção diferente da passagem do tempo. Ele começou a tomar banho lá pelas 10:00, e lá pelas 11:00 foi que passamos na casa de Carolina. Ela aparentemente não estranhou o ligeiro atraso; me deu um abraço e entrou no carro.

- Carolina, este é meu irmão, Mauro.
- Oi Carolina, tudo bem?
- Tudo bem, e você?

Ficamos conversando amenidades, de vez em quando ela olhava pra trás e sorria pra mim. Quando chegamos na festa já tava todo mundo lá. Tinha umas 15 pessoas, mais uns 2 ou 3 cachorros. Era uma casa grande, com vários quartos, mas a maioria do pessoal estava na sala, onde estava rolando o vídeo de "Criminal". Que não deixava de guardar uma certa semelhança com a festa. Luciana, a nova namorada do meu irmão, era mesmo muito simpática. E a irmã dela, Rosana, era uma gracinha, foi logo mostrando os quadros que iria expor na semana seguinte. Carolina sempre conseguia se adaptar bem em qualquer ambiente, e em pouco tempo já estava conversando animadamente com Luciana e Rosana.

Eu costumava ser mais recluso, e fiquei na minha, tomando um vinhozinho tinto, só de leve, e curtindo os vídeos que rolavam. Eu lembrei do H8 e comecei a sorrir. Era realmente interessante como, em menos de 24 horas, eu havia me transportado para um ambiente totalmente diferente, pessoas diferentes, costumes diferentes. Mas logo depois eu parei de rir, pois me lembrei de Maria Luiza. E lembrei que havia esquecido de checar minhas mensagens... Naquele instante eu percebi que realmente sentia sua falta, e uma leve melancolia abateu-se sobre mim. Também senti falta dos amigos do apê, Rai, Valéria, Cristina, JF, Shimano...

- Ei, onde é que está esta cabecinha? – Carolina aproximou-se, uma taça de vinho nas mãos.
- Oi, eu estou sacando os vídeos.
- Sei... – ela ficou sorrindo.
- Carolina, eu preciso conversar uma coisa com você...
- Mais tarde, agora não.
- É importante...
- Eu sei que é. Isso aqui também... – eu nem tive tempo de pensar, ela me deu um beijo ali na frente de todo mundo. Não que alguém estivesse reparando...

Depois pegou minha mão e me levou embora da sala. Ela parecia saber para onde estávamos indo. Abriu uma das portas ao final do corredor, entramos. Beijamo-nos novamente, ela começou a tirar a roupa enquanto beijava meu pescoço. Eu quis acender a luz, pois tive a impressão de que estávamos num banheiro. Ela não deixou. Tirou minha camisa, minha calça...

Foram os 9 min mais longos da minha vida. Quando acabamos ela acendeu a luz, me olhou nos olhos e perguntou:

- Vocês dormiram juntos?
- Não. Quer dizer, nós dormimos no mesmo quarto, mas dormimos mesmo. Não rolou...
- Eu sei que não.

É claro que ela sabia. Ela sabia de tudo, só de olhar pra mim. “Eu nunca vou conseguir mentir pra Carolina”, pensei, desejando que também nunca precisasse mentir para ela.

- Ela gosta de você?
- Eu não sei. Eu acho que ela gosta da minha companhia.

Eu estava certo, nós estávamos mesmo num banheiro. Mas aquela casa devia ter uns 4 ou 5, de modo que não fiquei receoso que alguém fosse usar aquele dali exatamente naquele momento. Carolina não estava nem um pouco preocupada com tais detalhes. Eu lavei o rosto e comecei a colocar a camisa, mas ela me abraçou e falou baixinho no meu ouvido:

- Eu quero mais...

15 minutos depois voltamos pra sala. Luciana perguntou-me como era o ITA e eu contei o possível, não queria assustar a menina. Carolina ficou me olhando enquanto eu falava sobre a escola, o H8. Eu sabia que ela estava me analisando, querendo captar algo especial. Alguém chamou Luciana e ela foi ver o que era.

- Que bom que você está gostando de lá – Carolina falou quando ficamos a sós.
- É, mas agora vamos falar de você – desconversei, enquanto pegava mais um pouco de vinho para nós.

No dia seguinte fomos juntos para a praia. Neno tava lá também, com Leo, outro amigo nosso, pegando onda. O sol estava forte, e o sudeste que soprava trazia boas ondas. Era como se eu estivesse voltado no tempo, e nunca tivesse ido pro ITA. Praia, sol, mar, Carolina, pegar onda com os amigos, voltar pra casa e comer a torta de chocolate da mama.

E isso foi praticamente tudo o que fiz naquela semaninha, que passou rápido, mas muito rápido mesmo. Quando chegou a hora de ir embora aquela leve melancolia abateu-se sobre mim novamente, daquela vez não tão levemente. Pois eu senti que tudo aquilo que eu gostava tanto estava ficando cada vez mais longe de mim.

Carolina me disse que aquilo era apenas uma fase, que seria importante para o nosso amadurecimento, e que passar por aquilo tudo iria nos ajudar a fazer as escolhas certas no futuro. Na hora eu não me dei conta, mas ela estava certa, mais uma vez. Eu só sabia que o futuro estaria cheio de escolhas, e que algumas delas seriam bem difíceis.

Quando eu cheguei de volta ao H8 eu notei que vários colegas pareciam estar sentindo o mesmo que eu sentia. Exceto aqueles que iam para casa todo fim de semana... e aqueles que

haviam passado a semaninha no H8. Ao pensar neles eu senti-me um felizardo por ter tido a chance de rever minha família, meus amigos.

Eu fui pra cama cedo, mas não consegui dormir. Era como se o meu corpo tivesse percebido que estávamos de volta e estivesse me dizendo “quando em Roma...”.

O pessoal do apê chegou lá pelas 10:30. Eles pareciam estar muito menos afetados que eu. Deduzi que já deviam estar bem acostumados com aquele tipo de coisa. Ricardo começou a contar que tinha conhecido uma loura maravilhosa, de olhos azuis, 1,78 m, que ela estava apaixonada por ele e coisa e tal. Fabio e Seno não deixaram por menos e começaram a narrar as fantasiosas estórias deles também.

Eu comecei a sorrir. Era realmente interessante como, em menos de 24 horas, eu havia me transportado para um ambiente totalmente diferente, pessoas diferentes, costumes diferentes. Mas logo depois eu parei de rir, pois me lembrei de Maria Luiza. E lembrei que durante toda a semaninha eu havia esquecido de checar minhas mensagens...

Quem Você Pensa Que É?

Maria Luiza teve uma certa dificuldade de entender porque eu não tive tempo pra ler as mensagens que ela me havia mandado durante a semaninha. Eu tentei de tudo: disse que o computador do meu irmão tinha dado pau, que ele tava sempre usando quando eu chegava da praia, que minha mãe vivia no telefone. Nada funcionou. Eu tive que contar a verdade. Ou pelo menos parte dela.

- Lú, eu queria passar mais tempo com minha família e meus amigos, e achei que se eu ficasse o tempo todo no computador eles iriam ficar chateados – o que foi exatamente o que aconteceu, só faltou mencionar o meu ligeiro esquecimento e Carolina, que não deixava de ser uma amiga. Bem íntima, mas amiga.
- Celso, eu também passei meu tempo com minha família e meus amigos, mas mesmo assim te escrevi toda noite, antes de dormir.
- Foi só 1 semana, Lú. Precisa fazer esse drama todo? – eu tentei apelar pro lado racional.
- Eu não estou fazendo drama, só estou chateada porque você disse que ia fazer uma coisa e não fez – ela continuou no lado emocional.

Eu achei melhor ficar na minha. Tem certas coisas que quanto mais a gente mexe mais fede, e eu achei que aquela seria uma delas. O pessoal da mesa tava começando a notar que tinha algo esquisito, e foi naquela hora que Rai salvou a situação.

- Que bronze, meu! A semaninha foi boa, não foi, Celso?
- Foi, deu pra pegar um solzinho, tá ligado? – eu sorri, agradecido.
- Pegou um solzinho, pegou onda... – Maria Luiza me olhou como se estivesse perguntando o que mais eu havia pegado.

Eu sabia que ela tava desconfiada. Talvez ela não conseguisse ler meus pensamentos, feito Carolina, mas mulher sempre sente essas coisas. Ela continuou assim a semana toda, todo dia eu achava que ela ia tocar no assunto. Eu não sabia se continuava na mesma ou abria o jogo sobre Carolina, afinal Lú e eu nunca tínhamos falado nada sobre exclusividade.

Cheguei à conclusão de que precisava de ajuda profissional, e fui consultar os “experts“ naquele tipo de situação.

- É claro que você não pode falar nada, ela vai ficar p da vida e no mínimo vai começar a regular tudo – o ponto de vista de Marcelo Seno era interessante.
- Ou então, no dia seguinte, vai te dizer que pensou muito e chegou à conclusão de que seria melhor vocês continuarem apenas como amigos – Fabio novamente falava com conhecimento de causa.
- Sei não, Celso, este tipo de situação tem acontecido desde os anos 50. A gente vem pra cá estudar, acaba arrumando alguém por aqui, mas sempre tem uma namoradinha ou casinho na terrinha da gente – Ricardo veio com uma aula de história do H8 que não ajudou muito.
- E...? – eu queria saber qual era a conclusão dele.

- Quem sabe ela também tem um casinho em Santos, e aí fica tudo bem... – Ricardo começou a rir, eu sabia que a partir daquele ponto o assunto ia virar comédia.
- Quem sabe Carolina também tem 1... – Seno aproveitou a deixa de Ricardo.
- Ou 2... – Fabio completou.
- É, vai ver que tem mesmo – decidi que meus colegas de apê realmente não poderiam me ajudar naquela situação. Talvez eu precisasse de uma opinião feminina, talvez Renata... "não, Renata não", concluí. "Valéria nem pensar"... "Cristina", Cristina era mais sensata, mas eu já sabia o que ela ia dizer sobre aquele assunto.

CIB apareceu no apê e ficamos tocando guitarra no corredor. Ninguém tinha prova naquela semana, e tocamos por um bom tempo. Aos poucos as portas foram se abrindo e notamos que vários colegas do fundão do B pareciam apreciar o que tocávamos. Eles até aplaudiam quando terminávamos as músicas. Eu continuava impressionado com a voz do cara. Eu não sabia na época, mas ele era mais que qualificado pra me ajudar no assunto Maria Luiza.

No dia seguinte eu resolvi conversar com ela, depois do jantar. Eu ia contar tudo, exceto os detalhes gráficos, é claro. Ela havia me levado pra surfar em Itamambuca, e aquilo pra mim era motivo suficiente pra ser sincero com ela. E além do mais Maria Luiza era muito zen para se afetar com uma besteirinha daquelas. Ou pelo menos foi o que eu pensei na hora.

- E ela disse que tudo isso era apenas uma fase?
- Foi o que ela disse – respondi.
- Inclusive eu?!
- Foi o que ela disse.
- E você acha que eu vou engolir isso?!!
- Lú, eu falei a verdade pra você. O que você vai fazer agora é uma decisão sua.

Eu não falei mais nada. Ela disse que ia ter que pensar naquilo tudo. Eu voltei pro apê e falei para Fabio que ele tinha acertado o prognóstico. Ele sorriu de leve e falou "bem vindo ao clube". Ricardo não falou nada, ficou me olhando com aquela cara de "c'est la vie". Marcelo Seno30 não estava lá, o que me poupou pelo menos uma meia hora de comentários do tipo "eu te disse, não te disse?", "essas coisas a gente esconde até a morte" e por aí vai.

Além de ter cara de braba, Maria Luiza era ciumenta e possessiva. Uma terrível combinação de qualidades. Eu achei melhor não me preocupar mais com aquele assunto, pois afinal de contas não tinha mais jeito mesmo.

Minha conselheira convidou-me para uma saudável reunião conselheiro-aconselhado. Ela estava satisfeita com as minhas notas, e pelo fato de eu ter conseguido dar sinais de recuperação em Física. E eu tambem não tinha nenhuma falta, nenhum atraso sequer. Eu nem entendia como alguém pudesse ter atrasos ou faltas, afinal de contas morávamos tão perto da escola, íamos andando para as aulas. Enfim, ela estava satisfeita comigo. E com Príncipe também.

Príncipe era um conterrâneo amigo das antigas, desde o tempo de colégio. Quando entramos no ITA escolhemos a mesma conselheira. Talvez tenha sido por causa do jeitinho maternal dela, eu não sei, mas ela era muito gente boa, e nós estavámos satisfeitos com ela.

Ela também tinha outro aconselhado da nossa turma, Augusto bizuleu, ou simplesmente Augusteu, o nosso famoso colega que gostava de guardar as roupas em pastas de arquivar documentos. Mas com ele ela achou melhor ter uma reuniãozinha privada. Aquilo não foi um bom sinal, eu comecei a pensar que ele devia estar com algum problema sério na escola. Príncipe confirmou minhas suspeitas, contou-me que suas notas não estavam muito boas em várias matérias. Aparentemente a sua imensa capacidade de organização pessoal não tinha uma correspondente acadêmica, e aparentemente Augusteu ia ter que refocar as suas prioridades rapidinho se quisesse permancer no ITA.

O sábado chegou, eu fui para as minhas aulas de manhã. Sentei longe de Valéria e Cristina para evitar discussões inúteis. De tarde levei um sonzinho com JF, Shimano, CIB e Bruno. Tudo normal, do jeito que deveria ser. De noite fomos comer pizza, pois era o aniversário de Rai.

Quando chegamos na pizzaria tinha um monte de gente na mesa, umas 20 pessoas. Rai era um daqueles caras que se dava bem com todo mundo, então tinha gente de todas as turmas, tinha até uns caras que já haviam se formado. Eu sentei junto de Cristina, Ricardo estava à minha direita. Maria Luiza estava do outro lado da mesa, nos cumprimentamos de longe.

E tome pizza, pois se tem uma coisa que o pessoal em São José sabe fazer direito é pizza. E pizza pede chopp, e eu tomei uns 2 ou 3. E depois de algum tempo deu vontade de aliviar a pressão da bexiga. No que eu me levanto para executar tal peculiar tarefa uma pessoa do outro lado da mesa se levanta também, no mesmo instante, disposta a executar tarefa semelhante. Parecia até que tava coreografado, mas foi pura coincidência. Ficou todo mundo olhando quando nos dirigimos, os 2, para os respectivos recintos.

Nós rimos da coincidência, e ela comentou:

- Vê se desta vez você entra no banheiro certo.

Eu entrei no lugar correto. A saída também foi sincronizada. Rimos novamente, e eu deduzi que nossas bexigas deviam ter a mesma capacidade volumétrica. O que aconteceu em seguida certamente não foi coincidência. Cristina havia tomado o lugar de Maria Luiza, tinha inclusive trocado os pratos e copos também. Sentamo-nos como se nada tivesse acontecido, continuamos a comer pizza e tomar chopp, a conversa na mesa estava animada, Rai tava feliz da vida.

Maria Luiza e eu nos olhávamos sem parar, mas não falávamos nada. Eu só estava esperando ela começar com aquele papo de continuarmos apenas como amigos e coisa e tal. Estar ali ao lado dela, sem estarmos juntos, não era tão fácil como eu havia pensado que seria. Eu percebi de que ia ser duro vê-la todos os dias e fingir que não sentia nada por ela.

De repente ela fixou seu olhar no meu e eu pensei comigo mesmo: “é agora”. Ela segurou a minha mão bem firme e inclinou levemente o rosto na minha direção. Naquele instante eu só consegui pensar em 2 coisas: a primeira era que as coisas entre nós iriam ficar mais cristalizadas a partir daquela noite. E a segunda era que aquele beijo ia sair com gostinho de catupiry.

Na hora de pagarmos a conta eu não pude deixar de notar que Fabio e Marcelo pagaram a parte de Ricardo. E Valéria pagou a parte de Cristina...

Gentileza

O H8 era cheio de panelinhas, e embora eu não fizesse parte, pelo menos oficialmente, de nenhuma delas, eu certamente freqüentava algumas. Tinha a panela duns decentes rapazes da minha turma que cultivavam uma certa apreciação por exóticas artes gráficas. Muito exóticas, e demasiadamente gráficas, para o meu moderado gosto. Eu achava engraçado o fato de que alguns dos sujeitos mais mocados do H8 tivessem um lado um tanto quanto obscuro, mas quem não tinha?

A panelinha do CASD provavelmente era mais eclética e aberta que as outras, mas não deixava de ser uma panela. E eu passava um bom tempo com eles, a princípio por causa de Maria Luiza, mas depois porque eu comecei gostar de ajudar nos eventos.

O pessoal do Rugby tinha aquele espírito desportivo que eu admirava, embora não achasse graça nenhuma naquele jogo de cavalheiros. Os caras faziam de tudo para promover o esporte, viviam praticando, marcando jogos com outras escolas. Eu comecei a entender um pouco o porque de tanta motivação quando um deles me explicou o significado da expressão “terceiro tempo”.

Tinha a turma do xadrez, do futsal, do vôlei, dos evangélicos e por aí vai. E tinha as panelinhas regionais. Os mineiros eram os mais diplomatas, os cariocas os mais espertos, é claro. Os paulistas gostavam de se diferenciar dos paulistanos, o que me causou espanto no começo, pois eu pensava que era tudo a mesma coisa. Os sulistas eram os mais simpáticos e os nordestinos eram, sem dúvida, os mais espirituosos.

Eu costumava passar algum tempo com os caras da minha cidade, alguns eu conhecia dos tempos de colégio, ou da praia. Outros eu conheci no ITA, e foi muito natural termos afinidades. Eles também me diziam que era importante desenvolver amizades fora do H8, fora do CTA. Um deles, Lucio, o famoso Lulu das meninas, até fazia aulas de balé clássico, jazz, sapateado, pra conhecer gente da cidade. Bom, pelo menos era o que ele dizia.

Eu ainda não entendia a importância daquilo, e nem estava preocupado com aquele tipo de coisa. Eu tinha vários amigos no H8 e gostava de passar tempo com eles. E, além do mais, eu não tinha tanto tempo livre assim, eu só ia à cidade pra comer pizza ou comprar cordas pra minha Tele.

Renata, André e Pedrão estavam estudando muito, todo mundo dizia que o quarto ano era o mais difícil. Nós tentávamos ensaiar a única música do nosso repertório 1 vez a cada 2 semanas, mas era comum termos que melar o ensaio. Eu achava que a música tava excelente, L+, mas Renata sempre achava algo a ser bodoseado, e insistia que se nós quiséssemos mesmo nos apresentar no Encontro Musical a música teria que estar perfeita.

A turma do fundão do B não chegava a ser uma panela, era mais com se fosse uma cidadezinha do interior, onde todo mundo se conhece e se ajuda. Rai morava no apê do lado, com outros 5 caras do segundo ano. Do outro lado tinha uns caras do terceiro ano, no 230 mais 3 caras do terceiro ano e 2 da minha turma, Giz e B. Na favela da frente moravam Cabeça, que também era do terceiro ano e também tocava guitarra, Maurício, que era do

quinto ano e passava boa parte da noite tocando violão no corredor, para deleite geral, e 2 caras do quarto ano. Na favela do lado deles moravam Marcoleu e Luca, ambos do terceiro ano, Adriano, que era meu colega de turma, e outro cara do quinto ano. Na favela do outro lado tinham 2 sujeitos da minha turma, Nilo e Carlos, e outros 2 do quinto ano.

Tudo gente fina, com a unânime exceção de Luca, que era um verdadeiro pentelho, além de também ser faixa rosa de balé e sapateado. Ele e Marcoleu eram grandes amigos, desde os tempos de cursinho, e era a primeira vez que eles moravam juntos. Luca havia morado com o pessoal do meu apê nos anos anteriores e ninguém tinha gostado da experiência. Marcoleu devia ter uma paciência infinita, ou então muito karma pra queimar. Seja lá o que fosse a coisa não durou muito tempo, pois logo depois da semaninha ele foi perguntar ao pessoal do meu apê se ele podia devolver Luca para nós.

Ninguém quis nem pensar no assunto, obviamente, e 1 semana depois Luca veio me pedir pra eu tentar convencer o pessoal do contrário. Eu até que tentei, afinal de contas ele iria ficar no quarto com Seno. Eles me contaram uma série de fatos curiosos, que eu até então não tinha conhecimento, e que variavam do ridículo ao simplesmente absurdo. O cara tinha até medo de borboleta! Eu tava querendo ajudá-lo, mas não teve jeito. E foi minha tarefa falar pra ele que não ia dar. Ele ficou chateado, mas na semana seguinte foi acolhido por uma alma caridosa da turma dele, no C, bem longe de nós.

E a partir daquele dia o fundão do B ficou perfeito. Pelo menos até o final do ano, pois com tanta gente do quinto ano na área eu não tinha certeza de quem ia se mudar pra lá no ano seguinte. Eu havia tido uma série, finita, de desastradas relações de convivência no 228, e não queria ter mais outra. A primeira havia sido com um metaleiro da minha turma. Não que eu tivesse algo contra os metaleiros, muito pelo contrário, eu sempre respeitei todos os inferiores gostos musicais alheios, mas o cara já levantava ouvindo Rancid, logo às 6:30 da matina. E pra quê ele precisava acordar tão cedo??

E ainda por cima o cara falava mal do STP, dizia que era muito devagar quase parando. A coisa não deu certo, pois lá no apê todo mundo era fã de carteirinha do STP, e após um tempo o nosso querido colega "headbanger" mudou-se para um lar mais tolerante. Depois apareceu outro que era pagodeiro... esse não durou nem 1 mês. Eu quase comecei a pensar que o problema era eu, mas tava na cara que não era. Obviamente que não.

CIB passava um bom tempo lá no apê, ou no corredor, tocando guitarra comigo. O pessoal do apê dele já tava começando a ficar com ciúmes, e quase que eu levei uma velva por causa disso. Um dia Fabio me perguntou por que eu não convidava ele pra morar conosco, em vez de ficar insistindo no Luca. Consultamos o pessoal do apê e todo mundo concordou. CIB gostou da idéia, e falou que no ano seguinte iria morar conosco. Ele também gostava de jogar vôlei, basquete, futsal... não sei como ainda lhe sobrava tempo para estudar, mas talvez a Eletrônica não fosse tão difícil como diziam.

Eu tive que começar a praticar algo, pois a alternativa era fazer educação física no CPORAER. Para mim era muito difícil dedicar-me a alguma atividade física menos nobre que pegar onda, mas não teve jeito. Eu tentei jogar basquete, que pelo menos envolvia movimentação e nunca acabava em 0 a 0, mas os treinos eram extremamente sacais, a gente

só ficava subindo e descendo escadaria, e jogava apenas nos 10 min finais. E eu nem jogava o tempo todo, pois minha habilidade com a bola não era suficiente para tanto.

Maria Luiza sugeriu natação, mas eu falei que piscina era muito deprimente e que eu não era pato pra ficar nadando em água doce. Ela me convidou pra assistir um treino de Tae Kwon Do, pois talvez eu gostasse.

Eu fui ver como era, mas não me comoveu. Aquela gritaria toda, a rigidez dos movimentos, a disciplina... eu achei que aquilo não era pra mim não e decidi fazer capoeira. Ela até que tentou me explicar a filosofia da coisa toda, me mostrou os símbolos no seu "Dobok", o significado das cores das faixas, que a faixa azul representava o céu e a contínua elevação das habilidades físicas, mentais e emocionais. Foi um bostejo até mais ou menos, mas eu continuei apático.

- E a faixa vermelha, o que significa? – eu até que estava curioso, pois ela demonstrava verdadeiro entusiasmo.
- A faixa vermelha representa o sol, uma enorme fonte de poder e energia – ela começou a explicar – a cor vermelha também é universalmente associada ao perigo, à cautela. Ao chegar neste nível o aprendiz de Tae Kwon Do possui elevada força interior e autoconfiança, que devem ser contrabalançadas com autocontrole e humildade, entendeu?
- Quer dizer que você vai ficar ainda mais "girl power"? – indaguei ironicamente.
- Hum-hum, é bom você tomar cuidado comigo – ela respondeu no mesmo tom.
- E qual é o motivo daquela gritaria toda? – eu não tinha achado nada de zen naquela barulheira.
- O "Kihap" tem vários propósitos: ajuda na respiração, na concentração, na redução da tensão, comunicação com os parceiros de luta, expressa a sua autoconfiança e a sua motivação, porque lhe ajuda a demonstrar o seu entusiasmo – naquele momento eu achei que o bostejo ia acabar, mas não acabou.
- Você realmente saca da coisa, né Lú? Eu nem sabia que o Tae Kwon Do tinha surgido na Coréia.
- Deixa eu te mostrar uma coisa na bandeira coreana – ela pegou o "Dobok" e recomeçou a aula – o nome dela é "Tae Kuk", este símbolo central é uma antiga representação do universo, a parte superior, a vermelha, representa o "Yang" e a inferior, azul, representa o "Um". Estas partes representam o dualismo do universo: água e fogo, dia e noite, trevas e luz, construção e destruição, masculino e feminino, ativo e passivo, quente e frio, positivo e negativo...
- Eu acho que já peguei a idéia da coisa... e essas barrinhas aí do lado?
- Elas também representam oposição e equilíbrio. Esta daqui é o "Kun Gye", o céu, do lado oposto está o "Kon Gye", a terra. Esta é o "Ee Gye", o fogo, e esta é o "Kam Gye"...
- A água?! – eu fiz uma cara de quem tinha pensado muito pra deduzir aquilo.
- Exato – ela ficou rindo.

Eu então concluí que a aula tinha acabado, mas as coisas seguiram um rumo, digamos, um tanto quanto inesperado. Eu notei que ela tava com aquele risinho de lado, e eu sabia que tinha alguma coisa interessante que ela queria falar.

- O que foi agora? – instiguei.
- Eu tava fazendo uma analogia com a gente...
- Como assim?
- Essa dualidade, essa harmonia destes símbolos...
- O que é que isso tem a ver conosco??
- Eu represento a terra, você a água, o ITA o ar...
- E o fogo? – eu não sabia onde aquele papo ia dar, mas dei um risinho de leve e resolvi dar uma cordinha assim mesmo.

Naquele instante ela parou de rir e me olhou intensamente, e eu notei que ela estava se preparando pra dizer algo que era muito importante pra ela.

- O fogo representa essa coisa que eu sinto quando nós estamos juntos.
- O que é que você tá querendo dizer com isso?! – eu fiquei sério também.
- Eu acho que você sabe o que eu estou querendo dizer, eu acho que você sente a mesma coisa...
- Ah, sei... – deduzi que havia chegado a hora de ter "aquela" conversa, já imaginando que as coisas iam começar a ficar mais periclitantes a partir daquela noite.
- Eu tenho pensado bastante neste assunto... – ela começou a acariciar minhas mãos.
- Eu também... – eu pensava naquilo todo dia, na hora do banho, e às vezes mais 1 outra vez, antes de dormir, mas ela não precisava saber daqueles detalhes.
- E eu acho que a gente podia ir passar uma noite juntos, qualquer dia desses... – ela começou com aquele sorriso de novo.
- Qualquer dia desses... que tal hoje? Que tal agora?? Você não tem prova amanhã, eu também não... – mais uma vez a bola quicava na pequena área, eu de frente a frente com o goleiro.
- Hoje não – ela começou a rir, e depois falou no meu ouvido – hoje eu estou "fisicamente indisposta".
- Ah, sei... a "maré vermelha"... – eu ri também, jogo adiado, campo alagado.
- Exato – ela ficou pensando um pouco – eu acho que sábado seria bom.

"Sábado, beleza", eu pensei comigo mesmo, assim eu teria 4 dias para preparar-me fisicamente e psicologicamente para aquela importante ocasião. A primeira coisa a fazer seria submeter-me a um voluntário jejum, a começar no dia seguinte, o qual limitaria consideravelmente meu tempo no banho. E de quebra iria baixar a conta de água e luz do H8.

A segunda coisa seria cortar as unhas na sexta, e lixá-las bem lixadinhas. Esse bizú eu tinha aprendido com Carolina... Carolina, o que é que eu ia falar pra ela? Não ia nem precisar dizer nada, quando ela me visse ia sacar tudo, e com certeza ia me dizer que eu teria que fazer uma escolha. E Maria Luiza com certeza ia exigir exclusividade depois do sábado, e o que é que eu ia fazer? Deixar de ver Carolina nas férias? Passar o ano inteiro vendo Lú todo dia sem poder apertá-la? E pensar que tudo aquilo tava acontecendo só porque eu queria alisar um par de coxas...

Eu achei melhor pensar sobre aqueles dilemas existenciais depois do sábado, e resolvi tratar da logística da coisa. Comecei a pensar quem poderia me ajudar... provavelmente ninguém da turma. Nem o pessoal do apê, ia começar a rolar aposta de novo. Alguém no fundão do B? Não, cidade pequena, todo mundo ia acabar sabendo das coisas. Talvez Lulu, afinal de contas ele era faixa rosa de balé e sapateado, conhecia 1000 mulheres na cidade, com certeza ia me passar uns bizus sobre os lugares mais adequados para uma noite de romance.

- E esse teu amigo não conhece nada por aqui?
- Não, Lulu, o cara é de fora, mal conhece São José, e tá precisando saber pra onde eles poderiam ir...
- Sei, sei. E ela? É de São José?
- É, é da cidade, mas ele não quer perguntar essas coisas pra ela, é a primeira vez que eles tão saindo juntos... pra furunfar, tá ligado?
- Eu acho que posso ajudar, manda ele vir aqui falar comigo.
- Não, ele é muito tímido, não ia falar essas coisas contigo, ele nem te conhece...
- Sei. Tá bom, fala pra ele ir neste restaurante aqui, deixa eu fazer um mapinha, é perto da 9 de Julho – ele começou a rabiscar algo – é um lugarzinho bem aconchegante. Quando sair de lá fala pra ele pegar a Dutra, sentido Taubatexas, deixa eu escrever aqui também.

Eles fez um mapa detalhado, deu-me a impressão que sabia o caminho de cor.

- Diz pra ele ir cedo, pra não pegar fila, tremendo bizuleu. Pronto, só isso?
- Creio que sim – respondi, olhando o mapa – eu acho que ele desenrola.
- Ah, tem mais uns detalhes – Lucio lembrou de algo.
- Detalhes?
- O carro é dele ou dela?
- Eu acho que é dela, por que?
- Quando eles saírem do restaurante fala pra ele perguntar se ela prefere que ele dirija. Ele sabe dirigir?
- Creio que sim – respondi, rindo da sutileza do garoto – o que mais?

Ele foi ao armário dele e voltou com uma caixinha cinza, aberta. Ele riu ao colocá-la nas minhas mãos:

- Essa é fabricada aqui em São José. Fala pra ele que esse é o ingrediente mais importante para uma noitada a 2.

Eu contei quantas ainda havia na caixa: 1, 2... 8. Achei que seria suficiente. Agradeci em nome do meu fictício amigo e sai de volta pro meu apê.

- Ah, diz pra ele cortar as unhas no dia anterior, e lixá-las bem lixadinhas.

Nada como achar a pessoa certa na panela certa. Só faltava decidir sobre uma trilha sonora para o evento. Achei melhor não elaborar muito e usar uma fórmula que já havia demonstrado sucesso: Fiona Apple + Sarah Mac.

Essa Noite Não

A pior coisa naquele tipo de situação era a expectativa. Toda noite nós sentávamos juntos no H15 e eu ficava só imaginando como ia ser. A gente nem conversava tanto, ficava só se comendo com os olhos. E eu contava as horas até ter Maria Luiza inteirinha, só para mim.

O sábado finalmente chegou. Eu estava como se fosse fazer um exame daquelas matérias em que a gente se deu bem o semestre todo, só tirou MB e L, e tá querendo fechar com chave de ouro: tinha pegado todos os bizus, metido um gagá nojento, feito todas as séries. Mas quando a prova começava sempre dava um friozinho na barriga; e foi o que aconteceu quando eu vi Maria Luiza naquela noite. Ela estava levemente embonecada, sapatinho de salto médio, uma calça branca, uma blusinha decotadinha, um casaquinho, cabelos presos, batonzinho, e tava usando os brincos que eu havia dado pra ela em Ubatuba.

Nós fomos jantar no lugar que Lucio havia recomendado, era realmente aconchegante. Eu comi uma coisinha leve, não era situação para arriscar uma juliana. Ela também, e eu achei que ela estivesse com a mesma cautela. Quando saímos de lá ela me abraçou e me deu um beijo.

- Tá tudo bem? – perguntei, disfarçando a ansiedade.
- Tá – ela começou a sorrir – vamos?
- Você quer ir mesmo?
- Quero – ela me beijou novamente.
- Você prefere que eu dirija?
- Hum-hum – ela riu meio sem graça enquanto me entregava a chave.

Não demorou muito pra chegarmos, e não tinha nem fila. Quando entramos eu coloquei o Solace pra tocar e nós ficamos nos olhando por um momento. Começamos a nos beijar e ela discretamente tirou os sapatos e o casaquinho. Depois, não tão discretamente, tirou os brincos, colocou-os na mesinha e soltou os cabelos. Sentamos na cama e beijamo-nos novamente.

Eu começava a acreditar que ia me dar muito bem naquele exame. E o melhor de tudo era que era feito uma daquelas provas que não tinha hora marcada pra acabar, e nós não estávamos com a mínima pressa. Seguíamos o curso natural das nossas vibrações interiores, guiados pelos nossos instintos e curiosidade exploratória. Eu queria tocar cada cm2 do seu corpo, nem que para isso fosse preciso passar 2 horas tirando suas roupas, alisando aquela pele macia e sentindo os efeitos do atrito com as minhas mãos.

Quando chegou a hora de abrir a caixinha acinzentada ela sugeriu usarmos dupla camada protetora, a fim de minimizar as probabilidades bizuleicas. E a partir dali a única coisa que separava nossos corpos eram aquelas duas camadas micrométricas de látex. E eu estava convencido de que aquele exame ia ser L+*.

Mas eu estava enganado. O resultado acabou sendo I, pois aquela partida acabou antes do final do primeiro tempo, em 0 a 0. Por razões que eu não entendo até hoje Maria Luiza começou a chorar de repente e acabou com a alegria que até então tomava conta de mim. A

única coisa positiva daquela situação era que eu não teria que discutir aquele I com a minha conselheira...

- O que foi, Lú? Eu fiz alguma coisa errada? Tava tão ruim assim? – perguntei assustado.
- Não, estava bom, muito bom. Não é nada com você não, Celso. Eu é que sou meio complicada com essas coisas – ela confessou, ainda soluçando.
- Complicada... sei... – eu falei enquanto sentava e tentava enxugar suas lágrimas. Eu não entendia porque ela não havia me falado aquilo **antes**, e não **durante**, mas aquele momento não me pareceu muito apropriado para investigar os motivos.

Abraçamo-nos por uns instantes e eu fiquei acariciando seus cabelos castanhos. Depois eu lhe dei um beijo e disse:

- Não tem problema, Lú. Quando você se sentir mais à vontade a gente conversa sobre isso, tá bom?
- Tá.

Eu fui lavar o rosto e quando voltei ela já estava dormindo. Eu tentei dormir também, mas não consegui. Fiquei pensando se aquilo tudo não seria um sinal de que nós 2 não deveríamos estar mesmo juntos. Depois eu lembrei do dia em que nos conhecemos e imaginei se as coisas teriam sido diferentes se eu não tivesse entrado no banheiro feminino pra fugir dos chacais. Provavelmente o máximo que teria acontecido comigo seria ter levado um -1, o que sem dúvida teria sido menos complicado e bem menos embaraçoso do que o que estava acontecendo naquele momento.

E por fim pensei em Carolina, e me foi inevitável fazer comparações. Eu não sabia no momento, mas Carolina seria o padrão pelo qual eu julgaria todas as mulheres que eu conheceria nos próximos anos, e que levaria anos para eu perceber que nenhuma delas poderia substituir o que ela significava pra mim.

Maria Luiza acordou-me cedo. Eu não sabia por quanto tempo eu havia realmente dormido, mas estava disposto a sair dali o mais rápido possível. Ela, no entanto, tinha outros planos.

- Eu pedi um café da manhã pra nós. Você está com fome?
- Estou.

Ainda era cedo quando chegamos de volta no H8, fazia um friozinho gostoso, eu só queria ir pro quarto e dormir antes que alguém acordasse e começasse a fazer perguntas indiscretas. Quando saímos do carro demos de cara com Cristina, que estava se preparando para fazer sua corrida matinal. Ela sabia que Maria Luiza não havia dormido no apê delas, e quando nos viu, chegando àquela hora... Ela não falou nada, apenas riu pra nós e saiu correndo, mas eu sabia que ela ia fazer um monte de conclusões infundadas. E eu também sabia que nem eu nem Lú jamais iríamos comentar nada com ninguém sobre o que realmente tinha acontecido, ou deixado de acontecer, na noite anterior.

Naquele domingo eu dormi até o meio dia, e estudei muito depois do almoço. Nossa turma havía marcado algumas provas para aquela semana e eu queria me sair bem. E em poucas semanas iriam começar os exames, eu não queria passar as férias do meio do ano tendo que estudar. “Só o gagá salva”, diziam os veteranos, e eu segui à risca a profunda filosofia deste sábio ensinamento.

Nas semanas seguintes não sobrou muito tempo pra nada, muito menos pra sequer pensar em Maria Luiza, e ela também estava estudando muito. O que foi até bom, pois eu já começava a achar que já estava na hora de sair daquela onda.

A minha turma exagerou um pouco na procrastinante prática de melar prova, o que causou um esperado aumento da pressão nas últimas semanas. E naturalmente que quando o semestre chegou ao fim eu estava detonado. Cansado de tanta prova, cansado daquele frio de manhã cedo, cansado daquela comida peba do H15, cansado daquela conversa do H8.

Eu não estava mais preocupado se os épsilons e deltas seriam importantes na minha futura vida profissional. Eu não me questionava mais se era justo o professor cobrar matéria que não havia dado, ou se a prova havia sido longa demais. Eu só queria ir pra casa, ver minha família, meus amigos, ir à praia com Carolina, pegar onda com Neno e Leo.

E numa bela tarde de sexta-feira eu fui fazer a minha última prova de MAT-11. Eu estava preparadíssimo, havia decorado todas as demonstrações de integrais que eu conhecia, mas a nossa querida professora, num gesto de infinita caridade didática, só colocou questões práticas na prova.

- Afinal de contas vocês estão numa escola de Engenharia – foi a desnecessária explicação que ela nos deu, sorridente – vocês têm 1 h para fazer a prova.

Eu olhei para as questões, 5 integrais, e pensei comigo mesmo “eu hoje vou me dar bem”. A primeira era trivial, e em menos de 1 min eu escrevi a resposta: $y = \ln x$. Mas logo depois meu atencioso cérebro me informou que estava faltando algo, e eu rapidamente escrevi o detalhe que faltava: $y = \ln x + \mathbf{C}$.

Obviamente que eu não poderia esquecer da bendita constante, todo mundo sabe que dada uma função qualquer $y = f(x) + C$, $dy/dx = df(x)/dx + dC/dx$., onde $dC/dx = 0$, por definição. Logo a integral de $df(x)/dx$ sempre será $f(x) + C$.

As outras 4 questões não me deram muito trabalho, e em menos de 10 min eu havia terminado a prova. Mas antes de levantar-me e ir embora eu revisei tudo, naturalmente. E revisei mais outra vez, pois notei que ninguém havia terminado a prova ainda. Gustavo, JA, JF, Shimano, Alex, Yamamoto, Bartô, Rocha, todo mundo ainda estava na sala. Será que eu havia feito algo errado? Refiz tudo de novo e cheguei a conclusão de que estava tudo certo mesmo. Eu finalmente ia tirar o meu primeiro e único L em MAT-11, pois naturalmente que no exame ia ter uma tuia de demonstração, e naturalmente que eu ia errar algumas, e naturalmente que não ia tirar L no exame.

Eu levantei, corajoso, e entreguei a prova para a professora. Ela conferiu rapidamente e nem esperou que eu me afastasse para escrever a nota no alto da folha de papel: L+. Sorriu satisfeita. Eu retribuí o cordial gesto e me mandei para o 228, feliz da vida.

Quando estava no meio do buraco do brig ouvi uma voz amiga a me chamar:

- Celso, espera aí, meu.
- Fala, Yamamoto, se deu bem na prova?
- Mais ou menos, esqueci de colocar as constantes.
- Esqueceu que dC/dx = 0, animal?
- Puta merda, agora ela vai me cortar pelo menos 1 ponto por causa disso, vou tirar MB de novo.
- Como é que tu foi esquecer uma coisa dessa? Tanto que a professora falou pra gente não esquecer de colocar a porra da constante, Yama.
- Pois é, meu.
- É isso o que dá, cara, em vez de prestar atenção no que a professora fala tu passa a aula inteira tendo fantasias eróticas com ela...
- É verdade, meu, hé-hé...

As aulas acabaram, e depois de 2 semanas de exames chegou o dia de ir embora. Eu tinha feito bons exames, estava feliz com os resultados. A única coisa que faltava fazer era ter uma certa conversa com uma certa pessoa. Não ia ser fácil, mas tinha que ser feito.

- Lú, eu quero falar uma coisa com você.
- Eu também. O que é?
- Primeiro as damas...
- Eu queria que você fosse ver meu exame da faixa vermelha. Vai ser na primeira semana depois das férias. Eu queria que você fosse, assim, pra dar sorte.
- Claro, Lú... você acha que eu lhe dou sorte, é?
- Hum-hum, muita sorte – ela sorriu, me abraçou forte e me deu um beijo, e eu comecei a achar que aquele não seria mesmo o momento ideal para falar o que eu pretendia.
- E você, o que era que você queria falar comigo? – ela ficou me fitando com aqueles lindos olhos cor de mel, que contrastavam perfeitamente com aquelas acentuadas olheiras.

Eu sabia que não ia conseguir dizer a verdade.

- Eu queria lhe desejar boas férias...
- E...
- E dizer que vou checar minhas mensagens, caso você queira escrever pra mim.
- Neste caso eu vou escrever sim, mas não todo dia. E se você não responder de volta eu não escrevo mais...
- Tá combinado, então.

Demos um beijo de despedida, daqueles bem molhados, e depois ela me falou, séria:

- Celso, tem outra coisa...
- O que é, Lú?
- Eu sei que a gente não ficou muito tempo junto nas últimas semanas, com todas essas provas e exames.
- Eu sei, Lú, todo mundo teve que estudar muito.
- Foi, mas eu quero que você saiba que eu gosto muito de você, muito mesmo, e que não vou desistir de nós 2.
- Eu também gosto de você, Lú – embora estivesse pensando em desistir.
- Eu também queria que você soubesse que eu não deixei de pensar naquele assunto, só por causa daquela noite meio bizuleica.
- Lú, eu não estou te cobrando nada, eu não quero que você faça nada que você não queira...
- Mas eu quero fazer, eu só preciso...

Eu achei melhor interromper aquela conversa com outro beijinho molhado, pois já estava começando a imaginar, de novo, como seria "aquilo". Eu acho que ela entendeu que eu não queria mais falar no assunto, pelo menos não naquele momento, na véspera de sair de férias.

- A gente conversa melhor depois das férias... você vai saber quando eu estiver pronta.

Feliz Aniversário

Eu geralmente não fazia muita coisa durante as férias do meio do ano, mas naquele primeiro ano do ITA eu resolvi aproveitar todo o tempo disponível. Eu sabia o que o segundo semestre não ia ser muito diferente do primeiro, e que iria passar longos dias nas aulas e labs e longas noites estudando no H8.

Peguei onda todos os dias, debaixo de sol ou chuva. Saí todas as noites, festas, noitadas... afinal de contas dormir pouco era umas das coisas que eu havia praticado bastante no primeiro semestre. JF passou uns dias lá em casa, e meu irmão nos levou nuns barzinhos massa. Outros colegas, Alex, D2, Shimano e Giz, também apareceram por lá, via Fabtour.

Eu realmente chequei minhas mensagens, quase todos os dias. Maria Luiza estava se preparando com afinco para o teste da faixa vermelha no Tae Kwon Do e eu dei todo o meu apoio, mesmo que à distância. Eu sentia saudades dela, mas realmente não sabia o que ia acontecer conosco. E tampouco estava preocupado com aquilo.

Carolina disse que eu estava diferente, distante. Eu achei esquisito ela ter falado aquilo, pois nos víamos todos os dias. Mas ela estava certa, como sempre. Eu começava a dividir minha vida em 2 partes bem distintas: a vida no ITA, responsabilidades, muito estudo; as férias em casa, vagabundagem noite e dia. E aquelas partes estavam de tal forma interconectadas na minha cabeça que eu não conseguia mais vivenciar uma delas sem deixar de pensar na outra. Ela percebeu aquilo bem antes do que eu, mas preferiu que eu descobrisse por mim mesmo.

Mas ela foi bastante explícita sobre um certo assunto, e deixou bem claro quais seriam as conseqüências dos meus atos, caso eles realmente acontecessem.

- Mas Carolina, você mesma disse que era uma coisa passageira, e eu também acho que é, e acho que já passando.
- É, Celso, mas essa "coisa passageira" está durando muito mais do que eu pensei. E também está ficando muito mais íntima do que devia. E você está muito enganado se acha que eu vou aturar certas coisas...

Carolina nunca se afetava, nem nunca alterava a voz, mas eu sabia que ela estava falando sério. E o que ela disse em seguida, ainda que em tom de brincadeira, foi ainda mais assustador.

- Agora vem cá que eu quero mais... você vai embora amanhã e essa pode ser mesmo a nossa última noite juntos.

Aquelas palavras haviam me marcado profundamente, eu não conseguia nem imaginar o que seria não ter Carolina no meu mundinho. Cheguei no H8 disposto a ter uma conversa decisiva com Maria Luiza. Depois do teste de faixa dela, é claro, pois ela estava contando com meu apoio e eu não gostaria de desapontá-la.

No dia do teste ela estava concentradíssima. Executou o “Poomse” com segurança, demonstrou todos os chutes e golpes, sempre acompanhados do seu poderoso “Kihap”. Eu não sabia quais eram os critérios de aprovação, mas tinha certeza de que ela estava fazendo tudo certinho.

A cerimônia de troca de faixa foi breve, e quando ela olhou-me profundamente e entregou-me a faixa azul eu me lembrei do simbolismo das cores.

Nós saímos pra comemorar com uns amigos, e mais uma vez eu achei que o momento não era adequado para termos aquela conversa. O pessoal estava animado, nada como voltar das férias bem disposto pra encarar o segundo semestre. Rai mais uma vez fez comentários sobre o meu bronze, e eu fiquei rindo, pois notei que nem todos tiveram a chance de aproveitar o sol do meio do ano. Cristina lembrou que no fim de semana seguinte seria o Show do Ponto Médio, e me perguntou se eu iria tocar com alguém.

- JF, Shimano e eu vamos tocar com CIB e Bruno, nós ensaiamos umas 3 ou 4 músicas.
- Que músicas? – Valéria perguntou.
- É surpresa, vocês vão ter que esperar até sábado que vem – respondi.
- Haja frescura! – ela continuou.
- É a primeira vez que CIB vai cantar em público, e a gente achou melhor não comentar nada pra não ficar gerando expectativa.
- E qual é o problema? Ele não canta bem? – Lú questionou.
- Vocês vão ver, ou melhor, ouvir, se ele canta bem ou não no dia do show – eu disse, tentando encerrar o assunto.
- Pessoal, o aniversário do Celso vai ser no dia do show – Maria Luiza falou, olhando nos meus olhos, e eu imediatamente percebi que aquele sorriso nos cantos dos lábios significava que ela estava preparando algo.
- Velva! – gritaram Rai e Luís.

Enquanto os demais colegas faziam planos para a comemoração do meu aniversário Maria Luiza continuava me fitando, rindo de leve. A faixa vermelha com certeza tinha aumentado sua autoconfiança, aparentemente em todos os setores. Eu comecei a entender que não iria mesmo conseguir terminar com ela, e que aquele sorriso, aquele olhar profundo, aquele aperto que ela dava nas minhas mãos eram os sinais ela me dava pra deixar bem claro que ela estava pronta para dar o próximo passo. E pelo visto aquele próximo passo iria acontecer no sábado seguinte, no dia do Show do Ponto Médio, no dia do meu aniversário.

E mais uma vez eu reduzi meu tempo no banho e passei dias e dias imaginando como seria. Não precisei imaginar muito, pois ainda lembrava bem daquela bizuleica noite no semestre anterior. E aquela lembrança aumentava minha ansiedade. Era feito uma prova chance, eu teria outra oportunidade de tirar um L+*, mas também poderia tirar outro I, se ela desistisse novamente. Ou então um D, se eu concluísse que não valeria a pena arriscar as coisas com Carolina e resolvesse melar tudo com Maria Luiza. E ainda tinha a possibilidade de a coisa acontecer, mas não ser tão bom quanto eu achava que seria. De não ser tão bom como era com Carolina. E nesse caso eu iria tirar um R no sábado e ia continuar com R pro resto da vida. De qualquer jeito eu iria ter que esperar até o sábado para saber o que ia acontecer.

CIB estava levemente apreensivo com o show, Bruno também nunca tinha tocado em público. Curioso como, naquela específica situação, nós, os bixos, éramos os veteranos no assunto. JF, com sua habitual sensatez, conseguiu acalmar todo mundo. Nós havíamos ensaiado bastante, era só se concentrar pra tocar direito. Eu estava mais preocupado com o que poderia acontecer depois do show, depois do baile.

O show foi um sucesso, o pessoal do terceiro ano tinha convidado gente de todas as turmas pra tocar com eles, e todo mundo tocou bem, rolou música de todos os tipos. CIB cantou muito bem, a voz dele encaixou perfeitamente com o nosso arranjo de "Alive" e "Jeremy". Nós estávamos nos sentindo como verdadeiros astros musicais, e todo mundo já queria saber o que iríamos tocar no Encontro Musical, que seria após a semaninha.

Maria Luiza e Rai filmaram tudo, como sempre. André não estava lá, mas Renata e Pedrão acharam que nossa apresentação tinha sido muito boa. Ela ficou impressionadíssima com a performance de CIB, e eu até fiquei maquinando algo que poderíamos planejar pra tocarmos todos juntos.

Depois do show fomos todos ao baile, até Renata foi também. Ela não sabia que era meu aniversário, e quando Ricardo falou ela ficou contente.

- Feliz aniversário, Celso, que bom que caiu no dia do show – foi o que ela disse depois que me deu um grande abraço e 3 beijinhos – agora deixa eu largar você antes que uma certa pessoa apareça.

Pedrão também me deu um grande abraço, sem beijinhos, e também me desejou em feliz aniversário. Era a primeira vez que eu passava um aniversário longe de casa, longe da minha família, mas estava feliz. Eu tinha gostado do show e estava cercado de bons amigos que gostavam de mim.

Por um instante eu fiquei me lembrando do meu aniversário do ano anterior. Meus pais haviam feito uma festa, Regininha tinha feito um bolo, colocado meu nome e tudo. E depois da festa em casa ela me disse que tinha outra festinha, só pra mim. Ela me deu o No. 4 de presente, e nós passamos a noite inteira escutando "Sour girl". Foi muito massa...

- Cadê o aniversariante...?

Eu virei o rosto e olhei pra Maria Luiza, que chegava com Valéria e Cristina. Segurei as suas mãos e fiquei olhando pra ela. Ela sorriu, puxou-me levemente e deu-me um longo beijo. As meninas começaram a fazer gracinhas, então nós paramos e eu fui cumprimentá-las.

Depois eu segurei suas mãos novamente e continuamos o beijo interrompido. Ela usava um vestido preto, e eu fiquei imaginando se a roupa de baixo estaria combinando. Aquela imagem provocou-me reações biomecânicas, que não foram despercebidas por Maria Luiza. Ela ficou sorrindo e depois falou no meu ouvido:

- Eu tenho um presentinho pra você.

- Aonde é que está?
- Eu não posso mostrar agora.
- E quando é que você vai poder me mostrar?
- Mais tarde – ela me beijou de novo.

As meninas foram dançar com Fabio e Lú foi também. Eu fiquei conversando com Ricardo, Renata e Pedrão, e quando os meninos saíram pra pegar umas biras Renata me disse algo que eu não estava esperando.

- Eu acho que ela gosta mesmo de você, Celso.
- Você acha? – eu olhava pra Lú, que estava apenas a uns 5 m de nós, mas que obviamente não poderia ouvir nada da nossa conversa por causa da música alta.
- O jeito que ela olha pra você...
- Você deve conhecê-la muito bem pra sacar essas coisas só pelo olhar dela... – eu sabia que estava tocando num assunto delicado, mas Renata parecia que estava querendo falar sobre aquilo.
- Eu acho que ela falou pra você que nós morávamos juntas.
- Falou sim.
- E ela provavelmente te contou outras coisas também – Renata ficou com uma cara apreensiva ao dizer aquilo.
- Ela me contou a versão dela... – eu olhei pra ela e fiquei esperando pra ver se ela ia morder a isca.

Ela percebeu a minha deixa, mas deu um risinho e desconversou.

- Qualquer dia desses eu te conto a minha versão também. Mas hoje não, hoje é dia de festa, dia de alegria.

Pedrão e Ricardo voltaram com biras pra todos nós, Renata fez um brinde ao meu aniversário e ficamos, nós 4, conversando e biritando.

Maria Luiza acompanhava tudo com o olhar, e parecia não estar incomodada com a presença de Renata. Ela ria sempre que nossos olhares se cruzavam, e cada vez que aquilo acontecia eu ficava imaginando coisas.

Ela me puxou pra dançar quando começou a tocar música lenta.

- Você ficou bem de preto.
- Você ainda não viu nada... – ela ficou me encarando com aqueles olhos cor de mel, depois puxou um pouco a manga do vestido e me mostrou a alcinha preta.
- Eu sabia, é este o meu presentinho?
- É parte, depois tem mais.
- Depois...?
- Daqui a pouco, agora eu quero dançar mais.

Nós dançamos e dançamos e dançamos... conversamos mais um pouco com o pessoal, dançamos de novo...

- Vamos? – ela segurou minha mão e me puxou pra fora do H15.

Quando chegamos lá fora eu perguntei pra ela:

- Você tem certeza?
- Absoluta... e você?

Ela parecia estar mais segura do que eu. Bem mais segura, eu diria. Mas eu já havia pensado muito sobre o assunto, e matematicamente fazia mais sentido passar 36 semanas com Maria Luiza do que 16,14 com Carolina. O único furo daquela lógica era que aquele assunto não era um problema aritmético, mas na hora meus hormônios me fizeram acreditar que aquele fato era completamente irrelevante.

- Claro que sim... você prefere que eu dirija?
- Não, hoje quem dirige sou eu – ela sorriu, abriu as portas e me deu um beijo depois que entramos no carro.

Eu coloquei o Tidal pra tocar e fiquei acariciando as suas pernas até chegarmos ao nosso reduto amoroso. Tudo correu bem. Muito bem. Excelentemente bem.

- Gostou do seu presente? – ela sussurrou ao meu ouvido.
- Adorei... você gostou também? – eu perguntei enquanto alisava suas costas nuas.
- Muito... – ela beijou meu pescoço, meu rosto, meus lábios.
- Você...?? – eu fiquei meio sem jeito pra finalizar a pergunta, mas ela interpretou bem o meu olhar.
- Hum-hum – ela ficou sorrindo, assim meio de lado, eu sabia que ela queria me perguntar alguma coisa, mas parece que estava aguardando o momento ideal.
- Legal... você tá querendo me perguntar algo, não é?
- Tô... o que é que você tava conversando com a Renata lá no H15?
- Ah, eu pensei que era outra coisa... ela me disse que achava que você gostava de mim.
- Foi?... E o que você acha?
- Eu acho que você gosta um pouco de mim.
- Um pouco?
- É, um pouquinho... assim, do tamanho de um épsilon...
- Eu gosto muito, muito, muito de você – ela novamente beijou meu pescoço, meu rosto, meus lábios, intercalando os beijos com as palavras.
- Eu também gosto de você, Lú – eu passei minhas mãos nos seus cabelos, nas suas costas...
- Muito ou pouco?
- Um pouquinho, bem pequenininho, deste ponto aqui até este outro aqui – eu estiquei meu braço completamente e toquei um ponto na sua perna, depois fui integrando até o rosto.
- Bom, então se você gosta tanto assim de mim vai entender o que eu vou falar agora.
- Hum... – eu pressenti o que era.
- Hum-hum – ela parou o que tava fazendo e me olhou bem séria – eu vou querer tempo integral e dedicação exclusiva a partir de agora.

- Exclusividade?!
- Total e irrestrita.
- Como assim, não posso nem...
- Nada. E eu não quero que você saia mais com aquela menina lá da sua terra.
- Tá bom – aquilo ia ser difícil, mas as circunstâncias exigiam o meu pronto acordo.
- E o que mais Renata disse? – ela sorriu e me beijou de novo.
- Foi só isso que ela disse – eu achei melhor não tocar no outro assunto, podia estragar o clima da noite.
- E o que é que você tinha pensado que eu ia perguntar? – ela me olhou nos olhos, como se quisesse ver se eu ia inventar algo.
- Nada não...
- Agora você vai ter que me dizer o que era, Celso.
- Era esse assunto que nós acabamos de discutir, tá ligada?
- Que bom que você já estava esperando isso. Eu pensei que era outra coisa.
- Outra coisa?
- É, eu pensei que você tinha pensado que eu ia perguntar outra coisa.
- Hum... esta série não tá convergendo – eu não conseguia imaginar o que é que ela ia falar naquele momento.
- Eu pensei que você tinha pensado que eu ia perguntar com quantas meninas você já tinha dormido.
- Ah, sei...

Uma coisa que eu não estava esperando, mas estava preparado assim mesmo. Eu não sabia no momento, mas com o passar dos anos eu aprendi que aquela questão sempre caía naquele tipo de prova. Eu decidi usar a equação de Lucio para o caso masculino, Nd=2xNr, onde Nd é o número divulgado e Nr é o número real.

- E aí, vai me dizer ou não? – ela ficou sorrindo, como se estivesse realmente curiosa.

Eu lembrei que Carolina nunca tinha me perguntado aquilo, ela sempre se concentrava no futuro e não se preocupava muito com o passado. Mas com certeza ela ia me perguntar se eu havia dormido com Maria Luiza, e eu com certeza não ia conseguir esconder a verdade.

- Deixa eu ver – eu contei mentalmente 1, 2, 3, 4... x 2 – 8.
- 8?! – ela me olhava com certo espanto, como se aquilo fosse um absurdo.
- É, 8, incluindo você – eu mantive firmemente a minha resposta.

Ela continuava sem acreditar, e parecia estar esperando que eu fizesse pergunta semelhante. Eu achava que não devia perguntar aquele tipo de coisa, mas ela insistiu.

- Você não vai me perguntar...
- Lú, com quantas meninas você já dormiu? – eu não consegui ficar sério.
- Meninas, 0 – ela riu também.

Eu dei um beijinho nela e disse que tinha que ir fazer xixi. Quando voltei percebi que ela ainda estava pensativa, e foi alí que eu deduzi que a equação de Lucio para o caso

masculino não funcionava muito bem quando Nr>3, e resolvi que no futuro iria adotar a expressão Nd=2x(Nr-1) naqueles casos, a qual batizei de equação de Lucio-Celso.

- O que foi, Lú?
- Nada, eu só tava pensando no que você me disse.
- E...?
- Nós somos praticamente da mesma idade, mas você já tem tanta experiência com essas coisas...
- E...?
- Eu tava me questionando se eu não tinha, ou tenho, deixado de aproveitar a vida...
- Não esquenta com isso não, Lú. Tem muitas maneiras de se aproveitar a vida. E alem do mais qualidade é mais importante que quantidade.
- Eu não sei...
- Mas se você acha que precisa de mais experiência a gente pode resolver isso, a começar de agora, tá ligada? – eu sentei ao seu lado e comecei a beijar-lhe o rosto.

Depois do segundo tempo ficamos abraçados, sem dizer nada. Ela ainda parecia estar pensando no assunto, então eu resolvi explicar pra ela a equação de Lucio e suas implicações práticas. Depois expliquei a equação de Lucio para o caso feminino, Nd=Nr/2, onde Nd é o número divulgado e Nr é o número real. Ela finalmente pareceu desencanar, mas falou que achava aquela teoria toda muito ridícula.

- Você não vai querer mesmo saber com quantos carinhas eu já dormi?
- Você sabe que eu vou multiplicar o número por 2...
- Então nesse caso eu vou dizer que foi apenas 1,5.
- Pensando melhor, eu vou multiplicar por 4...
- Sério!
- Tá bom. Lú, sabe aquele dia que a gente se conheceu, que a gente ficou conversando lá no Mosca?
- Sei, o que é que tem?
- Eu fiquei com uma impressão de que eu te conhecia de algum outro lugar, de alguma outra época.
- Sério!?
- Sério.
- Eu também fiquei com a mesma impressão, Celso!!
- Sério!?!
- Sério!!!
- Hum...
- Será que a gente se conhece de outras vidas, Celso?
- Talvez sim, talvez não, talvez talvez... eu não sei se esse lance de outras vidas existe mesmo, Lú.
- Eu acredito que existe, você sabe disto.
- Eu sei... bom, eu sei que pelo menos esta vida existe.
- Será que existe mesmo, Celso? Será que tudo isso não passa de uma grande ilusão?
- Esse papo tá tão cabeuça, Lú...

Nostalgia

Só o gagá salva. Eu havia aprendido aquela preciosa lição no semestre anterior. E continuei com meu salutar hábito de estudar todos os dias. Quer dizer, quase todos os dias. Alguns dias eram tão cansativos, aulas e mais aulas e labs, que depois do jantar eu simplesmente não conseguia mais pensar em estudar.

E naquelas noites eu geralmente me dedicava ao bostejo com os colegas, e depois das férias do meio do ano eu intensifiquei tal prazerosa atividadade, notadamente com alguns dos meus conterrâneos que estavam no terceiro ano. Valter e Jacaré eu conhecia desde os tempos do colégio, Alfredelho e Lucio eu conheci no H8. Tino eu conhecia da praia, ele praticava windsurf, vivia crowdeando minhas ondas e tentando serrar minha prancha ao meio. Sandra eu conheci na festa que rolou na casa de Tino quando eles passaram no ITA.

Todos eles gostavam de jogar vôlei, mas Valter não levava o menor jeito pra coisa, o que causava uma elevada quantidade de gargalhadas quando ele entrava, e permanecia, em quadra. O esporte predileto de Valter era alterocopismo. O segundo era baranguismo, e o fator de correlação entre os 2 era igual a 1. Ninguém sabia qual era causa e qual era efeito, no entanto. Ele aparentemente só praticava suas atividades extra-curriculares durante os finais de semana, e aparentemente elas nunca afetaram seu desempenho escolar, mas todo mundo sabia que Valter era vice-presidente e sócio-atleta da Baranguita, a Associação dos Apertadores de Barangas do ITA. Camilo, nosso conterrâneo por afinidade, era o presidente e diretor de marketing, e também era um dos expoentes em alterocopismo.

Alfredelho era bom no vôlei, e melhor ainda na queimação de películas alheias. Alfredelho sempre jogava na zaga, e era praticamente impossível apertar alguém quando ele estava por perto. Ele não bebia nada, só água e guaraná, mas não recriminava os colegas que bebiam.

- Celso, quando eu entrei no ITA eu não entendia porque alguns dos meus veteranos bebiam tanto, mas agora eu entendo.

Ele falava aquilo toda vez que nos víamos, mas eu nunca entendia o que ele realmente queria dizer com aquelas palavras.

Alfredelho era um dos maiores loroteiros do H8. Não que ele fosse mentiroso, mas ele costumava exagerar a realidade. Geralmente para o lado que fosse mais favorável para ele.

Jacaré era o único que fazia MEC, e era o mais recluso de todos eles. Segundo a lenda ele era o vice-presidente do Clube dos Mocados. Lulu, Alfredelho e Tino faziam AER, Valter e Sandra faziam ELE.

Sandra era muito simpática, só vivia rindo o tempo todo. Os outros chamavam-na de SS, Sandrinha Santa, pois ela era muito religiosa. Mas de santa mesmo ela não tinha nada, só a paciência. Tinha um noivo firme na terrinha, estudante de Medicina, e planejava casar logo após sua formatura.

- Celso, você está sumariamente convidado para o meu casamento.

Ele falava aquilo toda vez que nos víamos, e eu sempre entendia o que ela realmente queria dizer com aquelas palavras.

Ela realmente casou depois da formatura. Depois da minha formatura. 4 anos depois da minha formatura. E não foi com o então Médico. O coitado teve alta logo depois da formatura. Dela.

Mas o seu casamento foi uma festa muito bonita, e eu estava lá, feliz por ela. E feliz também porque foi graças ao seu casamento que eu tive a oportunidade de rever Beatriz Cecília, mas isso é outra estória.

Eu também estive presente no casamento de Lucio, fui padrinho e tudo mais, mas isso também é outra estória.

Tino era o mais epirituoso deles, e o que sempre demonstrava uma peculiar curiosidade quanto ao meu desempenho acadêmico.

- Como foi o primeiro semestre do ITA, Celsão, deu pra passar em tudo?
- Claro que sim, Tino.
- Sim, mas, não seria melhor ter passado sem dar? Há-há-há...

Tino também fazia Tae Kwon Do, era faixa verde, e capoeira. Tino gostava daqueles filmes de ação bem mentirosos, e como ninguém mais tinha saco de ir com ele eu acabava sendo naturalmente arrastado para aqueles programas bizuleicos. E ele era daqueles caras que ficavam analisando atentamente todas as cenas para ver se ocorria alguma violação de alguma das imutáveis leis da Física, o que invariavelmente acontecia, e suas detalhadas explicações sobre os tais tão desafortunados deslizes sempre adicionavam alguns momentos de alegria aos tais intrisicamente prazerosos acontecimentos.

Tino também não bebia nada, só água e guaraná, mas aquilo ia mudar um dia.

Naquele começo de semestre eu voltei a tocar com o pessoal. Renata estava animada com a perspectiva de tocar no Encontro Musical, e nós tentamos novamente escolher pelo menos uma outra música para nossa apresentação. Ela até concordou em cantar, mas ficou colocando restrições a algumas das nossas propostas: “essa é muito difícil, essa eu não vou conseguir tocar e cantar ao mesmo tempo, essa tem a palavra “fuck”, eu não gosto de falar isto”. Tudo era desculpa, até que Pedrão sugeriu tocarmos “Scene of a perfect crime”. Aí foi a minha vez de chiar.

- Essa música é cheia de efeitos, e o solo não é trivial – eu tinha outro motivo pra não querer tocar essa música, ela fazia-me lembrar de Carolina.
- A gente consegue uns efeitos emprestados, isso não é problema – André assegurou.
- E você vai ter tempo de sobra pra decifrar o solo, pode até meter um gagá desespero durante a semaninha – Pedrão tentava me incentivar – o que você acha, Renata?
- Eu não sei, eu gosto da música, mas não sei se vai ficar boa na minha voz.

Eu percebi que tinha algo mais que ela não estava falando, talvez a música também a fizesse lembrar de alguém... com certeza daquele ex namorado dela, todo surfista calhorda que se prezava gostava daquele som.

- Vamos ver, se não ficar boa a gente tenta outra – Pedrão propôs.
- Tá bom – ela concordou.

O que aconteceu em seguida só poderia ter uma explicação: Renata devia ter tocado e cantado aquela música uma centena de vezes pro tal do cara, pois ela sabia de cor todas as passagens. Eu fiquei impressionado com a interpretação dela, carregada de emoção. André e Pedrão não estavam nem acreditando no que tinham acabado de ver e ouvir.

- O que é que vocês acharam? – a pergunta era totalmente desnecessária, mas ela parecia que estava tentando nos trazer de volta à realidade.
- Ficou muito boa, Renata – foi tudo que André conseguiu falar.
- Eu também acho – Pedrão ainda estava de queixo caído.
- E você, Celso, o que achou? – quando ela olhou pra mim eu não pude deixar de notar uma certa dose de melancolia nos seus olhos, e eu tive a certeza de que ela viu a mesma coisa nos meus.
- Eu não sei não, Renata, você vai ter coragem de cantar assim em público?
- Vou – ela foi firme na resposta.
- Nesse caso se prepare para o assédio dos fãs depois do show... – eu sorri de leve.
- Até parece – ela riu também.

Só me restou a tarefa de decifrar e bitolar o solo. Mais outro gagá...

Em breve começamos a marcar nossas provas de novo, mas fomos mais cuidadosos, e conseguimos terminar o bimestre sem ter que melar nada. Eu consegui tirar boas notas, não faltei nenhuma aula, minha conselheira estava orgulhosa de mim.

Alguns dos meus colegas de turma, no entanto, estavam em situação bem distinta. Teve gente que desistiu do ITA, teve gente que não estava indo bem. Teve gente que não estava estudando o bastante, por motivos diversos. Augusteu havia conseguido se safar nas 2 segundinhas que ele havia pego no primeiro semestre, não pegou nenhuma DP, mas acumulou 2 Is. Eu diria que ele não teve bem um bom começo de curso.

Ricardo me falou que aquilo acontecia em todas as turmas, que eu não me deixasse abalar com nada daquilo e que procurasse incentivar os colegas a superar os obstáculos.

- Sempre vai ter gente que vai decidir ir fazer outro curso em outro lugar, sempre vai ter gente que vai ter mais dificuldades pra terminar o curso aqui – ele me explicou – e a gente nunca sabe quando vai precisar do incentivo dos amigos.

Eu fui passar o feriado no Rio, eu estava planejando ir visitar uns familiares. O feriado foi curto, mas pelo menos deu pra pegar um solzinho e umas poucas ondas geladas na Barra.

Ricardo voltou do feriadão dizendo que tinha conhecido outra loura imaginária, quer dizer, maravilhosa, dos olhos verdes. Ou azuis. E como sempre ela estava apaixonada por ele. Ninguém nunca via aquelas louras, e tudo mundo ficava duvidando daquelas estórias. Nem uma foto pra passar na cara dos (n-1) incrédulos ele arrumava.

Lá no apê sempre rolava um sonzinho, mesmo baixinho, quando a gente tava estudando. JF costumava ir estudar comigo, a gente conversava um bocado, mas de alguma forma o gagá rendia. Seno geralmente estudava só, mas às vezes ia estudar no apê de Rai. CIB de vez em quando ia estudar com Fabio, e Cabeça também gostava de estudar com Ricardo. Tinha noite que ficava a maior zona, faltava cadeira, a gente interrompia o estudo e ia tocar violão, mas no fim dava tudo certo. Pelo menos todo mundo tava tirando boas notas, e o astral no apê sempre tava legal, harmonioso. Nós éramos uma "família bem ajustada", e eu tinha a certeza de que seríamos amigos pro resto da vida.

A semaninha chegou relativamente depressa em comparação com o semestre anterior. Deve ter sido a influência da temperatura mais elevada. Em casa estava tudo bem, todo mundo com saudades, minha mãe falando que eu havia perdido peso, que eu tava com cara de abatido, pálido. Eu realmente me sentia cansado, mas mesmo cansado saí com alguns amigos. Por coincidência, ou não, encontrei com Carolina e a irmã dela.

- Oi Ana, oi Carolina.
- Oi Celso, tudo bem com você? – Ana me deu um abraço, Carolina não falou nada, ficou só olhando pra minha cara de babaca.

Ela não parecia estar surpresa em ter-me encontrado ali, e com certeza já sabia o que eu ia falar. Ana saiu de fininho, disse que ia pegar outra caipiroska. Eu sabia que não adiantaria adiar aquela conversa, e fui direto ao assunto.

- Nós dormimos juntos.
- Eu sei – ela não estava com raiva, mas estava triste, e aquilo realmente me fez sentir mal.
- Foi no meu aniversário... eu não sei mais o que falar pra você.
- Não precisa falar mais nada.

Ela continuava me fitando, eu não queria acreditar que aquilo seria o fim, que ela não iria nem me permitir fazer uma escolha.

- Você já fez sua escolha, no momento em que decidiu dormir com ela – mais uma vez ela conseguia ler meus pensamentos.
- Carolina, eu ainda gosto de você...
- Eu sei disso, mas isso não vai mudar nada.
- Então é isso mesmo, a gente não vai se ver mais?
- Muito pelo contrário, a gente vai se ver todo dia, até você ir embora. Só não vai acontecer nada, nada mesmo – ela sorriu de leve, pois sabia que aquilo seria uma verdadeira tortura pra mim.
- Nem uns beijinhos de leve? – eu sorri também, o pior já havia passado.
- Nada, vai ficar só na vontade.

E vontade foi o que não faltou, ainda mais porque nós nos vimos todos os dias e noites. Eu ia pegar onda todo dia, às vezes ela aparecia na praia no final da tarde, eu ficava olhando para ela de alto a baixo, ela ria e fingia que não notava nada. De noite a gente saía, ficava conversando o tempo todo, mas não rolava nada. Eu não entendia como ela conseguia se manter tão indiferente.

No sábado passamos o dia inteiro na praia e de noite saímos com meu irmão e a namorada dele. Carolina me disse que eu estava com uma cara bem melhor, que uma semana inteira à base de luz solar e água salgada tinha-me feito muito bem. Eu estava pensando como seriam as férias de fim de ano, se aquela semaninha tinha sido apenas uma amostra do que estava por vir.

- Carolina, eu gostei muito desse tempo que a gente passou junto.
- Eu também gostei, Celso. Viu como foi fácil? – eu notei a leve ironia na sua voz.
- Realmente, eu nem senti vontade de agarrar você, dar uns beijinhos na sua orelha, alisar a sua...
- Nem adianta vir com essa conversa, pois nada disso vai acontecer hoje.
- Você vai me dizer que não sentiu vontade...
- Claro que senti, mas eu sei controlar minha vontade. Se você soubesse controlar a sua nós não estaríamos nesta situação ridícula que estamos agora.

Aquilo doeu fundo, eu comecei a acreditar que aquela idéia de ficarmos o tempo todo juntos não tinha sido muito boa. Fiquei calado, tomando minha bira, ouvindo o som que tava rolando. Eu comecei a rir sozinho, pois tava tocando uma das músicas que Renata não quis cantar.

- Essa música é a cara da gente – ela comentou sorrindo.
- É mesmo – eu concordei.

Depois eu lembrei que aquela mesma música tava no CD que eu havia compilado para ela. E de repente eu tive uma brilhante idéia.

- Carolina, você deixa eu dar uma olhada na sua bolsa?
- Pra quê?! – ela ficou desconfiada.
- Eu queria ver uma coisa, posso?

Ela me entregou a bolsa e quando eu abri dei de cara com o bendito CD. Ela sorriu, aproximou seu rosto do meu, ficou olhando pra minha boca. Seus lábios estavam a menos de 2 cm dos meus quando ela me disse:

- Isso não vai mudar nada.

Aquele foi o beijo mais gostoso da minha vida.

Na noite seguinte eu estava de volta ao H8. Fui conversar com Lú, ela quis saber o que tinha acontecido, eu falei a verdade, que Carolina e eu iríamos ser apenas bons amigos. Bom, pelo menos nós iríamos tentar.

- E não aconteceu mais nada?
- Rolou 1 beijo de despedida, 1 e somente 1. É padrão nessas situações, não é, Lú? Eu espero que você entenda isso...
- Claro, Celso, é claro que eu entendo.

A volta à rotina foi mais rápida daquela vez, eu procurei estudar quase toda noite, mesmo que não tivesse prova. Fiz minhas séries, meus relatórios, não perdi nenhuma aula. Sempre que possível ensaiava com Renata, André e Pedrão, e aos finais de semana sempre estava na sala de música com JF, Shimano, CIB e Bruno. Eu levava uma vidinha simples, toda regradinha, e praticamente independente do mundo exterior.

Eu ainda pensava muito em Carolina, seu aniversário estava perto e eu sabia que ela iria sentir a minha falta naquela data. Nós trocávamos mensagens regularmente, ela sempre dizia que pensava muito em nós e que rezava por mim todos os dias. Eu também rezava por ela todas as noites. Um certo dia ela me disse que ainda gostava muito de mim, e que achava que eu não gostava de Maria Luiza, mas sim do que ela representava para mim. Eu não entendi o que ela estava querendo dizer, mas aquilo ficou martelando na minha cabeça.

Em poucas semanas tivemos o Encontro Musical. Foi a primeira vez que eu vi o Auditório Antônio Lacaz Netto realmente lotado, veio gente do CTA, da cidade. O Departamento Cultural do CASD mais uma vez fez um ótimo trabalho, Maria Luiza e Rai foram nota 10 na organização e produção do evento. A qualidade das apresentações foi muito boa. CIB e Shimano foram alguns dos principais destaques. Nossos ensaios haviam dado o esperado retorno, e eu fiquei muito satisfeito com aquilo.

Renata tinha se embonecado um pouco, sem exageros, e cantou e tocou muito bem. E, conforme eu previra, causou uma reação exotérmica na platéia. Aquela foi a primeira e única vez que tocamos em público, ela não conseguiu lidar com o assédio diário das centenas de fãs que passaram semanas impressionados com a sua performance. Segundo a lenda ela até recebeu propostas de casamento, várias. Eu só sei que na semana seguinte tinha uns 50 caras me pedindo aulas de guitarra. Eu contava essas coisas pra ela e ela achava que eu tava inventando, mas era tudo verdade. Exagerada, mas verdadeira.

Nas semanas seguintes começamos a marcar nossas provas. Eu estudei muito, limitei as distrações, tirei boas notas. Eu gostava do que estava fazendo, gostava de estar estudando no ITA, gostava dos meus colegas... eu estava feliz.

Super-heróis

- Celso, sua bicha louca, ocê não imagina o que acabou de acontecer lá no 231 – o amigo comentou tão logo entrou no meu quarto.
- O que foi, Adriano?
- Um desses ex-alunos da turma 8-alguma coisa entrou pela porta dos fundos, apontou pro banheiro e disse “eu já bati muita bronha aqui, há-há”.
- Tá de sacanagem...
- Não é foda uma coisa dessa!?
- Só... e como é que era antes da internet, Adriano? Aonde é que os caras conseguiam “inspiração visual”?
- Eu não faço a mínima idéia, Celso. Talvez a gente descubra hoje, conversando com os coroas.
- Só.
- E depois o cara ficou falando quantas muié ele havia pulado pelo muro e trazido pro apê.
- Esse deve ser aparentado com o Alfredelho loroteiro, Adriano.
- Só. Vamo néussa?
- Bora.

Saímos do 228, pulamos o muro e caminhamos em direção ao COCTA.

- O nosso primeiro Sábado das Origens, Celso, ocê tá animado?
- Tou, mas... origens do quê, Adriano?
- Sei lá, origens dos tempos?? Hé-hé... e a Lú, Celso?
- Sei lá, desde a semaninha que ela tá meio esquisita, regulando praca...
- Vai ver que ela arrumou um macho lá em Santos, hé-hé.
- É, vai ver... – eu parei um pouco e tentei pensar numa hipótese alternativa – ou então uma fêmea, Adriano.
- Shruiu!!

Quando chegamos ao nosso destino a festa já estava rolando a todo vapor, ou melhor, a todo carvão. E álcool etílico também, naturalmente, afinal de contas tínhamos a obrigação moral de prestigiar o uso de biocombustíveis.

Eram tantos abraços e gargalhadas e esfuziantes comentários sobre os “saudosos velhos e bons tempos” que eu comecei a pensar que havia nascido na época errada, que havia entrado no ITA na década errada, pois tudo parecia que havia sido melhor antigamente. Até o trote, até a comida, até as baranguinhas joseenses eram mais barangosas antigamente.

Eu fiquei impressionado com aquela demonstração de amizade e camaradagem, o pessoal das turmas mais antigas contava aquelas estórias dos anos 50, eu nem imaginava como eles conseguiam se lembrar de tanta coisa. O pessoal das turmas mais recentes, geralmente em maior número, e ainda com uns traumas dos tempos do ITA, conversando sobre a vida profissional deles. E nós, os bichos dos bichos dos bichos dos bichos... querendo fazer parte daquilo tudo, daquelas tradições, daquela família... foi muito legal.

Mas bom mesmo foi o churrasco, principalmente pra quem já estava bastante enjoado daquela comidinha peba do H15: boi ralado, salada andante e afins. Depois de uma rodada de lições com os nossos queridos veteranos Adriano e eu mandamos ver e nos entupimos de comida. Literalmente. O meu estômago provavelmente ia demorar uns 3 dias para digerir aquilo tudo, o que significava que eu poderia passar 3 dias sem ir ao H15. Shruiu!!

Para os ex-alunos o SDO era uma boa oportunidade para confraternizar com seus velhos amigos. Para mim, que ainda estava no primeiro ano do ITA, foi uma boa oportunidade para fazer novos amigos, e foi naquela ensolarada tarde de sábado que eu conheci algumas pessoas que viriam a ser grandes amigos meus. E amigas, também, naturalmente.

A primeira delas foi Paulão, que havia sido da turma de Fabio e Ricardo, mas que resolvera trancar no segundo semestre do segundo ano, para "relaxar um pouco", segundo ele mesmo. E aparentemente ele havia relaxado bastante durante sua ausência da escola.

- Foi muito maneiro, gente – ele comentou conosco.
- É, mas agora estás de volta para terminar o segundo ano – meu amigo Fabio observou.
- Estou, Fabio – Paulo concordou – mas eu não sou chacal não, Celso.
- Afinal de contas chacal é tudo bicho mesmo, a-há – Ricardo interveio, fazendo todo mundo rir.
- E o que foi que ocê fez esse tempão todo, Paulo? – Adriano indagou depois que paramos de rir.
- Bom, eu passei uns 3 meses sem fazer porra nenhuma, só coçando, hé-hé. Mas depois aquele ócio me deu uma coisa, sabe? Uma sensação de vazio...
- Que papo de boiola do cacete, Paulão...
- Não, Ricardo, é sério, cara – Paulo tentou se explicar.
- Eu acho que esse teu amigo virou baitola, Fabio – eu rapidamente concluí.
- Eu também acho, Celsão. Só falta falar que resolveu preencher os espaços, entende? Assim, sabe, a nível de de repente, sabe?!
- Há-há-há... – Adriano não se conteve com a levemente afetada personificação do nosso colega – esse Fabio é muito viadinho mesmo.
- Não, gente, foi foda mesmo – Paulão continuou sua narrativa – E foi então que eu decidi estudar pro vestibular.
- Como é?!
- Hé-hé, eu resolvi fazer vestibular de novo. Meti um gagazinho e fui fazer as provas.
- Deu pra passar, a-há? – Ricardo sacaneou outra vez.
- Não, passei sem dar mesmo, espertão.
- Passaste em quê?
- Arquitetura, Celso.
- Eu sabia que tinha viadagem nesta estória, a-há, a-há – Ricardo sacaneou mais outra vez.
- Não, cara, deixa eu contar o resto. Viadagem mesmo foi quando as aulas começaram.
- Como é que é? Tu freqüentou a faculdade?
- Claro, ei fiz 2 matérias, só pra ver como é que era.
- E como foi? – Fabio demonstrou uma leve curiosidade.

- Um desbunde, gente. Pra comecar que na sala só tinha mulher, tudo gostosa.
- E viado, a-há.
- É, uma meia dúzia duns 3 ou 4. Homem macho mesmo só eu, hé-hé, e o resto era tudo fêmea, e tudo porra louca.
- Shruiu!!
- Era festa toda semana, gente, e aí era que juntava ainda mais um monte de mulher.
- E mais um monte de viado, a-há, a-há.
- É, mas a proporção era exorbitantemente maior a favor das mulheres, hé-hé. Eu vou te contar, espertão, eu nunca comi tanta mulher na minha vida, nunca!
- Porra... e nós aqui nesta estiagem, Celso.
- Pode crer, Adriano... e foi por isto que tu resolveste voltar pro ITA, Paulão, enjoaste da coisa?
- Não, meus caros amigos, eu resolvi voltar porque se eu ficasse por lá eu ia acabar me acabando de tanta putaria. Foi um semestre e tanto...
- Ou então ia virar boiola, Fabio, a-há.
- Se é que ja não virou, Ricardo. Conta esta estória direito, Paulão.
- Vocês são foda, hé-hé – Paulo fez uma breve pausa para acender um cigarro – foi durante este tempo que eu adquiri este péssimo hábito também.
- Vício, Paulão, pois hábito é quando é uma coisa boa, a-há.
- É verdade... – Paulão expeliu a venenosa fumaça no ar.
- Bom, podia ter sido pior, gente, que cigarro eu já vi neguinho largar. Agora dar a bunda não tem volta não... a-há, a-há.
- Vocês são foda, hé-hé...

Enquanto Paulão continuava suas interessantes narrativas eu saí de fininho e fui pegar mais outro copo de combustível líquido. E foi aquele incidental impulso que colocou-me em rota de colisão com outras 2 pessoas que também viriam a ser grandes amigas minhas. E muito interessantes, tanto quanto ou ainda mais interessantes que o meu caro amigo Paulão.

Enquanto estava na fila do chope encontrei com Valmir, um amigo soteropolitano do segundo ano, atacante dos bons, que de imediato aproveitou a chance para apresentar-me à sua digníssima namorada, Letícia. Uma joseense acima da média, também atacante, que de imediato aproveitou a chance para apresentar-me à sua digníssima amiga, Claudinha, uma joseense bastante acima da média, e também atacante. Shruiu!!

A primeira coisa que ela me falou foi uma frase que eu iria escutar inúmeras vezes nos anos seguintes:

- Eu vi você tocando no Encontro Musical...
- Foi mesmo!?
- Você toca tão bem, Celso – ela fulminou-me com o seu esmeraldo olhar.
- Exagero seu, Claudinha...
- Eu também acho – Letícia corroborou a apinião da amiga.

Nós enveredamos por uma desprentensiosa conversação musical, regada a leves doses de chope, e em pouco tempo descobrimos que compartilhávamos alguns interesses. Coisa que inesperadamente guiou nossa prosa a um (potencial) estado de energia mais elevada.

- A gente vai ver uns vídeos lá em casa, você gostaria de ir também, Celso? – Claudinha acompanhou a indagação com outro fulminante olhar e um quase tímido sorriso.

Eu fiz uma rápida consulta visual ao meu incentivador amigo e aceitei a proposta da menina. Saímos andando pela multidão, e enquanto elas trocavam algumas discretas idéias eu resolvi investigar o assunto com um maior grau de detalhamento.

- Meu irmão, tu tens certeza que não é roubada? Vai que essa menina gosta de Creed, ou Nickelback, ou algo ainda pior, feito Bon Jovi!?
- Não, meu rei, Claudinha curte som, você vai ver. Ou melhor, ver e ouvir.
- Eu espero que sim...

A primeira coisa que eu vi foi Claudinha e Letícia parando junto a um grupo de enebriados coroas, e antes que eu pudesse desviar meu desapontado olhar um deles logo acenou para mim, requisitou minha presença e me fez ouvir uma coisa que eu não estava esperando:

- Ô bicho, vem cá, aonde é que você pensa que vai com a minha filha??

Antes que eu pudesse pensar numa resposta satisfatória Claudinha tentou me tranqüilizar:

- Ligue não, Celso, meu pai é brincalhão mesmo. A gente vai ver uns vídeos lá em casa, pai.

"Era só o que faltava", eu pensei comigo mesmo, "o pai da menina é iteano". Eu fiz a minha já conhecida cara de bicho assustado e cumprimentei todos. Valmir fez o mesmo.

Para minha sorte, ou não, a mãe da menina me reconheceu:

- Eu vi você tocando no Encontro Musical. Eu não entendo nada daquelas músicas que vocês tocaram, viu, mas a Claudinha disse que estava igualzinho ao... como é mesmo o nome daquele conjunto, minha filha?
- Pearl Jam, mãe...
- Isso, a Claudinha falou que foi o máximo.
- Muito obrigado, agora eu já sei de onde a Claudinha herdou tanta gentileza.

A mãe dela sorriu da minha sutileza, o pai e os amigos ficaram fazendo ruídos desagradáveis.

- Ô bicho puxador de saco... – o pai finalmente comentou – vai ser milico?
- Não, não – eu me apressei a responder, mas logo resolvi dar uma explicação mais detalhada, pois pensei que alguns deles poderiam ser oficiais da FAB, e eu não queria ofender ninguém – nada contra, é falta de vocação mesmo.

Claudinha deu sinais de que já estava cansando daquela ladainha, mas o coroa fez questão de pentelhar mais um pouco:

- Bom, antes de sair daqui com a minha querida filhinha você vai ter que me responder 3 questões... 2, aliás, pois a primeira você já respondeu, satisfatoriamente, eu diria.
- Com o maior prazer – eu fiz a minha já conhecida cara de bicho curioso.
- Qual é o apê que você mora? – o véio fez uma cara séria, mas eu sabia que ele estava me sacaneando.
- 228 – eu respondi firme.
- 228... – ele fez uma expressão de que estava se esforçando para memorizar aquela informação – muito bem, muito bem. E agora a última pergunta, a decisiva: vai fazer AER?
- Eu ainda não sei, talvez sim, talvez não, talvez talvez...
- Hum, outro bicho que não sabe o que quer, vai acabar fazendo MEC... – ele balançou a cabeça negativamente, começou a murmurar sozinho – deixa eu ver como o bicho se saiu: 2/3 = 66,67%, R-, passou raspando, bicho. Tchau, e vê se no ano que vem, se você ainda estiver estudando no ITA, toca alguma coisa do Led Zeppelin, ou Deep Purple, no Encontro Musical.
- Tá bom.

Eu sorri satisfeito e comecei o meu deslocamento horizontal, mas antes que eu pudesse afastar-me 1 m o nobre veterano segurou o meu braço e sussurrou-me uma sutililíssima advertência:

- Se comer a minha filha eu vou lá no H8 e te arranco o pinto fora... qual é mesmo o teu apê, bicho, 218?
- Isso, 218, o meu quarto é o da esquerda – eu sorri cinicamente após o susto inicial – aproveita e arranca os pintos dos meus colegas de apê também.

Nós finalmente saímos daquela arapuca, Valmir de braços dados com Letícia e eu caminhando ao lado de Claudinha.

- O que foi que o meu pai falou, Celso?
- Baboseira de iteano...

Cerca de 10 min depois chegamos à sua residência. Eu discretamente olhei o nome que constava na placa defronte à casa e memorizei aquele detalhe, pois poderia vir a ser útil num futuro não muito distante.

Entramos, Claudinha fez sinal para sentarmos no sofá e indagou-me, curiosa:

- Você gosta de Stone Temple Pilots, Celso?
- Minha banda predileta...
- A minha também...

Ela iniciou a sessão com “Big bang baby”, mas eu nem prestei atenção ao clip, pois as 2 fizeram questão de executar uma deliciosa coreografia. Visivelmente ensaiada aos mínimos detalhes, mas nem por causa disso menos deliciosa. Não demorou muito e eu comecei a acreditar que os caras do 218 iriam ter uma desagradável visita muito em breve. Shruiu!!

Obviamente que eu aproveitei a inesperada ocasião para fazer uma análise visual da sua agrádavel topografia. Da Claudinha, naturalmente, que não seria adequado ficar secando a namorada de um amigo meu. Pelo menos enquanto ele estivesse presente.

Pensando bem eu acho que eu dei 1 ou 2 breves olhadelas para Letícia, pois eu achei que seria uma tremenda indelicadeza se eu não apreciasse, pelo menos superficialmente, os movimentos que ela estava tão elegantemente executando... pensando melhor eu acho que foram 3 ou 4 (não tão) breves olhadas...

É claro que eu fiz uma análise semi-minuciosa de Letícia, e é claro que Valmir também fez uma análise semi-minuciosa de Claudinha, e é ainda mais claro que ambos tivemos os mesmos inenarráveis pensamentos enquanto fazíamos tais indescritíveis análises. E obviamente que é claro que elas 2 sabiam de tudo o que se passava no interior dos nossos criativos cérebros, mas nada disso vem ao caso.

O que importa mesmo é que aquela inesperada ocasião foi uma oportunidade única para analisar todos os visíveis detalhes dela, Claudinha, sem dar na cara que eu estava secando-a descancaradamente. E a tarefa foi bastante fácil, dado que a fração da sua superfície corporal coberta pelo minúsculo shortinho jeans e (ainda mais) minúsculo top verde que ela trajava não chegava nem a 10%. Segundo minhas conservadoras estimativas, naturalmente, pois obviamente que naquele momento eu (infelizmente) não pude fazer nenhuma medição.

Aquele espetáculo áudio-visual estava causando uma elevada ansiedade nos meus outros sentidos, mas eu fiz um esforço monumental e consegui mantê-los sob controle. Pelo menos até o momento em que o clip acabou e Claudinha sentou-se ao meu lado, ainda ofegante e sorridente. Eu tremi todinho quando ela lançou-me outro olhar fulminante e fez-me outra sugestiva perguntinha de (potencial) estado de energia mais elevada:

- E aí, Celso?

Eu virei a cabeça 90 graus à esquerda e tentei buscar a ajuda do meu cúmplice amigo, mas logo percebi que ele estava bastante ocupado, então desfiz rapidamente o movimento e improvisei uma saída pela direita:

- Esta é a música deles que eu mais gosto.
- A que eu mais gosto é “Creep” – ela lançou-me ainda outro olhar fulminante e fez-me ainda outra sugestiva perguntinha de (potencial) estado de energia ainda mais elevada – O que é que você quer ver agora?

Aquela menina obviamente estava querendo me deixar (ainda mais) alucinado, mas eu dei uma de leso e fingi que não estava nem ligando:

- Hum, deixa eu pensar...

Eu novamente virei a cabeça 90 graus à esquerda, olhei para o meu ainda bastante ocupado amigo, virei a cabeça 90 graus à direita, olhei para a minha ainda alucinante (futura) amiga

e cheguei à conclusão de que estava na hora de chutar o pau da barraca. Elegantemente, é claro.

- Eu não sei, Claudinha, depois deste show que vocês deram... – eu fiz uma calculada pausa e percebi que sua reação estava positiva até aquele momento, então continuei – melhor que isso só um "strip".
- Há-há-há-há-há... – ela me presenteou uma pequena dose do seu saudável bom-humor.

Interessante como os amigos às vezes só se pronunciam no momento mais incoveniente, e foi exatamente isto que Valmir fez naquele exato momento:

- Êpa, essa eu quero ver também.

Mas eu cortei no ato:

- Fica na tua aí, rapá.

Letícia rapidamente desviou a atenção do meu amigo, e eu rapidamente retornei minha atenção à sua amiga:

- E aí, Claudia? – eu levantei minhas curiosas sobrancelhas.
- Eu tava falando dos vídeos, Celso – ela rebateu, ainda sorridente.
- Claro, claro... – eu concordei, conformado – que tal "Creep"?
- Ótima pedida!

Ela acionou os necessários comandos no controle remoto e em poucos segundos o clip começou. E eu recomecei o meu papo leso:

- Esta foi a primeira música do STP que eu aprendi a tocar no violão.
- Foi mesmo?
- Hum-hum...
- E como é que se toca?
- É assim, ó – eu puxei seu braço esquerdo de leve e simulei a seqüência inicial – começa em C, depois Bm7, depois Em. O primeiro verso é todo assim, depois vem G, Am, Em, repete 1 vez...

Ela ficou me olhando com uma indescritível expressão, a qual, mesmo sem querer, me fez perder a concentração.

- O que foi!?
- Nada, Celso – ela olhou para as minhas mãos, que ainda repousavam sobre o seu braço – suas mãos são tão macias, eu fiquei toda arrepiada.
- Ah, sei... – foi tudo o que eu consegui balbuciar no momento.

Meu aguçado tato, no entanto, conseguiu melhor expressar as peculiares emoções que eu estava sentindo naquele crucial instante. Meus macios dedos percorrram a pequena

distância até a sua macia face e causaram-lhe mais um pouco de vibrações superficiais, e em poucos instantes Claudinha e eu estávamos expressando um monte de emoções que seriam quase inexpressáveis por meio de meras palavras.

Todo mundo sabe que beijar de olhos abertos é uma tremenda desconsideração com a(s) outra(s) pessoa(s) que se está beijando, mas na hora foi a única opção que eu tive para fazer outra discreta (segunda, e mais detalhada) análise da topografia da tal pessoa. Minha conclusão foi imediata: até aonde eu conseguia ver estava tudo conforme os meus (já não tão) exigentes padrões.

O clip acabou, mas nós continuamos nossa deliciosa troca de fluidos salivares. Eu tomei um leve susto quando reconheci os primeiros acordes do clip seguinte, pois aquela era a música que Regininha chamava de "nossa música", e naturalmente que minha memória de longo prazo provocou uma ligeira descarga de adrenalina no meu (ainda facilmente) abalável (e ainda cheio) estômago.

Naturalmente que tal descarga me fez tremer todinho mais 1 vez, e naturalmente que, devido a não desprezível área de contato entre nossos corpos, Claudinha sentiu as tais inesperadas vibrações, e de imediato reagiu a elas:

- O que foi, Celso?!
- Nada, Claudia – eu olhei para as suas mãos, que ainda repousavam sobre o meu braço – suas mãos são tão macias, eu fiquei todo arrepiado.
- Há-há-há-há-há... – ela me presenteou outra pequena dose do seu saudável bom-humor.

Eu aproveitei a chance para continuar a minha leve exploração sobre seus contornos faciais. Seu narizinho arrebitado também me fazia lembrar de Regininha, mas, para alívio meu, aquela segunda inoportuna lembrança não teve nenhuma perceptível repercussão exterior.

Claudinha parou de rir, e ficou me olhando intensamente enquanto acariciava os pelinhos do meu braço. Eu pensei em dizer algo sobre a linda tonalidade dos seus olhos, algo sobre a singularidade daquela transição do âmbar no di para o verde no De, ou do agradável contraste que seus cabelos negros davam ao cobrir seu rosto, mas deduzi que ela provavelmente havia ouvido semelhantes comentários uma tuia de vezes, e resolvi atacar com algo um pouco menos óbvio:

- Você tem um perfil tão bonito... eu me amarrei nesse narizinho arrebitado.
- Obrigada...

Iniciamos outra agradável sessão de expressão de emoções, após a qual eu fui introduzido a uma interessante brincadeira de roda, até então desconhecida para mim: tempestade cerebral.

- "Brainstorming"?? O que é isso?
- É uma metodologia empregada na resolução de problemas complexos, na qual os participantes listam, de maneira organizada, todas as possíveis variáveis que cada

um acha que podem ser importantes para o problema – nossa querida anfitriã explicou – Entendeu?

- Sim, mas, neste caso, qual é o problema a ser resolvido?
- Nenhum, Valmir, é só pra se divertir – Claudinha continuou – Por exemplo: qual é o melhor vídeo do STP? Eu acho que é “Creep”. Celso?
- Eu achava que era “Wicked garden”, mas agora é “Big bang baby”, com certeza.
- Há-há-há-há-há... – ela me presenteou mais outra pequena dose do seu saudável bom-humor – Agora é a tua vez, Valmir.
- Deixa eu ver… “Vasoline”.
- Qual versão, velho?
- Eu só conheço 1, Celso, tem mais?
- Eu já vi 3.
- Não, gente, nesta fase a gente só lista as diferentes opções, não tem discussão, nem crítica, entendeu? – Claudinha mais outra vez fez necessários esclarecimentos.
- Entendi, professora. Entendeu, Celso?
- Entendi… aonde foi que tu aprendeste isso, Claudinha?
- Com o meu pai.
- O teu pai trabalha no IAE? – Valmir questionou.
- Não, no IEAv.
- Ssssss – Valmir e eu exclamamos em uníssono.
- E o que é que ele faz lá? – eu indaguei depois do riso coletivo.
- Eu não sei, minha mãe também não sabe, ele não fala nada do trabalho pra ninguém.
- Hum, será que ele trabalha no projeto da bomba-B?
- Bomba-B?! O que é isso, Valmir? – Letícia perguntou, ligeiramente assustada.
- A bomba brasileira, hé-hé.
- Sei lá... vamos continuar? Melhor vídeo do STP?
- Vamos: “Vasoline”, versão 1. Pronto. Vai, Letícia.
- Hum... “Down”. E agora, Claudinha?
- Bom, agora a gente teria que iniciar outra rodada, até acabarem todas as possibilidades, ou seja, todos os vídeos do STP. E depois a gente ia escolher os 3 melhores, ou os 5 melhores. Mas para não cair na monotonia a gente pode variar um pouco... por exemplo, Letícia pode sugerir outro tópico.
- Hum… Melhor vídeo do Green Day: “Redundant”.
- “Hitchin’ a ride”. Celso?
- “Longview”. Valmir?
- “Basket case”. Melhor vídeo dos Chilli Peppers: “Suck my kiss”.
- “Californication”.
- “Higher ground”.
- “Breaking the girl”. Melhor vídeo do Nirvana: “Lithium”.
- “Come as you are”.
- “In bloom”, versão 2.
- “Heart shaped box”. Melhor vídeo do Alice: “No excuses”.
- “I stay away”.
- “Them bones”.
- “We die young”. Melhor vídeo do Smashing Pumpkins: “Siva”.
- “Today”.
- “Tonight tonight”.

- “1979”. Melhor vídeo do Soundgarden: “Pretty noose”.
- “Burden in my hand”.
- “The day I tried to live”.
- “Blow up the outside world”. Melhor vídeo do Sonic Youth: “100%”.
- “Dirty boots”.
- “Bull in the heather”.
- “Little trouble girl”. Melhor vídeo do Concrete Blonde: “Heal it up”.
- “God is a bullet”.
- “Dance along the edge”.
- “Still in Holywood”. Melhor música do Led: “Misty mountain hop”.
- “Friends”.
- “In the light”.
- “Achilles last stand”. Melhor música do Pink Floyd: “Time”.
- “Pigs”.
- “Shine on you crazy diamond”.
- “The thin ice”. Melhor música do Deep Purple: “Strange kind of woman”.
- “Highway star”.
- “Lazy”.
- “Burn”. Melhor música do Yes: “South side of the sky”
- “Close to the edge”.
- “Perpetual change”.
- “Turn of the century”.

Aquela brincadeirinha continuou por mais uns 5 min, e depois resolvemos revisitar a brincadeira anterior, que para o meu criativo cérebro parecia ser bem mais interessante.

Mas enquanto o lado esquerdo do meu cérebro se deliciava com mais outra sessão de impulsos bioquímicos e fluxos salivares, o lado direito tentava fazer outra desnecessária análise sobre os atributos de Claudinha: ela curtia altos sons, sua banda de rock predileta era a mesma que a minha, sua cor predileta era a mesma que a minha... Claudinha era quase tão bonita quanto Regininha, quase tão espirituosa quanto Carolina, quase tão zen quanto Maria Luiza... a conclusão existia e era única: Claudinha era quase perfeita!

Aquele raciocínio devia de ter alguma falha absurda; como seria possível que eu estivesse apertando uma menina quase perfeita?? Aquela menina devia de ter algum defeito muito brabo, cavernoso mesmo, e eu tinha que descobrir o que era antes que... antes que o pai dela voltasse do churrasco.

Mas o tempo escoou tão agradável quanto rapidamente e eu não consegui realizar o meu intento. Lá pelas 5:30 Valmir e Letícia se mandaram, e eu fiquei fazendo companhia para Claudinha até que os pais dela voltassem para casa, o que aconteceu por volta das 6:00. Tão logo eles entraram em casa eu fiz menção de levantar-me e ir embora, mas o pai dela não me deixou sair:

- Tá cedo, Celso, senta aí, vamos tomar 1, ou 2.
- Tá bom – aquela idéia não estava me parecendo nada boa, o distinto cidadão soou muito amigável demais pro meu gosto, até me chamou pelo nome, mas na hora eu

achei melhor aceitar seu convite, mesmo porque Claudinha me lançou um discreto e positivo olhar.

A mãe dela dirigiu-se à cozinha para pegar as biras, não sem antes fazer um sinal requisitando a companhia da filha, que por sua vez deixou o recinto com um singular comentário:

- Celso estava me perguntando o que você faz no IEAv, pai.

Ele olhou para a minha cara, esperou que as damas saíssem da sala e confessou:

- Eu faço pesquisas com lasers…
- Que tipo de pesquisa, Major Artur? – eu resolvi investigar um pouco mais.
- Bom, eu trabalho com várias linhas de pesquisa, as 2 principais são...

Antes que as geladas estivessem postas sobre a mesinha de centro o meu surpreendente veterano completou a superficial descrição das suas misteriosas atividades professionais. Nada mais que uma curta série de meias palavras, que para mim mais que bastaram para fazer-me entender os motivos pelos quais ele fazia tanto sigilo sobre as supra citadas misteriosas atividades.

Aquele pacato cidadão lidava com coisas que 99,9999% da população, inclusive sua própria família, nem imaginava que existiam. Eu não sei como ele deduziu que eu iria acreditar naquela mirabolante tertúlia, mas ele acertou em cheio.

- Você está gostando do ITA, Celso?
- Estou gostando muito, D. Carla.
- O primeiro ano é o mais fácil, é tudo novidade, a gente fica todo empolgado porque está estudando no ITA... – o Major franziu a testa – depois é que a porca torce o rabo.
- Não assusta o menino, Artur.
- Eu não estou assustando ninguém, Carla, mas nem tudo são rosas... como em tudo na vida, Celso.
- É, eu sei que não... – eu concordei com a profunda observação do meu anfitrião.
- Mas vale a pena, vale a pena – o Major continuou, depois de tomar um moderado gole da bira – e passa logo, você vai ver. Num instante você está formado, depois começa a trabalhar, depois casa, tem filhos, ou filhas... um belo dia você passa dos 40, vai pro Sábado das Origens e percebe que alguns dos seus melhores amigos não estão mais vivos, os colegas de turma te relembram que a festa de 20 anos de formatura vai ser no ano seguinte...

Ele fez outra pausa, um pouco mais longa, olhou para todos os presentes e continuou a expressar os seus pensamentos:

- E quando você volta pra casa dá de cara com um bicho fedorento, abraçado com a sua filha no sofá da sala, assistindo uns vídeos de uns conjuntos de rock que você nem consegue pronunciar o nome direito.

- Há-há-há, essa foi boa, pai.

Todos rimos do humorado comentário do Major, e depois ele continuou:

- E o pior não é isso, meu caro Celso.
- Não!?
- Essa é ótima, há-há – D. Carla riu por antecipação.
- Não, o pior é que além de estar abraçado com a tua filha o bicho fedorento tá bebendo da tua cerveja. **Isso** é que é o pior.

Novamente rimos do (ainda mais) humorado comentário do Major, e depois ele continuou:

- Você sabe qual é a coisa mais importante que a gente leva do ITA, Celso?
- O diploma?!
- Não! O diploma é importante, mas não é o mais importante.
- Conhecimento!? – eu arrisquei movamente.
- Também é importante, mas mais importante mesmo são os amigos que a gente faz na escola, Celso. Os colegas de turma, os colegas de apê, os amigos do H8, estas são as pessoas com quem você pode contar nos momentos difícies, estas são as pessoas em que você pode realmente confiar. É como se elas fossem parte da tua família, entende?
- Eu acho que sim – eu respondi, pensativo.

Claudinha aproveitou que o seu genitoor estava inspirado e fez uma requisição especial:

- Conta umas estórias dos tempos do ITA, pai.
- Estórias dos tempos do ITA? Deixa ver se eu lembro de alguma...

Para nosso deleite ele lembrava de várias, e nossa agradável confraternização extendeu-se noite adentro. Eram mais de 10:30 quando eu dei meu derradeiro beijo em Claudinha, logo após prometer-lhe que tocaria "What is and what should never be" e "Interstate love song" no Encontro Musical do ano seguinte. Mal sabia eu que nem ela nem o seu simpático genitor estariam presentes no grandioso evento.

Cheguei de volta ao 228 feliz da vida por ter descoberto que São José possuía outros encantos além das deliciosas pizzas e da Rodovia dos Tamoios, e que alguns deles estavam bem ali no CTA. Encontrei meus colegas de apê em animada conversa com Adriano, Marcoleu e Paulão.

- E nós, Ricardo, o que é que nós faremos?? – Paulão questionou o nosso esperto amigo assim que entrei no sarcófago.
- Porra, tem tanta coisa a ser feita neste país, Paulão, tanta infra-estrutura a ser desenvolvida. Nós seremos a geração que irá levar a modernidade aos confins da nação! É isso que faremos.
- Muito bom, muito bom mesmo – Marcoleu comentou com uma cara de quem não havia concordado, e aproveitou a minha chegada para mudar de assunto – e aí, Celso, o que foi que você aprendeu hoje, no SDO?

- Aprendi, mais 1 vez, ou melhor, mais 2 vezes, que não se deve julgar as pessoas pelas aparências, Lêu – respondi serenamente.
- Que bostejo profundo, Celso, o que foi que aconteceu cocê, sô?
- Deve ter conhecido algum macho bonito, a-há!
- Ficou com ciúme, esperteza?
- Claro, macho bonito por aqui basta eu, a-há.
- É muito leso mesmo... qual era o bostejo que tava rolando?
- Nós estávamos aqui analisando a extensa contribuição que os nossos queridos veteranos já deram para este país, Celso – Paulão explicou – veja a indústria aeronáutica, por exemplo...
- Que nós descobrimos hoje que nasceu de um sutil desvio...
- Não, Fabio, desvio de verbas não seria uma definição muito (politicamente) correta – Seno30 interveio – o que aconteceu realmente foi uma "realocação de volumosos recursos para um fim não anteriormente previsto".
- É claro, e graças à enorme visão estratégica que nossos antepassados tiveram – emendou Marcoleu – associada à não menos enorme capacitação tecnológica, adquirida aqui nesta mesma escola que hoje nós cursamos...
- Tá bom, chega – cortou Ricardo – outro exemplo, Celsão, tecnologia de informação! Tu sabias que o primeiro computador que entrou no país veio pro ITA?
- Foi mesmo!? – indaguei, surpreso – e como foi que chegou aqui, foi "realocação de recursos" também?
- Não, essa foi uma... – Ricardo não consegui definir a operação, então pediu arrego – Seno, me ajuda.
- Foi o seguinte, rapá, o que aconteceu foi uma "aquisição, transporte e instalação de equipamento de procedência não previamente prevista e de documentação de aprovação alternativa".
- Puta que o pariu, haja bostejo, sô!! – Adriano não se conteve com a criatividade do nosso inpirado colega.
- E tem mais, telecomunicações, sistema bancário...

Nossa animada e orgulhosa tertúlia continuou até altas horas da noite. Eu fui dormir pensando qual seria a nossa contribuição para o bom nome da escola, o que faríamos de bom para o progresso da humanidade, o que seríamos quando crescêssemos.

Descendo A Serra

O final do primeiro ano foi cheio de eventos marcantes. O primeiro foi bastante trágico. Eu estava chegando no apê depois do jantar, Ricardo e Fabio estavam conversando com uns caras do quinto ano, e pela cara deles deu pra notar que o assunto era muito sério. Eu não comentei nada, fiquei no meu quarto até eles saírem, e depois fui perguntar o que havia acontecido. Ricardo estava muito abalado, nem quis falar nada. Fabio me explicou que eles haviam acabado de receber uma notícia muito triste: 2 colegas deles do quinto ano tinham sofrido um acidente de carro na Dutra, fatal.

Um deles era muito amigo de Ricardo, os pais deles eram vizinhos. Eu não os conhecia pessoalmente, mas sabia quem eles eram, e que eram bons alunos, populares no ITA e no H8... falecidos a poucas semanas da formatura. Nos anos seguintes, devido a 2 distintas coincidências, eu iria conhecer os pais e a irmã daquele rapaz. Aquele acidente foi muito chocante pra mim, foi a foi a primeira vez que eu vi a morte passar pelo H8. Não seria a última, eu ainda iria perder outros colegas, mais próximos do que eles tinham sido, antes de acabar o curso.

O segundo evento marcante aconteceu num fim de semana em que Maria Luiza tinha ido pra Santos. Ela ainda estava bastante esquisita pro meu lado, e eu nem sabia mais o que estava acontecendo com a gente, eu só sabia mesmo do que não estava acontecendo.

O pessoal do quinto ano estava em permanente clima de festa, e um dos meus vizinhos do fundão do B, Maurício Yoshizawa, me convidou pra ir numa festinha duns amigos da turma dele, que moravam numa casa na cidade.

Eu não conhecia muita gente do quinto ano, mas fui assim mesmo. Maurício me falou que sempre rolava um som legal naquelas festas, o que era um motivo muito bom para eu ir.

A casa não era longe do CTA, fomos andando mesmo. Quando chegamos lá demos de cara com Pedrão, que estava na calçada, conversando com umas meninas. Maurício entrou com uma delas e eu fiquei conversando com Pedrão e as outras.

- Graaaande Celso – ele me deu um forte abraço – que bom que você veio. Vamos tomar alguma coisa.

Nós entramos, e enquanto Pedrão pegava umas biras eu dei uma sacada mais detalhada no ambiente. Devia ter umas 40 pessoas por lá. Tinha uns 2 ou 3 caras da minha turma, uns 3 ou 4 do quarto ano e o resto eu deduzi que eram do quinto ano. Eu não cheguei a calcular a relação número de mulheres/número de homens, mas tive a certeza de que era maior que 1. O que era impressionante para São José. E eu fiquei ainda mais impressionado quando percebi que a fração de barangas era relativamente baixa. Tinha até uma loura maravilhosa, de olhos azuis... que devia ser apaixonada por Ricardo, naturalmente.

Vi umas trocentas garrafas de cerveja, vodka, uísque, bira, cachaça, rum, vinho “y otras cositas más”. Nada que eu nunca tivesse visto ou provado antes, exceto uma coisa de gosto duvidoso chamada Genebra, que eu jurei pra mim mesmo que nunca mais ia tomar de novo.

O som estava de primeira: Chili Peppers, Jane's Addiction, Smashing Pumpkins, Led, STP, Soundgarden. Aqueles caras do quinto ano sabiam mesmo curtir a vida.

Enquanto tomávamos umas biras Pedrão foi me passando os bizus da festa.

- Celso, essas festinhas daqui são muito maneiras, mas você tem que se cuidar com 2 coisas.
- Que coisas, Pedrão?
- Uma delas é sacar a hora de parar de curtir a festa e ir embora – ele deu um risinho de malandro quando disse aquilo.
- Entendi, Pedrão. E a outra?
- A outra é não comentar nada no H8 no dia seguinte.

Aqueles bizus eram resultado de anos de experiência, e não demorou muito pra eu perceber que eles seriam muito valiosos.

Alguns caras do quinto ano vieram falar conosco, eu conhecia uns 2 ou 3 deles. Todos eles sabiam quem eu era. Os que não sabiam meu nome me chamavam carinhosamente de "bichão guitarrista". Eles sem dúvida estavam muito felizes por estar terminando o curso no ITA. Eu olhava pra eles com admiração, eles tinham conseguido realizar o sonho deles, e em breve estariam formados. Eu estava terminando o primeiro ano, e ainda tinha muito chão pela frente, muito chão mesmo.

Eu não bebi muito, mas em pouco tempo já estava pra lá de Tavarua, e comecei a achar que não devia ter misturado tanta coisa diferente. Eu nem imaginava que ainda iria misturar outras coisas ainda mais interessantes naquela noite.

- Celso, deixa eu te apresentar uma amiga minha, Fernanda, que viu a gente tocar no Encontro Musical – pelo jeito que Pedrão falou eu percebi que Renata não tinha sido a única a causar reações na platéia.
- Oi, Fernanda, tudo bem? – enquanto eu cumprimentava a garota meu amigo saiu de fininho, não sem antes fazer uma expressão de encorajamento.

Ela era razoavelmente bonitinha, não sei se por efeito do álcool ou não, e sorria o tempo todo. Fazia Odonto, devia fazer parte do currículo ficar mostrando aquele sorriso sensual. Ela me disse que sempre ia ao Encontro Musical, e que tinha adorado a nossa apresentação.

- Eu gostei do Show do Bicho também, mas você só tocou 2 músicas...
- É que a gente achou melhor não tomar muito tempo, tinha muita gente pra se apresentar – interessante, eu tinha uma fã desde o primeiro semestre e não sabia.

A conversa começou a tomar um rumo diferente, Fernanda sorria sem parar, não tirava os olhos dos meus. Minha cabeça girava a 1750 rpm, eu tentava lembrar onde estava, que dia era, porque que tava ouvindo "Kashmir" assim bem de longe... mas só conseguia me concentrar em 2 coisas: naquele olhar convidativo e naquele sorriso sensual.

- Você tem um sorriso muito massa... – foi tudo que eu consegui dizer antes de colar o meu no dela.

Outras partes da sua anatomia também eram muito massa. Eu notei assim que entramos num dos quartos da casa, que para nossa alegria estava desocupado. Minha cabeça ainda girava sem parar, mas pelo menos eu tinha uma noção do que estava acontecendo. Quer dizer, eu tive uma boa noção nos 5 min iniciais, o que aconteceu depois eu não lembro até hoje.

Minha última recordação daquela noite foi o retorno pro H8: Maurício, Pedrão, um outro cara do quinto ano e os outros caras da minha turma, caminhando na floresta de Sherwood. Todo mundo travado, rindo à toa, Maurício comentando como a festa tinha sido boa.

No dia seguinte eu acordei com a mesma roupa da noite anterior, um gosto de guarda-chuva na boca, a cabeça doendo, uma sede horrível. Eu sonhei que tinha conhecido uma menina linda, com um sorriso maravilhoso.

O pessoal do apê tava pegando um sol no Feijão, eu achei que o sol tava muito forte e não saí do 228. Tirei a roupa e fui tomar uma ducha. E foi naquele momento que eu percebi que minha camisa tava toda manchada de baton e que tinha um número de telefone anotado na minha roupa de baixo. Eu não fazia a mínima idéia de como aquele número tinha parado ali, procurei um nome, não achei. Revistei os bolsos da calça, nada. Eu pensei que aquilo devia ter sido uma brincadeira do pessoal do apê, ou então de Maurício. Joguei tudo na pilha de roupa suja e fui tomar meu banho.

Naquela noite, no jantar, Pedrão veio conferir se estava tudo bem comigo. Eu falei que tava legal, e ele logo mudou de assunto. E ninguém nunca mais comentou nada sobre aquela festa.

Quando Maria Luiza voltou de Santos ela quis saber o que eu havia feito durante o fim de semana. Eu improvisei:

- O de sempre, Lú. Fui pra aula, toquei com os meninos de tarde, fui comer pizza de noite. E você, o que fez?

Ela provavelmente havia ensaiado a resposta antes:

- Eu peguei uma praia no sábado de manhã e depois fui visitar a minha vó. Passei o domingo em casa.

Eu lembrava que tinha conhecido alguém na festa, mas não me recordava do rosto nem do nome dela. Eu achava que tinha rolado uns apertos, mas não tinha certeza, talvez tivesse sido um sonho mesmo. Achei melhor não comentar nada com Lú, pois se eu estava confuso com aquilo tudo ela com certeza ia ficar também. E se tinha uma coisa que eu queria evitar naquele final de ano era confusão. Em breve teríamos a formatura do CPORAER, os exames, as férias. Aquele ano tinha sido muito longo, e eu estava precisando mesmo de umas longas férias.

- Sabe o que a gente podia fazer depois dos exames, Celso?
- Ir pra casa!?
- Antes disso – ela explicou – a gente podia descer a serra em Caraguá e viajar pelo litoral, até Santos. Tem umas praias muito bonitas, você podia pegar umas ondas...
- Boa idéia, mas eu tenho que voltar pra casa antes do Natal.
- Você podia passar o Natal comigo...
- Eu acho que não vai dar, Lú. Eu nunca passei um Natal fora de casa, e depois de tanto tempo longe minha mãe ia ficar muito irada se eu não estivesse em casa no Natal, tá ligada?
- É verdade... seus pais vêm pra formatura do CPORAER?
- Vêm sim, meu irmão vem também. E daqui eles vão pro Rio, visitar uns parentes.
- Você vai me apresentar pra sua mãe?
- Claro que sim... – eu aproveitei que ela estava de bom humor e resolvi tocar num assunto mais delicado – Lú, deixa eu te perguntar uma coisa...
- O que é?
- Por que você ficou diferente, meio esquisita, depois da semaninha? O que foi que aconteceu contigo naquela semana, Lú?
- Ah... – ela tentou disfarçar a surpresa e tentou sair pela tangente – lembra aquele negócio que a gente conversou naquele dia?
- Que negócio? Que dia?
- Naquele dia que a gente furunfou, Celso.
- A gente conversou um monte de coisa naquele dia, Lú. Você poderia ser um pouquinho mais específica?
- Lembra que você me disse que no dia que a gente se conheceu, quando a gente tava conversando lá no Mosca, você ficou com uma impressão de que me conhecia de algum outro lugar, de alguma outra época?
- Lembro, e você me disse a mesma coisa.
- Isso... então, quando eu tava em casa, na semaninha, eu comentei isso com a minha mãe.
- E...?
- Ela ficou um pouco preocupada, achou melhor fazer uma consulta...
- Consulta!? Tua mãe te levou ao psiquiatra, por acaso?
- Olha, não vai rir das minhas convicções, Celso, eu não rio das tuas.
- Claro que não, Lú. E o que foi que o “consultor” falou?
- Uma coisa que me deixou... como é que se diz...?
- Regulona!?
- Também, mas o que eu queria dizer mesmo era... qual é aquela palavrinha que você gosta de me chamar, quando você diz “deixe de ser...”?
- Cabulosa?
- Não, a outra.
- Aperriada.
- Isso, o que ele falou me deixou aperriada, Celso.
- Sei... e você vai me contar o que foi?
- Vou, Celso, mas primeiro eu vou te adiantar que eu mesma não sei bem qual é o significado do que me foi dito.
- Não!?

- Não, ele foi um pouco vago, Celso, mas a mensagem que ele quis passar foi que a gente realmente se conhece de outros lugares, de outras épocas, no plural mesmo.
- Hum...
- E que o fato de nós 2 termos compartilhado a mesma impressão demonstra que essa coisa da gente é muito forte, entende?
- Sim, e supondo por absurdo que isto seja verdade mesmo então isto significaria que nós fomos mesmo feitos um para o outro!?
- Não necessariamente, Celso... esta parte nós vamos ter que descobrir por nós mesmos.
- Sei... e é por isso que você está...!?
- É por isso que eu tenho pensado muito neste assunto, meditado bastante, me questionado se o que eu sinto por você seria uma coisa realmente necessária para o meu progresso moral e intelectual... essas coisas.
- Esse papo tá tão cabeuça, Lú, tu és tão zen.
- Eu nem sei porque eu lhe conto essas coisas, Celso, você não acredita numa palavra do que eu digo.
- Faria alguma diferença se eu acreditasse?
- Claro que sim... enfim...
- Maria Luiza, me escute que eu vou falar sério agora. Eu tava pensando que você tinha arrumado um namoradinho, ou namoradinha, durante a semaninha. Mas agora que eu sei que não foi o caso...
- Tu só pensa besteira, Celso.
- Tá bom... então que dizer que não vai mais rolar nenhum jabinha? Foi isso que você descobriu nas meditações?
- Tá vendo?! Era exatamente disto que eu estava falando...
- Isso não é besteira não, Lú. Você mesma disse que é uma coisa muito importante.
- Mais do que você imagina, Celso... eu não sei, quem sabe rola algo desta natureza durante a nossa "surfing trip".
- Eu espero que sim...

A formatura do CPORAER foi outro grande evento pra mim, não porque eu apreciasse aquele tipo de coisa, mas porque significava que eu nunca mais ia ter que cortar o cabelo de novo. E nem usar farda, e nem marchar. Nunca mais!!!

E nunca mais eu iria ter que aturar alguém me perguntando se eu havia guardado a camisa dentro da garrafa, ou associando meu nome à quarta parte dum boletim qualquer nas manhãs de segunda-feira. Nunca mais!!!

Minha mãe, para surpresa minha, gostou muito de Maria Luiza, e nem ficou muito enciumada quando eu falei que nós iríamos viajar juntos depois dos exames. Meu pai e meu irmão também gostaram dela, o que não foi surpresa nenhuma.

Os exames foram puxados, eu meti um gagá nojento, passei dias sem ver nem falar com Maria Luiza, mas valeu a pena. Eu me saí bem em todas as matérias. Ela também, e nós pegamos a estrada no dia seguinte à formatura da turma de Maurício.

A primeira parada foi em Maresias. As ondas estavam pequenas, ~1m, mas pra quem tava sem surfar desde a semaninha aquilo era um paraíso. Eu queria cair na água de imediato, mas ela queria fazer outra coisa.

Eu não sei se foi o efeito da pressa, ou do atraso, mas o resultado foi que a roupa de mergulho estourou, e nós só percebemos aquele importante detalhe depois que já era tarde demais. Ela ficou agitada, começou a fazer conta, e eu comecei a achar que aquela “surfing trip” ia virar uma “bad trip” rapidinho.

- Você não tá usando nada?!? – era óbvio que não, mas eu perguntei só pra confirmar.
- Não!! – ela começou a fazer conta de novo.
- Você tava confiando só nisso aqui?!!
- Agora é que você vem se preocupar com isso??? Por que você não me perguntou isso antes??

Eu nunca tinha visto Maria Luiza daquele jeito, e achei melhor dar um tempo para ela se acalmar um pouco. Fui pegar umas ondas, talvez ela conseguisse fazer as contas direito e chegar à conclusão de que não havia motivo para preocupações.

Quando eu saí do mar ela estava tomando sol. Eu sentei ao seu lado, segurei suas mãos e fiquei olhando para as lágrimas que começaram a rolar pelo seu rosto. Eu tentei manter a calma, mas já estava prevendo que os próximos dias não iam ser muito fáceis.

- Você tem certeza?
- A probabilidade é alta. O meu período fértil acaba amanhã.

Nós seguimos o passeio conforme planejado, e tentamos controlar a paranóia na medida do possível. Mas eu sabia que as coisas entre nós nunca mais seriam as mesmas, mesmo se aquilo tudo fosse apenas um susto.

Na semana seguinte chegamos em Santos. Eu fui pegar umas ondas no final da tarde, o mar estava bom, mas a ansiedade estava alta demais. Eu ia viajar no dia seguinte, mas não queria ir com aquela dúvida na cabeça. Nós ficamos na praia até escurecer, não falávamos nada, eu apenas acariciava suas pernas, talvez pela última vez.

Ela foi me deixar em Sampa, era véspera de Natal. Nós não conversamos muito, ela falou que ainda não tinha nenhuma novidade, mas assim que tivesse ia me ligar ou mandar uma mensagem.

Abraçamo-nos fortemente, as lágrimas escorriam pelos nossos rostos. As pessoas que passavam ficavam comovidas com aquele casal de jovens apaixonados, achando que estavam tristes porque iam passar as festas de fim de ano separados um do outro. Ah se elas soubessem...

Sincero

Outro ano começava. Um ano que seria diferente, muito diferente, dos anteriores. Maria Luiza não estaria mais no H8, e eu já sentia sua falta, apesar de tudo. Sentia falta dos nossos deliciosos jantares no H15, das nossas longas conversas, dos amassos no laguinho do IAE, das nossas briguinhas tolas. Nada disso iria acontecer naquele ano, eu nem mesmo sabia quando iria vê-la novamente, mas havia decidido que não iria me abalar com aquilo.

Da mesma forma que havia decidido não me abalar com a reação de Carolina. Ela havia ficado muito triste, eu achei que ela estava mesmo decepcionada comigo. Mas eu acreditava que tinha feito a coisa certa quando falei que ela devia seguir o caminho dela e eu devia seguir o meu. Foi difícil ter que dizer aquilo na véspera do ano novo, e foi ainda mais difícil passar as férias todas sem desfrutar da sua companhia. Mas eu estava seguindo a sua receita, ela sempre dizia que as decisões de ano novo deviam ser cumpridas a todo custo.

Ricardo também não estaria lá, ele havia decidido ficar no Rio. Eu senti a diferença quando entrei no apê e percebi que Paulão já estava devidamente instalado no lugar que tinha sido de Ricardo. Paulo era um bom amigo, passava muito tempo conosco, e eu tinha certeza de que iríamos conviver muito bem. Ele era quase tão "esperto" quanto Ricardo, a diferença era que ele não tinha nenhuma preferência por louras maravilhosas. Fabio também estava lá, ficamos conversando sobre as férias. Ele me pareceu mais maduro, aquele tempo que ele havia passado na Europa havia sido muito bom para ele. Eu também estava mais maduro, e havia decidido que não iria cometer os mesmos erros do ano anterior.

Valter, Alfredelho e Marcoleu também não estariam mais no H8, e eu sabia que iria sentir a falta deles também. Lulu e CIB estariam em SJK, e eu estava feliz por isso. Luca também estaria na área, o que significava que aquela viadagem de balé clássico e sapateado ainda ia continuar, pelo menos até ele terminar o mestrado e se mandar pro doutorado na França, onde com certeza iria desmunhecar de vez.

No final do ano anterior Chico havia me perguntado se ele poderia ir morar conosco. A barra no apê dele estava um tanto quanto pesada, e eu sabia disso, pois costumava freqüentar o lugar. Eu nunca iria conseguir morar lá, muita briga pro meu gosto, e muita fumaça também. Ele achou que já estava na hora de ir para um lar mais tranqüilo, tava com receio que não conseguiria terminar o quarto ano se não mudasse de ambiente. Fabio e Paulo concordaram, e Chico começou o ano novo conosco. Eu tinha certeza que ele iria adaptar-se rapidamente, apesar dele achar o ambiente muito "esperto" pro seu gosto. Por outro lado a sua presença iria elevar bastante o grau de cinismo do apê, além de deslocar o CG para a esquerda. E eu estava gostando da idéia de ter alguém da minha turma morando conosco, alguém que estivesse lá no ano seguinte.

Claro que eu tinha um certo receio, afinal de contas eu havia tido uma quantidade não desprezível de fracassadas experiências de convivência nos anos anteriores. Minha maior preocupação, no entanto, era que Chico havia desenvolvido uma certa tendência a ciclos depressivos, mas eu acreditava que nós iríamos conseguir mantê-los sob controle. Ficamos os 4 no 228, papeando, e no dia seguinte fomos todos juntos para a aula inaugural.

Cristina sentou ao meu lado, ela estava animadíssima com o início do ano letivo. Nossa amizade havia crescido bastante no ano anterior, eu sabia que podia contar com ela pra tudo, ela era a minha melhor amiga. Amiga mesmo, dessas que a gente nem pensa em azarar. Quer dizer, pensar eu havia pensado, mais de 1 vez. Mas eu sabia que erotizar a nossa amizade não ia ser uma boa idéia, e nunca cogitei passar da fase do pensamento.

Mesmo porque Cristina era meio de lua, tinha dia que ela passava e nem falava comigo, parecia que nem tinha me visto. E também porque ela havia morado com Maria Luiza, ou seja, ela sabia de todos os meus podres. Todos que eu sabia e de mais alguns que nem eu mesmo sabia que existiam.

O bizu da aula inaugural era sentar lá no fundão, e só acordar quando começarem a bater palmas. Era o que eu havia feito nos anos anteriores, mas naquele ano fiz diferente. Enquanto o nosso palestrante palestrava eu fazia fazia rolinhos com os cachinhos que caíam sob meus ombros e pensava nas coisas que iam acontecer naquele ano: Instrumentação, Controle, Vibrações, Ele-18, CV, meu trabalho extra-curricular como Diretor do Departamento Cultural e representante de turma no DOO. O CASD estava praticamente nas mãos da nossa turma, Eduardo era o presidente, nós havíamos montado uma boa equipe. Mas eu estava começando a achar que era muita coisa acontecendo no mesmo ano. No ano que seria o mais difícil do ITA: o quarto ano.

A minha turma havia sofrido umas perdas no terceiro ano. Adriano decidiu trancar no final do primeiro semestre, ninguém entendeu porque, mas eu sabia que ele teve bons motivos. Eu sabia porque ele me havia dito. Nós estudávamos juntos o tempo todo, saíamos juntos, ele era um grande amigo, apesar de ter dado uma de beque num lance com Ana Paula. Miguel trancou no segundo semestre, e outros 2 colegas da MEC foram desligados. Um deles era meu amigo de fé, meu irmão, camarada, sumariamente desligado por causa de um regulamento antiquado e ilógico. Um amigo da ELE também resolveu trancar, ninguém nunca descobriu porque, ele tava bem de notas, não estava pendurado em faltas nem nada. Nas outras turmas todos sobreviveram.

Eu ia ter que me organizar muito bem, minimizar as distrações, e estudar muito. As matérias do primeiro semestre eram todas muito interessantes, o que facilitou em muito o gagá. Eu gostei especialmente de Instrumentação e Sistemas de Medição, algo me dizia que aquilo iria ser muito útil no futuro.

Meus preocupantes pensamentos foram interrompidos pelos aplausos ao final da aula inaugural. Quando saímos do auditório eu fui procurar Beatriz Cecília, ver se ela havia mudado de idéia. Mas logo que nos vimos eu notei que não. E pior, notei que o seu olhar especial havia ficado nas já distantes falésias potiguares. Ela nem quis tocar no assunto, ficou apenas falando como estava satisfeita por estar começando o Profissional. Foi como se nada tivesse acontecido, mas eu nem me abalei com sua fria reação, pelo menos externamente. Talvez ela ainda mudasse de idéia, talvez ela ainda pudesse vir a acreditar que as coisas seriam diferentes naquele ano que apenas começava. Ou talvez eu me convencesse de que estava mesmo na hora de eu procurar outras ondas, em outras praias.

Naquela mesma tarde eu fui conversar com o meu conselheiro, nós passamos mais de 1 h trocando idéias, e ele novamente me afirmou que o quarto ano seria o mais difícil. Eu sabia que ele não estava exagerando, mas eu estava bastante motivado, ainda sob os restauradores efeitos das férias, e pronto para encarar qualquer desafio.

Naquela mesma semana eu comecei meus ensaios musicais. E logo depois comecei meus trabalhos no Departamento Cultural e no DOO. Chico havia sido membro do DOO nas 2 gestões anteriores, e me passou todos os bizus de como separar o joio do trigo, de como lidar com as diferentes facções, de como manter a cabeça no lugar certo.

No DepCult eu não precisava de nenhum bizu, eu só necessitava de alguns poucos voluntários, que logo apareceram. Os mesmos 5% de sempre, pois os outros 95% obviamente estavam ocupados demais para fazer algo de útil para a comunidade.

Mas eu já estava acostumado com aquilo tudo, já havia tido todas as decepções que eu poderia ter tido com o ITA, com o H8, com os meus professores, com os meus colegas, com São José dos Campos... e também já estava convencido de que não iria conseguir mudar o mundo todo, mas ainda acreditava que deveria fazer todo o possível para melhorar o nosso mundinho. E ainda estava orgulhoso de estudar no ITA, apesar de tudo. E mais orgulhoso ainda de fazer MEC, o único curso realmente alto nível daquela escola.

Nós ajudamos o bicharal a organizar o Show do Bicho, que foi medíocre. Não achei tão bom quanto os anos anteriores, talvez eu estivesse me saturando daquelas piadas. A parte musical foi razoável, eles tinham um grupo bem entrosado, o guitarrista era muito bom, melhor que eu, melhor que Grego, melhor que Beto, o melhor que eu já havia visto no H8. O baterista era bom também, quase tão bom quanto Regi. Mas eu não gostei muito do som que eles escolheram, Creed, Nickelback, achei meio viadal, coisa de bicho.

E ainda mais viadal e ainda mais coisa de bicho foi o conterrâneo bicho assustado com o trote que veio me pedir conselho logo na primeira semana de aula. Eu não sei quem foi o escroto que disse para ele que eu tinha vocação para ser babá de bicho, no mínimo foi o babaca do Fabrício, mas eu cortei a onda dele rapidinho:

- Como é o teu nome mesmo?
- Júlio.
- Pois Júlio, o negócio aqui no H8 é o seguinte: ou tu entras no esquema ou o esquema entra em ti, tá ligado?
- Não, não estou entendendo não, Celso.
- Deixa eu tentar te explicar melhor... se tu achas que não vai agüentar 1 mês de trote aqui no H8 então eu já vou te adiantar que tu não vais agüentar 5 anos de ITA, tá ligado agora?
- Eu, eu a-acho que estou.

Eu acho que o Júlio entendeu direitinho a minha mensagem, pois ~5 anos depois daquela nossa conversa ele se formou no ITA, Engenheiro Aeronáutico... só podia ser...

O Baile do Bicho foi igual aos anos anteriores, com a diferença de que Maria Luiza não estava lá, e pela primeira vez em 4 anos eu não me senti sob tensão durante o evento. Passei um bom tempo biritando com Beto e Lídia, eu ainda estava com a impressão de que eles haviam crescido durante as férias: ele pra cima, ela pra frente e pros lados. Beto disse que iria deixar o cabelo crescer maior que o meu. Lídia ficou rindo e disse que se dependesse de cabelo nós iríamos arrasar no Encontro Musical. Ela estava brincando, naturalmente, nós iríamos arrasar de qualquer jeito, mesmo se estivéssemos todos carecas. Estávamos tão entrosados que mesmo se não ensaiássemos nem 1 vez sequer o som ia sair bom do mesmo jeito. Eu estava 100% seguro de que, a menos que uma catástrofe de proporções bíblicas se abatesse sobre o H8, o Encontro Musical daquele ano ia ser o melhor de todos os tempos.

Depois passei na mesa de Fabio e Paulão. Andréa e Adriana também estavam lá, como sempre. Eu não sabia se ainda teria outra chance de me dar bem com a Dri, principalmente depois do que tinha acontecido no baile de formatura do ano anterior, mas estava decidido a tentar de novo. Ela tava no terceiro ano da UNICAMP e não passava mais tanto tempo em São José, mas eu tinha certeza de que ela ainda tinha uma quedinha por mim. O problema é que tinha pelo menos uns 5 caras da minha turma colados no pé dela. Os diplomáticos.

- Oi, Celso, que bom ver você de novo.
- Olá, doutora Dré – abraçamo-nos e trocamos os usuais 3 beijinhos.
- Oi, Celso – Adriana falou de longe. Ela estava sorrindo, mas parou quando me viu.
- Oi, Dri, tudo bem com você?
- Tudo bem – ela obviamente ainda não tinha me perdoado, mas eu não estava disposto a desistir tão facilmente.
- Vamos dançar? – eu sabia que aquilo seria o teste decisivo e não quis perder tempo com conversa mole. Se ela não aceitasse o convite eu ia sair dali, tomar mais umas biras e azarar as usuais baranguinhas de plantão.

Todo mundo ficou olhando para ela, meus colegas de turma pareciam estar injuriados, e naturalmente estavam torcendo para que ela cagasse pra mim. Ela olhou para Andréa, como se estivesse perguntando o que devia fazer. Foi naquele instante que eu renovei minhas esperanças.

- Eu não acredito que estou fazendo isso – Adriana sorriu enquanto passava seus braços sobre meus ombros.
- Por que não? Qual é o problema?
- Eu jurei pra mim mesma que nunca mais ia nem falar com você.
- Dri, o que é que eu preciso fazer pra você esquecer aquilo?
- Você podia começar me pedindo desculpas...
- Desculpa, Adriana, eu não devia ter feito o que fiz.
- Não devia mesmo, Celso, eu fiquei muito irada...
- Eu sei, Dri, mas já passou, né?
- Eu não sei – ela ficou me olhando meio de lado – eu não sei se ainda posso confiar em você.
- Dri, faz quanto tempo que a gente se conhece?
- 3 anos.
- E quantas vezes eu menti pra você durante esses 3 anos?

- Nenhuma, Celso, às vezes eu acho até que você é sincero demais... talvez tivesse sido mais fácil se você tivesse mentido pra mim sobre aquela sua ex.
- Talvez, mas eu acho que mentira não é uma base muito sólida para construir relacionamentos.
- O que é que você tá querendo dizer com isso? – ela continuava me olhando, e eu sabia que ela tinha entendido perfeitamente o que eu queria dizer.
- Eu gosto de você, Adriana. Eu acho que a gente tem tudo a ver.
- Eu não sei não, Celso...
- Já sei, você arrumou um namorado lá em Campinas, não foi?
- Namorado... não, se ele fosse meu namorado mesmo eu não estaria aqui, dançando com você, conversando essas coisas... mas nem se anime, pois não vai acontecer nada hoje. Nada mesmo, Celso.

Como já dizia Sir Jagger: "You can't always get what you want...". Eu havia desperdiçado a minha chance com Adriana no ano anterior, e estava claro que eu não iria ter outra chance nem tão cedo. Mas nem por isso eu me abalei, afinal de contas aquele baileu estava apenas começando, e eu tinha certeza de que encontraria outras opções mais promissoras antes que a noite acabasse.

Aqueles bailes do H15 sempre tinham a propriedade de atrair uma quantidade não desprezível de moçoilas de aspecto duvidoso que fariam de tudo, ou quase tudo, para passar alguns momentos agradáveis na companhia de um aluno do ITA. E o bar sempre tinha uma quantidade não desprezível de substâncias químicas que tinham a propriedade de linearizar o aspecto das referidas moçoilas e tornar possíveis aqueles momentos.

Por ironia do destino, ou por puro capricho, Adriana largou-me no meio do salão, e de imediato eu senti uma ligeira vontade de deslocar-me em direção ao bar. Por pura coincidência, ou não, encontrei com minha amiga Letícia durante o trajeto, e como não nos víamos desde o final do ano anterior iniciamos uma animada conversação.

Letícia e eu havíamos desenvolvido uma implícita, e salutar, regra ao longo dos anos: nada de agarrinhos, independentemente de qual fosse a situação. E as razões para aquela restringente condição de contorno eram bem simples: Claudinha era uma das suas melhores amigas, e Valmir era um dos meus melhores amigos. E apesar deles 2 estarem bem longes dos nossos horizontes nós sempre mantivemos nossas integridades intactas.

Naturalmente que Letícia sempre tinha 1 ou 2 amiguinhas de bobeira, e naquela noite, para sorte minha, eram 2. E naturalmente que a quase inadequada restringente condição de contorno supra citada não se aplicava às suas amigas, que, tal qual ela, também não requeriam linearizações químicas para tornarem-se visualmente agradáveis.

Depois de um rápido acesso ao meu banco mental de dados experimentais achei a seguinte constatação: "dado um grupo qualquer de 3 ou mais mulheres existe uma chance de 65% de que pelo menos 1 delas se interesse por você; se elas forem muito amigas ou muito inimigas as chances sobem para 98% e 89% respectivamente".

Aquela noite teve um desfecho feliz...

No dia seguinte eu conversei bastante com Beatriz, ela estava bem mais simpática do que no começo do ano, mas não havia mudado de idéia. Eu sempre passava algum tempo com ela nos finais de semana, e aquelas breves horas eram extremamente agradáveis. Ela parecia estar muito satisfeita com a ELE, ou pelo menos estava fingindo muito bem.

- Que bom que você está gostando, Bia. E pensar que você pensou em desistir...
- Eu nem lembro mais disso, Celso... mas eu nunca esqueci da tua ajuda naqueles momentos difíceis – ela sorriu, sincera, e segurou a minha mão.
- Eu tenho certeza de que você teria feito o mesmo por mim, Bia – eu acariciei os seus dedos.
- Claro que sim... e eu também não esqueci de outras coisas, Celso... – eu conhecia aquele sorriso, e fiquei feliz em vê-lo novamente.
- Nem eu, Beatriz... eu nunca vou esquecer... conta mais das férias.
- Foram as melhores férias da minha vida, Celso.
- Idem, idem.
- Eu fui pra Pipa, conheci uma pessoa muito, mas muito interessante mesmo...
- Conheceu no sentido bíblico?
- Claro que sim...
- Que coincidência...
- Surfista!
- Foi mesmo!? Desses bem vagal?
- Não... cdf todo, aluno do ITA... Diretor do CASD...
- E você está namorando com ele?
- Não, nós decidimos que seria melhor continuar cultivando a nossa muito preciosa amizade, até que chegue o dia em que nós possamos nos dedicar inteiramente um ao outro.
- “Nós” não, Bia, isto foi idéia tua.
- Já vi que vai rolar a mesma conversa de novo: “Bia, você tem que passar pela vida, ao invés de deixar a vida passar por você”...

Não teve jeito, Beatriz era outro caso perdido. Talvez ela amolecesse as idéias, talvez não, talvez talvez. Mas pelo menos conseguimos conservar a nossa amizade. Pior mesmo foi Maria Luiza, que além de ter sumido do mapa nem queria mais falar comigo. Eu havia tentado ligar para ela algumas vezes, sem sucesso, e ela nunca ligou de volta.

Mas eu tinha maiores problemas para resolver, bem maiores, e logo logo meus reveses amorosos passaram a ocupar uma posição bem baixa na minha escala de prioridades. No topo da escala estava uma coisa chamada Instrumentação e Sistemas de Medição. A primeira prova havia sido bem nablesca, e eu estava com uma já familiar sensação de que a minha nota não iria ser muito boa.

E não foi mesmo. Eu estava andando pelo corredor da MEC quando fui chamado pelo professor, que parecia ansioso para me dar a má notícia.

- Celso, venha cá. Eu acabei de corrigir as provas. Você tirou I, o único I da turma, meus parabéns!

O velho truque de ferrar pra valer logo na primeira prova, só para dar uma motivação extra para os queridos alunos se didicarem com mais afinco. Eu já havia visto aquele filme antes, várias vezes, e nem me abalei com aqueles marotos comentários.

Mas eu senti que, apesar da expressão sorridente que ele fez quando me entregou a bendita prova, o amado Mestre estava querendo me comunicar algo mais do que o simples "você vai ter que se esforçar mais para passar na minha matéria".

Enquanto eu olhava a prova ele fazia sua desafetada análise:

- Você acertou as 2 primeiras questões. Na terceira você cometeu uns errinhos bobos, excitou um circuito AC com fonte contínua, e eu tive que cortar 1,5 pontos por causa disso.
- É, vou ter que me esforçar mais, Mestre – agasalhei sem maiores problemas.
- Não deu tempo de resolver a última questão? – ele não demonstrou a mínima surpresa quando fez aquela pergunta.
- Não... – eu dei um sorriso amarelo e me preparei para sair do recinto – até mais, Mestre.
- Você devia estar feliz, Celso – o professor sorriu novamente e coçou o queixo – foi a maior nota da sala! Meus parabéns!
- Shruiu!! Muito obrigado, Mestre!

Nada mal, eu havia conseguido, mesmo sem querer, causar uma boa primeira impressão.

Por outro lado aquilo tinha um enorme potencial de me causar problemas num futuro próximo, pois se o Mestre estava com a ilusória idéia de que eu era fodan ele com certeza ia criar expectativas um pouco mais elevadas do que a minha capacidade de atendê-las.

No final das contas ia dar no mesmo: eu ia ter que estudar praca!!

Girando Em Torno Do Sol

- Celso, o que é que tu vais fazer no feriado? – o simpático amigo perguntou tão logo entrou no 228.
- Eu não sei, Nilo, talvez eu vá pra Ubatuba com Múcio, por que?
- Escuta, eu vou pra casa da minha irmã, em Camboriú. Tu não queres ir comigo? Minha mãe vai pra lá também, minhas irmãs que moram em Curitiba também vão.
- Valeu o convite, Nilo, mas esse esquema não é assim muito família não, saca?
- É, mas é bem simples, minha irmã sempre fala pra eu levar meus amigos, no ano passado Caldré foi comigo, minhas irmãs vão levar uma amiga que mora com elas em Curitiba. Vai ser legal, Celso.
- Beleza, então.
- Leva tua prancha também, de repente a gente pega umas ondas, tu podias me dar umas aulas.
- Claro! Tu finalmente criaste coragem pra surfar?
- Eu acho que sim. Vamos lá na rodoviária comprar as passagens?
- Bora.

Zarpamos na véspera do feriado. Prado, que era de Blumenau, também foi conosco. Fizemos um caminho um pouco não linear, ao chegar em Curitiba trocamos de ônibus e seguimos em direção oeste, pois Nilo queria fazer umas comprinhas numa cidadezinha do outro lado do rio Paraná. Onde eu decidi aproveitar a oportunidade para adquirir alguns poucos bens não perecíveis, de natureza líquida, e volátil.

Nossa estadia naquela terra estranha, no entanto, foi breve, pois o que todos queríamos mesmo era chegar à Santa e Bela Catarina. E para tal pegamos o terceiro ônibus daquela viagem. Depois de um breve cochilo iniciamos descontraída e informativa conversação.

- Tu já conheces o Sul, Celso?
- Não, Prado, é a primeira vez que eu estou descendo tanto assim.
- E tu já conheces as irmãs de Nilo?
- Ainda não...
- Nossa, as irmãs desse cara são muito gatas, Celso, tu vais pirar!
- Nilo falou que elas eram bonitinhas, mas esse viadinho me fez prometer que eu não iria azarar nenhuma delas.
- É verdade, há-há.
- E tu achas que o Celso vai conseguir segurar a onda, Nilo?
- Eu espero que sim, Prado, senão vai levar umas porradas, há-há.
- É claro que eu não vou cometer uma desfeita dessas, Prado, imagina...
- Tu estás dizendo isto porque tu ainda não viste as meninas, Celso.
- Tu já viste, Prado?
- Eu conheço as 2 manecas que moram em Curitiba, da época que eu estudava lá. Nossa, tu vais endoidar o cabeçote, Celso!
- Manecas!? Tu não falaste que as tuas irmãs são modelos, Nilo.
- Celso, eu falei que minhas irmãs são muito bonitas, e a gente já concordou que tu não vais tentar nada pra cima delas.

- Sim, mas eu pensei que tu tava dando uma de irmão coruja, eu deduzi que elas seriam parecidas contigo, ou seja, feias pra caralho. Daí a minha concordância.
- Isso não muda porra nenhuma.
- Claro que muda, Nilo, tu não me falaste que elas são modelos. E as outras 2, são modelos também?
- As outras são casadas, com filho e tudo.
- E daí? Cavalo amarrado também pasta, Nilo.
- Não, Prado, assim também é demais – eu achei que devia estabelecer alguns limites fundamentais – tem que se respeitar as casadas, velho.
- Bom, o fato é que você já deu a sua palavra, Celso – Nilo sorriu satisfeito – não pode voltar atrás.
- Não, claro que não... – eu busquei uma saída mais honrosa para aquele potencial dilema – e se elas derem mole pra mim?
- Há-há-há, isso seria impossível, Celso. Eu conheço muito bem as minhas irmãs, elas jamais dariam mole pra você.
- Tá bom. Suponha, por absurdo, que elas dessem: neste caso tudo bem, né? – eu argumentei meu ponto de vista.
- Mas isto seria um absurdo! – o dedutivo amigo contra-argumentou.
- Sim, mas eu estaria liberado do nosso acordo anterior, correto?
- Eu acho que sim – Nilo concordou, ainda relutante – mas mas eu só vou concordar porque eu sei que a probabilidade disto acontecer é praticamente 0.
- Tá liberado, Celso, depois tu me contas qual delas tu encarastes.
- Shruiu!!! Eu acho que eu vou encarar as 2, Prado, a-há, a-há!
- Há-há-há, isto seria um absurdo ao quadrado, Celso...
- Só... e como é que está a coceba do segundo ano, Prado?
- Este semestre está mais chato do que eu imaginava que seria, Celso. Aquele professor de Mecânica parece que vai escrotizar com a minha turma.
- Putz, aquele fdp é um babaca, ele escrotizou com a nossa turma também. Tu lembras, Celso?
- Claro que eu lembro, e bem mais do que gostaria, pra dizer a verdade...
- Então, a primeira prova foi foda, ninguém tirou mais que R. Nem aqueles caras fodões, que sempre tiram L em tudo.
- Aquele sujeito tem uma carência afetiva muito grande, Prado, o segredo é babar muito. Só assim vocês vão se dar bem.
- Foi isso o que o pessoal do terceiro ano falou pra gente, Nilo.
- E a MEC, Celso?
- Este semestre não vai ser bom que nem o anterior não, Nilo. Pra começar que logo na primeira prova de Instrumentação eu tirei I, a maior nota da sala.
- Ssssss...
- Ssssss porra nenhuma, isto apenas significa que eu me lasquei um pouco menos que os outros. E tem Pesquisa Operacional também, que deveria ser uma matéria bico, mas o professor tá querendo escrotizar. Imagina que toda semana tem uma série, saca? Mas o esquema da série é o seguinte: se estiver tudo correto ele não aumenta nada na nota da prova, se tiver algo errado na série ele diminui a nota da prova.
- A série é um multiplicador, então, um fator.
- Exato, de 0,0 a 1,0... e o pior é que a primeira prova foi pra arrombar, eu tirei D.
- Foi a maior nota da sala, Celso?

- Não, Prado, eu acho que foi a menor... conservação do bizuleu, creio eu. As outras 6 matérias são razoáveis, eu acho que não tem perigo de dar alguma merda não.
- Outras 6!? Caralho, vocês têm 8 matérias neste semestre?
- O normal seriam apenas 7, mas o pessoal da MEC inventou de fazer outra atualização no currículo, e a minha turma é que foi a felizarda de ser a pioneira, de novo, outra vez, novamente...
- Lá na AER tá do mesmo jeito, Celso, a diferença é que a turma da gente é uma distribuição uniforme, ou todo mundo se dá bem por igual ou todo mundo se ferra por igual.
- Só... aproveita bem a coceba do segundo ano, Prado, que no Profissional o esquema é outro. Tu vais fazer o que?
- MEC, é claro.
- Eu não sei não, Prado, se eu fosse tu eu mudava pra AER, que afinal de contas é o único curso alto nivel do ITA, há-há-há.
- Porra nenhuma. Prado, MEC é MEC, o resto é josta.
- E até agora ninguém foi desligado na minha turma, já na MEC foram 2 desligados no ano passado, não foi, Celso?
- Foi, e outros 2 trancaram... eu espero que este ano todos sobrevivam...

Nossa agradável conversação prosseguiu tarde adentro, e incluiu alguns intercalados comentários sobre a diferente paisagem, e arquitetura. Diferente para mim, naturalmente, que para eles tudo aquilo era muito familiar. Despedimo-nos de Prado em Blumenau, onde trocamos votos de Boa Páscoa. E ao cair da noite chegamos em Camboriú.

Fomos direto para a casa da irmã de Nilo, onde fomos cordialmente recepcionados pela mãe dele, pelas 2 simpaticíssimas jovens senhoras irmãs dele, e pelos 3 filhos delas. As outras 3 convidadas haviam saído para comprar pão e leite. Depois de uma breve a animada prosa Nilo e eu resolvemos tomar banho. Separados, é claro, que aquele negócio de tomar banho junto não ficava bem fora do H8. Quando terminei o meu notei que as outras 2 irmãs de Nilo já haviam retornado da padaria, juntamente com a amiga, e foi naquele instante que eu tive uma compreensão mais profunda a respeito dos comentários que o nosso observador amigo Prado havia feito anteriomente.

As gurias eram pra lá de lindas, bem pra lá. E simpáticas também, coisa que obviamente estava impressa na carga genética daquela família. A convidada amiga também era maravilhosa, e igualmente simpaticíssima. Depois de outra breve e animada prosa elas foram organizar uma leve refeição para todos os presentes. Nilo e eu ficamos na sala conversando com a primogênita e com a matriarca, e o assunto da hora não poderia ser outro: a nossa agitada vida acadêmica.

Obviamente que meu cauteloso amigo e eu evitamos mencionar os detalhes mais assustadores, e limitamo-nos a comentar que o quarto ano estava mesmo muito puxado e que, apesar do ITA às vezes ser um verdadeiro moedor de carne, nós estávamos muito satisfeitos de sermos alunos de tão distinto celeiro de cérebros. Elas aparentemente acreditaram no que dissemos, e pouco tempo depois o rumo da conversa mudou, pois o rango ficou pronto, e fomos todos comer.

Depois do jantar eu fiz menção de levar meu prato para lavar, mas 1 das simpáticas irmãs do meu despreocupado amigo não me deixou realizar o meu intento:

- Pode deixar conosco, Celso.

Nilo explicou-me o motivo:

- Celso, aqui é casa de italiano, homem não faz nada mesmo.

E eu fiz uma complacente observação:

- Só. Tu deve sentir uma falta desta paparicagem, né?
- E como, lá no H8 não tem essa moleza não... – o folgado amigo respondeu.

Novamente ficamos Nilo e eu conversando com a primogênita e a matriarca na sala, e foi quando eu fui introduzido a um outro costume local que eu erroneamente pensava que era coisa exclusiva de gaúcho.

- Não é só no Rio Grande não, Celso, aqui a gente também gosta de um chimarrão pra afugentar o frio.
- Legal... e vocês tomam quando não está frio também?
- Claro! Experimenta um pouco.

Nilo me passou a bomba e eu mandei ver. Minha primeira impressão foi de que aquele mato queimado deveria ser bem mais agradável quando estivesse fazendo frio mesmo.

- É quente que só... – eu passei a bomba de volta para Nilo e levantei em rumo à cozinha – eu acho que eu vou pegar um pouco d'água.
- Chimarrão só presta quente, Celso – a irmã No. 1 comentou, prendendo o riso.

Antes de cruzar a porta da cozinha percebi que as 4 jovens ali presentes também estavam comentando algo a meu respeito, sem prender o riso. E como estavam de costas, e nem perceberam minha chegada, eu parei e fiquei ouvindo a conversa delas.

- Pois eu achei ele muito legal – Vitória, a amiga, a única cujo nome eu conseguia lembrar.
- Eu também – irmã No. 2 – e ele tem uma voz bonita, né? Forte, gostosa de ouvir.
- E o olhar dele? – irmã No. 4 – penetrante, né? Quando ele olha pra gente parece que não tem outra pessoa no mundo, nossa! Eu achei ele uma gracinha!
- Eu não sei, esse garoto tem alguma coisa esquisita, eu só não sei o que é – irmã No. 3 – mas eu vou descobrir.
- Ai, menina, tu gostas de criticar as pessoas sem conhecê-las – irmã No. 4 – lembra no ano passado, tu ficaste criticando o Carlos André o tempo inteiro? Quando ele foi embora tu falaste que ele era um amor de pessoa.
- Eu lembro... – irmã No. 3, pensativa – é, o Celso tem aquele jeitão meio largado mas até que dá pro gasto, né?

Eu achei que já havia ouvido o bastante para inflar o meu abalado ego, então resolvi fazer perceptível a minha presença:

- Aonde que tem copo? – eu falei o mais neutramente possível, enquanto caminhava despreocupado – eu estou precisando de um pouco d´água.

As 4 me olharam surpresas e fizeram um perceptível esforço para não caírem no riso. Após uma pausa de 2 s a irmã No. 3 finalmente reagiu, demonstrando que (seu senso de hospitalidade)>>(sua percepção espacial):

- Eu pego pra você, Celso.

A menina rapidamente enxugou as mãos, abriu uma prateleita no outro lado do recinto, pegou 1 copo de vidro, abriu a geladeira, encheu o copo com água e colocou-o em minhas mãos. Sorridente, tentando esconder que ela sabia que eu havia escutado o que ela havia falado sobre mim.

- Muito obrigado – eu respondi, também sorridente, encarando firmemente seus lindos olhos verdes, e tentando deixar bem claro que eu sabia que ela sabia que eu havia escutado o que ela havia falado sobre mim.

Voltei pra sala, continuei a prosear. Depois de uns 10 min Nilo recebeu uma ligação da namorada, e pela cara de felicidade que ele fez deu para entender que ele iria tirar o pé da lama muito em breve. Ele foi à cozinha depois que desligou o telefone, depois foi trocar de roupa. E depois me chamou para um particular.

- Celso, escuta, eu vou dar uma saída com a Clara, matar as saudades, há-há.
- Beleza, Nilo, tem erro não.
- Daqui a pouco as meninas vão dar uma volta na praia, vai com elas, tá bom?
- Tá legal.
- Depois que as crianças forem dormir a Nara vai colocar uns colchões na sala, pra gente e pra meninas, mas eu provavelmente não venho dormir aqui. Se tudo der certo, é claro.
- Há-há-há, não se preocupe comigo, Nilo, deixa que eu me viro.
- Qualquer coisa que tu precisares tu pedes pra Nara. Se ela estiver dormindo quando vocês voltarem fala com a Nádia, ela é meio pentelha mas é muito prestativa.
- Beleza. Só um detalhe, Nilo, quem é quem?
- A Nara é a dona da casa, a Nádia é a de cabelo escuro, que mora em Curitiba.
- Beleza, pode deixar. Vê se não vai flambar, hein?
- Não tem a mínima chance, Celso, depois deste tempo todo no atraso...

Meu ansioso amigo partiu logo em seguida, e eu fui conversar mais um pouco com a dona da casa. As gatas borralheiras terminaram suas tarefas domésticas e foram se embonecar. A transformação foi rápida, e o resultado foi simples e estonteante: sandálias, shorts e tops. Nada de tats nas costas, nada de “piercings” estrategicamente colocados, nada de acessórios desnecessários. Coisa de endoidar o cabeçote, como diria o nosso amigo Prado.

- E aí, Celso, vamos dar uma volta na praia? – Nádia indagou-me, como se fosse algo realmente necessário.
- Vamos – eu respondi, ainda pasmo, depois levantei, menos pasmo.
- Meninas, não deixem o Celso se perder por aí – a irmã No. 2 recomendou.
- Pode deixar conosco – a irmã No. 4 replicou – "Ciao, bela"!

Eu não entendi o que a irmã No. 2 quis insinuar com aquela cautelosa recomendação até o momento em que chegamos ao calçadão da praia: o lugar estava abarrotado de mulher bonita. Eu ia precisar de uma coleira para não me perder das minhas não menos belas acompanhantes.

Em pouquíssimo tempo eu me dei conta de que, por mais que eu tentasse ser cortês com elas e evitasse desviar minha atenção delas, mais cedo ou mais tarde algo completamente fora do meu controle iria acontecer.

E a coisa aconteceu mais cedo do que mais tarde. Caminhávamos no sentido sul, a irmã No. 4 acabava de me apontar a Ilha das Cabras, e quando virei meu olhar 90 graus à esquerda para visualizar o famoso ponto turístico deparei-me com outras 2 belas atrações locais, que caminhavam em sentido aposto ao nosso.

A primeira era morena, cabelos longos, lisos e castanhos, olhos verdes. A segunda era ruiva, cabelos levemente cacheados, olhos azuis. E as 2 olharam para mim, ao mesmo tempo. Eu não conseguiria descrever aquela cena com palavras lineares, foi como se o paraíso ricardeano estivesse ligeiramente distorcido, a meu favor, durante os 700 ms que elas levaram para mudar a direção dos seus olhares.

As 2 descargas de adrenalina que eu sofri durante aquele curto intervalo de tempo fizeram-me ignorar todas as regras de cortesia social que eu estava me esforçando para cumprir até aquele momento, e antes que eu pudesse pensar em outra coisa minha cabeça já estava se movimentando em perfeita sincronia com o andar das belas moçoilas.

Mas o meu sofrimento estava apenas começando, pois, para minha surpresa, a ruiva virou sua cabeça novamente, e sorriu satisfeita ao perceber que eu ainda estava olhando para ela. Eu sofri outras 2 descargas de adrenalina, e instintivamente parei de andar, virei meu corpo 180 graus e retribuí seu convidativo sorriso.

Antes que eu pudesse movimentar-me em sua direção e dizer-lhe, ou pelo menos tentar dizer-lhe, algo apropriado, senti uma inesperada tração aplicando-se ao meu braço esquerdo. E antes que eu pudesse esboçar qualquer reação contrária àquela indesejada força ouvi uma repreensão ainda mais enérgica aplicando-se ao meu ouvido esquerdo:

- Aonde você pensa que vai? – Nádia indagou-me, como se fosse algo realmente necessário.

Não deu nem tempo de reagir à jogada na zaga, pois a ruivinha virou o rosto antes que eu pudesse livrar-me das poderosas garras de Nádia. Eu fiquei muito irado, mas disfarcei bem:

- Qual é, mulher? Eu nem te conheço direito e tu já estás dando uma de beque pra cima de mim?? Que porra é essa?!?

Claro que eu não falei nada disso, afinal de contas a bela zagueira era irmã do meu grande amigo Nilo. O que eu realmente disse foi mais parecido com:

- Qual é, guria? Eu mal cheguei na terra e tu já estás me regulando?? Qual é o caso!?
- Você por acaso esqueceu que nós 3 estamos aqui presentes? – ela respondeu, e depois pediu ajuda às outras – pode uma coisa dessas, meninas?
- Mas claro que não pode, Celso – a irmã concordou – tá com a gente só pode olhar pra gente, ora!
- É isso mesmo – Vitória finalizou a discussão.

Nádia, a pentelha, passou para o meu lado esquerdo e bloqueou toda a minha visão lateral. Depois me sorriu como quem dizia "Nádia 1 X 0 Celso". Mas eu nem me abalei, pois eu tinha certeza de que sua momentânea vantagem no placar iria desaparecer durante as 60 hs seguintes.

- Celso, o Nilo não falou nada de você, só disse que era um amigo do ITA, surfista, conta alguma coisa para nós – ela tentou ser simpática – de onde você é?
- Eu sou de ... – eu hesitei um pouco antes de largar o papo padrão – Olinda.
- Hum, que legal... – a irmã dela comentou.
- Vocês conhecem Olinda?
- Ainda não – Vitória respondeu – eu sou louca pra ir passar um Carnaval lá.
- Pois sinta-se convidada, Vitória – retruquei – todas vocês, é claro.
- Obrigada – a irmã No. 4 respondeu – tem uns amigos nossos lá de Curitiba que foram pra lá no ano passado, eles falaram que o Carnaval de Olinda é muito animado.
- É o melhor do mundo, né? Que mais que eu posso dizer?
- Eles também falaram que as meninas de lá são mais quentes que as daqui – Nádia lembrou – É verdade, Celso?
- Como é que eu vou saber, Nádia? – eu encarei-a firmemente – até agora a única coisa quente que eu experimentei por aqui foi chimarrão!
- Há-há-há – as outras 2 foram sincronizadas na reação.
- Eu estava prestes a iniciar um experimento termodinâmico mais rigoroso, mas fui bruscamente interrompido – eu coloquei mais um pouco de sal naquela estória.
- É, como você mesmo disse, Celso – ela me sorriu cinicamente – você mal chegou na terra... quem sabe daqui pra domingo você não descobre se é verdade mesmo?
- É, quem sabe... – eu retribuí-lhe a cortesia.

Continuamos nossa pitoresca caminhada, e depois de uns 15 min resolvemos parar um pouco. Vitória e a irmã No. 4 encontraram algumas amigas e foram conversar com elas. Eu fiquei aos cuidados de Nádia, a regulona, que logo acendeu um cigarro e puxou conversa:

- Você conhece o Caldré?
- Conheço, ele é da minha sala. Gente boníssima.

- Ele teve aqui no ano passado, no feriado – ela expeliu a fumaça – eu nem te ofereci, você fuma?
- Não... – "e nem vou começar agora", pensei com meus botões – obrigado.
- A fumaça está te incomodando?
- Não, o vento tá pro outro lado – eu resolvi dar uma de pseudo-intelectual e usei um pouco da minha vastíssima cultura inútil – você sabia que as pessoas fumam para manter as mãos e a boca ocupados?
- Não, aonde foi que você viu isso?
- Foi num artigo que eu li recentemente...
- Que desperdício, não é mesmo? – ela sorriu ironicamente – com tanta coisa mais interessante pra se fazer com as mãos, e a boca...

Eu olhei para ela, imaginei algumas das possibillidades, pensei na promessa que havia feito ao seu irmão, respirei fundo e concordei, quase semi-indiferente:

- É mesmo...
- Você tem algum vício?
- Não... – eu refleti melhor e modifiquei minha resposta – público, não.
- Há-há-há... – Nádia virou o rosto e deu outra baforada – e defeitos?
- Uns 2 ou 3...
- Quais?
- Criticar os defeitos dos outros, ficar entediado com facilidade, esquecer os nomes das pessoas...
- Você não esqueceu o meu...
- Esqueci sim, eu tive que perguntar ao Nilo quem era Nádia.
- Não esqueceu o da Vitória.
- É verdade... exceção à regra, eu acho.
- E a Núbia?
- Núbia é essa ou a outra?
- Essa, há-há-há...
- Eu sei que Nara é a dona da casa, a mais velha.
- Isso. Depois vem a Nora.
- Que é a do cabelo escuro, que nem o teu.
- Isso. Só que ela tem olhos azuis, e os meus são verdes, tá vendo? – Nádia arregalou os olhos por um momento.
- Muito bem, por sinal...
- Há-há-há... depois vem o Nilo, depois eu e depois a Núbia. O que foi mais que o Nilo falou da gente?
- Falou que vocês 2 moram em Curitiba... o que é que você estuda?
- Psicologia...
- Hum... você está em que período?
- Terceiro.
- Você gosta?
- Hum-hum... – ela trouxe o cigarro aos lábios novamente.
- Sei... e esta análise que você está fazendo comigo faz parte de algum trabalho acadêmico?
- Há-há-há... você tem bom humor, Celso.

- Você também, Nádia.
- Eu sei, há-há-há...
- E como é a vida em Curitiba?
- Normal...
- O que é que você faz, além de estudar?
- Eu gosto de malhar, tem que manter a forma, né?
- Claro... – "e pelo que eu estou vendo está funcionando", comentei comigo mesmo.
- De vez em quando eu tiro umas fotos, pra catálogo, lojas, essas coisas – ela deu um riso meio entediado – é divertido, e ajuda no orçamento, também, que tá sempre apertado, diga-se de passagem.
- O meu idem... e o que mais?
- Fim de semana a gente sai... nem sempre... passeia, essas coisas.
- Sei...
- Agora você: me fala do ITA.
- O que é que você quer saber do ITA?
- Qualquer coisa, o meu irmão nunca fala nada sobre o ITA.
- No que faz muito bem, eu diria.
- Por que?
- Porque... – eu refleti bastante antes de responder – porque no ITA acontecem muitas coisas que... as pessoas que não estão lá, ou nunca estiveram lá, jamais entenderiam. Ou acreditariam, caso entendessem. Ou aceitariam, caso acreditassem.
- Por exemplo...?
- Tem tanta coisa, eu nem sei por onde começar...
- Por que você não escreve um livro a respeito?
- Um livro? Se eu fosse escrever um livro a respeito disso eu ia ter que que dizer que era tudo ficção, do contrário ninguém ia acreditar em nada do que estivesse escrito.
- Há-há-há... e você incluiria esta nossa conversa no seu livro? Afinal de contas ela tá meio maluca, né?
- Tá mesmo... se você permitisse, naturalmente.
- Claro que eu permitiria, Celso.
- Então tá... claro que eu vou mudar os nomes, as datas, os locais... – eu olhei novamente para a Ilha das Cabras – pensando melhor eu só vou mudar os nomes e as datas, eu gostei daqui.
- E como será o meu nome?
- Qual o nome que você gostaria que fosse?
- Qualquer nome incomum, desde que comece com a letra N.
- Eu acho que a tua mãe já usou todos, Nádia.
- Há-há-há...
- Tem um amigo nosso que fala que o ITA é uma máquina de fazer doido...
- E você concorda com ele?
- Claro que não... eu acho que a gente já é doido antes de entrar no ITA, a escola apenas cria as condições necessárias para a nossa loucura sair do estado latente.
- Há-há-há... e o que você acha do ITA, Celso?
- Tirando a comida eu acho que é um bom lugar para se estudar engenharia – eu parei por um momento e refleti mais um pouco – e para fazer amigos também. Amigos mesmo, desses que te convidam para passar a Páscoa com a família deles.
- Meu irmão deve gostar muito de você, Celso.

- Eu também gosto muito dele... ele gosta de reclamar um pouco, criticar tudo, mas este semestre ele tá mais calminho.
- Vocês já brigaram muito? Quando a gente era criança a gente brigava tanto...
- Algumas vezes... Nilo tem uma grande facilidade de ver o lado negativo das coisas.
- Há-há-há... ele viu o teu lado negativo também?
- Algumas vezes... ele vive me dizendo que eu adoro ficar em cima do muro. Ele prefere tomar partido, defender claramente suas posições. Eu sou menos linear.
- E você gosta mesmo de ficar em cima do muro?
- Mas é claro! É o melhor lugar para se ficar, você pode jogar pedra nos 2 lados, ou 3.
- Eu estou percebendo que a tua loucura já desabrochou, Celso.
- Há muito tempo.
- Fez muita besteira recentemente?
- Algumas...
- Por exemplo...?
- Nada que eu possa contar para você, felizmente.
- Por que não? Eu prometo manter sigilo profissional, há-há-há.
- Você costuma manter as suas promessas, Nádia?
- A maioria delas... – ela ficou levemente séria por um momento – e você?
- Somente as realmente cumpríveis.

Nádia finalizou o cigarro, levantou-se, jogou a ponta no lixo, voltou, sentou-se novamente:

- Então você não vai me contar algumas das suas...?
- Não, você vai ter que ler o livro.
- Então tá.

Ela cruzou as pernas, começou a alisar os cabelos. Eu olhei bem firme para os seus olhos, ela também me encarou. Aquele sem dúvida seria o momento ideal para iniciar o meu experimento termodinâmico, e verificar se a hipótese nula seria diferente de zero, mas algo no âmago do meu ser me dizia que eu tinha 2 ou 3 bons motivos para não fazê-lo.

Primeiro bom motivo: eu havia beijado 2 fumantes nas férias do verão e ainda lembrava muito bem que o gosto não havia sido muito bom. E nem o cheiro.

Tinha outro motivo também, que no momento eu esqueci o que era, mas lembrei logo em seguida: eu havia prometido a Nilo que não iria azarar as irmãs dele... a menos que elas me dessem mole, e era óbvio que Nádia estava dando mole pra mim. E o meu cuidadoso amigo provavelmente nem estava preocupado com aqueles detalhes naquele momento. Shruiu!!!

"Quer saber?", pensei comigo mesmo, "fodam-se os motivos". Eu tinha que dar um agarro naquela menina, senão ela ia passar o resto da vida pensando que os olindenses não são de nada... "há-há-há, eu sabia que tinha um terceiro motivo", finalmente lembrei. E muito melhor que os outros 2 primeiros, diga-se de passagem.

Fiquei sorrindo comigo mesmo enquanto despreocupadamente olhava ao nosso redor.

- Ainda não enjoou de ver mulher bonita, Celso?

- Eu estou olhando as feias agora, é mais fácil para o cérebro detectar as exceções.
- Há-há-há...
- Eu pensava que tinha que ser ateu para ser psicólogo, Nádia.
- Ajuda, mas não é pré-requisito... – ela ficou séria novamente – você acredita em alguma coisa ou é feito o meu irmão, que não acredita em nada?
- Que acredita no nada.
- Hum?
- O teu irmão acredita no nada.
- É verdade... – ela refletiu por uns instantes – e você?
- Eu acredito que exista algo imaterial dentro de nós...
- Alma?
- Ou uma energia pensante, sei lá.
- E o que é que você acredita que acontece com esta energia pensante depois que a vida física acaba?
- Transcende a outras dimensões, eu acho.
- Outras dimensões...
- Sim, você sabia que existem 11 dimensões?
- Não, eu sempre pensei que fossem apenas 4.
- São 11, e elas coexistem, em universos paralelos, e têm interfaces, fronteiras. Por exemplo, essa realidade que a gente está experimentando agora tem paralelos em outras dimensões, neste exato momento, talvez até neste exato espaço.
- Hum...
- E a nossa energia pensate, ou alma, tem a capacidade de cruzar as interfaces destes universos paralelos.
- E quando a gente morre ela cruza de vez?
- Exato.
- Não volta para este universo?
- Pra quê!?
- Interessante... e você acredita que tem uma energia pensante superior, que criou todos estes universos paralelos?
- Deus?!
- Hum-hum.
- Eu não sei... talvez sim,talvez não, talvez talvez...
- Sai do muro, Celso, há-há-há.
- Eu não acho que seja necessário Deus existir, mas se realmente existir não deve ser nada parecido com o que nós pensamos que seja.
- Nós quem, cara pálida?
- Nós, seres humanos, habitantes deste pequenino planeta que gira em torno desta pequenina estrela – fiz uma breve pausa, dei uma leve conferida nas transeuntes – A gente tava conversando sobre estas boréstias ontem à noite, durante a viagem.
- Por que?
- O ônibus passou por cima de um cara que tava atravessando a BR no meio da noite. O cara morreu, a gente começou a falar sobre morte, religião, essas coisas.
- Nossa!
- Foi quando Nilo falou que vocês eram espíritas... nada contra, viu?
- Nem a favor, naturalmente, pois você gosta de ficar em cima do muro.
- Isso, há-há... eu tive 1 namorada espírita, 2, aliás.

- E elas não tentaram te catequizar, Celso?
- 1 delas tentou, mas o desafio foi muito grande para ela, há-há.
- Eu imagino...
- Pra dizer a verdade eu tenho um medo arretado dessas coisas.
- A gente só tem medo daquilo que a gente não conhece, Celso.
- Aprendeste isto na faculdade?
- Também...
- Pois eu nem conheço nem quero conhecer – fiz outra breve pausa, dei outra leve conferida nas transeuntes – No final da nossa discussão de ontem Nilo teve uma sacada genial, Nádia.
- Qual foi?
- E se o que acontecesse com a gente depois da morte fosse exatamente aquilo que a gente acreditasse que seria?
- Tipo, quem acreditasse em transcendência de energia pensante transcenderia para um universo paralelo?
- Isso, e quem acreditasse que iria para um lugar bom ou ruim de acordo com seus méritos iria para tal lugar, quem acreditasse em em céu e inferno também...
- E quem acreditasse no nada seria nada.
- Exato, e assim por diante. Teoria massa, né?
- Tinha que ser idéia do Nilo... – ela balançou a cabeça em discordância – pois eu acredito que tudo tem uma razão de ser, tudo tem um motivo, Celso.
- E qual seria o motivo de nós estarmos aqui conversando sobre estas coisas neste exato momento, Nádia?
- Eu não sei... talvez para que a gente entenda, e respeite, pontos de vistas diferentes dos nossos. Talvez para que a gente pratique isso no decorrer das nossas vidas neste planetinha...
- Só... – eu olhei para o mar, fiquei observando as marolas que quebravam à nossa frente – eu acho que amanhã não var dar onda não...
- Você conhece Floripa, Celso?
- Ainda não...
- Nossa, na Joaquina é que dá onda boa!
- Só... – eu comecei a rir sozinho novamente.
- O que foi?
- Eu tava aqui imaginando se o ITA fosse aqui, ou em Floripa... ia ser muito massa: ondas boas, gatas mil...
- Há-há-há... vocês não iam estudar nada, Celso.
- Muito pelo contrário, a gente ia ter muito mais motivação para estudar... – de repente eu lembrei do sujeito que havia idealizado o ITA – eu acho que faz mais sentido ser em São José mesmo.
- Por que então você não transfere para a UFSC?
- Eu provavelmente não teria como financiar tal empreitada, Nádia.
- Então quando você terminar o ITA você vai fazer um mestrado lá.
- Boa idéia – eu comecei a visualizar a coisa, mas lembrei de um importante detalhe – mas não vai ser possível.
- Por que não?
- Porque eu prometi para mim mesmo que se eu conseguir me formar no ITA eu nunca mais vou estudar.

- Mas isto foi antes de você conhecer Santa Catarina, Celso.
- E qual é a diferença?
- A gente nunca deve fazer estas promessas, sabe, assim no escuro, sem ver as coisas antes!? Sem conhecer...

Ela preferiu não terminar a frase, ficou apenas olhando para os meus olhos. Eu virei o rosto 90 graus à esquerda, olhei para o mar novamente, desfiz o movimento, comecei o coçar o queixo bem lentamente enquanto olhava para o rosto dela:

- Nádia, me diz uma coisa...
- Que coisa?
- Tu além de aprendiz de psicóloga és vidente também?
- Há-há-há... – ela virou o rosto 90 graus à direita, olhou para o mar, desfez o movimento, discretamente mordeu o lábio inferior – não, Celso, por que?
- Eu acho que você sabe porque, Nádia.
- Se você acha que eu sei então eu acho que você também sabe...

Ela novamente preferiu não terminar a frase, ficou apenas olhando para os meus olhos.

Outro momento ideal para iniciar o meu experimento termodinâmico, e verificar se a hipótese nula seria diferente de zero. E algo no âmago do meu ser me garantia que o meu precavido amigo Nilo muito provavelmente não estava nem um pouco preocupado com aqueles detalhes naquele momento... mas eu ainda tinha 2 bons motivos para não fazê-lo.

Eu refleti bastante durante 2 s e outra vez decidi não decidir nada. Talvez no fundo mesmo Nádia estivesse apenas me sacaneando... é, com certeza ela estava apenas tirando onda com a minha cara. E no exato momento que eu cheguei àquela óbvia conclusão eu também concluí outra coisa igualmente óbvia, a qual eu fiz questão de imediatamente compartilhar com ela:

- O ITA é feito uma onda, Nádia!
- Hum?!
- Lembra que você me perguntou o que eu achava do ITA?
- Lembro, e daí?
- Então, sabe naqueles filmes de surf, ou quando você está na Joaquina vendo o pessoal surfar?
- Sabe o quê...!?
- Sabe quando o surfista entra no tubo?
- Sei.
- Então, entubar é a coisa mais gostosa que existe na vida, é melhor que ss... – eu fechei os olhos por instante e tentei pensar numa alternativa mais sutil do que a comparação padrão – é melhor que beijar na boca.
- Sei... quer dizer, não sei, pois eu nunca entubei, há-há.
- Tudo bem, que isto é um privilégio de poucos mesmo, mas acompanha o meu raciocínio – eu fiz uma breve pausa – o surfista passa o tempo todo desejando entrar no tubo, faz de tudo pra entrar no tubo. Quando ele finalmente está dentro do tubo, sabe em quê ele está pensando?

- Ah, agora eu entendi o que você está querendo dizer – ela sorriu triunfante – em sair do tubo!
- Inteiro, sair do tubo inteiro! E de preferência ainda sobre a prancha, e ainda em movimento.
- Essa foi muito boa, Celso.
- A diferença é que um bom tubo raramente dura mais que 1,5 s, um extraordinário tubo raramente chega a 9,0 s, e o ITA dura no mínimo 5 anos.

As outras 2 voltaram naquele instante, e sentiram as boas vibrações que emanavam de nós:

- A conversa está animada! Do que é que vocês estão falando? – Núbia indagou.
- Sexo, drogas e rock'n'roll, minha cara – eu respondi.
- Há-há-há, nós estávamos debatendo sobre os grandes mistérios da vida, meninas – Nádia replicou.
- Ou seja: sexo, drogas e rock'n'roll – eu trepliquei.
- Vamos andar mais um pouco, gente? – Vitória encerrou o debate.

Continuamos nosso agradável passeio, jogamos um monte de conversa fora, rimos um bocado, o cansaço bateu, demos a noite por encerrada e fomos embora.

Quando entramos na casa percebemos que o silêncio imperava no ambiente. Os 5 colchões posicionados no chão da sala praticamente cobriam todo o espaço disponível do recinto, eu tive que caminhar sobre eles de modo a chegar ao banheiro para executar minha rotina noturna.

Obviamente que elas haviam insistido que eu fosse primeiro, e obviamente que eu não quis insultar a hospitalidade delas e cedi aos seus apelos. Entrei, tranquei a porta, fiz meu xixi sentado, a fim de minimizar o ruído, escovei meus dentes, lavei o rosto e troquei de camiseta. Depois colei meu ouvido à porta a fim de colher algumas informações potencialmente úteis.

Logo percebi que elas haviam aprendido com o erro da cozinha, pois cochichavam tão baixo que eu não consegui nem identificar suas vozes, quanto mais entender o que elas estavam dizendo. Mas aquela conversa murmurada não deixou de ser um bom sinal.

Abri a porta, saí e dirigi-me silenciosamente ao colchão mais longe do banheiro. Vai que uma delas sofria de incontinência urinária, eu ia passar a noite inteira sendo pisoteado.

Elas pegaram um monte de bolsas e estojos e não sei mais o quê e entraram no banheiro.

Eu deitei e virei meu rosto em direção oposta aos outros 4 colchões. Levantei o lençol até cobrir as orelhas e fechei os olhos.

As 3 saíram uns 15 min depois e foram arrumar as coisas. Eu nem quis olhar para elas, só para minimizar a probabilidade de ter sonho esquisito, mas mesmo assim elas foram cautelosas e fizeram questão de alertar-me em relação a uma outra perigosa possibilidade:

- Celso, você ainda está acordado?
- Agora estou, Núbia – eu respondi, ainda sem virar o rosto.

Elas riram baixinhoe continuaram:

- É que a gente queria te falar uma coisa.
- Que coisa, Nádia? – eu indaguei, ainda sem virar o rosto.
- A gente tá com o rosto cheio de creme, então não se assusta, tá bom? – Nádia continuou.
- É, senão vai ter pesadelo mais tarde – Vitória explicou o motivo de tanta preocupação.

Eu resolvi virar o rosto e olhar para elas, afinal de contas um pesadelo seria bem menos incoveninete do que um sonho esquisito. Depois de uma rápida análise visual eu achei que não iria correr risco de tipo algum, então fechei os olhos e cobri minhas orelhas novamente:

- Vocês estão lindas, meninas. Boa noite, sonhem com os anjos...
- Boa noite, Celso – elas sussurram em uníssono.

Elas cochicharam mais um monte de coisa, rezaram e deitaram. E depois cochicharam mais um pouco. Eu estava quase dormindo, de modo que nem tentei decifrar o que seria.

O silêncio finalmente abateu-se no recinto, e eu finalmente pude ficar a sós com os meus pensamentos. Não consegui dormir, entretanto, fiquei ruminando a conversa que tivera com Nádia, sobre os grandes mistérios da vida. Fiquei lembrando das vezes que eu tivera semelhantes conversas com Carolina... fiquei pensando nela, onde estaria, como estaria... nos bons e não tão bons momentos que tivéramos... nas férias, no que teria acontecido se a gente tivesse ficado junto novamente, se teria rolado mais uns angustiantes meses daquela senóide emocional que experimentáramos nos anos anteriores.

Eu não lembro quanto tempo fiquei naquele estado semi-melancólico, mas chegou uma hora que eu levantei e fui à cozinha para beber água. Fechei a porta silenciosamente, acendi a luz, peguei um copo e me servi. Encostei-me ao balcão da pia e fiquei apenas escutando o ruído da geladeira.

De repente a porta da cozinha abriu. Virei meu rosto à direita e deparei-me com a causadora mas minhas momentâneas inquietações existenciais. Ela não pareceu surpresa com a minha presença, fechou a porta atrás de si e esboçou um solidário sorriso:

- Não está conseguindo dormir, Celso?
- Não, Nádia.
- Você quer que eu faça um leite quente pra você?
- Fala de novo.
- O quê, Celso?
- Leite quente.
- Leite quente... – ela me lançou um olhar curioso.

- O teu sotaque é muito massa... – eu comecei a rir sozinho – obrigado, eu só quero água mesmo.
- O teu também... – ela aproximou-se, pegou o meu copo e tomou um gole.
- Agora você vai descobrir os meus segredos, Nádia.
- Hum... – ela encostou-se ao balcão da pia, tomou outro gole e me devolveu o copo – e agora você vai descobrir os meus, Celso.

Bebi o revelante líquido enquanto fitava seus expressivos olhos. Mais outro momento ideal para iniciar o meu experimento termodinâmico, e verificar se a hipótese nula seria diferente de zero. O relógio na parede marcava 1:49, eu tinha certeza que naquele exato momento o meu enamorado amigo Nilo não estaria de jeito algum preocupado com aqueles detalhes... mas eu ainda tinha 2 bons motivos para não fazê-lo.

Ou melhor, somente 1, pois com certeza Nádia havia escovado seus dentes antes de tentar dormir, e aquilo tinha que ter neutralizado o gosto da fumaça. Respirei fundo e verifiquei que o desagradável odor havia desaparecido.

O que é que eu ia fazer? Beijar aquela maravilhosa catarinense ou sacanear mais outra vez os olindenses? Aquele foi o maior dilema da minha vida, e o mais curto também. Em menos de 3 s eu cheguei à brilhante conclusão de que ninguém merecia tanta humilhação numa noite só, muito menos os simpaticíssimos olindenses. Era chegada a hora de agir.

Enquanto minha mão esquerda cuidadosamente colocava o copo sobre o balcão da pia da cozinha a minha mão direita cudadosamente colocava seus dedos sobre a mão esquerda da minha inesperada companheira de insônia. Sua reação foi positiva, ela virou o rosto para a frente por um breve momento e ficou sorrindo consigo mesma, seu satisfeito olhar traindo seus pensamentos "finalmente este olindense indeciso resolveu tomar uma atitude de cabra macho". Depois virou seu lindo rosto e fitou meus olhos novamente.

Eu rapidamente calculei qual seria o melhor ângulo de ataque de modo a minimizar a área de contato com a superfície ainda lambuzada do seu rosto e cheguei à conclusão de que 15 graus positivos seria o valor ótimo. E foi este o valor que eu usei para selar meus lábios aos seus.

Aquele foi o beijo mais gostoso da minha vida, e o mais cheiroso também, e eu logo mudei de idéia em relação á minimização da área de contato entre os nossos rostos. E depois de uns 45 s eu achei que um pouco mais de contato entre nossos corpos também não seria nada desagradável, então rotacionei o meu no sentido horário de modo a reduzir o ângulo que ele fazia com o dela de 180 para 0 graus. Ela apertou os braços ao meu redor, e eu reagi de maneira análoga.

Não demorou muito e o nosso idílico encontro começou a gerar algumas esperadas emoções mais intensas, mas algo no âmago do meu ser me indicava que, apesar de estar muito agradável, ele estava fadado a ser breve. E não deu outra, em menos de 10 min Nádia anunciou-me um pedido de adiamento do jogo:

- Celso, deixa eu te dizer uma coisa...

- Diga...
- Esse negócio tá muito bom, mas a gente continua amanhã, tá legal?
- Continua mais tarde, né? Pois agora já é amanhã, Nádia – eu não consegui deixar de dar uma de iteano chato.
- Amanhã, **sábado** – ela frisou, como quem queria fazer-me lembrar de algo importante.
- Ah, entendi – eu sorri conformado – eu entendo, e respeito, o seu ponto de vista, Nádia.
- Que gracinha... – ela passou a mão no meu rosto e uniformizou a aplicação do creme que havia sido transferido do seu.

Demos outro beijinho de boa noite e dirigimo-nos de volta à sala. Mas antes de abrirmos a porta da cozinha eu lembrei de um importante detalhe, e solicitei-lhe um pequeno favor:

- Nádia...? – eu sussurrei.
- O que foi, Celso? – ela sussurrou de volta.
- Quando vocês acordarem amanhã por favor me acordem também. Eu costumo dormir até tarde quando não tem aula, sabe, tipo 10:30? Mas eu não quero ficar atrapalhando o movimento na sala.
- Não se preocupe, pois as crianças levantam cedo, sabe, tipo 6:30? E acordam todo mundo.

Eu deitei com a certeza de que um sonho esquisito seria inevitável, e fiquei imaginando o mico que seria acordar com uma mancha proteica no lençol. Aquela foi a maior preocupação da minha vida, e a mais curta também, pois logo que passei as mãos sobre a área potencialmente em risco do "boardshort" que eu estava usando lembrei que ele era feito de tecido impermeável. Sorri aliviado e finalmente consegui dormir.

Acordei com uma bela voz chamando meu nome, e com um belo pé delicadamente chutando a minha bela bunda:

- Levanta, Celso, que você atrapalhando o movimento na sala!

Abri os olhos e deparei-me com uma sorridente catarinense dos olhos verdes.

- Já são 6:30? – perguntei baixinho, enquanto espreguiçava sob o lençol.
- Não, já são 8:30 – Nádia respondeu baixinho, e depois aumentou o volume – Levanta!

Obedeci seu estridente comando tão logo verifiquei que meu "boarshort" continuava seco. Nada de sonhos esquisitos, nada de pesadelos. Maravilha!

- Eu pedi pra você me acordar, não pedi? – perguntei baixinho, enquanto tentava dobrar o lençol.
- E o que é que você acha que eu estou fazendo, Celso? – Nádia respondeu baixinho, e depois tomou o lençol das minhas mãos.

Peguei minha mochila e fui ao banheiro. Eu percebi que os outros 4 colchões não estavam mais na sala, o que de imediato me fez pensar sobre o paradeiro do meu festeiro amigo.

Nádia tinha que ser vidente, pois quando terminei minha rotina matinal ela me recepcionou com a resposta na ponta da língua:

- Vem cá, o Nilo está na cozinha, tomando café. Ele chegou com uma fome...
- Foi mesmo...!?

Ela deu uma geral na mesa, verificou que tudo estava em ordem e deixou-nos a sós. Sentei e comecei a comer algumas frutas, enquanto observava o meu esfomeado amigo devorar tudo que estava à sua frente. Nilo tinha um enigmático sorriso e um feliz olhar que fazia muito tempo que eu não via. Eu não pude deixar aquela ocasião passar em branco:

- E aí, flambaste?
- Há-há-há... – o meu extasiado amigo parecia que ainda estava sob o efeito das poderosas endorfinas – claro que não, meu camarada.
- Beleza... e hoje, vai rolar mais jaba-jaba?
- Hoje não, Celso, afinal de contas é Sexta-feira Santa.
- E desde quando tu ligas pra isso!?
- Eu não ligo, mas a Clara liga.
- Só... a gente tem mais é que entender, e respeitar, os pontos de vistas diferentes dos nossos, não é mesmo?
- Só...
- E quando é que eu vou conhecer a figura? Se é que ela, ou ele, existe mesmo, né?
- Ela existe, Celso, é real e é única.
- Só...
- Então, de noite ela vai passar aqui pra gente sair, eu te apresento...
- Ué, tu não falaste que não ia rolar jaba-jaba hoje?
- Não vai rolar sexo, mas ficar sem drogas e rock'n'roll eu não fico, há-há-há.
- Só...
- E como foi ontem?
- Rapaz, eu nunca vi tanta mulher bonita na minha vida... coisa de endoidar o cabeçote, como diria o nosso amigo Prado.
- Há-há-há... igual a SJK, hein, Celso?
- Capaz... – eu baixei um pouco o volume – meu irmão, logo depois que a gente chegou no calçadão passou uma ruivinha linda, Nilo, do cabelão cacheado, olhos azuis. Maravilhosa...!!
- Há-há-há...
- Alucinante, velho...
- E as minhas irmãs, Celso?
- As tuas irmãs também são alucinantes, Nilo, todas 4.
- Não, babaca, eu quero saber se as minhas irmãs te trataram bem.
- Ah, foi mal, há-há... elas me trataram muito bem, Nilo.

"Especialmente Nádia, a carinhosa", pensei comigo mesmo. Aquele seria o momento ideal para comentar-lhe que havíamos trocado alguns inocentes beijinhos na boca, mas o meu cansado amigo levantou-se antes que eu pudesse tocar no pseudo-delicado assunto:

- Eu vou tirar um cochilo, Celso, a gente se vê na praia.

A Praia Central, conforme eu previra na noite anterior, não estava boa em matéria de onda surfável. Já em matéria de mulher bonita... shruiu!! Eu previ que iria passar a manhã inteira apenas urubuservando as belezas naturais do balneário, mas tive que refazer minha previsão tão logo acomodei-me na cadeirinha de praia.

- Tia Nádia, você vem tomar banho de mar com a gente agora?

A escorregadia titia olhou para os sobrinhos com uma carinha triste e teve a brilhante idéia de delegar-me a tarefa não desejada:

- A tia tá querendo pegar um sol agora, meninos, mas o tio Celso vai com vocês, tá legal?

Os garotos me encararam com uma certa hesitação no olhar, mas minha esperança de ser acochambrado foi breve, pois Nádia rapidamente encarregou-se de dar-lhes uma estimulante informação:

- O tio Celso é surfista, peguem as pranchas que ele ensina a vocês como é que se pega onda.

Mais depressa que rapidamente os piazinhos pegaram suas "bodyboards" e puxaram-me pelas mãos:

- Vamos, tio Celso!

Eu só tive tempo de fazer uma pertinente perguntinha à titia de plantão:

- Eles sabem nadar??

Nádia balançou a cabeça positivamente e sorriu orgulhosa da sua astuta manobra, como quem dizia "Nádia 2 X 0 Celso". Mas eu nem me abalei muito, pois eu tinha quase certeza de que sua persistente vantagem no placar iria desaparecer durante as 48 hs seguintes.

Eu senti um não desprezível choque térmico logo que meus pés entraram em contato com o mar. Meus instintos imediatamente mandaram-me girar 180 graus e voltar para a minha confortável cadeirinha, mas a inércia falou mais alto, e eu acabei sendo engulfado pelas geladíssimas marolas de ~0,3 m que, para meu espanto, tanta alegria causavam naqueles simpáticos gurizinhos.

Em pouco tempo percebi que, por mais que eles tentassem, não conseguiriam pegar onda alguma. Obviamente que no sistema guris + pranchas + ondas não havia energia suficiente para tal, então eu resolvi ceder-lhes um pouco da minha:

- Garotos, vamos fazer o seguinte: fiquem deitados sobre as pranchas, quando a onda vier eu empurro vocês, tá legal?

Eles concordaram, não sei se porque acharam que eu entendia da coisa ou por falta de alternativa mesmo. Para surpresa geral, deles, é claro, a minha proposição trouxe resultados satisfatórios. Para eles, é claro, pois para mim trouxe uma elevada quantidade de exercícios físicos não anteriormente planejados, mas nem por causa disso menos benéficos.E também trouxe uma inesperada sensação de bem-estar, coisa que eu decididamente estava precisando de.

Passamos uma boa parte de hora naquela diversão, até que as amáveis genitoras dos garotinhos chegaram à praia e chamaram-lhes para uma segunda aplicação de protetor solar.

Núbia e Vitória também vieram com as outras, e logo prontificaram-se para substituir-me na alegre tarefa.

Eu tomei água, descansei um pouco, e depois fui caminhar pelas redondezas. Nádia, a curiosa, foi comigo:

- Você falou pro Nilo?
- Ainda não tive a oportunidade... e você?
- Também não...
- Você acha que ele vai cismar? Ele é tão protetor com vocês...
- Nós também somos, minhas irmãs e eu.... é coisa do sangue italiano.
- Sei...
- Mas eu acho que ele nem vai ligar, Celso.
- Eu espero que não...
- Você tem namorada lá em São José?
- Não.
- E lá em Olinda?
- Também não.
- Eu tenho um namoradinho em Curitiba...
- Sei...
- Quer dizer, é daqueles namoros que acaba e volta toda hora. No momento está acabado.
- E faz quanto tempo que vocês estão neste vai e vem?
- Uns 2 anos... mas eu acho que desta vez acabou mesmo.
- Eu já vi esse filme antes... 2 vezes...
- Aonde?
- São José... e Olinda.
- Ainda está em cartaz?
- Não, eu decidi que seria melhor ficar solo... sem ninguém pegando no meu pé...

- Hum...
- Mas isto não significa que eu não esteja... você sabe...
- Não, não sei.
- Você é muito engraçada, Nádia.
- Você também, Celso.

Nádia olhou ao redor, como se estivesse procurando alguém. Eu aproveitei a chance para fazer uma superficial análise das suas superfícies de contorno, o que de imediato provocou-me uma série de pensamentos religiosamente incorretos. Desviei meu olhar para o mar, a fim de refrescar as idéias, e quando olhei para ela novamente tive a ligeira impressão de que ela estava fazendo a mesma coisa. Eu resolvei continuar a prosa:

- Você já pensou em virar pro?
- Já, mas eu teria que perder pelo menos uns 10 kg, e crescer pelo menos uns 10 cm para ser pro. E eu tenho certeza de que nenhuma destas coisas vai acontecer, Celso.
- Sei... – eu sorri ironicamente enquanto estimava seu IMC em torno de 18 – pois eu acho que você está no ponto, Nádia.
- Obrigada – ela olhou-me rapidamente de alto a baixo – você também não está mal não, Celso.
- Dá pro gasto, né?
- Dá de sobra, há-há... o Nilo me disse que você também ouve Audioslave.
- Muito massa, a melhor banda que apareceu neste milênio, pelo menos até agora. Você não gosta?
- Gosto, assim...
- Assim, a nível de de repente?
- Há-há-há... é, eu gosto mais da Sheryl Crow, Lenny Kravitz, Pato Fu, sabe?
- Sei... – achei melhor mudar de assunto, antes que desse briga – eu sonhei contigo esta noite, Nádia.
- Como foi?!
- Eu tava surfando, era um lugar que eu não conheço... a água era bem verde, tava rolando altas ondas.
- Deve ser a Joaquina.
- Eu não sei... eu só sei que eu pegava uma esquerda enorme, tinha uns 3 m de frente... eu dropava, dava uma virada na base, encostava na parede...
- Pegava um tubo...
- Exato... longo, uns 6 s... coisa de sonho, mesmo.
- E aonde é que eu apareço...?
- Quando eu saía já tava bem na beirinha, a onda acabava, eu caminhava na praia e você estava lá.
- E...?
- Só isso, não aconteceu mais nada... pelo menos eu não lembro de mais nada, Nádia.
- Hum...
- Tu interpreta sonho também? Faz parte do currículo?
- Há-há-há... esse é muito fácil, Celso, a gente tava conversando sobre isto ontem à noite, ficou na tua memória.
- Eu tava receoso que outra parte da nossa conversa ficasse na minha memória... e causasse um sonho mais... como é que se diz...?

- Há-há-há... eu também sonhei contigo esta noite.
- Shruiu!!! Como foi!?
- A gente tava numa festa, sabe? Era numa casa grande, ou num clube, eu não sei.
- E...?
- Eu estava dançando com o meu namorado, ou ex, você estava dançando com uma menina dos cabelos escuros...
- Bonitinha?
- Não deu para ver, ela estava de costas. Nilo estava lá também, com a Clara.
- E o que mais?
- Todos estávamos felizes... eu acordei depois.
- Hum... esse é fácil também, Nádia.
- Pois prossiga.
- Você ficou confusa, porque a gente se beijou, ontem. Então, no sonho, você está com o seu namorado, porque afinal de contas você gosta dele...
- Continue...
- E ficar com ele é uma alternativa mais lógica, e segura, do que ficar comigo.
- Mas...
- Mas ao mesmo tempo você não quer me ver infeliz, por isso eu estou dançando com uma menina. E estou feliz.
- Hum, interessante... continue.
- O fato dela estar de costas significa que você nem se importa quem que ela seja, desde que eu esteja feliz com ela.
- E o que mais?
- Mas o mesmo fato dela estar de costas, aliado ao fato da menina ter os cabelos escuros, como os teus, significa que no fundo mesmo você gostaria que a tal menina fosse você, Nádia.
- Hum... e o Nilo e a Clara?
- Estão presentes apenas para dar uma sensação de harmonia, de que no final tudo vai dar certo, todas as peças irão encaixar direitinho.
- Eu estou impressionada, Celso.
- Eu sei... a minha capacidade analítica é mesmo impressionante, modéstia à parte.
- Não foi isso, seu convencido...
- O que foi, então?
- A tua análise foi igual à minha.
- Hum... a tua capacidade analítica é mesmo impressionante, Nádia.

Ela concordou, em silêncio. Depois segurou minha mão e entrelaçou seus dedos aos meus:

- Eu gostei de você, Celso.
- Eu também gostei de você, Nádia.
- Você leva jeito com criança...
- Talvez seja porque eu ainda seja uma...
- Você se acha infantil?
- Às vezes...
- E você acha que isto seja um problema?
- Claro que não... tu não consegues ficar 1 min sem me analisar não?
- Eu não estou te analisando, Celso.

- Não, claro que não... você está apenas tentando descobrir esta alguma coisa esquisita que eu tenho.
- Há-há-há... eu já descobri, Celso.
- E o que é?
- Esse teu jeito largado, de quem não está nem aí com nada, essa cara de entediado, sabe?
- O que é que tem?
- É tudo faixada... você faz isso para que as pessoas não se aproximem muito de você, e não conheçam o seu "verdadeiro eu"...
- Há-há-há... – a mesma coisa que Carolina havia-me dito inúmeras vezes.
- Que é uma pessoa super-legal, sensível, carinhosa, bem-humorada, que se preocupa com os amigos... que se preocupa em não magoar os amigos...
- E...?
- E foi por esta pessoa que eu me senti atraída, Celso.
- Sentiu ou sente?
- Sinto, ainda não passou.
- E você quer que passe logo?
- Não, eu gosto desta sensação, está tão boa...

Nilo acordou logo depois que voltamos da praia. Passamos uma tarde bastante amena, bebendo chimarrão e discutindo assuntos aleatórios. Tal qual fazíamos no H8, mas sem os palavrões, naturalmente. Nora e Núbia pediram-me para traduzir a letra de "If I could fall in love", que elas haviam escutado num filme qualquer e haviam gostado da canção. Eu mostrei-lhes um site que tinha a letra orininal, bem como a tradução, e elas aparentemente ficaram muito satisfeitas com o bizu, pois passaram o resto da tarde pesquisando suas músicas prediletas.

Ao cair da noite Nilo recebeu uma ligação da namorada, e pela cara de felicidade que ele fez deu para entender que ela havia planejado algo especial para a noitada. Ele me chamou para um particular logo depois que desligou o telefone:

- Celso, escuta, a Clara vai passar aqui pra gente sair. Veste uma calça, que eu acho que vai esfriar um pouco mais tarde.
- E tu achas que eu vou ficar atrapalhando o saidão de vocês, Nilo?
- Não, deixa eu te falar. A irmã dela, Gilda, chegou agora do interior, ela vai também.
- Ela é gostosinha?
- Celso, tu sabes que eu não sou de ficar secando a minha querida cunhada, há-há.
- Besteira, Nilo, que todo mundo gosta de secar a cunhada.
- Tu vais gostar dela...

Eu coloquei uma calça, uma camiseta limpa, fiz a barba, escovei os dentes e fiquei aguardando na sala por 45 min, durante os quais as irmãs dele fizeram um monte de comentários espirituosos, o que apenas serviu para aumentar ainda mais a minha expectativa.

As meninas finalmente chegaram, eu levantei e fui falar com elas. Nilo introduziu-me primeiramente à sua namorada, e depois à irmã dela. Gilda tomou um susto quando me viu, ficou parada na minha frente, a menos de 0,5 m de mim.

Eu instintivamente passei a mão no rosto para verificar se ainda havia algum resquício do creme de barbear, mas nada encontrei. Ela continuou a me olhar atentamente, e eu fiz o mesmo. Seus cabelos longos e cacheados, quase negros, seus olhos castanhos, levemente amendoados, seu nariz bem definido, seus lábios carnudos... aquiles atributos estavam me parecendo muito familiar, mas na hora eu só pude pensar numa coisa a dizer-lhe:

- Você parece com alguém que eu conheço, mas eu não estou lembrando quem é...
- Que coincidência... – ela finalmente pareceu sair do momentâneo transe.

Depois que todos os presentes riram da cena foi que eu comecei a entender tudo:

- Nossa! Como vocês são parecidos! – Nora ajudou a minha debilitada memória fotográfica.
- É mesmo – Clara confirmou.

Curioso, muito curioso. O mais curioso mesmo é que todos aqueles semelhantes atributos formavam um harmonioso conjunto. Nela, é claro. Trocamos ósculos facias em número condizente com os costumes locais, e depois daquele breve ritual eu tive a chance de dar uma rápida, mas detalhada, sacada na menina.

Ela trajava uma blusinha colorida, curta o suficiente para dar uma generosa perspectiva do que estava por debaixo dela e deixar à mostra um delicado "piercing" estrategicamente colocado no umbigo. E logo abaixo uma calça jeans, justa o suficiente para revelar suas curvas laterais. Olhei para o seu rosto novamente e consegui detectar as argolas de 4 cm de diâmetro que pendiam das suas orelhas. Shruiu!!!

Nilo deu tchau para todos e saiu porta afora com Clara. Gilda virou-se e deu-me a rápida chance de conferir os detalhes que faltavam, mas eu nem tive tempo de decifrar o mais interessante deles: a tat nas costas, logo acima da bunda. Coisa de endoidar o cabeçote, como diria o nosso amigo Prado.

Antes de sair dei um tchauzinho para as damas da casa, que ainda estavam rindo da minha cara de babaca:

- Cuidado que essas catarinas são perigosas, Celso – Nádia fez questão de alertar-me, em tom jocoso, mas que para mim pareceu um pouco contraditório com a conotação do olhar que ela me lançou quando falou aquilo.
- Isto é o que nós veremos... – eu respondi como quem dizia "Nádia 2 X 1 Celso".

O placar finalmente começava a virar...

Dez

O ônibus fez sua parada final. Eu levantei, peguei minha mochila e cutuquei o meu sonolento amigo:

- Nilo, chegamos.

Ele abriu os olhos, coçou o nariz e levantou-se:

- Que horas são, Celso?
- Sei lá...

Não falamos mais nada. Saímos da rodoviária e caminhamos em direção ao CTA. Atravessamos a passarela por sobre a Dutra, passamos pela guarita. Nilo continuava silencioso. Seu melancólico olhar fazia-me lembrar de mim mesmo, ou melhor, do Celso de outrora, que ficava triste quando retornava das férias, ou da semaninha.

Eu estava feliz naquela noite. Havia passado mais de 100 horas longe do H8, havia conhecido lugares novos, pessoas novas, diferentes, agradáveis. Eu estava tão feliz que comecei a sorrir, e aquele simples ato pareceu modificar o estado de ânimo do meu ressacado amigo:

- O feriadão foi bão, hein, Celso? – ele finalmente esboçou um sorriso.
- Foi muito massa... valeu mesmo, Nilo, muito obrigado.
- Obrigado por ter ido comigo, Celso. Vocês saíram ontem?
- Saímos, fomos a um barzinho lá perto mesmo.
- Tava legal?
- Só... lembra daquela ruiva dos olhos azuis que eu falei que tinha visto na praia?
- Lembro, ela estava lá?
- Tava com mais 3 amigas maravilhosas.
- Falaste com ela?
- Falei. A gente ficou só naquela azaração à distância, saca?
- Só...
- E tuas irmãs ficaram dando uma de beque. Mas quando eu fui ao banheiro ela discretamente me seguiu, a gente trocou umas idéias, ela me deu o telefone dela...
- Tu ligaste?
- Não, afinal de contas hoje a gente passou o dia com as meninas, Nilo.
- Só...
- Se este feriado fosse 1 dia mais longo eu tinha dado uns apertos nela...
- A gente sempre reclama de algo, né, Celso?
- Só... e sempre lembra da mulherzinha que a gente não agarrou. Mesmo que tenha rolado trocentas outras mulheres, aquela que não rolou é que fica na memória.
- E a Gilda, Celso?
- Gilda é muito massa, Nilo, bem que tu falou que eu ia gostar dela. Ela me deu aquele disco do The Vines de presente.
- Aquele disco é muito massa... tu descobriste o que é aquela tatuagem dela?

- Descobri hoje, na praia, é uma espiral contornando uma florzinha... eu tive a oportunidade de fazer uma análise bem detalhada dela. Da tat, naturalmente.
- Só, há-há... e aí, vocês planejaram alguma coisa, Celso?
- Ela me convidou para ir visitá-la, me deu o telefone, endereço, e-mail...
- Sinal de que ela está interessada em algo mais, Celso.
- Eu sei... ela é muito gata, quente toda e legal demais, mas o chato é que ela mora longe praca, Nilo.
- Vai na semaninha.
- Não, velho, esta semaninha eu vou pra casa, nem que eu tenha que ir de jegue.
- Há-há... eu também.

Seu humor estava visivelmente melhor, então eu achei que tava na hora de contar-lhe um pouco mais sobre os inesperados acontecimentos do feriado:

- Mas eu estou satisfeito, Nilo, peguei uma praia esperta, apertei 2 catarinas maravilhosas, a-há, a-há. E se tivesse mais um pouquinho de tempo eu ainda ia apertar a ruivinha.
- Só... – ele refletiu um pouco sobre o que eu havia acabado de falar – 2, Celso? Quem foi a outra?
- Foi a Nádia.

Nilo balançou a cabeça em discordância, mas continuou bem-humorado:

- Tás brincando, né?
- Não, é sério... a gente se agarrou mesmo, Nilo.
- Eu sabia que isto ia acontecer...
- Nesta família só tem vidente... mas pode ficar tranqüilo que não rolou jaba-jaba não.
- Eu nem quero saber o que aconteceu, Celso, isto é problema teu e dela.
- Nós passeamos pela praia de mãos dadas, que nem 2 adolescentes apaixonados, foi muito massa...

Nilo manteve o bom-humor, mas resolveu mudar de tática e passou a jogar na zaga:

- Ela te falou que ela tem um namorado em Curitiba, Celso?
- Falou... tu sabes que eu não sou ciumento, Nilo. E como diria o meu amigo Seno, lavou tá novo, há-há.
- Ela gosta do cara, Celso, eles tão juntos faz um tempão.
- E daí? Ela me convidou para ir visitá-la, me deu o telefone, endereço, e-mail... sinal de que ela está interessada em algo mais, não é mesmo?
- Celso, deixa eu te falar uma coisa, a Nádia não é o teu tipo.
- É claro que ela é o meu tipo, Nilo, a menina é inteligente, charmosa, bonita, meiga, batalhadora... tá certo que ela fuma, e ouve Pato Cru, mas ninguém é perfeito.
- Eu não vou falar mais nada, depois não diz que eu não te avisei.
- E Curitiba não é tão longe assim... se eu sair daqui numa sexta à tarde dá pra passar um fim de semana legal... shruiu!!!

Finalmente chegamos perto do 228, perto do meu quarto, da minha cama. Era difícil de acreditar, mas eu estava com saudades do H8.

- Tens alguma prova esta semana?
- P.O., na quinta. Tina vai me dar umas aulas particulares.
- A Cristina é mais o teu tipo, Celso, por que tu não...?
- Há-há-há...
- Sério, tu nunca pensaste nisto?
- Nilo, me poupe.
- Ela é inteligente, charmosa, bonita, meiga, batalhadora... não fuma, não ouve Pato Fu...
- Há-há-há, tu tens cada idéia, Nilo...

Eu tava tão cansado que fui direto pra cama. No dia seguinte Cristina e eu combinamos a estratégia para a prova:

- Você xerocou o caderno do Rochinha?
- Claro! Você xerocou o caderno do Monteiro?
- Claro!
- Então tá. Hoje a gente estuda o Erlich e tudo o que tiver nos 2 cadernos, amanhã a gente refaz todas as séries e a primeira prova, e na quarta-feira a gente repassa tudo.
- Massa. E como foi o feriadão, Tina?
- Foi ótimo, Celso. Cocei praca, saí com minhas amigas, fui à missa...
- Legal... tudo bem na tua casa?
- Tudo... a Natália perguntou por você, a Joana também, a minha mãe também. O meu pai também quis saber quando é que você vai lá em casa de novo.
- Teu pai é muito gente boa, Tina, diz pra ele que qualquer fim de semana desses eu apareço. Se você me convidar, é claro.
- Tá legal. Você foi pra Ubatuba?
- Não, fui pra Santa Catarina, com o Nilo. Foi massa!
- Eu só imagino o quanto vocês aprontaram por lá...
- Não aprontamos nada, Tina. Nilo tá com uma namoradinha lá. Gente boníssima, levou a gente pra dar um giro em Navegantes, comemos altos mariscos e peixes na casa dela... tu sabias que os bois de lá gostam de farra?!

Seguimos à risca nosso rigoroso esquema de estudo, e não precisamos nem virar noites em desespero. A prova não foi trivial, 5 questões a serem resolvidas em 2 horas, mas foi bem melhor que a primeira, e eu saí da sala confiante de que havia acertado tudo.

Cristina, para minha surpresa, não estava tão confiante quanto eu, ela achou que tinha feito alguma besteira na última questão. Ela passou o jantar inteiro reclamando da prova, mas quando voltamos pro H8 ela ficou mais calma.

- Bom, não adianta nada ficar aperriada agora, Tina, depois da semaninha o professor entrega o resultado. Aí, se for o caso...
- É, deixa pra lá, caga...

E na segunda-feira depois da semaninha, ao término da aula, o querido professor entregou as provas...

- Bom, a segunda prova foi bem melhor que a primeira, a média da turma foi maior e o desvio padrão foi menor. E, conforme combinamos, quinta-feira de tarde faremos a prova chance. Lembrem-se que a prova chance é opcional, e vai substituir a nota da primeira prova. Agora por favor peguem suas provas e quem tiver alguma dúvida me procure depois na minha sala. Alberto... Angelina... Celso – o amado mestre olhou para a minha nota e não conseguiu deixar escapar um positivo comentário – boa acelerada, Celso, meus parabéns!
- Obrigado, Mestre.

O professor continuou a entrega enquanto eu admirava o meu primeiro L+ do semestre:

- Cristina... Demétrio...

Saí da sala e fui direto pra Dival, mas tia Graça não estava lá, então fui à sala de Adriano conversar com ele. No caminho encontrei uma quase tristonha Cristina.

- E aí, Tina, se deu bem?
- Porra nenhuma, tirei outro R.
- R!? Cacete, o que foi que houve, Tina?
- Eu também errei algo na terceira questão, além da quinta, que eu já sabia que tinha feito merda.
- Vais fazer prova chance?
- Não, vai que eu tiro um I... deixa pra lá, caga...

Ela achou melhor não arriscar, eu achei melhor estudar pra cacete de montão à beça, de novo, e encarar a prova chance. E praticamente mudei para o 126, onde moravam 2 outros colegas de turma que também haviam decidido fazer o mesmo.

O gagá nojento rolou até a noite da quarta-feira. Na tarde da quinta fiz outra excelente prova, e saí da sala satisfeito por ter conseguido recuperar-me.

Fui pro 228, coloquei “Highly evolved” pra tocar e dei uma conferida nas minhas mensagens: Gilda 3 X 0 Nádia.

Primeiro eu mandei uma mensagem para a minha querida amiga Letícia, pois afinal de contas o final de semana estava próximo, e podia ser que ela estivesse a par de algum acontecimento interessante que poderia vir a acontecer na noite da sexta-feira.

Depois mandei a devida resposta para quem me havia escrito, é claro, e fiquei racionalizando se deveria ou não mandar algo para a outra.

- Ela deve estar estudando muito... ou então esperando até o fim de semana.

Resolvi mandar-lhe uma breve mensagem, talvez ela estivesse esperando que eu mandasse algo primeiro. Não obtive resposta.

Conferi novamente na noite seguinte, mas a situação não havia mudado.

- Hum...

Estranho, muito estranho... mas antes que eu pudesse divagar um pouco mais a respeito daquele inesperado acontecimento minha atenção foi desviada pelo estridente barulho do telefone.

- Quem foi o viado que aumentou o volume desta merda de novo? – resmunguei, enquanto ia atender à chamada – Alô!?
- *Celso, Chico tá por aí?*
- Tá não, Sávio, ela passou uns 50 min no banheiro e depois saiu sem falar nada.
- *Será que ele tá deprimido novamente? Ele sempre tem essas crises depois da semaninha.*
- Claro que não, Sávio, ele não teve mais essas frescuras depois que veio morar aqui. E tu, já assumiste a tua homossexualidade?
- *Não, por que, você por acaso quer me ajudar neste assunto, Celso?*
- Sai pra lá, baitola!
- *Há-há-há... bom, se o Chico voltar hoje manda ele aparecer por aqui. Juliano disse que ia dar as caras lá pelas 11:00, há-há. Vem também, Celso.*
- Vai rolar uma partida de War?
- *Eu acho que não, ainda tá cedo pra isso, Celso. Té mais.*
- Então eu não vou. Tchau.

Sávio R. estava certo, estava mesmo cedo demais para jogar War, eu ia ter que esperar pelo menos outro mês. Baixei o volume do aparelho e deitei na rede.

- Puta merda, o que é que eu vou fazer hoje?

Mal terminei meu auto-questionamento a porta do apê abriu, e por ela entrou um sorridente amigo:

- Ocê deu pra falar sozinho agora, sua bicha louca?
- Não precisei dar não, Adriano... pra onde é que tu vais tão arrumadinho assim?
- Vou sair com a Ana Paula.
- Puta merda, Adriano, de novo?
- Ela acabou de ligar, a-há!
- A coitada deve estar muito carente pra te ligar numa noite de sexta-feira.
- Eu acho que ela ainda é louca por mim, Celso.
- Eu acho que ela ainda é louca, Adriano.
- Há-há-há, a inveja é uma merda mesmo...
- Só... mas antes de sair tu vais ter que me fazer um relatório das tuas notas. Se estiverem medíocres tu não vais sair pra lugar nenhum.
- Deixa eu ver... – Adriano fez uma conta mental – 6 Ls e 2 MBs até agora, Celso.

- Puta merda, desse jeito tu vais ser Summa, Adriano!
- Ia ser muita ironia, né?
- Só... e como foi BH, viadinho?
- Foi bom pra caralho, Celso.
- Saíste com aquela mulherzinha de novo?
- Claro que sim! Ela continua maravilhosa!
- Só... e teus pais, ainda estão namorando ou juntaram de novo?
- Não, ainda estão namorando. Meu pai até que tentou passar uma noite lá em casa, mas eu disse pra ele que se ele dormisse lá ele nunca mais saía de novo.
- E ele?
- Ele falou que ainda não estava preparado pra isso – o precavido amigo ficou pensativo por alguns instantes – eu não sei se eu fui um pouquinho escroto demais com ele, Celso.
- Tu fez bem, Adriano – eu apoiei sua corajosa atitude – ele tem que entender quem é o homem da casa agora, quem é que segura a barra quando a merda vira boné...
- É verdade... – ele sorriu novamente – bom, o importante é que minha mãe está feliz, meus irmãos estão felizes, eu estou bem pra caralho...
- Só, e daqui a pouco esse namoro vira casamento outra vez, né?
- Pelo jeito que eles estão eu acho que vai ser logo logo. Onde estão os outros moradores do 228?
- Fabio e Paulão saíram com a Dré e a Dri, Luca foi pro Rio, e o Chico sumiu.
- Por que ocê não saiu com eles, Celso?
- A Dri foi bem específica quanto a este detalhe, meu amigo, eu ouvi direitinho quando ela falou pro Fabio: "não tragam o Celso".
- Ela ainda está puta contigo?
- Tudo leva a crer que sim...
- Bom, eu vou néussa. Tchau.
- Manda um beijo pra Ana.
- Pode deixar...

Tão logo Adriano fechou a porta atrás de si eu voltei pra rede.

- E agora... o que é que eu vou fazer hoje?

Levantei, olhei pro relógio do som, 21:49. Cedo demais pra ir pra cama, tarde demais pra ligar pra Letícia pra saber se tava rolando alguma festinha na cidade.

- Eu acho que está na hora de abrir aquela garrafa de vuedka que eu trouxe da viagem... deixa eu ver se ainda temos algumas laranjas na geladeira...

Abri a geladeira, conferi que o estoque de laranjas ainda estava em nível satisfatório e comecei o procedimento de preparação da mistura. Mas parei quando senti que estava faltando algo no ambiente. Voltei para o sarcófago, sentei à frente do computador e procurei um vídeo que fosse adequando para tal ocasião.

- Que tal uma dose de Papa Roach? Que tal "She loves me not"?

Botei o clip pra rolar, levantei novamente e fui terminar o que havia começado, mas antes que eu pudesse terminar de abrir a garrafa minha atenção foi desviada pelo quase suave ruído do telefone.

- Puta merda, será que é o viado do Sávio de novo? – resmunguei, enquanto ia atender à chamada – Alô!?
- *Oi, Celso...*

Eu estremeci todinho quando ouvi aquela voz, principalmente porque meus treinados ouvidos detectaram uma deliciosa freqüência associada a um não tão distante, e também delicioso, evento, ocorrido numa agitadíssima e bastante distante praia do litoral brasileiro.

- *Você está muito ocupado agora?*
- Não, não, eu não estou fazendo nada – resposta errada, mas saiu sem querer.
- *Será que a gente podia conversar um pouco, Celso?*
- Claro...

Depois que ela desligou eu fiquei me questionando o que é que aquela menina estaria querendo conversar comigo.

- A coitada deve estar muito carente pra me ligar numa noite de sexta-feira.

Aquela hipótese causou-me uma estranha sensação, e também uma inesperada dúvida: abrir ou não abrir a garrafa?

- Eu acho que ela ainda é louca por mim.

Decidi colocá-la de volta na geladeira e pegar o telefone novamente.

- *Alô...!?* – uma sonolenta voz atendeu do outro lado.
- Bebeto, Tino tá por aí?
- *Não, Celso, ele saiu com Camilo, Renato... os quinto-anistas coçadores.*
- Foram encher a lata...
- *Eu acho que sim...*
- Por que tu não foste, tás doente?
- *Não, eu tou cansado praca, Celso... passei a noite toda estudando, ontem, tive uma prova escrota hoje de manhã, um lab escroto de tarde, acabei depois das 6:00...*
- Só... vai dormir, então, eu só queria saber se Tino tava por aí.
- *Não, mas eu acho que ele volta cedo, lá pra meia-noite eles vêm pro H8 tomar a saideira... principalmente quando Ruizola tá dirigindo, hé-hé, aquele baitola não bebe porra nenhuma quando dirige, e hoje foi a vez dele.*
- Tino não levou a paratosa, então?
- *Não... se tu precisar a chave está aqui, no mesmo lugar de sempre.*
- Pode ser que eu precise...
- *Se eu tiver dormindo deixa recado com os bichos, que ainda estão estudando Quimex, hé-hé, pede pra eles avisarem pro Tino que tu pegou a paratosa.*
- Falou.

- *Não esquece de encher o tanque na volta, senão Tino vai dar a porra amanhã.*

Bom, importante saber que em caso de emergência a paratosa estava disponível. O chato é que eu com certeza não dispunha dos recursos necessários para repor o combustível que eu precisaria usar, caso realmente a emergência acontecesse. Abri a porta do meu armário, peguei a minha carteira e contei a grana disponível. Rapidamente verifiquei que a situação ainda era um pouco pior do que eu havia imaginado.

- Putz, eu não tenho nem fundos para financiar a eventual emergência...!

Corri para o 231, na esperança de que Adriano ainda estivesse se embonecando mais um pouco, e dispusesse de algum caixa extra, mas não encontrei ninguém por lá.

- Agora fudeu a tabaca de chola...!

Voltei pro 228, sentei na minha cama e tive uma confortante, e estranha, esperança:

- Tomara que não seja nada disto que eu estou pensando... tomara que seja somente um caso de TPS.

Levantei, desliguei o computador e pensei num sonzinho mais leve para o ambiente:

- Nada de Rumours, ou Lush, ou MBV, ou Bob Marley, ou Wallflowers, ou Sarah Mac... nada que possa trazer de volta inoportunas lembranças.

U2 nem pensar, tinha que ser algo neutro, algo tipo...

- The Black Crowes, é isso!

Pegei o CD e coloquei no som. Deitei na rede e fiquei aguardando a chegada da minha visitante. Chequei o relógio do som novamente, 22:06.

- Péssimo sinal, ela está se embonecando...

5 min depois ela chegou:

- Oi... – sua saudação foi breve, mas seus olhos disseram muito mais do que aquilo.

Eu só não tomei um baita susto porque já aguardava a sua chegada. Ela não estava produzida, e nem se estivesse ia fazer alguma diferença. Tá certo que o sol da semaninha havia imprimido uma saudável coloração na sua pele, e deixado algumas interessantes marcas nos seus ombros, coisa que a sua blusa não estava fazendo o mínimo esforço para esconder. Mas aquilo tudo era detalhe, pois o que importava mesmo era o seu olhar.

Normalmente eu tê-la-ia convidado a deitar-se comigo na rede, ou ela teria deitado ao meu lado de qualquer jeito, mas aquele instante nada teve de normal, e eu achei melhor puxar as cadeiras para fora do sarcófago e conversarmos sentados mesmo.

- Oi... – respondi depois que ela encarou-me novamente.
- Tudo bem?
- Tudo bem. E você?
- Tudo bem...

Ela nunca gostava de dar o primeiro passo, e naquele momento eu senti que ela não ia dar mais outro. Ter ligado pra mim, com a entonação de voz que ela havia usado, devia ter sido bem difícil pra ela. Eu resolvi ser direto:

- O que é que você queria conversar comigo, Bia?
- Nossa, que sutileza, Celso!
- Não foi pra isso que você me ligou?
- Foi, mas...
- Bia, a gente já passou por essa fase de fazer mistério, né?
- A gente já passou por um monte de fase, Celso.
- E qual é a fase que nós estamos agora, Bia?
- Eu não sei, eu realmente não sei mais, Celso.
- Putz... – eu olhei para as calmas águas do feijãozinho por um momento – eu só espero que não seja a fase do "você tinha razão".
- Por que não, Celso?
- É mesmo, por que não...? – eu achei melhor aproveitar a oportunidade e fazer uma confissãozinha – Bia, você tinha razão, eu estava errado, e agora nós estamos muito melhores do que estaríamos se...
- Celso, não brinque com este assunto. Por favor.
- Eu não estou brincando, Beatriz, eu estou falando sério. Eu não entendi na hora que você me disse aquilo, mas agora faz sentido.
- Pois agora nada do que eu disse naquele dia faz mais sentido algum, Celso.

Eu achei melhor mudar de tática:

- Cadê a Marta?
- Saiu com o Renato, Ruizola & cia.
- Os quinto-anistas coçadores foram encher a lata...
- Eu acho que sim...
- Por que tu não foste com eles?
- Celso, me poupe!
- Um dia tu vais ter que fazer as pazes com São José, Beatriz, senão tu vais passar 5 anos aqui só reclamando desta cidade.
- Pois este dia não vai ser hoje, Celso.
- Só... e as outras moradoras do 105?
- Lorena foi pra Sampa, Érika foi com ela, e as bichetes estão estudando Quimex.
- Tá vendo como a situação poderia estar bem pior?
- É verdade...
- O que foi que aconteceu na semaninha, Bia?
- O de sempre...
- Exceto...?

- Exceto que... – sua explicaçao foi interrompida pelo telefone, que tocou novamente – você nao vai atender?
- Com sua licença...

Levantei e peguei o aparelho novamente:

- Alô!?
- *Celso, como vai?*

Eu estremeci todinho quando ouvi aquela voz, principalmente porque meus treinados ouvidos novamente detectaram uma deliciosa freqüência associada a um outro não tão distante, e também delicioso, evento, ocorrido numa outra agitadíssima e bastante distante praia do litoral brasileiro.

- *Você está muito ocupado agora?*
- Não, não... – resposta errada, novamente, mas saiu sem querer.
- *Eu acabei de ler a tua mensagem. Ontem não deu, eu tava muito ocupada.*
- Sei... – "a coitada deve estar muito carente pra me ligar numa noite de sexta-feira", concluí comigo mesmo – como estão as coisas por aí?
- *Normal... as meninas estão mandando beijos.*
- Mande outros pra elas – eu senti que aquela conversa ia ficar um pouco privada demais e aumentei minha distância da porta do sarcófago – que bom ouvir a tua voz novamente.
- *Muito obrigada, foi pra isso mesmo que eu liguei, há-há-há.*
- Tu és muito metida mesmo...
- *E também para ouvir a tua voz, é claro.*
- Tá bom.
- *Quando é que você aparece por aqui? O convite ainda está de pé...*
- Gostei do ainda...
- *Há-há-há, é isso mesmo, não vai durar pra sempre não.*
- Eu não sei, vontade é o que não falta, o problema é o tempo, ou falta de...
- *E dinheiro.*
- Exato, mas a gente dá um jeito.
- *Eu espero que sim. A gente tava querendo saber o resultado do teu experimento termodinâmico, Celso.*
- Há-há-há, inconclusivo.
- *Como assim?*
- Infelizmente eu não consegui obter dados suficientes para chegar a uma conclusão que fosse estatisticamente válida.
- *Há-há-há, não analisou um número adequado de amostras?*
- Exato...
- *E o que é que você concluiu das poucas amostras que você analisou?*
- Também não deu pra concluir muita coisa, pois minha análise foi muito superficial, em ambos os casos.
- *Há-há-há...*
- Eu precisaria de um estudo mais detalhado, mais profundo, sabe?

- *Sei, mas, nós queremos saber a sua conclusão, por mais superficial e inadequada que seja.*
- Tá bom então. O que eu posso afirmar é que, assim, a nível de de repente, existem pelo menos 2 catarinenses cuja temperatura média Tc, se comparada à temperatura média das olindenses, To, não apresenta diferenças que podem ser atribuídas a causas não sistêmicas.
- *Há-há-há, eu não entendi nada, Celso.*
- Entendeu, sim.
- *Tá legal, obrigada pela parte que me toca.*
- De nada...
- *Eu vou ter que desligar agora, senão fica muito caro.*
- Tá legal.
- *Um beijo bem gostoso pra você, belo. Daqueles, há-há-há.*
- Outro, bela.

Coloquei o aparelho no lugar e retomei a conversa com Beatriz:

- Então, o que foi que aconteceu na semaninha, Bia?
- Foi o seguinte, Celso – ela me olhou desconfiada.
- O que foi, não vai ter coragem de me contar?
- Não, não é isso, é que... eu não sei se não vai ficar meio esquisto a gente conversar sobre este tipo de coisa.
- Bia, a gente já conversou sobre tudo que é tipo de coisa, não foi mesmo?
- Foi, Celso, mas isso foi antes da gente... – ela me olhou séria – antes de Pipa.
- Ah, sei – eu tentei ficar sério por um momento – quer dizer então que aquela conversa de "isso não vai mudar nada" foi só papo mesmo.
- Não, não é nada disso, Celso. Você sabe que antes de qualquer coisa, antes de tudo mesmo, você é o meu melhor amigo. Principalmente depois de Pipa.
- Sei...
- Sério!
- Então fala logo o que foi, mulher!
- Foi o seguinte: eu conheci este menino antes do Carnaval...
- Sei...
- E a gente foi ficando, assim, a nível de de repente, até o final das férias.
- Sim, e qual é o problema?
- O problema é que ele deu a entender que gostaria que a coisa evoluísse no tempo, que não fosse apenas uma coisa a nível de de repente, entende?
- Entendo, e quando você voltou na semaninha a coisa não evoluiu...?
- Não só não evoluiu como também... – sua explicação foi interrompida pelo barulho que Chico fez ao entrar no apê.
- Celso, alguém ligou pra mim? – ele andou em direção ao sarcófago – quem é que está aí? Ah, Beatriz Cecília, vocês estão conversando sobre Pink Floyd novamente?
- É, Chico – Beatriz deu uma de sonsa – você gostaria de juntar-se a nós?
- Não, obrigado, eu detesto ficar segurando vela.
- Celso e eu somos apenas bons amigos, Chico.
- Claro, claro... – o ansioso amigo desviou sua atenção para mim – Celso...?

- Tua namorada não ligou não, deve estar na solta na buraqueira, mas Sávio R. ligou, disse pra tu aparecer lá no 323.
- Juliano tá lá?
- Ainda não.
- Eles vão jogar War?
- Ainda tá cedo pra isso, Chico.
- É mesmo... – ele ficou pensando se iria ou não – bom, eu não estou fazendo nada mesmo, eu vou lá. Celso, se você for passar a noite fora coloca um aviso no espelho, tá bom? Eu fico preocupado quando você não me avisa que não vai dormir no apê.
- Pode deixar que eu coloco, Chico, como sempre.

Tão logo ele fechou a porta do apê ela lançou-me um curioso olhar:

- Que conversa é essa!?
- Chico acha que tem algo mais entre a gente, Bia.
- E não tem!?
- Tem ou tinha?
- O que é que você acha, Celso?
- Da minha parte nunca deixou de ter, Bia, quanto a você eu realmente não sei.
- Não!?
- Não, mas nem ele nem ninguém precisa saber exatamente o que é e o que não é, nem como, nem aonde, nem porque etc...
- Há-há-há, é verdade. E por falar em verdade, Celso, um dia você ainda vai ter que me explicar direitinho essa estória de "jogar War", viu?
- Sim, mas, continuando...
- Quando eu cheguei lá o tal menino tava com uma namoradinha, e eu fiquei chateada porque... – sua explicação foi interrompida pelo telefone, que tocou novamente outra vez – você não vai atender?
- Com sua licença...

Levantei e peguei o aparelho novamente outra vez:

- Alô!?
- *Celso, tudo bem?*

Eu estremeci todinho quando ouvi aquela voz, principalmente porque meus treinados ouvidos detectaram novamente outra vez uma deliciosa freqüência associada a um ainda outro não tão distante, e também delicioso, evento, ocorrido numa ainda outra agitadíssima e bastante distante praia do litoral brasileiro.

- *Você está muito ocupado agora?*
- Não, não... – resposta errada, novamente, outra vez, mas saiu sem querer.
- *Eu acabei de ler a tua mensagem. Ontem não deu, eu tava muito ocupada.*
- Sei... – "a coitada deve estar muito carente pra me ligar numa noite de sexta-feira", concluí comigo mesmo – como estão as coisas por aí?
- *Tudo bem... as meninas estão mandando beijos.*

- Mande outros pra elas – eu senti que aquela conversa ia ficar um pouco privada demais e outra vez aumentei minha distância da porta do sarcófago – que bom ouvir a tua voz novamente.
- *Muito obrigada, eu liguei para ouvir a tua voz, e pra te dizer que eu estou com saudades de ti.*
- Eu também estou... adorei as fotos, ficaram muito massa.
- *Aquelas fotos estão fazendo um enorme sucesso aqui, Celso.*
- É mesmo...!? Tudo bem no banco?
- *Tudo na mesma. Quando é que você aparece por aqui? O convite ainda está de pé...*
- Gostei do ainda...
- *Há-há-há, é isso mesmo, não vai durar pra sempre não.*
- Eu não sei, vontade é o que não falta, o problema é o tempo, ou falta de...
- *E dinheiro.*
- Exato, mas a gente dá um jeito.
- *Eu espero que sim. Eu vou ter que desligar agora, senão fica muito caro.*
- Tá legal.
- *Beijos mil, Celso.*
- Outros.

Coloquei o aparelho no lugar novamente e retomei a conversa com Beatriz:

- O aruá tava com uma namoradinha, e tu ficaste chateada porque...
- Vixe, Celso, essa era a mesma ou era outra? Foi a mesma conversa furada de antes!
- Que coisa feia, Bia, ficar escutando a conversa dos outros...
- Fala, menino!
- Bia, o assunto aqui é você.
- Tá bom. Eu fiquei chateada porque eu queria que alguém ligasse pra mim, me convidasse pra sair, essas coisas, e nada disto aconteceu, Celso.
- E tu ainda fica chateada com estas boréstias, mulher? Isso é coisa do primeiro ano, no mais tardar segundo.
- Eu sei, mas...
- Rolo de férias é pra curtir no momento, Bia, não é pra ficar esperando que as pessoas vão ficar ao teu dispor “ad aeternum”.
- Não, não é isso, Celso, é que eu fiquei lembrando da Sandra, que tinha alguém que ligava pra ela etc. Eu fiquei pensando se eu também não seria “ligável”.
- Você é “ligável” sim, Bia, vai por mim...
- Você acha mesmo, Celso...?!
- Claro que sim! Você é a pessoa mais “ligável” que eu conheço!
- Então por que você nunca mais ligou pra mim, hein?
- Porque você, Beatriz Cecília, resolveu me ignorar, só por causa disso
- Eu não te ignorei não, Celso!
- Não?! Você por acaso não está lembrada daquele dia no auditório, após a Aula Inaugural?
- Eu lembro que a gente conversou bastante naquele dia, Celso.
- Bia...
- Assuntos acadêmicos, é claro, mas eu não lhe ignorei.
- Mas agora eu sei porque, você estava, como é que se diz...?

- Iludida?!
- Eu ia falar enamorada, mas dá no mesmo. E naquele domingo depois do Baile do Bicho, eu dei uma investida, você desconversou...
- ...
- Mas é disso que tu gosta, né? De alguém que fique correndo atrás de ti, ligando, bajulando, há-há. Eu te conheço, menina...
- E quem não gosta, Celso? Pensa que eu não vi a tua cara quando estas marias ligaram pra ti, hein? Eu te conheço, menino, esqueceu que eu já beijei a tua boca?
- Há-há-há... essa conversa tá ficando muito, como é que se diz...?
- Gostosa?!
- Há-há-há... perigosa, eu diria.
- Você agora está com medo de mim, Celso?
- Não, Bia, eu realmente acho que você estava certa, e agora nós estamos muito melhores do que estaríamos se você não tivesse dito não.
- Eu não acredito no que eu estou ouvindo...
- A gente tem que aprender a dizer não, sabia? Eu diria que saber dizer não é uma das 4 coisas mais importantes da vida, Beatriz.
- Você tá falando isso por causa da Lú, não é?
- Exato. Maria Luiza e eu nunca conseguimos dizer não um pro outro, e olha no que deu...
- Tu ainda gostas dela, Celso?
- Claro, ela é uma ótima pessoa, Bia.
- Não, aruá, gosta gosta.
- Ah, eu não sei... talvez um pouco.
- Se ela aparecesse aqui, agora, tu encarava?
- Claro que não, Bia, pois aqui, agora, eu tou conversando contigo.
- Não, menino, se vocês estivessem a sós...?
- Eu não sei, eu realmente não sei... talvez sim, talvez não, talvez talvez... mas eu duvido muito que ela apareça por aqui, Bia, muito menos pra me ver.
- E eu...?
- E eu o quê?
- Ai, Celso, deixa de ser tabacudo...!!
- Há-há-há... é claro que sim, Bia. No ato, mas você não acha que esta conversa continua perigosa não?
- Você tá com receio que eu vire outra Lú, não é?
- É, Bia, é exatamente isso.
- Quer dizer então que aquela conversa de “passar pela vida” foi só papo mesmo.
- Nós estamos passando pela vida, Bia. Você continua passando pela minha, eu continuo passando pela sua, a gente continua conversando em paz, sobre todo e qualquer assunto, inclusive a tua TPS, e nós 2 sabemos muito bem que o melhor que pode acontecer é deixar tudo do jeitinho que está, não é mesmo?
- Eu acho que é...
- E daqui a 1 semana você nem vai mais estar pensando nisso, você vai ver.
- Então você acha mesmo que é apenas outro caso de Tensão Pós-Semaninha?
- Eu tenho certeza que sim, Bia.
- Vamos ver... tu conheceste essas marias na semaninha?

- Não, foi no feriado, lá em Santa Catarina. Na semaninha não rolou nada, nem beijo na boca – eu instintivamente olhei para sua boca.
- Há-há-há...
- Putz, foi sem querer... e a semaninha foi feita pra descansar, não é mesmo? Relaxar um pouco, sair do H8, ir pra casa, passar uns dias com painho e mãinha, sair com os amigos, pegar onda, pegar sol... – eu instintivamente olhei para seus ombros nus.
- Há-há-há...
- Putz, foi sem querer, de novo.
- Celso...
- Diz.
- Eu adorei esta nossa conversa.
- Eu também, Bia.
- Que bom que a gente ainda pode falar tudo o que está sentindo um pro outro, não é mesmo, Celso? Sem ter medo do que o outro vai pensar... ou fazer...
- É mesmo...
- ...
- Bia...
- Diz, menino.
- Eu tou morrendo de vontade de dar um beijo na tua boca.
- Eu também estou, Celso – ela instintivamente olhou para a minha boca.
- Vem cá – eu delicadamente segurei a sua mão – vamos resolver esta coisa antes que vire outro trauma.
- Vamos...

Nosso delicioso momento foi interrompido pelo telefone, que tocou novamente outra vez de novo.

- Você vai atender!?
- Deixa eu ir, pode ser a Viviane, atrás do Chico – eu delicadamente larguei a sua mão – Com sua licença...

Levantei e peguei o aparelho novamente outra vez de novo:

- Alô!?
- *Celso, tudo bem?*

Eu estremeci todinho quando ouvi aquela voz, principalmente porque meus treinados ouvidos detectaram novamente outra vez de novo uma deliciosa freqüência associada a um não tão distante, e também delicioso, evento, ocorrido numa não tão agitada e não tão distante praia do litoral do laguinho do H13.

- *Você está muito ocupado agora?*
- Não, não... – resposta errada, novamente, outra vez, de novo, mas saiu sem querer.
- *Eu acabei de ler a tua mensagem. Ontem não deu, eu tava muito ocupada.*
- Sei... – "a coitada da amiga dela deve estar muito carente pra pedir-lhe para me ligar numa noite de sexta-feira", concluí comigo mesmo – como estão as coisas por aí?
- *Tudo bem... as meninas estão mandando beijos.*

- Mande outros pra elas – eu senti que aquela conversa ia ficar um pouco privada demais, mas nem liguei, e reduzi minha distância da porta do sarcófago – aquela tua amiga do cabelão está por perto, né?
- *Muito...*
- Eu esqueci o nome dela, mas ainda lembro do rosto.
- *Que legal, creio que estamos fazendo um enorme progresso, Celso!*
- É mesmo...!? Vocês vêm amanha, Letícia?
- *Não, a gente vai pra Caraguá amanhã cedo. A Roberta está querendo saber quando é que você aparece por lá. Ela disse que o convite ainda está de pé...*
- Gostei do ainda...
- *Há-há-há, é isso mesmo, não vai durar pra sempre não.*
- Eu não sei, vontade é o que não falta, o problema é o tempo, ou falta de...
- *E dinheiro.*
- Exato, mas a gente dá um jeito.
- *Eu espero que sim. Eu te ligo na sexta. Beijo.*
- Outro.

Coloquei o aparelho no lugar novamente outra vez e retomei a conversa com Beatriz:

- Aonde é que a gente estava mesmo, Bia?
- Deixa eu ver... era a minha língua que estava na tua boca ou vice-versa?
- Sabe que eu não lembro? – eu delicadamente segurei a sua mão novamente – Vamos começar do começo de novo?
- Vamos...

Nosso segundo delicioso momento foi interrompido pelo telefone, que tocou novamente outra vez de novo mais uma vez.

- Você vai atender!?
- Deixa eu ir, só pode ser a Viviane, atrás do Chico – eu delicadamente larguei a sua mão novamente – Com sua licença...

Levantei e peguei o aparelho novamente outra vez de novo mais uma vez:

- Alô!?
- *Celso, tudo bem?*
- Tudo bem, tia.
- *O que é que você está fazendo no H8 numa noite de sexta-feira, menino?*
- Eu estou... ocupado, tia Graça – resposta correta, e saiu por querer.
- *Hum, está conversando com alguma amiguinha?*
- Correto.
- *Alguêm que eu conheço?*
- Isso...
- *Deixa ver se eu consigo advinhar quem ê... quantas chances eu tenho?*
- 2, como todo mundo.
- *Beatriz Cecília?*

- Exato... – "e ela está meio carente", refleti comigo mesmo – como estão as coisas por aí?
- *Tudo bem, eu vi que você tirou L na segunda prova de P.O., que maravilha!*
- Foi, eu acho que fui bem na prova chance também.
- *Você foi Muito Bem, Celso.*
- Sério?
- *Sêrio, eu vi o teu boletim hoje.*
- Massa!!
- *Escuta, Celso, eu estou aqui na casa da sua outra tia... as meninas estão mandando beijos.*
- Mande outros pra elas – eu senti que aquela conversa ia ficar um pouco privada demais, mas nem liguei, e reduzi minha distância da porta do sarcófago – a Michelle está por perto, né?
- *Muito...*
- Eu esqueci a data do aniversário dela, mas ainda lembro que é este mês.
- *Que legal, creio que estamos fazendo um enorme progresso, Celso!*
- É amanhã, tia?
- *Não...*
- Domingo?
- *Nem pensar.*
- Segunda-feira?
- *Quase!*
- Terça, né? Estarei lá, 8:00, sem falta.
- *Há-há-há, é isso mesmo.*
- Eu só tenho um probleminha, tia
- *Nao é tempo...*
- Não, é a outra coisa, ou melhor, falta de, a coitada vai ficar sem presente este ano.
- *Exato, mas a gente dá um jeito.*
- Eu espero que sim. Até terça. Beijo.
- *Outro.*

Coloquei o aparelho no lugar novamente outra vez de novo e retomei a conversa com Beatriz:

- Tu estás muito requisitado hoje, Celso, vixe!
- A gente fazemos o que podemos, Bia – eu delicadamente segurei a sua mão novamente outra vez – Aonde é que a gente estava mesmo?
- Desta vez eu lembro, era a tua língua que estava na minha boca.
- Massa, daqui a pouco a gente continua, Bia, mas deixa eu te falar uma coisa agora.
- Fale...
- Eu tou morrendo de vontade de te fazer uma pergunta, mas eu acho que seria melhor que a resposta fosse não, tá ligada?
- Celso, você sabe que eu sei qual é a pergunta, e eu sei que você sabe qual vai ser a resposta. E eu sei que você quer que eu diga não por que você está quebrado, não é?
- Exato.
- Não seja por isso, que hoje eu estou estribada.

- Legal... que bom que a gente já tá nesta fase que não precisa nem falar o que está sentindo um pro outro, não é mesmo, Bia? A gente se comunica só pelo pensamento...
- Há-há-há, pode tirar o seu cavalinho da chuva, Celso.
- Como é?!
- Desde Pipa que ninguém me faz esta pergunta, meu querido...
- Que coincidência, Bia.
- E nós não vamos sair daqui até que você diga as palavrinhas mágicas.
- Tá bom – eu fitei seus lindos olhos castanhos – Beatriz, você é a mulher mais maravilhosa que eu já conheci na minha vida, e eu tenho certeza de que um dia eu serei merecedor do seu amor... você gostaria de sair comigo esta noite?
- Sim – ela me deu um beijinho – bastava ter falado "vamos, Bia?", mas eu adorei escutar o que você falou, Celso.
- Foi do fundo do coração.
- Eu sei que foi – ela levantou e puxou a minha mão – Vamos?
- Vamos! – eu levantei também – Deixa eu pegar uns discos, uma certa garrafa que eu estava guardando para uma ocasião especial, e a chave da paratosa.
- Não esqueça do aviso no espelho.
- Tu és muito pretensiosa mesmo, menina...
- Pretensiosa, não, otimista!

Popular

A pessoa que inventou a CV devia ganhar algum tipo de homenagem especial. Uma estátua, na entrada do CTA. Que idéia genial, passar 2,5 meses passeando na Europa, e de quebra ainda conhecer alguns centros de pesquisa, universidades e indústrias!

Esse era o lado bom da CV. O lado ruim era que a gente aprendia rapidinho que nossos amigos eram amigos mesmo desde que o assunto não envolvesse dinheiro ou mulher, nesta ordem. Chico era da Diretoria da CV, e eu fiquei sabendo de todos os podres, ou quase todos, teve uns que nem ele teve coragem de propagar.

Eu consegui atingir minhas cotas, e pude até ajudar um amigo, desses de verdade. Foi muito trabalho, muito tempo investido naquilo, aquelas reuniões todas. Mas eu tinha certeza de que ia valer a pena.

Eu também estava juntando grana desde o primeiro ano pra trazer uma guitarra da Europa. Eu queria comprar uma Gibson EDS 1275, mas sabia que não ia ter dinheiro suficiente para tal aquisição, então fiz uma lista de alternativas mais realistas.

Cabeça havia trazido uma Ibanez e me passou todos os bizus. Eu também queria trazer alguns efeitos, e ele também me disse onde pesquisar.

Tino me passou os bizus da viagem, e me fez prometer que eu não iria passar mais de 3 dias em Amsterdão.

- 3 dias é o bastante, Celsão, mais que isso tu não sai mais de lá – foi o que ele me disse.

Tino e eu passávamos bastante tempo juntos, tomávamos todas naqueles bailinhos da CV. Cristina estava começando a ficar preocupada conosco, ela achava que a gente tava exagerando um pouco.

- É para ajudar a comissão de bailes, Cristina, é por isso que nós bebemos – essa era a desculpa padrão que nós dávamos, mas nem nós mesmos acreditávamos naquilo.

Nosso ritual das noites de baile da CV começava no pré-baile no apê de Camilo. Sempre rolava um sonzinho brega, bem alto, e muita cachaça. A Panarita + agregados sempre tava por lá, em peso. Fabio e Paulão também apareciam por lá, mas eles eram mais moderados. Eu geralmente tomava umas 3 ou 4 caipiroskas, e quando chegava no baile já estava legalzinho, a ponto de encarar a primeira baranguinha que desse mole. Depois ficava só nas biras, só pra não deixar cair o teor alcoólico do sangue.

Cristina havia presenciado alguns resultados bem questionáveis daquela rotina, e sempre fazia um comentário sutil na aula da segunda feira depois do baile. A turma do fundão adorava aquelas conversas improdutivas, até que um belo dia algo inesperado aconteceu.

- O bailão foi bão, não foi Celso?

- Pra mim foi, foi bom pra você também, Tina? – essa era a minha resposta padrão.
- O que foi que aconteceu? Celso apertou outra baranguinha? – Juliano nunca ia aos bailes, mas sempre queria saber o que tinha rolado.
- Hum-hum, essa até que era assim +/- – ela continuou – tinha o cabelo grande, bonito, como era mesmo o nome dela, Celso?
- Eu acho que era Rebeca... não, Roberta... hum... Rosana?!
- Eu nunca apertei ninguém nestes baileus – Bartô comentou.
- Nem eu – Carlito emendou – mas isso é porque você não é um cara popular feito o Celso, meu.
- É a cara de mau do Celso – teorizou Alex – toda mulher se amarra em homem com cara de bandido. Não é verdade, Tina?
- Algumas mulheres, meu caro, nem todas – Cristina olhou-me de lado.
- Eu acho que é esse cabelo da Marisa Monte que o Celso tem – Rochinha resolveu dar sua contribuição ao inútil debate – toda mulher se amarra em homem cabeludo, pois no fundo mesmo elas têm vontade de agarrar outras mulheres, mas como elas não querem admitir este fato publicamente elas se agarram com um homem que pelo menos lembre-as de outra mulher. Não é verdade, Tina?
- Algumas mulheres, meu caro, nem todas – Cristina novamente olhou-me de lado.
- É o sotaque, pessoal – K-Zé sorriu confidente – o que falta a vocês é esse sotaque arretado que somente Celso, eu e outros poucos felizardos temos.
- Há-há – Carlito não se conteve – cê tá maluco, meu.
- Maluco tá você, que fica ciscando pra tudo que é mulher mas não aperta nenhuma, Carlito – Juliano interveio.

Naquele momento o nosso querido professor de P.O. decidiu entrar na conversa:

- Você está usando a tática errada, Carlito. Não adianta ficar atirando pra cima de todas as mulheres que passam na sua frente, tem que escolher 1 só.
- Como é!? – Carlito não se conteve, de novo – cê tá maluco, meu!
- Não estou não – retrucou o mestre – e eu vou demonstrar matematicamente que a monogamia é o estado otimizado deste problema.
- Essa eu quero ver – K-Zé sorriu novamente – se a Matemática provar eu me converto.
- Pois veja bem – o mestre comecou a estruturar o problema – vamos tentar maximizar a felicidade da pessoa que o Carlito escolheu, e vamos supor que a felicidade dela seja função do tempo que ele passa com ela... quanto maior o tempo maior a felicidade.
- Essa suposição está completamente errada, Mestre, no caso dele quanto menos tempo ele passar com a menina mais feliz ela vai ficar.

Depois das esfuziantes gargalhadas provocadas pelo sábio comentário de Juliano o progessor prosseguiu:

- Eu acho que você tem razão, mas vamos assumir esta hipótese, somente para fins didáticos. Agora vamos escrever outra linha para a segunda garota que o Carlito esteja paquerando... e outra linha para a terceira... e finalmente a n-ésima linha...

A demonstração foi perfeita, e Carlito deu a impressão de que iria mudar de tática. K-Zé, no entanto, só conseguiu se converter à monogamia por partes.

Depois das aulas, no jantar, minha espirituosa amiga sempre falava sério. Mas naquela noite seu sermão foi um pouco diferente dos anteriores. Diferente demais pro meu gosto.

- Celso, você não acha que está exagerando um pouco? Puta merda!!
- Eu acho que não, Tina. Você sabe que eu não tomo nada durante o resto do mês, nem uma cervejinha sequer, exceto quando tem baile. Minhas notas estão relativamente boas, e eu ainda não faltei nenhuma aula neste semestre.
- Eu sei, mas eu não gosto de ver você assim, travado, agarrando essas barangas que você nem conhece...
- Era amiga da Letícia, ou seja, praticamente minha amiga, por extrapolação.
- Mas nem por isso menos baranga...
- Você tá falando isso porque não viu a **outra** baranguinha que eu estava apertando **antes** da Letícia chegar ao baile com a amiga... **aquela** sim era um dragãozinho...
- Outra!? Caralho, você ficou com **2** meninas no baile, Celso!?!
- Bom, se somar as 2 não dá 1 que preste. Mas, assim, numericamente falando...
- Puta merda, você está muito pior do que eu imaginava, Celso!
- Você tá falando isso porque não viu as **3** baranguinhas que o Camilo apertou no baile...
- **3**!!? Vocês estão competindo, por acaso?
- Não, claro que não, pois se fosse uma competicão mesmo ia ter prêmio, ou troféu... a gente tá fazendo isso por amor ao esporte mesmo, Tina, a-há.
- Eu não sei que porra que foi que deu contigo, Celso, caralho...!
- E a menina era +/-, Tina, tinha um cabelão bonito, uma bundinha bastante razoável... e um peitinho massa. 2, aliás.
- Você quer dizer peito grande, né?
- Não, além de grandes eram bonitinhos também, Tina. Eu posso não lembrar do nome dela, mas ainda lembro destes detalhes, o que é o mais importante, a-há.
- Não tava muito escuro no baile, Celso, pra lembrar destes detalhes todos?
- No baile tava...
- Puta merda, não vai me dizer que tu levou a baranguinha pro 228, Celso...!
- Ela disse que tava curiosa pra conhecer o H8, pois nunca tinho ido lá... eu fingi que acreditei, sabe como é, a-há!
- Puta que o pariu, não vai me dizer que você fez sexo no H8, Celso...!
- Que besteira, Tina, todo mundo faz sexo no H8, todos os dias...
- Não com outra pessoa, Celso!
- Detalhes... se bem que, tecnicamente falando, nós não fizemos sexo não, Tina.
- Kit básico?
- Exato... eu acho que ela gostou de mim, me convidou pra ir passar um fim de semana com ela em Caraguá, a-há.
- Tu vais?
- Eu acho que sim. Depois da semaninha, é claro, que agora eu tenho algumas prioridades mais prioritárias.
- Instrumentação, P.O., etc.
- Exato. E se o fim de semana for legal eu acho até que vou namorar com ela, Tina.

- Tu não falaste que não ia mais namorar ninguém em São José? E tu nem lembra mais do nome da menina, Celso.
- Detalhes... e tu, apertaste algum barango no baile?
- Você sabe que eu sou muito seletiva com essas coisas, Celso.
- Muito, há-há-há... e aquele cara que tu namorou no ano passado, André, sumiu mesmo?
- Eu sempre vejo na missa, nós ainda falamos um com o outro.
- Ele não mudou de idéia?
- Nem que tivesse mudado eu não ia mais querer nada com ele.
- Não!? O grande amor da tua vida?
- Já passou...
- Há-há-há... eu te conheço, menina. Ele arrumou outra, não foi?
- Sim, mas, a gente estava falando de você, Celso.
- Tina, a menina que eu queria, Adriana, e que gostava de mim, não quer mais nada comigo. E você sabe muito bem porque. Por causa da sua amiguinha.
- Pelo que eu lembro a Lú não forçou você a fazer nada.
- Não, ela não forçou nada. Mas se você tivesse visto o jeito que ela olhou pra mim naquela noite você ia entender o que eu estou falando.
- Então você não queria ficar com ela? Por que ficou, então, cacete?? Foi pena porque ela tava sozinha na noite da formatura? Puta que o pariu, Celso!
- Não, não foi isso – eu não gostava de falar sobre aquele assunto, mas Cristina era a única pessoa com quem eu podia discutir aquele tipo de coisa – ela me olhou do mesmo jeito que ela havia me olhado na noite em que nós... dormimos juntos pela primeira vez.
- Ah, sei... "aquele olhar".
- Foi. E eu ainda não aprendi como resistir essas coisas. Qualquer mulher que use isso comigo vai conseguir me seduzir em 2 s – eu fiquei rindo, mas era verdade mesmo.
- Qualquer uma? Até eu? – ela riu também, o papo sério tinha acabado.
- Não, você não.
- Por que não? Você acha que eu não ia conseguir lhe seduzir com o meu charme?
- Não, eu acho que nem travado eu iria...
- Celso! Você está subestimando meus poderes – ela ficou fingindo indignação.
- Não é isso, Tina. Nossa amizade é muito massa, eu acho que eu nunca iria correr o risco de dar alguma merda...
- Mas você já pensou nisso...
- Já, mas... Tina! Para com ilso, deixa dilso – eu achei que já estava na hora de mudarmos de assunto.
- Eu também já pensei nisso. Mais de 1 vez – ela sorria como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. E, de certa forma, era mesmo.
- E quando foi isso?
- A primeira vez foi no nosso Baile do Chacal.
- Baile do Chacal?? Já faz 1 século... eu não percebi nada, você deve ter sido muito discreta.
- Eu mudei de idéia depois que a Lú me disse que achava que vocês iam voltar.
- Tô lembrando agora, nós ficamos naquela noite. Mas não voltamos nada depois.
- Foi, mas aí já havia passado a vontade.

- E a segunda vez, quando foi? – eu tava começando a ficar curioso, mas ainda achava que aquilo não era uma boa idéia.
- A segunda vez foi no ano passado, no aniversário do Rai.
- Não, não me diga isso!
- Foi, por que? – ela ficou curiosa.
- Porque Paulão passou a noite inteira me falando que você tava dando mole pra mim, e eu passei a noite inteira falando pra ele que ele tava enganado.
- Pois ele tava certo.
- Ainda bem que ele não sabe disso, senão ele ia me sacanear pro resto da vida.
- E a terceira vez...
- Terceira?! Você não acha que tá bom não? Eu tô começando a achar que sou meio tapado pra essas coisas.
- Deixa eu falar, porra. A terceira vez... foi no Baile do Bicho deste ano.
- Mas isso foi no mês passado, Tina!!
- Hum-hum. Mas aí você se atracou com aquela outra baranga da cidade.
- E você se atracou com o Rubinho.
- Puta merda, você viu, foi!? – ela parecia surpresa.
- Todo mundo viu aquilo, Cristina... seletiva, há-há-há...
- Qual é o problema, Celso? Rubinho é um gatinho.
- Rubinho é o maior calhorda do H8, Tina, todo mundo sabe disso.
- É verdade, eu acho que eu estava meio travada naquela noite.
- Meio? Você devia estar completamente travada.
- Eu creio que sim, foi foda.
- Literalmente...!?
- Não, claro que não! Eu não estou tão desesperada assim, Celso.
- Eu sinceramente espero que não, Tina.
- Agora me conta você.
- Tá bom. A primeira vez foi no começo do segundo ano, num sábado que a gente tava na piscina.
- Eu lembro daquele dia, você e a Lú estavam tão estranhos, mal se falavam.
- Pois é, eu fiquei te secando, olhando pra tua bunda, e comecei a ficar com umas idéias esquisitas.
- Porra, eu não notei nada – ela ficou achando graça.
- Eu olhei discretamente, assim na moita.
- E a segunda vez?
- Foi no ano passado, no Sábado das Origens. Você tava com aquele vestidinho azul, quando você sentou e cruzou as pernas eu fiquei olhando e pensando coisa.
- Eu lembro disso – ela sorriu.
- Ôps, deu pra perceber, foi? – se fosse com outra pessoa eu teria ficado envergonhado, mas com ela era diferente, eu sabia que podia falar qualquer coisa pra Cristina.
- Eu notei, mas eu acho que ninguém notou – ela me olhou nos olhos e perguntou – e o que foi que você ficou pensando naquele dia, Celso?
- Você quer saber mesmo!?
- Claro!
- Eu fiquei pensando se ia valer a pena estragar nossa amizade por causa daquele par de coxas.

- E você concluiu que não ia valer a pena.
- Foi, e aquela foi a última vez que eu pensei nesse assunto.
- Você acha que se a gente ficasse junto ia mesmo estragar a nossa amizade, Celso?
- Eu acho que sim, Tina. O que é que a gente ia fazer no dia seguinte? O que é que a gente ia conversar no dia seguinte? E se um de nós ficasse ligado e o outro não? E como é que a gente ia assistir aula junto, todo dia, com aquela coisa no meio da gente? E com quem é que eu ia conversar essas boréstias se eu não pudesse mais falar com você?
- É, eu acho que você tem razão – ela falou depois de pensar um pouco.

E nós encerramos aquela conversa. E não tocamos mais naquele assunto. No fundo mesmo algo me dizia que se a gente se agarrase no final das contas ia acontecer alguma merda federal.

A semaninha estava chegando perto, eu ia pra casa, rever minha família. Ia pegar onda com Neno e Leo. Meti um gagazão, fiz boas provas, me mandei.

Quando cheguei em casa fui direto pra praia. Encontrei com Ana e ela me disse que Carolina estava namorando um colega de turma.

- Mas ela não gosta dele não – ela me confessou, como que querendo me consolar com aquela informação.
- E como é que você sabe disso, Ana?
- Ela passa os dias escutando aquele CD que você deu pra ela, quase que fura o disco.

Eu fiquei rindo, o pessoal do apê falava a mesma coisa pra mim.

- Eu espero que ela esteja feliz, Ana.
- E você, Celso, está feliz?
- Eu sempre estou feliz, Ana, sempre.

Eu ainda pensava bastante em Carolina, mas não queria vê-la. E achava que ela também não queria me ver. Eu não liguei para ela, e ela nunca ligava mesmo. Não saí muito, só 1 vez, com uma menina que eu tinha conhecido nas férias, Alícia, mas ela ainda tava jogando duro comigo, e não rolou nada. Passei os dias na praia, pegando onda. Ou melhor, tentando pegar onda, pois o mar estava fraquíssimo. Por mais que eu tentasse negar o fato era que já não se faziam mais semaninhas como antigamente...

E como a semaninha sempre passava muito rápido, logo eu estava de volta ao H8. Eu ainda achava que estava fazendo muita coisa ao mesmo tempo, mas de certa forma foi bom pra mim, não desperdicei meu precioso tempo com coisas que não gostava. Tino, Alex e Adriano haviam me convencido a tomar umas aulas de ultraleve, asa delta e parapente. Eu gostei da experiência, mas disse para eles que não iria continuar, que eu me sentia à vontade na água, não no ar, e abandonei as aulas.

O pessoal da minha turma estava tendo uma ligeira dificuldade generalizada em P.O., eu também tinha me saído muito mal na primeira prova. Mas graças à ajuda de Cristina, que

me deu uma aula particular no assunto, eu havia me recuperado: tirei L na segunda e MB na prova chance, e terminei o bimestre com MB+. Ela não quis fazer a prova chance e terminou com R.

Eu continuei estudando P.O. praca, com Manuel e Lauro. Nós tínhamos feito o fundamental em turmas diferentes, mas havíamos desenvolvido uma amizade mais profunda no ano anterior, principalmente depois que Adriano trancou. Eu sempre ia ao apê deles pra bater uns papos cabeuça, coisas existenciais, espiritualidade. A gente também estudava muito, fazia todas as séries, mas no segundo bimestre a trolha rolou de novo. E novamente Nélio, o representante de turma, e eu, na qualidade de representante de turma no DOO, tivemos que ir conversar com o professor para tentar amenizar a situação. Mas não teve prova chance, ele falou que só estava cobrando o que havia dado, e não teve acordo.

A CV fez outro baile logo depois da semaninha, e eu estava lá novamente. Mas naquela noite eu havia dispensado o pré-baile no apê de Camilo, e cheguei no H15 100% sóbrio. Fui ao bar pra ver se o pessoal tava precisando de alguma ajuda, peguei um refrigerante.

Encontrei um grupo de amigos do quinto ano e fiquei conversando com eles. Um deles, Márcio, me apresentou a namorada, Nina, uma loura maravilhosa, de olhos verdes, 1,80 m... eu fiquei me lembrando das lorotas de Ricardo. Nós começamos a conversar e ela me disse que havia me visto tocar no Encontro Musical do ano anterior. Depois ela me disse que conhecia Adriana, e que ela estava namorando um cara lá de Campinas. Eu não me abalei nem um pouco com aquilo tudo, mas fiquei intrigado como Nina parecia saber tanta coisa da minha vida. Nós conversamos mais um pouco, depois eu pedi licença e fui pegar uma birazinha, de leve.

O baile tava animado, mas as figurinhas eram as mesmas de sempre. Minha amiga Letícia não estava lá, nem suas amigas, elas haviam ido para Caraguá. Eu parei para conversar com uns amigos do terceiro ano, que me apresentaram a 2 meninas da cidade, Inália e Solange, e logo descobri que Nina também era amiga delas. São José era mesmo uma cidade pequena.

Elas também me disseram que haviam me visto tocar no Encontro Musical do ano anterior... eu comecei a achar que devia ter ido mesmo ao pré-baile no apê de Camilo.

Inália era uma moreninha muito simpática, sorridente. Solange era uma loura bonitinha, mas tinha uma carinha de chata, daquelas que tem o pH em torno de 3. Eu convidei Inália pra dançar, ela agradeceu, mas disse que ia ficar pra próxima. Ela levantou um pouco a saia e me mostrou que tava com a perna direita engessada.

- Eu quebrei o pé num acidente de moto, na semana passada – ela explicou – você quer assinar meu gesso?
- Claro – ela me passou uma caneta, eu coloquei meu nome e a data.

Eu fiquei imaginando qual seria a motivação que uma pessoa de pé quebrado teria para ir a um baile do ITA... no mínimo aquela menina devia ser diretora social da ASIA, ou gerente de qualidade. Nós ficamos conversando mais um pouco, até que Paulão e Fabio passaram

por lá e me arrastaram. Mas antes de sair eu peguei a caneta de novo e escrevi outra coisa no gesso de Inália.

- O que é isso? – ela perguntou, enquanto tentava enxergar o que eu havia escrito.
- É o número do meu apê, caso você queira conversar comigo um dia desses – eu falei despretensiosamente.
- Não precisava, eu sei onde você mora – ela sorriu – mas obrigada assim mesmo, qualquer dia desses eu apareço pra gente conversar.

Eu saí andando com os meninos e fiquei incrível com 2 coisas: 1) os bailes até que eram quase interessantes quando não se estava travado; 2) o que é que tinha acontecido com a minha privacidade?!!

- Celsão, vem aqui ver uma coisa – Paulo disse, enquanto caminhávamos em direção ao bar.
- O que foi?
- Tem uma pessoa te procurando – Fabio completou.
- Quem?
- Ela tava ali... vamos pegar uma bira e depois a gente procura – Paulão pegou umas biras e saímos andando, procurando não sei quem.

Nós rodamos o H15 umas 3 vezes, eles sem me dizer quem era que tava me procurando, eu achando que eles tinham dado uma de beque com aquela estória toda. Eu resolvi parar e encostei-me na mesa onde estava o controle da iluminação. Fiquei tomando minha bira e concluí que seria melhor voltar à mesa de Inália e continuar minha conversa com ela.

Logo Fabio me cutucou e disse:

- Não olha agora, mas ela tá vindo pra cá.

Eu imediatamente virei o rosto e dei de cara com Cristina. Eu olhei pros meninos e fiquei surpreso, pois não entendi qual era a razão de tanto mistério.

- Nós achamos o Celso pra você, Cristina – Paulo ficou com aquele risinho esperto dele, eu ainda não entendia nada.
- Oi, Celso, eu não tinha visto você nem o Tino e pensei que vocês já estivessem detonados por aí.
- Sei... Tino não veio pro baile, ele ainda está de ressaca do saidão de ontem, e eu estou a salvo. Eu estava muito bem, por sinal, até que esses 2...

Quando olhei pra eles eu suspeitei que estavam aprontando algo, os 2 estavam com aquele olhar que eu já conhecia de longas datas. Minhas suspeitas se confirmaram quando eles saíram de fininho, dizendo que iam pegar mais biras e que voltariam logo.

Cristina aproximou-se de mim de tal forma que ficamos praticamente falando um ao ouvido do outro.

- Eu não quero ficar gritando.
- Nem eu, Tina.

Nós ficamos conversando e dividindo aquela bira. Ela me falou que Valéria estava de altos papos com Bestevão, um vizinho meu do quinto ano, e que achava que eles iam entrar em algum tipo de acordo amigável naquela noite.

- Que bom – comentei – eu acho que ele já tava de olho nela faz um tempinho.
- Ela também tava de olho nele, mas você sabe como ela é, fica se questionando se é isso mesmo, se ele era a pessoa certa.
- É, eu sei – mais uma vez eu achei que não devia ter perdido o pré-baile no apê de Camilo.
- Eu falei pra ela que às vezes a pessoa certa bem está ali na nossa frente, mas a gente não consegue enxergar – ela me olhou de uma maneira que foi impossível não perceber o que ela queria dizer com aquela frase.

Eu olhei bem sério pra ela, ela também ficou séria. Não falamos nada por um instante. Eu ia perguntar se ela tinha certeza de que queria mesmo fazer aquilo, mas pelo jeito que ela me olhava eu vi que a pergunta era totalmente desnecessária. Só me restava decidir se eu queria mesmo, se eu ia correr o risco de perder minha melhor amiga por causa de um amassinho. Eu segurei sua mão e tentei racionalizar uma coisa que era puramente emocional:

- Cristina, eu achava que a gente já tinha conversado sobre isso.
- Eu também achava, Celso, mas eu pensei melhor e concluí que mais cedo ou mais tarde a gente ia ter que passar por isso – ela se aproximou ainda mais enquanto falava – e eu acho que mais cedo é melhor que mais tarde.

Eu senti suas coxas tocarem as minhas. Nós nos abraçamos lentamente, eu fiquei acariciando seus negros cabelos, ainda me perguntando se aquilo não teria conseqüências bizuleicas para nós 2. Eu pensei em Carolina, em Maria Luiza, em Adriana... em tudo que havia dado errado com elas. Tudo culpa minha. Tudo porque eu não havia tomado as decisões certas nas horas certas, e por isso tinha perdido todas 3. Ela percebeu minha hesitação, mas passou a mão no meu rosto e disse:

- Celso, você vai querer ficar com essa dúvida pro resto da vida? Ficar se perguntando como teria sido?
- Não é isso, Tina, eu sei que vai ser bom. O problema vai ser amanhã...
- Amanhã a gente pensa nisso – ela começou a beijar meu rosto, meus lábios – e se der algum bizuleu a gente diz que tava travado e não sabia o que tava fazendo.

Mas nós não estávamos travados, e sabíamos muito bem o que estávamos fazendo. Talvez ela estivesse certa, talvez ela fosse a pessoa certa pra mim, pelo menos naquela noite. E ela estava bem ali na minha frente...

Não Sei Não

Alguém um dia me disse que para se sair bem no ITA só eram necessárias 3 condições de contorno: estudar, estudar, estudar. Aquelas condições, apesar de necessárias, não eram suficientes. E eu sabia muito bem disto naquela tarde de domingo, quando acordei.

Eu levantei e notei que não tinha ninguém no apê, o que sem dúvida ia me economizar uns 30 min nos meus preparativos. Fiz minha rotina matinal, apesar da manhã já ter acabado, depois fiz a barba, coloquei uma calça limpa e a minha camiseta da MEC, calcei um par de meias limpas e os meus surrados tênis e dirigi-me à residência do digníssimo Chefe do Departamento de Engenharia Mecânica-Aeronáutica do ITA, numa missão diplomática.

Eu sabia que minha tarefa iria ser bastante difícil, eu tinha que evitar qualquer confronto desnecessário, qualquer atrito que pudesse resultar numa segunda época compulsória coletiva. Mas eu estava preparado para aquele encontro, física e mentalmente. Levei até uma oferenda de paz para o querido professor, a qual foi devidamente entregue com todas as pompas tão logo cheguei ao meu destino.

- Eu trouxe esta lembrancinha da minha terra natal, Mestre, espero que o Sr. goste – eu comentei ao entregar-lhe o presente.
- Muito obrigado, Celso, gostei muito – o professor respondeu, genuinamente satisfeito – vou adicioná-la agora mesmo à minha coleção.

A primeira-dama recebeu-me com sua costumeira cordialidade:

- Como foi a semaninha, meu filho, estão todos bem na sua casa?
- Estão sim, tia, minha mãe mandou agradecer pela sua contínua generosidade...
- Não há de quê, Celso, é um prazer para nós recebê-lo aqui em casa – ela apontou para a mesa – vamos sentar?
- Vamos...

Desenvolvemos amena conversação enquanto degustávamos a saborosa refeição, não seria de bom feitio tratar de desagradáveis assuntos acadêmicos antes de terminarmos o almoço. Mas eu sabia que aquela aparente tranqüilidade iria acabar em breve. E não deu outra, tão logo finalizamos a sobremesa fui bombardeado pela notória sutileza do meu anfitrião:

- E então, Celso, vocês já consertaram a cagada que vocês fizeram?
- Ainda estamos consertando, Mestre, ontem passamos a tarde inteira na oficina. Esta semana fica tudo pronto.
- O quê fica pronto, Celso? As matrizes ou as peças?
- As matrizes, as peças ainda vão demorar mais um pouco – eu tentei fazer uma expressão confiante – eu tenho certeza de que tudo estará pronto antes do final do semestre.
- Tem que estar, não é!?
- Estará – eu respondi firmemente.
- As outras equipes já entregaram o relatório parcial, os trabalhos deles estão indo muito bem...

- Que bom, Mestre, deve ser muito gratificante dar aula para uma turma tão dedicada quanto a nossa... – eu desviei a indireta comparação com o trabalho do meu grupo.
- É mesmo, há-há – o professor sorriu da minha tentativa de engrupí-lo – a sua turma é tão dedicada, Celso, e os trabalhos estão tão bons que eu resolvi dispensar o exame para todos.
- Que sábia decisão, Mestre, assim teremos mais tempo para estudarmos para os outros 7 exames que teremos que fazer.
- Todos exceto a equipe de vocês, Celso – ele deixou sua decepção bem transparente quando falou aquilo – **vocês** farão o exame.
- Mas Mestre... – eu tentei contra-argumentar, mas fui interrompido.
- Considerem isto como uma lição, Celso, não como um castigo.
- Mestre, com todo o respeito, nós já recebemos a nossa lição, e o nosso castigo também. Nós passamos o primeiro bimestre todinho reparando os estragos nas matrizes, polindo todas as partes, trabalhamos inclusive durante vários finais de semana.
- Mas ainda não produziram nada, não completaram nem 1 peça sequer.
- Correto, mas o Sr. vai ver que as peças ficarão até melhores que as originais, pois o polimento extra que estamos dando vai aumentar significamente a qualidade do acabamento superficial das peças.
- Isto é o que nós veremos...
- Eu entendo que o Sr. ainda esteja zangado conosco, mas eu peço encarecidamente que o Sr. reconsidere a sua decisão de não nos dispensar do exame.
- Filho, olha pra mim – o professor ficou bastante sério naquele momemto – eu não estou zangado com vocês, mas é meu dever como professor e orientador ensinar vocês, dentro e fora da sala de aula.
- E o Sr. está cumprindo perfeitamente o seu dever, Mestre, e nós aprendemos nossa lição direitinho – eu insisti mais um pouco.
- Vocês não seguiram as instruções de operação do equipamente, Celso, alguém podia ter saído machucado, vocês tiveram muita sorte que foi apenas a matriz que ficou danificada.
- É, o Sr. tem razão, Mestre...

Eu senti que aquela batalha estava perdida, então decidi guardar minhas posições antes que algo pior pudesse acontecer, antes que o professor insinuasse algo como uma segunda época compulsória.

- Mas eu vou dar uma chance para vocês – o Mestre continuou.
- Que chance?
- Se as peças ficarem melhores que as originais, e se vocês fizerem um bom relatório, e uma boa apresentação do trabalho, eu não deixo vocês de segunda época compulsória. “Do we have a deal?”

Eu não tive opção melhor do que apertar a mão que me fora estendida:

- “Sure” – eu esbocei um compreensivo sorriso.
- “Good” – o professor retribuiu o meu gesto – “remember, son: it´s the singer, not the song”.

- Eu sei, Mestre.

Eu voltei para o H8 com uma sensação de que ainda havia uma ligeira chance de livrarmo-nos do exame, e que tudo dependeria somente de nós mesmos, de como acabaríamos aquele trabalho mal começado.

Meus colegas estavam de volta ao 228, e não deixaram passar em branco o meu ligeiro deslize da noite anterior:

- Celso, eu não acreditei no que estes 2 acabaram de me contar – Chico comentou tão logo entrei no apê.
- Porra, vocês alem de serem diretamente culpados no ocorrido são fofoqueiros também... – eu reclamei a Fabio e Paulão.
- E aí, o que foi que aconteceu ontem? Vocês sumiram, a-há!
- Não aconteceu nada, Fabio – eu tentei desconversar.
- Kit básico? – ele insistiu.
- Não, imagina se eu ia ficar alisando a Cristina – eu reagi, indignado – foi só uns beijinhos…
- Eu ainda não estou acreditando, Celso – Chico insistiu.
- Rapaz, eu só acreditei porque eu vi, hé-hé – Paulão comentou.
- E aí, já falou com ela hoje? – Chico perguntou.
- Não.
- Tá esperando o quê? Que ela venha aqui atrás de você? – ele prosseguiu.
- É isso mesmo, não pode jogar mole com essa mulherada – Paulão interveio com seu profundo conhecimento do comportamento feminino.
- Sei não, eu tenho certeza de que foi um lance de uma noite só – comentei – eu não quero dar a impressão de que vou grudar no pé dela, tá ligado?
- Sei não, Celso, eu acho que você devia ir falar com ela. Se vocês concluírem que foi uma coisa de momento pelo menos não vai ficar um clima ruim entre vocês. Agora se você não fala com ela hoje ela pode começar a ficar desconfiada de alguma coisa, e vocês podem acabar deixando passar uma coisa que seria legal.

O ponto de vista de Paulão não fazia sentido nenhum. A ressaca moral abatia-se sobre mim, e eu estava começando a pensar que aquilo tudo não devia ter acontecido. Fiquei imaginando como é que eu ia encarar a aula do dia seguinte.

- Eu acho que vou esperar até amanhã, assim nós 2 teremos tempo de pensar melhor – finalizei.
- Hum... – Fabio refletiu consigo mesmo – Sabe quando você fica com a impressão de que o que está acontecendo já aconteceu?
- Sei, é muito maneiro, hé-hé – Paulão observou.– isso acontece porque de vez em quando tem uma ligeira diferença nas velocidades de processamento das informações que vêm dos 2 hemisférios do cérebro.
- É verdade, quando as informações são processadas pela segunda vez a gente fica com a impressão de que já viu e ouviu tudo antes – Chico complementou a explicação do colega.

- Não é disto que eu estou falando, seus babacas – Fabio sutilmente revidou os argumentos dos outros 2 – foi quando esse outro babaca apertou a Lú, foi a mesma merda no dia seguinte...

Geralmente eu esperaria pelo menos uns 5 dias antes de ligar, mas naquele caso seria impossível eu não encontrar com ela no H8, no H15 ou na sala de aula no dia seguinte.

Na segunda feira a turma do fundão estava quieta demais durante a aula. Eu deduzi que o pessoal tava sabendo o que tinha acontecido entre Cristina e eu. Mas pelo menos ninguém quis comentar nada. Exceto Juliano, aparentemente ninguém tinha falado nada pra ele:

- Como é que foi o baile, Cristina, o Celso apertou outra baranguinha?

Todo mundo começou a rir, inclusive eu e Cristina. O professor até parou de falar e pediu pra gente contar a piada pra ele rir também. Juliano não entendeu nada, e Cristina resolveu sacanear com ele:

- Não, Juliano, dessa vez ele ficou com uma menina bem bonitinha, inteligente, carinhosa...
- Foi mesmo!? E como é que aconteceu esse milagre?
- Ah, isso eu não sei, Juliano, você vai ter que perguntar pra ele.

Manuel cochichou algo com Juliano e ele finalmente se tocou. Depois a gente ficou prestando atenção na aula e ninguém tocou mais no assunto.

Cristina e eu também não falamos mais naquilo, e nada mudou entre nós. Era como se nós tivéssemos feito uma experiência no lab, e depois de ter escrito o relatório não nos preocupamos mais com aquilo. Mas como já dizia meu amigo Salú, “as conseqüências sempre vêm depois”, e aquela inocente experiência teve uma série, finita, de conseqüências.

No final de semana seguinte eu senti uma estranha vontade de conversar com Cristina a respeito do acontecido, fazer uma análise multidimensional da coisa. Liguei pro 102, mas Valéria me informou que ela não estava lá:

- *Tina foi pra São Paulo, Celso.*
- Eu falo com ela na segunda, então.
- *Vai sair hoje?*
- Não, eu acho que vou lá pro 323, conversar potoca. E você?
- *Eu vou pro cinema com o Bestevão.*
- Hum, olha como isso tá.
- *Vamos ver se isso vai dar em alguma coisa proveitosa, há-há.*
- O amor é lindo... divirtam-se.
- *Obrigada.*

Eu deitei na rede, olhei pro relógio do som, 20:48:

- Isso tá com cara de que vai ser outra improdutiva noite de sexta-feira... eu acho que vou ligar para a minha grande amiga Letícia.

Levantei e peguei o telefone. Ela estava em casa:

- *Como foi o baile, Celso?*
- Foi diferente.
- *Claro que foi, eu não estava lá!*
- Exato.
- *O que foi que aconteceu?*
- Nada de mais, eu apenas apertei uma amiga minha. Amiga mesmo, dessas que dá ressaca moral no dia seguinte.
- *Nossa! E como é que vocês estão, Celso?*
- Eu acho que está tudo bem, Letícia. Isso é o que acontece quando você não está por perto...
- *É verdade... você ligou pra Claudinha ontem? Foi o aniversário dela.*
- Claro que sim! Liguei, mandei um e-card, o escambau. Falaste com ela?
- *Falei, ela me pareceu tão triste, Celso.*
- Eu também estaria, se estivesse no lugar dela. Imagina, morar naquela porra daquela cidade bizuleica do cacete.
- *Eu também, mas ela disse que no ano que vem ela volta pra São José.*
- Eu falei com o pai dela também, ele disse que não vê a hora de sair daquela merda.
- *Você vai sair hoje?*
- Isso depende, vai rolar alguma festa?
- *Eu não estou sabendo de nada, Celso.*
- E como vai a nossa amiga Roberta?
- *Ela gostou de você, Celso, não fala em outra coisa.*
- Beleza, eu também gostei dela, Letícia.
- *Há-há...*
- Sério! Ela não é assim nenhuma Claudinha, mas não deixa de ter seus atributos.
- *É verdade, há-há, principalmente os 2 superiores. Você vai pra Caraguá com ela?*
- Eu não sei, o que é que tu acha? Será que é roubada?
- *Não, de jeito nenhum. A Roberta é muito gente boa, eu tenho certeza de que vai ser legal. Mas deixa eu te contar uma coisa, Celso.*
- Já sei, ela é ninfomaníaca, né?
- *Não, Celso, não é nada disso.*
- O que é, então?
- *Ela é meio fofoqueira, sabe? Pode se preparar que ela vai contar tudo pras amigas, todos os detalhes.*
- Tudo mesmo...!?
- *Tudinho, se der vexame a tua reputação vai ficar extermamente abalada, meu amigo.*
- Não se preocupe, não darei vexame algum. Depois me passa uma mensagem com o telefone dela, eu não sei aonde eu guardei o papel que ela me deu.
- *Estou passando agorinha mesmo, Celso. Liga pra ela amahã e combina pra semana que vem.*
- Boa idéia!

Desliguei o telefone e dirigi-me ao 323, onde meus amigos já estavam em pleno bostejo.

- Boa noite a todos! – exclamei ao entrar no recinto.
- Puta merda, chegou o outro arregueiro – Sávio B. rebateu – bota o cadeado na geladeira, Sávio.
- Já botei, Sávio.
- Cadê o Chico, Celso?
- Eu não sei dele não, JD, ele passou 50 min trancado no banheiro e depois sumiu. Eu acho que ele arrumou uma fêmea por aqui, toda sexta-feira de noite ele some agora.
- Pode ser um macho também... – Múcio alertou-nos para a outra possibilidade.
- Não, assim não dá, Múcio. Ter 1 amigo baitola tudo bem, é até chique, mas 2 é demais!
- Qual é, Celso? Tá chamando o Sávio R. de boiola, por acaso?
- Ué, o cara não é baitola mesmo, JD? Só falta ser macho suficiente para assumir a baitolice, não é mesmo, Sávio?
- Eu já falei mais de 20 vezes que eu não sou boiola, Celso. Não que eu tenha algo contra, ou a favor.
- Tá vendo o que eu estou falando? Se tu não fosses mesmo bastaria ter falado 1 vez, Sávio, que todo mundo ia acreditar. Mas tudo bem, ninguém aqui tá te regulando não, velho, o brioco é teu, tu faz o que tu quiser com ele.
- É, Sávio, por que tu não assume logo essa porra?
- Porque eu não sou viado JD, é só por causa disso.
- Vai ver que ele ainda não está preparado, pessoal – Sávio B. tentou ajudar o xará.
- Como assim, não está preparado? Tem que fazer um curso, ou uma prova?
- Eu acho que o problema é esse, gente – Múcio resolveu teorizar um pouco – vai ver que o nosso amigo Sávio R. ainda não fez a prova... vocês estão me entendendo?
- Ah, agora eu acho que estou – JD ponderou sobre a observação do amigo – é esse o problema, galera, o cara precisa de um teste... algum voluntário?
- Não! – exclamamos todos.
- Bom, neste caso eu acho que nós devemos parar de importunar o nosso amigo com esta questão. O que é que você acha, Celso?
- Eu concordo, JD. Quando, e se, o nosso amigo decidir fazer esta prova...
- E se ele der pra passar na prova, pessoal – Múcio completou.
- Exato, aí então a gente confere a ele o título oficial de baitola do 323. Não é, Sávio?
- Vocês hoje estão falando muita abobrinha, e olha que a gente ainda nem começou a sessão – Sávio R. finalizou a boréstia da hora.
- Êpa, que sessão? Hoje tem uma partida de War, por acaso?
- Não, Celso, mas vai rolar uma diversãozinha mais tarde, tá nessa?
- Tou fora deste esquema, meus caros.

Naquele exato momento um grupo de amigos deu entrada no 323: Caldré, Chico e Nilo.

- Tás fora de qual esquema, Celso? – Chico indagou.
- Finalmente apareceu, o nosso misterioso amigo Chico! – JD exclamou.
- Misterioso, eu? O que foi que eu fiz?!
- Celso estava nos contando das tuas escapadas nas noites de sexta-feira, Chico.

- Que estória é essa, Chico? – Nilo indagou – arrumou alguma namoradinha aqui em São José?
- Eu não, vocês estão malucos? Eu sou um cara comprometido, e fiel!
- Esta foi a teoria do Celso, Nilo, mas Múcio tem uma outra teoria mais alternativa – Sávio B. comentou.
- Êpa, vocês não estão querendo insinuar que o Chico arrumou um namorado, hein? – Caldré interveio – amigo boiola basta 1, gente, hé-hé.
- Puta merda, agora vai começar tudo de novo... – Sávio R. reclamou, com razão.
- Não, ninguém vai mais tocar neste assunto da boiolice do Sávio... – JD parou por um instante – ou seria boiolagem?!
- É isso mesmo, o assunto em pauta é o desaparecimento do Chico nas noites de sexta – Sávio B. lembrou-nos – e dos 50 min que ele passa trancado no banheiro.
- Bom, quanto a isto não precisa discutir nada, pois nós sabemos muito bem o que...
- 50 min, Chico!? – Múcio reagiu, surpreso – Porra, estás querendo bater algum record?
- Vocês são lasca, eita pleura... – Chico reclamou, sem razão.
- Galera, vamos analisar criticamente o problema – JD interveio – se o Chico passa 50 min trancado no banheiro, fazendo aquilo que nós imaginamos que ele faça, não faz sentido nenhum que ele esteja saindo com alguém depois, seja qual for o sexo da pessoa.
- É mesmo, JD – Caldré concordou – o que é que esse porra está fazendo, então?
- Será que ele entrou numa daquelas seitas? – Nilo indagou, temeroso.
- Só pode ser... – Sávio R. concluiu – caralho, agora ele vai tentar catequizar a gente!
- Não é nada disso, gente – Chico sorriu da nossa ingenuidade.
- Não é sexo, não é drogas, não é rock 'n' roll, que o Chico não sabe tocar nenhum instrumento... – eu refleti.
- Não é religião, não é futebol, que o Chico não sabe jogar bola... – Nilo refletiu também.
- Deve ser política, então – Sávio B. concluiu – é isso, esse baitola tá querendo virar político...
- Puta merda, que desperdício de neurônios – JD desabafou, inconformado.
- Vocês estão completamente enganados, meus amigos – Chico deu sinais de que finalmente iria revelar o seu grande segredo – eu apenas adquiri um novo hábito: eu estou assistindo novela 1 vez por semana. Pronto, é isso.
- Novela!? – eu reagi, indignado – porra, essa foi foda...
- Chico, você, vendo novela!? – Múcio também reagiu, indignado – Puta merda, que desperdício de neurônios!!
- E por que só na sexta, Chico? – Nilo questionou o amigo.
- Deve ser pra não viciar, pessoal – Caldré concluiu – ele só vê novela "socialmente".
- É assim que começa, daqui a pouco esse porra está dependente – Sávio B. alertou.
- Bom, podia ser pior, né? Eu podia ser dependente em nicotina, feito vocês... – Chico penderou – aliás, eu hoje não entendo como eu fumei no passado, ô vício besta...
- Sim, mas, o papo aqui é o teu "hábito", Chico – Sávio R. lembrou.
- Eu percebi que a dinâmica da novela não muda muito em 7 dias, e dutante a semana eu não tenho tempo mesmo para estas frescuras. E como eu não tenho nada melhor pra fazer nas noites de sexta-feira, ao contrário do meu requisitadíssimo colega de apê aqui presente, não é, Celso?

- Nem vem que não tem, Chico, que hoje eu não estou na roda, só pra variar – eu cortei no ato a tentativa do noveleiro amigo de sair pela tangente.
- Que papo é esse, Celso? – Múcio não deixou passar batido – arrumou uma namoradinha, ou namoradinho?
- Eu não quero dar uma de fofoqueiro não, afinal de contas eu nem sou membro ativo da Fofoquita, mas eu acho que ele tá de coisa com a Beatriz, de novo – Chico insistiu novamente.
- Chico... – eu tentei censurá-lo com o meu poderoso olhar regulão.
- Libera, Chico, o que foi exatamente que tu viste?
- Não foi nada demais, Sávio, eles apenas estavam conversando na semana passada, olhando para a romântica paisagem do feijãozinho – Chico conseguiu desviar o assunto – quando eu voltei pro apê Celso não estava lá, a garrafa de vodka não estava na geladeira... eu nem sei que horas ele voltou.
- Beatriz é muito gata, ai se ela me desse bola... – Sávio R. comentou.
- Liga pra ela, Sávio, chama a Bia pra sair – JD incentivou o amigo – a não ser que o Celso confirme que realmente tem algo rolando, é claro.
- Não tem nada rolando entre a gente, Sávio – eu afirmei – nada além de uma profunda e verdadeira amizade. Pega o telefone e liga pra ela, ela gosta de cinema... aliás, a gente combinou de ir pro cinema amanhã, mas não tem erro não, eu falo pra ela que fica pra outro dia.
- Desde o ano passado que o Sávio fala da Bia – Sávio B. lembrou – isso é coisa antiga.
- É mesmo, eu estou lembrando agora – Múcio corroborou – liga pra ela, cacete, o máximo que pode acontecer é ela dizer não.
- Ou então ela dizer que sempre pensou que tu eras boiola, Sávio – Caldré adicionou.
- Vocês hoje estão falando muita abobrinha, e olha que a gente ainda nem começou a sessão – Sávio R. novamente finalizou a boréstia da hora.
- Êpa, que sessão? Hoje tem uma partida de War, por acaso?
- Não, Chico – JD refletiu por um momento – eu acho que nós entramos num loop infinito, galera, há-há.
- Celso, cadê aquela garrafa de Juanito que a gente trouxe da viagem?
- Eu vendi pro Camilo, Nilo, ele gosta de uísque.
- E a vodka, sobrou algo?
- Sobrou, mas estou guardando para ocasiões especiais, a-há!
- E aqui no 323, não tem nada, gente?
- Aqui só tem Genebra, Nilo, vai querer?
- Não, JD, obrigado. E o ITA, gente, como vai?
- Lá na INFRA está tudo em paz, não é, Múcio?
- Só, eu estou amando o meu curso! Estou adorando Arquitetura e Urbanismo!
- Putz, eu estou achando que a boiolice do Sávio tá passando para o outro lado do apê de vocês, hé-hé.
- Qual é, Caldré, tá com inveja porque na MEC não tem essas coisas?
- É isso mesmo, lá na MEC não tem essas coisas de viado não, JD.
- Falou... e vocês?
- Bom, lá na AER a trolha continua rolando: AED, EST, MVO, PRP... a coisa não tá bolinho não, não é, Sávios?
- E como... – os Sávios responderam em coro.

- E vocês já descobriram por que o avião voa, hé-hé?
- Não, Caldré, eu acho que só no quinto ano é que a gente vai descobrir – Nilo ironizou – mas eu tenho certeza que é por causa da terceira lei de Newton.
- E eu não estou nem aí, eu não vou querer morar aqui em São José mesmo – Sávio R. afirmou – mas eu tenho certeza de que é por causa da equação de Bernouille.
- Ué, eu pensei que tu gostavas daqui, Sávio, tu és o único paulistano que eu conheço que passa os finais de semana aqui no H8.
- Eu gosto de desfrutar da companhia dos meus amigos, Celso.
- Sei... – eu sorri comigo mesmo – tu tás é querendo arrumar um macho, né? Foi mal, foi mal...
- Ele deve estar fazendo Arquitetura e Urbanismo também, Celso, tipo matéria opcional, hé-hé.
- No mínimo... – eu concordei com a observação do colega.
- E a ELE, Chico? – Nilo continuou seu interrogatório acadêmico.
- Este semestre está relativamente razoável, eu acho que vou sobreviver.
- Só, e a MEC, Caldré?
- Bom, antes de mais nada... – Caldré olhou para mim, sorridente.
- Viva a MEC! – exclamamos em uníssono.
- Vocês são muito babacas, mesmo – Sávio R. reclamou do nosso entusiasmo.
- A inveja é uma merda, hé-hé... a MEC está uma maravilha, Nilo. Não é, Celso?
- Pricipalmente depois que eu tirei L+ na segunda prova de P.O. e MB na prova chance. Agora é só administrar o placar, minha gente.
- E o projeto de processos, Celso?
- Nem me fale, Caldré, hoje eu passei a tarde inteira dando polimento na matriz...
- É isso que vocês fazem na MEC, dar polimento em peça?
- Há-há, conta pra eles, Caldré.
- Bom, a minha equipe está prototipando algumas peças em material composto, a equipe do Celso teve um probleminha com o equipamento, hé-hé.
- Probleminha, não, quase que Alex e Carlito destroem o equipamento. O negócio é pra ser operado num esquema de 6 etapas, tá ligado? Começa em 2 atm, depois 4, depois 6 etc. Os animais acharam que estava muito lento e passaram direto de 4 pra 10 atm e detonaram a matriz.
- Porra, meu, como é que tu faz uma equipe com Alex e Carlito e espera que não vá acontecer alguma merda?
- Hé-hé, isso é porque tu ainda não sabes quem mais está na equipe dele, Sávio.
- Quem?
- K-Zé e Juliano.
- Puta merda, essa equipe só tem animal, gente!
- O pior é que o professor já disse que ninguém vai precisar fazer exame, JD, exceto nós, só falta a gente ganhar uma segunda época compulsória... – eu suspirei conformado – Viva a MEC...
- E aquele cara do terceiro ano que foi desligado, gente, vocês souberam o que foi?
- Que cara, Nilo?
- Um cara da MEC, JD, o pessoal tava comentando hoje, no almoço.
- Foi um daqueles caras do 305, Celso sabe o que foi.
- Ele tava colando na prova de EST. Caiu uma questão da série, o cara inventou de copiar por debaixo da mesa, o professor pegou no ato.

- Foi o DOO que desligou, Celso?
- Nada, isso foi antes da semaninha, o professor levou direto na Dival e o sujeito foi desligado na hora. O DOO foi apenas notificado, a posteriori, por uma questão de cortesia da escola...
- Também, num caso deste, de flagrante delito, o DOO ia fazer o quê, desligar o cara de novo? – Chico observou, com bastante propriedade.
- Exato... – eu concordei.
- Puta merda, que vacilo – Sávio B. comentou.
- Olha, galera, tem certas coisas que o ITA não tolera de jeito nenhum, colar é uma delas – JD finalizou o desagradável assunto – e o Encontro Musical, Celso?
- Rapaz, este ano vai ser duca. Eu vou tocar 2 ou 3 músicas com Beto, Lídia e Regi.
- Lídia vai cantar? Aquela menina canta praca – Caldré observou.
- Só, nós estamos ensaiando Breeders, Cowboy Junkies e Lush, tá massa! Mas ela ainda vai escolher qual delas ela vai cantar no show.
- E o Beto, Celso, não vai cantar este ano?
- Vai sim, Nilo, 2 músicas, 1 do Audioslave e 1 do The Vines. E a gente vai tocar Black Crowes também, com Shimano e Bruno. Vai ser muito massa...

No dia seguinte eu fui ao cinema com Beatriz. Eu sabia que ela ia tocar no assunto Cristina, ela só estava esperando o final do filme.

- E como foi?
- Foi melhor do que eu estava esperando, Bia.
- Como assim? Você achava que ia ser ruim? – ela fez cara de surpresa.
- Não é isso... eu tava com receio de que fosse ficar esquisito depois... você sabe...
- E vocês estão juntos agora?
- Não... – eu olhei para ela com uma expressão indiferente.
- Por que não?
- Eu acho que ela estava só querendo ver como ia ser...
- E você?
- Eu? Eu não tava nem querendo que fosse acontecer alguma coisa, isso foi idéia dela.
- Vocês não falaram sobre isso depois do baile?
- Não... ela não tocou no assunto... – eu usei a mesma expressão indiferente.
- E você naturalmente que também não...
- Você me conhece, Bia...
- Muito bem, por sinal... e o que foi que rolou, exatamente?
- Que é isso, mulher!?
- Que besteira, Celso, você já me contou tanta coisa das suas aventuras.
- Idem idem, mas nós estamos falando da Cristina – eu percebi que ela estava realmente curiosa, mas decidi não revelar nada.
- A sua melhor amiga... – ela fingiu que estava com ciúmes.
- Exatamente... – eu fingi que não havia percebido.
- Pelo visto o negócio foi sério...
- Não aconteceu nada demais.
- Kit básico? – ela sorriu discretamente.
- Bia, vamos mudar de assunto?
- Básico “light” ou “standard”? – ela riu meio descaradamente.

- Beatriz...
- Que besteira, Celso.
- “Extra light”... foi só uns beijinhos…
- Vai ver que foi por isso que ela não tocou mais no assunto...
- Hum?!
- Vai ver que as expectativas dela não foram concretizadas...
- É, vai ver que foi isso... vamos mudar de assunto agora?
- Vamos, vamos conversar sobre algo mais agradável...
- Tipo nós 2?
- Pode ser...
- Você ficou com ciúmes?
- Não... – Beatriz ficou com uma expressão pensativa.
- Não mesmo!?
- Não, Celso. Eu provavelmente teria ficado se eu tivesse visto vocês 2 juntos, ou se você tivesse deixado de ficar comigo pra ficar com ela. Mas eu não fiquei com ciúme nenhum.
- E nem podia, né? Afinal de contas se você tivesse ido ao baile nada disto teria acontecido, Bia.
- Provavelmente não, mas nem tente colocar a culpa em cima de mim, meu filho.
- Eu não estou culpando ninguém, Bia, aconteceu.
- Na verdade eu nem consigo imaginar tu e Cristina juntos, Celso.
- Nem eu...
- Mas você sabe muito bem que eu não fui ao baile porque eu ainda estava sob os efeitos da noite anterior, Celso.
- E daí?
- E daí que a gente ia se agarrar de novo, em público, ia ficar aquela fofoca arretada de novo... a gente já passou desta fase, não é mesmo?
- Eu acho que sim... e qual é a fase que nós estamos agora, Bia?
- Deixa eu ver... a fase em que eu tenho certeza de que no fim a gente vai ficar junto, Celso.
- No fim do quê?
- Isso eu não sei. Mas se no fim a gente não estiver junto é porque ainda não é o fim.
- Eu não entendi nada do que tu acabaste de falar, Bia.
- Entendeu sim, Celso – ela estranhou a minha expressão – o que foi?
- Carolina falava a mesma coisa, Bia.
- Isto apenas siginifica que 1 de nós está errada, Celso... – ela sorriu confiante – eu espero que seja ela.
- Não, Bia, isto significa que pelo menos 1 de vocês está errada...
- Hum... vocês se encontraram na semaninha?
- Não, eu encontrei com a irmã dela, na praia, ela falou que Carolina arrumou um namoradinho...
- Você ficou com ciúmes?
- Não... – eu fiquei com uma expressão pensativa.
- Não mesmo!?
- Não, Bia. Eu provavelmente teria ficado se eu tivesse visto eles 2 juntos, ou se ela tivesse deixado de ficar comigo pra ficar com o mané. Mas eu não fiquei com ciúme nenhum.

- E nem podia, né? Afinal de contas foi você quem dispensou a coitada...
- É verdade...
- E você está em que fase, Celso?
- Na fase do já passou, Bia, Carolina é coisa do passado.
- Não, aruá, em relação a nós 2.
- Eu não estou preocupado com isso não, Bia – eu sorri confiante – eu estou apenas feliz por passar estes agradáveis momentos ao seu lado, a-há.
- De quais momentos agradáveis você está falando, Celso?
- Deste agora, por exemplo, daquele outro quando a gente saiu... você pensou no que eu te disse naquela noite?
- Você me disse tanta coisa naquela noite, Celso... e eu adorei todas elas.
- Você sabe que era tudo verdade... e ainda é.
- Eu sei, mas do que é que você está falando agora?
- Da gente ir passar uns dias no Rio, no começo das férias.
- Eu não sei, Celso, a gente passa tanto tempo fora de casa, né? E eu nem conheço o teu tio, vai que ele encrespa comigo.
- Tem erro não, Bia, meu tio gosta quando eu levo alguém na casa dele. Vic já foi lá, Príncipe e Bebeto também.
- Eu não sei, Celso... você podia ir passar uns dias comigo, lá em casa.
- Idem idem.
- Eu já vi que nós não vamos entrar em acordo sobre este assunto hoje, Celso, vamos conversar sobre algo menos polêmico, tipo massa do fóton.
- Fóton não tem massa, Bia.
- É claro que tem, Celso...

No mês seguinte teve outro baile da CV, Cristina tinha ido pra Sampa, e eu achei até bom que ela não estivesse no baile, assim não ia ter risco nenhum de ficarmos sob tensão. Ou de acontecer algo, de novo. Eu realmente não queria nem pensar naquela hipótese. Não que eu não tivesse gostado da experiência, mas que foi esquisito foi. E muito.

Naquela noite Tino e eu retornamos ao velho ritual, mas não exageramos no pré-baile no apê de Camilo. Quando chegamos ao H15 demos de cara com Inália e Solange, que estavam com outras 2 amigas. Inália já estava sem o gesso, e nós fomos dançar.

- Eu pensei que você ia aparecer pra gente conversar...
- Eu ia mesmo, mas fiquei com receio de dar de cara com a sua namorada.
- Eu não tenho namorada, Inália.
- E aquela menina que tava com você no outro baile?
- Ela é apenas uma amiga, aliás, é a minha melhor amiga.
- Amiga?! Do jeito que vocês estavam se agarrando parecia outra coisa...
- Eu sei, mas foi um lance de uma noite só... a gente percebeu que era só amizade mesmo.
- Sei... e aonde é que a sua amiga está agora?
- Ela teve que ir pra Sampamêu...
- E é por isso que você está dançando comigo?
- Não, Inália, não tem nada a ver, eu estava querendo te conhecer melhor desde aquele baile. Por que é que você está tão desconfiada?

- Nada não, eu só não queria ter que passar pelo que a Adriana passou...
- Ah, sei... você conhece Adriana...
- Não, mas Nina me contou o que aconteceu com ela.

Nina, aquela loura maravilhosa namorada do meu amigo Márcio, jogava na zaga. Eu nem conhecia a menina direito e ela já havia queimado meu filme. Eu achei que minhas chances com Inália estavam muito perto de zero, e resolvi arriscar tudo numa última cartada.

- Inália, eu gostei de você e acho que você também gostou de mim. Mas se você tá achando que não pode confiar em mim, que não vale a pena...
- Celso, você lembra do que aconteceu no outro baile? A gente tava conversando numa boa, de repente você sumiu com seus amigos e 10 min depois você tava se agarrando com a sua "melhor amiga"... você queria que eu pensasse o quê??

Não teve jeito, Inália era outro caso perdido. E tudo porque eu tinha apertado Cristina... não, esta condição foi necessária, mas não suficiente. Tinha também a pisada de bola com Adriana, no baile de formatura do ano anterior... que aconteceu porque eu tinha apertado Maria Luiza... que por sua vez aconteceu porque a gente nunca tinha resolvido o lance que rolou no final do primeiro ano... que no final das contas era uma conseqüência do fato de eu ter entrado no banheiro feminino no meu primeiro dia de aula no ITA, pra fugir de um –1. E ainda tinha gente que dizia que o trote era uma coisa sem maiores conseqüências...

Mas aquela noite não havia acabado ainda, e eu não ia me deixar abalar com aquele insignificante revés. Fui conversar com Paulão e Fabio, refrescar as idéias.

- E aí, Celsão, a moreninha cagou pra você? – Paulo ficou rindo da minha cara, nada como o conforto dos amigos naquelas horas difíceis...
- Hum-hum.
- E a lourinha amiga dela? É bizu? – Fabio questionou.
- Leu, naquela mesa ali minhas chances são nulas. E as de vocês também, por extrapolação. Voces viram a Letícia por aí?
- Não, nem ela nem a outra, a do cabelão.
- Também conhecida como "a ninfo de Caraguá", hé-hé.
- Ei, rapá, mais respeito com a minha futura namorada.
- Vai encarar a baranguinha, Celsão?
- Eu acho que sim, meus caros. A menina é simpática, tem um peitinho massa...
- 2 – Fabio corrigiu.
- Exato, 2 – eu continuei – tem um cabelão muito massa.
- Gosta de sexo – Paulão complementou.
- Bastante, eu diria – concordei.
- Tem uma casa na praia – Fabio lembrou.
- Isso – eu continuei – tá certo que Caraguá não é assim nenhuma Ubatuba, e tá certo que a Roberta não é assim nenhuma Claudinha, mas quando em Roma...
- Quem não tem cão, Celsão – Fabio corrigiu.
- Foi o que eu quis dizer – eu corrigi.
- Vamos dar umas voltas por aí, quem sabe a gente arruma umas baranguinhas – Paulão brincou, mas eu achei que nem aquilo ia rolar mais naquela noite.

E o pior de tudo era que eu não encontrei Letícia, nem Roberta, nem as outras amigas delas. Aquela noite estava prometendo ser extremamente improdutiva. Nós paramos no bar e ficamos jogando lero pras marias que apareciam por lá. Depois de uma meia hora de rendimento nulo algo muito inesperado aconteceu.

- Celsão, não olha agora, mas tem uma louraça ali olhando na nossa direção, não sei pra qual de nós – Paulão ficou rindo, aquela esperteza toda, coçando o queixo.

Eu olhei de imediato e reconheci a figura:

- A louraça é namorada do Márcio.
- Márcio da minha turma?? – Paulo ficou surpreso – o que é que ele tá fazendo com um mulherão desses?
- Essa mulher é um tremendo bizuleu, maior beque – eu virei a cara e continuei a tomar a minha bira.
- Shruiu, ela tá vindo pra cá, Celsão – Fabio começou a rir, eu nem olhei.
- Celso, eu quero falar com você – a menina intimidou ao chegar perto da gente.
- Eu não tenho nada pra conversar com você, Nina – eu realmente nem queria ver aquela mulher na minha frente.
- Áu, essa doeu – Paulão ficou rindo, Fabio também.
- Celso, eu preciso falar com você, lá fora, agora – ela nem olhou pros meninos, parecia que eles nem estavam ali.
- Sei não, Celsão, se eu fosse você eu ia – Fabio falou alto, para ela ouvir.
- Eu também – Paulo fez o mesmo – posso ir no lugar dele?
- Vocês não têm coisa melhor pra fazer? Não tão vendo que isso aqui é uma conversa privada? – ela finalmente falou com eles, mas não foi nada simpática.
- Êpa, peraí, a gente tava aqui primeiro – Paulão fingiu que tinha se ofendido, Fabio começou a dar gargalhada.

Eu achei melhor sair dali antes que Nina desse umas porradas nos meninos, e fui lá pra fora com ela. Nós andamos até o laguinho do H13, eu não falava nada. Ela dizia que queria pedir desculpas por ter atrapalhado o lance com Inália, mas que achava que não tinha feito nada demais, pois afinal eu é que tinha pisado na bola com Adriana, e ela só queria alertar a amiga a respeito do efeito Celsoleu.

- Era só isso que você queria falar comigo?
- Não, fica calmo, vamos conversar um pouco – ela sorriu.
- Conversar o quê?
- Cadê a sua namoradinha? – ela começou a ficar com um jeito diferente, eu não sabia o que ela estava querendo, mas achei curioso ela perguntar aquilo.
- Ela não é minha namorada – eu sabia que ela tava falando de Cristina.
- Sei, então vocês acabaram?! Eu também acabei com o Márcio.
- Foi? Que pena, ele é muito gente boa.
- Mas nós ainda somos amigos, bons amigos.
- Sei... – mas eu ainda não entendia porque que ela tava me dizendo aquilo tudo, eu mal conhecia aquela figura, e nem em sonho eu ia pensar que ela tava me azarando.

- Eu também queria ser sua amiga, Celso – ela sorriu de novo, aqueles olhos verdes me devorando lentamente.
- Claro, Nina – eu tava começando a pensar que aquilo era um sonho.
- Pra dizer a verdade, eu queria ser mais que sua amiga – ela chegou mais perto de mim, eu não acreditava no que estava acontecendo, mas era verdade mesmo.
- É mesmo!? – eu sorri também, afinal de contas não era todo dia que uma loura maravilhosa daquelas dava um mole daqueles.
- É.

Nós passamos uma meia hora nos agarrando, eu nem lembrava mais de Inália, ou Roberta, até que a louraça resolveu finalizar a partida.

- Eu tenho que voltar pro baile, o Márcio deve estar me procurando – ela começou a se ajeitar, retocou o baton.
- Ué, você não disse que tinha acabado com ele? – eu comecei a ficar desconfiado.
- Eu menti... ou você pensa que só os homens mentem?

Eu voltei pro H15 muito puto da vida, aquela era a segunda vez que ela conseguia incinerar a minha película. E daquela vez foi pior. Nós encontramos Márcio e eu tive que fingir que nada havia acontecido. Eu decidi voltar pro H8 e tentar esquecer aquela noite bizuleica.

Mas as coisas ainda iriam piorar um pouco mais antes que eu pudesse deitar na minha aconchegante caminha. Quando saí do H15 dei de cara com Letícia e Roberta. Pela expressão delas eu notei que havia algo errado, e muito. Roberta nem falou comigo, passou direto porta adentro e sumiu da minha vista, aparentemente para sempre.

Nós havíamos passado um delicioso final de semana em Caraguá e eu não queria de jeito algum criar atrito com ela. Atrito emocional, é claro, que físico eu queria sim, e muito. Mas naquele momento eu me dei conta de que as chances para tal estavam bem perto de 0.

Letícia explicou-me o óbvio motivo:

- A gente viu vocês na beira do lago, Celso, foi logo que a gente chegou.
- Putz... – eu tentei justificar a minha escapadela – eu pensei que vocês não vinham mais.
- Porra, Celso, a Roberta te falou que ia demorar, ela teve que ir no aniversário da tia.
- É verdade... eu acho que agora fudeu de vez, né?
- Eu acho que sim... – Letícia nem tentou me acochambrar – ela tava tão ligadinha em você, Celso, fez uma propaganda tão boa daquele fim de semana...
- Eu também gostei daquele fim de semana, Letícia...
- Você já está indo embora?
- Estou... eu vou dormir, antes que caia um raio na minha cabeça.

No dia seguinte eu comentei os incidentes com o pessoal do apê. Eu ainda estava me sentindo mal, eles tentaram acochambrar.

- Não foi culpa sua, Celsão, a mulher é uma vagabunda mesmo – Paulão me disse, com aquele sorriso esperto dele.
- Mas rapaz, como é que tu fizeste uma coisa dessas? A mulher é namorada do teu amigo... – do Chico eu já esperava um certo cinismo.
- E agora, Celsão, que é que vai acontecer?
- Não vai acontecer nada, Fabio, eu não quero nem mais ver aquela rapariga na minha frente.
- O foda é que agora a baranguinha do peitinho bonitinho vai cagar de vez pra você, Celsão, hé-hé...
- Eu diria que já cagou, Paulo – Fabio observou, matreiro.
- Hum!? – Paulão não captou o que o amigo queria dizer – por que você está afirmando isto, Fabio?
- Bom, eu encontrei com ela no bar, ontem, depois que o Celsão sumiu com a vagabunda, e depois que você sumiu com a irmã da Marcoléia, de novo...
- Porra, Paulo, tu não disseste que não ia querer mais nada com a menina?
- Disse, mas ontem as minhas opções estavam bastante inexistentes, hé-hé.
- Quem é esta tal de Marcoléia, eu conheço?
- Claro que sim, a namorada do Marcoleu, ela é da tua turma, não é?
- Ah, outra figura pernóstica do 102 – Chico observou – eu tenho certeza de que alguma daquelas meninas ainda vai causar algum dano permanente aqui neste apê, minha dúvida é se vai ser a Valéria ou a Cristina...
- Deixa de tua onda, Chico – eu cortei o agouro dele – sim, Fabio, tu encontraste a Roberta, e daí?
- Bom, eu estava na minha, tomando minha bira, ela estava com uma cara de quem nem tinha comido nem gostado...
- Puta merda, não vai deizer que tu agarraste a menina, Fabio? Por que se foi isso eu vou querer também, hé-hé.
- Claro que eu não agarrei a menina, Paulão, foi ela quem me agarrou.
- Como é!? A ex-futura namorada do Celso se atracou contigo?
- Exato – Fabio confirmou o fato – eu até que tentei evitar, gente, mas a menina não me deu a mínima chance. Depois foi que ela veio com uma estória de que estava puta porque tinha visto o Celso com a outra, a vagabunda.
- Hum... – eu refleti comigo mesmo – Sabe quando você fica com a impressão de que o que está acontecendo já aconteceu?
- Sei, é muito maneiro, hé-hé – Paulão observou.– isso acontece porque de vez em quando tem uma ligeira diferença nas velocidades de processamento das informações que vêm dos 2 hemisférios do cérebro.
- É verdade, quando as informações são processadas pela segunda vez a gente fica com a impressão de que já viu e ouviu tudo antes – Chico complementou a explicação do colega – êpa, isto já aconteceu!!
- Não é disto que eu estou falando, seus babacas – eu sutilmente revidei os argumentos dos outros 2 – foi quando esse outro babaca apertou a Lú, foi a mesma merda no dia seguinte...
- Pelo menos ficou tudo aqui no apê mesmo, Celsão...

Eu ainda estava irado na segunda feira, aquele baileu havia sido um desastre tático, sob todos os aspectos. A turminha do fundão, só pra variar, queria saber como tinha sido o baile.

- Como é que foi o bailão, Celso? – Cristina começou o assunto.
- Uma merda.
- Faltou baranga? – Juliano deu um risinho de leve.
- Faltou birita? – K-Zé também começou a rir.
- Foi esse o problema – eu fiquei sério por um instante, e todos acharam melhor encerrar o assunto.

Na semana seguinte Nina apareceu no H8. Eu tava estudando e Fabio chegou no apê todo sorridente:

- Celsão, a vagabunda tá lá no hall te esperando.
- O quê?
- Nina me pediu pra te chamar. Ela tá toda mansa hoje, até me pediu desculpas por ter sido grossa no baile.

Chico ouviu a conversa e veio ao meu quarto.

- Tu não vais te agarrar com ela de novo não, né?
- É claro que não, Chico, eu não vou nem lá falar com ela.
- Se eu fosse você eu ia – Fabio ficou rindo – ela tá com um vestidinho... shruiu!!!
- Ôba, hoje vai rolar – Paulão deu um grito estridente – eu vou lá ver de perto.

Chico foi também, e depois de 2 min eles voltaram. Chico ainda tava com os olhos arregalados, Paulão estava sério, o que não deixava de ser uma raridade.

- Celsão, deixa eu te falar uma coisa.
- O que é, Paulão...?
- Parte pra outra, porque essa daí tu já comeu.
- Eu vou ter que concordar com ele, Celso, essa menina tá a fim de dar pra ti.

Eu olhei pra Fabio, ele não falou nada, só ficou balançando a cabeça, concordando com os outros 2. Eu achei que seria melhor ir falar com ela, ninguém ia mais conseguir estudar naquela noite se eu não fosse.

Nina estava realmente sedutora, meiga mesmo. Nem parecia aquela víbora maquiavélica da semana anterior. E o vestidinho que ela estava usando era muito, mas muito sexy mesmo.

Ela me pediu desculpas, disse que tinha realmente acabado com Márcio depois daquela noite do baile, mas que estava tudo bem entre eles.

- Você contou pra ele?
- Claro, mas não se preocupa que ele não ficou chateado com você.
- Não??

- Eu falei que foi minha culpa. E aí, você vai me dar outra chance?

Quando eu voltei pro apê todo mundo parou o que tava fazendo e foi pro meu quarto. Paulo era o mais curioso.

- E aí, comeu ou não comeu?
- Não, tecnicamente não – eu fiquei rindo, só pra sacanear com eles – ela bem que queria, eu dei uns apertos nela lá no estacionamento do C e depois falei que tinha que estudar Instrumentação.
- Eu não acredito, ah se fosse comigo... – eu nunca tinha visto Chico tão revoltado.
- Seu babaca, como é que você faz uma coisa dessas?!! – Paulo estava injuriado.

Fabio me conhecia melhor que eles, ficou rindo de leve e disse:

- Nós já vimos esse filme antes, amanhã ela vai estar aqui de novo, doida pra dar.

Não deu outra, na noite seguinte ela tava lá, toda produzida, de micro saia e tudo mais. Fomos os 4 ver a figura, ela estava sentada no Mosca Frita, me esperando. Paulão nem acreditou, e foi logo me dizendo:

- Celsão, faz um favor pra nós 3, dá um comidão nessa mulher.
- É a honra do apê que está em jogo – Chico tava todo animadinho.
- Eu não sei, gente. Eu não sinto nada por essa menina – eu realmente não sabia se ia encarar ou não.
- E nem precisa, é só usar os instintos – Chico tava mais animado do que eu. Bem mais, eu diria.

Fabio olhou pra ela, me olhou bem firme e disse:

- Celsão, amanhã a gente liga pro Ricardo e você vai falar pra ele que conheceu uma loura maravilhosa, dos olhos verdes, e que ela tá apaixonada por você. Ele vai morrer de inveja.

No dia seguinte eu perdi a primeira aula e cheguei atrasado na segunda, já eram mais de 9:05 quando eu cheguei no ITA. Foi a primeira e única aula que eu perdi naquele semestre, mas foi por um bom motivo, não era todo dia que eu tinha a chance de sacanear Ricardo.

O semestre chegava ao fim, aquele friozinho chato já começava a incomodar de novo. Eu me concentrei nas provas e exames, estudei muito.

Minha maior preocupação ainda era P.O., eu precisava tirar I no exame. Eu meti um gagá desespero, afinal de contas só o gagá salva. Refiz todas as séries, todas as provas. Mas o exame foi difícil, longo, mais de 10 questões, e eu não tinha certeza se iria passar.

Na véspera de viajar eu fui falar com o professor, pedi pra ele me falar quanto eu tinha tirado, pois se fosse o caso eu já iria levar o gagá para as férias. Nós havíamos conversado bastante naquele semestre, e apesar de ele ter aquele jeito de durão eu tinha certeza de que

ele iria me falar o resultado naquele dia. Eu também tinha certeza de que ele não ia acochambrar ninguém, e ele não acochambrou mesmo. Ele verificou as notas que eu havia tirado nas provas, fez umas contas e escreveu um número no topo do exame.

- Essa é a nota que você está precisando, vamos ver o que vai acontecer agora – ele começou a corrigir meu exame, questão por questão, bem ali na minha frente.

Eu fiquei só olhando, enquanto ele colocava os pontos correspondentes a cada questão. Eu comecei a ficar preocupado quando vi que ele colocou 0 na terceira e 0 na quarta.

- A quinta questão não era pra resolver, era só para estruturar o problema! – ele me olhou com uma mistura de repreensão e surpresa – se você não tivesse tentado resolvê-la teria tido tempo de ter feito a prova toda.

Ele estava certo, eu não havia feito as 2 últimas questões por falta de tempo. Ele continuou a correção, somou os pontos, escreveu o valor ao lado da nota que eu estava precisando. Pegou a caneta vermelha e escreveu o resultado: I +.

- Boas férias – ele deu um risinho e fez sinal pra eu me mandar.

Eu cheguei no apê feliz da vida. Aquele semestre não tinha sido fácil, mas o gagá havia me salvado outra vez. No semestre seguinte eu iria aprender que o gagá, de per si, não salva sempre, e que manter o controle da situação era tão ou mais importante que estudar muito.

Arrumei minhas coisas, tomei um banho e fui jantar. Quando estava saindo do H15 encontrei Beatriz. Ela estava com uma cara horrível, pálida, cheia de olheiras, que nem eu. Mas ficou feliz ao me ver, e a maneira que ela me olhou foi extremamente agradável.

- Você pensou na minha proposta?
- Você pensou na minha?
- Pensei, mas a minha é muito mais lógica, você fica uns dias comigo lá em casa e depois sobe.
- Eu preferia que a gente fosse para um lugar neutro. Não precisa ser Pipa, podia ser BF, ou Maceió.

Sorrimos um para o outro, como que dando mais uma chance para que a negociação terminasse bem.

- Já terminaste os exames?
- Não, o último é amanhã. Você?
- Já, todos os 9. Só falta entregar um trabalho amanhã.
- 9 exames, Celso!?
- Bom, o “titio” não gostou da apresentação do nosso projeto, então ele não somente não nos dispensou do exame normal como também deixou a nossa equipe inteira de segunda época compulsória.
- Vixe!
- A qual fizemos ontem à noite...

- Nossa...!
- Viva a MEC...

Sorrimos novamente, depois abraçamo-nos por quase 1 min, como se quiséssemos desculpar-nos de nós mesmos por mais outra chance perdida.

- Boas férias, Bia.
- Boas férias, Celso.

O Doce E O Amargo

Quando eu cheguei em casa minha mãe me disse que eu estava muito magro, e me entupiu de comida. Eu realmente havia perdido peso naquele semestre, a gororoba do H15 estava horrível, só rolava boi ralado e salsicha, na quarta-feira tinha um peixe sem gosto.

Tinha chegado um convite pra mim, eu já suspeitava o que era: a formatura de Carolina, na semana seguinte. Eu não poderia deixar de ir, mas não queria ir sozinho. Liguei para Alícia, mas ela já havia marcado outro compromisso naquela data.

- *Você não quer sair hoje? Hoje eu estou livre.*

Eu achei que não devia desperdiçar a ocasião. Nós fomos num daqueles lugares da moda. Ela também estava de férias e me pareceu bem receptiva. Eu achei que ia rolar alguma coisa. Deu trabalho, ela gostava de ser conquistada, mas o meu charme foi eficaz.

No meio da noite Ana apareceu por lá, com umas amigas. Ela veio falar comigo, eu fiz as apresentações, Alícia aproveitou a deixa e foi se reembonecar.

- Você recebeu o convite, Celso?
- Recebi sim, Ana.
- Você vai?
- Claro. Por que, você acha que eu não deveria ir?
- De jeito nenhum, Carolina ia ficar muito chateada se você não fosse.
- Pode dizer pra ela que eu estarei lá, sem falta.
- Ela ainda está namorando aquele sujeito...
- Sei... e você, Ana, tá de namorado?
- Eu não, está faltando homem nesta cidade – ela riu um pouco – o CD tá estragado.
- O quê?
- O disco que você deu pra ela, Celso, estragou, não toca mais – ela riu de novo – a gente se vê, tchau.

Eu sabia que havia guardado uma cópia em casa, tudo que eu precisava fazer era imprimir outro rótulo. Mas será que seria apropriado?!?

- Quem era a menina? – Alícia interrompeu meus pensamentos.
- Uma amiga, das antigas.
- Ex?
- Ex-cunhada, eu namorei com a irmã dela... mas isso já faz muito tempo.

O resto da noite foi bem agradável, Alícia continuou jogando duro, mas foi divertido.

- Amanhã eu ligo pra você – ela disse ao nos despedirmos.
- Tá bom.

Choveu muito naquela semana, mas deu altas ondas. Eu estava meio fora de forma, desde a semaninha que eu não pegava onda, mas depois de umas 3 ou 4 sessões eu fiquei melhor.

Neno tava trabalhando muito, e só ia surfar nos finais de semana, mas Leo tava de férias e a gente ia todo dia.

A primeira sesh daquelas férias foi memorável. Leo e eu chegamos cedo na praia, onde encontramos um outro amigo, Armandinho, que estava por lá desde o dia anterior. Estava nublado, mas sem vento. O mar estava alto, uns 2,0 m de frente, as melhores ondas atingindo 2,5 m. Eu passei uma meia hora para entrar, minha resistência estava baixíssima para encarar as constantes séries e vencer os 120 m que me separavam do “line-up”. Quando finalmente consegui superar os dinâmicos obstáculos tive que passar outros 15 min descansando. Enquanto isso Leo, Armandinho e os outros estavam detonando todas as ondas que chegavam.

Eu tentei pegar várias ondas, mas minha remada estava fraca demais, e eu não estava conseguindo atingir a velocidade necessária. Mas depois de algumas fracassadas tentativas eu finalmente consegui descer uma onda, porém entrei atrasado demais e acabei sendo engolido pela espuma antes mesmo que chegasse à base da mesma. Meu corpo deu inúmeras voltas debaixo d’água, e quando eu finalmente consegui emergir para respirar notei que outra onda acabava de quebrar à minha frente. Foram mais outros 20 s de reviravoltas submersas, e quando eu emergi novamente a cena se repetiu. Naquela altura dos acontecimentos eu tinha tanda adrenalina no sangue que o tempo começou a escoar mais lentamente. Eu comecei a ficar preocupado.

Eu havia levado vários caldos na minha vida, mas aquele foi um dos top 5. A série passou, eu puxei a prancha pela cordinha, verifiquei que não havia nenhuma falha na integridade estrutural da mesma, respirei fundo e remei de volta em direção aos amigos. Armandinho e Leo normalmente riam das minhas vacas, mas daquela vez eles me olharam preocupados quando eu sentei para descansar.

- Agora eu sei como é tomar banho na máquina de lavar roupas – comentei para tranqüilizá-los – ou melhor, no liquidificador, que opera com rotação mais elevada.
- Há-há-há... vais embora hoje, Armando?
- Vou, Leo, hoje eu vou sair com uma amiga de Heleninha que eu conheci na semana passada, Gloria.
- Meu irmão, faz uma data que eu não vejo Heleninha.
- Eu também... – eu tentei lembrar quando havia sido a última vez que eu havia falado com ela, mas não consegui. Com certeza havia sido antes de eu ter ido pro ITA, ou seja, coisa de pra lá de antigamente.

Alícia e eu saímos quase toda noite. Ela me disse que não saía muito durante as aulas, pois estudava bastante, não sobrava muito tempo.

- E, além disso, tá faltando homem nesta cidade... ainda bem que de vez em quando aparece um certo paulista por aqui – ela confessou.
- Mas eu sou daqui!
- Você era daqui, Celso, agora você é turista – ela acariciou minhas mãos – Você acha que ainda volta pra cá um dia?

- Eu não sei, Alícia. Tudo é possível... – eu considerava remota aquela possibilidade, e não estava preocupado com aquilo naquele momento, ainda teria que terminar o quarto ano para poder começar a pensar naquele assunto – Por que?
- Eu conheço uma pessoa que ia gostar muito disso – ela sorriu, parecia que finalmente ela tava amolecendo.
- Minha mãe!? – eu sorri também.
- Também... – ela me deu um longo beijo, depois disse uma coisa que me deixou angustiado pro resto das férias – se você morasse aqui a gente ia poder namorar de verdade.
- Ah, sei... então é por isso que você joga tão duro comigo?
- É.
- Eu estou aqui, agora... – eu ainda tentei ver se ela ia me acochambrar.
- Eu sei, mas isso não é o bastante pra mim – não funcionou, mas ela me deu outro beijo bem molhado, eu achei que foi só pra me fazer pensar no que eu estava perdendo.

Foi uma pena Alícia não ter podido ir à formatura de Carolina comigo, mas eu não me abalei. Liguei para umas 3 ou 4 amigas, nenhuma delas estava disponível.

- E pensar que nas férias de verão ei tive a maior dificuldade de arrumar tempo para sair com quem estava disponível... – eu sorri comigo mesmo – como as coisas mudam em apenas 6 meses!

Coloquei meu traje, embrulhei meu presentinho e fui sozinho mesmo.

- Para onde você vai tão elegante, meu filho?
- Pra formatura de uma amiga, mãe.
- Você não vai também, Mauro?
- De jeito nenhum, festa de formatura só presta a da gente mesmo, o resto é um saco, pai.

Carolina estava diferente, eu não sabia bem o que era, mas ela havia mudado. Tava mais mulherzinha, toda bonitinha, maquiada, vestida a caráter. Depois da cerimônia eu fui falar com ela. Nós não conversamos muito, seu namorado estava fazendo marcação cerrada, talvez ele estivesse com receio que ela tivesse uma recaída... eu não sei, eu achei que ela não me via mais daquele jeito. Eu achei que ela já havia se esquecido de mim.

- Parabéns, Carolina.
- Muito obrigada, Celso – ela me deu um abraço – obrigada por ter vindo.

Afastamo-nos um pouco do grupo em que ela estava, o namorado dela não tirou o olho da gente.

- Como é que você está? Tudo bem lá no ITA?
- Eu estou bem, Carolina... e você?
- Eu estou muito feliz, muito mesmo – ela baixou os olhos por um momento – Ana me falou que encontrou você na semana passada...

- Foi... você tá tão diferente, toda produzida – eu mudei um pouco o rumo da conversa, não queria enveredar por aquele caminho.
- Eu furei minhas orelhas – ela puxou os cabelos e me mostrou os brincos.
- Ficou massa – eu sorri de leve.
- Foi Ana quem fez a "cirurgia", doeu que só – ela sorriu também – você vai pra Europa no fim do ano?
- Vou... eu trouxe um presentinho pra você, Carolina, espero que você goste.

Ela segurou o presente, olhou pra mim e percebeu o que era. Ela baixou os olhos brevemente, depois me olhou de novo e disse:

- Você não vai se incomodar se eu deixar pra abrir mais tarde, vai?
- Claro que não, Carolina.

Ela me deu outro abraço e falou baixinho ao meu ouvido:

- Obrigada por estar aqui neste momento.

Voltamos ao grupo, eu cumprimentei os outros formandos e fiquei conversando com algumas pessoas que eu conhecia da época antes do ITA. Depois Ana apareceu por lá, falou que eu estava todo elegante, e ficou papeando comigo.

Naquela noite eu demorei pra dormir. Fiquei pensando em Carolina, em todos os diferentes caminhos que eu poderia ter seguido, em todos os diferentes caminhos que eu ainda poderia seguir. Depois eu pensei nos meus amigos do H8, e fiquei imaginando se eles também estariam pensando nas múltiplas possibilidades que todos nós teríamos diante de nós quando terminássemos o curso.

No dia seguinte o sol finalmente apareceu e Alícia e eu fomos à praia. Ela parecia estar contente com o nosso namorinho de férias. Eu estava. Ela era interessante, bastante interessante.

Nós ficamos juntos o resto das férias, quando eu fui embora ela disse que tinha gostado muito do tempo que tínhamos passado juntos, e me falou pra ligar para ela quando tivesse na área novamente. Aquelas simples palavras, ditas como foram ditas, sem cobranças, sem grandes expectativas, foram o bastante para me convencer de que aquela despretensiosa menina ainda iria cruzar o meu incerto caminho um dia.

Eu não sabia o que ia acontecer conosco, se ela viria a ser outra Carolina, e nem estava preocupado com aquilo. Eu só sabia que ela era interessante, muito interessante.

Parabéns Pra Você

As aulas recomeçaram, e eu estava de volta a SJK. Aquele semestre ia ser difícil, muito mais que o anterior, mas muito mais mesmo.

Cristina ainda estava chateada com P.O., foi a primeira segunda época dela. Eu havia passado raspando, na calcinha, mas muita gente não teve a mesma sorte. Nélio, Angelina, Fred... a lista foi grande, e incluiu muita gente boa, que sempre passava em tudo. Mas no fim todo mundo se deu bem, pelo menos ninguém pegou DP.

Eu continuei minha agenda no Departamento Cultural. Nós havíamos promovido alguns eventos no primeiro semestre, e tava na hora de começar a organizar o Encontro Musical. Eu havia ensaiado algumas músicas com CIB, Shimano, Bruno, Beto e Lídia, e estava pensando em juntar todo mundo pra tocar "Remedy". Ia chamar Cristina e Valéria pra fazer os vocais, CIB na voz, Shimano no piano, Lídia no baixo, Bruno na batera e Beto e eu nas guitarras.

Meus elaborados planos, entretanto, tiveram que ser modificados, pois algumas peças fundamentais daquele esquema não estariam conosco naquele semestre. Beto teve um acidente de percurso no semestre anterior e só voltaria no ano seguinte. Lídia resolveu trancar no começo do segundo semestre, e só voltaria no segundo semestre do ano seguinte. Eu estava de volta á estaca zero.

Meu aniversário chegou, Carolina me mandou uma mensagem, agradeceu o presentinho que eu havia dado para ela no dia da sua formatura. Eu achei que finalmente nós havíamos conseguido deixar o passado para trás. Ela também disse que continuava rezando por mim, todos os dias, antes de dormir... eu tentei lembrar quando tinha sido a última vez que eu havia rezado, mas não consegui.

Alícia também me mandou uma mensagem, colocou uma foto que a gente havia tirado nas férias, na praia. Eu achei que aquilo ia ser o melhor presente que eu ia ganhar naquele ano, mas o melhor ainda estava por vir. O telefone tocou justamente quando eu estava me preparando para sentar na rede e curtir um sonzinho.

- Alô!?
- *Feliz aniversário, Celso!*

Eu estremeci todinho quando ouvi aquela voz. Não porque eu não estivesse esperando que ela fosse ligar para mim, mas porque eu estava pensando nela naquele exato momento.

- Obrigado, Claudinha. Tudo bem por aí?
- *Tudo na mesma, meu pai quer falar contigo. Pai...* – ela passou o telefone para o TCel – *Celso, meus parabéns, estou tomando 1 por você!*
- Obrigado, pelo menos 1 de nós está tomando algo hoje. Como estão as coisas no DF?
- *Tudo a mesma josta, eu não vejo a hora de sair daqui e voltar pra São José.*
- E quando é que isto vai acontecer, Coronel Artur?

- *No ano que vem, se tudo der certo.*
- Beleza, vou ficar na torcida. E a tia Carla?
- *Tá bem, tá mandando um beijo.*
- Obrigado, mande outro pra ela.
- *Como está a coceba do quarto ano?*
- Há-há, eu sobrevivi o primeiro semestre, vamos ver o que acontece agora.
- *Agora é a última subida, Celso, o quinto ano é só ladeira abaixo.*
- Espero que sim.
- *Você vai ver. Um abração, Celso, vou passar pra Claudinha.*
- Outro.
- *Oi, vai sair hoje?*
- Eu acho que não, amanhã tem aula.
- *Tam visto a Letícia*?
- Eu liguei pra ela na semana passada, mas ela ainda tá meio puta comigo.
- *O que foi que houve?*
- Foi uma pisadinha de bola que eu dei com uma amiga dela... – eu fiz uma breve pausa para meditação – vocês vão voltar pra cá no ano que vem?
- *Todos esperamos que sim.*
- Massa... vai ser legal ver você de novo.
- *Vai mesmo... bateu uma saudade, agora...*
- De São José?
- *Também, mas especialmente de você, Celso.*
- Até parece...
- *Sério...*

Conversamos por mais alguns instantes e depois que ela desligou o telefone eu finalmente consegui deitar na rede para curtir um sonzinho. Mas o meu momento de solitude foi breve, pois alguem bateu à porta dos fundos. Eu levantei e fui ver quem era.

- Feliz aniversário, Celso – Beatriz me deu um gostoso abraço, um pouco longo demais, mas nem por causa disso menos gostoso, e depois sorriu meio sem jeito – aonde estão os outros?
- No ginásio, Chico foi jogar, os outros foram torcer contra.
- E você não vai prestigiar o seu amigo que está defendendo sua turma na O.I.?
- Bia, me poupe, que hoje é o meu dia.
- Tás com vergonha de ir ver a tua turma perder outra partida pra minha turma, né?
- Ta pensando o quê, mulher? A minha turma foi campeã de rugby e beisebol no ano passado! E vice no geral... esse ano a gente vai arrasar de novo.
- Tá bom... e como está a MEC este semestre?
- Este é O semestre na MEC, Bia: Controle, Vibrações, ELE...
- Eu não sei Vibrações, mas Controle é bico, ELE idem.
- Você sabe como o pessoal da ELE é tudo um bando de recalcado, né, Bia? Ficam querendo descontar quando dão aula pras turmas da MEC e AER.
- Há-há-há, eles dão o mesmo tratamento pra gente, Celso, vocês é que estão mal acostumados.
- Esta semana mesmo o professor do lab de ELE quase que tem um troço, só porque Angelina e eu esquecemos de aterrar uma merda dum capacitor...

Beatriz sorriu meio sem jeito novamente, eu sabia que ela estava querendo me dizer algo, mas precisava de um empurrãozinho:

- Faz um tempinho que a gente não conversa, né, Bia?
- Desde o semestre passado...
- E como foram as férias?
- Foram... – ela parou para pesar melhor o que ia me dizer – interessantes, Celso.
- Massa...
- E as suas?
- Eu sobrevivi...
- Foi feito a semaninha ou rolou beijo na boca?
- Há-há... tu és muito comédia mesmo, Beatriz Cecília.
- Olha...
- Rolou sim, eu saí algumas vezes com uma maria que eu conheci nas férias passadas.
- Aquela adolescente do ano passado?
- Não, outra adolescente, das férias do começo deste ano.
- Rolou sexo?
- Que pergunta é essa, Bia?
- É uma pergunta muito importante para mim, Celso.
- Não, Bia, não rolou sexo. De tipo algum.
- Hum... – ela olhou para baixo por uns instantes, visivelmente desconfortável com aquela conversa que ela mesma havia iniciado.

Eu senti que o que ela queria me dizer ia ser um pouco mais complicado do que eu havia imaginado. Apaguei as luzes do quarto, desliguei o som e sorri amigavelmente para ela:

- Vamos andar um pouco, Bia, vamos ver o Chico jogar basquete.

Ela concordou com a minha proposta decente. Pulamos o muro e dirigimo-nos ao ginásio do CTA. Eu re-iniciei nossa conversa:

- O que foi exatamente de interessante que aconteceu nas férias, Bia? Você está enamorada de novo?
- Sabe aquele cara que eu namorava antes de entrar no ITA?
- Sei, quer dizer, eu não conheço o sujeito, mas lembro da estória.
- Eu encontrei com ele nas férias.
- E...?

O jeito que ela olhou para mim foi o suficiente para eu deduzir o que havia se passado. Eu reagi com a mais incômoda neutralidade:

- E qual é o problema, Bia? Por que essa cara?
- O problema é exatamente isso, Celso, essa tua indiferença...
- Como é!?
- É isso mesmo... – ela fez uma triste expressão – tu nem ligas pro que acontece ou deixa de acontecer comigo.

- Porra... – eu realmente não estava esperando por aquilo – tu queria que eu fizesse o quê, Bia, chorasse, ou perguntasse como foi?!
- Sei lá, qualquer coisa, Celso, qualquer coisa que demonstrasse que tu sentes alguma coisa por mim... – ela suspirou – mas eu acho que é pedir demais, não é?
- Bia, se nesta altura do campeonato você ainda tem dúvidas em relação a este fato eu acho que não faz mais sentido a gente ter este tipo de conversa não.
- Quer saber de uma coisa? Eu acho que você tem razão, Celso, como sempre – sua voz soou demasiadamente irônica pro meu gosto – não faz mais sentido a gente ter este tipo de conversa, nem a gente ficar de mão dada no cinema, nem a gente dar nossas escapadelas na paratosa...
- Agora fudeu a tabaca de chola... – eu parei de andar, esperei que ela parasse também – o que é que está acontecendo, Bia?
- Eu não sei mais o que está acontecendo, Celso.
- Bia, a gente já teve essa conversa antes, umas trocentas vezes...
- Pois agora nós vamos ter essa mesma conversa novamente, Celso, nem que seja pela última vez.
- Tá bom – eu suspirei e tentei me preparar psicologicamente para o drama que estava prestes a se desenrolar – o que é que você quer de mim, Bia, da gente?
- Você sabe muito bem o que eu quero, Celso.
- E você sabe muito bem o que eu penso a respeito desta idéia, Bia.
- É, eu sei, você acha que não vai funcionar.
- É claro que não, e você demonstrou perfeitamente isto, Bia, nas férias.
- ...
- Você não percebe que se a gente estivesse adotando a sua metodologia a gente estaria brigando neste exato momento? Eu provavelmente estaria chamando você de rapariga safada, ou algo ainda pior... você estaria me chamando de hipócrita, ou algo ainda pior... é isso o que você quer, Bia?
- ...
- Você não prefere ter a liberdade de fazer o que quiser, de ficar com quem você quiser, sem ter que ficar dando satisfação para mim?
- Não, Celso, isto é o que **você** prefere. Eu prefiro ficar apenas com você, quando e onde eu e você quisermos, sem ter que ficar dando satisfação para ninguém.
- ...
- Eu sou digital, comigo é 0 ou 1, Celso. Esse negócio de “relacionamento não linear”, “amizade com benefícios”, “aproveitar os bons momentos que nós passamos juntos”... isso não foi feito pra mim não.
- Pelo visto não... – eu franzi a testa – tem que ser do jeito que você quer, você tem que ser a primeira e única, não é mesmo?
- É mesmo.

Retomamos nossa caminhada, que permaneceu silenciosa até chegarmos ao ginásio. O jogo estava no intervalo, e JF, Shimano e Cristina estavam do lado de fora, conversando. Cumprimentamos todos, e logo após uma incômoda pausa na conversação Bia disse que iria juntar-se ao grupo da sua turma, pois afinal de contas não ficaria bem ficar confraternizando com os adversários daquela noite.

O decepcionado olhar que ela me lançou naquele instante ficou permanentemente registrado na minha memória. Tal qual o olhar que ela trocou com Cristina, cujo real significado, "será que ele está com ela de novo?", eu só iria entender alguns anos depois.

O jogo recomeçou, eu torci junto aos colegas da minha turma, vibrando pelo nosso time. Que estava sofrendo uma temporária desvantagem de 5 pontos, mas que, graças ao enorme empenho de Chico, Daniel e Dido na quadra, e também à fervorosa atuação de Alex e JA na torcida, conseguiu virar o placar e terminar a partida com 3 pontos de vantagem.

Nós invadimos a quadra e celebramos a conquista, que ganhou uma conotação especial para mim graças ao comentário que o nosso amigo Dido fez ao público:

- Nós gostaríamos de dedicar a nossa grandiosa vitória ao Celso, que está aniversariando hoje.
- Quem quiser dar uma velva nele é só aparecer lá no 228 mais tarde – Chico acrescentou.

Voltamos ao H8 em clima de festa. Paramos no Mosca para uma refrescante rodada de biras, depois da qual eu voltei pro quarto para ligar para a mama. Conversei uns 5 min com meus familiares e depois fui ouvir um sonzinho na rede.

Chico chegou e foi direto pro banho. Não demorou muito ele acabou e veio interromper a minha solitude:

- Celso, não é por nada não, mas a Bia estava com uma cara esquisita hoje, depois do jogo.
- Deve ter sido porque a turma dela perdeu, Chico.
- É, deve ter sido... – ele me olhou por cima dos óculos – o que foi desta vez?
- Chico, meu amigo, Beatriz é uma ótima pessoa, e eu gosto muito dela. Mas no fundo mesmo ela é apenas outra menina que não sabe o que quer.
- Hum, isso quer dizer que próxima sexta-feira vocês vão sair de novo pra detonar o resto da garrafa de vodka?
- Não, Chico, eu não creio que nós vamos sair juntos novamente, muito menos para detonar o resto da garrafa de vodka.
- Hum, esta estória de vocês está ficando cada dia mais interessante... isso ainda vai dar em casamento.
- Há-há-há, tu tens cada idéia, Chico...

Difícil

- Fala, Celsão – Lucio entrou no 228 todo sorridente – vai trocar de roupa que a gente vai sair.
- Pra onde a gente vai? – eu comecei a me trocar.
- Nós vamos sair com 2 louras maravilhosas, a-há! – ele ficou imitando Ricardo.
- Não me diga que uma delas se chama Nina...!?
- Não, na verdade só 1 delas é loura, mas todas 2 são maravilhosas. Elas são da Odonto, a gente se conheceu na semana passada, numa festa lá na cidade.
- E aí? Rolou alguma coisa? – eu estava quase pronto.
- Rolou, eu acho que eu tô namorando com a lourinha.
- Shruiu!

Elas realmente eram maravilhosas, lindas, sorridentes. Lulu fez as introduções:

- Esta é a Rosana...
- Oi, Celso, o Lucio me falou muito de você – ela me deu um forte abraço, como se fôssemos amigos de longas datas.
- Boas coisas, eu espero.
- Claro... E essa é a Patrícia.
- Oi, tudo bem com você? – nós trocamos um beijo no rosto.
- Tudo bem.

Nós fomos comer pizza. Lá pelas tantas Lucio me deu uma boa notícia:

- Celsão, eu vou morar em Paris por 1 ano.
- Você vai morar em Paris? Quando?
- Se tudo der certo eu me mando em novembro.
- Que massa, Lulu, então a gente vai se ver por lá.
- Com certeza.
- A gente já está organizando uma festa de despedida pra ele, vai ser na semana que vem – Rosana comentou.
- Contamos com a sua presença – Patrícia completou o comentário da amiga.
- Claro, mas ainda não tá cedo pra fazer festa de despedida? O cara só viaja em novembro.
- Há uma remota possibilidade de eu ir antes, estão a gente achou melhor comemorar agora mesmo.
- E se for o caso a gente faz outra festa – Patrícia acrescentou.

E foi mesmo o caso, Lulu teve 3 festas de despedida, cada uma melhor que a outra. Mas isso é outra estória. E ele foi mesmo morar em Paris, em novembro, e eu tive a chance de ir abusar da sua hospitalidade, ou melhor, visitá-lo. Mas isso também é outra estória.

Rosana e Patrícia tornaram-se grandes amigas minhas. Amigas mesmo, dessas que a gente nem pensa em azarar. Sério. Mesmo porque elas tinham um estoque quase infinito de amigas interessantes – algumas das quais eu cheguei a conhecer razoavelmente bem

naquele semestre, e nos seguintes – e não seria estrategicamente correto comer as gatinhas das amigas de ouro.

Infelizmente as coisas não deram muito certo entre Lucio e Rosana, mas isso também é outra estória, deveras complicada, com a qual eu nada tive a ver. Sério.

Rosana e Patrícia nunca passavam o fim de semana em São José, e naturalmente não iam aos baileus do H15. Mas todo mês faziam uma reuniãozinha no apartamento delas, cheia daquelas meninas sorridentes da Odonto... elas passavam no H8 pra me pegar, o pessoal ficava olhando e se perguntado como é que eu tava saindo com umas gatas daquelas.

Eu obviamente nunca falei pra ninguém que não tava agarrando nenhuma delas, pelo contrário, eu sempre dizia que tava apertando Patrícia. E depois que Lucio se mandou pra França eu comecei a dizer que tava apertando as 2, que Lucio tinha me pedido pra tomar conta de Rosana enquanto ele estivesse fora, e que uma coisa tinha levado à outra... tudo lorota. O pior é que tinha gente que acreditava, Chico vivia me dizendo que eu havia adquirido o péssimo hábito de segurar as namoradas dos meus amigos, o que decididamente não era verdade.

Ele nunca perdia a chance de me lembrar do lance com Nina, passou mais de 1 ano falando naquilo. Nina e eu havíamos chegado a um acordo: nem eu ligava pra ela nem ela ligava pra mim. A coisa aconteceu numa bela noite de sexta-feira logo depois das férias do meio do ano. Luca, Paulo, Fabio e eu ainda estávamos sob a influência do bom astral das férias, e saímos para um agito na badaladíssima noite joseense. Chico, como sempre, havia recusado nosso convite, e ficou no apê escutando Pink Floyd e curtindo uma deprezinha. Mas quando voltamos ele ainda estava vivo.

No fundo mesmo nos sabíamos que nada havia mudado em São José desde o semestre anterior, que nos acabaríamos indo aos mesmos lugares de sempre e que encontraríamos as mesmas pessoas de sempre. Mas nós também sabíamos que após as primeiras semanas de aula teríamos poucas chances de executarmos algum tipo de interação social com a população local, e que deveríamos aproveitar aquelas raras oportunidades para sair do H8 e passar pelo menos algumas poucas horas conversando com gente normal.

Bom, em verdade os meus amigos do 5º ano não estavam nem um pouco preocupados com a pressão que iria aumentar nas semanas seguintes, mas eu estava. Eu sabia muito bem que durante aquele semestre que estava apenas começando as distrações seriam severamente minimizadas, e era exatamente por este motivo que eu estava querendo maximizar o rendimento daquela noite de sexta-feira.

Depois de conferir as usuais 3 ou 4 opções decidimos ancorar num barzinho b1 qualquer antes que passássemos o resto da noite só queimando combustível. Encontramos Nina, Inália, Solange e outras 2 baranguinhas que eu não conhecia. Os meninos ficaram na mesa, jogando conversa fora, Nina e eu saímos para uma prosa na calçada. Eu dei uns apertinhos nela, é claro, mas depois falei que não dava mais:

- Nina, eu acho que a gente devia parar com isso.

- Por que? A gente começou agora, Celso.
- Não, eu estou falando da coisa toda... Você já conseguiu o que queria, agora você pode contar pra todas as suas amigas e inimigas que fez sexo comigo.
- Você acha que aquela noite foi bastante? Eu quero muito mais que aquilo, você ainda não viu nada – ela colocou minha mão por debaixo da sua blusa – você vai se apaixonar por mim, Celso.
- Nina, isso não vai acontecer nunca, a gente não combina... tá vendo? Seu peito é maior que a minha mão...
- E o que é que isso tem a ver? – ela ficou rindo.
- Esse é o melhor teste de compatibilidade, a mão tem que se encaixar perfeitamente com o peito, não pode nem faltar nem sobrar... você não sabia disso não?
- Eu nunca ouvi falar isso, você tá inventando, Celso... e além disso nós encaixamos outras coisas bem direitinho, não foi mesmo?
- Foi, Nina, mas é que... eu não sinto nada por você, você precisa de um cara que goste de você, assim feito o Márcio...
- O Márcio é muito bonzinho pro meu gosto – ela começou a beijar meu pescoço lentamente – eu prefiro alguém assim mais "bad boy", assim feito você.
- Nina, eu não sou "bad boy"... é tudo imagem na sua cabeça. E mesmo se fosse não ia combinar com você – eu afastei-a delicadamente e olhei bem no fundo dos seus olhos verdes – "bad boys" não combinam com "bad girls".

Ela finalmente percebeu que eu tava falando sério. Ajeitou a blusa e falou:

- Então você acha mesmo que eu preciso de alguém que tenha a mão maior que a sua...?
- É – eu dei um risinho, pelo menos ela não havia perdido o bom humor.
- Você tem certeza disso?
- Tenho, Nina, faz um favor pra nós 2: caga pra mim.

Nós voltamos para a mesa, eu sentei junto de Solange e ficamos conversando por uns instantes. Depois me levantei e comecei a dar tchau para elas. Meus companheiros também se levantaram, prontos a sair dali e tentarem a sorte num outro barzinho b2 qualquer.

- Ah, Solange, um detalhe: vocês usam cueca? – Fabio indagou.
- Não – eles deviam ter conversado muita boréstia antes, pois ela nem se abalou com aquela pergunta.
- Nós também não – respondemos.

Depois de mais 10 min re-analisando as outras opções ancoramos em outro porto inseguro. Encontramos com os nossos amigos Camilo, o digníssimo presidente da Baranguita, e Ruizola, o vice, e notamos que ambos já estavam pra lá de Kirra. Coisa que nós também estaríamos caso não tivéssemos tomado a sábia preocaução de evitar o pré-saidão no apê de Camilo. Decidimos fazer uma atualização do andamento das atividades sociais da noite:

- Bom, eu encontrei uma baranguinha da facção moderada da ASIA – Camilo iniciou – ela tava a fim de uns tratos, mas quando ela foi ao toalete eu escapei, hé-hé.
- Eu estou fora deste esquema, eu agora só agarro a minha fofinha – Luca observou.

- E pensar que a coitada está sozinha numa hora dessa, largada lá no Rio... – Fabio ironizou.
- Capaz... – eu segui o exemplo dele.
- A minha fofinha está em casa, assistindo televisão com a mama – Luca afirmou, seguro de si.
- Eu ainda não apertei ninguém – Ruizola confessou.
- Nós também não – respondemos.
- E a Nina, Celso? – Paulão questionou.
- Agora a gente só está contando carne nova, gente – eu expliquei.
- Pois vocês não haviam me falado da nova regra – Fabio reclamou, com razão.
- Foi aprovada por unaminidade durante a nossa última reunião, para qual vocês cagaram solenemente – Ruizola explicou, com muita propriedade.
- Então tá... – Fabio acatou – e o Tino?
- Rapaz, eu não sei, ele se atracou com uma dragoazinha e sumiu do mapa – Camilo comentou – eu não vi mais o cara, hé-hé.

Naquele exato momento Renato e Marta juntaram-se a nós, e antes que pudéssemos mudar de assunto a nossa regulona amiga começou a criticar o nosso comportamento modelo:

- Eu não sei como é que vocês têm coragem de agarrar essas mocréias...
- Explica a teoria maracaipeana pra ela, Celsão – Fabio requisitou.
- Teoria maracaipeana, que diacho é isso?!
- É o seguinte, Marta, na primeira vez que eu fui surfar em Maraca aconteceu de tudo: o carro quebrou, choveu que só no caminho, a estrada tava alagada, a gente derrapou e quase que o carro caiu no mangue.
- E daí?!
- Se avexe não, menina – Ruizola solicitou – deixa o cabra continuar.
- Continue, Celso – ela fingiu interesse pela minha narrativa.
- E então, quando a gente finalmente chegou lá já estava escuro, não dava mais pra cair no mar, mas tava dando onda praca, 2 m de frente. A gente dormiu cedo, acordou 4:30 pra surfar, mas só estava rolando onda peba. O outro dia foi a mesma coisa. E o terceiro dia também. E no fim do dia a gente teve que voltar pra casa.
- Então a viagem foi super bizuleica, e vocês passaram 4 dias inteiros sem pegar onda?! – ela deduziu, usando apenas sua lógica linear.
- Mas é claro que não!! – eu respondi, satisfeito com sua pergunta – a gente passou 3 dias surfando as merrequinhas que a natureza nos deu, minha cara!
- Eu já ouvi essa estória umas trocentas vezes, mas cada vez que eu ouço de novo eu fico ainda mais motivado pra encarar uma baranguinha, hé-hé – Camilo comentou, pela trocentésima vez.
- Vocês estão falado muita merda hoje – Marta balançou a cabeça em desacordo – com tanta menina mais interessante por aí...
- Marta, me diz uma coisa – Paulão interveio – aonde exatamente estão estas meninas mais interessantes? Por aí é muito vago pra nós, hé-hé.
- É, Marta, fala pra gente, aonde exatamente estão estas meninas mais interessantes? – eu corroborei o questionamento do meu perspicaz amigo.

- Você é um que nem pode perguntar uma coisa desta, Celso – ela sorriu ironicamente – afinal de contas você sabe muito bem aonde está uma menina super interessante que adoraria se agarrar com você.
- É verdade, Marta, mas você sabe muito bem que esta menina super interessante exige a satisfação de certas condições de contorno que eu não posso satisfazer.
- Não pode ou não quer, meu amigo?? – ela sorriu ironicamente, novamente, e depois se mandou – vamos sentar, Renato.

Os pombinhos foram compartilhar de alguns momentos a sós, e nós fomos compartilhar de mais alguns momentos de intenso bostejo. Até que Luca notou a presença de algumas simpáticas amigas nossas:

- Pessoal, a Dré e a Dri acabaram de chegar.

Naturalmente que elas juntaram-se ao nosso grupo, e naturalmente que nós passamos mais outro bom tempo jogando conversa fora, mas em melhor companhia. Elas avistaram outras 2 amigas, que foram devidamente introduzidas ao nosso grupo, e a conversa ficou ainda mais agradável, pois 1 delas era bastante interessante. Para os padroes locais, naturalmente.

Eu procurei manter uma certa neutralidade, pois sabia que a presença das carnes novas iria despertar uma certa concorrência entre os meus amigos, e um certo desconforto entre as minhas amigas. E o resultado daquela interessante adição de fatores teria que ser uma inevitável e conveninete reaproximacao com Adriana. Coisa que, segundo os meus cálculos, não iria demorar mais de 10 min para acontecer.

E não deu outra, em pouco tempo ela iniciou uma exclusiva conversação comigo:

- Como é que foram as férias, Celso?
- Excelentes, Dri: passei um bom tempo com a minha família, meus amigos, peguei onda... foi massa. E as suas, como foram?
- Foram boas, também, apesar do frio.
- Só... – eu dei uma proposital olhadela em direcao à sua amiguinha – e como estão as coisas na UNICAMP?
- Tudo bem... tudo bem no ITA?
- Tudo bem, por enquanto.
- Por enquanto!?
- Este semestre está com todo o jeito de que vai ser trolhoso...
- Eu tenho certeza de que você vai se sair bem em tudo, Celso.
- Eu espero que sim...
- Os meninos se formam este ano...
- Pois é, e todos 2 já declararam que não ficarão em São José sob hipótese alguma, vão me largar aqui. Ainda bem que o Luca ainda vai estar na área.
- Quando é que ele termina o mestrado?
- No ano que vem.
- No ano que vem é a tua formatura, Celso...
- Eu espero que sim...
- Você vai ficar em São José?

- Eu espero que não, mas eu ainda não estou preocupado com este assunto.
- Por que não?!
- Por que ainda está muito longe demais.
- Não, Celso, por que você não quer ficar em aqui?
- Ah, eu tava brincando, Dri, você sabe que eu ficaria por aqui.
- Eu espero que sim...

Eu fiz que não percebi seu insinuante sorriso quando ela fez aquele sutil comentário, mas aproveitei a chance para avançar o jogo em direção à grande área:

- Você ainda está com aquele namorado lá em Campinas...? – olhei para Adriana novamente.

Obviamente que ela sabia que aquela indiscreta pergunta viria à tona, mas pela expressão que ela fez ficou claro que ela não esperava que fosse naquele momento. Sua resposta, entretanto, soou desafetada demais, como se ela tivesse imaginado aquela cena antes de sair de casa:

- A gente está meio que dando um tempo...
- Sei... – eu sorri comigo mesmo.
- Você está com alguma namorada?
- Não...
- Sei... – ela sorriu consigo mesma.
- Eu acho que ainda estou à procura da mulher ideal, Dri.
- Que não existe.
- Não, claro que não...
- Vai passar o resto da vida procurando, Celso.
- Talvez, mas o procurar é tão gostoso, não é mesmo?
- Você acha?
- Claro que sim! – eu dei outra proposital olhadela em direcao à sua amiguinha, que coincidentemente olhou pra mim tambêm – especialmente quando você encontra alguém, assim sem querer, quando você não está nem procurando nada...
- ...
- E você fica pensando como como aquela pessoa é interessante, charmosa, inteligente, carinhosa, bonita... ideal pra você...

Adriana olhou para a amiga por um momento, depois me olhou de novo, visivelmente enciumada, e colocou a bola quicando na pequena área:

- Tu nem conheces a menina direito, Celso, pra ficar falando estas coisas todas.

Olhei para ela novamente, oscilei lentamente minha cabeça em torno do eixo z, procurando não ultrapassar +/- 5 graus, e esperei até que ela cruzasse os braços para chutar a gol:

- Eu estava falando de você, Adriana...

Ela sorriu desconcertada, mas satisfeita, e rebateu a minha jogada com maestria:

- Tu pensas que eu ainda caio nestas tuas conversas furadas, né, Celso?
- Não, eu sei que não, Dri – eu sorri de volta – como eu também sei que você sabe que isso não é conversa furada.
- Não...!?
- Não, Dri, eu ainda acho que você é maravilhosa.

Ela olhou para os lados, como se estivesse procurando alguém, pediu licença e saiu, prometendo que voltaria em seguida. Andréa sentiu que havia algo no ar e veio investigar:

- Voce vai pra festa de despedida do Lucio, Celso?
- Mas é claro que sim, minha cara, quinta que vem estarei lá, sem falta.
- Eu também. Eu ouvi falar que ele está namorando uma menina da Odonto.
- E verdade, a gente saiu ontem com elas.
- Elas!?
- A namorada e a outra que mora com ela, faz Odonto também. Gente fina, todas 2.
- Eu sou louca pra dar uns apertos naquele menino...
- Você e metade desta cidade, a-há.
- É verdade... feliz aniversário atrasado, Celso.
- Obrigado, Dré.
- Quando foi mesmo?
- Terça-feira...
- Vocês saíram pra comemorar?
- Não, eu fui ver minha turma jogar no ginásio e depois a gente tomou 1 no Mosca.
- Teve bolo?
- Não...
- Tadinho, amanhã eu faço um bolinho pra você.
- Tu sabes fazer bolo, Andréa?
- Mas é claro que sei!
- Hum, eu não sabia que tu eras tão prendada.
- Bastante, não dá nem pra entender porque eu não tenho namorado, Celso.
- Se eu não fosse tão a fim da tua melhor amiga até que eu ia pensar no teu caso, Dré.
- Há-há-há...
- Tá rindo do quê, mulher?
- Das 2 besteiras que você acabou de falar, Celso.
- Você sabe que as 2 são verdades, não sabe?
- Eu acho que 1 delas é, a outra eu sei que foi apenas uma gentileza da sua parte, a qual eu agradeço sinceramente.
- Há-há... já pensaste nesta parada, Dré, eu e tu? Ia ser massa!
- Ia mesmo... isso se a minha melhor amiga não fosse tão...

Naqule exato momento Adriana voltou a campo, já chutando a bola pra fora da grande área:

- Se eu não fosse tão o quê, Andréa?
- Nada, querida, deixa eu voltar pro meu cantinho...

Eu perdoei a sua jogada na zaga, afinal de contas ela trouxe uma oferenda de paz, igualmente repartida em 2 taças, e até propôs um brinde:

- Ao seu aniversário, que você possa colher os frutos do seu amadurecimento, Celso!
- Nossa, como você está inspirada hoje, Dri!

Vinho branco, aquilo decididamente era um bom sinal. Completamos o ritual celebrativo com o tradicional tin-tin e saboreamos o primeiro gole.

- Vocês estavam falando de mim, por acaso?
- Hum-hum... – eu tomei outro gole do vinho – boas coisas, naturalmente.
- Eu espero que sim.
- A Dré estava prestes a me confessar que você ainda sente algo por mim. Algo positivo, logicamente.
- É claro que eu ainda sinto algo positivo por você, Celso, você é uma boa pessoa, apesar de tudo.
- Obrigado, Adriana, isto vindo de você significa muito para mim, de verdade.
- Há-há, mais conversa furada... – ela fez uma expressão levemente negativa.
- Você quer conversar sério?
- Não, Celso, hoje não.
- Então não relama da minha conversa furada.
- E quem disse que eu estou reclamando? Continue...!

Então era somente charminho dela... a menina havia brigado com o namorado, estava precisando de uma massagem no ego, talvez até outra em algum lugar de potencial calórico mais elevado. Shruiu!! Tomei outro gole e voltei ao ataque:

- Bom, eu não sei porque você ainda não desistiu desta idéia de me ignorar pro resto da vida, Adriana, afinal de contas já faz tanto tempo, não é mesmo?
- Tanto tempo mesmo não, mas já deu pra passar a raiva – ela colocou a bola em jogo novamente
- Ótimo... – eu decidi avançar em direção à grande área novamente – e já deu tempo pra raiva ser substituída por algum sentimento mais nobre, Adriana?
- Do que é que você está falando, Celso?
- Você sabe muito bem do que eu estou falando, Dri, daqueles sentimentos mais agradáveis que a gente compartilhou no ano passado...
- Eu não sei, Celso – ela fez um desnecessário e esperado charminho – eu realmente não sei...
- Sei... – eu achei que estava na hora de chutar a gol e mandei ver, ou melhor, ouvir – pois eu tenho certeza de que no fundo mesmo o seu coraçãozinho ainda bate mais forte quando nós estamos juntos, Dri.
- E por que você acha isto?
- Porque quando isto acontece são geradas algumas ondas mecânicas que atravessam o seu corpo, vibram o ar entre nós e provocam uma deliciosa ressonância no meu peito.
- Nossa, como você está inspirado hoje, Celso, há-há!
- E você que me deixa deste jeito, Adriana – eu senti que o momento decisivo havia chegado e toquei de leve os seus cachinhos castanhos – e então, você não acha que está na hora de me dar outra chance, Dri?

- Eu não sei, Celso – ela fez outro desnecessário e esperado charminho – eu realmente não sei...
- Essa dúvida é que é lasca, né?

Eu decidi fazer uma momentânea retirada tática e retirei meus dedos dos seus cabelos.

- Você tem falado com a Maria Luiza?
- Não, eu não falo com ela desde o ano passado.
- Desde aquela noite...!?
- É, desde aquela noite em que eu fiz a maior besteira da minha vida: deixar de ficar com você pra ficar com ela.
- Ainda bem que você reconhece que fez besteira.
- É o primeiro passo, né, admitir o erro?
- É verdade.
- O segundo passo é você me perdoar e me dar outra chance, Dri.
- Eu já falei que eu não sei, Celso – ela me olhou come se realmente estivesse realmente na dúvida – eu não estou falando isso por falar não, eu realmente não sei se posso confiar em você, Celso. Se você estivesse no meu lugar você confiaria?
- Eu entendo e respeito a sua posição, Adriana, mas ao mesmo tempo eu acho que todo mundo merece uma segunda chance, inclusive eu.

Ela olhou para os lados novamente, sorveu o conteúdo da taça, olhou para mim, ainda com cara de dúvida. Eu peguei a sua taça e a minha e entreguei-as ao garçom que passava por perto, pedindo-lhe que as trouxesse de volta devidamente plenas. Depois voltei ao ataque:

- Você vai pra festa de despedida do Lulu?
- Não vai dar, eu tenho aula na sexta-feira.
- Sei...
- Você vai para a Europa?
- Espero que sim, se tudo der certo...
- Qual é o lugar que você está mais a fim de conhecer?
- Londres...
- Por que?
- Porque Londres é o centro do mundo... pelo menos segundo o meu amigo Miltão.
- Eu sempre pensei que Nova Iorque fosse o centro do mundo.
- Só se for o centro do quarto mundo...

O vinho começou a fazer efeito, pelo menos em mim, e eu comecei a achar que as coisas iriam finalmente tomar um rumo mais dinâmico. Adriana procurou o cúmplice olhar da amiga, e pela expressão que ela fez ficou claro que Andréa estava novamente torcendo a meu favor, ou mehor, a nosso favor.

Nossas taças voltaram, cheias, eu peguei-as, entreguei uma para Adriana e propus um singelo brinde:

- À procura da mulher ideal!

Adriana tomou um generoso gole de coragem líquida e lançou-me um inconfundível olhar. Eu cheguei mais perto dela e dei-lhe um leve beijo nos lábios. Ela sorriu, levemente inebriada, fechou os olhos e igualou o placar:

- Como você mesmo disse, o procurar é tão gostoso, não é mesmo?

Camila Camila

Eu peguei a minha gororoba e sentei junto ao meu diplomático amigo. O H15 ainda estava relativamente vazio, e pudemos conversar em paz.

- Adriano, seu viadinho, eu não acredito que você vai perder a festa do Lulu.
- É triste mas é verdade, Celso, esta noite eu tenho um compromisso inadiável com a minha série de TransCal.
- E aí, vai levar a sério esta idéia de ser Magna?
- Vou, enquanto for possível.
- Tá bom, estarei torcendo por você.
- E como está o semestre, Celso?
- Lembra do primeiro semestre do ano passado?
- Claro que lembro, quase que a gente se fode naquele semestre. Eu com certeza seria desligado se não tivesse trancado.
- Pois é, eu acho que está no mesmo nível... ou pior.
- Quando é que vocês começam as provas?
- A primeira vai ser na semana que vem, Controle, na outra semana tem mais 2.
- E o teu Conselheiro, está assustando a galera?
- Ele nem precisa se esforçar muito para tal...
- Estás bodoseando nos labs?
- Mas é claro, meu amigo.
- Eu nem te falei, Celso, depois da trolha que vocês levaram no semestre passado o pessoal da MEC resolveu mudar o currículo de novo.
- Pra melhor ou pra pior?
- Este semestre vai ser um pouco pior, a gente vai ter 7 matérias, mas em compensação no semeste que vem não teremos 8, serão apenas 7.
- Massa, é melhor assim, pois a densidade trolhal fica mais equilibrada.
- Exato... e como vai a nossa amiga Dri?
- Ela me ligou ontem...
- E...?
- E porra nenhuma, ela fez as pazes com o namorado.
- Há-há, ela pelo menos liberou desta vez?
- Liberou porra nenhuma, regulou a mixaria de novo...
- Mas pelo menos vocês passaram um final de semana inteirinho em harmonia, Celso.
- Isso é verdade, fomos até pro cinema juntos, andamos de mãos dadas, foi tão romântico, há-há...
- Rolou pelo menos um bolagato no cinema?
- Não, eu acho que ela não me ama, há-há...
- Quem sabe ela libera da próxima vez?
- Eu acho que não vai ter próxima vez não, Adriano.
- Há-há... eu já vi este filme antes, Celso.
- Eu também, infelizmente...
- Eu acho que a irmã do Nilo até ganhou um Oscar de melhor atriz.
- Exato...
- Tu podia ganhar dinheiro com isso, Celso.
- Hum...!?

- Essas muié que vivem insatisfeitas com os namorados, sabe, que brigam com os caras e depois de ficarem contigo por 1 dia fazem as pazes com os coitados? Tu podias prestar este serviço pra elas, esta terapia. Cobrando, é claro, pois se não fosse por tua causa elas jamais descobririam o quanto eram felizes anteriormente.
- Boa idéia, Adriano, eu estou precisando memos angariar fundos para a CV... a Ana Paula tem reclamado muito ultimamente?
- Êpa, deixa a minha namorada de fora desta jogada, Celso, nós estamos falando da Adriana.
- Adriano, meu amigo, a Dri é uma ótima pessoa, e eu gosto muito dela. Mas no fundo mesmo ela é apenas outra menina que não sabe o que quer.
- O foda é que ela é uma gracinha, não é mesmo, Celso?
- A joseense mais gata que eu ja apertei... depois da Claudinha, é claro.
- E como vai a nossa amiga Claudia?
- Continua odiando a capital, mas no ano que vem ela está de volta.
- Ela já superou aquela fase pró?
- Já, ainda bem, eu estava começando a ficar preocupado com ela... muito preocupado, eu diria.
- Todo mundo passa por isso, Celso.
- Que é isso, Adriano?! A menina tava cheirando coca!! Nem todo mundo passa por isso não, meu velho.
- Ou, como diria o Valmir, "todo mundo não, que eu faço parte do mundo e nunca passei por isso".
- Exato...
- Claudinha... outra que tu não comeu, Celso.
- E nem vou comer mais, a gente praticamente já virou irmão.
- E a Michelle?
- Idem idem... outro dia eu tava na casa dela, arregando a macarronada domingueira, depois a gente foi ouvir um som no quarto delas, Edna tava lá também...
- E...?
- Michelle percebeu que havia manchado a camiseta com molho de tomate, saca?
- E...?
- Abriu a porta do armário, pegou outra camiseta limpa e trocou ali na minha frente, como se eu fosse uma amiguinha dela, tá ligado?
- Há-há, Michelle é muito comédia... esta lista tá ficando grande, né, Celso? A lista das muié que tu nao comeu?
- Enorme: Claudinha, Michelle, Adriana, Ana Paula...
- Êpa, deixa a minha namorada de fora desta jogada, Celso.
- Uai, sô, ocê preferia que ela estivesse na lista das que eu comi?!
- Não, claro que não! Eu prefiro que ela não esteja em nenhuma das tuas listas.

Naquele momento Beatriz Cecília sentou à mesa á nossa frente, e nossos olhares inevitavelmente se cruzaram. Eu não falei nada, nem acenei para ela, fiquei apenas admirando o seu belo rosto, lembrando das inúmeras vezes em que meus lábios haviam tocado os seus, e calculando que a probabilidade daquilo acontecer novamente seria tão pequena quanto eu pudesse imaginar, dada a peculiar maneira com que ela me encarava naquele momento. Ela abaixou o olhar e começou a comer.

- E essa daí, Celso, está na lista?
- Essa daí está em outra lista, Adriano, na lista das muié que não sabe o que quer.
- Só... e por falar em muié que não sabe o que quer, tens falado com a Lú?
- Não, nem me ligar no dia do meu aniversário ela ligou... não mandou nem um e-card, Adriano.
- Será que ela vai aparecer no SDO?
- Eu não sei...
- E o objeto, Celso?
- Pelos meus cálculos o objeto esta hora está no lugar de onde nunca devia ter saído, Adriano.
- No fundo do mar?
- Não, em alguma base secreta no hemisfério norte...
- E a menina?
- Eu espero que agora ela esteja em paz... eu não consigo esquecer a expressão dela, velho, o olhar dela é que foi foda...
- Taí uma coisa que eu fico feliz de não ter visto...
- Eu fico imaginando na quantidade de coisa que ela estava pensando naquele momento, nas pessoas que ela nunca mais iria ver... puta merda...
- A gente já passou por muita coisa nesta escola, não é mesmo, Celso?
- Muito mais do que eu havia imaginado que seria possível... eu acho que nós estamos ficando velhos, Adriano.
- Eu também acho...
- E o casamento do Pedrão, Adriano, quem é que vai?
- André, Renata, Tereza, Humberto, Hélio, Jack... eu acho que o pessoal da turma dele estará lá em peso, gente que eu não vejo desde a formatura deles. E finalmente eu vou conhecer a famosa Marília.
- Tu sabes que esta Marília não é a mesma, né?
- Como é?
- Não é a mesma que ele namorou trocentos anos não, é outra Marília.
- Putz, eu não sabia, cacete, eu ia dar o maior fora...!
- Eu devia ter deixado tu se fuder, seu viadinho...
- Sua bicha louca... e a Raquelzinha?
- Que intimidade é esta, rapá?
- Há-há, ela vai aparecer?
- Não... eu te falei que ela me ligou no meu aniversário?
- Não, como é que ela está, ainda encantada com Harvard?
- Só, no ano que vem ela volta pra Sampa, eu acho.
- Taí uma muié que sabe exatamente o que quer, Celsão.
- O que, porque, quando, como, quando, onde, com quem e quantas vezes quer.
- Detalhe para o com quem, há-há...
- Tu és muito viadinho mesmo... Raquel foi a mulherzinha mais alto nível que eu conheci nesta cidade, velho, disparada.
- Não foi a mais bonita...
- Não, não foi, mas eu também não sou o cara mais bonito do mundo, não é verdade?
- É verdade sim... e o Encontro Musical, já decidiste o que vais tocar, e com quem?
- Bom, eu já decidi com quem eu não vou tocar, meu caro.
- Grego?

- Exato. Ele chegou à brilhante conclusão de que a nossa amizade é mais importante do que a imperiosa necessidade que ele tem de querer provar para si mesmo e para o resto do mundo que ele toca melhor do que eu. Coisa que ele e o resto do mundo sabe que não é verdade, diga-se de passagem.
- Há-há...
- E por causa disto nós concordamos que seria melhor para todos se nós não tocássemos juntos novamente.
- E a conclusão foi mútua, Celso?
- Eu vou fingir que não entendi a ironia das suas palavras, meu amigo.
- Tá legal. Vai tocar com quem, então, Beto e Lídia vão dar as caras?
- Não, infelizmente eles só voltam no ano que vem... CIB sugeriu voltarmos às nossas origens, chamou Bruno, Shimano e JF para nosso ensaio no sábado que vem.
- Eu duvido muito que o JF vá deixar de passar um fim de semana com a namoradinha para ensaiar com vocês.
- Foi exatamente isso que ele disse pro CIB, mas pelo menos Shimano e Bruno toparam, vamos ver se a gente desenrola algo.
- Bom, se o Shimano topou vai ficar legal.
- Só... ainda bem que desta vez tu estás aqui, Adriano, no ano passado foi foda, sem tu, sem Valmir...

Naquele momento Lorena sentou à mesa á nossa frente, ao lado de Bia, e nossos olhares inevitavelmente se cruzaram. Eu falei um "oi" para ela, acenei com a destra, larguei o meu mais expressivo sorriso e depois fiquei apenas admirando o seu belo rosto, lembrando das inúmeras vezes em que meus lábios haviam tocado os seus – no meu mundo virtual, naturalmente – e calculando que a probabilidade daquilo realmente acontecer no meu mundo real seria tão pequena quanto eu pudesse imaginar.

Obviamente que o meu serelepe amigo fez tudo o que eu fiz também, e o efeito foi o mesmo, ou seja, nulo. Lorena sorriu de volta para nós, abaixou o olhar e começou a comer.

Lorena era a menina mais linda que já havia colocado os pés no H15, ou assistido aula no anfiteatro da Química, ou dormido no H8, ou passado uma noite em claro no lab comp. E ela era extremamente simpática também, e razoavelmente inteligente, bem mais que eu, pelo menos. Aquela combinação de fatores tornavam-na extremamente intimidadora, ou inacessível, principalmente para mim.

Eu jamais teria coragem de azarar Lorena, mesmo se um dia ela me olhasse diferente por mais de 3 s. E mesmo se um dia ela estivesse completamente alucinada, ou desmiolada, e viesse pra cima de mim eu não ia ter coragem de encarar, pois com certeza eu ia pensar que aquilo era um pesadelo, e que se eu desse um beijo nela o encanto quebraria, e ela transformar-se-ia numa sapa barriguda, ou numa baranga.

Aquela menina com certeza iria me custar uma grana preta em terapia quando eu saísse do ITA, e provavelmente horas de trabalho inútil tentando projetar uma máquina do tempo, para que eu pudesse voltar àquela noite e dizer-lhe, ali mesmo na frente da sua melhor amiga, que eu era louco pra dar uns agarros nela, e que se ela não quisesse nada comigo o mundo ia continuar girando do mesmo jeito.

O meu único consolo era que eu tinha absoluta certeza de que eu não seria o único a carregar aquele trauma pro resto da vida. Haviam pelo menos outros 900 babacas que iriam passar boa parte da sua vida adulta lembrando daqueles olhos amendoados, daqueles longos cabelos negros, daquelas coxas maravilhosas, daquele par de...

- E essa daí, Celso? – Adriano subitamente inrerrompeu meus sórdidos pensamentos.
- Essa tá na lista das mulheres que jamais darão para mim, nem para você, Adriano.
- Há-há... o pior é que é verdade...

Rosana e Patrícia organizaram uma tremenda festa de despedida para Lucio, num daqueles lugares da moda que não passavam mais que 2 meses na moda, nem mais que 6 meses em funcionamento. Adriano não foi mesmo, Chico nunca saía do H8, Luca tambem não quis ir, falou que ia ter mulher demais pro gosto dele. Coisa que ele acertou em cheio, mas que para Paulão, Fabio e eu não era problema nenhum. Camilo e Ruizola nos acompanharam naquela promissora empreitada daquela noite de quinta-feira.

Enquanto meus astutos amigos foram coletar algumas importantes informações demográficas com a nossa inteirada amiga Andréa eu fui conversar um pouco com Lulu. Um pouco mesmo, pois o homenageado amigo estava bastante requisitado. Lucio me passou vários bizus da Europa:

- A primeira coisa é que ninguém come ninguém, Celsão, todas essas estórias que o pessoal conta da CV, que Ricardo falava que tinha se dado bem com uma sueca no trem... é tudo lenda. Ou imaginação.
- É mesmo, Lulu?
- É. Tem exceção, é claro. Mas a regra geral é essa. A gente passa o tempo todo viajando, nunca fica no mesmo lugar por muito tempo, tá sempre cansado. É muito difícil acontecer alguma coisa. Comigo não aconteceu.
- E aquele albergue lá de Barcelona?
- O do banho? Bom, você vai ver a mulherada tomando banho, mas é só isso.
- E as francesinhas?
- São fedorentas. E chatas. O melhor que você faz é aproveitar bem as visitas, passear muito, ir pros museus...
- Sei, tomar um banho de cultura.
- E de tecnologia.

Pedrão e André haviam me falado a mesma coisa quando eles voltaram da Europa. Foi no começo do segundo ano, mas eu lembrava bem do que eles me haviam dito. Eu absorvi as importantes informações que Lucio me passou e depois fui procurar algo menos importante para absorver. De natureza líquida, naturalmente.

Rosana estava concentradíssima nos detalhes da festa, nem notou quando Lucio sumiu do recinto com uma moreníssima dos cabelos cacheados, mas eu sabia que mais cedo ou mais tarde aquele deslize ia sobrar pra mim. E não deu outra, logo eu me vi encurralado por uma fera razoavelmente irada, em busca de precisas coordenadas:

- Aonde foi que o Lucio se meteu, Celsão?

- Eu não sei, Rô, eu acho que ele foi ao mike.
- Ai se eu pego ele com alguma cachorra... não vai ter quem me segure, meu!

Aquela menina com certeza não fazia idéia do tamanho da fria em que havia se metido, e eu com certeza não seria a alma caridosa que iria tentar lhe explicar o problema. Eu achei melhor apelar para a deplomacia:

- Não fale uma besteira dessas, Rosana, faz anos que eu conheço o Lulu e eu nunca vi o sujeito desse jeito que ele está agora, todo apaixonadinho por você.
- Há-há-há... – ela colocou a mão direita por sobre o meu ombro – Celsão, sabe a coisa que eu mais queria ter na vida?
- Uma Gibson Doubleneck EDS 1275...?!
- Há-há-há, eu não entendi nada do que você disse, mas não é isso não, Celso.
- O que é, então?
- Um amigo cúmplice assim que nem você.

Aquela menina era muito mais esperta do que a cor dos seus cabelos poderia sugerir. A mim não me restou outra alternativa senão cooperar com as suas expectativas:

- O seu desejo acaba de ser realizado, Rô. Eu vou procurar, ou melhor, encontrar o Lulu pra você.

Eu caminhei em direção ao mike, mas mudei de rumo tão logo percebi que Rosana não mais me acompanhava com o seu inquisidor olhar. Saí pela direita e encontrei meu incauto amigo soltíssimo na buraqueira, ou mehor, na escada do exntrada, aos beijos e abraços com a estonteante morena. Eu chamei sua atenção com o nosso assovio secreto, ele desatracou-se da menina e veio falar comigo.

- Lulu, eu não quero dar uma de beque não, mas vacilo tem lugar e hora, velho.
- Rosana está desconfiando de alguma coisa?
- E como, eu acho melhor tu dar uma assistência pra ela, que a bicha está braba toda.

Lucio dispensou temporariamente a menina, não sem antes trocar algumas necessárias informações numéricas com ela, as quais seriam úteis para negociar uma provável remarcação do jogo tão inesperadamente interrompido.

Voltamos ao interior do recinto, e eu pude executar a entrega do prisoneiro. Eu não estava esperando nenhuma recompensa em troca, mas ganhei uma assim mesmo. Não de Rosana, que logo esqueceu do ligeiro desaparecimento do namorado e foi dançar com ele, mas de Patrícia, que estava em animada prosa com uma colega de turma, que ficou aos meus cuidados quando Pat foi requisitada na central de som e iluminação.

Eu tenho que reconhecer que a minha primeira impressão sobre a menina não foi muito favorável, pois ela não disse nada, e nem me olhou direito, enquanto Patrícia estava por perto. Mas quando ficamos a sós e ela finalmente falou algo minhas percepções foram radicalmente modificadas, primeiramente porque a sua voz era extremamente agradável, e segundamente porque ela enveredou pelo clássico caminho ao ataque:

- Eu estou tentando lembrar da onde é que eu te conheço, mas não estou conseguindo, Celso.
- Hum... você tem alguma amiga chamada Letícia, por acaso?
- Não.

Boa resposta. Eu continuei minha investigação:

- Nina?
- Também não.

Ótima resposta. Eu continuei minha investigação:

- Hum... você já foi aos bailes do ITA?
- Não, mas no ano passado eu fui ao Encontro Musical... – sua memória finalmente deu sinais de atividade – eu já sei, você é aquele cara que toca guitarra, não é?
- Um dos... – eu lentamente retirei algumas das minha mechas que momentaneamente atrapalhavam a minha visão – como é o teu nome mesmo?
- Camila...

Por razões que eu não entendo até hoje eu fui bastante cauteloso com ela. Cauteloso demais, eu diria, pois no final das contas a menina teve que ir embora cedo para não perder a carona, e eu nem sequer lembrei de anotar os seus dígitos.

E o pior de tudo é que eu esqueci completamente o seu nome. Tentar descrever como ela era para Patrícia e Rosana no dia seguinte não foi muito proveitoso também, pois nem eu nem elas lembrávamos de muita coisa sobre a festa.

Eu cheguei à conclusão de que a única coisa que eu podia fazer era aprender com o meu erro e parei de pensar naquela menina. Mesmo porque na semana seguinte ia ter prova de Controle, e eu tinha coisas muito mais importantes para pensar a respeito, e para estudar a respeito. O gagá começou no sábado, e só terminou na madrugada da quinta-feira.

A prova foi pra lá de nablesca, eu só consegui fazer 2 das 4 questões, e eu saí da sala de aula com aquela familiar sensação de que a trolha ia cantar de galo novamente naquele semestre.

Naquela mesma noite eu comecei a estudar com afinco para a prova de Vibrações na semana seguinte. Fiz uma pausa na noite do sábado, para ir ao casamento de Pedrão, que aconteceu em Pinda. Fui com dois amigos do quinto ano, Cajú e César, Adriano e Gato, um amigo da turma de Pedrão e André que morava em São José. Obviamente que estávamos todos vestidos à caráter, e obviamente que nós passamos boa parte do tempo rindo dos nossos trajes.

Pedrão e sua nova noiva Marília ficaram muito felizes com a nossa presença, eu me senti muito honrado em ter sido convidado para aquela cerimônia. André, Renata, Tereza, Humberto, Hélio, Jack e outros colegas da turma deles estavam lá também, e foi muito bom rever os velhos amigos.

E foi bom também desfrutar de alguns dos últimos momentos de tranqüilidade daquele semestre, pois as coisas ficaram bastante obscuras nas semanas e meses seguintes.

E foi muito bom também re-encontrar uma charmosa estudante de Odontologia, cuja voz era extremamente agradável, e cujo nome eu inesperadamente lembrei tão logo ela falou o meu:

- Você é amigo do noivo ou da noiva, Celso?
- Do noivo, ele estudou no ITA. E você, Camila?
- Da noiva, ela estudou na Odonto...

Zero

Ao contrário de boa parte dos meus colegas, eu não odiava a segunda-feira, pois afinal de contas era o dia que quebrava a usual morosidade dos finais de semana que eu passava no H8. Era o dia em que eu ficava secando a minha musa Lorena na fila do almoço no H15.

E era também o dia em que eu passava a maior parte do intervalo das 10 conversando com os meus colegas de turma, sobre os mais variados temas, desde a influência da anomalia do campo magnético sobre o imprevisível comportamento das joseenses até a importância do café da manhã para o adequado aprendizado dos importantes conceitos de Engenharia que nós estávamos recebendo naquele semestre.

Aquela específica segunda-feira, no entanto, foi completamente diferente. Nós recebemos os resultados da primeira prova de Controle, e o estrago foi enorme. Até o professor ficou abatido, e nem comentou nada depois que entregou as provas. Apenas recolheu seus materiais didáticos e dirigiu-se de volta à sua sala de trabalho.

Eu olhei ao meu redor e verifiquei que ninguém havia descido para pegar um solzinho na calçada. Estávamos todos cabisbaixos, verificando os erros que havíamos cometido. Eu estava visivelmente desapontado com o resultado da minha prova. Obviamente que eu ja havia tirado outras notas baixas, e obviamente que eu sabia que ainda havia muito tempo hábil para uma adequada recuperação, mas aquele D-, assim logo no início do semestre, causou-me uma sensação bastante desagradável.

O denso silêncio que reinava na sala foi quebrado por um curioso colega que resolveu fazer um levantamento estatístico do estrago:

- Alguém tirou mais que I?

Todos os olhos escanearam o recinto, mas nenhuma voz se pronunciou.

- Alguém tirou I?? – Rochinha fez uma ligeira, mas importante, modificação na pergunta que Lauro havia feito anteriormente.

Novamente todos os olhos escanearam o recinto, mas daquela vez alguém se pronunciou:

- Puta merda, essa trolha foi maior do que eu esperava...
- E mais grossa tambem, Tina – K-Zé complementou a sutil observacao que a nossa perspicaz amiga havia feito.

O levantamento dos dados foi rapidamente concluído, e eu tomei uma súbita decisão depois de considerar as opções:

- Eu vou ter uma conversa de homem pra homem com o Diretor de Ensino desta escola – levantei, em direção à sala da referida autoridade.
- Boa sorte – Alex levantou também, em direção ao banheiro.
- Não vai adiantar nada, Celso – Bartô comentou, otimista como sempre.

A porta estava aberta, mas eu dei uma leve batida, pois o professor estava lendo algo e não havia notado a minha presença:

- Com licença, Mestre.
- Pois não, Celso – ele ofereceu-me a cadeira – e aí, como estão as coisas?
- Não muito boas, eu acabei de descobrir que tirei D- na minha primeira prova de Controle...
- É, Celso, eu também fiquei bastante insatisfeito com este resultado – ele tentou disfarçar um sorriso, mas não conseguiu – eu realmente estava esperando mais de você, e do resto da turma também.
- Isto é o que mais me incomoda, Mestre, o fato de que a turma toda se deu mal – eu fiz uma ligeira pausa – se tivesse sido somente eu, tudo bem, mas 1/3 da turma tirou D-, e os outros 2/3, D.
- É, desta vez a turma de vocês deixou cair a peteca, Celso, mas eu tenho a certeza de que vocês vão estudar mais um pouco para a próxima prova, e os resultados hão de ser melhores.
- Claro...
- O que foi que houve, vocês ainda estavam enferrujados, ainda no ritmo das férias!?
- O que houve é que não deu tempo nem de tentar resolver a prova toda... daí pra gente ficar aperriado e não se concentrar direito é só um pulinho.
- Celso, esta questão de tempo nós já discutimos no ano passado, minhas provas são apertadas mesmo. Mas vocês têm mais de 20 anos de bizus à disposição de vocês, acumulados no H8, e são sempre as mesmas questões que caem nas provas, então não tem motivo pra não ter tempo de resolvê-las.
- Sim, Mestre, mas há pelo menos 2 assuntos que estão sendo ensinados pela primeira vez neste semestre, não existe bizu nenhum a respeito, e o fato é que mesmo com todos os bizus do mundo as suas provas são inacabáveis.
- Não é bem assim não, Celso.
- Com todo o respeito, Mestre, é bem assim mesmo. Eu nunca vi algum bizu de prova sua que tenha sido L, ou mesmo MB – eu tentei disfarçar um sorriso, mas não consegui – se alguém conseguiu esta façanha nos últimos 20 anos esta pessoa certamente emoldurou a prova e pendurou-a na parede do quarto.
- Há-há, Celso, você está exagerando – o professou tentou disfarçar um certo orgulho professional, mas não conseguiu – deixa eu te dizer uma coisa, Celso, a turma de vocês é a turma que teve os melhores resultados nos testes de QI nos últimos 15 anos, vocês têm uma extensa base matemática, coisa que eu não tive quando era estudante, e vocês têm consistentemente demonstrado que são capazes de superar quaisquer desafios. Eu acho que não há motivo nenhum para preocupações.
- Todo mundo sabe que estes testes não provam nada, Mestre, e a gente já se ferrou um bocado por causa desta reputação que, ao meu ver, é no mínimo otimista demais.
- Vocês não gostam de aprender coisas novas, de serem os primeitos a estudarem algo que antes só era oferecido na Pós? Vocês não concordaram com todas as mudanças que nós fizemos no ano passado?!
- Concordamos sim, Mestre, mas depois de 3 semestres no Profissional, 2 colegas desligados e 2 trancados... eu acho que nós agora somos bem menos idealistas do que éramos no ano passado.

- Hum...
- Agora a nossa maior preocupação é conseguir se formar, de preferência no final do ano que vem.
- Bom, Celso, eu falar pra você a mesma coisa que eu tenho falado para os meus alunos nos últimos 20 e poucos anos: estudem bastante e se concentrem que não vai ter motivo algum pra ficar nervoso durante as provas.

Eu voltei para a sala de aula, sentei na minha cadeirinha e fiquei esperando o início da aula seguinte.

- E aí, Celso, o que foi que o teu Conselheiro disse?
- Ele disse que a gente vai ter que estudar mais um pouco para se dar bem na matéria dele, Alex.
- Putz, vai ser igual ao ano passado, vai ficar aquela competição entre este sujeito e o professor de Vibrações pra ver quem é que ferra mais os alunos – Príncipe comentou, causando calafrios na galera.
- Com o detalhe extra de que neste semestre nós teremos um daqueles recalcados da ELE na competição também – K-Zé lembrou, causando ainda mais calafrios na galera.

Aquela discussão inútil acabou logo, pois o professor de :Economia entrou na sala e continuou sua detalhada explicação sobre a teoria macroeconômica.

Para mim estava bem claro que a única coisa produtiva a ser feita era estudar pra cacete de montão à beça, e foi isso que eu fiz. E consegui fazer 2 provas razoavelmente decentes naquela semana, inclusive tirei um R em Vibrações.

Meu estado de ânimo estava bem mais elevado na noite da sexta-feira, eu nem reclamei muito da qualidade da refeição, apenas mantive amena prosa com meus conterrâneos Bico, Príncipe e Moreira, os quais já demonstravam claros sinais de pronunciadas saudades da terrinha.

Eu nem tentei convencê-los de que reclamar de tudo e todos não ia ajudar em nada, e que valeria mais a pena tentar transformar o limão em limonada, e apenas dei-lhes uma injeçãozinha de paciência quando nos despedimos no hall do B:

- Mais 3 semanas e a gente vai pra casa, moçada.

Quando cheguei ao 228 deparei-me com outro conterrâneo meu, Sávio B., que estava conversando com Chico. Eu fui verificar qual era o bostejo da hora:

- Qual é o caso, velho?
- Parece que hoje vai rolar uma partida de War lá no apê, Celso, tá nessa?
- Não, Sávio, eu estou fora, eu vou dormir cedo, amanhã eu vou estudar um pouco.
- Este rapaz está muito mudado, Sávio...
- Só... e como está a coceba na MEC? Juliano tava reclamando pra cacete hoje, no almoço.

- A coisa não está bolinho não, meu camarada.
- Lá na ELE também não está fácil, mas nem por isso eu vou perder uma partida, Celso. Você vai ficar aqui sozinho, com a garrafa de vodka e a coleção de vídeos do Soundgarden.
- Os espertões foram pro Rio de novo?
- Foram ontem, eles estão coçando praças... mas a gente chega lá também, Sávio.
- Eu espero que sim...
- Cadê a Rosele, Sávio?
- Foi pra Sampa, velho, eu estou aqui largado na buraqueira, hé-hé.
- Ah, por falar em mulher que largo o macho aqui e vai se agarrar com outro no final de semana aquela menina ligou de novo, Camila, disse que ia pra cidade dela... cidade dela é feio, né?
- Nem tanto, Chico.
- Pra sua cidade. A tua não, a dela.
- Celso tá de mulherzinha nova, Chico?
- Deve ser namorada de algum amigo dele...
- É uma amiguinha da namorada do Lulu, do sul de Minas...
- Já está sério assim, de mulher avisar que vai passar o final de semana fora?
- Não, é que a gente ficou de ir ao cinema se ela estivesse por aqui... mas não tem erro não, este final de semana vai ser massa do mesmo jeito, eu vou passar algumas agradáveis horas com o meu amigo Ogata.
- Hé-hé, se deu mal em Controle também?
- Hum-hum...
- E aquela mulherzinha lá da Federal, Celso, que fim levou?
- Ela se formou no meio do ano, Sávio, tá namorando com um mané da sua turma... da tua não, da dela.
- Só... então o lance acabou mesmo?
- Só. Mas nós ainda somos amigos.
- Inclusive todo dia o Celso escuta aquele CD que ele gravou pra ela, assim, em nome da amizade, sabe?
- Só, hé-hé.
- Ela até mandou uma mensagem de aniversário pro Celso, Sávio, também em nome da amizade, sabe?
- Só, hé-hé, como já dizia o grande Alceu, “amor que fica...”.

Eles saíram em direção a uma interminável noite de aventuras mentais. Eu fui ao sarcófago, procurei o CD do The Verve, botei “History” pra tocar e depois fui ao meu quarto. Abri o meu armário e decidi que estava na hora de fazer algumas pequenas mudanças na decoração interior do mesmo, e de fazer algumas pequenas mudanças na decoração interior da minha cabeça também.

Peguei todas as fotos de Carolina que estavam pregadas no lado de dentro da porta e coloquei-as num envolope. Lacrei o dito cujo e pensei num lugar apropriado para mocá-lo. Um lugar que nem eu nem os meus companheiros do 228 tivessem a menor probabilidade de fazer um acesso randômico... algo como o livro de Termodinâmica. Feito! Depois fiz algo parecido com o bendito CD Carolina 1.9, deliguei o som e fui ao apê de Manuel e Lauro a fim de realizarmos a nossa semanal sessão de discussão de assuntos aleatórios.

Sessão Das 10

CIB saiu da sala de música e foi embora. Ele não estava muito satisfeito com os resultados daquele ensaio, e eu também não. Aquilo não era um bom sinal, eu fiquei com a impressão de que a nossa apresentação no Encontro Musical da semana seguinte não seria muito boa, e que nós não iríamos repetir o sucesso dos anos anteriores.

Eu guardei a Tele na capa e fui para o meu quarto, mas antes de chegar ao meu destino fui abordado pelo presidente do Departamento de Ordem e Orientação do CASD, o qual sumariamente convocou-me para uma reunião extraordinária do nobre órgão acadêmico.

Eu guardei minha guitarra no apê e dirigi-me à sala de troféus. Os outros 9 representantes do DOO estavam presentes, e haviam 3 assuntos em pauta.

O primeiro beirava o ridículo: um certo professor da AER havia ido a um congresso de não sei o quê não sei aonde e havia ganhado um brinde b qualquer, o qual foi usado para ornamentar a sua sala de trabalho. Um belo dia d qualquer ele notou que o tal brinde b havia sumido de sua sala, e num outro dia d+3 ele percebeu que um certo aluno do terceiro ano estava portando um brinde b igual ao seu. Conclusão...?

- É óbvio que o cara roubou o brinde do professor, pessoal, a gente tem que desligar este escroto desta escola – Patão, representante do 3º ano.
- E como é que a gente vai provar isto? – Batata, o outro representante do 4º ano, e presidente do DOO.
- Ué, não precisa provar porra nenhuma, vocês ainda têm dúvidas? É claro que o cara roubou a porra do negócio – Patão, insistindo – a gente tem que desligar este cara!
- Patão, mesmo que o cara tenha roubado esta caceta deste brinde, se a gente não conseguir provar, ou se ele não confessar, a gente não vai poder fazer nada, muito menos desligar o sujeito – sensato bicho de primeira espécie, cujo nome não me recordo agora.
- A gente tem que pelo menos trancar este cara – escroto bicho de segunda espécie, cujo nome também não me recordo agora.
- O que é que tu achas, Celso? – Rafaela, a sensata representante do 3º ano.
- Essas coisas só acontecem na AER – eu, aproveitando a chance para escrotizar com ela – na MEC não tem essas merdas não.
- Eu acho que o melhor a fazer será ter uma conversa em particular com o sujeito e tentar descobrir aonde que ele adquiriu o tal brinde – Batata, fazendo bom uso da sua autoridade – todos a favor?
- Eu sou contra – Patão – a gente tem que desligar este cara.
- Bom, o segundo assunto é um pouquinho mais delicado, gente – Batata, cagando solenemente para o cretino comentário de Patão.

O segundo assunto foi bem mais delicado. Um certo professor da ELE havia notado que durante uma prova de não sei o quê um certo aluno do quarto ano aparentemente havia tido ajuda de uma terceira pessoa, pois a grafia utilizada nas 3 primeiras questões era diferente da grafia utilizada na última questão. Conclusão...?

- É óbvio que o cara colou, pessoal, a gente tem que desligar este escroto desta escola – Patão, sem fazer questão de esconder um prematuro sorriso vitorioso.
- A gente tem que desligar o outro cara também, o cara que fez a questão pra ele – escroto bicho de segunda espécie, cujo nome ainda me escapa à memória, pulando da cadeira.
- O professor mostrou alguma evidência, Batata? – Rafaela, ligeiramente preocupada.
- Ele me entregou uma cópia da prova, eu apenas apaguei o nome do colega por uma questão de ética e confidencialidade – Batata, entregando a cópia da prova para o grupo.
- Hum, que a letra é diferente está claro, mas como é que a gente vai provar que esta letra é de outra pessoa, e de quem é? – Márcio, representante do 5º ano, visivelmente intrigado com o caso.
- O que é que tu achas, Celso? – Batata, prevendo a minha reação.
- Essas coisas só acontecem na ELE – eu, aproveitando a chance para escrotizar com ele – na MEC não tem essas merdas não.
- Não, Celso, sério – Batata, feliz da vida por ter lido o meu pensamento.
- Tá bom – eu, levantando da cadeira e tirando minha carteira de motorista da carteira – meus caros colegas, vejam a minha assinatura neste documento oficial.
- Estou vendo, e daí? – Patão, intrigado com a meu singelo pedido.
- Agora vejam a minha assinatura nesta folha de papel – eu, pegando uma caneta e assinando meu nome no caderno de Rafaela – comentários...!?
- Eu vou gaurdar essa folhinha, quem sabe daqui a uns anos Celso fica famoso e eu vendo este autógrafo na internet por uma fortuna?! – Rafaela, devolvendo a escrotizada da rodada anterior.
- Porra, Celso, não tem nada a ver... – Márcio, sorrindo satisfeito.
- É mesmo – sensato bicho de segunda espécie, cujo nome não me recordo agora.
- Isso não prova porra nenhuma, Celso, afinal de contas há uma enorme diferença de tempo entre uma situação e a outra – Patão, num raro momento de lucidez.
- É verdade, ninguém muda de letra de uma hora pra outra não – escroto bicho de primeira espécie, cujo nome não me recordo agora.
- Eu acho que o melhor a fazer será ter uma conversa em particular com o suspeito e tentar descobrir o que ele tem a dizer a respeito – Rafaela, treinando para ser a futura presidenta do DOO – todos a favor?
- Eu sou contra – Patão – a gente tem que desligar este cara.
- Bom, eu tomei a liberdade de conversar com ele, afinal de contas nós somos da mesma sala – Batata, cagando solenemente para o cretino comentário de Patão – e ele me explicou que sua grafia muda quando ele fica nervoso, ou com pressa.
- Não vai me dizer que você acreditou nesta conversa furada, Batata! – Patão, ainda crente que iria conseguir desligar alguém naquela noite.
- É claro que não, meu querido – Batata, colocando o doce na boca do garoto.
- Ainda bem!! – Patão, quase em êxtase.
- E foi por isso mesmo que eu pedi uma evidência, a qual me foi apresentada pelo colega, na forma destes cadernos, que ele cordialmente me emprestou para nossa análise – Batata, fazendo circular o material que inocentava o nosso amigo – como vocês podem ver, a letra dele realmente muda quando chega perto do final da aula.
- Puta que o pariu... – Patão, sentindo o doce escapar-lhe da boca.

- Essas coisas só acontecem na ELE – eu, aproveitando a chance para escrotizar com ele.
- Bom, o terceiro e último assunto da noite é um probleminha coletivo que o pessoal do segundo ano está tendo com um certo professor da MEC, Celso – Batata, saboreando uma limitada vingança.
- Bicho tem mais é que se fuder mesmo – Patão, tirando as palavras da minha boca.
- Só – eu, finalmente concordando com algo que ele disse naquela noite.

Conclusões:

No dia seguinte Batata conversou com o suspeito sujeito do caso do brinde, e ele jurou de pé junto que o brinde dele fora presente deu um certo conhecido seu que, por coincidência, havia ido ao mesmo congresso de não sei o quê não sei aonde que o certo professor da AER também havia ido, e naturalmente que havia ganhado um mesmo brinde b qualquer que o inconformado mestre havia ganhado. Ninguém acreditou naquela estória mal contada, mas o sensato professor achou por bem deixar por menos e continuou sua vida como se nada tivesse acontecido.

Também no dia seguinte Batata mostrou os cadernos do seu colega de turma ao desconfiado professor da ELE; ele ficou convencido de que não havia havia acontecido nenhuma improbidade escolar e retirou sua queixa perante o DOO.

Quanto aos coitados bichos de segunda espécie e o probleminha coletivo que eles estavam tendo com um certo professor da MEC... bom, Batata e eu marcamos uma reunião com o referido professor, o chefe da MEC e os representantes do 2º ano. Conclusão...? Bicho tem mais é que se fuder mesmo.

Leve Desespero

Eu estudei muito naquele semestre, muito mesmo. Mas minhas notas não estavam boas. Eu não sei o que aconteceu, ou quando aconteceu, mas eu perdi o controle da situação. Quanto mais eu estudava mais eu me dava mal, não conseguia fazer boas provas. Quando eu me recuperava em uma matéria começava a me dar mal em outra. E pela primeira vez em 4 anos eu levei o gagá pra semaninha, e realmente estudei.

Estudei e peguei onda, ou pelo menos tentei, pois a bem da verdade minhas forças estavam seriamente abaladas pela interminável seqüência de dias mal vividos e noites mal dormidas que eu sofrera naquele bimestre. Coisa que causou um efeito bastante adverso na minha capacidade de pegar ondas e permanecer sobre as mesmas, e que curiosamente ficou evidenciada pelo tempo que eu passei sob as ondas durante aquela semaninha, e pelas gargalhadas que meus amigos Danilo, Neno, Leo e Tasso davam toda vez que eu caía da prancha.

Eu visitei algumas empresas locais a fim de assegurar os necessários pontos, e fundos, para minha viagem à Europa. Meu irmão conseguiu uma reunião com o diretor presidente da sua firma, e o cara gostou tanto de mim que até me perguntou se eu gostaria de fazer um estágio com eles no ano seguinte. Coisa que eu decididamente não estava cogitando no momento, mas que meu senso diplomático exigiu que eu declarasse que iria analisar dilicadamente a viabilidade de tal empreitada.

Mauro estava saindo com uma loura de olhos verdes, bizuleica que nem Nina, e eu achei melhor não sair com eles. Saí 2 vezes com Tasso, Aline, e Alícia. Ela tava estudando muito, mas arrumou um tempinho pra ficar comigo. Eu gostava dela, ela sempre estava de bom humor, nunca me cobrava nada, e beijava bem. Muito bem.

Eu falei pro meu pai que minhas notas não estavam muito boas, mas ele disse que se eu estudasse muito e me concentrasse bem nas provas tudo ia dar certo. Minha mãe parecia estar mais preocupada com a minha aparência, disse que eu estava muito magro, com cara de cansado. Era verdade, eu não estava me alimentando direito, vivia detonado, tinha perdido algumas aulas pra dormir... parecia até que eu estava revivendo o final do segundo ano, com a diferença de que eu gostava de todas as matérias que estava cursando naquele segundo semestre do quarto ano. Eu gostava de ELE-18, Vibrações, Controle, eu sabia que aquilo tudo ia ser muito útil no futuro, só não sabia como controlar o presente que eu estava vivendo.

E eu não era o único, pelo menos metade da minha turma da MEC estava mal em pelo menos 1 das matérias. E o pessoal da ELE também não estava nada bem. Chico tava começando a se desesperar, dizia que tava pressentindo que algo ruim estava pra acontecer. Nós voltamos da semaninha ainda mais cansados do que estávamos antes, nem parecia que havíamos passado algum tempo fora do H8.

Eu estava louco que o semestre acabasse logo, pois eu iria pra Europa, visitar Lucio em Paris, quem sabe até agarrar umas francesinhas...

Lucio levou Rosana e Patrícia ao Encontro Musical. Camila também foi com elas, o que acrescentou uma desnecessária dose de nervosismo ao meu descontrolado sistema na hora da nossa apresentação, pois eu sabia que ela iria fazer comparações com o evento do ano anterior, e eu também sabia que a conclusão das tais comparações seria um tanto quanto desfavorável para o meu ego. Mas eu nem me abalei muito com aquilo, pois minha maior preocupação foi a organização do tradicional evento, que estava inteiramente sob minha responsabilidade.

A grande noite chegou e eu nem sabia o que iríamos tocar, CIB fez uma lista de músicas, mas eu não queria tocar nenhuma delas, achava que não iriam ficar boas sem Beto e Lídia. Foi difícil, nós acabamos só tocando 1 música, bem melosa, açucarada mesmo, daquelas que tocava na rádio, que eu dediquei para as minhas 3 convidadas especiais. Pelo menos elas gostaram, eu acho... CIB, Shimano e Bruno tocaram outras músicas com outros colegas e, como sempre, arrasaram nas suas execuções. E os bichos não fizeram feio, conseguiram arrancar alguns entusiasmados aplausos da platéia.

Eu achei que aquele Encontro Musical não havia sido muito bom, pelo menos para mim . Tocar sem Beto e Lídia não era a mesma coisa, nós havíamos ensaiado tanto no semestre anterior... pra nada.

Depois da música que eu toquei no Encontro Musical eu fechei a Tele na capa e não toquei mais nada até o ano seguinte. Minhas distrações se resumiram às reuniõezinhas de Rosana e Patrícia e aos baileus do H15.

Meu comparsa de aventuras bailescas, Tino, estava com uma ligeira dificuldade de escrever o TG. Elisa, a irmã dele, tava preocupada, me ligou várias vezes pedindo que eu desse uns conselhos para o irmão. Eu não estava em condições de aconselhar ninguém, mas tive uma conversa séria com ele, falei que não ia mais deixar ele entrar nos bailes se ele não começasse a escrever o bendito TG, ele se aprumou um pouco. Mas continuou tomando todas nos pré-bailes, eu tive que ficar de olho nele. Uma vez Tino ficou tão travado que não conseguiu nem ir pro baile, e apagou ali mesmo no apê de Camilo.

Eu dei o maior esporro nele, mas no baile seguinte for a minha vez de dar vexame. Tava rolando um Juanito Andarillo no pré-baile. Eu nunca gostei muito de uísque, mas a vodka tinha acabado... e em pouco tempo eu aprendi que as respectivas velocidades de absorção não eram semelhantes.

Eu consegui chegar no H15, mas saí de lá 5 min depois, carregado e entregue aos cuidados de Tico Lento, um amigo do segundo ano que tinha um certo conhecimento daquele tipo de situação. A última coisa que eu lembro foi o olhar de desaprovação de Nina e o sorriso de Inália quando me viram naquele estado. Ainda bem que Cristina não tava lá naquela noite, pelo menos ela não viu aquilo.

Mas Valéria estava, e viu tudo, e comentou o que viu com todas as pessoas que ela conhecia, e com algumas que ela não conhecia também, e no dia seguinte o H8 inteiro estava ciente do meu comportamento vexaminoso. E ainda diziam que eu é que era o presidente da Fofoquita...

Aquele leve incidente demonstrou novamente que o bizuleu se propagava mais rápido que a luz no vácuo. No Sábado das Origens eu tive a confirmação deste fato. Maria Luiza apareceu por lá, e aquilo foi a primeira coisa que ela comentou comigo. Eu sabia que Cristina não ia contar aquele tipo de coisa para ela, então deduzi que a fonte tinha que ter sido Valéria.

Aquela fofoqueira fdp ainda ia se ver comigo, e como. Mas naquela razoavelmente agradável tarde de sábado eu achei melhor guardar meus perversos sentimentos de vingança para uma ocasião mais apropriada e prossegui minha construtiva conversa com Maria Luiza como se o meu insignificante incidente etílico não tivesse nem acontecido:

- Foi um problema de qualidade, Lú, e não de quantidade – expliquei – mas não vai acontecer de novo. E como é que você está, como vai o trabalho?
- Eu estou bem, trabalhando muito... mas estou satisfeita.
- Legal... e o Tae Kwon Do?
- Continuo praticando, pelo menos 2 vezes por semana. E você, tem pegado onda?
- Não muito, eu peguei umas merrequinhas na semaninha.
- E a Tele?
- Tá na capa, desde o Encontro Musical...
- E o que você está fazendo pra manter o equilíbrio mental?
- Nada especial... só bostejando, eu acho. Eu tenho conversado bastante com o pessoal da minha turma, Manuel e Lauro, Nilo e Caldré... eu tenho estudado muito, não tem sobrado muito tempo para outras coisas... quarto ano, você lembra?
- Lembro sim, até hoje eu tenho pesadelo com aquele semestre... mas você sabe muito bem que às vezes estudar muito não é o bastante, você tem que manter o controle da situação... e pra isso precisa de muita energia e equilíbrio.
- Eu sei, Lú, eu sei...

Maria Luiza estava maravilhosa. Seus longos cabelos castanhos estavam soltos, dançando ao sabor da leve brisa primaveril. Ela estava produzidinha, sem exageros, pois não era do seu feitio. Seus lindos olhos cor de mel estavam realçados pela negra substância que ela havia aplicado na base dos cílios. E ela estava de batom, vermelho. Humm...

Eu não arrisquei uma olhadela mais detalhada nas regiões mais setentrionais, pois não quis dar a entender que eu estava pensando em coisas que eu provavelmente não deveria. Mas minha conveniente cautela não conseguiu esconder os meus incovenientes pensamentos. O seu intenso olhar foi prova irrefutável de que ela sabia exatamente que eu estava sentindo uma mais que leve vontade de sentir mais outra vez os seus lábios colados aos meus.

Seu cúmplice sorriso foi a sutil maneira que ela achou para demonstrar-me que não estava incomodada com aquilo:

- Você está com alguém?
- Não, estou solo... e você?
- Também... tem falado com a Carolina?
- Eu fui à formatura dela, no meio do ano... ela estava bem, arrumou um namoradinho... eu acho que agora vamos ser amigos de verdade...

- Que legal, Celso...
- Você tá mais bonita, Lú... eu acho que sair do H8 fez bem pra você.
- Muito obrigada, você também vai se sentir melhor quando sair daqui... vai ficar mais saudável, mais bem disposto... vai ganhar uns quilinhos...
- Eu não sei mais quando é que isso vai acontecer, Lú, as coisas não estão muito nítidas no momento.
- No fim tudo dá certo, Celso, se ainda não tá certo é porque ainda não chegou ao fim.
- Espero que você esteja certa.
- A Cristina me contou uma coisa... – ela sorriu meio de lado.
- Foi?! Eu pensei que ela não havia comentado aquilo com ninguém, fora Valéria.
- Ela me ligou no dia seguinte...
- No dia seguinte? Eita fofoca...
- Não foi pra isso que ela me ligou... ela queria saber se eu ia ficar... – ela parou de rir, ficou me olhando.
- Com ciúmes...? – eu fiquei encarando seus olhos cor de mel.
- É... eu ia falar chateada, mas dá no mesmo.
- E o que foi que você disse pra ela?
- Eu pensei que você ia perguntar se eu havia ficado com ciúmes...
- Eu estou assumindo que se isso tivesse acontecido você iria contar pra ela, afinal de contas vocês são amigas...
- É verdade, nós somos amigas... – Maria Luiza baixou os olhos por um instante, depois voltou a me encarar – e foi por isso que eu disse pra ela que eu não tinha o direito de ficar chateada com aquilo, pois, afinal de contas, não havia mais nada entre nós 2.
- E ela, acreditou?
- Eu acho que não, ela ficou me dizendo que não ia acontecer de novo...
- Lú, você acha que a gente vai ficar assim pro resto da vida? – eu segurei suas mãos e fiquei acariciando-as.
- Assim como, Celso? Com essa coisa mal resolvida?
- É.
- Eu não sei, Celso, eu acho que aos poucos isso vai diminuir, até desaparecer de vez.
- E quando é que você acha que isso vai começar a acontecer? – eu sorri de leve, na tentativa de reduzir aquela tensão que pairava no ar.
- Quando a gente passar assim uns 5 anos sem se ver... – ela sorriu também – ou então quando a gente passar uns 5 anos vivendo junto, se vendo todo dia, dormindo na mesma cama, até desgastar a relação.
- Dormindo na mesma cama... você por acaso está sugerindo alguma coisa? – eu olhei pra ela assim meio de lado, como quem não quer nada.
- Pode ser... – ela usou a mesma tática – você está aberto a sugestões?
- Talvez, você tem alguma?
- Eu acho que tenho uma aqui – ela abriu a bolsa e me mostrou a chave do quarto de hotel em que estava hospedada.

Aquele fim de semana foi ideal, sem neuras, sem nóias. Pela primeira vez em 4 anos eu não fiquei achando que se ficasse com Maria Luiza iria magoar alguma outra pessoa. Eu não estava certo se o que existia entre nós iria decair exponencialmente ou não, e nem fiquei

preocupado com aquilo. Ela também não, a única coisa que ela me fez prometer foi não ficar debilitado novamente, dando vexame no H15.

Eu jurei pra mim mesmo que nunca mais iria ficar daquele jeito, e no baile seguinte eu só bebi guaraná. Tino também. Ele finalmente tinha decidido terminar de escrever o TG, e parecia estar bem mais equilibrado. Foi naquela noite que a minha quase amiga Nina me fez um grande favor. Depois de me perguntar mais uma vez se eu não queria mais nada com ela, e depois de escutar mais uma vez a minha resposta negativa, ela me disse que ia me apresentar a uma amiga que ela estava certa que eu iria gostar.

- Nina, a probabilidade de isso acontecer, dado que a menina é tua amiga, é nula.
- Ela é diferente, você vai ver.
- Tá bom – eu concordei, mas ainda duvidando – e onde está esta anomalia estatística?
- Ela está ali na mesa com as meninas – Nina apontou pra mesa onde estavam Solange e Inália.
- Nina, você tem certeza disso? Como é que alguém que é amiga de vocês 3 pode ter alguma coisa de boa na cabeça?
- Celso, pense direito, o que é que você tem a perder?
- Nada, exceto meu valioso tempo.

Fomos para a mesa delas, eu sentei junto de Inália e fiquei rindo. Ela olhou pra mim e riu também:

- Eu acho que pisei na bola com você, não foi?
- Pisar na bola? Não, você peidou na farofa...
- É verdade – ela continuou a rir – e agora? O que é que vai acontecer?
- Com a gente? Nada, Inália, não vai acontecer nada. Você teve suas 2 chances...

Eu dei um beijo no seu rosto, virei o meu e comecei a conversar com a amiga. A menina era realmente interessante, tinha um excelente senso de humor, um sorriso bonito, um olhar penetrante... e um belo par de coxas. Shruiu!!

- Eu lembro de você – foi a primeira coisa que ela disse.
- Do Encontro Musical? – indaguei, confiante.
- Não, do baile passado, você passou pela frente da nossa mesa – ela começou a rir – mas pela posição, e condição, em que você estava eu acho que não deu pra me ver direito.
- Ah, sei, você me viu saindo do baile...
- Foi, carregado – ela riu a gosto, mas eu senti que ela não estava rindo de mim, que ela apenas tinha achado aquilo engraçado.
- É, aquilo foi um tanto quanto embaraçoso.
- Eu acho que sim.
- Foi, e é por isso que hoje eu estou só no guaraná.
- Diet ou normal?
- Normal, é claro, que guaraná diet é coisa de viado.
- Eu também acho.

- Não que eu tenha algo contra viados, cada um na sua...
- Você tem amigo gay, é?
- Tenho vários, o Fabio lá do apê, que todo mundo diz que é bicha... o Luca, que é faixa rosa de balé clássico e sapateado.
- Você tá brincando, né?
- Claro que não, Luca é o presidente da Rosquita, Fabio é sócio-atleta.
- Rosquita? O que é isso?
- Associação dos Queimadores de Rosca do ITA.

Nós rimos um bocado naquela noite, e conversamos coisas sérias também. Ela me falou que gostava de Sartre, que estudava Japonês, um monte de coisa cabeuça. Eu gostei dela, mas não azarei não, o semestre estava perto do fim e eu queria me concentrar nas provas, nos exames, queria pelo menos minimizar o estrago que parecia ser inevitável. E ela não parecia estar interessada em algo passageiro, parecia mais estar sondando o terreno pra ver se valia a pena investir.

- Eu vi você tocar no Encontro Musical – ela confessou depois de um tempo – você dedicou a música pras meninas da Odonto, não foi?
- Foi...
- Elas estão aqui no baile? – ela usou um tom despretensioso, mas eu notei que tinha algo por trás daquela pergunta.
- Não, elas não freqüentam esses bailes... e você, o que é que tá fazendo aqui, ainda mais na companhia dessas figuras? – eu tinha certeza de que ela iria entender o que eu quis dizer.
- No fundo, bem no fundo mesmo, elas são boas pessoas – ela sorriu – eu vim pra cá hoje porque Nina disse que ia me apresentar uma pessoa muito interessante.
- Sei...
- Ela disse a mesma coisa no baile passado, mas não deu certo.
- E por que não? – eu fiquei rindo, queria ver até onde ela iria.
- Porque o carinha teve que sair mais cedo do baile... – ela me encarou, parecia que também ia pagar pra ver.
- Sei... e hoje?
- Hoje eu acho que deu certo... e você?
- Eu também acho.
- Eu acho que aqueles seus amigos que não usam cueca estão procurando você, Celso.

Eu me virei e vi que Paulo e Fabio estavam chegando perto. Eles começaram a brincar com as meninas e eu achei que era a hora certa de puxar o barco, antes que ele começasse a afundar. Eu levantei e falei pra ela:

- No fundo, bem no fundo mesmo, eles são boas pessoas. Aquele é Paulo e o outro é Fabio, o sócio-atleta... como é o seu nome mesmo? – eu realmente não lembrava mais se ela havia falado o nome ou não.
- Débora – ela sorriu e deu um tchauzinho com a mão.

Eu arrastei os meninos para evitar maiores danos. Fabio ficou curioso a respeito da menina:

- Quem era a chocolate?
- Uma amiga das meninas.
- Bizu?
- Eu não sei, eu acho que sim.
- E aí, vai rolar alguma coisa? – Paulão foi mais direto.
- Não sei, hoje não... – eu fiquei pensativo por um breve instante – hoje não.
- Hum... Celsão, você tá com uma cara esquisita... que é que você tem!?
- Porra nenhuma... vamos azarar umas baranguinhas, esse é o último baile antes da formatura de vocês.
- Tá bom, vamos néussa – Paulo concordou com a idéia maluca.
- Bom à béussa – Fabio também.

Eu fiquei pensando que tinha sido uma pena ter conhecido Débora apenas no final daquele terrível semestre. Aquele ano todo poderia ter sido melhor se eu a tivesse conhecido antes. Eu ainda tinha um monte de provas e exames pela frente, e depois a viagem pra Europa, e nem estava certo se estaria de volta no semestre seguinte. E ela com certeza não ia ficar de bobeira "ad infinitum", devia ter 1 dúzia de marmanjos colados no seu pé.

Na segunda-feira seguinte eu tive uma ótima notícia: tirei R na terceira prova de Controle. Aquilo com certeza iria causar um temporário alívio na minha temporária loucura, talvez até longo o suficiente para eu tentar reverter minha delicada situação nas outras matérias também.

Eu fiquei feliz comigo mesmo, mas bastou uma rápida olhadela ao redor para perceber que pelo menos 2/3 da sala não compartilhavam da minha efêmera alegria. Lauro começou a fazer um levantamento estatístico dos resultados, após o qual Bartô começou a sua tradicional, e inconstrutiva, choradeira:

- Eu não sei não, pessoal, eu acho que a coisa vai feder muito nesta matéria.
- Vai feder ou já está fedendo, meu amigo? – K-Zé complementou.
- Eu acho que "fedendo" não é o verbo mais adequado para descrever esta situação, meu – Alex adicionou sua dose de humor – Nélio, você não acha que está na hora de ter uma conversinha com o professor?
- Eu não sei não, pessoal, a gente passou por esta mesma situação no ano passado, e pelo que eu lembro conversar com o amado Mestre não mudou nada – o nosso representante recordou, com muita proprieadade.
- Ele vai dizer as mesmas coisas que disse antes, a gente vai responder as mesmas coisas e no fim vai dar no mesmo – eu acrescentei – e aquela competição com o professor de Vibrações pra ver quem é que ferra mais os alunos só vai aumentar.
- Perainda, pessoal, a coisa neste semestre está bem pior – Príncipe assegurou – tem pelo menos outros 2 concorrentes nesta competição, ou vocês esqueceram de ELE?
- É verdade, gente, aqui na MEC o pessoal pelo menos tenta acochambrar, dá uns trabalhos escravos para livrar as nossas retas, na ELE o buraco é mais embaixo, não tem boquinha não – K-Zé lembrou, causando alguns calafrios na galera.
- A coisa vai feder, eu estou dizendo – Bartô assegurou mais uma vez.
- Calma, gente, deixa eu escutar algumas opiniões do pessoal mais sensato, quer dizer, menos pessimista – Nélio olhou em volta – Manuel, o que é que tu achas?

- Ou a gente apela para o bom senso dos nossos queridos professores ou a coisa vai feder legal, Nélio.
- Hum... – o nosso representante coçou o queixo – Angelina?
- Por increça que parível eu vou ter que concordar com o Bartô desta vez, Nélio.
- Tina?
- Nélio, como diria o meu grande amigo Celso, “agora fudeu a tabaca de chola”.

Naquela mesma semana, conforme combinado, Nélio e eu cumprimos o nosso dever de representates eleitos e conversamos com os professores acusados de estarem pressurizando a turma um pouco além da conta. Com alguns a desagradável tertúlia ocorreu na sala de aula, com outros a prosa foi privada, mas de todos escutamos a mesma defesa: “eu não estou fazendo nada diferente, vocês apenas precisam estudar mais um pouco a minha matéria”.

Nosso inútil exercício de liderança não resultou em proveito algum para a turma, mas pelo menos deu-nos uma consoladora e passageira sensação de dever cumprido. A qual já estava completamente desaparecida no final da tarde da sexta-feira, quando eu entrei no H15 para degustar mais uma saborosíssima refeição.

Chico estava jantando com Bico, Fabrício, Moreira, Ruizola e Tino, e eu sentei com eles. Bico estava passando por outra fase de intensas cefaléias, mas felizmente elas não haviam afetado o seu bom humor, e mais uma vez fomos presenteados por suas geniais tiradas. O clima na mesa permaneceu ameno mesmo depois que Marta e Beatriz juntaram-se a nós, mesmo porque eu não estava a fim de fomentar mais discussões inúteis, pois afinal de contas a semana que findava havia sido repleta delas. E Bia parecia estar cansada demais até para lançar-me olhares descontentes, quanto mais para engajar em tolas discórdias.

O assunto mudou para as preocupações da hora dos nossos colegas do 5º ano: escrever e apresentar o trabalho de graduação, finalizar os preparativos para a formatura, arrumar emprego... Aqueles temas, para mim, naquele momento, beiravam o surrealismo. Por mais que eu tentasse me enganar o 4º ano ainda ia demorar muito para acabar, talvez até nem acabasse mais naquele dezembro próximo.

Chico também estava com uma cara de quem não estava enxergando a luz ao final do túnel, mas os nossos cândidos veteranos fizeram-nos acreditar que no final das contas tudo ia dar certo para nós, e que em pouco tempo nós também estaríamos comentando sobre aqueles peculiares assuntos.

Aos poucos os amigos foram levantando e indo embora, ficamos apenas Marta, Bia e eu, pois ainda estávamos degustando o saboroso jantar. Aquilo estava cheirando a armação, eu sabia que mais cedo ou mais tarde Marta ia inventar uma desculpa esfarrapada qualquer para sair da área, mas logo ela levantou-se e demonstrou mais uma vez sutileza não era o seu forte:

- Bom, eu vou deixar vocês a sós, vocês estão precisando conversar. Tchau!

Eu senti minhas mãos gelarem quando Beatriz olhou para mim, e instintivamente olhei para o outro lado do salão, onde não havia mais ninguém, e garfei o resto do meu dani.

Bia tentou não sorrir da minha reação, mas não conseguiu. Eu olhei para ela com os cantos dos olhos e sorri também. Ela concuiu que não havia mais perigo e puxou papo:

- Como está a MEC, Celso?
- Emocionante... e a ELE?
- Idem idem... a gente vai ficar assim pro resto da vida?!
- Assim como...!?
- Tu gosta de dar uma de leso...

Eu levantei e sentei à sua frente. Depois suspirei fundo e tentei ser o mais simpático possível:

- Não, Bia, claro que não... eu não estou estou com raiva de você, espero que você também não esteja mais.
- Gostei do "mais"...
- Eu te conheço, menina, eu já beijei a tua boca...
- Há-há-há... coisa do passado, né?
- E do futuro, quem sabe...?!
- É, quem sabe...?

Seu olhar adquiriu uma tonalidade melancólica, seus lábios cerraram-se, neutros. Aquela menina realmente gostava de mim, eu só não imaginava o quanto. Se naquele momento eu conseguisse fazer idéia de quanto aborrecimento, quanta dor de cabeça, quanta merda eu teria evitado para mim, para ela e para um monte de gente nos anos seguintes, eu jamais teria feito o que eu fiz naquela noite.

- O que é que você está pensando agora?
- Eu estou pensando naquilo que você me disse no ano passado, aqui mesmo no H15.
- Eu te disse tanta coisa no ano passado, Celso, você ´poderia ser um pouquinho mais específico?
- Claro, eu acho que suas exatas paravras foram: "Se por um motivo M qualquer a gente decidir não ficar junto, eu quero continuar a ser sua amiga"... lembrou agora?
- Lembrei, foi naquele baile...
- Isso.
- Um motivo M qualquer... eu devia ter dito "um **bom** motivo M qualquer", Celso.
- Isso ia mudar alguma coisa, Bia?
- Eu acho que não.

Os prezados funcionários do H15 começaram a limpar as mesas, recolher as bandejas. Levantamos, levamos nossos pratos ao local apropriado e seguimos em direção à saída, mas logo fomos abordados por uma voz amiga:

- Pode ficar à vontade, Celso, a gente ainda vai dar uma arrumada na área.
- Agradecido, seu Jair, mas já tá na hora de voltar pro H8 mesmo. Boa noite.

- Boa noite, então.

Caminhamos lentamente, em intacto silêncio, quebrado após atravessarmos a Dutrinha:

- E então...?

Beatriz pensou um pouco e evitou a resposta com uma pergunta:

- Eu preciso te perguntar uma coisa, Celso.
- Pergunte...
- Isso tem alguma coisa a ver com a Lú?
- Hum!?
- Com o "flashback" do SDO?
- Eu não faço a mínima idéia do que você está falando, Bia.
- Tu gosta de dar uma de leso... eu te conheço, menino, eu já beijei a tua boca.
- Há-há-há... não, Bia, isso tem a ver comigo e contigo apenas, por que?
- Por que isto seria um bom motivo, Celso.
- Sei...

Paramos no estacionamento do A, eu olhei bem no fundo dos seus olhos castanhos e perguntei novamente:

- E então, Bia...?
- Então... eu quero continuar a ser sua amiga, Celso.
- Ótimo.

Eu sorri satisfeito, dei uma discreta olhada para os seus lábios. Ela sacou as minhas segundas intenções:

- Tá esperando um beijo de despedida, é?
- Não, mas até que não seria uma má idéia.
- Há-há-há... – Beatriz começou a andar – quando eu estiver convencida de que a hora da despedida chegou eu deixo você beijar a minha boca novamente. Boa noite, Celso.
- Boa noite, Bia...

Eu coloquei as mãos nos bolsos e voltei pro 228, já preparado para a indiscreta pergunta do meu atencioso amigo Chico:

- E então...?
- Eu acabo de ganhar uma grande amiga, Chico.
- Então vocês não vão sair de novo pra detonar o resto da garrafa de vodka?
- Não, Chico, caso você ainda não tenha notado, o resto da garrafa de vodka já foi devidamente detonado.
- Hum, esta estória de vocês está ficando cada dia mais interessante... isso ainda vai dar em casamento.
- Há-há-há, tu tens cada idéia, Chico...

Eu liguei o som, botei um STP pra rolar, deitei na rede e fiquei conversando potoca com Chico. Depois fui ao apê de Manuel e Lauro a dim de realizarmos a nossa semanal sessão de discussão de assuntos aleatórios, uma das últimas daquele semestre.

Aquele final de ano foi indescritível. Longas noites, gagá desespero, sempre de olho nas faltas para não estourar os limites... quando os exames acabaram eu achava que tinha me saído bem em 2 matérias, mal em outras 2 e na calcinha nas 2 restantes. Fui falar com meu conselheiro, contei como eu achava que tinha ido. Ele tentou ser positivo:

- Celso, esse semestre sempre é o mais difícil, pra todo mundo. Talvez não tenha sido tão ruim quanto você está pensando que foi.
- Eu não sei, Mestre, eu continuo achando que fui muito mal.
- Eu sei que você não estourou em faltas.
- Não, eu controlei de perto.
- Isso é bom. Você sempre foi um bom aluno, Celso, nunca teve problema nenhum na escola, tem um conceito excelente... às vezes isso acontece mesmo. E às vezes a gente pensa que foi muito mal, mas não foi tão mal assim, a diferença foi pouca.
- Eu espero que sim.
- Agora você tem que parar de se preocupar com isso e se preparar para fazer uma boa viagem pra Europa. Você tem que aproveitar bastante essa oportunidade única, isso vai ser muito bom pra sua formação como engenheiro e como pessoa. Você vai fazer o programa francês?
- Vou, e o inglês também.
- Excelente, você vai gostar muito.

Eu saí da sala dele me sentindo melhor, mas ainda estava preocupado, e ainda ficaria assim por mais algumas semanas, até saber o que ia acontecer comigo. Encontrei o professor de Instrumentação no corredor, que também me desejou uma boa viagem.

- Você já escolheu o seu TG? Eu tenho um trabalhinho muito interessante pra você – ele ficou com aquele risinho maroto, pois sabia que eu gostava do assunto.
- Já escolhi sim, Mestre, vou fazer lá na Física. Mas obrigado por ter pensado no meu nome.
- Física? Você tem que fazer algo aqui com a gente, na MEC. Em que área?
- Plasma.
- Menos mal... mas não escapou de mim não, eu sempre faço parte da banca nos trabalhos em Plasma.
- É mesmo? Eu não sabia disso, você é autoridade em Plasma também?
- Hum-hum... boas férias, Celso.
- Boas férias, Mestre.

E logo depois encontrei com o professor de P.O., que veio com proposta semelhante.

- Você já escolheu o seu TG? Eu tenho um trabalhinho muito interessante pra você.
- Já escolhi sim, Mestre.
- Instrumentação? – pelo visto ele me viu conversando com o outro professor.
- Não, vou fazer lá na Física. Mas obrigado por ter pensado no meu nome.

- Física? Você tem que fazer algo aqui com a gente, na MEC. Em que área?
- Plasma.
- Plasma?! – ele me olhou esquisito – você acha isso mais interessante que P.O.?
- Mestre, segundo suas próprias palavras eu já conseguiria resolver 95% dos casos de P.O., não é mesmo? Eu achei que podia aprender algo novo...
- Hum... é verdade... boas férias, Celso, eu vou achar outra vítima, quer dizer, outro aluno.
- Boa sorte, Mestre.

Eu voltei pro H8 acreditando que meu conselheiro estava mesmo certo. Eu era um bom aluno, e tinha um conceito excelente, pelo menos ali na MEC e na Física, senão não teria alguns dos mais temidos e respeitados professores do ITA me oferecendo TGs. Eu concluí que teria boas chances de sobreviver desde que me saísse bem em ELE-18. Eu tinha feito um bom exame e não estava precisando de mais que I pra passar. Tá certo que eu e Angelina havíamos incinerado um Zener no lab, a gente esqueceu de aterrar o coitado, e ele acabou morrendo queimado. Mas aquilo tinha sido só um detalhe, não iria torrar o meu bom conceito, nem o dela.

Quando cheguei no apê Chico também estava apreensivo, eu sugeri que ele fosse conversar com o conselheiro dele, talvez ele ficasse melhor. Eu não sei se ele foi ou não, mas ele continuou com a mesma cara, e só melhorou o astral quando chegamos em Lisboa dias depois.

Arrumei minha mochila, usando a sábia regra dos 3 (3 calças, 3 cuecas, 3 pares de meia...). Chequei o peso, tava ideal, dava pra segurar com uma mão só. Depois fui despedir-me de Fabrício e Marcos, que iriam morar conosco no ano seguinte:

- Boas férias, a gente se vê no ano que vem, pessoal.
- Boa viagem, Celso. Você vai ficar com o sarcófago? – Fabrício me perguntou.
- Não, eu vou ficar no meu quarto mesmo, com a minha fiel companheira de 4 anos, a geladeira.
- E Chico? – ele continuou.
- Ele também vai ficar no quarto dele, com 1 de vocês.
- Então nós ficamos no sarcófago, e Beto fica no quarto de Chico, aturando as neuras dele – Marcos concluiu a arrumação do apê.

Depois conversei com Rai, Marcelo Seno, Camilo, Ruizola, Renato, Marta e vários outros colegas do quinto ano, alguns dos quais eu nunca mais veria novamente. Por fim fui falar com Tino, que para felicidade de todos havia conseguido terminar de escrever o TG.

- Celsão, valeu por tudo.
- Eu é que agradeço, Tino.
- Cuidado lá em Amsterdão...
- Pode deixar, velho, eu não ficar doidão não.
- A gente se vê na praia, me liga quando voltar pra casa.
- Com certeza, Tino, boa festa amanhã – demos um longo abraço – mande lembranças para Elisa.

Na manhã seguinte Chico e eu despedimo-nos de Paulão e Fabio. Nosso ônibus ia sair cedo pro Rio, e nós iríamos perder a formatura deles.

- A gente volta aqui em março pra pegar as nossas coisas – Paulo comentou – vê se vocês agarram umas italianas por nós.
- Que conversa é essa, rapaz? Tu não sabes que eu sou comprometido, e fiel? – Chico não perdeu a chance para destilar mais uma dose de cinismo e sarcasmo.
- “Au revoir, Celson”.
- “A bientôt, Monsieur Fabiô”.

Fabio e eu trocamos um longo abraço, quase tão longo quanto os 4 anos de saudável convivência que desfrutamos no 228. Eu sabia que iria sentir a sua falta no ano seguinte, quando retornasse ao H8, da mesma forma que eu senti, ou melhor, nós 2 sentimos a falta de Ricardo no começo daquele ano. Mas ao mesmo tempo eu também sabia que nós seríamos amigos pra sempre, mesmo se passássemos 5, 10 ou 15 anos sem nos vermos.

A ida pro Rio foi longa, aquela ansiedade toda com a viagem, as preocupações... mas todos pareciam estar felizes. Eu estava, e muito. E fiquei ainda mais depois que entramos no C130 da FAB e ele decolou. Aquela viagem iria mudar a minha vida, iria mudar todos nós.

Enquanto os colegas batiam palmas e gritavam de alegria eu pensei em Ricardo e comecei a sorrir. Não por causa da estória da sueca no trem, que eu sabia que era fictícia, mas sim porque lembrei de uma das filosofias baratas que ele havia escrito no armário dele quando voltou da Europa: “The world has to be seen to be understood”. Ele disse que tinha visto aquilo no quadro de avisos dum albergue na Espanha.

Eu iria ver um bom pedaço do mundo naquelas férias, e iria ver muito mais que ditados bostejativos nos albergues da Espanha, muito mais... mas muito mais mesmo.

Alegria, Alegria

A viagem foi boa, apesar daquela expectativa toda. Eu lembrei de Ricardo o tempo inteiro, pois ele sempre dizia que toda vez que ele ia ou voltava do Rio tinha a sorte de sentar ao lado de uma loura maravilhosa dos olhos azuis. Ou verdes, e que invariavelmente se apaixonava por ele.

E pela primeira vez aquilo tinha acontecido comigo. Não era uma loura maravilhosa dos olhos azuis, e sim uma morena maravilhosa dos olhos castanhos, cabelos escuros, na altura dos ombros. Mas mesmo assim me fez pensar que aquelas estórias de Ricardo podiam mesmo ser algo mais que simples produtos de uma imaginação fértil e ociosa.

Ela era muito simpática também, logo depois que sentou me ofereceu um chiclete. Eu nunca gostei muito de ruminar, mas aceitei assim mesmo, pois sabia que era apenas um pretexto pra puxar conversa.

Ela falou que tinha passado em Engenharia Química na USP, e que estava indo passar as festas de fim de ano com o pai. Eu falei que também era estudante de Engenharia, mas que ainda não estava certo sobre qual modalidade iria seguir.

Conversamos sobre variados assuntos, foi bom para passar o tempo e para desviar um pouco a minha atenção do problema que tanto me preocupava. Quando chegamos ela me deu o telefone da casa do pai dela, o telefone da casa da mãe dela em Sampa e me pediu o telefone da casa dos meus pais. Eu realmente tinha achado a menina muito bonita e simpática, mas minha cabeça tava muito cheia de problema e eu não estava a fim de arrumar mais outro. Eu pensei em passar o telefone de Neno pra ela, mas desisti, Neno não ia saber o que fazer com uma gata daquelas. E foi por isso que eu acabei passando o telefone de Danilo, se ela ligasse mesmo ele ia saber cuidar do assunto.

- Eu ligo depois de amanhã, Celso – ela prometeu, depois me deu 1 beijinho no rosto – Feliz Natal!
- Pra você também, Laura, mas aqui a gente dá 2 beijinhos – eu mostrei como era que se fazia.
- Da próxima vez eu já sei – ela sorriu e foi embora.

Meu irmão estava me esperando, coloquei as coisas no carro e fomos pra casa. Eu tava tão cansado que nem quis ir à praia, fiquei conversando com meus pais. Depois tomei um banho e fiquei ouvindo música. Minha mãe tinha feito uma daquelas tortas de chocolate que eu adorava e aquilo foi o bastante pra mim.

De noite Neno e Danilo apareceram lá em casa. Nós ficamos papeando um pouco e quando eles estavam de saída eu alertei Danilo:

- Fica ligado.
- Pode deixar, se ela ligar eu te aviso.

Mas eu não conseguia parar de pensar em Maria Luiza, nem por 1 min sequer. Resolvi ligar para ela, mas ela não tinha novidades, e não conversamos muito.

- *Feliz Natal, Celso.*
- Feliz Natal, Lú.

A casa ficou cheia de gente, meus tios e tias, primos e primas... todo mundo falando que eu estava mais alto, mais magro. Eu estava me sentindo mais velho. Minha avó disse que eu tava com uma cara triste, mas eu falei que era cansaço.

Eu pensei em ligar para Carolina, mas logo mudei de idéia. Aquele não era um bom momento para conversar com ela, seria melhor aguardar mais uns dias.

Depois da ceia meu irmão falou que estava indo para uma festa na casa da namorada dele, mas eu não estava em clima de festa, e achei melhor ficar em casa mesmo.

Aos poucos os familiares foram saindo, eu dei boa noite pros meus pais e fui pra cama. Aquele havia sido o ano mais longo da minha vida, e ainda estava longe de acabar.

Acordei cedo, cansado, não havia dormido direito, tinha passado a noite tendo pesadelos. Achei que devia ter sido efeito da ceia, ou então da quantidade exagerada de torta de chocolate que eu havia ingerido no dia anterior. Meu irmão ainda estava dormindo, meus pais também.

Decidi dar um pulo na praia, a água salgada com certeza ia ajudar a restaurar as minhas forças. Voltei pra casa lá pelas 9:30, ainda não estava em condições de encarar o sol forte do verão. Meus pais haviam saído, e meu irmão ainda estava na cama, aquela festinha devia ter sido boa. Comi umas frutas enquanto tentava calcular qual seria o limite de velocidade do controle remoto. O telefone tocou e eu fui correndo atender. Era minha madrinha, queria me desejar Feliz Natal novamente. Coisa que eu tinha certeza que ela já havia feito pelo menos umas 5 vezes na noite anterior, mas não comentei nada.

Aquele dia tava prometendo ser longo, muito longo. Tentei ler, tocar violão, fui olhar minhas mensagens... nada fez o tempo passar mais rápido. Meus pais voltaram, meu irmão acordou, nós trocamos presentes, degustamos as sobras da ceia, eu liguei a televisão de novo, ainda não tava passando nada de bom. Eu achei que ia precisar de muito mais água salgada.

Quando eu voltei da praia meu irmão falou que tinham ligado pra mim. Meu coração disparou.

- Quem foi?? Deixou recado?
- Foi uma maria com sotaque de paulisssta, disse que ligava mais tarde.

E tentei ligar pra Lú, mas só dava ocupado. Fui tomar um banho, mas assim que fechei a porta o telefone tocou de novo, e meu coração disparou mais uma vez. Eu abri a porta ligeiro e fui atender, meu irmão ficou me olhando com uma cara esquisita.

- Alô!
- *Celso? Feliz Natal!*
- Feliz Natal, Cristina. Tudo bem por aí?
- *Tudo bem, e você? Eu liguei antes, mas você estava na praia.*
- Foi...
- *Você não enjoa de praia, Celso? Depois de passar dias e dias no litoral com a Lú...*
- Você tem falado com ela?
- *Eu liguei pra ela ontem, mas não conversamos muito, ela tava meio monossilábica.*
- Sei...
- *Tem alguma coisa errada entre vocês?*
- Não, Cristina, tá tudo bem...
- *Tá bom, então, a gente se fala depois, um beijo.*
- Outro.

Tomei um banho rápido e fui ouvir um sonzinho na sala, de telefone na mão. O danado tocou umas 20 vezes: amigos, parentes, todos desejando votos de boas festas. A noite caiu e nada de Maria Luiza. Meu pai nos chamou para dar uma volta no centro, ver as decorações natalinas. Quando voltamos eu chequei minhas mensagens, nenhuma novidade. Em pensei em ligar para ela, mas a hora já estava um pouco avançada. Eu estava cansado, já nem lembrava mais quando tinha sido a última vez que tinha dormido direito. E aquela noite não foi diferente, no dia seguinte eu acordei mais cansado ainda, tarde, depois das 10, e achei que nem o Oceano Atlântico inteiro iria me ajudar a me sentir melhor.

Eu tava comendo algo quando o telefone tocou, eu nem tinha mais ânimo pra levantar e atender. Meu irmão me passou o telefone:

- É a paulistinha de novo.
- Oi, Cristina, eu não sabia que você ia ficar com tantas saudades assim...
- *Cristina!? Sou eu, Celso.*

Meu coração disparou quando ouvi aquela voz, eu comecei a achar que tava no caminho certo pra ter um ataque cardíaco antes do final do ano.

- Lú?! Foi mal, é que a Cristina me ligou ontem... – eu levantei e fui pro meu quarto.
- *Eu tenho uma notícia pra você...* – ela fez um pouco de suspense, que eu achei totalmente desnecessário.
- Boa ou ruim? – fechei a porta, liguei o som.
- *Boa, quer dizer, ótima... a maré vermelha chegou, ontem à noite.*

Eu não consegui falar por uns instantes, ela também não, parecia que também estava soluçando. Eu enxuguei os olhos, respirei fundo e disse, devagar:

- Que bom, Lú, que notícia boa.
- *Eu não liguei ontem porque já estava muito tarde...*
- Tudo bem, tá tudo bem agora, Lú.

- *Eu sei, Celso, eu sei* – ela fez uma pausa, soluçou mais um pouco, depois mudou o assunto – *Celso, eu andei pensando sobre os nossos planos de passar o Carnaval em Olinda...*
- E??
- *Eu acho que não vai dar...*
- Não?!
- *Eu acho que seria melhor a gente dar um tempo...* – aquilo não soou nada bem.
- Dar um tempo...
- *É, essa coisa toda mexeu muito com a minha cabeça, eu quero pensar melhor nas minhas prioridades...*
- Sei...
- *Quando começarem as aulas a gente conversa melhor.*

Eu fiquei achando que o tempo T que ela tava falando ia acabar tendendo ao infinito. Ela tinha melado o carnaval, daí pra melar o resto faltava pouco. Mas na hora eu tava me sentido muito bem pra ficar preocupado com aqueles detalhes. Eu estava muito feliz mesmo, todas aquelas preocupações dos dias anteriores, aquela neura intensa... tudo aquilo era coisa do passado.

- Foi só um susto – eu falei pra mim mesmo.

Mas aquele susto iria nos afetar pro resto da vida. Nós iríamos passar uma boa parte dos anos seguintes com um enorme receio de passar por aquilo novamente. E a distância entre nós iria aumentar consideravelmente por causa daquilo.

Danilo apareceu em casa naquela noite, disse que Laura havia ligado e que eles haviam combinado sair. Ela havia falado que iria levar uma amiga, daí o motivo por que ele tava precisando da minha ajuda.

- Eu falei que eu era tu, eu acho que ela não notou a diferença da voz.
- E agora? Quem é quem?
- Agora eu sou eu e tu és tu, tá ligado? – ele explicou.
- E como é que ela estava?
- Ela me pareceu um tanto quanto “caliente”, deve estar querendo provar os frutos da terra, hé-hé.
- E a amiga?
- Mora no prédio do pai dela, não faço a mínima idéia...
- Vai ver que elas só querem sair mesmo...
- Pode ser... de qualquer jeito eu acho que a gente devia ir naquele barzinho novo que tem música ao vivo.
- Vamos nessa, então.

Eu passei a noite toda pensando no que Maria Luiza havia me falado, mas mesmo assim me diverti. Laura e a amiga adoraram o barzinho, gostaram da nossa companhia... ninguém azarou ninguém, mas quando as deixamos de volta elas nos perguntaram se gostaríamos de sair de novo na noite seguinte. Coisa que Danilo e eu não havíamos previsto, mas nem por isso deixamos passar em branco, é claro.

- Nós poderíamos ir ao mesmo lugar de novo, eu gostei muito de lá – Laura propôs.
- Então tá, amanhã a gente vai de novo – confirmei.

E lá estávamos de novo na noite seguinte, só que daquela vez o clima estava um pouco diferente. Aqueles olhares não tão discretos, sorrisos a troco de nada... eu não sabia quem tava azarando quem, mas que ia rolar algo ia sim. E quando elas foram ao toalete Danilo e eu ficamos especulando sobre o assunto:

- E aí, Celso, que é que tu achas?
- Eu acho que hoje elas estão mais animadinhas que ontem...
- Isso eu sei, o que eu quero saber é quem vai apertar quem...
- Eu aposto que elas tão falando a mesma coisa, Danilo...
- Eu gostei mais de Laura...
- Peraí, velho, eu vi primeiro.
- É, mas fui eu quem desenrolei a saída... se bem que Mariana não é nada mal...
- É, aquele jeitinho quietinho dela não me engana, aquela menina deve ser uma quenthura.
- Minha mãe sempre diz que as mais quietinhas são as mais perigosas...
- Minha mãe também... bom, a gente não vai brigar por causa de mulher, né?
- Claro que não!
- Então eu sugiro a gente dar uma de cavalheiro e deixar que elas façam a escolha... pra mim tanto faz, mulher é tudo igual mesmo, só muda o nome...
- O nome e o endereço, tá ligado? – Danilo finalizou a discussão.

Elas voltaram com cara de decididas, Laura me puxou pra dançar e Mariana ficou na mesa conversando com Danilo. Eu dei início ao processo amassativo: alisei as costas dela bem devagar, dei-lhe uns beijinhos no pescoço... Danilo e Mariana começaram a dançar também, e eu achei que estava tudo arrumado. Mas quando acabou a música eu senti alguém tocar no meu ombro:

- Deixa eu dançar essa música com Celso – Mariana olhou pra Laura e as 2 sorriram em cumplicidade.
- Claro, Mariana – Laura falou, olhando pra mim, querendo ver como eu ia reagir.

Eu dei um sorriso de leve, soltei-a delicadamente e segurei a mão de Mariana. As 2 sorriram de novo, parecia que estava tudo em paz. Eu resetei o processo, fiz os ajustes necessários devido à mudança de matéria-prima, e em pouco tempo estava saboreando a fruta da terra, deliciosa por sinal. Depois de uns 3 min nós abrimos os olhos e demos uma conferida em Danilo e Laura. Eles pareciam estar menos preocupados conosco.

Aquelas saídas com Laura e Mariana tinham sido boas pra recalibrar o mulherômetro, que estava meio desregulado depois daquele tempo todo em São José. Mas no dia seguinte eu achei que estava na hora de ligar pra Carolina, eu realmente estava com saudades dela, não havia falado com ela desde o seu aniversário.

- *Carolina saiu, Celso.*
- Você sabe quando ela volta, Ana?

- *Ela disse que estaria em casa antes das 7:00.*
- Tá bom, eu ligo mais tarde.

Danilo me ligou e disse que ia precisar da minha ajuda novamente.

- Eu não sei, Danilo. Eu estou precisando falar com Carolina...
- *Que Carolina que nada, meu irmão, aquela mulher não quer mais nada contigo, com certeza já arrumou outro.*
- Pode ser, mas eu quero falar com ela.
- *E o que é que eu falo pra Laura?*
- Não fala nada ainda, deixa eu falar com Carolina primeiro.
- *E aquele papo de que mulher é tudo igual...*
- E é mesmo, menos Carolina... e Maria Luiza.
- *Pensando bem até que elas se parecem um pouco...*
- Carolina e Lú? Não tem nada a ver...
- *Não, aruá, Carolina e Mariana, o cabelo, o rosto, os olhos... a bunda, hé-hé.*
- É, até que elas não tem nada a ver uma com a outra.
- *Não tem nada a ver!? Se colocarem as duas juntas vão dizer que são gêmeas.*

Eu parei e pensei um pouco... elas se pareciam mesmo, que coincidência. Eu liguei para Tasso para conversar potoca e depois das 7:00 liguei pra Carolina novamente.

- *Oi, Celso, chegou quando?*
- Na véspera do Natal...
- *E só me ligou hoje?*
- É... eu tive que resolver uns assuntos antes...
- *Sei, sua namoradinha não deixa mais você nem falar comigo?* – eu senti uma leve ironia na sua voz.
- Não é isso, Carolina... na verdade nós não estamos mais juntos.
- *O que foi que aconteceu?*
- Eu não sei, ela disse que queria dar um tempo...
- *Sei, e você agora precisa de um ombro amigo pra chorar...* – ela começou a rir.
- Não, Carolina, eu só queria conversar com você, mas estou vendo que vai ser difícil...
- *A gente podia sair amanhã, tá bom pra você?*
- Amanhã? Eu tava pensando em hoje à noite...
- *Hoje eu já tenho um compromisso...*
- Sei... – eu lembrei das palavras de Danilo, na certa ela estava com alguém.
- *Eu vou sair com o pessoal lá da escola... a não ser que você queira se encontrar com a gente...*
- Para onde vocês vão?

Eles iam justamente ao barzinho que Laura e Mariana haviam gostado. Eu falei para Carolina que ia aparecer por lá. Depois liguei pra Danilo e perguntei pra onde as meninas queriam ir.

- *Adivinha...*

- Não é possível, de novo? Carolina vai pra lá também...
- *Ah... ela tá com alguém?*
- Eu não sei, ela disse que ia sair com a turma da faculdade. Eu não quis perguntar mais detalhes.
- *Essa eu não perco por dinheiro nenhum... eu passo por aí lá pelas 10:00.*

Quando chegamos lá o lugar tava lotado, gente dançando em cima das mesas, som nas alturas... as meninas acharam o máximo.

- Celso! Celso! – Laura teve que gritar para eu escutar.
- O que foi, Laura?
- Esse lugar é muito massa, velho, tá ligado? – ela falou imitando o sotaque local, eu comecei a rir.
- Só, meu, vamos tomar 1 chopes – eu retribuí a gentileza.

Depois de uns 15 min eu consegui localizar Carolina. Acenei e ela veio em nossa direção. Parou junto da gente e ficou olhando pra Mariana, que parecia que estava vendo um fantasma. Danilo tinha razão, elas se pareciam mesmo. Eu apresentei-a às meninas, pedi licença e saí com ela, não dava pra conversar ali dentro.

- Celso, essa menina é a minha cara...
- Pois é, que coincidência...
- Vocês estão juntos, não é? – eu sabia que ela ia falar aquilo.
- A gente se agarrou ontem, mas não foi nada demais... você está com alguém?
- Eu não sei ainda... – ela ficou me olhando no fundo dos olhos – o que foi que aconteceu com aquela menina do ITA?
- Eu acho que não deu certo... eu acho que você estava certa quando disse que eu gostava mais do que ela representava pra mim do que dela mesma... como assim, não sabe ainda?
- Tem um cara lá da escola que tá dando em cima de mim, eu ainda não sei se vai acontecer alguma coisa...
- Você gosta dele? – eu achei que não, mas queria ouvir a sua resposta.
- Ele é legal... – ela sorriu, pois sabia o que eu ia dizer.
- Não foi isso que eu perguntei, Carolina – eu sorri também, pois sabia o que ela ia dizer.
- Não, eu não gosto dele... mas o cara que eu gosto não está disponível no momento, e mesmo se estivesse eu não sei se iria dar outra chance pra ele – ela parou de sorrir, ficou me olhando – eu não sei se você merece outra chance, Celso.
- Todo mundo merece uma segunda chance, Carolina – eu continuava sorrindo – até eu.
- E o que é que seria diferente desta vez, Celso? Você mal chegou aqui e já arrumou uma sósia minha... essa menina parece mais comigo do que a minha própria irmã!
- Foi só pra ajudar Danilo, se você quiser eu digo pra ela que...
- O que é que você quer, Celso!?
- Eu só queria conversar com você, Carolina, saber se você está bem... eu não tenho nenhuma outra pretensão em relação a nós 2, apesar de gostar muito de você... você

mesma disse, eu já tive a minha chance – eu tive que ficar sério pra falar aquilo tudo – e você também disse que aquele beijo não ia mudar nada.
- Eu acho melhor a gente voltar lá pra dentro – ela falou aquilo mas ficou parada, os braços cruzados, os olhos tristes, me fitando profundamente.

Eu sabia que ela estava vulnerável, e que eu tinha que agir rápido. Mas também sabia que ela não iria mover um dedo sequer pra tornar as coisas mais fáceis. Comecei a acariciar os seus longos cabelos, até as pontas, que repousavam despretensiosamente por sobre seus braços, que permaneciam cruzados. Acariciei o braço, em movimentos circulares, apertando levemente no final de cada ciclo, meu polegar quase raspando numa área mais sensível. Ela baixou o olhar, olhou para a minha mão, depois levantou o olhar novamente.

Eu cheguei mais perto dela e beijei-lhe os lábios, várias vezes. Descruzei seus braços lentamente, segurei suas mãos bem firme, beijei seu rosto. Ela fechou os olhos, eu senti seu coração bater mais forte. Eu apertei seu corpo contra o meu e beijei a sua boca.

Aquele foi o beijo mais gostoso da minha vida, e o mais importante também. Aquilo tinha que mudar algo. Depois de um tempo ela falou algo:

- Eu realmente tenho que voltar lá pra dentro, Celso, as meninas não gostaram muito daqui e estão querendo ir pra outro lugar.
- E quando é que a gente se vê? – eu dei mais um outro beijinho nela.

Ela segurou meu rosto e me deu um beijo daqueles bem molhados, mas curto, só pra me fazer ficar na vontade.

- Ligue pra mim amanhã... eu vou pensar no seu caso. Mas não vai ser assim tão fácil, nem se anime muito... – ela finalmente sorriu de novo.
- Tá certo, Carolina.
- E tem outra coisa, se eu souber que você ficou com essa cópia depois de ter beijado a minha boca...

O ano finalmente tinha acabado, só faltava esperar o calendário se aperceber daquele fato, o que ainda ia demorar alguns dias. Tempo suficiente para eu pensar nas minhas 2 resoluções de ano novo.

Feliz Ano Novo

Carolina e eu passamos o ano novo juntos, fomos assistir o espetáculo pirotécnico na praia. Depois fomos a uma festa num barzinho de um amigo meu. Eu sabia que não ia ter festinha a 2, ela ainda estava chateada, regulando, disse que nós teríamos que recomeçar do 0.

Eu contei-lhe minhas 2 resoluções: a primeira seria cultivar melhor a nossa relação. A segunda seria ser mais participativo nas atividades do CASD. Ela nunca me contava as suas, dizia que se falasse ia ser mais difícil mantê-las. Mas aparentemente gostou das minhas, apesar do olhar esquisito que ela fez, como se estivesse duvidando de mim:

- Você vai ter que fazer muito mais que isso, Celso.
- Eu sei, Carolina – eu disse enquanto brindávamos – Feliz ano novo!
- Feliz ano novo, Celso – ela me deu um beijinho – você ficou com aquela menina depois que eu fui embora, não foi?
- Foi... mas aquela noite foi a última vez.
- Sei... e você chama isso de cultivar melhor a nossa relação...? – ela continuou sorrindo, mas acrescentou uma leve ironia na voz.
- Bom, em primeiro lugar aquilo aconteceu no ano passado, antes de eu ter anunciado a minha resolução de ano novo. E tecnicamente nossa relação só começou, ou recomeçou, na noite seguinte.
- Você pensa que tem resposta pra tudo, não é?
- Não, Carolina, claro que não...
- E você acha que eu sempre vou estar disposta a ignorar esses seus vacilos...
- Espero que sim... quer dizer, nada disso iria acontecer se você quisesse...
- Você acha que isso ia mudar alguma coisa?
- Eu acho que sim, Carolina.
- O que é que ia mudar, exatamente? – ela esticou a perna por sobre a minha.
- Pelo menos quando você me apresentasse para suas amigas você iria dizer: “Este é Celso, meu namorado”... – eu ri e segurei a sua mão, os dedos entrelaçados.
- Meu namorado... – ela ficou rindo como se eu tivesse acabado de contar uma piada bem engraçada – e a sua amiguinha do ITA?
- Eu mandei uma mensagem de ano novo pra ela.
- E?
- Ela não respondeu...
- Vai ver que ela tá ocupada, Celso, vai ver que ela arrumou outro...
- É, vai ver...
- Você vai me dizer o que foi que realmente aconteceu de errado com vocês? – ela parou de rir por um instante, ficou me olhando.
- Eu não posso, Carolina, foi muito pessoal... – eu baixei os olhos, fiquei passando a ponta do dedo na taça.
- Eu entendo... – ela sorriu de novo, depois levantou o meu queixo e me deu um beijo – tá bom então, contanto que você não transe com ela novamente.

Naquele momento o meu amigo dono do bar aproximou-se para os cumprimentos da hora:

- Feliz ano novo, Celso.

- Feliz ano novo, Marcelo. Esta é Carolina...
- Oi, Marcelo, eu sou a namorada dele – ela olhou pra mim e verificou a minha feliz reação às suas palavras – gostei muito deste lugar.
- Beleza, seja bem vinda, Carolina, se quiser ouvir alguma coisa especial peça pro Celso que ele coloca.
- Obrigada, vou pedir sim.
- E essa garrafa é por conta da casa... divirtam-se.
- Valeu, Marcelo.

Antes de sentarmos de novo ela me abraçou e ficou me olhando bem no fundo dos olhos. Depois sorriu de leve e reiniciou a conversa:

- Você gostou de ter ouvido aquilo, não foi?
- Gostei sim, foi especial de ano novo ou...
- Eu não sei ainda... vamos ver... quem sabe, se você se comportar direitinho... – ela intercalou as frases com beijinhos, querendo disfarçar que também tinha gostado.

Nós conversamos mais um pouco e depois fomos escolher uns vídeos. Marcelo tinha uma grande coleção de clássicos, alternativos, clássico-alternativos... Carolina disse que queria ver algo animado, pra cima, pra começar bem o ano. Nós ficamos por lá até o sol nascer, e depois fomos tomar um banho de mar para finalizar o ritual de passagem de ano.

Aquele ano havia começado bem, e iria terminar melhor ainda. Mas não ia ser fácil, ia ser ainda mais difícil que o anterior, e mais sacal, também.

As férias estavam muito boas: praia, sol, ondas, festas, Carolina... eu revi o pessoal com quem eu costumava tocar antes de ir pro ITA. A namorada de Neno gostava de dar festas na casa dela, e sugeriu que nós nos reuníssemos e tocássemos em uma das festas. Nós achamos a idéia boa, e, para surpresa de todos, ainda conseguimos nos sincronizar razoavelmente bem. Até na hora de cair na piscina caímos todos ao mesmo tempo, e depois saímos e jogamos todo mundo na água, parecia até aqueles fins de noite no Feijãozinho.

Eu sentia falta dos amigos do H8, mas sabia que tinha que aproveitar ao máximo aqueles meses longe do ITA. Alex havia me ligado, disse que ele e outros colegas da turma tinham ido dar trote nos bichos, perguntou se eu não ia também... eu falei que tinha muita coisa melhor pra fazer e sugeri que ele fosse pegar um solzinho. Maria Luiza nunca respondeu a mensagem que eu havia mandado, por uns dias eu fiquei achando que ela ainda devia estar sob os efeitos do pseudo bizuleu. Mas depois eu comecei a pensar que ela havia decidido esquecer a coisa toda, tudo o que havia acontecido conosco, e me convenci de que seria melhor eu fazer o mesmo. E quanto mais tempo eu passava com Carolina mais eu acreditava que nós iríamos ficar juntos apesar de todas as dificuldades, e que Maria Luiza tinha sido apenas uma dificuldade a mais. Eu estava duplamente enganado, e ia demorar quase 2 anos para me convencer daquilo.

Carolina e eu passamos uns dias juntos na praia, mas ela continuou regulando. Eu estava curioso pra saber quanto tempo ela ia conseguir ficar sem a RRR, mas ela nem tocava no assunto. Na hora de dormir ela rezava, me dava um beijo de boa noite e me desejava bons

sonhos. E sempre acordava antes de mim e se levantava rapidinho, não me dava nem a chance de tentar uma sedução matinal. Mas eu sabia que aquela greve de fome iria acabar mais cedo ou mais tarde, provavelmente no carnaval.

Foi uma semana antes do carnaval, eu liguei pra ela e ela disse que estava a fim de ir ouvir um jazz que estava rolando num barzinho perto da minha casa:

- *Fica mais prático eu passar aí e pegar você* – foi o que ela sugeriu.

E foi o que ela fez, mas não quis entrar, disse que ainda não estava pronta para conhecer os meus pais. Ela estava diferente, eu não sabia bem o que era, o jeito que me olhava. E estava de vestido... eu nunca havia visto Carolina de vestido antes. Shruiu!!

Eu ainda não conhecia o lugar, mas gostei. O som estava excelente, o baterista era um amigo meu de longas datas, quando me viu acenou com a cabeça. Ela pediu um alexander e eu acompanhei-a. Ficamos conversando potoca e curtindo jazz. Quando a banda fez o intervalo o meu amigo veio me cumprimentar:

- Fala aí, Celso, como está lá no ITA?
- O primeiro ano foi tudo bem, Sérgio. Essa é Carolina, minha namorada.
- Muito prazer, Carolina.
- Igualmente, Sérgio. Vocês tocam muito bem.
- Muito obrigado... e você, Celso, continua tocando guitarra?
- Sempre que possível...
- Eu deverei ir a São José dos Campos este ano, em maio, uma das bandas locais me convidou pra fazer uma turnê com eles, tá ligado?
- Quando chegar por lá me avise, eu vou te levar pra comer a melhor pizza do mundo.
- Com certeza, Celso. Bom, eu vou deixar vocês a sós, até mais.
- Até mais, Sérgio.
- A gente se vê em São José, velho.
- Você gostou daqui? – ela perguntou depois que Sérgio saiu.
- Claro, som bom, companhia agradável... o que mais que eu poderia querer? – eu olhei pra ela com uma cara despretensiosa.
- Eu não sei... outro alexander? – ela retribuiu o olhar.
- Boa idéia – eu fiz um sinal pra garçonete, ela trouxe mais 2 – eu acho que você tá querendo me embebedar, Carolina.
- E pra quê eu ia fazer isso? – ela acariciou minha mão enquanto falava.
- Eu não faço a mínima idéia...

Naquele instante a banda deu sinais de que estava voltando a tocar. O meu percurssionista amigo Sérgio fez um quase discreto anúncio ao microfone, olhando em nossa direção:

- Essa música nós dedicamos à Carolina.

Todo mundo olhou para ela, que tentou disfarçar a surpresa. Eu sorri solidário, pois já esperava que Sérgio fizesse algo do gênero. Eles começaram a tocar “Summertime”, nós

ficamos em silêncio, de mãos dadas, olhando um para o outro. Quando eles acabaram ela fez um gesto agradecendo a cortesia, e depois voltamos a conversar:

- O que é que a gente tava falando mesmo? – ela fingiu que tinha esquecido.
- Você ia me dizer que estava querendo me embriagar e levar pra cama...
- Você é muito pretensioso mesmo, Celso, eu não estava nem pensando nisso – ela sorriu como quem queria dar a entender que estava pensando naquilo mesmo.
- Nisso o quê, me embriagar ou me levar pra cama?!
- Nenhuma das 2 opções... mas até que não seria uma má idéia.
- O que não seria uma má idéia, Carolina?
- Isso que você está pensando...
- Você está falando sério? – eu achava que ela estava, mas aquilo tudo ainda podia ser uma elaborada forma de me sacanear.
- O que é que você acha, Celso? – ela me deu um beijinho e depois sussurrou no meu ouvido – adivinha o que eu tenho aqui na minha bolsa...

Aquele CD salvou o dia, mais uma vez. Carolina estava mesmo falando sério, muito sério. E havia preparado uma surpresinha para mim: um strip. Ela ajustou as luzes, colocou "Sensible shoes" pra tocar e mandou ver. E eu vi mesmo, tudinho, não foi daqueles strips incompletos não, tipo "topless" apenas, foi pra valer mesmo. Eu de imediato deduzi a equação Atraso+Jazz+2xAlexander=Strip.

Quando acabou a segunda música ela sentou no meu colo e me deu um beijo na boca. Aquele foi o beijo mais gostoso da minha vida, e mais dinâmico também. Shruiu!!

Quando acabou a terceira música ela deitou-se ao meu lado, fechou os olhos, levantou as pernas, colocou as mãos na barriga e respirou fundo. Depois de uns 2 min ela sentou. Eu repousei minha cabeça sobre a sua perna e fiquei admirando a área definida pela marquinha do biquíni. Ela sorriu, pegou a minha mão e colocou-a sobre a referida área. Ficou olhando como se estivesse medindo algo, passou pro outro lado, olhou de novo, pegou a outra mão e repetiu o procedimento:

- Eu sabia... – ela sorriu triunfante.
- Sabia o quê? – eu não estava entendendo nada.
- Você viu como encaixou direitinho? Não sobrou nem faltou nada.
- E daí, Carolina?
- E daí que nós somos perfeitamente compatíveis – ela me olhou como se estivesse me falando a coisa mais óbvia do mundo – você não conhece essa teoria?
- Nunca ouvi falar, você tá inventando, não é? Isso é só uma desculpa pra eu ficar alisando seus peit...
- Não, é sério, foi Ana quem me disse... ela também me deu a dica do strip...
- E aonde é que Ana tá aprendendo essas coisas?
- Eu não sei, eu acho que foi com as amigas dela. Mas eu acho que até agora tá funcionando, você não acha?
- Tá funcionando muito bem... mas vamos expandir esses testes de compatibilidade para outras áreas, assim, a nível de de repente...?
- De novo? Nada como uma grevezinha para animar esse rapaz...

No dia seguinte eu ainda tava achando aquela teoria engraçada. Tentei lembrar se Maria Luiza e eu éramos perfeitamente compatíveis, mas eu não recordava mais daquele tipo de detalhe. E provavelmente nunca mais iria ter a chance de fazer aquele teste com ela. Mas aquilo não me pareceu nem um pouco importante no momento.

O carnaval estava chegando, e mais uma vez decidimos fugir do agito. A praia nos pareceu mais interessante, e também mais apropriada para quem estava querendo romancear. E é claro que eu também aproveitei pra pegar umas merrequinhas, pois o mar estava até que mais ou menos.

E no sábado depois do carnaval teve a tradicional festa na Mansão Gabirú. Eu havia perdido a festa do ano anterior, mas aquele ano ia ser diferente. Carolina nunca tinha ido naquelas festas, ficou cheia de pergunta no caminho:

- Não vai me dizer que é festa de carnaval, eu não agüento mais essas músicas...
- Não, é justamente o contrário, só rola rock 'n' roll, justamente pra desopilar de vez desse clima carnavalesco.
- E aonde é essa Mansão Gabirú?
- Na verdade não é uma mansão, é uma cobertura, fica aqui perto de casa. Gabirú é um dos caras que mora lá, o outro é o irmão dele, Zé Ativo. Tem também o Abelira, mas ele agora tá morando em Brasília.
- E você conhece essas figuras da onde?
- Dos tempos de colégio, a gente começou a pegar onda na mesma época.
- Ah, é festinha de surfista, é? Cheia daquelas meninas que não tem nada na cabeça...
- Também, tem de tudo nessas festas, tudo mesmo.
- Tudo mesmo!?
- É, tudo menos beijo de língua, você vai ver. Tasso, Danilo, Neno, Mauro e Luciana vão estar lá também.

Carolina sentiu o clima da festa quando viu a cara de travada da menina que abriu a porta.

- Feliz ano novo, Celsinho, quanto tempo... você cresceu! – minha inebriada amiga observou enquanto me abraçava.
- Feliz ano novo, Fábia, essa é Carolina, minha namorada.
- Namorada? E aquela lourinha da semana passada, quem era?
- Lourinha...?! – Carolina olhou pra mim meio de lado.
- Fábia, não começa com essas ondas...
- Brincadeirinha... vamos entrando, gente. Pessoal, Celsinho tá aqui com a namorada.

Eu falei com todo mundo, o que levou quase 0,5 hora, fazia um bom tempo que eu não via aquele pessoal. Carolina pegou vinho tinto pra nós, me fez tomar uns 3 goles.

- Celso, agora que você já desinfetou a boca vai ao banheiro e limpa os lábios. Essas suas amiguinhas são muito carinhosas pro meu gosto...
- Quer ir comigo?
- Não, Celsinho.

Quando eu voltei ela estava conversando com Fábia e outras 2 amigas minhas. Mauro e Luciana finalmente apareceram, e enquanto meu irmão falava com o pessoal Luciana ficou papeando conosco.

- Celsinho, você quer ouvir o quê? – Fábia me perguntou.
- Mirela!
- Ainda tá cedo pra Mirela... que tal “Roadhouse Blues”?
- Serve, mas depois coloca “Dreamtime”. E depois “Sinner”.

Enquanto ela foi mudar o som Carolina segurou meu braço e ficou olhando pra minha cara de babaca. Depois me mandou tomar mais vinho.

- Celsinho, sua amiga Fábia estava me contando sobre os “velhos tempos”.
- Foi? E o que foi que ela disse, exatamente?
- Ela me falou sobre as festinhas na sua casa, aqui...
- O que mais?
- Que você já se agarrou com todas essas meninas carinhosas que estão nessa festa...
- Isso é um exagero, eu nem conheço metade dessas meninas.
- E precisa? Ela também disse que era louca por você, Celsinho...
- Isso também é um exagero... você vai ficar me chamando de Celsinho pro resto da noite, é?
- Claro que não, eu só estava achando engraçado – ela sorriu e tomou um pouco do vinho – rolou um jaba-jaba entre vocês, não foi?
- Ela disse isso?! – eu fiz uma cara de surpreso.
- Não... e nem precisou.
- Foi só 1 vez, e já faz muito tempo, eu ainda nem te conhecia.
- E não deu certo?
- Não... o peito dela era maior que a minha mão...
- Ah, você já está acreditando nesta teoria?
- Funcionou neste caso.
- Tá bom... e a tal da Sheila?
- Eu namorei com ela uns tempos, foi antes de Regininha.
- Ela é tão bonitona, legal, por que vocês acabaram?
- Não foi por causa dos peitos dela... peitos dela é feio, né?
- Horrível!
- Não foi por causa dos seus peitos, os teus não, os dela, pois afinal de contas eles são lindos e deliciosos.
- Olha a folga...
- Não tanto quanto os teus, é claro... – eu aproveitei a deixa para tentar uma breve análise superficial dos mesmos, mas ela cortou a minha onda.
- Vai, fala.
- Foi por causa do nome... Sheila é nome de rapariga, não é mesmo?
- Há-há, pode crer, Sheila, Jacqueline, Eliane... mas não foi por causa disso não.
- Tá bom, foi por causa das irmãs dela.
- Como é!?
- Sério, não deu certo porque eu desenvolvi uma inadequada atração pelas irmãs dela.
- Irmãs, no plural?!

- Hum-hum, as 2 são muito gatas... ficou meio esquisito, tá ligada?
- Eu imagino... eu espero que não aconteça o mesmo com a minha irmãzinha querida.
- Eu também... bom, o importante é que ela agora está feliz, namorando com um amicíssimo meu, nós todos ainda nos falamos em bons termos – eu dei um beijinho nos seus doces lábios – e eu estou namorando com você, a mulher da minha vida.
- Até parece...
- Mas por que você está perguntando essas coisas agora, Carolina? Você nunca foi disso.
- Eu não sei, deve ser porque agora você é oficialmente o meu namorado, há-há... – ela fez um ar de mistério e continuou o seu interrogatório – e a Luluzinha, Celso?
- O que é que tem?
- Você não falou mais com ela?
- Eu mandei uma mensagem no aniversário dela, mas ela nem respondeu.
- Hum, e quando foi isso?
- Na semana retrasada.
- Você deve ter feito alguma coisa que ela não gostou, Celso... não que eu esteja achando ruim não, muito pelo contrário, há-há.
- É, pode ser...

Carolina colocou nossas taças no murinho e me deu um longo beijo, bem acochadinho, como se aquela fosse a última vez que ela estivesse me beijando. Depois pegou mais um pouco de vinho para nós e encaminhou a prosa para uma direção um tanto quanto inesperada:

- Celso, daqui a pouco você vai voltar para São José, eu sei que vocês vão se ver todo dia, vão passar um monte de tempo junto...
- Não tem nada a ver, Carolina.
- Deixe eu terminar de falar!
- Termine...
- Eu sei que mais cedo ou mais tarde você vai querer ficar com ela, e vice-versa.
- Tu és vidente, Carolina, pra saber dessas coisas todas?!
- Não, eu sou mulher, e eu te conheço muito bem.
- E...?
- Eu sei que vocês vao se agarrar, Celso, mas eu realmente espero que não role sexo, pois se rolar eu nunca mais vou lhe dar outra chance.
- Eu prometo a você que não vai rolar sexo, nem com ela nem com ninguém. Mesmo porque eu acho que ela não gosta muito de sexo não.
- Como é, Celso, qual é a mulher que não gosta de sexo??
- Sério... a gente só transou 2 vezes nesse tempo todinho.
- 2?!
- Quer dizer, em 2 ocasiões diferentes, eu acho somando tudo foram apenas umas 10 ou 12 vezes apenas.
- Há-há-há, você quer dizer umas 3 ou 4 apenas.
- Foi por aí mesmo. Como eu falei antes, a menina não gosta muito de sexo não.
- Vai ver que ela não gosta contigo, Celso.
- Impossível, quem foi a mulher que fez sexo comigo e não gostou, Carolina?
- Eu não sei, deixa eu fazer um levantamento de dados aqui nesta festinha.

- Deixa pra lá...
- Tá bom. E aquela menina lá da Federal, vocês já tiveram alguma coisa?
- Que menina, Marlene?
- Hum-hum...?
- Não, a gente nunca teve nada.
- Nem uns beijinhos na boca?
- Não, nada. Por que?
- Porque todo mundo pensava que vocês tinham algo, só viviam juntos o tempo todo.
- Não que eu não tenha pensado no assunto, mas nunca rolou nada não.
- Sei...
- Sério. E quele mané da tua sala?
- Nunca aconteceu nada não...
- Sei...
- Sério...!

Nós deixamos aquela conversa sem futuro de lado e ficamos tomando vinho tinto e dando públicas demonstrações de afeto. Lá pelas tantas todo mundo estava uns 3 cm mais alto, batendo palmas e gritando:

- Mi-re-la, Mi-re-la...
- Quem é essa tal de Mirela, Celso?
- Não é Mirela, Carolina, é Mi-ré-lá, as notas musicais...
- E...?
- É a seqüência inicial de "Sympathy for the devil", que está começando a tocar agora. Está na hora do ritual...
- Que estória é essa, Celso?
- Segundo a tradição uma virgem, ou um virgem, tem que dançar no meio da roda enquanto o resto do pessoal fica batendo palmas e gritando "hú-hú". Isso garante um bom ano para todos nós, repleto de boas ondas... é o ponto alto da festa.
- E você acredita nessa leseira?
- "Yo no creo em bruxas..."
- E aonde é que está essa virgem? – ela ficou olhando ao redor.
- Esse é o problema... com o passar dos anos as virgens e os virgens foram rareando, e nós tivemos que modificar o ritual.
- Como assim?
- Se não aparecer ninguém Rogério vai pra roda dançar.
- Rogério é aquele carinha bem bonitinho que tava conversando com a gente?
- É ele mesmo.
- Neste caso tomara que não apareça ninguém – ela ficou rindo e cruzou os dedos.
- Não diga isso, Carolina, quando isso acontece não dá onda boa. E o pior não é isso, ele costuma tirar a roupa... fica só de cueca.
- Melhor ainda... – ela sorriu animada – olha, ele já tá começando!!

Se pelo menos Luca tivesse por lá... ele com certeza ia gostar de dançar na roda, nem que fosse balé clássico. E iria garantir um ano bom...

- Puta merda, além de ficar sem boas ondas ainda vou ter que ver marmanjo dançando de cueca... parece até que eu já estou no H8...

E em poucos dias eu estava mesmo. As férias acabaram, e estava na hora de voltar à outra realidade. Alex, JD, JP e outros colegas estavam se divertido à custa da ingenuidade dos bixos, mas eu não queria participar do trote.

- Mas nós falamos pros bichos que você era um tremendo chacal escroto, e que ia aterrorizá-los quando chegasse aqui...
- Tô fora desse esquema, Alex.

Eu fiquei no apê, botando o papo em dia com o pessoal. Seno ia morar com uns colegas da turma dele, no apê de Rai. E CIB ia trazer um bicho primo dele pra morar conosco. Ricardo tinha conhecido umas 3 ou 4 louras maravilhosas durante as férias, e obviamente todas estavam apaixonadas por ele. Fabio estava assumindo a Comissão de Bailes da CV, queria fazer uma melhor promoção do bailes, contratar umas bandas mais legais.

- E como está a Lú, Celso?
- Eu não sei...
- O que foi que houve, Celsão?
- Nada especial... acabou...
- E a Carolina? – Fabio perguntou.
- Quem é Carolina? – CIB entrou na conversa.
- É a minha namorada, a mulher da minha vida... nós voltamos... eu acho que vai ser melhor assim, essa coisa de ter 1 mulher em cada lugar nunca dá certo.
- É claro que dá – retrucou CIB – é só saber administrar direito.
- O CIB tem 1 no Rio, 1 no CTA, 1 na cidade... – Ricardo explicou.
- E o que acontece quando uma fica sabendo da outra? – eu fiquei curioso.
- Bom, essa situação tem que ser evitada a todo custo, mas quando acontece geralmente uma delas caga pra você, e a outra fica achando que venceu a parada e fica contigo – ele falava com segurança, como se já tivesse passado por aquela situação por mais de uma vez.

Eu estava decidido a não passar por aquilo novamente. Se rolasse uns agarradinhos, tudo bem, mas ficar grudado eu não ia mais, com ninguém. E com certeza não ia mais acontecer nem uma coisa nem outra com Maria Luiza. Pelo menos era o que eu estava pensando até vê-la novamente, no dia seguinte, na aula inaugural. Ela estava exatamente como no início do ano anterior: maravilhosa!

O seu olhar, entretanto, estava diferente, melancólico, quase que perdido num pretérito horizonte. E sua voz deixou escapar um sobretom de insegurança quando ela finalmente dirigiu-se a mim:

- Feliz ano novo, Celso – foi o que ela disse quando me viu na entrada do auditório.

Foi naquele instante que eu percebi que havia uma quantidade não desprezível de tensões residuais acumulada naquela assustada pessoa: eu.

- Oi, Lú, tudo bem com você? – eu parei e fiquei olhando para ela, tentando manter uma certa indiferença.
- Obrigada pela mensagem que você mandou no meu aniversário...
- De nada... espero que você tenha gostado – começamos a andar novamente, eu queria pegar um lugar bom.
- Eu gostei... você está diferente... vai deixar o cabelo crescer? – ela esboçou um sorriso.
- Vou sim – eu sorri também, passei a mão por trás da cabeça – a gente se vê por aí.

Fui sentar lá no fundão, com JF e Shimano. Eu havia me saído bem na primeira prova... a segunda ia ser um pouco mais difícil.

Bichos Escrotos

- Celso, nós estamos precisando da tua ajuda no trote – Nélio disse ao entrar no meu apê.
- Tô fora dessa, Nélio, tremenda perda de tempo. Já basta o saco de ter que acordar e aturar esse barulho todo quando vem gente aqui dar trote no Carlinhos.
- Não é para dar trote, e sim para ficar de olho nos excessos. Você sabe que sempre tem uns caras recalcados que querem tirar o trauma nos bichos.
- Mas eu não tô a fim de ficar acordado até tarde, toda noite, e depois ficar no Feijão, pegar uma gripe...
- Não precisa ser toda noite, nós revezamos, o Sávio G. vai ajudar também, JF, Shimano, Gustavo, Eduardo... vai ser 1 ou 2 noites por semana pra cada um. Considere-se convocado – ele sorriu, agradeceu e foi embora.

Eu ajudei, é claro, e não foi tão ruim. Foi até divertido, pois o trote era uma daquelas coisas que sempre era mais divertida quando se dava do que quando se recebia. Eu ficava gritando coisas do tipo "mais alto, bicho", ou fazendo ameaças "se não cooperar vai levar uma velva". Os bichos me olhavam com uma cara de medo, pensando que eu era um chacal escroto... eu ficava me segurando para não rir daquela babaquice toda. Uma bela noite nós reunimos o bicharal no hall do B, JD pegou um taco de beisebol, ficou balançando nas mãos e dizendo: "isso aqui é o esquema: ou vocês entram no esquema ou o esquema vai entrar em vocês". Alex conseguiu ficar sério, mas JP e eu tivemos que fingir que íamos tomar água e estouramos de gargalhar daquela cena. Os bichos ficaram aterrorizados, mas depois rolou uma partida de cubol e ficou tudo em paz.

O trote também servia para conhecer gente nova e, mais importante, comer pizza e tomar cerveja de graça. Eu tive a chance de conhecer vários bichos, os que eram da minha cidade, os que tocavam algum instrumento... a grande maioria era gente boa. Um deles, José Fernando, que se amarrava em Bossa Nova, logo cedo se destacou como um dos líderes da sua turma. Prontificou-se a ajudar na sala de música, no Show do Bicho... eu tinha certeza de que ele fazia parte daqueles 5% que iam passar pelo ITA. E não fiquei surpreso quando ele foi eleito presidente do CASD alguns anos depois.

Mas rolaram alguns excessos, na sua maior parte vindos de alguns dos caras mais mocados da nossa turma. Nós fazíamos o possível para controlar, mas aconteceram terremotos, maremotos... aquelas coisas que não tinham nada a ver. Humilhar os bichos, dar velva daquelas bem fortes, de arrancar a pele, era aceitável, naturalmente, fazia parte do trote. Mas danificar propriedade alheia era uma estupidez. Mas pelo menos nós decidimos acochambrar os bichos, e não fazer uso indevido de pasta de dente, coisa que muitos de nós havíamos sentido na pele no ano anterior, literalmente.

As aulas e labs estavam interessantes: campo elétrico, épura, lab comp... e o melhor de tudo era não ter mais aula no sábado. Nem ter mais que usar farda, marchar, cortar o cabelo... o segundo ano realmente era uma maravilha. Pelo menos o começo foi, depois as coisas ficaram mais complicadas, mais sacais, gente se ferrando, gente trancando, gente desistindo.

Foi no segundo ano que eu comecei a entender melhor porque alguns, ou melhor, vários dos meus nobres veteranos passavam boa parte do seu limitado tempo livre entregues a atividades um tanto quanto nocivas ao sistema hepático. E foi também quando alguns dos meus colegas de turma começaram a se dedicar mais intensamente àquelas tais atividades.

Eu tinha mais tempo livre, mas quando chegava o fim de semana eu não fazia muita coisa, passava a maior parte do tempo bostejando com os amigos. No primeiro sábado depois das férias o pessoal do apê me chamou pra ir à piscina, o sol estava forte bastante para retocar o bronze. Eu ainda achava aquilo deprimente: água doce, parada, área e volume visivelmente limitados. Mas fui assim mesmo, não tinha nada melhor a fazer. Lú, Valéria e Cristina estavam lá, e apesar dos meus protestos nós fomos sentar junto delas.

CIB logo se mandou e foi ficar com uma das namoradas dele, a do CTA. Ela era muito gostosinha, com todo o respeito. Eu nunca havia visto nada igual em São José. Ricardo ficou conversando com Lú, eu fiquei perto de Cristina e Fabio. Valéria estava dentro d'água, quando ela saiu eu dei uma conferida de leve e concluí que ela havia relaxado um pouco durante as férias. Mas era um problema dela, eu não tinha nada a ver com aquilo. Nem jamais iria ter, nem com ela nem com o relaxamento dela.

- Pegou muita onda nas férias, Celso? – ela viu que eu estava muito calado e resolveu puxar papo.
- Deu pro gasto.
- Você passa protetor nas minhas costas?
- Claro, Valéria.

Ela sentou-se junto de mim, eu passei o protetor enquanto imaginava que naquele exato momento Carolina devia estar na praia, com seus amigos e amigas. Aquilo me deu uma saudade imensa... e ainda faltavam 7 longas semanas até nos vermos novamente.

Aquela energia melancólica atravessou as lentes dos meus óculos escuros e foi detectada pela minha observadora amiga Cristina, que de pronto soltou uma previsível e incoveniente indagação:

- O que é que você tem, Celso? Você está tão estranho...
- Nada não, Tina – eu tentei desconversar e continuei a minha árdua tarefa.
- Ele está com essa cara desde que voltou das férias – Fabio com certeza não devia ter falado aquilo, ainda mais alto do jeito que falou.

Maria Luiza olhou para mim, não disse nada, mas eu senti que o ar estava carregado. Todo mundo sentiu aquilo, ainda mais porque eu fiquei olhando de volta. Se a gente estivesse uns 2 m mais próximos um do outro ia sair faísca.

E foi naquele momento que eu lembrei da teoria carolineana da relação peito/mão. O que me fez sorrir levemente, não apenas porque eu ainda achava aquilo muito engraçado, mas também porque eu estava certo de que se aquela teoria fosse correta havia uma perfeita compatibilidade entre Maria Luiza e eu.

Ela pensou que eu estava sendo cordial e sorriu também, o que sem dúvida ajudou a dissipar pelo menos metade aquela carga toda. Minha cliente deu-se por satisfeita:

- Obrigada, Celso... você tem umas mãos tão macias...
- De nada, Valéria.
- Eu vou pegar um refrigerante, alguém quer ir comigo?
- Eu vou, Tina.

Quando Cristina levantou eu não pude evitar e dei uma olhadinha nela, rápida e discretamente. Eu nunca tinha pensado nela daquele jeito, mas Cristina era bastante atraente, tinha uns olhos expressivos, um rosto bonito, um sorriso sensual, uma bundinha bem feitinha... mas nunca iria passar no teste de compatibilidade.A não ser que ela ainda estivesse crescendo. Eu levantei e abandonei aqueles pensamentos. Cristina era uma boa amiga, não fazia sentido ficar imaginando aquelas besteiras. Ela seguramente nunca pensaria naquele tipo de coisa.

E tinha mais é que resolver de vez aquela situação com Maria Luiza, deixar bem claro pra nós 2 que aquela atração mútua que ainda teimava em perdurar não ia dar em nada. Eu decididamente não iria pisar na bola de novo, Carolina não ia me dar uma terceira chance.

Eu tinha certeza de que ela estava pensando a mesma coisa, e que só faltava expressarmos aquilo em palavras. Mas eu estava errado, mais outra vez. Nem ela nem eu estávamos prontos para deixar aquilo para trás. Era só uma questão de tempo até que a tensão acumulada fosse bastante forte para romper o fraco dielétrico que existia entre nós.

Eu também estava errado sobre Cristina. Ela pensaria em mim da mesma maneira que eu tinha acabado de pensar nela, mais cedo do que eu poderia imaginar.

E o pior de tudo é que eu também estava errado sobre Valéria...

Durante os 4 anos que ainda faltariam para a formatura aquelas 3 amigas iriam ter participações muito especiais na minha jornada no ITA. Mas eu não sabia disto naquele sábado ensolarado, eu só estava preocupado em achar uma maneira amigável pra resolver de vez aquela situação com Maria Luiza, e achava que Cristina poderia me ajudar.

- Celso, eu sei que aconteceu alguma merda entre vocês... foi durante aqueles dias na praia, não foi?
- Foi, Tina... ela comentou algo com você?
- Não... ela só falou que vocês tinham resolvido dar um tempo...
- Ela resolveu isso, Tina... e você sabe que quando uma mulher fala que quer dar um tempo 99.86% das vezes este tempo tende ao infinito...
- É verdade... mas eu acho que este caso faz parte dos outros 0.14% – ela ficou sorrindo quando disse aquilo.
- E por que você acha isso? – eu sorri também – ela comentou algo?
- Não... e mesmo se ela tivesse comentado...
- Você não ia me dizer nada – eu já sabia o que aquilo significava.
- Correto.

- Eu não sei, Cristina, eu acho que dessa vez não tem volta. Ela nem respondeu minha mensagem de ano novo, não quis falar comigo no dia do aniversário dela, não me ligou de volta...
- Talvez ela tenha tido bons motivos para isso tudo, Celso... – Cristina me olhou assim de lado, como quem quer dar a entender que sabia muito mais do que estava dizendo.
- É, talvez – eu fiquei pensando em Carolina por um momento – mas eu tenho bons motivos para crer que será melhor assim, pelo menos ficamos amigos.
- Você tem certeza? – ela tirou os meus óculos, ficou me olhando profundamente.
- Absoluta – eu fui firme na resposta.
- E você está planejando dizer isso para ela?
- Estou... assim que a oportunidade se apresentar.

E a oportunidade apresentou-se naquela mesma noite, como que por encanto. Nós levamos Carlinhos e outros bichos para uma pizzada e, para minha surpresa, Lú, Valéria e Cristina estavam na pizzaria quando chegamos lá. Eu achei que era muita coincidência para um dia só, mas depois lembrei que estávamos em São José, e que nossos orbitais não poderiam mesmo ser tão diferentes assim.

E elas aparentemente estavam seguindo o mesmo ritual que nós, havia umas 3 ou 4 bichetes na mesa delas, que fizeram uma cara de desgosto quando me viram. E o desgosto aumentou bastante quando Valéria sugeriu que juntássemos as mesas. Eu sentei junto de Maria Luiza, não queria dar a falsa impressão de que estava evitando falar com ela.

Nós conversamos animadamente, degustamos aquelas pizzas saborosas, brincamos com o bicharal... tivemos uma típica noite de confraternização bichos/veteranos. Eu fiquei até achando que tinha melhorado meu conceito com as bichetes, mas Fabio falou que eu não podia amolecer muito, senão o bicharal ia perder o respeito.

Na hora de ir embora as estruturas iniciais foram re-arranjadas de tal forma que eu fui parar no carro de Maria Luiza, sozinho com ela. E daquela vez eu tinha certeza de que não tinha sido por coincidência.

- Pra onde você quer ir? – ela perguntou depois que entramos.
- Um lugar que a gente possa conversar... sem muito barulho.

Nós fomos para um daqueles barzinhos da área, sentamos e conversamos por mais de 2 horas. Foi uma conversa franca, agradável. Decidimos que a melhor coisa a fazer seria dar tempo ao tempo, sem forçar ou reprimir qualquer coisa que ainda pudesse acontecer.

- E aí, Celsão, o que foi que aconteceu? – Ricardo perguntou quando eu entrei no 228.
- Nós chegamos a um acordo...
- Nem ela te liga nem tu ligas pra ela – Fabio concluiu.
- Foi mais ou menos isso mesmo... e nem ela caga pra mim e nem eu cago pra ela...
- Isso está com cara de meta-estabilidade – Ricardo sorriu – tudo que vocês precisam agora é de uma chacoalhadazinha, a-há.

- Ou então de um grãozinho pra iniciar a cristalização... shruiu!!
- Bom, eu não vou provocar nada... e espero o mesmo de vocês 2.
- Claro, Celso, pode contar conosco.
- Esse é o meu maior receio...

A semana seguinte foi bem rotina, eu comecei a estudar, Física principalmente. André e Pedrão me contaram como tinha sido a viagem pra Europa, me passaram uns bizus. Depois levamos um som com Renata, mas ela foi logo avisando que não iria mais se apresentar em público, se bem que eu ainda tinha esperanças de convencê-la ao contrário. Ela me perguntou sobre Maria Luiza, eu falei que aquele assunto era coisa do passado.

- Ela aprontou com você...
- Não, Renata, ninguém aprontou com ninguém, simplesmente acabou.

Os bichos começaram a entrar no esquema, ficaram mais espertos, e numa bela noite me jogaram no Feijão. Eu conheci Patão, um bicho joseense que tocava guitarra, nós trocamos umas idéias musicais. Ele estava a fim de tocar no Show do Bicho, tinha até um amigo que tocava bateria, mas faltava pelo menos um baixista para que eles pudessem se apresentar.

- E o José Fernando? Ele toca violão, podia desenrolar no baixo – eu sugeri.
- O rei da Bossa? Eu já falei com ele, ele não topou – Patão estava realmente desanimado.
- E não tem mais ninguém que toque alguma coisa na turma de vocês? Na minha turma deu o maior trabalho pra acomodar todo mundo que queria tocar no Show do Bicho...
- Não, tem um cara que toca piano, música erudita, ele é muito bom. Fora isso só nós 2 aqui e o José Fernando.
- É uma pena... mas não esquenta não, a gente toca alguma coisa no Encontro Musical ou em outro show que rolar este ano. Vocês tão a fim de levar um som agora?
- Claro, mas hoje vai ter um daqueles trotes coletivos...
- Ainda não é a Cova, então vocês podem cagar, seja lá o que for. Se alguém falar alguma coisa vocês podem dizer que eu estou dando um trote escroto em vocês 2 e que se vocês fugirem de mim vão tomar uma velva.
- Falou, então.
- Eu vou pegar minha guitarra, um baixo e um baixista... a gente se encontra na sala de música.

Os caras eram gente boa, mas gostavam de um som meio retro-metal. CIB ficou no baixo e Patão na guitarra e voz.

- Vocês conhecem essa música? – Patão cantarolou enquanto a gente dava uma aquecida geral.
- Claro que sim... deixa ver se eu ainda lembro da introdução – eu toquei um pouco.
- Eu acho que é assim mesmo, Celso – ele pareceu satisfeito com o resultado.

Nós passamos a música umas 2 ou 3 vezes, eu não lembrava mais do solo, mas dei uma acochambrada. Patão não cantou mal, mas tava muito encabulado.

- Mais alto, Patão, você vai ter que gritar que nem o Sebastian.
- Tá bom, vamos de novo.

Ficou melhor, e depois a gente tocou umas músicas do Priest. Aquilo sim foi um trote legal. Depois que acabamos de tocar eu fiquei pensando em como eles deviam estar frustrados por não terem a chance de tocar no Show do Bicho.

Mas a lei da compensação não falha. O reduzido número de músicos da turma deles era contrabalançado pela elevada quantidade de surfistas: 3! E eles conheciam todos os points do litoral norte. Um deles era muito bom, os outros ainda estavam na fase inicial. Eu fiquei animado com a possibilidade de freqüentes surfaris, mas depois me lembrei que eles teriam aula todo sábado... pelo menos nos feriados eu teria companhia na busca das ondas.

Enquanto isso o consolo era ir pra piscina nos fins de semana... se é que aquilo podia ser chamado de consolo. Eu ficava pouco tempo lá, pois lembrava da praia, de Carolina... era muito deprimente. E em pouco tempo eu nem ia mais, preferia ficar tocando na sala de música com CIB, JF, Shimano e Bruno. Ou melhor, Ten Bruno, que para felicidade geral da galera estava trabalhando no IAE, e nos finais de semana sempre aparecia no H8 pra levar um som conosco.

De vez em quando eu saía com Ricardo e Fabio, conheci uma amiga deles chamada Ana Paula... uma gracinha, foi logo dizendo que tinha amado o meu sotaque, que ia ao Baile do Bicho... o tipo de menina que facilmente poderia tornar impraticável a minha resolução de ano novo número 1. Mas eu não dei muita corda, não estava a fim de arriscar nada com Carolina. E já era bem difícil ver Maria Luiza todo dia e ter que segurar a onda... eu decididamente não precisava de mais confusão. Pelo menos enquanto não tivesse capacidades administrativas ao nível das de CIB.

CIB era uma figura... o cara vivia de bom humor, cantando o tempo todo... eu achava que ele devia ser um gênio, pois ele praticava todos aqueles esportes coletivos, e bem, por sinal, cantava bem, tocava guitarra, tinha umas 3 ou 4 namoradas, dormia cedo... e nas horas vagas cursava o quarto ano de Eletrônica no ITA. Ele sempre dizia que não era nada demais, e que Fabio é que era fodan... e Fabio dizia que Ricando é que era fodn mesmo... eu estava cercado de modestos gênios.

Marcelo Seno30 nem parecia que não morava mais conosco, vivia lá no apê, assaltando a geladeira. A gente reclamava, mas não adiantava nada. E ele ficava lá no meu quarto uma 0,5 hora, e sempre rolava um bostejo:

- Essa geladeira é minha também, mermão – essa era a desculpa dele.
- É, mas a comida que tá dentro não é tua – Fabio retrucava.
- E aí, Celsão, já deu uma conferida na Luluzinha? – Marcelo sempre voltava naquele assunto – Quando é que vocês vão pra Ubachuva, “pegar umas ondas”, a-há?

- Esse ano eu vou seguir a tua filosofia, mermão, vou ficar na minha. Se rolar alguma coisa, rolou, mas sem esse lance de grude – eu falava com aquele sotaque carregado dele, a voz levemente nasalada.
- Esse é o meu garoto, tô vendo que tu finalmente entendeu como é que se deve tratar essas meninas daqui, rapá – ele sorria satisfeito, orgulhoso pela lição que seu pupilo aparentemente tinha aprendido.
- Não acredita nesse papo não, Celsão, é tudo da boca pra fora. Seno se amarra nessas meninas – Ricardo falava lá do sarcófago.
- Vai acabar casando com uma delas... – Fabio profetizava.
- Mas nem fudendo, mermão – ele tentava ficar sério por um momento, depois voltava ao normal – a não ser que fosse aquela Neusinha que entrou esse ano... aquela dali eu encarava numa boa.
- Eu também – eu dizia.
- Eu também – diziam Ricardo e Fabio.
- Eu também – diziam CIB e Carlinhos.

É, aquela Neusinha era a tara do nosso apê, e também de pelo menos 85% do H8... até que ela falava oi quando me via, eu jogava um charminho, ela sorria, mas não passava disso. E eu sabia que não tinha nenhuma chance com ela, nenhuma mesmo.

Um dia eu tava saindo do H15 com Renata e André e dei de cara com a referida Neusa, que devia estar vindo do lab de Química. Nós só trocamos olhares e um leve sorriso, mas foi o bastante para causar comentários espirituosos:

- Graaaande Celso... – ele disse discretamente.
- Eu pensei que você tinha falado que tava querendo evitar confusão... – ela comentou.
- Eu falei que não ia procurar confusão... mas também não vou fugir se a confusão me achar, tá ligada?
- Esse é o meu garoto...
- Eu não entendo vocês, se derretem todos apenas com um sorrisinho...
- É, Renata, mas com essa aí é só o que vai rolar – eu comentei.
- Por que você tá falando isso? – ela pareceu estranhar.
- Você acha que essa menina ia dar mole pra mim?
- E por que não?
- Você olhou direitinho pra ela, Renata? A menina é linda, perfeita, não tem um fio de cabelo fora do lugar... sem falar naqueles lindos olhinhos puxados. Quando ela passa todo mundo olha... ela pode escolher qualquer um dessa escola, tem mais de 500 cara doidos pra dar uns amassos nela – expliquei a minha tese.
- Isso é verdade, Renata... – André confirmou – pode me incluir nessa lista.
- E por causa disso você acha que ela não poderia se interessar em você?
- Isso seria impossível – eu afirmei – Lorena é inacessível.
- Não existe nada impossível para um aluno do ITA – ela afirmou – e nunca se deixe intimidar pela concorrência. Lembre-se de que um dia você já superou milhares de concorrentes... se isso não fosse verdade você não estaria aqui.

- Sábias palavras, Renata, sábias palavras... – André ficou pensativo por uns instantes, depois resolveu mudar de assunto – já decidiu o que vai fazer, Celso, MEC ou AER?
- Ainda não, mas acho que vai ser MEC.
- Vai ser especialista em generalidades... – ele ficou rindo.
- É... além disso MEC é mais ciência, AER é mais arte – justifiquei.
- Do que é que você está falando? – Renata perguntou.
- Tem muita coisa sem explicação científica... se as leis aerodinâmicas fossem mesmo válidas um besouro não poderia voar – comecei.
- Isso é verdade, Renata... – André confirmou.
- E ninguém sabe ao certo quem inventou o avião... ou porque ele voa – continuei.
- Ele voa porque tem asa... – André brincou.
- Então uma xícara também deveria voar... – Renata brincou também – não, falando sério, o avião voa por causa da equação de Bernouilli.
- Não, Renata, o avião voa por causa da terceira lei de Newton – André retrucou.
- Tá vendo!? Era exatamente disso que eu tava falando... – concluí.

O pessoal da minha turma começou a planejar a Cova, parecia até uma superprodução teatral, com reuniões e elaborações detalhadas, que desafiavam ao máximo a minha capacidade de analise e síntese. Chico foi escolhido para ser o Profeta. Alex, D2, JP e Carlito cuidaram da logística e do plano de fuga, que era a coisa mais importante. Nós lembrávamos bem do que havia acontecido durante a nossa Cova, os nossos descuidados chacais tinham vacilado no plano de fuga e acabaram sendo facilmente capturados. Nós não iríamos cometer semelhante erro.

A grande noite chegou, tinha um monte de gente ajudando com os trajes, as velas... começamos a cantoria na saída do B: “Eu tornei a pisar na Covadela...”. Os bichos não sabiam o que ia acontecer, mas estavam animados, pois aquilo marcava oficialmente o fim do trote. O que obviamente não significava que eles iam deixar de ser bichos, pois bicho é sempre bicho, sempre foi e sempre será.

Eu ria sem parar, ficava gritando “mais alto, bicho”, cantava um pouco, depois gritava “segunda parte”, dizia pros bichos que o segredo era a vela... eu realmente achei aquilo muito legal. Principalmente porque lembrei que os coitados dos bichos ainda levariam 1 ano inteiro para chegar aonde eu estava naquele momento. 1 ano de limites e derivadas e n demonstrações de teoremas e aulas de Quimex e FIS11... há-há-há, tudo coisa de bicho.

Os moradores do CTA também gostavam da Cova. Saíam das suas casas, traziam os filhos para ver aquele monte de gente vestida de lençol, segurando vela e cantando aquela música que para a maioria deles não fazia sentido nenhum.

Os bichos começaram a ficar desconfiados quando saímos das ruas, mas nós dissemos que eles finalmente iam ter a chance de visitar a Cova do Profeta, e que o dito cujo iria dar a graça da sua presença e eles teriam a rara chance de adquirir parte dos seus vastíssimos conhecimentos.

Chico bostejou em alto estilo, como lhe era, e ainda é, peculiar. Os bichos prestavam atenção e riam muito. Eles nem perceberam que aos poucos os chacais iam desaparecendo de cena. Eu esperei até Chico sumir por trás da fumaça e enquanto os bichos ficaram esperando o que ia acontecer em seguida eu saí andando com Alex e JP. Carlito atolou a carro, e por pouco não foi capturado junto com Chico e D2.

Chegamos ao H8 exaltados e ilesos, o plano fora executado com perfeição. Mas aí alguém lembrou que mais cedo ou mais tarde os bichos iriam achar o caminho de volta, e provavelmente estariam furiosos e sedentos de vingança quando aquilo acontecesse. Teve gente que foi passar a noite em outro apê, teve gente que montou um grupo de resistência... eu achei que o máximo que podia acontecer seria tomar uma velva e ser jogado no Feijão, então fui pro meu quarto dormir.

Acordei cerca de 2 horas depois com um barulho de tambores e gritos no corredor. Sentei na cama, acendi a luz e fiquei esperando... esperando... e nada. O barulho passou e eu fiquei pensando que o trote que minha turma tinha dado tinha sido mesmo muito fraco, pois aquela revolta dos bichos foi um verdadeiro fiasco. Não deram velva em ninguém, não jogaram ninguém no Feijãozinho, não amarraram ninguém no muro... decepcionante.

Mas eles fizeram um bom Show do Bicho, eu prestei um pouco de suporte técnico, segundo minha resolução de ano novo número 2. A parte teatral foi excelente, muitos quadros bem engraçados, vários talentos... com destaque para um certo conterrâneo meu, carinhosamente apelidado de Bico, que simulou várias personagens famosas do ITA e do H8. Sempre acompanhado de gritos do tipo "mais alto, bicho". Foi muito divertido assistir um Show do Bicho do referencial 2º ano, quase que eu fiquei com saudades do 1º ano. Quase.

A parte musical foi bastante limitada, mas de altíssima qualidade. Música erudita e bossa nova, classe e requinte. Quem estava esperando uma dose de alto e bom rock 'n' roll ia ter que aguardar até o ano seguinte.

E ainda segundo minha resolução de ano novo número 2 eu fui ajudar o pessoal do Departamento Social no Baile do Bicho. O H15 tava lotado, o que significava que ia gerar grana pro CASD, e a Comissão de Bar da CV também ia encher a lata. Mas Fabio me falou que tava tudo sob controle e logo dispensou minha ajuda:

- Celso, valeu pela ajuda, agora vai arrumar uma baranguinha.
- Que papo é esse, mermão? Eu tenho um bom nome a zelar...
- Todos nós temos um nome a zerar, meu caro...

Eu peguei uma birazinha e saí andando pelo baile, só urubuservando o movimento. Parei pra conversar um pouco com uns colegas de turma, eles estavam a fim de azarar umas moçoilas que estavam ao lado... eu disse que ia pegar outra bira e saí de fininho. Em pouco tempo dei de cara com Valmir e Letícia, que eu não havia visto desde o retorno das férias, e iniciamos uma peculiar conversação:

- Cadê a Claudinha?
- Claudinha está em Brasília, Celso – Letícia olhou para Valmir – eu ganhei, amor.

- Eu perdi, hé-hé.

Eu não entendi o que eles estavam dizendo, mas achei melhor ignorar:

- E quando é que ela volta?
- Daqui a uns 3 ou 4 anos – Letícia continuou.
- 3 ou 4 anos?! O que foi que aconteceu?
- O pai dela foi promovido a TCel e foi transferido pra lá, Celso – Valmir explicou – mas não se preocupe que a Letícia tem outras amigas, hé-hé.
- Ela viajou em janeiro, Celso, mas me pediu pra entregar isto aqui pra você – Letícia me passou um pedaço de papel com algumas informações pessoais da amiga – caso você perguntasse por ela, naturalmente.
- Coisa que eu não esparava que você fosse fazer, Celso.
- Mas eu esperava, e ele fez, Valmir, e por isso você esta me devendo 2 biras.
- 1 bira, minha querida.
- 2! Uma por ele ter perguntado pela Claudia, e outra por ter sido a primeira pergunta que ele fez.

Enquanto eles discutiam os termos do pagamento da evidente aposta que eles tinham feito a respeito da previsibilidade das minhas indagações eu fiquei pensando comigo mesmo que eu provavelmente nunca mais iria ver aquela simpaticíssima garota dos cabelos negros e olhos verdes que eu conhecera no SDO. Claudinha havia sido a primeira joseense que eu havia apertado, e a mais bonita também. Depois dela o nível das nativas que passaram pelas minhas suaves mãos seguiu uma trajetória espiral descendente.

Aquela menina ia enfrentar uma barra pesadíssima na capital, e muitas turvas águas ainda iriam correr até que chegasse o dia em que ela voltasse para São José.

- E aí, Celso, você vai escrever pra Claudinha?
- Claro que sim, Letícia, amanhã mesmo eu mando uma mensagem pra ela.

Os pombinhos foram dançar, e eu continuei minha perambulação pelo H15. Paulão estava papeando com Andréa e Adriana perto do bar, eu peguei outra bira e juntei-me a eles. Mas nem falei muito, pois minha capacidade de desenvolver uma conversação articulada estava temporariamente neutralizada pela corrosiva sensação que atacava o revestimento interno da minha parede estomacal.

Não, não era o prematuro efeito do álcool etílico que me incomodava, e sim a ácida noção de que eu deveria ter aproveitado melhor o pouco tempo que eu havia passado com Claudinha. Eu lembrei do dia em que nós havíamos passeado de bicicleta no CTA, lembrei do beijo que ela me deu quando nos despedimos defronte à sua casa, lembrei até das mirabolantes estórias que o pai dela havia-me contado no dia em que eu a conheci. Claudia havia desaparecido do meu mundo, e tudo o que me restava a seu respeito eram distantes lembranças, e um pedaço de papel com o seu nome, telefone e endereço eletrônico.

Eu fiquei tão compenetrado com aqueles pensamentos que nem percebi o que estava escondido por detrás dos curiosos olhares que Adriana estava me lançando naquela noite.

Coisa que, se eu tivesse percebido, diga-se de passagem, ter-me-ia evitado um monte de confusão nos anos seguintes.

O conjunto iniciou uma breve pausa, as meninas foram fazer não sei o quê no toalete, Paulão foi pegar outra bira e eu fui passear no salão. Depois de alguns minutos encontrei André, Pedrão e Renata, eles estavam com um leve ar nostálgico, não conversavam muito... eu fiquei me perguntando se também iria me sentir daquele jeito quando eu tivesse acabado de assistir ao meu último Show do Bicho. Mas logo parei de pensar naquilo, ainda faltava muito tempo para chegar ao quinto ano.

E outro acontecimento mais imediato demandava minha atenção naquele momento: minha Neusinha predileta acabava de sentar-se à nossa frente. Ela estava cercada de amigas e admiradores, como sempre, mas acenou quando me viu. Eu retribuí o gesto, e aquilo foi o bastante para trazer meus 3 bons amigos de volta à nossa realidadezinha mundana:

- Eu estou começando a achar que essa menina tem uma quedinha por você, Celso.
- Deixa dilso, Renata, ela só está sendo simpática.
- Sei não, Celso, eu acho que desta vez a Renata está certa – André notou – ela pode não saber porque o avião voa, mas mulher saca essas coisas em outras mulheres.
- E a Renata tava certa no caso da Lú... – Pedrão lembrou.
- E por falar no inferno... – Renata sorriu e fez um gesto com os olhos.

Eu girei minha cabeça 90 graus à esquerda e dei de cara com Maria Luiza. Ela não parecia estar nem um pouco intimidada com a presença da Renata. Deu um oi coletivo, me encarou com aqueles lindos olhos cor de mel e largou um inesperado convite:

- Vamos dançar?

Toda a tranqüilidade que eu estava sentindo naquela noite acabou naquele instante. Era como se estivéssemos de volta ao passado, ao Baile do Bicho do ano anterior. Com a diferença de que no ano anterior eu estava louco para apertá-la...

- Vamos – eu só desejei que aquilo não tivesse nenhuma conseqüência desastrosa.

Conversamos amenidades enquanto dançávamos. Eu sabia que ela não iria dar o próximo passo, e eu estava me concentrando bastante para não fazer o mesmo, apesar de algumas partes de mim demonstrarem reações contrárias. Reações estas que não foram despercebidas por Maria Luiza, pois eu senti que ela aumentou um pouco a pressão que seus braços exerciam sobre mim. Aquela realimentação positiva iria desestabilizar o sistema rapidinho, a menos que algo acontecesse. Para minha sorte o conjunto deu um intervalo quando aquela música acabou. Antes que ela pudesse sugerir qualquer coisa eu falei que ia pegar uns refrigerantes para nós e que encontrá-la-ia de volta na sua mesa.

Havia uma fila enorme no bar, eu tive que usar meus contatos especiais para evitar uma longa demora. Quando voltei Lú não estava lá, havia ido ao toalete com Cristina. Eu fiquei conversando potoca com Valéria e Rai. Eu estava tentando pensar numa forma sutil de sair de cena quando meu perspicaz vizinho discretamente chamou minha atenção:

- Celso, não olha agora, mas tem uma menina ali na frente que não...

Eu imediatamente virei o rosto, nem escutei o resto. A tal menina sorriu e acenou para mim. Aquele sorriso me pareceu familiar, eu levantei e fui falar com ela:

- Oi, tudo bem?
- Tudo bem, Celso, e você?
- Tudo bem, tudo bem... – eu obviamente não lembrava do seu nome, nem tampouco lembrava de onde nós nos conhecíamos, mas aquela não era bem a hora de se preocupar com aqueles detalhes técnicos – você gostou do Show do Bicho?
- Gostei, gostei... mas o do ano passado foi melhor – ela deu outro sorriso e passou a mão nos cabelos.

Nós conversamos por mais uns minutos, eu procurei me distanciar da mesa ao mesmo tempo em que tentava lembrar dos tais detalhes técnicos. Ela percebeu a minha dificuldade:

- Você não tá lembrado do meu nome, não é, Celso?
- Não – eu dei um risinho sem graça – mas eu lembro do seu sorriso...
- É mesmo? Da onde? – ela riu novamente.
- Eu sei que você não vai acreditar, mas foi de um sonho que eu tive...
- Sonho... você não lembra de nada, não é? – ela parou de rir – e eu que pensei que você não tinha ligado pra mim por causa da sua namorada.
- Namorada?
- É... aquela menina que tá ali naquela mesa, olhando pra nós.
- Não... – eu nem precisei olhar pra mesa pra saber de quem que ela estava falando – e eu não liguei pra você porque eu perdi o seu telefone – eu arrisquei, pois sabia que aquela desculpa nunca falhava.
- Perdeu como? Eu escrevi o número num lugar que eu tinha certeza que você não iria... – ela começou a andar, estava a ponto de me ignorar completamente.
- Espera, eu estou lembrando agora – eu segurei a sua mão – foi naquela festa... o Pedrão nos apresentou... você faz Odonto... – parecia que meu lapso estava chegando ao fim.

Ela parou, ficou olhando pra mim, esperando o resto.

- Eu vi o número no dia seguinte, mas não tinha nenhum nome junto... eu pensei que tinha sido uma brincadeira do Maurício e coloquei a, você sabe, na pilha de roupa suja – eu ainda não conseguia lembrar do seu nome, mas ela resolveu me dar uma segunda chance.
- Fernanda... – ela ainda não sorria, mas pelo menos parecia ter acreditado no que eu tinha acabado de falar.
- Fernanda, Fernanda... – eu tentei memorizar o nome.
- E você não lembra do resto?
- Eu lembro de ter beijado você... – eu arrisquei um sorriso.
- E o que mais? – ela retribuiu o gesto.
- Só isso... – eu ia largar a mão dela, mas ela não deixou.
- Que pena que você não lembra do resto...

- Você não vai me contar o que aconteceu depois? – eu cheguei mais perto dela e segurei a outra mão.
- Não... hoje não.

Nós ficamos nos olhando por um instante, mas depois eu lembrei que Maria Luiza muito provavelmente estava vendo aquilo tudo, e que ela decididamente não precisava ver o que ia acontecer em seguida:

- Fernanda, vamos continuar essa conversa lá fora?
- Vamos.

Fernanda não era assim nenhuma Claudinha, mas nem por isso nossa conversa à beira do laguinho do H13 deixou de ser muito construtiva e agradável.

Quando eu acordei não havia ninguém no apê. Eu peguei uma maçã e fui dar uma olhada no Feijão, eles não estavam lá, mas o sol estava bom, então eu achei que eles estivessem na piscina, e para lá me dirigi. CIB estava lá com a namorada, mas ele disse que não sabia aonde estavam os outros.

Eu fiquei conversando com 2 amigos do quinto ano. E naquela tarde de domingo só havia um assunto a ser discutido: o baile.

- E aí, Celso, se deu bem ontem?
- Eu apertei uma menina da Odonto... e vocês?
- Eu segurei uma daquelas meninas da ASIA... amiga da namorada do Giga.
- Elas não são ASIA, Astro, eu já te disse isso – Giga retrucou.
- Falou... e a Lú, Celso?
- Coisa do passado...
- Quando eu saí do baile ela tava dançando com o Fabio... eu acho que eles estavam relembrando os velhos tempos – Astro sorriu de leve – ele te falou se rolou alguma coisa?
- Não... quando eu cheguei ontem ele já estava dormindo, e quando eu acordei hoje ele não estava mais no apê – eu ri também – vai ver que bateu uma saudade.
- É, essas coisas acontecem... e por falar no inferno... – Giga sorriu e fez um gesto com os olhos.

Eu girei minha cabeça 90 graus à direita e dei de cara com Lú. Ela não parecia estar nem um pouco incomodada com a minha presença. Deu um oi coletivo, me encarou com aqueles lindos olhos cor de mel e largou uma inesperada pergunta:

- Você viu o Fabio por aí, Celso?
- Não, Lú, eu não vejo o Fabio desde ontem, no baile...
- Tá bom... diz pra ele que eu tô precisando falar com ele – ela disse enquanto se dirigia para o outro lado da piscina.

Continuamos a conversar sobre o baile, Giga comentou que Camilo mais uma vez havia tomado todas e que tinha se atracado com outra baranguinha. Eu não sabia como ele tinha

coragem de fazer a mesma coisa em todos os bailes, aparentemente ele esquecia de tudo no dia seguinte. Eu tinha certeza de que nunca ia passar por uma situação daquelas.

- Pessoal, saca só - Astro chamou nossa atenção para as 2 beldades que se aproximavam.

Eu conhecia uma delas, mas nunca lhe havia visto na piscina antes daquele dia, e fiz questão de fazer uma detalhada analise visual das suas superfícies de contorno.

- Oi, Celso... o bailinho foi bom, hein? – ela comentou enquanto desfilava à nossa frente.
- Foi, Michelle... – eu concordei enquanto elas se afastavam.
- Foi essa aí que tu apertou ontem no baile? – Astro perguntou depois que elas saíram do nosso campo de secagem.
- Não... se bem que não teria sido uma ma idéia...
- Então passa o bizu... tens o telefone dela?
- Tenho, a irmã dela tá namorando com o bicho lá do apê.

Eu fiquei um bom tempo na piscina, nadei um pouco, fiquei olhando Maria Luiza de longe... pensando que tinha sido mesmo bom não ter rolado nada com ela no baile. Quando eu tava de saída Michelle veio falar comigo:

- Celso, aquele cara é o Astro, não é?
- É, Michelle, por que?
- Ele tem namorada?
- Eu acho que não... ele tava me pedindo o seu telefone, posso dar?
- Claro que sim, diz pra ele me ligar na sexta.

Quando eu cheguei no apê Ricardo e Fabio estavam papeando com Paulão e Camilo. Eles naturalmente estavam conversando sobre o baile, e quando me viram começaram a gritaria:

- Porrada! Porrada!

Eu já desconfiava qual seria o motivo de tanta alegria, e entrei na brincadeira:

- Fabio, a Lú tava na piscina, disse que está precisando falar com você... eu ouvi falar que vocês se agarraram ontem...
- Porrada! Porrada! – Paulo e Camilo começaram a bater nas cadeiras.
- Não foi nada disso, Celso, a gente só tava dançando... – ele começou a rir, eu sabia que tinha mais coisa.
- Fala o resto – Ricardo incentivou.
- Aí ela disse que você tinha cagado pra ela e que tava lá fora com outra.
- Eu não caguei pra ela... eu fui pegar um guaraná e quando voltei ela não tava na mesa. Depois eu fui conversar com uma menina e, vocês sabem, uma coisa leva à outra, tá ligado? – eu tentei me acochambrar, mas não funcionou.
- Celso, você cagou pra ela, e ela foi se consolar com o Fabio – Ricardo interveio.

- Bom, vocês sabem que não tem mais nada entre nós... ela pode se consolar com quem ela quiser – retruquei.
- Deixa eu terminar – Fabio continuou – em primeiro lugar não aconteceu nada... quer dizer, ela me deu um beijo...
- Com língua ou sem língua? – Paulão perguntou o detalhe.
- Isso não importa – Fabio quis desconversar – o importante é que ela tava precisando de uma massageada no ego...
- Só no ego!? – Camilo interveio, causando uma gargalhada geral.
- Deixa eu falar, porra... – Fabio não conseguiu parar de rir naquela hora – eu falei que ela era uma pessoal muito especial e que mais cedo ou mais tarde o babaca do Celso ia perceber isso.
- E o que foi que ela disse? – eu perguntei.
- Eu acho que as palavras exatas foram: "eu não sei porque é que ainda estou a fim de um cara que preferiu ficar com uma estranha...".
- Amor que bate e fica... – Ricardo aproveitou a deixa para filosofar.

Nós ficamos calados por um instante, eles pareciam estar esperando o meu comentário. Aquela frase me marcou, mas na hora eu achei que era apenas mais uma das coisas que iriam acontecer ate que nós não estivéssemos mais ligados um ao outro.
Por outro lado Fernanda não era tecnicamente uma estranha, se bem que na hora eu achei melhor não comentar aquilo, pois aquela situação ia ficar muito mais complicada se eu tivesse que explicar o porque.

- Bom, eu vou tomar um banho, alguém vem comigo? – eu tinha certeza de que eles iriam entender que eu não queria mais falar sobre Maria Luiza.
- Eu vou – Ricardo disse.
- Eu também – Fabio se levantou.
- Ué, vocês tomam banho a 3!? – Camilo ficou rindo.
- Mas de sandália, é claro... vocês não fazem isso? – Fabio indagou, como se aquilo fosse a coisa mais comum da vida no H8.
- Não... e o que acontece quando o sabonete cai? – Paulo ficou sacaneando enquanto dirigíamo-nos ao chuveiro.
- É a maior briga, fica todo mundo falando "deixa que eu pego" – Ricardo explicou.
- Vocês são um bando de escrotos... – Camilo comentou, sorrindo de inveja – o pessoal lá do apê é muito conservador com essas coisas.
- A gente devia vir morar aqui, Camilo, aí ia rolar a maior sacanagem...
- Mais do que já está rolando? Será que seria fisicamente possível? Primeiro o cara agarra a ex do outro, depois o outro agarra a ex do cara, que é ex dele mesmo, só pra consolar a coitadinha, pois o ex dela, o segundo, se agarrou com uma baranguinha no baile...
- Baranguinha uma porra, a Fernandinha é uma gata – eu gritei do chuveiro, tentando defender meu bom gosto – eu tenho um bom nome a zerar, gente.
- Eu vi a menina, Camilo – Ricardo acrescentou – não é assim uma loura maravilhosa daquelas que eu agarro todo fim de semana, a-há, mas dá pro gasto...
- Sem falar nessas louras que ninguém nunca vê... e pra finalizar vai todo mundo tomar banho junto – Camilo concluiu – só faltou o CIB e o bicho pra completar.

- O que é que vocês tão falando de mim? – CIB chegou com Carlinhos – E já tá na hora do banho? Vocês nem me esperaram...
- Pode vir, eu já estou saindo – Ricardo disse.
- Eu pensei que iam ficar os 4 aí dentro – Camilo observou.
- Ainda cabe mais 1, Carlinhos – Fabio gritou.
- Sai, cara, não vem com essa viadagem pro meu lado – Carlinhos ficava furioso com aquelas brincadeiras, mas com o tempo foi se acostumando.
- Paulo, será que as meninas também tomam banho assim umas com as outras? – Camilo tocou num dos assuntos prediletos do apê.
- Humm... shruiu!!! – Fabio gritou.
- Eu acho que não... mulher é mais competitiva... na certa iam ficar olhando se a outra tinha o peito maior, a bunda maior – Paulo coçou o queixo, deu aquele sorriso esperto dele.
- A barriguinha maior... – CIB complementou.
- Iam conferir as celulites das amigas... – Ricardo finalizou.

A gente se divertia lá no apê... e ainda tinha gente que falava que o H8 era um lugar triste, cinza, deprimente...

Enquanto Isso

Eu havia estudado muito para as primeiras provas, principalmente Física. Aquele semestre tinha umas matérias que podiam ser razoavelmente tranqüilas ou extremamente difíceis, dependendo de quem que estava lecionando e do bom ou mau humor dessa pessoa.

Física era uma delas. As turmas 3 e 4 tinham se encaixado no primeiro caso, nós não tivemos a mesma sorte, e sabíamos que o gagá ia ser intenso. Eu tirei B na primeira prova, mas continuei estudando como se estivesse precisando de L o tempo todo. E também bodoseei nos labs.

A outra era Descritiva, que graças aos meus extensos conhecimentos prévios ficou praticamente independente dos fatores acima mencionados: eu tirei <u>L+*</u> nas 4, e fui pro exame precisando tirar uma nota qualquer maior que 0. O que sem dúvida amenizou bastante o nível de desespero no final daquele semestre.

Mecânica era trolha garantida, pois era o mesmo professor que dava aula para as 4 turmas, e o sujeito tinha uma reputação um tanto quanto duvidosa. Segundo alguns veteranos ele era louco, segundo outros, babaca, e segundo outros ainda uma interseção das qualidades anteriormente citadas.

Mas as primeiras provas foram todas boas, e eu estava animado para o feriadão, queria ir pegar onda. Perguntei aos outros 3 surfistas do H8 se eles iriam à praia, mas eles tinham outros planos: um deles ia para Maresias com a namorada, e os outros iam visitar os pais no interior. Mas pelo menos 1 deles foi caridoso o bastante para me emprestar a sua prancha, e eu fui para Ubatuba com 2 colegas da minha turma que eram simpáticos à minha causa.

A aventura foi pra lá de bizuleica, bem diferente da ida a Ubatuba no ano anterior. Pra começar não deu onda boa, só rolou aquelas merrequinas bem fracas. Choveu o tempo todo, exceto quando a gente decidiu ir embora. De noite a gente ficava naquele pra lá e pra cá, tentando jogar lero pra cima das marias, mas era tanta mulher bonita que a gente acabava perdendo o foco.

Nós encontramos com outros colegas do H8, que aparentemente estavam passando pela mesma situação que nós.

E para piorar tudo eu liguei para Carolina e ela falou que tinha encontrado o meu desinibido amigo Rogério na praia. Eu sabia que ela tinha ficado impressionada com as nádegas do rapaz na festa na Mansão Gabirú, depois do carnaval, e fiquei desconfiado daquela estória.

- *Ele tava meio chateado porque não tava dando onda.*
- É, aqui também tá maus, e você sabe porque...
- *Tá fazendo sol, pelo menos?*
- Não, tá aquela chuvinha que só enche o saco... que foi mais que Rogério disse?
- *Ele me contou uma estória interessante...*
- Já sei o que foi...

- *Ele disse que vocês namoraram com a mesma menina... que ela acabou com ele pra ficar com você.*
- E ele falou que isso aconteceu há muito tempo?
- *Falou, e que na época vocês nem se conheciam...*
- E o que mais que vocês conversaram?
- *Nada... ele foi embora.*
- Sei...
- *Você não está achando que...*
- Não, Carolina, claro que não...
- *Era só o que faltava... bom, não aconteceu nada com Rogério... se bem que até que não seria uma má idéia* – eu achei que ela tava falando aquilo só pra me sacanear, mas sabia que a possibilidade existia e era real.
- Eu pensei que você soubesse controlar a sua vontade...
- *Claro que sei... mas tudo tem limite...*

Aquilo não era verdade, eu sabia que certas funções não tinham limite, nem derivada, pelo menos em alguns pontos do domínio, e esperava que aquele fosse o caso. Mas aquelas palavras ficaram martelando na minha cabeça, e eu voltei de Ubachuva com uma ligeira sensação de que algo desagradável iria acontecer em breve.

E no dia seguinte algo desagradável realmente aconteceu, mas não teve nada a ver comigo e Carolina. Foi durante a aula de MAT-31. Eu havia percebido que um dos meus colegas de turma estava com uma expressão bastante apreensiva desde o café da manhã, e durante a aula seu estado de ânimo não melhorou nem um pouco. Alex também notou o estranho fenômeno, e resolveu investigar:

- O que foi que houve, Cid, que cara é essa?
- Eu não sei, Alex, eu acho que eu vou embora...

Cid levantou e saiu da sala, não esperou nem que o querido professor finalizasse sua elaborada demonstração do teorema 43. Alex fez o característico gesto rotativo com a mão direita, no qual os dedos polegar, indicador e médio formam ângulos retos entre si, e voltou a prestar atenção à aula.

Eu custei a acreditar no que estava acontecendo, e passei o dia inteiro tentando me convencer de que tudo não passava de um mal entendido, mas ao final da tarde eu tive a confirmação do fato: Cid havia mesmo desistido do ITA. Eu cheguei ao H15 um tanto quanto abalado, afinal de contas Cid era um dos alunos mais vibradores da minha turma. Peguei meu rango e sentei junto ao meu conterrâneo veterano Tino, que, para minha surpresa, já estava a par do acontecido, mas ainda carecia de alguns detalhes:

- O cara é de Campinas, por acaso? Porque tu sabes que campinense não dura muito tempo por aqui, exceto os aeronáuticos, é claro.
- Não, Tino, ele é de Sampa, e eu acho que ele ia fazer AER.
- E qual foi o motivo, Celso? O semestre mal comecou, não é possível que ele já estivesse mal de notas.
- Não, Tino, o lance foi outro...

- O que foi?
- Foi um problema sócio-econômico, tá ligado? Os pais dele são separados, ele tem 2 irmãos mais novos, ainda no colégio... a mãe dele trabalha o dia todo, mas a grana tá sempre curta. O pai tem outra família, não manda nem um puto pros filhos...
- Puta merda...
- Cid chegou à conclusão de que vai ter que trabalhar de dia e estudar de noite para ajudar a mãe a criar os irmãos. É por isso que ele está largando o ITA, meu caro.
- Porra... a gente nem pensa nestas coisas, né, Celsão? Mas tem colegas nossos que passam por cada dificuldade pra permanecer aqui... tem um cara da minha turma que é tão quebrado que não vai pra casa na semaninha, nem nas férias do meio do ano. E no fim do ano ele só passa o Natal e o Ano Novo com a família, depois volta pra cá e passa o resto das férias no H8.
- Putz... tem um cara da minha turma que era office boy, velho, tá ligado?
- Office-boy, Celsão?
- Pode crer, ele trabalhou 2 anos de boy pra poder juntar grana pra fazer o cursinho preparatório pro ITA.
- Tem um cara da minha turma que fazia o cursinho de dia e de noite ia tocar nos bares pra poder ganhar dinheiro pra financiar os estudos. Frajola, tu conhece ele.
- Conheço, ele toca bem pra cacete, e canta legal também.
- Pois é, imagina o drama, o cara passa o dia todo estudando e boa parte da noite enfurnado num bar... e ainda consegue passar no ITA.
- Esses caras é que são fodões mesmo, Tino.
- Pode crer... e nós somos um bando de privilegiados que vivem reclamando da comida, né?
- É verdade... mas que essa comida é peba não há como negar não, meu velho.
- Pode crer... e aí, já decidiste fazer AER?
- Eu ainda estou pensando neste assunto, Tino.
- Celsão, eu vou te dizer uma coisa, se eu não fosse fazer AER eu nem tinha vindo pro ITA, tá ligado?
- Sério?
- Sério, AER é o único curso alto nível desta escola, Celso. Não vai me dizer que tu estás pensando em fazer MEC?
- Estou.
- Meu irmão...
- MEC é mais abrangente, Tino, no final das contas as possibilidades de emprego não ficam tão restritas, principalmente para quem não pretende morar nesta caceta desta cidade pro resto da vida, como eu.
- Eu também não quero ficar aqui não, meu velho, mas nem por isso vou deixar de cursar o que esta escola tem de melhor para oferecer não.
- Eu não sei... e como está a AER este semestre, Tino?
- A mesma coisa do semestre passado, Celso, ou seja, trolha. E a coceba do segundo ano?
- O começo foi razoavelmente razoável, agora a pressão está aumentado.
- Todo semestre é assim, tem umas 3 ou 4 semanas de relativa tranqüilidade, aulas, labs, séries... depois começam as provas...
- 4 ou 5 semanas de pressão... fora mais aulas, labs, séries...

- Depois 1 semaninha de "descanso", não raramente também utilizada para revisar alguma coisa que esteja merecendo uma atençãozinha extra.
- Só, e depois mais 8 semanas de mais pressão... e mais aulas, labs, séries...
- E mais 2 semanas de exames, e alguns trabalhos e relatórios atrasados, há-há.
- E depois férias.
- O processo é o mesmo desde meados do século XX, Celsão, e eu sinceramente não creio que vai mudar agora.
- Nem eu... mudando de assunto, Tino, tu conhece alguém fora do H8, alguém da terra?
- Claro que conheço, deixa eu ver... eu conheço aquela menina do cabelo preto, que namora com Adriano, como é mesmo o nome dela?
- Ana Paula.
- Isso. O pai dela é iteano, gente fina, eu conheci no SDO do ano passado.
- Sei, quem mais?
- Deixa eu ver... Carlão, daqui do CTA, ele joga vôlei com a gente, tu conhece ele.
- O pai dele é iteano também, né?
- É, trabalha no IEAv.
- Ou seja, as 2 únicas pessoas que tu conheces são filhos de iteanos.
- Não, eu conheço aquela menina amiga dos meninos, ela não é filha de iteano.
- Aquela menina amiga dos meninos... quem, cacete?
- Andréa, aquela amiga de Fabio e Ricardo.
- Ou seja, amiga de nossos amigos iteanos...
- Sim, qual é o problema?
- Todo mundo que tu conhece fora do H8 tem algum tipo de vínculo com o H8, Tino.
- Celsão, deixa eu te falar uma coisa.
- Fale.
- Preste bem atenção, pois o que eu vou lhe dizer vem de uma pessoa mais velha e experiente que você, um veterano seu.
- Sim, diga.
- Uma pessoa que já passou mais de 3 anos nesta cidade, ou seja, 2 anos a mais que você.
- Fala logo, pentelho.
- Aqui em São José só tem 2 tipos de pessoas: as que têm algum tipo de vínculo com o H8 e as que não têm.
- E daí?
- Deixe eu continuar.
- Continue.
- As que têm algum tipo de vínculo com o H8 se dividem em 2 sub-grupos: as que continuam a ter algum tipo de vínculo com o H8, tais como os ex-alunos que vêm pro SDO, o pessoal da AEITA etc, e as que preferem romper seus vínculos com o H8, tais como alguns ex-alunos ainda traumatizados e/ou recalcados com sua esperiência no ITA, ou aqueles que estão ocupados demais com suas carreiras e/ou famílias para dar a mínima ao que está acontecendo aqui, ex-eposas e ex-namoradas de iteanos etc.
- E...?
- As que não têm algum tipo de vínculo com o H8 também se dividem em 2 sub-grupos: as que gostariam de ter algum tipo de vínculo com o H8, tais como os

futuros alunos do ITA, ou futuros empregadores de profissionais formados no ITA, ou futuras namoradas e esposas de iteanos etc, e as que não gostariam de ter nenhum tipo de vínculo com o H8, como aquelas pessoas que acham que nós somos apenas um bando de doidos e/ou babacas e que estamos aqui apenas para estudar e depois de 5 anos vamos embora desta cidade e nunca mais colocaremos os pés aqui.

- Feito tu? Feito tu é feio pra cacete, né?
- Horrível, Celsão.
- Feito você?
- Como assim?
- Tu és um desses que depois de se formar nunca mais volta por aqui, Tino.
- Com certeza, como diz aquela música, "São José, São José, eu aqui não volto mais".
- Conclusão...?
- A conclusão é que qualquer pessoa que tenha algum tipo de relacionamento contigo, seja pessoal, esportivo, musical, profissional, religioso etc, necessariamente teve, tem ou terá algum tipo de vínculo com o H8.
- Então eu nunca vou conhecer alguém que queira ter algum tipo de relacionamento comigo independentemente de eu ser aluno do ITA?
- Não aqui em São José, Celsão.
- Não!?
- Não! Suponha a seguinte situação hipotética: você está na cidade, conhece alguém, começa a conversar... o que é a primeira coisa que esta pessoa vai perguntar?
- Qual é o seu nome...?
- Sim, pode ser. Mas o que é que esta pessoa vai perceber, assim, de especial, em relação a você, algo que lhe distingue dos demais?
- Sei lá, os meus lindos olhos castanhos...?
- Não, Celsão, este sotaque pai d'égua que você, e eu, temos.
- Sim, e daí?
- E daí que esta pessoa fatalmente vai perguntar da onde você é, e você fatalmente vai responder que é de Olinda.
- Claro.
- E esta pessoa fatalmente também vai perguntar o que você está fazendo aqui em SJK.
- E eu fatalmente vou responder que eu estudo no ITA.
- Claro, afinal de contas você acabou de mentir para esta pessoa que você nem conhece direito, e fica mal mentir 2 vezes consecutivas.
- Exato.
- E a tal pessoa ou vai continuar a amigável conversa, agora sobre o ITA, ou vai ignorar você pro resto da vida. E é por isso que eu não saio, pois pra conversar sobre o ITA e sobre o H8 eu prefiro ficar aqui mesmo, assim não gasto gasolina em vão.
- Então pra quê tu trouxeste a Paratosa pra cá, Tino?
- Pra ir pro cinema, onde eu não vou precisar conversar com ninguém, ou pra ir pro Rio nos feriados, essas coisas.
- Só...
- Por acaso tu conhece alguém fora do H8, alguém da terra, que não tenha algum vínculo com o ITA?
- Deixa eu ver...

Eu parei para pensar a respeito: Claudinha, filha de iteano, Ana Paula, idem, Carlão, idem, Edna e Michelle, idem idem. Fernanda, amiga de iteanos, Andrea e Adriana, idem idem. Alberto, filho de um professor do ITA...

- Não.
- Pois é o que eu estou falando, velho.
- Pode crer...
- Se não fosse pelo ITA esta cidade inteira já teria sumido do mapa, e passaria para a história somente por ter sido um centro de tratamento de tuberculosos.
- É mesmo... por outro lado, Tino, no dia que estourar a III guerra São José vai ser a primeira cidade brasileira a ser aniquilida por um ataque nuclear.
- É mesmo... ironicamente, por causa de tudo que nasceu a partir do ITA.
- Exato.

Acabamos nosso jantar e voltamos para o H8, mas eu senti que o meu dedutivo amigo estava com algo entalado na garganta. Quando chegamos ao hall do B Tino finalmente soltou o verbo:

- Celsão, deixa eu te perguntar uma coisa.
- Pergunte.
- Tu não está pensando em largar o ITA e voltar pra casa não, né?
- Deixe de sua leseira, homem! Que conversa é essa?
- Por um momento eu pensei que tu estarias cogitando esta idéia.
- De jeito nem maneira, Tino.
- Sei lá, às vezes a gente fica com saudades da família, dos amigos, da namorada.
- Sei...
- Isso é normal, Celsão, e família é família, não tem como substituir. Já o resto...
- Sei não, Tino, Carolina só tem 1.
- Claro, claro, mas você pode encontrar alguma substituta à altura, Celsão. Quer dizer, nem precisa ser da mesma altura, pode ser um pouquinho mais alta, ou mais baixa, há-há.
- Não existe substituta para a minha loura maravilhosa, Tino, a-há, a-há.
- Isso é um babaca mesmo, a menina não é nem loura.
- Mas não deixa de ser maravilhosa, a-há.
- Tá bom.
- E antes que você venha com mais leseira eu já vou adiantar que também não existe substituto para o surf, e windsurf não chega nem perto, a-há.
- Você está querendo dizer o contrário, não é mesmo?
- Eu nem vou responder... deixa eu ir embora, eu tenho que estudar Física com JF.
- Eu tambem tenho que estudar, daqui a pouco a semaninha chega e eu não quero ter que levar livro pra casa.
- Pesa muito, né?
- Só.

Limbo

- Neno?
- *Fala, turista, chegasse quando?*
- Ainda agora, acabei de sair do banho. Minha mãe disse que era pra te ligar ainda hoje... vai rolar alguma festinha?
- *Não, velho, vai rolar é muita onda amanhã...*
- Tá dando onda?
- *Tava parado até quarta, mas ontem começou a dar onda, hoje também deu. Amanhã a gente passa aí 5:30.*
- 5:30, Neno!? É muito cedo...
- *Que nada, Celso, fim de semana a gente tem que chegar cedo no mar, antes do "crowd" e do vento... vai dormir. Tchau.*

Eu madruguei, mas valeu a pena. O mar estava clássico. E não tinha quase ninguém quando chegamos.

- Tá melhor que ontem – foi a única coisa que Leo disse.

Eu fiquei surpreso, pois ele sempre dizia "você devia ter vindo ontem, Celso, tava bem melhor". Mas dispensei qualquer comentário, não havia tempo para discussões inúteis.

Aquela sessão foi memorável. Nós ficamos dentro d'água até 9:30, quando o vento começou a mexer o mar. Saímos e fomos tomar um suco na sombra, ainda extasiados, sorrindo o tempo todo.

- Agora é que vocês estão chegando? – Neno disse quando viu Gabiru, Zé Ativo, Daniel, Mauro e Rogério – vocês perderam as melhores ondas...
- Que nada, velho, tá bom demais – Daniel respondeu, já se dirigindo ao mar.
- E aí, Celso, chegou quando? – Rogério se aproximou e me cumprimentou.
- Ontem à noite.
- Já falou com Carolina?
- Ainda não, eu fui dormir cedo... por que? – eu sabia que tinha coisa.
- Eu encontrei com ela na semana passada, naquele barzinho lá na cidade... ela tava com uns papos meio esquisitos, tá ligado?
- Sei...
- Ela quis me dar um beijo, Celso... eu falei que ela tava confundindo as coisas, que não tinha nada a ver...
- E ela, o que disse?
- Ela disse que eu tinha razão... depois mudou de assunto – ele se levantou, passou parafina na prancha – eu espero que vocês consigam se entender...
- Eu também, Rogério, eu também...

Eu sabia que aquilo podia acontecer, e aconteceu, mais cedo do que eu pensava. Foi apenas um beijo, podia ter sido pior, mas às vezes um simples beijinho tem conseqüências imprevisíveis.

Eu surfei a tarde toda, aqueles treinos de capoeira no H8 realmente estavam me ajudado a manter a forma, mas mesmo sem querer eu fiquei o tempo todo pensando no que o meu fiel amigo Rogério havia me falado.

Naquela noite Carolina e eu fomos ao bar de Marcelo, que estava cheio, por sinal. Ela foi direto ao assunto, não esperou nem a chegada das nossas caipiroskas:

- Celso, eu preciso te falar uma coisa.
- O que foi, Carolina?
- Sabe aquele teu amigo, Rogério?
- Sei, o que é que tem?
- Eu encontrei com ele na semana passada, naquele barzinho lá na cidade...
- Não vai me dizer que você se agarrou com ele...!?
- Foi só um beijo, Celso... aliás, ele nem me beijou de volta, só faltou me empurrar.
- Foi mesmo...!?
- Ele já te contou tudo, não foi? Eu sabia... homens...
- Ele disse que foi você quem...
- É verdade... eu acho que eu estava me sentindo muito só... é difícil ficar esse tempo todo longe de você, Celso.
- Eu sei, Carolina, pra mim também é difícil ficar longe de você, da minha família, dos meus amigos... é muito difícil. Mas pelo menos eu não fico tentando agarrar as tuas amigas.
- Claro que não, elas não estão lá em São José... você fica agarrando aquelas mocréias... pelo menos eu não fui pra cama com ninguém.
- Porque ele não quis...!?
- Não, nem que ele quisesse você sabe que não ia chegar a tanto.
- Eu espero que não...

Ela olhou para o outro lado por um instante e pensou bem no que ia me dizer. Eu sabia que não ia ser coisa boa:

- Celso, eu não sei o que iria acontecer se ele quisesse ficar comigo.
- Putz... – eu respirei fundo – você está a fim dele?
- Não, Celso, eu não estou a fim dele, eu não sou a fim dele, foi coisa de momento.
- Sei...
- Eu tava sozinha, carente, o menino é bonitinho, tava de bobeira... eu fiquei com vontade de dar uns beijinhos nele. Foi só isso.
- Só isso, Carolina?? Tu acabaste de falar que ia rolar muito mais que uns beijinhos!!!
- ...
- Você acha melhor a gente repensar esta coisa toda...?
- Não, Celso, eu gosto de você... muito, muito mesmo. Eu não quero ficar sem você.
- Eu tambem gosto de você, Carolina, mas esse tipo de coisa vai acabar acontecendo com a gente...
- De novo, né? Pensa que eu esqueci da estória da Luluzinha?
- Pronto, agora você vai ficar ruminando esta estória pro resto da vida...
- Não, Celso, eu não vou, eu estou apenas comentando que esse tipo de coisa já aconteceu com a gente. E nós sobrevivemos, não foi mesmo?

- Foi, Carolina, e eu não vou mais furunfar com ninguém.
- Eu espero que não...
- Só com você, é claro – eu achei que já estava na hora de finalizar aquela esclarecedora conversa – e por falar no assunto...
- Que assunto?
- Você sabe...
- Ah... hoje não vai dar... você sabe...
- Amanhã...!?
- Também não... eu acho que lá pela quarta-feira...
- Quarta-feira?! Tá bom, então...
- E como é que estava o mar hoje?
- Perfeito, 10, amanhã tô lá de novo, cedinho...

Naquela semaninha deu muita onda, eu fui à praia todos os dias. Coisa que provocou um inocente comentário por parte da minha observadora mãe, durante o jantar da quinta-feira:

- Tirando o atraso, Celso? Só vive na praia agora...
- Tem que aproveitar, mãe, São José não tem disso não.
- Eu não sei como é que tu consegues ficar esse tempo todo sem surfar, Celso – meu filosófico irmão observou – se fosse eu já tinha endoidado.
- Não fale uma besteira desta, Mauro – meu filosófico genitor interveio – o seu irmão vai ter o resto da vida para surfar, mas a oportunidade de cursar o ITA é só agora mesmo.
- Essa foi profunda, pai – meu irmão sorriu – e aí, aruá, vai fazer que curso?
- Eu não sei ainda... – eu ainda estava refletindo sobre as palavras que o meu pai falara – provavelmente Mecânica.
- Ué, não vai fazer Aeronáutica, meu filho?
- Eu não sei ainda, pai...
- E você já decidiu se vai seguir a carreira militar, Celso?
- Isso eu já decidi há muito tempo que não vou fazer, pai, desde o dia em que eu cheguei ao ITA. Aliás, desde antes de eu ter chegado lá.
- Daqui pro final do ano você muda de idéia... – meu pai sorriu, confiante – você ainda nem sabe o que vai cursar...!
- Meu pai, eu vou lhe dizer uma coisa: eu posso não saber o que eu quero fazer, mas eu sei muito bem o que eu **não** quero fazer. E vestir farda e cortar o cabelo que nem um recruta eu não vou fazer **nunca mais**, mas nem fu... – eu procurei uma alternativa mais apropriada para a ocasião – quer dizer, mas nem que a vaca tussa!
- E por falar em cortar o cabelo, meu filho, já está na hora de dar uma aparada.
- Que nada, mãe, eu vou deixar o cabelo crescer até a bunda, quer dizer, até as nádegas.
- Há-há-há, vai ficar massa, Celso – meu diplomático irmão achou que estava na hora de desviar o rumo da conversa – Tu vais sair com Carolina hoje?
- Só...
- Carolina? Essa eu não conheço, quando é que ela vai aparecer por aqui?
- Eu não sei, pai, ela é meio tímida – eu achei melhor desconversar.
- Pois eu não quero mais conhecer nenhuma namorada desses meninos, Pacheco. Se eu encontrar na rua, ou numa festinha, vai ficar só no “oi, tudo bem?”.

- Por que não, Clarisse?
- Porque quando o namoro acaba eu é que fico triste, com saudades das meninas. Chega desta estória, chega de amizade com essas temporárias. Quando vocês arrumarem namorada firme, e estiverem prontos para casar, tragam a menina aqui. Enquanto isso me poupem!

Nós ficamos rindo da justificativa da mama, mas seguimos a sua sábia orientação. O pior é que eu nunca levei Carolina em casa, e ela só veio a conhecer os meus pais vários anos depois daquela tranqüila noite, e justamente numa cerimônia de casamento. Mas isto é outra estória, um pouco mais complicada que esta.

A semaninha acabou, e quando eu fui embora eu percebi que Carolina estava muito quieta. Ela não disse nada, mas eu sabia que ficar outras 10 semanas longe um do outro ia ter um efeito desgastante em nós 2. Foi naquele dia que eu me dei conta de que aquilo que a gente estava tentando fazer não tinha a menor chance de dar certo, e que ela sabia disso desde o dia em que me havia dito que achava melhor a gente não se ver mais.

- Você quer desistir dessa idéia? – eu sabia que ela sabia do que eu estava falando.
- Não, Celso... eu só queria que... nada. Boa viagem.

Eu cheguei no H8 convencido de que ela nunca seria feliz daquele jeito, e que mais cedo ou mais tarde nós teríamos que acabar tudo e seguir caminhos diferentes. E novamente fiquei com aquela cara esquisita, melancólica.

Na segunda-feira Príncipe e eu fomos conversar com nossa conselheira. Ela estava muito feliz e orgulhosa de nós, nossas notas estavam boas, 0 faltas, poucos atrasos.

- Continuem assim, meninos, vocês estão indo muito bem. Já o Augusto... ele precisa se concentrar mais.

Augusteu precisava mesmo era mudar de ambiente, mudar de escola. Não que ele não tivesse capacidade intelectual para estudar no ITA, mas ele vivia num ritmo diferente. Além de ser muito excêntrico. Mesmo para os padrões dos colegas de apê dele, JD, Rato e JP, que apesar de tudo sabiam quando a trolha estava perto e metiam o necessário gagá. E o pior era que ele havia acumulado 4 Is no primeiro ano. Todo mundo sabia que Augusteu era só uma questão de tempo...

JF e eu procuramos estudar em ritmo constante, nós sabíamos que o final daquele semestre ia ser no mínimo chatinho. Mas o começo daquele bimestre foi bem normal: aulas, labs, séries, relatórios... o bostejo no apê...

Teve uma coisa que não foi tão normal assim, pelo menos pra mim. Foi logo depois da semaninha, eu havia acordado bem cedo, e quando fui escovar os dentes notei que tinha alguém no chuveiro. Eu achei esquisito, pois lá no apê ninguém tinha o hábito de tomar banho matinal, mas não abri a cortina pra ver quem era, o tal colega podia estar fazendo algo que eu não quisesse testemunhar. De repente Carlinhos abriu a porta do quarto dele e fez um sinal pedindo silêncio e outro me chamando. Eu fui ver o que ele queria, a escova

ainda na boca. Ele apontou pro chuveiro e fez uma seqüência de gestos que pareciam descrever uma silhueta bastante diferente daquelas dos nossos colegas. Depois sorriu, abriu a porta do apê e foi pra aula de Quimex.

Assim que ele saiu o chuveiro foi desligado e uma mão misteriosa puxou a toalha que estava pendurada. Eu aproveitei e lavei a boca rapidinho para voltar logo para a minha querida geladeira, mas não deu tempo. Eu estava quase abrindo a porta do meu quarto quando a cortina foi aberta, e eu não pude finalizar a tarefa. Minhas suspeitas se concretizaram: havia de fato uma mulher tomando banho no nosso apê, e ela era linda. Morena, alta, olhos cor de mel, cabelos escuros, ainda pingando sobre os ombros nus... não deu pra ver mais pois a toalha tava cobrindo o resto.

Eu tentei manter a calma, como que querendo mostrar para ela que aquilo era a coisa mais normal que poderia acontecer numa manhã de sábado lá no 228. Ela também parecia não estar nem um pouco abalada, sorriu para mim com superba naturalidade:

- Bom dia, você deve ser o Celso. Eu sou a Marina, a namorada do CIB... ele fala muito de você.

Eu achei engraçado o uso do artigo definido feminino, mas achei melhor não comentar nada arespeito daquele ínfimo detalhe:

- Oi, Marina, o CIB fala de você o tempo todo... ele ainda tá na cama?
- Tá, a gente chegou um pouco tarde ontem, você tava dormindo. Mas eu conheci o Ricardo e o Fabio – ela tentava enxugar um pouco os cabelos enquanto falava comigo. O Carlinhos eu já conhecia lá do Rio.
- Sei... Você quer comer alguma coisa? Temos frutas, iogurte, leite, cereal...
- Eu aceito um iogurte, mas deixa eu colocar uma roupa primeiro.
- Boa idéia.

Nós ficamos conversando enquanto o pessoal não acordava, ela falou que ia passar o fim de semana em São José, eu achei que ela queria mesmo era mostrar pra concorrência quem era a dona do pedaço. Eu só sei que depois daquele fim de semana CIB tornou-se adepto da monogamia. E no ano seguinte Marina mudou-se pra São José, eles foram morar juntos, CIB raramente dormia no apê. Eu gostei muito dela, ela aparecia nos ensaios, ia aos shows no ITA, a gente conversava bastante... nós nos tornamos bons amigos.

Naquela noite teve um baileu da CV, no H15. Eu não estava a fim de ir, não estava em clima de festa. Havia ligado pra Carolina, ela ainda tava triste, eu fiquei triste também... mas Ricardo falou que Ana Paula ia estar lá no baile, e que ela havia perguntado por mim.

Eu achei que seria uma boa chance de cultivar uma amizade fora do H8. Ela era muito simpática, nós conversamos um bocado, até Adriano aparecer pra jogar na zaga:

- Oi, Ana Paula, tudo bem concê? Celso, cadê a sua namorada?
- Se você está procurando a Lú, Adriano, ela está bem ali, ó.
- Eu conheço aquela menina, ela namorou o Fabio...

- Pois é, Ana Paula, mas agora ela é a paixão do Celso...

Aquela não seria a última vez que o Adriano ia dar uma de beque comigo. Ele iria repetir a mesma atuação no ano seguinte, com a mesma pessoa. Eu notei que seus interesses sobre Ana Paula iam muito além dos meus, e depois de alguns instantes eu disse que ia procurar Fabio e deixei-os a sós.

Encontrei com José Fernando, que estava de olho numas baranguinhas. Eu alertei o meu prezado bicho que ainda estava muito cedo para apelações daquela natureza, e rapidamente removí-lo da zona de perigo. Logo depois eu achei Michelle, que como sempre estava bem acompanhada. Nós ficamos dançando e colocando o papo em dia enquanto meu agradecido amigo lorotava com as amigas dela.

- Eu saí com aquele seu amigo, Celso, o Astro.
- E como foi?
- Foi legal...
- Legal...?
- É – ela sorriu meio sem graça – mas ele é muito galinha pro meu gosto, sabe quando o cara tá com você e fica conferindo tudo que é mulher que passa?
- Sei...
- Aquilo não me agradou nem um pouco... você não é assim não, é, Celso? – ela afastou o rosto e olhou para mim.
- Não, claro que não... quer dizer, conferir eu confiro, mas discretamente – eu sabia que não dava pra mentir pra ela, então tentei amenizar um pouco.
- Eu sabia, homem é tudo igual mesmo... e a Lú, vocês acabaram mesmo? – ela encostou seu rosto novamente ao meu.
- Eu acho que sim, Michelle...
- Você ainda gosta dela?
- Eu ainda penso muito nela.
- E ela?
- Eu não sei, às vezes ela me olha daquele jeito, você sabe como é...
- Eu sei... deve ser difícil esquecer alguém que a gente vê todo dia... eu já passei 6 meses sem ver o Flávio e ainda penso nele toda hora.
- É, essas coisas são assim mesmo, Michelle.

Naquele semestre eu aprendi que minha amiga Michelle não era a única pessoa que gostava de atenção exclusiva. Certos professores também não gostavam que os alunos ficassem olhando para outras matérias enquanto eles ministravam as suas aulas. Eles achavam que suas respectivas disciplinas deveriam ser encaradas como se fossem as mais importantes e difíceis, mesmo que a realidade fosse um pouco diferente. Alguns ficavam com ciúmes até do papel de rascunho do lab comp que a gente usava pra fazer anotação nas aulas.

O conjunto fez um intervalo, nós conversamos mais um pouco e depois eu falei que ia ao bar pegar uma bira.

- Vá almoçar lá em casa amanhã, minha mãe mandou lhe chamar – Michelle disse ao despedirmo-nos.

- Vou sim, obrigado pelo convite.

O pai de Michelle era iteano e trabalhava no IAE. A mãe dela e outras 2 esposas de iteanos que também moravam no CTA praticamente tinham adotado um grupo de alunos da minha turma que incluía Adriano, Valmir, K-Zé e eu. Aquelas simpáticas senhoras provavelmente não faziam idéia de quanto nós éramos agradecidos por aqueles almoços e jantares... os maridos com certeza sabiam o que a gente encarava diariamente no H15. Mas o que a gente mais gostava mesmo era passar algumas horas fora do H8, num ambiente realmente familiar. Aquelas pessoas eram de uma certa forma nossas famílias longe de casa, e com elas eu aprendi muito sobre o ITA, e sobre o que significa ser iteano.

Eu encontrei Paulão no bar, ele perguntou como é que estava o baile e eu fiz um resumido relatório do que havia acontecido até o momento.

- E você deu um agarradão na Michelle, seu babaca?
- Não, Paulo, claro que não... Michelle é como se fosse uma irmã pra mim.
- Irmã, Celsão? Não exagera...
- Uma prima, então...
- Daquelas bem distantes, não é?
- É... ela é uma gracinha, mas eu sei que não vai rolar nada.
- E por que não?
- Primeiro porque ela é apaixonada por um sujeito... e segundo porque eu sei que não sou o tipo dela, tá ligado?
- Engraçado, eu conheço uma pessoa que é apaixonada por você, Celsão... e eu sei que você é exatamente o tipo dela... há-há-há.
- Eu acho que já está na hora de ir embora, Paulão. Já socializei, já fiz a minha boa ação do dia... 2... 3, aliás.
- Sei não, Celso, eu ainda acho que você tá perdendo tempo... ela não vai ficar assim de bobeira "ad infinitum"...

Ele tinha razão, e eu sabia disso, mas no momento eu apenas registrei as suas palavras, terminei a minha bira e dirigi-me à saída do H15. Mas ao chegar lá deparei-me novamente com aquela linda morena dos olhos cor de mel:

- Oi, Celso, já está indo? Nós acabamos de chegar.
- Oi, Marina, CIB... eu acho que já vou dormir...
- De jeito nenhum... esse baile tá começando agora – CIB passou o braço sobre meus ombros e me arrastou de volta.

Depois ele foi pegar umas biras para nós e me deixou ali, sozinho com aquela oitava maravilha da natureza. Eu ainda não havia apagado a imagem daquela manhã, aqueles cabelos molhados, a água escorrendo pelos seus ombros nus...

- CIB me falou que você tem uma paixãozinha no ITA, ela não está aqui hoje?
- Ela está aqui, mas nós não estamos mais juntos...
- Ah, que pena... e quando foi que vocês acabaram?
- No final do ano passado... mas nós ainda somos bons amigos... eu acho.

- Que bom...
- A gente se vê praticamente todo dia... jantamos na mesma mesa quase toda noite, aqui no H15, com outros amigos...
- E vocês se vendo todo dia, passando esse tempo todo juntos, não pintou nenhum clima, Celso? – Marina parecia que estava lendo meus pensamentos.
- Pintar, pintou... mas eu acho que nós... eu acho que eu estou tentando...
- Você está tentando o quê, Celsão? – CIB reapareceu na hora certa.
- Ele tava falando da namorada, quer dizer, ex-namorada dele...
- Maria Luiza, gente finíssima... ela tá bem ali, Marina.

Nós viramos os rostos ao mesmo tempo, e eu acho que Maria Luiza sentiu a força dos nossos olhares, pois ela imediatamente olhou em nossa direção.

- Ela é bonitona... mas tem uma cara de braba... – Marina comentou.
- Faixa vermelha de Tae-Kwon-Do – CIB acrescentou.
- Ai, Celso, será que ela vai vir aqui me dar uns tapas só porque a gente tava conversando?
- Não, Marina, ela é muito zen pra fazer uma coisa dessas... mas eu acho que vou lá falar com ela... obrigado pela bira.

Eu não tinha muito que conversar com ela, mas não queria dar a falsa impressão de que estava tentando ignorá-la novamente:

- Oi, Lú.
- Oi, Celso.

Nós não falamos mais nada por uns instantes. O conjunto voltou a tocar, eu fiquei tomando a minha bira.

- A gente vai dançar um pouco... – Cristina olhou pra Lú – você vem...?
- Daqui a pouco, Tina.
- Vá com elas, Lú, eu já estava de saída mesmo...
- Tão cedo, o que foi que houve?
- Nada especial...
- Eu tava achando que os seus cachinhos estavam fazendo o maior sucesso... cada vez que eu olhava você tava conversando com uma menina diferente.

Eu sorri e passei a mão nos cabelos, lentamente. Por um instante eu pensei que ela ia fazer o mesmo, pois ela levantou a mão em minha direção, mas notei que sua intenção era outra quando ela pegou minha bira e tomou um gole.

- Agora você vai descobrir os meus segredos...
- Você acha que eu preciso disso?
- Eu acho que não – eu não sabia exatamente do que ela estava falando, mas aquela resposta serviria para qualquer uma das possibilidades.
- Vocês estavam falando de mim, não foi?
- Hum-hum...

- Posso saber o quê?
- O de sempre... você sabe...
- Sei... eu também ouço essas coisas o tempo todo...
- Michelle também tocou no assunto... Paulão... Adriano...
- E é por isso que você tava de saída?
- Também... eu estou procurando evitar complicações com uma certa pessoa.
- Sei... – ela tomou outro gole – quanto a este outro problema eu não tenho solução...
- Nem eu... – eu peguei a bira de volta, bebi mais um pouco.
- Aconteceu alguma coisa na semaninha?
- Hum-hum...
- Posso saber o quê? – ela finalmente olhou nos meus olhos quando perguntou aquilo.
- Eu me dei conta de que o que a gente está tentando fazer não tem a menor chance de dar certo.
- E ela?
- Ela já sabia disso há muito tempo...
- Mas mesmo assim continuou tentando...
- Hum-hum...
- Ela deve gostar muito de você, Celso... muito mesmo – ela virou o rosto por um breve momento, depois me olhou novamente – e você, até quando vai continuar insistindo numa coisa que você acha que não vai funcionar?
- Eu não sei, Lú... eu só sei que se eu não tentar não vai funcionar mesmo.

Ela virou o rosto novamente, nós ficamos sem falar nada de novo, olhando as meninas dançarem. Eu olhei para ela, que parecia ter sido contagiada pela minha melancolia, e fiquei me sentindo ainda pior do que estava antes. Eu lembrei das palavras de Paulão, mas achei que naquele momento ela precisava mesmo era de um bom amigo. Abracei-a e fiquei acariciando seus cabelos lentamente.

- Eu tava pensando o que teria acontecido com a gente se aquela borrachinha não tivesse estourado...
- O que é que você acha que teria acontecido, Lú?
- Você provavelmente já teria acabado tudo mesmo... ia me dizer que não conseguiu ficar sem ver a Carolina...
- Eu acho que você é que iria me dispensar. Ia dizer que tinha pensado muito nas suas prioridades, que o quarto ano ia ser muito puxado...
- Ou então ia falar que é complicado com essas coisas...
- Ou então ia falar que era melhor continuarmos como amigos...
- Assim como a gente está agora? – ela afastou o rosto e olhou pra mim.
- Não, agora a gente está no limbo... com essa coisa entalada na garganta – eu sorri levemente – eu acho que a gente ainda ia estar junto, Lú, e essa hora provavelmente a gente ia estar aqui no baile, abraçadinho... eu acariciando seus cabelos castanhos, olhando esses lindos olhos cor de mel...
- Assim como a gente está agora? – ela passou as mãos nos meus cabelos.
- Não, a gente ia estar feliz, se beijando o tempo todo... o que é que você está fazendo?

- Uma coisa que eu tava querendo fazer desde aquele dia na aula inaugural... – ela continuou acariciando os meus cachinhos – e você, Celso, o que é que você está fazendo?
- Eu não sei, Lú... eu estava tentando não pensar em você desse jeito... mas não funcionou... e agora eu não sei mais o que fazer.
- O que é que você quer fazer agora, Celso?
- Agora? Você sabe o que eu quero fazer agora, Lú...
- Eu sei... mas você está com receio do que possa acontecer amanhã, ou depois...
- É...
- Eu também estou, Celso... aquilo mexeu muito com a minha cabeça...
- Hum-hum...
- E além disso você sabe muito bem que eu não gosto de dividir o que é meu...
- E o que eu ia falar para minhas fãs?
- Você podia dizer que eu sou faixa vermelha de Tae-Kwon-Do...
- E você acha que elas iam se intimidar com o seu “Kihap”?
- Eu espero que sim, se não eu ia ter que dar umas porradas nelas – ela finalmente sorriu um pouco.

Eu sorri também, segurei suas mãos e me preparei para ir embora:

- Vamos ao cinema amanha à noite?
- Vamos... só nós 2?
- Hum-hum... tchau, Lú.
- Eu vou com você até a saída... – ela segurou o meu braço e saímos andando – você está muito tristinho hoje... ia ser presa fácil para uma dessas fãs...
- Você acha mesmo?
- E além disso da última vez que eu deixei você aqui sozinho o resultado não foi muito bom...
- Eu que o diga...

Nós paramos na escadinha da entrada do H15, abraçamo-nos novamente, eu dei 2 beijinhos no rosto dela e fui pro H8. Não tinha ninguém no apê, e eu fui direto pra cama. Mas demorei a dormir, fiquei pensando naquela conversa com Maria Luiza.

Nós fomos ao cinema na noite seguinte. Sentamos lá no fundão, ficamos conversando baixinho e comendo pipoca, o que eu geralmente evitava fazer por causa daquelas casquinhas que grudam nos dentes. Mas no momento eu achei melhor ignorar aquele ligeiro desconforto, pois Maria Luiza havia colocado o saquinho numa posição tal que me proporcionava ocasionais oportunidades para deixar cair umas pipoquinhas sobre suas pernas, o que eu fazia só para ter a chance de limpá-las logo em seguida.

Ela percebeu que eu queria mesmo era ficar alisando as suas coxas, mas não disse nada, apenas sorriu de leve, e eu achei que ela devia estar gostando do freqüente encontro das nossas mãos. E foi durante um daqueles furtivos encontros que eu segurei sua mão e entrelacei nossos dedos. Ela abaixou o olhar por uns instantes, eu beijei o seu rosto algumas vezes, ela girou seus lábios em direção aos meus e a partir daquele momento nós

esquecemos completamente do filme, das pipocas, das neuras. Aquilo ia ser um duro golpe na minha resolução número 1, mas foi inevitável e inadiável.

Foi apenas 1 beijinho, mas foi o suficiente para aliviar um pouco as nossas tensões residuais. Pelo menos as minhas. Pelo menos até a hora em que o filme acabou.

Nós resolvemos levar um papo cabeuça enquanto voltávamos para o CTA. Quer dizer, ela me disse que queria saber uma coisa, eu apenas concordei com a idéia, como sempre:

- O que é que você quer saber, Lú?
- O que foi isso que aconteceu ainda agora, Celso?
- Foi um beijo, Lú, só isso.
- Sim, mas, por que aconteceu?
- Por que você estava com vontade, e eu também estava.
- Estava... você não está mais?
- Estou sim, Lú, mas eu não acho que seja muito saudável a gente cultivar este lance não.
- E por que não?
- Porque no fundo mesmo voce está certa, eu não ia conseguir ficar sem ver Carolina, e se esta condição é necessária para você...
- Você sabe que é, Celso.
- Eu sei... eu gosto muito da Carolina, Lú, muito mesmo, e eu não quero mais pisar na bola com ela.
- Eu entendo, Celso.
- Mesmo?
- Mesmo!
- Que bom, então.
- Eu só não entendo porque você continua insistindo numa coisa que não vai funcionar, e também não entendo porque eu fico... pensando tanto em você, Celso.
- Eu também penso muito em você, Lú.
- Eu sei...

Aquela conversa estava ficando um pouco perigosa demais, então eu resolvi sair pela tangente:

- Vai ver que é porque esse lance da gente é coisa das nossas vidas anteriores, há-há.
- Olha, não brinca com as minhas crenças não, Celso...!
- Eu não estou brincando.
- Olha...!
- Conta mais dessas coisas das outras vidas, Lú.
- O que é que você quer saber?
- É possível a gente mudar de sexo na próxima vida? Porque se for, na próxima vida eu quero ser mulher.
- Há-há-há... por que você quer ser mulher na próxima vida, Celso?
- Mulher só tem vantagem, Lú: mulher tem peito, mulher não fica careca...
- Mulher fica menstruada, mulher fica de barriga...
- Putz, é mesmo... deixa pra lá.

Tesouros Da Juventude

- Celso, adivinha quem vai sair com a Ana Paula na sexta-feira?
- Não serei eu, graças à tua bela atuação na zaga, Adriano.
- Eu sei que ocê não ficou chateado com aquilo, eu vi ocê conversando com a Lú depois...
- Não Adriano, eu não fiquei chateado, eu não estava azarando a Ana Paula. Mas se eu estivesse ia ser outra estória, meu velho.
- Vamos mudar de assunto que a sua queridinha está chegando.
- Oi, gente!
- Oi Lú, oi Valéria, oi Tina.
- Oi, Lú, tudo bem com você?
- Tudo bem, Celso, e você?
- Tudo bem...
- Celso, você vai naquele show no SESC, na quarta? Aqueles caras são lá da sua terra, não é mesmo?
- É, Valéria, o baterista é amigo meu... ele me mandou 2 ingressos, e 2 “backstage passes”... alguém quer ir comigo? – eu olhei pra Maria Luiza quando fiz a pergunta, mas já suspeitava qual seria a resposta.
- Eu não posso, tenho que entregar uma série de P.O. na quinta.
- Eu vou, então, Cristina não se amarra muito no som deles, não é, Tina?
- É verdade, Celso... mas você vai ter que ficar de olho na tietagem da Valéria, não deixa ela dar vexame...
- Isso vai ser difícil, Tina...
- Que é isso, gente? Eu sei me comportar direitinho...

Ela realmente comportou-se bem, não exagerou na tietagem, apenas trocou endereços eletrônicos com um dos guitarristas. Nós levamos Sérgio e o baixista para comer pizza após o show, eles adoraram. Eu nunca havia saído sozinho com Valéria, ela era uma daquelas pessoas que gostava de falar muito, às vezes até demais pro meu gosto, mas o pessoal gostou dela. Eu também gostei da companhia, e na volta pro CTA conversei bastante com ela.

- Esses caras devem estar levando uma vidinha até mais ou menos, não é, Celso?
- Eu acho que sim, Valéria, o CD deles tá vendendo bem, excursão pelo país afora... gatas mil... mas eles batalharam muito pra chegar onde estão agora, tá ligada?
- Foi mesmo?
- Foi, eu vi quando eles começaram, tocando em barzinho, não tinham grana nem pra comprar uns instrumentos decentes... eles ralaram muito.
- Você tocava com eles?
- Eu toquei com Sérgio algumas vezes... e com Bero, o baixista.
- E você nunca pensou em fazer o que eles fazem?
- Já pensei, mas eu acho que esse tipo de vida não é pra mim...
- Você preferiu estudar... ser engenheiro.
- É... eu duvido que eles saibam calcular o campo elétrico produzido por uma carga q a uma distância r qualquer desta carga... ou resolver uma EDO... e você, Valéria, já pensou em fazer outra coisa assim mais artística?

- Já, eu fazia teatro quando tava no colegial...
- Teatro? Massa... e você chegou a se apresentar alguma vez?
- 1 vez só – ela fez uma cara de quem tava se lembrando de algo engraçado – a minha personagem era uma dessas porra louca, sabe? Tinha uma cena em que uma amiga dela falava que queria ir pra Canoa Furada...
- Canoa Furada!? Não seria Canoa Quebrada?
- Era isso que eu falava pra outra... e desde então eu coloquei na cabeça que tinha que ir pra Canoa Quebrada.
- E você já foi lá?
- Ainda não, Celso, ainda não... você nunca pensou em desistir do ITA?
- Desistir do ITA?
- É, lembra daqueles caras que desistiram no primeiro ano? Foram embora, assim sem mais nem menos?
- Sei... – eu fiquei pensando em tudo que eu havia desistido pra ir pro ITA – não, Valéria, eu nunca pensei nisso. O ITA pode até desistir de mim, mas eu jamais vou desistir do ITA.
- Nem eu... eu só saio daqui com o meu diploma. O que é que você mais gosta no ITA, Celso?
- Da imensa quantidade de tecnologia que tem por aqui... e você?
- Eu também, tem tanta coisa que a gente nem sabe que existe, não é?
- É mesmo... eu também gosto das amizades que a gente faz aqui.
- Eu também... como estão os moradores do 228?
- Todos bem.
- E o bicho pentelho?
- Não durou 1 mês, cansou da esperteza do ambiente.
- Há-há-há... coitado, paranaense no meio dos cariocas não ia dar certo, né?
- De jeito nem maneira... ele não percebeu que carioca adora se sacaneado, por isso eles sacaneiam todo mundo, pra receber o troco, tá ligada?
- Só... e o Luca, já começou a piruar de novo?
- De leve, mas ninguém nem toca no assunto quando eles está por perto.
- A Cristina acha que ele é boiola, Celso.
- Ela não é a única, Valéria... eu nunca vi nada, mas que o cara tem o ferramental ele tem sim.
- Há-há-há... e o que é que você menos gosta no ITA, Celso?
- Da localização... o ITA tinha que ser em Fortaleza, ou Natal, ou Floripa, e não neste fim de mundo.
- Há-há-há, assim você ia surfar todo fim de semana, né?
- Só... ia ser massa... e tu?
- Eu não gosto do frio.
- Não faz frio em Caraguá também?
- Não feito aqui. Você não conhece Caraguá, Celso?
- Só de passagem, quando eu vou pra Ubachuva. É muito bonito mas, segundo as minhas fontes, não dá onda.
- Não feito Ubatuba. E Maresias, você conhece?
- Eu fui no final do ano passado, com a Lú. É muito massa.
- Eu também acho... e a Lú, Celso?
- A Lú é uma ótima pessoa, Valéria, eu gosto muito dela.

- Há-há-há... pena que ela seja tão possessiva, né?
- É verdade.
- Eu acho isso uma besteira tão grande, criar caso por causa de uma menina que está a centenas de Km...
- Milhares...
- Essas forças são inversamente proporcionais ao quadrado da distância, não é mesmo? Em vez de aproveitar enquanto você está por perto a bobona fica pensando no que vai acontecer quando você estiver junto da outra, nas férias.
- É verdade, que besteira, né?
- Eu acho a maior besteira do mundo, afinal de contas a gente só é jovem 1 vez, mas você sabe como ela é.
- Eu sei... mas tem erro não, é melhor assim, pelo menos não fica ninguém pegando no meu pé, tá ligada?
- Ai, eu também detesto quando fica aquela coisa grudenta, é muito chato, viu?
- Tu tens namorado em Caraguá, Valéria?
- Não. Eu tinha antes de vir fazer o cursinho aqui em São José, mas a coisa esfriou. O que foi até melhor, pois assim eu me dediquei mais aos meus estudos, sabe?
- Sei... e passou no ITA.
- Passei... foi o dia mais feliz da minha vida, Celso.
- Idem idem...

Ela parou o carro na guarita do CTA e procurou a sua tarjeta de identificação pessoal:

- Cadê o meu crachá...?
- Tem 1 aqui no porta luvas, mas é o da Tina.
- Serve, me dá esse mesmo, e o teu também.

Nossa passagem foi autorizada, o guardinha nem percebeu a visível diferença da tonalidade dos cabelos delas 2. Ou percebeu mas preferiu ignorar.

- Isso me dá uma sensação de segurança tão grande...
- Há-há-há...

Nós chegamos ao H8 ainda cedo para os padrões locais, no hall do B havia o costumeiro movimento. Eu não tinha mais nada que conversar com ela, já havia gastado todo o meu papo, então resolvi dar boa noite e ir pro apê:

- Até amanhã, Valéria... obrigado pela carona e pela companhia.
- Obrigada você... agora eu vou terminar a série de MAT-31.
- Idem idem...

Quando cheguei de volta ao 228 Luca e Lulu estavam lá, mostrando a CIB o novo passinho que eles haviam aprendido na aula de balé. Luca era faixa rosa de balé clássico, CIB era faixa roxa, e Lulu era faixa amarelo-limão. Enquanto eles discutiam os detalhes técnico-viadais do referido passo eu sutilmente mudei o som de viado que estava rolando e coloquei um CD do Metallica. Depois sentei na minha cadeirinha e fui terminar a série de MAT-31. Aquela noite havia sido agradável, e a seguinte também foi.

Nós estávamos jantando no H15 quando Luca passou na frente da nossa mesa, com aquele andar saltitante, parecia que tinha umas molas nos calcanhares. Cristina mais uma vez ficou curiosa quanto à orientação sexual do rapaz:

- Celso, é verdade que esse cara é boiola?
- Eu não sei, Tina, mas eu acho que não...
- Eu ouvi dizer que ele é virgem... – Valéria comentou, com um sorriso enigmático.
- Isso é verdade, segundo ele mesmo – eu confirmei, sorrindo de volta para ela.
- E qual é o problema? Eu também sou – Cristina declarou, o semblante neutro.

Eu tinha uma resposta padrão na ponta da língua para aquele tipo de comentário, e normalmente teria dado sem titubear. Mas naquele momento eu ainda estava analisando o sorriso de Valéria, e não me dei conta de que a bola estava quicando na pequena área.

- Não tem problema nenhum, Tina, é só um fato – eu comentei, quase que automaticamente.

Maria Luiza, que até então estava calada, foi mais ligeira na tirada. Ela estava sentada ao lado de Cristina, e nem virou o rosto ao falar, ficou olhando para mim:

- Não se preocupe, Cristina, pois isto tem cura – ela falou num tom meio sério meio debochado.

Todo mundo riu, mas nós 2 ficamos apenas nos olhando. Por uns instantes nos sentimos como se estivéssemos a sós na mesa.

- Você tem uma boa memória – eu comentei.
- Você também – ela retribuiu o elogio.
- A gente pode saber do que é que vocês estão falando? – Rai indagou.
- Rai, não dá uma de beque, não está vendo que eles estão compartilhando um daqueles momentos íntimos? – Valéria repreendeu o rapaz.
- Foi mal – ele se desculpou.
- O Celso me disse isso no dia em que a gente se conheceu, Rai – Lú contou uma versão resumida do acontecido, e depois nós fomos pro H8.

Eu fui para o apê estudar Física, mas liguei para Carolina antes de abrir o livro. Eu realmente estava com muitas saudades dela, mas esforcei-me para não demonstrá-las. Eu tentei até ser um pouco indiferente, mas sabia que aquilo ia mudar no momento em que a visse novamente. Eu acho que no fundo mesmo eu queria acreditar que a força que nos ligava era daquelas que eram inversamente proporcionais ao quadrado da distância...

Não ia demorar muito para vê-la de novo. O fim do semestre se aproximava, começava a fazer frio, a gente ficava tomando sol na calçada no intervalo das 10:00. Tínhamos provas todas as semanas, eu estava me saindo bem em todas as matérias, nem suspeitava que ia me dar muito mal em uma delas.

Os exames foram puxados, 2 semanas de gagá desespero acabaram com o meu ânimo. Mas o semestre finalmente acabou, e eu estava feliz porque tinha aprendido muita coisa naquele semestre, muita coisa mesmo.

Aprendi que amigos de verdade não se aproveitam das fraquezas das namoradas dos amigos. Aprendi que amigos de verdade às vezes jogam na zaga, e às vezes passam a bola redondinha pra você chutar a gol. Aprendi que exclusividade também era uma coisa apreciada por professores. Aprendi que ia ter que tomar decisões importantes em breve.

Mas a lição de economia que JF e eu tivemos depois dos exames foi a coisa mais interessante daquele semestre. Nós fomos ver as nossas notas em Física, quando chegamos lá o professor estava na frente do prédio, tinha uma fila enorme de colegas, e pela cara que eles faziam depois de falar com o mestre deu pra notar que o estrago tinha sido grande. Nós 2 sabíamos que não tínhamos feito boas provas, e já estávamos psicologicamente preparados para o pior.

Nosso estado de ânimo piorou consideravelmente quando Adriano comunicou-nos o seu resultado:

- Peguei a minha segunda segundinha do semestre, gente.
- Segunda, Adriano?? – JF indagou, perplexo.
- Hum-hum, eu fiquei em Mecânica também... boa sorte procês.

Quando chegou a nossa vez JF sugeriu que eu fosse na frente, mas ele escutou bem o que o professor me disse:

- Você não foi bem no exame, tirou I – ele fez uma expressão um tanto quanto apreensiva, depois verificou minhas notas nas provas anteirores e deu um sorriso esquisito – mas você tinha umas economias, de modo que passou.

Eu fiquei aliviado, mas ainda faltava saber se JF ia ter a mesma sorte.

- Você também não foi bem no exame, também tirou I – ele fez uma expressão um tanto quanto apreensiva, depois verificou as notas dele nas provas anteriores e deu o mesmo sorriso esquisito – mas suas economias não foram suficientes, você ficou de segunda época.

Nós rimos bastante daquela cena. Não naquele dia, é claro, mas anos mais tarde. Na hora nós ficamos chocados com aquela sutileza tão peculiar do professor. Mas as coisas ainda iam ficar piores. Nós fomos ver as notas de Mecânica e descobrimos que eu havia dançado.

Nós voltamos pro H8 injuriados, JF estava duplamente irado, eu ainda não acreditava como podia ter tirado uma nota tão baixa no exame de Mecânica. Eu tinha certeza de que tinha feito boa prova, estava decidido a pedir revisão, mas fui aconselhado por vários colegas da turma anterior a não fazer aquilo:

- É pior – Marcelo Seno30 me disse – todo mundo que fez isso só conseguiu piorar a situação.
- Não se esqueça de que a nota não é tudo, mesmo que sua nota tenha sido boa o professor sempre pode usar o conceito pra ferrar com você – Ronaldão completou – Não adianta, Celso, o jeito é agasalhar e meter gagá.

Ronaldo tinha razão, eu havia visto um caso daqueles acontecer com um cara da minha turma, no semestre anterior. Ele tinha nota suficiente pra passar, mas o professor usou o conceito pra deixá-lo de segundinha.

Depois que passou a raiva JF ainda conseguiu ver a ironia da nossa situação:

- Eu vou fazer ELE, mas me dei mal no campo elétrico, e você que está pensando em fazer MEC se deu mal em estática e dinâmica.

3 Semanas

As férias de meio de ano sempre eram curtas, mas naquele ano iriam ser ainda mais curtas, pois eu ia ter que estudar pra segunda época de Mecânica.

Meus conterrâneos veteranos não ficaram chocados com a minha má notícia, disseram que eu devia ter feito algo que irritou o professor, ou então que eu não havia bajulado bastante o dito cujo... como se eu estivesse no ITA para resolver os problemas de carência afetiva dos queridos mestres.

Nós passamos uma ínfima parte da nossa viagem para casa – caridosamente patrocinada pela Fabtour – conversando sobre aquele desagradável assunto:

- Aquele cara é um babaca mesmo, Celsão, teve uma vez que ele saiu da sala correndo com as provas na mão e disse que quem não tivesse entregado as provas ia tirar zero, tá ligado?
- Eu lembro daquele dia, Alfredo, a gente saiu correndo atrás do professor, ele tentou fechar a porta da sala dele, Marcoleu segurou a porta com o pé enquanto a galera jogava as provas dentro da sala... foi o maior desespero, velho.
- Foi mesmo, Valter, e o pior foi que quase todo mundo tirou D mesmo, e na prova seguinte foi a maior trolha de novo.
- Pode crer, Lulu, o que salvou mesmo foi a babada que a gente deu no professor, senão ia ficar todo mundo de segunda época.

Depois conversamos sobre o que iríamos fazer durante as férias, e nos divertimos com as mirabolantes imitações que o nosso querido Bico fez dos presentes e ausentes. Aos poucos os pálidos rostos dos meus colegas começaram a refletir o cansaço que eles sentiam, e não tardou muito até que, auxiliados pela queda de pressão interna na cabine promovida pelo piloto, todos caíram em sono.

Eu não consegui dormir, fiquei com o rosto colado na janela, observando as distantes águas do oceano Atlântico, entregue aos meus preocupados pensamentos. Ia ser mesmo um saco passar as férias calculando Cg e aceleração angular.

Quando cheguei em casa foi que me dei conta de que também estava cansado e pálido... nada que um tratamento intenso à base de sol e água salgada não pudesse curar, no entanto, e a terapia teve início na manhã seguinte.

Mauro e eu chegamos à praia por volta das 10:00, Neno e Leo estavam lá desde as 7:00, e só pra variar disseram que eu tinha perdido as melhores ondas. Eu nem esquentei, apenas aproveitei o que a natureza estava me oferecendo no momento. Eles saíram pouco tempo depois, mas eu estava tão empolgado que nem fui lanchar com eles. Quando eu saí do mar eles ainda estavam tomando água de coco, na sombra, pois o sol estava forte.

Eu peguei um suco, sentei e fiquei conversando potoca e sacando as menininhas que desfilavam na areia. Não demorou muito e uma delas veio falar comigo. Ela era linda, maravilhosa... sua pele levemente bronzeada realçava a tonalidade clara dos seus longos

cabelos castanhos. Seus olhos estavam escondidos por trás das lentes protetoras, mas eu conhecia muito bem aqueles olhos. E também lembrava direitinho daquela voz suave e desafetada, que sempre causava ondas de choque no meu corpo quando falava o meu nome:

- Oi, Celso.
- Oi, Carolina.

Eu levantei, aproximei-me dela, tirei seus óculos. Ela sorriu levemente. Eu passei meus braços em torno da sua cintura e beijei sua boca. Eu acho que nós exageramos um pouco, pois os meninos começaram a assoviar e bater palmas. Carolina não se alterava com aquele tipo de coisa, provavelmente porque suas reações biológicas eram muito menos perceptíveis que as minhas. Eu interrompi aquela singela demonstração de carinho, mas continuamos abraçados, pois ela não me deixou escapar:

- Você se deu mal em Mecânica?
- Foi... vou ter que estudar durante as férias.
- E você por acaso tá saindo com aquela menina de novo?
- Não, claro que não...
- Olha que eu te conheço, menino!
- A gente foi ao cinema, 1 e somente 1 vez, mas não rolou sexo...
- Porque ela não quis?
- Eu também não quero mais.
- E...?
- Não aconteceu nada, Carolina... só 1 beijinho. 1 e somente 1. Você não pode nem reclamar, pois você beijou o meu amigo, não foi mesmo?
- Sei... – ela ficou me olhando por uns instantes – e...?
- Foi só isso. Eu gosto de você, Carolina, você sabe disso...
- Eu sei que sim – ela apertou seus braços em torno de mim – você sabe que eu não vou lhe dar uma terceira chance, Celso, se você vacilar de novo nunca mais vai rolar nada entre nós... nada mesmo.
- Nem beijo de língua?
- Nem nada de nada – ela sorriu novamente – o que é que você ia fazer se ela morasse aqui, ou se eu morasse lá?
- Eu não sei, Carolina... eu larguei Regininha pra ficar com você, não foi? Muito provavelmente eu ia fazer a mesma coisa de novo.
- Que coisa?
- Ficar com você...
- Sei... – ela sorriu como se estivesse duvidando da minha resposta.
- Mas a realidade é outra, Carolina, a gente passa muito tempo longe... eu acho que você nunca vai ficar feliz assim...
- Eu estou feliz agora, Celso...
- Agora, mas eu sei que vai mudar quando eu for embora... eu ainda lembro da cara que você fez da última vez...
- Eu também lembro, mas não quero pensar nisso agora... nem quero que você se preocupe com isso... curta essas férias, pois elas vão ser bem curtas.
- Mas, Carolina... – eu tentei continuar a conversa, mas fui sutilmente interrompido quando ela colou seus lábios aos meus.

Antes que os meninos se agitassem novamente ela me puxou pela mão e fomos andar um pouco.

- Você sabia que eu vi Regininha outro dia? Ela tá estudando lá na escola, é amiga duma menina lá da classe.
- Eita mundinho pequeno...
- Pois é, nós até almoçamos juntas, ela me deu umas aulas de etiqueta... ela é tão bonitinha, com aquele narizinho arrebitado... invocada toda.
- Ela por acaso sabe quem você é?
- Claro que não, imagina se eu ia querer confusão com ela...!
- Só... eu mandei um cartão no aniversário dela.
- Hum, a troco de quê?
- Ela mandou um pra mim no meu aniversário, ano passado, eu retribuí a cortesia.
- E quando foi isso?
- No dia do meu aniversário, é claro.
- Não, aruá, quando foi o aniversário dela?
- No começo de junho...
- Quantos anos ela fez, 15 ou 16?
- 18... tá ficando velha...
- Velha estou eu, que já passei dos 20.
- Você passou dos 20 mas ainda está com um corpinho de 16, a-há!
- Olha como isso está hoje...
- Você ainda não viu nada, minha cara.
- E será que eu vou ver...?
- Eu realmente espero que sim.
- Massa. Vamos ao bar de Marcelo hoje?
- Bora, Danilo falou que vai aparecer por lá também, depois que ele bater o ponto na casa da namorada.
- Esses teus amigos...

O bar de Marcelo estava o maior agito. O meu amigo Moreira, também iteano, estava lá, com a prima, e nós conversamos um pouco:

- Que lance é esse de sair com a prima, Moreira?
- Não, Celso, tu não vais acreditar, mas a minha prima passou em Arquitetura este ano, e as amiguinhas dela falaram que este barzinho é massa, a gente veio conferir o underground, saca?
- Só... e as amiguinhas também, né?
- Também...
- Tu lembras de Moreira, Carolina, lá da Federal?
- Lembro sim, tu andavas muito com Marlene, não era?
- Isso, Marlene, Vanessa, Biro...
- Você está gostando do ITA, Moreira?
- Estou, é muito massa, Carolina.
- Vocês aprontam muito lá em São José?
- Não, aquela cidade é devagar quase parando, saca? Eu saí umas 2 ou 3 vezes neste semestre inteiro.

- Idem idem...
- E o que é que vocês fazem nos finais de semana? Libera tudo, Moreira, pois Celso nunca me conta nada.
- De dia a gente estuda, de noite a gente bebe, ou fica conversando potoca com os amigos.
- Ainda não arrumou uma namoradinha por lá não, Moreira?
- Não, Carolina, aquelas meninas são muito... diferentes, saca?
- Como assim, diferentes?
- Elas gostam de jogar duro com o pessoal de fora, sei lá... a mulherada aqui é mais receptiva, nais "caliente", saca?
- Mas isso é porque aqui tem muito mais mulher que homem, velho, senão elas iam regular do mesmo jeito. Se bem que pra mim não ia fazer diferença nenhuma, pois eu só quero saber mesmo é da minha gata, tá ligado?
- Olha como isso tá hoje, Carolina...
- Eu não sei... e Celso, tem alguma mulher por lá, Moreira?
- Que eu saiba não, Carolina. Aliás, eu achava até que Celso era gay, pois eu nunca vi ele com mulher nenhuma, nem aqui nem lá em São José.
- Tá vendo, Carolina, eu estou tão certinho que o povo já está começando a pensar que eu sou baitola, tá ligada?
- Isso no mínimo é coisa que vocês já haviam combinado, no mínimo!
- Há-há-há...

Obviamente que nós não havíamos combinado coisa alguma, mas Moreira, como todo bom atacante, soube improvisar muito bem. E logo desviou o assunto:

- Não, Carolina, e tem mais, Celso foi o primeiro cara a me dar uma velva no H8. Você sabe o que é velva, não sabe?
- Sei, Celso me disse o que é. Eu achei que é coisa de viado. Nada contra, naturalmente.
- Nem a favor...
- Muito menos...
- Então, no primeiro dia de aula ele foi lá no 316 com os amigos dele, JA, JD, JF, Alex, ou seja, uma bando de troglodita, e deu uma velva em mim, outra em Bico... foi o maior estrago, saca?
- Celso, como é que você fez uma coisa desta com os seus amigos? Por isso que Moreira ficou achando que você era baitola!
- Carolina, eles iam ter que levar uma velva de qualquer jeito, então é melhor que seja um amigo do que um estranho, não é mesmo? Eu acochambrei os caras, tá ligada? Fala a verdade pra ela, Moreira.
- Bom, justiça sena feita, foi a velva mais fraca que eu já levei na vida, e a mais rápida também.
- Tá vendo como eu sou legal?

Moreira conversou conosco por mais alguns minutos e depois foi conferir as amiguinhas da prima dele. Carolina e eu continuamos a nossa confraternização:

- Hoje deu onda boa, não foi?

- Só...
- E aquela estória furada do ritual na Mansão Gabirú, Celso?
- Exceção à regra, Carolina.
- Sei...
- Tu estás tão gata hoje, Carolina... quer dizer, você é, sempre foi, sempre será maravilhosa, mas hoje você está com um olhar mais tchuns.
- É porque você está aqui comigo, Celso.
- Que lindo... – eu dei um beijinho no seu rosto .
- Sério... eu tava lembrando do tempo em que a gente se conheceu, Celso.
- O quê, exatamente?
- Da primeira vez que eu te vi, lá na Federal, tu lembras?
- Eu lembro... eu tava conversando com o pessoal do colégio, de repente você passou, segurando uns cadernos, toda séria, a cara fechada, nem olhava pros lados.
- Há-há-há...
- A gente parou de conversar, eu fiquei olhando pra você...
- Deu um frio na barriga...
- Os cabelos presos... eu olhei pro teu pescoço, pras orelhas... e foi naquele momento que eu vi, ou melhor, não vi, os brincos. Tu não vais furar as orelhas mesmo?
- Um dia, talvez...
- Eu perguntei aos meninos quem era a gata, Vinícius disse que tinha feito Cálculo I contigo, mas nem sabia o teu nome, pois tu nem abria a boca na sala.
- É verdade, eu era muito tímida... e o fato de eu estar usando aparelho não ajudava em nada.
- Que besteira... não, e quando tu entraste na sala da gente, eu chega fiquei todo animado, tá ligada?
- E eu fiquei toda sem jeito quando tu sentou bem na minha frente.
- Eu passei a aula inteira pensando num motivo pra virar pra trás e perguntar o teu nome, telefone etc.
- E eu passei a aula inteira pensado no que eu ia fazer se você virasse pra trás e perguntasse o meu nome, telefone etc.
- Quanto tempo a gente perdeu, né?
- Alguns meses...
- Pois hoje eu vou compensar aquela perda, Carolina.
- Eu espero que sim.

Eu aproveitei a deixa para passar uns 10 min beijando a sua boca, acariciando seus cabelos, suas intactas orelhas. Depois conversamos mais um pouco:

- Tens visto o nosso amigo Rogério?
- Eu sempre encontro com ele na cidade, mas ele fica todo desconfiado quando me vê...
- Deve pensar que você vai atacá-lo, Carolina.
- Nem pensar, eu não quero mais saber de paquerar amigo teu, é tudo 0 X 0, há-há-há...
- Ainda bem... êpa, quer dizer que você tá solta por aí?
- Você acha que eu fico de bobeira enquanto você se diverte com a Luluzinha!?
- Pelo jeito não... algo que deva ser mencionado?

- Não, nada especial... exceto aquele menino lá da escola que vive dando em cima de mim.
- Ainda? O cara não desiste não?
- Ele me disse que eu estou perdendo meu tempo com você, Celso, que eu estou insistindo numa coisa que não vai dar certo...
- Ele pode estar certo, Carolina.
- Eu sei... mas eu não quero nada com ele, nem com ninguém.
- Sei...
- Essas coisas acontecem, Celso, a gente não programa nem evita atração... aconteceu com você, aconteceu comigo. Podia acontecer mesmo se você estivesse aqui o tempo todo.
- É verdade...
- E é por isso que eu não acho que esteja perdendo meu tempo.

A lógica de Carolina fazia sentido, mas eu sabia que aquela felicidade toda ia acabar logo logo. Ela também sabia, mas aparentemente preferia não pensar naquilo, e foi isso que eu fiz também. Nós aproveitamos os bons momentos que tivemos naquelas curtas semanas e quando eu fui embora ela apenas me desejou uma boa prova.

7

Eu havia estudado muito durante as férias e fiz uma ótima prova. Eu pensei que tinha tirado L, mas quando recebi a nota vi que o resultado tinha sido bem diferente. Eu fiquei chateado, mas sabia que não ia adiantar nada reclamar, pelo contrário, podia ficar pior. Meus amigos estavam torcendo por mim, quando eu fui jantar eles estavam na expectativa:

- E aí, Celso, como foi? Tirou L mesmo?
- Infelizmente não, Tina... tirei R...
- Puta merda... – Cristina lamentou.
- Filho da truta!! – exclamou Rai – eu vou dar umas porradas naquele babaca...
- Que sacana – falou JF – agora você vai ficar com um I no histórico.
- Pois é, ainda bem que você conseguiu livrar o seu, JF – comentei, quase conformado – mas podia ter sido pior... Adriano ficou com 2 Is.
- E Príncipe7
- Tirou R também... a nossa Conselheira ficou duplamente desapontada conosco. Alias, triplamente, pois o Augusteu foi trancado.
- Augusteu foi trancado por que, Celso7
- Ele pegou uma quantidde excessiva de segundas épocas, Rai.

Valéria mudou de assunto, na tentativa de me consolar:

- Pelo menos você não vai ter que estudar Português neste semestre, Celso, ao contrário da gente.
- Foi dispensado, Celso?
- Fui, Lú... graças ao meu profundo conhecimento da língua mãe e aos meus extraordinários dotes literários minha presença não será mais necessária nas aulas desta tão importante disciplina – respondi em tom de brincadeira.
- Issa, fodan!! – Rai exclamou.
- É, o Celso é bom de língua – Valéria comentou, aparentemente ainda tentando me ajudar, mas o pessoal não deixou passar em branco.
- Ué, como é que você sabe, Valéria? Já experimentou? – Tina foi a primeira a chutar.
- Não, não foi isso que eu quis dizer, gente...
- Conta essa estória direito, Valéria – Rai atiçou.
- Eu acho que foi naquela noite que eles foram ver aquele show no SESC, ela chegou no apê toda feliz, dizendo que o show tinha sido “massa, velho” – Tina deu um toque regional ao comentário levemente malicioso.
- Celso, o que é que você tem a declarar sobre esse assunto? – JF segurou o garfo na minha direção como se estivesse fazendo uma entrevista.
- Sem comentários – declarei, sorrindo a brincadeira do amigo.
- Celso! – Valéria fingiu indignação, depois riu e tirou o seu da reta – desse assunto quem entende mesmo é a Lú...

Naquele instante todo mundo virou o rosto na direção dela e ficou aguardando a resposta. Eu estava sentado bem na frente dela, e fiquei só olhando bem no fundo dos seus olhos. Ela olhou pra mim, deu um sorriso forcado e comentou, levemente irônica:

- Faz tanto tempo que eu nem lembro mais, Valéria.

Nós ficamos nos olhando, sem falar nada, apenas sorrindo. Rai deciciu aproveitar a deixa para me sacanear:

- Celso, é agora que você tem que dizer algo do tipo “não seja por isso...” e refrescar a memória dela.

Eu achei melhor deixar aquele assunto de lado, para uma ocasião mais apropriada, e continuei saboreando a gororoba da noite. Tina começou a falar sobre uns colegas da turma que haviam trancado, Rai disse que um amigo dele havia sido desligado por aproveitamento escolar, ou falta de. Lú e eu ficamos calados, e permanecemos na mesa depois que os outros foram embora. Ela pegou mais um pouco de sani para nós e reiniciou a prosa:

- Como foram as férias, Celso?
- Improdutivas, eu acho, estudei tanto pra nada – eu não pude evitar um triste riso – seu eu soubesse que o resultado seria este eu teria passado mais tempo na praia.
- Ou com a Carolina...
- Exato. E as suas férias, Lú, como foram?
- Normal...
- Como estão todos na sua casa?
- Estão todos bem, meu irmão perguntou por você, mandou um abraço.
- Muito obrigado... deu onda lá em Santos?
- Hum-hum...
- Massa... – eu fiz uma breve pausa e encarei seus lindos olhos cor de mel – Lú, deixa eu te perguntar uma coisa indiscreta.
- Pergunte...
- Tu tens algum namoradinho por lá?
- Eu!? Não.
- E por que não? Uma menina bonita e inteligente e legal feito você deve ter uma tuia de admiradores.
- Muito obrigada pelos elogios, Celso.
- De nada, você sabe que é tudo verdade.
- Eu sei, falsa modéstia à parte... eu tenho alguns admiradores, sim.
- E então, não tem ninguém do teu agrado?
- Não, Celso, eu acho que sou exigente demais.
- Sei...

Ela deu sinais de que estava pronta para levantar, e aproveitou a pausa para mudar de assunto:

- Você vai ao ginásio?
- Não.
- Você não vai jogar na O.I. este ano?
- Não. Este ano eu vou me concentrar nas coisas que eu sei fazer... não vou perder tempo com as coisas com as quais eu não levo o mínimo jeito, feito basquete.
- Não vai nem ver o Chico jogar, torcer pela sua turma?

- Não, cansei de ver minha turma perder.

Acabamos nossos sucos, levantamos e demos destinos aos nossos utensílios. Saímos do H15 e caminhamos em direção ao C. Ela permaneceu muda, eu reiniciei a prosa:

- E como está a MEC?
- Este semestre é o mais difícil, Vibrações, Controle...
- Eu tenho certeza de que você vai se dar bem em tudo, como sempre.
- Eu espero que sim. Você já deciciu que curso vai fazer?
- Ainda não...
- Vai deixar pra decidir na véspera?
- Há-há... é claro que não, Lú, vou deixar para a ante-véspera.
- Você pelo menos já deciciu que cursos você não quer fazer?
- Já, ELE é um deles.
- Por que você não vai conversar com alguns professores dos cursos que você está pensando em fazer? Ter uma idéia melhor das matérias, dos labs...
- Boa idéia, Lú, como quem que eu falo na MEC?
- Começa com o Chefe do Departamento.
- Legal, valeu... foi isso o que você fez ou você tinha certeza do que ia fazer?
- Eu tinha certeza de que eu ia fazer MEC, Celso.
- Sei... você sempre tem certeza de tudo, né?
- Não, nem sempre...

Ela me olhou de lado e sorriu com o canto dos lábios. Aquilo era um bom sinal.

- Sei... – a bola decididamente estava quicando na grande área, eu decidi arriscar um chute a gol – você não tem certerza se esse lance da gente é tensao residual do ano passado ou da vida passada, né?
- Que lance, Celso...?! – ela rebateu, fingiu que não sabia do que eu estava falando.
- Há-há-há... – eu chutei novamente, pois a bola ainda estava quicando na grande área – eu sei que faz tanto tempo que você nem lembra mais... lembra mais é feio, né?
- Nem tanto.
- Que você nem recorda mais...
- Melhorou.
- Mas...
- Mas...?
- Mas isso tem jeito.
- Tem...? – ela parou de sorrir e franziu a testa.
- Hum-hum... – eu continuei sorrindo, confiante.
- Você acha isso engraçado? – ela obviamente não gostou da minha reação.
- Não, não é disso que eu estou rindo – eu continuei sorrindo.
- Do que é, então?
- É que você já consegue ler meus pensamentos... eu adoro essa fase...

Ela olhou pro lado e riu também. Depois olhou pra mim de novo e ficou balançando a cabeça de um lado para o outro:

- O teu aniversário tá perto, né?
- Daqui a 3 dias... já decidiu o que você vai me dar de presente?
- Ainda não... eu não sei o que eu faço com você, Celso, se eu lhe dou um beijo ou um chute na bunda...
- Eu prefiro o beijo, eu já vi os seus chutes e com certeza não gostaria de levar um.
- Mas merece... – ela me olhou de lado e sorriu com o canto dos lábios novamente – a Carolina não fica com ciúmes não, Celso? Afinal de contas você passa mais tempo comigo do que com ela.
- Ciúmes, não, inveja.
- Inveja?
- Sim, porque ela está passando os melhores anos das nossas vidas longe de mim, e outras pessoas, como você, estão perto de mim.
- Os melhores anos?? Você acha que estes são os melhores anos das nossas vidas??
- Eu não, ela é que acha isso. Em verdade foi o meu irmão que falou esta besteira pra ela, que esta época da faculdade é a melhor época da vida, que depois é só trabalho, responsabilidade, só 1 mês de férias... a vida adulta, como ele diz.
- Pois eu espero que a vida seja bem melhor depois desta fase.
- Eu também...
- Você falou pra ela que a gente se beijou no cinema?
- Falei...
- E ela, o que disse?
- Ela sabe que foi apenas 1 beijo, Maria Luiza, nada mais que isso. E ela também beijou um amigo meu, então foram elas por elas.
- Ela beijou teu amigo?
- Foi...
- Você não ficou com ciúmes?
- Foi só 1 beijo, Lú... pelo menos foi isso que eles disseram, e eu acreditei.
- Que mais que ela disse de mim?
- Ela disse que mais cedo ou mais tarde a gente ia se agarrar de novo.
- E ela é vidente, por acaso, pra ficar falando essas coisas?
- Há-há-há... não, Lú, ela falou isso porque ela sabe desse lance da gente, dessa tensão residual do ano passado, ou da vida passada.
- Você por acaso está zombando das minhas crenças, Celso?
- É claro que não, Lú, você sabe que eu jamais faria isto.
- Você ainda reza, Celso?
- Às vezes...
- Você ainda acredita em Deus ou já virou ateu feito o seu amigo Fabio? Não que eu tenha algo contra, ou a favor, isso não muda nada.
- Eu acredito que haja uma inteligência criadora por trás de tudo que existe.
- Por exemplo...?
- Outro dia, por exemplo, a gente tava pegando onda, tá ligada?
- Pegando onda...?
- Sim, o mar estava parado, "glass", aí veio uma onda perfeita, 2m de frente, abrindo pros 2 lados. Eu fui pra esquerda e Leo foi pra direita, rolou tudo nos 2 lados, a gente surfou até a areia... foi massa.
- E...?
- Quando a gente entrou de novo Leo disse que Deus é brasileiro.

- E...
- Eu fiquei pensando que tem que existir uma consciência criadora, algo melhor que nós, humanos, no universo. Algo que pudesse criar aquela onda, tá ligada agora?
- Tou... a idéia que de o nada interagindo com o nada deu origem a tudo é meio difícil de engolir, não é mesmo?
- Bastante, mas a idéia de que existe algo que sempre existiu, o conceito de infinito é deveras perturbante... ou seria perturbador??
- Tem coisas que não foram feitas para serem entendidas, Celso.
- Eu sei... ás vezes eu acho que é tudo coisa da cabeça da gente, mesmo, inclusive essa coisa de alma e multiplicidade das existências... tudo invenção do cérebro.
- Será?!
- Eu não sei...

Ao chegarmos perto do C começamos a ouvir uma triste melodia que vinha da sala de música, e o polêmico assunto foi providencialmente deixado de lado:

- E o Encontro Musical, Celso?
- Esse ano vai ser massa, semana que vem a gente começa os ensaios.
- Voce vai me ajudar na organização?
- Mas é claro que sim, Sr. Diretora.
- Senhorita.
- Desculpa.

Maria Luiza sorriu com os cantos dos lábios novamente e depois puxou o time de campo:

- Celso, esta estória deste "lance" da gente...
- Sim...?
- Vamos deixar está coisa do jeito que está, tá legal?
- Como assim? Não está de jeito algum.
- Isso! Vamos deixar assim mesmo, tá legal?
- Se é isso que você quer...
- É, Celso, é isso que eu quero.
- Você tem certeza?
- Tenho...
- Tá bom, então...

Nós não falamos mais nada até chegarmos ao estacionamento do A. Paramos e ficamos nos olhando. Eu passei a mão nos cabelos e tentei o derradeiro chute:

- Eu também consigo ler seus pensamentos, Lú, e sei que não é isso que você quer, mas se você acha que vai ser melhor assim eu vou respeitar a sua vontade. Boa noite.
- Boa noite, Celso. E feliz aniversário.
- Se você por acaso mudar de idéia me avise, você sabe onde eu moro...

Eu abri a porta do apê e fui direto ao banheiro, escovar os dentes. Depois retirei meu agasalho, coloquei-o sobre a minha cadeira e fui deitar na rede. Eu nem prestei atenção à conversa que estava rolando, fechei os olhos e fiquei apenas escutando o Limp Bizkit que reverberava no ambiente. Até que a minha indiferença incomodou os presentes, e o meu temporário sossego foi bruscamente interrompido pelo meu esperto amigo Ricardo:

- O que foi que houve, Celsão?
- Nada...
- Vamos pra cidade hoje, azarar as gatinhas, a-há?
- ...
- Porra, Celso, não vai me dizer que tu vai ficar sozinho neste quarto... até o Carlinhos vai sair hoje, e olha que amanhã ele tem aula de Quimex.
- Eu não vou pra cidade, eu vou ao ginásio, minha turma vai ganhar da turma do Celso hoje, a-há!
- Vamos, cacete!
- Eu não estou a fim de sair não, gente...
- Esse viadinho recebeu um cartão de aniversário hoje, Fabio – CIB foi ao meu quarto e pegou um envelope que estava em cima da mesa – de uma tal de Regina.
- Deixa eu ver – Ricardo demandou – carne nova, Celsão?
- Não, é a menina que eu namorava antes de Carolina.
- Hum... vamos ver o que esta menina tem para dizer: "Celso, blá-blá-blá... Beijos, Regininha" – ele colocou o cartão dentro do envelope novamente – essa menina está a fim de dar pra tu, Celso, a-há, a-há!
- Eu até que encarava, pena que ela esteja a milhares de km de distância daqui...
- Então, já que a Regininha está lá na tua terra, muito provavelmente dando pra outro neste exato momento, a-há, e a Carolina idem idem, vamos pra cidade arrumar umas joseenses, Celsão.
- Sabe quem sempre pergunta por tu, Celso? A Dri, de repente a gente encontra com ela, quem sabe?
- É a rimeira sexta-feira do semestre, as nossas fãs devem estar com saudades da gente, Celso.
- Hoje não, gente, talvez na próxima sexta.
- Tá bom. Té mais.

CIB, Fabio e Ricardo saíram para uma infrutífera noitada na cidade, e logo depois Carlinhos saiu também, em direção a uma garantida vitória no ginásio.

Eu peguei o telefone e liguei para o meu amigo Neno, para desejar-lhe um feliz aniversário.

- *Valeu, Celso, aqui tá a maior gréia hoje, velho.*
- Só, Leo ta por aí?
- *Tá se atracando com uma maria lá fora. Amanhã de manhã a gente vai surfar.*
- Beleza, ainda ta dando onda?
- *E como, ontem tava massa, hoje também...*

Depois liguei para Carolina, mas quem atendeu foi a irmã dela:

- *Carolina saiu com umas amigas da faculdade, Celso.*
- Foi...!? E você, Ana, não vai sair hoje?
- *Hoje não, amanhã eu tenho aula, vou acordar cedo. Quer deixar algum recado pra Carolina?*
- Não, não, amanhã eu ligo de novo, ou domingo. Tchau.
- *Tchau.*

Tão logo eu desliguei o telefone a porta do 228 foi bruscamente aberta, e por ela adentrou o meu diplomático amigo Adriano, todo animado:

- Vamos ver o jogo, Celso.
- Tô fora deste esquema, Adriano, eu vou ficar aqui curtindo um sonzinho e depois eu vou lá no 316, conversar potoca.
- Porra nenhuma, bota o agasalho e vamos embora. E fecha a porra desta porta do teu armário e para de olhar pra esta porra desta foto desta menina, cacete, as férias acabaram.

Eu obedeci aos seus comandos. Saímos do apê, pulamos o muro e dirigimo-nos ao ginásio.

- Tu não vais sair com a Ana Paula hoje não?
- Não, hoje não, amanhã ela vem pro bailão, a-há.
- Só...
- Sabe como é, eu estou querendo economizar dinheiro, Celso, preciso quitar as minhas dívidas.
- Sei...
- E por falar nisso, quanto é que eu te devo do semestre passado?
- 20 paus.
- Deixa ver se eu tenho 20 – ele verificou o conteúdo da carteira – toma, valeu.
- De nada... não disponha, pois eu torrei minha grana toda nas férias.
- Só... ocê vai pro baile amanhã, Celso?
- Eu não sei, Adriano, essas porras destes baileus são sempre a lesma lerda, as mesmas caras, as mesmas conversas...
- Ana Paula falou que a Dré e a Dri também vêm, Celso.
- E daí?
- Ela falou que outro dia a Dri perguntou por você.
- Perguntou o quê, exatamente?
- Sei lá, cacete.
- Tu não perguntaste pra ela não?
- Não...
- Tu é zagueiro mesmo, Adriano.
- Ela vai estar no baile amanhã, por que ocê não perguna pra ela, sô?
- Imagina se eu vou fazer uma besteira dessa... “oi, Dri, o Adriano falou que a Ana Paula falou que você perguntou por mim...”, que conversa mais merdel, Adriano.
- Só... e aí, já se conformou com o I em Mecânica?
- Fazer o quê... quer dizer que agora tu tens 3 Is, Adriano?

- 4, Celso.
- 4, cacete? FIS-11, FIS-31 e Mecânica, ou seja, 3.
- Esqueceu de FIS-21?
- Putz, esqueci... cacete, Adriano, mantendo esta média de 1,33 Is por semestre daqui a 1 ano tu está desligado, velho.
- Exato, mas eu não pretendo manter esta média, Celso. Aliás, eu não pretendo pegar mais nenhuma segundinha.
- Nem eu...
- E o almoço na casa da tia Rosa, está de pé?
- Mas é claro que sim, estou contando os minutos.
- Quem é que vai?
- Eu, tu, Valmir e K-Zé, seu viadinho, quem mais que tu pensava que ia?!
- Não, sua bicha louca, além de nós 4?
- Ah, sei lá, Edna e Michelle, eu acho. A Patrícia está no Rio, e o Kdú também.
- Será que o Magnífico vai também?
- Eu não sei, a tia Rosa não me falou nada... – nossa conversa começou a ser afetada pelos ruídos e imagens que vinham do ginásio – será que o jogo já começou?
- Ainda não... o viadinho do Carlinhos ainda está do lado de fora.
- Olha só com quem ele está conversando, Adriano.
- Bia e Lorena... humm... essas 2 são muito gracinhas, Celso.
- Só... ai se elas me dessem mole, a-há, a-há.
- Mas nem sonhando essas daí iam dar mole pra nós, Celso.
- Só... mas mesmo se dessem eu sou mais a minha Carolina, tá ligado?
- Só, se bem que elas são 2, Celso, e a tua Carolina é 1 só.
- Mas vale por elas 2.
- Olha que eu não sei não, Celso...

Cumprimentamos os colegas brevemente, pois afinal de contas não ficava bem confraternizar com os adversários em noite de jogo, entramos no ginásio e procuramos o pessoal da nossa turma. Eu sentei perto de JF e Shimano, pois sabia que eles 2 também só estavam ali para dar apoio moral à nossa equipe, e que provavelmente passariam o jogo inteiro conversando sobre coisas realmente importantes, como o nosso repertório para o Encontro Musical.

E foi exatamente o que fizemos. Quando o jogo acabou Shimano expressou seu espírito esportivo com um entusiasmo quase contagiante:

- É isso aí, pessoal, mais outra vitória para a nossa turma, valeu!!

A coisa teria sido emocionante, tocante até, não fosse pelo simples detalhe apontado pelo nosso observador amigo JD:

- Nós perdemos, Shimano.
- Perdemos?! Mas eu vi o Chico fazer 1 cesta de 3 pontos!!
- É, mas a gente estava precisando bem mais que 1 cesta de 3 pontos para virar o jogo.
- Ôps...

O seu desapontamento foi tão breve quanto o seu entusiasmo, e logo estávamos novamente combinando os detalhes dos nossos ensaios musicais, no caminho de volta para o H8. Andávamos lentamente, sem pressa alguma, e à medida que outros grupos de colegas ultrapassavam o nosso alguns elementos agregavam-se ao nosso redor, e não demorou muito até que as nossas 2 queridas musas tomassem participação ativa em nossa tertúlia:

- Vocês não jogam nada, Shimano?
- Não, Lorena, eu só jogo pedra, JF joga baralho, e o Celso joga conversa fora.
- Há-há-há, vocês são tão comédia...
- Nem tanto, nem tanto... hé-hé.
- E vocês, jogam alguma coisa?
- Eu jogava handebol no colégio, a Bia joga vôlei.
- Vôlei, Bia, com esta altura toda?
- Eu tenho 1,72 m, Celso, tá pensando o quê?
- Eu tô pensando que pra jogar vôlei tem que ter pelo menos 1,82 m...
- Pois você está engando, meu caro.
- Não, e aqueles caras da turma de vocês, Vidaltão e Rubinho? Caraca, aqueles caras são gigantes!
- O Vidal tem 1,96 m, e o Rubens tem 1,94 m de altura.
- Não é à toa que nós perdemos, gente, não tem como passar a bola entre aqueles caras.
- Pode crer, JF.
- A turma de vocês é muito atlética, A nossa turma é mais artistica, saca?
- Foi o que nós ouvimos, Shimano, que vocês arrasaram no Encontro Musical do ano passado.
- Nem tanto, nem tanto... hé-hé.
- Não, o Shimano arrasou, o Celso e eu apenas fomos atores coadjuvantes.
- Ai quanta modéstia destes meninos, Lorena. Eu vi a fita no Cineclube, outro dia, aquelas músicas do Pearl Jam ficaram massa.
- Você gosta de Pearl Jam, Bia?
- É claro que sim, Celso, quem é que não gosta de Pearl Jam!?
- Só, como já dizia aquela música, "quem não gosta de Pearl Jam, bom sujeito não é".
- Há-há-há, vocês são tão comédia...
- Nem tanto, nem tanto... hé-hé.
- E este ano, vocês vão tocar o quê?
- Era exatamente isso que a gente estava discutindo, Lorena. O Celso quer tocar STP, JF quer tocar R.E.M., e eu quero tocar AIC.
- Toca 1 música da cada, ora.
- Boa idéia, Bia.
- Ótima idéia, vamos ver se o CIB concorda, afinal de contas o cantor é quem decide.
- E depois toca 1 to U2 também.
- Você gosta do U2, Bia?
- É claro que sim, JF, quem é que não gosta do U2!?
- Muita gente... o Celso, por exemplo.
- Você não gosta do U2, Celso?!
- Não é que eu não goste, Lorena, eu apenas falei que eles se deixaram corromper pela grana, sucesso etc, e isso refletiu na qualidade do som deles.

Naquele instante as conversas paralelas que estavam rolando começaram a convergir, e as estruturas previamente cristalizadas foram rearranjadas de tal forma que eu fiquei na retaguarda do grupo, acompanhado de 1 de nossas musas, e eu obviamente aproveitei a deixa para evitar um indesejado atrito e mudei de assunto:

- E como foi o primeiro semestre do ITA, Bia?
- Foi legal, eu aprendi um monte de coisa.
- Só... passou em tudo?
- Passei. E o segundo ano, como está?
- O segundo ano é mais chatinho, tem uns professores meio penta, tá ligada?
- É mesmo...!?
- É... eu peguei uma segundinha, JF também, Adriano pegou 2...
- Vixe!!
- Mas por outro lado não tem mais CPORAER, nem aula no sábado.
- E o que é que você faz no sábado de manhã, Celso?
- Eu fico dormindo até tarde, ou pensando na minha prainha, Bia.
- Ai, nem fala, quanta saudade que eu tenho da minha praia, Celso...!
- E como foram as férias?
- Curtas, mas muito massa...
- Só... matou as saudades da terrinha?
- Matei, mas já estou com saudades de novo, você sabe como é.
- Eu sei...

Nossa amena conversa prosseguiu até chegarmos ao hall do C, onde o grupo debandou. JF, Shimano e eu fomos ao 316, e quando chegamos lá já estava a maior gréia, pois o nosso hilário amigo Bico estava fazendo uma das suas imitações prediletas, a do nosso modesto amigo Laudão – o coitado que, logo na primeira semana de aula, caiu na besteira de declarar, em público, que iria ser Summa Cum Laude – e a galera estava rachando o bico de tanto rir.

O 316 era um daqueles apês que reunia um elenco de distintas personalidades: Bico e Kakimoto, provavelmente as mentes mais liberais, sarcásticas e hilárias do H8, para quem não existia assunto tabu; Príncipe, provavelmente a mente mais conservadora e carrancuda do H8, para quem todo assunto era tabu; Moreira, provavelmente a mente mais cínica do H8; Pio e Sakamoto, provavelmente as mentes mais mocadas do H8.

Pio e Saka eram paranaenses, duma cidadezinha tão pequena que nem cabia no mapa, mas que tinha o maior percentual de alunos do ITA do país, visto que eles 2 representavam quase 10% da população. Gente boníssima, todos 2, quase santos, pois aturavam as diversas neuras dos outros 4 colegas. Sim, porque Bico e Kaki tinham complexo de perseguição, tendências depressivas e outras porralouquices genéricas, e Príncipe tinha tudo que é fobia que existe no dicionário. O cara simplesmente tinha medo de viver, de passar pela vida, mas era um dos meus melhores amigos, desde antes do ITA, e nós sempre mantivemos uma salutar e sincera amizade.

Moreira, o meu perspicaz e improvisador amigo, gostava de iniciar discussões polêmicas, pois sabia que elas inevitavelmente geravam tensões entre Príncipe e Saka – que sempre

tinham opiniões opostas sobre os tais assuntos – e que as tais tensões geralmente causavam uma quantidade enorme de momentos agradáveis para quem estava apenas ouvindo as tais discussões. Príncipe nunca sabia quando Moreira estava falando sério ou não, e a diversão geralmente acabava quando ele, Príncipe, decidia recolher-se ao sarcófago para evitar perder a calma na frente dos convidados.

A coisa mais esquisita de tudo é que eles todos se davam extremamente bem, e viviam em perfeita harmonia. E toda noite de sexta-feira nós íamos ao 316 para bostejar, assistir às imitações que Bico e Kaki faziam dos professores e colegas, inclusive nós, e ouvir algumas poucas mirabolantes estórias. Não demorávamos muito, pois afinal de contas bico e Kaki tinham aula no sábado, mas naquela primeita sexta-feira do semestre eles ainda não tinham nada para estudar para o dia seguinte, e o bostejo foi excepcionalmente longo.

E a audiência foi excepcionalmente enorme, não tinha nem mais onde sentar quando lá chegamos, mas valeu a pena do mesmo jeito, pois nossos anfitriões estavam excepcionalmente inspirados, com certeza devido aos efeitos restauradores das férias.

Lá pelas tantas Alfredelho, Tino e Valter resolveram ir ao 132, conferir o que estava acontecendo do outro lado do mundo. Eles me convidaram, mas eu sabia que naquela altura do campeonato Camilo, Ruizola & Cia já deviam estar pra lá de Tavarua, e achei melhor visitá-los no dia seguinte, quando eles estivessem sóbrios. Ressacados, é lógico, mas sóbrios.

Príncipe estava querendo levar um particular comigo, então fomos para o sarcófago. Eu percebi que o assunto ia ser um pouco mais delicado do que o recente sofrível resultado das nossas atividades acadêmicas quando ele fechou a porta atras de si.

- Qual é o pobrema, velho? Tá desesperado porque ficou com o primeiro I no histórico?
- Ainda não, como você bem disse, foi o primeiro.
- Só, podia ter sido pior, né? Adriano já tem 4.
- Carlito também.
- Cacilda!
- Eu tava querendo conversar sobre o meu irmão, Celso.
- Ele passou em tudo, não foi?
- Foi, não é isso não.
- O que é, então?
- Tu tens conversado com ele ultimamente, Celso?
- Não... por que?
- Meu irmão está meio esquisito...
- Teu irmão sempre foi esquisito, Príncipe, faz mais de 10 anos que eu conheço ele e ele sempre foi esquisito.
- Não, isso eu também sei, e faz mais de 20 anos que eu conheço ele, mas ultimamente ele está meio... diferente, sabe?
- Diferente como?
- Tu sabes que desde o ano passado que ele não vai mais à missa.
- Isso eu sei, Príncipe, mas...?

- Então, toda vez que minha mãe perguntava se a gente estava freqüentando a igreja todo domingo eu mentia pra ela, eu falava que sim.
- Sei...
- Sabe o que foi que ele disse pra mim ontem?
- Não...
- Ele disse que eu não preciso mais mentir para a minha mãe, dizendo que ele ainda vai à missa.
- Isso significa que ele vai voltar à freqüentar ou que...?
- Exato, ele já ligou pra minha mãe e falou pra ele que virou ateu.
- Putz...
- Exato, inclusive veio aqui e me entregou o Novo Testamento dele. Minha mãe só faltou ter um troço, me ligou pedindo pra conversar com ele e tudo mais.
- Putz... e o teu pai?
- Ele ainda não sabe da novidade, vai ficar p da vida quando souber.
- Putz, Zé-P sempre foi tão religioso, Príncipe... vai ver que isso é só uma fase.
- Eu espero que sim... eu queria que tu conversasse com ele, Celso, afinal de contas ele te ouve. Eu tentei, mas ele nem quer mais falar sobre este assunto.
- Pode deixar, velho, amanhã mesmo eu falo com ele, e depois venho aqui te dizer como foi.
- Obrigado, Celso, é sempre bom contar com a ajuda dos amigos nestas horas difíceis.

Voltamos para o quarto de Bico e ficamos mais uma meia hora gargalhando das atuações que o nosso querido conterrâneo fez naquela ainda fria noite de inverno. Depois JD falou que estava voltando para o 323 e eu resolvi pegar uma carona com ele.

O 323 era um daqueles apês que reunia um elenco de personalidades bastante uniformes: Chico, JD e os Sávios, todos da minha turma, e mais 2 caras do 5º ano que nunca estavam presentes. Provavelmente as mentes mais maníaco-depressivas do H8, e provavelmente as mais viciadas em nicotina também. Naquele apartamento todos fumavam, e todos bebiam. Muito. E bostejavam muito também.

Eu nem prestei atenção ao que o meu esperto amigo falou durante o nosso curto trajeto, pois eu estava ligeiramente preocupado com a preocupação de Príncipe a respeito do seu irmão. Zé-P havia mesmo mudado um pouco desde que havia entrado no ITA, mas quem não havia??

Bom, eu nunca fui muito de freqüentar missa, mas pelo menos eu ainda lia o Novo Testamento toda noite. Quase toda noite. Pelo menos 1 vez por semana, eu acho. Minhas preocupações apenas aumentaram quando entramos no 323 e eu percebi que o meu outrora inocente amigo Zé-P estava presente, discutindo um assunto que deixou-me um tanto quanto perplexo.

Assunto este que, para mim, seria um tanto quanto difícil de ser abordado com o seu preocupado irmão, quando eu voltasse ao 316 no dia seguinte.

Olhos Puxados

- Pronto, Zé-P, chegou o cara que vai te ajudar com o teu problema – Chico exclamou, aparentemente aliviado – JD, o nosso amigo Zé-P quer te fazer uma perguntinha meio indiscreta.
- Que pergunta, meu garoto? – JD acendeu 1 cigarro e colocou um pouco mais de fumaça no ambiente.
- Há-há-há, agora vai ficar engraçado – Sávio R. terminou o cigarro dele e deitou na rede.
- Eita pleura, eu vou ter que relatar o meu drama desde o começo novamente – Zé-P lamentou.
- Deixa que eu te ajudo – Chico interveio – JD, o negócio é o seguinte: Zé-P tava querendo saber como é que se faz sexo oral, aí ele pertuntou pro colega de apê dele, o nosso querido amigo Laudão, que entende de tudo que é assunto, mas ele disse que tinha nojo dessas coisas. Zé-P veio pra cá, perguntou pro Sávio B. mas o menino não conseguiu explicar, só ficou rindo. Depois ele perguntou pro Sávio R. mas o menino não conseguiu explicar, afinal de contas ele nunca fez estas coisas.
- Isso, eu falei que ele estava perguntando pra pessoa errada – Sávio R. complementou.
- E depois ele perguntou pra mim – Chico prosseguiu – e eu estava justamente elaborando a minha resposta quando voces chegaram.
- Sei... – JD expeliu mais um pouco de fumaça no ambiente – e como foi que surgiu esta tua curiosidade em relação a este assunto, Zé-P?
- Como assim?! – Zé-P retrucou.
- Qual é a tua motivação? Tu arrumou uma namorada, ou um namorado!?
- Êpa, que é isso, rapaz, está me estranhando? – Zé-P fechou a cara – eu sou muito macho, rapaz, pare com estas baitolices, homem!
- Há-há-há, eu sabia que ia ficar engraçado – Sávio R. comentou da rede.
- Não, porque, dependendo do caso as respostas são completamente diferentes, não é mesmo, Celso?
- Eu imagino que sim, JD – eu concordei com o amigo – e aí, Zé-P, qual é o caso?
- O caso, meus amigos, é o seguinte: eu conheci esta menina, sabe, num baile do semestre passado...
- Num baile? E desde quando tu freqüenta estes bailes do H15, velho? – eu indaguei o amigo.
- Pois é, Celso Pacheco, eu estava no apê, de bobeira, quando Laudão me chamou para ir ao baile – Zé-P continuou sua narrativa – chegando lá eu conheci essa menina.
- Conheceu como? – Sávio B. perguntou da rede.
- Conhecendo, ora. Eu olhei pra ela, ela olhou pra mim, a gente começou a conversar, ela perguntou se eu estudava no ITA, da onde eu era, essas coisas.
- Sim, e depois? – JD abriu a geladeira e verificou o estoque alcoólico – porra, acabou a cerveja! Você vai querer Genebra, Celso?
- Mas nem fudendo eu bebo aquela porqueira de novo, meu velho – eu recusei de imediato – não tem vodka não?
- Tem, claro que tem, deixa eu pegar 2 copos pra gente – JD dirigiu-se à pia – eu vou tomar uma vodka também, pra te acompanhar, Celso... continua, Zé-P.

- Então, a conversa foi evoluindo e quando eu me dei conta a gente tava se beijando na boca, hé-hé.
- Shruiu!!!
- Exato... foi o meu primeiro beijo na boca!
- Que lindo... – Chico aproveitou a deixa para brincar com o amigo.
- Tu nunca havia beijado ninguém antes, Zé-P?!
- Na boca não, hé-hé, eu nunca tive namorada, Sávio, pergunta pra Celso Pacheco.
- E eu sei lá da tua vida, Zé-P – eu tirei o corpo daquela jogada.
- Sim, mas... – JD voltou com os copos e abriu a geladeira novamente – a coisa passou daí pra sexo oral assim sem mais nem menos?
- Não, claro que não, eu saí com a menina umas 2 ou 3 vezes no semestre passado – Zé-P continuou seu relato – ela veio me buscar aqui no H-8.
- Veio te buscar?? – JD indagou enquanto enchia nossos copos – vejam como o nosso amigo está, minha gente...!
- Deve ser uma mocréia arretada... – Sávio B. comentou da rede, enquanto acendia outro cigarro.
- O pior é que não é, Sávio – Chico observou – eu vi a menina uma vez, ela é bastante razoável. Para os padrões locais, naturalmente.
- Sim, mas... – JD lançou seu interrogador olhar para o amigo.
- Então, ontem a gente saiu e ela fez em mim.
- Como é?? – perguntamos todos, em uníssono.
- Ela fez sexo oral em mim, ontem – Zé-P fez questão de esclarecer a nossa dúvida coletiva.
- Ssssss...
- Shruiu!!!
- Este cabra está muito gostoso, minha gente – Chico acendeu um cigarro e colocou um pouco mais de fumaça no quase saturado ambiente.
- Aonde?? – Sávio B. perguntou da rede, logo depois de uma imensa baforada.
- Como assim, aonde, Sávio?? Naquele lugar, naturalmente. Eu pensei que tu sabia aonde é que se faz estas coisas!
- Não, aruá, aonde vocês estavam quando o acontecido aconteceu?
- No carro dela.
- E aonde estava o carro, Zé-P?
- Não, Celso Pacheco, agora voce está querendo saber demais, meu velho – Zé-P preferiu não revelar o seu esconderijo.
- Deve ter sido no laguinho do IAE... – Chico deduziu – ai se aquele laguinho falasse!
- Só... e depois, Zé-P?
- Depois, meu amigo, ela falou que na próxima vez que a gente saisse ela ia querer que eu fizesse nela, e a próxima vez vai ser amanhã. Daí a minha curiosidade em relação a este assunto, JD.
- Porra, tu não vai aprender uma coisa complicada dessa em 24 hs não, Zé-P, eu acho melhor tu deixar essa parte para alguem mais experiente neste assunto, assim feito o Chico, ou o Sávio – Sávio R. comentou enquanto procurava um cigarro no quarto.
- Faz uma pesquisa na internet, Zé-P – Chico sugeriu, enquanto procurava um copo limpo.
- Foi assim que tu aprendeu, Chico, na internet? Sávio B. perguntou da rede, enquanto olhava a fumaça que saia da sua boca.

- A parte teórica foi, Sávio – Chico respondeu, logo após achar um copo sujo e dirigir-se à pia para lavar o mesmo – a parte prática eu aprendi com a tua irmã.
- Olha o nível aí, gente – Zé-P comentou, fingindo indignação.
- Aqui no apê não tem essa frescura de nível não, Zé-P – Sávio R. explicou.
- Peraí, gente, deixa eu recapitular a estória – JD terminou o cigarro e jogou a gimba no cesto de lixo – o nosso desprentesioso amigo Zé-P conheceu uma baranguinha, a menina veio buscá-lo aqui no H8 para um passeio, de carro, na floresta encantada, ali na beira do lago, rolou um BG esperto e agora ele quer saber como e que ele pode retribuir a coisa.
- Isso, com o detalhe de que ela não é baranguinha – Zé-P concordou, em parte, com o resumo da ópera – agora me explica a dinâmica da coisa, JD.
- Bom, isso não muda nada, pois o procedimento é o mesmo, independentemente do grau de baranguismo da menina – JD explicou – mas eu já vou te adiantando que no carro vai ser complicado.
- Há-há-há, agora vai ficar engraçado – Sávio R. terminou o cigarro dele e levantou da rede.
- Complicado...?!
- Sim, não é impossível não, mas no carro é meio complicado sim, meu amigo Zé-P, porque a técnica preferencial requer...

Enquanto JD dissertava sua técnica em minuciosos detalhes, algumas vezes interrompido pelas pertinentes perguntas do pupilo Zé-P, e muitas vezes pelas impertintentes gargalhadas dos demais colegas, eu ficava imaginando como que eu iria relatar ao meu preocupado amigo Príncipe que o seu querido irmão estava mais mudado do que eu pudera supor antes daquela calma noite de sexta-feira.

E depois de alguns minutos de intenso esforço mental eu cheguei à conclusão de que o melhor a fazer seria simplesmente não deixar o meu preocupado amigo Príncipe ainda mais preocupado com o seu despreocupado irmão.

Eu acabei a minha vodka e olhei ao meu redor: Zé-P aparentemente estava satisfeito com a explicação de JD, e os moradores do 323 aparentemente estavam insatisfeitos com o fato de que o estoque de cigarros havia acabado. Mas o mesmo não podia ser dito a respeito do estoque de bostejo, e logo alguém iniciou outro:

- E como foi o jogo, Chico?
- Foi bom, nós ficamos em 2º lugar, Sávio.
- Ué, a O.I. já acabou?
- Não, Zé-P, nós ficamos em 2º lugar na partida de hoje.
- Ah sim... êpa, isso quer dizer que a gente perdeu o jogo, Chico!
- Por um instante eu pensei que a tua intensa vida sexual estava começando a afetar o teu raciocínio, Zé-P.
- Há-há-há... tu jogaste hoje, Celso?
- Não, Sávio, mas eu pelo menos fui assistir ao jogo, prestigiar a nossa equipe, ao contrário de certas pessoas que eu conheço...
- Só... um bando de amigos desnaturados que nem se dão ao trabalho de ir torcer pelo colega de apê.

- Chico jogou um bolão hoje, fez uma incrível cesta de 3 pontos no final do jogo.
- Ssssss...
- Por que tu não foste pra casa hoje, Sávio?
- Deixa eu ver... porque eu acabei de passar 3 semanas em casa, talvez?
- Tu não tens uma namorada lá em São Paulo não?
- Não, Zé-P, eu não tenho namorada lá em São Paulo não.
- E aqui em SJK?
- Eu também não tenho namorada aqui em SJK não, Zé-P. Por que, a tua namorada tem alguma amiguinha de bobeira, é?
- Tem... ela me beijou, também.
- Êpa, quando foi isso?
- No semestre passado.
- Putz, não vai me dizer que ela também...!?
- Ao mesmo tempo??
- Não, gente, foi só 1 beijo.
- E a tua namorada?
- Foi ela quem perguntou se eu queria beijar a amiga, aí eu disse que se ela quisesse tudo bem...
- Putz...
- Esse teu amigo está muito gostoso, Celso.
- Isso é tudo imaginação deste aruá, Chico, vai ver que essa mulher nem existe.
- Ela vem ao baile amanhâ, se vocês quiserem conhecer.
- Eu tô fora desse esquema, Zé-P, esses bailes são o maior 0X0.
- Eu vou, de repente eu arrumo uma baranguinha tembem, gente. Bora, Celso, vai ser divertido.
- Eu vou se o Chico for também.
- Hum... eu vou, quem sabe eu arrumo uma baranguinha pra mim também.
- É o que não falta nesta cidade, meus amigos.
- Falou o entendido no assunto... por que tu não saíste hoje, JD?
- Porque eu fui prestigiar a nossa equipe, ora, prestigiar o nosso amigo Chico. Vocês deviam ter ido também, Alex tava lá, JA, JF, Shimano, Celso, Tartaruga, Tango...
- Só... se bem que eu, Shimano e JF passamos o jogo todo confabulando sobre o que a gente vai tocar no Encontro Musical deste ano.
- E o que vocês decidiram, Celso?
- Bom, eu quero tocar STP, JF quer tocar R.E.M., e Shimano quer tocar AIC, Sávio.
- Por que vocês não tocam 1 música da cada, ora...?
- Foi exatamente isso que a Bia sugeriu, Chico.
- Transmimento de pensação...
- Deve ser coisa de conterrâneos.
- Ué, e a Bia é da terra do Chico? Eu sempre pensei que ela fosse da terra de vocês, Zé-P.
- Não, JD, quem é da terra da gente é a Sandra.
- Tá vendo que uma menina bonita e inteligente feito a Bia não podia ser da terra destes machos feios, JD, vixe!
- Se ela fosse lá da terrinha eu já tinha dado um trato nela, há-há.
- Eu também, a-há!
- Eu idem, Celso Pacheco.

- Bom isto é uma coisa que vocês vão ficar na vontade, pois conterrânea minha jamais vai se atracar com vocês.
- Eu não entendo porque vocês ficam com este bairrismo todo, Chico.
- É, eu também não entendo porque paulistas e cariocas se odeiam, Sávio.
- Não é que a gente se odeie, é apenas uma questão de estilos diferentes, não é mesmo, JD?
- É, Sávio, paulista gosta de passar o dia no shopping, ou ir ver avião decolar no aeroporto.
- E carioca gosta de passar o dia vagabundando na praia, ou correndo das balas perdidas, meu.
- Sim, mas, o que mais que a Bia falou contigo, Celso?
- Ela falou que detesta o nome dela, Beatriz Cecília... falou que gosta de Pearl Jam, STP, R.E.M., AIC, U2, Wallflowers... falou que tem 1 irmã e 1 irmão, que gosta de praia, que gosta de jogar vôlei...
- Esta menina está a fim de ti, Celso.
- Pô, Chico, tu acabou de falar que uma conterrânea tua jamais iria se atracar com um cara da terra destes machos feios...!
- Por mais que a gente se esforce sempre tem uma exceção à regra, JD.
- Só... e aí, Celso, vai encarar?
- Tá vendo que uma BIS não vai dar mole prum aruá desse, JD...
- BIS, o que é isso, Sávio?
- BIS, meu caro Zé-P, é quando a mulher é Bonita, Inteligente e Simpática, feito a Bia, tá ligado?
- Então a minha namorada também é BIS... e olha que ela deu mole pra mim!!
- Bia é mais que BIS, JD, Bia é BISSS: Bonita, Inteligente, Simpática e Saca de Som... e a amiguinha dela também é.
- Que amiguinha, Celso?
- Lorena...
- Não, Celso, a Lorena é BISSSOP: Bonita, Inteligente, Simpática, Saca de Som e tem os Olhinhos Puxados.
- Só, essa foi massa, Sávio, eu me amarro em mulher de olho puxado.
- Eu idem.
- Idem idem.
- Idem idem idem.
- Ela canta também, Celso? De repente ela podia cantar algo com vocês no Encontro.
- Quem, a Lorena?
- Não, a Bia.
- Não, eu perguntei se ela cantava ela disse que só no banheiro.
- Tá vendo!? Outra indicação de que ela está a fim de ti, Celso.
- Como assim, Chico?
- Ela te fez um convite pra tomar banho com ela, ora.
- Como assim, Chico!?
- Se ela falou isso era pra tu teres falado algo do tipo "bem que eu gostaria de ouvir você cantar no banheiro etc etc".
- Eu acho que não foi bem isto o que ela quis dizer não, meu malicioso amigo.
- Essa é clássica, Celso, até eu conheço. E olha que eu nunca tomei banho com menina nenhuma.

- Porra, Celso, tu estás muito devagar, velho.
- Vocês estão variando, a gente estava apenas conversando sobre música.
- Esse aruá não entende nada de mulher, Sávio.
- Deixa pra lá... então quer dizer que a Bia não vai cantar com vocês...
- E aquela menina que cantou no ano passado, Celso?
- Renata? Ela já declarou que nunca mais vai cantar em público.
- Não, aquela outra, do 4º ano, que cantou com Louro e Farias. Aquela menina gosta de rock, Celso.
- Ah... aquela menina não canta porra nenhuma, JD. Ela **pensa** que canta, o que é outra coisa completamente diferente.
- Eu não estou entendendo nada desta conversa de vocês, eu nem sei o que Pearl Jam, STP, R.E.M., AIC, U2...
- Calma aí, Zé-P, que hoje tu já teve aula de sexo. Depois vem aula de drogas, e **depois** é que vem aula de rock n'roll.
- Há-há-há, essa foi boa, Celso.
- E por falar em dorgas acabou a vodka, gente.
- Puta merda, como é que eu vou sobreviver o fim de semana sem cerveja e sem vodka?!
- Há-há-há, e sem baranga também, JD.
- Não, amanhã eu arrumo uma baranguinha no baile, gente. E a Tina, Celso, ela não canta não?
- Vai ver que ela só canta no banheiro também...
- Ela até que canta, mas não é exatamente o estilo musical que a gente toca... eu só queria que tivesse 1 menina que cantasse rock nesta escola, 1 só.
- Cuidado com o que você deseja, meu amigo, pois pode acabar acontecendo.
- E qual seria o problema, JD??
- O problema, minha gente, é que as coisas que a gente deseja sempre vêm acompanhadas de coisas que a gente não deseja... por exemplo, todo mundo aqui desejou passar no ITA, não foi mesmo? E vejam o que a gente ganhou "extra": CPORAER, morar 5 anos em São José...
- Bom, eu continuo querendo que tivesse 1 menina que cantasse rock nesta escola, JD, pra gente poder levar um som do Hole, ou Garbage, ou Cranberries, ou Elastica.
- Então tá, vamos concentrar no desejo do Celso, gente. O que mais que ela tem que ser, ou fazer?
- Como assim?
- Por exemplo, tem que ser bonita?
- Não, beleza é opcional. Ela só precisa curtir som e cantar bem. E saber Inglês, pra poder ficar um som legal.
- Tá bom... o que mais, tocar algum instrumento?
- O que é que tu estás fazendo, JD?
- Eu estou mentalizando essa menina, Sávio, ajudando o Celso a realizar o desejo dele, porra!
- E desde quando tu és mentalizador de alguma coisa?
- Aproveita e mentaliza uma cerveja pra gente, JD.
- Pode deixar, Chico. O que mais, Celso, não precisa ser BISSS?
- Não, velho, beleza é completamente opcional, e ela não precisa ser simpática. Ela só precisa curtir som e cantar bem, e saber Inglês.

- Sim, mas, já que a gente está idealizando a menina vamos caprichar mais um pouco.
- Então tá... ela tem que saber tocar violão, guitarra, baixo e teclado.
- Porra, Celso, não tá pedindo demais não?
- Claro que não, o Shimano toca violão, guitarra, baixo e teclado, por que a nossa musa não pode também?
- É, gente, já que a gente está sonhado vamos sonhar grande, né?
- Só...
- Então ela tem que ser gostosa também, meu.
- Não, Sávio, se ela for gostosa pode atrapalhar na concentração do grupo, no desempenho musical da galera... é melhor que ela seja neutra, dessas magrinhas do peito pequeno e da bunda pequena.
- Tá legal... estou mentalizando uma magrinha neutra, do peito pequeno e da bunda pequena... e o cabelo, Celso? Quer loura, morena, ruiva...?
- Tanto faz, velho...
- Tem que ser mais específico, Celso.
- Porra, JD, chega de detalhe, velho, acaba logo com esta porra.
- Não, Sávio, esses detalhes são importantes, meu camarada.
- Cabelo castanho, olhos castanhos... tá de bom tamanho.
- Olhos puxados, JD, que nem a Lorena.
- Isso!
- Tá bom... vou mentalizar.
- Eu ainda preferiria que a menina fosse gostosa...
- Por falar em mulher gostosa, Chico, eu encontrei a irmã de Genoca na praia, nas férias... meu irmão, a mulher é muito gata.
- Putz, eu também encontrei com ela na praia, Sávio! Meu irmão, pense numa mulher gostosa... com todo o respeito, é claro, pois afinal de contas é feio ficar azarando irmã de amigo, velho, tá ligado?
- Que papo é esse, Celso?
- Sério, meu irmão, dá um azar da porra... fala pra esse aruá, Sávio.
- É verdade, Chico, mas como eu estava apenas fazendo uma análise visual das superfícies de contorno dela eu acho que não pegou nada não, há-há-há.
- Só... e por falar em Genoca, vocês sabiam que ele está para desistir do ITA?
- Não, sério?!!
- Sério, velho, a irmã dele foi quem me disse, quando eu encontrei com ela na praia, nas férias... pense numa mulher gostosa...
- Puta merda...!!! Tu confirmou com ele, Celso?
- Só, ele disse que só fica até o final do Fund, depois vai fazer Física, na Federal.
- E Filosofia, na Católica, de noite.
- Filosofia, Sávio?
- Filosofia, Sávio. Dá pra tu?
- Ô louco!!!
- Pois é, mais outro que vai debandar...
- Não, gente, o que dá azar mesmo é fazer mulher chorar...
- Hum?!
- O quê?
- Que papo é esse, JD?
- O negócio é o seguinte, Zé-P...

Nosso bostejo continuou até as tantas, quando Zé-P e eu decidimos zarpar. Mas, apesar de cansados, levamos um papo ligeiramente sério até chegarmos ao hall do B:

- Zé-P, tu sabias que Príncipe está meio preocupado contigo? Ele me falou que tu estás diferente...
- Meu irmão sempre está preocupado com alguma coisa, Celso Pacheco, tu parece que não conhece o cabra.
- Só... mas ele disse que tu virou ateu, velho.
- Há-há... então ele acreditou na minha estória, hum...
- Êpa, era mentira tua?
- O que é que tu acha, Celso Pacheco?
- Sei lá... é difícil escolher entre ateu e mentiroso, meu velho.
- Há-há... tu precisava ter visto a cara dele, Celso Pacheco, foi muito engraçado.
- E esse papo da tua namorada é mentira também?
- Não, vai ao baile amanhã que eu te apresento...
- Talvez eu vá... Zé-P, vai devagar esse negócio de sexo, tá ligado?
- Como assim, Celso Pacheco?
- Essas coisas tendem a ficar complicadas com o tempo, saca?
- Complicadas...!?
- É, complicadas... e não esquece de usar camisinha não, visse? É até melhor usar 2 de cada vez, só pra garantir, saca? Vai que estoura...
- Eu não sei nem como é que se coloca essas coisas, velho.
- Pergunta pro JD que ele te explica... té amanhã.
- Té.

Por incrível que pareça eu fui dormir mais tranqüilo, afinal de contas o meu outrora inocente amigo Zé-P não havia mudando tanto quanto eu havia imaginado. Demorou um pouquinho, mas eu finalmente percebi que ele apenas havia desenvolvido uma segunda personalidade, cínica e manipuladora, e que aparentemente estava providenciando um pouco de diversão à primeira.

Naturalmente que eu não iria estragar a diversão do meu prezado conterrâneo, e naturalmente que eu não iria abordar tão delicado assunto com o seu preocupado irmão, quando eu voltasse ao 316 no dia seguinte. Mais cedo ou mais tarde Príncipe iria perceber aquilo também, e talvez até se divertisse um pouco também às custas das aparentes loucuras do irmão.

5:15

Eu abri a porta do apê e fui direto ao banheiro, escovar os dentes. Depois retirei meu agasalho, coloquei-o sobre a minha cadeira, peguei o violão que JF havia me emprestado e deitei na minha cama. Eu nem prestei atenção à conversa que estava rolando no sarcófago naquela irrelevante noite de sábado, apenas fechei os olhos e fiquei dedilhando a introdução de “Plush”. Até que a minha indiferença incomodou os presentes, e o meu temporário sossego foi bruscamente interrompido pelo meu esperto amigo Ricardo:

- Não vai ao baile, Celsão?
- Não... – “vou ficar aqui mesmo, lembrando do que Carolina e eu estávamos fazendo na noite do sábado passado”, pensei comigo mesmo.

Eu acho que ele conseguiu ler os meus pensamentos, pois ao invés de tentar me convercer a mudar de idéia Ricardo simplesmente fechou a porta que conectava o meu quarto ao dele e me deixou num estado de relativa paz. Que logo depois assumiu uma característica quase absoluta, pois meus companheiros de apê finalizaram seu ritual de embelezamento e partiram em direção ao 132, para o famoso pré-baile no apê de Camilo.

Eu parei de tocar por uns instantes e fiquei apreciando o breve silêncio que caiu sobre o meu quarto. Breve mesmo, pois logo foi quebrado pela rápida passagem do meu diplomático amigo Adriano pelo recinto:

- Não vai mesmo ao baile, Celsão?
- Não, Adriano...
- Então tá. Eu tô indo lá pro 132, hé-hé.

Tão logo ele saiu do 228 eu comecei a tocar “Plush” novamente, e depois de uns 15 min eu passei para “Interstate love song”. Eu não sei quanto tempo eu fiquei realmente tocando, mas o fato e que eu caí no sono, abraçado ao violão de JF, e só acordei quando o telefone deu um estridente sinal de vida.

Eu achei melhor nem levantar para atender, mas o danado não parou de tocar, e eu não tive escolha:

- Alô...!
- *Tava dormindo, seu babaca?!*
- Estava... os meninos já saíram, Paulão, eles foram pro 132.
- *Eu sei, eu tava lá com eles, mas vim aqui pro apê pra poder ligar pra você, seu babaca. Lá tava muito barulho.*
- Só... dá pra ouvir daqui...
- *E então, não vai mesmo ao baile, Celsão?*
- Não, Paulo, eu acho que eu vou dormir cedo hoje...
- *Celsão, deixa eu te dizer uma coisa.*
- ...
- *Eu sei que você esta todo borocoxozinho, com saudades daquela gostosinha, há-há, que neste exato momento deve estar na maior farra...*

- Obrigado pelas palavras de apoio, mas...
- *Deixa eu te dizer uma coisa.*
- Diga.
- *Como já dizia o nosso amigo Pedrão: "quando em Roma coma as romanas".*
- É, seu eu estivesse em Roma eu provavelmente iria seguir o ditado, mas...
- *Mas porra nenhuma, Celsão, sai dessa! Ainda faltam 7 semanas pro final do bimestre.*
- ...
- *Eu vou te dar 5 min pra tu se arrumar e vir pro 132, senão eu vou aparecer aí com o Camilo, o Ruizola e um tubo de pasta de dente!*

Eu ignorei completamente a sua falsa ameaça e voltei pra cama. Comecei a tocar "Interstate love song" novamente e, como não havia ninguem presente, cantarolei a melancólica melodia. Depois de uns 10 min o telefone tocou novamente, eu levantei e fui atender:

- Alô...!
- *Que estória é esta que o Carlinhos disse que você não vai ao baile, "broder"?!*
- Oi, Edna, eu estou com um sono arretado, já estava na cama.
- *Sono coisa nenhuma, troque de roupa e saia logo! Beijo!*

Eu achei melhor ceder aos apelos da "sis" e fui trocar de roupa. Quando cheguei ao 132 o pré-baile já estava quase acabando, mas a vodka ainda não havia acabado. E nem a laranjada, e não demorou muito até que 1 copo contendo aqueles 2 ingredientes mágicos entrasse em contato com a minha mão, e logo após com a minha boca.

Meu incentivador amigo Paulo ficou feliz com a minha presença, e dentro de alguns instantes dirigimo-nos todos ao festivo ritual.

O H13 estava lotado, eu mal conseguia andar, ficava esbarrando em todo mundo. E foi numa daquelas esbarradas que encontrei as inseparáveis amigas Andréa e Adriana, e, como de costume, trocamos algumas simpáticas palavras:

- Como foram as férias, Celso?
- Muito curtas, Dri... curtas demais...
- Mas você pegou um sol legal, não foi?
- Nossa, olha o bronze dele!
- Foi, minhas caras...
- Nós ficamos aqui nesse frio...
- Que pena...
- E os meninos, aonde estão?
- Fabio e Luca devem estar no bar, trabalhando, CIB ainda está no H8, chega daqui a pouco, Ricardo deve estar por aí... Paulo estava comigo, mas desapareceu de repente. E vocês, o que contam de novo?
- De novo mesmo, nada. São José não mudou nada desde a última vez que nos vimos, Celso.
- Sei... e Campinas, Dri?
- Eu estou adorando a UNICAMP, Celso.

Enquanto a minha simpática amiga descrevia suas agradáveis e previsíveis experiências com o início da vida acadêmica eu fiquei admirando os seus longos cabelos castanhos, que suavemente cascateavam por sobre seus ombros. O reflexo da luz ultravioleta dava uma coloração quase vampiresca aos seus caninos, e por um breve instante eu pensei que ela fosse morder o meu pescoço, mas logo notei que ela estava apenas chegando mais perto para me descrever um episódio mais discreto sobre uma de suas colegas de quarto.

Eu sorri da sua narrativa, mais pelo efeito da vodka do que pela hilariedade do acontecido, e cheguei à turva conclusão de que aquela simpática menina decididamente era merecedora de futuras considerações. Considerações estas que, pela sua própria natureza, teriam que ser deixadas para o futuro. Mesmo porque naquela ainda fria noite de agosto eu não estava com nem um pouquinho de paciência para engajar em novas conquistas românticas.

Depois de uns 10 min eu saí pela tangente e decidi observar o ambiente lá de cima, e logo depois de subir as escadas encontrei meu amigo José Fernando com a namorada. Eles pareciam 2 pombinhos apaixonados, mal falaram comigo. Michelle estava por perto e veio conversar:

- Fala, "broder", cortou o cabelo?
- Dei uma aparadinha, a pedido da mama... mas agora vou deixar crescer de novo.
- Já viu como aqueles 2 estão? – ela olhou na direção de José Fernando e Marisa – O amor é lindo, Celso.
- Lindo e azulzinho...
- E por falar em amor, você está com alguém?
- Não, estou de bobeira... e você?
- Também...
- Cadê a Edna?
- Foi dançar, com o Carlinhos. E a Lú, Celso?
- Deve estar por aí...
- Só... coisa do passado mesmo?
- Eu acho que sim, nós entramos num acordo, ela com o pé e eu com a bunda.
- Só. Na certa foi alguma coisa que você fez e que não devia ter feito...?
- Não, eu acho que foi justamente o contrário, uma coisa que eu devia ter feito e não fiz... eu acho que ela ficou meio irada.
- Ficou arretada...
- É... e declarou que não queria mais nada comigo, tá ligada?
- Por que você não vai conversar com ela hoje? Pode ser que ela esteja assim meio pra lá, meio pra cá...
- Eu não sei, Michelle, se ela quisesse já teria dito... eu também não vou ficar correndo atrás dela não...
- Mas é disso mesmo que mulherada gosta, Celso.
- É mesmo...?
- Ela ainda deve estar magoada, vai falar com ela, ver se ela está receptiva...
- "Receptiva"?
- É, com aquele olhar de me agarra, aquele sorriso convidativo... você chega assim como quem não quer nada e confere o clima, fala que ela estava certa, joga um charme, diz que ela está bonita... essas coisas que mulher gosta de ouvir.

- Eu não sei, Michelle... e se ela não estiver “receptiva”?
- Aí você me procura que a gente parte para o plano B.
- Plano B? E o que é o plano B?
- Depois eu te falo, tenta o plano A primeiro.
- Tá bom, vou ver se funciona.

A minha prestativa amiga Michelle devia estar variando, mas eu desci e fingi que fui procurar Maria Luiza, a qual achei mesmo sem querer, mas ela não estava nem um pouco receptiva. Nem falou comigo direito, ficou conversando com um sujeito que eu nunca tinha visto na vida. Cristina percebeu que eu não estava muito à vontade com aquela situação e me retirou de cena:

- Celso, vamos ali ao bar?
- Claro, Tina – nós começamos a caminhar em direção ao bar – quem é o sujeito?
- É um cara do H-montão, eu não sei o nome dele, mas sei que ele é louco por ela.
- Sei... louco por ela?!
- É... faz um tempão que eles estão conversando...
- Sei... vai ver que ele está tentando vender um apartamento na Avenida pra ela...
- Hum?!
- Nada não. Isso significa que ela não... quer mais nada comigo...?
- Eu não sei, Celso, ela parou de falar neste assunto.
- Sei... – não que eu estivesse preocupado com aquilo, naturalmente, foi apenas curiosidade – você vai tomar o quê?
- Uma bira, por favor. E você, como é que está? Ainda chateado por causa do I?
- Já passou, Tina.
- Ótimo. E a Caroline?
- Carolina... eu sinto falta dela... falta dela é feio, né?
- É...
- Eu sinto a sua falta. A tua não, a dela, afinal de contas tu estás aqui agora.
- Deve ser complicada, esta situação...
- Deveras... você sabe como é.
- Não, eu não sei como é, Celso... eu nunca gostei de ninguém assim.
- Sorte sua...
- E por que esse interesse repentino na Maria Luiza, Celso?
- Não tem interesse nenhum, minha cara.
- Tô sabendo... – Cristina balançou a cabeça, em desaprovação – você vai acabar ficando sem nenhuma delas, Celso.

Cristina parecia que estava enxergando o inevitável futuro, mas naquela noite eu não estava muito preocupado com o futuro. E nem estava preocupado em explicar para a minha solidária amiga que eu jamais poderia deixar de pensar em Carolina, pois afinal de contas ela representava tudo o que eu era antes de ir para o ITA. Do mesmo jeito que eu jamais poderia deixar de pensar em Maria Luiza, pois afinal de contas ela representava tudo o que eu viria a ser depois de ir para o ITA. Mesmo porque eu ainda não havia me dado conta destes fatos.

Mas a noção de que Maria Luiza provavelmente estava me esnobando em público causou um certo desconforto no meu ego. Tanto que fui procurar Michelle para tentarmos o tal plano B, mas não consegui encontrá-la em lugar algum. Voltei ao bar, Paulão estava por lá, ficamos biritando, conversando potoca e soltando gracinha pras baranguinhas de plantão.

- Celsão, você tem que partir pra outra, a Lú já era.
- Eu sei que ela ainda está a fim, Paulo, é só uma questão de tempo até ela...
- Saca só essa baranguinha, a mulher usa meia vermelha, é mole?
- Meia vermelha é de lascar...
- E a Bia, Celsão, ouvi falar que ela te acha um gatinho... há-há-há.
- Tô sabendo disso não... onde foi que você ouviu isso?
- Lá no apê do Camilo e Renato.
- Renato é o maior loroteiro, Paulão, imagina se eu vou acreditar em algo que ele falou... ainda mais algo desta natureza.
- Foi a Marta quem disse isso, e ela não tava com cara de quem estava inventando, Celso.
- Eu não sei, Bia é muito legal, mas eu acho que ela jamais...
- Mas nada, Celso, bote na sua cabeça que a Luluzinha cagou pra você... há-há-há.

Por mais estranho que fosse, para mim mesmo, eu não queria acreditar naquilo, de jeito nenhum. Eu me recusava a aceitar que aquela possibilidade fosse possível. E naquele momento ouvi uma voz que me renovou a esperança:

- Celso, aonde é que você estava? Tou te procurando já faz um tempão!
- Michelle, eu pensei que você tinha ido embora... – eu olhei para Paulo e ele deu aquele sorriso sacana dele, coçando o queixo, e depois saiu de fininho.
- Pelo visto a Lú não estava muito receptiva...
- Nem um pouco...
- Eu sei, ela está dançando com um carinha...
- É um sujeito que é louco por ela.
- Ai que golpe baixo...
- O que foi, Michelle?
- Isso é joguinho dela, Celso, tá querendo mostrar pra você que você não é o único homem do mundo – ela pegou a minha bira e tomou um gole.
- Maria Luiza jamais faria uma coisa imatura destas, Michelle, ela é muito zen, saca?
- Qualquer mulher faria uma coisa imatura destas, Celso, zen ou não-zen. E só porque ela tem o QI maior que o teu não significa que ela não seja mulher.
- Hum...
- Sim, porque mulher gosta de...

Eu nem me dei conta de perguntar como é que ela sabia que o QI de Maria Luiza era maior que o meu. Enquanto a minha simpaticíssima amiga descrevia os pormenores da mente feminina eu fiquei pensando se Maria Luiza também teria uma segunda personalidade, ligeiramente maléfica, tal qual meu amigo Zé-P. E logo depois eu usei o princípio da indução finita e fiquei pensando se **eu** também teria uma segunda personalidade. Será que eu estava ficando maluco também?

Minhas preocupantes divagações foram momentaneamente interrompidas pela minha quase preocupada amiga, que me deu uma leve cutucada:

- Você está entendendo o que eu estou falando, Celso?
- Claro que estou, Michelle.
- Mulher gosta de ser ouvida, Celso, gosta que...

Michelle continuou sua dissertação, e eu continuei a minha divagação, balançando lentamente a cabeça toda vez que ela fazia uma pausa, tal qual eu fazia nas aulas de Resistência dos Materiais. Até que ela fez uma pausa mais longa, como que esperando que eu fosse fazer algum comentário inteligente. Eu improvisei:

- Sim, Lú, mas no fundo mesmo...
- Michelle.
- Hum...!?
- O meu nome é Michelle, Celso.
- Eu sei disso, ora!
- Você me chamou de Lú.
- Chamei!? Desculpa... ela deve estar pensando em mim neste momento.
- Esse é o tipo de coisa que você jamais deve fazer, Celso. Mulher odeia quando é chamada por outro nome, principalmento o da ex!
- Foi mal...
- Isto é pior do que você ficar conversando com uma mulher e olhando pras outras que passam ao redor.
- Êpa, isso eu não faço nunca.
- Nunca, Celso?!
- Quer dizer, eu faço, mas discretamente.
- ...

Ela continuou a sua narrativa, que ficou ainda mais confusa, mais pelo efeito da mistura vodka+cerveja do que pela intensidade do assunto, e eu cheguei à turva conclusão de que o melhor a fazer seria desaparecer de cena. Mas antes que eu pudesse tental algo Michelle teve uma brilhante idéia:

- Mas isso não fica assim não, você tem que fazer a mesma coisa.
- O quê?!
- Você tem que ir dançar ali bem na frente dela, dar o troco.
- Hum!?
- Celso, você não prestou atenção ao que eu acabei de falar??
- Claro que prestei, Michelle...

A idéia até que não era tão má, pelo menos eu teria um bom pretexto para sair daquela enrascada. Eu fiquei pensando em procurar Bia, mas concluí que não seria muito ético usá-la para tal objetivo, principalmente se aquele absurdo lance que Paulão havia me contado fosse mesmo verdade.

- Vamos nessa? – Michelle perguntou depois de detonar a minha bira.

- O quê?
- Vamos dançar – ela me puxou e andamos até ficarmos suficientemente próximos de Maria Luiza – eu acho que aqui está bom.
- Você está falando sério?!
- Claro que estou!

Nós começamos a dançar, e eu notei que Maria Luiza havia notado a nossa presença, mas não achei que ela estivesse nem um pouquinho abalada com aquilo. Muito pelo contrário, ela estava com um olhar demasiadamente confiante para o meu gosto.

- Eu acho que esse seu plano B não está funcionando, Michelle – eu comentei depois que havíamos dançado umas 2 ou 3 músicas.
- Ela tá olhando pra cá de vez em quando, Celso.
- É, mas ela já viu a gente dançar umas trocentas vezes antes...
- Você tem razão... eu acho que a gente vai ter que partir para algo mais agressivo...
- Do que é que você está falando, Michelle?!
- Vai doer um pouco... nela, é claro, mas você vai ver os bons resultados – ela soltou os cabelos, começou a me olhar esquisito.
- O que é que você está fazendo, Michelle?? – eu queria ter certeza absoluta, apesar de já ter percebido o que ia acontecer.
- Você já beijou alguma menina que usava aparelho, Celso? – seu metálico sorriso quase que me intimidou, mas eu reagi em tempo.
- Já... – eu sorri também – você não tá querendo dizer que vai...!?
- Claro que sim... amigas são pra essas coisas... – ela roçou seus lábios nos meus – eu tenho certeza que você faria o mesmo por mim...

Eu comecei a achar que aquele plano não ia funcionar de jeito nenhum, e que se Maria Luiza tivesse vendo aquilo provavelmente ia dar o troco, ou então me ignorar de vez. Mas no momento achei melhor seguir o roteiro, pois estava ficando interessante. Bastante interessante. E aparentemente a minha atraente amiga compartilhou da minha opinião:

- Você beija bem, Celso, bem que a Claudinha falou...
- Você também... Claudinha, amiga da Letícia?
- É, ela fez a maior propaganda, disse que você beijava bem, que tinha as mãos macias...
- Que papo estranho, Michelle...
- Sério... eu fiquei curiosa...
- Curiosa...!?
- É, quando uma mulher começa a falar muito bem de alguém as outras ficam curiosas, querendo conferir... é por isso que eu não comento nada, só pra evitar qualquer movimentação da concorrência.
- Sei...
- Eu não sei se a Lú viu, Celso, eu acho que a gente vai ter que repetir a dose...
- Você tá é tirando uma casquinha, não é Michelle? Se aproveitando da minha vulnerabilidade?
- Hum-hum... – ela me beijou novamente – tá tão bom...

Eu não sabia direito quem tava se aproveitando de quem, e por uns instantes eu esqueci completamente daquele detalhe e de como e porque a coisa havia iniciado. Ela também pareceu mais concentrada no que estava acontecendo naquele momento, e nós ficamos nos beijando por um tempão. Quando abri os olhos foi que me dei conta de que a música tinha acabado e o conjunto tava fazendo um intervalo. Ela estava tão surpresa quanto eu, me abraçou e ficou rindo das nossas caras de babacas:

- Parece que a gente se empolgou um pouco, não foi, Celso?
- Um pouco? Eu fiquei deveras empolgado, Michelle... – eu tive a certeza de que ela havia entendido o que eu tava querendo dizer com aquelas discretas palavras.
- E você acha que eu não fiquei também? – ela olhou nos meus olhos quando falou aquilo, e naquele momento eu pensei em ligar pra Claudinha e agradecer pela propaganda que ela havia feito.
- Vamos tomar um refrigerante?
- Vamos.

Enquanto dirigíamo-nos ao bar eu discretamente dei uma conferida na mesa de Maria Luiza. Ela estava sentada, conversando com Rai e Valéria, mas o sujeito não estava lá. Nós pegamos uns guaranás e voltamos pro lugar que estávamos antes. Maria Luiza estava no mesmo lugar, o tal admirador misterioso continuava desaparecido.

- Eu acho que o cara se mandou, Celso.
- Pode ser que ele tenha ido ao “mike”.
- “Mike”?
- “Miketório”...
- Pode ser – ela sorriu – vamos ver se ele aparece de novo.

O sujeito não apareceu de volta. Maria Luiza permaneceu na mesa, e de vez em quando dava uma olhada em nossa direção.

- E agora, Michelle? – eu estava querendo saber o que estava acontecendo.
- Você joga pôquer?
- Não, por que?
- Eu te falei que ela tava fazendo jogo, não falei? Era um blefe, só que agora ela viu que você decidiu apostar mais alto que ela, e aí ela saiu do jogo.
- Eu não tô entendendo nada do que você tá falando...
- Você não entende nada de mulher, Celso, mas vai entender em breve...

Ficamos conversando mais um pouco e fomos dançar novamente, mas sem grandes cenas, só uns beijinhos de leve. Quando o baile acabou eu fui deixá-la no H-montão, e foi justamente quando saímos do H13 que deparamo-nos com a desagradável cena que não estávamos esperando: Maria Luiza trocando fluidos salivares com o tal misterioso sujeito.

Michelle ficou mais desconcertada do que eu, e instintivamente segurou bem firme a minha mão. Naquela altura do campeonato eu não estava nem um pouquinho preocupado com o que Maria Luiza estava fazendo ou deixando de fazer, mas eu não pude deixar de passar aquela excelente oportunidade de sacanear a minha carinhosa amiga:

- Eu acho que estou começando a entender um pouquinho como é que funciona cabeça de mulher, Michelle.

Ela sorriu do meu comentário irônico, colou seus lábios aos meus e fechou os olhos. Aquele foi o beijo mais gostoso da minha vida.

Encerramos a cena e saímos andando calmamente, nossos dedos permaneceram entrelaçados, apesar de não ter ninguém nos observando, até chegarmos à sua residência. Eu não sabia o que falar pra ela, então falei a primeira coisa que veio me passou pela cabeça:

- Vocês vão almoçar na casa da tia Rosa amanhã?
- Mas é claro que sim, afinal de contas é em sua homenagem... nossa, já é o teu aniversário, Celso! Meus parabéns!

Ela me deu um abraço bem forte, daqueles de amigo, e depois um beijinho de leve.

- Michelle, essa noite foi muito massa.
- Como assim, foi?! A noite ainda não acabou, Celso...
- Não?! – eu fiquei empolgado só de escutar aquilo.
- Mas claro que não... – ela ficou afagando minhas mãos – suas mãos são tão macias, Celso... você acha que eu vou deixar passar uma dessas, ser a primeira pessoa a te beijar no dia do teu aniversário?
- Eu acho que não...

Envelheço Na Cidade

- E você, o que fez ontem?
- *Eu saí com umas amigas da minha turma.*
- Hum, já estou imaginando a farra...
- *Bem que eu queria, mas está cada vez mais difícil. Existem 300.000 mulheres sozinhas nesta cidade, Celso, eu sou apenas mais outra.*
- Tadinha... quando eu chegar aí a gente dá um jeito nesta situação.
- *Eu espero que sim... eu vi a sua amiguinha Regina outro dia, na faculdade.*
- E como é que ela está?
- *Está bem, a gente conversou um bocado.*
- Ela mandou um cartão pra mim...
- *Hum... será que ela ainda é a fim de tu, Celso?*
- Será...?
- *Você vai fazer alguma coisa especial hoje?*
- Não, apenas receber alguns amigos no apê, comer pizza com guaraná... amanhã tem aula.
- *Sei...*
- Sério.
- *Tá bom... eu queria tanto estar contigo hoje, Celso.*
- Eu também, Carolina...
- *A gente nunca comemorou o teu aniversário junto.*
- É mesmo...
- *Mas não adianta nada ficar se lamentando, não é mesmo?*
- Eu acho que não...
- *Bom, hoje é o seu dia, divirta-se.*
- Obrigado.
- *Um beijo bem gostoso!*
- Outro.

Eu desliguei o telefone e fui tomar um banho. Carolina estava certa, não ia adiantar nada ficar se lamentando. O meu dia havia sido razoavelmente bom, e a noite estava prometendo ser razoavelmente boa, pois pelo menos eu não ia jantar no H15.

Eu gastei metade do banho refletindo sobre o quê Carolina e eu estaríamos fazendo naquele momento se a remotíssima possibilidade de estarmos juntos naquela especifica data pudesse um dia vir a tornar-se realidade. Quando saí fui avisado de que recebera uma inesperada ligação, a qual decidi retornar de imediato:

- Lú? Fabio falou que você ligou pra mim...
- *Foi... eu liguei para lhe desejar um feliz aniversário* – ela fez uma pausa relativamente longa – *e para lhe dizer que eu sinceramente desejo que você seja muito feliz.*
- Obrigado, Lú... eu também quero a sua felicidade... mesmo que seja “sem migo”.

Eu esperava que ela fosse descontrair um pouco, mas sabia que ia ser difícil:

- *Eu prefiro não tocar neste assunto agora...*
- Claro, Lú... – eu vi que era hora de mudar de tática, apelar para os seu sentimentos mais nobres – a gente vai fazer uma comemoraçãozinha aqui no apê, mais tarde, eu gostaria muito que você viesse, Lú.
- *Eu não sei, Celso...*
- Os meus melhores amigos estarão aqui, Lú... eu espero que você não deixe de fazer parte desta categoria...

Funcionou, ela demorou, mas apareceu. E justamente na hora em que o telefone tocou novamente. Eu não atendi, preferi cumprimentar Maria Luiza, que pareceu aprovar a minha escolha, sorrindo levemente. Eu aproveitei que era meu aniversário e lhe dei um forte abraço, daqueles que a gente dá em alguém que faz tempo que a gente não vê.

- Feliz aniversário... – ela sussurrou ao meu ouvido, provocando uma quantidade não desprezível de descargas de adrenalina no meu estômago.

Suas desinteressadas intenções e minhas desinteressantes reações foram bruscamente interrompidas pelo grito que CIB soltou no recinto:

- Celso, é pra você, é a Michelle!

Aquela frase teve um efeito devastador naquele agradável momento. Maria Luiza afastou-se e fechou a cara. Eu fingi que não tinha notado a sua reação e peguei o telefone:

- Oi, Michelle...
- *Meus parabéns novamente, Celso, que barulho é esse aí? Tá rolando festa?*
- Tá...
- *E a Lú, tá por aí?*
- Tá, mas tá com uma cara...
- *Calma, daqui a pouco ela melhora.*
- Eu espero que sim.
- *Tchau, um beijo, Celso.*
- Outro.

Minha curiosa amiga Cristina demonstrou um inesperado interesse naquele desinteressante assunto:

- Celso, você e a Michelle estão juntos?
- Não, Tina, nós somos apenas bons amigos – eu usei a resposta padrão.
- Bons amigos...?! – ela obviamente duvidou da minha resposta padrão.
- É, Tina, a gente se agarrou no baile, mas foi só aquilo mesmo. Você sabe como é, às vezes a gente fica com uma amiga, por curiosidade, pra ver como seria...
- Não, eu não sei como é, Celso, eu nunca fiquei com amigo meu assim... não fica esquisito no dia seguinte?
- Se ficar esquisito é porque tinha algo mais que a amizade, Tina.
- Eu não sei não...
- Aquilo foi apenas uma demonstração de espontaneidade.

- E desde quando você é espontâneo, Celso?

Ela estava certa. Segundo a minha própria mãe, espontaneidade não era o meu forte. Carolina também havia me dito aquilo algumas vezes. Interessante como Cristina já me conhecia razoavelmente bem... mas eu não perdi o rebolado:

- Eu não sou, mas ela é.
- Olha pra cá, Celso – Ricardo tirou uma foto quando eu me virei.
- E a Lú, tá saindo com aquele cara? – eu tentei investigar.
- Eu acho que não – ela sorriu, depois conferiu se ela tava olhando pra nós e confessou – eu acho que ela estava apenas querendo te sacanear.
- Bem que a Michelle falou – eu deixei escapar.
- Êpa, peraí – ela sacou tudo – então foi por isso que vocês...
- Claro que não, Tina – eu tentei engrupí-la – a gente ficou porque tinha uma atraçãozinha rolando, você sabe, entre amigos...
- Eu sabia que tinha armação nesta porra desta estória – ela balançou a cabeça concordando, mas sorriu discordando.
- Você tá dizendo isso porque isso nunca aconteceu com você, quero ver no dia que você passar por uma situação dessas...
- Quem sabe, né Celso? Quem sabe um dia acontece...
- Celsão, vem aqui tirar umas fotos com a galera – Ricardo chamou novamente.
- Vamos tirar umas fotos, Tina.
- Vamos, meu amigo – ela ironizou a ocasião, bem humorada.

Ricardo tirou várias fotos, como sempre. Eu queria uma sozinho com Maria Luiza, mas não sabia como pedir para ela, então tirei com Rai, Fabio, Lú e Cristina. Depois da sessão de fotos Camilo nos contou suas aventuras das férias, o que provocou uma quantidade não desprezível de estrondosas gargalhadas no 228, brevemente interrompidas pelo telefone, que tocou novamente, e novamente foi atendido pelo meu cantor predileto:

- Celso, é pra você, é o Magnífico – CIB gritou outra vez.

Aquela frase teve um efeito devastador no semblante da minha reveladora amiga, mas eu fingi que não tinha notado a sua reação e peguei o telefone:

- Boa noite, Mestre!
- *Boa noite, Celso, e meus parabéns novamente!*
- Muito obrigado...
- *Já ligou pros seus pais?*
- Já, conversei com a minha mãe, meu pai, meu irmão, minha avó...
- *Ótimo. Celso, tem uma coisa que eu queria conversar com você hoje, no almoço, mas acabei nem tocando no assunto. É sobre o Eugênio.*
- Eu já imagino do que se trata, Mestre. Eu já tentei colocar um pouco de juízo na cachola daquele rapaz, mas ele está decidido mesmo.
- *Eu também já conversei com ele, mas não consegui convencê-lo a mudar de idéia.*
- É uma pena, mas eu acho que ele vai mesmo sair do ITA no final do ano.

- *É uma pena mesmo, mas eu ainda tenho esperanças de que ele desista desta idéia... bom, mais uma vez, feliz aniversário, Celso.*
- Obrigado, Mestre, boa noite.

Eu peguei mais um pouco de guaraná e fui conversar mais um pouco com Cristina.

- Nossa, como você está importante, Celso, até o Reitor ligou para lhe cumprimentar...!
- Ué, ele não te liga no teu aniversário não?!?
- Não.
- Vai ver que é porque o teu aniversário sempre cai nas férias, Tina.
- É, vai ver que é...

Adriano juntou-se a nós e jogou um pouco mais de lenha naquela desnecessária fogueira das vaidades:

- Isso sem contar que hoje ele almoçou na casa do Diretor do IAE, Cristina.
- Nossa...!
- Almoçamos, Adriano, você também estava lá.
- Eu, o Magnífico, a Edna, a Michelle...
- Nossa, e como é que vocês ficaram tão importantes assim, Adriano?
- Eu não sei, Tina, eu acho que é porque a gente passa os finais de semana no CTA.
- É, a gente acaba conhecendo todo mundo...

Cristina lançou-me um indecifravel olhar e comentou não sei o quê com Valéria, que estava bem ao nosso lado, conversando com Rai. Mas antes que eu tivesse tempo de tentar entender o que estava se passando naquele instante o telefone tocou outra vez, e outra vez CIB fez vibrar as paredes do apê com seu estrondoso grito:

- Celso, é pra você, é a Claudinha.

Enquanto Adriano me olhava com aquela cara de "Claudinha, quem é essa?!", eu segurei o aparelho e iniciei uma breve, mas agradável, conversação:

- Oi, Claudia...
- *Meus parabéns, Celso, que barulho é esse aí? Tá rolando festa?*
- Tá...
- *A Michelle acabou de me ligar.*
- Ela me ligou também, pra me desejar feliz aniversário.
- *Ela me ligou pra falar outra coisa, Celso. Uma coisa que eu já sabia, diga-se de passagem.*
- Que coisa, Claudia?
- *Que você beija bem, há-há-há.*
- Idem idem.
- *Você ainda lembra, Celso?*
- Mas é claro que sim. E como estão as coisas na capital?
- *Eu continuo odiando esta cidade. Brasília só tem política e droga, Celso.*

- 2 coisas que eu detesto.
- *Idem idem.*
- E os teus pais?
- *Estão mandando lembranças, e parabéns.*
- Muito obrigado.
- *Meu pai tá perguntando se você já levou uma velva hoje.*
- Há-há-há, o teu pai é muito comédia, Claudinha.
- *Só...*

Nossa animada tertúlia logo chegou ao seu término, e eu voltei minha atenção para os amigos presentes. Mais especificamente para a inesperada presença daquela noite: Beatriz Cecília. Ela aparentava estar um pouquinho deslocada, então eu fui trocar algumas despretensiosas idéias musicais com ela.

Aos poucos o pessoal foi saindo, Tino e Lulu foram os primeiros, seguidos por Paulão e Ruizola. Eu olhava para Maria Luiza como quem pedia para que ela não fosse embora, e ela me olhava de volta como quem parecia entender o meu olhar: sentou na mesa e ficou conversando com Valéria, Cristina, Fabio e Ricardo no sarcófago.

Mas qualquer que fosse o motivo daqueles furtivos olhares a coisa ainda ia ter que esperar um pouco para se decifrada, pois outros colegas também decidiram zarpar, e eu fui agradecer-lhes pela agradável confraternização:

- Até amanhã, Celso, e meus parabéns mais uma vez.
- Muito obrigado, Bia.
- Tchau, Celsão.
- Valeu, Camilo, Renato, Marta.

CIB e Carlinhos deram boa noite e fecharam as portas do quarto deles. Eu fiquei no meu quarto ouvindo as lorotas de Rai e Adriano. De onde eu estava dava para ver perfeitamente a silhueta de Maria Luiza, e por um momento eu fiquei focado naquelas coxas maravilhosas, nem ouvia mais o bostejo dos meus caros amigos. Ela deve ter sentido as vibrações que emanavam do meu ser, pois virou o rosto lentamente na minha direção até que nossos olhares se alinharam.

Ela devia ter um processador mais poderoso que o meu, pois continuou a participar ativamente da conversa que rolava no sarcófago, mesmo mantendo seu olhar alinhado ao meu. Eu levantei e fui pra lá, Rai e Adriano me seguiram.

- E aí, Celsão, gostou da festinha?
- Massa, Ricardo, massa mesmo.
- Eu vou nessa, gente, té mais.
- Eu também vou, Adriano.
- Tchau, Rai.
- Vamos também, Tina?
- Vamos... você vai agora, Lú?
- Daqui a pouco, meninas.

Fabio e Ricardo foram se preparar para dormir, Lú e eu ficamos a sós por uns instantes. Eu sabia que ela queria conversar, mas não imaginava qual seria o assunto:

- Você quer mais um pouco de guaraná?
- Quero, obrigada.

Eu voltei pro meu quarto, puxei as cadeiras, esperei ela sentar-se, abri a geladeira e peguei as latinhas. Enquanto ela saboreava o refrigerante eu coloquei um sonzinho que eu sabia que ela gostava. Ela riu da minha sutil manobra:

- Se você acha que vai me seduzir com guaraná e Cowboy Junkies está muito enganado, Celso.
- Você prefere cerveja e STP? – eu abri a geladeira de novo.
- Não, tá bom assim... amanhã tem aula, tenho que acordar cedo – ela explicou.
- Ainda bem, aqui no apê nunca tem cerveja mesmo... e além do mais por que eu iria tentar seduzir uma menina que preferiu ficar com um estranho, não é mesmo?
- Há-há-há... você tem boa memória.
- Idem idem.
- Eu não sabia que a Bia também fazia parte da categoria “meus melhores amigos”, Celso.
- Ela é gente fina... foi Renato quem chamou, quer dizer, Renato trouxe Marta, que trouxe Bia... – eu fingi que não tinha entendido a ironia, mas depois achei melhor aproveitar a deixa – tá com ciúmes da menina, Lú?
- Há-há-há... eu ouvi dizer que ela acha que você é uma “pessoa especial”, Celso.
- É mesmo!? Engraçado, ela não comentou nada disto comigo, hoje...

Os meninos passaram de volta para o sarcófago, interrompendo a nossa prosa:

- Gostou da gréia, Lú? – Fabio indagou.
- Gostei, Fabio. Vocês já vão dormir? Eu vou andando, então.
- A não ser que você queira dormir aqui esta noite, a-há! Aí pode ficar – Ricardo brincou.
- Hoje não, deixa pra outra vez – Maria Luiza brincou de volta, terminou o guaraná e levantou – eu vou andando, Celso.
- Eu te acompanho – eu levantei também – deixa eu te devolver o teu livro, Lú.

Eu abri a porta do meu armário e peguei o livro que ela havia me emprestado, e foi naquele momento que um inesperado eventou ocorreu: Maria Luiza viu umas fotos que estavam coladas na porta, e logo deduziu o óbvio:

- Esta é a Carolina?
- Hum-hum.
- Ela é muito bonita, Celso.
- Hum-hum...

Nós sorrimos, eu fechei a porta do armário e peguei o agasalho. Saímos pelo sarcófago, lentamente contornando o feijãozinho. Ela aproveitou a deixa para mudar de assunto:

- Você e CIB já começaram a ensaiar para o Encontro Musical?
- Ainda não. Espero começar esta semana.
- Legal. E a capoeira?
- Começo amanhã, sem falta... eita, amanhã não vai dar, Carlinhos e eu vamos jantar na casa da Mich... da Edna.
- Há-há-há... quem é Edna, Celso?
- É irmã da Michelle... ela namora com o Carlinhos.
- Hum... ficou tudo em família, então.
- Eu não sei do que você está falando, Lú.
- Há-há-há...
- Alguém está de bom humor hoje...
- Idem idem.
- O pai delas é da mesma turma do pai do Carlinhos... ele trabalha no IEAv.
- Então é da mesma turma do pai do CIB.
- É... como é que você sabe que eles são da mesma turma?
- O CIB tava me falando que o pai dele está namorando com a mãe do Carlinhos.
- Só...
- Depois ele falou que eles eram da mesma turma. Que coincidência, né?
- Só...
- Imagina, Celso, se daqui a uns anos os nossos filhos estiverem estudando no ITA, morando no mesmo apê, ou namorando...?
- Eu não consigo imaginar estas coisas não, Lú.
- Que coisas?
- Ter filhos.
- Você nunca pensou nisto, Celso?
- Pensei 1 vez, no final do ano passado... durou uns 10 dias. Os 10 dias mais longos da minha vida, diga-se de passagem.
- Há-há-há... que paranóia que a gente passou, não foi?
- Eu não gosto nem de lembrar...
- Nem eu... você gostou do livro?
- Gostei, Lú... fantasia, mas é legal.
- Isso não é fantasia, Celso.
- Eu não sei... eu continuo com medo dessas coisas.
- A gente só tem medo do que a gente não conhece, Celso, e foi pra isso que eu te emprestei o livro, pra você conhecer mais, e perder o medo.
- Você está é querendo me catequisar...
- Há-há-há... vai ver que esta é a minha missão, Celso.
- Eu não sei, eu continuo achando que não se deve mexer com esse tipo de coisa, Lú.
- Então isso significa que você pelo menos acredita que essas coisas existem?
- Não necessariamente... mas isso não muda nada, não é mesmo? As coisas não existem ou deixam de existir só porque a gente acredita ou deixa de acreditar nelas.
- É verdade...
- Você leu o artigo do Sheldrake?
- Li, muito interessante a teoria dos campos morfogenéticos... muito interessante mesmo. Tem tudo a ver com o conteúdo deste livro aqui, Celso.
- Tem mesmo!?
- E como...

Nós paramos no final do estacionamento do A, eu olhei para o seu rosto e fiquei sorrindo comigo mesmo. Ela não conseguiu resistir:

- O que foi?
- Eu tava lembrando do baile...
- Engraçado, né?
- Deveras... eu não esperava uma coisa tão anti-zen de você, Lú.
- Todo mundo tem um lado anti-zen, Celso, inclusive eu e você... – ela sorriu de lado, tentando me provocar.
- Pois é... tem gente que se aproveita dos bons sentimentos alheios...
- Você fez a mesma coisa, Celso.
- Claro que não, Lú – eu respirei fundo – primeiro que a Michelle não é a fim de mim, ela fez aquilo por prazer, ou pra passar o tempo – eu fiz outra pausa, dei um risinho bem sacana, à lá Paulão, coçando o queixo – e segundo que foi idéia dela.

Maria Luiza parou de sorrir por um instante, como quem não havia gostado nem um pouco do que tinha acabado de ouvir. Deu meia volta e começou a andar, mas parou, virou-se e lançou me um olhar um tanto quanto peculiar:

- Celso, eu não quero discutir com você... eu não quero mais discutir com você, principalmente no dia do seu aniversário.
- Do nosso aniversário, Maria Luiza – eu lembrei.
- Nosso aniversário...?!
- Sim... não vai me dizer você esqueceu do meu aniversário no ano passado... – eu olhei bem no fundo dos seus olhos cor de mel.
- Não, claro que não... como é que eu poderia esquecer?
- Eu nunca vou esquecer aquela noite, Lú.
- Nem eu, Celso... – ela sorriu novamente – mas eu acho melhor a gente deixar este assunto de lado. Pelo menos agora.
- Tá bom... êpa, como assim, "pelo menos agora", o que é que você quis dizer com isto?
- Nada, Celso, nada.
- Nada?!
- Eu não sei... – ela virou o rosto, olhou para uma viatura que passava pela Dutrinha, depois olhou para mim novamente – nada que a gente não tenha conversado antes.
- Sei... e eu que pensava que **eu** era complicado com essas coisas... bom, obrigado pór ter aparecido. "Kam sahm needa".
- "Chun mahn aeyo".

Fizemos uma respeitosa saudação oriental e depois ficamos imóveis, um esperando pra ver o que o outro ia fazer. Eu senti a deliciosa tensão se acumulando na minha pele, e decidi partir para o ataque antes que aquilo começasse a gerar O3:

- E então, já decidiu o que você vai me dar de presente?
- Presente?
- Sim, um beijo ou um chute na bunda. Não foi isto que você falou outro dia!?

Maria Luiza ficou visivelmente satisfeita com a minha indiscreta pergunta, mas não quis se dar por vencida:

- Há-há-há... eu não sei, eu realmente não sei, Celso.
- Vai me dar o direito de escolha...?

Ela fez mais um pouco de charme, como se aquilo fosse realmente necessário:

- Eu não sei, eu realmente não sei, Celso.
- Eu vou escolher, então, afinal de contas hoje é o meu dia.
- Contanto que você esteja disposto a assumir a conseqüência dos seus atos...
- Qual é a conseqüência que um simples chute na bunda pode ter, Lú?
- Eu não sei, a gente nunca sabe, Celso... – ela deciciu prolongar o meu sofrimento e mudou de assunto – e como foi o seu dia?
- Bom, começou mal, pois a menina que eu estava querendo apertar no baile ficou me esnobando em público.
- Há-há-há .. não, Celso, esquece esta parte. Pula pra depois que você acordou.
- Foi bom, então, eu fui almoçar na casa da tia Rosa...
- Tia Rosa? – ela fingiu indignação – Que intimidade é essa?
- Da Rosa, pronto – eu fingi que havia acreditado – foi massa, ela fez uma feijoada esperta, eu conheci o Diretor do IEAv... gente finíssima, por sinal. Eu acho que ele é da mesma turma que o Reitor.
- A Rosa é muito gente boa, não é mesmo, Celso?
- Gente boníssima, de vez em quando eu vou na Dival e levo altos papos com ela, tá ligada?
- Só... até o Magnífico ligou para lhe cumprimentar, Celso.
- Isso... ele te liga no teu aniversário também?
- Não.
- Vai ver que é porque o teu aniversário sempre cai nas férias, Lú.
- É, vai ver que é. Ou entao é porque vocês ficaram amiguinhos depois daquele concerto da Sinfônica lá em Sampa, no semestre passado.
- É, vai ver que é... e pelo que eu me lembro foi você quem me pediu para ir àquele concerto, pois você não queria ir.
- E eu precisava de um voluntário para representar o DepCult.
- Isso, então não reclama não, pois isso tudo é conseqüência dos teus atos.
- Exato. Mas eu não estou reclamando, muito pelo contrário, eu estou satisfeita por você estar conhecendo os nossos queridos veteranos, conhecendo a história do ITA... passando pela escola, enfim, ao invés de deixar a escola passar por você.
- Hum... eu gosto mais deste teu lado zen, Lú.
- Eu também, Celso.
- Também o quê?
- Eu também gosto mais deste teu lado zen.
- Há-há-há...

Maria Luiza sorriu com os cantos dos lábios e olhou para os lados, como se estivesse verificando que não havia mesmo ninguém perto de nós, ninguém que pudesse escutar o que ela estava prestes a dizer:

- Eu gosto de você, Celso.
- Eu também, Lú.
- Também o quê?
- Eu também gosto de você, voce é uma ótima pessoa, Lú.
- Há-há-há... não foi isso o que eu quis dizer, Celso.
- O que foi, então?
- Eu **gosto** de você, Celso. Foi **isso** o que eu quis dizer.
- Ah, sei... e foi por este motivo que você resolveu me ignorar ontem?
- Foi exatamente por este motivo, Celso.
- Sei... – minha espontânea amiga Michelle estava certa mesmo, eu não entendia coisa nenhuma da (i)lógica lógica feminina.

Obviamente que eu não entendi o que ela estava querendo dizer com aquilo, mas ela fez questão de esclarecer as minhas transparentes dúvidas:

- Se a gente tivesse ficado ontem eu acho que a gente ia acabar fazendo algo que a gente provavelmente não devia fazer.
- **Agora** eu estou entendendo... pra não dizer o contrário.
- Você sabe do que eu estou falando, Celso.
- Tá, supondo que eu sei: por que você acha que a gente ia acabar fazendo algo que a gente provavelmente não devia fazer?
- Por que eu estava com vontade de fazer... ainda estou, pra dizer a verdade.
- E qual é a diferença entre ontem e agora, Lú?
- A diferença é que agora o meu auto-controle está funcionando corretamente, Celso.
- Sei... e por que a gente provavelmente não devia fazer esta coisa que a gente não fez e provavelmente não vai fazer?
- Porque... é uma questão de princípios, Celso. Vários, inclusive aquele que diz que não se deve cobiçar o que é dos outros.
- Há-há-há, você é muito zen mesmo, Maria Luiza... bom saber que você gosta mais dos seus princípios do que de mim.
- Você gosta de mim, Celso?
- A gente já teve esta conversa antes, Lú, e pelo que eu lembro você concluiu que a resposta para esta pergunta é “não o suficiente”.

E eu concluí que eu ia acabar a noite sem ganhar presente algum, e decidi voltar para o 228:

- Boa noite, Maria Luiza.
- Espera, Celso, vamos conversar.
- Eu não quero conversar sobre estas coisas, Lú.
- A gente muda de assunto. Vamos conversar sobre a correlação entre a teoria dos campos morfogenéticos e a aceleração da expansão do universo, por exemplo.
- Há-há-há...
- Sério, eu preciso conversar com você, Celso.

Nós encostamos na paratosa do nosso amigo Tino e conversamos. Por mais de 1 h. E no final da conversa eu ganhei os meus 2 presentes de aniversário. Eu gostei mais do primeiro, mas eu sabia que o segundo era inevitável...

Michelle

Carlinhos e eu pulamos o muro e fomos jantar na casa de Michelle.

A onda já havia baixado, nós estávamos de volta ao normal, e se não fosse o comentário da irmã dela nós não teríamos nem tocado no assunto:

- Fala, “broder”, ou será que eu devia te chamar de cunhado agora? – Edna disse quando entramos.
- Cunhado? Que estória é essa, Edna? – a mãe delas perguntou.
- A Michelle não lhe contou, mãe? Ela e o Celso ficaram no baile.

Eu não sabia onde esconder a cara, Michelle ficou rindo, Edna e Carlinhos quase deram gargalhadas. Ainda bem que a mãe delas teve uma reação positiva:

- Que bom que a Michelle finalmente encontrou um rapaz direito, aluno do ITA... vocês estão namorando? – ela perguntou, olhando pra mim.

Michelle percebeu que eu não ia conseguir falar nada e adiantou-se na resposta:

- Namorar o Celso?! Que é isso, mãe? Não ia durar 1 semana!
- Ué, por que não?!
- O Celso tem 1 dúzia de admiradoras loucas pra se enroscarem nos cachinhos dele, mãe, imagina se eu ia aturar uma coisa dessas...!!
- Uma dúzia é exagero, Michelle... – eu finalmente conseguir falar alguma coisa.
- Exagero? Deixa eu contar... tem a Claudinha, a Márcia, a Ana Paula...
- Quem é essa Márcia? – eu perguntei, curioso.
- É a irmã da Claudinha – Edna explicou.
- Maria Luiza, Bia... – continuou Carlinhos.
- Quem é essa Bia? – Michelle perguntou, curiosa.
- É uma menina da minha turma... ela disse que o Celso é uma gatinho, a-há.
- Isso é lenda, Michelle, não acredita nisso não – eu tentei desconversar.

Depois do rango eu fui levar um papo sério com o pai delas, que para minha felicidade havia ignorado completamente aquela resenha sem pé nem cabeça. Eu estava precisando de uma orientação vocacional, e o nobre veterano fez questão de fornecê-la. Detalhadamente, diga-se de passagem. Sua conclusão, no entanto, foi sucinta:

- Em resumo, o que a gente aprende mesmo no ITA, Celso, independentemente do curso que a gente faz, é resolver problema. E é pra isso que o teu patrão vai te contratar, independentemente de quem ele seja.

Eu refleti seriamente sobre aquela conclusão, e voltei para o H8 razoavelmente aliviado.

Aquela noite foi agradável: jantar num ambiente familiar, receber valiosos conselhos dum genresoso veterano... rango bom... A seguinte também foi, eu fui pro lab comp com o meu soteropolitano amigo Valmir.

Valmir era um daqueles caras que haviam caído na minha turma devido a algum tipo de acidente de percurso na turma anterior. Ele gostava de bodosear no lab comp. E também gostava de passar as noites lá, coisa que eu só fazia quando era extremamente necessário. Mas para ele aquilo era uma coisa normal, divertida até. Ele pedia pizza, o cara vinha entregar no meio da noite, Valmir ficava comendo e passando os dedos lambuzados no monitor... era uma comédia. Eu costumava tirar minhas dúvidas de comp com ele, mas às vezes eu me arrependia, pois quando ele começava a explicar algo só parava 1 h depois.

Valmir tinha uma namorada na cidade, Letícia, mas a coisa havia esfriado durante o semestre anterior, o qual ele havia passado em Salvador, devido ao seu inesperado trancamento. O que foi uma pena, pelo menos para mim, pois Letícia tinha umas amiguinhas bastante interessantes – algumas das quais eu cheguei a conhecer razoavelmente bem naqueles bailinhos do H15 – e a nossa desinteressada amizade foi temporariamente interrompida durante o meu segundo ano no ITA.

Foi através de Valmir que eu conheci várias pessoa no ITA, CTA e em São José. Ele era muito amigo de K-Zé, e foi a partir daquele semestre que nós nos tornamos grandes amigos também. Valmir tinha passado em MEC e queria fazer COMP, mas provavelmente não iria conseguir mudar de curso, devido ao seu acidende de percurso. K-Zé estava pensando em mudar de ELE pra MEC, eu ainda estava decidindo o que ia fazer.

Foi também através de Valmir que eu conheci Grego, que trabalhava no IAE e fazia Pós no ITA. Grego tinha uma Fender Strat preta, tocava bem e, apesar de ter um ego um pouco desproporcional à sua habilidade com o instrumento, nós também nos tornamos bons amigos. Um belo dia ele me disse que ia ter uma apresentação musical no IAE e que estava precisando de um baixista, que não ia tomar muito tempo, seriam somente 2 ou 3 ensaios, e que ia ter um monte de mulher naquela parada, o que eu duvidei de cara.

- E além disso o Excelentíssimo Diretor do IAE me pediu para convidar você, Celso, ele acha que vai ficar bem essa integração musical ITA/IAE. Coisa com que, diga-se de passagem, eu concordei em gênero, número e grau, pois afinal de contas as idéias do chefe são sempre boas.

Eu decidi ajudá-lo e fui ver como era o esquema. Grego costumava exagerar um pouco, mas daquela vez tudo foi exatamente como ele havia dito, inclusive a parte que descrevia quantitativamente a presença do sexo feminino. A sala tava cheia de mulher, eu fiquei só sacando geral, sem nenhum alvo específico, mas notei alguns olhares concentrados no meu.

A música era simples, e depois de umas 3 ou 4 passadas estava tudo redondo. Bruno, que também trabalhava no IAE, estava na bateria, o que contribuiu bastante para o rápido entrosamento do grupo. O primeiro ensaio acabou logo, eu voltei pro H8 feliz por ter a chance de ajudar um amigo, e de quebra conhecer outras pessoas no CTA. Eu ainda iria ficar um pouco mais feliz por causa daquela despretensiosa empreitada.

No dia seguinte eu tava almoçando no H15 com Valmir, K-Zé e Adriano quando Grego apareceu com um sorrisinho maroto:

- Celso, Celso, alguém me pediu pra lhe entregar isso aqui, ó.

Ele me passou um pedaço de papel com um nome e um número de telefone.

- Você tá me sacaneando, né, Grego? – eu perguntei desconfiado.
- Pior que não tou, há-há, a menina ficou impressionada com você, Celso, me perguntou se você tinha namorada, eu falei que não...
- Tá vendo, Adriano? – eu cutuquei o amigo zagueiro – é assim que se faz, viu que bela jogada o Grego fez no meio de campo? Passou a bola redondinha pra eu chutar a gol...
- Adriano, porra, deu uma de beque, foi? – K-Zé perguntou irado – pode levantar e sair da mesa, aqui só tem atacante!
- Foi sem querer, gente, já faz tanto tempo, e o Celso não tava nem azarando a Ana Paula... – Adriano tentou se explicar.
- Não interessa, Adriano, beque é beque – Valmir observou.
- Grego, por acaso essa menina tava sentada lá no fundão, de franjinha, sorridente? – eu perguntei os detalhes.
- Essa mesma – ele ficou rindo.
- Ela trabalha no IAE? Ela me pareceu ter uns 15 anos...
- Estagiária... e eu acho que ela tem 17... como é, Celso, vai ligar pra ela? Eu sei que você não consegue resistir um belo par de coxas, há-há.
- Isso não é verdade, Grego – eu coloquei o papelzinho no bolso – mas eu acho que vou ligar assim mesmo...
- Ótimo – Grego levantou-se, ainda sorridente – ela falou que sexta à tarde está livre... tchau, garotos.

Eu também estava livre naquela sexta à tarde, e fui conferir a garota. Ela parecia uma versão mais nova e menos complicada de Maria Luiza: tinha os mesmos olhos castanhos, o mesmo sorriso sensual, as mesmas coxas maravilhosas... os cabelos eram mais escuros, e ela devia ser pelo menos uns 15 cm mais baixa que Lú. E uns 30 cm mais direta, também, foi logo me dizendo que havia gostado do meu jeito, mas que tinha um namoradinho e que não pretendia acabar com ele:

- Você conhece a Michelle, não é? – ela perguntou em seguida – Eu vi vocês juntos no baile.
- Michelle é uma grande amiga minha... por que?
- Mas vocês não namoram...
- Não... isso seria um problema?
- Seria, eu não quero confusão com aquela menina – ela fez uma cara de medo, eu tentei evitar o riso.

Algo me dizia que aquele interessado interesse que aquela interessante menina tinha em relação à minha desinteressante pessoa possuía uma compenente diretamente proporcional à inveja que ela demonstrava em relação à minha carinhosa amiga Michelle. E também uma componente inversamente proporcinal ao medo. Vai entender cabeça de mulher...

- E o seu namorado?

- Não se preocupe com ele, vocês não se conhecem... você tem namorada?
- Não exatamente...
- Não exatamente? Tem ou não tem? – ela sorriu novamente.
- Eu tive uns rolos com uma figura, no ano passado... agora a gente tá assim meio que volta não volta, você sabe como é.
- Sei... e você gosta dessa menina?
- Eu acho que sim...
- E o que é que você está fazendo aqui comigo? – ela continuou sorrindo.
- Engraçado... eu estava pra te perguntar a mesma coisa...
- Eu já lhe disse, eu gostei do seu jeito, Celso... daquela carinha de mau que você faz quando tá tocando...
- Eu também gostei do seu jeito, Daniela... – eu olhei nos olhos dela por um breve instante e depois deixei a minha suprimida espontaneidade fazer algo de útil para nós 2.

Aquela tarde foi bastante agradável, eu achei que aquele lance semi-secreto ia ser interessante: sem cobranças, sem compromissos, sem neuras, sem "eu não seis". De noite, no H15, eu agradeci pelo presente que Grego havia me dado.

- Eu apenas retornei um favor, Celso... e você, Adriano, vê se aprende... seu zagueiro, há-há.
- Ôce devia ter vergonha, Celso, ficar se agarrando com uma menina de 15 anos – Adriano quis mudar de assunto.
- 17, Adriano, e nem que fosse 15 não ia mudar o fato de que você deu uma de beque – eu revidei na hora.
- E como está este semestre no ITA, garotos?
- Até agora está tudo bem, Grego, mas o semestre apenas começou.
- Você tem razão, K-Zé, ainda vai rolar muita trolha até o final do ano.
- Eu também acho, Adriano.
- Vocês estão muito pessimistas, meus amigos – eu comentei, confiante – este semestre vai ser uma maravilha!

Eu estava enganado, naturalmente, muito enganado...

Enquanto O Mundo Explode

Aquele último semestre do Fundamental não foi o mais difícil, mas foi o mais sacal. Eu procurei manter-me motivado, ir às aulas, estudar bastante, mas aos poucos meu ânimo foi decaindo. Boa parte dos meus colegas de turma passaram pela mesma situação, e alguns chegaram até a trancar, assim de uma hora pra outra, sem estarem pendurados em faltas, sem estarem mal de notas, apenas por falta de saco. Primeiro foi Tango, depois foi Breno, depois foi Tartaruga... a lista foi longa.

Eu estava bem de notas, apesar da minha baixa motivação. Era como se o meu cérebro já estivesse formatado para resolver provas, mesmo que eu não tivesse virado a noite estudando. Talvez fosse o efeito da exagerada "ingestão" de bizus, ou da perturbação do campo magnético da Terra que cobria SJK... eu não sei, mas minhas notas estavam boas, e a minha Conselheira estava orgulhosa de mim.

Mas o pessoal da Dival ficou um pouco preocupado comigo quando meu número de faltas começou a ficar elevado. Eu comecei a receber bilhetinhos para ir conversar com eles sobre o assunto, geralmente durante as aulas daquelas matérias bem monótonas. O que a princípio me deixou intrigado, pois não me pareceu muito lógico tirar um aluno da sala de aula para conversar sobre as faltas dele, mas depois eu comecei a gostar, pois aquilo era uma maneira ótima de matar aula e não receber falta... eu nunca gostei muito da outra opção.

Aquelas conversas na Dival me fizeram perceber que eles tinham uma genuína preocupação comigo e com outros colegas, receavam que nós estivéssemos a ponto de trancar também, ou desistir do ITA. Eu nunca pensei em fazer uma ou outra coisa, mas entendi e até fiquei agradecido pela preocupação deles, pois afinal de contas eles me conheciam melhor do que eu mesmo, como ficou demonstrado numa vez que eles me chamaram antes do feriado.

- Celso, nós chamamos você aqui para conversar sobre a sua situação escolar – Sílvio, o nosso querido psicólogo, abriu o sermão com sua frase inicial padrão.
- Nós estamos preocupados com você – Rosa continuou.
- O que foi que aconteceu?! – eu fiz cara de surpreso.
- Você tirou um R em MAT-46... – ele fez cara de preocupado.
- Foi a primeira prova, eu vou melhorar na segunda... e além disso um R não é o fim do mundo, gente.
- E as faltas, Celso? – ela mudou o assunto.
- Estão sob controle, estou administrando.
- Olha, eu não sei não, nesse ritmo você vai ficar numa situação perigosa no final do semestre.
- Mas tia...
- Para com isso, menino, eu já não te falei pra não me chamar de tia aqui no ITA?
- Foi mal, tia Rosa, quer dizer, Rosa.
- Celso, o que a gente tá querendo saber é se tá acontecendo alguma coisa com você...
- Não tá acontecendo nada, Sílvio...
- É falta de saco?
- É, Rosa, é isso... mas tá tudo bem, minha notas estão boas, como é do conhecimento de vocês, e eu não vou trancar nem largar o ITA não.

- Celso, como está a sua vida, hum, social? – Sílvio até que tentou ser sutil.
- Vida social?! – eu estranhei um pouco a pergunta.
- É, você está saindo nos finais de semana, por exemplo? – Rosa foi mais direta.
- Ah, sei – eu comecei a rir – não, eu não estou saindo não, mas eu estou legal, gente.
- Arrumou alguma namoradinha? – ela continuou.
- Não, por que?
- Nada não, a gente só queria saber se está tudo bem contigo.
- Está tudo bem comigo, Sílvio, tudo normal.
- As pessoas reagem diferente nessas situações de pressão, Celso, tem gente que se enterra nos livros, tem gente que quer ficar na cama dormindo... e aí perde a aula das 8.
- Não, Rosa, não é por isso que eu fico dormindo de manhã, eu durmo porque fico estudando até tarde, fazendo série...
- Tá bom, Celso – ela sorriu e olhou pra ele – como estão os preparativos para o Encontro Musical?
- Mais ou menos – eu sorri também – este ano eu vou tocar umas 6 ou 7 músicas, vai ser massa.
- Eu soube que a apresentação no IAE foi um sucesso, o pessoal elogiou muito vocês.
- Foi boa sim, o Grego produziu tudo, ele é um ótimo maestro. Posso voltar pra aula agora?
- Claro que pode, Celso, a gente só queria bater um papo com você.
- Vai logo, senão você perde o intervalo... leva isso aqui pro seu amigo, e vê se dorme mais cedo.
- Tá bom, tia Rosa – eu peguei o bilhetinho e saí correndo antes que ela me desse outra bronca.

Eu voltei a tempo de pegar o bendito intervalo, todo mundo ainda tava do lado de fora da sala. Valmir foi o primeiro a querer me sacanear:

- Foi na Dival de novo, Celso?
- Fui, mas adivinha quem eles estão chamando agora? – eu entreguei o bilhetinho com o nome dele, ele olhou pra mim e saiu andando.
- O que é que está acontecendo com vocês? Toda semana vocês são chamados pra conversar com eles...!
- Eu não sei, Valéria, eu acho que eles gostam da gente...
- Ontem eles chamaram o K-Zé, ele ficou lá por mais de 1 h... eu espero que vocês não tenham se metido em nenhuma confusão, Celso.
- Não tem confusão nenhuma, Tina... eles só querem que eu durma mais cedo...

Elas não engoliram aquela estória, mas a aula tava começando de novo e o papo encerrou. E na hora do almoço eu não sentei com elas pra evitar o assunto, fui pra mesa de Renata, Pedrão e André, que pra variar estavam de bom humor. Eu também estaria de bom humor se estivesse no segundo semestre do quinto ano, mas naquele momento a minha realidade era outra.

- Oi, pessoal, posso sentar aqui com vocês?
- Claro, Celso, seja bem vindo à nossa modesta mesa. Como está a vida?

- A vida não está fácil pra quem é honesto, André.
- Aprendeu essa com o Valter, foi?
- Foi, Pedrão.
- Celso, foi o pessoal da tua turma que tava fazendo uma zorra ontem no 133? Eu acho que escutei a inconfundível voz do K-Zé.
- Foi, a gente tava fazendo uma despedida pra 2 colegas nossos que se mandaram.
- E para onde eles foram?
- Voltaram pra tua terra, Renata.
- Campinense não dura muito nesta escola, mais cedo ou mais tarde eles voltam pra UNICAMP – ela explicou – a não ser os aeronáuticos, que ficam até o fim.
- E vocês, vão aprontar alguma coisa interessante para os 100 dias?
- Nada especial, o de sempre – André comentou.
- Talvez a gente faça uma visitinha na espertolândia...
- Serão bem vindos, vocês sabem que as portas do 228 estão sempre abertas aos amigos.
- Vamos ver se os 3 quartoanistas do teu apê concordam com isso.

Concordando ou não os 3 foram jogados no feijão, mas eu achei que eles já estavam preparados para aquela demonstração de carinho por parte dos colegas do quinto ano que visitaram o nosso apê naquela noite. Comigo não aconteceu nada, quer dizer, nada de extraordinário. Renata e outra amiga que eu não sabia nem o nome tiraram uma foto me beijando, uma em cada bochecha. E depois um sujeito fantasiado de mulher e me chamando de bichão guitarrista achou aquilo bonitinho e me deu um beijo também, no rosto. Sem foto, para meu alívio. Carlinhos perdeu tudo, pois fugiu do apê pensando que ia levar uma velva. Bicho tem medo de tudo mesmo...

No dia seguinte estávamos de volta à morosidade que nos inundava naquele semestre. D2 me convidou pra passar o feriadão com a família dele no Guarujá, o que foi muito bom pra aliviar um pouco a chatice, mas quando voltamos pro H8 as coisas não estavam muito diferentes.

Os ensaios para o Encontro Musical não estavam me agradando. A regulagem exagerada de Grego e a falta de saco de Shimano e JF, além da minha própria, estavam estragando a diversão.

Nem pros baileus do H15 eu ia mais, e também não saía nos finais de semana, ficava entediado no H8, por vezes tentando estudar, mais freqüentemente bostejando ou desperdiçando meu tempo com outras atividades ainda menos improdutivas, tais como inalação de fumaça no 323.

As únicas coisas que realmente me alegravam eram as minhas atividades extra-curriculares, principalmente o programa semanal que Giz e eu fazíamos toda quarta às 9 na RUSD. Giz tinha um gosto musical bastante eclético e a gente se entendia muito bem, apesar dele se amarrar num pop francês, que eu achava coisa de viado, e também naquelas bandas pseudo-alternativas inglesas dos anos 80, que eu também achava coisa de viado. Nada contra, naturalmente. Nada contra os viados, é claro, que contra o pop francês e as bandas pseudo-alternativas inglesas dos anos 80 eu tinha um monte de coisas. Ainda tenho.

A gente nunca sabia quantas pessoas realmente ouviam o nosso programa, mas de vez em quando alguém fazia um comentário positivo no almoço da quinta.

Eu estava torcendo para que a semaninha chegasse logo e eu fosse pra casa, pra praia pegar onda... fosse pra longe do H8. Mas aquela semaninha demorou muito para chegar, e eu tive que encontrar forças sobre-humanas pra estudar muito e fazer boas provas. A coisa que eu menos queria era me dar mal em alguma matéria e correr o risco de pegar outra segundinha e estragar as férias do fim do ano. O meu hercúleo esforço valeu a pena, quando o bimestre acabou minhas notas estavam boas e eu fui pra casa tranqüilo.

Mentalmente tranqüilo, fisicamente detonado. A combinação gaga intenso + noites mal dormidas + refeições do H15 tinha causado um visível estrago no meu material biológico, e daquela vez eu tive a certeza de que 1 semana à base de luz solar e água salgada não seria suficiente para reverter aquela desagradável situação.

Minha mãe ficou horrorizada com a minha aparência, o que teve um resultado positivo, pois ela convenceu meu pai a incrementar o fluxo monetário a fim de que eu me alimentasse melhor. Obviamente que a maior parte daquele delta foi parar na minha conta da viagem pra Europa, e o resto foi desviado para financiar atividades recreativas no litoral norte paulista.

Meu pai já havia desistido de tentar me fazer cortar o cabelo, mas minha mãe ainda insistiu por 2 dias, em vão. Carolina achou que tava legal, e aquilo foi motivo mais que suficiente para resistir a qualquer apelação da mama.

Naquela semana aconteceu algo esquisito comigo: pela primeira vez desde que eu havia entrado no ITA eu fiquei desejando que a semaninha acabasse logo. Em verdade o que eu queria mesmo era que aquele semestre acabasse logo, que o ano acabasse logo e que eu ficasse livre do Fundamental. Carolina percebeu a minha ansiedade e tentou descobrir o que estava acontecendo:

- Você está agoniado com alguma coisa, Celso?
- Tô, Carolina... eu queria que o tempo passasse mais depressa...
- Por que?
- Pra que eu pudesse terminar esse semestre logo, tá um saco...
- Ah... eu pensei que era outra coisa...
- Não... eu já lhe disse que aquele lance acabou de vez.
- Só não disse como acabou...
- Ela desistiu de mim, me disse que eu nunca ia ter coragem de... ela disse que eu não ia conseguir ficar sem te ver, Carolina.
- E quando foi que ela chegou à esta óbvia conclusão? – ela sorriu confiante.
- Mas você é muito metida mesmo... foi no dia do meu aniversário, ela viu uma foto tua no meu armário, uma daquelas que a gente tirou na praia...
- E o que é que ela tava fazendo no teu quarto?
- Tava rolando uma festinha lá no apê, ela tava por lá.
- E...
- E ela disse que você era muito linda, e que entendia porque...

- Ela me achou bonita?!
- Claro, você é linda, Carolina...
- Eu sou normal...
- Você só é desprovida de vaidade... o que não deixa de ser esquisito numa mulher.
- Isso é verdade...
- Nem brinco você usa... você é a menina mais bonita que eu conheço...
- Renatinha é mais bonita do que eu, você não acha?
- Não...
- Fala a verdade...
- Ela tá no mesmo nível, mas você é mais bonita... porque seu cabelo é maior...
- Então se eu cortar o cabelo ela fica mais bonita do que eu? – ela fingiu estar indignada.
- O que é isso, Carolina? Você nunca teve esse tipo de coisa... – eu pensei que ela estava falando sério.
- Eu tô brincando, aruá, eu sei que ela é uma gracinha e que você só tá falando isso pra ser gentil comigo... eu vou fingir que acredito.
- Se você acha que é isso...
- E a Luluzinha, ela é bonitinha feito Renatinha?
- Não... mas é mais sexy.
- Mais do que eu? – ela passou as mãos nos cabelos e depois deslizou-as lentamente pelo resto do corpo desnudo.
- Essa pergunta é muito capciosa, Carolina... – eu tentei repetir o que ela havia acabado de fazer, mas fui interrompido.
- Ah não, agora você vai ter que responder, e desta vez eu não estou brincando!
- Eu não sei se eu tenho dados suficientes para chegar a uma conclusão que seja estatisticamente válida...
- Para de querer me enrolar e fala a verdade, Celso.
- Eu não sei, Carolina... eu diria que vocês estão no mesmo nível... mas se você se esforçar um pouquinho mais essa noite, quem sabe você passa na frente...
- Hum... talvez, mais tarde... eu vou pensar no seu caso, mas agora me mostra uma foto dela.
- O quê!? – eu não estava esperando por aquilo.
- Eu quero ver a cara dessa menina.
- Por que? Não tem nada a ver, já acabou tudo.
- Ela viu a minha foto, não foi? Eu quero ver a dela, posso?
- Pode, mas... eu não sei eu tenho uma aqui comigo...
- Eu tenho certeza de que tem um disco cheio de fotos dela nesse estojinho aqui...
- Não, é tudo música... mas esse aqui tem as fotos do meu aniversário – eu passei o disco pra ela colocar no notebook – deixa eu ver... essa aqui é a Lú.
- Ela é bonitona, Celso... mas tem uma cara de braba...
- É... esse é o Fabio, que mora comigo, e esse é o Rai, nosso vizinho.
- E quem é essa menina aqui?
- É a Cristina, ela é da minha turma.
- Tem um monte de foto dela...
- É... ela é minha melhor amiga...
- Sei... daí pra sexo é um pulo...
- Cristina!? Não, tem nada a ver...

- Narizinho arrebitado, cabelo arrumadinho, barriguinha de fora, toda durinha... olha o sorriso dela... vê que olhar sexy nessa foto.
- Ela é bonitinha, mas sexy?? Ela é tão na dela...
- Essas quietinhas são as mais perigosas... e quem é esse bonitão aqui, de olhos verdes?
- Esse é o CIB, mora lá no apê também, esse é o Ricardo esperteza e esse aqui é o Carlinhos.
- Que gatinho... todos eles.
- E essa aqui?
- Essa é a Bia, ela tá no primeiro ano... o pessoal diz que ela tem uma quedinha por mim mas eu acho que é brincadeira da galera. Esse aqui...
- Tá bom, chega de foto – ela tirou o disco e colocou outro com música – vamos tratar de outro assunto.
- Que assunto?
- Aquele que você insinuou antes – ela sorriu, prendeu os cabelos e começou a me beijar.

Naquela noite eu achei que Maria Luiza estava certa mesmo, que eu nunca ia ter coragem de largar Carolina. Ainda ia levar um tempo razoável até nós 3 nos darmos conta de que estávamos todos errados àquele respeito.

TV A Cabo

A volta pro H8 foi marcada por uma notícia trágica: durante a semaninha um colega do primeiro ano havia falecido num acidente enquanto fazia um mergulho em Angra. Adriano foi quem me passou os primeitos detalhes, ou pelo menos tentou:

- Eu não sei quem foi nem como foi, Celso, o Marcoleu acabou de me dar contar que a Marcoléia falou pra ele que a colega de quarto dela disse que...

Fomos ao 231 para conferir o que Marcos sabia sobre o ocorrido, mas logo descobrimos que ele também não sabia de muita coisa:

- Tudo que eu sei é que o nome dele é Leandro, e que ele estava mergulhando em Angra, gente.
- Cacete! A gente tava conversado com o Leandro na última semana antes da semaninha, Adriano, lembra?
- Pela derradeira vez... gente da melhor qualidade, tinha acabado de completar 18 anos, Marcoleu.
- Puta merda...

Nós fomos ao 316, em busca de mais informações, mas nem Bico sabia de muita coisa, e ele estava visivelmente abatido, então decidimos voltar ao 228. Os 4 cariocas estavam de volta, mas pelo estado de ânimo deles eu deduzi que a má notícia ainda não era do conhecimento deles.

Coisa que logo mudou de estado, pois antes que eu pudesse pensar na melhor maneira de comunicar o desagradável fato – principalmente para Carlinhos, que era colega de turma do falecido – o meu diplomático amigo Adriano sutilmente largou a bomba no apê:

- Carlinhos, nós acabamos de saber que o Leandro, da sua turma, morreu enquanto estava mergulhando em Angra! É foda, né...?

Carlinhos nem se deu ao trabalho de perguntar por detalhes, saiu correndo, provavelmente em direção ao 316, eu nem vi que horas ele voltou para o 228. No dia seguinte ele, Bico e outros colegas do primeiro ano foram ao enterro, voltaram num estado deplorável. O pessoal da turma deles ficou arrasado, eu também fiquei arrasado. Lá no apê a repercussão foi ainda mais chocante, pois Ricardo, CIB e Fabio ficaram lembrando de um amigo da turma deles que havia falecido num acidente de carro em Sampa, quando eles estavam no segundo ano, e do acidente com os dois amigos dele no final do ano anterior.

Aquela semana foi bem triste, bem triste mesmo. Na sexta-feira eu fui ao 323, como de costume. Chico, JD e os Sávios ainda pareciam estar abatidos com o falecimento de Leandro. Alex e Múcio também apareceram por lá, e nós passamos boa parte da noite conversando sobre morte. Eu praticamente não falei nada, fiquei apenas escutando o que os meus 6 amigos diziam sobre aquele assunto, que para mim ainda era um tanto quanto assustador. Eu ainda estava chocado com a trágica notícia da semana. Mal sabia eu que em menos de 10 anos eu iria receber notícias igualmente trágicas sobre 3 dos presentes.

Ou melhor, diferentemente trágicas, mas trágicas do mesmo jeito...

Foi depois de algumas horas que eu finalmente me dei conta de que havia algo diferente no 323: uma televisão. Eu aproveitei para mudar macabro assunto da hora com a minha imediata reprovação:

- Que porra é essa?! Quem foi o viado noveleiro que trouxe esta merda pra cá?
- Foi o Sávio, Celso.
- Qual deles, Chico?
- Qual que tu achas que é viado e noveleiro ao mesmo tempo?
- Sávio R., JD, com certeza.
- Acertou em cheio...
- Para com essa conversa que eu não sou viado não – Sávio protestou, mas foi completamente ignorado.
- Vamos ver o que tá passando hoje – Chico ligou o aparelho – ontem rolou STP, Celso.

Mina opinião sobre o detestável eletrodoméstico mudou tão logo percebi que o mesmo possuía alto potencial recreacional:

- STP!? Vocês têm cabo?? Massa...

Qual foi a nossa surpresa quando notamos que estava rolando “Heart shaped box”, que encaixou perfeitamente com o fúnebre clima da noite. E na seqüência passou “We die Young”. Naturalmente que o macabro assunto da hora automaticamente voltou à tona.

Aquele final de semana até que não foi tão ruim, eu passei boa parte do meu tempo no 323, assistindo vídeos e intoxicando-me com a fumaça característica do ambiente. Nem lembrar de ligar para Carolina eu lembrei...

A nossa monótona rotina, no entanto, continuou a tomar conta de nós, e logo na semana seguinte minha turma sofreu mais outra redução numérica: mais 2 amigos decidiram trancar por falta de saco. E mais uma vez Fabio “elogiou” a nossa capacidade intelectual, tão logo tomou conhecimento do acontecido:

- Esse pessoal da tua turma é muito fraquinho, Celso, trancando adoidado no segundo ano... quero ver quando vocês chegarem no quarto ano...
- Se chegarem, né, Fabio? – Ricardo completou – do jeito que tão não passam nem do terceiro, a-há.
- Esse aí ainda nem sabe o que vai fazer – CIB gritou do quarto dele.
- O quê?! Puta merda, Celsão, 2 anos aqui e ainda não se decidiu?!
- Tem que pensar muito pra tomar uma decisão importante dessas, esperteza – tentei me defender, em vão.
- Vai acabar fazendo MEC, que é curso de quem não sabe o que quer da vida – Fabio ironizou lá do sarcófago.

Naquele instante Marcelo Seno30 veio fazer a sua habitual visita à nossa geladeira, e equilibrou a discussão:

- Que papo é esse, mermão? MEC é o melhor curso dessa escola, tá pensando o quê?
- Chegou o outro que também não quer porra nenhuma com a vida, é tudo um bando de bicho mesmo, não sei qual é o pior!!
- Tô sentindo uma certa frustração na tua voz, esperteza – Seno rebateu, enquanto detonava um iogurte – o que foi que houve, não apertou nenhuma loura maravilhosa na semaninha, a-há?
- Eu acho que não, Marcelo, até agora ele não comentou nada, a-há – eu aproveitei a deixa pra sacanear um pouco também.
- Tá em decadência... mas também, saca só a barriga do cara, Celsão, é mole? Mulher nenhuma ia querer ficar se esfregando nessa coisa disforme...
- Isso aqui é calo sexual, rapá – Ricardo retrucou – a mulherada se amarra.
- Porra nenhuma – Marcelo pegou uma maçã, abriu a porta do meu armário, ficou olhando a foto de Carolina – e pensar que essa menina tá sozinha uma hora dessa...
- Tá nada, deve estar se agarrando com alguém, enquanto esse babaca tá aqui, metendo gagá de Física – Fabio entrou no meu quarto e ficou olhando a foto também.
- Vamos parar de secar a menina – eu levantei e fechei a porta.
- Aê, estragou a diversão da galera, aê – Marcelo Seno30 saiu reclamando, e nós retornamos à nossa tranqüilidade.

Eu estava um pouco mais animado para estudar, e estudei regularmente durante aquela semana. No sábado nós ensaiamos bastante para o Encontro Musical. Patão estava um pouco vacilante no vocal, não sabia se ia conseguir gritar o suficiente. Eu falei pra ele não se preocupar com aquilo, que do jeito que ele estava cantando ia ficar legal, mas ele acabou desistindo da idéia. Ele ia tocar baixo numa música do Barão Vermelho que Vic ia cantar conosco, e achou melhor se concentrar apenas naquela tarefa. Bicho se assusta com tudo mesmo...

JF e CIB escolheram 3 músicas do nosso vastíssimo repertório, e depois que nós passamos cada uma delas umas 4 ou 5 vezes Shimano, Bruno e eu achamos que estavam boas o bastante. No domingo Grego apareceu no H8 e nós ensaiamos mais um pouco. Durante a semana eu não ensaiei nada, fiquei ajudando na organização e produção do evento. K-Zé estava fazendo a divulgação, Adriano estava responsável pela iluminação e Valmir estava coordenando o som junto com um colega do 4º ano, Álvaro Peixoto.

Eu fiz o seqüenciamento das apresentações. Coisa que, à primeira vista, parece trivial, mas que requer um agucadíssimo tato para lidar com uma quantidade não desprezível de egos exageradamente inflados, além de uma apurada noção de como melhor distribuir os diferentes talentos de modo a manter a platéia atenta e satisfeita com as apresentações.

A primeira noite foi excelente: Francisca Nagai mais uma vez arrasou no piano, José Fernando deu show de bola na Bossa Nova, junto com Heraldo e Ferdinando, e Rodrigo impressionou todo mundo armado somente de voz e violão.

Shimano e Eduardo também contribuíram em várias apresentações, e vários outros colegas de todas as turmas, professores e funcionários do ITA fizeram daquela noite um grande sucesso.

O que sem dúvida aumentou a expectativa para a noite seguinte. Eu cheguei cedo no Auditório, falei com Adriano, Valmir, Peixoto, tava tudo em ordem, sem motivos para preocupações.

Mas mesmo assim eu estava com aquele friozinho na barriga, que sempre me incomodava antes das minhas apresentações musicais. E naquela noite o meu costumeiro friozinho na barriga teve uma outra inesperada componente. Bastante agradável, diga-se de passagem.

Grego e eu estávamos afinando as guitarras pela trigésima vez, no saguão entre o Auditório e a Biblioteca, quando ela surgiu do nada, espontânea e provocante, como sempre. Eu tomei um baita susto quando ela falou o meu nome:

- Oi, Celso, tudo bem?

Antes que eu pudesse responder à sua cordial pergunta ela baixou seu rosto e me deu uma carimbada no rosto. Curta o suficiente para não deixar uma evidência muito forte, longa o suficiente para desnortear os meus abaláveis sentidos. Como se eu estivesse precisando de mais algumas fortes emoções naquele momento... e o pior de tudo é que eu perdi o controle da mão esquerda e a minha guitarra desafinou novamente.

O meu sábio comparsa, entendendo a minha momentânea dificuldade, logo prontificou-se a prestar-me a necessária ajuda:

- Deixa que eu afino de novo, Celso.

Eu levantei, passei a Tele para ele e encarei a minha grata surpresa:

- Tudo bem, Daniela, e você?
- Agora está bem – ela simulou um olhar sério, mas logo desistiu da idéia e sorriu confiante, aparentemente satisfeita com o resultado da sua indesperada presença.
- Você está tão bonita hoje... quer dizer, você sempre está bonita, mas hoje está mais.
- Eu tinha que me embonecar um pouquinho hoje, Celso, para ver você tocar...

Eu não consegui falar mais nada, fiquei apenas admirando os seus belos olhos cor de mel.

Daniela aproveitou a minha temporária paralisia e me deu um forte, e gostoso, abraço. Curto o suficiente para não provocar nenhuma reação inapropriada para o momento, longo o suficiente para provocar uma tuia de pensamentos inapropriados para o momento. Seus longos cabelos castanhos estavam presos, deixando à mostra a exageреda quantidade de brincos que ela usava naquela noite. Mas antes que eu pudesse fazer qualquer exploração naquele terreno ela afastou seu belo rosto do meu:

- Eu falei que ia aparecer quando você menos esperasse, não falei?

- É verdade... você veio com quem?
- Com o meu namorado, ele está lá dentro.
- Ôps...
- Eu disse que ia cumprimentar o Grego – ela sorriu para o nosso cúmplice amigo e cumpriu sua palavra – oi, Grego, tudo bem com você?
- Tudo bem, Daniela – Grego sorriu de volta e guardou o afinador – já está quase na hora, Celso, a nossa vez é depois desta música.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa Daniela novamente colou brevemente seus lábios ao meu rosto e partiu tão rapidamente quanto havia chegado:

- Boa sorte pra vocês... vamos fazer algo amanhã de tarde?
- Vamos... eu te ligo.

Grego passou-me a Tele de volta e ficou rindo da minha cara de babaca:

- Sei não, Celso, isso aí está com uma cara de que ainda vai dar uma confusão...!!
- Lembre-se de que é tudo culpa sua.
- Culpa minha coisa nenhuma! Vocês 2 já estavam de olho um no outro, tudo o que eu fiz foi conectar os terminais, hé-hé.
- O pior é que essa menina tem um não-sei-o-quê que me agrada, Grego, tá ligado?
- Tô ligado sim... eu acho que ela tem 2 eu-sei-o-quê que te agrada, Celso. Isso sem falar no belo par de coxas, hé-hé.
- A-há, a-há.
- O ruim é que ela desejou boa sorte pra nós, sinal de que alguma merda vai acontecer.
- Ôps...

Ficamos aguardando a hora de começar a tocar. Minha redobrada ansiedade só passou quando a minha Neusinha predileta chamou o meu nome para subir ao palco. Rai havia convidado Lorena para ser apresentadora da segunda noite, e de certo modo a sua amigável introdução trouxe-me um pouco da necessária tranqüilidade que eu tanto precisava naquela noite.

Daniela estava na terceira fila, com o namoradinho, fulminando-me com o seu despretensioso olhar. Aquela menina decididamente estava começando a ficar interessante, mas naquele exato momento eu tinha uma tarefa a cumprir, e aquela momentânea distração ficou relegada a terceiro plano.

Medeiros marcou a entrada com as baquetas, Grego tocou a introdução, CIB e eu trocamos um rápido olhar e mandamos ver. A primeira música ficou perfeita, redondinha, e a platéia reconheceu o nosso preciso desempenho com uma estrodosa ovação.

O bizuleu aconteceu na segunda, justamente na hora em que eu ia começar o solo: eu perdi o sinal da minha guitarra! O pessoal continuou tocando. Valmir checou a mesa, me fez sinal de que tava tudo funcionando, eu chequei os cabos, estavam todos conectados, chequei os pedais, todos 3 estavam bem alimentados, os LEDs acesos, mudei a posição da

chave seletora da Tele, nada aconteceu... cacete!!! Só me restava uma coisa a fazer: partir pra porrada. Dei um chute no meu Chorus e o sinal imediatamente voltou, como que num passe de mágica. Eu olhei pra Medeiros e fiz sinal pra ele refazer a virada, reatamos do ponto em que o inexplicado fenômeno tinha ocorrido e acabamos a música como se nada de anormal tivesse acontecido.

A calorosa platéia reconheceu a nossa elegante acochambrada com uma estrodosa ovação, mas aquele ligeiro incidente me convenceu de que fazer ELE não seria mesmo uma boa escolha... a confiabilidade era muito baixa.

O resto da noite correu sem imprevistos, Vic cantou bem, CIB cantou bem, Shimano encerrou o show com uma rodada de jazz com 2 colegas do quarto ano, e depois fomos todos comer pizza na cidade.

Após o encontro Musical a minha simples vidinha voltou ao mundano cotidiano de aulas, labs e afins. Eu praticamente não ia mais aos treinos de capoeira, o Mestre vivia me cobrando presença, falava que eu só queria ficar tocando guitarra, e naquele bimestre eu resolvi largar de vez, menos uma coisa pra me encher a paciência. Tino e Mineral – um colega do 3º ano que também fazia capoira – tentaram convencer-me a voltar, mas eu estava decidido e nunca mais voltei a praticar.

Continuei sem sair muito do H8, sem ir aos baileus do H15, sem fazer nada para tentar fazer aquele moroso semestre ser menos desagradável. Minha programação predileta nas noites de sexta e sábado era ir ao apê dos Sávios e Chico. Juliano sempre aparecia também, e nós ficávamos ouvindo som, ou assistindo televisão, e nos divertindo com as estórias de JD, que estava morando lá desde o semestre anterior. Nas tardes de domingo a gente ia mergulhar na represa, outro grande programão...

Chico tinha a mania de iniciar umas listinhas durante as aulas de Física, quando as turmas 1 e 2 se juntavam. Elas incluíam coisas do tipo “10 frases mais ridículas do ano” ou “filmes que gostaríamos de fazer”, e tudo que era boréstia que tinha acontecido no Fundamental e ainda expectativa em relação ao que ia acontecer no Profissional. Aquelas listinhas foram uma das coisas mais interessantes que aconteceram naquele semestre, que lenta, mas seguramente, chegava ao fim.

15:51

Yamasaki olhou rapidamente o circuito e sorriu satisfeito:

- Está tudo correto, Celso. Eu não te falei que era fácil?

Fácil para ele, naturalmente, que levou apenas 3 s para analisar uma coisa que me demorou 10 min para montar. Mas eu não reclamei do meu paciente colega de Lab, afinal de contas ele havia gastado 10 min do seu valioso tempo linearizando algo que o professor demorou 30 min para embaralhar na minha cabeça:

- Só, Yamasaki...
- Vamos ligar?
- Vamos!

Ligamos o bendito circuito, medimos todas as voltagens e correntes e começamos a escrever o sucinto relatório. Yamamoto aproveitou o meu momentâneo bom humor e tentou me sacanear:

- Então, Celso, na ELE a gente vai montar circuito todo dia, o dia inteiro...
- A gente virgula, meu caro, pois eu estou fora deste esquema!

Sávio B. e Yamamoto sorriram do outro lado da bancada, e o meu caro comparsa achou melhor deixar aquele desagradável assunto de lado.

Eram 3:30 quando eu abri a porta do apê, e uma agradável sensação invadiu o meu ser quando eu me dei conta de que teria 120 min de sossego. Fui ao sarcófago, liguei o som, coloquei “Jigsaw puzzle” pra tocar e deitei na rede.

Aquela semana havia sido puxada: 3 provas, 2 séries, 2 labs, 2 relatórios... e eu ainda tinha mais 1 dia de aula pela frente.

- Pelo menos amanhã não tem prova... – eu falei para mim mesmo, enquanto pensava no que iria fazer até a hora do jantar.

Pensei em reler o relatório que o meu Orientador havia-me entregado na segunda-feira, mas logo mudei de idéia. Eu estava cansado demais para tratar daquele complicado assunto naquele momento. Eu sabia que havia algo de errado no experimento, mas não fazia a mínima idéia do que seria, e o pior é que eu só teria mais 1,5 dias para deduzir o que era. Isso porque eu havia apenas sugerido que tinha algo de errado, contrariando a opinião de algumas das pessoas que haviam realizado o tal experimento, baseado apenas em nenhum conhecimento teórico sobre o referido assunto e nenhum dado experimental.

Decidi que o melhor a fazer mesmo seria não fazer nada, e foi isto o que fiz. Só levantei da rede quando o disco acabou. Mudei de The Rolling Stones para The Stone Roses e voltei para a rede novamente.

- “So young”... essa música é a cara de Carolina... – eu falei para mim mesmo, enquanto pensava porque que a gente tem mania de falar sozinho quando está só.

Aquele disco inteiro me fazia lembrar de Carolina, do bar de Marcelo, da praia...

- É disso do que eu estou precisando: sexo, vodka, rock ‘n’ roll, água salgada...

E foi naquele exato momento que eu me dei conta do que dera errado no experimento relatado no relatório. Levantei da rede, peguei o telefone e disquei o número do meu Orientador, que para meu alívio atendeu de imediato:

- *Alô!*
- A água, Mestre, tinha que ser salgada! Tinha que ser água do mar! Foi por isso que não aconteceu nada!
- *Hum... eu vou ligar agora mesmo pro Etevaldo. Até sábado, Celso.*

Voltei para a rede, mas não consegui mais coçar em paz. Levantei, pequei o telefone novamente e disquei o número de Jacqueline, mas foi outra pessoa que atendeu:

- *Alô!*
- A Jacqueline está?
- *Não, eu acho que ela foi no ITA, quer deixar recado?*
- Não, depois eu falo com ela.

Desliguei sem nem me identificar, mesmo porque eu nem sabia quem estava falando. Como se isto fosse um bom motivo para tal indelicadeza...

Voltei pra rede, a fim de tentar continuar a minha coçadinha, mas o telefone tocou tão logo eu deitei. Eu levantei de pronto e fui atender, na certeza de que seria o meu Orientador, mas foi outra pessoa que respondeu:

- *Oi, Celso, tá fazendo o quê?*
- Nada, e você, Dani?
- *Eu estou aqui do lado de fora do H8, vim conhecer o teu quarto.*
- Agora? Está a maior zona!
- *Você já conheceu o meu, agora é a minha vez. Eu disse que ia aparecer quando você menos esperasse, não disse?*
- Disse, mas não é justo, pois você teve tempo para arrumar o seu antes.
- *Então você está querendo dizer que vai me deixar aqui do lado de fora, plantada neste muro??*

Obviamente que eu não poderia fazer tal desfeita, então fui buscá-la para uma “tour” no 228, a começar pelo meu cantinho predileto:

- Esta é a nossa querida e idolatrada rede...
- Hum... – Daniela deitou na rede e colocou os pés pro alto – gostei, viu? Este é o teu quarto?

- Não, este é o quarto do Fabio e do Ricardo, o meu é este aqui, ó.

Daniela levantou e passamos para o meu segundo cantinho predileto:

- Esta é a nossa querida e idolatrada geladeira... – eu abri a porta da mesma e constatei o óbvio – que no momento está quase que vazia...
- Nossa, se eu soubesse tinha trazido umas maçãs pra vocês! Fica pra próxima...
- Obrigado... – eu fiquei imaginando o que é que ela estaria querendo dizer com "a próxima" – este é o meu armário, esta é a minha mesa, esta é a minha cama... o resto do apê eu acho que não precisa ver não.
- Eu quero ver tudo, Celso, aonde é o banheiro?

Antes que eu pudesse tentar desviá-la do referido recinto ela emburacou pelo mesmo e deu de cara com uma pilha de literatura gráfica:

- O que é isso, Celso, revista de mulher nua?

Antes que eu pudesse pensar numa explicação plausível para aquele insignificante achado Daniela levou vantagem da minha humilhante situação:

- Eu não acredito que você faz essas coisas, Celso!!

E antes que eu pudesse dar uma resposta à altura, algo tipo "somente quando você não está por perto", ela foi conferir o resto do apê, aonde encontrou mais outra surpresa:

- Pra quê 2 chuveiros, Celso?

Mas daquela vez eu fui mais rápido no gatilho, e dei uma resposta à altura:

- Esta pergunta você vai ter que fazer pro cara que projetou o H8, Dani... e pro cara que aprovou o projeto.

Ela gostou da minha argumentação, e deixou por isso mesmo. Deu uma rápida olhadela no espelho, arrumou os cabelos e voltou para o meu quarto:

- Você não arruma a sua cama de manhã?
- Pra quê arrumar de manhã se eu vou desarrumar de novo no final do dia?!

Daniela fez um olhar ligeiramente reprovador, mas deixou por isso mesmo:

- Posso deitar na tua cama, Celso? Afinal de contas você deitou na minha...
- É claro que pode, Dani.

Ela sentou, tirou o tênis, deitou, colocou as mãos por debaixo da nuca, olhou ao redor:

- Gostei do teu quarto...
- Não é grande coisa, mas cumpre a sua finalidade social...

Ela olhou o calhamaço de papel que estava sobre a mesinha junto à cama, mas eu peguei o relatório e guardei no meu armário antes que a sua curiosidade pudesse me causar mais uma tuia de pergunta indiscreta:

- Física avançada... você provavelmente não ia gostar de nada do que está escrito neste documento.

Ela concordou com um movimento da cabeça, e depois me lançou um irresistível convite:

- Vem cá, senta ao meu lado.
- Hum, tá melhorando – eu aceitei o convite, naturalmente.
- Há-há... – ela colocou suas mãos sobre as minhas e fez uma expressão ligeiramente curiosa – escuta, Celso, você vai tocar no show da semana que vem?
- Hum-hum, você vai me ver?
- É claro que sim!
- Vai levar o namoradinho?
- É claro que sim!
- Que pena, eu ia dedicar uma música pra você...
- Qual música?
- Eu não posso dizer agora, senão estraga a surpresa, né?
- É... e você ia mesmo dedicar pra mim?
- É claro que sim!
- Que pena...
- Mas ia ficar meio esquisito eu fazer uma dedicatória na frente do teu namorado, né?
- Faz uma dedicatória indireta, então.
- Como assim, indireta?
- Em vez de falar o meu nome você fala algo tipo "a menina dos olhos cor de mel".
- Hum, boa idéia, Daniela.
- É, eu tenho algumas boas idéias de vez em quando...
- Essa já foi a segunda de hoje...!
- Segunda? E qual foi a primeira?
- Vir me ver, é claro!
- É mesmo...
- E se tiver outra menina de olhos cor de mel na platéia, Dani? Vai que ela pensa que é pra ela...!?
- Não tem problema, eu não vou ficar com ciúmes, eu sei que vai ser para mim.
- Só... – algo me dizia que aquilo ainda ia dar em bizuleu.
- Vamos andar de bicicleta amanhã?
- Vamos. A gente se encontra aonde?
- Na frente da Capela, às 3:00.
- Então tá, combinado, eu te vejo amanhã, então.
- Ei, eu não estou indo agora, está me expulsando?
- É claro que não, você pode ficar até quando quiser.
- Eu tenho que estar em casa às 5:30, pra ajudar a mãe.
- Só...
- Que sonzinho legal é esse, Celso?
- The Stone Roses, gostou?

- Adorei... vem cá, me dá um beijo.

Eu atendi ao seu singelo pedido, naturalmente, mas a coisa teve que ser interrompida, pois o telefone tocou novamente. Eu levantei de pronto e fui atender:

- Deve ser o meu Orientador, só um momentinho.

Mas do outro lado foi outra pessoa que respondeu:

- *Oi, Celso, foi você quem ligou pra mim?*
- Fui eu sim, Jack.
- *Eu tava no ITA, dando os retoques finais no meu TG.*
- Massa...
- *As meninas falaram que era um cara da voz grossa, eu deduzi que era você, afinal de contas você é o único cara da voz grossa que liga pra mim... aliás, você é o único cara que liga pra mim, mas isso é outra estória.*
- Só.
- *O que é que você queria falar comigo?*
- Era sobre o relatório, eu achei o problema. E a solução também, naturalmente.
- *Sério?! E o que era?*
- A água, tinha que ser salgada.
- *Putz... o babaca do Etevaldo vai ficar muito puto quando ele descobrir que você levou apenas 10 min para descobrir algo que ele demorou 10 anos para não encontrar.*
- Só... mas eu vou falar pra ele que eu tive que ler o relatório umas 30 vezes, só pra ele não ficar com chateado.
- *Só. Vamos fazer algumas propostas para repetir o experimento?*
- Agora? Agora não dá, eu estou no meio de outro experimento.
- *Tá bom então, a gente se fala depois. Tchau.*

Desliguei o aparelho e voltei minha atenção para a minha inesperada visita, que, para minha surpresa, não estava nem um pouco afetada com aquela conversa esquisita:

- Quer dizer que eu virei um experimento, Celso?
- E dos bons, eu diria.
- Há-há...

Ando Meio Desligado

- Como é que foi a prova hoje, Celsão?
- Eu acho que me dei bem, Fabio.
- E o viadinho do Adriano?
- Ele falou que fez boa prova também. ResMat é uma das poucas matérias que a gente realmente gosta neste semestre.
- Adriano vai fazer MEC também?
- Vai.

Nossa conversa de final de tarde foi interrompida pela chegada dos nossos 3 companheiros de apê, que retornavam do jantar. Carlinhos foi o primeiro a se pronunciar:

- Aê, hoje o professor de Física falou que o Celso está trabalhando num projeto ultra-bodoso, aê.
- Issa, fodan!
- Porra nenhuma...
- Não, CIB, o professor falou que era uma pesquisa super-secreta, tecnologia de ponta, aê. É mole?
- Que estória esquisita, Celsão.
- É esparro do teu professor, Carlinhos, é uma coisinha de nada no Lab de Plasmas.
- É por isso que esse viadinho está todo mocado, virou cientista maluco, pirou de vez, nem sair mais ele sai, este babaca...!
- Como se eu estivesse perdendo alguma coisa nesta josta desta cidade...
- A Dré e a Dri perguntaram por você na semana passada, Celso.
- Sei...

Nosso desinteressante bostejo continuou por mais outra boa hora, e depois eu fui ao 323, inalar fumaça e assistir vídeos com os meus caros colegas de turma. Eu estava tão cansado que dei um cochilo por lá, mas acordei quando Juliano chegou:

- Nossa! O que foi que houve por aqui, já estão todos detonados?

E foi naquele instante que eu percebi que meus colegas também estavam cochilando.

- Porra...! Que horas são, Chico?
- Meia-noite e alguma coisa, Sávio... tu estavas aonde, Juliano?
- Eu estava no Cineclube, tava rolando um filme maneiro.
- Putz, faz uma data que eu não assisto filme nenhum... eu nem lembro qual foi a última vez que eu fui ao cinema.
- Nem eu, Celso... pra falar a verdade eu nem lembro se eu saí do H8 neste semestre.
- Porra, Chico...!
- A não ser pra ir ao ITA, é claro. E ao H15. E ao ginásio, durante a O.I., e pra casa, na semaninha.
- Eu pelo menos fui ao shopping na semana passada, comprar uns discos.
- Por sinal muito bons, Sávio, hoje de manhã eu estava escutando os teus CDs.
- Você já está oficialmente trancado, JD?

- Estou, Juliano.
- Por que você não voltou pro Rio, então?
- Eu estou relaxando um pouco, seu eu for pro Rio agora eu vou ficar estressado novamente.
- Estressado com o quê, com a praia??
- Com a minha mãe pegando no meu pé...
- Falou... cadê o outro Sávio?
- Foi pra São Paulo, Juliano. A mãe dele ligou, reclamando que fazia mais de 1 mês que ele não aparecia em casa.
- Eu não entendo esses rapazes, Sávio, se eu morasse perto daqui eu ia pra casa todo final de semana. Agora o babaca do Sávio R. fica no H8, e esse babaca, que já está oficialmente trancado, fica nesta josta desta cidade.
- Não, o pior é que JD gosta de São José, Juliano.
- É um alucinado...
- Se vocês não passassem o tempo todo no H8, reclamando que a cidade não tem nada, que o pessoal daqui é chato praca, vocês iam ver que São José é um lugar bastante interessante, gente.
- É um alucinado...
- São José é cidade pra você casar e comer pizza, tá ligado?
- Essa foi boa, Celso, há-há-há...
- Quem foi que te falou isso, Celso?
- Foi no ano passado, JF e eu estávamos voltando da cidade, no ônibus, só metendo o pau nesta caceta desta cidade, quando um cara que estava sentado no banco atrás do nosso, e ouvindo a nossa conversa, soltou esta pérola.
- Será que ele era joseense?
- Nós não perguntamos.
- Ou então um cara que veio pra cá, casou com uma nativa e come pizza todo dia.
- Pode crer...
- Por falar em comer pizza a Beatriz estava no Cineclube, Celso, perguntou por você.
- Foi mesmo...?!
- E o que é que isso tem a vez com pizza?!
- Nada, eu só lembrei dela depois desse papo de casar e comer pizza...
- Aquela menina é a fim desse babaca, Juliano.
- Porra nenhuma, ela é apenas simpática... e bonita, e inteligente... e saca de som...
- Há-há-há... eita “flashback” da porra!
- É uma alucinada...
- Só...
- Mas por que que você acha que ela não poderia estar interessada em você, Celso?
- Bom, JD, segundo o meu amigo Fabio, um sujeito como eu, como nós, só conseguiria despertar o interesse de uma pessoa feito a Bia 1 ou 2 vezes ao longo da vida, estatisticamente falando, é claro. E eu já tive as minhas 2 oportunidades. 3, aliás.
- Só... e daonde foi que ele tirou esta teoria?
- Duma pesquisa que ele fez aqui no H8.
- É um alucinado...
- E não somos todos, hé-hé?
- Nem todos, Juliano.

Obviamente que o H8 não era uma boa amostragem para aquele tipo de pesquisa, e obviamente que a conclusão do meu pesquisador amigo Fabio não valia muita coisa, mas naquele momento eu não estava preocupado com aqueles detalhes.

- Só... Chico, eu nem te conto, a gente está detonando nos labs de Fisica.
- O Sávio me falou que ele está fazendo o lab com o Yamamoto.
- Celso está fazendo com o João Yamasaki, e eu estou com o Rico. Os caras fizeram Escola Técnica, sabem tudo de eletrônica. Tudo!
- É, nada como explorar os amigos bem-intencionados...
- O pior é que eles sabem ensinar, também. Eu não entendo picas quando o professor explica os circuitos, mas quando o Rico me explica pare que o meu cérebro se abre para os conhecimentos.
- Idem idem, Juliano.
- Só...
- Puta merda, este semestre tá demorando pra acabar, não é mesmo?
- Putz...

Aquele chatérrimo derradeiro semestre do Fundamental estava quase acabado, mas ainda nos restava preparar o Show do Chacal. Breno havia trancado antes da semaninha, e nós ainda não tínhamos um organizador oficial do evento. Alex, JA e JD convocaram uma reunião de turma para discutir o assunto e os 10% que apareceram no Auditório foram automaticamente escolhidos para fazer parte da comissão organizadora, que era basicamente composta pelos colegas que iam participar do show. O formato seria semelhante ao Show do Bicho: uma parte teatral, satirizando a vida no ITA e no H8, e uma parte musical.

Eu decidi participar dum quadro em que simulávamos o MOF, sem falas, sem nenhuma ferramenta, só mímica. E também de outro em que eu era uma professora do ITA, pois as minhas caras colegas acharam que iria ficar mais engraçado se um dos rapazes desempenhasse tal papel. Eu não sei como foi que eu fui o escolhido, mas eu resolvi encarar a parada de frente. As meninas me emprestaram uma saia e outros apetrechos, eu coloquei batom... tava uma gracinha, para não dizer o contrário, mas o bom mesmo foi que as nossas queridas mestras não ficaram ofendidas, e a nossa turma não sofreu nenhuma retaliação acadêmica por causa daquela inocente brincadeira.

A parte musical foi mais extensa, afinal de contas cerca de 20% da minha turma tocava alguma coisa, ou cantava, ou os dois. Shimano passou uns bizus de bateria para Adalberto e junto com JF nós tocamos 3 músicas, que contaram com a participação de Vic, Gino e Guido nos vocais. Uma delas eu dediquei “à menina dos olhos cor de mel”, o que decicidamente não foi uma boa idéia, pois acabou causando uma confusão arretada. Cristina cantou uma música da Marisa Monte e JF e eu acompanhamos ao violão. No final do show toda a turma subiu ao palco para acompanhar Rodrigo no seu arranjo somente para violão da “Canção da América”.

Depois do show teve o tradicional Baile do Chacal. Eu estava decidido a não ir, mas Cristina me fez mudar de idéia. Disse que ia ser o último baile do ano, que a turma toda ia estar lá... eu acabei indo, mas passei o resto do ano me questionado sobre aquela decisão.

Nós fomos ao H8 deixar os instrumentos e quando chegamos ao H15 o lugar já estava lotado. Eu estava desacostumado com aquela agitação toda, com o barulho, as luzes, mas minha readaptação foi rápida, e em pouco tempo eu estava circulando com relativa facilidade naquele ambiente que eu tanto havia evitado nos meses anteriores.

Todos estavam comentando sobre o Show do Chacal, recebemos vários elogios, inclusive de pessoas que eu nunca havia visto antes. Encontrei as inseparáveis amigas Andréa e Adriana, que estavam conversando com Paulão e Ricardo, e elas saudaram-me com mais elogios ainda:

- Nossa, como vocês tocaram bem, Celso!
- Vocês sempre tocam bem! Nossa, quando junta Shimano, JF e Celso é uma coisa que vocês têm, um entrosamento...
- Uma harmonia...

Ainda bem que elas gostaram, pois aquela noite foi a última vez que JF tocou em público conosco. Finalizados os elogios minhas caras amigas reclamaram que eu havia sumido da cidade, dos bailes, das pizzadas. Eu rebati o inesperado golpe com o comentário padrão:

- Eu estou estudando muito, gente, este semestre está puxado.

Elas aceitaram a minha justificativa, e logo me confessaram que eu não havia perdido muita coisa. Adriana estava a fim de dançar, e como os meus amigos não estavam querendo gastar muita energia eu me ofereci para acompanhá-la. Eu estava meio enferrujado, mas fui assim mesmo. Ela estava bastante animada, e sua animação foi contagiante. Eu não sei o que aconteceu, ou como, mas não demorou muito para que eu ficasse completamente hipnotizado pelos complexos movimentos que os seus longos cabelos castanhos faziam enquanto o seu corpo entrava em harmoniosa ressonância com a música que tocava. O reflexo da luz ultravioleta dava uma coloração quase vampiresca aos seus caninos, e por um breve instante eu pensei que ela fosse morder o meu pescoço, mas logo notei que ela estava apenas chegando mais perto para fazer um discreto comentário sobre um insignifante detalhe:

- O teu cabelo tá tão grande, Celso.

Eu gelei quando ela falou aquilo, mais pela confusão na minha memória – que me informou que aquilo que estava acontecendo ja havia acontecido antes daquela noite – do que pela desimportância do fato, e cheguei à clara conclusão de que aquela atraente menina decididamente era merecedora de segundas, e talvez até terceiras, considerações. Considerações estas que, pela sua própria natureza, teriam que ser feitas naquela mesma quentíssima noite de novembro, pois aquele era o ultimo baile do ano. Shruiu!!!

Eu tinha que bolar um plano de ataque, e rápido. Mas antes que eu pudesse elocubrar a respeito do tal plano o conjunto fez um intervalo, e a minha separada companheira de salão me informou que iria ao toalete, em companhia da sua inseparável amiga Andréa.

Eu teria pelo menos 15 min para pensar em algo convicente, e dirigi-me ao bar, em busca de uma garrafa de coragem líquida, a fim de aumentar as minhas chances de sucesso.

O primeito gole desceu meio amargo, pois fazia tempo que eu não tomava cerveja, mas minha readaptação foi rápida, e antes que eu me desse conta a garrafa estava vazia. Decidi pegar uma segunda, mas antes que eu conseguisse realizar o meu intento Fabio me convocou para uma inesperada missão:

- Celsão, vem comigo trocar umas idéias com o pessoal do conjunto.

Eu nem tentei recusar o convite do amigo, e passei o resto do intervalo trocando figurinha com o guitarrista. Naturalmente que quando eles voltaram a tocar bateu o desespero:

- Puta merda, e agora??

Não havia mais tempo para planejar nada, a coisa ia ter que sair de improviso. Ainda bem que estava rolando música lenta, o que, sem dúvida, iria facilitar, e muito, a dinâmica dos desejáveis eventos. Saí em busca da minha adorável amiga Adriana, mas tão logo coloquei-me em movimento fui inesperadamente interceptado por outra não menos adorável amiga, que aparentemente estava precisando da minha companhia:

- Celso, até que enfim eu te achei, vamos dançar!

Aquilo soou mais como um comando do que um pedido, e na hora eu julguei mais prudente atendê-lo:

- Vamos, Michelle.

Ela estava de bom humor, como sempre, e logo iniciou uma agradável conversação:

- Vocês arrasaram no show, Celso.
- Nem tanto, nem tanto...
- Nossa, tinha umas meninas atrás da gente que ficaram o tempo todo falando como vocês tocam bem, que o Celso é um gatinho...
- Que conversa furada, Michelle.
- Sério...!
- Falou... cadê a Edna?
- Tá paquerando um menino do CTA.
- Só. Desde que ela acabou o namoro com o Carlinhos que eu não converso com ela.
- Você nunca mais apareceu lá em casa, a última vez que eu lhe vi foi no aniversário da Patrícia, Celso
- É mesmo... – mais uma vez eu decidi rebater o inesperado golpe com o comentário padrão – eu estou estudando muito, Michelle, este semestre está puxado.
- Só... e a Patrícia, Celso, tem falado com ela?
- Bastante...
- Ela voltou pro namorado mesmo?
- Ainda bem que sim.

- Coitado do K-Zé...
- Coitado uma porra, que desde o começo eu falei pra ele que esta estória ia dar em merda. Mas ele, como sempre, não me deu ouvidos. Bem feito.
- Bem feito, Celso!?
- Claro, pra ele deixar de ser babaca! Essa estória de querer azarar a mulher dos outros só dá problema, Michelle.
- “Não cobiceis a mulher do próximo”.
- Exato, principalmente quando o próximo estã próximo, e também é iteano.
- Coitado do K-Zé...
- O pior foi que ela dispensou ele na mesma semana que ele perdeu a eleição.
- Que eleição, Celso?
- Eu não te falei? Ele se candidatou à presidência do CASD, mas ficou em 2º lugar...
- Putz... e você, Celso, você está bem?
- Tudo bem, Michelle, minhas notas estão boas, minhas faltas sob controle... o semestre está acabando, finalmente... eu estou bem, ótimo, se melhorar estraga.
- Há-há-há... e quem é esta menina dos olhos cor de mel, Celso?
- Ah... é uma menina do CTA que eu conheci outro dia.
- Conheceu no sentido bíblico?
- Não... ainda não.
- Há-há-há... e por que o mistério todo, por que você não falou o nome dela?
- Porque ela tem namorado, Michelle, e ele estava próximo.
- Celso, você acabou de criticar o K-Zé por que ele estava cobiçando a mulher do próximo!
- Exato, mas no meu caso é diferente, pois o cara não **é** próximo, ele só **estava** próximo hoje.
- Celso...!!!
- Besteira...
- E a Maria Luiza?
- Faz um tempão que eu não converso com ela... o que é uma pena, pois a gente leva altos papos.
- O que foi que houve?
- Nada, ela está estudando muito, eu também...
- E hoje?
- Então, eu estava conversando com esta menina, Adriana, tu conheces?
- Adriana amiga da Andréa?
- É.
- ASIA, Celso?!
- Que estória é essa, Michelle?
- A Andréa só namora com menino do ITA, Celso. Ela namorou aquele menino que formou no ano passado, o Maurício, teve uns rolos com o Paulão, namorou aquele menino que joga vôlei... com é o nome dele mesmo, Celso?
- Que menino que joga vôlei, Michelle?
- Aquele moreninho, levantador.
- Cacau.
- Isso, Cacau.
- Ele passou 1 ano na Europa, sabia? Voltou na semana passada.
- Ela já formou?

- Não, ele ficou por lá quando foi na CV, ele vai se formar no ano que vem.
- Então, a Andréa tem todas as características, Celso.
- Não, ela não é da ASIA não, ela é apenas uma simpatizante da causa, Michelle.
- Há-há-há... a Adriana eu não sei, eu nem nunca vi aquela menina com ninguém, Celso, mas se está na companhia da outra já viu que também é ASIA, né?
- Vai ver que o negócio dela é outro...
- Há-há-há... vai ver que é, vai ver que ela é da facção lésbica da ASIA.
- Ou então ela é assexuada, como a maioria dos iteanos.
- Êpa, tira o meu pai desta estória, pois afinal de contas eu estou aqui para demonstrar que ele não faz parte deste grupo.
- Só, você e a Edna. Faz uma data que eu não converso com a tua irmã, Michelle.
- Só... e a Claudinha, tem falado com ela?
- Não... faz uma data que eu não converso com a Claudinha. E você?
- Eu falei com ela na semana passada, ela continua detestando Brasília.
- Só...

Nosso agradável bostejo teve que ser interrompido, pois JF veio requisitar minha presença em outra urgentíssima situação, à qual eu tive que dedicar a minha imediata atenção:

- Elas falaram o quê, JF??
- Isso mesmo que eu te disse, Celso, que elas são as nossas fãs número 1 e que querem tirar umas fotos com a gente. O Shimano está conversando com elas. É mole?

O meu igualmente surpreso amigo não estava exagerando, as tais meninas eram mesmo fãs de carteirinha, e depois de uma sessão de fotografias elas nos convidaram para dançar, coisa que naturalmente não recusamos, pois seria, no mínimo, uma desfeita muito grande.

Na hora eu nem lembrei que ainda estava devendo minha atenção para a minha esquecida amiga Adriana. Não porque estivesse impressionado pelas características estéticas daquelas simpáticas moçoilas que tanto nos bajulavam – mesmo porque não se deve julgar as fãs por sua beleza, ou falta de, e sim por sua dedicação – mas porque estava ainda intrigado pela surrealidade do tal inesperado acontecimento. Eu jamais imaginara que aquile tipo de coisa acontecesse na vida real. Bom, pelo menos na **minha** vida real, que, aqui entre nós, não era nem tão real assim.

O conjunto fez outro intervalo, nossas admiradoras foram fazer não sei o quê no toalete e eu aproveitei a deixa para ir ao bar pegar outra bira. Em pouco tempo eu esqueci do nome de todas elas, mas lembrei dos rostos.

E lembrei de Adriana, também:

- Cacilda...!?

Saí praticamente correndo pelo H15, em busca da minha esquecida amiga, mas não a encontrei. Fui encontrado, no entanto, por outra simpática amiga, a qual logo reclamou minha imediata atenção:

- Pois é isso mesmo, Celso, quando a música começar você vai dançar comigo.
- Com certeza, Sandrinha, mas o seu noivo não vai ficar com ciúmes não?
- Claro que não, Celso, que eu falei pra ele que hoje eu ia dançar com todos os meus amigos. Já dancei com Lulu, Alfredelho, Tino, Camilo, Ruizola, Moreira, Valter, Bebeto, Bico, Jacaré...
- Jacaré veio pro baile!?
- Incrível, né? Mas ele já voltou pro H8, pra se mocar novamente.
- Só...
- E depois que a gente dançar você vai dançar com a Bia, Celso.
- Claro, claro... Bia?
- Sim, Beatriz, ela está ali na mesa da gente doida pra dançar, mas ninguém convidou a coitada, Celso.

Aquilo estava com cheiro de armação, eu só não consegui detectar quem estava armando o quê pra cima de quem, mas resolvi investigar assim mesmo:

- Que estória mais esquisita, Sandra, uma menina bonita, inteligente e simpática feito a Bia deve ter uma tuia de admiradores doidinhos pra dançar com ela.
- Sério, eu acho que estas coisas intimidam os meninos... a música começou, vamos!

Eu fui, já agasalhando a inevitável conclusão de que aquela noite não ia render mesmo nada com a minha já distante amiga Adriana. E como eu provavelmente não iria ter a chance de vê-la novamente até o final do semestre a coisa ia ter que ficar para o ano seguinte. Ou para nunca. Putz... uma chance perdida.

Mas aquelas momentâneas preocupações eram apenas detalhes, o que importava mesmo era que aquele longo e sacal semestre estava chegando ao final, e que em breve eu estaria livre dos épsilons e deltas, das infindáveis demonstrações matemáticas e das longas noites no lab comp ao som do STP e ao sabor daquelas pizzas que Valmir pedia.

Minha atacante amiga Sandra também estava torcendo para que o final do ano chegasse logo, pois no ano seguinte ela estaria terminando sua jornada no ITA. Nossa tertúlia foi breve, e ao final da música ela lembrou-me mais outra vez sobre o compromisso anteriormente assumido, o qual eu fiz questão absoluta de cumprir, e mais rápido que depressamente dirigi-me à mesa para convidar Bia para dançar:

- Beatriz Cecília, você poderia dar-me o prazer desta contradança?
- Claro que sim, Celso! – Bia levantou e estendeu-me a destra – mas você vai ter que parar de me chamar por este nome.

Eu senti as faíscas que saltaram entre nossos dedos antes mesmo que eles se tocassem, mas consegui manter a calma:

- Claro que sim, Bia...

Sandrinha lançou-nos um cúmplice olhar naquele momento. O mesmo olhar que ela iria nos lançar no dia do seu casamento, uns 6,5 anos depois daquela noite, e o efeito foi o mesmo

nas 2 vezes: eu fiquei com uma nítida sensação de que estava prestes a fazer alguma besteira. Das grandes. Mas não fiz, pelo menos naquela noite no H15. Ou será que fiz??

O conjunto começou a tocar “Stay”, e eu senti as faíscas que saltaram entre nossos corpos antes mesmo que eles se tocassem, mas consegui manter a calma mais uma vez:

- Hum, U2, o som que tu gostas, Bia. Que coincidência...

Beatriz encostou seu rosto ao meu e fez um quase silencioso comentário:

- Não existem coincidências, Celso...

Eu não consegui falar mais nada, apenas tremi todinho dos pés à cabeça. Nós dançamos umas 10 músicas, até o conjunto fazer outro intervalo, e tudo o que eu consegui fazer durante aquele tempo todo foi pensar se realmente existia uma remota possibilidade de Beatriz Cecília realmente estar pelo menos remotamente interessada em mim.

Voltamos para a mesa dela, ainda em silêncio. Sandra recebeu-nos com outro cúmplice olhar, e declarou que estava prestes a partir de volta para o H8. Bia falou que iria com ela, e as 2 saíram sorridentes, como se tivessem acabado de tirar L num exame de Controle. Eu fiquei no H15, sozinho no meio de trocentas pessoas, abestalhado com a outra oportunidade perdida, e com o final comentário que Beatriz fez antes de ir embora:

- Obrigada pelo convite, Celso...

E também com a minha originalíssima resposta:

- O prazer foi todo meu, Bia.

Novamente dirigi-me ao bar e peguei outra geladíssima bira, pois eu estava precisando pensar direito. Pois como já dizia o poeta, “uma cerveja antes do almoço é muito bom pra ficar pensando melhor”. Tá certo que o almoço ainda estava distante, mas o efeito foi o mesmo, e logo eu consegui organizar os meus complexos pensamentos numa simples e pertinente pergunta:

- Será que a Dri ainda está por aí?

Saí andando calmamente pelo H15, como se a noite estivesse apenas começando, em busca da minha novamente esquecida amiga, mas não a encontrei. Fui encontrado, no entanto, por outra simpática amiga, a qual logo reclamou minha imediata atenção:

- Celso, eu queria falar uma coisa contigo.
- Que coisa, Jack?
- Lembra quando você me falou que ficou todo arrepiado quando viu o objeto pela primeira vez?
- Claro que lembro, Jackqueline, por que?
- Então, ontem eu sonhei que a gente tava lá, e ele ficava todo transparente.

- Putz... e o que é que tinha dentro?
- Eu não lembro, eu só sei que eu acordei toda arrepiada, Celso.
- Putz... e se tiver alguma coisa dentro, Jack?
- É claro que tem algo dentro, Celso...
- Não, menina, se tiver alguma coisa esquisita dentro... se tiver alguém dentro...?
- Ai, para com esta conversa que eu fiquei toda arrepiada de novo!
- Eu também... eu preciso ir ao mike.
- Eu também.

Nosso breve encontro foi interrompido por nossas imperiosas necessidades fisiológicas, e não pudemos continuar nossa interessante conversa. Quando eu saí do banheiro eu fui ao bar novamente, tomar um guaraná, e foi no bar que encontrei outra querida amiga.

Cristina estava toda feliz da vida, me chamou pra dançar. Nós tentamos conversar sobre o show, mas a pressão sonora no ambiente era alta demais para tal atividade, então nós desistimos momentaneamente e só voltamos a falar quando começou a tocar música lenta:

- Eu tava falando que você cantou bem... – eu falei ao seu ouvido.
- Ah... eu não tava escutando direito... obrigada – ela respondeu ao meu.
- Não precisa gritar mais, Tina...
- Ôps... os meninos também cantaram bem pra cacete...
- Foi, Guido tava meio tenso, mas saiu beleza.
- E aquela dedicatória pra Lú, Celso?

Eu achei melhor não comentar que a dedicatória não fora dirigida a Maria Luiza, a fim de evitar desnecessárias curiosas perguntas, então improvisei:

- Foi apenas um gesto de amizade, sem segundas intenções.
- Será que ela interpretou desse jeito?
- Eu espero que sim...
- Fala a verdade, Celso – ela me olhou por um instante.
- Sério, não há mais que uma sincera amizade entre nós, Cristina, eu acho que ela pensa da mesma forma... a não ser que você tenha informações contrárias...
- Não... eu acho que você está certo...
- Acabou mesmo, se a gente um dia tiver se agarrando por aí pode apartar que é briga.
- Tá bom... e a Caroline?
- Carolina...
- É, essa mesma...
- Faz uma data que eu não falo com ela... eu acho que essas coisas à distância nunca dão certo mesmo...
- Eu também acho que não...
- Tem que estar junto pra funcionar, não precisa ver todo dia, mas tem que estar perto, dar a devida assistência... manter a concorrência afastada...
- Eu também acho, tem que ter convivência... sair junto, passar tempo junto, conversar bastante... – ela falava lentamente, come se estivesse me explicando algo.

- A gente passa muito tempo sem se ver, tem sempre um risco de conhecer alguém interessante... tem uma dúzia de caras que não largam do pé dela... é só uma questão de tempo.
- É... e você, Celso, conheceu alguém interessante nos últimos meses? – ela me olhou novamente.
- Eu não... e nem estou procurando, se tiver que acontecer acontece. E você, Tina?
- Eu também não estou procurando... mas às vezes acontece de a gente se interessar por uma pessoa que está bem perto da gente mas a gente nunca se deu conta de que sente algo por essa pessoa – ela voltou a repousar a cabeça no meu ombro.

Eu não entendi uma palavra do que ela havia falado, mas resolvi continuar a descabeçada conversa assim mesmo:

- E isso já aconteceu com você?
- Eu acho que está acontecendo, Celso... – ela baixou o volume quando disse aquilo, mas eu ouvi perfeitamente.

Na hora eu não me dei conta sobre o que ela estava falando, eu devia estar enferrujado em outros setores também. E nem deu tempo de sequer cogitar a idéia, pois naquele exato momento fomos não tão sutilmente interrompidos por uma voz conhecida, e Cristina e eu só voltamos a tocar naquele assunto quase 2 anos depois.

- Tina, deixa eu dançar essa música com o Celso, eu quero falar uma coisa com ele.
- Claro, Lú... – ela deixou seus braços caírem lentamente e afastou-se.

Maria Luiza ficou me olhando por uns 5 s, como se estivesse esperando que eu fizesse algo. Eu permaneci parado, o olhar neutro, ela percebeu minha indiferença e aproximou-se. Nós começamos a dançar, havia uma respeitosa distância d>>0 entre nossos corpos, e nossos rostos ficaram frente a frente.

- Eu queria lhe agradecer pela música...
- Há-há-há, é muito metida mesmo...
- Hum?!
- O que é que lhe faz pensar que eu dediquei a música para você, Maria Luiza Torres Ribeiro? Você acha que é a única menina que tem os olhos cor de mel aqui em SJK?
- Há-há-há, é muito bobo mesmo... você por acaso está com vergonha de admitir que foi pra mim, Celso Martins Pacheco?
- Não foi pra você, Lú.
- E pra quem foi, então?
- Não interessa...
- Então tá, mas eu agradeço assim mesmo.
- De nada, Lú, espero que você tenha gostado...
- Gostei muito... me fez lembrar da época que a gente se conheceu...
- Os velhos tempos...
- É... os velhos bons tempos... pelo menos pra mim foram bons, Celso, muito bons...
- Pra mim também, Lú... – eu senti que a conversa ia tomar um rumo diferente.

- Você sente saudades?
- Do quê? Dos bons tempos ou de você?
- De nós... do que existia entre nós...
- Às vezes... e você?
- Eu também... de vez em quando...
- Feito agora? – eu tentei evitar, mas instintivamente puxei seu corpo de encontro ao meu.
- É... você acha que um dia a gente ainda vai se entender, Celso? – ela encostou o seu rosto ao meu, me fez sentir o inebriante perfume dos seus cabelos.
- Não sei, Lú... por que você está falando isso agora?
- Porque eu ainda gosto de você, Celso... e eu acho que você ainda gosta de mim...

Eu achei que aquela prosa estava tomando um rumo um tanto quanto perigoso, e delicadamente desviei o assunto:

- E como está a MEC?
- Este semestre é o mais difícil, Vibrações, Controle...
- Eu tenho certeza de que você vai se dar bem em tudo, como sempre.
- Eu não sei não... eu acho que vai rolar uma segundinha.
- Falou... mas você nunca ficou de segunda época, Lú.
- Pra tudo há uma primeira vez, Celso,
- Tudo mesmo!??
- Quase tudo... engraçadinho.
- Há-há-há...
- Eu sei muito bem no que você estava pensando...
- É muito metida mesmo... se você está tão desesperada assim por que não está no apê, metendo gagá?
- Porque hoje eu passei o dia inteiro estudando, e agora estou precisando de uma folga.
- Só...
- Você já deciciu que curso vai fazer?
- Já.
- Não vai me dizer o que é?
- Não.

A música acabou, afastamo-nos lentamente. Eu cocei a cabeça, olhei para os lados, fingindo que estava prestando atenção ao que o "crooner" estava falando ao microfone. Ela voltou ao ataque:

- Eu estava com saudades das nossas conversas, Celso. Ainda estou.
- Eu também, Lú.
- Vamos lá fora, conversar um pouco?
- Conversar?!
- É, Celso, conversar. Eu prometo que não vou morder você.
- Tá bom.
- Eu vou pegar uns guaranás pra gente, me espera na mesa da iluminação.
- Tá legal.

Eu sentei ao lado do controlador da mesa e puxei papo com ele:

- Eu acho que acabei de dançar com a menina mais interessante que eu conheci desde que eu cheguei em São José, Adriano.
- De quem é que ocê tá falano, Celso? Ocê dançou com a Dri, depois com a Michelle, depois eu vi ocê mais o Shimano e o JF dançano com umas baranguinhas, depois ocê dançou com a Sandrinha Santa e com a Beatriz, depois com a Tina e a Lú...!?
- A Bia, velho, aquela menina é demais.
- Puta merda, Celso...
- Eu sei, ela é gata demais pra dar mole pra mim, blá-blá-blá... mas ela é tão cheirosinha, Adriano, a-há, a-há!
- Eu realmente espero que isso seja apenas efeito do álcool, Celso, e que amanhã ocê não esteja nem lembrado que dançou com ela. Já me basta o K-Zé com dor de cotovelo por causa da Patrícia...

Maria Luiza apareceu com os guaranás. Saímos do H15 em silêncio, paramos à beira do laguinho do H13, sentamos e recomeçamos nossa conversa, regada a deliciosos sorrisos e saborosos goles de guaraná:

- As meninas me falaram que você está meio esquisito, Celso.
- Que meninas?
- As suas colegas de turma, Tina e Valéria.
- Ah... isso vindo delas só pode ser um elogio.
- Há-há-há...
- Eu não agüento mais aquela conversa furada da Valéria, aquela menina pensa que entende de tudo... se duvidar ela saca até de parto de vaca, tá ligada?
- Há-há-há...
- Ainda bem que este semestre vai acabar logo, e eu nunca mais vou ter que assistir aulas com aquelas 2.
- Há-há-há... eu sei que você vai fazer MEC, Celso, vai assitir aula com a Tina por mais 3 anos.
- Isso é o que veremos...
- Você está meio esquisito mesmo, Celso, o que é que está acontecendo?
- Nada, Lú.
- A Rosa me falou que você está fazendo uma atividade extra-curricular lá na Física.
- É verdade.
- Não vai me dizer o que é?
- Não.
- Celso...!
- É um neutralizador de bufa, pronto!
- Há-há-há...
- Com certeza.
- E como funciona?
- É muito simples: tem um sensor de pressão que é colocado na roupa de baixo, bem de frente ao escapamento dos gases.
- Há-há-há...

- Quando o cara solta o pum, o sensor detecta e libera uma dose de gases cáusticos, que realgem com o H2S e neutralizam o tufum.
- Vai ser um sucesso no H8, mas eu acho que isso tá mais pra Química, Celso.
- Hum... é um gravador de sonho, pronto.
- E como funciona?
- É muito simples: é tipo uma touca que você coloca pra dormir, só que tem uns circuitos que captam as ondas cerebrais que são emitidas enquanto a gente sonha, e as informações são transmiditas para um HD. Aí tem um programinha que converte os sinais em imagens coloridas.
- Também vai ser um sucesso no H8, mas eu acho que isso tá mais pra ELE, Celso.
- Hum... é uma máquina de fazer tatuagem holográfica, pronto.
- E como funciona?
- É muito simples: tem um sistema de lasers que gravam diferentes imagens em diferentes camadas da pele, e dependendo do ângulo de observação as diferentes imagens se combinam de maneiras diferentes, resultando em figuras 3D em diferentes tonalidades.
- Tá bom, agora fala a verdade, Celso.
- É uma coisinha de nada no Lab de Plasmas.
- Cuidado com aquele pessoal da Física, Celso, é tudo um bando de doido.
- Nem todos...
- O bailinho tava animado hoje, até o Jacaré veio!
- Só... os mocados da minha turma também apareceram: Príncipe, Pio, Sakamoto, Yamasaki...
- Celso, é verdade que o Zé-P ta namorando 2 meninas da cidade?
- Não, claro que não, Lú, ele só namora com 1 delas, a outra é amiga da namorada, que ele só agarra de vez em quando.
- Ao mesmo tempo?
- Isso eu não sei, mas se for ele vai virar o herói da galera, a-há!
- Homens... você já ficou com 2 meninas ao mesmo tempo, Celso?
- Não... ainda não, mas está na minha lista. E você, Lú, já ficou com 2 meninas ao mesmo tempo?
- Há-há-há, todo dia, lá no 102.
- Shruiu!!!
- E a Carolina, Celso?
- Eu não sei... faz uma data que eu não falo com ela. Eu acho que ela está se preparando psicologicamente para me dar um chute no traseiro, Lú.
- Você acha mesmo?
- Eu tenho certeza... mas eu entendo a posição dela, eu até faria o mesmo se estivesse no lugar dela.
- E por que você não faz?
- Por falta de coragem... não foi isso o que você me disse naquele dia?
- Foi... quer dizer então que no ano que vem você vai estar livre e desimpedido?
- Eu creio que sim, por que?
- Porque talvez eu esteja disposta a reconsiderar a possibilidade da gente tentar...
- Há-há-há...
- Sério!
- Do jeito que tu falas não dá pra sentir firmeza nenhuma, Dani.

- Dani...!?
- Putz... foi mal, Marilú.
- Marilú?
- É, eu agora vou te chamar de Marilú.
- Hum... quem é essa Dani, Celso, por acaso é a menina dos olhos cor de mel para quem você dedicou aquela música?
- Ôps... "touché".
- Então essa menina existe mesmo?
- Existe e é real, Marilú.
- E por que ela não está aqui com você, agora?
- É uma estória um tanto quanto complicada... que eu vou deixar para outra oportunidade, Marilú.
- E eu é que sou a complicada com essas coisas...
- E não é não!? Você acabou de falar que ainda gosta de mim, quando a gente tava dançando, agora falou que talvez esteja disposta a reconsiderar a possibilidade da gente tentar...
- Há-há-há... mas é verdade, Celso. Eu quero resolver esta coisa mal-resolvida da gente, você entende o que eu estou dizendo?

Eu detonei o resto do guaraná, enxuguei meus dedos e aterrisei-os sobre a sua coxa. Ela olhou para a minha mão, depois para os meus lábios, e depois para os meuos olhos. Eu fiz uma última tentativa para evitar o que eu sabia que estava para acontecer:

- E os seus princípios?
- Meus princípios!? – Maria Luiza pareceu que estava acabando de acordar.
- É... pelo que eu me lembro você me disse que não queria mais ficar comigo por uma questão de princípios... e que se eu não entendesse aquilo era porque eu não tinha nenhum.
- E você me disse que se ficar com meus princípios era mais importante que ficar com você... – ela começou a acariciar meus cabelos, fixou o olhar no meu.
- Você tem boa memória – eu beijei seu rosto várias vezes.
- Você também – ela virou o rosto lentamente, e nossos lábios ficaram grudados por um tempo que me pareceu infinito.

Mas eu sabia que aquilo era coisa de momento, era exatamente a mesma coisa que tinha acontecido no dia do meu aniversário, e tentei evitar outra desagradável discussão:

- E com isso concluímos que nada mudou nos últimos 3 meses: eu ainda gosto de você, você ainda gosta de mim...
- Eu ainda tenho meus princípios, você ainda tem os seus...
- Eu pensei que não tivesse nenhum...
- Eu sei que tem, e mesmo se não tivesse ainda teria um... não ter princípios não deixa de ser um princípio.
- É verdade... mas isso não muda nada.
- E o que é que você queria que mudasse, Celso?
- Nada, Lú...
- Nada?

- É...
- Nada mesmo?
- Nada mesmo, eu estou bem assim...
- Eu estou vendo...
- Lú, a gente já passou por isso antes... não precisamos passar por isso de novo.
- Isso o quê?
- A gente fica junto, depois você começa a regular, me cobrar coisas, a gente fica discutindo o tempo todo, você diz que não quer mais ficar comigo...
- Você também me cobra certas coisas, Celso...
- Exato...
- E se a gente esquecesse as cobranças, pelo menos por enquanto?
- E qual seria a definição de "por enquanto", Lú?
- Essa noite... pra começar...

Naquele final de noite os hormônios mais uma vez falaram mais alto que os princípios, bem mais alto.

Eu acordei meio desnorteado, já estava escuro e eu não fazia a menor idéia que horas eram. Meus companheiros estavam todos de volta, e pela intensidade do bostejo eu concluí que não devia ser mais de 8 da noite. Levantei, fui à geladeira, peguei uma pêra e dirigi-me ao sarcófago, já me preparando para os invitáveis comentários:

- Bom dia, Celso... shruiu, apertou a Cristina?
- Conta todos os detalhes, a-há.
- Cristina!? Do que é que vocês estão falando?
- Não moca não, libera tudo – CIB aproximou-se da porta – todo mundo viu vocês passeando pelo H15, dançando de rosto coladinho... sem falar naquele dueto do show, "eu sei, eu sei, eu sei meu bem..."
- E depois vocês 2 sumiram, nem sei que horas que tu apareceu de volta, a-há...
- Sinto desapontá-los, meus caros, mas não aconteceu nada, Cristina e eu somos apenas bons amigos... – eu acabei a minha ligeira refeição e confessei – eu não estava com ela.
- Não vai me dizer que estava com a Lú novamente...
- Hum-hum...
- Ué, ela não tinha cagado pra você? – Carlinhos se pronunciou lá da mesa dele.
- Tinha... eu acho que ela ficou com saudades da RRR... – eu sorri por um momento, e depois comentei – mas essa foi a última vez.
- Ela disse isso?
- Não, Fabio, ela falou que queria muito que a gente se entendesse, blá-blá-blá... mas eu tenho certeza que esse bom astral não vai durar muito.
- Puta merda, Celsão, que caso mal resolvido do caralho...
- Falou a voz da experiência... e a Sarinha, Ricardo? – eu rebati na hora – já rolou?
- Claro que não – Fabio interveio – ela não é loura maravilhosa, a-há.
- Pode não ser loura, mas maravilhosa ela bem que é.
- Como é que você sabe, CIB? – Fabio sacaneou mais uma vez.
- Eu não sei de nada, se alguém falar que eu sei alguma coisa eu nego.
- Ela ainda tá regulando, Celsão, mas eu chego lá.

- Bom, vocês vão me dar licença, ma agora eu vou ter que ligar para uma certa pessoa.

Eu peguei o telefone e disquei o número que fazia muito tempo que eu não discava, mas que ainda estava guardadinho na minha memória, tal qual a desafetada voz que atendeu do outro lado:

- *Alô!?*
- Oi, Carolina, tudo bem?
- *Celso?! O que foi que aconteceu contigo? Não liga mais para mim, não responde minhas mensagens...*
- Eu estou estudando muito, Carolina, este semestre está puxado.
- *Sei...*

Ainda É Cedo

O final do ano estava bem próximo, eu zerei as já previamente zeradas distrações, estudei muito, fiz boas provas. Minha prioridade era fazer bons exames e sair de férias tranqüilo. Eu não estava precisando de nota alta em nenhuma matéria, tudo que eu precisava fazer era manter o ritmo, e foi isso que eu fiz.

Giz e eu continuamos nosso programa semanal na RUSD, e na última semana de aulas eu descobri que havia pelo menos um grupo de alunos do quinto ano que ouvia o nosso programa, provavelmente porque era logo antes do deles. Eles iam dar uma festa no sábado e nos convidaram para sonorizar o ambiente. Giz declinou o convite, pois não lhe pareceu um motivo suficientemente bom para fazê-lo passar outro fim de semana em São José, ele já havia estourado a cota do semestre no Show do Chacal. Mas eu aceitei.

Hélio e Humberto não foram muito específicos quanto ao tipo de música que eles queriam para a festa, tudo que disseram foi "aquele tipo de som que rola no programa de vocês". Eu peguei o meu estojo de CDs, o microfone de CIB, 2 fones de ouvido e uns CDs de Giz – nada daquele pop francês, obviamente, pois eu tinha certeza de que ele era a única pessoa no H8 que gostava daquela josta. Depois do jantar eu me arrumei e fui pro apê deles, pois nós queríamos chegar cedo pra organizar tudo.

Saímos do CTA e tão logo estacionamos eu reconheci o lugar. Eu sorri de leve quando lembrei do que tinha acontecido naquela casa no ano anterior, mas depois me dei conta de que não conseguia me lembrar de muita coisa, e resolvi me concentrar na tarefa a ser feita. E também tomei a sábia decisão de que daquela vez não ia misturar nada, e que independente do que acontecesse naquela noite eu ia me lembrar de tudo no dia seguinte.

- Celsão, o que é que você vai ingerir?
- Já, Humberto? Ainda é cedo...
- É, mas nós temos que manter o nosso DJ bem calibradinho, desde agora, pra não cair o ritmo – ele dirigiu-se à cozinha.
- Vodka com coca, "on the rocks" – eu falei da sala.
- Vodka com coca!? – Hélio achou esquisito.
- É, a vodka é pra ficar doidão, e a coca é pra ficar ligado e manter uma quantidade decente de açúcar no sangue.
- Essa é boa... – ele ficou rindo da minha argumentação teórica.
- A coca tá fria, vai querer gelo assim mesmo?
- Vou, Humberto... vai que as coisas esquentam mais tarde...

Depois que arrumei todo sobre a mesa eu coloquei "Big bang baby" pra testar o som e nós ficamos conversando potoca. Lá pelas 9:30 o pessoal que morava na casa apareceu com mais comes e bebes, e logo depois os convidados começaram a chegar. Eu conhecia a maioria deles lá do H8, mas tinha umas figuras que eu nunca tinha visto antes. JD e Juliano chegaram com Pedrão, nós ficamos confraternizando por um bom tempo, e quando eu me dei conta a casa já estava cheia de gente. Minha impressão era que todos estavam aprovando o som, Humberto também achou que sim:

- Celsão, pega mais uma – ele me entregou outro copo – o som tá maneiro, a galera aprovou.
- Tá bebendo rum, Celso?
- Não, JD, é vodka.
- Vodka com coca? Deixa eu provar – ele tomou um gole, mas a reação não foi muito positiva – que porcaria!
- Não é tão bom quanto Genebra, mas dá pro gasto – eu ironizei.

André e Renata vieram falar comigo, eles estavam extra felizes com a proximidade da formatura. Ela trouxe 2 amigas pra festa, uma delas eu lembrava dos 100 dias:

- Hoje não tem foto – Tereza comentou enquanto toucávamos os tradicionais 3 beijinhos.

A outra não falou nada, ficou só biritando e sacando o ambiente. Eu sabia quem era a figura, tinha visto-a jogar no campeonato de futsal do H8, mas nós nunca havíamos conversado, nem mesmo trocado ois no H15. Ela estava toda de preto: blusa preta, saia preta, meia preta... seus cabelos eram pretos também, mas naquela noite estavam vermelhos, caindo sobre os olhos e contrastando com a tonalidade extremamente clara do seu rosto.

- Celsão, você vai ficar pra formatura da gente?
- Claro, André, como é que eu poderia perder em evento desta magnitude?
- Que legal, Celso – Renata exclamou.

Nós conversamos mais um pouco, depois eles foram dançar. Eu aproveitei para comer uns salgadinhos, coxinhas e outras gororobas que estavam circulando, tomando o devido cuidado para manter o som rolando sem interrupções. Todos estavam muito animados, conversando ou dançando.

Todos exceto a amiga neogótica de Renata, que estava parada no outro lado da sala. Eu fiquei olhando pra ela por uns instantes, ela percebeu, me olhou de volta, eu fiz que não tinha visto e virei o rosto lentamente. Com o canto dos olhos eu notei que ela caminhava na minha direção. Ela parou ao meu lado, colocou seu copo na mesa e ficou olhando pro infinito. Eu não sabia o que ela estava vendo, talvez a menina que ela era quando havia entrado no ITA, talvez o que tivesse acontecido com aquela menina naqueles 5 anos. Eu não sabia o que era, mas eu conhecia a melancolia que saturava seu olhar, conhecia bem, muito bem: aquela menina estava sentindo a falta de alguém que deveria estar presente naquela festa, mas não estava.

Eu decidi tirá-la daquele transe, afinal de contas eu estava sendo pago para entreter os convidados, e Humberto continuava trazendo as parcelas do meu pagamento com regular freqüência:

- Você quer escutar algo especial, Raquel?

Ela reagiu quando me escutou falar seu nome, virou o rosto e encarou-me:

- O que você sugere?

Eu fitei seus olhos escuros, notei o “piercing” na sobrancelha esquerda, a argolinha no nariz... ela parecia que ainda estava nos anos 90.

- Você gosta de Garbage? – eu estimei minhas chances de acerto em 90%.
- Gosto.

Eu analisei as opções, decidi por “Happy when it rains”. Ela virou o rosto novamente e continuou a olhar pra frente, mas sorriu, aprovando minha escolha:

- Por um instante eu pensei que você fosse colocar “Stupid girl”.
- Não, podia causar um mal entendido...
- Eu não fazia idéia que você sabia meu nome, Celso.
- Eu vi seu nome na foto da sua turma no prédio da INFRA.
- E o que é que você estava fazendo por aqueles lados?
- Eu fui conversar com uns professores, queria ter uma idéia melhor do curso... você sabia que antigamente aquele prédio era ocupado pela MAT? A INFRA ficava no prédio da AER.
- Não sabia...você vai fazer INFRA?
- Não, eu decidi fazer MEC, mas na época eu ainda estava avaliando as possibilidades.
- Você foi em todos os departamentos do prof?
- Não, eu sabia que não queria fazer ELE, por exemplo... eu não sabia o que queria, mas eu sabia o que não queria.
- Eu sei como é que é... eu gostei muito da INFRA, o pessoal é muito gente boa.
- Foi essa a impressão que eu tive... tem até um professor que tocou com a gente no Encontro Musical.
- A MEC é legal também, você vai gostar... qualquer coisa é melhor que o Fundamental, e no final dá no mesmo, a gente acaba trabalhando nos mesmos lugares, indústria, banco, consultoria...
- Você já sabe onde vai trabalhar?
- Ainda não, mas já fiz umas entrevistas promissoras, espero acertar alguma coisa antes do final do ano.
- Massa...

Eu tomei mais uns goles, achei que nossa conversa tinha acabado, mas ela reiniciou o papo com um outro assunto mais do meu domínio:

- Eu vi você tocando no Show do Chacal...
- Eu não sabia que você estava lá...
- Estava sim, eu e o resto do H8, mas o auditório estava quase lotado, ia ser difícil me ver... o pessoal da sua turma toca muito bem...
- É verdade... não que eu esteja me incluindo...
- Eu gostei das músicas que vocês tocaram, principalmente daquela que você dedicou pra Maria Luiza...

- Eu me amarro naquela música... – eu achei melhor nem explicar o detalhe de que a dedicatória não havia sido para Maria Luiza – foi JF quem escolheu, eu acho que ficou boa.
- E ela, gostou?
- A Lú? Gostou sim... por 1 dia...
- Que pena... – ela terminou o que estava tomando – eu jamais largaria alguém que dedicasse uma música pra mim na frente de mais de 600 pessoas.

Ela virou o rosto em minha direção quando acabou de dizer aquilo. Minha resposta foi automática:

- Se eu soubesse disso antes...

Mas logo depois eu fiquei pensando se devia mesmo ter dito aquilo, talvez ela estivesse apenas tentando ser solidária. Ela nem se comoveu com o meu provavelmente incoveniente comentário:

- Eu vou encher o meu copo... você quer que eu traga algo pra você?
- Uma coca...

Eu ia perguntar se ela ia querer ouvir Veruca Salt, mas ela foi rápida na saída, e eu coloquei assim mesmo. Fiquei pensando se o meu ligeiramente impulsivo comentário teria sido completamente inadequado. Quando ela voltou eu tentei me desculpar:

- Obrigado... – eu tomei quase o copo todo – eu espero que você não tenha ficado chateada com o que eu falei...
- Eu não me chateio assim tão fácil não, Celso – ela continuava olhando pra frente – eu já ouvi cada coisa no H8...

Eu também havia ouvido umas coisas esquisitas a respeito dela, mas não ia tocar naquele tipo de assunto, de jeito nenhum, e continuei saboreando meu refrigerante. Ela, no entanto, tocou:

- Tem gente que fala que eu jogo no outro time... – ela me olhou de novo, como que querendo ver minha reação.
- Vai ver que eles falam isso porque você joga melhor que eles...

Ela gostou da minha teoria, sorriu de leve, voltou a olhar pra frente:

- E aonde foi que você me viu jogando?
- No torneio do H8...
- Eu não lembro de ter visto você nos jogos...
- Eu não jogo bola, mas vi algumas partidas... fui torcer pro Banana.
- Eles ganharam da gente na final... eu não sei como, aquele menino é completamente descoordenado...

- JA? Ele não conseguia nem marchar, o pessoal do CPORAER pensava que era sacanagem dele, mas era descoordenação mesmo – eu esvaziei o copo – aquele cara e um gênio, só tira nota boa, e não estuda nada.
- Alto rendimento, na minha turma tem uns caras assim também... gostei da escolha, eu estava mesmo a fim de ouvir essa música.
- Eu achei que você ia gostar dessas meninas... – eu não tive a intenção, saiu sem querer – quer dizer, do som dessas meninas.

Ela me olhou novamente, fazendo força pra prender o riso.

- Não adianta, eu hoje só estou chutando o pau da barraca... – fiquei balançando a cabeça de lado a lado, apertando os lábios.

Ela virou a cabeça novamente:

- Que outras meninas você acha que eu vou gostar... de ouvir, é claro? – ela não agüentou mais e finalmente riu.
- Hum... – eu ri também – que tal algo pra gente dançar um pouco?
- Pode ser...
- Deixa eu ver o que eu tenho aqui... Belly, Breeders, Cherry Gun, Elastica, Luscious Jackson, Lush…
- Cherry Gun? Não conheço.
- Eu tenho certeza que você vai gostar... mas vamos começar com um pouco de Republica.

Nós passamos mais de 1 h dançando e conversando ao mesmo tempo, ali mesmo junto da mesa, pois eu queria monitorar o som de perto. A menina, apesar de esquisita, era muito gente fina. Quando acabou a seqüência que eu havia planejado eu achei que estava na hora de introduzí-la ao novo milênio.

- Que som é esse? – ela perguntou no meu ouvido, aparentemente o volume estava um pouco alto demais.
- White Stripes.
- Nunca ouvi falar... legal
- Bem vinda ao século 21...

Nós dançamos mais um tempinho, mas eu senti que estava na hora de baixar um pouco a onda, o pessoal estava com um jeito meio detonado, até Raquel parecia estar pedindo uma pausa. O problema é que eu não havia trazido nada leve, não combinava com aquelas festinhas. A coisa mais calminha que eu tinha era “Breaking the girl”, e foi o que rolou.

A aprovação foi geral, Pedrão e Renata acenaram de longe, me parabenizando pela escolha. Hélio, que havia sumido por uma meia hora, reapareceu do nada e me pediu pra deixar rolar o resto do disco. Humberto me trouxe mais outro copo e mais uma vez me agradeceu pelos bons serviços prestados.

Raquel não falou nada, sentou-se e ficou bebendo não sei o quê de cor laranja. Eu sentei ao seu lado e fiz o mesmo.

- Você tem mais alguma coisa assim, mais leve...?
- Não... eu não trouxe nada mais leve que isso...
- Mas eu trouxe – ela abriu a bolsa e me entregou um CD – vamos ouvir?
- Vamos.

Eu dei uma olhada no conteúdo e pensei comigo mesmo "nada como uma mulher prevenida, que anda com um disco bem selecionado na bolsa". Fez-me lembrar de Carolina.

Eu dei um fone de ouvido pra ela e coloquei o outro. Eu não conhecia a primeira música do disco, "6 underground", apontei o nome pra ela e perguntei:

- Que som é esse?
- Sneaker Pimps... você vai gostar.

Eu fechei os olhos e fiquei apreciando a sensual melodia que vibrava meus tímpanos. Quando acabou eu estava com aquela sensação que a gente tem logo depois que acorda de um sonho bom, que faz a gente sorrir sem motivo.

Raquel parecia estar em transe novamente, a melancolia saturava o seu olhar. Eu levantei o fone da sua orelha e tentei trazê-la de volta à realidade:

- Você tem bom gosto...

Ela levantou o meu fone e retrucou:

- O que você tá querendo dizer é que eu tenho o gosto igual ao seu, não é?
- Não, mas dá no mesmo.

Eu coloquei o meu fone de volta, coloquei o dela de volta e fiquei curtindo o som. Aquela menina realmente sacava de som. So faltava ela saber tocar algum instrumento, ou cantar.

Ela esperou a segunda música terminar e retirou o fone, levantou da cadeira e falou ao meu ouvido:

- Eu já volto.

O disco do Chili Peppers tava quase acabando, eu achei que o clima tava bom para rolar um Soundgarden e mandei ver.

Raquel voltou com 2 copos nas mãos, sentou-se novamente e ficou olhando para mim, como quem queria me dizer algo. Eu resolvi investigar:

- O que foi...?
- Nada não – ela virou o rosto e ficou rindo sozinha. Vai entender cabeça de mulher...

- Olha...
- Não, é besteira.
- Tá legal.
- A festinha tá animadinha, hein?
- Só... é a primeira festa fora do CTA que eu estou freqüentando neste semestre. Neste ano, aliás.
- Você não sai muito?
- Não... este bimestre eu fui 1 vez comer pizza na cidade depois do Encontro Musical, passei um final de semana na casa do Alex, da minha turma, em São Paulo... e fui ao Baile do Chacal. Mais porque era da minha turma.
- Você é desses que detesta São José, então?
- Não é que eu deteste, eu só acho que a cidade não tem muita opção cultural, ou de lazer... não tem praia... e o pessoal daqui é meio esquisito.
- Há-há-há...
- Você gosta daqui?
- Hum-hum...

André, Renata e Tereza aproximaram-se da mesa e informaram-nos que estavam de saída:

- Desculpem a interrupção, mas nós já estamos indo – Renata falou – você vai conosco, Raquel?
- O Pedrão ainda vai ficar mais um pouco, você pode voltar com ele se quiser.
- Não, André, eu vou com vocês – Raquel me olhou por um momento – tem vaga pra mais 1?
- Claro que sim – André sorriu – vomitão?
- Se ficar apertado o Celso, ou você, pode sentar no meu colo – Tereza brincou.

Raquel levantou-se, virou o copo e pegou a bolsa:

- Vamos? – ela praticamente me mandou levantar.
- Vamos... eu encontro vocês lá fora, deixa eu falar com Hélio e Humberto.

Hélio havia sumido novamente, mas Humberto estava na sala:

- Celsão, já está indo?
- Tô... eu vou pegar uma carona com André... os discos estão lá na mesa.
- Valeu pela ajuda – ele sorriu e me deu um abraço – deixa que eu cuido do som.
- Tá legal.
- Eu te devolvo os CDs amanhã, ou segunda, ou quarta, na RUSD.
- Tá legal.

Tereza sugeriu fazermos uma pós-festa no 103, e a sugestão foi aceita por unanimidade. Nós colocamos um som bem baixinho e ficamos conversando potoca:

- Agora que eu não estou mais dirigindo vou tomar todas.
- Até parece que você bebe muito, André... Celso, o que era que você estava tomando na festa?

- Vodka com coca, Renata...
- Vodka com coca?
- É... e você?
- Vodka com suco de laranja...
- Eu também.
- Eu também, é só o que temos aqui no apê.
- Serve! – André e eu exclamamos em uníssono.
- Você mora aqui também, Raquel?
- Não, eu moro no 104.
- 104... a Rosele mora lá, não é?
- É, do outro lado desta parede, ela deve estar estudando agora...
- Com certeza, eu acho que ela é a menina mais cdf da minha turma...

Nós ficamos conversando potoca até acabar o suco de laranja. E como ninguém tava a fim de tomar vodka pura André resolveu se mandar. Eu também achei que estava na hora de ir dormir, mesmo porque o dia já havia raiado. Raquel também puxou o carro em direção ao 104, mas nós ainda trocamos algumas palavras no corredor, especialmente porque ela ficou me olhando esquisito novamente.

- O que foi...?
- Nada não – ela virou o rosto e ficou rindo sozinha. Vai entender cabeça de mulher... ainda mais mulher neogótica.
- Agora você vai ter que falar o que foi, Raquel.
- Sabe quando você nem conhece uma pessoa direito e desenvolve uma antipatia gratuita pela pessoa?
- Sei, já aconteceu comigo. Por que?
- Pois é, aconteceu comigo também, em relação a você.
- Ôps...
- Eu sempre achei você meio metido a "Bad boy", ainda mais agora que você está com esse cabelo enorme.
- Há-há-há, essa foi boa.
- A Renata sempre me disse que eu estava enganada, e que eu iria mudar de idéia se eu conversasse um pouco com você.
- Funcionou?
- Funcionou sim.
- Que bom... – eu figi que estava sorrindo aliviado – No fundo mesmo você é quem tem cara de "Bad girl", Raquel, toda de preto, cheia de metal na cara.
- Eu?! Imagina, eu sou tão normal...
- Claro que é... me diz uma coisa Raquel: você por acaso gosta de cantar?
- Não, nem no banheiro. A Renata me avisou que você ia perguntar isso também.
- Eu já imaginava...

Foi naquele momento que eu comecei a me dar conta dos sons característicos daquelas paragens, que para Raquel eram bem familiares:

- Eu acho que eu conheço essa música – eu falei baixo, apontando para a minha esquerda.

- É a Bia, tomando a sua dose diária de Bono.
- E esse zumbido? – apontei para o lado direito.
- Rosele, fazendo yoga.

Eu ia falar “coisa de viado”, mas achei que podia soar politicamente incorreto pra ela. Arquivei as informações na memória e preparei minha despedida:

- Bom, foi um prazer, Raquel.
- O prazer foi todo meu, Celso.
- Só... de repente a gente troca mais umas idéias, qualquer dia desses.
- Sexta?
- Pode ser.

Quando cheguei no 228 todos ainda estavam dormindo, eu aproveitei a serenidade do ambiente e fui dormir também. Quando acordei todos estavam estudando, eu aproveitei a serenidade do ambiente e fui fazer aminha rotina matinal em paz. Depois peguei um iogurte na geladeira e fui pro sarcófago bostejar um pouco com os amigos:

- Bom dia!
- Bom dia, Celso, como foi a festa?
- Foi boa...
- Tem prova amanhã?
- Não... uma das vantagens de ter maioria de paulistas na turma...
- Deve ser a única...
- Eu não entendo essa rixa de vocês...
- Eu também não estendo esta rixa de cearense com pernambucano e baiano, Celsão.
- Nem eu, afinal de contas é tudo a mesma coisa, é tudo arataca, a-há.
- Paulista e carioca também é tudo a mesma coisa, esperteza, é tudo turista.
- Essa foi boa, Celsão, a-há.
- E o saidão de ontem, como foi?
- A Sarinha cagou pra mim, novamente, outra vez.
- Há-há-há...

O bostejo foi curto, pois quando acabei de detonar o iogurte eu fui estudar também. Nós teríamos 3 exames naquela semana, e eu queria me sair bem.

No almoço da terça, depois do exame de Física, a patotinha das turmas 1 e 2 se reuniu no H15. Todos estávamos razoavelmente seguros de que tínhamos feito boa prova, e conversávamos animadamente. Minha indiscreta amiga Valéria foi quem tocou num inesperado assunto:

- Celso, você por acaso tava sábado de madrugada lá no 103?

Eu rapidamente deduzi o que tinha que fazer, negar até a morte:

- Não... por que?
- Rosele me disse que acha que ouviu a sua voz...

- No apê da Renata? Ela deve estar ficando maluca de tanto gagá... ou então tava sonhando comigo.
- Neste caso foi um pesadelo – Valéria nunca perdia uma chance de me sacanear.
- Vai ver que foi um daqueles sonhos eróticos... – Juliano fez uns sons esquisitos, o pessoal começou a rir.
- Esse garoto é um espanto, minha gente... – JD foi mais sutil no comentário.
- Eu já sonhei com o Celso...
- Hú-hú... – Alex e Adriano não se contiveram.
- E você poderia dar-nos um pouco mais de detalhes a respeito, Cristina?
- Claro, Chico, não foi nada do que você está pensando... nós estávamos caminhando numa ponte. Tava caindo uma chuva bem fininha...
- Ai que lindo – Adriano interveio com fingida comoção – e o que mais?
- Foi só isso... pelo menos é só isso que eu lembro.
- Você lembra se a água do rio era clara ou escura? – JD indagou.
- Era escura, por que?
- Então era coisa boa, se fosse água clara era sinal de choro...
- Tu além de barangueiro és vidente, JD?

Na quarta à tarde fizemos o exame de MAT-41, e novamente terminamos a prova com uma sensação de que tudo havia dado certo. Eu fui direto pro apê, e como não tinha ninguém por lá eu resolvi ligar pra Raquel. Nós conversamos brevemente, sobre nossa vida acadêmica:

- *Como foi o exame?*
- Bom, e o teu?
- *Tudo bem... você tem prova amanhã?*
- Não, e você?
- *Também não, mas tenho que entregar um relatório... peraí um pouco...*
- O que foi?
- *Era a Cristina, tava procurando a Rosele...*
- Eu tenho uma surpresinha pra você hoje à noite, no meu programa...
- *Do que é que você está falando?*
- Você vai ver, ou melhor, ouvir...

Naquela noite Giz e eu fizemos o nosso programa semanal na RUSD, e apesar de ser contra a nossa política eu fiz uma dedicatória para Raquel:

- ***Caros ouvintes, se é que tem mesmo alguém nos ouvindo, a próxima música vai para uma pessoa muito legal, que por enquanto vai ficar sem nome... "Pro dia nascer feliz".***

Hélio e Henrique iam fazer uma edição especial do programa deles, e eu fiquei por lá depois que o nosso acabou. Giz ia ter exame de Física no dia seguinte e voltou pro gagá nojento que ele estava metendo.

Lá pelo meio do programa Hélio recebeu uma inusitada mensagem, e foi quando eu comecei a achar que aquela estória de dedicar música podia ter conseqüências imprevistas.

- ***Caros ouvintes, eu acabo de receber uma mensagem de uma fanzona do nosso programa, pedindo-nos para utilizar o nosso precioso tempo para fazer uma réplica à dedicatória que o Celso, que está aqui na RUSD conosco, participando da nossa edição especial, fez no programa dele.***
- ***É, e nós queremos deixar bem claro que nós não pretendemos de forma alguma incentivar este tipo de comportamento...***
- ***Exato, Humberto, mas como esta mensagem está muito comédia, nós decidimos fazer uma exceção.***
- ***É, e vamos ler a mensagem para vocês, na íntegra, aí vai: "Querido Celso, você é muito malandrinho, mas eu não vou cair nessa novamente. Mando esta música pra você: "Malandragem". Assinado: gagazeira desesperada do 102".***
- ***Hum, não precisa nem falar o nome que a gente sabe quem é, não é Humberto?***
- ***É, e aí vai a música para o "malandrinho" do Celso.***

Maria Luiza, apesar do desespero de final de semestre, não havia perdido o bom humor. O que era muito bom, pois ela estava mesmo precisando dele. No final do programa Hélio recebeu uma ligação de Raquel, e a coisa virou comédia na RUSD:

- ***Caros ouvintes, vocês simplesmente não vão acreditar no que acaba de acontecer nesta edição especial do nosso programa. Nossa! Eu acabo de receber uma ligação duma pessoa, duma ouvinte do nosso programa, que pediu para não ser identificada, mas que a gente sabe muito bem quem é... não é Humberto?***
- ***É isso mesmo, Hélio, inclusive todo mundo tava falando que ela tava sumida, mocada, mas que agora reapareceu com força total.***
- ***É, ouvintes, e essa pessoa também nos pediu para dedicar 1 musiqunha, 2, aliás, para o nosso amigo Celso, que ainda está aqui conosco, na RUSD, participando da nossa edição especial.***
- ***A primeira música é "Pra começar", da Marina, que nós vamos por agora mesmo pra vocês ouvirem.***

Enquanto a música rolava nós ficamos teorizando sobre o que ia acontecer em seguida. Quando acabou Hélio voltou ao microfone:

- ***Nós acabamos de ouvir essa música que uma misteriosa ouvinte do nosso programa dedicou ao nosso amigo Celso, que continua aqui conosco, na RUSD.***
- ***E participando da nossa edição especial...***
- ***Exatamente, e a segunda música que foi dedicada pra ele, por uma ouvinte do nosso programa...***
- ***Que pediu para não ser identificada...***
- ***Foi, mas que a gente sabe muito bem quem é... não é Humberto?***
- ***Sabemos muito bem que é essa pessoa, nossa! Inclusive...***
- ***Tá bom, Humberto, chega dessa ladainha, nossos ouvintes já não agüentam mais, nem eu agüento mais, quer saber? Há-há-há.***
- ***Então tá. Essa pessoa está dedicando um blues para o Celso, um blues do Celso Blues Boy... dedicado para o Celso Bad Boy... é isso mesmo, amigos ouvintes, este blues...***
- ***do Celso, pelo Celso...***

- ***... e para o Celso...***
- ***... vem com a seguinte dedicatória: "Querido Celso Bad Boy: eu realmente adorei a música que você dedicou pra mim. Um beijo bem grande da Bad Girl".***
- ***Nossa! Meus caros ouvintes, eu fiquei todo arrepiado.***
- ***Eu também, Humberto, eu também... e aí vai "Marginal", do Celso Blues Boy...***

Aquela brincadeirinha me rendeu boas risadas, e até hoje me traz boas lembranças daqueles programas que a gente fazia na RUSD. Eu voltei pro apê todo alegre e fui estudar para o exame da sexta. CIB tinha ouvido o programa e ficou me olhando com uma cara esquisita, mas tava concentrado demais no gagá para fazer qualquer comentário.

Na sexta-feira de manhã nós tivemos exame de Resistência dos Materiais, não foi trivial, mas eu havia metido um gagá nojento de vigas hiperestáticas e me saí bem. De tarde eu saí com Raquel, quer dizer, nós fomos andar de bicicleta no CTA, e foi quando eu descobri que ela possuía mesmo um lado obscuro, dois, aliás, que eu não estava preparado para encarar:

- Você nasceu em São José?!!
- Nasci.
- Não é possível! Eu sabia que tinha que ter algo de errado... e você nem falou nada naquele dia, ficou me sacaneando, perguntando seu eu detestava SJK.
- São José não é um lugar tão ruim assim, Celso.
- Não? O que é que você fazia quando era criança?
- Ia pra escola, jogava bola... e brincava de boneca, é claro.
- E quando era adolescente?
- Jogava bola, ouvia música... brincava de bonecos... ou seria com bonecos?! E estudava pra entrar no ITA. E você?
- Eu pegava onda... todo dia... quase todo dia, e estudava pro ITA quase toda noite.
- Eu acho que nunca conseguiria surfar...
- Por que não?
- Sei lá, lidar com forças que a gente não pode controlar...
- Eu aposto que você ia se amarrar. Não tem nada igual a dropar uma onda, dar uma cavada bem funda, virar, encostar na parede e entubar... – eu sorri para ela e achei melhor não usar a comparação padrão, afinal de contas eu mal conhecia aquela menina – é muito massa.
- Eu imagino que seja... Celso, me diz uma coisa, você conhece alguém na cidade?
- Claro que sim, eu conheço a Dré e a Dri... e a Ana Paula, a namorada do Adriano da minha turma.
- Não, alguém que não seja da ASIA.
- Eu acho que não...
- Então, eu podia te apresentar a uns amigos meus da cidade, um pessoal legal, que curte som também. Não tem ninguém esquisito, eu prometo.
- Massa...
- Eu tenho umas amigas legais também...
- Shruiu...!
- Mas não vai ser hoje, nem amanhã...
- Você está muito ocupada?

- Não, é que eu vou pra casa hoje à noite, tenho que preparar umas coisas pra formatura... domingo à tarde tá bom pra você?
- Tá ótimo!
- Celso, me diz uma coisa...
- Digo...
- Você tem uma namoradinha lá na sua terra?
- Tenho, o nome dela é Carolina... como é que você sabe?
- Todo mundo tem uma, ou um... meu pai também tinha...
- Teu pai!?
- Eu não te contei? Meu pai é iteano tambem, turma 7...
- Não é possível! 2 notícias dessas no mesmo dia?!
- Pois é, ele também tinha uma namoradinha na terra dele, mas depois ele conheceu a minha mãe aqui em São José...
- ASIA...
- Ela diz que não, minha tia conta outra estória, há-há...
- Só... e você, tem algum namoradinho, ou namoradinha, na sua terra?
- Eu sou daqui, já esqueceu?
- Não, como é que eu poderia esquecer uma coisa dessas? Joseense... quem diria...
- Eu não tenho nenhum namorado, ou namorada, há- há-há...

Eu estudei tanto naquele fim de semana, mas tanto que a minha bunda ficou quadrada. O gagá intenso ajudou a passar o tempo mais depressa, e quando a tarde de domingo chegou eu estava pronto para conhecer os amigos não-esquisitos que Raquel havia mencionado.

Ricardo me emprestou o carro, nem me perguntou pra que era, eu só pra sacanear disse que ia sair com uma loura maravilhosa, dos olhos azuis. Ele disse que eu devia estar sonhando. Eu encontrei Raquel no shopping e de lá fomos expandir o meu limitado rol de amizades joseenses. Para minha surpresa os amigos dela realmente não eram nada esquisitos, quer dizer, nada mais esquisitos que os meus amigos do H8, e todos me trataram muito bem.

Ainda estava claro quando chegamos no H8, mais um sinal de que o final do ano estava muito próximo. Estacionamos lá no C e despedimo-nos brevemente:

- Eu gostei muito do pessoal, valeu mesmo, Raquel.
- Eu te disse, não te disse?
- Só.
- Você acaba os exames esta semana?
- Acabo, esta semana vai ser a última do Fund, até que enfim!!
- Legal... eu tenho uma entrevista em Sampa, na quarta-feira.
- Beleza... outra entrevista?
- É, é a terceira nesta empresa...
- Terceira!?
- É, a primeira é só pra te conhecer, saber se você tem o perfil que eles querem. Depois você vai lá de novo pra fazer um monte de teste, eu acho que é pra eles terem certeza de que você não é maluca ou algo do gênero. E a última é pra eles ficarem convencidos de que você quer mesmo aquele emprego, e eu quero esse.

- Eu pensei que fosse mais simples... você chegava lá e dizia que tava se formando no ITA e eles te davam um emprego.
- Não... não é bem assim...
- Bom, eu espero que dê tudo certo, Raquel.
- Eu também, boa sorte nos exames.

Eu fiz bons exames na terça e na quarta, aquele gagá intenso que eu estava metendo estava dando bons resultados. Eu voltei do jantar feliz pra cacete, mais uma prova na sexta e eu estaria de férias.

- Celso, acabaram de ligar pra você...
- Quem foi, CIB?
- Não quis deixar o nome, mas meu reconhecimento automático de voz indicou freqüências acústicas características de uma certa jogadora de futsal... o que é que está acontecendo, Celso?
- Nada, CIB, a menina é meio esquisita, mas é muito gente boa.
- Tô sabendo... eu também detectei uma certa alegria incontida, como se ela estivesse ligando pra te dar uma boa notícia.
- Hum, tu estás muito zen, CIB, cuidado para não virar baitola... mas vamos ver se é o caso – eu peguei o telefone e liguei para Raquel, CIB ficou ao meu lado, tentando ouvir a conversa – oi, como foi?
- *Deu tudo certo, eu começo em fevereiro.*
- Massa, meus parabéns!
- *Eu estou tão feliz, Celso... nossa!*
- Eu também estou... shhh...
- *O que foi isso?*
- É o pentelho do CIB que tá aqui querendo escutar a nossa conversa.
- *Como ele sabia que era eu?*
- Ele reconheceu a tua voz... tá mandando felicitações... disse que agora que você vai embora ele finalmente vai ter uma chance de chegar a uma final do torneio do H8.
- *Fala que ele tem que treinar muito...*
- Só.
- *Celso, vai rolar uma pizzada mais tarde, uma comemoraçãozinha com aquele pessoal que você conheceu no domingo, você está a fim de ir?*
- Claro, depois das 10.
- *Eu te ligo mais tarde, então.*

Naquela noite Giz e eu fizemos o último programa do ano. Nós geralmente não bostajavámos muito, mas aquela quarta foi diferente, pois o pessoal do programa anterior ia ter um exame escrotérrimo no dia seguinte. Eles saíram mais cedo e nós ficamos com 30 min a mais na RUSD:

- ***Boa noite, ouvintes, hoje teremos uma edição especial de fim de ano do nosso programa semanal, que geralmente começa às 9...***
- ***Mas hoje está começando agora, às 8:30...***
- ***Vai ser bom porque a gente vai aproveitar a audiência do programa anterior...***
- ***Eu não sei não, Giz, será que é a maior que a nossa?***

- ***É verdade... bom, se for maior que zero já é lucro.***
- ***Só... e pra começar bem o programa vamos rolar "Good times, bad times", do Led, em homenagem ao fim do Fundamental... que está muito próximo... faltam apenas 2 dias...***

Nós sempre fazíamos um bloco de 3 músicas, mas naquela noite teríamos 50% a mais de tempo disponível e resolvemos fazer blocos de 4. No final do primeiro bloco bostejamos mais um pouco:

- ***Vocês acabaram de ouvir o bloco inicial do nosso programa...***
- ***Pra quem esta estranhando a elevação do nível queremos lembrar que vocês não estão ouvindo aquele programa que começa às 8:00... qual é o nome mesmo, Celso?***
- ***Sei lá... "programa antes do nosso"??***
- ***É isso ai... na semana passada nós, quer dizer, o Celso, infringiu uma das regras básicas do nosso programa...***
- ***Por um bom motivo...***
- ***Espero que sim... mas duvido muito... bom, o fato é que nós queremos prometer aos nossos ouvintes, se é que eles existem e são reais mesmo, que no ano que vem não faremos mais nenhuma dedicatória no nosso programa...***
- ***A não ser que seja por um bom motivo...***
- ***Não, por motivo nenhum...***
- ***Giz...***
- ***Celso, nós já discutimos isso...***
- ***Tá bom...***
- ***Por causa daquele incidente nossa caixa de correio ficou lotada com mensagens indignadas dos nossos ouvintes...***
- ***Giz, só tinha 1 mensagem...***
- ***É verdade... e nós vamos ler a mensagem para vocês, aí vai: "Meus queridos amigos: eu adoro o programa de vocês, por favor bostejem menos e toquem mais músicas, não caiam ao nível desses outros programas de segunda ou terceira categoria. Assinado: uma ouvinte"***
- ***A boa notícia é que existe pelo menos uma pessoa que ouve o nosso programa...***
- ***E a ótima notícia é que nós vamos fazer o que ela sugeriu.***
- ***Feliz Natal para todos... e até o ano que vem.***
- ***É... detalhe: no ano que vem nosso programa continua toda quarta, mas não será mais às 9:00.***
- ***Isso mesmo, passaremos para o horário nobre, das 10:00 as 11:00.***

E depois voltamos ao nosso formato original, que tanto agradava à nossa singela ouvinte. O programa de Hélio e Humberto foi inusitado, como sempre, e nós ficamos um pouco por lá, só pra ver o que ia rolar.

- ***Boa noite, nossos queridos ouvintes, hoje vai acontecer uma coisa muito especial aqui no nosso programa, o Tabefe, que está começando agora.***
- ***É isso mesmo, Hélio, antes de qualquer coisa nós gostaríamos de agradecer pela audiência fiel que nós tivemos durante todos esses anos aqui na RUSD...***

- ***Foram milhares de horas de dedicação ao nosso programa...***
- ***Inúmeras demonstrações de carinho por parte dos nossos ouvintes...***
- ***Nossa! Foi muita demonstração de carinho...***
- ***E hoje, no dia do nosso último programa do ano...***
- ***Do ano e também da nossa vida, né, Humberto, porque a gente tá indo embora, não é mesmo?***
- ***É isso mesmo, caros ouvintes, nós vamos embora... finalmente... mas vamos ficar com muitas saudades de vocês todos...***
- ***E por falar em saudades nós vamos trazer pra vocês uma pessoa que tinha deixado muitas saudades por aqui, não foi mesmo, Humberto?***
- ***Foi, Hélio, inclusive até rolou um boato que essa pessoa tinha morrido, sumido do planeta...***
- ***É, mas nós nunca acreditamos nisso, né, Humberto? E hoje nós vamos trazer essa pessoa, que está aqui no Brasil de férias, aqui no nosso programa, ao vivo, para uma entrevista aqui na RUSD.***
- ***Ao vivo!***
- ***Ao vivo! Bom, essa pessoa acaba de chegar aqui nos nossos estúdios, e nós queremos anunciar que a entrevista vai começar, agora, aqui na RUSD.***
- ***Senhoras e senhores, com vocês, Kurt Cobain!***
- ***"Welcome to Brasil, Kurt!"***
- ***"Thank you, Hélio".***
- ***Pessoal, vocês acabaram de ouvir as primeiras palavras do nosso entrevistado especial, Kurt Cobain, do Nirvana, que está aqui na RUSD conosco. Ele está vivinho, disse que esta muito feliz de estar no Brasil, que adora o Brasil, futebol, carnaval e samba. "Kurt, do you like samba?"***
- ***"What the hell is that?"***

Eu quase me urinei de tanta risada, Giz também estava rachando o bico e nós achamos melhor sair dali e ouvir o resto no apê. Quando eu cheguei no 228 tava todo mundo na maior gargalhada:

- Esses caras são uns escrotos – CIB comentou.

Nós sentamos e continuamos a ouvir a fictícia entrevista. Humberto falava uma coisa, Hélio traduzia outra completamente diferente, nem eles mesmos agüentavam mais e riam sem parar:

- ***Caros ouvintes, vocês estão assistindo ao último Tabefe do ano, e da vida, e nós estamos aqui com o Kurt, que todo mundo pensava que tava morto, mas que não tá, ele tá vivinho da silva aqui conosco, na RUSD...***
- ***Ao vivo!***
- ***É, ao vivo, inclusive... um momento, ouvintes, um momento... estamos recebendo uma ligação aqui no programa... de alguém que quer saber se o Celso Bad Boy ainda está por aqui... o Celso ainda tá por aí, Humberto, quer dizer, Kurt?***
- ***Não, ele e o Giz ficaram muito emocionados com a presença do Kurt, começaram a chorar e foram embora.***

- ***O Celso já foi, quem é?*** – ele fez uma pausa – ***é aquela ouvinte misteriosa da semana passada, Humberto, aquela que deixou a gente todo arrepiado...***
- ***Nossa! E por falar nisso, ouvintes, nós queremos também agradecer pela quantidade imensurável de cartas e mensagens que recebemos depois daquela edição especial do nosso programa, que aconteceu na semana passada... infelizmente nós não lemos e nem vamos ler nenhuma delas...***
- ***Kurt, ouve essa, a nossa ouvinte misteriosa tem uma mensagem pro Celso, e como hoje é o nosso último programa do ano...***
- ***Da vida!!***
- ***É, nós vamos divulgar esta mensagenzinha: "Querido Celso, estarei lhe esperando no mesmo lugar, às 10:30, em ponto". Celso, meu amigo, se você estiver nos escutando...***
- ***E nós esperamos que esteja...***
- ***Saia correndo, já são 10:20!***
- ***Nossa! Caros ouvintes, estamos arrepiados novamente...***

Arrepiado fiquei eu quando escutei aquela mensagem em código: a pizzada estava prestes a acontecer, e eu estava completamente perdido. Corri pro sarcófago e de arrepiado passei para desesperado quando vi que Fabio estava só:

- Cadê Ricardo?
- Eu não sei, eu acho que ele foi pegar uns bizus com o Berlândia.
- Puta merda... logo agora que eu tô precisando do carro...
- A chave tá no armário dele, se não estiver aberto eu tenho uma cópia da chave do cadeado.
- Tá aberto, mas eu não vou pegar sem pedir pra ele.
- Ele não vai sair hoje...
- Pode ser que não, Fabio, mas tem 3 coisas que a gente não pega emprestado sem pedir: carro, prancha e guitarra.
- E mulher!! – CIB gritou lá do quarto dele.
- É, 4 – eu abri a porta e saí correndo em direção ao 135.

Quando eu cheguei lá senti logo o cheiro do que tava rolando: gagá, e do pesado. Também, o que era de se esperar daquele apê? 4 caras do quarto ano na segunda semana de exames... eu fui direto ao assunto, nem eu nem eles tínhamos tempo a perder:

- Tino, broder, tou precisando de um grande favor seu... me empresta a paratosa?
- Né assim não, Celsão... vai chegando assim, sem mais nem menos, e já quer sair com a paratosa? Vai pra onde? Com quem? Que hora volta?
- É uma emergência, Tino...
- Tem alguém morrendo?
- Não...
- Então não diga que é emergência...
- Pense num homem complicado... – eu baixei um pouco a voz. – Tino... eu vou sair... com uma amiga...
- Sim, continue, quem é essa amiga, vai fazer o que com ela, aonde? – ele elevou um pouco a voz.

- Não importa quem ela é... nós vamos... – eu tive que improvisar – furunfar...
- Zug-zug? Jaba-jaba?
- Shhh... é.
- Ôba – Lulu gritou do outro quarto.
- Celsão, eu não posso aprovar esse tipo de atividade na paratosa...
- Não, claro que não, Tino... nós vamos pra um lugar mais apropriado...
- Um motel?!
- Shhh... é.
- E quem é a felizarda? Alguém que eu conheço?
- Felizarda ou coitada? – Valter não agüentou e interrompeu o gagá pra me sacanear.
- Desesperada!! – Alfredelho gritou do banheiro.
- Não importa quem ela é...
- Mas claro que importa, Celsão, esse é um detalhe de extrema importância, não é Valter?
- É, Celsão, vai ter que liberar a informação.
- É a Lú?
- Não...
- Cristina?
- Não! Tino!
- Já sei, Michelle!
- É, é Michelle, pronto – eu tive que mentir mesmo, senão ele ia demorar mais uma meia hora.
- Por que não falou antes? Toma – ele finalmente jogou as chaves pra mim – não se esqueça de botar gasolina na volta...

Só faltava descobrir onde estaria Raquel, “no mesmo lugar” era muito vago. Decidi começar pelo estacionamento do C, e para minha sorte assim que lá cheguei vi aquela figura toda de preto, acompanhada das 2 sorridentes cúmplices. Raquel entrou no carro, os olhinhos brilhando de tanta felicidade:

- Vamos!
- Bora! O pessoal já está lá?
- Eu acho que sim... eu já estou começando a me acostumar com esse carro, Celso.
- Esse não é do Ricardo, é do Tino... o espertan não tava no apê...
- Eu ouvi falar que o Tino tem o maior ciúme desse carro, como é que foi que você...
- Eu disse que era uma emergência...
- Há-há-há... e os exames?
- Tudo bem até agora... só falta um na sexta, e depois... férias! Sol, praia, surf e rock’n’roll.
- Há-há-há...
- E aí, está animadinha com o emprego? Vai morar em Sampamêu, trabalhar, ganhar grana, sair toda noite, conhecer gente nova, viajar...
- É verdade, vai ser muito legal. Mas tá dando um friozinho na barriga, sabe? Essa coisa de mudar de cidade, conhecer gente nova... eu sou meio tímida.
- Eu também sou.
- Você não me pareceu nada tímido no Show do Chacal...
- Ali foi diferente, né?

- Como assim?
- Era show, eu tava no palco, a Tele na mão, as gatinhas me aplaudindo...
- Ai como é bobo... meu pai vai te sacanear tanto...
- O quê?
- Eu não te falei? Eu disse pra ele que você tava querendo entrevistar um iteano daquela época, para o teu programa da RUSD, ele concordou. Minha mãe achou a idéia ótima, te convidou pra jantar lá em casa.
- Beleza!

12:51

Aquela sexta-feira foi a mais emocionante do semestre, do ano todo. Começou com o exame de MAT-46, ótimo por sinal. Eu acabei a prova cedo e fui direto pro H15, que ainda estava vazio. O Fundamental tinha acabado, e eu estava tão feliz que nem liguei pro boi ralado que tava rolando no almoço. Sentei numa mesa lá perto da entrada e fiquei comendo sozinho. Aos poucos foi chegando mais gente, Moreira e Bia passoram com uma cara de quem havia se dado mal em alguma coisa, nem me viram. Cristina sentou-se ao meu lado, colocou o cotovelo na mesa e ficou me olhando e rindo. Era impossível esconder a nossa cara de felicidade.

- Acabou, Celso...
- Finalmente...
- Você não vai me contar mesmo?
- Não... você vai ver no primeiro dia de aula do ano que vem.
- Eu não acredito, Celso, puta merda! Vai me deixar curiosa por 2,5 meses?
- Vou... mas vou te dar uma dica: não é ELE, nem COMP... você não vai comer?
- Boi ralado?! Não, nem fudendo, eu vou lanchar algo no Mosca e vou pra casa... só passei aqui pra me despedir de você.

Nós levantamos, abraçamo-nos por mais de 1 min.

- É impressão minha ou seus cabelos estão mais longos, Tina?
- Eu estou deixando crescer... vão ficar maiores que os seus... boas férias, Celso.
- Pra você também, eu ligo no Ano Novo.
- Eu ligo no Natal.

Adriano e Valmir sentaram à minha frente, nós ficamos conversando um pouco, quando eles acabaram de comer nós fomos pro H8. Valmir ia viajar naquela tarde, nós nos despedimos brevemente. Adriano também ia ficar pra formatura, e nós combinamos alguns dos detalhes operacionais da empreitada enquanto íamos para o H8.

Eu fui pro apê e fiquei deitado na rede, tocando violão. Carlinhos chegou e foi terminar de fazer a mudança. Ele havia decidido ir morar com uns colegas da turma dele, falou que ia ser mais prático para estudarem juntos. Eu também achei que ia ser legal para ele, mas por outro lado aquela vaga que ele deixava poderia atrair elementos indesejáveis, e todos nós sabíamos quem ia ser o primeiro a bater à nossa porta em busca de abrigo: Luca.

CIB não estava muito preocupado com aquilo, Marina ia morar em São José no ano seguinte e ele ia passar boa parte do tempo com ela. Fabio não estava nem um pouco preocupado, ele havia planejado ficar na Europa, e só voltaria em novembro. Quem estava mesmo puto com a idéia era Ricardo, e ficou mais puto ainda quando chegou e viu que o bizuleu estava cada dia mais perto:

- Já tá se mudando, Carlinhos?
- Já, hé-hé, boa sorte com o Luca.
- Aquele viadinho já apareceu por aqui querendo piruar?

- Hoje não, Ricardo, mas ontem no jantar ele veio me perguntar se podia vir morar conosco no ano que vem – eu respondi da rede.
- Mas nem fudendo... chega! Eu já aturei aquele pentelho por 2 anos consecutivos, foi foda, não vai ser no quinto ano que eu vou morar com ele de novo.
- Coitado...
- Coitado o caralho, vocês não conhecem a peça porque nunca moraram com ele...
- Bom, se ele vier mesmo pra cá não vai ficar comigo, ou fica no sarcófago ou no buraco do Carlinhos.
- Ôba, eu também quero ficar no buraco do Carlinhos, a-há.
- Vocês são uns viados mesmo... – Carlinhos ficou rindo.
- Celsão, você lembra no começo do ano, quando esse viadinho veio morar com a gente?
- Lembro, toda vez que a gente sacaneava com ele ele ficava com aquela cara de assustado e falava "sai, cara".
- É... mas agora ele tá todo esperto, sacaneia a gente de volta... vem cá, viadinho, me dá um abraço de despedida.
- Não precisa ficar todo sentimental, Ricardo, a gente ainda se vê no ano que vem... como é que tá o peitinho?
- Olha só, Celsão, o cara vem me abraçar e fica passando a mão no meu peito, é mole? Nada como um ano aqui na espertolândia...
- Qual e o motivo de tanta alegria? – CIB falou ao entrar no apê.
- Ôba, suruba, também quero – Fabio disse ao ver a cena.
- A de fora é minha – eu comentei da rede.
- Agora sai pra lá que eu tenho que me preparar para hoje à noite.
- Vai sair com a Sarinha, Ricardo?
- Vou, quem sabe hoje ela libera? A-há!
- Tem que ser hoje, NE, Ricardo? Amanhã vocês viajam pra Europa...
- CIB, você não vai mesmo?
- Não, Fabio... não vai ser desta vez, tô indo pro Rio agora.
- Tamos!
- É, esse viadinho vai comigo... já arrumou tudo, Carlinhos?
- Já, tou pronto, só vou deixar essas coisas no 305 e te encontro no estacionamento.
- E você, Celsão, vai quando?
- Eu vou ficar pra formaturada Renata, Pedrão, André, Hélio, Humberto... muita gente boa que vai se formar este ano, né, CIB?
- É...
- Legal, nós tamos aqui até amanhã de manhã, boa viagem pra vocês 2, divirtam-se no Rio, nos vemos em novembro... e para os que estarão aqui no ano que vem boa sorte com o Luca, hé-hé.

Eu já começava a sentir saudades de Fabio. Ele tinha uns parentes em Portugal e na França e estava animadíssimo com a idéia de morar na Europa. Ricardo também ia sentir falta dele, eles se conheciam desde os tempos de cursinho no Rio e já haviam passado por muita coisa juntos, muita coisa mesmo. Eu fiquei pensando se todos nós ainda seríamos grandes amigos depois daqueles anos no ITA, depois que enveredássemos por caminhos diferentes.

Meus pensamentos foram interrompidos pelo barulho do telefone tocando. Eu fui atender:

- Alô!?
- *Celso? Que bom que você ainda está por aqui, eu tava com receio de que você já tivesse ido embora...*
- Oi, Lú, tudo bem com você?
- *Tudo... eu queria conversar contigo...*
- Você está livre agora?

Encontramo-nos na sala de música, eu tava mesmo a fim de tocar alguma coisa e levei a Tele comigo, a coitada estava trancada na capa desde o Show do Chacal. Maria Luiza estava com seu típico visual de final de semestre: pálida, olheiras, olhar cansado. Eu achei que ela havia perdido peso, e sorri ao lembrar da teoria Valeriana de que o gagá emagrece.

Eu também não estava fisicamente muito melhor que ela, mas a diferença era que eu estava feliz, havia me saído bem em tudo, o Fundamental era coisa do passado e as férias estavam apenas começando. Ela percebeu o meu bom astral:

- Você tá com uma carinha tão boa...
- Fim de semestre, fim de ano, fim do Fundamental... e você? Não tá feliz por acabar o quarto ano?
- Eu não sei se o quarto ano acabou mesmo, Celso...
- Eu tenho certeza que sim, você nunca pegou segunda época, não vai ser agora...
- Eu acho que vai. Eu estudei tanto, tanto mesmo, mas acho que peguei pelo menos 1.
- Eu duvido muito. Mas em todo caso lembre-se de que no fim tudo dá certo, Lú, se ainda não tá certo é porque ainda não chegou ao fim.
- Que bonito, Celso, aonde foi que você aprendeu isso?
- Foi com você.
- Quando foi? Eu não estou lembrada.
- Nem eu... você está animada com a viagem?
- Ainda não arrumei nada, tava estudando o tempo inteiro... agora vou ter que passar outra noite em claro, arrumando as coisas.
- Eu espero que dê tudo certo, Lú, e que você faca uma viagem muito massa.
- O que é que você quer que eu traga pra você?
- Pra mim? Não precisa trazer nada, Lú...
- Mas eu quero trazer uma lembrancinha pra você...
- Então traz uma coisa que você achar legal...
- Não, eu quero uma coisa que você goste, que você queira. Tipo um disco que você sempre quis ter, mas que nunca achou por aqui.
- Um disco... deixa eu ver... tem pelo menos uns 10 na minha lista, que eu sempre carrego comigo, mas eu não quero que você perca seu tempo procurando...
- Tá bom, eu prometo que não vou perder meu tempo, se eu achar tudo bem, senão... agora me dá essa lista.
- Peraí, deixa eu priorizar... e passar pra essa outra lista...
- Estou esperando...
- Pronto! 1) Lush: Spooky; 2) No Knife: Drunk On The Moon; 3) Dr. Didg : Out Of The Woods; 4) Ed Kuepper: The Butterfly Net; 5) Fireballs: Life Takes Too Long.
- Mas só tem 5...!

- Esses são os principais, está na ordem de preferência, os 2 de cima devem ser relativamente fáceis de achar na Inglaterra ou Holanda... o terceiro talvez tenha na França, ou Espanha, ou Alemanha... e os outros 2, bom, eu acho que esses daí você não vai achar em lugar nenhum.
- Tá bom, eu vou procurar assim mesmo.
- Ah, por favor, só traga 1 deles, tá bom? Esses discos são um pouco raros, em nem faço idéia de quanto vai...
- Tá bom então, eu trago só 1.
- Então tá.
- Então tá... eu acho que vou começar a arrumar as coisas... quando é que você vai embora?
- Depois da formatura da Renata...
- Claro... tá bom, até o ano que vem.

Abraçamo-nos por mais de 1 min, eu senti que ela estava pensando a mesma coisa que eu:

- Feliz Natal, Lú... eu tenho certeza que vai ser melhor do que o do ano anterior.
- Eu também tenho, Celso... e eu também tenho certeza que o ano que vem vai ser melhor do que esse.
- Eu espero que sim... Feliz Ano Novo, Feliz Carnaval...
- Pra você também, Celso.

Eu fiquei olhando-a enquanto ela saía da sala de música e me senti como se Maria Luiza estivesse saindo de vez da minha vida. Não foi uma sensação boa, e eu tive vontade de sair correndo e abraçá-la novamente, mas fiquei imóvel e falei pra mim mesmo: “foi só uma fase, que já acabou”. Mal sabia eu que em poucos meses ela iria passar novamente por aquela mesma porta e re-entrar em chamas na minha não tão rarefeita atmosfera.

No dia seguinte eu presenciei a imensa alegria que os meus amigos sentiram na solenidade de colação de grau, ouvi seus nomes serem chamados um a um... Hélio ficou tão exaltado que subiu na cadeira e ficou dançando por uns 10 s. Raquel estava radiante, os cabelos novamente negros, o piercing devidamente colocado na sobrancelha esquerda.

Eu já estava preparado para ir pra casa no dia seguinte. Só faltava ir ao baile de formatura. Passei no apê de Adriano, ele já estava pronto, todo engomadinho, nos mandamos. Cumprimentamos vários amigos: Guto, Belotti, Pedrão, André, Hélio, Humberto, Renata, Tereza, Raquel...

Foi uma festa bonita, eu fiquei imaginando se o meu baile de formatura também seria, mas ao mesmo tempo eu me conscientizei de que ainda faltava muito tempo para chegar a minha vez, 3 longos anos... muito tempo mesmo.

André, Pedrão e Renata me chamaram para tirar uma foto com eles, “para a posteridade” conforme justificativa de Pedrão. Eu fiquei lembrando daquela primeira semana depois que eu cheguei no ITA, do tempo que a gente passou na sala de música, dos bizus que aqueles 3 amigos me passaram, de tudo que eles fizeram por mim...

Depois da foto eu fui dançar uma música com Renata, e conversar um pouco:

- Você vai ficar em São José mesmo?
- Eu sou aeronáutica...
- Que bom, assim a gente vai se ver de vez em quando.
- Claro que sim, Celso, a gente vai se ver sempre... a gente pode ir junto visitar a Raquel lá em São Paulo.
- É verdade, vai ser massa.
- Eu espero que você e Maria Luiza sejam bons amigos, Celso.
- Pode deixar...
- Tá rindo do quê?
- Você tá indo embora e nunca me contou a sua versão daquela estória com a Lú.
- Ah... é parecida com a sua.
- O que?!
- Nós duas conversamos sobre isso, outro dia. Eu não queria sair daqui com assuntos mal resolvidos e fui falar com ela... pedir desculpas...
- E foi tudo bem?
- Foi... lembre de fazer o mesmo quando você se formar.
- Fazer o quê, Renata?
- Resolver seus assuntos mal resolvidos antes de sair daqui.
- Tá bom, eu vou lembrar.

Lembrar eu lembrei, 3 anos depois, mas infelizmente não deu para resolver todos os assuntos mal resolvidos... mas isto é outra estória.

11:59

Abri lentamente os olhos e olhei ao meu redor. Por um breve momento eu pensei que ainda estava dormindo, e que aquilo era apenas um sonho. Mas não era, e foi com extrema felicidade que eu levantei naquela ensolarada manhã de segunda-feira, pois finalmente eu estava no meu quarto, na minha casa... finalmente eu estava de férias. Shruiu!

Liguei o som, fechei os olhos novamente e voltei pra cama. Não porque eu ainda estivesse com sono, ou cansado, mas apenas porque eu podia desfrutar daquele simples prazer. Que sensação agradável... mas nem só de coceba vive o homem, e eu decidi levantar antes que desse meio dia. 1 min antes.

Aparentemente não havia ninguém em casa, então eu resolvi nem tirar o pijama. Fiz minha rotina matinal e fui comer um pouco da torta de chocolate que a bondosa mama havia feito especialmente para mim. Depois peguei o telefone e liguei para o meu saudoso amigo Danilo, para inteirar-me dos acontecimentos correntes.

- *Chegaste quando, monstro?*
- Ontem.
- *Saíste?*
- Não, velho, eu estava detonadíssimo para sair.
- *Tô ligado.*
- Tá dando onda?
- *Porra nenhuma, a gente foi sábado mas tava devagar quase parando. Carolina tava lá, com a gostosinha da irmã. Tu já falaste com ela?*
- Não, ainda não, mais tarde eu ligo. Como é que ela está?
- *Continua gostosa, hé-hé.*
- Olha o respeito, rapá...
- *Ela perguntou se eu sabia quando tu chegava, falou que tu não liga mais pra ela, não responde as mensagens dela.*
- Esparro dela, que outro dia eu liguei.
- *Só. E hoje, vais fazer o quê?*
- Eu não sei, eu vou ligar pra Carolina, se ela estiver a fim a gente vai dar um saidão.
- *Como assim, "se ela estiver a fim"?*
- Eu acho que ela vai me dar um chute na bunda, Danilo.
- *Não vai me dizer que tu pisaste na bola de novo, Celso.*
- Claro que não, mas eu acho que ela já encheu o saco deste esquema, tá ligado?
- *Só... bom, o que não falta nesta terra é mulher, meu velho.*
- Segundo Carolina são 300.000 mulheres de bobeira, a-há.
- *Exato... são 600.000 peitinhos graciosos, Celso, hé-hé.*
- Só... e por falar em peitinho gracioso, como é que está Fernanda, a-há?
- *Olha o respeito, rapá...*

Carolina estava a fim de sair, e passou para me pegar para darmos uma voltinha na floresta. Eu não estava nem esperando tal calorosa recepção, mas nem por isso recusei o interessante convite que ela fez tão logo abriu a porta para mim:

- Vamos dar uma... voltinha na floresta?
- Vamos sim, até 2 ou 3.
- Massa...!!

Carolina estava linda. Seu rosto apresentava os coloridos e saudáveis efeitos da moderada exposição aos raios solares. Seus cabelos repousavam estrategicamente por sobre as partes que a sua blusa não conseguia cobrir, mas, felizmente para mim, eles não eram longos o suficiente para cobrir as suas belas e visíveis coxas, as quais eu fiquei indiscretamente secando até chegarmos ao nosso idílico destino.

Eu tentei puxar um assunto qualquer, para quebrar o gelo, mas ela não estava a fim de muita conversa, pelo menos naquele momento. Fitou meus olhos intensamente por uns 30 s, como se estivesse procurando algo. E aparentemente encontrou o que buscava, pois logo fechou os olhos e iniciou uma atividade de maior potencial calórico, e antes que eu me desse conta o gelo já estava devidamente fundido, e nós estávamos harmonisamente entrelaçados um ao outro.

Eu não lembro quantas voltinhas na floresta nós demos naquela ensolarada tarde de dezembro, mas eu lembro muito bem que no final do passeio ela me olhou com a mesma expressão que ela havia me olhado no dia em que ela havia descoberto que eu tinha passado no ITA. O mesmo olhar melancólico... Carolina estava se preparando para me dar um chute na bunda, era só uma questão de tempo.

Mas não foi daquela vez. Nosso trajeto foi silencioso, ela só abriu a boca quando parou o carro defronte à minha residência:

- Quando é que a gente se vê?
- Você ainda quer me ver?
- Quero sim, nós precisamos conversar, Celso.
- Nós passamos a tarde toda conversando, Carolina.
- Não é deste tipo de conversa que eu estou falando... – ela esboçou um indiscreto sorriso – se bem que eu também estava precisando deste tipo de conversa, e muito.
- Idem idem... – eu fiz o mesmo – vamos fazer algo amanhã de noite?
- Amanhã não dá, quarta também não... que tal quinta?
- Tá bom, eu te ligo.

Trocamos um desconfiado olhar e um rápido beijo, e depois eu abri a porta e saí. Quando entrei em casa estavam todos jantando. Eu sentei e comi mais um pouco da torta de chocolate que a bondosa mama havia feito especialmente para mim, mas ela achou que eu estava precisando de mais calorias:

- Só vai comer isso, meu filho? Você está tão magrinho...!
- Deixa o menino em paz, Clarisse.
- Vai ver que ele já comeu na rua, mãe.
- Por falar nisso, aonde é que você estava, Celso?
- Eu estava passeando, mãe – eu estava desacostumado com aquele nível de atenção familiar, mas não reclamei.

- Aonde, no shopping? – minha atenciosa genitora insistiu.
- Não... – eu achei melhor improvisar – eu fui passear no calçadão...
- Foi com Danilo?
- Não...

Mauro notou que a minha privacidade estava ficando meio encurralada e me ajudou a sair daquela enrascada:

- Neno ligou, Celso, liga pra ele.
- Boa idéia.

Levantei e fui conversar com o saudoso amigo, que logo me avisou que não poderia demorar muito ao telefone, pois estava no meio de uma laminação. Combinamos de sair no dia seguinte, para colocar o papo em dia. Liguei para Tasso, mas ele não estava em casa.

Fui para o meu quarto, liguei o som e deitei na cama. Por um momento eu fiquei com saudades do H8, onde eu tinha bem mais que 3 amigos, e alguém sempre estava disponível para um saudável bostejo numa noite de segunda-feira. Mas logo lembrei que alguns dos meus amigos do H8 eram meus conterrâneos, então liguei para Sávio, depois para Zé-P e Príncipe, depois para Bebeto, depois para Eugênio e depois para Moreira.

Passei quase 2 hs conversando com os diversos amigos, mas quando deu 9:45 Mauro expulsou-me do quarto:

- Celso, vai conversar na sala, pois está na hora do adulto responsável ir dormir.

Meus pais também foram dormir, e eu fiquei vendo as porqueiras que passavam na TV até quase 2 da manhã. Eu senti que ia ser difícil acostumar a dormir cedo novamente...

Pelo menos no dia seguinte acordei cedo, antes das 10, detonei o resto da torta de chocolate que a bondosa mama havia feito especialmente para mim, passei um protetor FPS 15 no corpo e fui à praia.

Andei uns 2 km para cima, 2 km para baixo, dei um refrescante mergulho e depois sentei na areia, para melhor apreciar a dinâmica paisagem. Foi quando eu percebi a presença de 2 suntuosas morenas uns 5 m à minha direita. Elas não me viram, pois seus rostos estavam virados para o outro lado, e eu aproveitei o temporário descuido para ficar analisando suas belas curvas. Curvas estas que quase me colocaram em sérios apuros no passado, mas que naquela ensolarada manhã de terça-feira simbolizavam apenas uma prazerosa e inconseqüente distração.

Depois de uns 10 min eu resolvi ir falar com elas. Com as donas das curvas, naturalmente, pois as curvas não falavam. E nem precisavam...

- Oi, meninas...!

Elas reconheceram minha voz antes mesmo que seus olhos pudessem me localizar, e responderam em uníssono:

- Cunhado!!

Levantaram-se e me deram um abraço grupal. E depois individual, acompamhado da costumeira troca de beijos faciais. Sentaram e me ofereceram um cantinho entre elas, o qual aceitei de imediato. Aquelas 2 irmãs estavam genuinamente satisfeitas por me verem, e a recíproca era verdadeira. A primogênita passou a mão por sobre o meu ombro, coisa que me provocou um arrepio arretado, e puxou assunto:

- Olha como o cabelo dele tá grande, Sel.
- Cheio de cachinho, Sol, que nem o meu.
- Tá uma gracinha...!
- Vocês são tão gentis, meninas!

Elas provacaram mais um par de arrepios e continuaram a prosa:

- Quanto tempo, menino, como está lá no ITA?
- Tudo bem, Sol. E vocês?
- Nós continuamos na mesma, Celso.
- Como Deus quer e o governo permite, há-há.
- Massa... – eu sorri para elas – cadê Sheila?

As irmãs ficaram sérias de repente, como se estivessem surpresas pelo simples fato de eu estar penguntando por uma ex-namorada. Mas quando Selma abriu a boca eu percebi que o motivo era outro:

- Sheila está grávida, Celso.
- Grávida?!
- É, de 5 meses.
- Mas eu encontrei com ela na festa da Mansão Gabiru, com o Miro, eles não comentaram nada...!
- Aquela festa foi em fevereiro, Celso!
- Só... – eu fingi que não tinha percebido que havia dado um fora e disfarcei com outro – e como foi que...?
- Pelo que ela falou foi pelo método tradicional, Celso...

Elas naturalmente perdoaram os meus deslizes, e depois de me inteirarem sobre os acontecimentos acontecidos com a sua irmã as graciosas morenas enveredaram por outros assuntos mais amenos. Despedimo-nos com os costumeiros “me liga” e “vamos fazer alguma coisa depois do ano novo”, e depois de outro refrescante mergulho decidi voltar pra casa, pois a fome começou a apertar.

Depois do almoço Tasso ligou para mim, convidando-me para ir ver, e ouvir, os pratos que ele recentemente havia adquirido para a sua bateria. Eu fui conferir, e de quebra inteirei-me de outros assuntos menos aleatórios também:

- Foi Sérgio que me vendeu os pratos, Celso, antes dele ir embora.
- Embora pra onde?
- Tás sabendo não? Ele foi estudar bateria em Boston, meu velho, tá ligado?
- Porra, quem é que está financiando!?
- Ele ganhou uma bolsa, foi de mala e cuia.
- E Kátia?
- Pelo que eu sei eles acabaram tudo, ela foi pra Salvador.
- Fazer o quê?
- A irmã dela, Carminha, aquela que teve uns rolos contigo...
- Tou lembrado disso não...
- Sei... então, Carminha tá morando lá também, elas tão trabalhando numa academia que Izabella trabalha, tu lembra de Iza?
- Aquela prima delas, baixinha, pentelha?
- Isso, aquela que teve uns rolos contigo, Celso.
- Tou lembrado disso não... eu lembro que Izadora, a irmã de Izabella, namorou com Mauro... Kátia namorou com Mauro também, tás lembrado?
- Eu tou lembrado mesmo é que naquela época tu e teu irmão estavam fazendo Análise Combinatória com as 2 irmãs e 2 primas, há-há...
- Só, há-há, e ainda dizem que a gente tem rixa com o pessoal de Salvador, Tasso.
- Eu mesmo adoro as baianas.
- Eu idem. A gente aprontou um bocado naquela época...
- Aprontando eu estou é agora, meu amigo, tá ligado? Todo fim de semana é uma mulher diferente, ou duas, tá ligado?
- Deixa do teu esparro, rapaz...!
- Sério, velho, tou brincando não, pergunta a Leo. Tem muita mulher sobrando nesta cidade, Celso, milhares, de bobeira, tá ligado?
- É mesmo...? – eu sabia que o meu animado amigo estava exagerando, mas sua quase honesta narrativa fez-me lembrar da minha regrada vida no H8, e aquilo me causou uma ligeira inveja.
- Então, estão as 3 trabalhando com essas porras de academia.
- E como é que tu sabes que elas tão lá?
- Foi Sérgio quem me disse, quando ele veio aqui entregar os pratos.
- Só... e por falar em pré-história, Tasso, tu não sabes quem eu vi na praia hoje, velho.
- Claro que eu não sei, eu não estava lá!
- Tu estás muito leso, Tasso... lembra de Sheila?
- Aquela gostosinha que namorou contigo? Lembro não, há-há... ela tava na praia?
- Não, mas as irmãs dela estavam, Selma e Solange. Tu lembras delas?
- Aquelas que tu ficasse a fim de agarrar? Lembro não, há-há...
- Tou lembrado disso não...
- Claro que não, há-há. Ainda estão gostosinhas?
- E como... pra não dizer eu como, há-há!
- Eu idem, há-há...... sim, mas, e o keko?
- Elas falaram que Sheila está prenha.
- Puta merda! É teu?
- Claro que não, é do namorado dela!
- Como é que tu sabes que não é?
- Sabendo, né?

- Esta resposta está muito vaga, Celso.
- Deixa eu ver... faz 3 anos que a gente acabou; A última vez que eu vi a menina, socialmente falando, é claro, foi há 10 meses; ela está grávida de 5...
- Sim, mas, tu estava aqui 5 meses atrás, não estavas?
- Estava, mas eu nem vi a menina.
- Tava escuro?!
- Tu estás muito leso, Tasso...
- Só... e como vai São José?
- Devagar quase parando, mas pelo menos eu me dei bem em tudo neste semestre.
- Beleza...
- Estás com alguma mulherzinha fixa?
- No momento não, pois minha agenda não permite compromissos desta natureza, há-há... por falar em mulherzinha, lembra daquela baixinha gostosinha que estudava contigo na Federal, como é mesmo o nome dela...?
- Juliana?
- Isso, Júlio tá querendo se dar bem com ela.
- Há-há-há, isso não vai dar em porra nenhuma, aquela menina é muito cabeuça pra Julio, tá ligado?
- Eu também acho.
- E Rodrigo, vocês ainda estão tocando?
- Tamos, mas em banheiros separados, é claro.
- Tu estás cada dia mais leso, Tasso...
- Tamos tocando sim, mas Salú saiu do esquema.
- O que foi, deu confusão com Agnaldo?
- Tás sabendo não? Ele decidiu seguir a carreira de modelo e foi morar no Rio.
- Isso tá me cheirando a baitolice, Tasso.
- Das grandes...!
- Quer dizer que aquele esquema de ir ensaiar na casa de Salú e ficar secando as irmãs gostosas dele tá furado...?
- Completamente.
- E quem é que tá tocando guitarra com vocês agora?
- Portuga.
- E a namorada dele tá deixando ele tocar com vocês? Aquela menina regula praca...
- Por enquanto está, eu quero ver quando as fãs começarem a dar em cima dele... por sinal vai rolar uma festa na casa de Vitória, na sexta, a gente vai tocar lá.
- Massa, tô nessa.
- A irmã de Portuga vai aparecer por lá também, ela e a outra pentelha amiga dela.
- Meu irmão, aquelas 2 são muito chatas, velho.
- E como... pra não dizer eu como, há-há!
- Eu idem, há-há... e como vai a nossa amiga Vitória?
- Continua gostosinha... está até um pouco mais, aliás, depois que acabou com Neno.
- Ela dispensou Neno? Eu falei com ele ontem, ele nem comentou nada... foi gaia?
- Eu acho que não, eles ainda estão se falando...ela encheu o saco mesmo, há-há.
- Só... já arrumou outro macho?
- Ainda não, daí o motivo da festa.
- Pode crer...
- Rodrigo tá namorando com a irmã dela, Márcia.

- E desde quando Rodrigo gosta de mulher, Tasso?
- Há-há-há, é mesmo... agora foi que eu lembrei que eu nunca vi Rodrigo com mulher nenhuma, Celso. E olha que faz mais de 10 anos que eu conheço ele.
- Lembra daquelas marias que a gente conheceu no Carnaval, naquela vez que a gente foi pra Olinda?
- Que marias?
- Uma que era a fim de Rodrigo, a outra irmã dela ficou com Júlio uma vez...?
- Lembro não, e o keko?
- A mulher passou meses dando em cima de Rodrigo, e ele nada, até que um dia ela perguntou pra Neno se o primo dele era baitola.
- Pode crer, vamos ver o que acontece com a irmã de Vitória... e Carolina?
- A gente saiu ontem...
- E...?
- A gente não conversou muito não...
- Sim, mas, tá tudo bem?
- Aparentemente sim, mas ela está meio esquisita.
- Mulher é um bicho esquisito mesmo, Celso.
- Já dizia Rita Lee...
- Com certeza. Vamos surfar amanhã?
- Danilo falou que o mar tá devagar.
- Tava maus no final de semana, mas tá melhorando. A gente sai cedinho, pega onda até o vento bater e depois fica na areia secando as turistas.
- Boa idéia...

Quando

Eu saí do banho, troquei de roupa e fui pra cozinha. Sentei e comi umas tapiocas que estavam sobre a mesa, mas a minha observadora genitora achou que eu estava precisando de mais calorias:

- Só vai comer isso, meu filho? Você está tão magrinho...!
- Deixa o menino em paz, Clarisse.

Mauro notou que a minha tranqüilidade estava ficando meio encurralada e me ajudou a sair daquela enrascada:

- Deu onda hoje, Celso?
- Tava legal, melhor que ontem – eu aproveitei a deixa e engatei uma interesseira pergunta – tu vais sair hoje, Mauro?
- Claro que não, que adultos responsáveis não saem numa noite de quinta-feira!
- Massa, me empresta o carango?
- Empresto, mas ele tem que estar de volta na garagem amanhã cedo, eu saio às 7:20. E o tanque tá quase vazio, visse?
- Tem erro não, eu paro no posto e coloco uns 10 paus, há-há.
- Você vai sair hoje, meu filho? – minha atenciosa genitora indagou.
- Claro que sim, mãe, eu estou de férias.
- Vai pra onde?
- Eu vou pro cinema... – eu achei melhor improvisar – com uma amiga da Federal.
- Marlene?
- Não, uma outra amiga...
- Outro dia eu vi Marlene na praia, Celso – meu solidário irmão me socorreu novamente – ela e a irmã.
- Como é que elas estão?
- Continuam gost... – meu quase descuidado irmão parou e fez uma escolha de palavras mais apropriadas para o horário da janta– simpáticas, continuam muito simpáticas, todas 2.
- E por falar em irmãs simpáticas eu encontrei Selma e Solange na praia, na terça. Elas também continuam muito simpáticas, há-há.
- E como vai Sheila, Celso?
- Elas falaram que Sheila está grávida, mãe.
- Grávida!?

Minha mãe quase deixou cair a colher cheia de sopa, mas antes que o seu inquisidor olhar pudesse ser traduzido em palavras eu antecipei a resposta à sua hipotética pergunta:

- Eu não tive nada a ver com este acontecimento, mãe.
- Ainda bem, meu filho – ela suspirou aliviada – é menino ou menina?
- Sei lá... – eu tentei desconversar.
- Sheila é aquela menina que outro dia foi acampar contigo, Celso?
- A própria, pai, mas isso já faz mais de 3 anos, diga-se de passagem.
- Quem está grávida também é Fábia, Celso.

Minha mãe tomou outro susto, mas logo foi tranqüilizada pelo meu desafetado irmão:

- Eu não tive nada a ver com este acontecimento, mãe.
- Ainda bem, meu filho – ela suspirou aliviada – é menino ou menina?
- Sei lá... – Mauro tentou desconversar.
- Eu não sei como estas meninas ainda ficam grávidas hoje em dia – minha mãe continuou – com tanta informação, tanto método anticoncepcional disponível... só fica grávida quem quer mesmo.
- Não existe método infalível não, mãe... – eu observei.
- Existe 1 – meu pai contestou – o famoso "ao invés de", há-há-há.
- No caso de Fábia eles estavam planejando, mãe – meu informado irmão esclareceu.
- Neste caso então tá certo, meu filho. Eles vão casar?
- Eu acho que sim, já estão morando juntos e tudo mais.
- Quantos anos ela tem, Mauro, 25?
- 24, eu acho. Zé tem 25.
- É, tá na hora mesmo. Ela está formada, trabalhando, ele também. Não pode ficar esperando muito pra ter menino não, senão ficam os 2 velhos demais e não agüentam o ritmo dos filhos.
- Eu mesmo só vou casar depois dos 30, mãe, lá pelos 35.
- Vixe! 35 já é coroa, Mauro, não tem mais energia pra agüentar menino não.
- Que nada, pai.
- E Regininha, Celso, você tem falado com ela? Ela sempre liga no meu aniversário.
- Não, mãe, nunca mais vi.
- Ligue pra ela, meu filho.
- Ela deve estar no interior, mãe, na certa foi passar as férias na casa da mãe dela.
- Eu gosto tanto daquela menina...
- Sei – eu tentei desconversar – e como vai Luciana, Mauro?
- Ela está bem, mas a gente acabou o namoro, tava ficando muito sério.
- Só...

Acabei minha leve refeição, escovei os dentes e fui pegar Carolina. Ela estava de jeans, camiseta e tênis, que nem eu. Fomos ao cinema, onde passamos a maior parte do tempo calados, de mãos dadas, feito 2 adolescentes apaixonados. Quando o filme acabou ela fez uma interessante sugestão:

- Vamos ver uns vídeos no bar de Marcelo?
- Vamos! – eu acatei de imediato.

Tão logo entramos no Mauromóvel ela iniciou uma conversação aparentemente aleatória:

- O teu irmão ainda está com aquela menina, Luciana?
- Não, eles acabaram...

Eu aproveitei a pausa e coloquei "Black" pra tocar. Carolina olhou para o mar e desviou o assunto:

- Deu onda hoje?

- Tava legal.
- Vocês vão amanhã também?
- Hum-hum... quer ir conosco?
- Não vai dar, a gente vai pra casa da minha vó amanhã... a gente vai passar o Natal com ela.
- Que legal, Carolina, ela vai ficar muito satisfeita.
- Eu acho que sim. Só espero que ela não passe o tempo todo falando que eu estou a cara da minha mãe...
- Por que?
- Porque fica aquele clima chato, sabe? Fica todo mundo com saudades, Ana começa a chorar... é uma merda.
- Sei... vocês vão ficar por lá até o ano novo?
- Não, eu quero passar o ano novo aqui, com você, Celso.

Ela repousou a mão esquerda sobre a minha coxa e movimentou os dedos ao ritmo da música.

- Boa idéia...
- O que mais que você fez esta semana?
- Praia, praia, praia... sabe aquela menina que eu namorei, Sheila, que tava naquela festa na Mansão Gabirú?
- Sei, encontrou com ela na praia?
- Não, com as irmãs dela.
- Aquelas pelas quais você desenvolveu uma inadequada atração?
- As próprias...
- E...?
- Elas falaram que Sheila está grávida... inesperadamente grávida.
- Vixe...!
- Fábia também está grávida. Esperadamente, segundo Mauro.
- Hum... me fez lembrar daquele dia que a gente transou pela primeira vez, Celso. Quando eu cheguei em casa eu descobri que a minha melhor amiga havia acabado de descobrir que estava grávida... inesperadamente grávida.
- Só, eu tou lembrado... e como está a nossa amiga Anete?
- Tá bem, trabalhando e estudando, Zinho também, o menino deles já vai fazer 2 anos no ano que vem...
- Eu nunca mais vi Zinho... vi Zinho soa mal, né?
- Parece vizinho...
- Eu nunca mais encontrei Zinho.

Ficamos eu silêncio até chegarmos ao nosso destino. Ainda era relativamente cedo, e o movimento ainda estava fraco, de modo que não foi difícil arrumar um estratégico lugar ao bar, bem defronte á TV. Depois dos costumeiros cumprimentos nosso empresário amigo Marcelo colocou-nos a par dos seus planos para a festa do Ano Novo, para a qual garantimos nossa discreta presença, e presenteou-nos com um inesperado privilégio:

- Essa noite vocês é quem escolhem que vídeos vão rolar!

Carolina iniciou a seqüência com The Verve, e uma promessa:

- Eu deixo você escolher as próximas, vem dançar.

Puxou os cabelos para trás e deixou suas intactas orelhas ao meu alcance. Eu abracei seu corpo e iniciei o movimento ao ritmo da suave melodia.

- Será que a gente ainda estaria junto se você estivesse morando aqui, Celso?
- Eu creio que sim.
- Quanto tempo você ficou com Regininha?
- Uns 6 ou 7 meses.
- E com Sheila?
- Uns 4 ou 5. Por que você está preocupada com isto agora?
- Nada não...

Ela estava me preparando para o golpe de misericórdia... ou será que não? Eu passei o resto da música pensando naquilo, mas se eu soubesse que anos e anos iriam se passam até que eu tivesse a chance de dançar com ela novamente ao som de "History" naquele mesmo recinto eu com certeza teria passado aqueles breves momentos sem martirizar-me tanto.

- Que tal The Verve Pìpe agora? – ela indagou quando o clip acabou.
- Serve...

Depois de outros 4,5 min de silêncio e agonia ela finalmente abriu a boca:

- Agora é a sua vez.

Eu escolhi "Cornflake girl", e fomos dançar novamente. Carolina fitou meus olhos intensamente por uns 30 s e encostou seu rosto ao meu:

- Foi muito difícil?
- O quê?
- Cumprir a sua promessa?
- Que promessa?
- Manter o pinto dentro das calças, ora!
- Há-há... não, não foi. Pra falar a verdade eu não tive muitas oportunidades de...
- Então não foi por opção mesmo, foi mais por falta de...?
- Eu diria que sim. Faz alguma diferença?
- Mas é claro que faz...!
- Sei… e é por isso que você não quer mais nada comigo?

Carolina fitou meus olhos novamente, fingindo surpresa:

- E quem foi que disse que eu não quero mais nada contigo, Celso?
- Você está com esses papos estranhos, me olhando esquisito desde aquele dia que a gente saiu… eu não sei não.
- Você é que estava esquisito, Celso.

- Eu!?
- Passou um tempão sem me ligar, sem responder minhas mensagens…
- Eu já te falei que estava muito ocupado, estudando muito…
- Sei…
- Então você ainda quer algo comigo…?
- Claro que eu quero, Celso, eu quero passar o Ano Novo com você, quero ir passar o Carnaval em Olinda com você… depois do Carná eu quero ira pra festa na Mansão Gabirú com você…

Eu encostei meu rosto ao seu novamente, aparentemente convencido de que ela estava falando a verdade, mas no fundo mesmo eu achei que tinha algo escondido, algo que ela ainda não havia falado, então resolvi investigar:

- Mas…

Carolina fitou meus olhos novamente, sem a mínima preocupação de fingir surpresa:

- Mas eu não quero mais que você deixe de aproveitar a vida por minha causa, Celso, mesmo se as oportunidades forem realmente raras como você deu a entender.
- Hum?!
- É claro que a reciproca é verdadeira.
- Sei…

Eu não entendi direito o que ela havia acabado de falar. Quer dizer, entendi, mas não acreditei:

- Então quando a gente sair…
- Você diz que eu sou a sua ex-namorada, ora! Ex-namorada com benefícios, é claro, mas esta parte só interessa a nós 2.
- Sei…

Ela com certeza estava me preparando para o golpe de misericórdia, muito provavelmente a ser dado ao final das férias... ou será que não? Eu achei melhor nem perguntar o motivo daquela coisa toda, mas ela achou melhor responder a pergunta estampada nos meus olhos:

- Porque eu não quero que um dia você diga pra mim que deixou de aproveitar a vida por minha causa. E vice-versa.

E como ainda haviam algumas dúvidas no meu melancólico olhar ela continuou sua justificativa:

- Minha mãe falou isso pro meu pai uma vez. Eu prefiro que você transe com quem você quiser do que ouvir isto da sua boca, Celso. E eu também não gostaria de falar uma coisa destas para você, jamais.
- Então tudo isso é por que você tem pensado muito na sua mãe ultimamente…?
- E também porque eu sei que no final das contas a gente vai ficar junto mesmo, e isso tudo que acontecer no meio do caminho não vai fazer a menor diferença.

- E como é que você sabe disso, Carolina?
- Eu apenas sei, Celso. Se no final das contas a gente não ficar junto é porque as contas ainda não chegaram ao final.

Eu encostei meu rosto ao seu novamente, tentando processar aquele inesperado volume de informações, mas no fundo mesmo eu achei que tinha algo escondido, algo que ela ainda não havia falado, mas achei melhor não investigar.

Carolina, no entanto, fez questão de sussurrar a resposta às minhas silenciosas dúvidas:

- Porque eu te amo, Celso.

2:1

Eu saí do banho, troquei de roupa e fui ver se estava passando algo de bom na televisão. Não estava, pra variar. Sentei e fiquei esperando o tempo passar. Quando deu o intervalo minha observadora genitora voltou ao seu assunto predileto:

- Não vai comer nada não, meu filho? Você está tão magrinho...!
- Deixa o menino em paz, Clarisse.

Mauro notou que a minha tranqüilidade estava prestes a ficar encurralada e me ajudou a sair daquela enrascada:

- Deu onda hoje, Celso?
- Tava legal, melhor que ontem – eu aproveitei a deixa e engatei uma desinteressada pergunta – tu vais pra festa, Mauro?
- Vou sim. Eu vou passar na casa de Rogério e depois vou pra lá. Estás precisando de carona?
- Não, eu vou com Leo, daqui a pouco ele passa.
- Aonde é esta festa, Celso?
- Deixa o menino em paz, Clarisse, ele está de férias.
- E eu não posso saber pra onde o meu filho vai não?! Como é que eu vou dormir tranqüila se eu não sei onde o meu filhinho está? Como se não bastasse passar o ano inteiro longe do menino...

Eu confesso que naquele momento senti uma breve saudade do H8, onde aquele tipo de argumentação simplesmente beirava os limites do inconcebível, mas logo concluí que não custava nada zelar pelo bom sono da minha preocupada mãe, então passei-lhe a informação requisitada:

- Na casa de Vitória, mãe, aquela menina que namorava com Neno.

Minha mãe deu uma cuidadosa olhada nos meus trajes:

- Não vai botar uma calça não, meu filho? Tá parecendo um maloqueiro!
- Não, mãe, essas festas na casa de Vitória sempre acabam na piscina, então eu já vou preparado, com o meu “boardshort” de fibras ôcas de secagem rápida, tá ligada?
- Tou ligada sim, tou ligada é no resfriado que vocês vão pegar com esta estória de tomar banho de piscina de madrugada... leve uma toalha, pelo menos.
- Boa idéia, mãe – eu achei melhor acatar a sugestão materna.

Levantei, peguei uma toalha seca no meu quarto e fui esperar na sala, mas fui interceptado no caminho:

- Celso, a mãe de Eugênio me ligou hoje, ela disse que ele desistiu do ITA mesmo.
- Desistiu do ITA!? O que é que ele vai estudar?
- Física e Filosofia, pai.
- Física e Filosofia!? E isso lá dá dinheiro?!

- Bom, isso eu não sei, é problema dele.
- Ligue pra ele amanhã, meu filho, converse com ele, vai que ele muda de idéia.
- Eu passei 1 semestre inteiro tentando mudar as idéias dele, mãe, tem jeito não. Quem sabe ele volta no ano seguinte...? – aquela conversa ia ter que continuar no dia seguinte, pois eu acabara de escutar a catacterística buzinada no meu característico amigo Leo – bom, eu vou nessa.
- Daqui a uma meia hora eu apareço por lá.

Mauro com certeza achava que se deslocava com velocidade próxima da velocidade da luz, pois 30 min no relógio dele era no mínimo 90 min nos relógios dos demais.

Tão logo entrei no carro do prestativo amigo ele fez uma marota observação:

- D. Clarisse também mandou tu levar toalha?

Eu olhei para o banco traseiro e vi que ele também estava prevenido:

- Mãe é tudo igual mesmo, né?
- Só muda o nome.
- E o endereço.

Márcia e Vitória não moravam longe, em menos de 10 min chegamos à casa delas. Ou melhor, casarão: 2 andares, estilo colonial, piscina, garagem para 3 carros... aquelas meninas eram mesmo montadas na grana. Mas felizmente não eram dadas a desnecessárias ostentações.

Eu não lembro como foi que elas começaram a interagir com a nossa tchurminha, eu acho que Márcia estudava com uma das irmãs de Crico, o vizinho de Neno. Mas o que eu lembro mesmo é que elas gostavam de promover altas festas, que sempre convidavam-nos para tocar nas tais festas – que sempre acabavam na piscina – e que tinham uma tuia de amigas bonitas. E pela primeira vez em anos eu estava oficialmente disponível para encarar uma delas. Shruiu!!!

Márcia e Vitória eram bonitinhas e simpáticas também. E gostavam de som, naturalmente, mas eu jamais considerei a possibilidade de tentar algo com elas. Primeiro porque Vitória havia namorado com Neno, e segundo porque Márcia estava namorando cm Rodrigo... não ia ficar bem.

Bianca, a irmã delas, era linda e maravilhosa, mas não era nada simpática. Ela raramente passava mais de 15 min naquelas festas. Só aparecia quando estávamos prestes a encerrar nossa apresentação musical, não dirigia a palavra a ninguém, e subia para os seus aposentos logo em seguida, em companhia do nosso simpático amigo Salú. Eles passavam horas a sós, mas ele jurava de pé junto que tudo o que rolava era conversa furada.

Ou Salú era muito discreto ou era muito baitola mesmo, imagina se eu ia passar horas trancado no quarto com Bianca só jogando papo fora...! Pensando bem o simples fato de passar algum intervalo de tempo t2-t1>0 trancado no quarto com Bianca realmente

pertencia ao domínio imaginário, independentemente do tipo de imaginária atividade que seria executada durante tal imaginário intervalo de tempo.

Vitória recebeu-nos com esfuziantes abraços, e logo presenteou-nos com 2 geladíssimas biras. Depois de breve conversação ela foi receber outros convidados que acabavam de chegar – convidadas, por sinal – e nós fomos dar uma geral no ambiente. Tasso e Portuga estavam dando os ajustes finais na equalização dos instrumentos, já devidamente posicionados na ampla garagem, e Neno estava tentando ajudá-los, sem muito sucesso. Leo foi conferir o setor dos comes e bebes, e eu fui conferir o setor aquático, as condições gerais da piscina, principalmente limpeza e temperatura da água. Como se aquilo fosse realmente necessário depois de 2 anos de freqüentes mergulhos no Feijãozinho...

Mas antes que eu pudesse percorrer metade dos 8 m que faltavam até o pé da escadinha que levava ao setor aquático eu vi uma agradável moçoila que vinha do mesmo, descendo os 6 degraus da tal escadinha. Cabelos negros, cortados logo acima dos ombros, saia e camiseta brancas, óculos leves, de armação negra, contrastando perfeitamente com a clara tonalidade do seu rosto. Ela também me viu, mas logo desviou seu olhar e continuou o seu trajeto em sentido contrário ao meu. Eu tive a primeira grata surpresa da noite quando notei que o seu curioso olhar brevemente procurou o meu quando nossos corpos quase tocaram-se ao passarem lado a lado. Ela sorriu discretamente, mais para si mesma do que para mim, e eu fiz o mesmo, já antecipando o espetáculo visual que ela daria mais tarde, ao final da festa, quando suas roupas estivessem molhadas. Shruiu!!!

Rodrigo e Márcia estavam sentados numa das cadeiras à beira da piscina, mas pareciam estar ocupados demais para perceberem a minha presença, então eu fiz que também não os havia visto, dei uma geral na galera que estava na área e saí pela tangente. Voltei para onde estava antes, e fui trocar figurinhas com Leo:

- Meu irmão, tem mulher pracas nesta parada, tá ligado?
- Mulher foi na festa que elas fizeram no mês passado, Celso, tu perdesse. Tavam todas estas marias que estão aqui hoje e mais outras 20, foi muito massa...!

Eu dei uma rápida olhada ao nosso redor e tentei imaginar a magninute do evento que o meu exagerado amigo estava tentando descrever. Depois voltei à realidade:

- Quem é a turista, a de saia branca?
- Sei lá, nunca vi – meu curioso amigo deu uma leve conferida – pelo bronzeado deve ser paulista.
- Só.
- Eita, não olha agora não, Celso, mas ela está olhando pra cá e falando não sei o quê com Vitória.

Obviamente que eu virei o rosto antes que o meu atacante amigo pudesse finalizar a sua cuidadosa advertência, e obviamente que a minha atacante amiga Vitória percebeu a minha descuidada jogada, e logo aproximou-se com a misteriosa dama de branco, a fim de chutar a bola em direção à grande área:

- Celso, esta é a minha prima Marília.
- Oi, Marília, tudo bem?
- Tudo bem!

Depois de uma breve e desconfortável pausa, durante a qual ficamos os 2 tentando disfarçar nossos recíprocos interesses, prima Vitória deu mais outra passada de bola:

- Marília é lá de São Paulo, Celso, veio passar o Natal aqui com a gente.
- Massa...

Eu fiquei pensando em algo apropriado a dizer-lhe, antes que a minha até-o-momento atacante amiga cometesse alguma falha tática, mas demorei demais, minha falta de espontaneidade me custou preciosos segundos. Aquele foi o primeiro erro da noite.

- Celso mora em São Paulo, Marília, ele estuda no ITA.
- É mesmo...!?

A menina fez um expressão levemente indiferente, mas de algum modo contrastante com sua reação inicial. Ela devia ter chegado à equivocada conclusão de que só porque eu estudava no ITA eu era babaca, ou anti-social, ou as duas coisas. Alguém chamou Vitória, e ela saiu junto com a prima. Meu confortador amigo foi rápido e sucinto:

- Que vacilo, Celso, deixaste escapar a turista...

Eu nem discuti, afinal de contas a bola estava mesmo fora do jogo. Os amigos começaram a tocar, eu detonei a bira, peguei outra e fiquei curtindo o som. Ao final da quarta música eu achei que eles estavam merecendo um discreto elogio:

- Os meninos estão tocando direitinho, Leo – virei meu rosto à esquerda para receber a sua confirmação, mas logo notei que ele estava ocupado demais para falar comigo.

Uma estonteante morena havia acabado de iniciar uma agressiva negociação com o meu abordável amigo, e pela expressão do seu olhar – o dela – eu deduzi que provavelmente teria que arrumar uma outra carona para casa. Procurei Mauro, mas pelo visto, ou melhor, não visto, ele ainda não havia chegado.

Avistei a outra anfitriã, e de imediato fui ao seu encontro:

- Oi, Márcia, tudo bem?
- Celso, quanto tempo!!

Depois de um cordial abraço ela puxou-me pelo braço, para uma indiscreta conversa à beira da piscina:

- Celso, sabias que eu estou namorando com Rodrigo?
- Eu tô sabendo da novidade.
- Deixa eu te perguntar uma coisa: faz quanto tempo que tu conheces Rodrigo, Celso?

- Uns 12 anos, mais ou menos... – eu comecei a achar que aquela menina estava encucada com algo, então achei melhor ser um pouco sutil – eu nunca vi Rodrigo se agarrando com macho nenhum, se é com isso que você está preocupada, Márcia.
- Não, não é isso não, menino, vixe!
- Também nunca vi Rodrigo se agarrando com mulher nenhuma. A não ser você, é claro.
- E Gina? Ele falou que uma vez vocês foram acampar em Maraca, e que ela foi também.
- Gina, pode crer, agora estou lembrado daquele acampamento, eles estavam namorando na época... putz, faz uma data que eu não vejo aquela baixinha pentelha.
- Pois vai ver hoje, ela está namorando com Agnaldo. Daqui a pouco ela chega.
- Agnaldo? Taí um cara que eu pensava que era baitola, há-há... se bem que estes 2 eventos não são mutuamente exclusivos.
- Hein!?
- Nada não. O que é que você queria me perguntar mesmo, Márcia?
- Eu queria saber se naquela vez que vocês foram acampar em Maraca rolou alguma coisa, assim, mais periclitante, sabe?
- Jana-jaba?
- É. Entre Rodrigo e Gina, naturalmente.
- Eu só sei que eles dormiram na mesma barraca, Márcia.
- Sim, mas, tu não ouviste nada não, ele não comentou nada...?!
- Eu não ouvi nada, Márcia, eu estava dormindo na outra barraca, com a minha namorada... – "Sheila, que na época **não** estava grávida", concluí para mim mesmo.
- Sei...
- Por que você está preocupada com isto agora? Já faz quase 3 anos que eles acabaram, ela está com Agnaldo...
- Não, não é nada disso não, é que... – ela olhou para os lados, verificou que não havia ninguém por perto – é que a gente já está junto faz um tempinho, sabe, e ele ainda não tocou neste assunto.
- Sei...
- Eu não sei se o motivo sou eu ou se ele... nunca fez estas coisas.
- Sei... quer dizer, eu não sei.
- Nem eu.
- Por que você não toca no assunto?
- Eu não sei nem por onde começar, Celso.
- É muito fácil, minha cara, fala que você está a fim de dormir com ele. Se ele não quiser você pergunta o motivo.
- E se ele disser que ele não quer porque é comigo, Celso?
- Aí você acaba o namoro e parte pra outra.
- Eu não sei não...

Eu fiquei calado por uns instantes, olhando a água movimentar-se ao sabor da leve brisa do verão e pensando comigo mesmo: "Outra que não sabe o que quer. Quer dizer, saber sabe, mas não sabe como conseguir".

- Talvez ainda esteja cedo mesmo...

“E nem quando”, continuei dizendo para mim mesmo. Eu achei melhor mudar de assunto, algo que tivesse um potencial de cristalização um pouco mais elevado:

- Tua prima é uma gatinha, Márcia.
- Ela está a fim de arrumar uns rolos aqui na terrinha, Celso.
- É nada...!?
- É verdade, mas ela é tão tímida... de repente a gente sai junto amanhã. Eu, Rodrigo, tu e Marília.
- Massa...

Depois de uns 10 min de papo furado Márcia achou que estava na hora de voltarmos para o setor musical. Tão logo levantei tive uma estranha sensação de que estava sendo observado, a qual confirmei quando discretamente olhei para uma graciosa silhueta que pairava por trás da janela de um dos quartos do segundo andar da casa.

Márcia foi conversar não sei o quê com as irmãs de Crico, e eu detonei a bira e fui pegar outra. Fui interceptado pela pentelha irmã de Portuga. A qual, para variar, estava acompanhada pela sua igualmente pentelhíssima melhor amiga. Eu já estava me preparando psicologicamente para uns 30 min de intensa dilatação escrotal, mas tive a segunda grata surpresa da noite quando notei que elas estavam acompanhadas por uma graciosa e simpática morena dos cabelos castanhos e cacheados, que antecipou a desagradável ação das outras com um simples cumprimento:

- Oi, tudo bem?

O jeito que ela sorriu e me ofereceu as faces para a troca oscular foi o suficiente para me convencer de que qualquer sacrifício que suas amigas pudessem me fazer sofrer seria justificável, desde que ela permanecesse presente. A pentelha-mor fez uma provavelmente não intencional passada de bola para a grande área:

- Celso, você conhece a nossa amiga Diana?
- Ainda não tive o prazer... – eu respondi depois que os seus perfumados cachinhos se desengancharam dos meus.

Durante os 10 min seguintes eu descobri que conseguia me comunicar telepaticamente – com Diana, naturalmente – pois enquando as 2 pentelhonas nos importunavam com uma série infinita de comentários inoportunos eu ouvia perfeitamente o que ela estava falando consigo mesma, para mim: “vamos conversar em outro lugar, agora!”.

Minhas recém-descobertas habilidades psíquicas também estavam me fazendo visualizar o que estaria a ser descoberto por baixo da sua saia estampada. O que estava por debaixo da sua micro-blusa preta não requeria mais do que 1 dos meus 5 primários sentidos para ser quase que total e literalmente visualizado. Shruiu!!!

O momento crucial chegou quando os presentes estavam aplaudindo os músicos. Aproximei meu rosto ao seu e fiz o esperado convite:

- Diana, vamos conversar em outro lugar, agora?

Ela nem falou nada, segurou a minha destra e me puxou em direção ao setor aquático. E foi naquele exato momento que o meu zagueiro amigo Agnaldo fez, mesmo sem querer, uma incrível, inesperada e inapropriada jogada. Na zaga, naturalmente:

- **Agora nós gostaríamos de convidar o nosso amigo Celso para tocar 2 músicas do STP com a gente. Celso, cadê você?**

Diana parou e me implorou telepaticamente para que eu não atendesse ao chamado, mas o meu senso camaradesco me fez soltar a sua mão e ir segurar a guitarra de Portuga. Aquele foi o segundo erro da noite.

Diana não verbalizou a sua leve decepção, ficou apenas me olhando com uma cara de poucos amigos, mas sua expressão facial melhorou um pouco quando ela ouviu os primeiros acordes de "Plush". Eu concluí que a bola ainda estava em jogo e não me preocupei mais com aquele detalhe. Aquele foi o terceiro erro da noite.

Agnaldo não era nenhum CIB, mas suas audíveis limitações vocais não lhe impediram de fazer uma boa apresentação na primeira música. A coisa complicou mesmo quando ele sugeriu que tocássemos "Big empty" em seguida. Eu não achei a idéia muito boa, pois ainda lembrava muito bem dos maus resultados de todas as vezes em que havíamos tentado ensaiar aquela bela canção. Tasso e Rodrigo também não foram muito receptivos, sugeriram "Interstate love song", ou "Big bang baby", mas não teve jeito, Agnaldo estava querendo impressionar a namoradinha – que naquela altura dos acontecimentos estava devidamente estagnada no gargarejo – e nós acabamos acatando a sua demasiadamente audaciosa sugestão. Aquele foi o quarto erro da noite.

Durante os 5 min seguintes eu descobri que conseguia me comunicar telepaticamente mesmo enquanto tocava guitarra. Não com Diana – que naquela altura dos acontecimentos estava novamente aturando as 2 amigas pentelhonas – mas com a dona da graciosa silhueta que eu havia visto anteriormente, pairando por trás da janela de um dos quartos do segundo andar da casa.

Sua chegada havia sido quase imperceptível, e ela fez questão de manter uma cautelosa distância dos convidados, posicionando-se ao lado da porta que dava para a cozinha, o olhar impassivel, quase que totalmente escondido pelos seus longos cabelos castanhos. Seus discretos trajes, uma camiseta azul com uma indecifrável estampa e um surrado shortinho de mesma cor, demonstravam claramente que ela não iria passar muito tempo por ali, e nem iria cair na piscina mais tarde.

Eu havia notado a sua discreta presença, e ela havia notado que eu havia notado, e enquanto o meu esforçado amigo Agnaldo tentava em vão ultrapassar os inelásticos limites da sua competência vocal eu ouvia perfeitamente o que ela estava falando consigo mesma, para mim: "vocês deviam ter escolhido outra música!".

Mas nem por isso ela deixou de executar um silencioso aplauso ao final da nossa execução: levantou as mãos à altura dos ombros e tocou os dedos lentamente por 3 vezes, mantendo a sua desafetada impassividade, como se não houvesse mais ninguém naquela festa, ou no resto do mundo. E antes que eu pudesse tentar analisar o que estava acontecendo naquele instante ela desapareceu pela porta da cozinha.

Eu entreguei a guitarra de volta para Portuga e fui pegar outra bira. No caminho dei conta de que provavelmente seria uma boa idéia me desfazer do volume de líquidos que haviam se acumulado na minha bexiga antes de introduzir novos volumes, então decidi fazer uma parada no mike. O da piscina estava ocupado, então fui ao outro, perto da cozinha. O qual, para meu literal alívio, estava disponível.

E foi logo depois de finalizar a minha prazerosa tarefa que eu tive a terceira grata surpresa da noite, quando notei que a minha impassível e discreta anfitriã estava prostrada à minha frente, segurando uma garrafa de vinho tinto e 2 copos.

Eu fiquei pensando em algo apropriado a dizer-lhe, mas demorei demais, minha falta de espontaneidade novamente me custou preciosos segundos, e ela acabou levando vantagem no lance:

- Vamos escutar um sonzinho no meu quarto...?

Bianca nem esperou a minha resposta, apenas caminhou em direção os seus aposentos, segura de que eu jamais recusaria o seu irrecusável onvite.

E eu não recusei, naturalmente. Aquele foi o quinto erro da noite.

- Cadê D. Nelma? – indaguei enquanto admirava o vai e vem dos seus quadris subindo a escada.
- Deve estar no quarto, vendo televisão com o meu pai, ou dormindo.
- E ela consegue dormir com este barulho?
- Consegue, ela dorme tranqüila quando sabe que as filhinhas estão em casa.
- Igual à minha...

Bianca parou defronte à porta do seu quarto e me ofecereu a passagem, enquanto largava o esperado e pré-fabricado comentário:

- Mãe é tudo igual mesmo, né?
- Só muda o nome.
- E o endereço.

Fechou a porta atrás de si, colocou o a garrafa e os copos numa mesinha e foi procurar um CD. Eu sabia exatamente qual disco ela estava prestes a colocar, então larguei o esperado e pré-fabricado comentário:

- Eu me amarro neste CD.

Ela achou o disco, mas não me mostrou. Virou o rosto e fingiu curiosidade:

- Qual CD?
- Purple.

Tirou o disco da caixa, inseriu-o no aparelho e previsivelmente selecionou a oitava música, a mesma que Agnaldo havia acabado de detonar. Dirigiu-se à mesinha, abriu a garrafa e encheu os copos. Sentou-se sobre umas almofadas que estavam sobre o chão e convidou-me a fazer o mesmo. Brindou em silêncio e aguardou mais outro pré-fabricado comentário, que eu soltei logo após o primeiro gole:

- Com certeza um dos 10 melhores discos dos anos 90.
- E quais são os outros 9... – sorveu um gole e finalizou a pergunta – desses de 1 palavra só?!
- Core… Dirt… Ten… Dookie… Bloodletting… Rubberneck… Californication… Frogstomp… Nevermind.
- Boa seleção...
- E os seus 10?
- Bellybutton, Yes, Tigerlily, Surfacing, Dusk, Star, Monster, Hello, Crash, Fear.
- Hum, ótima seleção… e dos anos 80?
- Free, Murmur, Green, Boy, War, Dreamtime, Love, Infected, Skyscraper, Pump. E a sua?
- Eu acho que você já esgotou todas as opções.
- Eu acho que sim... vocês têm falado com Salú?
- Não. Eu nem sabia que ele estava no Rio. Eu pensava que aquele negócio de modelo era só um hobby.
- Pois é, ele trancou a faculdade e se mandou... eu espero que ele se encontre por lá.
- Sei...

Obviamente que eu não entendi o que ela estava querendo dizer com aquelas palavras, mas ela fez questão de explicar bem direitinho:

- Vocês não sabiam que ele é... – ela parou para escolher bem o termo mais apropriado – homo?
- Não. Eu pelo menos não sabia, não sei se ele comentou com Tasso, ou Rodrigo.
- Ele sempre me disse que vocês viviam fazendo piadas... talvez ele tenha ficado receoso.
- Pra mim isso não muda nada, ele é meu amigo do mesmo jeito. E só porque a gente faz piada de baitola não significa que a gente seja homofóbico... a gente faz piada de loura também, e eu posso lhe garantir que não somos lourafóbicos também. E muito menos morenafóbicos...

Bianca sorriu satisfeita com os meus comentários, levantou e deu o assunto por encerrado:

- Vem escolher um disco, está em ordem alfabética.
- Alfebética disco ou artista?
- Artista.

Eu comecei pelo começo do alfabeto, parei na letra C e pesquisei mais detalhadamente, puxei o Fashion Nugget e entreguei para ela. Tentei decifrar o que estava escrito na estampa da sua camiseta, mas logo considerei que provavelmente iria ficar esquisito passar mais de 20 ms olhando para aquela parte do seu corpo, então deixei minha curiosidade temporariamente relegada a segundo plano e olhei para o seu rosto.

- Massa... – ele tirou o Purple do player e colocou o outro CD – qual é a música que você mais gosta neste disco?
- A primeira.

Colocou a minha seleção para tocar, deitou no chão, posicionou uma almofada sob a nuca e me ofereceu a outra. Eu deitei ao seu lado e continuei a tomar o tinto. Bianca virou o rosto na minha direção e fez um inesperado comentário:

- Tão melancólica... que nem o teu olhar, Celso.

Eu virei o rosto na sua direção e fiquei olhando para os seus olhos, em silêncio, até que ela decidiu investigar o motivo:

- Faz lembrar da... como é mesmo o nome daquela menina que estava contigo naquela festa no começo do ano?
- Carolina.
- Isso...
- Hum-hum, faz lembrar da época que a gente se conheceu, do tempo em que a gente passava o tempo todo junto...

Bianca achou melhor dar o assunto por encerrado, e permanecemos em silêncio até o final da música, quando eu larguei outra esperada pergunta:

- E você, qual é a música que você mais gosta neste disco?
- A terceira.

Procurei o controle, pulei para a sua seleção e fiz o esperado comentário:

- Tão intensa... que nem o teu olhar, Bianca.

Ela virou a cabeça mais um pouquinho, só para fazer os cabelos escondessem seus olhos, e calmamente esperou que eu os descobrisse novamente com o leve toque dos meus dedos.

Demos início a uma agradável partida, que, contrariamente à tradição, **começou** com a troca de camisas. Tentei novamente decifrar o que estava escrito na estampa da sua camiseta, mas logo considerei que muito provavelmente iria ficar muito esquisito passar mais de 20 ms olhando para aquele insignificante detalhe naquele importantíssimo momento, então deixei minha curiosidade temporariamente relegada a segundo plano e olhei para os mais significantes recém-descobertos detalhes. Shruiu!!!

A partida quase foi adiada quando eu percebi que o gramado principal estava parcialmente alagado, mas Bianca fez questão de me assegurar de que aquele insignificante detalhe não seria impecilho algum para o bom andamento do jogo:

- A não ser que você tenha nojo dessas coisas, Celso.

Eu fiz uma rápida análise da situação e concluí que aquela seria uma ótima oportunidade para mudar alguns dos meus obviamente ultrapassados paradigmas:

- Mas é claro que eu não tenho nojo de você, Bianca.

O jogo foi muito menos esquisito do que eu havia antecipado que seria, e o primeiro tempo acabou aos 46:30, com o satisfatório placar de 2 X 2. Bianca retirou-se para o vestiário, cuja entrada ficava ali mesmo no seu quarto, e passou os 5 min seguintes tentando não fazer muito barulho.

Foi quando eu finalmente tentei ler o que estava escrito na sua camiseta, pois achei que naquela altura dos acontecimentos não iria mais ficar nem um pouquinho esquisito satisfazer a minha curiosidade. Aquele foi o sexto erro da noite.

Mentalmente li a frase 2 vezes até que finalmente compreendi o oculto significado daquelas palavras que, à primeira vista, não faziam sentido algum.

Bianca abriu a porta e sorriu consigo mesma quando viu que eu estava rindo sozinho. Pegou o Green Album, colocou "Hash pipe" pra tocar e sentou ao meu lado:

- Com quantas meninas você transou, Celso?
- Deixa eu ver... – aqueles era decididamente o caso de se usar a equação de Lucio-Celso, Nd=2x(Nr-1), ou seja, Nd=2x(5-1)=2x4= – 8, incluindo você.

Ela me olhou desconfiada, como se estivesse esperando uma recontagem, mas eu não titubeei. E antes que ela pudesse voltar ao ataque eu revidei:

- E você, Bianca, com quantas meninas você transou?
- Nenhuma... mas já fiquei com uma, uma vez.
- Defina "fiquei"...
- Abraço, beijo...
- De língua?
- Hum-hum.
- Rolou peitinho?
- Não! Claro que não!
- Sei... e como foi?
- Como assim?
- Como foi que começou, quem começou, o que você sentiu...
- A gente tava conversando sobre relacionamentos, ela perguntou se eu já havia beijado alguma menina, eu disse que não, ela também disse que não... eu acho que a gente ficou curiosa.

- E foi bom?
- Foi diferente... mas eu achei que tava faltando algo.
- E ela?
- Ela disse a mesma coisa.
- Eu sei o que é que tava faltando... eu! Nós 3 íamos ser um casal massa...
- Eu duvido muito... você não dá conta nem de mim, quanto mais de 2...

Bianca me deu um beijinho, olhou para a sua camiseta e logo deu o assunto por encerrado:

- E então, Celso, "On Jack's town base?" – ela colocou a mão no bolso lateral do meu "boardshort", mas tudo que encontrou foram alguns resquícios de parafina.

Ela devia ter chegado à equivocada conclusão de que só porque eu pegava onda, tocava guitarra e tinha cabelos compridos eu sempre portava uma satisfatória quantidade de substâncias entorpecentes comigo, mas eu fiz questão de esclarecer que a sua lógica não era muito robusta:

- Em lugar nenhum – eu respondi firmemente.

Aquele foi o sétimo erro da noite.

Bianca levantou, colocou um pijama e desligou o som. Sentou na cama, olhou para as minhas roupas no chão e cruzou os braços. Eu senti que o segundo tempo acabara de ser melado "ad aeternum". Coloquei meus trajes novamente e olhei mais uma vez para o seu lindo rosto. Depois abri a porta e saí de fininho, enquanto ela murmurava sua despedida:

- Bem que Salú falou...

Aquela foi a última vez que eu vi Bianca.

Enquanto eu descia os 16 degraus da escada eu tentei analisar o que acabara de ocorrer. Eu sempre tive a parabólica crença de que sexo + drogas + rock'n'roll = cte, ou seja, quando uma das parcelas p=0 as outras duas ficavam maiores. Ela na certa ela era uma daquelas pessoas que tinham a hiperbólica crença de que sexo x drogas x rock'n'roll = cte, ou seja, quando um dos fatores f=0 os outros dois ficavam indefinidos. Ou, no meu caso, definidos e iguais a zero!! Aquilo não fazia sentido algum para a minha mente racional.

Como é que uma menina linda e maravilhosa como ela podia ser tão... irracional?!? Talvez o meu parabólico amigo Zeca, que afirmava que beleza + inteligência = cte, estivesse mesmo certo. Ou talvez o meu hiperbólico amigo Adriano, que afirmava que beleza x inteligência = cte, estivesse mesmo certo.

Cheguei ao térreo convencido de que a minha noite estava mesmo perdida. Peguei outra bira e chamei Tasso e Danilo para uma reunião especial da diretoria. Aquele foi o oitavo e último erro da noite.

Fiz um resumo do meu drama – naturalmente omitindo os detalhes gráficos do primeiro tempo, mas espicificamente evidenciando os detalhes ilógicos do infinito intervalo – e depois passei 10 min suportando os afetados comentários dos exaltados amigos:

- É claro que tu vacilou, Celso!
- Taí uma mulherzinha que sabe exatamente o que quer, quando quer, como quer e como conseguir, hé-hé.
- Tu devia ter falado que já tinha detonado a marofa antes da festa... já tinha é lasca, né?
- Pode crer, parece até o feminino de jatinho, hé-hé.
- Ou então que tinha deixado no carro de Leo, e que mais tarde pegava.
- Ou então que ia descolar uns 100 g amanhâ.
- Isso, mulher adora ser enganada, velho.
- Nem todas, meu amigo.
- Bom, é sempre bom manter uma cautelosa distância das que não gostam.
- Meu irmão, se fosse comigo eu ia no interior do Ceará e trazia um caminhão cheio de bagulho, tá ligado?
- Só, tudo pra dar um trato naquela maria. Tudo em nome da sacanagem, Celso.
- Tu és um babaca mesmo...
- Vê se pelo menos aprende com os teus erros, aruá.

Eles continuaram a reprimatória ladainha, mas eu parei de prestar atenção ao que eles diziam e tentei escutar o que eu estava querendo dizer para mim mesmo. O que é que eu havia aprendido naquela quase improdutiva noite? Salú era baitola mesmo, e lombreiro, mas e daí? E o keko? Bianca era esquisita mesmo, inesperadamente acessível, e também lombreira, mas e daí? E o keko? Por que eu não conseguia ficar plenamente satisfeito com o que estava acontecendo num determinado momento qualquer? Por que eu sempre tinha que investigar todas as possíveis possibilidades? E por que eu sempre tinha que ficar analisando tudo o tempo todo, procurando uma inexistente lógica por trás de todos os mundanos acontecimentos ao meu redor?

Talvez Carolina estivesse mesmo certa, talvez eu precisasse mesmo achar uma forma de melhor balancear a minha vida acadêmica e a minha vida social... talvez eu precisasse mesmo cortar de vez os meus vínculos emocionais com Carolina... talvez eu precisasse mesmo surfar com mais freqüência... talvez Carolina estivesse mesmo certa, e nada daquilo tudo iria fazer a menor diferença no final das contas... talvez eu estivesse precisando de mais outra cerveja para ficar pensando melhor.

Olhei ao redor, percebi que a minha querida amiga Vitória estava com uma carinha um tanto quanto esquisita e fui investigar:

- O que foi que houve, menina?
- Ai, Celso, esta festa está um desastre...!

Eu quase caí depois de ter recebido a dose quase fatal de vapores etílicos que escaparam da sua boca, mas recobrei-me a tempo:

- Como assim!?
- Só tem mulher, e os poucos homens que apareceram trouxeram ainda mais mulheres. Até agora eu contei 15 homens e 32 mulheres.
- Sei... – aquela favorável proporção me fez pensar que talvez ainda houvesse uma esperança para um feliz final de noite, uma possibilidade, ainda que tardia.
- Agnaldo trouxe a namorada e a irmã da namorada. Portuga trouxe a namorada, a irmã pentelha, a amiga pentelha da irmã pentelha e a amiga delas, que além de não ser pentelha é bonitinha.

Diana... eu sabia que estava me esquecendo de algo importante. Shruiu!!!

- Sei... – com certeza ainda havia esperança, só faltava encontrá-la.
- Danilo trouxe a irmã, a namorada, a irmã da namorada e as 2 irmãs de Júlio. Que não veio, disse que ia sair com uma tal de Juliana. 5 ao total.
- Sei... – eu escaneei o recinto, mas não vi Diana em lugar nenhum.
- Crico trouxe as 2 irmãs, que trouxeram mais 2 amigas, cada uma. Ou seja, Crico trouxe um total de 6 mulheres, Celso! 6!!!

Eu fiquei ligeiramente feliz quando percebi que o álcool ainda não estava afetando a sua capacidade de executar simples operações aritméticas. Decidi sugerir algo não tão inusitado:

- Tasso trouxe Neno, hein...?
- Neno não conta, né? Afinal de contas eu já namorei com ele. E Tasso também não vale, pois ele teve uns rolinhos com Márcia, e aqui em casa a gente tem essa regra de não se atracar com menino que já passou pela mão da irmã, sabe?
- Sei... – "ainda bem que meu irmão e eu nunca tivemos esta regra... e por falar no meu irmão... ele estava presente" – Mauro trouxe Rogério.
- É mesmo... – Vitória abriu um generoso sorriso – ele tem namorada, Celso?
- Não, Rogério nunca passa mais de 2 dias com a mesma menina... ele disse que seria uma injustiça social com as outras 299,999 que estão sobrando na cidade.
- Será que ele está com alguém...? – depois de uma rápida escaneada ela fechou a cara novamente – ele está se agarrando com aquela amiga não-pentelha da irmã pentelha de Portuga.

Diana... decididamente bola fora do jogo. Do meu, naturalmente.

- Eu acho que eu tive uma idéia, Celso – Vitória sorriu novamente, o que me deixou ligeiramente preocupado.
- Que idéia?
- E se a gente ficasse hoje...?
- Hum... – obviamente que aquela absurda idéia havia sido fruto da desastrosa combinação álcool + desespero de final de festa, mas eu tentei uma saída diplomática, algo que não ferisse o seu amor-próprio, ou falta de – eu não sei se esta idéia é muito boa não, Vi.
- Por que não?

- Porque... – "eu acabei de passar pelas mãos, e pernas, e coxas etc da tua irmã Bianca, e eu não quero ser o motivo de distúrbios domésticos" – porque eu acho que Neno ainda é a fim de ti, não ia ficar bem, né? Afinal de contas Neno é praticamente meu irmão.
- Será que ele ainda gosta de mim...?
- Eu acho que sim, Vitória.
- Ai, será que eu vou lá falar com ele, Celso...?
- Vai, vai ver se ainda tem alguma coisa.

Ela foi, para meu alívio mental, e naquele exato momento eu ouvi alguém cair na piscina. A festa estava decididamente chegando ao final, e as minhas expectativas estavam decididamente chegando perto de zero.

Mas pelo menos eu havia feito a boa ação do dia. Ou melhor, da noite. Detonei o resto da bira e fui ao mike para nova esvaziada de bexiga. O perto da cozinha estava ocupado, então fui ao outro, o da piscina. O qual, para meu literal alívio, estava disponível.

E foi logo depois de finalizar a minha prazerosa tarefa que eu tive a quarta e última grata surpresa da noite, quando notei que havia uma agradável moçoila prostrada à minha frente. Cabelos negros, cortados logo acima dos ombros, saia e camiseta brancas, echarcadas d'água, óculos leves, de armação negra, contrastando perfeitamente com a clara tonalidade do seu rosto... e segurando 2 geladíssimas biras. Shruiu!!!

Ela sorriu timidamente e falou as 2 inesperadas palavrinhas mágicas da noite:

- Oi, Celso...

Essa Moça Tá Diferente

A coisa que eu mais gostava no ITA era a primeira semana de aula, principalmente a do começo do ano. Aquela expectativa em relação às novas matérias, novos professores, novos labs, novos amigos... eu adorava aquilo. E também adorava rever os velhos companheiros e companheiras, é claro.

Mas era também naquela semana que eu finalmente me dava conta de que os amigos que haviam se formado no ano anterior não estariam mais convivendo conosco, e no começo do meu terceiro ano na escola eu senti a falta de vários deles logo quando cheguei no H8.

Era uma tarde de domingo, e alguns dos meus conterrâneos estavam chegando junto comigo. Largamos nossas coisas nos apês e fomos tomar cerveja no Mosca, onde encontramos outros colegas que também haviam acabado de voltar das férias. Depois de vários apertos de mão, abraços e beijos começamos a jogar papo fora, e bira dentro.

Chico estava duplamente feliz: havia deixado de fumar e tinha arrumado uma namorada na terra dele:

- Nós vamos casar logo depois que eu me formar.
- Mas Chico, ainda faltam 3 anos, e tu conheceste a menina não faz nem 3 meses! Como é que tu sabes que vais te casar com ela?
- É o amor, Vic, quando tu tiveres apaixonado como eu estou tu vais entender...
- Pessoal, vamos fazer um brinde ao Chico e à noiva dele...
- Não, Bico, quem falou que ela já é minha noiva?
- Ué, você não disse que ia casar com ela? Eu pensei que já estivesse noivo.
- Não... ela ainda não sabe dos meus planos...
- Ela já sabe que vocês tão namorando, Chico?
- Isso ela sabe, Sandra... e você, vai casar no ano que vem?
- Não, claro que não...
- Mas você vai se formar este ano... está noiva...
- Estou, olha aqui o bambolê... mas isso não significa que eu vou casar... pelo menos não no ano que vem.
- E quando vai ser o casório, Sandrinha?
- Sei lá, Celso... daqui a uns 2 ou 3 ou 4 anos...
- Não se esqueça de me mandar um convite, se eu estiver na área irei sem falta, seu noivo é muito gente boa.
- Tu conheceste o cara?
- Conheci numa festa de fim de ano do pessoal da AEITA... que foi em janeiro...
- Por sinal eles já deviam ter mudado o nome pra AEEITA, Associação dos Engenheiros e Engenheiras do ITA, não é mesmo, Celso? Depois de tanta menina que já se formou nesta escola é um absurdo manter este nome sexista.
- Concordo plenamente, Sandrinha, vamos levar esta idéia adiante.
- AEITA? Isso não é coisa só de ex-aluno?
- Eles convidaram os alunos também, foi massa... Bebeto foi também, Sávio, Moreira, Eraldo...
- Celso levou a namorada dele, um amor de pessoa...

- Gostosíssima também...
- Que é isso, Sávio, respeita a namorada do cara...
- Ex-namorada, Sandrinha...
- Mas nem por isso deixa de merecer respeito, não é?
- Mas como foi esse lance, Celso? Saindo com a ex?
- O amor acabou, mas a amizade continua... por que é que tu não foi, Bico?
- Eu tava no interior... Príncipe foi?
- Não... nem o irmão... ainda bem...
- Moreira também levou uma menina, não foi Moreira?
- Uma amiga...
- Gostosíssima também...
- Já deu pra notar que Sávio não levou ninguém...
- Sávio tem uma namoradinha aqui em São José...
- Quem é, Vic?
- Eu não posso falar quem é, ela ainda não sabe que eles estão namorando, hé-hé-hé...
- Quem é, Sávio?
- É onda desse aruá, Chico...
- Eu sei quem é...
- Fala, Bia, libera...
- Ela também é louca por ele...
- Ela disse isso, foi?
- Não com essas palavras, Sávio... mas disse.
- Vai rolar...
- Ela disse que o Celso também tem uns rolos com uma menina misteriosa aqui em São José.
- Que papo é esse, Bia?
- Bom, isso não é novidade pra ninguém...
- E ela não estava falando da Maria Luiza, gente...
- Isso é novidade... é verdade, Celso?
- Eu não sei de nada... ela por acaso citou o nome desta hipotética menina?
- Não... ela falou que não sabia o nome da menina, mas já viu vocês juntos.
- Tá vendo? É tudo onda dessas meninas, tudo fofoca...
- É a Cristina!
- Eu bem que desconfiava... aquela musiquinha do Show do Chacal disse tudo...
- Para com isso, Chico, não tá vendo que isso é boato? Parece até daquela vez que tavam boatando que Bia tava a fim de mim...
- Aquilo não era boato, Celso...
- Hú-hú, vai rolar!
- Como é que é?
- Eu estava mesmo interessada, Celso.
- E por que você não me disse nada?
- Esses meninos querem que a gente vá correndo atrás deles, né, Bia?
- É, Sandra... eu dei todos os sinais, lembra do seu aniversário? Você é que não notou nada... também, tava que nem um cachorrinho atrás da Maria Luiza...
- E você acha que ainda rola alguma coisa, Bia?
- Não, Chico, já passou... e de qualquer jeito o Celso já tem essa menina misteriosa.
- O negócio já passou da fase platônica em que o nosso amigo Sávio se encontra?

- Já, e muito... pelo menos foi o que me disse a...
- Êpa, pode parar.
- Ai, Sávio... quase que eu falo...
- Traz mais cerveja pra essa menina que ela hoje tá inspirada...
- Bom, se não é a Cristina...
- Vai ver que a Cristina tá a fim do Sávio...
- E vai ver que Sávio gosta da Bia...
- Que gostava do Celso...
- Que gostava da Lú...
- Que vai cair de porrada nessa coitada misteriosa assim que ela descobrir o que está acontecendo... há-há-há...
- Vocês tão lendo muita Contigo...
- Vai, Celso, conta logo essa estória.
- Não tem estória nenhuma, Sandrinha...
- E a ex lá da terrinha? Conta mais alguns detalhes, Celso...
- Detalhes?
- É, vocês passaram as férias juntos?
- Boa parte, passamos o Carnaval em Olinda...
- E aí? Rolou sexo?
- Que tipo de pergunta é essa, Sávio?
- Conta, conta...
- A gente foi passar um dia em Porto de Galinhas... tava rolando umas ondinhas no Cupe, depois a gente foi pra Maraca... foi massa.
- E aí? Rolou sexo?
- Sandrinha!? Até você?
- É a pergunta que todo mundo quer saber, Celso.
- Quando a maré secou nós fizemos amor lá no Pontal... dentro d'água... foi massa!
- Fizeram amor? O que é que aconteceu com as palavras trepar, fuder?
- Ai, Chico, que falta de romantismo...
- Que romantismo, Bia? É o Celso! A coisa mais romântica que esse sujeito já fez na vida foi gravar um CD pra namorada dele... quer dizer, ex.
- Nós já passamos dessa fase, Chico... agora nós fazemos amor, é bem melhor que fuder... um dia você também vai saber o que é isso... eu espero.
- Ai que lindo... e como foi que vocês colocaram a camisinha dentro d'água?
- Nós já passamos dessa fase também, Bico...
- Minha gente, esse negócio tá mais sério do que eu pensava... desse jeito tu vais casar antes de mim, Celso.
- Quem vai casar mesmo é a Sandra... o cara tá apaixonado por ela, Chico.
- Você acha que ele fica de bobeira enquanto eu estou aqui? Naquela cidade cheia de mulher atrás de homem? Ainda mais dando plantão 3 vezes por semana...
- Que é isso, Sandra? O rapaz é fiel!
- Homem é tudo cúmplice, né? Conheceu o sujeito uma vez e já tá defendendo...

O bostejo continuou rolando, a bira continuou fluindo e aos poucos eu me convencia de que aquele ano ia ser bem melhor que o anterior. Eu ia cursar MEC, ia ter a primeira aula do Prof. no dia seguinte, tinha bons amigos no H8 e estava disposto a mais uma vez tentar descobrir o que SJK tinha para oferecer.

As férias haviam sido muito boas, as melhores da minha vida, apesar de Carolina ter passado boa parte do tempo impassível, quase indiferente. Talvez ela não gostasse mais de mim do jeito que ela gostava antes, e que estava somente fazendo uma suave transição de volta ao tempo em que nós éramos apenas bons colegas de turma.

Em poucos meses eu ia me dar conta de que aquilo seria somente outra fase. E em poucas semanas eu iria esquecer quase que completamente o que havia ou não havia acontecido nas férias... eu e metade do H8. E em poucos dias eu iria estar completamente inserido de volta à minha mundana vida acadêmica, e em poucos segundos eu iria ter uma grata surpresa.

Eu estava divagando sobre aquilo tudo quando Chico sutilmente me chutou por debaixo da mesa. Eu olhei pra ele, percebi o sinal que ele fez com os olhos e quando me virei deparei-me com uma visão alucinante. Algo havia acontecido durante as férias, ela estava diferente. Os cabelos com certeza estavam mais longos, mas não era só isso, seu olhar havia mudado, estava mais... sensual, provocante até. Eu achei que tinha sido o efeito daquela bira toda que tava rolando, mas quando ela falou o meu nome e eu percebi que até sua voz estava mais "caliente" eu me dei conta de que aquela menina que eu conhecera 2 anos atrás não existia mais, havia sido substituída pela mais recente versão 2.0: maior, mais robusta, mais dinâmica, mais... tchuns! Cacilda...!

- Celso! Que saudades...
- Cristina... – eu levantei e enquanto ela se aproximava para abraçar-me eu fiquei olhando-a de alto a baixo – você está tão bonita...
- São os seus olhos...

Abraçamo-nos por mais de 1 min. Deu pra sentir que ela havia crescido mesmo, pelo menos nos eixos x e y.

- Senta aqui do meu lado...
- Obrigada... oi, pessoal.
- Oi, nada, eu também quero um abraço desses...
- Sai pra lá, rapá, tira a mão da menina.
- Oi, Valéria, você também está diferente...
- Eu sei, Chico... mas quando chegarem as provas eu volto ao normal... o gagá emagrece.
- Senta aqui do meu lado... pronto, agora podemos voltar a beber.
- Estou vendo que boa parte da Panarita está aqui reunida, mas estou sentido a falta de alguns elementos ilustres, a ver: Camilo?
- Bebeu muito durante a viagem, Valéria, deve estar no apê dormindo... ou vomitando.
- Lulu?
- Deve estar fazendo balé por aí...
- Valter?
- Foi ver a namorada.
- Bebeto?
- Tá dormindo.

- Marta?
- Tá ocupada...
- Renato?
- Tá ocupado...
- Marco Antônio?
- Tá no 132, tocando violão...
- Ruizola?
- Tá fazendo companhia ao Marco Antônio.
- Alfredelho?
- Decidiu ficar mais 1 semana de férias.
- Tino?
- Tino ganhou mais 1 ano de escola, alimentação, moradia e assistência médica...
- Oh-oh...
- Só volta no semestre que vem... mas a paratosa tá comigo.
- Eu não acredito que ele deixou com você, Celso, Tino tem o maior ciúme daquele carro!
- É, Tina, mas ele restringiu a kilometragem, nada de passear fora da grande São José... Cabeça foi trancado também. Cadê a Lú?
- Ela está trancada...
- O quê?! Não é possível!
- ... no quarto dela, estudando ELE...
- Menos mal... que susto você me deu.
- Coitada, foi a primeira segundinha dela.
- A primeira a gente nunca esquece, não é, Celso?
- Eu já esqueci a minha... e nunca mais vou pegar outra... teu cabelo tá tão grande, Tina, tá maior que o meu.
- Você cortou?
- Eu dei uma aparadinha nas férias, só pra tirar as pontas.
- Tá tão bonito, cheio de cachinhos...
- Pronto, agora essas 2 meninas vão passar o resto do dia alisando os cabelos uma da outra.
- A inveja é uma merda... você está tão bonita, Cristina, o que foi que aconteceu?
- Arrumou um namoradinho nas férias...
- Deixa de fofoca, Valéria!
- É verdade...
- Logo vi, mulher fica mais bonita quando tá apaixonada...
- Cala a boca, Vic... é verdade, Tina?
- Não, Celso, não foi nada demais, só um namorinho de verão... já acabou.
- Ainda bem... vem aqui, me dá outro abraço... humm, eu tava com saudades de você, Cristina.
- Eu também tava, Celso.
- Égua, que agarradinho bom, hein, Celso?
- Com certeza, Chico, com certeza...
- Vai me dizer o que você vai fazer?
- Amanhã você vai ver... logo cedo, antes da aula inaugural...
- A gente fez uma aposta lá no apê, quer dizer, uma anti-aposta.
- O quê?

- Eu acho que vai ser INFRA, a Valéria acha que vai ser AER. A Lú tem certeza que vai ser MEC, ela disse que conhece você melhor que a gente...
- Hum, e quem perder a aposta vai fazer o quê?
- Quem ganhar é que vai ter que fazer uma coisa... é por isso que é uma anti-aposta.
- E o que é essa coisa?
- Você vai ver... ou não, talvez você esteja de olhos fechados...

Na manhã seguinte encontramo-nos no H15, e depois do café da manhã fomos caminhando para o ITA, Cristina, Valéria, Adriano e eu. Quando chegou no cruzamento da biblioteca eu parei e fiz que tava me despedindo deles:

- Eu acho que vou pegar as direitas... a gente se vê na hora do almoço.
- Não! – as duas gritaram ao mesmo tempo.
- Você devia estar feliz, Valéria...
- E quem disse que eu queria ganhar esta anti-aposta?
- Então, neste caso... vamos em frente.

Atravessamos a rua e subimos a escada. Eu parei na frente do corredor da MEC, olhei pra Cristina e disse bem sério:

- Vou sentir sua falta na sala de aula.
- Eu também, Celso.
- Não vá me dizer que você também não queria ganhar...
- Eu preferia que a gente estudasse junto nos próximos 3 anos...
- Eu também... té mais.

Valéria foi para a sua classe, Tina e Adriano foram para a deles e eu saí andando em direção à INFRA, mas dei meia volta logo em seguida. Fiquei perto da porta e depois que eles sentaram eu entrei na sala e sentei junto deles. Nós 3 ficamos sorrindo em silêncio, por uns 10 s, e depois eu iniciei o ano letivo:

- Pessoal, antes de mais nada: Viva a MEC!
- Viva a MEC! – responderam todos.

Amigos Novos E Antigos

- Celso, vamos levar um som? Medeiros disse que quando chegasse no quinto ano ele iria tocar todo dia, nós temos que aproveitar.
- Vamos... – eu respondi do chuveiro – vai indo que eu te encontro lá.

Eu terminei meu banho, peguei a Tele e fui pra sala de música. Começamos com "Interstate love song", só pra esquentar. Nós havíamos planejado tocá-la no Encontro Musical do ano anterior, mas Shimano e JF vetaram a idéia. CIB conseguia tocar guitarra e cantar ao mesmo tempo razoavelmente bem, mas ainda tinha uma certa dificuldade pra cantar e tocar baixo simultaneamente, e nós acabamos não realizando nosso intento. Mas ainda tínhamos esperança, e aproveitamos aquela primeira sessão do ano para ensaiá-la um pouco mais, ou seja, umas 8 ou 10 vezes.

Medeiros havia decidido dedicar-se intensamente à batera. Ele ainda não estava satisfeito com seu desempenho, mas naquela noite já deu pra notar o progresso que ele havia feito. Bruno também ia ficar contente com aquilo, pois ele ia ter mais disponibilidade para tocar com aquelas outras pessoas que injustamente acusavam-nos de monopolizá-lo, i.e., Grego & CIA.

Lá pelas 9:00 nós decidimos fazer uma pausa, e foi durante aquela pausa que se iniciou um novo capítulo da história musical do ITA. Nós estávamos sentados conversando sobre as viradas e passadas e coisa e tal quando Bico trouxe um sujeito na sala de música. Pelo corte de cabelo e pela cara de assustado do rapaz eu deduzi que se tratava de um bicho, mas pela expressão no rosto do meu conterrâneo eu suspeitei que aquele bicho devia ter qualidades especiais. Bico confirmou minhas suspeitas:

- Celso, esse é o cara que Fabrício disse que toca que só. O nome dele é Beto.

Eu levantei e estendi a mão pra ele:

- Oi, Beto, tudo bem? Esse aqui é o CIB, e esse é o Medeiros, nosso exímio baterista.
- Oi...
- Eu estou no primeiro MEC, o único curso realmente alto nível desta escola, eles estão no terceiro ELE.
- No quinto ano, o final de tudo.
- A gente tá fazendo um intervalo, você quer tocar alguma coisa, Beto?

Eu entreguei a Tele pra ele, ele checou a afinação e começou a tocar "Interstate love song". CIB olhou pra mim e comentou satisfeito:

- Engraçado... a gente tava tentando tocar essa música ainda há pouco...
- Eu tava passando por aqui e ouvi... mas eu não queria atrapalhar o ensaio de vocês...
- Eu encontrei o Beto no hall do C e trouxe-o de volta pra cá, gente.
- Fez muito bem, Bico – CIB levantou-se – Celso, pega o baixo... vamos lá, do começo.

Nós ficamos tocando até umas 11:00 horas, eu queria dormir cedo, na manhã seguinte eu teria a minha primeira aula de Análise Dinâmica de Sistemas e eu não queria correr o risco de chegar atrasado na aula do meu conselheiro.

Eu havia decidido mudar de conselheiro no final do Fundamental. Falei pra minha conselheira que tinha decidido fazer MEC, que estava pensando que seria bom ter um conselheiro da MEC, e que inclusive já tinha alguém em mente. Ela concordou com meu ponto de vista e até sugeriu alguns nomes. Para minha felicidade o meu candidato estava no topo da sua lista.

Valmir também era aconselhado dele, e sempre falava que estava muito satisfeito. Mas a primeira pessoa que havia me falado bem do Mestre tinha sido Renata, na minha primeira semana de aula do primeiro ano. Segundo ela o Mestre era coerente, "dá o que cobra e cobra o que dá" e justo "ele não persegue ninguém, detona todo mundo por igual". Coisas que eu iria ter o prazer de verem confirmadas muito em breve.

A aula foi muito interessante, e pelo ritmo que correu deu pra sentir que aquela matéria não ia ser moleza, e não foi mesmo. Mas meus amigos de turma e eu estávamos muito felizes, pois finalmente havíamos começado a estudar Engenharia, e aquela masturbação mental de épsilons, deltas e teoremas do Fundamental havia ficado pra trás.

Adriano, Valmir, Zeca e eu almoçamos com JF e Shimano e outros colegas da ELE, que já estavam reclamando que tinham ficado até as 6:00 no lab da tarde anterior. Nós mecânicos comentamos que aquele semestre tinha a peculiar propriedade de juntar os 2 professores mais temidos da MEC, e que a trolha ia ser grande e grossa. E o pior era que a mesma dupla dinâmica ira nos atazanar a vida novamente no quarto ano.

Mas todos estávamos deveras empolgados com o início do terceiro ano. Pareceia até que havíamos acabado de entrar no ITA, com a diferença de que, após 2 anos de experiência na escola, todos sabíamos que aquela aparente tranqüilidade da primeira semana de aula iria muito em breve se converter em real e imediato desespero.

No caminho de volta pro H8 falei pra JF e Shimano que havia um conhecido um cara muito bom de som, e naquela terça à noite eles foram conferir. A principio Beto sentiu-se um pouco intimidado com aquela atenção toda, mas aos poucos ele foi se entrosando com o pessoal, e logo descobrimos que ele também tocava baixo, piano, bateria, flauta transversa, cavaquinho... e cantava.

Beto também gostava de vários estilos musicais, e sabia tocá-los com maestria. Nós começamos a fazer planos para o Show do Ponto Médio da minha turma e para o Encontro Musical, ambos iam acontecer no segundo semestre. E ficamos tocando por um bom tempo, até que alguns chacais interromperam a nossa diversão. CIB foi o primeiro a escrotizar com os coitados:

- Vocês reservaram este horário?
- Não, a gente tá procurando uns bichos pra dar trote, e parece que tem um ali, ó.
- Aquele é o nosso bichinho de estimação, ele hoje está sob nosso controle.

- Mas ele tem que participar do trote, e hoje é dia de...
- Hoje é dia dele levar trote da gente, não é, Celso?
- É, inclusive nós vamos dar uma velva nele... daquelas bem cheirosas...
- É... e depois tem 1 dose especial de dentifrício, não é, Medeiros?
- É, se vocês quiserem também tem pra todos.

Os pleonásticos chacais babacas ficaram se olhando, não sabiam se a gente tava falando sério ou não:

- Eu acho melhor a gente se mandar... – disse um deles.
- Eu também acho – o outro concordou.
- Bando de recalcados... – CIB comentou enquanto eles saíam da sala.
- É, por culpa do Celso, Alex, JD, JA, JF... – o terceiro saiu resmungando.
- Tá vendo que bando de mal agradecidos, CIB? A gente acochambrou tanto esses caras no trote e agora ficam falando mal...
- Esquenta não, JF, vamos tocar mais... Beto, aquilo foi brincadeira da gente, viu? Ninguém aqui vai te dar velva, a gente já passou dessa fase.

Quando eu voltei pro apê coloquei um cartaz na porta com os seguintes dizeres: "AQUI NAO TEM BICHO NEM CHACAL – VÁ ENCHER EM OUTRO LUGAR, SENÃO VAI TER". Meu nome ainda devia inspirar algum respeito, pois nós não fomos incomodados.

Na quarta de manhã tivemos aula de Probabilidade e Estatística. Adriano fez um monte de pergunta, tava claro que ele queria bajular a professora. Depois tivemos EST, e Valmir constatou o que seria a nossa primeira decepção com o Profissional: superposição de currículos. O que o professor tava dando era igualzinho ao que nós havíamos visto em ResMat. Foi duro aceitar a dura realidade de que nada era perfeito, nem mesmo a MEC.

Nossa turma estava bem entrosada, a distribuição espacial já tinha sido estabelecida e a turminha do fundão congregava basicamente o pessoal que tinha sido da Turma 1: Alex, Bartô, Cristina, Juliano, Rocha, Valmir e eu. Angelina preferiu ficar lá na frente, e K-Zé assumiu o seu lugar lá trás, junto de Adriano. Nélio foi eleito representante de turma, e fez um trabalho tão bom que permaneceu no cargo até o final do curso.

Na quarta à noite nós não tocamos nada, outros colegas estavam usando a sala de música. Giz e eu fomos fazer o primeiro programa do ano na RUSD. Nós não havíamos estudado juntos no Fundamental, mas ele estava na MEC também. Depois do programa eu fiquei no Mosca com Adriano, ele estava se divertindo com aquela brincadeira de adivinhar nomes. Ele me convenceu a tentar fazer o mesmo, mas não funcionou:

- Tenta aquele ali, Celso.
- Tá bom... ei, bicho, vem cá... qual é o meu nome?
- Celso.
- Hum... que tal aquela dali?
- Ei, menina, vem cá... qual e o meu nome?
- Você é o Celso, não é?

Adriano achou melhor ir estudar para a segundinha de ResMat que ele havia pegado, e eu fui pro 228 escutar mais umas estórias das aventuras de Luca e Ricardo na Europa. Luca estava morando conosco, aparentemente o inverno europeu havia amolecido o coração de Ricardo. Ou talvez ele estivesse mais tolerante com as pentelhações alheias depois de ter encarado a dezena de loiras maravilhosas que ele disse que encarou. Obviamente que ninguém acreditou naquelas lorotas, mas...

Na quinta à noite chegamos cedo na sala de música. CIB ia dormir na casa de Marina e Medeiros ia pra Sampa na sexta de manhã. JF e Shimano não puderam ir, ainda estavam terminando o relatório do lab daquela tarde – viva a ELE, há-há. Beto também chegou cedo, e trouxe uma colega da turma dele:

- Pessoal, essa é a Lídia, da minha turma, ela toca baixo e guitarra também.
- Oi, Lídia, tudo bem? Meu nome é CIB, esse na batera é o Medeiros e aquele ali que acha que sabe tocar guitarra é o Celso.
- Oi... – a menina me olhou curiosa – então você é o famoso Celso?

Eu dei uma rápida analisada na figuraa: esteticamente neutra, dessas magrinhas do peito pequeno e da bunda pequena, cabelo castanho, na altura dos ombros, olhos castanhos... puxados. Tentei lembrar com quem que ela era parecida, mas não consegui, e depois reagi ao seu comentário:

- Famoso?!
- Pelo menos lá no meu apê você é.
- Hum... você por acaso mora no 102?
- Não, 104.
- Então tá explicado, né, Celso? Você deve morar no quarto da esquerda, não é?
- É.
- Cama da frente ou do fundo?
- CIB, você não acha que tá fazendo muita pergunta pra menina não?
- Peraí, Celso, deixa ela responder.
- Da frente.
- Eu sabia... é onde morava uma grande amiga nossa, que formou no ano passado. Jogava um bolão, hein, Celsão?
- Eu não faço a mínima idéia do que você está querendo insinuar, CIB...
- Tá bom. Lídia, você gosta do quê?
- De tudo um pouco. Beto me falou que vocês tão ensaiando umas músicas do STP.
- É... você quer tocar baixo ou guitarra?
- Baixo.

A menina tocava direitinho, e o som saiu redondinho. Tocamos umas 5 ou 6 músicas diferentes até que começamos a ouvir gritos e bombas. Nossos colegas do primeiro ano ficaram assustados:

- Essa noite os chacais começaram cedo.
- Não Beto, ainda não são eles... – CIB interveio – deve ser o pessoal da minha turma comemorando o final do quarto ano.

- Como assim?
- Isso acontece todo ano. O pessoal que pegou segunda época faz a maior zona depois que as provas acabam.
- Será que eles vão dar trote na gente?
- Não, eles só vão encher a cara e fazer barulho... a noite inteira.

Continuamos a tocar, até que a sala de música foi inesperadamente invadida por uma figura levemente alcoolizada que deu início a uma seqüência de inesperados eventos, eventos estes que em pouco tempo iriam incinerar uma parte importante da minha preciosa película e resultar em um dois maiores traumas que eu tive na época do ITA.

Ela estava bem menos atraente que no início dos anos anteriores, pelo visto o verão não havia sido muito generoso com ela. Mas claro que não havia, ela havia passado boa parte do verão no inverno europeu... mas estava bem mais animadinha:

- Celso! Eu sabia que ia te encontrar por aqui.
- Oi, Lú... tudo bem?
- Agora está tudo bem, tudo ótimo! Estou livre!
- A prova foi boa?
- Foi, tirei MB!
- Que massa...
- Vem aqui fora um pouco...

Eu entreguei a Tele pra CIQ, ele ficou me olhando com uma cara desconfiada. Eu achei que algo inusitado estava prestes a acontecer, e Maria Luiza confirmou minhas suspeitas tão logo saímos da sala:

- Celso, eu tou precisando te dizer uma coisa...

Ela puxou o meu rosto e me deu um beijo daqueles bem molhados, e longos. O fato de que eu sabia que o pessoal da sala tava presenciando a cena me causou um ligeiro desconforto, mas na hora eu não tive escolha e deixei-me levar pelo impulso do momento. Impulso dela, naturalmente, que naquele momento eu não estava nem pensando naquilo, e também nem consegui reagir direito quando a cena acabou:

- Lú, eu tou...

Ela me beijou novamente, mas daquela vez eu sutilmente interrompí-la antes que as coisas ficassem quentes demais:

- Lú, vamos conversar sobre isso amanhã, tá legal?
- Amanhã de manhã eu vou pra Santos, só volto segunda à noite.
- Então a gente conversa segunda, tá bom? Eu não quero atrapalhar a sua comemoração...
- Tá bom... ah, eu trouxe um presentinho pra você, lhe dou na segunda.
- Tá, Lú...

Eu entrei na sala antes que ela mudasse de idéia, peguei a Tele e comecei a tocar novamente, mas o pessoal ainda estava fazendo um intervalo:

- Quem é a guria, Celso, tua namorada?
- Não, Beto... ex...
- Esse é o caso mais mal resolvido que eu já vi na vida...
- Obrigado pela ajuda, CIB...
- Tá bom, vamos tocar mais um pouco, depois eu tenho que ir.
- Dominado...

O resto da sessão correu sem incidentes, e depois que CIB foi embora Beto assumiu o vocal e nós tocamos mais um pouco.

Na sexta eu tive a tarde livre, e aproveitei pra me organizar um pouco. Ricardo e Luca haviam se mandado pro Rio, CIB estava com Marina, e eu estava só no apê. Raquel me ligou e disse que os pais dela estavam me convidado para jantar naquela noite. Eu estava querendo entrevistar um iteano da época dos anos 70, para o meu programa da RUSD, e o pai dela havia concordado. O jantarzinho teria como finalidade primária a introdutória integração entre o entervistador, eu, e o entervistado, ele. e como finalidade secundária a degustação de alimentos saudáveis e saborosos, coisa não muito comum no meu dia a dia no H15. Eu estava um pouco receoso, pois Raquel havia me falado que tinham certas coisas dos velhos tempos do ITA que o seu pai não gostava de falar, mas ela garantiu que ia dar tudo certo.

Ela estava em Sampa, mas chegaria em São José por volta das 6:00. Ela me passou um mapa com as coordenadas da casa dos pais, e pediu para que eu chegasse lá pelas 8:00. Obviamente que eu nem fui encarar o rango peba do H15, mas passei no 241 papear com Beto e Fabrício, e fui com eles para o refeitório.

Eu já conhecia Fabrício dos tempos antes do ITA, ele namorava a irmã de um amigo meu que morava lá na rua. No apê deles também morava um outro conterrâneo meu, Marcos, e outro amigo de Beto lá de Santa Catarina, Prado. Nós ficamos bostejando por mais de uma hora, e depois eu voltei pro 228 e fui me preparar para a grande noite. Tomei um banhão, fiz a barba, coloquei uma roupa limpa, peguei o Tinomóvel e fui pra casa de Raquel.

O lugar não era longe, afinal de contas nada era longe naquela cidade, mas era meio complicado de se chegar. Complicado para quem não tinha o hábito de dirigir em São José, feito eu, que só sabia mesmo chegar até a praça Santos Dumont. Depois de lá eu tive que olhar o mapa. Ainda bem que ela havia mandado um, eu jamais iria conseguir achar aquele lugar por mim mesmo. Estacionei na frente da casa, desci do carro e toquei a campanhinha.

Raquel apareceu, toda de preto, piercing na sobrancelha, argola no nariz... não havia mudado nada.

- Oi, Celso, como foram as férias?
- Muito massa. Como está o trabalho?
- Estou adorando!

- Que bom.
- Como é que foi a primeira semana na MEC?
- Muito massa... eu e Adriano surfamos no “shaker”...
- Quem mais tá na tua turma?
- Alex, Tina, Valmir, K-Zé... Caldré, Nélio, Giz...
- Legal. Vamos entrar, respira fundo, vai dar tudo certo.
- Espero que sim...
- Meu pai é meio penta mas vai te adorar depois que ele te conhecer melhor.
- E quanto tempo ele vai demorar pra chegar nesse estágio?
- Não faço a mínima idéia...
- Quanto tempo durou da última vez que você trouxe alguém aqui?
- Eu não te falei? Eu nunca trouxe ninguém aqui antes...
- Ôps...

Boa hora que ela resolveu me dizer aquilo, só fez dobrar a pressão que eu estava sentindo nos ombros. Nós entramos e ela fez as apresentações. A mãe dela foi muito simpática, apertou minha mão firmemente, sorriso nos lábios. A irmã foi mais simpática ainda, me deu 3 beijinhos e tudo mais. As 2 eram muito parecidas, bonitas, de cabelos claros, pareciam clone uma da outra.

Raquel havia puxado ao pai. Não só fisicamente, ela havia herdado o mesmo senso de humor dele, coisa que eu iria descobrir logo mais.

O pai dela me olhou de alto a baixo, apertou minha mão e ficou me fitando com aquela cara de “que bicho mais esquisito da porra!”.

Sentamos na sala e eu pensei que o pior já havia passado, mas a noite estava apenas começando.

- Celso, você aceita um uísque?
- Não, obrigado... – eu pensei em dizer algo do tipo “uísque é bebida de véio” mas achei que podia ser demais pro coração dele – eu não gosto muito de uísque.
- Vinho tinto? – a mãe dela apresentou uma alternativa mais de acordo com o meu requintado gosto.
- Aceito, sim... obrigado.
- Sabe quando a gente fica com aquela impressão de que já viu alguém antes? Eu acho que já vi você em algum lugar, Celso.
- Pode ter sido lá no ITA...
- Não... já sei, você não tava no aniversário da Patrícia, filha da Rosa?
- Tava sim, foi em setembro, não foi?
- Foi, eu lembro de você agora, a Rosa falou muito bem de você, disse que você era um ótimo aluno...
- Exagero da tia Rosa... desculpe mas eu não lembro de ter visto a senhora.
- A senhora tá no céu, pode me chamar de Márcia. Você com certeza me viu e esqueceu do meu rosto.
- Eu acho que não esqueceria um rosto tão bonito...

- Olha que gracinha, amor – ela olhou pro marido, sorrindo satisfeita – muito obrigada.

O pai não achou nenhuma graça e resolveu mudar o rumo da conversa:

- Formou em quê, Celso?
- Eu ainda não me formei... – eu olhei assim de lado pra Raquel, como quem pergunta “o que exatamente você falou de mim pro seu pai?”.
- Ah, vai se formar no final do ano?
- Também não... eu comecei o terceiro ano esta semana.
- O que é isso, Raquel, tá namorando bicho?
- Pai...!!

Namorando!? De onde foi que ele havia tirado aquela idéia??

- Que besteira, pai. E daí que a Raquel é mais velha que ele? Você não é 3 anos mais novo que a mãe? E vocês não estão casados há mais de 20 anos?
- Há mais de 25 – completou a mãe.
- Quantos anos você é mais novo que a Raquelzinha, Celso?
- Eu não sei, Roberta, meu pai sempre me disse não se deve perguntar idade de mulher... nem peso.
- Sábios conselhos... vamos sentar e comer? – a mãe dela mostrou o caminho.

Enquanto nos dirigíamos à mesa eu comentei baixinho com Raquel:

- Namorado?
- Há-há...

Sentamos e começamos a comer, em paz, por uns 5 min, até que o querido veterano puxou assunto novamente:

- Está fazeendo Aeronáutica?
- Não... Mecânica.
- Você joga bola, Celso, feito a Raquel?
- Não... Raquel joga muito bem, lá no H8 só tem 1 pessoa melhor que ela.
- JA... o descoordenado – ela ficou rindo.
- Joga vôlei?
- Não...
- Basquete?
- Também não...
- O Celso é surfista, pai.
- Surfista?!
- Hum-hum... – eu olhei pra cara dele meio de lado.
- Tá bom... e você surfa aonde, no banhado? – ele deu uma risadinha, eu achei que ele tava melhorando o humor.
- Aqui perto tem uns lugares bons, Ubatuba, Maresias...

- Ah, mas essas praias daqui não são tão bonitas quantos as praias lá da sua terra. Você lembra, amor? Aquela areia branca, o mar verde, a água quentinha...
- Vocês já foram por aquelas bandas?
- Já, meu filho, foi lá que nós passamos a nossa lua de mel, não foi, amor? Foi lá que nós encomendamos a Roberta...
- Ué, eu pensei que tivesse sido gerada no H8...
- Que é isso, menina? – o véio fechou a cara novamente.
- Não, Roberta, você não foi gerada no H8, é tudo estória do seu pai.
- Conta isso direito, mãe... – Raquel deu uma cutucada na mãe.
- Não, a gente, assim, namorava lá, né? De vez em quando...
- Márcia, não fala essas coisas na frente deles, não incentiva...
- Mais um pouco de vinho, Celso?
- Obrigado, Roberta.
- Celso, conta como foi que vocês se conheceram...
- Você não contou pra sua mãe, Raquel?
- Contei, mas ela quer saber a tua versão.
- Espero que não tenha sido no trote, levando uma velva da Raquel.
- Pai...
- Foi numa festa... eu já havia visto a Raquel antes, no ITA, jogando bola no H8, no H15... mas a gente nem se falava.
- Ele passava por nós, cumprimentava a Renata, mas nem dizia oi pra mim...
- A Raquel nem olhava pra mim...
- E nessa festa...
- Tava todo mundo dançando, conversando... ela tava quietinha, como se estivesse em outro lugar – eu olhei pra Raquel de lado – eu perguntei se ela queria ouvir alguma música em particular... e depois a gente começou a conversar.
- E depois a gente foi papear lá no 104, mãe.
- Que lindo... – a irmã dela ficou brincando conosco.
- Mais um pouco, Celso?
- Não, obrigado, seu Roberto, eu estou dirigindo hoje.
- Tá vendo, Raquel? O rapaz tem carro, não tem nada demais em receber um carro de presente do pai.
- O carro não é dele, pai, é de um amigo nosso.
- Nós queríamos dar um carro pra ela quando ela passou no ITA, mas ela não quis, tentamos de novo dar um carro pra ela quando ela formou no ITA, mas ela não quis... disse que só ia ter carro quando tivesse dinheiro pra comprar um.
- A Roberta fez a mesma coisa e vocês nunca falaram nada...
- Raquelzinha sempre foi muito independente... e agora inventou de morar em São Paulo, ficar longe da gente...
- A comida estava deliciosa, dona Márcia... Márcia.
- Foi a Raquelzinha que fez...
- Eu não sabia que você era tão prendada, Raquel.
- Você ainda não viu nada...
- Vamos comer a sobremesa lá na sala, gente?
- Vamos, mãe.

Voltamos para a sala, eu fiquei saboreando aquela deliciosa torta de abacaxi. Pelas minhas contas o pai dela já havia tomado 3 doses, fora as outras tantas que ele devia ter tomado antes de a gente chegar. Eu achei que já estava na hora dele amaciar um pouco. Ele terminou a torta, tomou mais uns goles, ficou me encarando de novo e depois soltou mais bostejo:

- Eu não sei, Raquel, esse teu namorado até agora não me comoveu...
- Por que não, papai?
- O cara é surfista, não bebe uísque, não joga bola, não faz Aeronáutica... já não bastou você ter feito INFRA, agora um namorado Mecânico?
- Ah, podia ser pior, né pai? Podia ser uma namorada... – a irmã dela aproveitou a deixa e deu uma sacaneada em todo mundo.
- Roberta...!!
- É, podia ser pior...
- E depois vocês reclamam que eu nunca trago namorado aqui...
- O que mais que você gosta de fazer, Celso, quando não está metendo gagá?

Eu senti vontade de dar uma escrotizada com o véio, quer dizer, nobre veterano, falar algo do tipo "sexo, drogas e rock'n'roll", mas Raquel foi mais rápida, e diplomática, na resposta:

- O Celso toca guitarra, pai... muito bem, por sinal, faz o maior sucesso lá nos shows do ITA...
- Toca guitarra? – o pai dela pareceu que tava acordando de um pesadelo – é verdade, Celso?
- Eu toco um pouco, não sou tão bom quanto a Raquel tá falando...
- Vem aqui ver uma coisa.

Ele se levantou, trouxe o copo, me levou pra uma salinha adjacente, tipo um escritório, e quando entramos eu vi o motivo daquela mudança de comportamento. As damas da casa ficaram na porta, Raquel com um sorriso triunfante nos lábios, as outras 2 só esperando pra ver o que ia acontecer.

- Gostou da belezinha?
- Muito bonita...
- Toca algo pra gente... quero ver se você sabe tocar mesmo...
- Eu nunca toquei numa Gibson SG Standard antes... vamos ver se eu consigo.

Graças ao contato freqüente que eu tinha com a Les Paul Classic de Renata eu não me sentia mais intimidado na presença daquelas obras de arte. Sentei na cadeira, tirei a guitarra do pedestal e dei uma rápida analisada:

- Deve ser do final dos anos 80, esse tipo de branco perolizado é bem característico daquela época... essa ponte também – olhei o numero de série, fiz umas contas rápidas – produzida em Nashville, 4 de março de 1988.
- Toca algo dos anos 70, Celso – Raquel sugeriu.
- Anos 70... deixa ver... tem tanta coisa boa daquela época... Led, Stones, Who, Floyd, Purple, Thin Lizzy, CCR…

- Não vale “Stairway to heaven”, nem “Smoke on the water”.

Na certa era só o que ele sabia tocar, mas eu ia botar pra arrasar com aquela SG:

- Deixa eu lembrar quem gostava de tocar SG naqueles tempos... já sei.

Eu liguei o Peavey 110, zerei o reverb, atochei o volume da guitarra, botei a chave na posição “Lead” e toquei a introdução de “Caught in a dream”.

- Eu acho que é assim, mas não lembro direito...
- Vamos ver se é mesmo.

Ele abriu a porta de um armário, tirou um CD de dentro e botou pra tocar.

- Nossa! Tá igualzinho ao disco – Roberta ficou rindo – que som é esse, pai?
- Alice Cooper, esse foi o primeiro disco que sua mãe me deu, na época do ITA... eu ainda tenho o vinil guardado lá no quarto...
- Coloca do começo de novo, seu Roberto.

Eu toquei a música inteira, inclusive solos, o véio ficou todo arrepiado, parecia que tava viajando no tempo. Quando eu acabei Raquel me olhou toda sorridente e voltou pra sala com a mãe e a irmã.

Eu fiquei uma meia hora trocando idéias musicais com o pai dela, o sujeito até que manjava um pouco. Depois ele me perguntou algo assim meio inesperado, mas eu acho que ele gostou da resposta:

- Celso, me diz uma coisa, de iteano pra iteano... você está namorando mesmo a minha filha?
- Não, seu Roberto, eu acho que ela está querendo brincar conosco.
- Há-há-há, está me dando um trote. Pode me chamar de Roberto, Celso, esse négocio de seu Roberto me faz sentir velho praca.

Voltamos pra sala, sentamos. Roberta trouxe mais um pouco da torta, que foi detonada no ato, e depois Raquel me convidou para uma tour nos seus aposentos:

- Celso, vem ver meu quarto...

A primeira coisa que eu notei foi uma foto dela, de cabelos compridos, negros. Eu fiquei olhando os detalhes.

- Foi da época que eu entrei no ITA...
- Que cabelo bonito...
- Eu cortei quando tava no terceiro ano...

Depois eu vi os troféus, medalhas, fotos dela jogando bola, bonecas, bichinhos de pelúcia e afins.

- Por que você não falou logo pro seu pai que...
- Não ia ter graça nenhuma...
- E esta estória da gente estar namorando, Raquelzinha? Que invenção é essa?!
- Foi só pra sacanear com vocês 2. Ou você está achando que eu estou interessada?
- Eu não sei, eu costumo despertar o interesse de mulheres inteligentes e charmosas.
- Há-há-há, é muito bobo mesmo... mas obrigada pelo elogio.
- De nada.

A noite acabou bem. O augusto veterano convidou-me para uma outra visita, no domingo, durante a qual eu faria a entrevista. Naturalmente que ia rolar um almoço esperto também, a-há. Eu cheguei no H8 feliz da vida e dormi tranqüilo.

Na manhã seguinte Raquel me ligou, disse que ia rolar um churrasco na casa de uma amiga. Ficou de passar no H8 para me pegar. Eu dei uma arrumadela no quarto, tirei a roupa suja da área, organizei os livros e bizus, moquei a literatura explícita, verifiquei se não tinha nenhuma mancha protéica nos lençóis, nenhuma comida estragada na geladeira. O resultado foi positivo, ela apareceu, toda de preto, piercing na sobrancelha, argola no nariz...ficou impressionada, e curiosa:

- Gostei... baixa entropia... bem diferente do meu. Ou melhor, meu ex-quarto.
- É, eu gosto de organizar minhas coisinhas...
- É aqui que você guarda a Tele? – ela abriu a porta do meu armário, e foi naquele instante que eu me lembrei de um detalhe muito importante que já havia me causado um certo probleminha antes – hum... essa é a tal da Carolina?
- É... – eu devia ter escondido aquela foto.
- Bonitona, hein?
- Eu guardo a guitarra no outro armário...
- Quase que você estoura no semestre passado... o que foi que houve? – ela continuou a vasculhar a minha privacidade.
- Eu estava com uma ligeira dificuldade de me levantar cedo pra aula das 8:00.
- Pelo menos suas notas foram boas...
- É, isso é o principal.
- É mesmo, não existe nada melhor nesta escola do que ter notas boas... nada mesmo.
- Eu também acho.
- E essas meninas na parede? Quem são?
- Minhas heroínas, Tita e Jaqueline, em Haleiwa... meus heróis... aquele é o Fabinho Fabuloso em Sunset... Rob em Pipe, Burle em Mavs... e esse aqui sou eu em Itamambuca.
- E essa foto aqui?
- Foi no meu aniversário... eu acho que você conhece todo mundo...
- A Cristina tava tão bonita...
- Engraçado... Carolina falou a mesma coisa...
- E como está a Carolina?
- Eu realmente não sei...
- Deve ser legal morar aqui na zona sul...
- Eu gosto... longe do hall, perto do Feijão, perto do muro...
- Por falar em muro, Celso, quantas meninas já deitaram nessa cama?

- Eita perguntinha indiscreta, Raquel.
- E a resposta?
- Sei lá... dezenas... esse apê deve ter tanta história...
- Não, engraçadinho, depois que você veio morar aqui.
- 1... – “Dani, no ano passado” – mas ela estava vestida.
- Tá bom. Vamos? Vem ver o meu carrinho.

Eu conhecia algumas das pessoas que estavam no churrasco, alguns amigos que Raquel havia me apresentado no final do ano anterior. O ambiente estava bem descontraído, a música estava legal, e a comida estava ótima. A casa tinha uma piscina, o que me fez lembrar que naquele exato momento Leo e Neno estavam na praia surfando... mas não adiatava nada ficar se corroendo de inveja, o melhor negócio a fazer seria nadar em água doce. Quando em Roma...

Havia um telão perto da piscina, e depois da primeira rodada de rango ele foi colocado em operação. Uma das amigas de Raquel solicitou minha ajuda na seleção dos vídeos, a qual foi imediatamente colocada à disposição, e em pouco tempo nós organizamos uma seqüência apropriada para o evento.

No domingo rolou outra BL, e a tão esperada entrevista com o pai dela. E foi quando eu tomei conhecimento do lado obscuro, o do ITA. Eu já havia ouvido umas estórias sinistras durante o Sábado das Origens, mas o que eles me contaram ultrapassou em muito tudo que eu sabia a respeito dos tempos medievais da escola:

- Às vezes eu levantava de manhã e via centenas de livros jogados no rio Paraíba... livros técnicos, que haviam sido confiscados dos alunos do ITA porque eram publicações em línguas estrangeiras... e os agentes da repressão pensavam que se tratava de material subversivo... esse deve ser o rio mais culto do mundo – a mãe dela comentou.
- Mas tinha coisa não técnica no meio – o pai confessou – algumas até proibidas pela censura, mas como eles não sabiam distinguir uma coisa da outra jogavam tudo no rio.
- Ou queimavam.
- É... sem falar nos colegas que foram desligados, ou desapareceram... pra sempre... o Centro Acadêmico foi fechado, a diretoria foi chamada para interrogatório... foi uma época muito difícil...
- O Celso foi convidado pra ser Vice Presidente do CASD, pai.
- Que bom, Celso.
- Os caras que estavam montando a Chapa 1 me falaram que queriam reforçar a posição deles no eleitorado da minha turma, e que achavam que eu era uma boa opção... mas eu não aceitei.
- E por que não?
- Um dos melhores amigos dele tava encabeçando a Chapa 2...
- Eu sabia que a Chapa 1 ia ganhar de qualquer jeito e falei que eles não precisavam de mim pra ganhar.
- A Chapa 2 não tinha a menor chance, mas o Celso preferiu não magoar o amigo, nem falou nada pra ele.

- Foi muito nobre isso que você fez, Celso, é esse tipo de coisa que a gente aprende no ITA.
- Os caras da Chapa 1 me falaram a mesma coisa, e que admiravam e respeitavam a minha decisão... e eu disse pra eles que ia continuar ajudando o pessoal do Departamento Cultural.
- A Maria Luiza...
- Não, o Rai é o diretor este ano.
- Quem é Maria Luiza, Raquelzinha?
- É a ex-namorada do Celso, mãe... faixa preta de Tae Kwon Do.
- Nossa! Cuidado com essa menina, Raquelzinha.
- Tem perigo não, mãe, ela tem cara de braba mas é pacífica, não é, Celso?
- É, na grande maioria das vezes.

Depois de finalizada a entrevista, que no final das contas foi mais com a mãe do que com o pai dela, Raquel e eu ficamos conversando na varanda:

- K-Zé já se recuperou daquele lance com a Patrícia?
- Já, mas o coitado penou, viu?
- Ela voltou mesmo pro HM?
- Voltou... eu te falei que na época ela veio me pedir conselho sobre o assunto?
- Não, e o que foi que você disse pra ela?
- Primeiro eu disse que era muito amigo deles 3, e por isso não ia tomar partido. Depois eu falei que mesmo que não fosse o caso eu não era a pessoa mais indicada para opinar sobre aquele tipo de assunto.
- Por falar nisso, já viu a Maria Luiza?
- Já, na quinta-feira...
- Pela tua cara eu já vi que não foi um encontro muito bom...
- Não... ela tava ligeiramente calibrada... tava comemorando o MB que ela tirou na segunda época de ELE...
- Ela pegou uma segundinha?
- Pegou, isso acontece com nós mortais, Raquelzinha...
- Sim, mas, e o que aconteceu?
- A gente tava na sala de música, ele praticamente me puxou pra fora e me deu um beijo na frente de todo mundo.
- De língua?
- Hum-hum...
- E depois?
- Eu disse pra ela que seria melhor a gente conversar outra hora...
- E vocês já conversaram?
- Não, ela foi pra Santos... na segunda à noite eu vou conversar com ela. Provavelmente ela vai me pedir desculpa por ter feito aquilo.
- Eu duvido muito... eu não pediria.
- O que é que você está querendo dizer com isto, Raquelzinha?
- Vai ficar me chamando de Raquelzinha agora?
- Há-há... você não respondeu a minha pergunta.
- Não é nada do que você está pensando, Celso.
- E desde quando você é vidente, pra saber o que eu estou pensando?

- Eu não pediria desculpas por beijar alguém pelo simples fato de que se eu beijei este alguém é porque eu estava com vontade de beijar este alguém. É só isso.
- Há-há... você não respondeu a minha pergunta, a segunda.
- Você está pensando que eu estou querendo te beijar. O quê, aqui entre nós, não é verdade.
- Tá legal, me engana que eu gosto.
- É muito bobo mesmo... a Renata falou que vai me visitar em Sampa no final da semana que vem. Vai com ela, Celso, a gente vai sair com a Tereza e o André.
- Tá legal…

2 Semanas

Pedrão uma vez me disse que as pessoas voltavam diferentes daquela viagem pra Europa, coisa que eu só iria mesmo entender no começo do quinto ano. Ricardo voltou a mesma coisa, sempre com aquelas inacreditáveis estórias das louras maravilhosas, acrescentadas pela estórias aindas mais inacreditável da sueca – loura maravilhosa dos olhos azuis, naturalmente – que ele afirmou que encarou no trem, quando ia de Madri para Barcelona.

Valter e Alfredelho estavam um pouco diferentes, um pouco mais pensativos. Jacaré e Lulu voltaram da CV com a convicção de que iriam morar na Europa depois de formados.

Maria Luiza estava decididamente diferente, a relação (“girl power”/zen)>>1. Alguma coisa estranha devia de ter acontecido com ela. Mas nossa conversa foi agradável, apesar da sua um tanto quanto agressiva abordagem:

- Celso, lembra aquela listinha de CDs que você me deu?
- Claro que lembro, você achou algum deles?
- Achei... esse aqui na Alemanha...
- Massa! Eu sempre quis ter esse disco...
- Vamos escutar lá no carro?
- Eu não sei, Lú...
- Celso, você não está com medo que eu lhe agarre, está?
- Não, Lú, claro que não...
- Então vem cá.
- Tá bom.

Entramos no Lulumóvel, onde ela sentiu-se mais à vontade para voltar ao ataque:

- Qual é a música que você mais gosta nesse disco?
- A terceira...
- Hum... gostei. Teu cabelo tá tão grande, esses cachinhos...

Eu realmente não queria divagar em direção àqueles previsíveis imprevisíveis domínios do seu comportamento, então tentei uma sutil manobra evasiva:

- Lú...
- O que foi?
- Eu preciso falar uma coisa pra você.
- Fale...
- Você lembra daquela menina do 104, Raquel?
- Lembro, por que?
- Eu estou assim, meio que a fim dela, sabe?
- Você tá brincando, né?
- Não.
- Celso, você já fez isso antes... com a Michelle, lembra?
- Não, Lú, é diferente, eu gosto da Raquel.
- Se você gosta dela por que me beijou naquele dia?

- Foi você que me beijou!
- Pelo que eu lembro você me beijou de volta...
- Aonde você quer chegar, Lú?
- Você quer saber mesmo?
- Quero.
- Eu quero saber se você ainda sente algo por mim, Celso...
- Sei...
- Se você me disser que não tem mais nada a ver eu vou acreditar que você realmente gosta dessa menina.
- Eu não sinto mais nada por você, Lú...
- Tá bom, agora fala de novo olhando pra mim.
- ...
- Fala!
- Eu ainda sinto algo por você, Lú... mas isso não muda nada...
- Isso é o que nós vamos descobrir...

Ela me beijou, e mais uma vez eu me deixei levar pelo impulso do momento. Impulso dela, novamente. Delicioso, eu reconheço, mas dela, não meu.

- O que é que você tá fazendo, Lú?
- Traindo meus princípios, de novo... por você... você quer prova de amor maior que essa?
- Lú, você já fez isso antes... durou só 1 dia, lembra?
- Claro que eu lembro, mas dessa vez é diferente, Celso... eu pensei muito em você quando eu tava na Europa, muito mesmo... eu sei que nunca vou gostar de ninguém do jeito que eu gosto de você...
- Eu não creio que esta idéia seria muito boa, Lú... eu vou ter que pensar muito nesse assunto...
- Claro, eu entendo... olha o que eu encontrei em Londres...
- Eu não acredito... eu falei pra você só trazer 1...
- Esses 2 tavam em promoção... você estava certo quanto aos outros, eu não vi em lugar nenhum.
- Valeu mesmo, Lú... eu não sei como é que eu vou te agradecer por isso.
- Não precisa, Celso... mas se você insistir muito eu posso pensar numa maneira...
- Você tá brincando, né?
- Não...
- Eu não sei, Lú... eu tenho aula amanhã cedo...
- Eu não tou falando daquilo... a gente podia ir ver corrida de submarino, lá no laguinho do IAE...
- Eu não sei, Lú... eu acho melhor a gente deixar isso pra outro dia...
- Então tá...

Ela realmente estava diferente. Talvez ela tivesse exagerado um pouco nos “space cakes” em Amstardão e ainda estivesse doidona. Eu achei melhor esquecer aquela conversa furada e fui pro apê escutar o Spooky que ela havia me dado.

A minha segunda semana acadêmica manteve-me bastante ocupado, mas eu tirei um tempinho para levar um som com CIB e Medeiros. Beto e Lídia estavam sofrendo os horrores do trote, e JF e Shimano estavam sofrendo os horrores dos labs da ELE, de modo que nenhum deles apareceu na sala de música naquela semana.

Na sexta à tarde me mandei pra Sampa. Minha ocupada amiga Renata não foi, ficou enrascada com um bizuleu no trabalho. Raquel e Tereza estavam morando num minúsculo apertamento de 2 quartos – cujo aluguel custava uma fortuna – cercado de cinzentos prédios por todos os lados, mas aparentemente estavam felizes. Aquela foi a primeira vez que eu me dei conta de que o meu futuro poderia ser semelhante ao presente delas, que em 3 anos eu poderia estar morando e trabalhando naquela cidade, e aquele pensamento me causou uma não tão leve apreensão. E não foi somente pela falta de praia, mas por tudo mais que eu não gostava em Sampameu: trânsito, poluição, violência... ainda bem que eu teria pelo menos mais outros 33 meses para não me preocupar sobre aquele assunto.

Raquel havia pintado os cabelos de vermelho novamente, e estava toda de preto, pra variar. Colocou o piercing na sobrancelha – que eu já estava com vontade de puxar com o dedo – a argolinha no nariz e deu início à programação recreativa do final de semana paulistano.

Fomos os 3 jantar numa cantina italiana, onde o bostejo correu solto, e de lá demos uma rápida passada num barzinho onde estava rolando música ao vivo. Dormimos cedo, pois estávamos todos cansados, e no dia seguinte visitamos o MASP. E umas 10 ou 20 lojas de discos, onde eu passei a maior parte do tempo apenas ouvindo os 350 discos que eu queria mas não tinha grana pra comprar.

No sábado à noite saímos com André e noiva, foi bom rever os velhos amigos, nós conversamos bastante. Eu contei pra eles que havia descoberto novos talentos musicais no H8, e que já estávamos ensaiando com a característica freqüência de início de ano letivo.

- Então o Show do Bicho deste ano promete ser bom, Celsão.
- Com certeza, André, semana passada Beto e Lídia ensaiaram pro show. Eles ainda estão com dúvidas em relação às músicas que vão tocar, mas todas que eu ouvi estavam muito boas. O cara da bateria também é muito bom, muito bom mesmo.
- Eu não sei se vai dar pra nós irmos este ano, eu acho que estarei viajando.
- Eu vou.
- Eu também, o Celso me falou tanto deste Beto...
- O cara é muito gente boa, toca praca... e canta, também.
- Canta tão bem quanto o CIB?
- Ninguém canta tão bem quanto CIB, Tereza, mas ele chega perto.
- E a menina, toca bem?
- Ela toca legal, vocês vão ver.
- Celso disse que ela tá morando lá no apê.
- É, ela disse que eu era famoso lá no 104, eu não sei porque... ela tá dormindo na cama da Raquel.
- Contanto que não esteja dormindo comigo, há-há...
- Celsão, fala como foi o Carnaval em Olinda.

- Foi massa, André. A gente ficou na casa da minha tia, ela mora ali junto da Praça do Jacaré, bem perto da gréia.
- Gréia?? O que é isso?
- Gréia é gréia, né? Só vendo pra entender... a gente subiu e desceu tanta ladeira... fomos nos 4 Cantos, na Sé, eu vi o Alceu na casa dele, nós saímos nos blocos... eu tomei pau do índio, retetéu, caipiranga... o escambau.
- Estou aprendendo um monte de palavra nova...
- E vocês, como estão no trabalho?
- Nossa! Eu estou trabalhando demais, gente!
- Eu também, Tereza, que saudades daquela coceba do H8.
- Vocês tão falando isso porque não fizeram MEC...

Eu não lembro a que horas voltamos para o apê das meninas, eu só lembro que o trânsito ainda estava intenso. São Paulo, ao contrário de São José, nunca parava mesmo.

Tereza sugeriu uma rodada de bostejo, mas logo depois seu bostejo transformou-se em bocejo, então ela decidiu ir dormir e recolheu-se aos seus aposentos com uma sugestão para o programão do domingão:

- Boa noite, gente, a manhã a gente vai pro Ibirapuera.

Raquel e eu continuamos a conversa no sofá, regada a olhares curiosos, laranjada com vodka e Sneaker Pimps:

- Conta como foi o papo com a Lú, Celso.
- Foi legal, ela voltou da Europa meio diferente.
- Diferente como?
- Mais... agressiva, direta.
- Você ainda gosta da Lú?
- Claro, Maria Luiza é muito gente boa, a gente bate altos papos.
- Não, Celso, gosta gosta.
- Eu acho que ainda tem algo mal resolvido, tá ligada? Mas aquela menina não sabe o que quer, não vai rolar mais nada não.

Raquel me olhou desconfiada, como se não estivesse acreditando muito no que eu havia acabado de falar, e permaneceu calada. Eu continuei:

- Sério, se você me encontrar agarrado com ela novamente pode apartar que é briga.
- Tá bom.
- Eu sou meio complicado com essas coisas mesmo.
- Complicado...?
- É, complicado... eu sempre fico pensando demais nas possibilidades e de menos nas realidades.
- Ela te beijou de novo?
- Beijou... mas eu cortei o lance, falei que estava a fim de outra pessoa, Raquel.

Raquel me olhou desconfiada, como se não estivesse acreditando muito no que eu havia acabado de falar, mas reagiu positivamente:

- Há-há... você falou que estava a fim de outra pessoa: Raquel, ou a fim de outra pessoa, Raquel?
- Pra ela eu falei que estava a fim de outra pessoa: Raquel, a que morava no 104.
- E por que você falou isso pra ela?
- Só pra sacanear com vocês 2, é claro, que nem você fez comigo e com o teu pai.
- Não, sério...
- Pra ver se ela largava do meu pé.
- Funcionou?
- Não. Mas é verdade.
- É verdade que você falou isso pra ela ou é verdade que você está a fim de mim, Celso?
- Tu também gosta de analisar tudo, né?
- Hum-hum...
- As 2 coisas.

Ela novamente olhou-me desconfiada, como se não estivesse acreditando nem um pouquinho no que eu havia acabado de falar, mas outra vez reagiu positivamente:

- Há-há... eu estou começando a acreditar nesta coisa, Celso.
- Que coisa? A que eu falou pra ela ou a que eu falei pra você?
- As 2 coisas.
- Que bom...
- E aquela namoradinha lá da tua terra, como era mesmo o nome dela?
- Ainda é Carolina... a não ser que ela tenha mudado de nome nas últimas 2 semanas.
- É muito bobo mesmo...
- Tem futuro não, a gente passa um tempão longe, quando eu apareço lá fica aquela coisa meio distante, tá ligada? E depois quando fica bom de novo já tá na hora de vir embora novamente... ela cansou deste esquema, e eu também.
- Muito complicado...? – ela tentou esconder um cínico sorriso, mas não conseguiu.
- Engraçadinha...
- Você ainda gosta dessa menina?
- Gosto...
- E ela?
- Eu acho que sim... mas ela disse que não quer mais se preocupar com o que vai acontecer daqui pra frente, falou que nós deveríamos apenas aproveitar os bons momentos que tivéssemos juntos, pois afinal de contas a gente nunca sabe o que vai acontecer amanhã.
- Hum... interessante.

Naquela altura dos acontecimentos eu achei que estava na hora de chutar a bola para o campo adversário, então mandei ver:

- E você, arrumou algum namoradinho?

- Você não acha que se eu tivesse um namorado eu estaria com ele agora, Celso...? – Raquel ficou olhando para o teto, como se estivesse procurando alguma falha estrutural no mesmo.
- Com ele agora, Celso ou com ele agora: Celso...?
- Há-há-há, é muito bobo mesmo...
- Donde concluímos que você não tem um namoradinho...
- Eu conheci este carinha bem interessante no final do ano passado, sabe?
- Sei... – "hum, ela me acha interessante".
- Meio metido a besta, mas interessante.
- Sei... – "ninguém é perfeito mesmo" – e aí?
- E aí nada, ele é desses caras que tem um monte de caso mal resolvido, sabe? – virou o rosto para mim – Tem uma namoradinha na terra dele, outra aqui, ou melhor, em SJK... aparentemente muito complicado com essas coisas, sabe?
- Sei... – aquele joquinho estava ficando cada vez mais interessante, e a bola etava cada vez mais perto da grande área – e **você** não é complicada com essas coisas...?
- Eu não, eu sou bem simples com essas coisas, Celso – ela tirou os sapatos, colocou os pés sobre a mesinha de centro – Muito simples, quando eu gosto de alguém eu gosto e pronto.
- E você gosta deste aparentemente complicado, interessante e metido a besta sujeito?

Raquel nem pensou um pouco antes de falar, respondeu como se já tivesse passado muito tempo pensado naquela pergunta:

- Gosto sim, Celso, eu gosto de você.
- Sei... – "eu sabia que ela estava interessada, a-há" – E qual é o problema, então?
- O problema é que eu gosto de saber de todos os detalhes, sabe? Todas as variáveis do sistema, estáticas e dinâmicas.
- Há-há-há... essa foi boa, Raquelzinha.
- Minha mãe gostou de você, Celso, disse que você era tão charmoso.
- Nem tanto, nem tanto – "Shruiu!!!" – e o teu pai?
- Ficou satisfeito depois que ouviu você tocar Alice Cooper na guitarra dele.
- E a Roberta?
- Deixa a minha irmã fora desta estória, Celso.
- Claro, claro... – "ciúmes da irmã bonitona, naturalmente" – então você gosta de planejar tudo, não deixa nada para ser improvisado, pra sair feito caldo de cana, na hora?
- Gosto.
- Esta conversa também foi planejada?
- Claro que foi, aos mínimos detalhes... este final de semana inteiro foi planejado.
- E tudo está de acordo com o seus planos, Raquel?
- Não, claro que não... primeiro porque eu pensava que a Tereza ia pro Rio, e ela acabou não indo. E segundo que nos meus planos não tinham essas complicações todas, Celso.
- Sei... e Renata?
- Eu já sabia que ela não vinha mesmo.
- Sei... eu sinto muito que as coisas não tenham saído do jeito que você planejou, Raquel, mas eu não poderia mentir para você. Jamais.

Eu achei que estava na hora de improvisar. Levantei, coloquei “6 undergraound” para tocar, voltei, sentei ao seu lado:

- Quer dizer que você gosta de mim...?
- Eu não devia ter falado isso, agora você vai ficar mais bobo do que já era antes... se é que isto é fisicamente possível.
- Você está tão bonita de cabelo vermelho... – eu arrisquei um leve contato com as artificialmente ruivas mechas que cobriam os seus olhos.
- Obrigada, mas não precisava exagerar.
- Hein? – continuei o leve contato, e depois escorri meus dedos sobre a pálida pele do seu rosto.
- Tão bonita...
- Eu acho.
- Mesmo...?!

Eu não respondi sua pergunta, não com palavras. Mas quando o beijo acabou, uns 5 min depois, eu continuei a resenha:

- Bonita, inteligente, charmosa, misteriosa, segura de si, sexy...
- Nossa! Para com isso, Celso! Você tá falando como se eu fosse perfeita...
- Eu sei que você não é perfeita, Raquel... mas é perfeita pra mim.
- Ai como essa foi açucarada... aposto que você já falou isso prum monte de meninas.
- Espirituosa... claro que não... só uma meia dúzia de umas 3 ou 4...
- E você acha que vai me engrupir com essa conversa furadérrima?
- Claro que não, eu sapenas acho que nós deveríamos aproveitar os bons momentos que nós temos juntos... nunca se sabe o que vai acontecer amanhã, não é mesmo?
- É claro que eu sei, amanhã a gente vai pro parque, foi isso que a Tereza planejou.

Raquel levantou e desapareceu por uns instantes. Voltou, sentou ao meu lado e continuou o beijo interrompido.

Eu notei que havia algo diferente, e quando abri os olhos percebi o que era:

- Cadê a argolinha?
- Eu tirei lá no banheiro e guardei... achei que tava atrapalhando um pouco.
- E cadê o buraquinho? – eu passei o dedo, procurando.
- É clip-on... ou você acha que eu ia furar o meu narizinho?
- Eu achei que sim... e isso aqui, é de verdade? – eu toquei na sobrancelha dela.
- Esse é.
- Não dói não? – eu fiquei cutucando a coisa, controlando meu impulso de arrancá-la.
- Doeu um pouco pra por... mas agora não dói mais.

Eu fiquei pensando na meia dúzia de interpretações que aquela frase poderia ter e não consegui evitar o riso. Ela percebeu o que se passava na minha pervertida mente e cortou a jogada na hora:

- Essa é uma das coisas que eu **não** planejei para este final de semana... e nem vou improvisar também.

Antes que eu pudesse questionar aquela condição de contorno ela me beijou novamente, e eu concluí que aquele assunto teria que ficar pra outra hora.

Eu acordei com alguém sussurrando meu nome ao meu ouvido. Abri os olhos lentamente e a primeira coisa que eu vi foi uma saia preta no chão. Aquela singela peça instantaneamente fez-me lembrar de onde eu estava, e quem era a dona daquela suave voz.

Eu segurei a mão que acariciava o meu rosto e fechei os olhos novamente, por 2 s.

- Celso – ela falou baixinho – já são quase 10:00.
- E daí? Hoje é domingo.
- Shhhh – ela colocou a mão sobre a minha boca – Tereza ainda não acordou.

Levantei o lençol, sentei-me e comecei a me vestir. Ela levantou-se, abriu o armário e pegou uma blusa e um short pretos e colocou-os rapidamente. Abriu a porta do quarto, saiu, fechou a porta e depois de 1 min retornou com um pouco de pasta de dente no dedo indicador. Aquela visão me deu arrepios indescritíveis, que só passaram quando eu me dei conta de que já estava de calças novamente. Ela percebeu minha cara de pânico e sorriu baixinho:

- Abre a boca.

Esfregou o dedo nos meus dentes, limpou o dedo na blusa, abriu a porta novamente, olhou pros lados e me fez sinal de que a área estava livre. Eu passei água na boca e nos olhos, ela apontou uma toalha, eu peguei, me enxuguei, coloquei de volta onde estava. Passei a mão no seu rosto e lhe dei um beijo na boca. Depois perguntei bem baixinho:

- Quando é que eu te vejo de novo?
- Você quer me ver de novo?
- Quero.
- Sexta?

Aquele fim de semana foi mesmo muito bom. Na segunda-feira meu curioso amigo Adriano me abordou durante o intervalo da aula de Termodinâmica Aplicada:

- Celso, eu passei no 228 neste fim de semana mas aquilo tava um deserto só, sô... tudo escuro, som desligado...
- É, Adriano, CIB tava na casa da Mariana, Ricardo foi ver a namorada no Rio, Luca foi pro Rio também.
- Ué, ele arrumou um namorado por lá?
- Eu acho que sim...
- E ocê tava aonde? Eu fui te chamar pra comer pizza com os bichos na sexta, ocê não tava lá. No sábado, também não.
- Eu fui passar o fim de semana em São Paulo.

- Com a Raquel?
- Hum-hum, foi massa. A gente foi no MASP, numas lojas de disco espertas, nuns barzinhos legais, saímos com o André e a noiva dele... este ano eu resolvi equilibrar melhor a minha vida social e a minha vida acadêmica, primeira resolução de ano novo, sabe como é.
- Eu quero ver este equilíbrio quando as provas começarem...

Zeca e Cristina juntaram-se a nós, e o filosófico comentário que ele acabara de fazer fez-me refletir se a minha até então agradável vida social estaria brevemente realmente fadada a resumir-se aos baileus do H15 e às fumacentas sessões de vídeos das noites de sexta e sábado no 323. Ou, pior ainda, no lab comp.

- Levaste o Tinomóvel?
- É claro que não, Tina, mesmo porque em Sampa eu só sei me deslocar por baixo da terra.
- Tá com mulherzinha nova, Celso?
- Tô, K-Zé...
- Falou... ela é de São Paulo?
- Não, ela é daqui de São José, mas tá morando lá.
- E o que é que ela faz lá? Estuda?
- Não, ela trabalha... numa dessas empresas de consultoria... ela é Engenheira...
- Ssssss...
- Mora só?
- Não, mora com uma amiga dos tempos de faculdade... uma gracinha...
- Gostosa?
- Hum-hum... carioca esperta...
- Tô nessa, me apresenta.
- Eu acho que ela não é o teu tipo não, K-Zé.
- E por que não?
- Ela tem os cabelos castanhos...
- E daí? Foi fêmea eu tô encarando. Este ano eu ainda estou no 0 x 0.
- Ai que sensibilidade...
- Fica na tua que isso aqui é papo de homem, Tina.
- Pois agora não é mais, meu querido.
- E a tua namorada, é gostosa?
- Eu acho... com todo o respeito, Celso.
- Tu conhece, Adriano?
- Hum-hum... Celso me contou tudo sobre esse romance freudiano dele.
- Romance freudiano? Que papo de viado é esse, baitola?
- O pai dela é Iteano, K-Zé, toca guitarra, tinha o cabelo grande que nem o do Celso...
- Coincidência, né, Adriano?
- Sei não, Celso, vai ver que essa menina ainda não resolveu o complexo de Electra dela...
- Tu é psicólogo, Adriano, pra ficar falando essas merdas...? Vai dar uma de beque, de novo? Esse babaca acabou tudo com a Ana Paula, Celso, vê se pode...
- Foi gaia?

- Deve ter sido... ou então flambagem sob o peso próprio... bem feito, pra deixar de ser beque...
- Bem lembrado, K-Zé, eu já tava esquecendo que esse viado joga na zaga...
- E então, ela é gostosa ou não é?
- Deliciosa... pelo menos pra mim é...
- Ela é muito legal, K-Zé.
- Tu conhece a figura também, Tina?
- Hum-hum... Adriano me me contou tudo sobre esse romance freudiano do Celso.
- Tu além de beque é fofoqueiro também, Adriano?
- Que besteira, K-Zé... está tudo entre amigos.
- Celso tem uma coisa com mulheres mais velhas... primeiro foi a Lú, agora é essa outra.
- A Lú só é 6 meses mais velha do que eu, Tina, isso nem conta.
- Quantos anos ela tem, Celso?
- A Lú tem...
- Não, animal, a outra.
- E eu sei lá, K-Zé, tu não sabe que é feio perguntar idade de mulher, animal?
- Idade e peso...
- E calcular, é feio também?
- Calcular a idade ou o peso?
- A idade, é claro, que o peso a gente estima logo pelas dimensões principais, hé-hé.
- Eu diria 23 +/- 2.
- Na idade perfeita...
- Engraçado, Tina, agora que eu lembrei que ela falou que você tava linda naquela foto que a gente tirou no meu aniversário...
- Eu, linda?! Que exagero...
- Eu achei também...
- Obrigada...
- Ela sabe cozinhar?
- Porra, K-Zé, tás curioso, hein, viado?
- Você sabe, Adriano, mulher só serve pra 1 coisa... se souber cozinhar serve pra 2.
- Neste caso então ela serve pra 2... Cristina também sabe cozinhar, já pode casar...
- Se eu já fosse uma Engenheira...
- Eu também quero conhecer essa figura...
- Ela disse que vem ver o Show do Bicho, K-Zé... e depois a gente vai pro baile...
- Ela vai trazer a amiga?
- Ela vai trazer umas 2 ou 3 amigas.
- Ôba! Vou me dar bem com a amiguinha dela.
- Bom, a menina não é loura, mas pelo menos não tem namorado, K-Zé.
- Que papo é esse, Celso?
- Nada não, Tina.
- Conta, conta...
- O negócio é o seguinte: no ano passado...
- Já vai fofocar de novo, Adriano? Que porra é essa?
- Agora vai ter que contar.
- Então, Tina, o nosso amigo K-Zé, sem querer querendo, teve uns lances com uma namoradinha de um amigo nosso, sabe?

- Puta merda, K-Zé, não sabe que é feio cobiçar a mulher do próximo, animal?
- Principalmente quando o próximo é, e está, próximo.
- Celso, me ajuda.
- O problema não foi tão simples assim não, Tina, ela também ficou interessada... mas agora estamos todos bem, não é mesmo? Eles estão juntos, felizes, K-Zé está feliz também.
- No atraso, mas feliz.
- Essa cidade e um bizuleu mesmo, Celso. Em 2,5 meses de férias em Salvador eu apertei o quíntuplo de mulheres que eu apertei o ano passado inteiro aqui em SJK. O quíntuplo, meu rei, incluiindo 2 cariocas, 1 paulista e 1 mineira!
- Pois eu apertei o dobro de mulheres somente no primeiro mês de férias em BH. Todas mineiras, naturalmente.
- Bom, Adriano, no teu caso 2x0=0, não é mesmo?
- Sei disso não, e a Ana Paula, não conta?
- Tá bom, 2x1=2. E tu, Celso?
- Essa foi boa, K-Zé... deixa eu ver se eu consigo lembrar... nas primeiras 2 semanas de férias eu apertei 33.33% mulheres a mais do que no ano passado em SJK, incluindo 1 turista gatíssima, paulistana. E no resto das férias eu apertei uma única mulher, já incluída na soma anterior. Eu nunca apertei uma mineira...
- Ocê não sabe o que está perdendo, Celso.
- Eu não sei porque vocês dão tanta importância à quantidade.

Cristina dizia que já estava acostumada com aquele tipo de conversa desde o Fundamental, mas K-Zé era demasiado explícito às vezes, e eu sempre ficava receoso que ele fosse chutar o pau da barraca. Mas daquela vez ele partiu para uma explicação um tanto quanto técnica:

- É uma questão de produção, Tina, quanto mais mulher eu aperto mais eu fico com aquela sensação de aumento de produtividade...

Adriano usou uma teoria fisiológica-evolutiva:

- O meu cérebro é programado para apertar o maior número possível de mulheres, pois assim eu aumento as minhas chances de passar adiante a minha privilegiada carga genética.
- Mais um perigo para a humanidade...

Eu tentei algo menos superficial e imaturo:

- O que me intriga mesmo são as diferentes possibilidades...
- Possibilidades, Celso?
- É, Adriano. Por exemplo: ontem de manhã, quando eu estava tomando café com a minha gatinha ao meu lado, acariciando as suas coxas – as tuas não, as dela – e a sua amiga – a tua não, a dela – saiu do quarto com um shortinho bem generoso e sentou à minha frente... eu fiquei pensando comigo mesmo: e se ao invés de estar alisando **estas** coxas eu estivesse alisando **aquelas**? Em que isto mudaria a minha vida? Ou a sua – a tua não, a dela... ou melhor, as delas – ou os destinos da humanidade? Maria Luiza deve estar certa mesmo, 1 vida só é muito pouco.

- Na próxima vida eu vou ser "personal trainer", pra ficar o dia inteiro alisando a mulherada.
- Eu vou ser fisioterapeuta, pelo mesmo motivo.
- E eu vou ser ginecologista, por motivos ainda melhores que os vossos.

Cristina olhou-nos com aquela cara de "vocês estão falando muita merda hoje", mas preferiu não verbalizar seus honestos pensamentos a nosso respeito:

- Pois eu só fiquei com 1 menino durantes as férias todinhas.
- O namoradinho, a-há!.
- Ex-namoradinho.
- E por que acabou, Tina?
- Não foi nada demais, nós apenas chegamos à conclusão de que tínhamos diferentes expectativas em relação a certos assuntos mais... íntimos.
- Sei... isso está me cheirando a sexo...
- Exato...
- E isso lá é motivo pra dispensar o sujeito, Tina?
- E quem foi que disse que eu é que dispensei o canalha, Celso?
- Ah... putz... foi mal...
- Deixa pra lá, caga...
- E este final de semana, Celso, vai pra Sampameu de novo?
- Não, Adriano, minha gatinha vem pra cá, e eu tenho que reiniciar as minhas atividades extra-curriculares no sábado.
- E como está o objeto?
- Continua redondo, Adriano.
- Objeto? Que porra é essa, Celso?
- Nada não, Tina, besteira desse aruá. E eu também falei pro Beto que eu ia ajudar com uns lances do show.

Beto estava animado com o Show do Bicho, me falou que eles iam tocar 5 músicas. Eu ofereci a Tele, meus 3 pedais, Shimano emprestou o baixo. Eu comecei a desconfiar que o cara era um pouco perfeccionista demais, pois eles ensaiavam constantemente, por horas a fio... parecia com a Renata.

Eu limitei minha presença na sala de música, os trabalhos escolares começavam a demandar meu tempo, e eu descobri que não estava livre de umas noitadas no lab comp. Nem estava livre do meu ilustre companheiro Valmir, que logo me convidou para fazer umas simulações, as quais, segundo ele, não iam durar mais que 2 horas.

Eu sabia que seria impossível para ele permanecer menos de uma noite inteira na frente de um computador, e já fui psicologicamente preparado para uns 240 min de tédio. Mas, para minha grata surpresa, a coisa foi muito melhor do que eu esperava. Primeiro porque aquele negócio de resposta a degrau unitário era realmente interessante, e segundo porque logo que chegamos eu dei de cara com as minhas 2 musas que eu não conseguia tirar da cabeça.

A primeira era Beatriz. Eu tinha ficado traumatizado desde o dia em que ela confessou, em público, que ela realmente tinha desenvolvido uma salutar atração por mim no ano anterior.

Aquilo obviamente tinha sido um erro, dela, pois estas coisas a gente não comenta na frente dos outros. E obviamente que havia mexido com os meus brios, eu ainda não aceitava como eu tinha sido tão babaca a ponto de não ter percebido uma coisa daquelas. Ela me viu chegar e me acenou de longe, o seu sorriso me lembrando mais uma vez que aqueles lábios deviam ser saborosos, e que eu tinha que achar um jeito de conseguir prová-los. Mas ela pareceu estar muito ocupada com os seus deveres escolares, então eu achei melhor fazer o mesmo.

Tantas possibilidades...

A segunda era a minha Neusinha predileta, que continuava linda, maravilhosa e inacessível. Nós vimos 2 máquinas disponíveis perto de onde ela estava, e eu sentei a 45 graus dela, bem do outro lado do corredor que nos separava. Eu pensei que ela não havia notado a nossa quase discreta presença, mas ela levantou os olhos por um breve momento e soltou um “oi”. Eu respondi e logo virei o rosto para concentrar-me na tarefa.

Valmir e eu trabalhamos com eficiência, e em pouco tempo começamos a visualizar as curvas de resposta para um sistema de primeiro grau. Eu comecei a me sentir bem com aquilo, e comecei a ficar com pena daqueles bichos de segunda espécie que ruminavam no ambiente e que ainda iam sofrer um bocado até que seus cérebros pudessem ter acesso àqueles avançados conceitos de Engenharia que eu estava descobrindo naquela noite.

Aquela combinação de sensações agradáveis trouxe-me um delicioso sorriso aos lábios, que de alguma forma chamou a atenção da minha potencialmente deliciosa colega:

- Funcionou?
- Hum?
- O programa de vocês, funcionou?
- Funcionou sim... tá massa...
- O meu ainda tá dando pau...
- Que papo é esse de pau, Celso?
- Shhhh, cala a boca, Valmir... eu sei como é que é, Lorena... daqui a pouco você acha o problema e conserta.
- Eu espero que sim...

A coitada não conseguiu achar a causa do problema, e pouco tempo depois resolveu fazer uma pausa para descanso. Levantou a perna esquerda, colocou o pé na cadeira e abraçou o joelho. Do ângulo que eu estava aquela cena ficou extremamente interessante, e minha concentração imediatamente caiu a -0. Eu encostei na cadeira e fiquei observando os detalhes, comecei a imaginar minhas mãos deslizando sobre seus cabelos, seu rosto, coxas...

- Quer um biscoito?
- Humm... ela tá perguntando se você quer molhar o biscoito, Celso?
- Shhhh, cala a boca, Valmir... obrigado, Lorena...

Eu estendi minha mão em sua direção e por uma fração de segundo nossos dedos se tocaram. Eu tremi todinho, quase que o biscoito caiu no chão. Eu disfarcei e falei a primeira coisa que me passou pela cabeça:

- Semana passada eu tava vendo a fita do Encontro Musical... lá no Cineclube...
- Sabe que eu ainda não vi essa fita, meu? Ficou boa?
- Ficou ótima... você ficou muito bem de apresentadora, Lorena...
- Você achou? Eu achei que eu tava falando muito baixo...
- Não... tava bom... eu escutei direitinho toda vez que você chamou meu nome...
- Jura? Da próxima vez que você for ver a fita de novo me chama...
- Com certeza... mas você tem que levar a pipoca, tá bom?
- Como é, Celso? Ela vai ter que levar pitoca?
- Shhhh, cala a boca, Valmir...
- Pode deixar que eu levo sim... ai, eu não sei mais o que eu faço com este programa, viu?
- Vai lá, Celso, mostra pra ela como você é bom de programa...
- Shhhh, cala a boca, Valmir... tu não sabe que eu detesto essas coisas?
- Eu sei... mas você adora aquela coisinha ali, ó...

Eu olhei de novo pra Lorena, ela ainda estava com o pezinho na cadeira, a mão repousando sobre o joelho. Eu levantei e fui sentar junto dela:

- Comp nunca foi meu forte, mas deixa eu ver se eu acho alguma coisa...
- Eu acho que tem alguma coisa errada nessas linhas aqui, ó... mas não sei o que é.
- Humm... aqui tá tudo certo... aqui também... eu acho que aqui devia ser uma vírgula, ao invés de ponto e vírgula...
- Deixa eu mudar... salvar... e executar novamente... era isso!
- É...
- Brigada, Celso, eu ia passar o resto da noite olhando pra esse bendito programa e não ia ver esse erro.
- Ia sim, Lorena...
- Fico te devendo essa...
- Besteira... você não me deve nada...

Nós ficamos conversando mais um pouco, Valmir imprimiu nossas curvas e depois voltamos pro H8. A noite tinha sido proveitosa, nossas simulações tinham dado certo, eu tinha feito a minha boa ação do dia, ou melhor, da noite, e de quebra tinha deixado em aberto uma sessão no Cineclube, potencialmente a 2, com a minha potencialmente deliciosa Neusinha predileta. Shruiu!!!

Tal sessão, infelizmente, nunca chegou a acontecer, pois pouco tempo após aquela maravilhosa noite no lab comp Lorena caiu para a segunda posição na minha lista, atrás da nova deusa do H8, a rainha do rock'n'roll, a Nice predileta de todos: Lídia.

E a mudança de colocações ocorreu durante o Show do Bicho. Eu havia passado no auditório no final da tarde para ver se eles precisavam de algo mais. Beto, Lídia e Regi estavam no palco, Valmir tava equalizando o som, mas eles só checaram os instrumentos e

microfones, não passaram nenhuma música. Adriano estava terminando de instalar a iluminação, eu resolvi ajudá-lo:

- Adriano, quem é que vai tocar teclado com eles?
- Eu não sei... só vi que o Shimano trouxe o DX-7 e foi embora... me passa a outra gelatina, a verde.
- Eles já terminaram de ensaiar?
- Eles não tocaram música nenhuma, Celso, só ficaram ajustando volume...
- Humm...

Eu decidi subir ao palco e investigar mais de perto:

- E aí, Beto, tudo certo pro show?
- Tá tudo redondinho, Celso, tudo massa.
- E quem é que vai tocar teclado com vocês?
- Ninguém, a gente vai fazer umas partes no DX-7.
- Legal... vocês ainda vão passar alguma coisa agora?
- Não, tá tudo perfeito. Agora eu vou pro H8, Fabrício disse que ia me produzir, me deixar bonito.
- Não vai deixar aquele mauricinho te afrescalhar não, viu?

Adriano e eu checamos a iluminação, tava tudo funcionando bem. Eu fui pro H8, tomei um banho, comi algo e fui pegar Raquel na casa dos pais dela.

Ela estava diferente, algo em seu olhar me dizia que aquela noite ia ser especial. Ela me deu um longo beijo antes de entrarmos na paratosa, e outro logo depois que entramos.

- O que foi que houve?
- Nada, lindinho, eu só estava com saudades...

Ela não falou muito até chegarmos ao auditório, apenas me contou que tava trabalhando bastante e que iria começar um novo projeto em breve. O show ainda não havia começado, mas o lugar já estava cheio de gente. Nós fomos falar com o pessoal:

- Beto, essa é a Raquel.
- Oi Beto, Celso me falou muito de você.
- Oi, Raquel, tudo bem?
- Cadê Lídia e Regi?
- Regi tá ajudando o pessoal lá no palco, Lídia ainda tá se arrumando... espero que ela chegue em tempo.
- Bom, a gente vai sentar na segunda fila, se vocês precisarem de algo me avisem.
- Falou... té mais, Raquel.
- A gente se vê depois do show... você não falou que ele era tão bonitinho, Celso.
- E eu vou lá ficar fazendo propaganda?
- Não se preocupe... ele é muito novinho pra mim.
- Sei...

Nós havíamos reservado a fila inteira. CIB estava lá com Marina, Louro e Farias, Shimano e JF, Grego e Bruno, Rai e o pessoal do Cultural. Renata e Tereza estavam na fila detrás da nossa, nós conversamos um pouco e em breve o show começou.

Tudo correu bem, e como sempre todos nós demos boas gargalhadas, muitas vezes porque lembramos de quando estávamos no primeiro ano, do trote, do CPORAER, das aulas de Química. E depois de uma hora a parte musical começou, e a parte musical era composta somente por aquelas 3 pessoas que eu vira ensaiar algumas vezes nas semanas anteriores, Beto, Lídia e Regi. Mas as 5 músicas que eles escolheram pra tocar naquela noite eu não havia ouvido em nenhum dos ensaios, e aquela apresentação ia mudar as perspectivas musicais de todas aquelas pessoas que estavam na segunda fila.

Beto ficou no lado esquerdo do palco. Ele tava de calça preta, camiseta preta, camisa preta por cima... parecia um discípulo de Raquel. Lídia ficou no lado direito, no lugar que eu gostava de ficar. Ela tava de jeans e um top branco. Regi ficou no centro do palco, e estava com aquelas roupas de ir pra aula mesmo, sem produção nenhuma.

Beto estava usando a guitarra dele, mas a minha Tele estava lá no palco, no pedestal. O teclado estava do lado dela, e havia 2 microfones no palco.

Eles começaram com 2 músicas pauleira do Green Day, “Welcome to paradise” e “Hitchin’ a ride”, praticamente sem intervalo. A gente logo sentiu que eles estavam sincronizadíssimos, e que todos 3 estavam muito seguros nos instrumentos. Beto causou uma boa impressão nos vocais, e Lídia não deixou por menos na segunda voz. Regi detonou na bateria, nem eu estava acreditando o quanto ele era bom. O auditório aplaudiu em peso enquanto eles discretamente trocavam de lugares e instrumentos.

- O que é que tá acontecendo, Celso?
- Eu acho que ele vai tocar baixo, CIB... e ela vai pra guitarra.
- Você não falou que ela era tão bonitinha, Celso.
- Eu nunca reparei muito nela não, Raquel, ela é tão magrinha...

Lídia colocou a guitarra de Beto no pedestal e pegou a Tele, mas antes de passar a correia por sobre o ombro deixou visivel uma coisa que me deixou simplesmente atordoado: o “piercing” no umbiguinho dela. A primeira coisa que eu pensei foi que aquele metálico ornamento ia arranhar a minha guitarra, mas para minha sorte ela posicionou-a um pouco abaixo do zona de perigo. Grego não se conteve com a cena:

- Ai se eu fosse essa guitarra...

Raquel tentou fazer outro comentário:

- Você não falou que ela...

Mas foi interrompida quando Beto fez um anúncio para a platéia:

- **Agora a Lídia vai cantar 2 músicas pra gente.**

Foi só ele acabar de falar e Raquel veio com outra gracinha:

- Ela canta, também!?
- Isso pra mim é outra novidade...
- Será que ela canta bem feito ele?
- Eu acho que nós vamos descobrir logo logo, Tereza...
- O que é que essa menina vai cantar, Celso? “Just a girl”?
- Eu não faço a mínima idéia, Louro.

Louro ia se arrepender daquela piadinha muito em breve. A menina começou a tocar a introdução de “Violet”, e quando ela cantou a primeira frase ele olhou pra mim com um imenso sorriso nos lábios e exclamou baixinho:

- Ssssssssssss...

Lídia alternava com perfeição as partes leves e pesadas da música, e quando ela gritava o refrão eu me arrepiava todinho. As reações que ela provocou nos meus amigos foram as mais variadas: Grego sorriu sem parar, JF ficou fazendo que tava tocando guitarra, CIB ficou boquiaberto, os olhos vidrados. Raquel olhou pra mim assim meio de lado pra ver se eu estava babando, eu levantei a mão dela e beijei seus dedos, só pra ela perceber que eu não estava. Naquele momento eu decidi que eu nunca mais ia dar outro polimento na minha Tele, afinal de contas em menos de 1 min ela havia passado pelas mãos e pernas de Lídia, coisa que eu não iria conseguir fazer pelo resto da minha vida no H8.

Quando eles acabaram a música a platéia aplaudiu, assoviou, gritou... eu achei que ela havia arrasado, mas resolvi buscar uma opinião mais neutra:

- O que é que você acha, Renata?
- A menina toca direitinho... e canta muito bem, Celso... eu nunca vi nada igual nos últimos 6 anos...
- Eu prefiro o CIB... se ele raspar as pernas, é claro.
- Obrigado, Farias, são nessas horas que a gente conhece os amigos que tem, não é, Celso?
- Fique com ciúme não, minha nêga. Ninguém canta melhor que você, CIB, ninguém! Não é porque ela tem um belo par de coxas e os olhinhos puxados que você vai cair no meu conceito.
- Êpa! Que papo é esse de belo...
- Shhhh... ela vai cantar de novo, Raquel.
- Até tu, Marina??

Eles haviam trocado de lugares e instrumentos novamente, Valmir estava doidinho checando o bizuário dele e reajustando a equalização dos microfones. Ele fez um sinal dizendo que tava tudo pronto e eles começaram a tocar “Zombie”.

Foram os 5 min e 6 s mais emocionantes que eu já havia presenciado naquele auditório. Ninguém falava nada, parecia até que estávamos todos prendendo a respiração para não causar interferência com aquelas ondas sonoras que saíam das cordas vocais de Lídia, eram

transduzidas em ondas eletromagnéticas no microfone, amplificadas nos circuitos elétricos da mesa de som, enviadas aos alto-falantes e transduzidas novamente em ondas sonoras... que vinham de encontro aos nossos ouvidos, vibravam nossos tímpanos, eram transduzidas em impulsos eletromagnéticos nos nossos ouvidos internos e iam parar nos nossos cérebros, e que no meu caso causavam outros tipos de impulsos que eu tinha certeza que iam resultar em conseqüências lamentáveis para algumas pessoas que estavam naquele auditório naquela noite... inclusive eu mesmo.

Meu transe acabou quando as palmas ressoaram no recinto. Regi levantou o rosto e se assustou com a platéia, que naquelas alturas já estava delirando com o show. Beto chegou perto dele e cochichou alguma coisa, Lídia se aproximou do microfone novamente e tentou fazer alguns agradecimentos:

- **Obrigada...**
- Lídia, Lídia, Lídia... – a platéia exaltava.
- **Obrigada... muito obrigada...**
- Lídia, Lídia, Lídia...

Ela não estava esperando por aquilo, olhou pros meninos, levantou os ombros e começou a rir. Depois de uns 10 s ela tentou novamente:

- **Obrigada...**
- Lídia, Lídia, Lídia...
- **Na bateria, Regi...**
- Regi, Regi, Regi...
- **Beto no vocal, guitarra, baixo e teclado...**
- Beto, Beto, Beto...
- **Obrigado... Lídia no vocal, guitarra, baixo e teclado...**
- Lídia, Lídia, Lídia...
- **Nós queremos fazer alguns agradecimentos...**
- Lídia, Lídia, Lídia...
- **Ao ITA, ao CASD...**
- Lídia, Lídia, Lídia...
- **Ao CASD, ao Rai e todo o pessoal do Departamento Cultural... Adriano, Valmir...**
- Lídia, Lídia, Lídia...
- **Shimano e Celso...**
- Buuu...

Eu já estava esperando tal calorosa reação da platéia, levantei o braço e fiquei acenando para todos.

- **E a próxima música, a última que nós vamos tocar hoje, e que o Beto vai cantar pra nós... é "Creep", do Radiohead.**

Raquel sorriu discretamente e me deu um beijo no rosto. Eu sempre falava pra ela que aquela era a nossa música, e eu fiquei fazendo "lip-synch" enquanto Beto cantava.

Quando eles acabaram todo mundo aplaudiu de pé por mais de 1 min. Louro e Farias saíram de fininho e foram ao palco tietar. CIB percebeu a manobra e ficou preocupado:

- Olha, Celso, aqueles 2 já estão bajulando... vamos lá também.
- Se avexe não, santa...
- Vamos logo senão vai encher de gente...
- Calma, velho... deixa encher... você viu a guitarra e os pedais que eles usaram?
- Vi, e daí?
- E daí que eles vão vir aqui me devolver... vamos deixar a galera sair, a gente senta ali na frente e a montanha vem a nós. Lembre-se, meu amigo, "o sol brilha para todos"...
- "... mas a sombra é para os mais espertos"... você tem razão, Celso, vamos esperar aqui na sombra.

Em menos de 5 min Beto, Lídia e Regi se encheram do assédio e chegaram junto ao nosso grupo. Eles ainda estavam sob o efeito da adrenalina e todos 3 me abraçaram. Depois eu fiz as apresentações e ficamos conversando um pouco.

- Então você é a famosa Raquel.
- Famosa!?
- É, você é famosa lá no 104...
- Ah, o Celso me disse que você está morando lá... dormindo na minha cama...
- É verdade...
- Você canta muito bem, Lídia.
- Muito obrigada.
- Vocês vão pro baile também?
- Vamos, mas a gente vai passar no H8 antes.
- A gente se vê no H15, então.
- Taí, Celso, eu gostei dessa, viu?

Grego veio falar não sei o quê com Lídia e Raquel aproveitou a deixa pra me questionar:

- Dessa??... O que é que está acontecendo, Celso?
- Eu acho que a Lídia também joga bola, Raquel, na zaga... ela deve estar se referindo àquele incidente, com aquela pessoa, na sala de música, lembra que eu te falei?
- Ah...
- Celso, vamos botar as coisas no Tinomóvel e deixar lá no H8?
- Vamos, Beto... a gente se encontra lá no H15, tá, lindinha?
- Tá bom, eu estarei com as meninas, no bar...
- Celso, eu vou com vocês.
- Vamos nessa.

Eu resolvi deixar a paratosa no H8 também, e depois que guardamos tudo fomos andando pro H15.

- Agora vocês vão ter que encarar o assédio dos fãs e das fãs no baile.
- Ôba, vou me dar bem.

- Não vai apertar baranga, hein, Regi?
- Vou deixá-las pra você, Beto.
- E a fita, Celso, será que ficou boa?
- Com certeza, Lídia, a gente vê amanhã... ou segunda, no Cineclube.
- A sua namorada é muito simpática...
- É, a Raquel é muito gente boa.
- As outras meninas também são legais.
- Renata toca guitarra também, ela tem uma Gibson Les Paul Classic Premium Plus.
- Aquela que você usou no Show do Bicho da sua turma?
- Essa mesma... tem um som muito massa. A gente tocou junto no Encontro Musical do ano retrasado, ela cantou uma música do Concrete Blonde...
- Vocês vão tocar juntos este ano?
- Eu acho que não... Renata disse que nunca mais ia tocar em público...
- E por que não?
- Ela é muito na dela... e ela teve uma certa dificuldade de lidar com os fãs depois do show, o pessoal do H8 ficou dando em cima, chamando ela pra sair... essas coisas...
- Nossa...!
- Você vai passar por isso também, Lídia.
- Eu!? Imagina...

Nem precisou imaginar, quando chegamos no baile ela percebeu as pessoas olhando quando ela passava, comentando sobre a sua apresentação. Ela pareceu não se afetar com nada daquilo, mas os meninos adoraram a inesperada bajulação, e logo estavam conversando com as gatinhas joseenses. Lídia e eu dirigimo-nos ao bar, mas enquanto andávamos alguém me puxou delicadamente o braço:

- Ei...

Aquela voz fez gelar o meu sangue. Parecia que eu estava revivendo antigas cenas. Nós paramos por um instante, Lídia fez uma cara esquisita quando eu falei com a dona da voz:

- Oi, Lú, tudo bem com você?
- Tudo bem, Celso, e você?
- Tudo bem...

Maria Luiza estava extremamente atraente, o olhar insinuante, os cabelos ondulando sobre os ombros semi-nus, cobertos apenas por 2 estreitos pedaços de tecido vinho... eu tive que fazer um intenso esforço para manter o meu auto-controle. Ela percebeu a vulnerabiliade estampada no meu rosto e partiu para o ataque:

- Você está tão sumido, eu ligo pra você, você não me liga de volta...
- Eu estou estudando muito... este semestre está bem mais puxado do que eu estava prevendo.
- Eu tô vendo... – ela chegou mais perto e alinhou seus belos olhos cor de mel aos meus – vamos dançar?

- Eu... – “estou louco para dançar contigo, esto louco para te agarrar, mas...” – estou com alguém, Lú. A gente podia fazer alguma coisa semana que vem... ir pro cinema, terça ou quarta...
- Boa idéia... terça eu tenho treino... quarta?
- Tá bom então... tchau, Lú.
- Até quarta, Celso... e lembre-se de que eu não vou ficar “ad infinitum” à sua disposição.

Nós seguimos em direção ao bar, mas eu senti que Lídia tava achando aquilo esquisito:

- Não é nada disso que você está pensando, Lídia, Maria Luiza e eu somos apenas bons amigos.
- Eu vi... eu lembro daquele dia na sala de música...
- Não, aquilo foi porque ela estava feliz com a prova.
- Ah, sei... e na semana seguinte, no estacionamento do A?
- Você viu aquilo, foi?
- Hum-hum... a Rosele viu também...
- Aquilo foi só um beijinho...
- Tô sabendo...
- Sério, se você me encontrar agarrado com ela novamente pode apartar que é briga.

Antes que Lídia pudesse ridicularizar o meu fluido argumento outro alguém me puxou delicadamente o braço:

- Ei...

Aquela voz novamente fez gelar o meu sangue. Parecia que eu estava revivendo antigas cenas. Nós paramos por um instante, Lídia fez outra cara esquisita quando eu falei com a dona da outra voz:

- Oi, Dri, tudo bem com você?
- Tudo bem, Celso, e você?
- Tudo bem...

Adriana estava muito atraente, o olhar curioso, os cabelos cacheando sobre os ombros semi-nus, cobertos apenas por 2 estreitos pedaços de tecido estampado... eu tive que fazer um considerável esforço para manter o meu auto-controle. Ela percebeu a curiosidade estampada no meu rosto e partiu para o ataque:

- Você chegou e nem ligou pra gente, Celso, como foram as férias?
- Ótimas, e as suas?
- Excelentes... – ela chegou mais perto e alinhou seus belos olhos castanhos aos meus – vamos dançar?
- Eu... – “estou começando a achar que este ano você não me escapa, mas...” – estou com alguém, Dri. E a Dré?
- Tá conversando com o Ricardo e o Luca. Vai fazer o quê no feriado?
- Vou pra Ubachuva, pegar onda. E você?

- Eu acho que vou pra Caraguá com as meninas.
- Legal... – eu finalmente notei que a minha colega estava um pouco deslocada – você já conheceu a Lídia?
- Não, tudo bem? Vocês tocaram muito bem.
- Obrigada...
- Vocês vão tocar juntos no Encontro Musical, Celso?
- Claro que sim, este ano vai ser massa!
- A gente se vê, então.

Nós seguimos em direção ao bar, mas eu senti que Lídia tava achando aquilo esquisito:

- Alguem já te disse que é importante manter amizades na cidade, Lídia?

Antes que Lídia pudesse ridicularizar o meu fluido argumento outro alguém me puxou delicadamente o braço:

- Ei...

Aquela voz novamente fez gelar o meu sangue. Parecia que eu estava revivendo antigas cenas. Nós paramos por um instante, Lídia fez mais outra cara esquisita quando eu falei com a dona da outra voz:

- Oi, Ana Paula, tudo bem com você?
- Tudo bem, Celso, e você?
- Tudo bem...

Ana Paula estava bastante atraente, o olhar duvidoso, os cabelos caindo sobre os ombros semi-nus, cobertos apenas por 2 estreitos pedaços de tecido branco... eu tive que fazer um bom esforço para manter o meu auto-controle. Ela percebeu a dúvida estampada no meu rosto e partiu para o ataque:

- Você chegou e nem ligou pra mim, Celso, como foram as férias?
- Ótimas, e você?
- Muito boas... – ela chegou mais perto e alinhou seus belos olhos castanhos aos meus – vamos dançar?
- Eu... – "estou começando a achar que este ano você também não me escapa, mas..." – estou com alguém, Ana. E o Adriano?
- Acabou mesmo... mas nós continuamos amigos.
- Só... – eu novamente notei que a minha colega estava um pouco deslocada – você já conheceu a Lídia?
- Não, tudo bem? Vocês tocaram muito bem, nossa!
- Muito obrigada...
- Vocês vão tocar juntos no Encontro Musical, Celso?
- Claro que sim, no Encontro Musical, no Show do Pomto Médio... este ano vai ser massa!
- Legal... a gente se vê, então.
- Tchau, Ana.

Nós seguimos em direção ao bar, mas eu senti que Lídia tava achando aquilo esquisito:

- Alguem já te disse que é importante manter mais amizades na cidade, Lídia?

Antes que Lídia pudesse ridicularizar o meu fluido argumento outro alguém me puxou delicadamente o braço:

- Ei...

Aquela voz novamente fez gelar o meu sangue. Parecia que eu estava revivendo antigas cenas. Nós paramos por um instante, Lídia fez mais outra cara esquisita quando eu falei com a dona da outra voz:

- Oi, Dani, tudo bem com você?
- Tudo bem, Celso, e você?
- Tudo bem...

Daniela estava razoavelmente atraente, o olhar saudoso, os cabelos deslizando sobre os ombros semi-nus, cobertos apenas por 2 estreitos pedaços de tecido verde... eu tive que fazer um leve esforço para manter o meu auto-controle. Ela percebeu a saudade estampada no meu rosto e partiu para o ataque:

- Você chegou e nem ligou pra mim, Celso, como foram as férias?
- Otimas, e voce?
- Foram boas... – ela chegou mais perto e alinhou seus belos olhos cor de mel aos meus – vamos fazear algo mais tarde, depois do baile?
- Eu... – “estou começando a achar que este ano você finalmente vai liberar, mas...” – estou com alguém.
- Essa magrela?!
- Não, não, uma outra pessoa. Eu te ligo na terça, tá bom?
- Tá legal, tchau.

Nós seguimos em direção ao bar, mas eu senti que Lídia tava achando aquilo esquisito:

- Alguem já te disse que é importante manter amizades no CTA, Lídia?

Antes que Lídia pudesse ridicularizar o meu fluido argumento outro alguém me puxou delicadamente o braço:

- Ei...

Aquela voz novamente fez gelar o meu sangue. Parecia que eu estava revivendo antigas cenas. Nós paramos por um instante, Lídia fez mais outra cara esquisita quando eu falei com a dona da outra voz:

- Oi, Michelle, tudo bem com você?
- Tudo bem, Celso, e você?

- Tudo bem...

Michelle estava ligeiramente atraente, o olhar neutro, os cabelos presos acima dos ombros semi-nus, cobertos apenas por 2 estreitos estreitos pedaços de tecido azul... eu tive que fazer um leve esforço para manter o meu auto-controle. Ela percebeu a neutralidade estampada no meu rosto e partiu para a defesa:

- A Edna falou que te viou na piscina na semana passada.
- Foi. Ela está por aí?
- Está dançando... eu falei com a Claudinha, ela disse que você ligou pra ela no Natal.
- Foi, eu estava com saudades dela.
- Eu também estou... eu estou tão detonada, hoje, Celso...
- O que foi que houve?
- Eu acho que bebi demais... – ela chegou mais perto e alinhou seus semi-abertos olhos castanho-avermelhados aos meus – vai almoçar lá em casa amanhã.
- Eu... – "estou achando que você só vai acordar de tarde, mas..." – tá legal!

Nós seguimos em direção ao bar, mas eu senti que Lídia tava achando aquilo esquisito:

- Alguem já te disse que é importante manter mais amizades no CTA, Lídia?

Lídia fez uma cara de quem não ia nem se dar ao trabalho de ridicularizar o meu fluido argumento, mas antes que ela pudesse dizer algo as minhas 2 musas passaram à nossa frente e acenaram amigavelmente, mas nenhuma me puxou delicadamente o braço.

Eu comecei a fazer as listas mentais: 1) mulheres a serem apertadas neste ano, por ordem alfabética: Adriana, Ana Paula, Beatriz e Lorena; 2) a serem apertadas novamente neste ano, por ordem alfabética: Daniela; 3) a serem evitadas neste ano, por ordem alfabética: Maria Luiza e Michelle; 4) músicas a serem tocadas com Lídia neste ano, ordem aleatória: "Gold dust woman", "Shitlist", "Connection", "A common disaster"...

Nós finalmente chegamos ao nosso destino. Biritamos um pouco, conversamos com o pessoal, mas Lídia estava muito requisitada e em pouco tempo ela teve que dar atenção a outras pessoas.

Raquel e eu fomos dançar quando tocou música lenta, e mais uma vez eu tive a impressão de que ela estava diferente. Eu tentei descobrir o motivo:

- Você está querendo me dizer alguma coisa?
- Tou, Celso, mas não vou falar agora... vamos aproveitar a noite...
- É coisa importante, não é?
- É... mas pode esperar até mais tarde.
- Mais tarde...
- Hum-hum... mais tarde, agora vamos dançar mais...

Nós realmente aproveitamos bastante aquela noite: dançamos, bebemos, conversamos com os amigos... até namorar na beira do laguinho do H13 a gente foi. E depois de alguns

emocionantes momentos ela finalmente começou a tocar no assunto importante, e depois de poucos instantes eu me convenci de que aquela seria a última noite que passaríamos juntos.

- Celso, deixa eu te falar uma coisa...
- Fala...
- Eu não vou poder passar o feriado com você, eu vou viajar a trabalho.
- Vai trabalhar no feriadão?
- Vou, eu tenho que ir para Atlanta, vou ficar 10 dias fora.
- Atlanta? Altas ondas... era isso a coisa importante?
- É o começo... depois que eu voltar eu vou trabalhar num projeto lá em BH...
- BH? Nossa, Minas! Altas ondas... vai ficar quantos dias por lá?
- 4 a 6... meses...
- 6 meses?!
- É... eu quero vir aqui pelo menos uma vez por mês... não vai dar pra vir todo fim de semana.
- Sei...

Ela ficou me olhando e acariciando meu rosto em silêncio. Eu não sabia o que falar, ela parecia que já havia planejado tudo que ia dizer:

- 4 meses passam depressa, Celso... é o tempo que a gente se conhece...
- É.. bom, independente do que aconteça ou não daqui pra frente eu queria que você soubesse que eu adorei cada minuto que a gente ficou junto, Raquel.
- Nossa! Você tá falando como se não a gente não fosse mais se ver...
- Não é isso, Raquel... é claro que a gente vai se ver...
- Vamos mudar de assunto, eu ja te contei da vez que eu fui pra Porto Seguro?
- Não, quando foi?
- Eu tava no terceiro ano, foi nas férias do meio do ano... foi muito legal, eu tava numa fase meio experimental, sabe?
- Sei... posso fazer uma pergunta indiscreta?
- Pode... eu sei que você não vai perguntar minha idade...
- Nem teu peso...
- Chuta.
- Experimental... a nível de sexo, drogas ou rock'n'roll?
- Bom, esta é uma longa estória.
- Nós ainda temos o resto da noite...
- Tudo começou quando o menino que eu tava namorando na época, um cara da minha turma, sofreu um acidente de carro... fatal...

Sereia De Água Doce

O semestre estava apenas começando, mas nós sabíamos muito bem que o potencial estrago ao final do mesmo não era nem um pouco desprezível. A coisa ficou bem evidente depois da primeira prova de Elementos de Máquinas, quando calculamos que ninguém da turma tinha mais chances de ser Summa, ou Magna. Viva a MEC...

Provavelmente as únicas honrarias que teríamos seriam 2 "I cum Laude", pois Adriano e Carlito haviam terminado o Fundamental com 5 Is cada...

- Porra, Adriano, 5 Is??
- Não se preocupe, Celso, que eu já planejei tudo. O bizu vai ser não pegar nenhuma segunda época, pois já ficou demonstrado que eu não consigo me sair bem nelas.
- Sim, velho, mas nós ainda temos 3 anos pela frente!!
- 2 anos, Celso, que no 5º ano ninguém pega segundinha.
- Eu não sei não...
- Vamos na cidade comer um sanduba e depois a gente termina esta série de EST.

Em pouco tempo eu percebi que a minha vida social consistia basicamente em ir à cidade com Adriano comer um sanduba quando batia a fome no meio do gagá. O boteco era freqüentado por motoristas de táxi, dançarinas exóticas, alunos do 1º MEC e outras criaturas de hábitos noturnos. Provavelmente era o único lugar em São José que permanecia aberto depois das 1:00, e eles faziam o melhor sanduíche da cidade.

Bom, pelo menos era o que dizia Adriano. Eu sinceramente não era muito fã daqueles sandubinhas não, mas as opções, ou melhor, falta de, tornavam aquelas empreitadas perfeitamente aceitáveis. Mesmo porque elas eram uma ótima oportunidade para recobrar as energias no meio das viradas de noite... e também para ficar secando as dançarinas e lambendo os beiços ao mesmo tempo sem que elas ficassem ofendidas.

- Aquela dali eu encarava, Celso, e tu?
- Eu encarava até tu de novo, velho, quanto mais aquela gostosinha...
- Êpa, sai pra lá, rapá, tá pensando o quê?
- Há-há... vais pra BH no feriado?
- Vou, quer ir comigo?
- Muito obrigado, Adriano, mas eu estou precisando pegar onda...

Eu estava mesmo precisando pegar onda, e muito. Toda noite eu sonhava surfando, toda noite! Minha definição de "sonho molhado" era completamente diferente daquela dos meus colegas do H8...

- E pelo que eu sei BH não dá muita onda nesta época do ano, tá ligado?
- BH não dá onda em nenhuma época do ano, Celso!
- Só... e como estão as coisas na tua casa?
- É isso o que eu vou ver quando chegar lá... minha mãe ainda está achando que não é nada demais, que isso é crise que acontece com todo casal, já o meu pai me disse que eu me preparasse para o pior.

- Puta merda... e os teus irmãos?
- Aparentemente estão bem...
- E K-Zé, o que é que ele vai fazer no feriado?
- Ele vai ficar aqui...
- Com a lourinha que ele apertou no Baile do Bicho?
- Hum-hum... a colega dela...
- Colega dela é foda, Adriano...
- A amiga dela... amiga dela também é foda, né?
- Só...
- A sua amiga, a tua não, a dela, vai passar o feriado com a família, lá pras bandas de não sei aonde, e ela vai ficar sozinha no apartamento...
- Bizu... o que é que ela faz mesmo?
- Sei lá, ela trabalha não sei aonde e estuda não sei o quê... o K-Zé já declarou que vai casar com ela depois que se formar.
- Puta merda... já virou outra Patrícia??
- Só... mas pelo menos essa não tem namorado.

O pior é que o nosso vidente amigo K-Zé realmente casou com a tal menina depois da nossa formatura, mas isso é outra estória...

- Eu te falei que eu encontrei a Ana Paula no baile?
- Não, como é que ela está?
- Está carente, pelo visto, veio logo me convidando pra dançar...
- Ocê não vai se engraçar pro lado dela não, né?
- E por que não? A menina tá de bobeira, Adriano, o babaca do namorado dela dispensou a coitada... há-há.
- Eu ainda não sei porque eu acabei com ela, Celso, aquela menina é uma gracinha...
- Só... vamos néussa? Terminar a bendita série...

Foi duro chegar à triste conclusão de que a minha primeira resolução de ano novo havia durado apenas 14 dias.

Mas ainda havia esperança para a segunda: surfar pelo menos 1 vez por bimestre, sem contar a semaninha e as férias, naturalmente.

Pernilongo, um colega do 5º ano, havia decidido aprender a surfar, mas depois de um leve acidente, no qual ele quase perdera sua capacidade reprodutiva, a sua namorada – a tua não, a dele – mandou o coitado desfazer-se da prancha, e ele decidiu acatar a ordem, quer dizer, sugestão, dela, a namorada. Eu concordei em adquirií-la – a prancha, naturalmente – com a condição de que ela teria que passar no “drive test” em Itamambuca.

Ricardo havia me chamado pra ir passar o feriadão no Rio, mas eu declinei o convite, e fui pra Ubatuba com Valter e Bebeto. O tempo estava bom quando chegamos, e nós fomos direto para a Praia Grande. Eu passei o dia pegando sol e onda, testando o equipamento do meu arrependido amigo Pernilongo... ou melhor, testando a prancha do meu arrependido amigo Pernilongo. Que, para felicidade geral minha, do meu arrependido amigo Pernilongo e da sua regulona namorada, funcionou bem na Praia Grande e em Itamambuca também.

De noite nós saímos pra azarar a mulherada. Quer dizer, Bebeto queria arrumar uma confusãozinha. Valter já estava com saudades da namorada, já havia falado que no dia seguinte ia voltar pra São José, e eu estava na minha. Nós fomos comer algo e, pra variar, encontramos um monte de colegas do H8 circulando na cidade. Finalmente entramos numa pizzaria e encontramos com alguns notórios membros da Panarita: Lulu, Alfredelho, Ruizola e JP. Juntamos as mesas e ficamos jogando papo pro ar a noite inteira. Quando estávamos de volta pra pousada Lucio e Alfredo me fizeram um irresistível convite:

- Celsão, nós tamos numa casa enorme, fica lá conosco.
- Casa? Vocês estão estribados, hein?
- Nada, meu pai tá de passagem por aqui e alugou uma casa, mas ele vai pra Sampa amanhã, a casa é nossa até domingo.
- Beleza, amanhã eu vou pra lá.

Na sexta de manhã, logo cedo, depois que Valter e Bebeto se mandaram, eu fui pra casa deixar minhas coisas. Depois fui pra praia com Lucio e Alfredo. O mar tava baixo, eu fiquei só pegando jacaré e admirando a paisagem.

Foi outro dia de sol intenso, eu já estava estranhando... De noite fizemos um lanche rápido e fomos pro calçadão. Tava cheio de gente, mulher a dar com o pau, e o nosso serelepe amigo Alfredelho foi o primeiro a ficar animadinho:

- Lulu, o negócio aqui tá bom demais... eu hoje tiro o pé da lama...
- Tá massa... eu não consigo nem me concentrar direito... é muita mulher bonita... e aí, Celsão? Vamos à caça?
- Rapaz... eu não vou procurar confusão, mas se a confusão me achar...
- Esse é o meu garoto...

Nós ficamos andando de lá pra cá, que nem 3 manés, olhando pra tudo que era mulher que passava, mas em pouco tempo percebemos que aquela tática não era a mais apropriada para o lugar. Eu lembrei dos sábios ensinamentos que havia adquirido com o meu tio no Rio e resolvi propor algumas mudanças:

- Pessoal, esse esquema não tá funcionando...
- Eu também acho que não... a gente tá sem foco.
- A caça é móvel, a gente tem que ficar parado.
- Parado, Celso?
- É, a gente tem que parar numa esquina dessas e ficar sacando o movimento.
- Boa idéia... vamos colocar Lucio de isca.
- Isca?
- É, Lulu, tu fica na frente pra chamar a atenção da mulherada, quando elas se aproximarem a gente chega junto pra finalizar o contrato.
- Porra, vocês tão me fazendo sentir como homem-objeto...
- Quem manda ser bonitão...?

A nova tática deu certo, e em pouco tempo nós estávamos selecionando as possíveis candidatas. Quando elas paravam pra conversar com Lucio a gente ficava dando os toques pra ele:

- Essa não, Lucio... muito baixinha...
- Aquela dali, ó... é gostosa...

Depois de uma meia hora de alarmes falsos, desapontamentos e muito papo furado nós detectamos uma loura maravilhosa que estava na área. Ela estava só, e não tirava os olhos da nossa isca.

- Lulu, é essa!
- Mas ela tá só...
- Eu aposto que ela deve ter uma tuia de amiga gostosa... vai lá.

Lucio chegou junto, eles começaram a conversar, de longe deu pra perceber que o negócio estava indo bem. De repente eles começaram a se beijar, passaram uns 5 min se agarrando, e foi quando Alfredelho começou a ficar preocupado:

- Celsão, cadê as amigas?
- Calma velho, daqui a pouco ela vai buscar, tu vai ver... fica quieto aí, enquanto isso vamos sacar o movimento.

Depois de uns 10 min a menina foi embora, e Lulu voltou todo sorridente:

- Eu acho que teu plano funcionou legal, Celsão... eu apertei uma loura maravilhosa, a-há!
- Pra onde ela foi, Lulu?
- Foi trazer 2 amiguinhas... a-há, a-há!
- Eu não te falei, aruá? Vê se não vai falar merda pra elas... tu falou de onde a gente era, Lucio?
- Não, Celsão... ela não perguntou.
- Se alguma delas perguntar vamos usar a resposta padrão, tá bom?
- Combinado.
- E nada de dizer que a gente e do ITA, viu, Alfredo? Tu sabe que isso é o maior queima filme por aqui.
- Tá bom, velho, ta bom.

A gente ficou conversando potoca, sacando a mulherada, e pouco tempo depois a loura voltou com 2 amigas. Uma tinha cabelos castanhos, longos e lisos, a outra tinha cabelos pretos, cacheados, na altura dos ombros. Lucio fez as apresentações e nós ficamos lorotando por uns minutos, mas tudo ainda estava no estado amorfo. Eu achei todas 2 simpáticas e atraentes. A do cabelo preto tinha a bunda maior, a do cabelo castanho tinha o peito maior, e um sorriso mais sensual. Alfredelho logo me confessou a preferência dele:

- Celsão, já escolhi a minha, eu quero aquela do cabelo grande.
- Vamos ver se ela também te escolheu, né, velho?

- Tu vai querer ficar com ela também, é?
- Pra mim tanto faz... e se não rolar nada também dá no mesmo.

Naturalmente que elas também estavam falando a mesma coisa, e quando a loira sugeriu que a gente fosse tomar sorvete a preferência delas ficou bem explícita quando a tivemos que formar pares para poder se locomover no meio da multidão. Eu dei uma olhada pra Alfredo e dei um risinho bem sonso. Ele ficou muito puto, mas escondeu bem.

- Vocês são da onde, Celso?
- A gente é de Olinda... Clélia...
- Olinda?! Nossa!! Eu passei o carnaval lá, foi muito legal!
- Foi massa... foi a primeira vez que você foi pra lá?
- Foi, eu adorei, nunca subi tanta ladeira na minha vida, no ano que vem eu vou de novo...
- Quem sabe a gente se encontra por lá...
- Eu espero que sim...

Aquele sorriso era de matar, eu achei que não ia dar pra segurar a onda. A gente continuou andando, a sorveteria era lá no fim do calçadão:

- E o que é que vocês estão fazendo por aqui?
- A gente foi em São Paulo comprar uns equipamentos de som... e como o feriado tava perto nós resolvemos vir conhecer Ubatuba... é muito massa...
- Muito massa... eu acho o sotaque de vocês tão bonito...
- Agradecido... o seu também é.
- Todo feriado a gente vem pra cá.
- Vocês são da onde?
- De Sertãozinho... fica perto de Ribeirão Preto.
- Ribeirão eu sei onde é... fica um pouquinho longe daqui, não é?
- É, mas vale a pena... esse lugar é tão bonito...
- Eu também acho... eu gostei muito de Itamambuca... altas ondas...
- Você pega onda?
- Hum-hum...
- Nossa!! Quem diria que eu ia conhecer um surfista de Olinda aqui em Ubatuba...!!
- É, aqui tá melhor pra pegar onda... em vez de tubarão a praia tá cheia de sereia...
- É verdade... tem muita mulher bonita por aqui...
- Cada uma mais bonita que a outra... principalmente as de água doce... do interior paulista...
- Obrigada...

Eu não ia conseguir segurar aquela onda de jeito nenhum, a menos que algo inesperado acontecesse eu ia apertar aquela Clélia até ela ficar roxa. A gente tava chegando perto da sorveteria, a densidade humana estava caindo, mas nós continuávamos andando lado a lado, nossos braços se tocando. O meu caro amigo Alfredelho aproveitou que havia mais espaço e se introduziu entre nós, claramente se posicionando na zaga:

- Vocês estão falando do quê?

A menina olhou pra trás, para sua amiga, e depois respondeu:

- O Celso tava me falando das ondas que ele surfou em Itamambuca... você surfa também, Alfredo?
- Não, o ITA consume muito tempo da gente... não dá pra se dedicar muito aos esportes.
- ITA?!
- Celso não falou que a gente estuda no ITA?
- É conversa dele, Clélia... imagina se a gente tem cara de quem estuda no ITA...
- Isso vocês não têm mesmo... todos bronzeados de praia, saudáveis... eu conheci uns caras do ITA e eles tinham aquela cara de louco...
- É... eles têm aquele jeito de cdf... nada a ver com a gente, né, Alfredo?
- É... eu tava brincando...

Nós começamos a tomar sorvete e a coisa se amorfizou novamente, todo mundo ficou conversando com todo mundo. Nós formamos um círculo, eu estava entre as 2, e fiquei dividindo minha atenção entre o sorriso maravilhoso de Clélia e o olhar sensual de Sonia, que voltou a tocar no assunto proibido:

- Quer dizer que vocês estudam no ITA... como é que é lá?
- Não... isso foi conversa de Alfredo...
- Isso é verdade, Lucio?
- O quê?
- Vocês estudam no ITA?
- Hum... eu não sei, Kátia... Celsão, eu acho que a gente vai ter que falar a verdade...
- Não...!!
- Celso, você mentiu pra mim? Você disse que vocês eram de Olinda!
- Isso é verdade, Clélia... a gente é mesmo de Olinda, não é, Celsão?
- É, Alfredo... é verdade, Clélia, a gente é de Olinda mesmo... e a gente estuda no ITA.
- Sério?!
- Sério... a gente não gosta de falar porque quando a gente fala o pessoal fica pensando que a gente é um bando de tabacudo...
- Tabacudo...!?
- Um bando de babaca...
- Eu não achei vocês babacas, Celso...
- Obrigado, Sonia...
- É verdade que pousou um disco voador lá no ITA?
- Não... isso é lenda... aquele disco voador caiu no mar... depois é que foi levado pro ITA.
- Esse Alfredo conta muita lorota, viu, Kátia? Não acredita em nada do que ele diz...
- É sério, todo mundo sabe disso... Celsão já viu o disco, ele tá trabalhando num projeto ultra-secreto do CTA, pra descobrir como é o sistema de propulsão do disco voador.
- É verdade, Celso?
- É papo desse aruá, Clélia... tá vendo? É por isso que eu não gosto de dizer que a gente é do ITA...!

Nós mudamos de assunto, e Sonia aproveitou para dar uma jogada na pequena área:

- Celso, você quer provar do meu sorvete?
- Quero... é de chocolate?
- Hum-hum... experimenta...

Ela colocou o sorvete na minha boca e foi puxando devagarzinho até ele encostar-se aos seus lábios novamente. Dali pra gente se beijar foi somente um pulinho, e logo depois ela puxou a minha mão e a gente foi sentar num banco. Depois que acabamos os sorvetes ela me deu outro beijo, bem geladinho. Eu acho que fiz uma cara feia, pois Sonia ficou desconfiada:

- O que foi? Você queria ficar com a Clélia?
- Não é isso... vocês 2 são muito interessantes... é que eu pensei que vocês já tivessem definido isso anteriormente...
- A gente sempre tira par ou ímpar...
- Par ou ímpar?!
- É, quem ganhar tem a preferência de escolha... eu perdi...
- Ah... sei...
- Mas a gente também sempre combina que se não funcionar a gente pode trocar...
- Hum...
- Eu fiz o sinal pra ela quando o Alfredo foi falar com vocês...
- Muito interessante o método de vocês...
- E vocês, como é que fazem?
- A gente usa um método um pouquinho diferente...
- Como é?
- Primeiro o Alfredo dá uma produção no Lucio, deixa ele todo arrumadinho, e depois a gente coloca ele de isca...
- Isca?!
- É, ele fica numa esquina, todo sorridente...
- Ai meu Deus...
- Exato... depois a gente seleciona a vítima, quer dizer, a candidata...
- Kátia...
- No caso foi ela, poderia ter sido outra... Lucio joga um papo mole pra cima da menina, o que na maior parte dos casos ele nem precisa fazer, pois é a mulherada que dá em cima dele...
- Claro... em gato daqueles...
- Exato... e depois Alfredo e eu lutamos pelas sobras...
- Ei, que é isso? Tá me chamando de sobra!?
- Não, não, claro que não... dessa vez foi difícil definir, pois vocês 3 são maravilhosas...
- Também não precisa exagerar... eu sei que Kátia é a mais bonita... mas eu sou a mais quente, você vai ver...

A menina era quente mesmo, quente toda. Nós fomos passear na praia, nem vimos mais os outros. E depois de horas e horas de agarro eu fui deixá-la na casa onde elas estavam.

Quando cheguei à “nossa” casa os meus comparsas estavam dormindo. Eu tentei não fazer muito barulho e logo fui dormir também. Acordei todo detonado, não queria nem levantar, mas Lucio insistiu:

- Levanta, porra, já são 10:00...
- Deixa eu dormir... tá chovendo...
- Tá não, tá fazendo sol de novo... pelo terceiro dia consecutivo... vamos pra praia, as marias tão lá esperando...

Eu levantei, fui no banheiro, quando voltei eles estavam tomando café. Eu sentei, fiquei comendo umas frutas, nós começamos a conversar besteira:

- Alfredelho apertou a mulher, Celso.
- Foi!? Depois de dar uma de beque pra cima de mim...
- Beque uma porra! Você disse que não fazia questão...
- Disse... mas aí a gente já tava num papo legal, ela já tava dando uns risinhos pro meu lado... até tu atrapalhar a coisa...
- Foi mal, Celsão, mas eu tava fissurado na mulher...
- Deixa pra lá... caga...
- E, além disso, quando eu vi tu já tava agarrado com a tal da Sonia...
- E vocês sumiram, foram pra onde?
- Pra praia...
- A gente ficou por lá até... era o quê, Alfredo? 1:00?
- Por aí... a gente foi deixar as meninas na casa delas, a outra ainda não tinha chegado...
- Que horas tu chegou?
- Eu não sei... a gente ficou na praia até o sol nascer... depois eu fui na casa delas... a gente ficou mais um tempinho por lá...
- Porra! Tu ficou com ela até de manhã?
- Hum-hum...
- Eu acho que esse viado deu um comidão nela, Alfredo...
- Puta merda, eu fiquei com a mulher errada!
- Por que? Não rolou nada?
- Porra nenhuma!
- Nem um peitinho?
- De leve...
- A minha também foi o mesmo esquema...
- Pelo visto eu fiquei com a rapariga do grupo...

Eu dei um risinho bem sacana quando falei aquilo. Alfredo ficou irado, o que me fez rir mais ainda.

- Puta que o pariu... Lulu, esse viado comeu a menina...
- Comeu, Celsão?
- Vocês se preocupam muito com esses detalhes... porra, esse sal é foda, meu cabelo tá todo duro...
- E por falar em porra...

- E por falar em foda...
- E por falar em duro... porra... eu devia ter ficado com a tal da Sonia...
- Bem feito... é castigo por ter dado uma de beque... a-há!
- Essa foi boa, Lulu...

Eu peguei outra maçã e comecei a mastigar de novo.

- Pelo menos conta como foi, né, Celsão?
- Foi massa... a menina é uma quenthura...
- Nós queremos detalhes, velho!
- A gente chegou na praia... ela me agarrou, me deu um beijo da porra... depois deu uma lambida na minha orelha...
- Humm...
- Puta merda...
- Eu passei logo a mão na bunda dela... bunda dela é feio, né? Na sua bunda... na tua não, na dela, é claro...
- E que bunda...
- Maravilhosa... toda durinha...
- Puta merda...
- Ela riu e me perguntou se eu tinha um baseado...
- Como é que é?!
- Um baseado??
- Pois é...
- Há-há-há... que é que tu disse? Que não mexia com essas coisas?
- Claro que não... – "pois afinal de contas eu já havia cometido este erro nas férias, com Bianca" – eu não ia dar uma de mané, né, velho? Eu falei que a gente já havia detonado a marofa todinha na quinta...
- Porra, velho, agora a mulherada vai pensar que a gente é um bando de maconheiro...
- Besteira, Alfredo, tudo em nome da sacanagem... conta mais, Celsão... ela ficou arretada?
- Não... ela disse "não tem problema, a gente não vai precisar disto"... e eu falei "de jeito nenhum"...
- Essa foi muito boa, Celsão... a-há!
- E depois?
- Depois a gente se agarrou mais... a mulher começou a beijar meu pescoço, eu dei uma pegadinha nos peitinhos dela... de leve...
- Puta merda... esse viado comeu a mulher, Lulu!
- Ela parou de me beijar, olhou pra minha cara... colocou as mãos por debaixo da blusa... tirou o soutien, dobrou bem dobradinho e botou no bolso do short...
- Hú-hú!!!
- Eita bicha safada da porra!!
- Meu irmão... eu nem acreditei quando ela fez aquilo... depois, bom vocês imaginam o que se passou depois...
- Puta merda...
- E o peitinho dela era bonitinho, Celso?
- Lindo... pequeno, mas lindo... e depois o sol nasceu...
- Êpa, peraí, tá faltando pelo menos umas 5 horas de narrativa...

- Celsão... conta essa estória direito... essa mulher tava a fim de dar...
- Foi o que eu pensei... ainda tem suco?
- Tem na geladeira...
- Porra, conta logo o resto, cacete!
- Não rolou nada demais, Alfredelho... kit básico...
- Mão naquilo...
- Aquilo na mão...
- Puta merda... eu fiquei com a mulher errada... mão naquilo... esse viado comeu a menina, Lulu.
- Eu também acho... ela tava a fim de dar, Celsão... água morro abaixo...
- Fogo morro acima...
- Foi o que eu pensei... eu comecei a analisar a melhor configuração para o sistema... que eu já havia determinado ser de segunda ordem...
- Cuidado com o "overshoot"...
- Exato... e aí aconteceu...
- Sexo! Jaba-jaba! Zug-zug!
- Não... bi-bi zu-zu lê-leu...
- O quê?
- A mulher olhou pra minha cara e disse "não"...
- Não?! Por que não??
- Eu fiz a mesma pergunta...
- E?
- Ela falou "eu não posso"...
- E tu perguntou "por que não"?
- Foi... adivinha o que ela respondeu?
- Porque eu estou menstruada?
- Não... isso eu já havia notado que não era o caso...
- Porque eu sou virgem?
- Idem idem...
- Porque eu tenho namorado?
- Não...
- Porque a gente se conheceu hoje e eu nunca dou no primeiro encontro...?
- Isso era o que ela devia ter falado... teria sido mais sutil...
- Porque eu esqueci as camisinhas?
- Não... e mesmo se ela tivesse falado isso eu estava prevenido, vocês sabem que eu sempre carrego umas 6 no bolso...
- Pra que tanto exagero?
- É que eu uso 2 de cada vez... trauma do primeiro ano.
- Bizu... eu não sei, diz logo o que ela falou, cacete!
- Vocês não vão acreditar...
- Diz logo, porra!
- Porque hoje é Sexta-feira Santa... a gente faz amanhã...
- Filha da puta!
- Eita mulherzinha hipócrita do caralho!
- Foi o que eu pensei...
- Por que tu não disse "mas hoje já é sábado"?
- E tu acha que eu não falei isso não? Não teve jeito, a mulher regulou a mixaria...

- E depois?
- A gente continuou a fazer o que a gente tava fazendo antes... até o sol raiar...
- Puta merda...
- E depois de novo, quando a gente chegou na casa delas...
- Puta merda... vamos pra praia? Elas já devem estar lá...
- Eu não sei, Alfredo... eu não quero ver essa mulher de novo... vocês notaram que ela tem uma sinalzinho no nariz? Parece a Bruxita...
- Bruxita?!
- É... aquela bruxa dos decalques lá do ITA... e ela tem o peito pequeno...
- Para de botar defeito na mulher, Celsão... só porque ela não quis dar...
- Vamos lá, eu agarro a Bruxita... tu fica com a Clélia... ela tem o peito maior...
- Eu acho que a gente não devia se preocupar com nada disso... vai ver que elas só queriam um amassinho de uma noite só...
- Eu espero que sim, Lulu... só falta essa maria querer grudar no meu pé...

Nós chegamos na Praia do Tenório e elas estavam lá, tomando sol. Todo mundo falou com todo mundo, 3 beijinhos no rosto, ninguém beijou na boca de ninguém... parecia que Lucio estava certo. Nós sentamos, ficamos conversando potoca, tudo normal. Depois de uma meia hora Kátia e Clélia se levantaram e foram dar um mergulho. Os meninos também foram, mas eu ainda estava cansado demais e fiquei na areia. Sonia sentou-se, tirou os óculos escuros e sorriu pra mim:

- Bom dia, Celso...
- Bom dia...
- Dormiu bem?
- Pouco...
- Eu também... as meninas me acordaram cedo...
- Sei...
- Celso, deixa eu te falar uma coisa...
- Fala...
- Sabe aquele negócio que eu te falei ontem?
- Você me falou muita coisa ontem, Sonia...
- Eu sei... aquilo que eu disse que a gente ia fazer hoje...
- Ah... você estava mentindo, não foi?
- Foi... como é que você sabe?
- Eu já ouvi isso antes... centenas de vezes... mas não se preocupe, eu prometo que não vou lhe pentelhar por causa disso...
- Tá bom... e eu prometo que não vou lhe pentelhar pra você ficar comigo hoje...
- Combinado...
- Você passa protetor nas minhas costas?
- Claro, Sonia...

O pessoal saiu da água, as meninas deitaram de novo e Kátia fez um inocente pedido:

- Eu também quero, Celso...
- Eu também...
- Calma que tem pra todas...

Eu me concentrei muito e dediquei-me à requisitada tarefa, o que admito que não foi fácil, mas eu estava acostumado a não recuar diante das dificuldades. Aquela terapia ocupacional sem dúvida curou minha ressaca moral, além de ter-me dado a chance de conversar com Clélia novamente.

- Humm... você tem as mãos tão macias, Celso...
- Você ainda não viu nada...
- E será que eu ainda vou ver?
- Eu espero que sim...

Terminei aquele trabalhinho árduo e sentei-me ao seu lado. Ficamos conversando, amenidades durante a maior parte do tempo, de vez em quando tocávamos em assuntos mais particulares, mas nada realmente picante. Eu achei que meu corpo já havia repousado o suficiente e decidi convidá-la para uma sessão de exercícios de baixíssimo impacto:

- Eu vou andar um pouco, Clélia, você quer vir comigo?
- Vamos...
- A gente vai andar... alguém quer ir?

Para minha felicidade ninguém aceitou o convite, e nós saímos andando, conversando, exatamente como estávamos na noite anterior, antes de sermos interrompidos. E de alguma forma o assunto praticamente voltou ao mesmo ponto em que estava antes:

- Você não vai pegar onda hoje?
- Talvez mais tarde... o mar não está muito bom agora... a areia está melhor...
- Tá mesmo?!
- Pra mim está... o tempo está bom... companhia agradável...
- Humm... obrigada...
- Não tem ninguém por perto... atrapalhando nossa conversa...

Ela não se conteve e começou a rir. Eu ri também, mas achei melhor não tocar na ferida:

- Você acha que eu ia trocar tudo isso por umas ondinhas de 0,5 m?
- Eu espero que não... e se tivesse assim uns 2,0 m?
- Aí eu ia ter que pensar melhor no assunto... você sabe, não é todo dia que rola 2,0 m de onda...
- Sei...
- E também não é todo dia que...

Eu não sabia como seria a melhor maneira de completar aquela frase, então fiquei somente olhando para ela duma maneira que ela entendesse o que eu estava tentando não falar. Ela fez cara de quem entendeu, mas quis ouvir assim mesmo:

- Que o quê, Celso?
- Não é todo dia que eu tenho a chance de conversar com alguém tão interessante, tão... maravilhosa feito você...
- Eu acho que você passou a noite com alguém assim... ontem...

- É verdade, a Sonia é muito interessante... e maravilhosa também... mas eu acho que o seu jeito combina melhor com o meu, Clélia...
- Eu também acho...

Nós paramos por um momento. Ela olhou pra água que refrescava nossos pés, levantou o rosto novamente e sorriu. Eu concluí que minha explicação tinha sido satisfatória:

- Quando é que vocês vão embora?
- Amanhã cedo, pra evitar o trânsito... a viagem vai ser longa...
- Eu sei... isso significa que a gente não tem muito tempo a perder, Clélia...
- Nem 1 min sequer...

Na segunda-feira eu ainda estava pensando na minha serena sereia, apesar de saber que provavelmente nunca mais iria vê-la novamente. Mas eu estava feliz, estava até entendendo melhor os conceitos que o professor tentava nos ensinar. Meu amigo Adriano parecia estar um pouco preocupado, e eu desconfiava do motivo:

- Como foi BH, Adriano?
- Tudo bem...
- Apertou alguma mulherzinha?
- Hum-hum... a de sempre...
- Ela ainda tá gostosinha?
- Tá...
- Massa... teus irmãos tão bem?
- Tão...
- E teus pais?
- Eu ainda não sei direito, Celso... eu tô começando a me preocupar com eles...
- Vai ver que é só uma fase mesmo...
- Vai ver que é...

K-Zé e Cristina estavam ouvindo aquela discreta conversa, mas resolveram não se intrometer. Adriano também não quis entrar em detalhes, e logo mudou de assunto:

- Deu onda em Ubatuba?
- Deu... e como...
- Eu ouvi dizer que deu muito mais que onda, Adriano...
- Que papo é esse, K-Zé?
- Foi um papo que tava rolando lá no A ontem à noite...
- Eu não ouvi nada...
- Foi no outro lado do A, Tina... lá pelo 135...
- Ah... papo de homem...
- Exato... eu até aprendi uma palavra nova...
- Foi? Que palavra é essa, K-Zé?
- Eu não sei se o Celso vai me deixar falar, Adriano...
- Eu não faço a mínima idéia do que esse aruá está dizendo...
- Fala logo, K-Zé!
- Eu acho melhor deixar pro intervalo...

- Sábia decisão...
- Você não disse que não sabia do que se tratava, Celso?
- Disse, Tina... mas sabendo de onde veio eu suspeito de que não seja nada que vá contribuir para o nosso progresso intelectual...

E não era mesmo, como eu iria confirmar às 8:51 daquela ainda ensolarada manhã de segunda-feira:

- E aí, K-Zé? Que palavra foi essa que você aprendeu?
- Eu não sei se vou poder falar na frente de uma dama...
- Pode falar, K-Zé... eu não me choco mais com porra nenhuma...
- Tá bom: "Surubatuba"... há-há-há...
- "Surubatuba"?!?
- É... há-há-há...
- Explica esse negócio, Celso.
- Eu não faço a mínima idéia do que esse aruá está dizendo, Adriano... sério...
- Eu estou curiosa, Celso... essa palavrinha é muito sugestiva...
- Foi K-Zé quem ouviu a palavra, Tina, ele que explique...
- Eu não sei de nada... eu só sei que nosso amigo aqui passou o feriadão numa casa, em Ubatuba, na companhia de Lulu e Alfredelho...
- E...?
- E 3 beldades lá de Ribeirão... vocês deduzam o resto.
- É verdade, Celso?
- A primeira parte é, mas o resto não.
- Não foi isso que o Alfredo disse...
- E tu acredita no que ele diz, K-Zé? Tu sabe que ele tem uma imaginação muito desenvolvida.
- O que foi que o Lulu disse, K-Zé? Ele confirmou?
- Tu sabe como Lucio é com essas coisas, Adriano, ele nunca confirma nem nega nada...
- Pois eu nego...
- Celso...
- Eu confirmo que nós conhecemos 3 meninas lá de Sertãozinho...
- Conheceram no sentido bíblico?
- Não, pelo menos eu não, se o Alfredelho tá falando outra coisa é problema dele.
- Ele disse que rolou a maior suruba na casa...
- Celso! Eu estou chocada! Há-há-há...
- Vocês não estão vendo que isso é invenção do cara? Pra começo que elas nem estavam na mesma casa que nós, e todo mundo sabe que Alfredo é o maior loroteiro... imagina, o cara ficou falando do objeto pra elas, Adriano.
- Filho da truta!
- Que porra de objeto é esse?
- Nada não, Tina.
- Fala, K-Zé.
- Isso é outro daqueles assuntos que podem ser classificados como "papo de homem".
- É pior do que essa estória de Ubatuba?
- Muito pior... muito mais pesado... e sujo.

- Literalmente... quer dizer que não rolou nada, Celso?
- Nada também é um exagero, né, Adriano? A gente jogou o papo padrão, elas caíram... rolou uns beijinhos, amassos... essas coisas.
- Papo padrão, que porra é essa??
- É, nós dissemos que éramos de Olinda, carregamos o sotaque, falamos um monte de "massa", "velho", dissemos que era tudo "da porra"...
- Mas vocês não são de Olinda!!
- Elas não sabiam disso, Tina... uma delas até falou que passou o Carnaval lá... você sabe que essas paulistinhas se amarram quando a gente diz essas coisas...
- Eu não acredito!
- Ou então quando a gente fala que é de Salvador...
- É o mesmo efeito... os meninos usam essa tática há anos, disseram que aprenderam num Sábado das Origens com uns caras lá de Recife da 8algumacoisa... nunca falha.
- Vocês são um bando de loroteiros, eu não sei quem é o pior.
- Eu realmente estava em Olinda no Carnaval, você sabe disso, Tina.
- ...
- E tu, K-Zé, ficaste aqui com a tua loura?
- Claro... foram 96 horas de amor intenso. E você, Tina?
- Eu fui pra casa, cocei a quinta inteira... comi bacalhau na sexta... saí com umas amigas no sábado, não rolou porra nenhuma... fui pra missa no domingo, tinha um menino bonitinho que ficou me olhando, acenando pra mim...
- E aí, rolou alguma coisa?
- Na Igreja, Celso!?!
- Depois da missa, né, aruá? Um cineminha, ou um passeio no parque... esses pograma de paulisssta, meu.
- Não, era domingo de Páscoa... vocês são uns hereges, mas eu sou uma católica fervorosa, dessas que reza todo dia.
- Falou... bom, gente, o feriado acabou, a coceba acabou, daqui pra frente é nabla, e muita.
- Você tem razão, K-Zé, o semestre está apenas começando...

A Linha Neutra

Naquele primeiro semestre do Profissional eu estava começando a aprender como e porque as coisas funcionavam. Cada dia eu ficava mais contente de estar na MEC, de ir para as aulas e labs e descobrir coisas que para mim eram novas. E um dos dias mais marcantes da minha vida no ITA foi o dia em que eu vi a Linha Neutra.

Tudo começou na aula de Materiais e Processos, quando o professor incitou-nos a imaginar o que aconteceria a uma viga de seção retangular se a mesma fosse flexionada dentro dos limites elásticos.

- Uma face vai ficar mais longa que a outra.
- Correto – disse o Mestre – a face mais longa vai estar sob tração ou compressão?
- Tração!
- E a outra face?
- Compressão!
- E o que é que vai acontecer com a face tracionada?
- Vai sofrer uma deformação elástica e aumentar de comprimento.
- E a outra face?
- Obviamente que vai sofrer uma deformação elástica em sentido oposto e diminuir seu comprimento, Mestre.
- Muito bem... e o que vai acontecer com a largura da face tracionada?
- A largura?
- Sim, nós sabemos que o comprimento vai aumentar. O que vai acontecer com a largura?
- Vai diminuir, por Poisson.
- É, vai ficar mais magrinha...
- E a outra face?
- A outra face vai ficar baixinha e gordinha... uma desgraça...
- Em termos um pouco mais técnicos...
- Na face sob compressão a largura da viga vai aumentar, por Poisson.
- Muito bem... e o que mais?
- A situação vai se inverter quando a viga for flexionada na direção oposta.
- Correto... vamos tentar desenhar a primeira parte do ciclo... aqui está a face sob tração... e aqui está a face oposta, sob compressão... o que acontece entre uma e outra?
- A metade de cima estará sob tração, Mestre, e a metade de baixo estará sob compressão.
- E na metade de cima, quanto mais perto do centro menor será a deformação daquele plano, ou seja, o seu aumento de comprimento será menor do que o aumento de comprimento da face superior, e a sua respectiva redução de largura será menor do que a redução da largura da face superior.
- Resumindo, em termos menos técnicos, aquele plano não será tão alto, mas também não será tão magrinho.
- Correto... e na metade de baixo, que está sob compressão?
- O oposto, quanto mais longe da face de baixo menor será a redução do comprimento e menor será o aumento da largura.

- E o que acontece no meio?
- As deformações são nulas, né, Mestre? O comprimento e a largura daquele plano permanecem os mesmos.
- Exatamente... e se nós aplicarmos um número suficientemente alto de ciclos de flexão a esta viga?
- Ela vai quebrar?
- Vai, e quando isto acontecer nós poderemos olhar a seção transversal da viga e ver uma linha que define este plano central, que não se deformou, que não sofreu tração nem compressão. Nós chamamos esta linha de Linha Neutra, e hoje à tarde, no lab, vocês vão flexionar uma viga até a ruptura e vocês vão ver a Linha Neutra.
- Massa...

Na hora do almoço era só o que a gente falava, K-Zé chega estava rindo à toa. Adriano ficou perguntando aos eletracas quando é que eles iam ver o elétron. Eu nem prestei muita atenção no porco explrodido que tava rolando no H15, só conseguia pensar daquele desenho que o professor tinha feito na aula.

De tarde, no lab, todos nós estávamos ansiosos pra detonar logo aquele bendito CDP e ver a nossa nova musa, e quando a peça finalmente se rompeu nós gritamos de alegria. O Mestre retirou os pedaços da máquina e mostrou a Linha Neutra para nós.

Enquanto os pedaços circulavam eu mentalizava os ciclos de flexão, as deformações nos diferentes planos, as variações dimensionais, e quando eles finalmente chegaram às minhas mãos eu pude ver aquela maravilha. Adriano estava ao meu lado, e nós ficamos analisando a fratura como se estivéssemos diante de um material de origem extraterrestre:

- A Linha Neutra existe mesmo, meu amigo...
- É... ela é real, e única...

Aquele sem dúvida foi um dos pontos altos da minha vida acadêmica... Quando o lab acabou eu fui direto pro 228, compartilhar minha alegria com os colegas de apê. Para meu desapontamento a reação deles não foi muito calorosa:

- Você viu o quê?
- E o kiko?
- Linha de quem?

Eu devia ter me lembrado que morava com 2 aeronáuticos e 1 eletraca antes de ter-lhes dado a notícia. Mas não me deixei abalar pela indiferença deles e fui ao 227, onde havia 5 mecânicos. Eles não estavam lá, então eu fui ao 229, onde havia 6 mecânicos, todos no quinto ano.

- Pessoal, eu vi a Linha Neutra!
- Hú-hú!
- Muito bem, Celso.
- Viva a MEC!

Nós fizemos tanta algazarra que os meus companheiros do 228 vieram ver o que estava acontecendo. É claro que eles continuaram sem entender o motivo de tanta alegria, mas pelo menos eles perceberam que eu estava feliz.

Depois da breve celebração com meus sábios vizinhos eu voltei pro apê e fui tomar meu banho, mas mesmo debaixo d'água eu não conseguia parar de pensar no lab de Materiais e Processos. Quando abri meu armário pra pegar minha roupa eu deparei com vi a foto de Carolina... Carolina nunca se abalava com nada, nem tração nem compressão. Ela era a única pessoa que eu conhecia que poderia ser considerada o equivalente humano da linha neutra.

Passei no 231 e chamei Adriano para ir ao H15. Ele não cansou de fazer piadas com os colegas dos outros cursos, e passou o jantar inteiro dizendo-lhes que eles não tinham a mínima idéia do que realmente era Engenharia.

Eu voltei pro apê, coloquei um sonzinho e deitei na rede. Mas meu descanso foi breve, pois Adriano logo apareceu na área, lembrando-me que tínhamos que ir ao lab comp rodar algumas simulações numéricas com Valmir e K-Zé. Pegamos a bicicleta biplace do 233 e nos mandamos em direção a uma outra prazeroza noitada.

- Ocê gostou do lab, Celso?
- Gostei... muito massa...
- Pensei que não tivesse gostado, ocê tá com uma cara tão indiferente...
- É que eu ainda estou pensando nela...
- Nela quem, Celso?
- Na Linha Neutra, é claro!
- Ah... eu também estou...
- Eu tava visualizando o braço da minha guitarra, como se fosse aquela viga da aula... antes de aplicar tensão nas cordas o braço está em repouso, certo?
- Certo...
- Quando a gente começa a colocar tensão na primeira corda, a sexta, o braço deforma, a distância entre os pontos de contato da corda com a guitarra diminui... a linha neutra vai mudando de posição a medida que a tensão aumenta...
- Eu acho que estou visualizando...
- Aí a gente começa a tensionar a segunda corda, que na verdade é a quinta, mas isso é outra estória... a linha neutra vai mudar de posição novamente, e vai sofrer uma leve torsão, pois a tensão da quinta corda está aplicada numa posição diferente daquela da sexta corda... e assim sucessivamente para as outras cordas.
- É, mas aí a distribuição vai ficar mais uniforme, Celso.
- Vai, apesar das tensões serem diferentes em cada corda.
- Mas de qualquer jeito a diferença entre elas é menor do que a diferença entra uma tensão T qualquer e zero.
- Exato... mas lembre que cada vez que a gente tensiona uma corda o braço vai se deformar ainda mais...
- O que vai mudar a distância entre os pontos de contato... em todas as cordas...

- E vai desafinar todas as outras cordas... ou seja, quanto mais você afina uma corda C qualquer, Ci por exemplo, mais você desafina as outras n-1 cordas... n=6, geralmente, mas pode ser 5, 7, 8, 10, 12...
- É um processo iterativo!
- Exato...
- Que só acaba quando o seu ouvido não for mais capaz de detectar diferenças entre as freqüências das cordas e as freqüências padrão.
- Ou quando somente os LEDs verdes do seu afinador eletrônico estiverem acesos para cada corda, há-há.
- E pensar que ocê pensou em fazer outro curso...
- Você não?
- De jeito nenhum... eu sempre soube o que eu queria fazer... eu sempre sei o que eu quero...
- Eu queria ser assim também...
- Ocê pensa demais nas coisas, não é?
- É... nas coisas importantes, é claro... são tantas possibilidades...
- Imagina se a gente estivesse fazendo AER, Celso? Essa hora a genta tava conversando sobre como o vento faz a curva, sô!
- Há-há, pode crer, velho...

Já Que Você Não Me Quer Mais

O professor recolheu as provas, seus materiais didáticos e dirigiu-se de volta à sua sala de trabalho.

Eu olhei ao meu redor e verifiquei que ninguém estava sorridente. Ninguém estava com o semblante aliviado. O denso silêncio que reinava na sala foi quebrado por um curioso colega que resolveu fazer um levantamento estatístico do estrago:

- Alguém terminou a 4ª questão?

Todos os olhos escanearam o recinto, mas nenhuma voz se pronunciou.

- Alguém **começou** a 4ª questão?? – Rochinha fez uma ligeira, mas importante, modificação na pergunta que Lauro havia feito anteriormente.

Novamente todos os olhos escanearam o recinto, mas daquela vez alguém se pronunciou:

- Pra quê por 4 questões na prova se não vai dar tempo de fazer tudo em 1 h?
- Eu não sei, Tina, eu só sei que a primeira prova foi a mesma coisa – K-Zé complementou a sutil observacao que a nossa perspicaz amiga havia feito.

Mas a coisa ainda não estava tão feia, ainda havia salvação. Pelo menos até que Bartô – o querido colega que tinha a maior capacidade de ver o lado negativo das coisas – se pronunciasse a respeito. E não demorou muito para que escutássemos a sua afetada voz:

- Eu não sei não, pessoal, desse jeito o final deste semestre vai ser um desespero só – Bartô comentou, otimista como sempre.

Depois de alguns momentos de calorosa discussão o nosso querido representante de turma decidiu ir conversar com o Mestre a respeito das nossas não prematuras preocupações, mas voltou em menos de 10 min, com uma consolada expressão:

- O nosso amado Mestre declarou que não temos motivos para preocupações, 1 h é mais que suficiente para resulver a prova toda, pois afinal de contas nós dispomos de uma quantidade quase ilimitada de bizus no H8... a gente vai ter que agasalhar e estudar mais um pouco para se dar bem na matéria dele.
- Putz, eu estou com uma ligeira impressão de que este semestre vai rolar uma competição entre este sujeito e o professor de Elementos de Máquinas pra ver quem é que ferra mais os alunos – Príncipe comentou, causando calafrios na galera.

Aquela discussão inútil acabou logo, pois o professor de Termodinâmica Aplicada entrou na sala e fez uma breve descrição sobre o que iria cair na prova da semana seguinte.

Para mim estava bem claro que a única coisa produtiva a ser feita era estudar pra cacete de montão à beça, e foi isso que eu fiz. Não naquela noite, naturalmente, pois não tinha prova

na sexta. Eu aproveitei que não tinha ninguém no apê, coloquei um sonzinho e deitei na rede. Decidi ligar pra Maria Luiza, só pra trocar umas idéias com ela.

- *Alô!*
- Lú, vamos pegar um cineminha?
- *A Lú não está, Celso.*
- Foi mal, Tina, vocês têm a voz tão parecida... sabe que horas ela volta?
- *Não, ela disse que ia treinar, vocês iam ver o quê?*
- Não sei... eu nem sei o que tá passando...
- *Tem um filme legal lá no shopping...*
- Você quer ir ver?
- *Quem é que vai?*
- Nós 2.

Quando o filme acabou nós fomos tomar um sorvete.

- Você gostou do filme?
- Gostei... boa escolha...
- Pensei que não tivesse gostado, você tá com uma cara tão indiferente...
- Não é nada não, Tina... eu só tava lembrando duma coisa que o Adriano me disse hoje.
- Que coisa?
- Uma coisa que o Valmir comentou com o K-Zé depois da prova.
- Não vai me dizer o que é?
- Tu sabes que ele queria fazer COMP, né?
- Mas a escola não deixou ele mudar de curso por causa do "incidente de percurso" que ele teve.
- Exato... então, ele não tá gostando muito da MEC não, Tina.
- Putz... será que ele vai largar o ITA, Celso?
- Ou o ITA vai largar ele... eu não sei não...
- Quer ir pra Sampa comigo amanhã?
- Obrigado, Tina, mas eu tenho que fazer umas coisinhas neste final de semana, e também a minha agenda social está repleta de acontecimentos importantes: amanhã tem o aniversário do Renato, domingo tem almoço na casa da tia Rosa… mande lembranças para todos, especialmente para o seu pai.
- Ele gostou de você, Celso…
- Eu tembem gostei dele, Tina, aquele sujeito tem uma paciência infinita, lidar com 4 mulheres dentro de casa…
- Olha… e o Adriano, continua preocupado com os pais dele?
- Ele diz que não, mas...
- E você, Celso, está gostando da MEC?
- Mas é claro que sim, minha cara.
- Não está mais pensando que devia ter escolhido outro curso?
- Não, claro que não!
- Você pensa demais nas coisas, não é?
- É... nas coisas importantes, é claro...
- E a Lú, Celso? Ela ainda é importante pra você?

- É, mas não nesse sentido que você está pensando...
- E desde quando você consegue ler meus pensamentos?
- Esse não foi preciso... eu deduzi pela entonação da tua voz...
- Foi mesmo...
- E você, Tina?
- Eu o quê?
- Você tem alguém, assim, importante?
- Eu tenho várias pessoas importantes, Celso...
- Sei... alguém em especial?
- Várias...
- Aquele Mané que ficou te paquerando naquele dia na igreja?
- Também...
- Você não quer falar sobre isso, não é?
- Hoje não...
- Tá bom... vamos néussa?
- Vamos.

Não eram nem 10:00 quando chegamos ao H8. Eu estacionei a paratosa no A, como de costume, e dei boa noite pra Cristina.

- Por que você não estacionou no B?
- Porque aqui é o lugar dela... e pra me fazer lembrar que ela não é minha, e que em breve nosso casinho vai acabar.
- Em breve? O Tino só volta em agosto...
- Ele me ligou outro dia, disse que vai voltar em junho, vai estudar um pouco pra tirar a ferrugem.
- Boa idéia...
- Também achei... obrigado pela companhia, Tina.
- De nada... até amanhã.
- Durma com os anjos...
- E sonhe comigo...

Meus amigo Pedrão sempre dizia que o tempo voava depois que a gente saía do ITA, mas ele devia estar esquecido do conceito de empatia quando me falava aquilo, devia estar referindo-se apenas ao escoamento temporal no seu mundo. Pois no meu mundinho acadêmico as horas eram longas, e os dias mais ainda. E embora eu nunca estivesse desocupado eu certamente tinha momentos ociosos. E eram naqueles momentos que eu me questionava sobre minhas escolhas, sobre o que eu ainda podia mudar, sobre o que eu havia deixado passar sem perceber.

E uma das coisas que eu mais estava pensando naquele final de bimestre era o que Bia havia confessado, em público, no começo do ano. Aquilo havia se transformado numa obsessão, num trauma que martelava meu pensamento durante aquelas noites solitárias no 228.

Mas eu estava decidido a tirar aquele trauma da cabeça, e a oportunidade apresentou-se justamente quando eu mais estava pensando no assunto, no final de semana antes da oitava semana.

A Panarita – Panelinha dos Aratacas do ITA, uma das várias que eu freqüentava – ia sair na sexta pra celebrar o aniversário de Renato, e não ia ser aquela saidinha babaca pra comer pizza não. O negócio ia ser cana, e muita. E a coisa mais importante naquelas circunstâncias era achar motoristas responsáveis, pessoas que tivessem a capacidade de limitar a ingestão de álcool e a paciência de aturar os que não limitavam. Pessoas como Lulu e Alfredelho, que já haviam garantido presença no evento, ou Tino, que infelizmente não estava disponível. Mas a paratosa estava, e eu também.

Eu iria precisar de uma trilha sonora adequada para a ocasião. Gastei minha tarde livre compilando um CD com uma seleção peculiar da banda que eu tinha certeza que Bia adorava, e tomei o cuidado de deixar o disco já engatilhado na música que eu havia reconhecido numa não tão distante manhã de domingo num apê não tão distante do dela.

Só faltava achar uma forma sutil de atraí-la para o Tinomóvel, e para tal eu ia precisar da ajuda do meu amigo Moreira. Eu liguei pra ele e combinamos a estratégia. O pessoal havia marcado de se encontrar às 9:00, no hall do A. Eu apareci depois das 9:15. Tal como esperava, todos ainda estavam tentando equacionar a logística da coisa. Moreira foi preciso na execução do plano:

- Eu vou com Celso, ele sempre bota um som legal do U2 pra tocar.
- Com certeza, Moreira... alguém mais quer vir comigo? Ainda tem vaga pra 3.
- Eu vou... vamos, Marta?
- Bora...

Ela mordeu a isca, tudo que eu tinha que fazer era puxar a linha bem devagar. Nós caminhamos em direção ao Tinomóvel, eu acionei as portas quando chegamos perto.

- Moreira, você quer ir na frente com o Celso?
- Claro que não, Bia. Tá pensando que é carro de paulista!?

Aquilo não tinha sido combinado, mas às vezes um engenheiro precisa improvisar, e naquele momento meu perspicaz amigo demonstrou muito bem sua capacidade para tal. Nós entramos, e assim que liguei o carro o som começou automaticamente.

- Eu adoro essa música.
- Eu também gostava, mas você ouve tanto lá no apê que eu já enjoei, Bia.
- Não exagera, Marta.
- Exagero? Você ouve pelo menos 3 vezes ao dia... fora quando eu não estou por perto.
- Eu também me amarro nela, Bia.
- Eu prefiro "Beautiful day", e você, bem?
- Hum?
- Qual é a música do U2 que você gosta mais, Renato?

- Sei lá, Marta... ‘Surrender”... e “One”.
- Eu gosto mais de “Staring at the sun”. E você, Celso?
- “Bad”… e você, Bia?
- “A sort of homecoming”.
- Tem aí, quer ouvir depois de “Stay”?
- Agora não, a gente ouve na volta. Por que vocês nunca tocam U2 nos shows, Celso?
- Sei lá... eu acho que já rolou muito... segundo nossos arquivos o pessoal tem tocado U2 desde 1985...
- Mas você nunca teve vontade de tocar uma música deles?
- Tive sim, no ano passado eu queria tocar “Desire”, ou então “Party girl”, mas não deu... quem sabe esse ano...
- Eu adoro “Party girl”... coloca depois dessa...
- Tá bom.

A primeira fase foi melhor do que eu podia prever. Ela já havia indicado que iria voltar comigo, e estava tão empolgada que saiu do carro cantarolando “I think I know what he wants...”. Nós havíamos chegado primeiro, e decidimos sentar logo pois o aniversariante já queria começar a encher a lata. Eu tomei o cuidado de criar uma barreira entre nós e qualquer beque em potencial e coloquei Moreira ao meu lado direito. Bia estava à minha esquerda, Marta à sua esquerda e Renato à esquerda de Marta. Minha preocupação era Alfredelho, eu ainda lembrava da sua quase desastrosa atuação em Ubatuba e não queria correr o menor risco naquela noite.

Sair com a Panarita era diversão garantida: sempre rolava uma batucada, Marco Antônio sempre tocava violão e Camilo sempre ficava travado. Aquela noite não foi exceção, e eu aproveitei o clima de festa e comecei a soltar gracinha pra Bia, assim descaradamente, mas de leve, como se fosse brincadeira. Ela rebatia também descaradamente, como se estivesse levando a sério, mas eu sabia que ela não estava. Lá pelas tantas eu calculei que o meu teor de sangue no álcool já estava perto de 1/0.05 dl/mg e concluí que era hora de cortar a bira e começar o guaraná. Meu amigo Renato percebeu a sutil manobra:

- Já parou, Celso?
- Já... estou dirigindo, e Tino foi bem específico quanto a essa condição de contorno, “se for beber não dirija, e se for dirigir não beba... acima do limite”.
- Pense num macho regulão, o tal do Tino... nem bebe nem deixa os outros beberem.
- Se você quiser eu posso voltar dirigindo, Celso.
- Não, Bia, obrigado... isso iria violar a condição de contorno número 2... “mulher no volante, perigo constante”...
- Ah, sei...
- Não que eu concorde com isso...
- Eu espero que não!
- E eu não iria deixar que você se privasse da sua diversão etílica...
- Conta mais...
- Sério...
- Eu já parei mesmo, essa foi a última... o que era que você queria me dizer, Celso?
- Ah... não era nada não.
- Nada não uma conversa, agora vai ter que falar.

Outra tática infalível que eu havia decidido usar naquela noite: deixá-la curiosa. Eu havia dito que tinha uma coisa pra falar pra ela e depois não toquei mais no assunto. Eu sabia que era só uma questão de tempo até que ela começasse a perguntar o que era.

- É uma bobeira minha... é sobre aquele negócio que você falou no começo do ano.
- Que negócio?
- Daquele boato... que você falou que não era boato...
- Ah... e o que é que você queria dizer sobre aquilo?
- Nada não...
- Celso!
- É que... você não devia ter dito aquilo...
- Por que não?
- Eu fiquei traumatizado...
- Traumatizado??
- É... primeiro porque eu fui tão babaca que não percebi nada... e segundo que eu tou com essa coisa na cabeça...
- Que coisa na cabeça, Celso?
- Eu passo o tempo todo pensando como teria sido... se a gente tivesse ficado junto...
- Você tá brincando, né, Celso?
- Claro que não, Beatriz Cecília.
- Não, não me chama assim, você sabe que eu detesto esse nome!
- Eu não estou brincando, Bia... eu não ia brincar com uma coisa séria dessas... seus sentimentos...
- Pois eu é que devia ter ficado traumatizada... por você ter me ignorado.
- Eu não ignorei você, Bia, eu só não percebi o que estava acontecendo... e agora vou ficar com essa coisa mal resolvida... esse trauma... pro resto da vida.
- Você está falando sério mesmo...?
- Estou, Bia.

Ela ficou me olhando por uns instantes, eu achei que ela estava só esperando pra ver se eu ia começar a rir, mas eu mantive a cara dura, e fiquei saboreando meu refrigerante. Beatriz virou o rosto, colocou a mão sob o queixo e concluiu, mas para si mesma do que para mim:

- Eu não sei não, Celso...

Aquilo foi um sinal bem claro de que aquela estória não ia acabar bem, ou melhor, de que nem deveria ser começada, mas na hora eu estava demasiadamente obcecado para perceber o tão claro sinal. Coisa que iria me custar bem caro no futuro...

Bia olhou para Marta, como se estivesse buscando uma opinião, mas sua colega de quarto não estava nem imaginando o que se estava passando ao seu lado. Deu o assunto por encerrado e voltou a conversar com o pessoal. Os 60 min que se seguiram até o momento em que Renato decidiu interromper a comemoração e ir tomar a saideira no H8 só serviram para aumentar a expectativa em relação ao que ainda poderia acontecer naquela noite.

Voltamos para o CTA. Eu estacionei a paratosa no A, nossus colegas saíram do carro, Marta fez uma pequena recomendação para Bia:

- Chegue cedo, viu, filha?
- Tá, mãe.

Eu havia deixado o som ligado, mas o seu silêncio estava bem mais estridente que o solo de " Until the end of the world". Beatriz abaixou a cabeça, tirou o chiclete da boca, colocou no guardanapo de papel, fez uma bolinha e botou no porta luvas. Depois cruzou os braços, me olhou de lado e sorriu confiante:

- Vamos resolver esse negócio... agora.
- Você tá brincando, né, Bia?
- Eu não estou brincando, Celso... eu não ia brincar com uma coisa séria dessas... seus traumas...
- Você tá rindo!
- Claro...
- Você tá brincando...
- Não tô não... vem cá...
- Você nem tirou os óculos...
- Pronto... eu não vou aí não... se você quiser tirar esse trauma vai ter que vir aqui.

Aproximei meu rosto, cautelosamente, como se fosse encostar minha cabeça na sua:

- Se você virar o rosto...

Não precisou terminar a frase, mas eu só acreditei mesmo que aquilo estava acontecendo quando abri meus olhos e vi seu lindo rosto colado ao meu. Aquele foi o beijo mais gostoso da minha vida. e o mais curto também, em menos de 1 minuto ela afastou seu rosto do meu, como se tivesse tomado um choque. Eu aproveitei a deixa e dei outro chute:

- Você quer ir pra algum lugar?
- Quero, mas não esse tipo de lugar que você está pensando.
- Deixa de ser pretensiosa, menina, que eu nem tava pensando nisso... ainda... que tal a gente ir ver corrida de submarino... lá no lago?
- Que lago, Celso?
- O laguinho do IAE.
- Vamos...

Nós colocamos nossos cintos novamente e formos dar seqüência ao tratamento psicológico de remoção de traumas. Mas depois daquela saidinha da sexta eu passei o fim de semana todo do apê, estudando para as provas da semana seguinte, e nem falei com Bia novamente. Na segunda-feira de manhã eu descobri que o inocente acontecimento já era de público domínio:

- Tina, como foi o fim de semana em São Paulo?
- Nada especial...
- Foi ver o namoradinho, Cristina?
- Que namorado, Adriano? Eu fui pra casa da Rosele, com a Valéria.
- Sei lá...

- Como foi o aniversário, Celso?
- Foi legal, eu acho que o Renato gostou... mas eles sentiu falta de vocês, ficou perguntando onde estavam as honorárias...
- É verdade o que eu escutei?
- Isso depende do que você tenha escutado...
- Posso falar assim em público?
- Claro, Tina, nós estamos entre amigos.
- Que papo de viado é esse, Celso?
- Eu escutei que você e a Bia...
- É verdade.
- Bia??
- Foi, K-Zé... eu acho que estou apaixonado...
- Apaixonado, Celso, de novo?
- Dessa vez é de verdade...
- Você disse a mesma coisa da...
- Da quem, Adriano?
- Nada não.
- Conta como foi com a Bia, Celso... ela é boa de cama?
- Foi só um agarrinho, K-Zé... e você acha que eu ia comentar esse tipo de coisa?
- Eu tenho certeza que não, Celso.
- Obrigado pela confiança, Tina.
- De nada.
- Fala alguma coisa...
- Ela beija bem... muito bem...
- Defina "beija bem".
- Sabe quando a mulher enfia a língua na tua boca? E fica girando?
- Hummm...
- Pode parar!
- E só porque ela enfiou a língua na sua boca você acha que tá apaixonado por ela?
- Não, Tina... não é só isso... é um lance de pele, entende?
- Que papo de viado é esse, Celso?
- Não, sério... a gente gosta das mesmas coisas... eu gosto de conversar com ela...
- E você já falou isso pra ela?
- Claro que não, né, Tina? A gente ficou junto 1 vez... tá cedo ainda...
- É isso mesmo, Celso, não pode ficar dando muita corda pra essa mulherada, senão elas exploram a gente.
- Vocês não entendem porra nenhuma de mulheres... nada mesmo.

Cristina estava certa, a gente não entendia mesmo nada de mulheres, mas alguém já disse que isso é impossível, e eu acho que é mesmo.

Nós fizemos 3 provas naquela semana, eu estudei bastante, achei que foi tudo bem. E na sexta-feira eu fui pra casa. Finalmente...!

Quando cheguei estava tarde demais para ir à praia, então resolvi ligar para uma certa pessoa que fazia um tempão que eu não via:

- *Alô!*
- Carolina, vamos dar um pulinho no bar de Marcelo?
- *Carolina não está, Celso, a Universidade está em greve, ela foi passar a semana na casa da minha vó.*
- Foi mal, Ana, vocês têm a voz tão parecida... sabe quando ela volta?
- *Não, eu acho que no final da semana que vem...*

Neno e Tasso passaram lá em casa, e depois de umas breves atualizações bostejativas fomos ao bar de Marcelo. O lugar estava mais lotado que de costume, devia ser o efeito da greve da Federal.

Mas antes que eu pudesse dar uma conferida mais detalhada no recinto fui interceptado pela pentelha irmã de Portuga. A qual, para variar, estava acompanhada pela sua igualmente pentelhíssima melhor amiga. Eu já estava me preparando psicologicamente para uns 30 min de intensa dilatação escrotal, mas tive a grata surpresa da noite quando notei que elas estavam acompanhadas por uma graciosa e simpática morena dos cabelos castanhos e cacheados, que antecipou a desagradável ação das outras com um simples cumprimento:

- Oi, Celso, tudo bem?

O jeito que ela sorriu e me ofereceu as faces para a troca oscular foi o suficiente para me convencer de que qualquer sacrifício que suas amigas pudessem me fazer sofrer seria justificável, desde que ela permanecesse presente. A pentelha-mor fez uma provavelmente não intencional passada de bola para a grande área:

- Celso, você ta lembrado da nossa amiga Diana, daquela festa na casa de Vitória?
- Claro que estou... – eu respondi depois que os seus perfumados cachinhos se desengancharam dos meus.

Durante os 10 min seguintes eu descobri que conseguia me comunicar telepaticamente – com Diana, naturalmente – pois enquando as 2 pentelhonas nos importunavam com uma série infinita de comentários inoportunos eu ouvia perfeitamente o que ela estava falando consigo mesma, para mim: “vamos conversar em outro lugar, agora!”.

Minhas reativadas habilidades psíquicas também estavam me fazendo visualizar o que estaria a ser descoberto por baixo da sua saia branca. O que estava por debaixo da sua micro-blusa preta não requeria mais do que 1 dos meus 5 primários sentidos para ser quase que total e literalmente visualizado. Shruiu!!!

O momento crucial chegou quando os presentes estavam chamando Neno e Tasso. Aproximei meu rosto ao seu e fiz o esperado convite:

- Diana, vamos conversar lá no pátio, agora?

Ela nem falou nada, segurou a minha destra e me puxou em direção à porta. Mas parou antes de percorrermos o primeiro metro e iniciou a partida ali mesmo, antes que ela fosse inesperadamente interrompida.

Aquele foi o beijo mais gostoso da minha vida. E o mais comentado também, pois meus atentos amigos não deixaram a cena passar em branco:

- Êpa, também quero.
- Quer que embrulhe?

Tente Outra Vez

Segunda-feira depois da semaninha, provavelmente o dia mais deprimente da minha vida, independentemente de qual semaninha, de qual semestre. Encontri Beatriz na saída do H15, logo depois do maravilhoso jantar... que saudades da comidinha da mama. Bia não me pareceu muito receptiva, nós nem tocamos no assunto do inesperado acontecimento aniversário de Renato, e eu achei que a coisa tinha esfriado. Mas eu estava curado do trauma, pelo menos daquele.

Naquela semana rolou outro acontecimento social imperdível: o aniversário de Rai. E como ele adorava pizza nós tivemos a tradicional celebração joseense. Maria Luiza não pode ir, mas os outros 20 melhores amigos dele estavam lá. Eu sentei entre Paulão e Ricardo, Cristina e Valéria estavam à nossa frente.

Eu não estava dirigindo, e embora não estivesse a fim de entornar eu acompanhei Paulão nos chopes. Mas os que ele tomou deviam ter um maior teor alcoólico, pois depois do segundo ele começou a ver coisa. Primeiro ele disse que Valéria estava maravilhosa.

- Maravilhosa, Paulo?!?
- Tá, cara, foi alguma coisa que ela fez durante a semaninha.
- Eu acho que ela cortou o cabelo... mas isso não seria o bastante...
- Ela emagreceu, também.
- Não o suficiente...
- Tu tá muito exigente, Celso.
- Claro... primeira semana...
- Fizeste o que na semaninha?
- O de sempre... praia, sol, ondas...
- Mulher?
- Apertei uma mulherzinha que eu havia conhecido no começo do ano...
- E aquela mulherzinha... Catarina?
- Carolina.
- É...
- Eu liguei pra ela, mas ela não estava na área...
- Devia estar com um macho, hé-hé...
- É... mas foi melhor assim, chega daquela nóia...

Depois ele veio com uma teoria ainda mais absurda:

- Celsão, saca só a nossa amiga...
- Para com essa conversa, porra, se tu tá a fim vai lá e agarra logo essa mulher.
- Não, babaca, eu tô falando da Cristina.
- Que é que ela tem?
- Sei não... ela tá dando umas olhadas esquisitas pra cá...
- Vai ver que ela percebeu que tu tava secando a Valéria... há-há-há...
- Não, ela tá olhando pra você, seu babaca.
- E daí? Ela olha pra mim todo dia na aula... e eu olho pra ela... qual é a novidade?
- É um babaca mesmo... eu acho que ela tá dando mole.

- Pra mim?? Eu acho que tu bebeu demais, Paulão...
- Sério, cara, eu conheço esse olhar de me agarra...
- E eu conheço a Cristina, Paulo, e ela não ia...
- Viu?! Ela olhou de novo!
- Olhou como tá olhando pra todo mundo...
- Não... foi um olhar assim um dt mais demorado que o normal...
- E o teu cérebro foi capaz de perceber isso? O meu não foi.
- Faz um teste, fica olhando pra ela, encara mesmo, e vê se ela não vai te encarar de volta.
- Tá bom.

Eu fiz o teste, fiquei olhando firmemente para ela, ela percebeu, ficou me olhando de volta. Eu dei um risinho discreto, ela fez o mesmo, e logo depois Rai falou alguma coisa e ela virou o rosto.

- Eu não te disse?
- Isso não significa nada, Paulo.
- Celso, a menina ficou mais de 1 min te encarando!
- E daí? Eu não notei nenhuma conotação diferente.
- Porque tu és um babaca! Eu notei.
- Ela tá com essa cara pro meu lado desde que eu falei que a Bia beija bem.
- Como é que é?
- Depois que eu apertei a Bia no aniversário do Renato, antes da semaninha...
- Não tava sabendo...
- Foi só um agarrinho... mas eu fiz esse comentário na sala...
- Eu acho que ela ficou pensando no assunto, Celsão... vai ver que ela quer também.
- Eu acho que ela achou que eu não devia ter comentado aquilo...
- Eu acho que ela tá dando mole... eu tava certo sobre a Bia, não tava? Pois eu estou certo de novo... tu vai ver...

O pior é que ele estava mesmo, e eu mais uma vez deixei de perceber o óbvio. Cerca de 1 ano depois Cristina me confessou que ela estava mesmo querendo atravessar as fronteiras da nossa amizade naquela noite, mas eu não fiquei traumatizado. Pelo contrário, eu contei pra ela que também já havia pensado no assunto. E pouco tempo depois a gente acabou se agarrando mesmo, mas isso é outra estória. Complicada, por sinal.

Apesar dos curiosos comentários do meu perspicaz amigo Paulão eu passei o resto da noite pensando em Bia, eu ainda achava que aquela estória ainda poderia ficar interessante. Naturalmente que eu estava errado a este respeito, como iria descobrir em breve.

Na noite seguinte Beto, Valmir e eu fomos jantar na casa do nosso conselheiro. Nós conversávamos freqüentemente com o Mestre, mas ele sempre gostava de fazer uma sessão formal, mano a mano, logo após a semaninha, e depois convidava nós 3 para um jantar com a família dele. Vimos mais uma vez a fita do Yessongs, que nós adorávamos, batemos um papo legal e discutimos alguns assuntos acadêmicos.

Nós 3 estávamos bem de notas e tudo mais, Beto animado com o primeiro semestre no ITA, eu motivado com o primeiro semestre na MEC, mas havia uma ligeira preocupação em relação às faltas e atrasos do nosso amigo Valmir. Todos nós sabíamos que aquilo podia dar problema, mas ele nos garantiu que não havia motivo para preocupações.

Nós voltamos pro H8 e ficamos papeando um pouco no hall do A, depois Valmir foi pro 127 e Beto e eu caminhamos em direção ao B. Quando chegamos ao Mosca demos de cara com Maria Luiza, que estava lanchando com algumas amigas. Beto se enfiou pelo corredor e me deixou sozinho com a fera. Ela estava de bom humor, e eu sentei pra conversar com ela:

- Como foi a semaninha de 11 dias, Lú? Pelo visto o sol estava forte em Santos.
- Muito boa, Celso... pena que acabou.
- O que é bom dura pouco...
- E você? Fez algo de bom?
- Peguei umas ondinhas...
- Como estava a nossa amiga Carolina?
- Ela não estava por lá não, eu nem falei com ela...
- E a sua amiga Raquel?
- Completamente virtualizada, eu nem lembro mais da cara dela... cara dela é feio, né?
- Horrível...
- Da dua cara. Da tua, não, da dela... da dela também é feio, né?
- ...
- E você, está com alguém?
- Por que a curiosidade agora?
- Nada, Lú, a gente só tá conversando...
- Você sabe muito bem que quem eu quero não me quer... e quem me quer, nem a porra quer...
- Você está falando sério?
- Sobre?
- Sobre quem você quer...
- Por que a curiosidade agora? Tá carente, é?
- Hum-hum... brincadeirinha... vai, fala a verdade.
- Você quer mesmo conversar sobre este assunto?
- Quero...
- Se você acha que eu vou ficar inflando seu ego você está muito enganado...
- Eu sabia que era tudo papo...
- Hum?
- Você desistiu muito fácil... depois daquele esparro todo... daquelas cenas...
- Celso... não provoca...
- Tá bom...

Eu decidi provocar assim mesmo, queria ver até onde ia:

- Sabe do que eu tava lembrando agora, Lú? Daquele dia que a gente se conheceu, aqui no Mosca...

- Foi?
- Você tava tão sexy... toda queimadinha de sol, que nem você está agora... eu fiquei tarando as suas coxas...
- Que nem você está agora?
- Tá dando pra notar, é?
- E como...
- Você está incomodada com isso?
- Não... incomodada não é bem a palavra...
- Feliz?!
- Não... eu estou preocupada...
- Com o quê?
- Eu passei 1 mês inteiro atrás de você, Celso, cheia de amor pra dar, e você só dizendo que tava apaixonado por essa menina...
- E tava mesmo...
- Agora você vem com essa conversa mole pra cima de mim, dizendo que nem lembra mais da cara dela... eu não sei, Celso, você está pensando que eu sou o quê?
- Você tem razão, Lú... eu não devia estar falando essas coisas... té mais...

Eu fui pro apê, deitei na rede e fiquei ouvindo som, baixinho, pois Luca estava estudando. Ricardo saiu do banho, olhou pra mim e começou a rir sozinho:

- Tu tás com uma cara de babaca, Celsão... o que foi que houve?
- Eu tava conversando com a Lú...
- Puta que o pariu...!!
- Não, só conversando mesmo... mas depois eu fiquei lembrando dos velhos tempos... bateu uma saudade da porra...
- A-há... eu sei como é que é...
- Eu joguei um papo merda pra cima dela, mas ela ficou puta... só faltou me mandar à merda...
- A-há, tu és um merda mesmo, Celsão...
- Aproveita logo que ela vai embora no fim do ano...
- E eu também... finalmente vou ficar livre de você, Luca... a-há...
- Eu vou ficar com saudades de você, Luca, desse seu sapateado na hora do almoço...
- Não se preocupe que eu estarei por aqui...
- O quê?!
- Eu vou fazer mestrado no ITA... pensou que ia ficar livre de mim?
- A-há... se fudeu, Celsão, vai ter que aturar esse viadinho por mais 2 anos... êpa, o telefone... deixa eu ver quem é, pode ser a Maria Luiza, a-há.
- Falou...
- Oi, Lú... ele tá aqui sim, eu vou passar pra ele... outro... eu não disse?
- Lú?!?
- *Oi, Celso... eu queria conversar com você...*
- Eu também...
- *Eu acho que fui um pouco grossa contigo... você está fazendo alguma coisa agora?*

Enquanto eu caminhava em direção ao estacionamento do A eu pensava no que ela havia acabado de me dizer: “vamos dar uma volta, conversar melhor”. Aquilo podia ter milhares

de significados, e eu estava preparado para cada um deles, inclusive o mais promissor. Nós entramos no carro, eu notei que ela estava com uma cara de indecisa, mas não me preocupei com aquele detalhe.

- Onde é que você estava, todo arrumado?
- Eu fui jantar na casa do meu conselheiro, com Beto e Valmir, foi massa.
- O meu nunca faz esse tipo de coisa, só fica falando das minhas notas...
- Que sempre são muito boas... posso colocar uma musiquinha?
- Pode... que disco é esse? É o Spooky, de novo? Eu não agüento mais...
- Não, algo um pouco mais leve... eu acho que você vai gostar...

Eu tinha certeza que aquilo ia funcionar, o Tidal era infalível. Pulei as 2 primeiras músicas e quando começou a introdução de "Shadowboxer" ela amoleceu. Deu aquele sorriso com os cantos dos lábios e ficou me encarando:

- Isso é golpe baixo, Celso...
- Eu sei que é...

Eu segurei a sua mão, apertei devagar. Ela fechou os olhos por uns instantes e ficou cantarolando:

- Essa música me faz lembrar de tanta coisa...
- Idem idem...
- Lembra aquela vez que a gente pra Ubatuba? Você tava todo receoso, parecia até que tava com medo de mim...
- Lembro...
- Veio com aquela estória de que era complicado, que tinha dificuldade em manter relacionamentos estáveis... que não queria me magoar...
- Você disse que estava disposta a correr o risco...
- Ah se eu soubesse...
- Está arrependida, Lú?
- Não...
- Não senti firmeza nenhuma...
- Não, Celso, eu nunca me arrependi de nada que aconteceu com a gente... eu me arrependo das besteiras... de ter ficado te pentelhando por causa daquela menina que estava a centenas de km daqui...
- Milhares...
- Não adiantou de nada... você acabou ficando com uma que estava bem do meu lado... se eu não tivesse cagado pra você provavelmente vocês nunca iriam nem se conhecer...
- É verdade...
- Nós perdemos um tempo enorme por causa daquela coisa...
- Mas esse não foi o único problema, né, Lú?
- Não... o outro foi muito pior... eu não gosto nem de lembrar daquilo...
- Nem eu... mas eu nunca consegui esquecer...
- Nem eu...
- Aquele negócio ficou entalado na garganta... pra sempre...

- Foi... lembra quando a gente saiu no ano passado? Você tava com uma cara... eu pensei que você fosse desistir...
- Eu confesso que a idéia me passou pela cabeça... mas depois que eu vi você sem roupa os instintos falaram mais alto...

Ela sorriu novamente, acariciou o meu rosto:

- A gente falando de um assunto tão delicado... e você vem com essa conversa de instintos...
- Você diz isso porque não tem os instintos que eu tenho... e também porque não faz idéia de quanto é...
- Fala...
- Perfeita...
- Que exagero... mas obrigada... você nunca me disse isso antes...
- Não... tem muita coisa que eu nunca te disse, Lú... muita coisa...
- Eu suspeito que nem todas sejam tão boas feito essa que você me disse agora...
- Hum-hum... mas vamos deixar isso pra outro dia... que tal a gente ir passar o fim de semana em Ubachuva?
- Esse agora não vai dar, eu vou pra Santos amanhã.
- De novo?
- Minha mãe tá fazendo drama, vive falando que eu devia passar mais tempo em casa, que agora eu estou mais livre, que no ano que vem eu vou não sei pra onde... essas coisas de mãe.
- Eu sei como é... mãe é tudo igual mesmo, só muda o nome e o endereço.
- A gente podia ir no outro...
- Tá bom... e hoje, você quer fazer alguma coisa?
- Que tipo de coisa você está falando? Dessas que envolvem instintos e Maria Luiza sem roupa?
- Não... hoje não... eu tô falando de algo mais leve, tipo corrida de submarino no lago... eu acho que a gente devia ir com calma...
- Eu também acho... vamos...

Na manhã seguinte eu levantei bem humorado. Talvez estivesse mesmo na hora de tentar esquecer todas as merdas que tinham acontecido conosco e aproveitar o tempo que ainda nos restava. Podia ser que ela sumisse de vista no ano seguinte...

Mas tinha outro assunto que estava me preocupando, e eu fui falar com K-Zé e Adriano a respeito de Valmir. Nós achamos melhor monitorar a situação, e decidimos fazer uma marcação cerrada nas atividades matinais dele. Funcionou por umas semanas, mas aos poucos ficou visível que mesmo que a gente passasse no 127 toda manhã ele sempre ia inventar algo para não ir pra aula, ou chegar bem atrasado. Uma vez Adriano eu passamos lá às 7:55 e Valmir ainda estava completamente nu, de óculos, analisando as fibras da raquete de tênis. Aquilo foi um sinal bem claro de que havia algo de errado, e eu senti que o negócio ia feder pro lado dele.

As únicas atividades escolares que realmente faziam Valmir investir tempo, na maioria das vezes muito maior do que o necessário, eram aquelas que envolviam noitadas no lab comp.

Por vezes eu achava que ele estava fazendo o curso errado, e talvez aquela fosse a raiz do problema. Mas era tarde demais para consertar aquilo, e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

E também não havia nada que eu pudesse fazer para escapar das tais noitadas, e naquela primeira quinta-feira após a semaninha nós 2 estávamos lá novamente, envolvidos com simulações de sistemas, pedaços de pizza e dúvidas existenciais. Minhas, naturalmente, pois Valmir se desligava completamente deste tipo de problema quando estava naquele ambiente. Nem mesmo a presença da namorada parecia desfocá-lo. Ela estava no segundo ano, era colega de turma de Bia, e naquela noite as 2 estavam lá, bem na frente da gente.

E Bia era o motivo das minhas dúvidas existenciais. Foi só ela olhar pra mim que eu comecei a lembrar da nossa noturna visita ao laguinho do IAE. Já haviam se passados 2 semanas, mas eu ainda guardava todos os detalhes na minha memória, todos eles. Eu fiquei tentando fazer alinhamento visual, mas toda vez que eu tentava ela desviava os olhos. Eu apelei para outro sentido, e comecei a assoviar o refrão de "Do you feel loved". Ela levantou os olhos e me encarou, mas a expressão que ela fez não foi nada boa. Eu mudei para "With or without you" mas o resultado não foi diferente. Eu achei melhor parar com aquela babaquice toda e me concentrar nas simulações.

2 horas depois o trabalho estava pronto, eu dei boa noite para Valmir e fui embora. Quando cheguei lá fora senti que a temperatura havia caído alguns graus. Ainda não estava frio, mas eu me dei conta de que não demoraria muito para que meus agasalhos voltassem à ativa. Saí andando pela calçada e sem perceber comecei a assoviar "Party girl". De repente ouvi uma voz bem familiar atrás de mim:

- Eu pensei que você estava fazendo aquilo só pra me irritar...

Eu parei, olhei pra ela, esperei até que ficássemos lado a lado:

- Não foi essa a intenção, Beatriz Cecília, na verdade eu gosto dessas músicas.
- Olha...
- Agora foi.

Ficamos sem falar nada até que passamos pela frente do H13. Eu passei aquele tempo todo tentando achar uma maneira de iniciar uma conversação que seguisse o rumo que eu estava querendo, e como não consegui fui direto ao assunto:

- Bia, eu preciso te falar uma coisa.
- Fale...
- Eu tenho pensado muito em você... em nós... naquele dia que a gente ficou junto...
- É mesmo...!?
- É... a gente gosta das mesmas coisas... eu gosto de conversar com você...
- Sei...
- Eu gosto de você, Bia...
- Hum-hum...
- Você não está acreditando em nada do que eu estou dizendo, não é?

- Nem 1 palavra...
- Tá vendo como eu te conheço bem?
- Eu também...

Tava claro que tinha algo errado, eu só não fazia idéia do que era:

- Você já pensou na possibilidade de a gente ficar, assim, junto?
- Já, Celso... mas tem 1 probleminha...
- Qual?
- Eu não gosto de ser o segundo tempo.
- Do que é que você está falando?
- Eu vi você saindo com uma certa pessoa ontem à noite...
- Sei... e isso é um problema...
- É uma questão de consciência...

Eu não tinha resposta praquilo, e retornei ao estado emudecido. Quando chegamos ao H8 dei boa noite pra ela e fui dormir. Ricardo e Luca tinham ido pro Rio, passar o fim de semana com as respectivas. Luca havia conhecido uma menina durante a semaninha e estava seguro de que ela seria a escolhida para desvirginá-lo. CIB naturalmente já estava na casa de Marina. O 228 estava vazio novamente, e aquele fim de semana estava prometendo ser devagar quase parando.

Meu único consolo era que a Paratosa ainda estava comigo, e na sexta à noite eu liguei pra Moreira e nós fomos pra cidade. Rodamos os usuais poucos pontos de interesse e lá pela meia noite decidimos assentar acampamento no que parecia ser o menos entediante. Ficamos biritando e admirando as beldades locais. Ele parecia que ainda estava sob os efeitos da semaninha:

- Eu ainda não consegui me acostumar com essa mulherada daqui, Celso.
- Isso é porque ainda estamos na primeira rodada, Moreira... daqui a pouco elas começam a ficar interessantes...
- Não existe mulher feia...
- Exato... os padrões de beleza são completamente solúveis em álcool...
- Tu saiu com aquela menina da Federal na semaninha?
- Não, ela tava no interior... tu se deu bem na terrinha?
- Saí com umas amigas da minha prima... aquela turminha de Arquitetura...
- Humm...
- Exato... não foi fácil dar conta do recado... e a Bia, velho, não rolou mais porra nenhuma depois daquele dia?
- Rapaz... não foi por falta de vontade... minha, é claro...
- Ela não tá a fim?
- Eu acho que ela tá dando uma de difícil...
- Eu sei como é que é... olha aquela ali, Celso... nada mal...
- Não... eu sei quem é... tem 2 irmãos iteanos... um deles tava no quinto ano quando eu entrei...
- Olha, acenou pra tu...

- Ela é amiga dos meninos... o nome dela é Sara... essa menina é a paixão secreta do Ricardo, Lulu, Alfredo, CIB, Fabio, Valter, Jacaré... metade da turma deles já tentou se dar bem com ela... até o Luca...
- Luca??
- É... ele disse que com ela ele estaria disposto a perder a virgindade...
- Eu tô vendo o motivo...
- É... ela é muito gostosinha, mas joga duríssimo...
- Bom, ela deve se sentir a rainha daqui de São José, mas em qualquer outro lugar do país ela seria apenas mais outra gostosa...
- Isso é verdade... o velho problema do referencial...
- Exato... olha quem tá chegando, Celso...
- Camilo, Ruizola, Renato, Marta...
- E Beatriz Cecília...
- Humm...

Eles também haviam decidido que aquele lugar era a melhor opção. Nós fizemos uma roda e ficamos biritando e conversando sobre como nossas cidades tinham muito mais opções noturnas, além das praias, naturalmente, que eram o nosso maior orgulho regional.

Depois de um tempo Sara veio falar comigo, eu me afastei um pouco da roda e fui desfrutar de sua agradável companhia.

- E aí, Celso, como estão as coisas?
- Tudo bem, Sara, e você?
- Normal...
- E os teus irmãos, como estão?
- Tão bem, trabalhando muito...
- Eles continuam por aqui?
- Aqueles 2 não saem de São José por dinheiro nenhum... lá em casa eu sou a única que quero me mandar daqui.
- Eu entendo a seu ponto de vista...
- E os seus irmãos, Lucio e Ricardo?
- Continuam apaixonados por você... todos 2...
- Isso é o que eles dizem... eles estão por aqui?
- Não... Lucio ainda não voltou da "quinzeninha", eu acho que ele chega na segunda... Ricardo foi pro Rio...
- Ele tá com alguma namorada por lá?
- Eu não sei, Sara...
- E mesmo se soubesse não ia me falar nada, não é?
- Você sabe que não...
- Eu sei, eu conheço essa cumplicidade, homem é tudo assim, mas vocês iteanos são ainda piores.
- Você acha?
- Isso é uma das coisas que eu sinto falta na minha faculdade... vocês são mais unidos... esse pessoal é lá do ITA também?
- Todos eles.
- As meninas são tão unidas feito vocês?

- São... com a gente, entre elas... elas passam pela mesma coisa que a gente passa, moram nas mesmas acomodações luxuosas que a gente mora...
- Eu conheço o H8, meus irmãos moraram lá também. É claro que eles sempre passavam os fins de semana em casa, e sempre traziam alguns colegas... nossa! A casa tava sempre cheia de gente do Brasil inteiro, meus pais adoravam receber os amigos dos meus irmãos...
- Elas comem a mesma comida maravilhosa que a gente come... falam as mesmas abobrinhas que a gente fala... pensam da mesma forma que a gente... elas são iguais a nós... só que mais inteligentes.
- Você acha mesmo?
- Eu tenho certeza, se fosse o contrário elas é que correriam atrás de nós...
- Aquela de óculos é a sua namorada? Ela não tira o olho da gente.
- Não... se bem que eu queria que fosse... mas ela não está interessada...
- Sei não, viu, Celso? Eu conheço esse olhar de mulher enciumada...
- Você acha?!
- Vai por mim... eu já vi esse olhar antes... milhares de vezes...
- Tá bom... você vai ver o show semana que vem?
- Vou, fala pros meninos que eu mandei um beijo...

Quando eu retornei ao grupo Rui foi o primeiro a se pronunciar:

- Quem é a gata, Celsão?
- É uma amiga do pessoal lá do apê... amiga minha também, por extrapolação.
- E o que é que vocês estavam conversando tanto? Tu estavas vendendo um apartamento à beira-mar pra ela, foi?
- A gente tava falando sobre o ITA...
- Até parece, Celso.
- Sério, ela tem 2 irmãos iteanos...
- É verdade, Bia, eu lembro do mais novo, um gatinho... ele tava no quarto ano quando a gente entrou, não foi, Renato?
- E eu sou lá de achar macho bonito, Marta?
- Pois eu lembro dele, Martinha, e ele era um macho lindo arretado...
- Eu sempre desconfiei que esse Camilo era um baitola mesmo... outro dia ele veio com uma estória de tomar banho junto lá no apê... quase que eu dou-lhe um tabefe na cara, pra ele deixar dessa viadagem pro meu lado.
- Que besteira, lá no 228 vocês tomam banho a 3, não é mesmo, Celsão?
- Hum-hum... é massa... o problema é quando cai o sabonete, fica todo mundo querendo pegar...
- Eita baitolagem da porra...
- Besteira, Renato, aparece lá no apê qualquer dia na hora do banho coletivo... eu aposto que você vai gostar.
- Eu vou também.
- Será bem vindo, Camilo.
- Vai também, Moreira.
- Eu não, Bia, eu sou muito macho pra essas coisas.
- Esse Moreira é macho até debaixo d'água, Camilo.
- É... ele é macho até debaixo de macho, Celso, há-há-há...

Aquela sacaneação permanente também era outra característica do H8, a gente fazia aquilo todo dia, toda hora, em todo lugar. Depois de um tempinho Renato sugeriu a gente ir tomar a saideira no 132. Eu improvisei um plano pra ficar a sós com Bia, e para sua execução contei mais uma vez com a participação do meu fiel escudeiro:

- A gente vai ficar mais um pouquinho, né, Moreira?
- Eu não, Celso, eu vou pegar uma carona com eles...
- Eu te faço companhia... a gente se vê daqui a pouco, gente.

Naquela altura dos acontecimentos eu já estava no guaraná, mas Bia ainda estava terminando a última bira. Eu achei que as condições de contorno estavam ideais, e parti para o ataque frontal:

- Grande Bia...
- Grande Celso...
- Eu te falei que eu sonhei contigo outro dia?
- Não... como é que foi?
- Foi meio esquisito...
- Conta...
- A gente tava lá no anfiteatro da Química...
- Assistindo aula?
- Não, só tava nós 2... a gente tava olhando a tabela periódica e conversando potoca...
- E o que mais?
- Aí você tirou o chiclete da boca...
- Como é que é?!
- Foi... e me deu um beijo... eu acho que você não gosta de beijar mascando chiclete, você fez a mesma coisa naquele dia...
- Não, eu não gosto... atrapalha um pouco... e depois?
- Foi só isso...

Eu olhei pra ela e deu um sorriso amarelo, bem descarado mesmo. Ela virou o rosto e ficou rindo, como se eu tivesse acabado de contar uma piada engraçada.

- O que foi, Bia?
- Essa foi a coisa mais ridícula que eu já ouvi na vida, Celso.
- Mas foi verdade... eu juro a você...
- Você tem umas conversas tão esquisitas, Celso, traumas, sonhos...
- É verdade... eu acho que eu sou meio esquisito mesmo...
- Não foi isso que eu quis dizer.
- Eu sei... ontem eu falei que eu gosto de você... você achou esquisito também?
- Não... claro que não...
- Mas também não acreditou no que eu disse...
- Não, não foi isso...
- Ah, eu lembro... foi a questão de consciência...
- Foi...

Ela parou de rir, olhou nos meus olhos. Eu sabia que aquele era o momento ideal. Tirei seus óculos, lentamente, com as 2 mãos, dobrei-os, coloquei-os no bolso. O jogo duro havia chegado ao fim.

Depois de uns 10 min resolvemos continuar o jogo no Tinomóvel. Inicialmente na parte exterior do mesmo, e Bia me deixou extremamente esperançoso em relação ao que aquela noite pudesse render. Mas quando entramos na paratosa ela teve uma recaída:

- Celso, o que é que a gente tá fazendo? A gente já tentou isso antes...
- Eu acho que a gente não tentou direito, Bia... você não vai jogar esse papo de consciência novamente, vai?
- Não... minha consciência é solúvel em álcool...
- E então?
- Eu estou lembrando daquela outra vez... você nem me ligou depois, nem tocou no assunto...
- Eu não queria que você pensasse que eu ia grudar no seu pé, Bia, foi só isso.
- Mas eu queria que você grudasse no meu pé!
- Queria?!?
- Claro!! Eu queria que você ficasse atrás de mim, me bajulando o tempo todo... e você ficou como se não tivesse acontecido nada... nem me ligar ligou...
- Dessa vez vai ser diferente, Bia... eu vou ligar pra você amanhã... eu prometo.
- Eu não sei... vamos pro H8, o pessoal está esperando a gente.

No dia seguinte eu realmente liguei para ela, e convidei-a pra sair de noite, só nós 2. Fomos comer pizza, com guaraná.

- Guaraná, Bia? Tá com medo de se embriagar de novo?
- Eu não estava embriagada, Celso... e eu sabia o que estava fazendo.
- Falou... você vai fazer o quê?
- ELE... tá rindo do quê?
- Ninguém é perfeito...
- A não ser a Lú, né, Celso? Ela faz MEC...
- Humm... esse assunto, de novo? E depois do ITA, vai fazer o quê?
- Dar aula... fazer mestrado...
- Dar aula? Tia Bia...
- E você?
- Sei não... são tantas as possibilidades... dar aula não é uma delas, no entanto.
- Por que não?
- Eu acho que deve ser muito monótono... repetitivo... eu acho que eu vou querer fazer algo que envolva criatividade... inovação...
- Por exemplo?
- Eu não sei... no momento eu estou mais preocupado em me sair bem neste semestre...
- Tá puxado?
- Tá... hoje eu passei o dia todo estudando, fazendo série... não está fácil...
- Mas você está gostando da MEC...
- Estou... muito...

- Eu não vejo a hora de acabar o Fundamental... haja saco...
- Saco vai ser no semestre que vem... você vai ver... parece que não acaba nunca...
- É o que todo mundo fala... e o show, tá tudo certo?
- Tá, vai ser massa.
- Vai tocar U2 dessa vez?
- Não... a gente vai tocar 3 músicas do STP...
- Quais?
- A gente ainda tá decidindo...
- A gente quem?
- Eu, CIB, Beto, Lídia e Medeiros.
- E JF?
- Ele tá meio sem tempo pra ensaiar... ele arrumou uma namorada nas férias e tá indo pro Rio todo fim de semana...
- E aquela namorada que você arrumou depois das férias, Celso?
- Ela sumiu do mapa...
- Você tem alguma namorada na terrinha?
- Tinha... e você?
- Também tinha...
- Vocês ainda se falam?
- De vez em quando... ele arrumou uma substituta depois que eu vim pra cá...
- Então você agora é a outra?
- Não, Celso, eu nunca sou a outra, eu já lhe disse isso. Nós somos apenas amigos.
- Sei... e nós 2, Bia? Somos o quê?
- Isso depende...
- Depende...
- Se você me disser que não tem mais nada a ver com a Lú pode ser que a gente tenha algum futuro...
- Maria Luiza e eu temos um assunto mal resolvido, Bia... um trauma... enquanto a gente não resolver isso eu não posso lhe dizer nada.
- E quando é que vocês vão resolver esse assunto?
- Daqui pro dia 31 de Dezembro...
- Conclusão...
- Eu admiro uma pessoa de princípios, Bia... eu queria ser assim também...
- Você acabou de provar que também é...

Na Pressão

São José dos Campos, Junho, Quarta-feira. Minhas pálpebras ainda estavam pesadas, mas eu fiz um esforço sobre-humano e abri os olhos. Fechei-os novamente depois que olhei pro relógio e murmurei pra mim mesmo:

- Puta merda...

Não demorou muito e ouvi a mesma expressão do meu amigo de turma:

- Puta merda, Celso... tu ainda estás na cama... levanta, porra, já são quase 8:20...
- Deixa eu dormir, cacete... a gente já perdeu a primeira aula mesmo...
- Perdemos porra nenhuma, levanta... agora!

Eu levantei, abri o armário, marquei a falta no meu mapa:

- Ainda faltam 2 pro limite, Adriano...
- Ainda faltam 2,2 semanas, Celso... e a minha situação está um pouco pior que a tua...
- Vai acordar Valmir...
- Eu já passei lá, ele não tá no apê... vai tomar um banho.
- Tá louco?? Nesse frio da porra?
- Então vai lavar o rosto... e fazer a barba... e pentear o cabelo...
- Pra quê tudo isso?
- Pode ser que a gente precise... não tem mais iogurte nessa geladeira?
- Come outra coisa, viado.
- Não é pra mim, é pra Mestra...
- Adriano, tu sabe que ela não cai mais nessa...
- Vou pegar uma maçã...

Nós pegamos a bicicleta biplace do 233 e fomos pro ITA. Entramos na sala, colocamos a fruta na mesa da professora e sentamos lá na frente. A reação dela foi imediata:

- Adriano e Celso, eu não vou tirar a falta de vocês!
- Atraso, né, Mestra?

Ela ignorou o comentário dele e continuou a aula. Eu olhei pro fundão e verifiquei, para meu alívio, que Valmir estava presente. Em corpo, pelo menos. Antes de virar o rosto de volta percebi a cara de desaprovação da minha amiga Cristina.

De vez em quando Adriano fazia uma pergunta óbvia para a professora, e eu, conforme combinado, ficava prestando a maior atenção quando ela olhava pra gente e respondia. O intervalo chegou logo, e meu diplomático amigo aproveitou para passar 10 min elogiando a professora. Ela não acochambrou, e nós tivemos que persistir na tática durante os 50 min seguintes. Mas quando a aula acabou a Mestra foi embora sem nos perdoar. Meu amigo, no entanto, não se deu por vencido:

- Celso, a diplomacia falhou, está na hora de apelarmos para a guerra...

Eu me levantei e me dirigi em direção à sala da professora. Parei em frente da porta e fiquei esperando que ela se pronunciasse:

- Se veio falar sobre a falta de vocês vai perder seu tempo...
- Não, Mestra...
- Entre, sente-se...
- Obrigado.

Eu fiquei passando a mão nos cabelos, tirando-os de cima dos ombros. Ela olhou pra minha cara de maior abandonado e abriu um descontraído sorriso:

- Você mudou de xampu, Celso? Seus cabelos estão mais bonitos.
- Não, Mestra... eu acho que é o efeito da baixa umidade relativa desta época do ano.
- Pode ser...
- Os seus também ficaram mais bonitos depois do corte...
- Você percebeu!? Eu achei que ninguém tinha notado...
- Eu notei...

Ela sorriu novamente, e eu parti para o ataque:

- Mestra, eu queria lhe pedir um favor...
- Celso...
- Não é para mim, é para o Adriano...
- Diga.
- Nós chegamos atrasados por minha culpa... eu fui dormir muito tarde... ele passou no meu apê, viu que eu ainda estava na cama e em vez de vir pra aula ele me acordou e praticamente me arrastou...
- Mas Celso, esta não é a primeira vez que vocês se atrasam.
- Eu sei, Mestra, mas desta vez a culpa foi só minha... é por isso que eu estou lhe pedindo que perdoe o Adriano, ele já está chegando perto do limite de faltas...

Ela ficou olhando para mim, séria. Eu baixei os olhos por um instante, depois sorri e olhei para ela de novo. Sua reação foi positiva:

- Eu vou pensar no assunto...
- ¡Muchas gracias, Maestra!

Voltei pra sala, Adriano estava de volta ao fundão, conversando com Valmir, que finalmente havia acordado. Sentei-me junto deles, encostei o braço na cadeira e repousei a cabeça sobre o mesmo.

- Como foi?
- Missão cumprida...

Eu não dormi, mas fechei os olhos e tentei descansar um pouco. Em breve ouvi as vozes dos outros colegas que retornavam à sala:

- Vocês ainda vão se dar mal com isso...
- Você não sabe o que está dizendo, Tina.
- Esse daí tá dormindo?
- Deixa ele em paz, ele ficou acordado até tarde ontem...
- O que foi dessa vez? Sexo, drogas ou rock'n'roll?
- Ontem foi o aniversário da mãe dele...
- Eu estava no 228 quando ele ligou para ela, mas tive que sair do recinto... você ia gostar de ter visto a cena, Cristina...

Ela não disse mais nada, e logo o professor entrou e começou a falar:

- Na última aula nós vimos que a viga hiper-estática... algum problema, Celso?

Eu levantei a cabeça, puxei os cabelos para trás e coloquei os óculos:

- Não, Mestre, está tudo bem.
- Como eu ia dizendo, na última aula...

Eu não consegui olhar para Cristina, mas percebi que ela havia estendido a mão na minha direção... tal qual no ditado, aquele gesto valeu por 1000 palavras.

***

São José dos Campos, Junho, Sexta-feira. Minhas pálpebras ainda estavam pesadas, mas eu fiz um esforço sobre-humano e abri os olhos. Fechei-os novamente depois que olhei pro relógio e murmurei pra mim mesmo:

- Puta merda... perdi o jantar de novo.

Não que eu adorasse a gororoba do H15, mas a grana estava curta e eu não queria empregar meus parcos recursos em calorias, vitaminas, proteínas e sais minerais de sabor duvidoso. Levantei, acendi a luz, abri a porta da geladeira, peguei a última caixinha de suco. Liguei o som, botei "Roll over lay down" pra tocar e sentei na rede.

Aquele fim de semana estava prometendo ser uma merda. Eu estava sozinho no apê, pra variar, meus companheiros haviam se esquecido de renovar os estoques dos suprimentos e eu tinha uma porrada de coisa pra fazer.

Fui ao 227 assaltar a geladeira deles. Não estava muito melhor que a nossa, mas pelo menos encontrei 1 pêra e 2 bananas, que foram rapidamente subtraídas para aliviar a minha situação. Voltei pro 228, comi tudo e depois fui ao 229 colocar as evidências no cesto de lixo deles. Aproveitei e passei no 231 pra ver se Adriano estava por lá.

- Ele disse que ia pro cinema com a Ana Paula, Celsão.

- Falou, Marcoleu... amanhã eu falo com ele.

Ana Paula... eu havia encontrado com ela em meados de maio, na cidade. Nós havíamos conversado um tempão, mas eu não tinha dado em cima dela pois pensei que Adriano não fosse gostar da idéia. Mas ela parecia estar interessada, e no dia seguinte eu fui contar pra ele e perguntar se o caminho estava livre. Ele ficou com ciúmes, ligou pra ela, disse que eu tinha namorada... a clássica jogada na zaga. Depois chamou-a pra sair e falou que ainda gostava dela e que queria voltar co ela. Eu nem liguei, afinal de contas Adriano era o meu melhor amigo, e ele estava precisando de todo o apoio do mundo.

Voltei pro 228 e fui colocar uma calça. Liguei para Chico, ele me chamou pra ir ao apê dele, ele também estava só. Eu pensei 3 vezes, mas lembrei que eles tinham cabo e me mandei.

Ficamos assistindo vídeos e tomando vodka com laranjada:

- Cadê todo mundo?
- Sávio R. foi pra São Paulo, Sávio B. saiu com Rosele... JD ainda está no Rio, eu acho que ele só volta em agosto mesmo. Múcio e Pirulito sumiram.

JD havia trancado no semestre anterior, disse que estava estafado.

- E Juliano? Não apareceu?
- Não, infelizmente... eu também estava contando com a presença dele...

Depois de uma meia hora Nilo e Caldré apareceram também:

- Eu gosto desse vídeo, cara...
- Não foi essa música que vocês tocaram naquele show, Celso?
- Foi, Nilo... "Plush"...
- Eu não sabia que o Beto também tocava bateria...
- Ele toca bem... na verdade quem ia tocar bateria era Medeiros, mas ele teve que ir pra Sampa no dia do show...
- Eu acho que aquela menina tava dando mole pra ti, Celso...
- Quem, Lídia?
- É... Lídia... a paixão daqui do pessoal do apê... minha, não, é claro, que eu sou um cara comprometido e fiel...
- Lá do apê também... ela canta bem, cara...
- Queria eu que ela tivesse, Chico...
- Tu e metade do H8...
- Ela é magrinha demais pro meu gosto...
- Porra, Nilo, tu és mais magro que ela...
- Mas eu gosto de mulher mais cheinha... assim feito a Valéria... se bem que agora ela tá mais magra...
- Todos nós estamos, cara...
- Ela deve estar metendo muito gagá...
- Lídia é perfeita... em todos os sentidos...

- Perfeita, Celso??
- O único defeito dela é não dar bola pra mim...
- Isso não é defeito, é virtude...
- Vai te lascar, corno...
- Êpa, corno não!
- Tu acha que tua mulher tá sozinha uma hora dessa? Sexta à noite?
- Tá em casa, quieta...
- Vamos ligar pra ela?
- É melhor não, Caldré... vai que o Ricardão está na área.
- Que Ricardão que nada, velho...
- Esse vídeo é uma merda, cara... cheio de macho sem roupa...
- Essa música é do caralho... o telefone tá tocando, Chico... deve ser a tua mulher, conferindo...
- Deixa eu ver... Oi, Camilo... Eu não sei... Tá bom... Daqui a pouco eu tô por aí, vou levar uns amigos...
- Que é que esse baitola queria?
- Tá rolando uma cachaça lá no 132, vamos nessa?
- Eu não vou, cara... aquele pessoal bebe demais...
- Eu também tou fora, vou dormir...
- Vamos, Celso? A Bia vai estar lá...

Beatriz Cecília... nós havíamos nos tornado bons amigos depois do breve lance que rolou entre nós acabou. Chico não estava acreditando que era só amizade, ele via sacanagem em tudo. E pra ele toda mulher que eu conversava tava dando mole pra mim: Bia, Lídia, Cristina... só faltava ele dizer que Valéria dava mole pra mim também.

Quando chegamos lá Marco Antônio estava tocando violão e todo mundo estava cantando. Nós sentamos e tomamos mais vodka com laranjada. Depois de uns 10 min Marco parou:

- Celso, pega o violão... toca alguma coisa pra gente.

Eu peguei o instrumento, afinei, busquei a cumplicidade em Chico:

- Que tal pegarmos um "Táxi lunar"?
- Boa pedida...
- Marco... canta aí, em Am.

Todo mundo cantou também, Chico discretamente lembrou o refrão alternativo. Quando acabou a música eu puxei outra do Geraldito:

- Marco, D maior... "Dona da minha cabeça..."

Emendei com "Dia branco". Depois toquei "Canta coração". Quando acabei tentei devolver o violão pro Marco Antônio, mas ele não aceitou:

- Toca "Moça bonita".
- Tá bom... essa é pra você, Bia.

- Obrigada...

Chico me olhou esquisito, mas eu ignorei o cinismo dele. Mais uma vez todos acompanharam, e ao final da canção Marta fez um pedido:

- Toca uma do Alceu, Celso.
- Tá bom... que tal a música da Lorena?
- Essa eu não conheço...
- É "Tropicana", só que no refrão a gente canta "Lorena traz a cana que o uísque se acabou... ai ai ai ai".
- Massa! Vamos lá.

Depois foi a vez de Sandrinha fazer uma requisição especial:

- "Anunciação", Celso.

Ruizola pediu "A cidade". Moreira pediu "Carolina". Eu sabia que ele sabia que estava tocando numa feridinha, mas não recusei o pedido:

- Essa é a última, gente, eu também quero beber.

Marco Antônio também queria, e depois que terminei a sessão Camilo botou "Chão de giz" pra tocar e a gente ficou conversando.

Lá pela meia noite eu decidi ir embora. Eu queria acordar cedo no dia seguinte, pra estudar. Quando passei pelo Feijão ouvi uma voz familiar me chamando:

- Que foi, Bia?
- Eu queria conversar um pouco... você já vai dormir?
- Fala, Bia, o que é?
- Eu... eu acho que eu vou trancar, Celso...
- O quê?!
- É...

Ela cruzou os braços. Eu sabia que aquela conversa ia ser longa demais pra gente ficar lá fora, no frio:

- Vem cá.

Nós entramos no 228, eu peguei uns guaranás. Ela ficou olhando os CDs, pegou o Lovelife:

- Esse disco é bom, Celso?
- É ótimo, mas chega de melancolia.

Às vezes quando a gente está triste tudo que a gente precisa é de uma mão amiga. Às vezes a gente precisa de algo mais, e eu sabia exatamente do que ela estava precisando naquela noite. E a dose seria maciça:

- Esse aqui é mais apropriado para a ocasião.
- ACDC, Celso!?
- Exato, e pra começar, “Highway to hell”.

Ela sorriu, bom começo.

- Senta aqui na rede comigo, vamos conversar.
- Vamos...
- Você está mal de nota?
- Não.
- Está pendurada em faltas?
- Não.
- Está sem saco.
- É.
- Sei... já vi esse filme... e está com saudades da mama.
- Muitas... da mãe, do pai, da minha irmã... até do meu irmão eu sinto falta, e olha que ele é um pentelho...
- Sei... e por isso você quer desistir?
- Eu não quero desistir... eu não sei...
- Isso é uma fase, Bia, todo mundo passa por isso... mais cedo ou mais tarde...
- Eu não sei, Celso... às vezes eu me sinto tão sozinha aqui... no fim de semana as meninas lá do apê vão pra casa, fica só eu e Marta...
- Você pelo menos tem a Marta, e eu que fico aqui só?
- É, mas você sabe que ela passa um tempão com o Renato, eles se conhecem desde o tempo de cursinho...
- Eu sei... é assim mesmo, Bia... é a terceira lei da Termodinâmica: tudo tem seu preço!
- Eu acho que sim.
- Pense nos milhares de iteanos que passaram por isso antes de nós, Bia, eles não desistiram...
- Eu sei...
- Agora é a nossa vez... e depois de nós virão outros milhares...
- Você também fica desse jeito, Celso?
- Às vezes, eu ficava mais antes... essa semana foi o aniversário da minha mãe, Bia... ela fez 53 anos...
- Eu não sabia.
- Eu liguei pra ela, tava rolando uma maior festa... eu queria estar lá... foi foda, mas é assim mesmo.
- Minha mãe faz aniversário em janeiro... pelo menos isso...
- Meu pai faz aniversário em novembro, meu irmão faz no final de março, eu faço em agosto... eu nunca tou lá... é uma merda, mas é assim mesmo.
- O meu é em janeiro...
- No ano passado eu perdi a formatura do meu irmão porque estava aqui fazendo exames... foi uma merda, mas é assim mesmo.
- Eu acho que você já está mais acostumado do que eu...
- Hum-hum... você tem amigos na cidade, Bia?
- Não...

- No CTA?
- Também não...
- Isso ajuda praca, é bom conversar com gente que não fala “bizuleu”, “gagá”, e que nem sabe o que é isso.
- Meus amigos estão aqui no H8, Celso.
- Eu sei disso... o pessoal daqui é mais do que amigo... nós somos uma família, Bia... meio desajustada, é claro...
- Meio??
- Ou totalmente, mas nós somos irmãos e irmãs uns dos outros... você nunca passa um fim de semana com suas amigas?
- Não... elas até que convidam, mas eu nunca fui...
- Isso também é importante, Bia... sair daqui de vez em quando, passear em São Paulo...você tem parentes lá?
- Não...
- Eu também não, mas esse ano eu passei um final de semana na casa do Alex... a gente foi numa festinha... eu conheci um pessoal diferente... outro dia eu fui pra casa do Giz... o irmão dele é iteano também, formou antes da gente entrar no ITA... foi massa, a gente foi num show de rock, B foi também...
- Legal... quem é B?
- Um cara da minha turma, faz MEC também, mora com Giz no 230. Eu acho que eles são amantes...
- Sei... e por que o apelido dele é B?
- Sei lá, eu acho que é B de Baitola... de vez em quando eu vou pra casa do meu tio no Rio... o Ricardo vive me chamando pra ir na casa dele também... outro dia eu fui passar um fim de semana na casa da Cristina, foi massa.
- Tina?
- Foi, o pai dela é uma figura, a primeira coisa que ele disse quando me viu foi: “Celso, vamos sair pra comprar cerveja”. O coitado convive com 4 mulheres, sempre tá rolando uma TPM na área.
- 4 mulheres!?
- É. A esposa, Tina e as 2 irmãs... 2 gracinhas, por sinal. A mãe dela também não é de se jogar fora não...
- Celso!!
- Sério, a coroa é massa... eu vou te apresentar uns amigos aqui no CTA, eles são gente boa.
- Eu não sei, Celso...
- Vai por mim, Bia... tem o Carlão, o pai dele é iteano... o Alberto, que é muito gente boa... tem as meninas, Edna, Michelle, Patrícia... o Camilo conhece um pessoal na cidade...
- Umas meninas...
- É... Lulu conhece uma porrada de gente...
- O pessoal da academia de dança...
- É, você podia ir lá também... no ano passado eu vi umas apresentações deles, é legal, viu? Coisa de viado, é claro, mas...
- Dança, Celso!?
- Ou outra coisa que mexa com o corpo, vôlei... sei lá... essas porras...
- Você não faz nada disso, Celso...

- Não... eu fazia capoeira, sabia?
- Sério?
- É... mas depois eu enchi o saco... mas eu toco com o pessoal, não deixa de ser uma terapia...
- Eu acho que sim...
- Bia, isso vai passar, viu? É só você segurar a onda mais um pouco, terminar este semestre... quando voltar de férias vai estar outra pessoa...
- Você acha mesmo?
- Eu tenho certeza... vai pegar um sol... tomar banho de mar... água salgada é massa pra tirar essas urucas que a gente pega aqui no H8...
- Que conversa é essa, Celso??
- Sério... esse lugar é cheio de uruca, Bia... tem muita energia negativa por aqui...
- É mesmo?!
- É... esse lugar tem muita história, Bia... muita coisa ruim que já rolou...
- Será que tem fantasma por aqui, Celso?
- Deve ter um monte... tudo metendo gagá até altas horas da madrugada... e sugando nossas energias... por isso que a gente só vive com essa cara de detonado...
- Eu pensei que fosse por causa da comida...
- Também, aquela gororoba não ajuda nada... e depois do semestre que vem você vai pra ELE, vai ficar fazendo lab até as 8:00 da noite, passar a noite fazendo relatório... vai ficar até com saudade dessa coceba do segundo ano... há-há-há...
- Eu duvido muito...
- Vamos falar merda agora... sabe quem veio me pedir "informações" a seu respeito outro dia?
- Quem?
- Fabrício...
- Humm... que tipo de "informações"?
- Veio me perguntar se já havia rolado algo entre a gente, se você era acessível... essas boréstias...
- Tu disseste que a gente ficou junto?
- Não, claro que não... eu disse que você era apaixonada por um sujeito e que não dava mole pra ninguém.
- Mas Celso, queimaste meu filme... ele é tão bonitinho...
- Mas é muito canalha, Bia... você merece algo melhor.
- Quem fala...
- Não, ele tá pelo menos uns 2 níveis acima que eu... ou melhor, abaixo...
- E o que foi que ele disse mais?
- Nada... só que achava você uma gracinha...
- Foi mesmo?
- Foi... mas isso todo mundo acha também...
- Sei disso não...
- Eu acho, você sabe disso.
- Tá querendo se aproveitar do meu momento de fraqueza, é, Celso?
- Você sabe que não...
- Ah sim...
- Seu eu quisesse não tava rolando guaraná... nem ACDC...
- É verdade... tu tens algo com a Lídia, é?

- Dá onde é que tu tirou essa idéia, mulher?
- Daquele show do mês passado... ela não tirou o olho de ti quando vocês estavam tocando...
- Não percebi nada não...
- Claro, você fica todo bobo quando tá tocando... balançando esses cabelos, com cara de mau... aí quando a música acaba fica todo sorridente...
- É verdade... ela tava me sacando mesmo?
- Tava...
- Vai ver que foi porque era a primeira vez que a gente tocou em público...
- Eu não sei não, Celso...
- Aquela menina podia ficar com qualquer cara desta escola, Bia... por que ela ia dar bola pra mim?
- Por que não?! Eu dei...

***

São José dos Campos, Junho, Segunda-feira. Minhas pálpebras ainda estavam pesadas, mas eu fiz um esforço sobre-humano e abri os olhos. Não havia ninguém na sala, eu deduzi que o intervalo das 10 já havia começado. Levantei e dirigi-me à Dival. Eu precisava ter uma conversa com Sílvio e Rosa.

- Sobre o quê, Celso?
- É sobre esta pessoa aqui.

Eu coloquei um papel na mesa, Rosa pegou e leu o nome.

- Nós conhecemos a Beatriz, Celso. Ela é uma ótima aluna. Qual é o problema?
- Eu tava conversando com ela outro dia, sexta passada, e ela mencionou que estava pensando em trancar.
- Ela está com algum problema, Celso?
- Eu acho que não... eu acho que é a clássica falta de saco... associada com saudades da família, essas coisas...
- Essas coisas que nós já conhecemos bem do ano passado, não é Celso?
- É, Rosa... a diferença é que eu nunca falei em trancar, e ela falou nisso.
- Nossa! O que foi que você disse pra ela?
- O papo padrão, Sílvio... mas eu achei que vocês podiam ter um papo com ela...
- Um papo padrão?
- É, Rosa... eu acho que pode ajudar...
- Claro, Celso, é pra isso que a gente está aqui, pra ajudar vocês... não é, Rosa?
- Claro, claro... mas por que essa preocupação toda com essa menina, Celso?
- Ela é uma boa amiga... mas mesmo que não fosse...
- Nós vamos conversar com ela hoje mesmo, Celso, pode deixar.
- Obrigado... vocês sabem que a gente ouve o que vocês dizem, né? A gente pode até não acreditar, mas ouve... e guarda tudo aqui, no HD...
- Tá bom... olha, a Patrícia chega neste fim de semana, a gente vai fazer um almocinho no domingo, aparece lá...
- Tá bom...

- Não se esqueça de levar os outros 3 mosqueteiros...
- Tá, tia...

De noite, no jantar, Bia veio falar comigo:

- Celso, você não sabe o que aconteceu comigo hoje!
- O que foi, Bia?
- O pessoal da Dival me mandou um bilhete, me chamando pra conversar sobre a minha situação escolar... eu tomei um susto quando vi aquilo!!
- É o bilhete padrão, Bia, eles usam o mesmo bostejo pra tudo que é assunto. O que era que eles queriam?
- Queriam saber se estava tudo bem comigo, se eu estava satisfeita aqui, se tinha alguma coisa que eles pudessem ajudar...
- Hum...
- Depois falaram que o segundo ano requer muita paciência, que a gente fica ansiosa que termine logo pra começar o Prof.
- Isso é verdade...
- E que às vezes alguns alunos não conseguem lidar muito bem com a situação, ficam pensando em trancar, em desistir do ITA...
- Hum...
- Depois eles me perguntaram se eu tinha algum colega que estava se sentindo assim, ou se eu já havia sentido isso.
- Engraçado, né, Bia? A gente tava conversando sobre isso naquele dia...
- Foi o que eu pensei... que coincidência, não é, Celso?
- É... e o que foi que você disse?
- Eu disse que já havia pensado nisso...
- E...
- Eles falaram um monte de coisa... que era só uma fase, que logo eu estaria terminando o Fundamental... mais ou menos feito aquela conversa que a gente teve naquele dia...
- Hum...
- Que coincidência, não é, Celso?
- É...

Nós terminamos o jantar e voltamos juntos pro H8. Eu ainda estava preocupado com Bia, mas ela parecia estar mais aliviada. Paramos no hall do B.

- Bia, vou nessa, tô cheio de prova nesta semana.
- Eu também... Celso, eu queria te dizer uma coisa...
- O que foi, Bia?
- Obrigada...

***

São José dos Campos, Junho, Sábado. Minhas pálpebras ainda estavam pesadas, mas eu fiz um esforço sobre-humano e abri os olhos. Levantei e dirigi-me à geladeira. Eu precisava comer algo.

- Ei, rapá, sai daí...
- Porra, meu... o negócio aqui tá bom... tem até requeijão...
- Não tem comida no teu apê, viado?
- Hoje tem... mas tá muito longe...

Chico ficou rindo, Sávio B. ainda tava fingindo que tava puto comigo. Minutos depois Juliano acordou também, e a cena repetiu-se.

- Não tem comida no teu apê, viado?
- Não... nossa! Quanto rango... Chico, tira essa porra desse filme e vamos ver uns vídeos...
- Pode crer, velho, eu também não agüento mais, todo fim de semana é a mesma coisa.
- Esses caras são foda, Sávio... vêm aqui, comem da nossa comida, arregam da nossa televisão e ainda querem controlar a programação... deixa rolar o filme, não vai mudar porra nenhuma, não é, Chico?
- É isso mesmo, Sávio... os incomodados que se retirem...
- Não, ainda não... vamos começar o segundo tempo... vai querer, Sávio?
- Vou... vai querer, Sávio?
- Vou... vai querer, Chico?
- Claro que vou... Celso?
- Eu tou fora... essa porra não faz efeito mesmo, só dá sono...
- Juliano, outro dia eu tava conversando com o meu pai e falei pra ele da nossa diversão...
- Qual delas, Sávio, a líquida ou a outra?
- A outra...
- E o Sr. R. disse o quê?
- Perguntou se era por causa disso que eu não tava mais indo pra casa no fim de semana... depois ficou metendo o pau...
- Puta merda...
- Ele me sacaneou pra caralho... depois disse que era só uma fase... e que ele tinha passado pela mesma coisa também...
- Fase?!
- É... e no final disse que muitas coisas mudaram no H8 desde a época dele... mas que algumas coisas nunca mudam... não é foda?
- Filho da truta...
- E a líquida, gente? Por onde anda?
- Só depois das férias, né, Celso?
- Só... vou nessa...
- Falou... vai pra onde?
- Vou pra sala de música, Beto disse que ia levar um som hoje...
- Lídia vai também?
- Eu acho que sim...
- Beleza... a gente aparece por lá depois.

Fui ao apê, escovei os dentes e peguei a Tele. Ricardo estava se arrumando, Luca estava sapateando.

- Vai sair, esperteza?
- Vou, com a Sarinha, a-há.
- Será que é hoje que ela vai dar, Ricardo?
- Eu espero que sim... e você, Luca? Já deixou a namoradinha te comer?
- Ainda não... mas nós decidimos que iremos transar nas férias.
- Hú-hú... finalmente...
- Essa expectativa é foda, né? Cuidado pra não flambar, hein? A-há, a-há.
- Que é isso, rapá? Meu coeficiente de flamb é nulo.
- É claro... nunca submeteu a viga ao peso próprio...
- A-há... o segredo é praticar bastante... fazer que nem o Celsão, que pratica 3 vezes ao dia, a-há.
- Isso sem contar as que ele pratica nos outros...
- É... mas essas não contam, né, esperteza?
- Não, essas não valem... por falar nisso, tá com a mão limpa? A-há...

Aquela sacanagem lá no 228 tava muito boa, mas já passava das 9:00 e eu tinha que ir levar o meu sonzinho. Lídia não havia ido pra São Paulo naquele fim de semana, eu havia me encontrado com ela quando voltava do jantar. Ela estava de farda, de bicicleta, e deslocando-se em direção ao CPORAER. Aquilo me fez lembrar das vezes que eu havia ficado detido, e eu ri sem perceber. Ela tava com cara de arretada, mas me sorriu de volta. Quando cheguei na sala de música ela estava tendo uma discussão inútil com Beto:

- Eu não sei por que a gente tem que passar por isso, viu, meu? Que saco!
- É assim mesmo, Lídia, tu vais fazer o quê?

Eu fui logo chutando o pau da barraca.

- O que foi que houve, Lídia? O cabelo tava fora do padrão?

Beto sacou a minha ironia, ela não entendeu:

- Eu faltei umas aulas...
- Aula não, instrução...
- Bem lembrado, Beto... e ficou detida por causa disso?
- Foi... por que é que eles obrigam a gente a fazer CPORAER, Celso?
- Você devia estar feliz por isso, Lídia, afinal de contas você está exercendo seu direito de servir à pátria.
- Você tá de sacanagem, né?
- Eu sempre achei que o serviço militar tem que ser voluntário, mas é assim mesmo... tudo tem seu preço... a terceira lei da Termodinâmica nunca falha.
- E você nem pode reclamar muito, Lídia, afinal de contas as meninas têm tratamento privilegiado no CPORAER...
- Nada disso, a gente passa por tudo que vocês passam, a gente faz tudo que vocês fazem, a gente usa a mesma farda...

Beto riu, olhou pra mim e deu a tacada final:

- Vocês não são obrigadas a cortar o cabelo...

Ela olhou pra ele, olhou pra mim e decidiu que estava na hora de encerrar aquele papo babaca. Eu aproveitei a deixa e puxei outra discussão sem conseqüências:

- E o voto, Lídia? Por que a gente é obrigado a exercer esse direito?
- Sei lá... eu não voto...
- Nem eu.
- Nem eu.
- Você ainda não tem idade pra votar, Celso?
- Tenho, mas eu não transferi meu título... que é que a gente vai tocar hoje, Beto?
- Sei lá, toca qualquer coisa aí...

Eu fiz a introdução de "Smells like teen spirit". Beto entrou com a batera, mas Lídia protestou:

- Vamos tocar outra coisa, gente...
- Você está tão revoltada hoje, pensei que ia gostar...
- Vamos tocar algo mais leve...
- Leve...!?
- É... vocês conhecem "Corpo vadio", do Nau?
- Eu conheço!
- Nau... pode crer... faz muito tempo que eu não toco isso, vamos ver se ainda lembro.
- Deixa eu te mostrar o começo.

Eu lembrei rapidinho depois que ela chegou junto de mim e colocou os dedos sobre as cordas da Tele. Nós ficamos tão próximos que eu consegui sentir o perfume dos seus cabelos. Eu realmente estava torcendo para que ela acabasse logo com aquela introdução, mas quando ela finalmente terminou de tocar eu fiquei ainda mais sem jeito, pois ela virou o olhar na minha direção e nossos rostos ficaram quase que colados um ao outro. Fiquei fitando seus olhos amendoados, tentando não olhar para sua boca quando ela perguntou:

- Pegou?

Tive que pensar um pouco antes de responder. A primeira coisa que me veio à cabeça foi "não, toca de novo?", mas logo concluí que não iria agüentar passar por aquilo novamente. A segunda foi "não, mas estou louco de vontade de pegar", mas achei que seria completamente inadequado e resolvi terminar meu sofrimento:

- Eu acho que sim... Lídia...

Ela sorriu e afastou-se. Eu olhei pra Beto, ele aparentemente não tinha visto nada demais naquela cena que acabara de acontecer, afinal de contas nós freqüentemente fazíamos algo parecido. E eu também não teria tido segundos pensamentos se ao invés de Lídia tivesse sido Beto, ou CIB, ou JF. Mas não foi, e a partir daquele momento eu comecei a imaginar o que poderia acontecer se Chico e Bia realmente estivessem certos a respeito de Lídia, se ela realmente tivesse segundas intenções em relação à minha pessoa. Shruiu!!

Nós iniciamos a música, mas eu não conseguia parar de pensar naquilo tudo. As coisas só pioraram quando ela começou a cantar, e pioraram ainda mais quando ela olhou pra mim durante o refrão. Naquele instante eu tive a certeza de que as cargas estavam se acumulando entre nós. Ficamos nos olhando até executarmos o último acorde.

- Que é que vocês acharam?

Eu não sabia o que dizer. Olhei pra cara de Beto, ele deu um sorriso de leve e tentou explicar o que nós 2 estávamos pensando:

- Eu não sei, Lídia... eu acho que essa música é um pouco lenta demais... que é que tu achas, Celso?
- Eu não sei se a palavra lenta é a que melhor poderia definir...
- O que e que vocês 2 estão querendo dizer??

Eu não ia falar aquilo de jeito nenhum, mas Beto falou:

- Ficou muito sexy, Lídia...
- Sexy!?!
- É... não dá pra gente tocar esse tipo de coisa em público, senão fica todo mundo doido... olha a cara do Celso...

Ela olhou pra mim, nós 3 começamos a rir.

- Tá bom... o que você sugere, Beto?
- A gente podia tentar “One of us”...

Nós tentamos, e ficou muito boa. Mas ela não gostou:

- Eu não sei, gente... parece que tá faltando alguma coisa...
- Tá faltando outra guitarra, Lídia, quando a gente tocar com CIB vai ficar melhor.
- Eu não sei...
- Ela quer uma coisa mais lenta, Celso.
- Mais lento que isso eu não sei... vai ficar muito...
- Sexy??
- Eu ia falar romântico, Lídia...
- E qual é o problema? Você não tem um lado romântico, Celso?

Aquela menina estava passando dos limites do razoável, mas eu estava disposto a ver até onde ela iria:

- Claro que tenho... você quer ver?
- Quero...

Eu olhei bem direitinho pra ela, fiquei torcendo que ela fosse mudar de idéia, dizer algo do tipo “mas não agora, outro dia”. Ela pareceu firme, até deu um sorriso encorajador.

Beto aproveitou a deixa pra me sacanear:

- Taí uma coisa que eu achava que não existia...

Eu dei o troco na hora:

- Pois você estava enganado, meu caro.

Cheguei junto do microfone e fiz o clássico teste:

- Alonso, Alonso...
- Vai cantar, Celso?
- Mas é claro, meu amigo... vamos lá.

Comecei a tocar "Girl, you'll be a woman soon". Eles acompanharam. Quando acabamos Beto ficou sorrindo, mas Lídia ficou com aquela mesma expressão que a gente ficava quando não entendia direito algo que o professor estava falando. Beto quebrou o silêncio que imperou no recinto por alguns instantes:

- Ficou mal não, toca outra, Celso...

Eu fiz a introdução de "Wicked game" mas Beto pediu pra eu parar:

- Deixa eu ajeitar esse microfone aqui... vou fazer o coro... vai, começa de novo.

Comecei novamente, olhando diretamente pra Lídia e esperando que ela tirasse a dúvida que ainda estava naquela linda cabecinha. Ela também olhava pra mim, e no segundo refrão aproximou-se do meu microfone para fazer o coro junto com Beto. Nossas partes eram defasadas, então ficávamos alternando posições. Mas quando chegou a hora de cantar a última frase a defasagem zerou, nós ficamos praticamente com os rostos colados, e eu não pude evitar de olhar para os seus doces lábios. Eu acho que ela percebeu, pois quando a música acabou ela afastou-se rapidamente. Naquele momento eu tive certeza de que a ficha havia caído, e dei um sorriso sonso. Beto novamente foi o primeiro a se pronunciar:

- Essa ficou massa, Celso, basta a gente passar uma vez com o CIB na outra guitarra e vai ficar redondinha pra gente tocar no Show do Ponto Médio.
- Só se ele se prontificar a cantar, pois eu não vou ter coragem de cantar em público.
- Por que não, cara? Essa encaixou bem com a tua voz... que é que tu achaste, Lídia?
- Eu não sei, Beto... eu acho que ficou meio... qual é a palavra certa...?
- Ela não gostou do teu lado romântico, Celso... ficou meio brega demais?
- Ficou meio merda demais??
- Não... eu achei que ficou meio... lenta demais... eu já volto.

Ela colocou o baixo na cadeira e saiu da sala. Eu fui brincar no piano e Beto ficou batucando na bateria. Depois de uns 10 min ela voltou. Com um violão na mão. Plugou-o no amplificador e começou a tocar "Untogether". Beto e eu ficamos só ouvindo, eu nem

acreditava que aquilo estava acontecendo. E não sabia se aquela sessão musical havia se transformado numa competição, mas se fosse o caso eu tinha acabado de perder.

Quando ela acabou de cantar nós batemos palmas. Ela sorriu, agradeceu e emendou com “Fade into you”. Beto fez o acompanhamento na batera e eu dei uma acochambrada no piano. Eu não pude olhar pra ela, pois estava tendo que me concentrar muito para usar as duas mãos ao mesmo tempo. Ao terminarmos ela pareceu estar satisfeita com o resultado:

- Celso, você toca “Cornflake girl” no piano?
- Não... é melhor eu pegar o violão...

Trocamos de posição e instrumentos, ela posicionou os microfones perto do piano e mandamos ver. Pra mim estava claro que a gente nunca ia tocar nada daquilo em público, mas que tava muito massa isso tava sim. Depois que acabamos Beto fez uma sugestão:

- Que tal “Home”? Vai ser em homenagem ao H8...
- Tá bom... 1,2,3...

Mal começamos a tocar e percebi que alguns de nossos amigos chegavam na sala de música: Chico, Juliano, Sávio R., Sávio B., Rosele, Valéria e Cristina. Eles entraram em silêncio, Lídia estava muito concentrada na música e não percebeu a presença deles até o momento em que encerramos a execução. Rosele foi quem iniciou os comentários:

- Nossa, gente! Vocês vão tocar essa música no show? Vocês vão fazer todo mundo chorar!
- Não... a gente só tá levando um som...
- E, além disso, a gente não ia querer fazer ninguém chorar, né, Lídia?
- Claro, Beto... nós preferimos fazer as pessoas sorrirem...
- E por falar em rir vocês perderam de ver o Celso tocando piano.
- Piano? Eu não sabia que você tocava piano, Celso.
- Eu não toco nada... só tava brincando, Tina...
- Eu achei que ficou bom...
- Ficou massa... e ele cantou também, gente, vocês perderam.
- É verdade, Celso?
- É papo desse aruá...
- Pelo que eu sei ele só canta a mulher dos outros...
- Ele cantou mesmo, Lídia?
- Cantou, Valéria...
- E como foi?
- Foi... diferente...
- Canta alguma coisa pra gente ouvir, Celso.
- Hoje não... hoje já encerrei minha cota... quem sabe outro dia...
- Esse baitola tá dando uma de doce...
- Vocês ainda vão tocar mais ou já encerraram?
- A gente está apenas começando! Vamos agitar um pouco, pessoal.

Lídia fechou o piano, mudou as posições dos microfones, pegou a guitarra e começou a tocar “Line up”. Ela estava de volta ao normal. Eu peguei o baixo e a sessão recomeçou. Nós tocamos praticamente o disco inteiro, de primeira, parecia até que já havíamos ensaiado aquelas canções várias vezes. Lá pela sexta ou sétima música ela pegou o baixo, eu peguei a guitarra e continuamos a tocar. Os meninos vibraram quando começamos “2:1”, Beto ficou intrigado com aquilo:

- Qual é o motivo de tanta alegria?
- Nada não... é que a gente tava assistindo Trainspotting...
- Pela vigésima vez...

Foi uma pena que ninguém pegou a filmadora, teria sido interessante documentar aquela sessão musical. Nossos amigos aprovaram o que ouviram:

- Muito massa, velho... vocês vão tocar alguma dessas no show, Celso?
- Não sei, Sávio... que é que você achou, Tina?
- Eu gostei mais da primeira e da penúltima.
- Eu gostei de tudo, meu...
- Podem ignorar a opinião dele... Sávio sempre gosta de tudo que vocês tocam.
- Isso é verdade, hé-hé.
- Eu também gostei de tudo, meu...
- Eu também, Rosele.
- Eu achei que “Waking up” ficou muito massa, Beto, que é que tu achas?
- Muito boa, Celso, bota na lista.
- Aquela do filme foi a melhor de todas... aquela batida é muito louca... há-há...
- Aquela do clipe dos machos sem roupa também ficou legal.
- Tá bom, então vai ser “Line up”, “Connection”, “Waking up”, “2:1” e “Never here”.
- 5, Celso? Não é muito??
- Que nada... esse show quem tá organizando sou eu, Lídia... a gente toca quantas a gente quiser.
- Falou o déspota esclarecido...
- Essa foi boa, Chico, hé-hé.
- É que eu estava pensando que a gente podia chamar a Cristina pra tocar outras músicas com a gente...
- Eu?!
- É... eu vi a fita do Show do Chacal de vocês... você cantou tão bem...
- Boa idéia, Lídia... eu aposto que o Celso também gostou da sugestão, não foi, Celso?
- Claro que sim, Chico... vamos ver se Cristina vai encarar...

***

São José dos Campos, Junho, Domingo. Minhas pálpebras ainda estavam pesadas, mas eu fiz um esforço sobre-humano e abri os olhos. Fechei-os novamente depois que olhei pro relógio e murmurei pra mim mesmo:

- Massa... hoje é dia de comer bem...

Não demorou muito e ouvi a mesma expressão do meu amigo de turma:

- Celso... tu ainda estás na cama... levanta, porra, que hoje é dia de comer bem!

Levantei e me arrumei rapidamente, Adriano ficou conversando com Ricardo e Luca. Quando cheguei no sarcófago deduzi que a noite anterior não havia sido das melhores para o meu esperto amigo.

- Em resumo, ela mais uma vez regulou, Adriano.
- Essa mulher tá difícil, sô.
- Demais... eu acho até que quando ela finalmente resolver dar pra mim eu nem vou querer mais...
- Se não quiser passa pra cá... a-há!
- Também quero...
- Eu também!
- Acordou, viadinho?
- Vamos nessa, Adriano?
- Bora... tchau procês.

Saímos do apê, pulamos o muro e caminhamos em direção ao H-montão.

- O que é que ocê fez ontem à noite, Celso?
- Fiquei na sala de música... com Beto e Lídia... meu irmão, eu tenho certeza que ela tá a fim, Adriano... certeza absoluta.
- Shruiu!
- Tu precisava ter visto as músicas que ela cantou, velho... foi alucinante... eu tenho que agarrar essa mulher... e como é que está aquela tua namoradinha gostosinha?
- Ana Paula continua maravilhosa, Celso...
- Eu devia ter agarrado aquela mulher... se não fosse aquela jogada na zaga que tu deu essa hora eu tava com ela.
- Porra nenhuma... ela é minha... sempre foi, sempre será.

K-Zé e Valmir estavam conversando com os coronéis e esposas quando a gente chegou na casa da Rosa. Adriano e eu cumprimentamos todos os presentes, e depois eu fui conversar um pouco com Patrícia e HM. Eles estavam bem, e K-Zé também me pareceu bem à vontade junto deles. O almoço foi servido, uma deliciosa feijoada. Todos nós repetimos o prato, alguns de nós por mais de 1 vez. Depois da sobremesa eu e Adriano conversamos um pouco com as 2 simpáticas senhoras, e Rosa me chamou para uma conversinha em particular. Eu suspeitei do que se tratava:

- É sobre a Beatriz, tia Rosa? Você ainda tá preocupada com ela?
- Não, Celso, ela está bem... nós conversamos com ela, eu não acredito que ela ainda esteja pensando em trancar... é sobre aquele seu amigo...
- Ah... ele está passando por uma fase muito difícil, tia...
- E como... eu não sei se ele vai agüentar essa barra, Celso...
- Que é isso, Rosa? É claro que vai!

- Eu não sei não... se eu fosse você já ia me preparando para o pior... eu já vi muita coisa no ITA, mas nunca vi ninguém se formar com 6 Is...
- Eu estou mais preocupado com o meu outro amigo...
- Bom, aquele alí é outra estória... eu espero que ele saiba o que está fazendo... ele sabe que não vai ter uma terceira chance...
- Ninguém tem, né, tia?
- Não... ninguém... e você, meu amigo, está tudo bem? Você está com uma carinha tão boa!
- Foi a feijoada que me deixou feliz...
- Muito obrigada...
- Patrícia tá bem...
- Tá... ainda bem que eles superaram aquilo tudo. Sabe o que ela me disse outro dia? A gente tava conversando sobre aquele assunto, sabe...
- Sei...
- Ela me disse que eu não ajudei em nada, que eu tomei partido... que o irmão tomou partido... ela disse que as únicas pessoas que realmente ajudaram foram o pai e você, Celso.
- Eu? Mas eu não fiz nada, eu disse pra ela que não ia dar opinião, que era amigos deles 3...
- Eu sei, mas você escutou o que ela queria dizer, sei lá... desabafar... às vezes só isso já é uma grande ajuda...
- É...
- Você está tão equilibrado, Celso, ajudando os amigos, as amigas... lidando bem com as pressões do dia a dia na escola...
- Eu tenho minhas válvulas de escape, tia... sexo, drogas, rock'n'roll e torta de maçã, há-há-há...
- Quer mais um pedaço?
- Claro!

***

São José dos Campos, Julho, Sexta-feira. Minhas pálpebras ainda estavam pesadas, mas eu fiz um esforço sobre-humano e abri os olhos. Ouvi uma voz bem distante:

- Celsão...
- Hum...
- São 7:30... tu tens exame agora de manhã?
- Tenho... às 8:00...
- Vamos tomar café... eu te dou uma carona...
- Tá bom...
- Levanta...

Eu levantei, fui no 231, mas Adriano não estava lá. Voltei pro 228 e escovei os dentes.

- Estou pronto, Ricardo...
- Essa é a vantagem de dormir de roupa... já acorda pronto, a-há...

Saímos andando pelo corredor do B.

- Você viu o Adriano?
- Vi quando ele saiu lá do apê... lá pelas 2:00...
- O viado nem me acordou, eu disse que ia só tirar um cochilo...
- Ele ia te acordar, mas eu não deixei.
- Porra...
- Vocês viraram muitas noites nas últimas semanas, Celso...
- Mas ainda faltava revisar 2 capítulos...
- Eu abri teu armário, vi teu boletim e deduzi que tu não tava precisando de muita nota em Termodinâmica... mas tu tava precisando descansar, Celsão...
- Eu sei... mas eu queria revisar tudo... tirar uma boa nota no exame, fechar bem o semestre...
- Tu vai se dar bem... tá descansado, vai comer... e mesmo se tu tirar um B, ou R... é só uma letra num pedaço de papel...

Quando chegamos no H15 foi que eu me dei conta de que aquela era a primeira vez que eu tomava café em 2 semanas. E também seria a última, depois daquele exame eu ia pra casa, de férias. Adriano não estava no recinto, e quando eu cheguei na sala de aula fiquei preocupado, pois vi que ele também não estava lá:

- Você viu o Adriano, K-Zé?
- Não...
- Ele não estava no 231... nem no H15...
- Isso não é um bom sinal, Celso...

O professor chegou, começamos o exame e nada de Adriano aparecer. Quando terminei a prova fui direto pro H8. Fui no 231, 218, 220... ele havia sumido. Fui pro 228 arrumar minhas coisas. Depois liguei para Tino e fomos almoçar. Logo depois que sentamos Adriano apareceu. Pela cara que ele fez deu pra perceber o que tinha acontecido. Ele sentou-se ao meu lado e começou a comer:

- Está feito, Celso...
- Puta merda...
- Eu não tive escolha...

Eu fiquei calado por uns instantes, não sabia nem o que falar pra ele. Tino pareceu desconfiar do que estava acontecendo, mas resolveu não indagar nada.

- Eu estou convencido de que tomei a decisão certa...
- A gente podia estudar mais, Adriano...
- Não, Celso... você sabe que eu não ia conseguir estudar nada nas férias...
- Você nem estava certo se ia pegar alguma segunda época, velho...
- Eu ia pegar 2, Celso... eu confirmei com os professores...
- Porra...
- Era um risco muito alto... muito alto mesmo...

Nós terminamos o almoço sem falar mais nada. Quando estávamos saindo do H15 encontramos com Cristina. Ela sacou que tinha algo esquisito no ar, mas não fez comentários. Adriano e Tino seguiram para o H8, eu fiquei conversando um pouco com ela.

- Celso... o que foi que houve?
- Nossa turma vai ficar ainda menor no semestre que vem, Tina...
- Putz, mais outro... Adriano?
- Hum-hum... eu vou nessa, Tino e eu vamos zarpar daqui a pouco e eu ainda tenho que fazer umas coisas...
- A gente se vê no mês que vem... boas férias.

Abraçamo-noss, trocamos beijos. Eu corri um pouco e alcancei os meninos. Nós conversamos algumas amenidades até chegarmos ao A. Tino foi pro apê se arrumar pra viagem, Adriano e eu ficamos no hall do A.

- A gente se vê em março, então?
- Eu acho que venho pro Encontro Musical... se tiver tudo estável lá em casa...
- Tá bom... eu vou sentir tua falta, seu viado...
- Eu também... sua bicha louca... não vai aproveitar pra ficar azarando a Ana Paula...
- Dessa vez eu vou me dar bem com ela...
- Porra nenhuma... vamos lá no 127... isso sim vai ser foda de encarar...

K-Zé já estava lá quando chegamos. Ele estava bem triste. Todos nós estávamos tristes, o único que parecia estar vendo algo de positivo naquela situação era Valmir:

- Isso não é o fim do mundo, gente, vamos mudar essa cara, vocês estão de férias... esse aqui está de férias até o ano que vem, hé-hé.
- Porra, Valmir, foi muita merda de uma vez só...
- K-Zé, veja bem, as coisas já não estavam boas há muito tempo, você sabe disso... agora eu vou ter outra chance de ser feliz.
- Eu espero que sim...
- Tá tudo certo lá na PUC, Valmir?
- Tá, Celso, eu começo no semestre que vem... vejam o lado bom da coisa, eu vou morar no Rio novamente, hé-hé.
- E a Lena?
- Ela está adorando, disse que a mãe dela vai ficar super feliz, pois agora ela vai ter um bom motivo pra passar os finais de semana em casa. Viu como tudo vai ficar melhor, K-Zé?
- É foda, Valmir...
- Meu amigo, veja bem, não fique triste... eu vou estar bem, e vocês também.
- Gente, eu tenho que ir, vou passar no 135 pra buscar o Tino.
- Tchau, Celso... vocês 2 vão ter que cuidar um do outro agora, viu?
- Pode deixar comigo, Valmir, eu não vou deixar esse aruá se meter em outra confusão daquelas...
- E você, Adriano, vai hoje?
- Não, amanhã, hoje eu vou me despedir da Ana Paula.
- Pode deixar que eu tomo conta dela na sua ausência, Adriano.

- Êpa, eu já me ofereci para esta tarefa, K-Zé.

Eu abracei cada um deles e fui embora. Aquela foi a última vez que eu vi Valmir. Quando cheguei no 135 Tino já estava pronto, para minha surpresa, e logo nos dirigimos ao 228.

- Celsão, vamo néussa?
- Que é bom à beuça!
- Acabou-se tudo?
- Só... e agora é gréia, velho, gréia total!
- Pode crer... sexo, drogas e rock’n’roll.
- Sexo, drogas, sol, chuva, ondas, surf... mais sexo, drogas e rock’n’roll.

Inverno

A primeira coisa que eu fiz quando cheguei em casa foi dar um grande abraço na minha mãe e no meu pai. Eles provavelmente não imaginavam o quanto me apoiaram naquele semestre que havia acabado, e eu provavelmente não ia conseguir explicar como eu estava grato por aquilo, então achei que uma ligeira demonstração de carinho seria adequada.

Depois eu fui comer a torta de chocolate da mama, e só depois foi que finalmente fui tomar um banho. Quando saí do banheiro liguei para Danilo e Tasso para combinar um saidão. Depois da novela, é claro, pois os meus interados amigos não perdiam um capítulo sequer.

Coisa que eu não conseguia entender, e que achava a maior perda de tempo. Mas eu não era o único a não entender certas coisas, e naquelas curtas férias do meio do terceiro ano eu ia entender muito bem que algumas facetas da minha realidade no ITA eram muito difíceis de serem entendidas pelos meus amigos na terra natal. E eram muito difíceis de serem explicadas também.

Eles passaram lá em casa e fomos para um barzinho na cidade. O lugar estava cheio. Cheio de mulher, e para quem havia acabado de chegar de São José todas elas me pareciam maravilhosas, mesmo antes de qualquer ingestão etílica.

- Vais tomar o quê, turista?
- Caipiroska!
- Beleza, também vou.
- Eu trambém...
- Trambém?
- É, Danilo, também é quando é 2, trambém é quando é 3.
- São...
- É, são... é tudo a lesma lerda...
- Lesma lerda?
- É, porra... é quando tu não quer dizer mesma merda... é um trocadalho, entendeu?

O lugar era diferente, os amigos eram diferentes, mas bostejar era mesmo uma arte universal. Comecei a beber e tentei focalizar algum alvo em potencial:

- Muita mulher por aqui hoje... não vai ser fácil...
- É, meu amigo, a vida não está fácil para quem é honesto... hé-hé.
- Tás comendo alguma mulherzinha por lá, Celso?
- Não, desde as férias que eu estou no atraso... São José não é feito Fortaleza não, meu camarada, a mulherada regula praca.
- Celso, vamos pra Pipa na semana que vem? Deve estar rolando altas ondas, velho, sem falar que sempre tem gata sobrando em Pipa.
- Eu não sei não, Danilo, eu acho que vou ficar por aqui mesmo.
- Tás apertando alguma mulherzinha, pelo menos?
- Marromeno...
- Tás ou não tá, cacete?
- Já está na fase final, faz mais de 2 meses que não rola nada...

- Gostosa?
- Saborosa...
- Como é que tu sabe, já provou?
- Trocentas vezes... quer dizer, umas 3 ou 4, mas eu estou de olho numa outra, carne nova...
- Gostosa?
- Magrinha... peitinho pequeno... bundinha pequena...
- Já provou?
- Ainda não...
- Pode parar, Celso... tu vai dispensar uma mulher gostosa, que já está garantida, por uma magrela do peito pequeno que tu nem sabe se vai rolar ou não? Isso não existe, velho...
- Eu não entendo esse cara...
- É que a magrinha tem uma voz maravilhosa, e olhinho puxado... além de saber tocar piano, baixo, guitarra...
- E ela já tocou na tua guitarra?
- Já, num show que... tá rindo de quê, viado?
- Nada não...
- Porra, Celso, até eu que só toco bateria entendi essa...
- Vocês são foda, levam tudo por trás...
- Êpa, por trás não!
- Levam tudo pelo buraco da maldade...
- Tu nem ligou pra mim da outra vez que tu vieste pra cá, não foi, porra?
- Eu liguei sim, Tasso, mas tu nunca tava em casa...
- Devia estar dando o rabo por aí... hé-hé.
- E por falar em rabo...

Nossa animada conversa foi brevemente interrompida pela breve passagem de uma graciosa morena dos cabelos cacheados.

- Puta que o pariu... essa daí eu até casava, a-há.
- Que risadinha de viado é essa, Celso?
- Deixa pra lá... e também eu fiquei pouco tempo por aqui, Tasso...
- Como é mesmo esse lance, Celso? 1 semana de férias no meio de cada semestre?
- É... pra descansar um pouco...
- Eu não entendo esse esquema não, velho... não seria melhor juntar essas 2 semanas com as férias do meio do ano?
- É, meu irmão, aí tu ficava mais tempo na época da gréia, em vez de vir pra cá quando tá todo mundo estudando.
- Além de reduzir o gasto com passagem etc...
- Eu não sei se a troca seria boa, gente... aquela semaninha é a melhor coisa do mundo... dá pra recuperar as energias pra poder encarar o resto do semestre.
- Eu não vejo necessidade pra isso...
- É difícil de entender se tu não está lá... e de explicar também... tás agarrando alguém, Tasso?
- Não, no momento estou aqui de bobeira, conversando melda com 2 viados...
- Êpa, 2 não!

- Tá bom, 1,5... Danilo é menor, vale meio... aquela menina é lá da faculdade... boa toda...
- Já comesse?
- Ainda não...
- Apertasse, pelo menos?
- Também não...
- Eu acho que ela tá olhando pra tu, Tasso.
- Eu paguei uma cadeira com ela no ano passado...
- Ôba, tá vindo pra cá...
- Se ela se engraçar pro teu lado tu manda ela trazer as amigas, visse?
- Pode deixar...

Ele foi conversar com a tal menina, e Danilo e eu continuamos a bostejar e a sacar o ambiente. Depois de uns 10 min Tasso juntou-se a nós novamente.

- E aí, pentelhão?
- Ela já vai embora...
- Não vai ser hoje...
- Não... Celso, aquela não é a mulherzinha lá da Federal que tu agarrava?
- Deixa eu ver... não, é a irmã dela...
- Humm... gostosinha... já comesse?
- Claro que não, né, Danilo? Imagina se eu ia azarar irmã de Carolina...
- Sei lá... vai que ela gosta de brincar com as bonecas da irmã, hé-hé.
- Ôba, tá vindo pra cá...
- Manda ela trazer as amigas, visse?
- Pode deixar...

Fui conversar com Ana e depois de uns 10 min juntei-me aos amigos novamente.

- E aí, pentelhão?
- Ela já vai embora...
- Porra... vocês 2 estão espantando a mulherada...
- Celso... saca só a galeguinha de blusa branca...
- Que peitinho graciooooso...
- Todo bronzeadinho... bem uniforme... parece até que ela colocou no microondas...
- Essa menina é lá de faculdade...
- Faz Arquitetura também?
- Não... sei lá que porra que ela faz... dizem as más línguas que ela joga no outro time, hé-hé...
- Sei não, velho... às vezes é só boato...
- Todo boato tem um fundo de verdade, Celso.
- Eu acho que ela tá olhando pra cá...
- Tá mesmo... e é pra tu...
- Eu hoje vou me dar bem...
- Vai porra nenhuma, essa mulher é sapata, velho, tou te dizendo...
- É nada, vou jogar o velho charme, dar uma ajeitada no cabelão... saca só se ela não vai ficar olhando...

- Celso, essa menina...
- Eu já sei, porra...
- Tá olhando, tá olhando...
- Agora vou jogar um sorriso de leve... vê só...
- Porra, velho... eu acho que tu vai se dar bem...
- Foi só um risinho, Celso...
- Danilo, porra, para de agourar, velho...
- Tá bom... depois não diga que eu não avisei...
- Eu vou lá falar com ela.
- Vai lá, vai lá... êpa, peraí... que foi isso?
- Deve ser uma amiga...
- Amiguinha forte, a dela...
- Tá olhando pra tu, Celso... eu acho que ela vem aqui te dar umas porradas...
- Nada... deve estar a fim de mim também...
- Humm... eu acho que aquilo é um beijo...
- Humm... eu acho que aquilo ainda é um beijo... e eu acho que é de língua...
- Eu te disse, não te disse, otário? A mulher joga no outro time, hé-hé.
- Putz... vamos tomar outra?
- Bora.

Pegamos outra rodada, demos uma circulada no ambiente e voltamos pro mesmo lugar que estávamos antes.

- É impressão minha ou tem muito mais mulher que homem por aqui?
- Tá reclamando, é, viado?
- Claro que não... eu só não estou mais acostumado com essas coisas...
- Celso, saca só aquela mesa... 1, 2, 3... 6 mulheres... sozinhas, cara.
- Olha aquela outra... 5!
- Meu irmão... o que é que está acontecendo nesta cidade?
- Olha aquelas 3 ali...
- Nada mal...
- Eu gostei da de cabelo vermelho...
- Tem gosto pra tudo...
- Que nada, Tasso... olha o micro vestidinho da mulher...
- Tô vendo... olha o cabelinho da mulher...
- Eu me amarro em uma ruivinha... mesmo que seja de farmácia...
- Eu acho que elas tão olhando pra nós... hé-hé.
- Tá na hora de jogar o velho charme...
- Meu irmão... da última vez que tu fez isso o resultado não foi muito bom...
- Porra, vai me dizer que tu não gostou daquele amasso, Danilo?
- Eu achei a coisa mais linda do mundo, Danilo...
- Não é que eu não tenha gostado, velho... hé-hé... mas eu teria gostado muito mais se tivesse sido comigo... eu te avisei que a mulher jogava no outro time...
- Eu vou lá dar uma conferida na ruivinha...

Eu cheguei perto da menina, as amigas dela riram discretamente, mas ela ficou com um olhar indiferente. Joguei o papo padrão:

- Oi... tudo bem?
- Tudo...
- Por acaso você estava ontem naquele show que rolou lá...
- Não, eu nem saí ontem à noite.
- Não é possível... eu tenho certeza que era você...
- Não era eu...
- Você foi embora e nem me deu o número do seu telefone...

A menina finalmente deu um sorriso, mas logo depois cortou a onda:

- Essa eu já ouvi umas 100 vezes...
- Tá bom, foi mal... deve ter sido outra pessoa...

Eu me virei e fiz que ia embora. Contei mentalmente 1, 2, 3...

- Você gostou do show?
- Eu pensei que você tivesse dito que não estava lá...
- Eu não estava mesmo... você gostou?
- Eu também não estava...

Ela tentou ficar séria mas não conseguiu. Interessante como um pouquinho de ousadia e cara de pau causavam um efeito tão devastador... é claro que o álcool e a lei da oferta e procura ajudavam um pouco. Aproveitei do momento de fraqueza da moçoila e arrisquei outra manobra:

- Você está aqui de férias?
- Não, eu moro aqui.
- Mas faz pouco tempo, né? Você ainda não perdeu o sotaque...
- 4 anos...
- E como foi que você veio parar por aqui?
- Meu pai foi transferido pra cá...
- Sei... e você sente saudades de Sampa?
- Eu sentia no começo, mas agora não sinto mais... eu gosto daqui.
- Eu também... você ainda volta pra lá?
- Não... de jeito nenhum... quando acabar a faculdade eu vou ficar por aqui mesmo.
- Você estuda o quê?
- Administração, na Federal... e você?
- Engenharia... Mecânica...
- Na Federal?
- Não... eu estudo numa cidadezinha do interior de São Paulo...

Eu não estava mentindo, estava apenas escamoteando a verdade, e ela bem que podia estar satisfeita com o nível de detalhes que eu havia fornecido. Mas não estava:

- Que cidadezinha?
- São José...
- São José dos Campos? Você estuda no ITA?

- É... você por acaso tem alguma coisa contra os alunos do ITA?
- Não, claro que não... eu nunca conheci nenhum deles...
- Ótimo...
- Ótimo o quê?
- As 2 coisas...

Ela sorriu novamente, pelo menos o senso de humor dela era compatível com o meu. Em verdade eu estava achando que ela era completamente compatível comigo, só faltava ver se a recíproca era verdadeira.

- Então você é que está aqui de férias?
- É...
- Deve ser duro ficar longe da família.
- É... no começo é muito difícil... mas depois você acostuma.
- Faz muito tempo que você está lá?
- 2,5 anos... estou na metade do caminho...
- E você pretende voltar pra cá depois que se formar?
- Eu ainda não sei... eu gostaria, mas as possibilidades são remotas... você sabe que a grana está lá em São Paulo...
- Eu sei, mas dinheiro não é tudo na vida... como é mesmo o seu nome?
- Celso... e o seu?
- Flávia... dinheiro não é tudo na vida, Celso.
- Eu acho que não...
- Pense que seus amigos em São Paulo numa hora dessas estão no maior frio... naquele cinza horrível, tempo ruim...
- E eu estou aqui, 30 graus... conversando com uma paulistana bronzeada...
- Exato... essas coisas não têm preço...
- Eu acho que não... mas ainda tá cedo pra eu me preocupar com essas coisas... ainda tem muito chão pela frente... eu acho que suas amigas estão lhe chamando, Flávia.
- Ah... dá licença um pouquinho...

Ela cochichou não sei o quê com as amigas e rapidamente voltou a conversar comigo:

- Escuta, Celso, a gente vai naquele barzinho da outra rua, que tem música ao vivo... as meninas estão a fim de dançar...
- Sei...
- E também aqui a relação homem/mulher está desfavorável para nós...
- Você não tem motivo para se preocupar com isso...
- Obrigada. Vocês não querem aparecer por lá?
- Eu não sei, pode ser... mas eu acho que os meninos estão mais a fim de curtir uns vídeos, sei lá... ficar num lugarzinho mais tranqüilo, que dê pra conversar melhor...
- Tá bom... então me dá o número do teu celular... caso vocês decidirem não ir pra lá.
- Celular? Eu não tenho essas coisas não...
- Tem telefone?

Eu falei o número para ela, o qual foi imediatamente colocado na memória do seu aparelho. Ela escreveu seus algarismos e letras num guardanapo de papel e me entregou:

- Ligue pra mim... dessa vez você não tem mais desculpa pra não ligar...

Eu guardei a preciosa informação no bolso e fui conversar com meus amigos.

- E aí, velho? Espantasse a falsa ruiva também?
- Elas vão dançar... naquele barzinho da esquina... vocês querem ir pra lá?
- Vou nada... aqui tá bom pra caralho...
- Literalmente...
- Mas ela pegou meu telefone... e me deu o dela...
- Deve ter dado número errado... hé-hé.
- Vamos testar? Deixa eu ver o número... como é o nome dela?
- Flávia.
- Tá chamando... alô!? Érika?... desculpa, liguei o número errado...
- E aí?
- Era uma tal de Flávia... eu acho que a menina ficou interessada, Celso. Ela é da onde?
- De São Paulo... mas mora aqui...
- Porra... tu acabou de chegar de lá e já vai agarrar paulista?
- E daí?
- É feito o cara que saiu de São Paulo, chegou aqui e foi comer pizza...
- Danilo, saca só aquela maria...
- É lá da faculdade também... boa toda...
- Já comesse?
- Não interessa...
- Eu acho que já...
- E esse porra come ninguém, Celso...
- Eu dei uns agarros nela, no ano passado... mas aí Fernanda ficou sabendo e a coisa mixou...
- Bonitinha, né?
- Dá pro gasto...
- Você está muito exigente, meu amigo...
- Tem que manter o padrão, né, velho? Eu vou lá ver se ela está precisando dos meus serviços... hé-hé.
- Se ela se engraçar pro teu lado...
- Já sei, já sei... trazer as amigas...

Ele foi conversar com a menina, e Tasso e eu continuamos a bostejar e a sacar o ambiente. Depois de uns 10 min Danilo juntou-se a nós novamente.

- E aí?
- Ela foi chamar as amigas... hé-hé.

E nós finalmente tiramos o pé da lama. No dia seguinte fomos pegar onda com Neno e Leo. O mar estava clássico, vento fraco, eu surfei até ficar roxo. Quando cheguei em casa já estava na hora da janta.

Depois de encher o bucho fui procurar o telefone de Flávia, mas para meu leve desespero minha incautelosa mãe tinha colocado a roupa pra lavar, e as valiosas informações estavam perdidas para sempre. Eu liguei para Tasso, talvez ele ainda tivesse o número dela gravado no celular dele. Ele não estava em casa, e parecia estar fora da área de alcance do celular. Deixei um recado e fui tomar um banho.

Logo que saí o telefone tocou, e eu fui correndo atender, desejando que fosse Flávia, mas era outra pessoa:

- *Celso? É Marcelo, fiquei sabendo que você estava na terrinha...*
- Grande Marcelo! Que é que tá rolando, meu irmão?
- *Hoje vai ter uma festinha aqui no bar, só vai rolar som dos anos 80...*
- Anos 80?! Que porra de festa porcaria é essa, velho?
- *Não, cara... só sonzeira, Cult, Cure... Siouxsie, The The, Replacements... os primórdios da música alternativa... e também um pouco de New Wave...*
- Ah sim... que horas começa?
- *Lá pelas 10:00...*
- Tô nessa, broder!

Liguei para Danilo e ele disse que passaria lá em casa por volta das 11:00, o que ia me garantir algumas horas de necessário descanso. Quando chegamos ao bar de Marcelo tentamos ligar para Tasso novamente, mas ele ainda estava fora de alcance, e nós concluímos que ele devia estar mesmo bastante ocupado:

- Deve ter saído com o macho dele...
- Só... o lugar tá cheio, Celso...
- Mulher praca, praca...
- O som até que não está mal...
- Não... Stone Roses... muito massa...

Pegamos umas biras e fomos dar uma circulada pelo ambiente. Depois fomos falar com Marcelo:

- Grande Celso, salve Danilo... e aí?
- Meu irmão, o negócio aqui tá não está fácil não... hé-hé.
- Pode crer... vocês querem ouvir algo especial?
- Eu quero... bota aquele vídeo de “Cities in dust”.
- Deixa acabar essa música que eu boto... e na seqüência vai rolar “The passenger”.
- Boa pedida... eu vou querer “Born of frustration”.
- Beleza. Deixa eu ir ver uma coisa no bar... qualquer coisa é só pedir pra Roberto que ele bota pra tocar.
- Valeu, Marcelo.

Posicionamo-nos estrategicamente perto da mesa de som, pois percebemos que sempre havia umas moçoilas na área, fazendo requisições especiais. De vez em quando a gente puxava papo com algumas delas, falava sobre música, essas coisas, mas nada de conteúdo mais “caliente”. Mas a noite estava com cara de que ia ser boa... se é que noite tem cara.

Eu fui ao bar pegar mais umas biras para nós e quando voltei reconheci de imediato a figura que estava falando com Roberto. Ela estava de costas, mas eu conseguiria identificar aqueles longos cabelos castanho-claros em qualquer lugar do mundo, mesmo num ambiente de baixa intensidade luminosa como aquele em que estávamos.

Entreguei uma bira a Danilo, ele olhou em direção à menina, fez um olhar desencorajador e balançou a cabeça em desaprovação. Eu dei de ombros e esperei que ela terminasse a conversação com o nosso querido VJ. Parecia que ela já sabia que eu estava ali, eu não detectei a menor surpresa no seu rosto quando ela virou-se e falou comigo:

- Acabei de pedir uma música para nós, Celso... espero que você goste.

Eu não falei nada, fiquei apenas esperando o vídeo começar e imaginando o que ela devia estar pensando naquele momento. Quando vi as primeiras cenas de “Only a memory” foi que eu me dei conta do que estava para acontecer.

- Você sabe que eu adoro essa música, Carolina... ela me faz lembrar de você.
- Eu sei disso, foi por isso que eu pedi.
- Como é que você está?
- Eu estou bem... você deve estar muito ocupado, nunca mais ligou para mim...
- Eu estava estudando muito... o semestre foi muito puxado. Um amigo meu trancou, um outro foi desligado.
- Sei... passou em tudo neste semestre?
- Eu acho que sim... mas quase que eu estouro em faltas.
- Eu não entendo isso, vocês moram ao lado da escola, vão andando pra aula, não precisam acordar cedo e pegar carro, ou ônibus...

Eu sorri, mais para mim mesmo do que para ela, e concluí que devia ser mesmo difícil para ela entender uma coisa daquelas. JF entenderia, Adriano entenderia, Cristina e Bia entenderiam, mas Carolina nunca ia entender aquilo, mesmo se eu conseguisse explicar.

- E você, se deu bem em tudo, como sempre?
- Hum-hum, apesar da greve o semestre acabou bem... foi à praia hoje? Já pegou uma corzinha.
- Fui, o mar tava massa... eu ainda estou um pouco fora de forma.
- Muitas noitadas lá em São José?
- Várias...

Outro assunto que eu resolvi nem iniciar, no mínimo ela iria me dizer que se eu estudasse mais todos os dias não iria precisar virar noites nas vésperas das provas.

- Vem, vamos dançar – ela puxou minha mão e olhou para o meu sorridente amigo – té mais, Danilo.

Ia ser difícil dançar com a bira na mão, então eu entornei o resto do conteúdo e coloquei a garrafa na mesa. Na seqüência só rolou coisa que eu gostava: “Down under”, “Beds are

burning", "She sells sanctuary", "Look away", "Strength". Eu desconfiei que Roberto tinha feito concessões especiais para Carolina.

- Quantas você pediu para ele?
- 3, mas ele disse que eu podia pedir mais se eu quisesse... eu não quis abusar muito, a próxima é a última.

Ouvir aquela doce voz sussurrando bem próximo do meu ouvido trouxe-me deliciosas recordações, e mesmo sem querer comecei a sorrir. Ela captou o que eu estava pensando, aproximou-se novamente e provocou ainda mais um pouco:

- O que foi, Celso? Ficou arrepiado?
- Ainda não... você vai ter que se esforçar mais...

Depois começou a jogar charme, mas eu sabia onde ela queria chegar:

- Eu não sei se eu devo fazer isso...
- Por que não?
- Pode ter conseqüências... desagradáveis...
- Sei... e eu que achava que você gostava daquele tipo de conseqüência...
- Eu não estou falando de mim, aruá...
- De quem, então? Você está com alguém?
- Hoje não...
- Hoje não... isto significa que você estava com alguém ontem?
- Isto não é da sua conta.
- Não vai me dizer que era amigo meu...
- Não... era aquele menino lá da sala...
- Vocês foram pra cama?
- Isto também não é da sua conta.
- É verdade... foi bom?

Eu sabia que ela não ia conseguir ficar séria por muito tempo. Aproveitei que ela estava de bom humor e ataquei novamente:

- Eu acho que não foi... senão você não estaria aqui hoje, largada, sozinha... azarando o primeiro que aparece pela frente...
- E quem disse que eu estou te azarando, convencido?
- Pediu umas musiquinhas que eu gosto, me chamou pra dançar, tá falando no meu ouvido...
- Primeiro que eu também gosto destas músicas, segundo que eu queria dançar, e terceiro que eu não estou falando no seu ouvido... o som é que está alto demais para uma conversação normal.
- Sei... só falta agora você dizer que também não está com vontade de me dar um beijo... de língua...

Ela riu de novo, afastou-se e decidiu não falar mais nada. Mas ficou me olhando de uma maneira peculiar, que eu conhecia bem, muito bem. Eu sabia que ela não iria mover nem

mais um dedo pra fazer algo acontecer, mas que se eu movesse aquilo que eu achava que nunca mais aconteceria iria acontecer novamente, naquela noite. Tudo dependia de mim, e foi naquele momento que eu tomei uma decisão que eu iria questionar pelos 30 meses seguintes, mas que naquela noite me pareceu ser a coisa mais lógica do mundo.

Cheguei junto, passei minhas mãos em torno da sua cintura, puxei-a suavemente ao meu encontro. Ela colocou os braços ao redor do meu pescoço, ficou acariciando meus cabelos. Nós paramos de dançar.

- Agora eu estou arrepiado...
- Eu sei...
- E eu estou morrendo de vontade de lhe dar um beijo...
- Eu também sei...
- Mas eu não sei se eu devo fazer isso... aqui na frente de todo mundo...
- Por que não?
- Vai que alguém vê e conta pro seu... namorado?
- Ele não é meu namorado... hoje eu estou largada, sozinha...
- Agora não está mais...

Nós ficamos nos beijando até o final daquela música. Quando começou a tocar "Take me to the river" ela quis dançar novamente, e depois foi ao bar. Eu fui falar com o meu preocupado amigo Danilo, que no momento estava desocupado:

- Meu irmão, eu não acredito que tu se agarrou com essa mulher de novo...
- Nem eu... mas ela está tão sexy hoje, não deu pra resistir, a-há.
- Ela está uma devassa, velho, tu viu o jeito que ela tava dançando essa última música? Tu sabe que dançar faz parte do ritual de acasalamento para as mulheres... ainda mais desse jeito...
- Só...
- Eu acho que ela está a fim de dar...
- Eu espero que sim...
- Tu vai encarar?
- Que é que tu acha? eu tenho que tirar o atraso, meu velho!
- Puta merda, Celso...!
- Eu acho que eu ainda sou fissurado nessa menina, Danilo.
- Cacilda, que estorinha enrolada da porra!!
- Tem certas forças da natureza que ninguém segura, Danilo... água morro abaixo...
- Fogo morro acima... lá vem ela...
- Shhh, mixa o papo...

Carolina voltou com 2 biras. Deu uma pra mim e a outra pra Danilo, que achou aquilo muito esquisito e logo investigou:

- Muito obrigado... e você, Carolina, não vai tomar nada?
- Eu bebo dessa daqui, pra descobrir os segredos desse rapaz...
- Como se você precisasse disso...
- Na verdade eu queria que você fizesse um favorzinho pra mim, Danilo...

- Eu sabia que tinha algo, Celso... ela tava muito boazinha comigo pra ser assim, a troco de nada... fala, menina, tá me subornando pra quê?
- Eu queria que você levasse minha irmã em casa, depois da festa...

Ela olhou pra mim, eu olhei pra ele, ele olhou pra ela, nós 3 sorrimos.

- Xá comigo... e aonde é que está a mana?
- Ela está ali no bar, conversando com Marcelo... esperando que alguém vá dançar com ela...
- Alguém tem que fazer esse sacrifício, né, Celso?
- É, velho... a vida não está fácil...
- Pra quem é honesto...

Carolina não quis ficar até o fim da festa, e lá pelas 2:00 a gente foi embora. Paramos em frente ao carro, eu dei outro aperto nela e invesgtiguei suas verdadeiras intenções:

- Você quer ir pra onde?
- Eu pensei que você soubesse o que eu quero fazer agora...
- Eu sei, eu quero saber se você tem alguma preferência em relação ao local...
- Ah... tenho sim... o mais perto daqui.
- Tá bom... quer me dar a chave?

O lugar mais perto ficava a menos de 5 min do bar de Marcelo. Quando entramos no quarto Carolina foi direto para os finalmentes, apesar dos meus protestos:

- Calma... vamos colocar uma musiquinha, esquentar um pouco...
- Não vai ser necessário... eu já estou fervendo, Celso...

5 min depois ela estava mais calma. Eu não pude evitar de dar um sorriso bem descarado, ao qual ela reagiu de imediato:

- Você deve estar me achando muito tarada, né?
- Hum-hum...
- É que faz muito tempo que eu não faço isso.
- Muito tempo tipo 24 hs?
- Não... tipo 5 meses...
- Idem idem...

Carolina ficou visivelmente satisfeita com a minha descuidada confissão, mas não comentou nada. Eu prossegui, tentando disfarçar minha curiosidade:

- Ué... eu pensei que ontem à noite...
- Eu não gosto dele o suficiente pra isso...
- Sexo e amor são 2 coisas diferentes, Carolina...
- Eu sei, mas eu ainda não consigo separar uma da outra...
- Isto significa que você ainda gosta de mim?
- O que é que você acha?

- Eu não sei... você podia estar comigo hoje só porque sabe que eu não vou ficar pegando no seu pé depois...
- Pode ser... se bem que eu prefiro que você pegue...
- Hum?
- No meu pé, na minha perna...
- Peraí, agora vamos organizar esta coisa... deixa eu colocar um sonzinho... jogar essa coisa fora...
- Hum... vamos cair na hidro?
- Boa idéia... humm... deixe eu pegar no seu pezinho agora...
- Pegue... humm...
- Carolina...
- O que foi?
- É que... eu realmente não estava esperando que a gente...
- Shhh... vamos aproveitar a espontaneidade do momento, Celso... pára de se preocupar com o que vai acontecer depois...
- Tá bom... que coincidência, né? Encontrar com você hoje, na festa?
- Não existe coincidência, Celso... quando 2 pessoas têm que se encontrar as forças da natureza fazem isso acontecer...
- Que bostejo federal, Carolina...
- Sério... se bem que às vezes a gente pode dar uma ajudazinha...
- Hum?
- A gente pode pedir para alguém dar um telefonema...
- Eu não acredito... foi tudo armação sua?
- Não... foi Ana quem armou tudo... eu apenas concordei com o plano dela...
- Mais 1 favor que eu vou ficar devendo para ela...
- Mais 1?
- É... este ano está dando altas ondas... desde aquela festa na mansão Gabirú...
- Ah... você ainda acredita naquelas bobeiras?
- Eu só sei que Ana e aquela amiguinha dela foram dançar na roda... e desde então não parou de dar onda... deve ter sido 1 das 2... ou as 2...
- Coincidência...
- Não existe coincidência, Carolina... você vai fazer o quê esta semana?
- Eu vou visitar minha vó, no interior, eu acho que na sexta estou de volta... por que?
- Nada... a gente podia fazer algo quando você voltasse...
- Pra que esperar esse tempo todo? Vamos fazer agora!

Na quarta seguinte Neno, Leo e eu fomos passar uns dias na praia. Chegamos cedo e caímos logo em seguida. O mar continuava bom, e ficamos dentro d'água até 10:30. Saímos, sentamos à sombra e ficamos tomando suco. Leo colocou um sonzinho e a gente ficou só sacando as marias que desfilavam na areia:

- A prainha tá boa hoje...
- Até que tá mais ou menos... saca a galeguinha, Neno...
- Essa menina mora lá na rua... pega onda também...
- Pergunta se tu pode dar uma voltinha na prancha dela...
- Olha aquelas 3...
- Peraí, velho... essas meninas estavam naquele barzinho...

- Quando, Celso?
- Vocês não estavam lá... eu tava com Danilo e Tasso... a do meio se chama Flávia... ela até me deu o telefone dela, mas eu perdi...
- Vou chamar... ei, Flávia...
- Ela tá olhando, Celso...

Levantei e fui falar com elas. Depois convidei-as para a nossa agradável sombra e fiz as apresentações.

- Que som é esse que vocês estão ouvindo?
- Latin Playboys...
- Muito legal... você não me falou que pegava onda, Celso.
- A onda é que pega ele...
- Ele não é surfista não... é pranchista...
- Pranchista? O que é isso?
- É o cara que traz a prancha pra praia e fica só na areia falando que o mar tá ruim demais... há-há-há...
- Tudo intriga desses caras, Flávia... eles estão desse jeito porque eu surfei Itamambuca 2,0 m e eles ficaram se babando de inveja... vocês estão aqui desde quando?
- Desde ontem... a gente vai embora amanhã... e vocês?
- A gente chegou hoje... se o mar continuar bom a gente fica até sexta...
- Então eu acho que a gente se vê mais tarde, hoje à noite vai rolar um luau...
- Beleza...

Ficamos olhando-as até que elas sumiram do nosso campo de secagem. O meu astuto amigo Leo prontificou-se a definir as prioridades:

- Eu fico com a moreninha...
- Sobrou a gordinha pra tu, Neno...
- Tô fora... eu arrumo coisa melhor mais tarde...

Nós surfamos de novo no final da tarde e de noite fomos ao luau. Mais uma vez eu fiquei impressionado com a visível desproporção demográfica:

- Eu não entendo o que está acontecendo nesta cidade, Leo... todo lugar que eu vou tem muito mais mulher que homem...
- É, meu irmão... nem o IBGE explica...
- Sem falar que tem muito homem virando viado... e aí a gente manda tudo pra São Paulo, há-há.
- Vai te lascar, porra.
- E Vitória, Neno, vai rolar uma festinha na casa dela?
- Rodrigo falou que Márcia e Vitória foram passar as férias em Salvador.
- E Bianca?
- Sei lá daquela maluca...
- Aquelas marias estão na área, Celso, vamos lá?
- Bora... vamos nessa, Neno.

- Meu irmão...
- Bora, velho, se a gordinha não quiser nada contigo tu sai fora, há-há.
- Vai te lascar, fresco.

Fomos conversar com elas, Leo chegou logo junto da moreninha e iniciou uma agressiva negociação. Eu chamei Flávia para dar uma volta na praia antes que a outra percebesse que Neno ia cair fora e começasse a estragar o nosso barato. Caminhamos em silêncio por uns instantes, eu queira ver qual tonalidade ela ia dar ao papo:

- Que coincidência... encontrar contigo hoje, na praia...
- Não existe coincidência, Flávia... quando 2 pessoas têm que se encontrar as forças da natureza fazem isso acontecer...
- Então foi por isso que você não ligou pra mim, ficou esperando que as forças da natureza agissem?
- Não... eu não liguei porque perdi seu telefone...
- Ai que desculpa esfarrapada...
- Sério... e você também não me ligou...
- Eu liguei sim, não lhe deram o recado?
- Não... deve ter sido o beque do meu irmão...
- Beque?!
- Deixa pra lá... o importante é que a gente se encontrou... eu gostei de você... do seu jeito...
- Eu também...
- Eu acho que a gente tem tudo a ver...
- Eu também acho...

Depois de uma interessante meia hora voltamos para o luau. Neno estava contando piada pra gordinha, e Leo havia sumido com a outra. Nós comemos um pouco, bebemos um pouco, ficamos curtindo o som que tava rolando. Os 2 pombinhos reapareceram do nada, nós conversamos mais um pouco e depois fomos deixar as meninas na pousada.

No dia seguinte levantamos cedo e fomos pegar onda. Mais outra clássica sessão, que para mim acabou quando o vento começou a provocar desagradáveis interferências na superfície marítima. Resolvi voltar pra casa e comer alguma coisa, e quando estava saindo d'água encontrei com as 3 marias na areia. Flávia decidiu acompanhar-me, as outras 2 ficaram tomando sol.

- Quer dizer que você sabe mesmo surfar, Celso?
- Pois é... ainda sei...
- Aonde é a casa?
- É aquela dali...
- Massa... de quem é?
- Duns amigos nossos... eles só vêm pra cá nos finais de semana... durante a semana a gente arrega...

Nós entramos, eu lavei a prancha e coloquei-a na sombra e dei uma de bom rapaz:

- Você quer se refrescar, tirar o sal? A água ainda está fresquinha... mais tarde vai estar muito quente...
- Quero... humm... está ideal...

Flávia fechou os olhos e ficou se deleitando com a ducha, enquanto eu fiquei me deleitando com os efeitos que a água estava causando nela. Ela percebeu o que eu estava olhando quando abriu os olhos novamente. Jogou um pouco d'água na minha direção e perguntou:

- Vai ficar só olhando? Vem cá...

Ficamos no chuveiro até que a fome apertou. Entramos na casa, eu fui na cozinha cortar um melão e ela ficou olhando os discos na estante da sala:

- Eu não conheço nada disso: Sprung Monkey, 311, Blink 182, The Offspring…
- Nessa casa só rola som de surfista...
- Esse pessoal da zona sul é fogo, viu...
- O CD do Ben Harper tá por aí?
- Hum... não tô vendo...
- Eu acho que Leo levou pra praia...
- No Knife, Weezer, Dakoda Motor Company… Pennywise, Mermen...
- Bota esse... você vai gostar...

Sentamos, devoramos o melão e depois fomos deitar na rede.

- Você tá rindo do quê?
- Nada não... eu lembrei duma piada...
- Que piada?
- Aquela do cúmulo do equilíbrio...
- Ah... há-há... Você tem namorada aqui?
- Não...
- E lá em São José?
- Tambem não... e você?
- Eu namorei uma carinha no ano passado... quer dizer, a gente namorou um tempão, mas acabou no ano passado...
- Sei... e desde então você não quis mais se ligar em ninguém?
- Não...
- Foi tão ruim assim?
- Foi ruim quando acabou... sabe que eu estou com a impressão de que a gente não vai se ver mais?
- Por que? Você não quer me ver mais?
- Não, não é isso... eu quero... eu gostei de você, Celso.
- Sei... e é por isso que você não quer mais sair comigo...
- Eu não disse que não queria mais sair com você...
- Não com essas palavras...
- Não, não foi isso o que eu quis dizer... eu achei que a gente não ia mais se ver novamente...
- Por que não?

- Sei lá... foi só uma impressão...
- A gente podia sair na sexta...
- Tá bom então...
- Não, sexta não dá, eu tenho que ir num jantar na casa da minha tia... você sabe, esses programas familiares...
- Tá vendo? Já está inventando desculpa esfarrapada...
- Não, é serio... você quer ir comigo?
- Não, me poupe!
- A não ser que...
- Liga pra mim quando você estiver saindo de lá... a gente marca de se encontrar em algum lugar.
- Tá bom, eu ligo... deixa eu anotar o teu número...
- Se perder dançou, eu não vou ligar pra você de novo...
- Essa menina tá muito doce... você quer voltar pra praia?
- Não, aqui tá tão bom... eu gostei desse som... dessa rede...

Elas foram embora naquela tarde, mas nós decidimos ficar até a sexta-feira, pois o mar continuava excelente. Neno não quis sair de noite, disse que ia dormir cedo pra acordar cedo e pegar o terral na manhã seguinte, mas Leo e eu fomos ao agito, azarar as nativas, turistas e afins. Pegamos umas biras e demos uma geral no ambiente:

- Celso, olha a galeguinha que tava surfando hoje de manhã...
- Gostosíssima... essa daí eu até casava, a-há!
- Eu também, se eu levasse essa menina em casa minha mãe ia ficar orgulhosa de mim, hé-hé.
- Eu acho que ela tá olhando pra cá...
- Ôba, tomara que ela tenha umas amigas gostosinhas também.
- Como é o nome dela?
- Eu não sei, Neno é quem conhece a figura...
- Vou chegar junto...
- Vai lá...

Eu ainda estava sob os bons efeitos do agarro com Flávia, se a galeguinha me ignorasse não ia fazer a menor diferença, então joguei um papo aleatório qualquer:

- Oi, você é amiga de Neno, não é?
- Sou... eu vi vocês surfando hoje de manhã... cadê Neno?
- Ele foi dormir cedo, eu acho que ele passou o dia todo dentro d'água...
- Sua prancha tá andando bem, eu vi você descendo umas ondas boas hoje...
- Tá massa, foi Neno quem fez pra mim... você também pegou umas ondas boas...
- Eu ainda estou fora de forma... eu passei 2 meses sem surfar...
- Por que?
- Eu tive uma crise de apendicite... olha a cicatriz da operação...

Ela levantou a camiseta, baixou o short e mostrou-me a dita cuja. A cicatriz, é claro. Nós ficamos conversando um pouco, mas todo mundo tava a fim de levantar cedo no dia seguinte, de modo que voltamos pra casa antes da meia noite.

Na sexta rolou outra clássica sessão matinal, nós saímos lá pelas 10:30. Fizemos um lanche rápido na praia e quando estávamos nos preparando pra zarpar a galeguinha saiu do mar. Ela conversou um pouco com Neno, mas antes que ele pudesse inadvertidamente dar uma de beque Leo providencialmente interveio na jogada:

- Neno, me ajuda aqui a levar esses discos pro carro.
- Falou... té mais, Júlia.
- Tchau, Neno...

Júlia prendeu a prancha entre as pernas, tirou o "rashguard", soltou os cabelos, segurou a prancha novamente. Eu não sabia se ela iria sugerir o planejamento de alguma atividade social ou se estava esperando que eu sugerisse, então resolvi tomar a atitude padrão e não fiz nada. Ela não suportou o silêncio:

- Que pena que vocês estão indo hoje... amanhã de manhã vai rolar altas ondas...
- É... eu acho que hoje no final da tarde também vai estar bom... você vai ficar até domingo?
- Vou...
- De repente a gente aparece aqui no domingo de manhã...
- Se você quiser eu posso ligar no sábado de noite e dizer se o mar tá bom mesmo...
- Boa idéia, deixa eu te dar o meu número...

Ela sorriu quando olhou o pedaço de papel e guardou as informações. Aquilo era um bom sinal. Eu achei que ela estava esperando algo mais, então cheguei perto e lhe dei um beijo no rosto, daqueles bem de leve, sem terceiras intenções. Ela sorriu satisfeita, estendendo aquele agradável momento, mas meus impacientes amigos voltaram e começaram a assoviar discretamente.

- Bom, eu vou nessa, Júlia...
- Eu te ligo amanhã...

Aquele passeio tinha sido bem melhor do que eu poderia ter imaginado: eu havia surfado altas ondas com meus amigos, havia ficado dias longe do trânsito e barulho da cidade e de quebra tinha me dado bem com 1 gata maravilhosa e conhecido outra ainda mais. Shruiu!!!

Mas quando eu cheguei em casa eu me dei conta de que estava com saudades dos meus amigos do H8. E depois eu achei que estava com saudades do H8. Aquilo sem dúvida era um sinal de que devia ter algo de errado comigo, qual iteano normal ficaria com saudades do H8 no meio das férias?? Pensando bem iteano normal soa estranho praca...

Liguei pra Cristina, K-Zé, Lú, Adriano, Alex, Bia, JF e depois de verificar que todos estavam bem e que nenhum deles estava com saudades do H8 liguei pra Danilo e combinamos o saidão daquela noite:

- Quando eu tiver saindo da casa da minha tia eu te aviso.
- *Massa, tu vai ligar pra ruivinha?*
- Claro, velho, de repente ela muda de idéia.

- *Vou falar com Tasso... diz pra ela levar as amigas.*

Antes de sair de casa liguei pra Carolina, mas ninguém atendeu. O jantar na casa da titia foi bem típico, e como de costume eu exagerei na ingestão de alimentos. Mas pelo menos aquelas calorias todas haviam me preparado para a noite, que estava prometendo ser muito boa... se é que noite promete alguma coisa.

Lá pelas 11:30 chegamos no lugar combinado. Tasso e Danilo estavam discutindo sobre quem ia apertar a gordinha, mas a briga acabou quando vimos que Flávia estava com uma amiga diferente. Diferente mesmo, eu conhecia a peça rara de outros carnavais, só não sabia que elas 2 eram amigas:

- Pronto, agora vocês vão ter que lutar pela baixinha pentelha.

Quando chegamos na mesa delas Flávia levantou-se pra falar comigo e fazer as apresentações, mas antes que alguém pudesse dizer qualquer coisa eu dei um agarrão nela. Ela não estava esperando por aquilo, mas a reação foi positiva:

- Humm... que beijinho gostoso, Celso...
- Eu estava com saudades de você...
- Eu também... deixa eu te apresentar à minha amiga...
- A gente já se conhece, não é, Flávia?
- Tudo bem, Celso?
- Tudo bem... esse é o meu amigo Danilo e esse com cara de homem sério é o famoso Tasso... Flávia e Flávia.

Sentamos, pedimos umas biras e começamos a jogar papo fora. Eu sabia que a noite estava perdida, e só estava esperando que a Flávia pentelha chamasse a minha Flávia ao toalete e queimasse completamente o meu filme. Mas enquanto aquilo não acontecia eu dei uma de romântico, peguei na mão dela, dei beijinho no rosto e tudo mais. Eu acho que ela desconfiou de alguma coisa, pois logo perguntou pra outra:

- Flávia, da onde que vocês se conhecem?

A pentelhona olhou pra minha cara, deu um sorrisinho sarcástico:

- Celso namorava com uma menina lá do prédio, Regininha...
- Eu acho que eu não conheço...
- Quando você for lá em casa eu mostro quem é... vocês 2 devem lembrar dela...

Eu gelei quando ela falou aquilo, e torci para que meus fiéis amigos não colocassem mais lenha na fogueira, mas eles não deixaram aquela oportunidade passar em branco:

- Claro que eu lembro... Regininha... gente finíssima... tu lembra dela, Danilo?
- Linda e maravilhosa... eu não entendo o que ela viu nesse babaca...
- Eu não entendo porque esse babaca acabou tudo com ela...
- Gente, vamos deixar o passado pra trás... e vocês 2, se conhecem da onde?

- Da faculdade, a gente se conhece desde o primeiro semestre...
- Desde o dia da matrícula...
- Ah, então você deve conhecer Jorge Coelho, ele estuda Administração também, é muito amigo de Flávia. Eu acho que ele se forma no final deste ano, ou no ano que vem.

As duas se olharam e eu senti que a minha Flávia tinha acabado de tomar um susto, mas ela recuperou-se logo:

- Jorge? Conheço sim... ele é seu amigo?
- De longas datas... a gente estudou junto desde o jardim... eu encontrei com ele na terça...
- Flávia conhece ele muito bem, não é, Flávia?

A zagueira pentelha estava com aquele sorriso sarcástico novamente, eu imaginei o motivo.

- É verdade... a gente namorou por uns tempos...

Pela cara que a minha Flávia fez eu deduzi que o meu amigo de infância tinha causado um ligeiro trauma na sua delicada estrutura, e eu é que estava lidando com as conseqüências, desde aquele dia na praia. Concluí que era um caso perdido, era praticamente impossível que fosse acontecer qualquer outra coisa interessante entre nós. Tasso aproveitou a pausa pra puxar papo com a outra Flávia:

- Eita mundinho pequeno...
- Pois é... você conhece Jorge também, Tasso?
- Só de vista... Danilo namorou com ele também...
- Vai de lascar, baitola...
- Tu não vivia dizendo que o cara era bonito?
- Minha irmã é que falava isso...
- Sua irmã, Danilo?
- É, Flávia... ele freqüenta a mesma academia que a gente...
- Coisa de viado...

Enquanto eles 3 enveredavam pelos detalhes daquela conversação desinteressante eu fiquei pensando que aquela teoria dos 6 graus de separação não era bem exata no meu caso. 3 ou 4, no máximo, seriam suficientes pra mim.

Flávia também estava pensativa, eu achei que ela devia estar achando que tinha muito karma naquela estória da gente, e que a coisa ia morrer naquela noite mesmo.

Nós começamos a conversar amenidades, depois juntamo-nos à conversa dos nossos amigos, que estavam falando de cinema. Quando deu 1:00 elas resolveram ir embora. Eu fui levá-las ao carro, falei cordialmente com a inusitada amiga... amiga dela, naturalmente:

- Tchau, Flávia... foi um prazer vê-la novamente...

Que respondeu no mesmo tom:

- Igualmente, Celso...

Depois que ela entrou na viatura eu fui me despedir da ex-minha Flávia. Ela estava com um olhar melancólico, parecia que a gente tava acabando um namoro de meses. Naquele momento eu tive a certeza de que nunca mais iria vê-la novamente, mas tentei fingir que estava tudo bem:

- Vamos fazer algo amanhã?
- Amanhã eu já tenho um compromisso, Celso...
- Sei... quer que eu ligue pra você no domingo?
- Humm... eu ligo pra você...
- Tá bom...

Abraçamo-nos, demos um último beijo, ela foi embora. De repente eu ouvi uma voz conhecida me chamando:

- Grande Celso!
- Fala, Sávio! Como estão as férias?
- Muito massa, velho... pelo que acabei de ver você também não está mal.
- Não, estou muito bem... mas essa daí já era...
- O que foi que houve, cara?
- É uma longa estória... vamos entrar e tomar umas?
- Bora! Estás sozinho?
- Eu estou com 2 amigos... zagueiros...

No sábado de manhã eu liguei pra Carolina e nós fomos à praia, e depois fomos fazer uns experimentos científicos que envolviam atrito dinâmico e transferência de calor e massa. Ela percebeu que eu estava começando a ficar apreensivo e me garantiu que estava apenas curtindo as férias comigo, que não queria qualquer compromisso e que quando eu fosse embora ela não iria ficar chateada. Eu sabia que ela estava querendo me engrupir, e que mais cedo ou mais tarde ela iria começar a querer me regular e mudar as condições de contorno. Mas o que me preocupou mesmo foi o que ela disse no final daquela tarde:

- Celso, no final das contas a gente vai terminar junto, não importa com quantas meninas você fique, com quantos caras eu namore...
- Eu não entendo como você pode ter tanta certeza em relação a isso, Carolina... você por acaso consegue ver o futuro?
- Não, mas eu sei que isto vai acontecer. Eu sei porque eu te amo, Celso.
- Eu não sei, Carolina, você não acha que está se iludindo não?
- Claro que não... e daqui a 1 ano eu me formo, quem sabe eu não arrumo um emprego lá em São José?
- Você não iria gostar de lá, Carolina... aquela cidade não combina com você...

Aquilo não foi um bom sinal, ela já estava pensando em construir um ninho. Foi a mesma coisa que Marina fez com CIB. Quando cheguei em casa meu irmão estava coçando na

sala, e por uma razão inexplicável lembrou-se de me dar um recado de potencial importância:

- Ligaram pra você, Celso, era uma dessas marias com sotaque de paulissssta, meu.
- Flávia?
- Não, eu acho que era Maria Luiza... ela ainda tá gostosinha?
- Tá... hum, que será que ela quer? Eu falei com ela ontem...

Eu liguei de volta, ela falou que estava com saudades, nós conversamos um tempão. Assim que ela desligou o telefone tocou, eu pensei que fosse Maria Luiza novamente, mas era para o meu irmão. Eu fui comer algo e depois fiquei no quarto ouvindo música. 1 h depois Mauro abriu a porta com o telefone na mão.

- É ela de novo?
- Não, essa é da terra...

Eu fiquei imaginando quem poderia estar me ligando numa noite de sábado, bem na hora da novela. Carolina com certeza não era, pois ela nunca ligava mesmo. Meu irmão também ficou curioso, e não saiu do quarto.

- Alô!?
- *Celso? É Júlia...*
- Oi, Júlia...
- *Eu tava tentando te ligar faz um tempão...*
- Meu irmão tava no telefone com a namorada dele... e aí, vai dar onda amanhã?
- *Com certeza, hoje tava massa, eu tô exausta, daqui a pouco vou dormir.*
- Eu também, vou ligar pra Neno e Leo e amanhã cedo a gente tá chegando por aí.
- *Então a gente se vê no mar... um beijo.*
- Outro... e obrigado pelo toque...
- *De nada...*

Meu observador irmão ficou sorrindo e constatando o óbvio ululante:

- Tá chovendo mulher nessa cidade, né, Celso?
- Porra... é nessas horas que eu queria ter um clone, ou um gêmeo, pra poder dar conta de todas.
- Aproveita... essa mamata vai acabar em breve...

Ele estava certo. Liguei pros meninos, acertei os detalhes e fui me preparar para dormir. Mas assim que saí do banho Tasso apareceu lá em casa, todo animadinho:

- Já está pronto, velho? Já penteou os cachinhos?
- Estou pronto para dormir, amanhã cedo vai rolar altas ondas e depois vai rolar altas Júlias, a-há!
- Porra nenhuma, pode botar uma roupa que hoje tem uma festinha massa.
- Tô fora, Tasso.

- Que nada, vai se arrumar... é aqui perto, se estiver ruim, o que eu duvido muito que esteja, a gente volta logo.
- Porra...
- Vá se arrumar, meu irmão.
- Tá bom... mas a gente volta antes da meia-noite...
- Que porra de meia-noite, cacete, viraste Cinderela agora? Danilo vai passar aqui em exatamente 15 min.

Quando eu saí do quarto os 2 estavam conversando com Mauro na sala. O assunto era "você deixaria de ir surfar pra ficar com uma mulher?".

- É claro que sim, hé-hé.
- Depende da mulher, né, Danilo?
- Depende do mar também, né, Tasso?
- E tu, Cinderela? Hé-hé... essa de Cinderela foi massa, Tasso.
- Esta questão é completamente irrelevante neste exato momento, meus amigos... estou pronto, vamos nessa?

Na manhã seguinte eu fui bruscamente acordado por Neno:

- Levanta, Bela Adormecida, vamos surfar.
- Deixa eu dormir, cacete... que horas são?
- Tá na hora de ir pegar altas ondas, velho.
- Vai passar na casa de Leo primeiro...
- Já passei, ele tá lá fora arrumando as coisas no carro. Já pegamos a tua prancha, capa, parafa, cordinha... o escambau, bora.
- Porra...

Levantei e preparei-me rapidamente para a jornada. Eu tentei dormir no carro, mas não foi possível:

- Desliga esse som aí, Leo...
- Porra nenhuma, Celso... come alguma coisa pra ver se tu acorda.
- A festa ontem foi massa, não foi, Celso?
- Porra, parece até que eu ainda tou me agarrando com aquela maria... como era o nome dela mesmo?
- Paula...
- Paula... caralho! Onde foi que eu botei o telefone da menina?
- Tá aqui, velho, gravado no meu celular.
- Que onda é essa, Neno?
- Eu gravei os telefones delas todas... meu irmão, depois que vocês foram embora esse viado ainda se agarrou com outra mulher, Celso.
- Ao mesmo tempo, Leo?
- Não, velho... isso foi depois que a maria se mandou... eu apertei uma amiga dela...
- Porra... se fosse ao mesmo tempo tu ia virar o herói da galera, Leo...
- Pode crer... meu irmão, aquela menina que Danilo agarrou era muito gata, velho, muito gata...

- Só... até Neno tirou o pé da lama, há-há...
- Se bem que eu acho que ele tava querendo mesmo era apertar aquela gordinha da praia, há-há-há...
- Vai te lascar, fresco... e a falsa ruiva, Celso?
- Deu pra trás, meu irmão... a mulher é amiga duma menina que mora no mesmo prédio que Regininha... e que com certeza a esta hora já detonou a minha película...
- Quem é Regininha?
- É uma maria que esse viado namorou, Leo...
- Gostosa?
- Linda... maravilhosa...
- Meu irmão, Júlia ligou pra mim ontem, a-há...
- Pode crer... e aí, vai rolar hoje?
- Eu espero que sim... depois do surf, é claro...
- Aquela menina é muito gata, velho... tem um peitinho graciooooso...
- 2... lindos e maravilhosos, a-há...
- Eu não entendo o que ela viu nesse boiola...
- É o que minha mãe sempre diz, Neno, o chato não é ser bonito, o chato é ser gostoso.
- Minha mãe diz a mesma coisa... e a tua mãe, Neno, o que é que ela diz?
- Menino, sai logo desse banheiro!
- Há-há-há... pode crer...

Quando chegamos ao nosso "point" predileto as condições estavam perfeitas: o mar estava liso, o vento zerado, as ondas abrindo para os 2 lados. Entramos de imediato e só depois que desci a primeira onda foi que eu percebi que havia esquecido de me proteger adequadamente contra os perigos dos raios solares. Eu estava decidindo se ia ou não voltar ao carro e reparar o desleixo quando vi que Júlia estava remando na minha direção:

- Vocês demoraram...
- Foi... a gente pegou trânsito na estrada... bem que você falou que o mar ia estar bom.
- Tá muito bom, eu tou aqui desde 5:30...
- Só... eu acho que vou lá no carro pegar uma coisa...
- Se for parafa eu tenho...
- Não, eu também tenho... é que eu esqueci de passar Hipoglós...
- Vem cá, eu acho que ainda tem bastante aqui.

Seu convidativo sorriso foi suficiente para colocar-me em movimento. Posicionei minha prancha lado a lado com a dela e encostamos nossos lábios. Depois de alguns ciclos roçativos senti que a camada protetora seria suficiente para a sessão matinal:

- Eu acho que tá bom, valeu.
- Deixa eu ver...

Ela ficou olhando pra minha boca duma maneira que eu sabia que ia além da inspeção visual da qualidade da aplicação que tinha acabado de ser executada, então eu colei meus lábios novamente aos dela e iniciei outro tipo de operação. Que foi muito breve, pois em

menos de 10 s nós 2 sentimos o que estava para acontecer. Estava na hora de interromper aquele delicioso fluxo de sal, saliva e Hipoglós... aquele com certeza **não** foi o melhor beijo da minha vida.
Puxei minha prancha numa direção, ela puxou a dela na outra e começamos rapidamente a remar. Eu ainda consegui ouvir o seu comentário antes de descer aquela parede:

- Eu vou pra direita...

Eu obviamente fui pra esquerda, que foi mais curta e mais ôca. Eu saí do tubo ileso, e depois que finalizei a batida na junção olhei pro outro lado e vi que Júlia ainda estava costurando a onda. Retornei ao "outside", sentei na prancha e fiquei observando-a remar de volta, sorriso nos lábios, a água escorrendo pelo rosto:

- Quase que a gente perde aquela, Celso...
- Nada como uma mulher que sabe definir bem as suas prioridades...

Lá pelas 9:00 começou a ventar, eu saí e fui dar uma descansada. Tomei um suco, comi umas bolachas. Olhei pro céu, o tempo estava fechando. Foi naquele momento que meus festeiros amigos chegaram:

- Fala, Cinderela...
- Porra, velho... se vocês tivessem me avisado que vinham hoje eu tinha dormido um pouco mais e vindo com vocês...
- Quem tem pressa come cru... o mar tá bom?
- Tava massa... agora tá ventando...
- Depois da chuva melhora... me dá uma bolacha dessa, hé-hé.
- Também quero... meu irmão, eu ainda estou de ressaca daquela festa ontem...
- Ainda bem que eu não bebi quase nada...
- Nem eu... só saliva, hé-hé... essa bolacha tá uma merda... me dá outra.
- Tu vai ligar pra mulherzinha, Celso?
- Claro... na quinta-feira...
- Eu já disse pra irmã dela que a gente ia sair hoje... a 4...
- A 4 ou de 4, hé-hé? Tu já ligou pra mulher, porra?
- Isso é um viado, agora a gente vai ter que ligar também...
- Foi ela quem ligou, cacete...
- Caralho, essa mulher deve estar muito desesperada...
- Tá faltando homem, Danilo... ela disse que a irmã dela disse que tu beija bem, Celso... meu irmão, aquela mulher devia estar num atraso muito grande pra falar uma merda dessa...
- Não é a primeira vez que eu recebo elogios desta natureza, meu caro... como era o nome dela mesmo?
- Paula... Pau-lá...
- Hé-hé... essa foi boa...
- Paula... que mais que ela disse?
- Que ela está animadíssima pra sair hoje...
- Outra desesperada, hé-hé... me dá mais 1... que bolacha ruim da porra...
- Hoje vai ser difícil, Tasso... Júlia tá na área...

- Quem é essa Júlia?
- É uma galeguinha que eu vou apertar hoje... lindíssima... ela tá pegando onda, eu vou te mostrar quando a gente entrar.
- Eu sei quem é, Danilo, ela mora naquele prédio novo, do lado de Neno... a bicha é gostosa...
- Deliciosa... a gente vai passear nas piscinas mais tarde... shruiu!!!
- Tu já marcou alguma coisa pra hoje à noite?
- Não...
- Então tá perfeito, velho, se ela sugerir alguma coisa tu diz que tá cansado e que vai dormir cedo.
- Meu irmão, essa chuva tá começando a ficar forte... vamos entrar no mar antes que a gente fique molhado, hé-hé.
- Boa idéia, Danilo... vai não, Celso?
- Eu vou esperar a chuva passar...

Depois de uns 20 min a chuva acabou e, conforme nós havíamos antecipado, parou de ventar e as condições ficaram perfeitas novamente. Eu caí no mar e me posicionei lá dentro, pois pressenti que em breve iríamos ser agraciados com uma série monstruosa. Neno e Leo ficaram me sacaneando:

- Tá pescando, Celso?
- Olha o tuba... than than than than than than...

Júlia, Danilo e Tasso estavam junto deles e também ficaram rindo. Eu não me preocupei com aquilo, pois sabia que logo logo a expressão deles iria mudar. Não demorou 1 min e consegui ver a primeira onda da série. Pelo seu tamanho eu deduzi que iria começar a quebrar uns 5 m ainda mais ao fundo, então remei rapidamente naquela direção e tentei me posicionar, mas já estava muito em cima e eu tive que deixá-la passar.

Quando olhei pra trás vi que meus amigos tentavam desesperadamente mover-se para locais mais estratégicos. Júlia foi a primeira a furar a onda e remar pro fundo. Leo e Neno conseguiram pegá-la, mas ambos entraram atrasados demais e ficaram comendo espuma.

Não consegui ver Danilo e Tasso, e nem deu tempo de olhar de novo, pois a segunda onda já estava perto. Júlia remou pra direita, eu remei pra esquerda, mas tive que abortar a descida, pois vi que ia fechar. Quando virei o rosto pro outro lado vi a prancha de Júlia dando voltas no ar, ela com certeza devia estar conversando com os peixes naquele momento.

Eu remei uns 3 m de volta ao fundo, virei a prancha pra direita e gastei todo meu gás pra pegar a última da série. Desci colado na parede, a mão esquerda agarrando a rabeta. Prendi a respiração e fiquei olhando a água rodar por sobre a minha cabeça. Saí do tubo, virei, dei uma batida, virei de novo, dei outra, acelerei e saí da onda antes que ela fechasse de vez. Foram os 8 s mais emocionantes do dia.

Remei de volta despreocupadamente, como se nada tivesse acontecido. Meus 5 ainda ofegantes amigos, que naquela altura dos acontecimentos já haviam se reposicionado no "outside", ficaram me olhando e sorrindo em silêncio.

Nós pegamos mais uma meia hora de mar perfeito e depois o sol apareceu de novo, junto com o vento. Júlia me olhou assim de lado, como quem não quer nada. Eu olhei de volta, como quem quer tudo:

- Tá ficando muito mexido... eu acho que vou pegar mais uma e sair, Júlia...
- Eu também...

Saímos do mar, passamos no Nenomóvel, ligamos o som e ficamos tomando suco. Os amigos saíram logo depois, nós ficamos conversando potoca por um tempo e depois pegamos nossas pranchas e andamos de volta à praia.

- Vocês vão cair de novo?
- Não, Neno, a gente vai pegar um sol nas piscinas...
- Cuidado com os ouriços.
- Falou...

Escolhemos uma que estava desabitada e remamos bem devagar, nossas mãos e quilhas quase raspando os corais. Paramos bem no centro daquele pedaço de paraíso esverdeado e mergulhamos. Eu tirei meu "rashguard", coloquei em cima da minha prancha, ela tirou o dela, tirou o "boardshort" e colocou tudo em cima da prancha dela. Depois soltou os cabelos e ficou brincando com a liga:

- Celso, por que você não prende o cabelo pra surfar?
- Minha mãe diz que quando eu prendo o cabelo eu fico com cara de menina...
- Ah é? Deixa eu ver... é mesmo, há-há... a não ser que você deixasse crescer o cavanhaque...
- Aí eu ia ficar com cara de coroa...

Eu aproveitei que ela tava juntinho e dei um agarrão bem apertado nela.

- Neno me disse que você estuda no ITA...
- É verdade...
- Deve ser o maior CDF...
- Isso é o que eu pensava antes de entrar lá...
- Neno também disse que você pega onda em Itamambuca...
- De vez em quando... você sabia que Itamambuca significa canoa de pedra? Como se isso fosse uma boa idéia...
- Não... onde mais que você surfa por lá?
- Já surfei no Guarujá, na Barra, Maresias...
- Você vai à praia todo fim de semana?
- Não, não dá pra ir todo fim de semana, os picos são longe, às vezes eu não arrumo carona, tem que pegar ônibus, demora praca, às vezes tem muita coisa pra fazer... 1 vez por mês... menos que isso...

- Deve ser muito ruim, né? Eu fiquei louca quando não pude pegar onda.
- É... você agora vai dizer que não entende como é que eu...
- Claro que eu entendo, Celso, é o teu sonho, não é?
- É.
- Meu pai sempre diz que são necessários sacrifícios para realizarmos nossos sonhos.
- Eu acho que sim...
- Ou, como diz aquela música do STP, "nothing's for free".
- Você gosta dos Pilots?
- Eu me amarro...
- Eu tenho o VCD da tour de 96... a gente podia ver esta semana...
- Boa idéia...
- E você, Júlia, qual é o seu sonho?
- Viajar, conhecer o mundo... surfar J-Bay, Oz, Indo... é por isso que eu estou estudando Turismo.
- Você já está na faculdade? Eu pensei que você ainda estivesse na oitava série...
- Engraçadinho... quantos anos você acha que eu tenho, Celso?
- Sei lá... fisicamente uns 16, mentalmente uns 14...
- Hum?!
- 17?
- Vou fazer 18 no mês que vem... no mesmo dia que você...
- Como é que você sabe o dia do meu aniversário?
- Neno me disse...
- Hum?
- Ele tava me dizendo que ia dar uma festa no aniversário dele, e quando ele disse o dia eu falei que o meu era logo depois... e ele disse que o teu também era.
- Ele provavelmente te disse a minha idade também...
- Disse, coroa...
- Tá me chamando de velho, é?
- Todo mundo que tem mais de 20 é velho pra mim, há-há.
- Você chega lá também... se bem que pela fórmula chinesa eu tenho a idade ideal pra você...
- Fórmula chinesa? Que porra é essa?
- Deixa pra lá... o que foi mais que Neno entregou?
- Ele disse que você tocava num conjunto com o primo dele...
- Era... Tasso também tocava com a gente, na batera... era massa...

A gente ficou se amassando por um tempinho depois ela deitou na prancha, o que me deu a chance de admirar as áreas deveras interessantes que normalmente ficavam cobertas pelo "rashguard" e pelo "boardshort". Ela notou minhas olhadelas, mas foi bem sutil na reação:

- Celso, o que é que você olha primeiro numa mulher?
- Depende... se ela estiver de frente, os olhos, se estiver de costas, a bunda.
- Por que os olhos?
- Sei lá... pra ver se ela vai dar mole ou não...
- Pensei que fosse porque eles são o espelho da alma.
- Que papo cabeuça, Júlia...
- E depois?

- Os outros olhos...
- Hum?
- Os peitinhos...
- Ah... isso não precisa explicar porque...
- E você?
- Primeiro eu olho a bunda...
- Bunda?
- É... naquele dia que a gente tava pegando onda, quinta... teve uma hora que você sentou na prancha, ficou com a bundinha arrebitada... eu achei massa...
- E depois?
- Depois o tórax...
- Não é por nada não, mas eu estou bem neste departamento...
- E depois o rosto, pra ver se o cara é bonitinho.
- Humm...
- Eu achei você bonitinho...
- De longe... no escuro...
- Sério... você não acha?
- Não... não que eu me ache feio... eu sou assim... neutro...
- Você tem a boca bonita... o sorriso... os olhos...
- Você é que tem os olhos bonitos, Júlia...
- Quais? Há-há...
- Todos 4...
- Como é que você sabe? Você não viu...
- Bem lembrado, Júlia...

Naquela noite Tasso e eu saímos com as 2 irmãs, mas eu não conseguia parar de pensar em Júlia. Ela era a mulher ideal, aquelas outras marias nem chegavam aos seus calcanhares, mas eu sabia que aquele nosso namorinho de férias em breve chegaria ao fim.

Paula e Suzana queriam ir num daqueles lugares da moda, e assim que chegamos demos de cara com Valter e Lucio. Tasso foi sentar com as meninas e eu fiquei conversando um pouco com os meus nobres e simpáticos veteranos:

- Celsão... a vida não está fácil...
- Pra quem é honesto, Valter.
- Muita mulher nesta cidade... e essa moreninha, Celsão, tás comendo?
- Não, aí não rola nada não, só uns agarrinhos... cadê Bebeto?
- Aquele viado tá de ressaca...
- E Alfredelho loroteiro?
- Tá com uma namoradinha...
- E vocês, tão de bobeira?
- Nada, velho, nós estamos aqui no segundo tempo, hé-hé...
- Tô ligado... eu também passei o dia com uma galeguinha, surfistinha, na praia...
- É... daqui a pouco o governo vai ter que liberar a poligamia, velho, senão vai ter muita mulher virando sapata.
- Pode crer... eu acho que eles vão liberar aos poucos... primeiro por município...
- Como é, porra?

- Assim, o cara pode ter 2 mulheres, desde que elas morem em municípios diferentes...
- E depois vai ser por CEP...
- É, mas aí o cara pode ter mais de 2, não é, velho?
- Claro, pode ter quantas ele conseguir dar conta...
- Meu irmão, a gente tem mais é que aproveitar, e muito, daqui a pouco a gente volta praquela porra daquela cidade cheia de mulher regulona...
- Você tem razão, Lulu... mas estas férias estão muito boas, não é, Celsão?
- Boas demais, se melhorar um pouquinho estraga. Eu vou lá dar um pouco de assistência praquela menina, té mais.

Aquelas férias estavam mesmo imbatíveis, eu jamais poderia imaginar que elas fossem ficar ainda melhores, mas ficaram. Eu passei boa parte dos dias seguintes com Júlia, ela morava perto de mim e a gente se encontrava na praia pela manhã, de tarde ia ver vídeo de surf lá em casa, ou na casa de Leo, de noite a gente ficava conversando no prédio dela.

Mas a grata surpresa que eu tive naquela semana não veio da minha linda surfistinha, e sim de alguém que eu achava que nunca mais iria ver. Foi na quarta-feira, eu estava no meu quarto ouvindo um sonzinho quando Mauro abriu a porta, sorrindo, com o telefone na mão:

- É uma tal de Flávia.

Eu peguei o aparelho e fiz sinal para ele sair do recinto:

- Flávia?
- *Oi, Celso... tudo bem?*
- Tudo... a que devo tal honra?
- *Eu queria conversar com você...*
- Pode falar, eu estou ouvindo.
- *Daria pra gente conversar sem ser pelo telefone?*
- Quando?
- *Agora, a gente podia ir tomar uma água de coco na praia.*
- Tá bom, deixa eu ver se o meu irmão pode me emprestar o carango.
- *Não precisa, eu passo aí em 10 min... eu sei onde é.*
- Tá bom.

A noite estava agradável, a brisa que vinha do Atlântico amenizava o efeito da combinação de 28 C de temperatura com 85% de umidade relativa. O calçadão estava cheio de gente caminhando, turistas passeando na praia, crianças brincando na areia... o local estava ideal para quem queria encerrar contrato sem fazer drama. Não que eu estivesse esperando uma formalidade daquelas, pra mim a coisa tinha ficado bem explícita na sexta anterior. Mas talvez ela gostasse de explicar os seus motivos. Nós pegamos 2 cocos, sentamos na calçada e ficamos olhando pro mar. Eu senti que ela tava precisando de um empurrãozinho:

- E aí, o que é que você queria conversar comigo, Flávia?
- Eu conheci a sua ex-namorada outro dia... ela é muito bonita...
- É... vocês conversaram sobre mim?

- Não, claro que não... eu nem falei que te conhecia...
- Sei...
- Flávia me contou um monte de coisa sobre vocês 2... ela meteu o pau, disse que a menina era louca por você e que você largou a coitada...
- Grande zagueira, a sua amiga Flávia...
- Hum?
- Nada não... e o que mais você queria conversar?
- Calma, você está com pressa?
- Não, mas se você me chamou aqui só pra me dizer o que a sua amiga pensa a meu respeito eu acho que foi uma tremenda perda de tempo.
- Não, não foi pra isso que eu lhe chamei... na verdade eu não estou muito preocupada com o que ela pensa ou deixa de pensar a seu respeito, Celso.
- Não?
- Não... você deve ter tido seus motivos...
- Eu tive mesmo...
- E eu não tenho nada a ver com isso...
- Sei... e o que mais?
- Quanto ao seu amigo...
- Eu não tenho nada a ver com isso, Flávia, o que aconteceu entre vocês 2 não é da minha conta.
- Eu sei, mas eu quero que você saiba assim mesmo... Jorge foi o meu primeiro namorado, assim, sério...
- Sei...
- Eu gostava muito dele... muito mesmo...
- Sei, mas ele era ruim de cama e depois disso você desistiu de sexo completamente...
- Não, não foi isso, ele era bom... quer dizer, no começo não foi muito bom, mas depois ficou melhor.
- Sei, e foi aí que vocês decidiram acabar...
- Ele decidiu... disse que estava ficando muito sério, que a gente ainda era muito novo pra se amarrar... que a gente tinha que conhecer outras pessoas... esses papos...
- Humm... bizú...
- Hum?!
- Nada não... eu estou entendendo tudo agora, Flávia... você não precisava ter me contado nada disso... você é uma ótima pessoa, eu gostei muito de ter conhecido você... do que aconteceu com a gente...
- Eu também gostei...
- E eu espero que... o que foi que você disse?
- Eu também gostei do nosso casinho...
- Foi mesmo?
- Foi... na verdade eu queria continuar...
- Hum?
- Se você quiser, é claro...

Eu não estava entendendo mais nada, aquela menina era cheia de vai e vem, no mínimo devia ser aparentada com Maria Luiza.

- Você deve estar achando que eu sou muito complicada, não é?

- Não... eu já vi piores...
- E então?
- Claro... é claro que eu quero...
- Massa...

Terminamos de beber, eu peguei os cocos e me levantei:

- Você vai querer a laminha?
- Vou...

Eu pedi pro barraqueiro cortar, peguei os pedaços e depois sentei novamente ao seu lado. Comemos em silêncio, e quando acabamos eu peguei tudo e joguei no lixo:

- Você quer andar um pouco?
- Quero, vamos.

Agora Só Falta Você

A coisa que eu mais gostava no ITA era a primeira semana de aula, mas aquela do meio do terceiro ano foi diferente. Alguns dos meus melhores amigos não estariam convivendo conosco naquele semestre, e 1 deles não voltaria mais ao H8. Nunca mais.

Mas eu estava de volta naquela tarde de domingo, e alguns dos meus conterrâneos estavam chegando junto comigo. Largamos nossas coisas nos apês e fomos ao Mosca, onde encontramos outros colegas que também haviam acabado de voltar das férias.

Depois de vários apertos de mão, abraços e beijos todos retornaram ao ritual de jogar papo fora, e bira dentro. Todos menos eu, eu não conversei quase nada, e também não bebi. Eu estava cabisbaixo, indiferente ao papo que estava rolando na mesa. Tudo que eu conseguia pensar era que naquele exato momento a mulher dos meus sonhos estava surfando altas ondas a milhares de quilômetros de São José.

Chico percebeu meu olhar melancólico, mas não disse nada, apenas cutucou Bia de leve e apontou na minha direção. Ela moveu a cadeira e sentou-se ao meu lado:

- Você está tão bonitão, Celso, todo bronzeado.
- Você também, Bia...
- Mas está com uma cara... as férias não foram boas?
- Muito pelo contrário, minha cara, estas foram as melhores férias da minha vida.
- Ah... já vi tudo... arrumou uma namoradinha...
- E você?
- Minhas férias foram ótimas, Celso, não tenho do que reclamar.

Eu continuei divagando comigo mesmo, lembrando das tardes maravilhosas que Júlia e eu havíamos passado juntos, até que Chico sutilmente me chutou por debaixo da mesa. Eu olhei pra ele, percebi o sinal que ele fez com os olhos e quando me virei deparei-me com uma visão alucinante. Algo havia acontecido durante as férias, ela estava diferente. Pálida, abatida, mas não era só isso, seu olhar havia mudado, estava mais... ela não havia mudado nada, eu é que tinha mudado o meu referencial.

- Celso! Que saudades...
- Oi, Cristina... – eu levantei, e enquanto ela se aproximava para abraçar-me eu fiquei olhando-a de alto a baixo, e pela primeira vez na vida eu achei que ela era completamente desinteressante.

Abraçamo-nos por uns 10 s. Depois eu fui cumprimentar Valéria:

- Oi, Valéria, como foram as férias?
- Muito boas, pena que acabaram.

Sentamos, o papo na mesa continuou e eu voltei ao meu estado letárgico. Ouvi uma voz me chamando ao longe.

- Hum?
- Eu perguntei se você queria cerveja...
- Não, Valéria, obrigado.
- O que é que você tem, Celso? Você tá com uma cara esquisita.
- Nada não...
- Daqui a uma semana ele volta ao normal, Tina.
- Eu espero que sim, Chico.

Eu levantei, não falei nada, fui pro 228. Meus companheiros de apê provavelmente só voltariam na segunda à noite, eu iria ter bastante tempo pra ficar só. Liguei o som, botei "Diamonds and rust" pra tocar e deitei na rede. Fechei os olhos e fiquei lembrando dos olhos de Júlia, dos cabelos de Júlia, da pele de Júlia. Meus doces devaneios foram interrompidos por algumas batidas na janela do sarcófago. Eu levantei, abri a porta, voltei pra rede. Ela deitou-se ao meu lado, segurou as minhas mãos, encostou a cabeça no meu ombro e me deu um beijo no rosto:

- Tem alguma coisa que eu possa fazer pra você mudar essa carinha?
- Não, Bia... a não ser que você tenha uma máquina do tempo...

Eu fui dormir cedo naquela noite, a tranqüilidade que reinava no meu quarto era tanta que eu não tive a menor dificuldade de pegar no sono. Acordei cedo na segunda e fui tomar café no H15 com o pessoal da MEC, tudo parecia normal. Quando entramos na sala para a primeira aula de MecFlu foi que bateu a saudade de Adriano e Valmir. Aquelas 2 cadeiras vazias ao meu redor eram uma lambança viva de que eles realmente não estariam mais conosco. Eu olhei pra Cristina e notei que ela também estava sentindo a falta deles. K-Zé também estava triste, até Juliano estava quieto.

O nosso astral só melhorou mesmo quando o professor entrou na sala e começou a rotacionar glicerina. Depois ele perguntou quem gostaria de fazer o mesmo e todos nós fomos observar de perto os efeitos da taxa de cisalhamento num fluido newtoniano.

No intervalo o pessoal saiu e ficou conversando sobre as férias, mas eu fiquei na sala fingindo que estava dormindo. A segunda aula também foi muito interessante, e aos poucos eu fui me convencendo de que aquele semestre iria ser melhor do que o anterior.

No intervalo das 10 eu desci e fui pegar sol na calçada, tal qual um réptil que necessitasse dos raios solares para criar ânimo e seguir com a vida. Quando voltei pra sala de aula a turma do fundão estava conversando sobre o fraco desempenho escolar de Rochinha:

- Nós estamos desapontados com você, Rocha, você era a nossa maior esperança...
- Vocês já sabiam que não ia ser mais possível, desde aquela primeira prova de Elementos de Máquina, não sei porque esta decepção agora...
- Nem Magna?
- Não, meus amigos... eu fiquei com 1 B no semestre passado...
- E Monteiro?
- Monteiro ficou com 2 Bs, eu até falei pra ele vir sentar aqui no fundão, já que não tem mais jeito pelo menos ele ia se divertir mais um pouco.

- Eu também fiquei com 2 Bs... e tu, Juliano, ainda apode ser Magna?
- Eu fiquei com 1 R no semestre passado, Celso.
- Eu também fiquei com 1... quer dizer, uns...
- Puta merda, a nossa turma vai ser mais uma com fama de fraca...
- Mas eu pelo menos sei porque um foguete voa... Rocha tem uma teoria mais inusitada sobre o assunto, não é mesmo, Rochinha?
- Que estória é essa, Juliano?
- Tu não lembra, K-Zé, daquela prova de Física no primeiro ano?
- Claro que não, já esqueceu que eu não era da turma de vocês no primeiro ano, animal?
- É mesmo... tinha uma questão na prova que era pra explicar porque um foguete voa, sabe aquele lance da conservação da quantidade de movimento? Esse animalzinho aí disse que era porque ele perde massa, há-há-há...
- E o professor escreveu na prova dele "você levanta vôo quando vai ao banheiro"?
- Animal! E tu ainda queria ser Summa?
- Eu nunca falei que queria, vocês é que ficaram com expectativas não realistas, colocando pressão...

Na hora do almoço eu revi JF, Shimano, Grego e vários outros amigos, e tive a primeira experiência alimentícia desagradável do semestre. No jantar tive outra. Não havia mais como negar a realidade, as férias haviam acabado mesmo.

Eu saí do H15 cedo, Cristina me acompanhou de volta ao H8. Ela estava com cara de quem queria me dizer algo.

- O que foi, menina?
- Nada... já voltou ao normal, porra?
- Já...
- O que foi que aconteceu nas férias?
- Eu conheci uma pessoa interessante... nós passamos bastante tempo juntos... e agora eu estou sentindo a sua falta...
- Conheceu no sentido bíblico?
- Isso não... – "é da sua conta" – importa.
- Nossa, foi sério, hein? Foi sobre isso que a Bia foi conversar com você ontem?
- Hum?
- Você pensa que eu não percebi? Você saiu da mesa sem falar nada com ninguém, logo depois ela saiu de fininho...
- Que é isso, Tina? Tá com ciúmes da Bia? Você ainda é a minha melhor amiga.
- Não foi essa a impressão que eu tive, Celso. Você nem falou comigo direito.
- Bia e eu...
- Eu sei, vocês estão bem íntimos depois que ela enfiou a língua na tua boca...
- Eu ia dizer que Bia e eu temos mais facilidade de conversarmos sobre este tipo de assunto... nós 2 passamos muito tempo sem vermos nossas famílias, nossos amigos, nossos namoricos de férias... você não entenderia essas coisas, Tina.
- Eu também conheci alguém.
- Conheceu no sentido bíblico?
- O que é que você acha, Celso?

- Sei lá... ele vem pro show?
- Não!
- Por que não? Ele com certeza vai se apaixonar quando ouvir você cantar.
- Engraçado, ninguém se apaixonou por mim no ano passado, depois do show do Chacal...
- Isso é o que você pensa...
- Como é?
- Meu apê ficou cheio de gente querendo informações.
- Caralho! Você não me disse nada disso, Celso!
- Eu tive até que falar que você tinha um namorado firme em Sampa pra poder espantar a galera.
- E ainda deu uma de beque!
- Não foi ninguém que merecesse você, Tina... era um bando de calhordas...
- Então quer dizer que eu só consigo despertar interesse em canalhas...?
- Não, não, claro que não... eu aposto que o seu namorado é um cara decente.
- É mesmo.
- E então? Chama o cara pro show, ele pode ficar lá no 228, o que não falta é cama vazia naquele apê... a não ser que vocês queiram dormir juntinhos, hé-hé.
- Isso ainda está muito longe de acontecer...
- Olha... sei não, Tina... mulher quando passa dos 20 começa a ficar complicada...
- Complicada?
- É, cheia de problema, neura, trauma... você está esperando o quê para abrir o seu coraçãozinho?
- Pensei que você fosse dizer outra coisa...
- Tina!
- Eu vejo como vocês falam sobre esses assuntos...
- Mas não quando se trata de uma de nós... a Lú já chegou?
- Deve estar chegando, você tem falado com ela?
- A gente se falou quase todo dia.
- Foi mesmo?
- Foi, eu acho que a gente está fazendo uma ótima transição...
- Transição...
- É, para a amizade... Maria Luiza é uma ótima pessoa, não tem uma gota de maldade no coração... eu gosto muito dela, tenho certeza que seremos grandes amigos, pro resto da vida.
- Sei não, Celso...
- Ela tava me contando como está satisfeita com o estágio, com o TG... você vai ver.
- Você vai fazer o que agora?
- Assistir a novela...
- O quê?
- Brincadeirinha, aruá. Vou pro apê, daqui a pouco o pessoal chega e nós vamos perguntar ao Luca como foi.
- Como foi o quê, porra?
- Eu não te falei? Ele e a namorada decidiram, humm... fazer aquilo...
- Sério?
- Hum-hum... espero que ele não tenha flambado na hora H...

Para alivio de todos no 228 Luca não flambou, e tudo saiu conforme as expectativas. Deles 2, naturalmente, eu fiquei um tanto quanto decepcionado quando soube que ele esqueceu dum importantíssimo detalhe:

- Porra, Luca, eu não acredito nisso. Tu esperou mais de 8,000 dias por esta noite e não rolou nem um sonzinho esperto pra dar um clima?
- Que som que nada, Celsão, tudo que nós precisamos foram os ruídos que nossos corpos fizeram quando nós estávamos fazendo amor.
- Que falta de tato da porra, velho, mulher se amarra numa trilha sonora nessas ocasiões.
- Eu também acho que tu vacilou, Luca.
- Vocês só falam isso porque são músicos, CIB...
- Eu também acho, Luca, e olha que eu só toco campainha... e triângulo, a-há.
- E bronha nos outros...
- Cobrando, é claro... a-há.
- Por falar nisso, tás com a mão limpa?
- Não... Celsão, conheci uma louraça nas férias...
- Olhos verdes ou azuis?
- Azuis... rapá, essa eu até casava, a-há. A mulher era linda, maravilhosa, CIB, não tinha nem um fio de cabelo fora do lugar.
- E aí? Rolou sexo?
- Todo dia... pelo menos umas 4 vezes por dia, a-há.
- 4 sem tirar a cueca...
- 4 sem tirar nem por...
- Não, sério, foi foda, galera, a mulher só queria transar o tempo todo, eu não fiz mais nada nas férias, só sexo.
- Tô ligado... mostra uma foto dela pra gente, esperteza.
- Deixa ver se eu tenho uma aqui... olha só...
- Ué, tu não falou que a menina tinha olhos azuis?
- Não, cara, eu tô confundindo... a ninfomaníaca tinha olhos verdes, a de olhos azuis era mais calma, eu acho que a gente só transava umas 2 vezes por dia... a-há.
- Humm... até agora tá dando um subtotal de 6 por dia, Ricardo...
- É, foi por ai mesmo... na média, né gente?
- Na média?
- É, tinha dia que era 7 ou 8...
- Sei...
- Isso fora as punhetinhas, a-há.
- Claro, dá o log, Luca... e tu, Celsão, desse quantas por dia?
- Meu placar foi mais modesto, CIB... bem mais modesto...
- Modesto tipo 0?
- Não, eu saí umas 2 ou 3 vezes com uma ex...
- Ex não conta, né, Celsão?
- Eu sei... e conheci uma paulistinha maravilhosa, a-há, a-há.
- Paulista maravilhosa? Aonde, numa festa na casa da Mula sem Cabeça?
- Eu sei que este conceito é um pouco difícil de ser aceito por uma trinca de cariocas, mas a mulher era demais... tá certo que ela já está morando na terrinha há 4 anos...
- Ah, então é por isso... já pegou uma corzinha, a-há.

- Eu não sei, ainda tá me parecendo lorota, Celsão.
- Deixa eu te mostrar umas fotos da menina... saca só...
- Nada mal, Celsão... não é assim feito a minha fofinha mas dá pro gasto.
- Tu tá muito apaixonado mesmo, Luca.
- Gostei do cabelão... e dos peitinhos...
- Falsa ruiva, do jeito que eu gosto, a-há.
- Eu pensei que tu só gostava de loura... essa daqui foi na praia...
- Humm... tu tem certeza de que essa menina é paulista, Celsão?
- Paulistana da Vila Mariana...
- E aí? Rolou sexo?
- No começo ela regulou pra caralho, a gente ficou só naquele amasso, com a devida sonorização, Luca...
- Tô sabendo...
- Amasso de que nível, Celsão?
- Kit básico...
- Daqueles que o cara fica com o ovo doendo...
- É, e depois chega em casa, bate 1 e vai dormir tranqüilo, a-há.
- Puta merda, não tem coisa melhor!
- Melhor que isso só pão com ovo... mas depois ela amoleceu as idéias.
- E os números, Celsão?
- A gente só saiu pra furunfar mesmo 2 vezes... eu acho que só dei umas 7 ou 8 em cada vez, a-há, a-há.
- Esse negócio virou moda, Luca, nós 2 somos os fraquinhos por aqui...
- Vamos ter que dar o log no Celsão também...
- Que foi que houve, Celsão, a mulher era ruinzinha de cama?
- Não, Ricardo, eu é que tive que redirecionar minhas prioridades...
- Isso tá me cheirando a mais sacanagem, a-há.
- Eu conheci essa galeguinha aqui...
- Caralho! Que louraça!
- Grande Celsão, agora o nível subiu novamente.
- Ela pega onda também ou só tá posando com a prancha?
- Não, ela surfa mesmo... como está bem demonstrado nesta foto daqui, senhores... essa é a galera do surf... e aqui ela está só de biquíni...
- Tu tá com uma cara de quem estava de pau duro nesta foto, Celsão, a-há.
- Eu tô ficando de pau duro só de olhar pra essa bundinha...
- Que é isso, cara? Para de secar a menina...
- E aí? Rolou sexo?
- Isso não... importa.
- Como não? É claro que importa!
- Vai ver que não rolou porque faltou trilha sonora, há-há-há...
- Isso é uma coisa que nunca falta, Luca.
- Eu acho que esse viadinho comeu a menina...
- Eu acho que não...
- Comeu ou não comeu, Celsão? Para de frescura!
- Vocês se preocupam demais com esses detalhes técnicos... o que importa mesmo é o verdadeiro amor.
- O que importa mesmo é o amor profundo!

- Puta merda, vocês agora estão falando que nem a bicha do Fabio...
- Bem lembrado, Luca, o viadinho me mandou essa mensagem na semana passada, olha só: “Queridos amigos: estou cansando de comer estas patrícias aqui em trás dos montes, vou morar na França a partir de agosto. Em anexo uma foto da minha atual comidinha. Beijundas para todos, F”. P.S.: Ricardo: já comeu a Sarinha? Celsão: já comeu a Michelle? Luca: já comeu a fofinha?”.
- “Not yet”. “Not yet”. “Oui, oui, oui!”.

As aulas continuaram a cativar meu interesse, mas eu ainda estava triste com as perdas do semestre anterior. E no final daquela primeira semana de aula nós tivemos mais 1: Miguel trancou. Disse que estava ia dar um tempo.

Mas todo começo de semestre era assim mesmoo, alguns colegas iam embora, alguns voltavam.

E um dos que estava de volta era o meu grande amigo Tino. Ele havia passado umas semanas no H8 no final do primeiro semestre, e estava de volta em tempo integral para terminar o quarto ano.

Naquela sexta-feira eu fui jantar cedo, estava querendo começar logo o ensaio para o Show do Ponto Médio da minha turma. Tino passou lá no apê e fomos juntos pro H15. Ele estava completamente refeito, e me pareceu bem animado:

- O semestre passado foi chatinho, não foi, Celsão?
- Foi foda, Tino... tivemos 2 perdas... uma permanente...
- Valmir...
- Exato.
- Foi o quê, Celsão?
- Faltas...
- Ele já havia sido trancado 1 vez por causa disso, não foi?
- Foi... não teve acochambração dessa vez...
- E Adriano?
- Adriano tá com uma situação delicada em casa, Tino...
- Sei... e tu, deu pra passar em tudo?
- Não, eu passei sem dar mesmo...
- Melhor, né?
- É... dói menos...
- Há-há-há, isso é um fresco mesmo...
- Mas esse semestre vou fazer um trabalhinho especial lá na MEC... em Robótica.
- Massa... a troco de quê?
- De uma acochambrada que o professor de Elementos de Máquinas me deu...
- Esse pessoal da MEC é muito mãe, né, Celsão? Além de não lascar o cara ainda dão uma coisa interessante pra ele fazer... lá na AER o esquema é diferente... muito diferente...
- É o que eu sempre digo, Tino: viva a MEC!

Eu voltei pro H8, peguei a Tele, passei no 241, chamei Beto e fomos pra sala de música. Lídia chegou em seguida, nós demos uma passada nas músicas do Elastica e quando CIB chegou nós repassamos pra valer.

- Ficou massa, gente, mas eu acho que só vai dar pra tocar 2, 3 no máximo.
- O show tá muito longo, Celso?
- Tá, pelas minhas contas tá dando mais de 2 horas... e como todos nós aqui vamos tocar outras com outras pessoas eu achei que nós deveríamos ser os primeiros a fazer cortes... se todos estiverem de acordo, é claro.
- Por mim tudo bem.
- Idem.
- Idem, idem. Quais ficam, então?
- Quem canta escolhe, Lídia...
- "Connection" e "Never here", nesta ordem.
- Você vai tocar guitarra nas duas?
- Vou, vocês podem revezar o baixo.
- Precisa não, eu toco baixo e o Celso toca a outra guitarra. E eu vou fazer os vocais também. Vamos passar as 2 mais uma vez?

Nós demos uma passada final, ficou tudo redondinho. CIB foi embora, Regi chegou e foi ensaiar umas músicas com Beto e Lídia. Eu fiquei só assistindo, olhando para ela, ouvindo sua voz maravilhosa. De vez em quando ela olhava pra mim, sorria, quando a música acabava ela me perguntava se estava boa, eu sempre dizia que sim. A tensão estava presente no ar, mas era uma tensão agradável, sem conflitos. Depois que eles acabaram nós combinamos de ensaiar novamente no sábado, depois do almoço.

Eu voltei para a tranqüilidade do meu apê, coloquei um sonzinho pra tocar e deitei na rede. Fechei os olhos e fiquei lembrando dos olhos de Júlia, dos cabelos de Júlia, da pele de Júlia. Meus doces devaneios foram interrompidos por algumas batidas na janela do sarcófago. Eu levantei, abri a porta, voltei pra rede. Ela deitou-se ao meu lado, segurou as minhas mãos, encostou a cabeça no meu ombro e me deu um beijo no rosto.

- Eu estou começando a achar que você tá querendo se aproveitar do meu momento de fraqueza, Bia.
- Que bom que você melhorou de ânimo, Celso. Tá rolando Screaming Trees?
- Hum-hum.
- Massa. E aí, vai me contar como foi?
- Não tem nada pra contar não, mulher...
- Deixa pelo menos eu ver a cara dessa menina... tem alguma foto dela por aí?
- Tem... vem cá...

Eu levantei, coloquei um CD no computador, selecionei algumas fotos.

- Bonitinha, hem?
- Dá pro gasto...
- Bem feitinha, hem?
- Dá pro gasto...

- Novinha, hem?
- Vai fazer 18 na segunda-feira.
- Segunda não é o teu aniversário também?
- Que coincidência, né?

Ela deitou na rede novamente, fez sinal pra eu voltar para lá também:

- É, muita... agora me fala o que aconteceu, o romance.
- O que é que você quer saber?
- Tudo, todos os detalhes.
- Sei não, Bia... eu não sei se ia ficar bem te falar certos tipos de detalhes...

Detalhes que eu normalmente comentaria com Adriano, principalmente pra fazer inveja pra ele, mas naquele exato momento Adriano estava bem longe do H8, em BH, tratando importantes assuntos. Bia insistiu:

- Eu aposto que não tem nada que eu não tenha visto, ouvido ou feito antes.
- Não comigo...
- Vai, conta logo, deixa dessa frescura, homem. Como foi que vocês se conheceram?
- Eu tava na praia pegando onda, ela também. De noite a gente se encontrou, começou a conversar... no final de semana seguinte a gente se agarrou.
- E no outro dia, você ficou fugindo da menina, Celso?
- Claro que não! Eu nunca faço essas coisas.
- Fez comigo...
- No dia depois que a gente se conheceu eu fui embora, ela inventou uma desculpa esfarrapada pra pegar meu telefone, foi muito comédia...
- E?
- No dia seguinte ela me ligou, e no outro dia eu voltei lá... tava rolando altas ondas... depois da "sesh" matinal a gente foi tomar banho nas piscinas de corais... foi muito massa...
- E aí, rolou alguma coisa?
- Só uns agarrinhos, bem de leve.
- E depois?
- Ela mora perto da minha casa, então a gente passava o dia junto, ia à praia, de tarde ia ver uns vídeos com a galera do surf... ou então ia pegar onda... de noite a gente ia ver a lua cheia nascer na praia, ou ficava namorando no prédio dela, sabe aqueles agarros na escada?
- Sei... muito massa, né?
- Vixe... melhor que isso só pão com ovo... aquela coisa bem inocente... que nem quando a gente ficou junto, Bia.
- E só ficou nisso?
- Não, um dia a gente tava vendo Gravity Sucks lá em casa, tinha um monte de galera, minha mãe saiu... a gente foi pro meu quarto, eu botei um sonzinho massa, Linda Perry, P. J. Harvey, bem carregado, pra criar um clima...
- Era filme pornô, era?
- Que é isso, menina!? Era filme de surf, obviamente. Altas cenas em Mavs...
- E?

- E a gente ficou se agarrando.
- Celso! E os detalhes?
- Kit básico, Bia...
- Kit básico? Que porra é essa?
- Tu não sabe o que é isso? Ah, eu não vou explicar essas coisas pra você não, Bia... pergunta pra Marta.
- Celso! Tu não contaste essa estória pros teus amigos? É a mesma coisa...
- Eu não falei nada disso pra ninguém, e mesmo se tivesse falado eles saberiam o significado desta expressão.
- Mas eu não sei, Celso, fala o que é.
- Falar vai ser difícil... mas eu podia mostrar pra você o que é... hé-hé.
- Não, nem vem, eu sei que é sacanagem.
- E então? Se você sabe eu não preciso dar detalhes...
- Mas eu não sei exatamente o que é.
- Tá bom... é, assim... uma mãozinha boba, assim, de leve... e depois mais que de leve...
- Sei... isso a gente também fez, Celso.
- Mão naquilo, aquilo na mão...
- Isso a gente não...
- Porque você não quis, ficou com aquela leseira de "eu não sou segundo tempo".
- E o que mais?
- Só isso, né, Bia? O nome já diz tudo, kit básico... já no dia seguinte a estória foi diferente...
- Ai, me conta.
- Depois da praia ela me ligou dizendo que estaria sozinha em casa até as 6:00...
- Hú-hú!
- Eu cheguei lá ela tava com uma microsaia que dava pra ver até o útero...
- Há-há-há...
- Sério... uma blusinha... sem nada por baixo... humm... eu acho melhor a gente parar essa conversa por aqui mesmo, Bia...
- De jeito nem maneira!
- Ela colocou um CD do Pink Floyd, sabe aquele branco que tem um cara pegando fogo na capa?
- Sei, aquele disco é muito massa...
- Ela falou que era do pai dela... meu irmão, foi alucinante, Bia.
- Rolou aquilo naquilo?
- Você tá querendo saber demais... essas coisas a gente não libera, né, Bia?
- Ai, Celso, que besteira, eu nem conheço a menina.
- Não, minha cara, não foi daquela vez...
- Mas como não?
- Ninguém passa de mão naquilo/aquilo na mão direto para aquilo naquilo, né, Bia? Existe um estágio intermediário...
- Do que é que você esta falando, Celso? Ah... tô lembrada, agora... humm, fiquei toda arrepiada só de pensar na coisa...
- Exatamente... o famoso kit básico "plus"...
- Hum-hum... eu estava esquecida desses detalhes...
- Porra, Bia, tu não disse que tinha se dado bem nas férias?

- Não tão bem quanto você, meu amigo, eu fiquei só no kit básico “light”...
- Que é isso?
- É a versão mais elementar, sem as mãos naqueles lugares...
- Sei, conta mais que eu acredito...
- E no dia seguinte?
- No dia seguinte a gente passou o dia surfando... êpa, o telefone tocou, deixa eu ver quem é... alô!
- *Celso, é Chico, vem aqui no apê que hoje vai rolar uma coisa que tu gostas.*
- Se for Trainspotting ou aquela merda sonífera eu estou fora.
- *Não, é aquela outra coisa, a líquida... quem é que tá aí?*
- Bia...
- *Que é que ela tá fazendo aí?*
- Conversando...
- *Sobre?*
- Pink Floyd...
- *Sim... vocês estão se agarrando, né?*
- Quantas vezes eu já te disse...
- *Bom, tu vens ou não?*
- Hoje não vai dar, velho, amanhã eu tenho que acordar cedo pra ensaiar pro show...
- *Olha que tu sabes que essas coisas não aparecem assim todo dia...*
- Eu sei... mas desta vez vou ter que passar... divirtam-se.
- *Inté.*

Deitei na rede novamente.

- Quem era, Celso?
- Chico... me chamando pra jogar War...
- Eu não vejo graça naquele jogo...
- É... dura horas...
- Conta o resto...
- Onde é que eu tava mesmo?
- Vocês tinham ido surfar.
- Foi, deu altas ondas, a gente chegou em casa detonado, já tava de noite, todo mundo foi dormir cedo...
- E no dia seguinte?
- No dia seguinte eu vim pra cá... esse Chico é um viado mesmo, ficou me perguntando se a gente tava se agarrando... pode?
- Marta também pensa que a gente ainda tem algo...
- É, Tina também, ela ficou toda esquisita desde que eu disse que você beijava bem...
- Você disse isso pra ela?
- Eu disse que adorava quando você enfiava a língua na minha boca.
- Vocês nunca tiveram nada, Celso?
- Eu e Tina? Tá louca?!
- Ela é bonitinha...
- Eu também achava, mas agora eu tô achando que ela é tão... neutra... sei lá.
- Isso é porque você ainda está sob os efeitos dos ares marinhos.

- Deve ser... mas mesmo assim eu nunca cogitei a idéia... quer dizer, eu até que pensei no assunto, uma vez, num dia que a gente tava na piscina... eu fiquei olhando a bunda dela... bunda dela é feio, né?
- Horrível.
- A sua bunda... a tua não, a dela... mas foi coisa de momento.
- E ela?
- Ela nunca pensou nisso não.
- Como é que você sabe que não?
- Essas coisas a gente saca pelo olhar, né, Bia? Eu acho que eu iria perceber uma coisa dessas.
- Você não percebeu quando eu tava paquerando você...
- É verdade... êpa, perainda, você está querendo me dizer alguma coisa que eu não sei sobre Cristina, Bia?!
- Não, eu não sei de nada, eu só estava perguntando... e se ela te desse bola, Celso?
- Eu não sei, a gente é tão amigo, da mesma sala... eu acho que ia ser meio esquisito...
- Feito a gente?
- Não, bem pior... no nosso caso eu já estava pensando na coisa há algum tempo, e você também já havia pensado no assunto.
- Mas mesmo assim você ficou estranho depois.
- Eu não fiquei estranho, eu só não queria que você pensasse que... a gente já teve essa conversa antes, não foi, Bia?
- Foi, aruá, eu só estou lembrando da cara que tu fizeste...
- Aquele papo de segundo tempo foi foda, viu, Bia? Você bem que podia ter arrumado uma desculpa mais alto nível pra cagar pra mim.
- Eu estava falando sério, você sabe disso... e por falar no assunto, cadê a Lú?
- Eu acho que ela foi pra Santos... a gente conversou que só nas férias, mais do que no semestre inteiro.
- Vocês ainda estão...?
- Não, não...
- Ainda bem, a coitada ia levar ponta duma menina que não tem nem idade pra dirigir.
- Esse negócio de ponta não existe, Bia... é tudo invenção, coisa que o pessoal coloca na tua cabeça, há-há.
- Na minha não. Você ainda pensa naquilo, Celso?
- Na gente?
- É.
- Às vezes... e você?
- Também...
- Você está pensando agora?
- Estou...
- Tipo levou a fama deitou na lama?
- Não, não é porque tá todo mundo falando da gente... eu tava imaginando o que teria acontecido se a gente tivesse ficado junto...
- Sei... recaída, é, Bia?
- Não, inveja mesmo...
- Inveja??

- É, dessa menina... do jeito que você fala dela, todo empolgado... você podia estar falando assim de mim agora...
- Será, Bia? Será que eu não teria conhecido Júlia de qualquer jeito e esta hora você estaria me xingando, me perguntando "como é que você fez uma coisa dessas comigo, Celso?". E nós 3 sabemos que daqui a umas poucas semanas ela não vai nem lembrar mais da minha cara, nem eu da dela... da dela é feio, não é?
- É...
- Do rosto dela...
- Melhorou... eu não sei, o fato é que eu nem permiti que isso pudesse acontecer.
- Você fez a coisa certa, Bia...
- Você acha mesmo?
- Claro... eu também fiquei com outras meninas nas férias...
- Outras?! No plural?
- É...
- Quantas exatamente, Celso?
- Eu perdi as contas depois da sexta...
- Que galinha!
- Vem ver a foto duma delas... uma paulistinha falsa-ruiva...

Eu tive que fazer aquilo, senão ela ia ficar traumatizada, a gente ia ter que resolver o trauma dela... ia ficar muito complicado.

No sábado de manhã eu acordei cedo, tomei café no H15 e fui pra sala de música. Patão chegou em seguida, nós começamos a arrumar tudo pro ensaio. Lá pelas 9:00 Grego, Bruno, CIB e Marina chegaram. Nós tocamos até o momento em que Grego finalmente admitiu que estava tudo redondo:

- Vamos parar, melhor que isso não fica.
- Ainda bem, eu não agüento mais essa música.
- Você não gostou, Marina?
- Eu gostei, Grego, mas 2,5 horas ouvindo a mesma música é muito pra minha paciência.

O pessoal foi embora, Patão e eu fechamos a sala e fomos almoçar. De tarde eu ensaiei 1 música com o pessoal da minha turma e depois outras 2 que eu ia tocar com Martins, Shimano, Beto e Lídia. Ficou tudo a contento, mas nós decidimos que iríamos repassar tudo de novo no domingo à tarde. Beto e Lídia ficaram ensaiando com Regi e eu fui tomar banho e jantar.

Encontrei Manuel e Lauro no H15, nós conversamos bastante sobre os nossos colegas que não estavam mais na turma, especialmente sobre Valmir:

- O mais engraçado era quando a gente falava "todo mundo sabia disso", e ele dizia "êpa, todo mundo não, pois eu faço parte do mundo e não tava sabendo".
- Pode crer... e aquelas noitadas no lab comp? Pizza pra todo lado, em cima dos relatórios...
- Putz, era a maior zona... aquele viado vai fazer falta...

- Já está fazendo...

Depois do jantar eu fui pro apê deles, onde sempre rolava um bostejo alto nível, ou seja, algo fora do trinômio sexo-drogas-rock and roll. Naquela noite o papo foi vida extraterrestre e suas possíveis implicações:

- É óbvio que existe, né, Lauro? Imagina os porrilhões de estrelas que existem no universo, a quantidade de planetas girando ao redor delas... por que caralhos d'água só iria existir um único planeta com vida inteligente? Se é que se pode mesmo dizer isso da raça humana...
- Eu não estou questionando isso, Mané, o que eu questiono é se esses et-zóides estariam realmente visitando a Terra.
- E por que não? Tu não foi visitar Macaé?
- O que é que tu acha, Celso?
- Eu tô contigo, Lauro, o que é que esses porras iam fazer aqui, neste planetinha de merda?
- Turismo, cacete.
- Mas Manoel, se isso estivesse mesmo acontecido, onde estão as evidências?
- É, Mané, cadê as provas?
- E as caralhadas de fotos, filmes, relatos de testemunhas?
- Tudo alucinação, velho, enquanto alguém não me mostrar um pedaço de disco voador ou um alienígena eu não acredito em porra nenhuma disso.
- Eu tô contigo, Celso, eu quero ver um porra desses. Isso que neguinho vê por aí é tudo fenômeno natural, ou alguma aeronave experimental ultra-secreta dos americanos... ou russos.
- Vocês estão um pouco radicais, meus amigos...
- Tá bom, Manoel, ilumine-nos com a sua teoria sobre o motivo da visita de tais seres ao nosso importantíssimo planeta.
- É tudo uma experiência cientifica, Lauro. Os caras vêm aqui, recolhem amostras de sangue, tecidos biológicos, material reprodutivo... colocam umas sondas na galera... que nem os nossos cientistas fazem com os peixes e outros animais, é a mesma coisa.
- Tá certo, mas, a troco de quê?
- Aprendizado, conhecimento sobre o universo... essas porras.
- E por que eles não se comunicam com a gente, não explicam isso tudo e estabelecem uma linha de comunicação intergaláctica?
- Pra quê? Pra eles nós não passamos de um bando de quadrúpedes... é como se a gente fosse estabelecer comunicações com as amebas...
- Essa foi boa, Mané... imagina a gente querendo falar com as amebinhas... "sua ameba, está me escutando, cacete"?
- "Senhora ameba, a pergunta está clara? A interpretação faz parte da questão..."
- "Minhas queridas amebinhas, a prova acabou..." há-há-há...
- Tá, Mané, e no final desta experiência eles vão fazer o quê?
- Sei lá... invadir a Terra e colonizar a gente, que nem os europeus fizeram... concluir que nós somos insignificantes mesmo e cagar pra nós... estabelecer algum tipo de comércio que nem os fenícios fizeram... as possibilidades são inúmeras, meus caros.
- Que é que tu acha, Celso?

- Eu acho que faz sentido... outro dia eu tava lendo sobre umas tribos que foram recentemente descobertas na Amazônia... os caras nunca tinham tido nenhum tipo de contato com a dita civilização...
- E daí, cacete?
- Eu tava imaginando se num dia d qualquer um desses indígenas estivesse passeando na floresta, caçando, sei lá... e o cara olhasse pra cima e visse um avião cruzando o céu.
- Puta merda! É disso que eu tô falando, Lauro.
- Exato... o cara volta pra tribo e fala que viu um pássaro gigante, que cruzou os ares numa velocidade inconcebível para os padrões dele...
- A turma da tribo ia cair de porrada em cima do cara, ia dizer que o cara tava doidão, que ele devia se concentrar mais na caça e deixar de ficar olhando pro céu, hé-hé.
- E ia ter um escroto que ia perguntar sobre as evidências...
- Ia pedir pra ver um pedaço desse tal pássaro gigante...
- Porra, Mané, essa tua teoria até que faz sentido... Celso, se um disco voador pousasse aqui no H8 e os extraterrestres te chamassem pra dar uma voltinha tu ia?
- No ato, velho.
- Porra, eu não ia nem fudendo.
- Mas Mané, depois dessa teorização toda tu não ia querer ver de perto essas experiências?
- Porra nenhuma, depois um et-zóide viado desses enfiava uma sonda no meu brioco...
- O perigo ia ser tu gostar, há-há-há...
- De jeito nenhum... Lauro, tu lembra daquela estória dum disco voador que passou por aqui, quando foi mesmo, Celso?
- Eu acho que foi em 1986...
- Foi mais de 1, Mané, era uma esquadrilha.
- Foi, apareceu nos radares da FAB, neguinho mandou uma porrada de F-5, Mirage atrás dos discos...
- Mas até hoje não apareceu nenhuma evidência, há-há...
- Lauro, não foi em 86 que apareceu o cometa de Haley?
- Foi, eu lembro daquela nuvenzinha no céu...
- Eu não era nem nascido...
- Como é, Celso? Tu entrou no ITA com 12 anos, por acaso?
- Porra, Lauro, será que os alienígenas pegaram carona no cometa?
- Eita estória da porra, saca só, os caras vem no rabo do cometa, passam por cima do ITA e depois vão pegar onda em Ubatuba, há-há...
- Cara, eu ouvi um boato que um dos discos caiu no mar, foi recuperado e trazido pro CTA...
- Que lenda da porra, Mané, onde é que os milicos iam esconder um disco voador?
- Sei lá... IEAv?
- Não foi em 86 que rolou o primeiro Encontro de Iniciação Científica do ITA?
- Foi... e também o primeiro Encontro Musical... só falta agora o Mané dizer que foi tudo idéia dos et-zóides...
- Não, Celso, claro que não... eles pegaram carona no cometa, vieram espionar o que estava acontecendo no EICITA, foram surfar em Ubachuva e depois foram curtir um som no Encontro Musical...

- E depois um deles caiu no mar...
- E foi parar no IEAv.
- E com isso encerramos a discussão de hoje, senhores. O tema da próxima sessão será: “existe vida após o ITA”?
- É óbvio que existe, né, Lauro? Vide Sábado das Origens...
- O que é que tu acha, Celso, será que existe mesmo?
- Eu realmente espero que sim...

Despedi-me dos amigos e fui pro 228 ligar para Neno, pois era o aniversário dele:

- Meus pára-choques, Neno... como é que está a festança por aí?
- *Tá massa, velho, tá cheio de fêmeas na área... tem uma que quer falar contigo.*
- Só, deixa eu falar com ela.
- *Eu te ligo na segunda, valeu... toma, Júlia.*
- *Oi, Celso, como é que estão as coisas?*
- Tudo bem, hoje eu passei o dia ensaiando pro show que vai rolar sábado que vem.
- *Massa...*
- Tá dando onda?
- *Mais ou menos... quando você estava aqui tava melhor...*
- Você tá mentindo, né, Júlia?
- *Tô... tá dando onda praca...*
- Eu sabia...
- *Eu tô com saudades, Celso...*
- Eu também... eu te ligo na segunda...
- *Tá bom, um beijo... daqueles...*
- Outro...

Eu estava cansado, o dia tinha sido longo, mas eu não estava pronto para ir dormir. Eu fui ao Mosca ver o que estava acontecendo por lá. Encontrei com Chico, os Sávios, Rosele e Valéria. Elas estavam biritando, eles apenas comiam uns sanduíches. Eu sentei ao lado de Chico e perguntei baixinho:

- Como foi a reentrada?
- Suave...

Eu sorri pra mim mesmo e depois me encostei na cadeira e fiquei pensando em Júlia por uns momentos. Ouvi uma voz me chamando ao longe.

- Hum?
- Eu perguntei se você queria cerveja...
- Claro, Valéria, obrigado.
- Finalmente um homem que bebe nesta mesa...
- É, eu não sei o que aconteceu com esses rapazes, Celso, eles estão muito quietos hoje...
- Melhor, assim sobra mais bira pra nós, Rosele.
- Ensaiou muito hoje?
- Hum-hum, o dia todo, Valéria.

- Cristina vai cantar mesmo?
- Vai, semana que vem a gente vai ensaiar toda noite... vai ficar massa...
- Eu tenho certeza que sim, ela canta muito bem.
- Você também, Valéria, mas você agora só quer saber de teatro...
- Coisa de viado, né, Celso?
- Exato... mas se é o que você gosta de fazer, tudo bem.
- Quem sabe um dia desses eu não convenço você a experimentar?
- Quem sabe...?

Depois de uma horinha de conversa agradável com os amigos recolhi-me aos meus modestos aposentos para o necessário descanso. O dia seguinte também seria longo, e ainda mais repleto de excitantes acontecimentos.

Pela manhã eu ensaiei com o pessoal da minha turma. Nós havíamos decidido tocar uma música dos Beatles, e "Drive my car" foi a que ficou melhor. De tarde Shimano e eu ensaiamos as músicas que iríamos tocar com Lídia e Beto. Medeiros não estava lá, então Shimano e Beto revezaram na bateria. Depois Regi chegou e fez as partes de Medeiros. Ficou tudo bom, mas Lídia e eu achamos que o solo de uma delas não estava bom:

- Celso, você pode voltar aqui depois? A gente podia passar mais algumas vezes.
- Tá bom. Eu volto depois que vocês 3 acabarem.

Eu fui pro apê e fiquei ouvindo "Corista de rock" até enjoar. Depois voltei pra sala de música e ainda peguei o finzinho do ensaio deles. Quando acabou Lídia e eu plugamos as guitarras e eu fiquei bitolando o solo, mas ainda não estava bom.

- Meu irmão, eu ia ter que usar uns dois Harmonizers pra ficar pelo menos parecido, e aqui no H8 não tem nenhum.
- Celso, por que vocês 2 não fazem o solo juntos?
- Como é, Beto?
- Tu faz uma guitarra e Lídia faz a outra. Eu e Shimano seguramos o resto no baixo e teclado.
- Que é que tu acha, Lídia?
- Ótima idéia... vamos tentar?

Beto pegou o baixo e nós 3 passamos somente a parte do solo, umas 10 vezes.

- Ficou beleza, Celso.
- Eu também achei. Tu gostou, Lídia?
- Modéstia à parte tá melhor do que tava antes... mas eu acho que ainda falta acertar umas partes...
- Tá bom. Vamos passar de novo, Beto?
- Eu tenho que ir agora, gente, mas se vocês quiserem podem ficar com a minha guitarra.
- Tá legal, eu deixo no teu quarto depois. Vamos passar de novo, Lídia?
- Vamos.

Nós metemos mais um gagá intenso e o solo ficou alto nível. Sentamos para teorizar e descansar um pouco:

- Celso, eu acho que as 2 primeiras partes estão perfeitas, mas na terceira parte você podia tocar junto.
- Dobrar?
- Não, a gente modifica, coloca umas quintas... deixa eu te mostrar como seria.

Ela colocou as mãos no braço da Tele e tocou as notas que eu faria. Depois eu tentei repetir o que ela havia acabado de tocar, mas quando eu errei uma nota ela imediatamente colocou a mão esquerda por cima da minha e mostrou a posição correta. Depois ela repetiu a seqüência nota por nota e eu segui nota por nota, mas eu errei novamente, e a coisa se repetiu várias vezes. Até que ficou bom, era como se nossos dedos fizessem parte de uma mesma mão.

Na hora eu achei que ela estava apenas querendo ter certeza de que eu havia aprendido a seqüência, mas depois que acabamos ela ficou me olhando de uma maneira esquisita. Depois ela começou a mudar o assunto, e eu achei que estava na hora de encarar o desafio.

- Celso, canta alguma coisa.
- Eu não sei cantar não, Lídia, você sabe disso.
- Você cantou naquele dia...
- Eu devia estar drogado...
- Drogado ou apaixonado?
- E qual é a diferença?
- Como é que eu vou saber? Eu nunca me apaixonei por ninguém...

Aquele comentário introduziu uma trifurcação peculiar ao rumo da prosa, e eu decidi enveredar pelo caminho que me pareceu que teria conseqüências mais interessantes:

- Eu não acredito, Lídia, como é que uma menina tão interessante como você ainda não achou alguém que despertasse...
- Ainda não... sabe que quando a gente se conheceu eu achei você meio esquisito...? Com cara de mau...
- Você ficou com medo de mim, Lídia?
- Fiquei, quer dizer, jeito de falar... depois eu percebi que você era um cara muito legal... você sempre tratou a gente com o maior respeito... Beto e Regi sempre comentam isso...

Eu mirei seus olhos amendoados, deixei minha mão perto da sua:

- Sabe que eu acho você o máximo, Lídia?
- Mesmo?!
- Hum-hum... a sua voz é tão bonita... você é tão bonita... você toca tão bem...
- Não tanto quanto você...
- Você é muito especial, Lídia.
- Mesmo?

Ela sorriu e baixou os olhos por um instante, depois fitou-me novamente. O que aconteceu em seguida tem 2 versões: a real e a imaginária. Na versão imaginária ela me deu o melhor beijo da minha vida, e depois disse que me adorava. Na versão real nós fomos interrompidos pela última pessoa que eu esperava que entrasse na sala de música naquele instante: Maria Luiza.

- Eu sabia que ia encontrar você aqui, Celso... espero que eu não esteja interrompendo o ensaio de vocês, Lídia...
- Não... a gente já tava acabando...

Obviamente que naquelas alturas dos acontecimentos Lídia já havia movimentado sua mão para longe da minha e segurado firme o braço da guitarra de Beto.

- Ah, que pena... eu queria tanto ouvir vocês 2 tocando juntos...

Maria Luiza continuou sua atuação na zaga:

- Daqui a algumas horas nós vamos comemorar o seu aniversário, não é, Celso?
- Hoje é o seu aniversário, Celso?
- Não, Lídia, é amanhã.
- Meus parabéns...
- Obrigado...
- Bom, eu vou andando... você vai levar a guitarra do Beto?
- Pode deixar que eu entrego pra ele, Lídia... até amanhã...

Pela expressão que ela fez deu pra notar que eu nunca mais teria outra chance daquelas. Mas na hora eu nem tive tempo de pensar muito sobre a oportunidade perdida, pois assim que Lídia saiu da sala Maria Luiza continuou sua jogada:

- Celso, é impressão minha ou estava rolando um climinha entre vocês?
- Não é impressão sua, Lú, tava mesmo... se você tivesse chegado 1 min antes teria visto o maior agarro que tava rolando aqui...
- Eu sei que você está brincando. Eu pensei bastante em você durante as férias, Celso.
- Hum?
- Na gente, sabe?
- Eu não sei do que você está falando, Lú.
- Não!?
- Não!
- Você tem certeza, Celso? Você sempre faz isso, todo semestre, depois fica correndo atrás de mim...
- Lú, você não acha que esta estória já deu o que tinha que dar...?
- Ai, Celso, não vem com essas conversas pra cima de mim... eu sei o que está acontecendo, você está com medo.
- Medo?
- É, medo de se amarrar.
- Tem nada a ver, Lú.

- Eu sabia, como é que eu não percebi isso antes? Deixa eu te falar uma coisa, Celso, eu já planejei tudo, não precisa ficar preocupado. Se tudo der certo eu vou ficar em São José. Minha segunda opção é São Paulo. De qualquer jeito a gente não vai ficar longe, e depois que você se formar a gente pode rever nossos planos.

Eu acho que não escutei direito quando ela disse "nossos planos", pois eu sinceramente não lembrava quando tinha sido o dia em que "nós" havíamos discutido aqueles "planos". De qualquer forma ficou claro que ela não estava dando a mínima para o que eu estava dizendo, e eu achei melhor ficar calado. Ela aproveitou e começou um assunto que era mais imediato, e sobre o qual eu teria algum poder de decisão:

- Você tem a tarde livre amanhã?
- Tenho...
- Que bom, assim a gente pode fazer algo, ir ao cinema...
- Tá legal...
- E pare de se insinuar para essas bichetes pretensiosas.

Naquele instante eu só consegui lembrar da pergunta que Tasso havia me feito nas férias: "Pode parar, Celso... tu vai dispensar uma mulher gostosa, que já está garantida, por uma magrela do peito pequeno que tu nem sabe se vai rolar ou não? Isso não existe, velho...". O meu sensível amigo estava certo, eu jamais poderia cometer uma injustiça social daquelas:

- Eu estou surpreso, Lú. O que foi que aconteceu?
- Eu te disse que quando a gente voltasse das férias as coisas iam ser diferentes, Celso...

Eu levantei, guardei a Tele na capa e repousei-a na cadeira. Depois convidi Maria Luiza a retirar-se da sala e fechei a porta. No dia seguinte eu nem almocei, quando a aula acabou eu fui direto pro H8 encontrar-me com ela. Passamos uma agradável tarde juntos, quando voltamos já estava anoitecendo. E os meus companheiros de apê já haviam retornado ao lar:

- Fala, Celsão, feliz aniversário.
- Obrigado...
- Cadê a velva, Ricardo?
- Eu tenho uma aqui, gente...
- Traz aqui, CIB...
- Aqui está...
- Porra, viado, tu esconde velva no armário?
- Velva é que nem camisinha, Luca, é sempre bom ter uma guardada, nunca se sabe quando a gente vai precisar...
- Vai, me dá logo essa porra.
- Que pressa é essa, Celsão?
- Eu tenho que ensaiar hoje... eu acho que tá vencida, CIB, o cheiro tá muito fraco...
- Como é que tava a comida do H15?
- Não sei... eu fui comer fora, a-há.
- Ôba, tô sentindo que já rolou uma comemoração...
- Só, passei a tarde com a Maria Luiza... a-há.

- Puta que o pariu, Celsão! Eu não acredito!
- Eita estorinha mal resolvida do caralho!
- Foi só um cineminha, Ricardeza.
- Essa velva tá uma merda mesmo, Celsão, já faz mais de 30 s e ainda não tá fazendo efeito.
- Eu não disse? Eu conheço pelo cheiro, CIB. Tem outra aí?
- Não...
- Tu agitou bem antes de usar? Deixa eu ver se melhora... pelo menos tá mais cheirosa, vamos ver se funciona agora...
- Porra, Celsão, Maria Luiza...
- É, Ricardo, a gente conversou pra caralho ontem... nada ainda, CIB... eu acho que nós conseguimos resolver alguns probleminhas que estavam atrapalhando a nossa vida, e agora tá tudo em paz.
- Flambagem, Celsão?
- Que é isso, Luca, tá me estranhando!?
- O que foi, então?
- Besteira... nada ainda, CIB...
- Eu acho que eu vou jogar esta merda fora.
- Bom, eu vou ter que ligar para uma certa pessoa que também está fazendo aniversário hoje, meus caros, e depois vou ensaiar. CIB, 9:00, tá legal?
- 9:00 em ponto eu apareço por lá.

Liguei pra Júlia e depois peguei minha guitarra e fui pra sala de música. Shimano, Cristina, Medeiros, Beto e Lídia já estavam lá, e o ensaio correu bem. CIB, Grego, Patão e Bruno apareceram as 9:00, e depois dos costumeiros cumprimentos Shimano, Cristina, Medeiros e Lídia lembraram que CIB não gostava de muita gente na sala e saíram do recinto. Beto ficou para assistir ao segundo ensaio, mas permaneceu quieto.

Nós passamos a música 2 vezes, só para esquentar, e depois fizemos uma pequena pausa. Eu aproveitei e fui saber qual era a opinião do nosso neutro colega sobre o nosso desempenho musical:

- Esse CIB é um monstro, ele canta demais, Celso.
- Eu também acho, Beto, e o resto?
- Tá tudo redondo. Quem foi que escolheu essa música de metaleiro?
- Patão, ele tava querendo tocá-la desde o ano passado...
- Eu não gosto muito de Skid Row, mas ficou massa. A mulherada vai se amarrar.

Naquele instante Maria Luiza entrou na sala, e eu não pude evitar de olhar para aqueles lindos olhos cor de mel. Eu sabia exatamente o que ela estava tentando fazer: acumular tensão. E o pior é que estava funcionando.

- Vocês já acabaram?
- Não, Lú, estamos fazendo um pequeno intervalo. Vamos recomeçar, gente?
- CIB, será que eu posso ficar aqui junto do aniversariante? Eu prometo que fico calada.
- Claro, Lú.

- Hoje é o teu aniversário, Celso?
- É, Bruno.
- Meus parabéns, já tomou uma velva?
- Já tomei, se bem que tava muito fraca, não tinha nem cheiro.
- Tava mesmo, não fez efeito nenhum.
- Você também tomou, CIB?
- Claro, Lú, eu sou o piloto de prova de velva lá do apê. Alguém tem que testá-las, ver se estão muito fracas, ou muito fortes. Bom, vamos lá. 1, 2, 3...

Encerramos as 10:00, pois Francisca Nagai precisava ensaiar as obras de Listz que ela pretendia tocar no show. CIB, Beto, Maria Luiza e eu dirigimo-nos ao Mosca, onde encontramos com alguns amigos e fizemos uma ligeira comemoração.

Na noite seguinte Beto e eu fomos jantar na casa do nosso conselheiro. Foi meio esquisito a principio, pois todo mundo tava sentindo a falta de Valmir. O Mestre percebeu o que tava se passando nas nossas cabecinhas e teorizou um pouco sobre o assunto:

- Gente, eu sei que vocês estão chateados com isso, eu também estou, mas eu conversei bastante com o Valmir antes de ele se mandar e ele me fez entender que vai ser melhor pra ele. O Valmir é um rapaz muito inteligente, mas ele vive num ritmo diferente, ele mesmo me disse isso, e o ITA tem certas exigências que ele não conseguia cumprir.
- Eu sei, Mestre, mas eu chego na sala e fico lembrando das conversas da gente, das noitadas no lab comp.
- É, Celso, não é mole não. E você ainda perdeu outro colega, temporariamente. Pelo menos o Adriano vai voltar no semestre que vem.
- Eu espero que sim.

Como nós ainda estávamos com umas carinhas tristes o Mestre resolveu nos animar um pouco com uma dose do velho e bom rock n' roll. Ele colocou The Song Remains The Same no vídeo, mas Beto lembrou que a gente não ia poder ficar muito tempo:

- A gente ainda vai ensaiar hoje.
- Tá bom, vamos ver somente "Dazed and confused". Se vocês quiserem a gente pode ver o filme todo outro dia lá no Cineclube.
- Boa idéia, Mestre.

O remédio fez efeito rapidamente, e provocou até uma inusitada idéia:

- Celso, a gente podia tocar uma música do Led no Encontro Musical.
- Boa idéia, Beto. Eu pego a Les Paul da Renata, a gente arruma um arco de violino...
- Essa não, Celso, a gente podia tocar uma mais curta, "Custard pie", por exemplo.
- Ou "Sick again".
- Vocês agora me fizeram lembrar de uns caras que tocaram Led Zeppelin no Encontro Musical de... eu acho que foi o de 1987... eles eram meus aconselhados também...
- O que foi que eles tocaram, Mestre?

- Se não me falha a memória eles tocaram “Celebration day” e “Living loving maid”.
- Ficou legal?
- Ficou, eles tocavam muito bem... o cara que cantava tinha um vozeirão, rapaz, parecia com a voz do David Coverdale.
- Massa...
- Engraçado, um deles tava no primeiro ano, o outro no terceiro, assim feito vocês...
- Só...
- E o cara que cantava era do quinto ano.
- Feito o CIB.
- Engraçado como a história às vezes se repete aqui no ITA...

Nós voltamos pro H8 ainda sob os bons efeitos da conversa com o nosso conselheiro. Pegamos nossas guitarras e fomos ensaiar com Shimano, Cristina, Medeiros e Lídia. Ela ainda tava me olhando esquisito, eu sabia que o nosso potencial relacionamento nunca ia passar para o estado cinético, mas nada daquilo estava afetando a qualidade do som. Pelo contrário, aquela tensão no ar estava adicionando uma dose extra de atitude. Meus insensíveis amigos nada perceberam, mas minha sensata amiga captou as vibrações, e quando terminamos o ensaio ela veio me questionar:

- Celso, é impressão minha ou tá acontecendo algo entre vocês 2?
- É impressão sua, Tina. Não está acontecendo porra nenhuma.
- Tá bom... você e a Lú voltaram de novo?
- Não, ela está com aquele joguinho pra cima de mim mas eu estou fora deste esquema.
- Já tem gente fazendo aposta.
- Hum?
- Eu acho que não passa da semaninha, Valéria acha que não passa do feriadão.
- Vocês não conseguem ficar sem fazer fofoca...
- E você, Celso? Acha que dura até quando?
- Não tem nada pra durar, Tina. Teu namorado vem pro show mesmo?
- Vem.
- Ele vai dormir comigo ou contigo?
- O que é que você acha??
- Eu espero que seja comigo...

O sábado chegou depressa, todos estavam ansiosos para ver como seria o Show do Ponto Médio. Especialmente eu, era a primeira vez que eu estava organizando um show, e a ausência de Adriano e Valmir fez uma sensível diferença. Ainda bem que o pessoal da minha turma ajudou bastante, principalmente K-Zé , Shimano e JF, que achou melhor não tocar nada, pois não havia ensaiado, mas que nem por isso deixou de prestar sua valiosa contribuição.

Álvaro Peixoto também ajudou muito, cuidou do som e luz e ainda treinou uns voluntários de última hora. Quando cheguei no auditório fui direto falar com ele:

- Tudo certo, Peixoto?

- Tudo bem, Celso. Os bichos que você me arrumou são bons, eu acho que no Encontro Musical eles já estarão prontos pra cuidar de tudo sozinhos.
- Beleza, você conseguiu ensaiar?
- Hoje não, mas ontem à noite nós demos uma passada e ficou legal.
- Eu também não ensaiei hoje, mas acho que vai sair tudo bem.

Abrimos as portas, os convidados começaram a entrar e minutos depois os apresentadores Valéria e Luís subiram ao palco e chamaram Francisca Nagai para iniciar o show. Ela arrasou no piano, como sempre, principalmente quando executou "Sonho de Amor".

Rodrigo tocou algumas músicas de Chico e Milton em seguida, uma delas em dueto com José Fernando. Eduardo apresentou uma composição de autoria própria, sozinho ao piano e voz, e depois convidou Antônio Figueira para cantar com ele. Antônio havia caído para a nossa turma no semestre anterior, e sua distinta voz foi um valioso acréscimo ao já bastante populoso celeiro de talentos musicais da nossa turma.

Cabeça, que estava terminando o quarto ano novamente, e Altinho, que estava no quinto, tocaram "Greensleeves" no violão. Depois a minha turma teve mais uma vez a chance de colocar 7 pessoas naquele palco: Adalberto na bateria, Shimano no teclado, Vic no baixo, Gino e Guido nos vocais, Gustavo e eu nas guitarras. Nossa versão de "Drive my car" ficou boa, Gustavo tocou com maestria o solo que normalmente teria sido de JF.

Beto, Lídia e Regi apresentaram-se logo depois, eu fiquei na mesa de som com Peixoto enquanto eles tocavam, pois desta forma veria de perto a minha já distante Nice predileta.

Eles fizeram uma verdadeira viagem no tempo, começaram tocando "Pretty vacant", dos Sex Pistols, ela na guitarra e voz, Beto no baixo e segunda voz. Depois eles trocaram de instrumentos e tocaram "Love me two times". Ela cantou novamente, foi um arraso. Eu fiquei olhando pra ela e me perguntando se eu não tinha feito a escolha errada. Mas era tarde demais para aquele tipo de questionamento.

- **Obrigada. Nós gostaríamos de chamar o Medeiros, o Shimano, o Celso e a Cristina para tocar a próxima música conosco.**

Subimos ao palco, assumimos nossas posições e Beto fez a introdução de "Agora só falta você". Cristina e Lídia cantaram juntas, perfeitas. Tina olhava a platéia de frente, como se não estivesse ofuscada pela iluminação. Lídia freqüentemente olhava para a direita, eu não sabia se era para observar a amiga ou se ela estava ignorando completamente os fãs e me mostrando que ela estava mesmo cantando pra mim. Beto fez uma versão reduzida do solo, conforme ensaiado, visto que todos nós havíamos achado a versão original longa demais.

Quando acabamos de tocar Cristina agradeceu e desapareceu de cena. Beto e Lídia trocaram de instrumentos mais uma vez e começamos a tocar "Corista de rock". Era a quarta música seguida que Lídia cantava, mas ela não demonstrava o menor sinal de cansaço. Eu olhava para ela freqüentemente, a fim de assegurar a necessária sincronização das nossas partes. Tudo correu bem até o início do solo, que faríamos juntos. Naquele momento ela inclinou-se um pouco para a direita e eu segui a terceira lei de Newton. E a

partir daquele instante eu só consegui ver 3 coisas: os dedos de Lídia deslizando sobre o braço da guitarra de Beto, os olhos dela, que se alternavam entre os meus dedos e os meus olhos, e a mordidinha que ela deu no lábio inferior durante a última parte do solo.

As horas e horas de ensaio que nós havíamos investido deram retorno maior que o esperado: nossa sincronização foi perfeita e não erramos nenhuma nota. Quando acabamos de tocar ela deu mais uma olhada na minha direção e finalmente sorriu. Eu retribuí o cordial gesto e me convenci de que nós 2 nunca mais teríamos um outro momento de êxtase musical como aquele. Eu estava errado, é claro, mas ainda ia demorar 2 anos e 2 meses para que eu me desse conta disso.

Enquanto a platéia nos aplaudia Medeiros e Shimano saíram do palco, CIB subiu, pegou o baixo e Beto foi para a bateria. Lídia tomou um pouco d'água, agradeceu novamente e começou a introdução de "Connection". Ela novamente arrasou nos vocais, e CIB não fez feio na segunda voz. Ao terminarmos Beto nem esperou os aplausos e emendou direto com "Never here". Eu não tirei os olhos da nossa talentosa vocalista, ela percebeu e me jogou um olhar melancólico durante o refrão final. Eu ainda pensei que haveria uma maneira de reverter aquela situação, mas não consegui definir como. Eu provavelmente teria pensado mais claramente se tivesse conseguido prever o que iria acontecer nas semanas seguintes.

Lídia saiu do palco sob estrondosos aplausos e ficou na mesa de som com Peixoto. Beto foi se preparar para o final do show. CIB chamou Grego, Bruno e Patão para tocarmos "In a darkened room". Eu toquei o solo inicial e o do meio, Grego tocou o final, quando teve a chance de demonstrar todo seu virtuosismo. Mas o grande destaque foi CIB, que mais uma vez impressionou todo mundo com uma brilhante performance vocal.

Saímos do palco rapidamente e demos lugar aos nossos queridos colegas Beto, Louro e Farias, que abriram sua apresentação com um arranjo especial de "So much to say", para o qual contaram com a ajuda de Peixoto, Daniel e Dido nos metais. Beto cantou extremamente bem e foi muito aplaudido. No breve intervalo, enquanto Peixoto e os meus 2 colegas de turma deixavam o palco, o eclético trio fez uma permuta de posições: Farias passou o baixo pra Louro, que passou a bateria para Beto, que passou a guitarra para Farias, que se preparou para cantar.

Eu estava sentado ao lado de Maria Luiza, que estava impressionadíssima com o nível das apresentações até aquele momento:

- Celso, o show está ótimo! Tá todo mundo arrasando!
- O melhor ainda está por vir, Lú. Espera pra ver o que eles vão tocar depois dessa.

Quando eles acabaram a elaborada execução de "Love rears its ugly head" desfizeram a permuta de posições e Farias fez os agradecimentos finais:

- **Nós gostaríamos de agradecer pela presença de todos vocês, e também a todos que participaram do show... ao Celso, JF, Shimano... aos nossos queridos apresentadores Valéria e Luís e a todo o pessoal do terceiro ano que ajudou na organização deste tradicional evento. Ao Peixoto, Rai e ao Departamento**

Cultural do CASD, e ao ITA. Nós agora vamos encerrar o Show do Ponto Médio com uma música do Joe Satriani, “Summer song”.

Eles começaram a tocar, mas depois de 0,5 min Beto parou e dirigiu-se ao microfone:

- **Desculpem, eu errei uma nota, nós vamos começar de novo.**

Maria Luiza olhou pra mim com uma expressão de espanto no rosto, e eu entendi que uma ligeira explicação seria necessária:

- Eu também não percebi, Lú, só ele percebeu...

Eles recomeçaram, e daquela vez ficou perfeito. Não que alguém tivesse notado a diferença... exceto o meu perfeccionista amigo.

Fomos ao H8 guardar as coisas e depois nos dirigimos ao H15. Quando chegamos Beto e Lídia tiveram que lidar com o assédio dos fãs. Eu não tive semelhante problema, pois Maria Luiza afastava qualquer desavisada com apenas uma olhadela fulminante. Eu comecei a ficar preocupado... Nós pegamos umas biras e fomos conversar com Cristina e André:

- Você gostou do show, André?
- Muito bom, meu. Eu não sabia que a Cristina cantava tão bem.
- Cristina é um dos maiores talentos culturais desta escola.
- Que exagero, Celso.
- Vocês tocaram super bem, Celso.
- Obrigado, André.
- Eu estou tão orgulhosa do meu queridinho... saiu tudo como você queria, não foi, Celso?
- Foi, Lú...
- Esse show foi tão bom, Celso, vai ser difícil fazer melhor que isso no Encontro Musical.
- Eu também acho.
- Que nada, gente. Isso que vocês viram hoje foi apenas uma amostra grátis, o Encontro Musical deste ano vai ser o melhor de todos os tempos, vocês vão ver, e ouvir. Espero que você possa vir de novo, André, o 228 está à sua disposição.
- Obrigado, Celso, se der eu venho.

Continuamos a animada conversa até que Grego apareceu requisitando minha presença em outras paragens:

- Celso, vem aqui que eu quero te apresentar uma pessoa.
- Que estória é essa, Grego?
- É uma fá que quer o autógrafo do Celso, Maria Luiza... tirar umas fotos com ele, essas coisas.
- Olha...
- Sério, nós temos assuntos musicais a tratar no momento.
- Eu já volto, Lú.

Saímos em direção à mesa onde se encontrava a tal pessoa.

- Quem é a figura, Grego?
- E uma menina do CTA que está a fim de cantar conosco no Encontro Musical.
- Gostosa?
- E como... mas não é para o teu bico.
- Por que não? Tu por acaso tá de rolo com ela?
- Não, bem que eu gostaria, mas não é para o meu bico também não.

Chegamos lá e o meu prezado amigo fez as introduções. A menina era bem atraente: alta, magra, cabelos longos, cacheados, rosto bonito. E simpática, também:

- Vocês tocaram muito bem, Celso. E olha que eu não entendo nada de rock, mas meu irmão elogiou muito vocês.
- Muito obrigado, Lucia.
- Então, Celso, eu convidei a Lucia pra cantar conosco no Encontro Musical, mas ela estava na dúvida...
- Espero que não esteja mais.
- É verdade, eu estava receosa... ainda bem que o Grego me convenceu a vir ver a apresentação de vocês.
- Que tipo de música vocês estão pretendendo tocar, Grego?
- Algo tipo Marisa... ou Marina... uma coisinha mais leve...vou convidar um amigo da Pós pro teclado, aquele professor da INFRA pra bateria e as meninas do IAE pros vocais. E você no baixo, Celso.
- Massa! Teremos bastante tempo para ensaiar, gente.
- Exato, 1 hora por semana seria o ideal. Qual é o melhor dia pra você, Lucia?
- Quinta à noite, ou sábado à tarde... desculpa, gente, deixa eu pegar essa ligação.

Ela saiu e nós ficamos olhando o movimento e jogando conversa fora:

- É sempre um prazer tocar baixo nessas tuas armações, Grego...
- Tô sabendo... a Daniela tava no show, vocês ainda estão, sei lá o quê?
- Estamos... mas eu acho que está na hora de acabarmos.
- Por que? A menina é uma gracinha, não pega no teu pé...
- Grego, aparentemente Maria Luiza e eu estamos entrando numa nova fase... eu acho que está na hora de praticar a monogamia.
- Ai ai ai ai ai, Celso... monogamia? Que coisa mais decadente...
- E, além disso, a Daniela tem uma certa nóia... ela morre de medo da Michelle, vive me perguntando se eu tenho alguma coisa com ela.
- E tu não tem mesmo?
- Não... aquilo foi só 1 vez no ano passado, Grego... Michelle e eu somos apenas bons amigos.
- Tô sabendo... e por falar no inferno...

Não deu nem tempo de me virar, eu só vi o sorriso maroto de Grego e senti um par de suaves mãos me abraçando. E logo em seguida senti o resto do seu corpo colando no meu, e seus lábios sussurrando no meu ouvido esquerdo:

- Feliz aniversário atrasado, Celso.

Eu fiquei todo arrepiado. Virei o rosto lentamente, passei meus braços ao redor da sua cinturinha e dei-lhe um beijinho no rosto:

- Muito obrigado, Michelle. Você gostou do show?
- Adorei. De quem foi a idéia de tocar Tutti Frutti?
- Lídia...
- Minha mãe se amarrou, ela disse que vocês deviam ter tocado "Ovelha negra" e dedicado pra mim, pode?!
- Boa idéia...
- Eu vou andando, Celso, vai jantar lá em casa na quarta.
- Com certeza.

Eu tava tão concentrado naquela imagem que se afastava do meu campo de vista que nem me dei conta de que Lucia havia voltado. Quando virei o rosto novamente foi que percebi a maneira nada amigável que ela estava me olhando:

- Você namora a Michelle, Celso?
- Não... isso é outra estória...
- Sei... essa menina é a outra estória de muita gente aqui no CTA...
- Pessoal, eu vou pegar uns refrigerantes pra gente.
- Valeu, Grego.

Eu não sei de onde ele tirou aquela brilhante idéia, mas a última coisa que eu queria no momento era ficar sozinho com uma menina que eu havia acabado de conhecer e que já havia demonstrado reações adversas a 2 coisas que eu adorava: Michelle e rock 'n' roll.

- Você conhece o Grego da onde?
- Meu pai trabalha no IAE.
- A gente fez uma apresentação lá, no ano passado.
- Grego me contou como foi... humm, essa música é tão gostosa...
- Você quer dançar?
- Quero sim, obrigada.

Nós dançamos por uns 15 ou 20 min, ela voltou ao seu estado simpático e eu fiz o mesmo. E não foi nada desagradável apertar sua esbelta estrutura e sentir o doce perfume dos seus cabelos. Mas não senti nenhum clique, e concluí que Lucia não era mesmo para o meu bico. Quando o conjunto parou para o intervalo ela decidiu que a noite havia acabado:

- Celso, eu vou embora, amanhã cedo eu tenho que fazer umas coisas.
- Tá bom, a gente se vê na quinta.
- Liga pra mim pra confirmar... você decorou mesmo o meu telefone?
- Claro, eu tenho boa memória para números...
- Deixa eu me despedir do Grego.

Fui procurar Maria Luiza, que naquele momento já devia estar muito irada. Ela, entretanto, para minha surpresa, não demonstrou nenhum sinal de aborrecimento com a minha inesperadamente prolongada ausência:

- Já resolveu os tais assuntos musicais?
- Já... uma amiga do Grego tá querendo cantar com a gente no Encontro Musical.
- E ela canta bem?
- Isso eu ainda não sei, mas a gente vai ensaiar na quinta... você quer ir conferir?
- Não vai dar, eu vou pra Santos na quarta... vamos dançar?
- Vamos...

Só O Fim

O semestre havia começado bem. A minha turma estava nas nuvens com as matérias da MEC: só coisa interessante e nada desesperante. Tudo levava a crer que aquele seria o melhor semestre do curso, e foi mesmo.

Eu ainda sentia a falta de Adriano e Valmir, e ainda passava a maioria dos fins de semana sozinho no 228, mas ficava mais tempo no apê de Manuel e Lauro do que no meu. A gente estudava junto o tempo todo, sempre rolava um bostejo aleatório, e nos finais de semana rolava um bostejo dirigido.

O Show do Ponto Médio havia sido um sucesso, e Grego havia montado uma banda bem entrosada para o Encontro Musical. A vocalista, Lucia, cantava muito bem. Ela era um pouco fechada, reservada, mas em tempo nos tornamos bons amigos.

Minhas atividades curriculares e extra-curriculares estavam harmoniosamente eqüillibradas. Para todos os efeitos práticos eu estava aproximadamente feliz. Se a comida melhorasse ficava perfeito. Ou quase, pois naturalmente que um mundo sem ondas nunca seria perfeito.

Mas a minha entediante noite de sexta-feira seguia seu esperado curso. Eu estava curtindo a tranqüilidade do meu lar, deitado na rede, ouvindo um pouco de AIC, quando o telefone tocou. Era uma voz que eu não ouvia há muito tempo:

- *Celso?*
- Júlia? Que surpresa agradável...
- *Eu estava com saudades...*
- Eu também...
- *Vai pegar onda este fim de semana?*
- Não, a água ainda está muito fria... mas no feriadão eu vou pra Ubatuba.
- *Mais 2 semanas em terra firme...*
- Pois é... e você?
- *Eu vou aproveitar o finzinho do inverno... tá ouvindo Alice?*
- Hum-hum...
- *Eu adoro essa música, me faz lembrar daquelas tardes nas férias...*
- Eu também... foi por isso que eu coloquei...
- *Foi mesmo?*
- Foi?
- *Você ainda pensa em mim?*
- Todo dia, Júlia...
- *Eu também... quando é que você vem por aqui?*
- Dezembro...
- *Daqui pra lá muita água ainda vai rolar, né, Celso?*
- Pode crer... você com certeza nem vai lembrar mais da minha cara...
- *Com certeza...*
- Hum?
- *Tô brincando, aruá, é claro que eu vou lembrar da tua cara... e do resto também...*
- Isso é o que nós veremos...

- *Eu espero que sim... um beijo.*
- Outro.

Aquela ligação me fez pensar nas ainda distantes férias. Júlia estava certa, muita água ainda ia rolar até o fim do ano. O telefone tocou novamente:

- *Celso, é Chico, faz um tempão que eu tava tentando ligar pra ti...*
- Fala, pentelhão...
- *Vem aqui no apê que hoje vai rolar um experimento de Mecânica dos Fluidos. Aliás, já está rolando. Pode até ser o último do ano...*
- Beleza, já chego por aí.

Aquela ligação me fez pensar nas ainda distantes férias. Júlia estava mesmo certa, muita água ainda ia rolar até o fim do ano. O telefone tocou novamente:

- *Celso, é Bia, faz um tempão que eu tava tentando ligar pra ti...*
- Fala, menina...
- *Eu estou sozinha novamente, o pessoal saiu pra cidade...*
- Por que você não foi com eles?
- *Eu ainda não estou psicologicamente preparada para isso.*
- Nem eu.
- *Tu estás fazendo alguma coisa?*
- Eu vou jogar War no apê do Chico...
- *Sei...*
- Eu convidar-lhe-ia, mas sei que você não gosta deste jogo...
- *Não, me poupe. Vamos fazer algo amanhã à tarde?*
- Vamos. Eu te ligo depois do almoço.

Aquela ligação me fez pensar nas ainda distantes férias. Júlia estava certíssima, muita água ainda ia rolar até o fim do ano.

Quando cheguei ao 323 o experimento já estava em andamento, mas ainda havia 1 amostra a ser analisada, e eu não perdi tempo:

- Humm... a viscosidade está mais elevada que da última vez.
- Graças ao nosso cozinheiro, que aumentou a dosagem de leite condensado.
- Quase que tu dança, Celso, demorou pra caralho...
- Quando eu tava saindo o telefone tocou de novo... era Beatriz...
- Aquela menina é muito gracinha...
- Eu também acho, Sávio... se bem que Rosele é mais...
- É, Sávio... Rosele tem o olhinho puxado...
- Que nem a Lídia... não é, Celso?
- É, Chico...
- E aí, Celso... fala a verdade... rolou ou não rolou?
- Não, Juliano... não rolou nada, Lídia e eu somos apenas bons parceiros musicais.
- E aonde a Rosele está agora, Sávio?
- Porra, Sávio, que é que tu estás querendo insinuar, velho?

- Eu acho que ela deve ter saído com o teu namorado, Sávio...
- Porra, Celso, não precisava ter baixado o nível... há-há-há...
- Não é... ficar insinuando que o namorado do Sávio é bissexual...
- Sávio tem namorado, é, Chico?
- Vocês são foda... agora Múcio vai ficar pensando que eu sou viado... não que eu tenha alguma coisa contra... ou a favor... muito pelo contrário...
- Não, Múcio... ele não tem namorado... é só um paquerinha... há-há-há...
- Vocês estão sentindo alguma coisa?
- Não...
- Chico, vamos ver uns vídeos...
- Boa idéia... cadê o controle?
- Tá na mesa.
- Isso me fez lembrar uma coisa, eu nunca vi Sávio com mulher nenhuma...
- Nem eu.
- Nem eu.
- Nem eu.
- Nem eu.
- E daí? Isso não significa que eu seja gay...
- Não, claro que não...
- Esse vídeo é massa...
- Essa menina é massa...
- Vocês estão sentindo alguma coisa?
- Não, Múcio... e se eu fosse gay? Não era da conta de vocês...
- Não, claro que não... e por falar nisso eu achei a tua carteirinha do sócio-atleta da Rosquita, Sávio... tava no banheiro...
- Esse vídeo é massa...
- Essa menina é massa...
- Vocês estão sentindo alguma coisa?
- Não, Múcio... não que eu tenha alguma coisa contra... ou a favor... muito pelo contrário...
- Esse tapete é massa...
- É... mas fica soltando pelinho...
- Aquela Beatriz é muito gracinha...
- É... pena que ela não gosta de viado...
- Porra, Chico, eu já falei que eu não sou gay...
- Beatriz é muito gata... eu sou doido pra dar uns agarros nela... meu irmão, esse tapete tá soltando pelinho na minha cara, velho.
- Porra, Celso, tu não agarraste a Bia no semestre passado?
- Não, velho... isso foi no ano passado, no meu aniversário... que foi na semana passada...
- Eu também acho, Sávio... se bem que Rosele é mais...
- É, Sávio... Rosele tem o olhinho puxado...
- Meu irmão, eu preciso lavar o rosto... essa porra desse tapete tá soltando pelinho na minha cara, velho.
- Esse vídeo é massa...
- Essa menina é massa... eu me amarro numa ruivinha...
- Aquela Beatriz é muito gracinha...

- É... pena que ela não gosta de viado...
- Meu irmão... se Bia fosse ruiva... pode crer...
- Esse vídeo já rolou antes...
- É o mesmo, Juliano...
- Não, cara, foi antes... foi naquela hora que Sávio falou que se ele não fosse gay ele era louco pra dar uns agarros nela....
- Nela quem?
- Na menina do vídeo... essa ruiva...
- Há-há-há... essa é outra ruiva, Juliano... Tori Amos... eu me amarro numa ruivinha...
- Vocês estão sentindo alguma coisa?
- Se Bia fosse ruiva... Beatriz é muito gata... eu sou doido pra dar uns agarros nela...
- Não, Múcio... Valéria é muito gracinha...
- Só... se ela fosse ruiva...
- Quem?
- Beatriz...
- Valéria...
- Eu também acho...
- Quem?
- Chico... bota aquele vídeo do Garbage de novo...
- Põe...
- Valéria? Meu irmão... aquela menina é a coisa mais feia que eu já vi nesta escola... quer dizer, ela até que tem um peitinho bonitinho, hé-hé...
- Valéria é muito gracinha...
- 2, Celso.
- Eu também acho... outro dia eu tava no lab comp... ela apareceu por lá...
- Múcio, tu vai fazer AER?
- Quem?
- Múcio.
- Valéria... ela falou oi pra mim...
- É... 2, é claro... e ela é lourinha, a-há.
- Múcio, tu vai fazer AER?
- Chico... bota aquele vídeo do Garbage de novo...
- Põe...
- Esse tapete é massa...
- Meu irmão, eu preciso lavar o rosto... essa porra desse tapete tá soltando pelinho na minha cara, velho.
- Esse vídeo é massa...
- Esse vídeo já rolou antes...
- É o mesmo, Juliano...
- Esse vídeo já rolou antes...
- Múcio, tu vai fazer AER?
- Quem? Eu? Eu vou fazer MEC, cara. Que nem o Celso...
- Não, Juliano, Múcio...
- Celso, já pensou se a gente fosse da mesma turma? Que nem no Fundamental?
- Eu vou fazer INFRA, Juliano...
- Eu também... eu me amarro numa lourinha... a-há.
- Eu pensei que tu fazia ELE, Múcio...

- Não... eu ainda tou no primeiro ano... não, segundo... eu sou da turma do Juliano...
- Rosele vai fazer INFRA também...
- Massa... vai ser da minha turma... eu me amarro numa Nice... a-há... Sávio, lembra daquela Neusinha que tu namorou... como era mesmo o nome dela?
- Celso, tu não fazia MEC antes?
- Esse vídeo é massa...
- É, mas o diretor não entendia nada de aerodinâmica...
- Não, Múcio... eu estudava com o Alex no Fundamental... Lídia é quem vai fazer COMP... há-há... já pensou se ela fosse ruiva que nem Bia?
- Há-há-há...
- Eu também...
- Só... Rosele... ela mora em São Paulo agora... outro dia ela me ligou... foi antes daquele vídeo do U2.
- Chico... bota aquele vídeo do Garbage de novo...
- Põe...
- Eu já falei mais de 10 vezes, eu não controlo a programação da televisão...
- Chico regula tudo, velho... porra...
- Quando é que JD volta do Rio?
- Esse vídeo é massa...
- É, mas o diretor não entendia nada de aerodinâmica...
- Bia também se amarra em U2... eu me amarro numa moreninha... a-há... ai se Bia não tivesse trancado...
- JD trancou no ano passado...
- Meu irmão, sabe o que eu tava a fim de ver? Aquele vídeo do Garbage que a gente viu ontem...
- Eu vi JD ontem no lab comp... Valéria tava lá também...
- Aquela Beatriz é muito gracinha...
- Ela vai pra Canoa Furada...
- Beatriz trancou? Ela tava no lab comp ontem... com Valéria e JD...
- Quem?
- JD... ele tá na minha turma agora... a gente vai fazer INFRA...
- Eu também... Valéria...
- Beatriz...
- Canoa Furada??
- Valéria tava lá também... ela falou “oi, Múcio, tudo bem?”... há–há...
- Não... canoa de pedra... em tupy-guarani... eu vou pra lá no feriadão, com Júlia...
- De quem é esse tapete? Ele tem uns pelos grandes pra caralho...
- Júlia vai fazer ELE?
- Chico regula tudo, velho... porra... ontem ele mandou JD lavar os pratos... foi massa.
- Não, Júlia fez AER... mas ela foi pra Curitiba... pegar onda... eu me amarro em mulher que pega onda... a-há.
- JD não sabia lavar prato, velho... foi massa... há-há-há...
- Ela era ruiva antes, agora ela pintou o cabelo de preto...
- Valéria?
- Celso, quantos irmãos você tem?
- Há-há-há...

- Não, porra... Beatriz... ela me ligou ontem... tá com saudades do H8...
- Eu também vou... a gente vai surfar na praia do Gato Félix... de quem é esse tapete?
- Há-há-há...
- Porra, Sávio, o cara chegou do Rio e passou mais de uma semana sem lavar os pratos... alguém tinha que tomar uma providência...
- Esse vídeo é massa...
- Esse vídeo já rolou antes... ontem...
- Eu? Só 1... eu preciso lavar o rosto... essa porra desse tapete tá soltando pelinho na minha cara, velho.
- De quem é esse tapete?
- Ele tem uns pelos grandes pra caralho...
- Fica grudando no rosto... porra, meu nariz tá cheio desses pelinhos, velho.
- Minha mão também... Curitiba rola altas ondas...
- Há-há-há...
- Há-há-há...
- JD não sabia lavar prato, velho... foi massa... há-há-há...
- Não, Beatriz não tava lá... tava eu, Celso, JD...
- BH também... Júlia morou lá... depois que ela voltou de Boston...
- Há-há-há...
- Quem é essa Júlia?
- Há-há-há... o prato... há-há-há
- Chico regula tudo, velho... porra...
- De quem é esse tapete??

Eu não lembro quando fui dormir, mas acordei no meio da tarde, com o telefone tocando. Levantei bem devagar e fui atender. Era uma voz que eu não ouvia há muito tempo.

- Alô...
- *Celso, você ainda estava dormindo?*
- Estava...
- *Que farra boa, ontem.*
- Foi, Lú...
- *O que foi que você fez?*
- Fui jogar War...
- *Argh, eu liguei pra te dizer que está tudo bem.*
- Massa...
- *A gente se vê segunda, beijo.*

Eu voltei pra cama, mas assim que deitei o telefone tocou novamente, e eu levantei bem devagar e fui atender outra vez:

- O que foi agora, Lú?
- *Sou eu, xexeiro.*
- Foi mal, Bia...
- *Celso, você ainda estava dormindo?*
- Estava...
- *O jogo foi tão bom assim?*

- Foi massa... vamos fazer alguma coisa?
- *Vamos! Que tal um cineminha, de leve?*
- Pode ser... deixa eu tomar um banhão... ficar cheirosinho pra você...
- *Humm, tá bom, me liga quando estiveres pronto.*

Nos encontramos no hall do A, ela estava linda, de jeans, blusa branca, os cabelos negros caindo sobre os ombros.

- Vamos néussa?
- Bora...
- Tá indo pra onde, mulher?
- Pular o muro...
- Não, hoje estamos motorizados, Tino me emprestou a paratosa... a-há.
- Como foi que você conseguiu? Aquele menino tem o maior ciúme desse carro.
- Eu disse que era uma emergência...

Obviamente que eu não lhe expliquei qual era a minha definição de emergência, mas eu acho que ela sentiu o clima quando entramos no Tinomóvel e eu coloquei "Wire" pra tocar. Eu fingi que não notei quando ela olhou pro outro lado e deu um discreto sorriso:

- Outro show que passou e vocês não tocaram uma música pra mim...
- Pois é... quem sabe no próximo?
- Quem sabe...

O cinema estava quase vazio, mas fomos pro fundão assim mesmo. Eu ainda estava meio sonolento, e aquilo foi um razoável pretexto para repousar minha cabeça no seu ombro. Bia também não gostava de pipoca, mas a alternativa alimentícia que ela escolheu foi providencialmente dividida mordida por mordida. Eu segurava a barra e ela conduzia minha mão de modo que o chocolate fosse parar em nossas bocas.

Quando acabamos de comer nossas mãos permaneceram juntas, os dedos entrelaçados, movimentando-se lentamente. Eu tinha certeza de que ela estava pensando a mesma coisa que eu, mas não falei nada, fiquei apenas olhando em sua direção. Ela notou e também ficou olhando pra mim. Eu beijei seu rosto 1 vez, 2, 3, com intervalos bastante longos entre eles, de modo que ela tivesse suficiente tempo para mudar de idéia. Mas a sua intenção não era essa, nem a minha, então beijei seus lábios. E deslizei minha mão por suas pernas tão logo senti sua língua penetrar minha boca. Eu queria definir até onde ela estava disposta a ir, e sua rápida reação me fez ver qual seria o limite:

- Vamos!!

Levantamos e saímos andando depressa, quase correndo. E quase que instantaneamente já estávamos na cama, sem roupas, trocando carícias e fluidos biológicos. Mas de repente eu comecei a ouvir um barulhinho ao fundo, que foi ficando mais e mais estridente à medida que a imagem de Bia se desmanchava à minha frente.

Eu levantei bem devagar, olhei ao redor, reconheci o ambiente e fui atender o telefone.

- *Celso, é Chico...*
- Fala, pentelhão...
- *Tá tudo bem?*
- Tava...
- *A gente vai comer algo no Mosca...*
- Tá bom... daqui a pouco eu apareço por lá...

Tomei um banho e depois fui encontrar meus amigos. Quando cheguei ao Mosca meus ressacados amigos estavam lanchando. Fiz meu pedido e sentei-me:

- Cadê os outros 2?
- Juliano saiu com a namorada... Múcio tá vendo televisão com JD...
- O que é que a gente vai fazer hoje, Sávio?
- Sei lá, meu... jogar baralho?
- Puta merda...
- Como foi a reentrada, Celso?
- Eu acho que ainda não está finalizada...
- Como assim?
- Eu ainda estou com uma ligeira dificuldade de distinguir o que é realidade e o que não é...
- Hum?
- Eu tava dormindo e acordei com o telefone tocando... era Maria Luiza... eram umas 3:00...
- E qual é o mistério?
- Depois eu voltei pra cama e o telefone tocou de novo... era Beatriz...
- E?
- Ela me chamou pra sair... mas que eu acho que foi tudo sonho...
- Há-há-há...
- Que viagem...
- Eu pegava o Tinomóvel, a gente ia ao cinema, ela tava com uma calça jeans bem justinha, uma blusa branca... o botão de cima tava aberto... a gente se agarrava...
- Tu vai me dizer que nunca teve um sonho desse tipo antes?
- É claro que tive, Sávio, mas esse foi diferente... foi muito real, eu conseguia sentir o cheiro do perfume dela... sabe aqueles perfumes adocicados?
- Porra...
- E depois mudava de cena... sabe quando o sonho muda de lugar, bem rápido?
- Sei...
- A gente tava no maior jaba-jaba... e foi aí que o telefone tocou de novo...
- Não vai dizer que foi outro sonho, meu...
- Não, foi Chico...
- Porra, velho, tu dá uma de beque até no sonho dos outros.
- Foi mal, Celso, se eu soubesse tinha esperado até tu melecares o lençol...
- Há-há-há...
- Deve ter sido efeito daquela conversa de ontem à noite, Celso...
- Eu acho que sim, Sávio, mas eu fiquei com o maior sentimento de culpa, liguei pra Lú... eu nem sabia se ela havia ligado mesmo, eu achei que tava pirando... que foi? Que cara é essa, porra?!

- Meu irmão...
- Celso, tu vais pirar é agora...
- Não olha agora, meu, mas advinha quem está vindo pra cá... de jeans e blusa branca?
- O botão de cima aberto...
- Vocês estão me sacaneando, né?
- Celso, desta vez é real!

Eu girei a cabeça lentamente, mas antes mesmo que pudesse completar o movimento senti um perfume adocicado no ar, e logo em seguida ouvi uma voz ainda mais doce:

- Fala, xexeiro.

Eu fiquei todo arrepiado, meus atordoados amigos também.

- Foi mal, Bia... eu dormi até tarde...
- O jogo foi tão bom assim?
- Foi...
- Eu acabei de te ligar, tá passando um filme legal lá no shopping...

Nós ficamos mudos por uns instantes, e se não fosse a intervenção de Camilo iríamos permanecer naquele estado por muito mais tempo:

- Vocês 4 estão com uma cara esquisita da porra... o que foi que vocês fizeram ontem?
- A gente passou a noite jogando War.
- Eita joguinho sem graça...
- Eu também acho, Marta.
- Cadê o Renato?
- Ele foi comprar cerveja pra nós, deve estar chegando...
- E aí, Celso? Tá a fim de ir?
- Tou, Bia... vamos todos?
- Eu tô fora.
- Eu também.
- Marta?
- Vou nada, isso aí é coisa de casal...
- Tem nada a ver, gente... ninguém entende essa nossa amizade, né, Celso?
- Nem ele mesmo entende, Bia...
- Que é isso, Chico?!
- Beatriz, o seu nome foi muito mencionado ontem lá no apê, quando a gente tava jogando.
- Boas coisas, eu espero.
- Claro que sim, você foi elogiadíssima...
- Tinha até uns caras pensando que você era ruiva...
- Que conversa mais sem pé nem cabeça, gente... vocês estavam bebendo, por acaso?
- E como... só falta agora o Tino aparecer, Celso.
- Meu irmão, será que eu tô sonhando de novo, Chico?

- Ou será que sou eu que estou?

Foi só ele finalizar aquela pergunta que percebemos que um relativamente famoso veículo acabava de ser estacionado ao lado da RUSD, e que dele saíam duas absolutamente famosas figuras que se dirigiam ao nosso encontro. Chico e eu ficamos ainda mais intrigados com aquela sucessão de coincidências, os Sávios também estavam boquiabertos. Camilo mais uma vez quebrou o silêncio que pairava sobre nossa mesa:

- Pronto, Renato chegou com as biritas! Agora é gréia.

Beatriz levantou-se e colocou a mão no meu ombro:

- Vamos, Celso?
- Vocês tão indo pra onde?
- Pro cinema, Tino, quer ir com a gente?
- De jeito nem maneira, Celsão, vou lá ficar segurando vela...
- Então tá, vamos, Bia.

Eu levantei em seguida, mas antes que pudesse completar aquele simples movimento meu cauteloso amigo soltou uma frase que iria mudar completamente os acontecimentos daquela noite de sábado:

- Quer pegar a paratosa, Celsão?
- Eu não sei, Tino...
- Vai que isso aí vira uma emergência, a-há. O disco que tu me emprestou ainda tá lá.

Peguei as chaves e dei uma última olhada para Chico e os Sávios. Era difícil identificar qual de nós parecia estar mais intrigado com aquilo tudo. Eu tinha certeza de que Bia havia notado algo de estranho, e foi só entrarmos no carro que ela tocou no assunto:

- Celso, o que é que está acontecendo?
- Nada, Bia...
- Celso...
- É uma longa estória... eu te conto depois do filme.
- Tá bom.

Eu liguei o Tinomóvel e fiquei torcendo para que não fosse tocar “Wire”.

- Humm... “Desire”, eu adoro essa música...
- Ainda bem...
- Hum?
- Nada.
- Celso, isso não é outra daquelas tuas armações não, é?
- Antes fosse...

O cinema estava quase vazio, e a sessão ainda não havia começado quando sentamos lá no fundão. Eu já estava piscando os olhos para ver se acordava de novo quando ela levantou:

- Eu vou pegar uma coisa pra gente mastigar, e depois você vai me dizer o que está se passando.

Bia voltou, sentou e começou a abrir a embalagem. Eu segurei a cabeça com as duas mãos e fechei os olhos.

- Tá com dor de cabeça, Celso?
- Não, Bia...
- Não trouxe pipoca porque as casquinhas ficam grudando nos dentes...

Ela me estendeu a barra, eu dei uma mordida, ela deu outra.

- O que é que está acontecendo, Celso?
- Eu acho que entrei num loop infinito, Bia.
- Como assim?
- Eu estou tendo o mesmo sonho uma vez atrás da outra...
- Eu também já tive isso, é massa, né?
- É...
- E como é esse sonho?
- É isso que está acontecendo agora...
- Hum?
- A gente vem pro cinema, começa a comer chocolate... eu tive esse mesmo sonho hoje à tarde...
- Celso, isso não é um sonho.
- Como é que você sabe?
- Deixa eu te dar um beliscão...
- Ai...
- Tá vendo?
- Isso não prova nada...
- Conta o resto.
- Você não vai acreditar...
- Conta assim mesmo.
- Começa eu dormindo... aí o telefone toca... é você, me chamando pro cinema...
- Humm.
- Eu pego a paratosa do Tino...
- Humm...
- Você está com essa mesma roupa, o botão de cima está desabotoado... e você está usando o mesmo perfume.
- Você está brincando, né?
- Eu falei que você não ia acreditar.
- O que mais?
- Tava tocando “Wire” no carro...
- Pronto, tá diferente.
- É...
- E depois?
- A gente senta no fundão, começa a comer chocolate... depois a gente fica com as mãos juntas...

- Assim?
- É... e depois eu lhe dou uns beijos no rosto... e depois na boca.
- De língua?
- Hum-hum...
- E depois?
- Depois... você não está acreditando em nada disso, né, Bia?
- Continue.
- Depois a gente está furunfando.
- Sei...
- E depois o telefone toca de novo, eu acordo... é Chico me chamando pro Mosca.
- Não!
- Eu contei pra eles também, e logo depois você chegou e me chamou pro cinema.
- Foi por isso que vocês estavam com aquela cara de quem tinham acabado de ver um fantasma.
- Foi.
- Isso é normal, Celso. Vocês estavam falando de mim ontem...
- Não desse jeito...
- Naquele dia que a gente tava conversando sobre as férias eu também tive um sonho desse tipo.
- Foi?
- Foi, eu não te contei senão você ia me dizer que eu não devia ter contado, ia ficar "traumatizado" de novo, a gente ia ter que resolver o trauma... ia ficar complicado.
- É... êpa, o sonho foi comigo?
- Foi.
- E rolou sexo?
- Hum-hum.
- Foi bom?
- No sonho sempre é bom, né, Celso?
- É... mas isso foi depois da nossa conversa, não antes, né, Bia?
- É, e o que me intriga são esses detalhes... a não ser que você esteja inventando tudo isso.
- Se você acha que é onda minha pergunte pros meninos.
- Nem precisa, eu vi a cara deles... será que tu es vidente, Celso?
- Tu sabes que eu não acredito nisso, Bia.
- Será que é o destino que quer que a gente fique junto?
- Tu sabes que eu não acredito em destino, Bia.
- Ou então enquanto tu sonhavas tu emitiste algum tipo de onda eletromagnética que foi captada pelo meu cérebro e que me fez vestir essa roupa, usar este perfume, te chamar pro cinema, comprar o chocolate...
- Eita ondinha poderosa da porra!
- Então como é que tu explicas isso, Celso?
- Eu entrei num loop infinito.
- E da outra vez a gente teve essa conversa?
- Não... mas eu acho que a cada ciclo a coisa fica mais complexa... eu devo estar pirando, sei lá.
- E aí, você vai me beijar ou não?
- Você quer que eu lhe beije?

- Você pode fazer o que você quiser, o sonho é seu.
- Bia!
- Há-há-há...
- Vamos ver o filme, que já tá começando.
- Tá bom, mas não vai ficar alisando minhas coxas, viu?
- Tá bom...
- Também não precisa soltar minha mão, Celso.

Depois que o filme acabou o papo continuou enquanto nos dirigíamos ao Tinomóvel:

- Você gostou do filme?
- Gostei...
- Não senti muita firmeza.
- Eu tava pensando no que a gente tava conversando antes...
- Sei...
- Se a gente tivesse namorando... o que a gente ia fazer agora?
- Eu não sei, Bia... o que você gostaria de fazer agora?
- Se a gente tivesse namorando?
- Não, independentemente desse detalhe.
- Esse detalhe muda muita coisa, Celso.
- Tá bom, o que você gostaria de fazer agora se a gente tivesse namorando?
- Humm... namorar?
- E o que você gostaria de fazer agora, dado que nós não estamos namorando?
- Vamos conversar... e aquela menina das férias, Celso?
- Ela me ligou ontem... tem futuro não...
- Já esqueceu da cara dela... da cara dela é feio, né?
- Horrível!
- Do rosto dela...
- Não, ainda não... mas você sabe como são essas coisas...
- Eu sei. Quem era aquela menina que tava outro dia no estacionamento do C?
- Uma alta de cabelo cacheado? Lucia, ela vai cantar com a gente no Encontro Musical.
- Não, uma baixinha de franja.
- Ah... Daniela...
- Já senti que aí tem coisa... há-há.
- Tinha... do verbo não tem mais. Era sobre isso que a gente tava conversando naquele dia.
- E a Lú, vocês já resolveram aquele assunto mal resolvido?
- Eu acho que não, Bia, mas eu não estou preocupado com isso não.
- E ela?
- Aparentemente está, mas eu também não estou preocupado com isso não, é tudo coisa do passado.
- Será que ela também pensa desta maneira, Celso?
- Aparentemente não, Bia, mas Maria Luiza é cheia de onda, tá ligada? Tipo não sabe direito o que quer, muda de idéia toda hora?
- Sei, mas eu acho que ainda gosta de você, Celso.
- Eu não sei...

- E ela não fica com ciúmes não? Afinal de contas você passa mais tempo comigo do que com ela.
- Eu acho que não, mas mesmo que ela fique não tem nada a ver, é tudo coisa do passado... você ficaria?
- Claro, imagina se eu ia deixar você passar esse tempo todo com outra menina... ainda mais te conhecendo como eu te conheço.
- Que besteira, Bia, a gente passa esse tempo todo junto mas ainda não aconteceu nada.
- Gostei do ainda, há-há.
- Você acha que vai acontecer?
- O que é que você acha?
- Se eu lhe chamasse, agora, você iria furunfar comigo?
- Isso é um convite ou uma pergunta?
- Pergunta.
- Eu não posso lhe responder este tipo de pergunta, Celso, você vai ter que me convidar se quiser saber a resposta, há-há.
- Há-há-há... você sabe que eu não posso fazer este tipo de convite, Bia.
- Por que não? Tem medo de ouvir um "não"?
- Não, claro que não... não seria a primeira vez...
- Ah... tem medo que eu aceite...
- Se você aceitasse eu ia ficar numa situação difícil, pois se a gente fosse mesmo você ia se amarrar, mas nunca mais ia confiar em mim, pois afinal de contas você acha que eu estaria traindo a Lú... o que, diga-se de passagem, não seria o caso, pois afinal de contas eu não tenho nada com ela.
- Sei...
- E se eu falasse que não queria mesmo ir você ia ficar com o orgulho ferido e nunca mais ia nem pensar nisso...
- Faz sentido.
- Se você me convidasse ia dar no mesmo...
- Exato, e você sabe que eu não ia fazer isso...
- Eu sei, você gosta de ser conquistada.
- Hum-hum...
- Esse problema só tem uma solução, Bia...
- Você não me convidar...
- Exato...
- Você acha que eu iria?
- Hoje? Eu sei que não...
- Como é que você sabe??
- Pelo seu olhar...
- Então essa conversa toda foi inútil...?
- Você acha que foi?
- Não... foi muito interessante...
- Eu também achei...

Entramos na paratosa, colocamos os cintos. Eu segurei a sua mão novamente:

- Bia, esse negócio é só curiosidade ou ainda tem uma tensão residual?

- Eu acho que são as 2 coisas, Celso.
- Você tá achando que é porque a gente tá passando muito tempo junto?
- Não é só isso... eu acho que a gente combina mesmo...
- Você acha que a gente ia dar certo, Bia?
- Não enquanto a Lú estivesse por perto... aquela menina tem poderes especiais, basta ela dar uma olhadinha e você derrete todo...
- Isso é verdade, mas você também deve ter seus poderes... eu apenas não os conheço... ainda.
- Gostei do ainda...
- Você sabe que eu vou ficar pensando nisso...
- Eu sei... eu também vou.
- Vamos encarar a animadíssima noite joseense?
- Vamos.

Ainda estava cedo quando voltamos pro H8, então decidimos passar no 132 pra ver como estava a galera.

- Já de volta, Celsão? Pensei que vocês só iam chegar de manhã.
- Que é isso, Tino? Foi só um cineminha entre amigos... brigado pela paratosa.
- Se bem que a gente passou o filme todo de mãos dadas... foi tão romântico, não foi, Celso?
- Foi lindo, Bia... e depois a gente foi comer pizza.
- Eu não entendo porque vocês não assumem logo isso... vai tomar uma bira, Celso?
- Não, Marta, obrigado... eu ainda estou de ressaca de ontem...
- E você, Bia?
- Eu vou querer sim, Camilo. Cadê o Renato?
- O coitado já capotou, pense num homem fraco!

Lá pelas 2:00 todo mundo decidiu dar a noite por encerrada.

- Vamos fazer algo amanhã de tarde, Celso?
- Vamos, eu pego a bicicleta biplace do 233 e a gente vai dar umas pedaladas depois do almoço.
- Combinado. Boa noite, Celso.
- Boa noite, Bia.

Eu estava sem sono mesmo, então dei um pulo no 323. Eu sabia que os seus distintos moradores ainda estariam acordados.

- Já de volta, Celso? Pensei que vocês só iam chegar de manhã.
- A gente chegou antes da meia noite... eu tava no 132, Sávio....
- Tu contaste pra ela?
- Contei... ela tá achando que eu sou vidente... esse vídeo é massa...
- Pode crer... e aí, rolou alguma coisa?
- Não, claro que não...
- Vocês tão falando de quem?
- Fica na tua, JD.

- Porra, Sávio, deixa o cara, velho... da Bia, JD, eu saí com ela hoje.
- Tá vendo como meus companheiros de apê me tratam, Celso?
- Só...
- Beatriz é muito gente boa, eu gosto muito dela, Celso.
- Eu também, JD.
- Ela é muito boa mesmo...
- Eu não tava falando disso, Sávio... tá vendo, Celso? Esses caras só pensam em sacanagem...
- Só... eles levam tudo por trás, há-há.
- Tu és um babaca mesmo, Celso.
- É, tu tiveste a chance de se dar bem com Bia e não fizeste porra nenhuma. Aquela gostosa...
- Porra, Sávio, se tu acha que Bia é tão maravilhosa assim vai lá e te agarra com ela, cacete.
- Se ela estivesse me dando mole eu iria...
- Ela não, afinal de contas eu já estou comprometido e fiel, que nem Chico.
- Eu **sou** comprometido e fiel, Sávio, existe uma sutil diferença entre os verbos ser e estar.
- Esse vídeo é massa...
- Pode crer...
- Esse vídeo já rolou antes... há-há-há...
- Há-há-há...
- Eita porra, há-há-há...
- O que foi?
- Foi a boréstia de ontem... tu perdeste, JD.
- Puta merda...
- Também, quem mandou ir barangar na cidade?
- Ninguém me avisou que ia rolar... tá vendo, Celso? Até isso esses caras mocam...
- Porra, JD, se tu achas que nós não estamos te tratando bem vai morar em outro lugar, cacete.
- Não é, esse viado reclama de tudo, meu.
- Pode crer...
- Tá vendo, Celso?
- Só... esse vídeo é massa...

Na quinta-feira seguinte eu estava despreocupadamente curtindo a ociosidade da minha tarde livre, quando inesperadamente encontrei minha informada amiga Maria Luiza no H8:

- Fez boa prova hoje, Celso?
- Fiz... esse semestre tá tão legal...
- Aproveita, o ano que vem vai ser diferente...
- Eu sei...
- E como está a nossa amiga Beatriz?
- Bem, eu acho... a gente foi pro cinema no sábado.
- Foi? Só vocês 2?
- Hum-hum... depois a gente foi comer pizza...
- Foi mesmo!?

- Foi massa, a gente bateu altos papos.
- E o que mais?
- No domingo a gente foi andar de bicicleta...
- Eu quero te falar uma coisa.
- Que coisa?
- Eu queria que você fosse pra Santos passar o feriado comigo, Celso.
- Eu já combinei de ir acampar com os meninos.
- Eu sei disso, mas...
- Mas...
- Eu queria passar este feriado contigo.
- Não vai dar, Lú, eu já combinei tudo com os meninos, Múcio vai me levar nuns points que eu ainda não conheço.
- Sei, você prefere ficar na farra com seus amigos...
- Rosele liberou Sávio, vai ser massa.
- Eu ainda lembro daquela estória da Semana Santa...
- Tudo lenda... eu sou um rapaz comportado... eu pelo menos nunca agarrei namorada de amigo meu...
- Você vai jogar isso na minha cara pro resto da vida, não é?
- É claro! Todo mundo pensa que você é a maior santinha, Lú, eu que levo a injusta fama de calhorda...
- Injusta...
- Pelo menos disso eu posso me orgulhar.
- Quero ver no dia em que você passar por isso...
- Jamais passarei por isso, jamais!
- E esse fim de semana?
- Que é que tem?
- Quer ir lá em casa, pegar onda com o meu irmão?
- Eu acho que vou estudar, semana que vem tem 2 provas...
- E depois do feriado?
- Provas e mais provas.
- Você vai pra casa na semaninha?
- Eu acho que não... eu tava pensando em ir pro Rio, passar uns dias com o meu tio... JA me convidou pra ir pra Jaconé...
- Ai como esse menino está requisitado...
- Podia ser depois da semaninha, Lú.
- Mas aí tem o Encontro...
- No fim de semana depois do Encontro...
- Tá bom...

Nas semanas seguintes eu entrei num ciclo de intenso gagá diário, só amenizava um pouco nos finais de semana, quando meus colegas do 228 não estavam por perto. Beatriz sempre estava por perto, e apesar dela também estar estudando muito nós sempre conseguíamos achar um tempinho para conversar, e mesmo sem querermos a indiscutível tensão residual que havia entre nós foi acumulando, assim feito num capacitor. Shruiu!!!

O feriado foi excelente, deu altas ondas. Múcio e eu descobrimos que existia uma considerável diferença entre as temperaturas da água das praias do Félix e de Itamambuca.

E também descobrimos que uma dieta à base de biscoito, leite condensado e goiabada podia ter conseqüências bem desagradáveis em pouquíssimo tempo.

No final de semana seguinte rolou um baileu da CV. Eu havia decidido não ir, pois estava sem saco para encarar o evento, mas na última hora Tino passou no meu quarto e me arrastou pro pré-baile do 132. Beatriz estava lá, e no instante em que nossos olhares se cruzaram eu me convenci de que aquela tensão residual teria que ser aliviada em breve.

Depois de algumas rodadas de caipiroskas dirigimo-nos ao H15. Assim que chegamos Camilo descolou uma baranguinha e sumiu da nossa vista. Eu fui ao bar pegar uma bira e encontrei com Valéria na fila. Nós começamos a conversar, mas fomos interrompidos por um par de desavisados que se aproximavam com uma indecente proposta:

- As meninas querem dançar?

Minha espirituosa amiga foi sutil na resposta:

- Não, obrigada, a gente vai dançar uma com a outra mesmo.

Quando eu virei o rosto um deles começou a rir, e o outro pediu desculpas:

- Foi mal, Celso, eu pensei que era uma menina.
- Deixa pra lá, Mário... eu já estou acostumado...

Eu voltei minha atenção para minha pentelha amiga Valéria:

- E então, faz tempo que a gente não bate um papo, né?
- É, Celso, como está a MEC?
- Esse semestre tá massa... não que o outro tenha sido ruim, mas foi mais trolha do que eu estava esperando.
- Eu lembro que a Cristina reclamou um bocado...
- E você?
- Eu estou adorando COMP, nossa! Era isso que eu queria mesmo.
- E a tua turma é legal?
- Demais, a mais pentelha sou eu mesma.
- Isso eu já imaginava...
- Olha... você veio com quem?
- Tino, Camilo, Renato...
- Marta, Bia...
- É... e você?
- Rosele, Chico, Múcio e os Sávios.
- Foi pra Caraguá no feriado?
- Fui, tava muito bom... os meninos estavam me contando o que aconteceu em Ubatuba...
- A juliana que bateu na galera?
- Exatamente...
- Foi terrível...

- Múcio falou que vocês surfaram...
- Foi... mas a água estava gelada na praia do Félix, a gente teve que sair rapidinho.
- A gente se vê, Celso.
- Té mais.

O conjunto estava fazendo um intervalo e eu parei para trocar umas figurinhas com o guitarrista:

- Grande Roberto...
- Fala, Celso... como estão as coisas?
- Tudo bem...
- O bailinho tá cheio, hem?
- Sempre lota quando vocês tocam... alguma novidade?
- Eu comprei uma 7... uma máquina, Celso.
- Massa, ponte fixa ou móvel?
- Fixa. Eu ainda estou me acostumando com o braço, é por isso que ela ainda está em casa.
- Só... bom, vou deixar você descansar um pouco, Roberto...
- Algum pedido especial hoje, Celso?
- Bem lembrado, tenho sim...

Quando re-encontrei meus amigos de farra Camilo já estava de volta ao grupo.

- O que foi que houve, Camilo? A baranguinha cagou pra ti?
- A rapariga da irmã dela quis ir embora... faz mal não, ainda temos muito tempo para remediar esta situação, não é, Tino?
- Pode crer, velho.
- Grande Tino, quem te viu quem te vê...
- O cara nem gostava de baile, agora está solto na buraqueira, azarando as gatinhas joseenses... a-há.
- Aprendi contigo, Celsão... a-há.
- Comigo não, velho, eu tenho um nome a zerar.
- Eu fico admirável com isso!
- Eu fico incrível!
- Vocês estão falando muita merda hoje...
- Pense numa mulher regulona, essa Marta...
- Beatriz está tão quietinha... o que foi que houve, fofa?
- Nada não, Renato...
- Isso é paixão roxa...
- Eu também acho, Marta, só não faço idéia por quem é... hein, Celsão? A-há.
- Ninguém entende essa nossa amizade, Bia...
- Às vezes nem eu entendo, Celso...
- Shruiu!
- É hoje!
- Bia, você agora deixou a bola quicando na pequena área... eu vou ter que chutar a gol...

Antes que alguém pudesse colocar mais lenha na fogueira o conjunto deu sinais de que estava acabando o intervalo. Nossa atenção voltou-se para o "crooner".

- **Boa noite, São José! É sempre um enorme prazer para nós vir tocar aqui nos bailes do ITA!**

Todo mundo bateu palmas, teve gente que assoviou. Camilo foi um pouco mais entusiasta:

- Gostoso!

Mais uma vez todos se manifestaram animadamente. O baterista deu uma virada e o companheiro dele continuou:

- **Muito obrigado! Nós agora vamos tocar "Stay", do U2, que é dedicada para a Beatriz, do segundo ano do ITA.**

Os singelos comentários foram instantâneos:

- Esse Celsão é cheio de chinfra... a-há.
- Ai que romântico, Renato, você bem que podia fazer uma coisa dessas pra mim também.
- Deixa de frescura, mulher...
- Pense num homem grosso... vamos dançar...
- Tino, eu acho melhor a gente se mandar daqui e descolar umas baranguinhas.
- Pode crer, Camilo, vamos néussa.

Bia ficou balançando a cabeça, negativamente, mas sorriu satisfeita. Eu estendi a destra e convidei-a:

- A senhorita gostaria de dançar?

Ela segurou minha mão e nos deslocamos para o centro do salão. Eu estremeci todinho quando ela encostou seu rosto ao meu, parecia até que eu estava levando um choque. Ela permaneceu calada por alguns instantes, mas depois iniciou uma interessante conversação:

- O que é que nós estamos fazendo, Celso?
- Dançando...
- Por que é que você fez aquilo?
- Pra você sentir-se bem...
- Não precisava, você sabe que eu me sinto bem toda vez que nós estamos juntos...
- Eu sei... eu também...
- Mas obrigada assim mesmo...
- Não há de quê, Beatriz...
- Isso vai dar uma confusão quando a Lú ficar sabendo...
- Você sabe que eu não tenho nada com ela, Bia.
- Você tem uma coisa mal resolvida com ela, Celso...
- A gente não está fazendo nada demais...

- Não... ainda não...

Eu afastei meu rosto por um instante e olhei nos seus olhos:

- Você acha que vai acontecer alguma coisa?
- Não se a gente não quiser que aconteça...
- Você quer que aconteça, Bia?
- O que é que você acha?

Encostei meu rosto novamente ao dela, apertei-a mais firmemente:

- Bia, eu acho que eu estou morrendo de vontade...
- Eu também estou...
- Eu sei... você está com “aquele” olhar.
- Eu sabia que você ia perceber...
- Eu acho até que hoje você trairia seus princípios para ficar comigo...
- Eu também acho que sim...
- Mas amanhã você provavelmente ia acordar com a consciência pesada...
- Provavelmente...
- E muito provavelmente não iria passar outra noite comigo...
- Muito provavelmente... mas teria valido a pena...
- Com certeza... mas se a gente vai mesmo fazer isso eu não quero que seja 1 vez apenas...
- Nem eu... a gente já esperou tanto tempo, né? Pode esperar mais um pouco... até você resolver esta coisa mal resolvida com a Maria Luiza.
- Eu também acho... tipo até depois da semaninha... você vai estar bronzeadinha, vai ficar com marquinha do biquíni... humm...
- Você também vai estar bronzeado... humm...
- E a trilha sonora, Bia?
- Eu confio no seu bom gosto... mas eu quero umas músicas pra gente dançar antes...
- Feito a gente tá dançando agora?
- É... só pra esquentar...
- E a gente vai dançar de roupa ou sem roupa?
- Primeiro de roupa... depois a gente tira tudo... bem devagar...
- Humm...
- Hum-hum...
- Eu acho que eu vou dar uma mordidinha no seu pescoço, Bia...
- Só no pescoço? Eu quero que você me morda toda, Celso...
- Não... agora...
- Agora?!
- É... ninguém vai ver nada mesmo...
- Humm... pára...
- Tá bom... só mais umazinha...
- Eu fiquei toda arrepiada... pra não dizer outra coisa...
- E depois, Bia?
- Depois? Depois eu vou querer aqueles kits todos...
- Todos? Inclusive o básico “plus”?

- Principalmente...
- Se você falar mais um pouquinho não vai nem precisar a gente fazer nada...
- Humm... vai ser tão bom, Celso...
- Com certeza...
- Celso... deixa eu te pedir uma coisa...
- “Pida”...
- Se por um motivo M qualquer a gente decidir não ficar junto, eu quero continuar a ser sua amiga.
- Claro, Bia, não tem nada a ver uma coisa com a outra.
- E se a gente ficar junto mesmo eu quero que você seja honesto comigo.
- Honesto...
- É... eu não quero que você fique me passando pra trás...
- Claro que não, Bia, eu vou ser honesto com você... eu **sou** um cara honesto.
- Você não está sendo muito honesto com a Lú, Celso... não hoje. E nem adianta me dizer que você não tem nada com ela, porque na minha cabeça você tem.

Aquilo foi um claro sinal de que aquela menina era muito mais complicada do que eu havia imaginado, mas na hora eu nem percebi, estava pensando em outras coisas. Uma pena, pois eu poderia ter evitado uma tuia de confusão se eu tivesse percebido aquele importantíssimo detalhe.

- Mesmo se tivesse, a gente só está dançando, conversando, não rolou traição nenhuma.
- Dançar desse jeito no meu dicionário já é traição, Celso.
- Então como é a sensação de ser “a outra”?
- Uma merda... mas tá tão gostoso...
- Vamos sair daqui?
- Vamos.

Na segunda-feira seguinte, durante a aula de MecFlu, a turminha do fundão começou a fazer comentários sobre o baile do sábado:

- Como foi o bailão, K-Zé?
- Foi bom, Tina... até Juliano estava lá, com a namoradinha...
- Ainda é a mesma, Juliano?
- Claro, eu sou um rapaz emocionalmente estável... ao contrário de certos amigos nossos...
- Hum, de quem é que ele está falando, Celso?
- Eu não faço a menor idéia, Cristina.
- Sei...
- Pelo que eu vi não aconteceu nada demais, Cristina, Celso estava apenas dançando com a menina.
- Obrigado, K-Zé.
- Eu acho que rolou algo depois, Tina.
- Tu viu alguma coisa, Juliano?
- Não...
- Então para de falar besteira.

Na hora do almoço. Moreira, Valéria, Chico e os Sávios sentaram conosco, e o papo voltou à tona:

- Não vai sentar com a namoradinha, Celso?
- Que namoradinha, Chico?
- Eu acho que ele estava falando da Bia...
- Bia e eu somos apenas bons amigos, Sávio...
- Celso! Você disse que não aconteceu nada!
- E não aconteceu mesmo, Tina... Valéria tava lá, ela viu que a gente tava apenas dançando, do mesmo modo que eu danço com você, ou com ela.
- Nós nunca dançamos daquele jeito, Celso... se algum dia eu tiver dançando com você do jeito que a Beatriz estava, e eu tenho certeza de que isto nunca vai acontecer, pode estar certo de que vai rolar algo mais.
- Esse cara tá demais, gente, até a Valéria está a fim de algo mais com ele...
- Não foi isso que eu disse, Chico.
- Sei não, Celso...
- Tina, não aconteceu nada... Moreira, me ajuda, velho.
- Eles estavam apenas dançando, Cristina, mas estavam bem coladinhos, não passava nem raio laser ensaboado entre eles, há-há.
- Grande ajuda...
- Isso sem falar que logo depois eles sumiram...
- Obrigado, Sávio...
- É por isso que eu evito essas situações, pra ninguém ficar falando nada depois... e também para não ter que passar pela tentação...
- Não há mérito nenhum em evitar as tentações, Chico... o mérito está em encará-las de frente, e resistí-las...
- Então você já está admitindo que rolou pelo menos um clima, Celso.
- Não foi isso que eu disse, Tina, eu reconheço que rolou um climazinho, mas não aconteceu nada.
- Se você diz que não aconteceu nada eu acredito em você, Celso.
- Obrigado, Tina, é bom saber que eu ainda tenho amigos nesta mesa... e como vai o nosso amigo André, tudo bem com vocês?
- Tudo maravilhosamente bem, Celso.
- Massa...

O assunto morreu, pelo menos momentaneamente. A semana seguiu seu previsível curso, repleta de labs, séries e provas, e o final de semana seguinte também seguiu seu previsível curso, repleto de entediantes momentos no 228.

E na segunda-feira seguinte eu constatei que minha solidária Cristina estava chateada, quando ela veio falar comigo no intervalo das 10. Algo no seu triste olhar me dizia que o seu final de semana não havia sido dos melhores. Eu suspeitei o motivo, e fiz uma sutil abordagem:

- Como anda o nosso amigo André, Tina?
- Eu espero que ele esteja bem...
- Não vai me dizer que vocês 2...

- Hum-hum...
- Que pena... não que seja da minha conta, Cristina, eu só achei que você estava tão ligadinha dessa vez...
- Eu estava mesmo, foi foda.
- Posso saber o que aconteceu?
- Claro... você ainda é o meu melhor amigo, Celso.
- Gostei do ainda, a recíproca é verdadeira.
- E a Bia?
- Beatriz é uma grande amiga, Tina, eu gosto muito dela.
- Eu sei disso... eu e o resto do H8...
- Eu acho que a gente tava falando de você...
- É verdade... não foi nada demais, nós apenas chegamos à conclusão de que tínhamos diferentes expectativas em relação a certos assuntos mais... íntimos...
- Sei... isso está me cheirando a sexo...
- Exato...
- Eu não sei não, Tina... não me leve a mal, eu não tenho nada a ver com isso, mas eu acho que vai ser difícil você encontrar um cara mais decente que o André... você está esperando o quê?
- E quem foi que disse que eu é quem queria esperar, Celso?
- Ah... putz... foi mal...
- Deixa pra lá, caga...
- Você não ficou complexada por causa disso não, né?
- O que é que você acha??
- Tina, eu lhe garanto que não tem nada de errado com você, e que logo logo você vai conhecer alguém tão ou mais decente que ele...
- Engraçado, não faz nem 1 min que você falou exatamente o contrário...
- Eu sei, mas...
- Mas...
- Eu conheço uma tuia de cara doido pra namorar contigo, Tina...
- Pelo que eu me lembro você disso que era tudo calhorda...
- Eu exagerei um pouco, tem uma meia dúzia duns 3 ou 4 que são decentes...
- 3 ou 4...
- Uns 2 ou 3... pelo menos...
- 2 ou 3...
- Eu acho que a aula já vai começar, Tina...

Eu não havia ajudado muito, na verdade eu achei que tinha piorado as coisas. Mas naquela mesma tarde, depois do lab de TransCal, eu tentei novamente inflar seu abalado ego:

- Tina, o que eu estava querendo dizer de manhã é que você é uma menina muito interessante, bonita, inteligente, carinhosa...
- Você me acha bonita, Celso?
- Claro! Todo mundo que eu conheço também acha.
- Sei...
- E mesmo se não fosse, o que não é o caso, homem se amarra em mulher inteligente e charmosa feito você...
- Que conversa, Celso, homem gosta é de mulher do peito e da bunda grande.

- Homem superficial e imaturo... assim feito eu, há-há. Mas você merece coisa melhor que isso, Tina.
- Tá bom... valeu a intenção, Celso. Você vai pra casa na semaninha?
- Não... minhas finanças estão um tanto quanto abaladas...
- Quer ir lá pra casa?
- Eu não!
- Por que não?
- Você não acha que ia ficar esquisito eu aparecer na sua casa agora? Afinal de contas você acabou de acabar um namoro.
- Que besteira, minha mãe vive perguntando por você, Celso, meu pai também...
- Além disso eu já combinei de ir pra casa do meu tio no Rio. Bebeto vai comigo.
- Eu não acredito que você vai passar 9 dias com aquele pentelhão.
- No fundo, bem no fundo mesmo, ele é uma boa pessoa.
- Sei... bom, pelo menos você vai estar pagando alguns dos seus muitos pecados...

Aquela semana passou rápido, as provas e séries e relatórios comeram todo o meu tempo. Na quinta-feira eu encontrei Beatriz depois do jantar, na saída do H15, e nós conversamos um pouco no caminho de volta pro H8:

- Tem visto a Lú, Celso?
- Eu falei com ela outro dia, ela estava animada, falando sobre o estágio, disse que provavelmente vai ser contratada.
- Massa... ela não falou nada sobre o assunto mal resolvido?
- Não, eu acho que ela finalmente resolveu deixar este assunto de lado.
- Eu espero que não tenha sido por minha causa, Celso.
- Não foi, Bia, foi porque chegou a hora mesmo, eu acho.
- Legal...
- Eu só me arrependo de não ter ficado com você naquela noite do baile, as condições estavam perfeitas... até a Lua estava na fase ideal...
- A Lua estará na mesma fase no final de semana depois da semaninha, Celso...
- É verdade.
- E outras condições de contorno também...
- Shruiu!
- Se você ainda estiver disposto...
- É claro que eu estarei, Bia... a não ser que você tenha desistido da idéia.
- Eu só falei aquilo por causa da Lú... mas agora não tem mais empecilho algum...
- Eu espero que não.

Na sexta-feira Bebeto, JA e eu nos mandamos pro Rio. Foi a primeira, e última, semaninha que eu passei longe de casa, mas foi muito boa. Depois de alguns dias no Rio fomos passar um tempo em Jaconé, na casa de JA, e eu peguei umas ondas espertíssimas em Saquarema.

Eu voltei pro H8 completamente desopilado, e na segunda-feira já estava ensaiando para o Encontro Musical. CIB, Beto, Bruno e eu decidimos tocar algo dos Foo Fighters, e "I'll stick around" foi a opção mais votada. Nós estávamos tão inspirados que depois de apenas 3 passadas a execução ficou redonda.

Estava na hora de escolher uma segunda música, e a minha proposta foi aceita por todos. Em pouco tempo conseguimos executá-la a contento, e Beto sugeriu uma coisa um pouquinho mais pesada para dar seqüência. Bruno, no entanto, levantou-se e explicou-nos sua restrição para acompanhar-nos:

- Pessoal, eu estou meio sem tempo pra ensaiar mais que isso. Eu sugiro vocês falarem com o Medeiros.
- Tem erro não, Bruno, a gente acerta com ele.

E assim que eu terminei aquela frase a solução dos nossos problemas entrou no recinto. Eu olhei pro seu rosto e sorri amigavelmente. Fazia um tempão desde a última vez em que nós 2 estivéramos juntos na sala de música, mas naquela noite não havia mais tensão alguma, apenas satisfação compartilhada por 2 amigos que possuíam interesses comuns, coisa bastante costumeira entre amigos. CIB foi rápido no planejamento do rearranjo instrumental:

- Você chegou na hora certa, Lídia. Beto, passa o baixo pra ela e vai pra batera.

Ela sorriu, tirou a palheta do bolso da calça e pegou o instrumento:

- A gente vai tocar o quê?
- Alice acorrentada, eu sugeri começarmos com “Them bones”.
- Ótima escolha, Beto. Que tal “Rooster” depois?
- Boa idéia, Lídia. Alguma outra sugestão, Celso?
- Que tal “Man in the box”?
- Boa pedida, Celso, mas eu acho que seria melhor deixar “Rooster” por último.
- Eu também acho.

Aquela noite foi extremamente produtiva, e na noite seguinte nós 4 passamos a seqüência novamente e depois chamamos Medeiros para acompanhar-nos em outra empreitada musical. Ele amarelou um pouco, mas recuperou a coragem depois do nosso incentivo coletivo:

- Tá bom, se vocês acham que eu vou conseguir tocar Led Zeppelin eu topo.
- Beleza, agora só falta escolher as músicas. Eu proponho começar com “Custard pie”.
- Sei não, Celso, eu acho que “Black dog” ficaria melhor de primeira.
- E você acha que eu vou conseguir cantar essa música, Beto?
- Como não, CIB? Tu consegues cantar qualquer música.
- Não é bem assim não, meu caro.

Continuamos a infrutífera discussão até que Lídia apresentou-nos a solução do problema:

- Eu acho que “Your time is gonna come” ia ser ideal. Beto podia fazer a introdução no DX-7 do Shimano.
- Excelente idéia, Lídia.
- Vai ficar muito massa, Celso, eu vou lá no 239 pegar o teclado.

Em breve Beto estava de volta, e após ligeiras discussões grupais ele improvisou um arranjo que agradou a todos. Passamos o resto daquela sessão tentando sincronizar todas as partes, mas o resultado só ficou bom mesmo na noite seguinte.

Na quinta Grego e banda apareceram para o último ensaio. Lucia estava visivelmente ansiosa, e apesar de insistirmos que estava tudo perfeito ela ainda estava achando que precisava de mais tempo. Grego tentou por um fim à sua insegurança:

- Lucia, minha querida, nem a Marina cantaria melhor que você, está super hiper extra bom demais pra cacete.

O que ele queria mesmo é que ela fosse embora e nós pudéssemos ensaiar com CIB. Eu notei a sua jogada e sutilmente arrastei-a para fora da sala de música e reforcei as palavras do meu astuto amigo:

- Lucia, Grego tem razão, está tudo perfeito. Eu quero que você fique bem calma que vai dar tudo certo.
- Você acha mesmo, Celso?
- Claro que sim, e não se esqueça da produção, viu?
- Pode deixar que eu vou arrasar, vou ficar linda.
- Você já é linda, Lucia.

Ela finalmente aparentou um pouco de tranqüilidade, demonstrada pelo retorno do seu senso de humor:

- Você vai dedicar a música para alguém, Celso?
- Humm... pra você?
- Pra mim não vale, eu vou estar cantando, já esqueceu?
- Ah, é mesmo...
- E alem disso você sabe que eu sou leonina.
- Eu sei...
- Qual é o problema, não conhece nenhuma...
- Não é isso, é que esse negócio de dedicar música dá uma confusão da porra.
- Tá bom então... a gente se vê no sábado, minha mãe vai fazer feijoada.
- Hummm... estarei lá meio dia, em ponto.

Tão logo Lucia saiu Beto e CIB chegaram, e nós começamos a ensaiar a música que eu gostaria de dedicar para uma certa pessoa, mas obviamente que não o fiz. Pelo menos verbalmente, visualmente a estória foi outra.

Na noite seguinte nós ensaiamos novamente e depois ficamos no Mosca biritando. Lá pelas 10:00 Camilo, Tino, Renato, Marta e Bia apareceram na área. Depois de algumas festivas rodadas, muitas lorotas a respeito da semaninha, e alguns comentários aleatórios sobre nossos ensaios o grupo começou a dispersar-se, e eu tentei engajar numa conversação mais dirigida com Beatriz. Disse-lhe que estava ensaiando uma “surpresinha” que ela ia gostar muito de ouvir no Encontro Musical. Ela, no entanto, escapou pela tangente, disse que estava exausta e que iria dormir cedo. No sábado eu liguei algumas vezes para ela, mas não

consegui encontrá-la. O fim de semana passou e nós não nos falamos mais. Eu comecei a achar que havia algo de esquisito no ar.

Mas nem tive muito tempo de pensar muito a respeito, pois estava bastante ocupado com as preparações para o grande evento da semana. Os dias passaram rapidamente, e antes que eu pudesse me preparar física e psicologicamente chegou a hora de encarar o público.

Eu nunca gostava de abrir as apresentações, mas foi o que aconteceu na segunda noite daquele Encontro Musical. A noite anterior havia sido excelente, sem incidentes, e as expectativas estavam elevadas. O Auditório Francisco Lacaz Netto estava lotado, eu já havia aprendido a controlar a costumeira ansiedade antes de subir ao palco, mas daquela vez foi diferente, pois pela primeira vez eu estava liderando a produção do Encontro. Rai estava confiante de que eu estava pronto para tal e ficou "apenas prestando apoio logístico", segundo suas próprias palavras. A ausência de Adriano no controle da iluminação também não estava me ajudando em nada.

Ainda bem que eu havia convidado Lorena para o elenco de apresentadores. Ouvir sua linda voz falar meu nome me deu o necessário impulso para encarar a realidade:

- **Boa noite senhoras e senhores. Gostaríamos de convidar uma banda bastante eclética para dar inicio ao show desta noite. Grego, da Pós, na guitarra e vocal, Pedro Paulo, da Pós, no teclado, CIB, do terceiro ELE, no vocal, Celso, do primeiro MEC, na guitarra, Beto, do primeiro ano do Fundamental, no baixo e vocal, e o profes   , da INFRA, na bateria.**

Aparentemente ela não percebeu que o microfone havia falhado, mas foi compulsoriamente perdoada. Assumimos nossas posições, demos uma rápida checada nos instrumentos e acenamos positivamente para o nosso vocalista, que foi breve na saudação ao público:

- **Boa noite! Nós vamos tocar "Só o Fim", do Camisa de Vênus.**

Eu passei aqueles 4,5 minutos encarando uma certa pessoa que estava sentada na terceira fila, ela também não tirou os olhos de mim, mas ficou completamente impassível, apenas sorriu levemente quando acabamos a música, como que querendo me mostrar que sabia o que eu estava pensando.

Eu não tive muito tempo para elocubrar a respeito, pois logos que as palmas pararam de ressoar no recinto CIB agradeceu e anunciou a seqüência:

- **Muito obrigado, a próxima música que a gente vai tocar é "Crying in the rain", do Whitesnake.**

A eletrizante execução daquele clássico exigia-me elevada concentração, de modo que eu abstive-me do penetrante efeito daquele olhar cor de mel. Mas mesmo sem querer eu percebi que havia outros olhares igualmente interessantes convergindo em nossa direção. Grego e eu estávamos atraindo a atenção de várias moçoilas com nossas estripulias nas

guitarras. Sem falar na presença de palco e prima voz do CIB, que sempre arrasava os corações das mais desavisadas. Quando acabamos a ovação foi espetacular.

Beto e CIB saíram do palco, eu peguei o baixo e Grego convidou Lucia, o colombiano da Pós e as meninas do IAE para a música seguinte. E foi nesse momento que eu me dei conta de que provavelmente havia cometido um grave erro na programação da seqüência musical. Lucia aparentemente ainda estava atordoada com a performance vocal de CIB, e me olhou com uma cara de quem estava precisando de uma dose cavalar de apoio moral. Eu cheguei perto dela e cochichei ao seu ouvido:

- Vai dar tudo certo, Lucia, vai por mim.

Ela nem teve tempo de revidar, pois Grego logo anunciou ao microfone:

- **Pessoal, agora nós vamos tocar algo um pouco mais leve para vocês: "Virgem", da Marina**.

Minhas apreensões tinham sido em vão, Lucia ficou concentradissima e o resultado foi brilhante. Saímos do palco felizes e realizados.

Na seqüência Lorena convidou Beto, Regi e Lídia, que atacaram com 2 canções do The Offspring, "Gone Away" e "The Kids Aren't Allright". Eu fiquei assistindo na mesa de som, bem no gargarejo, enquanto checava a afinação da guitarra, pois Lídia iria usá-la na música seguinte. Eles acabaram a segunda música, ela passou o baixo para Beto e veio pegar a Tele comigo. Ela fez as necessárias conexões e falou ao microfone:

- **Agora nós vamos tocar "Precious", do Pretenders.**

Eu não me cansava de admirar a sincronização deles 3, a naturalidade com que eles tocavam. Peixoto também ficou maravilhado com eles:

- Esse pessoal toca bem, Celso.
- E como...
- E olha que eles ainda têm mais 4 anos para se entrosar mais ainda...

Isso era o que ele achava, e eu também, mas aquela foi a última vez que eles 3 tocaram juntos em público. Quando eles acabaram CIB e eu voltamos ao palco para a execução de 3 músicas com Beto e Lídia.

Execução foi mesmo o que aconteceu. Beto foi para a batera, Lídia pegou o baixo, CIB e eu nas guitarras. Naquela altura do campeonato CIB já estava mais desinibido, depois de ajustar tudo brincou um pouco com a platéia:

- **Oi nós aqui travêis...**

... que brincou de volta:

- Lindo!
- Saboroso!

Ele sorriu e explicou o que estava para acontecer:

- **Nós vamos tocar, ou melhor, tentar tocar, algumas músicas do Alice in Chains. A primeira é "Them bones".**

Beto e CIB fizeram as partes vocais com perfeição. CIB fez a primeira parte do solo, eu fiz a segunda, ambas a contento. Tinha tanta adrenalina fluindo naquele palco que quando a música acabou não conseguimos nem fazer intervalo, emendamos direto com "Man in the box".

E mais uma vez eles revezaram as harmonias vocais de uma maneira brilhante. E mais uma vez CIB e eu compartilhamos as diferentes partes do solo, a contento. No final estávamos tão contentes que sorríamos à toa. Mas o melhor ainda estava por vir. Depois dos esfuziantes aplausos nosso "frontman" agradeceu:

- **Muito obrigado. E para finalizar nossa apresentação, "Rooster".**

Lídia e CIB começaram a tocar seus instrumentos. Uma intensa expectativa começou a invadir minha mente enquanto eu aguardava o momento de executar minha nota inicial, mas ela logo se dissipou quando Beto e Lídia iniciaram a vocalização de apoio. CIB adicionou sua voz às deles, e o universo ficou perfeito por alguns instantes. Tentar descrever o que nós sentimos durante aquela apresentação seria um extremo exercício de futilidade, mas quem estava presente naquela noite provavelmente teve uma boa idéia do que se passou conosco, pois após o acorde final ficamos com aquela cara de quem havia acabado de tirar <u>L+*</u> num exame de Controle.

Enquanto Altinho, Cabeça, Shimano e Medeiros preparavam-se para tocar "Lucky man" eu saí para tomar um pouco de ar e água. Eu estava tão feliz, revivendo os momentos ainda frescos na memória, que nem percebi que alguém se aproximava. Eu caí do transe quando ela falou meu nome:

- Celso...

Eu não consegui falar nada, mas encarei seu penetrante olhar. Ela estava linda, os cabelos soltos, artificialmente cacheados, caindo sobre o rosto. Ia ser difícil, mas eu ia ter que resistir.

- Eu preciso falar com você, Celso.
- Pode falar, Lú...
- É sobre esta coisa mal resolvida entre nós... essa tensão...
- Sei...
- Você vai querer ficar assim, pro resto da vida?
- A gente já conversou tanto sobre este assunto, Lú.

Ela ignorou o meu comentário padrão e partiu para a ofensiva:

- Celso, você sabe que eu gosto de você... muito... e você sabe que você gosta de mim.
- ...
- Eu te amo, Celso...
- Lú...
- E eu quero ficar com você pro resto da vida.

Ela sorriu, olhou pros lados, sorriu de novo. Eu permaneci sério, tentando agir como se aquilo não estivesse me afetando nem um pouco.

- Você não vai falar nada?
- Vou, Maria Luiza...
- Eu estou esperando...
- Você tem razão... eu sei que eu ainda gosto de você... mas isso vai passar.
- Hum?
- Em breve, creio eu.
- Celso...
- Lú, não adianta a gente se iludir, isso nunca vai dar certo, você sabe disso tão bem quanto eu.
- Eu não acho...
- Agora não importa mais...

Eu achei melhor não finalizar a frase, mas ela entendeu o que eu quis dizer. E resolveu mudar de tática:

- Então tá, a gente conversa melhor outra hora.
- Não, Lú, esse assunto encerra aqui, agora.
- Você está falando sério, Celso?
- Estou, Lú... eu acho que a gente devia tentar ser apenas bons amigos... acabar com essa tensão entre a gente... você vai embora no fim do ano e eu não queria guardar um lembrança negativa a seu respeito.
- Isso tudo é por causa da Bia, não é, Celso?
- Não, Lú, isso é porque eu acho que não tem mais nada a ver...

Eu acho que fui um pouco duro demais com ela, mas na hora eu não pude evitar. No auditório Cabeça começava a tocar os primeiros acordes de "Mr. Jones", o que me fez lembrar que eu teria que voltar ao palco logo em seguida. Eu tentei finalizar o drama:

- Lú, você é uma pessoa ótima, eu gosto muito de você... eu apenas tenho a convicção de que nos não fomos feitos um para o outro.
- ...
- Eu queria, eu quero ser seu amigo. Eu quero que no ano que vem, quando você vier para o Sábado das Origens, a gente possa sentar e conversar e ficar lembrando de tudo que aconteceu com a gente, assim, na boa, sem traumas, sem neuras... você não deseja isso também?

- Não, Celso, eu quero mais que isso... eu quero ficar aqui em São José, eu quero ter o meu cantinho, eu quero que você venha passar os fins de semana comigo, eu quero te levar pra Ubatuba... eu te amo, porra! Você não entende isso??

Eu percebi que aquela conversa não ia acabar assim tão fácil, mas o dever me chamava, e eu tive que apelar:

- É claro que eu entendo, Lú... você tem razão, a gente conversa melhor outra hora, tá bom?
- Tá...
- Eu tenho que ir...

Nós voltamos para o auditório a tempo de presenciar a elegante introdução que Lorena fazia:

- **Senhoras e senhores, mais uma vez gostaríamos de convidar umas figurinhas carimbadas da nossa comunidade... Medeiros, bateria, CIB, vocal, Celso, guitarra, Beto, teclado, guitarra e vocal, e Lídia, baixo e vocal... que vão tocar 2 músicas do Led Zeppelin, "Your time is gonna come" e "What is and what should never be".**

E para aquela especialíssima ocasião eu disponha de uma especialíssima arma: a Gibson Les Paul Classic Premium Plus de Renata, que tinha feito questão de me emprestar, segundo as palavras dela, "para dar mais autenticidade ao evento".

Eu ficava feliz só de olhar aquela obra de arte. Tocar aquela guitarra me transportava para uma outra dimensão, na qual não fazia a menor diferença se Maria Luiza existia ou deixava de existir, e onde provas, labs e séries eram conceitos distantes, imaginários. Mas o sonho durou pouco, em menos de 15 min eu tive que recolocá-la no estojo e empunhar minha gloriosa Tele para tocar as 2 canções seguintes. CIB anunciou a reformulação do grupo:

- **Nós agora vamos convidar o Ten. Bruno, pesquisador do IAE, para tocar bateria conosco, Beto vai tocar baixo, eu vou enrolar na guitarra novamente... e eu prometo que depois destas músicas eu vou sumir deste palco... pelo menos até o ano que vem.**

"I'll stick around" ficou perfeita, CIB e Beto arrasaram nos vocais. A música seguinte também ficou boa, e eu esperei que fosse causar um certo efeito numa certa "amiga" que eu estava tentando transicionar para um estágio mais avançado de relacionamento.

Outros colegas, professores e funcionários do ITA se apresentaram, eu voltei mais uma derradeira vez ao palco para tocar "Lit up" com Patão e Medeiros, e a noite encerrou com Louro, Beto, Shimano e Farias, com a costumeira participação especial de Peixoto, Daniel e Dido nos metais, executando várias peças de jazz.

Eu sinceramente fiquei aliviado quando tudo acabou. Meu conselheiro me parabenizou pela realização do evento e pelas performances, meus colegas de apê me falaram que aquele

havia sido o melhor Encontro Musical que eles já haviam visto... eu só fiquei desejando que Adriano e Valmir estivessem presentes para compartilharmos aquele êxito.

Nós fomos celebrar numa das tantas pizzarias da cidade. Havia umas 20 pessoas, entre professores e colegas, mas a pessoa que eu queria que lá estivesse havia declinado meu convite, disse que ia dormir cedo.

Cristina sentou-se ao meu lado. Regi, Beto e Lídia estavam junto da gente. Eles ainda estavam bastante exaltados, não conseguiam nem parar de sorrir. Nós conversamos um bocado sobre o show e sobre a motivação que todos nós sentíamos para fazer daquele tradicional evento um acontecimento único da nossa comunidade:

- Celso, quem foi que inventou o Encontro Musical?
- Eu não sei, Lídia... você sabe quem foi, Lú?
- Não, ninguém sabe.
- Mas foi uma ótima idéia!
- Concordo com você, Beto.
- Eu queria conhecer o cara que inventou a velva...
- Por que, Regi?
- Pra dar umas porradas nele, hé-hé.

Nós passamos o resto da noite divagando sobres as curiosas tradições iteanas, e quando o lugar esvaziou nós resolvemos voltar pro H8.

Aquele final de noite foi deveras agradável, mas logo que chegamos no estacionamento do A eu lembrei de que ainda havia uma desagradável conversa a ser finalizada. Maria Luiza não ia perder aquela chance para voltar à ofensiva. Eu apenas esperei que todos fossem para seus aposentos e dei o pontapé inicial:

- Você quer continuar aquela conversa agora, Lú?
- Quero... aonde foi mesmo que nós paramos?
- Você tava me dizendo que queria me levar pra Ubachuva...
- Ubatuba... quantas lembranças boas daquele lugar...
- É verdade...
- Eu não estava me referindo à Semana Santa, Celso.

Ela estava certa de que iria conseguir me dobrar com aquele sorriso do canto dos lábios, mas eu estava decidido a resistir bravamente:

- Nem eu... tá vendo, era disso que eu tava falando, Lú, a gente tem um monte de memórias agradáveis...
- E podemos ter muitas mais, Celso.
- Claro que sim... grandes amigos sempre têm bons momentos para guardar.

Ela não gostou muito da minha abordagem, mas eu achei que a minha expressão demonstrava uma certa firmeza. A dela demonstrava uma certa melancolia incontida.

- Você tem certeza de que é isso que você quer, Celso?
- Tenho, Lú, vai ser melhor pra nós 2, você vai ver.
- Tá bom... eu não quero ficar sem você... eu gosto muito de você, muito mesmo... mas se você acha que vai ser mais feliz sem mim eu vou respeitar a sua vontade.

Ela estava visivelmente triste. Linda e triste. Eu passei a mão no seu rosto, nos seus cabelos. Nós demos um longo beijo de despedida, ela ainda não acreditava que aquilo estava acontecendo:

- Se você por acaso mudar de idéia me avise, você sabe onde eu moro...

A Cidade E Os Campos

Sexta-feira, para muitos, era o melhor dia da semana, o dia de voltar para casa. Para mim era apenas um dia em que eu não me preocupava com a hora de dormir, e aquele simples detalhe era o suficiente para trazer uma alegria toda especial, que ficava nitidamente estampada na minha cara logo que eu terminava o café da manhã. E foi com um sorriso nos lábios que eu caminhei para o prédio da MEC naquele dia. Apesar da agitação da noite anterior eu cheguei cedo na sala, a primeira aula não havia nem começado. Sentei-me, coloquei os óculos e sorri para minha amiga Cristina. Ela me olhou com uma cara de reprovação, e eu automaticamente captei seus pensamentos.

Eu fingi que não havia percebido nada, mas sabia que no intervalo ela iria tocar no assunto. E foi o que exatamente o que ela fez 50 minutos depois, quando nossos colegas saíram:

- Celso, o que foi que você falou pra ela ontem?
- Nada demais...
- Nada demais? A menina entrou no apê chorando, porra!
- Não foi essa a minha intenção... a verdade dói, Tina, mas tem que ser dita.
- Olha... puta merda...
- Você sabe que aquilo não tinha futuro nenhum, Tina... vai ser melhor assim.
- Coitada da Lú... ela gosta tanto de você, Celso.
- Isso é o que ela diz... agora. Daqui a uns meses ela vai embora e depois ela nem vai lembrar mais que eu existo...

Cristina não falou mais nada. Nossos colegas voltaram, Alex começou a falar sobre o Encontro Musical e em poucos minutos a aula recomeçou.

Eu não queria mais pensar naquilo, Maria Luiza pertencia ao passado, estava na hora de re-focar minha atenção para o futuro próximo: Beatriz Cecília. Ela estava um pouco que distante desde a volta da semaninha, e eu precisava reverter aquela situação a todo custo.

Eu tentei falar com ela durante o almoço, durante o jantar, depois do jantar... tudo em vão, não consegui encontrá-la. Mas no sábado, ao final da tarde, ela me ligou, e nós fomos jantar juntos... no H15. Eu pressenti que as coisas não iam tomar o rumo que eu estava querendo.

Depois de tocarmos nas costumeiras amenidades ela achou que eu já estava preparado para ouvir as más notícias, e soltou a bomba na minha mão:

- Celso, sabe aquele assunto que a gente tava considerando antes da semaninha?
- Sei, Bia, o que foi que houve?
- Eu andei pensando bastante a respeito... e eu acho que não vai acontecer.
- Não?!
- Agora não.
- Defina "agora".
- Pelo menos até o final do ano.
- Mas Bia, eu até toquei "Even better than the real thing" pra você...
- Eu sei, Celso... e eu gostei muito...

- Por que você mudou de idéia? Aconteceu alguma coisa, Bia?
- Nada de novo... eu não sei mais se ia ser legal, Celso.
- E por que não?
- Eu acho que você...

Ela estava se esforçando muito para não demonstrar um agudo constrangimento, mas era traída pela sinceridade do seu olhar. Eu decidi ajudá-la:

- É por causa da Lú, não é, Bia?
- É, Celso... eu não consigo nem olhar pra ela direito, parece que eu estou fazendo algo errado, sei lá.
- Mas Bia, não tem mais nada entre a gente.
- Ela continua apaixonada por você, Celso, e eu sinceramente não sei até que ponto a recíproca não é verdadeira.
- Bia, eu não vou mentir pra você, você sabe que essas coisas não desaparecem assim de um dia pro outro... mas eu quero demais ficar com você...

Eu estava visivelmente desapontado, ela tentou me consolar:

- Celso, não fique assim, lembre do que a gente combinou, que a gente não ia ficar chateado com o outro se a coisa não acontecesse.
- Eu não estou chateado com você não, Bia...
- Não?
- Não... eu estou puto é comigo mesmo...
- Hum?
- Eu devia ter te chamado naquele dia do baile... estava tudo perfeito, você estava a fim... mas não, eu fui dar uma de bom rapaz, fazer a coisa certa... olha no que deu.
- Não diga isso, Celso, nós fizemos a coisa certa naquela noite... e agora também.
- Você acha mesmo?
- Claro! Quando chegar a hora certa vai ser muito mais legal, você vai ver.
- Você ainda acha que isso vai acontecer, Bia?
- Eu tenho certeza... absoluta.

Não havia mais nada que eu pudesse fazer para reverter aquela tragédia. Beatriz ia precisar de mais um tempo, muito provavelmente um longo tempo. Mas aquilo me serviu de lição, e naquele momento eu decidi que jamais iria cometer aquele tipo de vacilo novamente.

Minha rotina de terceiro-anista demandava uma considerável redução das distrações, o que aconteceu naturalmente logo após a realização do Encontro Musical, e aquele assunto com Beatriz, apesar de nunca ter caído ao esquecimento, inevitavelmente foi relegado a enésimo plano.

Meus colegas de apê, no entanto, tinham bastante tempo para distrações, e sempre estavam dispostos a expandir suas incursões exploratórias ao vastíssimo território joseense, que para todos os efeitos práticos ia de Jacapau a Taubatexas. Eu não conseguia entender como eles conseguiam sair toda semana, principalmente na quinta. Numa bela noite de quarta-feira Ricardo teve a paciência de me explicar a causa daquele inusitado fenômeno:

- Celsão, São José tem muita gente de fora, entendeu? Assim feito nós?
- Sim, e daí?
- Daí que muita gente some daqui na sexta, volta pra São Paulo, Minas, Rio... que nem nós, entendeu?
- Nós quem, cara pálida?
- Nós cariocas, é claro, tu não vai pra casa porque tu mora longe pra caralho, senão tu ia também.
- Com certeza...
- Então, na quinta todo mundo que é de fora, que vem aqui pra trabalhar, ou estudar, já tá no clima de agito, não agüenta mais esta porra, e todo mundo que pode, feito nós, sai.
- Nós quem, cara pálida?
- Nós que estamos no quinto ano, é claro, tu não sai porque tem aula de Quimex na sexta, a-há.
- Quimex uma porra! Transcal!
- É tudo a mesma coisa, tudo coisa de bixo...
- Conclusão...
- A conclusão é que quinta-feira é o melhor dia pra sair nesta cidade... e é por isso que nós estamos saindo agorinha, pra azarar a mulherada, a-há.
- Só gatinha... a-há.
- Só gatinha, se for baranga não é daqui, é de fora, a-há.
- Mas perainda, hoje é quarta, cacete!
- Eu sei, mas a gente vai sair assim mesmo, é o aniversário da Andréa.
- Falou... manda um beijo pra ela, e boa sorte.

Quinta-feira, para alguns, era o melhor dia da semana, o dia de ir pra cidade, freqüentar a agitadíssima noite joseense. Para mim era apenas um dia em que eu não me preocupava com a possibilidade passar a noite em claro, pois minha turma nunca marcava provas na sexta. E aquele simples detalhe era o suficiente para trazer uma alegria toda especial, que ficava nitidamente estampada na minha cara logo que eu terminava o jantar. E foi com um sorriso nos lábios que eu caminhei para o H8 naquela noite. Minha amiga Cristina me acompanhava, e pela tranqüilidade do seu olhar eu automaticamente deduzi que ela também apreciava aquela momentânea despreocupação.

- Vai pra São Paulo amanhã, Tina?
- Não, eu vou ficar pro Sábado das Origens.
- É mesmo... Renata falou que Pedrão vai aparecer, vai ser massa.
- Será que a gente vai aparecer nestes encontros depois que a gente se formar, Celso?
- Eu vou... se eu estiver por perto, é claro.
- Será que a gente vai ser amigo depois que a gente se formar, Celso?
- Claro! A gente vai ser amigo pro resto da vida, Tina, que nem esses coroas que vêm aqui todo ano rever os colegas de turma, de apê...
- Eu espero que você esteja certo.
- Que boréstia é essa? Nada neste mundo poderia abalar a nossa amizade, Tina.
- Outro dia a gente tava conversando sobre essas coisas lá no 102, a Angelina tava falando que ia morrer de saudades da Lú, da Mara e da Vânia...
- Você não vai ficar com saudades delas?

- Vou... você vai?
- É claro, principalmente da Lú.
- Ahh...
- Não é nada disso, Maria Luiza é gente muito boa, e eu tenho certeza de que muito em breve, quando passar essa fase, nós seremos grandes amigos, pra sempre.
- Engraçado... ela falou a mesma coisa de você, Celso.
- Foi mesmo?
- Foi, mas ela não usou as palavras "muito em breve".
- Ôps...

No sábado nós fomos ao churrasco de confraternização, e tivemos a chance de rever vários amigos das turmas anteriores. O momento mais comédia do evento foi quando eu encontrei Maurício, que ficou deveras surpreso quando me viu:

- Celso! Nossa, que cabelão! Se eu tivesse te encontrado na rua não teria nem reconhecido.

Eu olhei pra cara dele e lembrei que ele costumava ter os cabelos bem mais longos que os meus. Minha resposta foi ligeiramente sarcástica, mas proporcional:

- Eu também, Maurício.
- É verdade – ele sorriu e me deu um grande abraço – e quem é esta menina bonita, Celso, tua namorada?
- Queria eu, mermão, essa é a Beatriz, ela tá terminando o segundo ano. Bia, este é o Maurício Oshizawa, uma das figuras mais lendárias que o H8 já viu.

Nós conversamos um pouco e o nosso querido veterano relembrou algumas das aventuras da tchurminha do fundão do B. Pedrão, André e Renata juntaram-se ao nosso grupo, e mais outras tantas estórias foram contadas, sempre regadas ao sabor do chope que fluía quase que continuamente.

Eu me afastei um pouco para buscar uns pedaços de suculenta picanha, e enquanto aguardava o preciso corte do churrasqueiro fiquei observando as 2 amigas que conversavam na mesa logo à minha frente. Maria Luiza estava de costas para mim, o que foi bastante providencial, pois se ela pudesse me ver certamente iria perceber a maneira nada convencional com que eu olhava um certo par de coxas parcialmente coberto por um singelo vestidinho azul.

Eu não sei se foi o efeito do álcool, ou do calor, ou dos 2, sei lá, mas durante aqueles breves e agradáveis instantes eu tive alguns pensamentos bastante inusitados sobre a remota possibilidade de eu engajar em algum tipo de relacionamento mais íntimo com a dona do vestido, e das coxas. Ela deve ter sentido a força do meu olhar, ou do meu pensamento, ou dos 2, pois girou a cabeça 20 graus à esquerda, olhou para mim, sorriu e levantou o copo, como se estivéssemos brindando. Eu sorri de volta, levantei o meu também e tomei outro gole. Cristina voltou sua atenção para a amiga, e eu logo me despojei dos já distantes pensamentos e conclui que não seria uma boa idéia arriscar a nossa bela amizade por causa

do seu belo par de coxas. A recente quase desastrosa experiência com Beatriz havia-me ensinado que erotizar amizades podia ter conseqüências bem desagradáveis.

Erotizar as amizades dos amigos, no entanto, podia ter conseqüências bem agradáveis, conclusão a que cheguei ao final daquele mesmo dia, ou melhor, ao final da noite daquele sábado.

Maurício havia-nos convidado para ir a uma festinha no apartamento de um colega de turma dele, que morava na cidade. Beatriz havia cordialmente declinado, alegou que teria que dormir cedo, pois no domingo iria estudar para uma prova de MAT-46 que ela teria na segunda. Eu sabia que aquelas festas dos amigos de Maurício eram regadas a sexo, drogas e rock'n'roll, e fiquei até aliviado com a recusa de Bia, pois se ela fosse eu tinha certeza de que ia ficar um clima meio esquisito entre nós.

Quando eu voltei ao 228 Ricardo me deu mais outro bom motivo para eu encarar a noitada na cidade:

- Celsão, eu te falei que a Adriana perguntou por tu no aniversário da Andréa?
- Não, zagueiro.
- Pois é, alguém falou pra ela que tu deu o maior arraso no Encontro Musical. Eu particularmente não achei nada demais, a-há, mas sabe como é.
- Eu sei, minhas fãs...
- Então, elas falaram que estarão na festa hoje.
- Que festa?
- No apê do Vitor, não tá sabendo? O Sabado', a-há.
- Ah tá, Maurício me chamou, mas eu não sei.
- Vamos, Celsão, tu tem que arrumar outra mulherzinha, agora que a Lú cagou de vez pra tu, a-há.

Eu achei que aquela seria uma boa oportunidade para tentar visualizar uma amostra do que seria uma situação social joseense numa vida após o ITA. Não que eu estivesse desejando aquele tipo de futuro, mas eu sabia que ele era bem provável, bem mais provável do que eu gostaria de admitir para mim mesmo.

A primeira coisa que eu notei era que a maior parte dos presentes era composta de iteanos. Os irmãos da Sarinha estavam lá, a dita cuja também estava presente, e eu logo percebi porque Ricardo estava tão animadinho. Ele com certeza achava que ela finalmente ia liberar, mas algo me dizia que o meu melindroso amigo iria ficar na mão novamente. Algo chamado Lucio, que chegou apenas alguns minutos depois de nós. Sara ia passar a noite toda jogando charme para os 2, e não ia rolar porra nenhum com nenhum deles. Aquela menina, além de muito gata, era muito sacana também.

Mas aquele intrincado triângulo amoroso deixou de me causar interesse logo que eu vi as 2 amigas que conversavam animadamente com o meu amigo Maurício. A primeira coisa que eu fiz foi cumprimentar Andréa, desejando-lhe muitos anos de vida. A segunda coisa que eu fiz foi adotar uma atitude propositadamente despretensiosa, como se não estivesse nem

um pouco curioso para saber porque Adriana havia perguntado por mim. Nós trocamos os 3 beijinhos de praxe, naturalmente, e eu tentei agir tão mecanicamente quanto possível.

E a terceira coisa que eu fiz foi preparar uma dose de vodka com coca, pois tomar cerveja num lugar com mais de 30 pessoas e apenas 1 banheiro seria uma tremenda falha tática. Logo que terminei minha peculiar mistura Adriana comecou a morder minha isca:

- Eu soube que você fez o maior sucesso no Encontro Musical, Celso.
- Exagero do pessoal, Adriana – eu tentei disfarçar a minha falsa modéstia enquanto admirava seus lindos olhos castanhos – você quer beber o quê?
- O que é isso que você está bebendo?
- Vodka com coca.
- Deixa eu experimentar – ela segurou o meu copo, seus dedos deslizaram sobre os meus – humm... nada mal.
- Fica com esse, eu faço outro pra mim.
- A gente divide.
- Tá bom.

Aquilo tava bom demais para ser verdade, mas tava acontecendo mesmo. Nós começamos a conversar sobre o ITA e a UNICAMP, sobre as atividades extra-curriculares que gostávamos de fazer, sobre música. E quanto mais a gente conversava e passava o copo de uma mão para a outra eu ficava mais convencido de que eu ainda iria acariciar seus longos cabelos castanhos e beijar seus sensuais lábios vermelhos naquela mesma noite.

Eu so não sabia como que iria sutilmente mudar o rumo da conversa para chegar aonde eu queria, mas Adriana mostrou-me que sutileza não era uma coisa que ela apreciava muito. Logo depois que eu preparei o nosso terceiro copo ela fez uma cara de quem já estava pronta e quicou a bola na grande área:

- Você está com alguma namoradinha, Celso?
- Não, não...
- Que pena, coitadinho... – ela sorriu quase que cinicamente.
- Pois é – eu fiz o mesmo – e você, tá com alguém em Campinas?
- Não, eu tava no semestre passado, mas foi coisa passageira.
- Sei... – eu peguei o copo novamente e tomei um gole um pouquinho mais longo – e aqui em São José?
- Também não – ela fez o mesmo.

Nós ficamos sem falar nada por um instante. O momento ideal havia chegado. Eu fiz que ia pegar o copo de volta e pousei minha mão sobre a dela. Ela sorriu de uma maneira inconfundível quando percebeu o que eu estava fazendo. Sua cabeça girou 15 graus em torno do eixo x, os cabelos cobriram parcialmente seu olho esquerdo. Aquilo tava bom demais para ser verdade, mas era mesmo.

- Eu sempre achei você a maior gracinha, sabia? – eu larguei enquanto afagava seus cabelos.
- Claro que não! Você nunca me disse isto – ela manteve o sorriso convidativo.

- É verdade, mas eu estou dizendo agora, Adriana... – eu cheguei mais perto dela – espero que não seja tarde demais.
- Não, não é...

Saideira

- Meus caros amigos, cheguei!

Eu estava estudando para a prova de MecFlu quando Fabio anunciou seu triunfante retorno ao 228. Meus 3 companheiros do quinto ano também estavam estudando, afinal de contas era quarta-feira. Levantamos e fomos cumprimentá-lo:

- Tá mais cheinho, seu viado, deu pra engordar na Europa?
- Não, engordei sem dar mesmo, CIB. Ricardeza, seu viado, tá gordo pra caralho! Porra, Celso, tu nao corta mais esse cabelo não? Tá maior que o meu. Luca, sua bicha louca, como está a nossa fofinha?

Nós melamos o gagá e ficamos atualizando o papo por cerca de 1 h. A estadia na Europa tinha sido boa para ele, mas Fabio estava contente por estar de volta. No dia seguinte ele conversou com vários amigos e matou as saudades da galera.

No sábado seguinte rolou o Show do Chacal, o primeiro sinal de que o ano estava realmente chegando ao fim.. Bico mais uma vez arrasou com suas satíricas encenações, nas quais contou com a ajuda de Betriz, Lorena, Carlinhos e outros colegas da turma deles. Patão e seus comparsas tocaram algumas músicas, e José Fernando mais uma vez cantou umas bossas.

A tchruminha do apê estava na quarta fila. CIB com Marina, eu, Adriana, Luca, Andréa, Fabio e Ricardo. Depois do show fomos todos juntos ao Baile do Chacal.

O H8 estava em peso no H15, afinal de contas era o ultimo baile do ano, e mesmo quem normalmente não frequentava os baileus ia para o Baile do Chacal. Obviamente que Maria Luiza tambem lá se encontrava, e obviamente que nós demos de cara com ela logo na entrada. Ela estava linda, extremamente sexy, e eu estremeci todinho no momento em que nossos olhares se cruzaram. Ela nem piscou os olhos; deu um oi coletivo e saiu de cena.

Adriana fingiu que não percebeu minha reação, mas eu sabia que ela iria comentar sobre aquilo, mais cedo ou mais tarde. Ou melhor, mais cedo e mais tarde. Foi só a gente comecar a dançar que ela soltou o verbo:

- Você viu como a Maria Luiza está bonitona hoje, Celso?
- Não tanto quanto você, Adriana.
- Há-há-há... você ainda gosta dela, Celso?
- Não tanto quanto eu gosto de você, Adriana.
- Vai, sério.
- Não do jeito que eu gostava antes... eu admiro muito a pessoa dela.
- Se você não estivesse comigo você ia ficar com ela hoje?
- Não, de jeito nem maneira.
- Por que não?
- A última coisa que eu quero na vida é recomeçar algo com ela.

Adriana aparentemente ficou satisfeita com a minha resposta e mudou de assunto:

- Daqui a pouco vai ser a formatura dos meninos.
- É mesmo...
- Eles vão ficar aqui em São José?
- CIB vai, Luca tambem, o baitola vai fazer mestrado no ITA.
- E o Ricardo?
- Ele ainda não sabe, eu acho que ele vai voltar pro Rio.
- Você nem me contou como foi o feriadão na casa dele.
- Foi massa, a mãe dele é um amor de pessoa. O pai dele conta cada estória, o coroa é cheio de idéia. E o irmão dele é uma figuraça, conhece todos os bares, boates e restaurantes da noite carioca. Ele levou a gente prum monte de lugar.
- Já não gostei dessa conversa.
- Não, não é nada disso que você está pensando, sério.
- Eu não sei, vocês largados naquela terra cheia de mulher bonita.
- Num rolou nenhuma azaração não, aquelas cariocas jogam duro demais. E além de tudo eu passei o tempo todo pensando em você, Dri.
- Me engana que eu gosto.
- Sério! Eu já menti alguma vez pra você?
- Não...

A semana após o baile foi repleta de provas e relatórios e afins. Fabio decidiu passar uns dias com a família no Rio, disse que voltaria para o H8 antes da formatura dos colegas. Os dias passaram tão rapidamente que antes que eu me apercebesse ele já estava de volta, e o meu caro amigo continuou a nos deleitar a todos com as narrativas de suas aventuras no velho mundo:

- E essa daqui, Celso, foi a última francesa que eu encarei.
- Nada mal, velho.
- E essa foi a áltima portuguesa.
- Essa eu até casava, a-há.
- Quem era aquela menina que tava com o Stenio no baile, CIB?
- Aquela é a menina que cantou "Virgem" no Encontro, Fabio. Eu achei que o Celsão ia encarar, mas ele disse que não tinha nada a ver... tá virando boiola.
- Ela não é o meu tipo, nem eu o dela. Depois do show o Stenio veio me pedir bizu, disse que a menina tinha uma voz bonita, aquele papo leso. Ai eu falei pra ela que tinha um amigo que queria muito conhecê-la, mas que ele era um sujeito decente, educado etc.
- Passou a bola pra frente.
- Exato, e agora eles estão que nem 2 pombinhos, a-há.
- Porra, Ricardo, tu ainda não comeu a Sarinha?
- Não... passei 5 anos nesta caceta desta cidade e nao comi aquela mulher.
- Ainda tem 2 semanas, esperteza.
- É, e sábado vai rolar uma festinha na casa do Romano.
- Eu não vou nessa festa, só vai ter sexo, vodka e rock'n'roll.
- Esse baitola desse Luca continua viadando. Tua namorada vem pra cá?
- Hum-hum, ela chega amanhã.

- Grande Luca... e esse lance com a Adriana, Celso?
- A gente ficou umas 3 ou 4 vezes...
- 3 ou 4, Celso?
- 2. Adriana é muito legalzinha, Fabio. Perto o bastante para me dar a devida assistência, longe o bastante para não pegar muito no meu pé.
- Ela é muito gente fina, alem de gostosa, há-há. E a MEC, Celsão?
- Este semestre foi massa, pela primeira vez em 3 anos no ITA eu tive a convicção de que se eu estudasse bastante eu iria me dar bem em todas as matérias.
- Devia ser sempre assim, né? Mas não é.
- Porra, eu só tive essa certeza no quinto ano.
- Eu também.
- Eu também.
- Viva a MEC...

Naquele instante fomos interrompidos pelo sonido do telefone. Fabio foi atender:

- Esta lá?... Oi, Lú, tudo bem? Tá sim, um momento.

Todos me olharam com uma cara esquisita, mas eu estava tão supreso quanto eles. Mas nem por isso deixei de atender:

- Oi, Lú, tudo bem?
- *Tudo bem, Celso. Eu queria conversar contigo... você pode me encontrar no hall do A?*
- Eu estou estudando, Lú.
- *Eu sei que você não tem prova amanhã, Celso.*
- Não, mas eu tenho que entregar um relatório importante.
- *Relatório? Tina não me falou nada sobre relatório. É algo sobre o objeto?*
- Eu preferia que você não falasse esta palavrinha ao telefone...
- *Desculpa...*
- É um trabalhinho que eu estou fazendo na MEC, eu falei pro professor que entregava amanhã sem falta.
- *Tá bom, eu te ligo amanhã então. Tchau.*

Meus 4 companheiros continuaram a me olhar como se estivessem farejando algo.

- O que foi, gente, por que essa cara de alesado?
- Sei não, Celsão...
- Tu não vai apertar a Lú de novo, né, Celso?
- Claro que não. Eu já disse mais de 1000 vezes: se eu estiver agarrado com Maria Luiza de novo pode apartar que é briga.

No dia seguinte Maria Luiza ligou novamente. Eu estava no chuveiro, disse que ligaria depois, mas não liguei. Não consegui fugir dela, contudo, pois quando cheguei ao H15 ela veio falar comigo. Para minha sorte ela estava de bom humor, bom até demais:

- Você está muito difícil, Celso.

- Impressão sua... o que é que você queria conversar comigo?
- Nada especial, eu só queria conversar com você.

Eu peguei a gororoba do dia. Ela pagou uma salada. Nós sentamos no fundão. Eu puxei um assunto neutro, algo que não gerasse discussões inúteis:

- Você já entregou o seu TG?
- Já, vou apresentar na terça de manhã.
- Massa. Eu tenho um exame na terça.
- Eu sei, Tina me disse. Você está bem de notas?
- Estou. Eu nunca tirei tanta nota boa num semestre só.
- Aproveita, que o quarto ano vai ser diferente...
- É o que todo mundo diz... como está o estágio, eles vão te contratar?
- Eu ainda não sei, eles falaram que ainda não têm autorização da diretoria...
- Logo logo eles recebem a tal da autorização da diretoria...
- Eu espero que sim... mas eu estou um pouco apreensiva, Celso, eu acho que é a expectativa de formar, arrumar um emprego, descobrir se eu aprendi alguma coisa mesmo nesta escola...
- Eu mesmo aprendi um monte de coisa neste ano: calcular camada limite, calcular camada limite térmica, resposta a degrau unitário, teorema do limite central... eu vi a linha neutra... a cama em que Tiradentes morreu.
- Eu também vi quando eu tava no terceiro ano, essa é boa...

Maria Luiza estava realmente apreensiva, tal como se fosse a véspera de um exame de Controle. Eu achei que uma leve dose de encorajamento seria apropriada:

- Eu tenho certeza de que vai dar tudo certo pra você, Lú.
- Eu espero que sim...
- E mesmo se eles não te contratarem você arruma outro emprego aqui, ou em Sampa.
- Eu espero que sim... mas eu queria mesmo ficar aqui em São José, Celso, você sabe que eu odeio São Paulo.
- Eu sei... aquela cidade é grande demais para você manter a sua individualidade, não é mesmo?
- É.
- Você me disse isso algumas vezes... umas 30 ou 40.
- Você moraria em São Paulo, Celso?
- Se tivesse praia...
- São Paulo não tem praia, Celso.
- Provavelmente não.
- E em São José?
- Provavelmente sim, São José tem seus encantos...

Nós ficamos calados por alguns instantes, e logo eu percebi os efeitos colaterais da minha dose de encorajamento, pois ela começou a me olhar com aquele risinho no canto dos lábios que eu já conhecia de outros carnavais. Eu senti que ela iria mudar o rumo da prosa, mas eu esperava um pouco mais de sutileza.

- Você ainda pensa em mim, Celso?
- Claro que sim, Maria Luiza. Você sabe que eu lhe admiro muito, você é uma das pessoas mais incríveis que eu conheço – "e uma das mais gostosinhas, também".
- Você sabe do que eu estou falando, Celso.
- Eu sei, você quer que eu diga que eu ainda gosto de você, não é?
- Não, claro que não...
- Sei...
- Na verdade...
- Em verdade.
- Em verdade, o que eu quero mesmo é que você fique comigo, Celso.
- Hum...
- Eu sei que você ainda gosta de mim, não precisa dizer isto.
- É muito metida mesmo...
- Mas se você quiser dizer assim mesmo, há-há...
- Tá bom, aí vai – eu fiz uma expressão artificialmente séria – eu ainda gosto de você, Maria Luiza, e eu ainda penso muito em você. Está satisfeita agora?
- Ainda não, mas já foi um bom começo.
- Quanto a ficar com você... isto não vai acontecer, Lú.
- E por que não?
- Esse lance da gente já deu tudo o que tinha que dar, tá ligada?
- Você acha mesmo?
- Hum-hum... daqui a alguns dias você se forma, no ano que vem você aparece por aqui no Sábado das Origens, a gente vai tomar umas biras, comer um churrasquito massa, bater altos papos, relembrar dos nossos 3 anos de convivência no H8...
- Nossas idas a Ubatuba...
- Exato... nossas briguinhas... vai ser massa.
- Será que você ainda vai estar com aquela menina da cidade... como é mesmo o nome dela?
- Adriana? Sei lá, a gente ficou 2 vezes, Lú... você com certeza vai estar com alguém.
- Eu não sei, Celso... eu tenho a ligeira impressão de que as coisas não vão ser bem assim do jeito que você está pensando.
- Quem viver verá... tem conversado com Fabio?
- Hum-hum... ele tá diferente, mais maduro.
- Eu também achei.
- Você vai pra Europa no ano que vem, não vai?
- Eu espero que sim, Lú.
- Aquela viagem foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida. Eu aprendi tanta coisa na Europa, Celso, nossa...!
- Pronto, agora você vai passar o resto da noite falando dos jardins de Paris.
- Aquela cidade é tão romântica, Celso...
- Eita boréstia arretada...
- Você é a pessoa menos romântica que eu conheço, Celso.
- E você é uma pessoa que nem devia estar falando isso, afinal de contas você conhece o meu lado romântico, Lú.
- E é por isso mesmo que eu disse que você é a pessoa menos romântica que eu conheço, Celso.
- Hum, parece que alguém arrumou um namoradinho na CV.

- Você sabe que eu não arrumei namoradinho nenhum na CV, Celso, a-há.
- Sei, sei...
- Não foi pra isso que eu fui pra Europa.
- Sei, sei...
- E é difícil acontecer alguma coisa, a gente viaja o tempo todo, nunca fica muito tempo no mesmo lugar...
- Todo mundo fala isso... menos o Ricardeza, naturalmente.
- "A-há, eu me dei bem com uma sueca no trem, Lú, uma loura maravilhosa, a-há, a-há"...
- Pode crer...
- Quem é que vai morar lá no 228 no ano que vem?
- Paulão e Chico. E o pentelho do Luca vai permanecer lá também, o viadinho resolveu fazer mestrado no ITA.
- Paulo eu já esperava, mas o Chico vai morar na espertolândia? O que foi que houve?
- O clima no 323 está meio barra.
- Algo especial?
- Não, o de sempre. Mas Chico está cansado daqueles dramas todos... naquele apê todo mundo é maniaco-depressivo, pelo menos 2 deles já tentaram se matar pelo menos 1 vez nos últimos 3 anos.
- Nossa!
- E ele tá achando que não vai conseguir terminar o quarto ano se ficar por lá.
- E o Camilo, não vai morar com vocês?
- Não, ele vai ficar com o Renato mesmo.
- E o lance com a Bia, Celso, não deu certo?
- Não teve lance nenhum, Lú.
- Claro que não, foi tudo imaginação minha, não foi?
- Nós já conversamos sobre este assunto, Maria Luiza.
- Celso, tem uma coisa que eu sempre quis saber...
- Não, nós nunca fizemos...
- Não é isso, aruá.
- O que é, então?
- O que é o objeto?
- Eu não sei do que você está falando, Lú.
- Celso!
- Quem foi que te falou sobre isso?
- Algumas pessoas, Alfredelho, por exemplo.
- Então pergunta pra ele o que é, ora.
- Você sabe o que ele acha que é.
- Eu sei... eu não posso falar muito sobre este assnto, Lú, mas eu vou te dizer 1 coisa. 2, aliás, contanto que você não comente com ninguém.
- Combinado.
- Não é uma bomba, nem nave extra-terrestre.
- Hum... e então, vamos pegar um cineminha mais tarde?
- Eu não sei...
- De repente a gente resolve certos assuntos pendentes...
- A gente não tem nenhum assunto pendente, Maria Luiza.

- Claro que temos, Celso, e eu quero resolvê-lo antes do final do ano.
- Você está falando sério?
- O que é que você acha?
- Eu acho que você está zonando com a minha cara, Lú.
- Eu não estou, Celso.
- ...
- Vocês já transaram?
- O quê?!
- Essa menina da cidade, já rolou um jaba-jaba?
- Há-há-há... eu não vou falar essas coisas pra você não, Lú.
- Ainda não, né? Foi o que eu pensei... então, tecnicamente, segundo a tua definição de namoro, vocês ainda nem estão namorando mesmo.
- ...
- E então...?
- A troco de quê, Lú? Pra quê você tá querendo mexer nessa ferida de novo?
- Justamente por causa disto, Celso, eu não quero que a nossa última lembrança seja uma coisa negativa.
- Falou...
- Você acha que eu estou brincando, não é? Pois eu não estou, Celso.

Maria Luiza não estava brincando, e eu achei que um cineminha com ela não seria nada demais. Mas teria que ficar para outro dia, pois eu tinha outros planos mais imediatos para aquela noite:

- Lú, eu adoraria ir ao cinema contigo, mas eu tenho que fazer a minha prova de Estatística Aplicada hoje.
- Tá bom, fica pra outro dia, então.

"Ou pra nunca", pensei com meus botões. Terminamos o delicioso jantar e voltamos pro H8. Eu aproveitei a ausência dos meus companheiros e sentei e fui fazer a minha prova. 120 min depois eu levantei e fui ao apê do nosso representante de turma – que também havia acabado de acabar a sua prova – para entregar-lhe a minha. Aproveitamos a temporária tranqüilidade e fomos ao Mosca conversar potoca.

Quando chegamos ao hall do B encontramos a nossa colega de turma Angelina, que coincidentemente também estava desfrutando da temporária tranqüilidade e também estava indo ao Mosca conversar potoca. Ela havia feito a prova de Estatística durante o final de semana, e estava se preparando psicologicamente para começar a estudar para os exames da semana seguinte.

Estávamos os 3 no meio de animada prosa, quando fomos interrompidos pelo nosso também colega de turma HG, que aparentemente ainda estava fazendo a prova de Estatística, e aparentemente não estava consciente de que a prova era sem consulta. Mas nossa atenta amiga Angelina logo providenciou um pertinente esclarecimento:

- É sem consulta sim, Mercúrio, e é pra fazer em 2 horas contínuas.
- Vocês têm certeza? Eu não lembro da Mestra ter falado isso não.

- Ela falou sim, HG, lembra que o Juliano perguntou se podia fazer intervalo pra ir ao banheiro e ela disse que se alguém precisasse ir ao banheiro tinha que levar a prova junto?
- Cara, eu não lembro de nada disso. E agora?
- Agora tu vai ter que falar pra ela que se confundiu e pedir pra fazer outra prova.
- Começar tudo de novo?
- É o recomenda a D.C., HG. O que acha o nosso recentemente eleito representante do DOO Celso Martins?
- Eu acho que a solução proposta pelo nosso digníssimo recentemente re-eleito representante de turma Nélio Soares é deveras apropriada, Mercúrio.

HG concordou com a proposta, e no dia seguinte ele explicou sua confusa situação à nossa querida professora, e ela foi compreensiva o bastante para preparar outra prova especialmente para ele.

A primeira semana dos exames foi relativamente bico – nada como estudar sem estar desesperado pra passar em tudo – mas mesmo assim eu estava ligeiramente detonado quando a sexta-feira chegou. Tanto que resolvi não sair com os meus colegas do 228, e fiquei no apê, na rede, ouvindo um sonzinho e coçando. Meu delicioso sossego, no entanto, foi interrompido pelo inquieto chamado do telefone, ao qual eu tive que atender:

- Boa noite, H8-B, apto 228...
- *Nossa, que chique!*
- Oi, Michelle.
- *Oi, Celso, tá fazendo alguma coisa?*
- Tou coçando...
- *E a Dri, vocês não vão sair hoje?*
- Ela disse que me ligava quando chegasse de Campinas, eu acho que ela ainda não chegou...
- *Ou então ela ainda está na farra por lá.*
- Vai ver que é. E a Edna?
- *Tá vendo TV... Celso, escuta, você tem falado com a Claudinha ultimamente?*
- Ela me ligou outro dia, no meu aniversário, a gente conversou praca, ela falou que tava namorando com um cara que tocava numa banda lá em Brasília.
- *O teu aniversário foi em Agosto, Celso, nós já estamos em Dezembro!*
- Até que enfim, mais 1 semana e eu fico de férias.
- *Então, eu falei com ela na semana passada, o tal namorado dela é o maior bizuleu, Celso, a tchurminha dele vive tomando droga...*

Michelle fez um prolongado resumo das bizuleicas propriedades do aprendiz de pilantra com quem a nossa querida amiga Claudia estava envolvida, depois me estendeu um delicioso convite para o almoço domingueiro em sua residência, ao qual eu aceitei no ato, e desligou. Voltei pra rede para mais uma despreocupada coçada, mas o telefone tocou novamente. Aquela improdutiva noite de sexta-feira estava prestes a ficar interessante:

- Deve ser Adriana...

Não era. Era outra amiga de Claudinha.

- Oi, Letícia, tudo bem?
- *Não vai sair hoje, Celso?*
- Não, eu tou meio detonado, e amanhã eu vou estudar... tá rolando alguma festinha das tuas amigas?
- *Não, não tem nada acontecendo hoje. Eu te liguei porque a gente nem conversou muito no baile.*
- Foi.
- *Tem falado com o Valmir?*
- Não, K-Zé falou com ele na semana passada, ele disse que o Valmir está bem lá no Rio.
- *Legal... e a Claudinha, tem falado com ela?*
- Não, ela me ligou no meu aniversário, mas depois a gente não se falou mais. Como é que ela está?
- *Ela está meio esquisita, Celso.*
- Como assim?

E novamente eu ouvi a mesma escabrosa estória que Michelle havia me narrado... eu comecei a ficar preocupado com o bem estar da minha querida e maravilhosa amiga Claudia.

Letícia desligou o telefone, eu desliguei o som e decidi ir ao 234 trocar umas idéias com Nilo e Caldré. Após algumas poucas horas de bostejo o sono bateu, e eu decidi recolher-me aos meus modestos aposentos. Eu precisava repousar, na semana seguinte eu teria 3 exames, e aquele final de semana seria repleto de intenso gagá.

Eu arrasei nos exames – coisa que, diga-se de passagem, era bem melhor do que ser arrasado pelos exames – e estava realizado, aliviado e aproximadamente feliz no almoço da sexta-feira. Tanto que nem estava prestando muita atenção ao sabor, ou falta de, do boi ralado que estava rolando. Nem à animada conversa que os meus colegas de turma estavam levando ao meu redor. Tudo o que eu pensava naquele delicioso momento era "outro ano que acabou no ITA, finalmente eu estou de férias"...

Meus amenos pensamentos foram interrompidos pela chegada do nosso deplomático representante de turma, que discretamente sentou ao meu lado e calmamente relatou-me alguns interessantes acontecimentos:

- Celso, eu acabei de ser comunicado que o nosso querido colega de turma HG foi desligado.
- Puta merda...! Por que motivo?
- Ele pegou uma quantidade exagerada de segundas épocas, e como ele já havia sido trancado no ano passado, pelo mesmo motivo, desta vez não teve acochambrada.
- Putz...
- Ele passou em Estatística, entretanto.
- Ainda bem... Batata já está sabendo?
- Já, mas como ele já se mandou pra Sampa ele me pediu pra te avisar.

- Valeu, quando eu chegar no H8 eu comunico pro resto do DOO. E Mercúrio?
- Ele não está muito bem, Celso...
- Eu falo com ele mais tarde... putz...
- Tem mais...
- Ôps...
- O nosso querido ex-colega de turma Augusteu também foi desligado, pelos mesmos motivos que o HG.
- Bom, esse a gente já sabia que era apenas uma questão de tempo, Nélio.
- Eu creio que sim. Aparentemente ele não ficou muito abalado, disse que ia pra PUC do Rio, pentelhar o Valmir, mas a Rafaela ficou de conversar com ele mais tarde.
- Algum trancamento?
- Uns 2 ou 3 no Fund, na nossa turma nenhum, o pessoal do 4º ano ainda está aguardando o desenrolar dos acontecimentos.

Em poucos instantes as novas se espalharam pelo H15, e em outros poucos instantes elas haviam se dissipado.

Quando eu cheguei ao 228 deparei-me com uma elevada e exaltada concentração de cariocas, e depois de muitos "aês" eu descobri o motivo de tanta algazarra: Marcoleu havia decidido ir morar em Sampameu, o cariocal do fundão do B estava revoltado. Eu fiquei na minha, apenas escutando a ladainha, e em pouco tempo o nosso espertíssimo amigo Seno resumiu a frustração coletiva:

- Marcoleu, tu é um babaca mesmo, um bizuleu do caralho, aê!

Ronaldão aproveitou a chance para soltar um frase que ficou gravada na minha memória para o resto da minha vida:

- Celsan, quando eu me formar nesta escola eu volto pro Rio nem que seja pra ganhar a metade do que eu ganharia em São Paulo... eu quero curtir o Rio, viver a minha cidade, saca?

Eles saíram do recinto e eu aproveitei a deixa e deitei na rede. Meus colegas iniciaram uma conversação sobre um assunto menos polêmico: a festa daquela noite.

- Celsão, o Romano falou pra te lembrar que a festa na casa dele é hoje, pra tu levar os discos, não vai esquecer não.
- Tô ligado, esperteza.
- Tu vai com a gente?
- Não, eu vou com o Tino, a gente já combinou.
- Falou, então.
- E como foi a festa de ontem, gente?
- Foi Duca, tu devia ter ido, Celso.
- Eu tive exame hoje, CIB.
- Coisa de bicho, a-há!
- A Dri tava lá, Celso.
- Perguntou por mim?

- Não...
- Ela disse que ia me ligar quando voltasse pra SJK, mas nem ligou.
- Eu acho que ela cagou pra tu, Celsão.
- Eu também acho...

Aparentemente sim, mas naquele momento o que importava mesmo era que eu finalmente estava de férias, o resto era simplesmente aquilo mesmo: resto.

Passamos algumas horas conversando sobre os planos profissionais dos nossos queridos quinto-anistas do 228, depois eu fui conversar com o nosso ex-colega de turma Mercúrio, sobre os seus planos acadêmicos. Ele estava aparentemente mais calmo, e conformado com o seu desligamento, e aparentemente Valmir ia ganhar outro comparsa na PUC do Rio.

Troquei um último abraço com HG e fui comprar suprimentos com Sávio B. e Juliano. Paramos no H15 na volta, mais para conversar com os amigos que ainda estavam na área do que para encarar o rango da hora, e finalizamos os planos para a nossa viagem.

Quando estava saindo do H15 encontrei Beatriz. Ela estava com uma cara horrível, pálida, cheia de olheiras, que nem eu. Mas ficou feliz ao me ver, e a maneira que ela me olhou foi extremamente agradável.

- Você pensou na minha proposta?
- Você pensou na minha?
- Pensei, mas eu preferia que a gente fosse para um lugar neutro, tipo Pipa.

Sorrimos um para o outro, animados com aquela sutil negociação.

- Como foram os exames?
- Tudo bem, hoje eu fiz o último exame do Fund. Você?
- Tudo bem, todos os 7. O 3º ano é coisa do passado. Você viaja hoje?
- Hum-hum, amanhã estarei na praia, Celso!
- Massa...
- A gente se vê em Pipa, então?
- Com certeza!
- Você não vai querer combinar o dia e lugar e hora...!?
- Não, Bia... quando 2 pessoas têm que se encontrar as forças da natureza fazem isso acontecer...
- Eu espero que sim...

Sorrimos novamente, depois abraçamo-nos por quase 1 min, como se quiséssemos garantir que as tais forças começassem a agir naquele exato momento.

- Boas férias, Bia.
- Boas férias, Celso.

Voltei pro 228, tomei um banhão, coloquei uma roupa limpa, selecionei os CDs para a festa, peguei o meu fone de ouvido e o microfone de CIB e fui ao 135, acelerar o meu

despreocupado amigo Tino. O qual, tal qual eu já esperava, não havia nem iniciado seu ritual embonecativo. Depois de 88 min ele estava pronto. Ou quase:

- Já comesse? Vamos lá no Mosca comer um sanduba.
- Já... tu vai comer agora, minutos antes da festa?
- Claro, assim eu chego na festa já comido, que nem tu.
- Vai te lascar, Tino.

23 min depois estávamos no Tinomóvel, quase prontos para zarpar.

- Bota o cinto, porra.
- Já botei, cacete, bora logo que eu acho que a festa já começou.
- Porra nenhuma, Celsan.

Obviamentre que a festa já havia começado quando finalmente chegamos à casa do nosso já quase angustiado amigo Romano, e obviamente que a qualidade do som que estava rolando estava um tanto quanto abaixo dos mínimos padrões aceitáveis.

Eu nem cumprimentei os presentes; rapidamente assumi os controles do equipamento e sutilmente coloquei o Ten pra tocar. Logo logo Tino chegou junto com 2 copos de vodka com coca e um sorriso prematuramente confiante:

- **Agora** a festa começou, velho.

Em pouco tempo o recinto estava lotado, e em menos tempo ainda as meninas do 102 chergaram, animadinhas. Mas 1 delas estava com cara de poucos amigos, e o motivo logo me foi revelado pela sua, e minha, indiscreta amiga Cristina:

- Eles ligaram pra ela hoje, Celso, falaram que não vão contratar ninguém agora. Talvez contratem no meio do ano que vem.
- Tavez sim, talvez não ou talvez talvez, Tina?
- Talvez talvez.
- Putz... e agora?
- Eu acho que semana que vem ela vai fazer uma entrevista em São Paulo...
- Coitada da Lú, ela queria tanto ficar aqui em SJK... quem sabe ela arruma alguma coisa por aqui mesmo.
- É, quem sabe...

Eu pensei em ir conversar com ela, tentar dizer algo que pudesse animar aquela carinha triste, mas depois pensei que eu muito provavelmente não iria conseguir falar nada de útil naquele momento, então achei melhor fazer algo. Afinal 1 gesto vale por 1000 palavras, e 1 música vale por 10000.

Peguei o Nevermind e coloquei "Come as you are" pra tocar. Maria Luiza virou o rosto e alinhou o seu olhar ao meu, e aos poucos a sua tristeza foi se dissipando, dando lugar a uma conformada serenidade. Nossa indiscreta amiga Cristina não conseguiu deixar aquela inocente jogada passar em branco:

- A música predileta da Lú... esse é o Celso que eu conheço...
- Há-há-há, tu és muito babaca mesmo, Tina.
- Vai lá falar alguma coisa pra ela, porra.
- Falar o quê?
- Diz que vai ficar com saudades dela no ano que vem, por exemplo.
- Já estou...
- Shruiu!!
- Dela, do Ricardeza, do Valter, do Jacaré... de todos os amigos que vão se formar amanhã.
- Há-há-há, tu és muito babaca mesmo, Celso. Deixe de ser leso, homem, "passe pela vida".
- Maria Luiza e eu já passamos bastante pelas vidas um do outro, minha cara.
- Eu não sei não...
- E mesmo se não fosse o caso...
- Sim? Estou ouvindo...!
- Ela disse que me ama, Tina, eu tenho que respeitar os nobres sentimentos dela.
- Celso, se eu não te conhecesse direito feito eu te conheço eu diria que você amadureceu uns 300% nos últimos 2 meses... mas como eu te conheço razoavelmente bem eu não vou falar nada.
- E o André, Tina?
- De vez em quando eu encontro com ele na missa. Ele nunca falou que me ama... na verdade, ou melhor, em verdade, nenhum menino jamais me falou que me ama.
- Tadinha... essas coisas têm a hora certa pra acontecer, Tina.
- Eu acho que sim... você já falou isso pra alguma menina, Celso?
- Já... – "pra Regininha, que eu nunca mais vi" – 1 vez.
- Foi pra Caroline?
- Carolina... não, foi pra menina que eu namorei antes da Carolina.
- E aquela menina da cidade, Celso?
- Adriana? Não, claro que não, a gente só ficou umas 3 ou 4 vezes... 2. Imagina se eu ia falar uma coisa dessa pruma menina que eu fiquei 2 vezes...
- Não, cacete, que fim levou a coitada?
- Coitada uma porra... disse que ia me ligar na semana passada, quando chegasse de Campinas, mas até agora nada.
- Liga pra ela.
- Tá louca? Depois ela fica pensando que eu estou correndo atrás... não pode dar folga pra essa mulherada não, Tina.
- Tu és muito babaca mesmo, Celso, puta que o pariu...!

Dei uma olhadela ao redor, percebi que Tino estava rapidamente evoluindo para um estado fisiológico em que não teria condições de dirigir de volta pro H8.

- Tu ainda pensa nela, Celso?
- Nela quem?
- Maria Luiza.
- Eu pensei que este assunto já estava encerrado, Tina.
- Fala, porra...
- De vez em quando... – "geralmente quando eu estou tomando banho" – por que?

- Curiosidade.
- Sei... ela é muito massa, mas é cheia de "eu não sei, Celso", tá ligada?
- Como assim?
- Eu não sei isso, eu não sei aquilo...
- Exemplos...?
- "Eu não sei se eu devia fazer isso, eu não sei se esse lance da gente é coisa da vida passada"... essas coisas.
- Tu acredita em vidas passadas, Celso?
- Eu acho que se alguém acredita na existência da alma é razoavel supor que a alma possa...
- Tu acredita na existência da alma?
- Como diria Maria Luiza, "eu não sei".
- Como assim, "eu não sei"? Ou você acredita ou não acredita, cacete!
- Eu acredito que seja possível que a alma exista, tá bom agora?
- E em Deus?
- Idem idem.
- E céu e inferno?
- Não, simplista demais pro meu gosto.
- Pois eu acredito em tudo isto, e é simples mesmo.
- Quem morrer verá...

Dei outra olhadela ao redor, percebi que Ricardeza, Lulu e Sarinha estavam rapidamente evoluindo para um estado de estagnação dinâmica.

- Bom, já conversamos sobre sexo e religião, agora só falta futebol e política.
- Sobre estes assuntos eu só converso de 4 em 4 anos, minha cara, e este ano eu já esgotei a minha cota.
- Até que não foi um ano ruim nestes setores... 1 derrota, 1 vitória.
- Só... já na MEC...
- 2 desligados, 2 trancados... Viva a MEC...!
- Só...
- Pelo menos ninguém morreu este ano... ninguém do H8, é claro, que no mundo morreu gente praca.
- É mesmo... quando a gente tava no 1º ano morreram 2, aqueles caras que tavam no 5º ano, e no ano passado morreu o Leandro.
- O que dá uma média de 1 por ano.
- E desvio padrão de 1...
- Será que vai morrer alguém no ano que vem, Celso?
- E como é que eu vou saber, Tina, sou lá eu vidente, por acaso?
- Há–há... que será que o Adriano está fazendo neste exato momento, Celso?
- Isso eu sei, ele deve estar liberando o boga lá em BH...

Dei mais outra olhadela ao redor, percebi que Laudão estava rapidamente se aproximando da mesa de som, clara indicação de que a nossa até então amena tertúlia iria evoluir para um estado de intensa diversão.

- Celso, hã-hã, me diz uma coisa: como é que um cara magrelo e feio feito Fabio sempre tá cercado de mulher bonita, hã-hã?
- É o charme dele, Laudão.
- Não é nada de charme, Tina, é porque ele tem a benga virada pro lado direito. Mulher se amarra em cara que tem a benga virada pra direita, tá ligado, Laudão?
- Como é, rapaz? Hã-hã, hã-hã.
- Sério...
- Eu nunca ouvi esta teoria, Celso... sem bem que eu confesso que não entendo nada deste assunto.
- E como é que tu sabes destes detalhes anatômicos do garoto, Celsão? Hã-hã, hã-hã.
- Porra, Laudão, faz 3 anos que eu moro com o cara, se bem que este ano ele tava na Europa... sabe como é, na hora do banho coletivo lá no apê a gente sempre dá uma conferida um no outro, há-há.
- Vocês tomam banho coletivo no 228?? Hã-hã, hã-hã.
- Claro! Pra quê que tu achas que eles fizeram banheiros com 2 chuveiros no H8, só pra gente dar aquele trote "tô quente/tô frio"??
- Vocês são um bando de baitolas mesmo, Hã-hã, hã-hã.

Cristina foi falar não sei o quê com Maria Luiza, e Fabio juntou-se a nós, ou seja, mais diversão. Laudão aparentemente não estava convencido de que tentar sacanear Fabio era uma tarefa um tanto quanto inútil, então prosseguiu:

- E aí, Fabio, muita boiolagem na Europa? Hã-hã, hã-hã.
- Entre outras coisas, Laudão.
- Fala 1 coisa pra nós, Fabio, é verdade mesmo que esperma tem gosto de água sanitária? Hã-hã, hã-hã.
- E como é que eu vou saber, Laudão?? Eu nunca bebi água sanitária...!

Cristina voltou a tempo de ouvir as gargalhadas, mas felizmente perdeu a primeira parte do jogo. Mas não a segunda:

- E aí, Laudão, ainda vai dar pra ser Summa?
- Não, agora só na próxima vida, hã-hã, hã-hã.
- Ainda vai dar pra ser Magna, talvez...?
- Também não, só na próxima vida mesmo, se é que ela existe mesmo, hã-hã, hã-hã.
- Mas vai dar pra se formar, não vai?
- Com certeza, hã-hã, hã-hã.
- Bem que eu desconfiava... e você, Celsão, vai dar pra se formar também?
- Só se for realmente necessário, Fabio.

Depois de uns 30 s a ficha caiu, e Laudão nos agraciou com o seu bom humor:

- Vocês são um bando de baitolas mesmo, Hã-hã, hã-hã.

Cristina interrompeu a nossa diversão com um pedido e um convite:

- Celso, põe aquela música do Pixies que eu gosto, pra gente dançar.

- Quem põe é galinha, Tina.
- Ai como é babaca...!!!

Obviamente que eu atendi ao seu pedido: coloquei “Where is my mind?” e fui dançar com ela. E obviamente que eu fazia uma ligeira idéia do que iria acontecer em seguida: Maria Luiza iria surgir do nada, ou melhor, do outro lado da sala, e iria pedir pra dançar a próxima música comigo.

O que eu não fazia a mínima idéia era que um inesperado acontecimento iria interromper aquela aparentemente não pré-planejada seqüência de eventos: a chegada da dupla dinâmica Dré e Dri ao recinto. Coisa que, diga-se de passagem, causou uma não desprezível descarga de adrenalina no meu até então controlado estômago. Eu tremi todinho, e a minha indiscreta amiga de imediato percebeu as descontroladas vibrações que se propagaram do meu corpo para o seu:

- O que foi isso, Celso?

Cristina nem aguardou a minha resposta, deduziu o óbvio quando seguiu a direção do meu olhar:

- A menina da cidade... puta que o pariu...!!!

Adriana aparentemente já esperava que eu estivesse presente, ou melhor, aparentemente já sabia que eu estava presente, pois nem se abalou com a minha presença. Também não me ignorou, sorriu amigavelmente, dando a entender que aquilo era exatamente o que eu deveria esperar dela: apenas um sorriso amigo.

A música acabou, Cristina foi falar não sei o quê com Maria Luiza, eu retornei para o meu posto de trabalho e continuei o bostejo com Fabio e Laudão. Tino chegou junto com mais 2 copos de vodka com coca e um sorriso prematuramente inebriado:

- **Agora** a festa começou, velho.

Dei mais outra olhadela ao redor, percebi que Andréa me fez um discreto sinal com os olhos, clara indicação de que a nossa até então desafetada amiga comum estava interiormente desejando evoluir para um estado de intensa diversão. Shruiu!!!

Eu pensei comigo mesmo, tomei um gole de coragem líquida e fui falar com ela:

- Oi, Dri, tudo bem?
- Tudo bem, Celso, e você?
- Tudo bem... finalmente estou de férias.
- Legal...
- Que cara é essa, Dri, o que foi que houve?
- Nada não, Celso, eu apenas não esperava que você fosse me tratar como essas meninas que você fica uma vez nos bailes do ITA e depois nunca mais liga pra elas.

Sutileza não era mesmo o seu forte, mas eu dei uma de leso:

- Eu?? Você é que disse que ia me ligar e não ligou.
- Eu liguei sim, na sexta passada, mas tava sempre ocupado. Por que vocês não compram uma secretária eletrônica?
- Boa idéia...

Ótima idéia, pensando melhor, mas teria que ficar para o ano seguinte, naturalmente, porque eu finalmente estava de férias. Shruiu!!!

- E por que você não ligou pra mim, Celso?
- Porque você disse que ia ligar pra mim na sexta-feira e não ligou... quer dizer...
- E você não podia pegar o telefone e me ligar no dia seguinte?
- E você não podia pegar o telefone e me ligar no dia seguinte?

Sem querer querendo eu havia baixado a discussão para um nível deplorável, mas Adriana contornou aquela ligeiramente desagradável situação com superba maestria:

- Celso, eu não quero discutir com você, eu não estou lhe cobrando nada. A gente ficou 2 vezes, eu sei que você tava estudando muito pros exames, daqui a pouco você vai pra casa de férias... eu gosto de você e queria ficar com você, eu apenas não esperava que você fosse deixar de me ligar por causa de um desencontro bobo.

Aquela sincera atuação com certeza merecia o Nobel da Paz... "eu gosto de você e queria ficar com você"... aquela menina decididamente estava passando da fase interessante para a fase emocionante. Shruiu!!! Shruiu!!!

Nós ficamos sem falar nada por um instante. O momento ideal havia chegado. Eu dei um riso amarelo, olhei para o lado direito, depois para o esquerdo, percebi que Andréa estava se divertindo ás custas da minha dascabida babaquice. E a sua melhor amiga aparentemente estava fazendo o mesmo:

- Fala alguma coisa, Celso.
- Você não é uma dessas meninas que a gente fica uma vez nos bailes do ITA e depois nunca mais liga pra elas, Dri, voce é especial.
- Mesmo...?
- Claro que sim... e eu sempre achei você a maior gracinha, sabia?
- Eu acho que sabia sim, mas agora não sei mais...
- Pois ainda é verdade, Adriana... – eu cheguei mais perto dela –espero que não seja tarde demais.
- Não, não é...

A festa acabou bem. Para a maioria dos presentes, naturalmente. Meu comparsa Tino não somente não conseguiu dirigir de volta pro H8 como também nem conseguiu andar para o carro, de modo que permaneceu largado no sofá da casa de Romano até a manhã seguinte. A primeira coisa que ele fez quando acordou foi ligar para mim, ligeiramente preocupado com a sua valiosa viatura:

- *Celsan, cadê a paratosa?*
- Bom dia pra você tambem, Tino.
- *Ela tá contigo?*
- Tá sim, velho, tá inteira.
- *Vixe que eu tomei um susto da porra quando levantei e vi que a bicha não tava estacionada aqui na frente da casa do Romano.*
- Se avexe não, meu velho, quer que eu te pegue agora?
- *Não, que me pegue não, eu quero que você venha me buscar.*
- Há-há, é um fresco mesmo, tou saindo daqui a uns 10 min.

30 min depois estava ele entrando no seu querido carrinho, já animado para uma nova empreitada:

- Vamos encarar uma feijoada, Celsan?
- Feijoada, velho? Tu não estás nem curado da ressaca e já quer encarar uma feijoada?
- Besteira, porra, depois de 5 anos comendo no H15 o meu anteriormente delicado estômago já está devidamente adaptado às mais diversas condições ambientais, por mais agrestes que elas sejam, tá ligado? Tu dirige, que a minha cabeça ainda tá dando volta.
- Tá bom, então. Bota o cinto, porra.
- Já botei, cacete.

Saímos em rumo do CTA, pois o boteco da feijoada ficava bem pertinho do mesmo.

- Na verdade foram 4,5 anos, pois afinal de contas eu não estava aqui no sementre passado.
- Pois o meu delicado estômago ainda tem reações adversas a certos tipos de ingestões alimentares.
- Mais outro ano por aqui e ele fica nos trinques, tá ligado? “Are you ON”?
- “Only”... tu não vai pra Europa de novo não?
- Vou não, Celsan, é muita grana.
- Porra nenhuma, Tino, que isso não é problema prum cara estribado feito tu.
- Não é assim não, meu velho.
- Vai pros states, então, dar uns apertos naquela gringa que tu conhecesse na Alemanha. Como era mesmo o nome dela?
- Ainda é Janet, Celsan.
- Aonde é que ela mora?
- Wisconsin, que nesta época do ano é frio praca... eu vou é curtir a minha praia, tá ligado? Amanhã mesmo eu me mando, dou uma parada no Rio, outra em Maceió e depois vou pra casa. Vocês vão zarpar quando?
- Amanhã de manhã. Vamos parar em Ubachuva pra rangar e depois seguimos.
- E aquela menina de ontem, como era mesmo o nome dela?
- Ainda é Adriana, Tino.
- Sim, mas, rolou sexo?
- Rolou, aqui mesmo na paratosa, bem aí aonde tu estás sentado.

- Êpa, que eu já disse que esse tipo de atividade é expressamente proibida aqui no carango, meu velho, principalmente nos bancos da frente.
- Tô brincando, aruá, não rolou nada não... kit básico.
- Só... e hoje, será que ela libera?
- Eu não sei não, talvez...
- Talvez sim, talvez não ou talvez talvez?
- Talvez talvez, algo no fundo me diz que aquela menina é meio "I don't know", tá ligado?
- "Oui".
- E a formatura hoje, será que vai ser massa?
- Com certeza, pena que eu não estou me formando com a minha turma, mas eu já superei este trauma, 1 a menos que eu vou levar desta escola.
- Só... e aí, Tino, deu pra passar em tudo neste semestre?
- Rapaz, eu passei sem dar mesmo, mas se fosse preciso a gente dava um jeito.

A formatura foi mais que massa, mais que alto nível, pois 2 grandes amigos meus conseguiram obter distintíssimos destaques acadêmicos: Stenio foi Magna Cum Laude e Cacau foi Summa Cum Laude.

Claro que na hora em nem consegui identificar o agraciado-mor, pois o mestre de cerimônias anunciou um nome esquisito, completamente desconhecido da minha pessoa. Quando o sujeito levantou foi que eu vi que era o Cacau...

Lucia ficou um tanto quanto confusa quando eu expliquei o que significava ser Magna, ou Summa:

- Quer dizer que o meu namorado é muito mais gênio do que eu imaginava?!? Nossa, e agora, Celso?! Como é que eu vou lidar com isso?
- Não se preocupe, minha cara, que o Stenio é uma pessoa muito modesta. Cacau também, eu aposto que depois de hoje eles nem vão mais tocar neste assunto.

Claro que **eu** iria tocar no assunto por muito tempo, até hoje, pra dizer a verdade. Afinal de contas eu tenho um amigo Magna e outro Summa, é mole? A-há, a-há.

Minha felicidade pela conquista dos amigos foi brevemente interrompida pela inoportuna pergunta da minha querida talvez talvez futura namorada:

- E você, Celso, vai ser Magna ou Summa?
- Eu, minha cara Adriana, se conseguir me formar no ITA já vai ser de bom tamanho.
- Esses meninos do ITA são tão modestos, não é mesmo, Lucia?
- Demais, Adriana.

Depois de finalizada a cerimônia cumprimentamos os colegas formandos e marcamos encontro no baile de formatura. Eu voltei pro H8 com Tino, que naquela altura dos acontecimentos já estava preparado para tomar umas biras no Mosca.

- Porra, Tino, desde quando tu desse pra beber tanto, velho?

- Desde nunca, eu prefiro beber sem dar mesmo, Celsan. Vamos tomar umas 2 ou 3 com Camilo e Renato.
- Só...

Camilo e Renato nunca tomavam apenas 2 ou 3, aquela estoriazinha rendeu até 9:30 da noite. Eu cheguei no 228 levemente detonado, mas só consegui descansar depois que meus engenheirandos amigos saíram do apê. Iniciei um quase regenerativo cochilo, que foi prematuramente interrompido pela chegada de Camilo e Tino antes que eu pudesse recobrar minhas forças:

- Porra, Celsan, nem tomou banho ainda?
- Levanta, porra, vamos greiar.
- Meu irmão, tá cedo ainda.
- Porra nenhuma, já são quase 11:30.

Levantei, tomei um banho, aprontei-me para o evento. Quando chegamos ao baile meus comparsar foram direto ao bar, mas eu achei que ainda estava cedo para iniciar a ingestão alcoólica e achei melhor sair pela direita e dar uma circulada no ambiente.

Encontrei a minha prestativa amiga Cristina, que logo sugeriu uma apropriada atividade social:

- Celso, vai cumprimentar a Lú, eu te levo na mesa dela.
- Mesa dela é meio esquisito, não é, Tina?
- Marromeno... na sua mesa. Na tua, não, na dela.
- Melhorou. Mesmo porque eu nem tenho mesa. Como você está elegante, Cristina...!
- Muito obrigada, você também está elegante, Celso, de terno e gravata.
- Muito obrigado.
- Bora.

Ela puxou minha destra e saiu buscando brechas entre os presentes, mas antes que pudéssemos percorrer uns 5 m fomos abordados por outra igualmente elegante figura:

- Celso, Tina!
- Oi, Renata, tudo bem?
- Tudo bem, Celso. Como a Cristina está bonitona, nossa!
- Muito obrigada, Renata.
- Hoje ela arruma um namorado neste baile, a-há.
- Sem dúvida. Como vai o queridinho do 3º ano?
- Muito bem, melhor ainda agora que fui promovido a queridinho do 4º ano.
- É mesmo, como o tempo voa, parece que foi outro dia que você estava na sala de música, com aquela cara de bicho assustado, ensinando a gente a tocar "Say it ain't so"... eu ia começar o 4º ano, agora você é que vai começar o 4º ano, Celso... eu estou ficando velha mesmo. Viu os meninos por aí?
- Não, eu cheguei agora.
- Que estória de queridinho é essa, gente?
- É uma teoria maluca da Renata, Tina.

- Fatos da vida, Cristina, que o Celso ainda teima a negar.
- Fala pra mim.
- É o seguinte: toda instituição tem aquelas pessoas que são admiradas, respeitadas, sabe? Normalmente por serem competentes, dedicadas, esforçadas, vibradoras etc.
- Sim, e daí?
- Eu chamo estas pessoas de "queridinhos", porque elas realmente são bastante queridas pelas instituições.
- Tô entendendo...
- O ITA, como toda instituição que se preza, tembém tem seus queridinhos, toda turma tem uma meia dúzia duns 3 ou 4.
- Hum... tipo aqueles alunos que recebem um telefonema do Reitor quando fazem aniversário, e/ou que nos finais de semana vão almoçar feijoada na casa do Diretor do IAE, e/ou jantar na casa do Diretor do IEAv e/ou na casa do Diretor de Ensino?
- O Diretor de Ensino do ITA é meu conselheiro, Cristina. Eu não tenho culpa se o teu conselheiro nunca te convidou pra jantar na casa dele.
- Isso, Tina. Na minha turma, por exemplo, tinha a Raquel, o Pedrão, o Vilas... A grande vantagem de ser um queridinho é que você pode fazer praticamente tudo o que quiser que você sempre vai ser acochambrado. Tá entendendo, Tina?
- Eu acho que estou entendendo perfeitamente, Renata – minha atenciosa amiga Cristina assumiu uma expressão mezzo irônica/mezzo intrigada/mezzo pensativa – tipo aqueles alunos que chegam no meio da aula e a professora não dá nem um atraso pra eles, e/ou freqüentemente estão na DIVAL tratando de misteriosos assuntos acadêmicos durante aquelas aulas bem chatas, e/ou que pegam uma segunda época mas o professor acochambra a troco de uma atividade extra-curricular, e/ou...?
- Tá bom, Tina, você já entendeu a teoria – eu inutilmente tentei cortar aquela descabida conversa.
- O Celso decididamente é um dos queridinhos da nossa turma, Renata.
- É o que eu sempre disse pra ele, Tina.
- Celso, K-Zé, Adriano, JA, Nélio...
- Cristina, eu acho que é melhor a gente ir cumprimentar a Maria Luiza agora. Você já falou com ela, Renata?
- Claro que sim, fui parabenizá-la e agradecer pelo convite que ela me mandou.
- Então tá. A gente se vê daqui a pouco, Renata.

Cristina fingiu que náo havia dado muita bola para aquela conversa toda, mas aquela aparentemente extremamente absurda teoria renatiana ficou na sua cabeça. Por um longo tempo. E foi usada contra mim várias vezes. Por um longo tempo.

Outra vez ela puxou minha destra e saiu buscando brechas entre os presentes, mas antes que pudéssemos percorrer outros 5 m fomos novamente abordados por outras igualmente elegantes figuras, o meu conselheiro, também conhecido como Diretor de Ensino do ITA, e a sua digníssima esposa, também conhecida como tia Alberta:

- Oi, Celso, tudo bem?
- Tudo bem, tia Alberta.
- E quem é esta moça tão bonita, é a sua namorada?

Eu confesso que tomei um leve susto quando ouvi aquela pergunta, e confesso que minha primeira reação foi tentar largar a mão da minha também assustada amiga. A sua primeira reação, no entanto, foi apertar a minha mão, como se estivesse implorando minha ajuda para sair daquela sinuca. Eu entendi o seu apelo, e improvisei uma jogada diplomática:

- Não, tia, Cristina é minha colega de turma, minha melhor amiga.

Que logo foi desvirtuada pelo exagerado romantismo da caridosa dama:

- Ah, foi assim que a gente começou, não foi, Beto, como melhores amigos? Depois a amizade foi evoluindo pra namoro, depois noivado, casamento...

Felizmente para todos o meu perspicaz conselheiro rapidamente rebateu o lance para um terreno menos perigoso:

- Foi, foi... vocês 2 estão de parabéns, Cristina, terminaram o semestre com excelentes resultados.
- Muito obrigada, Mestre.

A prosa logo mudou de rumo, pois o assunto da hora era a formatura dos nossos colegas, e pouco tempo depois nosso querido professor despediu-se com um convite-ultimato:

- Celso, depois aparece lá na nossa mesa que o Reitor tá querendo trocar uma palavrinha contigo.

Novamente eu tive que improvisar uma jogada diplomática:

- Pois não, Mestre – eu sorri meio sem jeito para a minha desconsertada amiga – vamos cumprimentar a Maria Luiza, Tina?
- Vamos.

Finalmente conseguimos chegar à mesa da nossa nobre formanda. Nobre e bela, eu diria... e maravilhosa, e charmosa, e sexy, e...

- Oi, Celso, como vai, meu filho?

Ainda bem que sua simpática genitora interrompeu meus impuros pensamentos, pois eu estava prestes a fazer algo bastante inesperado, e inapropriado para a ocasião também.

Cordialmente cumprimentei seus familiares, e depois dediquei minha exclusiva atenção à ela. Dei-lhe um longo abraço e um par de beijos nas suas lindas faces:

- A grande noite chegou, Maria Luiza, meus parabéns!
- Muito obrigada, Celso, eu estou muito feliz... mais ainda porque você está compartilhando este momento tão importante comigo...

Não falamos mais nada por um bom tempo, apenas permanecemos abraçados até aliviar, parcialmente, as tensões internas.

- Não esqueça de mim na hora da valsa.
- Estou contando os minutos...

Novamente minha atenciosa amiga Cristina assumiu uma expressão mezzo irônica/mezzo intrigada/mezzo pensativa, e eu achei que aquele seria um bom momento de sair pela direita:

- Eu encontro vocês depois, Tina, deixa eu ver o que o Magnífico quer comigo.

O evento estava tão concorrido que eu demorei uns 15 min até chegar à mesa do nosso nobre líder. E quando finalmente lá cheguei passei outros 15 min cumprimentando todas as autoridades e cônjuges.

O Reitor foi direto e sucinto, como de costume:

- Celso, em primeiro lugar eu gostaria de parabenizá-lo pela sua candidatura, e eleição, ao DOO e ao Departamento Cultural do CASD.
- Muito obrigado, Mestre.
- Esta conversa de que o CASD está em crise é coisa de antes da minha época de aluno do ITA, eu falei a mesma coisa quando estava no H8, inclusive eu comentei
- isso com o seu colega Eduardo, o novo presidente do CASD.
- Hum...
- Bom, vocês têm todo o meu apoio, do ITA e da direção do CTA também. Nossas portas sempre estarão abertas para vocês, e nós temos a certeza de que vocês farão um excelente trabalho.
- Muito obrigado pelo apoio, Mestre.
- Bom, em segundo lugar eu gostaria de pedir um favor especial para você, Celso.
- Pois não, Mestre.
- Eu gostaria que durante as férias você tivesse uma conversa com o seu amigo Eugênio, na qualidade de iteano e conterrâneo, que você tentasse, mais outra vez, convencê-lo a retornar ao ITA no ano que vem.
- Eu prometo que vou tentar, Mestre.
- Ótimo, muito obrigado. E em terceiro, e último, lugar, eu gostaria de saber porque você decidiu interromper suas atividades extra-curriculares lá na Física, Celso.
- Nenhum motivo especial, Mestre, eu apenas achei que seria melhor reservar mais um tempinho para as minhas atividades curriculares lá na MEC. O 4º ano vai ser puxado, o Sr. sabe como é.
- Bom motivo, Celso, bom motivo... bom, aproveite o baile, boas férias e mande minhas recomendações aos seus pais.
- Muito obrigado, Mestre.
- Daqui a pouco é você que está se formando, Celso, 2 anos passam depressa.
- Não no H8, Mestre...
- Há-há-há, lá isso é verdade...

Encontros E Despedidas

A viagem estava indo conforme o planejado. Exceto por um pequeno incidente com a Polícia Rodoviária em Paraty, do qual saíramos ilesos, e de um quase fatal encontro com alguns jacarés após uma ligeira falha mecânica do carro de Juliano.

Foi perto de Mambucaba, logo ao cair da noite. O Julianomóvel estancou bem no meio duma estradinha de barro, lamacenta, sem iluminação e mão única. O bizuleu quadruplicou quando decidimos sair do veículo para investigar a causa do problema. A lama batia no meio da canela, e tava um calor arretado.

Sávio B. escutou uns barulhos esquisitos no matagal junto à estrada, mas na hora Juliano e eu achamos melhor ignorar as fobias do nosso atento amigo e continuamos a nossa tarefa.

De repente Juliano viu, ou pelo menos disse que viu, um par de olhos amarelados caminhando lentamente em nossa direção... em menos de 1 s estávamos os 3 dentro do carro novamente, sujos e suados, mas vivos.

Durante os 10 min seguintes permanecemos calados, parados e assustados, prestando atenção a todos e quaisquer ruídos ao nosso redor, inclusive umas terríveis batidas no piso da viatura. Nossa acautelada decisão de não bulir com 300.000.000 de anos de instintos predadores demonstrou ser bastante apropriada, pois após aqueles longos e sofridos 10 min o(s) feroz(es) monstro(s) reptiliano(s) havia(m) desaparecido.

Juliano saiu do carro novamente, olhou embaixo do mesmo e fez sinal de que a barra estava limpa. Voltamos os 3 a procurar a causa da pane.

Sávio B. descobriu que o problema era apenas um mal-contato do faxsinecine da rebimbola da cruzeta, que logo foi resolvido com uma porrada na mesma. O que não conseguimos resolver até hoje foi definir se aquilo fora uma falha mecânica ou elétrica...

Acampamos em Mambucabinha, onde nossa selvagem epopéia teve reduzida repercurssão devido ao simples fato dos locais saberem muito bem que o comprimento dos jacarés daquelas paragens raramente passava dos 50 cm.

Nosso estado emocional, no entanto, estava completamente abalado, e depois de janta achamos conveniente detonarmos nosso estoque de ervas calmantes. O qual, felizmente para nós, não havia sido confiscado pela Polícia Rodoviária.

Depois daquelas emocionantes aventuras passamos batido pelo Rio e sentamos acampamento em Cabo Frio. Sávio tirou umas fotos sensacionais naqueles finais de tarde nas praias cariocas, prometeu mandar-me umas cópias... espero que algum dia ele realmente consiga enviá-las pra mim.

Eu passei um bom tempo refletindo sobre algumas importantes atividades que eu gostaria de fazer durante aquelas férias. A primeira seria passar bastante tempo com meus familiares e amigos, e surfar sempre que o mar tivesse pelo menos 30 cm. Com Júlia, naturalmente.

A segunda, ou terceira, seria ligar para Bianca. Coisa que eu não havia feito nas férias do meio do ano, por vergonha, ou timidez, sei lá. Mas daquela vez eu ia ligar pra ela, e se ela cagasse pra mim tudo bem. Afinal de contas eu já havia decidido que a minha 1ª resolução de ano novo seria não me abalar mais com porra nenhuma. Eu ia ser que nem Carolina, eu ia ser o equivalente humano da linha neutra.

E pra que esperar até o ano seguinte para começar a agir como tal?

E Carolina... bem, Carolina ia ser um assunto complicado, mas resolvível.

Irresolvível mesmo ia ser convencer Genoca a voltar pro ITA, mas eu ia tentar, afinal de contas eu havia prometido ao Magnífico.

Chegamos em Vitória 2 dias após a saída de São José. Ficamos alguns dias arregando na casa de Juliano, curtindo as praias de dia e tentando azarar as nativas de noite, mas o velho charme não estava funcionando naquelas paragens.

Nossa sorte só mudou quando Sávio e eu chegamos em Porto Seguro. Fomos direto para o Arraial, ficamos numa pousada na Broadway, que estava bem freqüentada. Logo na primeira noite percebemos que a proporção entre os sexos estava a nosso favor, e decidimos adotar a atitude largada, tão neutra quanto possível.

Depois da praia sentamos para tomar umas biras. Não demorou muito e um par de moçoilas de sotaque conhecido sentou-se à nossa mesa. Nós ficamos conversando potoca enquanto Sávio tentava me explicar como se jogava gamão. Obviamente que nós dissemos que éramos de Olinda e coisa e tal e obviamente que as paulistinhas caíram naquela conversa furadérrima. Lá pelas 9:00 elas falaram que iam a um bar perto da igreja para conferir a nova dança da moda. Nós dissemos que iríamos em seguida, mas ficamos biritando mais um pouco.

Eu estava satisfeito e preferia não ir, afinal de contas aquele tipo de música provavelmente estava bem fora dos limites do meu bom gosto, mas Sávio parecia estar interessado em expandir seus horizontes culturais, e eu decididamente não poderia deixar meu amigo largado sozinho no meio daquelas paragens desconhecidas.

O tal barzinho tinha uma decoração interessante: bonecos pendurados no teto, algumas peças de tonalidade náutica espalhadas no ambiente e um pouco da costumeira porra-louquice aleatória característica daqueles lugares. Mas o que mais me chamou a atenção foi a exagerada abundância de mulheres. Não que eu estivesse achando ruim, muito pelo contrário. Sávio observou a coreografia dos 3 casais que estavam dançando e logo sintetizou sua análise:

- Celso, isso é que nem forró, só que um pouco mais rápido, e um pouco mais acochado. Nós vamos arrasar, velho.
- Só.

Eu não entendi direito o que ele quis dizer com "nós", pois eu nunca fui bom forrozeiro, e já fazia um tempão que eu não praticava. Todavia minhas preocupações mostraram-se desnecessárias, pois assim que a mulherada viu que tinha carne nova no pedaço fomos imediatamente requisitados para demonstrarmos nossos talentos artísticos. Ou, no meu específico caso, falta de.

A cada música nós éramos transferidos para uma parceira diferente, e em pouco tempo ficou claro para todo mundo que o meu caro conterrâneo possuía uma excepcional habilidade naquela nova modalidade de dança popular. Eu decidi parar de tentar fingir que conseguia fazer um bom papel dançando e comecei a organizar a fila das marias que aguardavam ansiosas para ter o prazer de se deliciarem nos braços de Sávio. Algumas delas tentaram me subornar com cerveja, no vão intuito de furar a fila. Eu amigavelmente explicava que não poderia alterar a seqüência estabelecida, mas elas insistiam, e aos poucos eu acabava me corrompendo às suas agressivas investidas.

Aquela noite deve ter sido o momento mais importante na divulgação daquela nova dança, que atingiu exposição internacional alguns meses depois. Tudo graças ao enorme talento artístico de Sávio e à minha humilde capacidade de organização.

A noite seguinte foi igualmente interessante. Novamente as nossas amiguinhas paulistas nos passaram o bizu de que ia rolar uma festa muito massa na passagem da balsa, e que um conhecido delas ia descolar um adequado transporte. Marcamos de encontrá-las às 10:30 na frente da pousada, e fomos passar o tempo explorando as redondezas. Sávio havia se tornado o homem mais famoso do Arraial, e a mulherada caiu em cima descaradamente. Ele foi arrastado para o bar da noite anterior, e eu não pude fazer nada para protegê-lo, pois a desvantagem numérica era muito grande.

Eu não quis demorar-me naquele recinto, e depois que acabei a primeira bira discretamente saí dali. Minha ausência foi percebida por uma sorrateira mineira que aparentemente também era, como eu, bastante limitada nas capacidades de coordenação motora. Ela abordou-me na rua, nós começamos a conversar besteira e em breve ela mostrou-se bem dotada em outras áreas menos nobres de atividades expressionistas. Meu mineiro amigo Adriano estava certo mesmo, as mineirinhas são muito quentes. Pelo menos aquela era. Nós ficamos nos agarrando atrás da igrejinha até que o meu dançarino amigo veio me lembrar do compromisso anteriormente assumido:

- Celso, vem cá.
- Agora eu tou ocupado, velho.
- Celso! Já são 10:30!

Eu fui falar com ele, a mineira ficou desconfiada quando eu voltei e dei uma desculpa esfarrapada.

- Você tá indo embora, né, Celso?
- Eu volto daqui a pouco.
- Eu sei que você não vai voltar... me dá seu e-mail, ou telefone.
- Eu volto daqui a pouco.

- Você não vai voltar... eu nunca mais vou lhe ver, não é?
- Eu volto daqui a pouco...

Ela estava certa. Duplamente certa. Mas pelo visto já estava preparada. Na hora eu nem liguei para o que ela pudesse estar pensando, mas enquanto nos dirigíamos à passagem da balsa eu fiquei pensando se havia tomado a decisão correta.

Minhas dúvidas dissiparam-se completamente quando chegamos ao local da festa. O lugar estava cheio de mulheres atraentes, e mais uma vez nos defrontamos com uma favorável desproporção demográfica. Favorável para nós, obviamente.

O som também estava mais de acordo com o meu gosto, o velho e bom rock, nada daquela nova moda ridícula. Nós pegamos umas biras e ficamos encostados no bar, apreciando as beldades que desfilavam pelo recinto e sorriam em nossa direção. E em breve ficou claro porque estávamos atraindo tanta atenção. Uma delas passou na minha frente e fez um sutil, e explicativo, comentário:

- Você está uma gracinha com esta banana sobre a cabeça.

Foi naquele instante que eu percebi que estava posicionado logo abaixo de parte da decoração. Eu sorri e continuei no mesmo lugar. Não era à toa que o evento se chamava "Festa da Banana". Depois de alguns minutos minha atenção fixou-se numa moçoila de pele clara e longos cabelos negros que estava no outro lado do pátio à nossa frente. Ela trajava um vestido florido, bastante generoso, e estava descalça. Eu sorri quando percebi aquele detalhe, mas meu sorriso desapareceu quando percebi que o meu companheiro de jornada também estava analisando a menina:

- Eu vou lá, Celso!
- Êpa, eu vi primeiro!
- Porra nenhuma!
- Claro que sim!

A solução foi tirar um par ou ímpar, do qual Sávio saiu vitorioso. Mas a alegria dele durou pouco, a menina não deu a mínima para a sua investida. Minha tentativa também foi infrutífera, e eu acabei voltando para o mesmo lugar que estava antes, embaixo da banana. O que provou ser bem mais produtivo, tanto para mim como para o meu popular amigo.

No dia seguinte mandamo-nos para Salvador, e de lá fomos para casa. Chegamos na véspera do Natal. As férias haviam começado bem, mas ainda me restava resolver 1 importante assunto antes do final do ano.

2, aliás, e eu decidi começar pelo mais agradável. Liguei para Júlia, ela também ia passar o Natal em casa com a família, mas combinamos de sair na quinta. Ela foi bem carinhosa ao telefone, disse-me que estava com saudades e que tinha que me ver antes do ano novo. Eu fiquei todo animadinho, entretanto minha felicidade acabou rapidinho quando nós finalmente nos vimos ela me explicou o motivo da urgência.

Primeiro ela me deu um forte abraço e ficou acariciando meus cabelos. Depois ela me deu um longo beijo, e quando eu estava andando nas nuvens ela soltou a bomba:

- Celso, amanhã eu vou viajar para Salvador, nós vamos passar o ano novo e as férias por lá.
- Que massa, Júlia... Salvador sempre dá onda boa, mesmo no verão.
- É...
- Você vai estar por aqui no Carnaval?
- Eu acho que não...
- Hum... – eu custei a acreditar que ela iria cometer uma traição daquelas, passar um Carnaval na Bahia, mas a realidade era ainda mais dura do que eu pensava.

Ela percebeu a minha cara de desconfiado e resolveu dar mais detalhes:

- O meu pai foi transferido, Celso, a gente vai morar 2 anos em Salvador.
- Sei...

Eu não sei quem estava mais desapontado, eu ou ela. Todos os planos que havíamos feito, desde as férias do meio do ano, estavam por água abaixo. Nada de surfar juntos, nada de mergulhar nos corais juntos, nada de nada. Era o fim de tudo. Eu não consegui falar mais nada, mas ela conseguiu:

- Eu te adoro, Celso.

Aquela não foi a última vez que eu a vi, mas na hora tudo que eu consegui pensar foi quando, ou se, eu iria ter a chance de vê-la novamente. Eu visitei vários amigos e parentes durante aquele final de semana, mas eu passei o tempo pensando naquela noite.

Na segunda-feira eu fui pegar onda com Neno e Leo. O mar não estava muito bom, mas também não estava muito ruim, pelo menos as ondas estavam>30 cm. E foi naquela bela tarde de dezembro que eu recebi uma desagradável notícia, tão logo entrei no carro:

- Celso, tu lembra de Bianca, irmã de Márcia e Vitória?
- Aquela totozinha? Claro que lembro, como é que ela tá, Neno?
- Ela morreu num acidente de carro, Celso, no mês passado.
- Como é?!!?
- Foi bagaceira, meu velho, tinha 4 pessoas no carro, morreu tudo, na hora. As meninas ficaram arrasadas. Tu lembra, Leo?
- Pode crer, velho, a gente foi pro enterro, Celso, foi foda.

Eu custei a acreditar naquele imutável fato da vida... Bianca, a menina com quem eu havia conversado 1 vez na vida, não existia mais. Putz...

Meus solidários amigos já haviam passado da fase da incredulidade, mas eu iria permancer naquele estado por um bom tempo.

A sesh daquela tarde foi conturbada, eu me senti meio fora da realidade.

Decidi que quando chegasse em casa ligaria para Carolina, mas nem foi preciso.

Não, ela não ligou para mim, naturalmente, mas ela estava na praia. Sozinha. Quando eu saí do mar eu fui conversar com ela. Aquela conversa ia ser muito difícil, mas não havia mais como evitá-la.

Ela estava sentada, tomando suco de graviola, linda, meiga, desafetada como sempre. Eu coloquei a prancha na sombra e sentei-me ao seu lado. Sério, muito sério. Ela pressentiu o que estava para acontecer, e foi direto ao assunto:

- Você veio me dizer a mesma coisa que eu lhe disse no ano passado, não é?
- É...
- Eu tava errada, Celso, eu não queria passar as férias sem você.
- Eu sei, você só queria me esquecer, não foi?
- Foi, mas eu não consegui.

Ela segurou a minha mão, entrelacou os nossos dedos. Aquilo ia ser mesmo muito mais difícil do que eu havia imaginado, mas eu prossegui firme:

- Carolina, você vai ter que tentar novamente, vai ser melhor para nós 2.
- Você tá saindo com a tal da Maria Luiza de novo, é?
- Não, eu não estou saindo com ninguém.
- Então por que esta conversa agora?
- Porque agora é a hora de você seguir o seu caminho e eu seguir o meu.

Carolina passou a mão no meu rosto, retirou um pouco da água que estava escorrendo dos meus cabelos, fixou seus lindos olhos na direção dos meus:

- Eu te amo, Celso.
- Eu sei... eu também te amo, Carolina.
- É isto mesmo o que você quer?
- É. Eu acho melhor... eu quero que você seja feliz, todos os dias.
- Tá bom.

Eu levantei, ela também. Eu segurei suas mãos, acariciei seu lindo e sereno rosto por uma derradeira vez. Ela encostou seus lábios aos meus e nós trocamos um longo e intenso beijo. Sem lágrimas, sem dramas, sem palavras duras, sem acusações inúteis.

- A gente se vê por aí.

Eu me virei e fui pegar a minha prancha, mas ainda consegui ouvir a sua sorridente resposta:

- Eu espero que sim...

Nós nos vimos várias vezes durante aquelas férias, mas não tocamos mais naquele assunto, apesar dos apelos dos nossos amigos. Para todos os efeitos práticos Carolina e eu havíamos

definitivamente rompido todos os nossos intricados laços amorosos, o que obviamente não era a verdade verdadeira. Mas pelo menos conseguimos convencer nossos amigos de que nao havia nenhum resentimento entre nós.

Eu ainda pensava muito nela, naturalmente, mas a coisa foi decaindo exponencialmente com o passar dos quentes dias do verão. Conheci algumas meninas interessantes, saí com algumas amigas do meu irmão, com a irmã da namorada nova de Tasso. Naturalmente que nenuma delas chegou a ter um significado mais importante, nenhuma delas chegou perto de "substituir", na falta de um termo melhor, Carolina, mas um belo dia eu acordei e me convenci de que havia mesmo feito a coisa certa. E parei de me preocupar com aquilo, e comecei a me sentir bem comigo mesmo.

E um belo dia, ou melhor, uma bela tarde, eu encontrei uma outra certa pessoa que conseguiu, mesmo sem querer, fazer-me sentir mal comigo mesmo novamente. Outra pessoa com a qual eu ainda tinha assuntos pendentes, que ainda perduraram por vários anos, mas isto é outra estória.

Eu estava acabando de sair da surf shop do meu amigo Deco quando dei de cara com ela. Eu tomei um susto, ela também, mas logo após nos cumrimentamos cordialmente:

- Oi, Celso, quanto tempo... – ela aproximou-se e trocamos 2 beijos – 3 anos...
- É mesmo... Feliz Ano Novo, Regina.
- Pra você também... como estão as coisas no ITA?
- Estão bem. E você, como está na faculdade?
- Tudo bem, até agora, começo o quinto periodo no semestre que vem.
- Massa...
- Você está com muita pressa ou teria um tempinho pra gente colocar o papo em dia?
- Boa idéia – eu olhei ao redor – vamos sentar?
- Vamos – ela começou a caminhar – como vai D. Clarisse?
- Vai bem, obrigado, ela sempre pergunta por você.
- É mesmo!?
- É. E como vão todos na sua família?
- Tudo bem. Meu pai esteve um pouco adoentado, mas está melhor.
- Que bom.
- Minha irmã casou em novembro. Ela está grávida.
- Já?! Não perdeu tempo, hein?
- Não... na verdade ela já estava grávida antes, há-há-há-há-há.
- Sei... essa tua risada continua massa.
- Obrigada. Teu cabelo tá enorme, eu cortei o meu.
- Está bonito.
- Muito obrigada.

Seu lisonjeado sorriso apenas me fez lembrar o quanto ela era linda. Regina era a menina mais bonita que eu havia conhecido na minha vida. Mais que Carolina, mais que Maria Luiza, mais que Beatriz, mais que Adriana, mais que Júlia, mais que...

- E como é a vida no ITA, Celso? O que é que vocês fazem lá, alem de estudar, é claro?
- Hum, deixa eu ver... – eu fiquei pensando sobre qual tipo de informação eu poderia liberar – de vez em quando eu toco com os amigos, quase todo fim de semana.
- Massa... e o que mais? Você ainda pega onda por lá?
- Hum, deixa eu ver... – eu fiquei lembrando quantas vezes eu havia surfado no terceiro ano – de vez em quando eu vou pra Ubatuba com os amigos, eu fui 2 vezes no ano passado.
- Deve ser chato, né, para quem surfava 2 vezes por dia...
- É, é muito chato mesmo. Mas eu sempre pego onda nas férias, e na semaninha.
- Semaninha, o que é isso?!
- É 1 semana de intervalo que a gente tem no meio de cada semestre, mini férias.
- E você sempre vem pra cá nesta semana?
- Quase sempre, eu não pude vir da última vez...
- D. Clarisse deve ficar morta de saudades, não é? O filho longe o tempo todo.
- É verdade...
- Conta mais. E os teus amigos do ITA, são um bando de malucos mesmo?
- Não, não, isso é tudo lenda. Meus amigos são perfeitamente normais... todos eles.

Eu acho que exagerei um pouco, pois ela lançou-me um olhar ligeiramente desconfiado:

- Fala a verdade, Celso.
- A grande maioria, pelo menos.
- Sei... e as baladas?
- Eu não saio muito, Regina.
- Esse menino está muito diferente, não surfa mais, não sai mais...
- Pois é...
- E o que é que você faz durante o final de semana, de noite?
- Eu fico papeando com os amigos, ou tocando a minha Tele... às vezes rola uma partidinha de War, umas 2 ou 3 vezes ao ano, quando chove.
- Sei... você tem uma namorada por lá?
- Não...
- Rolinhos?
- Alguns, nada duradouro... e você?
- Eu estou namorando com um menino da minha sala.
- Legal...

Trocamos mais uma meia dúzia de informações inúteis e nos despedimos com uma mistura de sarcasmo e melancolia:

- Eu espero que esteja valendo a pena, Celso.
- Eu também, Regininha.

Beira Mar

Eu saí do banho, troquei de roupa e fui pra cozinha. Sentei e comi umas tapiocas que estavam sobre a mesa, mas a minha observadora genitora achou que eu estava precisando de mais calorias:

- Só vai comer isso, meu filho? Você está tão magrinho...!
- Deixa o menino em paz, Clarisse.

Mauro notou que a minha tranqüilidade estava ficando meio encurralada e me ajudou a sair daquela enrascada:

- Deu onda hoje, Celso?
- Tava legal, melhor que ontem – eu aproveitei a deixa e engatei uma interesseira pergunta – tu vais amanhã, Mauro?
- Vou com Daniel, queres ir com a gente?
- Quero, Neno vai trabalhar amanhã, e Tasso e Danilo só vão domingo. Amanhã os dominados vão passar o dia com as respecticvas.
- Tem erro não, Daniel falou que passa por aqui lá pelas 10.
- Ele ainda está casado com aquela menina, Mauro?
- Tá, pai, e ela tá grávida de novo.
- Menino ou menina?
- Outra menina, mãe. Daniel passou de consumidor a fornecedor, há-há.
- Só...
- Você vai sair hoje, meu filho?
- Claro que sim, mãe, eu estou de férias, e hoje é sexta, dia de gréia.
- Vai pra onde?
- Eu ainda não sei... talvez pro bar de Marcelo.
- De repente eu apareco por lá mais tarde...
- Só...

"Mais tarde" no vocabulário do meu despreocupado irmão era coisa de pra lá das 2 da matina. Eu continuei a comer minhas tapiocas.

- E esse cabelo, meu filho, não vai dar uma aparada não?
- Hoje não, mãe...
- Você vai sair com quem?
- Hum... – bem lembrado – não sei ainda, mãe, deixa eu ligar pra Tasso e Danilo pra ver se eles vão.

Levantei e fui ligar pros amigos, mas não tive sucesso. Tasso ia sair com a namorada nova, Aline, e Danilo ia sair com a namorada antiga, Fernanda. Neno não ia sair, pois no dia seguinte ele ia trabalhar, e Leo tava em Noronha.

Sentei e comi mais outras tapiocas.

- E aquela tua uma amiga da Federal, Celso? Ligue pra ela.

- Marlene?
- Sim, aquela menina é um amor de pessoa, meu filho...

Eu desconfiei da exagerada simpatia materna, e logo fiz questão de lembrar-lhe um importante detalhe:

- Marlene namora com um amigo meu, mãe, lembra de Bero?
- Não foi isso que eu quis dizer, meu filho...
- Outro dia eu vi Marlene na praia, Celso – meu solidário irmão me socorreu novamente – ela e a irmã.
- Como é que elas estão?
- Continuam gost... – meu quase descuidado irmão parou e fez uma escolha de palavras mais apropriadas para o horário da janta – simpáticas, continuam muito simpáticas, todas 2.
- Eu acho que vou ligar pra ela mais tarde...

Minha saudosa amiga Marlene convidou-me para ir saborear uns camarões na orla, num botequinho novo, que ela assegurou que era legal, mas eu fiz questão de conferir um importante detalhe antes de chegarmos ao lugar:

- Não é "point" de patricinha não, né, Marlene?
- Celso, me poupe...

O lugar estava animado, mas ainda era cedo, e conseguimos uma mesa virada para o mar. Fizemos nossos pedidos e iniciamos amena conversação:

- Quanto tempo que a gente não se via, Celso...
- Mais de ano... como vai a faculdade?
- Vai bem, este ano eu termino.
- Massa...
- Estou fazendo um estágio lá no Departamento. Por sinal o Chefe do Departamento é do ITA, Celso.
- Eu conheci a peça rara na semana passada, num jantar dos ex-alunos do ITA.
- Ele é uma figura mesmo.
- E Bero, tá em Maceió?
- Tá, eu vou pra lá na sexta que vem, quer ir comigo? Tu aproveita e visita o pessoal: Bero, Nelson, Barriguelo...
- Até que não é uma péssima idéia, Marlene. Faz uma data que eu não vou a Maceió... se tiver dando onda eu vou.
- Massa.
- E Barriguelo, ainda tá namorando com a filha do Pastor?
- Não, ele dispensou a coitada depois que ela começou a falar que depois que ele se formasse ela ia marcar a data do casamento...
- Há-há-há, Barriguelo é uma figura mesmo...
- Mas ele já arrumou outra alagoana, ela estuda aqui também. Bonitona...
- E tu e Bero, tá rendendo, hein?
- Já passou da marca dos 3 anos.

- Vocês vão casar depois da formatura?
- Não, talvez depois que eu acabar o mestrado.
- Tu vais fazer mestrado aonde?
- Lá no Departamento mesmo. Bero ainda está pensando se vai fazer também. E tu, Celso, vais fazer mestrado depois do ITA?
- Mas nem que a vaca tussa, minha cara, eu fiz uma promessa a mim mesmo que se eu conseguir me formar eu nunca mais estudo nada na vida.

Nossa geladinha chegou, brindamos e continuamos nosso papo:

- Há-há-há, só tu mesmo, Celso. Como é que foi este ano?
- O primeiro semestre foi meio cri-cri, um amigo meu trancou, outro foi desligado...
- Desligado por que?
- Excesso de ausências na sala de aula... e como ele já havia sido trancado pelo mesmo motivo no ano anterior não teve escapatória.
- Lá na faculdade não tem nem chamada... Vanessa disse que vai fazer mestrado na INICAMP, Celso.
- Putz, faz uma data que eu não vejo Vanessa...
- Ela tá namorando com Zé Roberto, tu lembra dele? Um magrinho, alto, lá da Zona Norte também...
- Lembro sim... um feio praca, né?
- Esse mesmo. Vanessa eu só vejo na faculdade, ela quase nunca vai à praia.
- Meu irmão disse que te viu outro dia na praia, com Marluce.
- Eu sempre vejo Mauro na praia, outro dia ele tava andando com 2 meninas esquisitinhas, Celso, daquelas que têm tatuagem nas costas.
- Eu conheci as figuras... fiquei umas 3 ou 4 vezes com 1 delas.
- Não rolou mais nada?
- Não, a menina é muito invocada... sabe aquelas maconheiras pseudo-socialistas da Zona Sul, que não comem carne vermelha?
- Sei, doido.
- Então, a gente tava numa festa, papo vai, papo vem, rolou uns apertos... de repente a menina me pergunta, assim do nada, se eu tinha um baseado, tá ligada?
- Há-há-há...
- Eu nem conheço a menina direito, só porque ela tava com a língua na minha boca ela achou que nós já eramos íntimos o suficiente para esse tipo de conversa... pode uma coisa dessa?
- E o que foi que tu disse pra ela, Celso?
- Eu disse que maconha era droga de adolescente, e que eu já havia passado dessa fase.
- E ela?
- Ela fez uma cara de assustada, deve ter pensado que eu tava tomando ácido ou algo parecido, e mudou de assunto.
- E só por causa disso tu não vai mais sair com a menina, Celso?
- Não, não, claro que não é só por causa disso, é por causa disso e da pentelhação ideológica, aquele papo merda de elite e burguesia o tempo todo... primeiro foi uma carioca fumante, agora uma lombreira metida a consertar o mundo, chega!
- Carioca fumante? Quem é essa?

- Amiga da namorada dum cara lá da rua, elas vieram passar as férias aqui, vão ficar até o Carnaval.
- Bonitinha?
- Não o suficiente pra me fazer aturar aquele gosto horrível... sem falar no cheiro. O cabelo da menina parece um cinzeiro, Marlene.
- Eu nunca beijei fumante...
- Não está perdendo nada...
- Tem falado com Regininha?
- Eu vi outro dia lá no shopping, a gente conversou um pouquinho.
- Ela tá namorando com um menino da turma dela... turma dela é meio feio, né?
- Só...
- Da sua turma. Da tua não, da dela.
- Ela me disse...
- O sujeito é a tua cara, Celso, a mesma cara de enrolão... e toca guitarra também.
- É mesmo?! Isso ela não falou.
- Dizem as más línguas, ou seja, Vanessa, que é trauma celsiano, há-há.
- Será...? Todo ano ela manda um cartão no meu aniversário. E eu mando um no seu, no teu não, no dela.
- Tu nem lembra mais quando é o meu aniversário, né?
- Claro que eu lembro, 9 de julho.
- Estou impressionada, Celso!
- É o nome de uma avenida lá de São José.
- Espero que seja em minha homenagem, há-há.
- Obviamente... será que ela ainda é a fim de mim, Marlene?
- Regininha? Só se ela for completamente louca, Celso. Eu mesmo, se fosse ela, nem falava mais contigo.
- Ainda bem que tu és tu e ela é ela, então...
- Outro dia eu vi Carolina na faculdade, Celso, vocês ainda estão... sei lá o quê?
- Não, nós não estamos mais nada. Apenas bons amigos, eu espero.
- Barriguelo falou que tem um menino na sala deles que é doido por ela, Celso.
- Ela me disse a mesma coisa...
- Tu gosta dessa menina, né? Eu te conheço, menino...
- Gosto, mas... esse negócio de gostar de uma pessoa que na maior parte do tempo está a milhares de km da gente não dá muito futuro não, tá ligada?
- Sei, mas, neste exato momento ela não está a milhares de km da gente não, Celso.
- Não, uns 10 km, talvez.
- Não que eu esteja torcendo por ela, afinal de contas a menina te roubou de Regininha, que é minha amiga.
- Como assim, roubou?? Por acaso eu sou um objeto, pra ser roubado?
- Não, é um aruá. Aproveita, Celso, que a vida é muito curta, e a gente nunca sabe a hora que a gente vai...
- Viraste filosófa agora, mulher?
- Uma amiga de Marluce morreu num desastre de carro, em novembro... 21 anos.
- Por acaso o nome dela era Bianca?
- Era, tu conhecia?

Eu fiquei todo arrepiado, quase que eu derrubo o copo, mas recuperei-me logo:

- Conhecia sim... eu sou mais amigo das irmãs dela, Márcia e Vitória, mas a gente conversou um bocado numa festa que rolou na casa delas, no ano passado... foi a primeira e última vez que a gente conversou algo.

Eu fiquei todo arrepiado novamente, quase que eu derrubo o copo, novamentre, pois naquele momento fui inesperadamente atormentado por um preocupante pensamento: "e se fosse Carolina que tivesse morrido?"... imaginar que eu nunca mais iria ver ou conversar com Carolina foi extremamente angustiante, e eu instintivamente balancei a cabeça, como se tentasse expulsar aquela desagradável perturbação para bem longe de mim.

- O que foi, Celso?
- Eu fiquei meio arrepiado...

Minha cautelosa amiga achou por bem mudar de assunto:

- E como vai D. Clarisse?
- Está tentando arrumar uma namorada pra mim...
- Sem sucesso, pelo visto.
- Exato...
- Nem uma paquerinha na terrinha?
- Eu conheci 2 meninas interessantes nas férias do meio do ano: uma arrumou um namorado, e a outra foi morar em Salvador.
- Tu és o cara mais bizuléu que eu conheço, Celso.
- Bizuleu, Marlene.
- Dá no mesmo... chegou o rango!

Pro Dia Nascer Feliz

Eu estava sentado na sombra, tomando minha água de coco, quando meus molhados amigos chegaram para perturbar o meu até então agradável sossego:

- Porra, Celso, tu não agüenta mais de meia hora dentro d'água mais não, velho?
- Esse fresco tá muito devagar, Neno, quase parando.
- Esse viado ainda está detonado da farra de ontem, Tasso. Foste pra onde, Celso?

Eu suspirei profundamente e confessei meu deslize:

- Eu dei uma passada lá no bar de Marcelo...
- Quem tava lá, a maconheira ou a fumante?
- A fumante...
- Puta merda, Celso, não vai dizer que tu agarraste aquele cinzeiro ambulante novamente?
- Eu tava de bobeira, ela também... sabe como é. E depois da terceira bira o gosto ruim do cigarro dilui um pouco, tá ligado?
- Tou ligado é que além de tudo de mais ruim a porra do cigarro ainda estraga o sabor da cerveja...
- Com certeza, Danilo. Comesse a carioca pelo menos, viado?
- Não, kit-básico...
- Tu tá precisando arrumar uma mulherzinha mais "caliente", Celso, principalmente depois de 1 ano inteiro sem sexo em São José.
- 2...
- Pois é, 2. Eu acho que tu vai ter que fazer um acordo com Carolina, hé-hé, afinal de contas ela é a única mulher neste país que ainda quer fazer sexo contigo. Quer dizer, pelo menos nas férias passadas ela queria, eu não sei agora.

Neno tentou dar-me um bom, e pertinente, conselho:

- Tu precisa fazer uns exercícios lá em São José, Celso, pra manter a forma. Senão tu chega aqui e não consegue pegar onda nenhuma, porra.

Os outros identificaram mais outra oportunidade para me sacanear:

- Ele faz exercício todo dia lá em São José, Neno, no banheiro.
- Pena que só exercita um grupo muscular que não ajuda em nada na hora de pegar onda, Tasso.
- E o braço??
- É mesmo, hé-hé. Mas também é só o direito... ou tu bate com as 2, Celso?

Eu encerrei aquela humilhante conversa e mudei de assunto:

- Vocês estão falando muita merda hoje... e como anda a tua cunhadinha maravilhosa, Tasso?
- Com as 2 pernas, sempre uma na frente da outra...

- É muito leso mesmo...
- Ela perguntou por ti ontem, Celso, queria saber quando tu ia sair com a gente de novo.
- Foi nada...?
- Sério, velho.
- Vocês vão sair hoje?
- Vamos comer camarão naquele boteco novo na avenida. Já foste lá?
- Fui na sexta-feira, com Marlene, tava massa. Mulher praca, meu velho.
- Sim, mas, comesse alguma? Hé-hé.
- Só uma magrinha do peitinho graciooooso, uma tal de Fernanda...
- Êpa, pode deixar a minha gatinha fora desta estória, meu velho, Fernanda é minha e o boi não lambe.
- E o camarão, Celso, é bom?
- É legal, Tasso, vale a pena.
- Combinado, então, vou falar pra Alícia que tu vai com a gente. Eu te pego lá pelas 7:30.
- Você me pega hora nenhuma, seu cabra, que papo é esse?
- Eu passo na tua casa lá pelas 7:30.
- Agora...
- E aquela paraibana gostosa, Celso? Aquela menina tem cara de ser “mucho caliente”, tá ligado?
- Meu irmão, eu nem te falo... sabe qual é a idade daquela menina, Danilo?
- 16, 17?
- 14, velho! Pode?
- 14 é demais, Celso. Eu acho até que é ilegal.
- Besteira, Tasso, a menina tem 14 mas tem um corpinho de 16, hé-hé. Se tu não quiser nada com ela passa pra mim, Celso, que eu dou uns trantos na bicha.
- É tua, Danilo, eu estou fora deste esquema.
- Aonde foi que tu conheceu a figura, Celso?
- Na praia... eu tava mergulhando, ela tava com a prima, de 15, chegou junto com um papo de que havia me visto no bar de Marcelo na noite anterior...
- Tá vendo, velho? A bicha é safada, eu vou encarar, hé-hé.
- É tua, Danilo... o primo dela toca bateria, Tasso, outro dia eu levei um som com ele e um amigo dele baixista.
- O que é que eles tocam?
- As mesmas coisas que a gente tocava... sábado vai rolar uma festa dum pessoal do colégio deles, a gente vai tocar, vai ser massa.
- E Portuga, Tasso? Eu nunca mais vi aquele viado...
- Meu irmão, a namorada dele tá regulando praca, não quer mais deixar o cara tocar com a gente não, Neno.
- Só falta agora Rodrigo arrumar uma namorada regulona pra acabar esta banda.
- E Márcia?
- Eles acabaram, depois que a irmã dela morreu ela falou que queria dar um tempo...
- Meu irmão, como é que uma menina gata daquelas pode morrer tão cedo, velho? Devia ser proibido uma coisa dessa...
- Pode crer, Neno, pode crer...
- Tu lembra da irmã dela, Celso?

Eu fiquei todo arrepiado, quase que derrubo o coco, mas recuperei-me logo:

- Bianca? Lembro sim, Danilo, muito bem...

É claro que eu lembrava de Bianca, e dos deliciosos momentos que eu havia passado em sua companhia. Tal qual meu revoltado amigo Neno, eu ainda estava inconformado com o trágico acidente que havia tomado a sua vida, e mais ainda pelo fato de eu não ter-lhe ligado durante as férias do meio do ano.

Eu acho que o meu melancólico olhar traiu meus pensamentos, pois meus inquisidores amigos imediatamente perceberam que havia algo esquisito no ar. Eu tentei disfarçar:

- O que foi?!

Tasso tentou ser um pouco sutil:

- Tu estás com uma cara estranha da porra, Celso.

Danilo foi um pouquinho mais direto:

- Só falta agora esse viado dizer que deu uns agarros nela naquela festa do ano passado...

Eu fiquei todo arrepiado novamente, quase que eu derrubo o coco, novamentre, pois naquele momento fui inesperadamente, e novamente, atormentado por um preocupante pensamento: "e se fosse Carolina que tivesse morrido?"... imaginar que eu nunca mais iria ver ou conversar com Carolina foi extremamente angustiante, e eu instintivamente balancei a cabeça, como se tentasse expulsar aquela desagradável perturbação para bem longe de mim.

Tasso novamente tentou ser um pouco sutil:

- Bem que eu desconfiava...

Danilo novamente foi um pouquinho mais direto:

- E aí, Celso, como é a sensação de ter agarrado uma mulher que já morreu? Hé-hé...

Eu voltei ao meu estado normal:

- Eu não sei, Danilo, ela ainda estava viva quando a gente se agarrou.

Depois de algumas descontraídas risadas achamos melhor mudar de assunto, e depois de mais uns 20 min de bostejo resolvemos encarar mais algumas ondas. Mas eu passei o resto do dia, e da semana, pensando em ligar para Carolina. Eu precisava vê-la, e muito. Mesmo que fosse somente para olhar para ela. Mas a sexta-feira chegou e eu não liguei para Carolina.

Mas liguei para o meu despreocupado amigo Genoca, e combinamos de nos encontrar na praia. Ele estava diferente, muito diferente: magro que nem um sabiá, barba enorme, cabelo grande... não tão grande quanto o meu, naturalmente, mas grande demais para quem sempre estava com o cabelo "no padrão", como ele. Genoca estava realmente parecido com aqueles típicos porra-loucas que cursavam Filosofia, o que para mim não deixou de ser uma surpresa, pois eu estava esperando que ele estivesse realmente parecido com aqueles típicos porra-loucas que cursavam Filosofia e Física ao mesmo tempo.

Ele estava acompanhado da igualmente porra-louca namorada e da sua maravilhosa irmã. Dele. Depois dos costumeiros cumprimentos as damas foram dar um mergulho, e os cavalos, quer dizer, cavalheiros, ficaram tomando cerveja e apreciando a paisagem, ou seja, as dondocas que estavam tomando sol nas cercanias.

- Tás bem de vida, hein, Genoca?
- Não posso reclamar não, Celso, há-há. E como anda São José?
- Sempre para trás...
- Há-há-há... eu não tenho saudade nenhuma daquela terra de corno, Celso.

Eu dei uma olhada ao redor e concordei com o amigo:

- Nem eu... o Magnífico ainda tem esperanças de que tu volta pro ITA, Genoca.
- Mas nem fudendo, meu velho... agora que eu estou de fora da caverna eu não volto mais nunca, tá ligado?
- Só...

Eu deduzi que aquela estória de "caverna" seria algo que ele havia aprendido no curso de Filosofia, então nem pedi explicação. Mas ele deu assim mesmo, e fez questão de finalizar a mesma com um exemplo prático:

- Eu sou o cara que saiu da caverna, Celso... ou seja, do ITA, e finalmente estou vivenciando a vida aqui do lado de fora. Tu és o cara que ainda está na caverna, isolado do mundo, e que só vê a vida bi-dimensional, ou seja, as sombras. Tá ligado?

Eu dei outra olhada ao redor e concordei com o amigo:

- Só...

E ele continuou a resenha:

- Com a vantagem que tu pelo menos vivencia um pouco da vida real durante as férias... tu tens que voltar pra cá depois de se formar, Celso, nem que seja pra fazer mestrado na Federal.

Eu dei mais outra olhada ao redor e concordei com o amigo:

- Só...

E ele continuou a resenha:

- São 300.000 mulheres de bobeira, Celso...
- Ou seja, 600.000 peitinhos, Genoca.
- Isso assumindo que cada mulher tenha em média 2 peitinhos...
- Naturalmente...
- Veja a minha irmã, por exemplo: 23 anos, formada, trabalhando, tem carro, bonita, inteligente, legal...
- 2 peitinhos... com todo o respeito, Genoca.
- Claro, claro... 1,5 anos sem namorado. Pode uma coisa dessa, velho?
- Porra...

Eu fiz uma cara de desapontada surpresa, mas por dentro fiquei sinceramente satisfeito por saber que a maravihosa irmã de Genoca estava ainda mais no atraso do que eu. E fiquei mais satisfeito ainda quando me dei conta de que sua infeliz situação poderia potencialmente trazer-me um inesperado benefício... Shruiu!!!

- A minha namorada, por exemplo, quando eu conheci estava mais encalhada que baleia na areia, Celso, 2 anos sem namorado. Pode uma coisa dessa, velho?
- Porra...
- A coitada tava cheia de teia de aranha, há-há.
- Só... vocês se conheceram na faculdade?
- Foi... quer dizer, foi numa festa do pessoal da faculdade. Eu tava na minha, de bobeira, de repende chegou uma gostosinha lá da sala, a gente começou a conversar, papo vai papo vem, há-há.
- Só... então ela era a gostosinha da tua sala?
- Não, era outra... quer dizer, ela também é gostosinha, há-há.
- Só... com todo o respeito, Genoca.
- Claro, claro... e por falar em gostosinha...

Nossa quase interessante prosa foi momentaneamente interrompida pela passagem de 3 moçoilas à nossa frente, mas tão logo elas desapareceram do nosso campo de vista ela retomou seu rumo:

- E então?
- Vê só, Celso, eu tava me agarrando com essa maria quando ela me perguntou se eu já havia ficado com 2 meninas ao mesmo tempo, pode?
- Como é!?
- Eu tive a mesma reação, meu velho, há-há...
- E...??
- Ela chamou a amiga, a minha atual querida namorada, e a gente ficou a 3. Foi muito massa, Celso.
- Só... e como funciona esta dinâmica de ficar a 3, Genoca?

Eu estava realmente curioso para escutar a sua singela, narrativa, mas a coisa teve que ser deixada para outra hora mais apropriada, pois as molhadas senhoritas voltaram e sentaram-

se ao nosso lado, e naturalmente que mudamos de assunto. Não que eu estivesse realmente acreditando que aquele tipo de coisa acontecesse na vida real...

A maravilhosa irmã de Genoca era realmente bonita, inteligente, legal... tinha um sorriso maravilhoso... um par de coxas maravilhosas, 2 peitinhos maravilhosos... uma voz maravilhosa... mas quanto mais ela falava mais eu percebia que suas feições eram demasiadamente parecidas com às do meu ex-colega de turma. Naturalmente que no seu caso, no dela, os atributos genéticos formavam um harmoniso conjunto, mas eu logo cheguei à triste conclusão de que jamais poderia sequer pensar em dar um beijo naquela menina... ia ficar, no mínimo, muito esquisito para o meu cérebro cartesiano.

Eu cheguei em casa ao final da tarde, ainda pensando sobre a teoria caverniana descrita pelo meu felizardo amigo. Por mais absurda que ela fosse eu tinha que reconhecer que eu passava mesmo a maior parte do meu tempo dentro daquela enorme caverna de cérebros, ou melhor, celeiro de cérebros, que era o ITA.

Mas aquele era o caminho que eu havia escolhido para mim, e se o meu caro amigo Genoca estava satisfeito em ter saído da caverna pra mim tudo bem. Mais 2 anos e eu também sairia da caverna. Com o meu diploma.

Lembrei da sua maravilhosa irmã e decidi ir tomar um banho daqueles bem demorados. Depois de finalizar meu delicioso ritual higiênico fui aos meus modestos aposentos curtir um sonzinho esperto, talvez até ligar para Carolina, mas nem consegui completar o pensamento, pois o telefone tocou antes mesmo que eu tivesse fechado a porta do quarto. E como não havia mais ninguém em casa eu tive que atender:

- Alô!
- *Celso, é Alícia, tudo bem?*
- Oi, Alícia, tudo bem.
- *Faz um tempão que eu estou ligado pra tua casa, mas ninguém atende.*
- Eu tava na praia...
- *Você estava tão queito ontem no cinema, o que foi que houve, aconteceu alguma coisa?*

Alícia gostava de passar horas ao telefone, e daquela vez eu só consegui desligar quando minha mãe me chamou pra jantar. Apesar da sua exageredamente longa prosa aquela menina estava começando a ficar interessante...

Seintei à mesa mudo e permaneci calado, pensativo... pensativo demais para o gosto da minha observadora genitora:

- Tudo bem, meu filho? O que foi que você fez hoje?
- Eu passei o dia na praia, com Genoca...
- Ele vai voltar pro ITA?
- Nem fu... – eu parei e fiz uma escolha de palavras mais apropriadas para o horário da janta – nem que a vaca tussa, mãe.
- Desperdício, depois de estudar tanto pra passar no ITA o menino desiste no meio.

- É, pai...

Se o meu genitor estava desapontado imagina a cara que o Magnífico ia fazer quando eu falasse pra ele que o nosso prezado amigo Eugênio não apenas estava felicíssimo por ter saído da caverna – ITA – como também havia se transfigurado física e mentalmente, que o outrora inocente e atlético amigo mais parecia um debochado libertino esquálido neo-anarquista que passava suas noites em alucinantes festas tirando proveito de uma demasiadamente desproporcional distribuição demográfica... pensando bem era melhor nem comentar aqueles detalhes todos, bastava apenas dizer que Genoca havia concluído que Engenharia não era mesmo o seu caminho.

- A irmã dele tava na praia também, meu filho?
- Tava, mãe.
- Aquela menina é um amor de pessoa... vocês vão sair mais tarde?
- Não...

Eu não entendi, ou não quis entender, o que a minha quase sonsa genitora estava querendo insinuar com aquela despretensiosa perguntinha, mas ela fez questão de ser um pouquinho mais explícita:

- Outro dia eu tava conversando com Gesilda, a mãe de Eugênio, ela comentou que a filha tava um tempão sem namorado, quem sabe vocês 2 se engrenam, meu filho?
- Capaz... tá vendo que eu não vou ficar azarando irmã de amigo, mãe?

Principalmente quando a irmã do amigo parece com o amigo. Eu achei melhor mudar de assunto:

- Ela disse que o carro dela foi roubado, ainda bem que acharam no dia seguinte.
- Esta cidade está tão perigosa, outro dia a vizinha da frente foi assaltada em plena luz do dia...!

Minha tática funcionou, pelo menos temporariamente, pois minha mãe não desistia tão facilmente. Eu sabia que ela estava interessada em arrumar uma namorada pra mim, mas o que eu não sabia mesmo era o motivo, coisa que eu só descobri muitos anos depois. A trama era parte dum plano da AMAITA – Associação das Mães dos Alunos do ITA, da qual D. Clarisse era Diretora Social e D. Gesilda era Diretora de Assuntos Estratégicos – que pregava que as chances dos queridos filhos retornarem ao lar materno após a formatura seriam reforçadas se os mesmos tivessem um vínculo afetivo com alguém local. Daí o motivo dos constantes elogios a Marlene, Regininha, irmã de Genoca (que até hoje eu não lembro o nome) etc...

A janta acabou sem maiores dramas, mas a minha quota de dramas daquela noite estava apenas começando. O telefone tocou, minha mãe atendeu e passou pra mim:

- É pra voce, meu filho, um amigo seu do ITA, Artur.

“Artur?”, refleti comigo mesmo, “o único Artur iteano que eu conheco é o...”

- Coronel Artur, como vão as coisas na Capital Federal?
- *Mais ou menos, Celso...* – sua voz soou demasiadamente preocupada para o meu gosto.
- O que foi que houve??
- *A Claudinha está com um probleminha químico, eu estou precisando da tua ajuda...*

Na hora eu pensei que "probleminha químico" seria algum balanceamento inorgânico do tipo $HCl + NaOH \Leftrightarrow NaCl + H20$, mas logo lembrei que Claudinha estudava Direito, e pelo que eu sabia Química Inorgânica não fazia parte do currículo daquele curso.

E muito menos Química Orgânica, pois quando o augusto veterano me relatou os detalhes do "probleminha" da sua temporariamente problemática filha eu percebi que a coisa era decididamente orgânica, e das brabas, daquelas andinas.

Eu não entendi da onde que foi que o ele chegou à conclusão de que **eu** poderia prestar alguma ajuda naquela delicadíssima situação, mas ele fez questão de explicar:

- *A gente já tentou de tudo, Celso, eu já tava completamente sem saber o que fazer, quando a Carla sugeriu consultar alguém da geração mais nova, sabe? Alguém que tenha a cabeça diferente da nossa...*

O pacato cidadão passou o aparelho para a não tão pacata cidadã sua filha e nós tivemos uma looooonga conversa. Que no total durou uns 3 meses, mas naquela noite durou **apenas** umas 3 horas. Quando eu finalmente desliguei o telefone minha preocupada mãe veio me interrogar:

- Está tudo bem com o seu amigo do ITA, meu filho? Ou ele vai desistir também, feito Genoca?
- Não, mãe, ele não vai desistir não.

Fugi rapidamente para o meu quarto, fechei a porta e fui ligar para os amigos. Neno não ia sair, pois no dia seguinte ele ia fazer 3 pranchas. Tasso estava na casa da namorada, Danilo idem, mas ambos ficaram de passar no bar de Marcelo depois de baterem o ponto. Mauro ia sair com as pseudo-socialistas, mas eu não estava nem um pouquinho a fim de aturar o papo cabeuça delas. Eu sentei na cama e resmunguei comigo mesmo:

- Puta merda, e agora?

E foi naquele exato momento que a porta do meu quarto abriu, e o salvador da noite anunciou o seu comando:

- Vai trocar de roupa, Celso, que hoje é dia de gréia.
- Cacilda, Leo, chegaste quando de Noronha?
- Hoje, velho, deu onda praca...

Leo passou o caminho inteiro descrevendo seus imemoráveis tubos na Cacimba do Padre. Que continuaram a rolar depois que entramos no bar de Marcelo, rolaram mais ainda

quando pegamos nossas biras, e só perderam momento quando uma insinuante morena iniciou uma agressiva negociação na fila do banheiro. Com ele, naturalmente.

Eu fiquei tão empolgado com a sua narrativa que nem prestei muita atenção ao potencial calórico do ambiente. Falha que foi imediatemente corrigida tão logo finalizei minha primeira esvaziada de bexiga. Parecia que todas as 300.000 mulheres disponíveis da cidade, e mais uma tuia de turistas, estavam presentes. Shruiu!!!

Naquela altura dos acontecimentos Leo já estava devidamente atracado com a menina, e eu fiquei de bobeira, desorientado no meio do recinto. Eu fui ao bar pegar outra bira e sorri comigo mesmo:

- Puta merda, e agora?

E foi naquele exato momento que a porta do lateral do bar abriu, e o rei da noite anunciou o seu comando:

- Vai assumir o som, Celso, que Roberto pegou uma gripe fuderosa e tá de cama.

Antes que eu pudesse falar alguma coisa Marcelo colocou uma geladíssima na minha mão e praticamente empurrou-me em direção ao centro de comando de equipamento áudio-visual.

A primeira coisa que eu fiz foi selecionar 3 vídeos do STP. Botei "Plush" pra abrir a seqüência e fiquei tomando a minha bira, na tentativa de aliviar a sede e melhorar meus pensamentos. Tal foi minha surpresa quando, ao final da mesma, a bira, outra apareceu à minha frente como num passe de mágica, devidamente acompanhada de um sutil, e igualmente inesperado, comentário:

- Boa pedida, Celso...!

Tudo o que eu consegui ver naquele breve momento foi um par de sorridentes olhos castanhos e os longos cabelhos cacheados, que logo sofreram uma inesperada acelaração rotacional, seguida de outra esperada aceleração linear. Antes que eu pudesse agradecer sua imensa generosidade, e puxar papo com a simpática moçoila, ela desapareceu da minha frente, aparentemente a cumprir a caridosa missão de destribuir outras cervejas aos outros sedentos presentes.

Eu levei a garrafa aos lábios, tomei um generoso gole e lamentei comigo mesmo:

- Puta merda, e agora?

E foi naquele exato momento que o rei da noite veio em meu socorro:

- Eu liguei pra tua casa uma porrada de vezes mas só dava ocupado.
- Eu tava tratando de um assunto meio delicado... quem é a morena com cara de "caliente", Marcelo?
- Uma amiga das antigas, veio fazer um bico neste final de semana.

- Massa...
- Gostou de tu, Celso, perguntou teu nome, se tinha namorada...
- Eu hoje vou me dar bem, shruiuuuu!!!
- Eu creio que sim, mas vai ter que esperar até o final de expediente...
- Só...

Que sorte a minha, das 350.000 mulheres presentes no bar a única que havia demonstrado algum interesse estava trabalhando...

Marcelo voltou aos seus afazeres, e eu voltei os meus. Despreocupado, pois finalmente eu me convenci de que havia uma luz ao final do túnel, ou melhor, ao final da noite.

Minha seqüência inicial estava chegando ao fim, e eu já havia selecionado 3 vídeos do Soundgarden para a seguinte, mas antes que eu pudesse engatilhar o primeiro deles meus olhos detectaram a presença da pessoa com quem eu estava precisando conversar, e minhas previamente planejadas ações ficaram temporariamente bloqueadas pelos paralisantes efeitos dos meus preocupados pensamentos.

Ela imediatamente percebeu a melancólica tonalidade do meu olhar. Aproximou-se confiante, puxou um banquinho e sentou-se ao meu lado. Repousou o braço esquerdo sobre a mesa, repousou o queixo sobre a mão direita e aguardou pacientemente a minha reação.

Olhei para o seu lindo e sereno rosto e constatei, sem nenhuma surpresa, que não havia uma única desnecessária molécula de beleza artificial no mesmo. Criei coragem e fiz a pergunta óbvia da noite:

- Você quer ver algum vídeo especial, Carolina?
- Quero sim, “Sparks are gonna fly”, por favor.

Eu rapidamente atendi ao seu pedido, e depois fiquei pensando em algo para lhe dizer: “eu passei a semana inteira pensando em ligar pra você”... “mas algo me disse que a gente iria se encontrar aqui hoje, então eu não liguei”... “eu estou a fim de... de... eu só queria te ver, é isso”...

- Aconteceu alguma coisa, Celso?
- Não...
- Você está com uma cara tão esquisita...
- ...
- ...

Aquela conversa ia ser um pouco mais difícil do que eu havia imaginado. Obviamente que Carolina já havia percebido que eu queria dizer algo importante pra ela, e obviamente que ela não ficou nem um pouquinho abalada com aquela percepção.

Eu, por outro lado, estava fazendo um esforço sobre-humano para não aterrissar minhas mãos sobre as suas pernas, que vibravam longitudinalmente ao ritmo da batida da música. Aquela cena foi um pouco forte demais para a minha memória visual, eu tive que tomar

uma atitute um tanto quanto brusca, e puxei um papo leso qualquer antes que a eletricidade estática presente começasse a ionizar o ar ambiente e produzir O3:

- Como vai o estágio?
- Vai bem, obrigada. Mais 6 meses...
- Eles vão te contratar?
- Eu espero que sim...

Mais 6 meses e ela estaria formada... “será que ela vai me convidar para a formatura?... será que eu vou estar por aqui?”...

- Seja lá o que for você pode me dizer, Celso.

Carolina pegou a minha bira e detonou o resto do conteúdo. Eu sabia que aquilo não ia ter o efeito anestésico que seria necessário para a ocasião, mas decidi aproveitar o providencial empurrãozinho assim mesmo e mandei ver. Ou melhor, ouvir:

- Você lembra daquela festa que a gente foi no ano retrasado, na casa daquela menina que namorava com Neno, Vitória?
- Lembro sim, no final da festa todo mundo caiu na piscina.
- Isso... você lembra da irmã dela, a mais velha, que apareceu pra ver a gente tocar e depois sumiu?
- Aquela que tava de shorts?
- Isso...

Novamente outra bira apareceu à minha frente como num passe de mágica, infelizmente desacompanhada de um sutil comentário, mas nem por isso menos apreciada. Antes que eu pudesse continuar minha dramática narrativa Carolina viu coisas que (ainda não) existiam:

- Você está de rolo com ela?

Eu tomei um leve susto, mas consegui recuperar-me rapidamente:

- Não, não, eu nem conheço essa menina, é amiga de Marcelo.

Carolina pegou a (minha?) bira, tomou outro gole, sorriu da minha cara de babaca na defensiva:

- Essa não, aruá, a irmã de Vitória...
- Ah... – eu respirei fundo – a gente teve um lancezinho numa festa que rolou na casa delas, no ano passado.
- E...?
- E eu nunca mais vi nem falei com Bianca... ela teve um acidente de carro em novembro... fatal.

Carolina tomou um leve susto, mas conseguiu recuperar-me rapidamente:

- E você ficou com medo de morrer também, Celso?

Eu já esperava aquela pergunta, afinal de contas eu havia ensaiado mentalmente aquele diálogo algumas dezenas de vezes. E obviamente que havia preparado a resposta, que eu dei no mais sincero tom, olhando diretamente para os seus expressivos olhos:

- Não, Carolina, eu... eu fiquei com medo que tivesse sido você... que eu nunca mais fosse ver você, ou conversar com você, ou... – "beijar você".

Carolina não me deixou completar a tão ensaiada frase, não foi preciso. Colocou seu indicador sobre os meus lábios e sorriu satisfeita:

- Essa foi a coisa mais bonita que você me disse, Celso.
- ...
- Mas deixa eu te dizer uma coisa, ou melhor, 2: a gente só vai quando chega a hora.
- E a outra?

Ela olhou para os lados, como se estivesse verificando que ninguém estaria escutando o grande segredo que ela estava prestes a me confidenciar:

- A minha hora ainda está muito distante, Celso, e a tua também.

Eu refleti sobre o que ela havia acabado de dizer:

- Foram 3.
- O quê?
- Você disse que ia me dizer 2 coisas, mas disse 3.

Carolina pegou a (nossa?) bira, tomou outro gole, sorriu da minha cara de aliviado:

- Eu fico feliz em saber que você recuperou o seu bom humor, Celso.
- Idem idem... – eu peguei a bira de volta, tomei um gole e mudei de assunto – Você quer ver algum outro vídeo especial, Carolina?
- Quero sim, "Live forever", por favor.

Dê Um Rolê

Eu estava sentado na sombra, tomando minha água de coco, quando meus molhados amigos chegaram para perturbar o meu até então agradável sossego:

- Porra, Celso, esse marzinho tá parecendo tu, devagar quase parando, velho.
- Esse foi o pior dia deste verão, Neno, não deu onda nenhuma.
- E a farra de ontem, Celso?

Eu suspirei profundamente e confessei meu deslize:

- Eu dei uma passada lá no bar de Marcelo, com Leo.
- Quem tava lá, a maconheira ou a fumante?
- Nenhuma das 2... eu fiquei a noite inteira conversando com Carolina.
- Puta merda, Celso, não vai dizer que tu agarraste aquela mulher novamente?
- O pior é que não, Tasso... não que eu não estivesse pensando no assunto, mas na hora eu achei que seria melhor deixar a onda baixar, tá ligado?
- Tou ligado é que tu continuas no atraso, Celso, tu és muito babaca mesmo.
- Foi muito massa, a gente trocou altas idéias...
- Bobeira tua, Celso, hé-hé, afinal de contas ela é a única mulher neste país que ainda quer fazer sexo contigo.
- Neste país? No mundo inteiro, meu amigo.

Neno tentou dar-me um bom, e pertinente, conselho:

- Meu irmão, se tu se amarra nesta mulher tem mesmo é que ficar com ela, Celso, daqui a pouco as férias acabam, tu vai embora, vai ficar mais outro ano inteiro sem zug-zug...

Os outros identificaram mais outra oportunidade para me sacanear:

- Vai ver que esse viado arrumou uma mocréia lá em São José, Neno.
- Ou um macho, hé-hé.

Tentar explicar para Neno que passar 1 bimestre inteiro regurgitando a lembrança de 1 romântica noitada com Carolina seria doloroso demais em comparação ao prazer desfrutado na referida noitada seria um desgastante exercício de tola futilidade, então eu resolvi encerrar aquela humilhante conversa e mudei de assunto:

- Vocês estão falando muita merda hoje... esse marzinho tá muito devagar mesmo.

Se bem que toda vez que eu lembro que não fiquei com Carolina naquela noite eu fico mais motivado para projetar uma máquina do tempo.

- Sim, mas, tu não disse que ia pra Maceió com Marlene?
- Se tivesse dando onda por lá, mas não tá, então eu não fui. Leo disse que deu onda praca em Noronha, Neno.

- Meu irmão, vai bater um swell fuderoso em Pipa na semana que vem, vamo nessa?
- Eu vou. Bora, Danilo?
- Meu irmão, se eu for pra Pipa sem Fernanda ela vai encrespar até o final dos tempos, tá ligado?
- É um dominado mesmo... e tu, Tasso, vai nessa?
- Meu irmão, se eu for pra Pipa sem Aline ela vai encrespar até o final dos tempos, tá ligado? Vai ficar ainda mais regulona, se é que isto é fisicamente possível.
- Isso é outro dominado, que nem eu, hé-hé.
- Eu acho que Leo vai querer ir também, Neno.
- Massa, então vamos nós 3, deixa esses dominados pegar estas marolas enquanto a gente arrasa nas direitas de Pipa, Celso.
- Só... por falar em Aline eu conversei com a tua cunhadinha maravilhosa ontem, Tasso, ela ligou pra mim.
- Ela me contou, Celso, eu acho que ela tava querendo saber quando tu ia sair com a gente de novo.
- Alícia é muito gracinha, velho, além de beijar bem praca, mas regula demais.
- Pelo visto ainda não rolou nem um kit básico, hé-hé.
- Nada, Danilo, nada além daqueles amassos que o cara fica com o ovo roxo, tá ligado?
- Aline é a mesma coisa, Celso, regula praca.
- Isso é genético, então, hé-hé.
- É não, Danilo, é porque a mãe delas casou grávida, fica metendo medo nas filhas.
- Deve pular uma geração, então, mas ainda é genético, hé-hé.
- Sim, mas, tu vai encarar o saidão de hoje, Celso?
- Hoje vai rolar aquela festa do pessoal do colégio do primo da paraibana, a gente vai tocar, vai ser massa.
- Leva Alícia pra festa, Celso.
- E eu vou levar sanduíche pra banquete, mermão? Essa festa vai estar cheia de gatas alucinantes, tá ligado? Eu hoje vou me dar bem...

A festa foi na casa de uma amiga de Van, o primo da paraibana. Casarão, melhor dizendo: tinha piscina, quadra de tenis e até um salão de festas no subsolo. A nossa anfitriã era muito simpática, e esteticamente agradável. Seus curtos cabelos não passavam dos ombros, mas eram longos o suficiente para conseguir cobrir seus olhos, e negros o bastante para causar um sereno contraste com o seu demasiadamente pálido rosto.

Pálido demais para quem tinha uma piscina no quintal. A qual, pelos meus cálculos, estaria o dia inteiro exposta aos raios solares durante o verão. E nós estávamos no verão! Aquela simpática menina certamente considerava aquela piscina apenas como decoração ambiental, ou então ela só a freqüentava após o crepúsculo... shruiu!!!

Mas antes que eu pudesse ficar muito animado Van fez questão de me passar um pertinente bizu:

- Segundo a lenda Manuela joga no outro time, Celso, tá ligado?
- É nada...!?
- Segundo a lenda.

Aquele insignificante detalhe ficou para ser investigado posteriormente, pois tivemos que organizar os equipamentos de som para podermos iniciar o nosso privativo concerto. Que foi deveras rápido, pois afinal de contas só havíamos ensaiado 11 músicas, e mesmo contabilizando as repetidas a coisa toda não durou nem 1 h.

Eu peguei uma birazinha e fiquei conversando com uns amigos de Van, que estavam preocupados com o grande desafio que iriam enfrentar ao final do ano: o vestibular. Foi quando eu me dei conta de que era a única pessoa na festa que já havia passado dos 20... não que eu estivesse me sentido velho, apenas um pouco deslocado.

"Eu devia ter convidado Alícia...", reclamei com meus botões, "pelo menos estaria rolando uns beijos de língua"... detonei a bira e depois fui dar um giro no ambiente. Metade do pessoal estava de bobeira à beira da piscina, e a outra metade-1 estava no salão de festas no subsolo, local para onde eu decidi ir. Mas antes de chegar àquele recinto encontrei a nossa solitária anfitriã sentada nos degraus da escada, aparentemente sofrendo do mesmo do mesmo mal que eu estava sofrendo, com a sutil diferença de que ela estava deslocada em sua própria casa.

Resolvi fazer-lhe companhia. Sentei-me ao seu lado e fiquei esperando que ela falasse algo:

- Van me disse que você estuda no ITA, dever ser o maior cdf...
- Isso é o que eu pensava antes de entrar lá...

Bateu o maior "déjà vu" naquele momento, mas eu não consegui lembrar nem quando nem onde aquelas 2 frases haviam sido ditas. Mas nem me abalei, e prossegui com o assunto acadêmico:

- Você vai fazer vestibular pra que?
- Pra passar, é claro.

Manuela espirituosa 1, Celso bizuleu 0. Obviamente que ela levou vantagem naquele descuidado lance, mas o jogo estava apenas começando, e ainda havia bastante tempo para uma doce virada:

- Sim, mas, passar em quê?
- Isso eu ainda não sei... ainda tenho quase 1 ano inteiro para decidir.

Eu fiquei na retranca, ela idem. Tirou os sapatos, colocou-os junto à parede. Eu nunca fui de reparar muito em pé não, afinal de contas é meio esquisito ficar reparando nestas extremidades quando existem outras bem mais interessantes a serem reparadas. Mas os pés daquela menina eram mesmo muito bonitinhos, bem cuidados, as unhas bem cortadinhas e coloridas, cada uma de uma cor diferente.

E se ela havia-os deixados à mostra provavelmente era porque não se incomodava que eles fossem observados, e observá-los foi o que eu fiz. Aparentemente por um tempo longo demais, pois ela percebeu o meu (in)discreto ato. Mas nem se abalou, discretamente sorriu da minha indiscreta indiscrição e tentou um papo diferente:

- Vocês tocaram muito bem, Celso.
- Muito obrigado, Manuela. Você toca algum instrumento?
- Não, nenhum... eu jogo tenis.
- Ah, sei... – "então é por isso que suas unhas estão bem cortadinhas, para não atrapalhar a movimentação na quadra", deduzi, sem no entanto entender a correlação da sua resposta com a minha pergunta.
- Você joga alguma coisa? Futebol, vôlei...?
- Não, nada... eu jogo War, de vez em quando – "lá no 323, com Chico, Juliano, Múcio e os Sávios".
- E desde quando War é esporte, Celso?
- Você não perguntou se eu praticava algum esporte, Manuela, você perguntou se eu jogava alguma coisa.
- Tá bom... 1 x 1. Sutil, do jeito que eu gosto.
- Há-há-há, tás marcando o placar, é?
- Você não tá!?
- É claro que não... – "não é possível que essa menina consegue ler pensamento, será que ela é vidente?" – pra que eu ia fazer uma coisa boba dessas?

Alguém colocou um "Where it's at" pra tocar naquele exato momento. Manuela sorriu, aparentemente sem motivo algum, e balançou negativamente a cabeça, cobrindo os olhos com o movimento dos cabelos:

- Eu realmente não sei... mas me chamar de boba não vai contar no placar não.
- Há-há-há, eu não chamei você de boba, eu apenas disse que marcar placar era uma coisa boba.
- Tá bom...

Ela cruzou os braços, encostou-os sobre as pernas e abaixou a cabeça. Eu sem querer coloquei a bola na pequena área, quase que pedindo outro fora:

- Você não tá gostando muito da festa? – "putz, agora ela vai dizer que está gostando da festa, mas não da companhia... cacilda, Celsoleu!".

Sua resposta, entretanto, foi bem diferente do que eu havia imaginado:

- Não é isso não, é que eu estava pensando que este ano vai ser o último ano que eu vou estudar com o pessoal. No ano que vem a gente vai estar na faculdade, cada um vai fazer um curso diferente, a gente praticamente não vai se ver mais... eu acho que já estou com saudades.
- Sei... – "putz, por falar em saudades, eu já estou com saudades de Ricardeza, Altinho, Marcoleu, Lú... será que eles vão aparecer no SDO? Será que eu vou ver Maria Luiza este ano?".

Manuela levantou o rosto, tirou os cabelos da frente dos olhos, olhou para mim:

- Você ainda fala com os seus amigos do colégio, Celso?

- Falo, com boa parte deles, alguns se mudaram, outros sumiram... todo ano a gente se encontra, faz uma feijoada, é massa.
- Legal...

Ela sorriu conformada e deixou os cabelos cobrirem seus olhos novamente. 2 de suas amigas passaram ao nosso lado, eu desloquei minhas nádegas sobre o degrau da escada a fim de facilitar-lhes o movimento, o que causou-me uma inesperada descarga de adrenalina tão logo senti o contato com o corpo da minha simpática e misteriosa anfitriã. Suas amigas agradeceram minha cortesia com um ligeiramente insinuante comentário:

- Dá-lhe Manuela...

Manuela baixou a cabeça novamente e ficou rindo sozinha, discretamente. Obviamente que eu não retornei à minha posição inicial, e obviamente que ela percebeu a minha sonsa jogada, pois afinal de contas nossos corpos permaneceram em contato. Passei a mão nos cabelos – os meus, naturalmente – e fiquei tentando elaborar a jogada seguinte.

Ela parou de rir, levantou o rosto e ficou olhando para a frente, aparentemente tentando manter a sua serenidade, mas visivelmente afetada pela potencialmente intrigante situação que inesperadamente estava acontecendo com ela. E comigo. Shruiuuu!!!

Eu aproveitei que minha mão estava na área para tocar aqueles cabelos intensamente negros que insistiam em cobrir os seus olhos.

Por um instante eu pensei que ela iria abaixar o rosto novamente, ou afastar minha mão, pois ela me olhou de uma maneira que eu não consegui interpretar. Mas não me deixei intimidar por aquele olhar misterioso, e continuei a fazer o que estava fazendo. Ela fez o mesmo, o que me fez tentar ser um pouco mais sutil:

- Posso...?
- Você devia ter perguntado isso antes...

A combinação daquelas palavras com aquele olhar fulminante causou-me uma intensa descarga de adrenalina, o que fez minha temperatura superficial cair 10 C. Meu estômago virou todinho, as pernas tremeram, e se eu não estivesse sentado já estaria caído ao chão.

Eu deduzi que tinha interpretado mal os seus sinais e que daquela vez havia mesmo serrado o mastro do circo: Manuela não queria nada comigo; ou então ela realmente jogava no outro time, o que na hora me pareceu uma hipótese mais consoladora para o meu (levemente abalado) amor próprio.

Mas aquele ligeiro desconforto não teria nem acontecido se eu tivesse mantido a calma e esperado 2 s até ela completar a frase:

- ... tente de novo.
- Tá bom... – eu respirei fundo, mirei seus olhos, recolhi minha mão, aproximei novamente e antes de tocar seus cabelos perguntei – posso?

- Pode...

Ela continuou olhando pra mim, baixou um pouco a cabeça e deu um sorriso quase que imperceptível. Eu deslizei meus dedos lentamente por toda a extensão dos seus cabelos, que nem era tão extensa assim, afinal de contas eles não passavam dos ombros.

Manuela inclinou um pouco a cabeça, deixando seu pálido pescoço à mostra. Explorei aquela intrigante área por uns instantes e depois segurei seu queixo e levantei seu rosto. Seus olhos estavam fechados, eu deduzi que o sinal estava verde e acelerei em direção aos seus lábios. Ela não abriu a boca, nem os olhos, e eu fiquei lambendo lentamente os sues lábios e pressionando suavemente os meus contra os dela. Ela finalmente avançou sua língua de encontro à minha, e nós ficamos curtindo aquela micro festa na escada por um tempo absolutamente não determinado. Aquele foi o beijo mais longo da minha vida.

Manuela levantou, fez sinal para que eu ficasse ali mesmo, desceu a escada e voltou com 2 copos nas mãos. Sentou ao meu lado e ficou olhando para mim. Eu tomei um gole do guaraná e depois me inclinei para beijá-la novamente, mas parei a uns 2 cm da sua boca:

- Posso?

A resposta dela foi bem mais agradável que da vez anterior:

- Agora você pode tudo...
- Tudo mesmo?
- Tudo dentro dos limites do razoável, é claro.
- E qual é a definição operacional dos limites do razoável?
- Aos poucos você vai descobrir...

Ela encerrou o debate com outro quilométrico beijo e depois mudou de assunto:

- Vamos fazer alguma coisa semana que vem?
- Eu vou pra Pipa na semana que vem.
- Pipa é muito massa... quando é que você volta?
- Eu acho que sexta.
- Liga pra mim no sábado.
- Tá bom... vai ficar bem mais fácil se você me der o número.
- Tá bom... 2 x 1.
- Há-há-há, ainda tás marcando o placar, é?
- Você não tá!?
- É claro que não... – "essa menina com certeza é vidente" – pra que eu ia fazer uma coisa boba dessas?

Na semana seguinte Neno, Leo e eu pegamos a estrada, em busca de ondas melhores do que as que estavam rolando nos nossos "points" locais. Nossa busca nos levou a um lugar de belas falésias e longas direitas, que quebravam com perfeição mesmo durante os fracos meses do verão: Pipa.

Eu juro que pensei em ligar para Bia, avisá-la que estaria em Pipa naquela semana, mas achei melhor testar a carolineana teoria de que quando 2 pessoas têm que se encontrar as forças da natureza fazem isso acontecer.

E afinal de contas o objetivo primário da viagem era pegar onda boa, e onda boa foi o que não faltou naquela “surfing trip”. Naquela altura do verão devagar quase parando eu havia passado tanto tempo remando pra pegar umas merrequinhas que os meus outrora ociosos músculos haviam retornado à sua (ainda mais) outrora gloriosa forma, e foi em Pipa que eles tiveram a chance de demonstrarem o seu (quase) esquecido valor.

O primeiro dia foi pra lá de excelente, apesar da desagradável presença dos fominhas de plantão, que erroneamente insistiam em tentar descer todas as ondas locais, inclusive as nossas. Nosso elevado desempenho, no entanto, logo ficou explicitamente intimidante, e os famigerados surfistas calhordas tiveram que abandonar suas baixas manobras e demonstrar-nos o devido respeito.

Respeito este que ficou levemente arranhado, tal qual o meu dedo anular, quando eu tentei entrar numa enorme direita e a minha sub-dimensionada 5’ 9” derrapou na base da onda. Eu caí de bunda, dei umas 3 ou 4 cambalhotas submarinas e quando finalmente consegui emergir minha mão direita raspou na ponta da quilha esquerda e começou a jorrar uma assustadora quantidade de glóbulos vermelhos.

Assustadora porque já estava escurecendo, e eu fiquei com medo de que algum *Galeocerdo cuvier* se aproximasse para uma investigativa beliscadinha. O corte mesmo não passava de uns 12 mm, mas eu achei mais prudente aproveitar a deixa e sair de fininho.

Leo e Neno saíram em seguida, e juntos caminhamos de volta à pousada. Havíamos reservado 2 quartos, “just in case” de alguém arrumar uma companhia suficientemente interessante, e interessada, naturalmente.

Tomamos banho, separados, obviamente, que aquele negócio de tomar banho junto não pegava bem fora do H8, e depois fomos repor nossos estoques proteicos. Eu adorava comer peixe de noite, pois sempre rolava uns sonhos muito malucos, e depois da restauradora refeição fomos dar um despretensioso rolê.

A primeira parada foi num barzinho que tinha 1 mol de mulheres, das quais uma meia dúzia de umas 3 ou 4 começaram a paquerar Leo tão logo entramos no recinto. Neno e eu sentimos que o nosso bonitão amigo iria precisar de ajuda, e de pronto nos prontificamos a prestá-la. A coisa estava com cara de que ia se cristalizar rapidinho, mas logo percebemos que estávamos no lugar errado. Não, o local não era reduto de damas de alternativa orientação sexual – nada contra, ou a favor, naturalmente – nosso desapontamento desapontou quando o DJ começou a tocar axé-music e as potenciais vítimas, quer dizer, companheiras, reagiram demasiadamente ensusiasmadas às inconfudíveis e monótonas batidas.

Nada contra a Bahia, naturalmente, que afinal de contas é o melhor estado do Brasil, mas nem fud#@&# a gente ia passar a noite escutando aquela josta.

A segunda parada foi noutro barzinho que também tinha 1 mol de mulheres, e música mais condizente com o nosso requintado gosto, mas quando chegou a primeira rodada percebemos que a temperatura da cerveja estava alta demais para o nosso requintado gosto, e outra vez decidimos ir pescar em outra lagoa.

Depois de n infrutíferas paradas decidimos que o mais proveitoso mesmo seria apenas caminhar pelos arredores, sem nenhum destino em particular. E foi quando aconteceu um inesperado, mas nem por isso indesejado, encontro.

Foi um daqueles encontros que só as leis da probabilidade conseguem explicar. Estávamos os 3 manés de bobeira na agitadíssima noite pipeana, despretensiosamente passeando sob a fraca luminosidade da Lua crescente após um longo e prazeroso dia dentro d'água, quando meus ouvidos detectaram uma inconfudível batida, à qual eu reagi de imediato:

- Vocês estão ouvindo?
- Ouvindo o quê, Celso?
- O som, velho.
- Que som, meu irmão? Tá um balaio de gato arretado aqui.
- Tá rolando um Bob Marley, lá no fundo. Vocês não estão ouvindo não?

Meus desconcentrados comparsas fecharam os olhos por um momento, na tentativa de focalizar suas limitadas capacidades auditivas, e depois concordaram comigo:

- É mesmo, vamo nessa. Eu acho que vem dali das esquerdas.
- Pode crer.

O lugarzinho não passava de um desses botecos de praia, mas estava cheio. Cheio de mulher bonita e disponível. 1 mol. Eu já estava começando a organizar a nossa tradicional tática, ou seja, deixar Leo de isca perto do balcão, quando eu a vi, no fundão.

Meu coração disparou, minhas mãos começaram a suar. Nossos olhares se alinharam rapidamente, ela também ficou surpresa, mas sorriu satisfeita. E, tal qual eu havia feito, imediatamente parou de prestar atenção ao que suas amigas falavam. Eu cheguei perto dela, bem perto mesmo, e iniciei uma conversação que seria muito curta:

- Oi...
- Oi...

Seus lindos cabelos negros caíam suavemente sobre seu estampado vestido. Seus lábios avermelhados davam um toque extra de sensualidade ao seu rosto uniformemente bronzeado. Mas tudo aquilo era detalhe, o que importava mesmo era a maneira que ela olhava para mim.

- Você estava certa...
- Você também... quando 2 pessoas têm que se encontrar as forças da natureza fazem isso acontecer.
- É verdade... – a teoria carolineana havia sido demonstrada com maestria.

- Hoje está tudo certo, Celso. Até a Lua está no lugar certo.
- É verdade...

Eu segurei sua mão e esperei que ela cuspisse o chiclete no copo. E depois fechei os olhos. Não precisei avançar mais que 2 cm até sentir seus lábios colando-se aos meus.

Eu tinha certeza que suas amigas não faziam a minima idéia do que estava se passando bem ali na frente delas, e também tinha certeza de que meus amigos também não, mas aquilo não ia fazer nenhuma diferença para nós 2. Nós nem nos despedimos deles, saímos quase que correndo do boteco, e só ouvimos suas vozes novamente na manhã seguinte.

Eu ainda estava dormindo quando suas amigas ligaram, mas acordei com o barulho do telefone, e fiquei na moita, ouvindo a indiscreta conversa delas.

- *E como foi, mulher? Conta pra gente!*
- Celso colocou o Loveless pra tocar, a gente ficou dançando, depois rolou o Lovelife... foi muito massa...
- *Só isso?! E os detalhes?*
- Isso não se conta, meninas.
- *Ele tem o pinto grande?*
- Há-há-há... vocês estão muito curiosas hoje.
- *Vai, mulher, fala, que besteira!*
- Dá pro gasto...

"Dá pro gasto?". Ela com certeza estava evitando fazer muita propaganda da RRR para as amigas, com receio delas se animarem pro meu lado.

- *E o que foi que rolou?*
- Vocês sabem como são essas coisas... começa com um kit básico, depois um kit básico "plus", depois o kit intermediário etc.
- *Que diacho é isso, mulher? Fala Português!*
- Tudo, tudinho.
- *Tudo mesmo?!?*
- Menos aquela coisa, vocês sabem.
- *Claro, aquela coisa só depois do casamento...*

"Casamento, que papo bizuleu é esse?". Eu achei que aquela conversa estava ficando perigosa demais e dei sinais de que estava despertando. Ela apressou-se a encerrar o papo furado:

- Eu acho que ele tá acordando, meninas, a gente se vê na praia, daqui a umas 2 ou 3 horas. Tchau.

Eu virei o rosto, abri os olhos. Ela ainda estava com o mesmo olhar da noite anterior. Bom sinal:

- Bom dia, Celso.

- Bom dia...
- Dormiu bem?
- Hum-hum...

Ela acariciou o meu rosto, começou a me beijar... nós devíamos mesmo estar vidrados um no outro, pra ficar se beijando daquele jeito antes de escovar os dentes. Mas havia uma coisa que eu tinha mesmo que fazer:

- Deixa eu ir fazer xixi... – eu levantei e me enrolei numa toalha que tava perto da cama.

Quando voltei estava rolando “The chain”. Eu deitei ao seu lado, repousei minha mão por sobre sua linda barriguinha:

- Esse disco é massa...
- Eu também acho...

Lá pelas 10:30 nós aparecemos na praia, e eu finalmente tive a chance de conhecer as suas curiosas amigas. Ela foram muito simpáticas comigo, muito mesmo, mas eu estava mais a fim de pegar onda do que ficar sendo analisado por elas, então pedi licença e caí fora da areia, e dentro d’água.

Meus 2 atentos comparsas, que já estavam roxos de tanto surfar, me receberam com largos sorrisos:

- E aí, velho, tiraste o pé da lama ontem?
- Só... foi muito massa.
- Quem é essa maria, Celso?
- Uma figurinha que já fazia meses que a gente tava se tarando, mas que sempre tinha uma merda rolando no meio, tá ligado?
- Pode crer... a gente deu uma apertada nas amigas dela, hé-hé. Quer dizer, eu apertei uma, Neno ficou só contando piada pra outra, não foi, Neno?
- Que nada, velho, rolou uns beijinhos de língua quando eu fui deixar a menina na pousada, tá ligado?
- Só... o marzinho baixou, hein? Ontem tava massa.
- Meu irmão, tava melhorzinho, de manhã cedo, tá ligado? Mas agora tá batendo um vento daqueles de cima pra baixo, há-há.
- Tu vais nessa, Neno?
- Vou, sai da frente.
- Ôpa, a de trás é minha.

Nossa “sesh” acabou por volta das 11:30, quando decidimos que havia gente demais e onda de menos para o nosso gosto. As 3 marias estavam tomando sol na areia, de bruços, e só perceberam a nossa presença depois de 5 min (aparentes, reais mesmo foram apenas uns 5 s) de intensa análise de superfícies. Iniciamos uma daquelas conversas aleatórias de praia e depois fomos tomar uma cerveja antes do almoço, pra pensar melhor, conforme os ensinamentos do poeta.

Depois do rango rolou outra “sesh” esperta. Não de surf, que as ondas ainda estavam fracas, mas de transferência de calor e fluidos. A 2. A trilha sonora foi de primeira: eu coloquei o meu CD com todas as versões de “Little wing”, exceto aquela do medíocre baixista do Police, naturalmente, para não detonar o clima. Foi muito massa... Shruiuuu!!!

Nosso infinito deleite acabou na tarde da sexta-feira, quando nos despedimos no cruzamento da RN003 com a BR101, na qual iríamos seguir diferentes direções:

- E quando é que a gente vai se ver de novo?
- Você sabe quando, Celso... na primeira segunda-feira de Março.
- Você sabe o que eu estou querendo dizer...
- Você também.
- Então você não mudou de idéia?
- Não, Celso... esses foram os melhores dias da minha vida, mas enquanto você não me colocar em primeiro lugar nós vamos continuar sendo apenas bons amigos.
- Sei...
- Você decide se quer ficar comigo mesmo ou se quer ser apenas meu namoradinho das férias.

Na hora eu pensei que aquele (nada) sutil ultimato seria apenas uma brincadeirinha de momento, mas ela estava falando sério.

Voltei pro Leomóvel, pensativo. Depois de uns 10 km rodados meus atentos amigos resolveram me tirar do transe:

- E o Carnaval, Celso? Será que vai dar onda?
- Só...
- Carnaval sempre dá onda, Leo. E depois tem a festa na Mansão Gabirú.
- Pode crer... eu acho que vou levar Manuela pra festa. Ou Alícia.
- Quem é essa Manuela, velho?
- A dona da casa da festa da turma de Van.
- Apertasse ela?
- Só... apesar de Van ter falsamente insinuado que ela jogava no outro time.
- Zagueiro.
- Só... eu vou mudar o nome dele de Vanderlei para Van der Becken.
- Van der Becken der Buceten.
- Só...

Meus amigos sem querer me fizeram lembrar que aquelas deliciosas férias de verão teriam mesmo um fim, e que eu estaria de volta a SJK na primeira segunda-feira de Março. De volta para iniciar o 4º ano do ITA.

O 3º havia sido puxado, minha turma havia sofrido algumas perdas, mas eu estava convencido de que havia estudado muito e aprendido muito. No final do 4º ano eu iria me convencer de que havia estudado demais e aprendido nada... mas isto é outra estória.

Quando cheguei em casa fui direto pra cama, mas custei a dormir. Fiquei ruminando os acontecimentos daquelas deliciosas férias, que seriam mesmo as últimas longas férias de verão que eu teria na minha vida. Afinal de contas, se tudo desse certo, eu iria passar o verão seguinte no inverno europeu, conhecendo o Velho Mundo, e no verão depois do seguinte eu já estaria formado, e trabalhando. Shruiuu!!

Depois de várias e longas insoníferas horas finalmente consegui fechar os olhos e murmurar para mim mesmo:

- Mas o que importa mesmo é que eu vou conhecer o Velho Mundo... e o Centro do Mundo.

Walking In London

Eu acordei relativamente descansado naquela manhã de sábado, apesar de ter custado a dormir na noite anterior. Um pouco desnorteado, como sempre que eu não dormia na minha própria cama, "pero no tanto", afinal de contas era a sexta noite consecutiva que eu dormia naquela específica cama.

Levantei, abri as cortinas do quarto e vi um estranho objeto circular e brilhante, amarelo, aparentemente imóvel na abóbada celeste, objeto este que fazia alguns dias que eu não via: o Sol.

- Massa! – exclamei para mim mesmo, torcendo para que aquela inesperada visão perdurasse por todo o dia.

Fiz minha rotina matinal e desci para o suntuoso café da manhã: bacon e ovos, torradas e geléia de framboesa, e suco de macã. Devorei tudo, causando um orgulhoso sorriso na simpática senhora que estava me servindo:

- Are you gonna call your mum today? She must be missing you, my dear.
- I miss her too, Mrs. Shaw... I'll call her tomorrow, when I get back to Paris. Today I'm going to meet a very good friend of mine.
- Lovely!

Ela recolheu os utensílios e despediu-se com uma casual sugestão:

- You should go out for a walk in the park, my dear, it's such a lovely sunny day today...

Eu levantei, abri a porta, deixei que meus calibrados dedos medissem a temperatura do ar… "sunny, but still fecking cold", analisei e concluí com meus botões, "não tá mais que 3 ºC".

Voltei pro quarto, coloquei meu agasalho da CV, o casaco por cima, cachecol, entoquei meus documentos, TCs e libras no bolso interno, peguei minhas luvas e saí caminhando em direção ao parque.

Mrs. Shaw devia mesmo ter seus neurônios completamente congelados depois daqueles anos todos vivendo naquele acinzentado pedaço do globo, pois aquilo nem de longe era a minha definição de "lovely", de jeito nenhum. "Lovely" mesmo devia estar Maraca, ou Pipa... "será que Leo e Neno estão surfando hoje?", meu auto-questionamento foi sumariamente desprezado tão logo executei uma simples subtração e deduzi que naquele exato momento eles provavelmente estariam dormindo, ou na gréia, mas com certeza fora do mar.

Depois de uns 10 min eu cheguei ao parque, que para minha surpresa estava cheio de gente. Provavelmente outros igualmente incautos turistas que também tinham uma tola esperança de que a temperatura fosse ficar mais amena apenas pelo fato de que o Sol estava visível.

Mas apesar do frio eu continuei meu despreocupado passeio, parando apenas quando cheguei ao Round Pond, onde fiquei de bobeira por uns 10 min, apreciando a paisagem. Andei até a estação Queensway e peguei a linha vermelha até Tottenham Court Road, onde conectei com a linha preta. Desci em Camden Town e fui conferir as lojinhas locais, onde passei horas descongelando meus dedos e saboreando a nata da nata da porra-louquice londrina.

Peguei a linha preta novamente em Chalk Farm e desci em Leicester Square, a fim de conectar com a linha azul. Mas antes que pudesse pegar o trem em direção a Piccadilly Circus minha visão periferal detectou uma silenciosa aglomeração de pessoas. Aproximei-me, curioso e apreensivo, pensando se algum maluco havia se jogado aos trilhos do metrô, pois logo notei que alguns presentes portavam elevado grau de seriedade em seus normalmente desafetados semblantes.

Minhas preocupações mostraram-se desnecessárias, tratava-se apenas de uma exposição de fotografias, à qual eu nem teria dado a mínima atenção, não fosse o sombrio motivo da mesma. Aquelas tocantes fotos em preto e branco retratavam os resilientes e esperançosos olhares de centenas de idosos, mulheres e crianças que, nos idos de 1940, buscaram refúgio naquela e em outras estações de metrô, enquanto seus filhos, irmãos, esposos e pais manejavam seus Hurricanes e Spitfires, bravamente tentando evitar que a Luftwaffe dizimasse a sua querida cidade e subjugasse o seu país.

Por mais que eu tentasse eu não conseguia nem imaginar aquela triste realidade, tão distante da minha tropical vivência, mas nem por isso deixei de me comover com aqueles marcantes olhares, e em poucos minutos meus saturados olhos deixaram umas poucas lágrimas rolarem sobre o meu sereno rosto.

Minha inesperada e comovente cena provocou a solidariedade de uma também comovida jovem, que prontamente me ofereceu um lencinho de papel:

- Here, love.
- Thanks… – agradeci, enxuguei o rosto e fui pegar o meu trem.

Desci na estação seguinte e lentamente subi os degraus que me levariam de volta à superfície, e de encontro a uma cara pessoa que eu não via há 1 semana. Não tive o menor trabalho para encontrá-la, ela estava no local combinado, no Shaftesbury Monument, sentado ao nono degrau, logo à frente da fonte de bronze, ao topo da qual estava a famosa estátua de alumínio de Anteros, o irmão gêmeo de Eros.

Ao seu lado direito estava um neo-punk, ou uma neo-punk, na hora não consegui identificar o seu gênero, e ao seu lado esquerdo estava um casal de turistas japoneses, com seus intermináveis sorrisos e suas indispensáveis camaras fotográficas.

Eu pedi licença e sentei-me à sua direita. Sorri da sua característica cara de poucos amigos e preparei-me para sua calorosa recepção, que foi-me dada com disfarçada alegria:

- Você está atrasado.

Eu sorri para mim mesmo e puxei um papo neutro:

- Como foi a travessia?
- Sem maiores incidentes, o mar estava calmo.
- A imigração te pentelhou muito?
- Um pouco, com esse meu sobrenome...
- Só...
- Como foi o programa Inglês?
- Eu gostei... visitei uma fábrica de helicópteros, mais uma fábrica de motores de avião, entrei num Concorde em Duxford...
- Já foste pro albergue?
- Não, resolvi ficar no hotel mesmo.
- Tá cheio da grana, meu?
- Não, mas depois de 3 semanas em albergues eu achei que estava merecendo uma mordomiazinha. Como é que foi lá em Amsterdão, rolou uns "space cookies"?
- Claro que não, eu já passei desta fase, Celso.
- Claro, claro...
- Quando é que você vai pra lá?
- Semana que vem... vou passar uns 2 dias arregando na casa do Lulu, vou comprar a minha guitarra e depois vou pra Bruxelas e Amsterdão, ficar doidão.
- Há-há-há... não achou a guitarra por aqui?
- Achei sim, mas o preço é o dobro do que eu vi em Paris.
- Ô louco! E o pessoal?
- Giz foi pra Edinburgh ontem, os outros voltaram na sexta-feira. E o curso, vais fazer mesmo?
- Vou, amanhã eu vou pra Bournemouth, para a cerimônia de abertura.
- Isto está me cheirando a gréia...
- Eu espero que sim...
- Eu não acredito que tu vais passar 4 semanas dentro duma sala de aula...
- Não é só aula, Celso, tem atividades extra-curriculares também.
- Mesmo assim, são 4 semanas no mesmo lugar...
- Eu tenho que melhorar o meu Inglês, meu caro, do mesmo jeito que você tem que melhorar o seu Francês.
- Só...

Depois de uma breve pausa o papo foi reiniciado num tom menos ameno:

- Notícias do ITA, Celso?
- O veredito saiu ontem.
- Pegaste quantas, afinal de contas?
- Eu não sei, foi exatamente isso que estava em pauta...
- E você ainda não ligou pra saber do resultado, seu babaca?
- Meu Conselheiro ficou de avisar a minha mãe... amanhã eu ligo pra ela, quando eu voltar pra Paris.
- Eu tenho certeza absoluta que eles te acochambraram, Celso... eles sempre acochambram os "queridinhos".
- Eu espero que sim...

- Você vai ver.
- Se bem que eu já estou acostumando com a idéia de ficar mais 5 meses por aqui.
- Só...
- Não aqui nesta ilha fria da porra, mas em Lacanau, ou Mundaka.
- Há-há-há... vamos dar uma volta nas redondezas.
- Bora.

Levantamos e seguimos a Regent Street, sem pressa, pois ainda tínhamos o resto da tarde para colocar o papo em dia.

- E o Natal em Paris, Celso, bizú, hein?
- Eu sabia que você ia tocar neste assunto...
- Há-há-há...

O Sonho

Eu estava tentando dormir, ou melhor, cochilar, quando Alex soltou um estridente grito na até então calma cabine:

- Terra à vista!!!

Quase que instantaneamente fomos todos atingidos por um pulso de enegia que fez com que procurássemos a janelinha mais próxima para verificarmos o fato com os nossos próprios incrédulos olhos.

E era verdade mesmo. Depois de incontáveis horas sobre o Atlântico o nosso coletivo sonho estava prestes a virar realidade, pois finalmente chegávamos ao continente europeu.

Foi tanta algazarra que fizemos que o nosso dedicado piloto teve que pedir que baixássemos a intensidade da nossa esfuziante celebração, pois a mesma estava dificultando as comunicações com a torre de controle de vôo do aeroporto internacional de Lisboa.

E antes que pudéssemos completamente recobrar nossa descomportada compostura o C-130 pousou, e em poucos minutos estávamos em terra firme novamente.

Peguei meu agasalho da CV, meu casaco e minha mochila e cutuquei o meu colega de apê:

- Chegamos, Chico.

Saímos do avião e fomos cumprir com nossas obrigações diplomáticas, e foi quando eu me dei conta de que ia ter dificuldades de comunicações naquelas paragens, pois eu não consegui entender nem 1 palavra do que os nativos estavam dizendo.

Ainda bem que eu estava acompanhado de colegas que dominavam o idioma local...

Pegamos o autocarro. Sentei ao fundão, junto dos Sávios. Olhei para a saída de emergência do veículo e tive mais outro indício de que iria mesmo ter dificuldades de comunicações naquelas paragens quando li as instruções: "em caso de risco de morte quebre o vidro".

Aqueles portugueses só podiam estar de sacanagem conosco... quem é que ia projetar um dispositivo de emergência que requeria a quebra de um vidro de 2,5 m x 1,5 m?

Pra não falar no "risco de morte". Todo mundo sabe que o certo mesmo é "risco de vida"... se bem que, aqui entre nós, "risco de morte" faz mais sentido mesmo.

Enfim, depois de uma não muito longa jornada chegamos ao albergue da juventude. O qual, para nossa surpresa, estava fechado para reformas. Só os portugueses mesmo, para fechar um algergue em dezembro... O desespero coletivo logo bateu sobre a nossa coletividade, e logo surgiram as reclamações dos reclamadores de plantão:

- Porra, ninguém verificou esse ínfimo detalhe?

- É, o pessoal da diretoria da CV não ligou antes?
- E agora, a gente vai dormir na rua?

Aparentemente nenhum dos 100 presentes havia verificado nada. O que era até fácil de entender, pois afinal de contas estivéramos todos bastante atarefados nas 3 ou 4 ou 5 ou 6 semanas anteriores. Eu mesmo não lembrava nem da última vez que eu havia dormido antes das 3 da matina...

Mas o pessoal da diretoria tinha mesmo a obrigação contratual de ter feito tal verificação, e antes que alguém pudesse gerar mais atrito grupal o nosso presidente Daniel confirmou que havia mesmo feito a tal verificação:

- Eu falei pessoalmente com eles na semana passada, e eles confirmaram que o albergue estaria aberto.

Aquela simples declaração foi suficiente para refocar nossa revolta coletiva, revolta esta que foi imediatamente e eloqüentemente expressada pelo nosso brilhante colega K-Zé:

- Bando de portugueses FDP...

Antes que aquele inesperado incidente pudesse adquirir proporções intercontinentais a nossa cara diretora financeira da CV usou de sua diplomática mineirice para apaziguar os exageradamente exaltados ânimos:

- Pessoal, vamos ficar todos calmos por um momento. Nós vamos achar uma solução para este problema, afinal de contas é isto que a gente aprende mesmo no ITA: resolver problemas. Daniel, Chico, Alex e eu vamos cuidar disto. Se alguém tiver algum bizú por favor venha falar conosco.

Glorinha falou pouco, mas falou bem, e enquanto nossos eleitos representantes arregaçavam as mangas e buscavam soluções para o problema em pauta o resto da turma dividiu-se em 3 grupos distintos: 1ª grupo, o dos que continuaram a reclamar em vão, sem ajudar em nada, apenas atrapalhando um pouco; 2ª grupo, o dos que pacientemente esperaram pela solução do problema, também sem ajudar em nada, mas também sem atrapalhar; e o 3ª grupo, o dos que decidiram fazer algo para ajudar.

Eu fiquei no 2º grupo, afinal de contas estava cansado demais para reclamar e incompetente demais para ajudar. Mas notei a silenciosa e positiva atitude dum colega do 3º grupo que dirigiu-se à cabine telofônica mais próxima e voltou com uma meia dúzia dumas 3 ou 4 folhas arrancadas da lista local – as quais foram imediatamente analisadas com nossos diretores.

Sua metodologia, apesar de carecer de um certo refinamento, provou ser bastante eficaz, pois em em menos de 20 min foram arranjadas acomodações para a turma inteira. A qual novamente foi dividida em vários grupos, no intuito de organizar nossa ocupação territorial da capital lusitana.

Eu fiquei no grupo que incluía Alex, Chico, Carlito, os Sávios e o nosso inesperado salvador da pátria da hora: Miltan.

Milton era um daqueles caras que havíam caído para a nossa turma no 2º semestre do 4º ano, em circunstâncias um tanto quanto misteriosas. Ele nunca falava sobre o assunto, e ninguém sabia o que havia acontecido com ele no ano anterior, nem mesmo seus colegas da ELE, mas o fato era que ele havia sido trancado.

Ele havia ido à Europa com sua turma original, no ano anterior, de modo que ficou de fora do bolão da nossa turma, mas decidiu aproveitar a oportunidade para revisitar o velho mundo.

Milton jogava rugby e tinha fama de ser extremamente inteligente, o que não deixava de ser um paradoxo... mas sua cara de poucos amigos e sua impaciente atitude que beirava a arrogância faziam com que sua popularidade ficasse estacionada em níveis incompatíveis com sua capacidade mental.

Seus originais colegas de turma consideravam-no o paulistano mais "esperto" do ITA. Segundo o próprio Seno, Milton era "mais esperto que muito carioca, mermão". Daí sua fama, e alcunha, de "Miltão Espertão", ou "Miltan Espertan", ou simplesmente Miltan, para os íntimos.

Eu particularmente nada tinha contra ele, afinal de contas ele sempre foi cordial comigo nas poucas vezes que conversamos durante aqueles 4 anos de convivência no H8, na maioria das vezes no 323, onde íamos ver vídeos nas noites de sexta-feira.

Quer dizer, eu ia toda sexta, ele ia apenas quando tinha jogo de rugby no sábado, afinal de contas paulistano algum ia passar um final de semana em SJK, muito menos paulistano esperto feito ele.

Mas naquelas poucas vezes ele havia me passado alguns bizús da CV, e iria me passar muitos outros nas semanas seguintes, "in loco", e alguns dos quais "mucho locos". Mas isto é outra estória.

Chegamos à pensão, estrategicamente localizada perto duma estação de metrô, fizemos os necessários procedimentos hoteleiros e a necessária manutenção corporal e saímos para o "underground" lusitano, que paradoxalmente ficava no Bairro Alto.

- Parece com Olinda, Sávio... – comentei tão logo chegamos ao local.
- E com Ouro Preto – meu conterrêneo observou, fazendo-nos lembrar da visita técnico-cultural que havíamos feito à antiga capital mineira, nos idos do já distante 1º semestre do 3º ano.

Nossa visita técnico-cultural ao continente europeu, no entanto, estava apenas começando. Quer dizer, a parte cultural estava começando, a técnica so iria começar mesmo no dia seguinte.

Perambulamos despreocupadamente pelas estreitas ruelas, à busca de um acolhedor abrigo. Entramos num simpático lugar, atraídos pelo melancólico fado que emanava do mesmo. Sentamos ao bar, pedimos uma rodada de cerveja local e brindamos ao início da nossa jornada.

Em pouco tempo nossos diferentes sotaques traíram a nossa diferente origem e provocaram uma inesperada, e bem recebida, reação dos presentes: o subsídio da nossa primeira rodada. Mas logo ficou-nos claro que aquele hospitaleiro gesto não estava desprovido de segundas intenções: o que os patrícios queriam mesmo era conversar sobre futebol.

Coisa que, diga-se de passagem, ia ser meio difícil, pois eu não somente não entendia nada do que eles diziam como também não entendia nadica de nada de futebol. Alex e Miltan jogavam rugby, Chico jogava basquete, e Carlito e os Sávios nem praticavam esporte algum.

Mas aparentemente entendiam de futebol, e também entendiam o que os locais falavam, de modo que o papo fluiu razoavelmente bem. E enquanto eles papeavam Alex e eu ficamos debatendo sobre o enorme estrago que aquele semestre, que tecnicamente ainda não havia chegado ao fim, causara na MEC. E Chico e Milton debateram sobre o equivalente eletrônico do nosso estrago.

Depois de uns 15 min eu tive que ir fazer uma breve visita às instalações hidráulicas do recinto, e quando voltei percebi que meus nobres colegas estavam curtindo a presença de algumas simpáticas patrícias. Eu não consegui deduzir se o papo ainda era futebol, mas com Alex e Carlito por perto eu tinha certeza de que ia sair pelo menos 2 jogadas na zaga.

Sentei ao lado de Milton, que aparentava estar entediado, e iniciei um papo qualquer:

- Cadê Chico?
- Não sei, ele tava reclamando que já estava com saudades da namorada...
- Hum...

Eu tentei entender a letra do fado que rolava, mas não consegui, então fiquei apenas imaginando o motivo de tanta melancolia.

- Você sabia que o fado surgiu da saudade que os navegantes portugueses sentiam daqui quando passavam meses em alto mar, Celso?
- Não sabia não, Miltão...
- Eu sou um poço de cultura mesmo...
- Inútil...
- Fado não é cultura inútil, meu.
- Falou... – eu novamente tentei entender a letra, mas meu seletivo cérebro estava mais interessado na melodia, e na sonoridade – deve ter tido também alguma influência africana e/ou árabe, Miltão, estou detectando algumas tonalidades daquelas bandas.
- Bom, os portugueses viajaram pelo mundo inteiro, Celso, devem ter colhido inúmeras influências.

- Só...

Eu dei uma olhadela ao redor e percebi que o meu discreto amigo Chico estava animadamente conversando com uma aparentemente interessante, e interessada, rapariga local. Interessante como os caras mais mocados acabam "desabrochando" nos mais inesperados momentos...

- Você vai viajar com o Chico, Celso?
- Não...
- Com o Alex?
- Não...
- Com quem você planejou viajar, então?
- Eu não planejei viajar com ninguém... em verdade eu só planejei mesmo o dia de chegar, o dia de ir embora e as visitas técnicas que eu vou fazer, a começar pela de amanhã.
- Deixa eu advinhar... vai fazer o programa francês e o inglês.
- Isso... e você?
- O francês e o alemão. E a visita de amanhã. Eu fiz o inglês e o alemão no ano passado, desta vez eu troquei o inglês pelo francês, a comida é melhor.
- Só... e depois?
- Depois eu vou fazer 1 mês de curso intensivo de inglês em Bournemouth, no sul da Inglaterra.
- Hum...
- E você?
- Vou passear... talvez comprar uma guitarra.
- Vais voltar quando?
- Daqui a 9,5 semanas.
- No vôo da quarta-feira?
- Isso.
- Eu idem.
- Hum...
- Vais ficar muito tempo em Lisboa?
- Uns 2 ou 3 dias, depois vou pro Porto, fazer umas visitas técnicas informais...
- Só...
- Depois Madri, Barcelona, França...
- Eu tava pensando em fazer este mesmo roteiro, de repente a gente viaja junto uns dias, sem compromisso.
- Legal...

Chico voltou com uma cara de espantado, portando uma inusitada notícia a respeito da rapariga com quem estava conversando:

- Celso, a menina é pro!
- Problemática...?
- Não, ela é pro, de prost.
- Shruiu!!! E aí, vai encarar, velho?
- Claro que não, que eu sou um cara comprometido, e fiel.

- Como é!? – Miltan, apesar de sua imensa esperteza, não estava entendendo patavinas – vocês estao falando do quê, meu?
- A rapariga é rapariga, Miltan! Profissional, prostituta!
- Bizú, vai encarar, meu?
- Claro que não, que eu sou um cara comprometido, e fiel. E além disso ela está de folga hoje.
- Melhor ainda, que sai de graça, a-há!
- A rapariga é bonitinha, Chico, vai lá, meu!
- Tu tens que dar um trato nesta maria, Chico, a honra do apê está em jogo, velho! Pense que oportunidade de propagar no H8 inteiro que foi um membro do 228, literalmente falando, que marcou o primeiro gol na Europa!!

Depois de uns 30 s escutando nossos descabidos conselhos Chico achou melhor cagar pra nós e foi continuar sua animada conversa com a rapariga. Eu não sei se rolou ou não, só sei que até hoje ele nega qualquer involvimento inapropriado com a menina.

De qualquer jeito nosso primeiro dia na Europa foi marcante para todos nós. Constatamos que a camaradagem cultivada no H8 produz alguns dos seus melhores frutos nos momentos mais difíceis, e nos mais descontraídos também. Descobrimos que nossas raízes étnicas e culturais são muito mais profundas que o oceano Atlântico. E eu descobri que sinceras amizades às vezes surgem nas mais inesperados cirscunstâncias.

Voltamos para a pensão, os 7 exaltados companheiros, felizes a animados com o feliz e animado início da nossa feliz e animada aventura, compartilhando a certeza de que compartilharíamos aquela mesma felicidade e animação mesmo quando estivéssemos bem velhinhos, tipo quando tivéssemos uns 30 anos, ou mais.

Naquela fria noite em Lisboa jamais poderíamos imaginar que 2/7 daquele grupo de felizes e animados colegas jamais chegariam aos 30... mas isto é outra estória.

Mi Habitación

Depois de subirmos mais de 220 degraus finalmente chegamos ao topo da Torre dos Clérigos. Adalberto sorriu satisfeito enquanto admirava a paisagem:

- Olha que coisa bonita, gente, dá pra ver a cidade inteira!
- Muito... massa... – Bebeto concordou, ainda tentando recuperar o fôlego.
- Celso, você sabia que esta é a torre mais alta daqui de Portugal?
- É mesmo, Adalberto...? – "outro rei da cultura inútil, deve ser discípulo do Miltan".

Miltan não quis subir conosco, "eu não estou precisando deste tipo de exercício, Adalberto, o que eu quero mesmo é encarar, novamente, uma daquelas visitas técnicas à beira do Rio Douro", foi a delicada resposta que ele havia dado ao convite do seu colega de turma.

- Esta cidade é muito bonita, gente – Adalberto continuou sua importantíssima análise visual – faz quanto tempo que vocês estão aqui, Celso?
- Tempo demais, meu caro, amanhã a gente vai pra Madri. Chega desta onda de "pá" e "piga" e "bicha"...
- Aonde você vai passar o Natal?
- Em Paris, eu acho.
- Legal, a gente também vai passar o Natal em Paris, não é, Bebeto?
- Claro, vai ser a maior gréia. Eu vou aproveitar para visitar o Lulu, ele está morando lá em Paris.
- E o Chico, gente, ainda está em Lisboa?
- Eu acho que ele está em Coimbra, com os Sávios.
- E os sábios também, né, gente?
- Só...

Miltan estava mesmo certo, estava mesmo na hora de fazer outra visita técnica... a fim de aprofundarmos nossos conhecimentos a respeito do interessantíssimo processo de fabricação do vinho Porto, naturalmente, a posterior degustação do mesmo era apenas um (delicioso) detalhe.

Esperamos mais alguns minutos até que Adalberto saciasse a sua sede visual, e Bebeto recuperasse suas energias, e descemos a torre.

- Celso, eu nem te conto o que aconteceu lá em Lisboa depois que voces saíram de lá.
- O que foi, Chico encarou a piga?
- Que piga?
- Nada não, o que foi?
- A gente tava passeando lá no Parque Eduardo VII, eu, Bebeto, Gustavo e Suininho, quando apareceu um gajo esperto correndo que nem um maluco e arrancou a pochete do Suininho e se mandou, é mole?
- Carácolis! Vocês pegaram o gajo e encheram ele de porrada?
- Não, o cara se mandou com os TCs de Suininho, Celso.
- E mais uns trocados que ele tava carregando.
- Ainda bem que o passaporte dele estava no bolso do casaco.

- Cacilda...! Tem que ficar ligado, velho, tá ligado?
- E a gente que pensava que estas coisas só aconteciam no Brasil...
- Pois é, velho... e daqui vocês vão pra onde, Adalberto?
- Santiago de Compostela, depois Madri.
- Só...
- A gente se encontra em Paris, Celso, no Natal.
- Legal...
- E o Caldré e o Nilo, gente? Os caras alugaram um carro, é mole?
- Putz, vai dar uma trabalheira do cacete, tá ligado?

No dia seguinte Miltan e eu chegamos em Madri. E foi em Madri que eu comecei a observar, e adquirir, alguns dos muitos hábitos do meu intrigante comparsa, incluindo vários altamente questionáveis.

Provavelmente o mais salutar deles era o de freqüentar museus, e tão logo finalizamos nosso procedimento de chegada ao albergue fomos ao Museo del Prado, onde, segundo meu astuto colega, eu iria "tomar um banho de cultura".

O que eu tomei mesmo foi um banho de navegação subterrânea. Pelo menos até chegarmos ao nosso suntuoso destino, pois nosso trajeto foi repleto de longos passeios em escadas rolantes, aparentemente desnecessárias trocas de estações e rápidas olhadelas nos (teoricamente) esclarecedores painéis repletos de emaranhadas linhas coloridas. Tudo isso guiado pelo (teoricamente) aguçado senso de direção e pela (teoricamente) precisa memória do meu esperto companheiro de jornada, que firmemente se recusava a consultar qualquer documentação mais apropriada para a boa execução daquela (teoricamente) simples tarefa.

Conseguimos chegar ao museu, mas depois daquela breve e complexa experiência eu achei conveniente meter um gagazinho de mapa do metrô... "just in case".

Nosso gratuito acesso foi rapidamente concedido tão logo apresentamos nossas carteiras de estudante internacional, e antes que eu conseguisse planejar um adequado roteiro de visita já estávamos novamente envolvidos em nova emaranhada trajetória, que acabou defronte a uma enorme pintura em preto e branco, a qual estava sendo minuciosamente apreciada por cerca de 2 dezenas de pessoas.

Miltan fez o mesmo, por uns 5 min. Parecia até estar em transe, de tão compenetrado que estava em sua análise daqueles 27,3 m2 de surrealista expressão artística. Eu observei a obra de longe, tentando apenas captar a mensagem que o autor havia tentado passar. Coisa que, diga-se de passagem, não consegui, mas que me foi gentilmente explicada pelo meu aculturado colega, num tom exageradamente tutorial, quase que acadêmico:

- A angústia e a dor da guerra, a violência da morte prematura...
- Sei...
- A intricada dramatização da intolerância humana...
- Hum... – eu olhei melhor os detalhes do quadro, ainda sem conseguir correlacionar sua narrativa com as figuras representadas no quadro.
- O que é que você acha, Celso?

Eu precisava mesmo tomar um banho de cultura, pois não consegui ver nada daquilo que o meu inspirado colega estava descrevendo. Mas pelo menos usei um sereno tom na minha monossilábica resposta:

- Sóóóóóóóó...
- "Só"? É só isso que você tem a declarar, meu?

Miltan estava exageradamente afetado, quase que ofendido pela minha aparente indiferença com o sofrimento alheio, então eu achei melhor amenizar um pouco:

- Meu irmão, esse cara devia estar muito doido quando ele pintou este quadro, tá ligado?

Meu simplório senso de humor me livrou de uma boa meia hora de discussão inútil, pois o sábio colega logo resolveu mudar a tonalidade da prosa:

- Isso é o que todos diriam se tivesse sido eu o autor da obra... vamos ver o resto.
- Bora.

Passamos um bom tempo analisando obras de Velázquez, Goya, El Greco e outros igualmente importantes artistas. Eu aproveitei todas as deixas para expressar meu refinado gosto artístico, como, por exemplo, quando paramos para apreciar Las Meninas:

- Isso sim é o que eu chamo de obra de arte...

Ou, melhor ainda, La Maja Desnuda:

- Rapaz, essa eu encarava na boa...

Depois de rodar o museu inteiro andamos até o Parque del Retiro, onde eu tive várias oportunidades de repetir as supra-citadas frases, pois o lugar estava repleto de "chicas hermosas". Repleto mesmo, em quantidades somente anteriormente vistas em paraísos tupiniquins como Maracaípe, Ubachuva e Camboriú.

Mas o que mais me intrigou mesmo não foi a quantidade de mulher bonita, e sim a aparentemente inapropriada vestimenta que praticamente todas elas trajavam: mini saia e aquelas longas meias pretas bem fininhas. Muito sensual, mas um pouco fora de estação, termicamente falando, tanto que eu não contive minha curiosidade científica, e resolvi consultar meu safo colega a respeito daquele intrigante fenômeno termodinâmico:

- Miltan, tu que és um cara viajado, esperto praca, já andaste muito por estas paragens ibéricas, me diz uma coisa: essas espanholas por acaso são adiabáticas?

Miltan esperou que outras 3 intrigantes moçoilas passassem à nossa frente para largar sua sarcástica resposta:

- Tá achando ruim, meu?

- Claro que não...

Nossa caminhada no parque foi mesmo muito educativa: passamos metade do tempo admirando as chiquitas, e a outra metade desviando das miras dos pombos, que estavam literalmente tentando cagar nas nossas cabeças.

Miltan sugeriu uma passada na Puerta del Sol. Eu conferi o mapa do metrô e de imediato apontei o caminho mais curto:

- A gente pega a linha 2, a vermelha, em Retiro, e desce em Sol.

Trivial, mas eficaz.

A Puerta del Sol estava igualmente repleta de mulher bonita e com pouca roupa. E logo descobrimos o motivo: era o último dia de aulas antes do recesso de Natal e Ano Novo. E depois de conversarmos com algumas delas aprendemos outro detalhe a respeito das atividades escolares das moçoilas locais: elas tinham aulas de como se vestir e se maquiar na escola... pode uma coisa dessa?!?

Demos uma volta e paramos um pouco para curtir um sonzinho voz e violão que estava rolando no pedaço. Miltan, que nas CNTP era um tremendo mão de vaca, causou-me uma grata surpresa quando, ao final da música, depositou algumas moedas no chapéu do cantador. Motivado pelo meu estupefato olhar ele resolveu explicar o motivo de tanta generosidade:

- Podia ser um colega nosso, Celsão, o Pintinho viveu disso por quase 1 ano aqui na Europa.

Aquele foi outro dos seus hábitos que eu passei a praticar, a partir daquele exato momento.

E foi naquele exato momento que eu me dei conta de que num futuro não muito distante podia ser **eu** que estivesse tocando violão nas praças européias. Sim, pois havia uma chance não desprezível de que eu estivesse prestes a ser trancado, e no caso daquela infelicidade realmente vir a acontecer eu iria ficar naquelas terras até o meio do ano seguinte... e obviamente que eu teria que encontrar um jeito honesto de descolar alguns trocados para garantir a minha subsistência no Velho Mundo.

Demos um rolezinho nos arredores e depois fomos comprar alguns mantimentos: presunto, queijo, pão, leite, enlatados e uma bisnaguinha contendo um produto químico um tanto quanto suspeito:

- Vaselina, Miltan!? Que porra é essa?? Não vem com essas baitolagens pra cima de mim não que eu te encho de porrada, velho!!

Meu esperto companheiro foi rápido na explicação da tal suspeita aquisição:

- É pra passar nas mãos, meu, pra evitar que a pele fique seca.

Eu respirei aliviado, mas não deixei passar em branco:

- Menos mal, mas mesmo assim é coisa de viado.

Miltan deixou por menos e pegou outra caixa de (aparentemente) leite.

- Mais leite, velho?
- Isso não é leite, Celso, é vinho.
- Vinho em caixa? Essa eu nunca tinha visto.
- Pra gente detonar depois da janta, meu.
- Hum, eu pensava que era proibido beber no albergue...
- Tem certas regras que foram feitas para serem quebradas, Celso... eu, por exemplo, pensava que era proibido fazer sexo no estacionamento do C, meu, mas recentemente fui comunicado de que tem gente que faz.
- Há-há-há... o Chico é muito fofoqueiro mesmo, Miltan, mas eu posso te garantir que eu nunca fiz sexo no estacionamento do C.
- E nem no 228.
- Muito menos no 228...
- E aquela estória daquela vez que o Chico ouviu alguns risinhos e gemidos esquisitos vindo do teu quarto...?
- Outra infundada conclusão da mente deverasmente poluída do nosso amigo Chico... a menina queria conhecer o H8, eu mostrei meu quarto pra ela. Só porque ele ouviu algumas suspeitas vibrações sonoras não significa que estava rolando sexo, meu caro.
- Falou, eu vou fingir que acredito. Será que ele comeu aquela portuguesa, Celso?
- A rapariga? Eu acho que sim, mas tenho certeza que ele vai negar até a morte.
- Tu encarava aquela menina?
- Eu encarava até tu de novo, quanto mais ela, a-há.
- Sai pra lá, meu!
- E tu, Miltan, encarava a piga?
- Encarava na boa... até beijar na boca eu beijava, meu.
- Há-há...
- Eu chupava ela todinha, meu, tá sabendo?
- Há-há... se ela estivesse sentada numa mesa tu começava alisando o pé da mesa, né?
- Só...
- Há-há... e se ela estivesse montada num jegue...
- Sai pra lá, meu!!

Voltamos para o albergue, fizemos o devido asseio corporal – separadamente, naturalmente – e depois fomos preparar e degustar o nosso rango, regado a leite e bostejo:

- Gostou de Portugal, Celsan?
- Gostei, velho, povo legal...
- Comida boa e relativamente barata, vinho da casa mais barato que refrigerante...
- Gatas mil... até comecei a entender o que elas falavam...
- Pois a Espanha é a mesma coisa, e o português deles é só mais um pouquinho difícil de entender do que o de Portugal.

- Só...
- E tem mais mulher bonita.

Demos uma sincronizada olhadela ao redor, como que para certificarmos a veracidade daquela peculiar afirmação, e imediatamente notamos que uma atraente loira dos olhos castanhos estava a procurar um lugar aconchegante para sentar e degustar o seu rango. Haviam várias cadeiras vazias no recinto, mas uma força inexplicável fez com que a simpática menina se dirigisse à nossa discreta mesa:

- Hi, may I sit here?

Meu desafetado comparsa nem se abalou:

- Sure...

A menina sentou e começou a comer, e eu continuei a conversa com Miltan:

- E chegando mais...

Ainda bem que eu não falei nenhuma besteira, pois a graciosa moçoila, apesar de não ter entendido o que eu estava querendo dizer com aquelas inocentes palavras, entendeu perfeitamente o significado delas:

- Vocês são brasileiros? Até que enfim eu achei alguém que fala a minha língua nesta terra. O meu nome é Rita, eu sou de Porto Alegre, e vocês?
- Meu nome é Milton, eu sou de São Paulo, o Celso é...

Mais depressa que rapidamente eu cortei o colega e larguei o papo padrão pra cima da guria:

- Eu sou de Olinda, Rita... – "Rita tem uma sonoridade forte... começa com R, nota que eu estou precisando muito tirar neste semestre, termina com ITA... rima com umas coisas que eu gosto... eu vou dar um aperto nesta maria" – você conhece Olinda?
- Claro, eu passei um Carnaval em Olinda, uns 2 ou 3 anos atrás. Foi muito massa...

Em pouco tempo descobrimos que a menina era prima de 2º grau de um amigo meu dos tempos de colégio... como diria o meu amigo dos tempos do ITA Adriano, que naquela altura dos acontecimentos devia estar boiolando em BH, "êita mundin piquininin, sô".

Rita havia passado 2 semanas na Itália, onde visitara alguns parentes, e estava na Espanha desde a semana anterior. Daí o motivo de sua inesperada alegria em encontrar conosco e poder conversar em Português.

Sua inesperada alegria, no entanto, durou pouco, pois depois de uns 10 min 2 jovens viajantes, 1 canadense e 1 australiano, juntaram-se a nós, e passamos a conversar num idioma que todos pudessem falar.

Quer dizer, o canadense falava Inglês, o australiano falava um idioma que lembrava o Inglês, assim bem de longe, tipo do outro lado do mundo.

Miltan abriu a caixa de vinho, que de longe parecia de leite, e mandamos ver. Nossa animada tertúlia rolou até as 9 da noite, quando os prestativos funcionários do albergue mandaram todo mundo ir dormir. A simpaticíssima gaúcha iria retornar ao Brasil no dia seguinte, então fez questão de trocar endereços etc conosco. E foi só isto que rolou com a galega.

A primeira coisa que eu fiz quando cheguei ao quarto foi rasgar o papel que continha seus dados em 4 partes iguais e jogar tudo no lixo. Miltan sorriu de lado e fez a mesma coisa.

Coincidentemente, ou não, nossos colegas de mesa estavam no mesmo quarto que eu e Milton. Fizemos uma ligeira comparação entre as diversas propriedades das nossas mochilas, conversamos por mais uns 15 min e depois fomos dormir.

Eu não sei se foi efeito do vinho, da gaúcha ou do papo sobre o Carnaval de Olinda, mas o fato foi que eu passei a noite inteira sonhando com Carolina. Tanto que na manhã seguinte pensei em mandar um cartão postal pra ela, mas acabei não mandando, achei que Madri e Carolina não seria uma combinação muito consistente.

Já Barcelona e Carolina decididamente seria uma combinação pra lá de consistente...

Chegamos em Barça depois de uma noite mal dormida no trem, e tão logo iniciamos nossa caminhada em direção ao albergue local percebemos alguns pequenos detalhes um tanto quanto negativos que a bela cidade catalã não fazia a mínima questão de esconder.

O primeiro deles foi um grupo de senhores mal encarados que estavam a praticar a sua indiscreta urbana arte numa movimentada esquina. Coisa que, para nós, provindos das metrópoles tupiniquins, não era de modo algum estranha, mas eu sinceramante não estava esperando ver aquele tipo de cena numa metrópole do tal do "1º Mundo". Meu desafetado amigo nem se comoveu com a minha surpresa, mas nem por isso deixou de largar o comentário da hora:

- Taí uma coisa que eu jamais faria na vida...
- É fácil falar quando a gente não precisa, velho...
- Eu preferiria me prostituir do que mendigar, meu. O mendigo não está produzindo porra nenhuma, não está gerando nenhum benefício para a sociedade...

O segundo detalhe foi um grupo de jovens mal encarados que estavam a praticar a sua discreta urbana arte numa movimentada esquina. Coisa que, para nós, provindos das metrópoles tupiniquins, não era de modo algum estranha, mas eu sinceramante não estava esperando ver aquele tipo de cena numa metrópole do tal do "1º Mundo". Meu desafetado amigo nem se comoveu com a minha surpresa, mas antes que ele largasse o seu comentário da hora eu larguei o meu:

- Taí uma coisa que eu pensava que só iria ver em Amsterdão...

- Só, meu...

Os jovens comerciantes ofereceram-nos alguns dos seus ilícitos produtos, mas nós educadamente recusamos e seguimos nosso caminho. Na esquina seguinte fomos outra vez abordados por outros fornecedores, mas declinamos suas ofertas também. Antes que chegássemos à próxima esquina eu achei melhor consultar o meu esperto colega:

- Porra, Miltan, essa porra é assim mesmo ou é especial de fim de ano?
- Não, meu, é assim mesmo, cidade portuária tem muita droga mesmo, Celso.

Chegamos ao lendário albergue do banho unissex, cumprimos as formalidades locais e saímos em direção à parte antiga da cidade. Pegamos o metrô e descemos em Drassanes, pois Miltan queria que eu conhecesse seu amigo Cris. O qual, segundo Miltan, era uma daquelas pitóticas personagens que possuía a peculiar propriedade de ser considerado ao mesmo tempo herói e vilão. Somente quando chegamos à Plaça de Colón, também conhecida como Plaça del Portal de la Pau, e eu vi seu amigo Cris ao alto de uma torre de 60 m de altura foi que eu me dei conta de quem Miltan estava falando.

Depois de uns 10 min de infrutíferas discussões a respeito da direção que o Cris apontava eu cheguei à lógica conclusão de que Miltan havia dormido durante aquela aula, ou melhor, instrução, do CPORAER, em que eles falavam de bússola e orientação, pois ele insistia que era para a América, ou seja, para o Oeste. Eu tive se ser um pouco grosso, senão aquela leseira não ia acabar nunca:

- Porra, Miltan, o cara está apontado para o Sul, para o porto, como quem diz: gente, a gréia é ali!

A discussão acabou, mas eu tive que passar o resto do dia explicando pro meu esperto colega o que era gréia... coisa que ele só foi entender mesmo ao final da noite seguinte.

Passamos o resto do dia visitando Las Ramblas, as dezenas de ruelas da Ciutat Vella, o Barri Gòtic e a catedral que não acaba nunca.

Comprei uns postais para a minha coleção, mandei 1 deles para Carolina. Já fazia um tempão que eu não falava com ela, desde a sua formatura, no meio do ano, e muito provavelmente eu não iria vê-la naquelas férias. Talvez nem mesmo nas férias seguintes, no meio do ano, mas o fato era que eu sentia a sua falta. Não apenas da sua (bela) presença tridimensional, mas principalmente da acalentadora energia emocional que eu sentia quando ela estava por perto. E das nossas amalucadas conversas, também.

Voltamos para o albergue exaustos, não somente pelo longo e interessante passeio, mas também por causa da noite mal dormida no trem. Compramos mantimentos num mercadinho dos arredores, guardamos tudo na cozinha, pegamos nossas mochilas na recepção e fomos para o nosso quarto. Haviam 4 beliches no mesmo: 3 camas ocupadas e 5 vazias. Algumas roupas e toalhas penduradas nos beliches, meias e cuecas penduras nos aquecedores, mochilas largadas no chão... aquele quarto tinha todas as características de que estava servindo de abrigo a uma meia dúzia de uns 3 ou 3 animais. Mas pelo menos

não estava cheirando mal. Miltan abriu sua mochila, pegou seus apetrechos e saiu apressado:

- Vou tomar meu banhão, que a essa hora a mulherada já deve estar por lá.

Depois de uns 10 min ele voltou, todo arrepiado:

- Acabou a água quente, tu vais ter que esperar uma meia hora, Celso.
- Só... e a mulherada?
- Nada que mereça um comentário...
- Só... eu acho que tu descolou uma baranguinha lá no banheiro, a-há!
- Ainda não, meu caro, ainda não...
- Há-há-há...
- Pelo visto ainda não apareceu nenhum iteano por aqui, Celsan, eu acho que a gente está na dianteira. Nesse ritmo nós seremos os primeiros a chegar em Paris.
- Como se isso fosse a coisa mais importante da CV...
- Não, meu, a coisa mais importante é estar fora de Paris quando todos estiverem lá.
- Só... Miltan, me diz uma coisa: esse negócio de tomar banho junto com a mulherada não provoca algumas reações fisiológicas não, meu velho?
- Não, Celsan, não tem nem clima, é uma coisa tão inocente, você vai ver.

E eu vi mesmo. E tal qual ele havia falado, não tinha clima, e eu finalizei meu banho sem dar vexame. Mesmo porque eu não fiquei secando a mulherada. Coisa de matuto, aqui entre nós, esse lance de ficar espiando mulher tomando banho pelada. Principalmente quando tem uma tuia delas bem ali na frente da gente.

Voltei pro quarto tranqüilo, com o corpo e a mente refrescados. Quando abri a porta do mesmo tive uma grata surpresa: 2 de nossos colegas de turma, Gustavo e Príncipe, estavam alojados ali conosco.

Depois de alguns sorrisos e abraços amigáveis colocamos o papo em dia:

- Bom, depois do bizuleu de Lisboa nós fomos direto pra Madri, depois Valencia, e depois viemos pra cá. E vocês, Celso?
- A gente passou uns dias em Porto, só bebendo e comendo bem. Encontramos Adalberto e Bebeto, bebemos mais um pouco com eles, fomos pra Madri e chegamos aqui hoje.
- Legal... eu vou tomar meu banho, depois vou jantar com a Patrícia.
- Patrícia quem, meu?
- Uma maria que esse Gustavao bizurado conheceu no banho, gente.
- Como é?!
- Não, Celso, escuta só. Eu tava tomando banho, na minha, tentando não espiar a mulherada esfregando as partes, quando a menina do chuveiro do lado do meu me pediu o shampoo emprestado.
- Em Inglês, detalhe – emendou Príncipe.
- É, em Inglês. Eu, todo educado, passei o shampoo pra ela, sem ficar secando os peitos da menina, é claro. Ela agradeceu, usou o shampoo, e quando foi me devolver

percebeu que o produto era Made In Brasil, com “S” mesmo. Aí ela olhou pra mim, peladão da silva que eu estava, e me perguntou se eu era brasileiro.

- A-há, a-há!
- Gostosa, meu?
- Eu não sei ainda, afinal de contas a gente ficou conversando durante o resto do banho, durante o enxugamento, mas eu não tirei os olhos dos olhos dela, senão ela ia ficar pensando que eu era um caipira que nunca tinha visto mulher nua na minha frente, Miltão.
- Tinha que dar uma olhadinha assim de lado, meu, quando ela estivesse enxugando as pernas.
- Não deu. Enfim, nós passeamos juntos o dia inteiro, e vamos jantar juntos. Talvez role alguma coisa.
- Só... ela tá sozinha, Gú?
- Não, Celso, tá com a irmã e a cunhada, a namorada do irmão delas. Imagina só, 3 cariocas largadas aqui em em Barça.
- Shuriu!!!
- Bom, eu vou tomar o meu banho, depois a gente conversa mais.
- E tu, Príncipe, fizeste o quê hoje?
- Eu passei o dia passeando na cidade, toda quadradinha, com as esquinas cortadinhas, foi massa. Amanhã eu vou visitar a Sagrada Família.
- A gente foi lá hoje, meu, é muito legal.
- Só... e o teu irmão?
- Sei não, depois de Lisboa ele disse que ia pra Coimbra, eu não vi mais.
- E quem é que está aqui no quarto com vocês, meu?
- Um holandês gente fina... o cara é surdo-mudo, mas ele sabe leitura labial.
- Em Português!?
- Não, em Inglês. A gente conversa em Inglês com ele.
- E ele fala, meu?
- Fala sim, Miltan, mas às vezes fica meio difícil de enteder... mas mesmo assim é mais fácil do que enteder os australianos.
- Só...
- Eu já conheci um monte de gente, Celso, já estou com uma tuia de endereço de australianos, canadenses, brasileiros... e vocês?
- A gente conheceu um pessoal legal em Madri...
- Massa, pegaram os endereços e e-mails?
- Não... quer dizer, pegamos uns dados duma gauchinha gostosinha que tava no albergue, mas jogamos tudo fora.
- Como é??
- Jogamos no lixo, meu, ou você acha que vai corresponder com essas minas que a gente conhece na Europa, meu?
- Eu espero que sim, Miltan!

Miltan nem se deu ao trabalho de tentar argumentar com o meu conterrâneo amigo, mas eu tentei:

- Príncipe, meu rei, tem que aproveitar o momento, que nem o Gú ta fazendo agora, tá ligado? Passear, conversar com a moçada dos outros lugares do mundo... depois

que a gente voltar pro Brasal a gente nem vai lembrar mais desta galera que a gente conheceu por aqui, velho. Vai por mim.

Príncipe achou melhor ignorar o que eu havia falado. Pegou suas troxas e foi tomar banho:

- Pois eu quero voltar pra casa com a minha agendinha cheia, Celso.

Miltan e eu saímos do quarto e fomos preparar o nosso rango. Havia bastante gente na área, quase que a gente come em pé mesmo, mas um simpático casal de jovens canadenses convidou-nos a sentar com eles, e o convite foi prontamente aceito. Não me perguntem como eu sabia que eles eram canadenses, mas depois de uns dias na Europa a gente pega esse tipo de manha e quase sempre acerta a nacionalidade das pessoas. Quase sempre.

Na mesa havia uma outra menina, que aparentemente já havia acabado de comer, e estava fazendo anotações no seu diário de bordo. Sentei-me à sua frente, ela levantou o rosto e murmurou um "hi". Por um momento eu pensei que ela era surda também, mas logo percebi que ela estava usando fones de ouvido, e logo entendi o motivo da sua baixa potência vocal.

Os canadenses eram muito simpáticos, e em pouco tempo estávamos todos compartilhando causos da nossa aventura européia. Miltan levantou e decidiu retribuir tanta hospitalidade: trouxe a caixinha de vinho que estava mocada na geladeira. A qual foi mocadamente muito bem recebida por todos da mesa, inclusive pela discreta escrivã.

Príncipe chegou na área logo depois, mas quando viu que a gente estava discretamente quebrando uma das regras do albergue fingiu que não nos conhecia e foi sentar em outra mesa, bem longe da nossa.

Lá pelas tantas a outra guria fechou o caderninho, tirou os fones de ouvido e entrou na conversa, mas não revelou o seu nome. Sua voz era extremamente agradável, e o seu inconfundível sotaque me fez levantar a hipótese de que naquela viagem eu só iria conhecer mesmo australianos, brasileiros e canadenses.

Mike, o canadense, girou o papo para esportes, e largou a pergunta esperada da noite:

- Are you guys big soccer fans, like all Brazilians?

Miltan, o iteano, largou a resposta inesperada da noite:

- Not really, we don't even play soccer.

Amy, a canadense, largou a 1ª inesperada revelação da noite:

- I played soccer when I was in High School, it's pretty cool.

Mike continuou a resenha esportiva, aproveitando a chance para sacanear a namorada:

- I play hockey, like all decent Canadians. What do you guys play, Milton?
- I play rugby, and my friend C here likes surfing.

Naquela altura dos acontecimentos todos estavam me chamando de “C”, pois falar Celso em Inglês era engraçado demais para que a conversa fluísse bem. Amy largou a 2ª inesperada revelação da noite:

- What a coincidence! My friend Kelly here is a surfer, too! Imagine that, to find 2 surfers from opposite sides of the world, sitting at the same table, here in Barcelona! What are the odds?!

Eu aproveitei a quicada de bola na grande área e dei uma leve encarada nos seus belos olhos azuis:

- That’s a proper name for a surfer…

A (aparentemente) australiana sorriu do meu comentário:

- I may not be The Champ, but at least we share the same name.

A partir daquele momento a dinâmica de grupo da nossa mesa ficou levemente alterada, pois Kelly e eu iniciamos uma (quase privada) conversação (quase) paralela:

- I’d love to go to Oz, to surf Bells… though I don’t really like cold water.
- Me neither… – ela sorriu da minha precipitada, e errônea, presunção – I’m actually from Nü Z, C.
- Oops, I’m sorry.
- That’s OK, it’s close enough. I like the Aussies, they are good neighbors.

Trocamos algumas figurinhas surfísticas, acadêmicas e geográficas e depois fomos dormir, eu no meu quarto e ela no dela.

Quer dizer, eu achava que ia dormir logo, afinal de contas eu estava cansado pracas. Mas depois de uns momentos de leve bostejo com Miltan, Príncipe e Hans, o surdo holandês gente boa, Gustavo adentrou pelo quarto com uma expressão demasiadamente angustiada, como se tivesse no meio de um exame de Controle, e em poucos instantes eu percebi que antes de deitar teria que auxiliar o meu angustiado amigo na resolução de um delicadíssimo problema. Miltan foi quem iniciou a investigação do mesmo:

- So, how was the dinner with your friend, Gustavo?
- Nice, but – Gustavo percebeu que havia cometido a indelicadeza de falar sem olhar para o nosso surdo companheiro de quarto, então virou-se para o mesmo, corrigindo o deslize, e prosseguiu – Sorry, Hans… the dinner was nice. Very nice.
- And…!? – Hans arregalou seus curiosos olhinhos e aguardou a resposta de Gustavo.
- Well, we kissed, and then we kissed some more...
- So, did you do it or not?
- Well… no, we did not find a proper place. And that is the problem, my friends.

Miltan imediatamente propôs uma adequada solucionática para aquela inadequada problemática:

- Well, you can bring her here, we won't look.

Solucionática esta que ficou ainda mais adequada quando eu fiz uma singela otimização da mesma:

- Tell her to bring her sister, and the other girl too.

Mas antes que pudéssemos fazer o necessário planejamento logístico da operação o nosso temeroso amigo Príncipe deu uma jogada na zaga:

- I don't like this idea, guys, we could get in trouble.

Gustavo olhou ao redor, buscando apoio, mas ficou na dúvida. Miltan achou melhor usar nossa nativa língua para continuar sua lógica argumentação:

- Hans, would you please excuse us for a while? I think we need to use some Portuguese now, this is going to get a little too confusing to be resolved in English.

Nosso cordial companheiro de quarto sorriu, compreensivo:

- That´s fine, fellas, I understand.

Miltan prosseguiu, em bom iteanês:

- Gú, seu bizuleu, tu quer comer essa mina ou não quer, meu?
- É claro que eu quero, Miltão, senão eu não estava com essa cara de babaca que eu estou agora!
- E ela também não está a fim?
- Está!
- Então, qual é o problema?
- O problema, meu caro, é que eu não vou trazer a menina pra cá! Imagina se eu vou transar na frente de vocês...!!
- É, Gustavo, vai que depois dá uma merda – Príncipe novamente deu uma de beque.
- Deixa de ser cagão, meu, não vai dar merda nenhuma – Miltan chutou a bola para o ataque novamente.
- Eu não sei, Miltão... – Gustavo parou por um momento, pois naquele exato momento uma estridente voz feminina mandava todo mundo apagar as luzes e ir dormir – puta merda, agora é que não vai dar mesmo, a sargenta vai verificar se tem alguém fora dos quartos.
- Que sargenta é essa, velho?
- É a gerente do albergue, Celso, toda noite, quando dá 9:00, ela manda todo mundo se recolher e apagar tudo.
- E o pior é que ela repete tudo em Inglês, Espanhol, Catalão, Francês e Alemão.
- Porra, essa sargenta é uma verdadeira beque internacional, tá ligado?

Meu tolo comentário serviu para aliviar um pouco as tensões que estavam se acumulando no recinto. Depois das discretas risadas Miltan voltou ao ataque:

- E então, Gú? Vai trazer a mina pra cá ou não vai?
- Eu não sei, Miltão, vai que dá merda...

Hans, do alto do seu beliche, lançava-nos curiosos olhares. Podia até ser que ele não conseguisse ler a nossa indiscreta conversa, mas com certeza devia estar achando aquela cena muito engraçada, pois não parava de sorrir. Miltan continuou ao ataque:

- Que merda, Gustavo? Fica tudo aqui entre nós, e o holandês não vai falar nada.
- É claro que ele não vai falar nada, Miltão, o cara é mudo!!

Nós passamos uns 5 min gargalhando, depois Miltan conseguiu falar novamente:

- Não foi isso que eu quis dizer, seu babaca...
- Essa foi massa... há-há-há...
- Eu vou procurar um motel. Aonde que tem um motel por aqui, Miltão?
- Aqui na Europa não tem motel não, meu.
- E aonde o pessoal faz sexo?
- Em casa, ou então vai prum hotel.
- Eu vou procurar um hotel, então.
- É caro pra chuchu, meu, isso sem falar no dinheiro do táxi... o melhor é trazer a mina pra cá, meu.
- Só, aproveita e chama a irmã dela e a outra, Gú.
- A irmã dela nem tá sabendo de nada, Celso.
- Não tem problema, quando chegar por aqui a gente faz uma introdução ao assunto.
- Isso, meu, a gente faz uma introdução, há-há.

Depois de outros 5 min gargalhando Gustavo tomou uma decisão:

- Eu vou falar com ela.

Abriu a porta do quarto, verificou que a sargenta não estava por perto e saiu de fininho. Hans achou que estava na hora de se interar dos acontecimentos:

- So, is she coming here?
- I don’t know, my friend, I really don’t know – eu apaguei a luz e finalmente deitei.

Hey Hey What Can I Do

Eu estava deitado na minha prancha, fervorosamente remando para pegar uma longa e enorme direita. A água estava gelada, mas por um estranho motivo qualquer a minha pele parecia ter adquirido propriedades adiabáticas, pois eu não sentia frio algum. Levantei e iniciei minha descida à base da perfeita onda, mas não consegui finalizar a manobra, pois fui brusca-bizuleicamente interrompido por uma estridente voz feminina mandando todo mundo acordar e sair dos quartos. Em 5 idiomas, naturalmente.

Abri os olhos, ainda injuriado, e um pouco desnorteado, como sempre que eu não dormia na minha própria cama, e olhei ao redor. Meu também injuriado amigo Gustavo foi o primeiro a se pronunciar:

- Puta merda, essa sargenta não cansa de pentelhar...

Hans pulou do seu beliche, pegou sua toalha e saiu correndo:

- Good morning, fellas, see you later.

Miltan levantou, colocou os óculos, trocou de roupa, pegou sua escova e pasta de dentes. Saiu sem falar nada, mas quando voltou começou a pentelhar todo mundo:

- Príncipe, levanta, meu. Celso, quer levar um g? Como foi a noitada ontem, Gú? Todo ano é a mesma coisa, meu, os mais mocados é que sempre se dão bem.

Bom, tecnicamente falando, Gustavo não era tão mocado assim, afinal de contas todos da minha turma sabiam quem ele era. Mas o assunto principal bem que merecia um esclarecimento, então eu reforcei a curiosidade do colega:

- E aí, Gustavo, o problema foi resolvido, encaraste a carioca?

Gustavo sorriu satisfeito e tentou nos engrupir com sua característica mineirice:

- Bom, como diria o nosso amigo Scott Weiland, “I never kiss and tell”, mas o problema foi resolvido a contento, para ambas as partes.

Demos o assunto por encerrado. Fizemos nossas rotinas matinais e em menos de 30 min estávamos na rua.

Gustavo decidiu passar o dia com Patrícia e suas comparsas, pois elas iriam voltar para o Brasil naquela noite. Príncipe, Miltan e eu passamos o dia visitando um monte de igrejas e outras atrações turísticas locais.

Voltamos para o albergue ao final da tarde, onde encontramos Gustavo no estágio inicial de uma crise de encabisbaixamento, pois sua agradável amiguinha havia acabado de sair em direção ao aeroporto. Mas antes que ela – a crise, naturalmente – pudesse progredir para um estágio mais avançado Miltan propôs uma visita ao mercadinho da esquina, a fim de repor

nosso estoque de mantimentos, e após poucos minutos de saudável bostejo o nosso discreto amigo recuperou seu costumeiro bom humor.

Tanto que não perdeu a chance de sacanear o nosso espertalhão colega quando ele sorrateiramente tentou escamotear o saquinho de presunto por baixo do saquinho de queijo, na vã tentativa de ludibriar a caixa:

- Porra, Miltão, você acha que a moça não vai perceber a sua manobra? Você acha que um truque bobo desse não foi tentando antes? Deixa de querer ser esperto, cara.
- Não custa nada tentar, meu.

Obviamente que a experiente caixa não caiu naquela tola jogada, e obviamente que Miltan teve que agüentar calado a continuada sacaneada dos colegas:

- Eu te disse, não te disse, espertão? E o pior de tudo é que você pensa que a gente tem que aturar essas porras.
- Não, Gú, o pior foi que eu passei o dia com medo de ser preso, pois esse cara não paga metrô não, meu velho, ou entra pela saída ou pula a roleta. E Celso pegou essas manias também.
- Lamentável, Celso. Do Miltão eu já esperava esse tipo de comportamento, mas de você...!
- Que besteira, meu, todo mundo aqui faz isso.
- Todo mundo não, Miltão, eu não faço.
- Nem eu.

Eu normalmente ignoraria completamente aquela desnecessária discussão, pois a mesma não iria resultar em nenhuma ação construtiva, mas como Miltan estava em minoria e o meu nome havia sido citado numa forma não exatamente positiva eu resolvi fazer algumas pertinentes observações:

- A bem da verdade, meus caros amigos, eu devo dizer que uma parcela não desprezível da população local viaja de graça no metrô. E eu notei a mesma coisa em Madri.

Príncipe tomou a sábia decisão de mudar o assunto:

- Barcelona é muito bonita, gente... aqueles morros todos me fizeram lembrar do Rio de Janeiro.
- Sem as favelas, é claro.
- Pode crer, velho...

Meus colegas foram tomar banho logo depois que chegamos ao nosso quarto, pois estavam receosos de que a água quente acabasse, mas eu fui ligar para a minha mãe, dar notícias sobre meu paradeiro:

- Barcelona é muito bonita, mãe, tem uns morros que fazem lembrar do Rio de Janeiro. Sem as favelas, é claro. E o povo daqui anda de graça no metrô.

- *Sei... você está se alimentando direito, meu filho?*
- Tou, mãe. Tá tudo bem por aí?
- *Por aqui tá tudo bem, meu filho. Mauro foi pegar onda, e seu pai tá vendo televisão. Você está com algum amigo do ITA ou tá sozinho?*
- Tem mais 3 aqui comigo, Príncipe e outros 2 amigos do ITA.
- *Eu até falei com a mãe deles ontem, ela estava preocupada com José Paulo, ele não ligou pra casa desde que chegou em Lisboa.*
- Sei... alguma notícia do ITA?
- *Sim, eu liguei pro seu Conselheiro na sexta-feira, ele disse que você pegou mesmo algumas segundas épocas.*
- Algumas quantas??
- *Ele falou que eles ainda não sabem, disse que eles vão ter uma reunião na semana que vem, quer dizer, na outra semana, depois do ano novo.*
- Reunião... – "puta merda, inferninho...".
- *É uma comissão dos professores onde eles vão analisar o caso de cada aluno, porque ele me disse que foram vários alunos que ficaram nesta situação, meu filho.*
- Sei... – "agora fudeu a tabaca de chola... será que vai rolar desligamento?" – e...
- *Mas ele disse pra eu lhe dizer pra você não se preocupar não e aproveitar a viagem, que você sempre foi um bom aluno e que não vai ser desligado não.*
- Sei... – "vou ser trancado".
- *Seu pai vai falar, meu filho. Um beijo bem grande e ligue no Natal.*
- Outro...
- *Celso, está na Espanha? Já conheceu alguma "chica caliente"?*
- Oi, pai...

Voltei pro quarto um tanto quanto abalado, mas guardei minhas preocupações comigo mesmo. Hans estava por lá, e nós ficamos conversando sobre as nossas recentes atividades turísticas até o momento em que meus colegas voltaram, quando eu aproveitei a deixa e fui executar meus afazeres higiênicos.

Depois de uma rápida eliminação de uma quantidade não desprezível de substàncias indesejáveis eu me dirigi à sala de banho. Eu estava tão entretido com os meus soturnos pensamentos, ou seja, meu provável trancamento, que nem prestei muita atenção às desinibidas moçoilas que estavam a lavar seus pálidos corpos.

Mas no exato momento que eu comecei a procurar um lugar para pendurar a minha toalha e as minhas roupas uma das tais desinibidas moçoilas acabou o seu banho e caminhou em minha direção a fim de pegar a sua toalha. Eu tomei um leve susto quando reconheci seus belos olhos azuis, e passei os 3 s seguintes tentando olhar **apenas** para os seus belos olhos azuis. Ela parou à minha frente, nuinha da silva, e cuprimentou-me amigavelmente:

- Hi, C! How're you doin' today?
- Very well, Kelly...

Impressionante como o meu estado de ànimo passara de "abalado" para "very well" em tão pouco tempo... e isso porque eu ainda nem tinha tido a oportunidade de dar uma olhadela mais detalhada nos peitinhos da menina. Shruiu!!!

Eu esperei até que ela pegasse a sua toalha e coloquei a minha no ganchinho que ficara vago:

- And you?
- I'm fine – ela começou a enxugar os cabelos – so, where'd you guys go today?
- The Old Town, some old churches...

Comecei a tirar a minha camisa, afinal de contas eu estava ali para tomar meu banho, e foi quando eu me dei conta de que a temperatura do ar estava um pouco baixa demais para o meu gosto. Putz...

Kelly rapidamente passou a toalha no rosto, e eu finalmente consegui focar meu discreto indiscreto olhar, mesmo que por somente 500 ms, nos seus (pequenos mas) maravilhosos seios. Os quais, para minha sorte, ainda apresentavam o efeito da brusca queda de temperatura da fina camada d'água que os cobria. Shruiu!!!

Guardei a deliciosa imagem no meu HD mental e continuei a despretensiosa conversa:

- And you?
- I visited la Sagrada Família, it is so gorgeous... have you been there yet?
- We went there yesterday, it is really gorgeous... – "and so are you, my dear" – how's the water?
- It's warm enough.

Eu não sei se ela estava esperando que eu fosse tirar minhas roupas para poder dar uma conferida no material ou se ela estava simplesmente tentando ser simpática, mas o fato era que aquela (aparentemente) despretensiosa conversa estava ficando um tanto quanto longa demais.

Obviamente que eu não estava nem um pouco preocupado que ocorresse uma improvável reação fisiológica comigo, afinal de contas as condições de contorno (felizmente) não eram nem um pouquinho favoráveis para tal. O que estava me preocupando mesmo era que se aquela conversinha demorasse mais um pouquinho eu certamente iria cair vitima da inevitável expansão negativa causada pela presença do ar frio. Putz...

Mas antes que eu pudesse ficar demasiadamente preocupado com aquele incômodo detalhe Kelly baixou o rosto para enxugar as pernas, e foi quando eu discretamente consegui fazer uma indiscreta análise das (lindas) áreas mais ao sul do seu (lindo) equador. Foram os 2 s mais agradáveis daquele dia... Shruiu!!! Shruiu!!!

Novamente guardei a deliciosa imagem no meu HD mental, talvez ela tivesse uma oportunidade de ser usada mais tarde, quando eu estivesse na cama me preparando para dormir.

Kelly levantou o rosto novamente, enrolou a toalha no corpo e saiu de cena:

- Well, I'll see you later, C.

- See ya…

A água estava realmente morna, conforme ela havia dito, mas eu não demorei muito no banho não, pois afinal de contas eu tinha que voltar rapidamente para o quarto a fim de dar uma oportuna sacaneada nos meu esperto amigo:

- Miltan espertan, tu não vais acretidar quem estava acabando de sair do chuveiro quando eu cheguei lá, meu velho!
- Não vai me dizer que foi a surfistinha neo-zelandeza...?!
- A "pópria", meu "cumpádi"... shruiu!!!
- Puta merda, meu, como é que eu perdi uma dessas?? – sua esperada reação foi mezzo decepcionada, mezzo furiosa, mezzo invejosa.
- Foi dar uma de apressado, perdeu... mas a questão não é como é que **tu perdeste** essa, Miltan, é como é que **eu não perdi**! A-há, a-há!!
- Puta merda, meu!!! – meu abalado amigo finalmente percebeu que ficar furioso não ia adiantar em nada, então mudou o tom de voz – E como é que tu não perdeu, Celsan?
- Bueno, como diria a minha saudosa ex-namorada Carolina, "quando 2 pessoas tèm que se encontrar (mesmo que seja no banho unisex do albergue de Barcelona) as forças da natureza fazem com que isto aconteça". A-há, a-há!!
- É um babaca mesmo...
- Ou como diria o grande filósofo Celso Pacheco, "a gente fazemos o que podemos".
- Falou... E aí, ela é gostosinha?
- Bueno, como diria o meu saudoso amigo Ricardan espertan, "já comi melhores, mas dá pro gasto, a-há, a-há".
- Puta merda... e os peitinhos da mina, meu?
- Porra, velho, eu fiquei assim fingindo que não tava nem aí, só olhando pros olhos dela, tá ligado? Mas quando ela enxugou o rosto eu dei uma sacada massa nos seus peitinhos... nos teus não, é claro, nos dela.
- Porra, meu, pára de falar bobrinha e conta logo os detalhes!
- Então, ela tava enxugando o rosto, eu dei uma olhada nos seus peitinhos... nos dela, que, por sinal, ainda estavam meio que molhadinhos...
- Puta merda, meu...!!! Pára que eu não quero saber de mais nada! Ô louco!
- Tá bom, então eu nem vou falar nada do priquitinho dela.
- Eu acho que vou usar a camisa da seleção hoje, Celsan, pra ver se dá sorte.
- Boa idéia, vou colocar a minha também, a-há.

Abri a mochila, procurei, achei e coloquei a camisa. E o agasalho do ITA por cima.

- Vamos rangar? Cadê os meninos?
- Já foram comer, disseram que não iriam quebrar algumas (bobas) regras conosco.

Preparamos nossa janta sentamos na mesma mesa da noite anterior, onde novamente desfrutamos da agradável companhia de Mike, Amy e Kelly. Interessante como eles estavam sentados nas mesmas cadeiras... nós fizemos o mesmo, de modo que eu novamente fiquei defronte à Kelly, que novamente estava escutando música e fazendo anotações no seu diário de bordo, e novamente levantou o rosto e murmurou um "hi" para mim.

Eu respondi ao mesmo tom e comecei a comer. De vez em quando trocava alguns comentários com os demais, que estavam conversando sobre suas recentes atividades turísticas, e de quando em vez trocava alguns silenciosos olhares com a discreta escrivã, que provavelmente estava escrevendo sobre suas recentes atividades turísticas. Será que ela havia escrito algo sobre nosso encontro no banho coletivo...?! Hum... talvez sim, talvez não, talvez talvez... “whatever”.

Quando eu acabei de comer ela fechou o seu diário de bordo, tirou os fones de ouvido, desligou o player e cumprimentou-me novamente:

- Hi.
- Hi... – eu sorri e pensei em algo interessante para lhe dizer – what kind of music were you listening?
- Jet. Do you know them?
- No, never heard about them.

Kelly enfiou a mão direita no bolso do casaco, pegou um outro par de fones de ouvido e um conector em “Y”, fez as necessárias conexões, separou um par de fones de ouvido para si e me entregou o outro:

- Here, tell me what you think about them, mate.

Hum... a menina estava prevenida, talvez até um pouco mal, ou melhor, bem intencionada. Coloquei os fones nos ouvidos e esperei que ela ligasse o player e escolhesse uma canção.

A música começou com um tamborim, em forte ritmo. Depois entrou o baixo, em G, seguido de um breve pigarro do vocalista, e depois da bateria. As guitarras demoraram uns 20 s para marcarem suas presenças, mas a espera foi bem justificada. A primeira foi a do canal esquerdo, um pouco distorcida, e comprimida, numa bem executada virada. A do canal direito estava limpa, e entrou logo depois da virada, na marcação. Na virada seguinte a terceira apareceu, igualmente distribuída nos 2 canais, levemente reverberada, e dobrando as viradas das outras.

A coisa toda parecia que tinha sido enviada dos meados dos anos 70, uma “Ballroom blitz” pós-moderna, pós-grunge... o que logo me fez lembrar da minha cara amiga Lídia, que se amarrava naqueles sons... e quem eu não via há um tempão, mas isso é outra estória.

Eu tive uma grata surpresa quando o vocalista finalmente começou a cantar, pois eu entendi tudo, ou quase tudo, que ele estava dizendo. A clássica estória de um sujeito que estava de olho numa atraente mulher que estava na companhia de um outro homem, mas que nem por causa disso deixou de abordá-la. Nada a ver conosco, afinal de contas Kelly estava sozinha.

A música era decididamente contagiante, e antes que eu me desse conta meus dedos estavam tocando uma imaginária guitarra por sobre a mesa. Kelly sorriu da minha instintiva reação, mas absteve-se de quaisquer comentários, mesmo porque ela desviou o olhar ao final do 1º refrão. Coisa que, diga-se de passagem, ela não repetiu no refrão seguinte... Shruiu!!!

E enquanto o vocalista narrava e re-narrava sua desaventurada aventura eu imaginava como seria o clip daquela música, ou melhor, como seria o clip se **eu** fosse o diretor do mesmo. Sem dúvida que eu convidaria a minha simpática comparsa de mesa (e talvez talvez logo logo mais tarde de "otras cositas" mais interessantes também, shruiu!) para fazer o papel da heroína/vilã.

Não tive tempo de finalizar meus imaginários planos, pois a música logo acabou, sem definir se o cara conseguiu ou não apertar a menina. Mas o som continuou rolando, e mais uma vez tive a sensação de estar viajando no tempo, pois a música seguinte lembrava o velho e bom ACDC... com a diferença de que mais uma vez eu consegui entender o que o cantor dizia.

Outra clássica estória de um sujeito que estava de olho numa atraente mulher que estava esnobando o tal sujeito, mas pelo menos daquela vez ele deu uns apertinhos nela. Nada a ver conosco, afinal de contas Kelly não estava me esnobando, muito pelo contrário. Shruiu!

A música era decididamente contagiante, e antes que eu me desse conta meus dedos novamente estavam tocando uma imaginária guitarra por sobre a mesa. Kelly novamente sorriu da minha instintiva reação, mas novamente absteve-se de quaisquer comentários, mesmo porque ela desviou o olhar ao final do 1º refrão. Coisa que, diga-se de passagem, ela não repetiu no refrão seguinte... e nem ao final da música. Shruiu!!!

Kelly desligou o player e retirou os fones dos ouvidos:

- So, what do you think?
- I like them – eu tirei os meus fones e entreguei-os para ela – I even understood most of what the singer was saying. Trey're from Nü Z?
- No, they're from Oz.
- Oops, I'm sorry.
- That's OK, it's close enough. I like the Aussies, they are good neighbors.
- And good surfers.
- That too – ela guardou os apetrechos no bolso do casaco – do you miss surfing?
- I sure do... the last time I surfed was over 2 months ago.
- Gosh, that's way too long, mate!
- I know… and you?
- 2 weeks ago.
- That's not too bad, Kelly.
- No, it's not, but I won't be surfing again until, like, April. That's when I'm going back home.

Miltan acabou de comer, levantou e foi pegar 1 caixa de vinho na geladeira, cujo conteúdo foi rapidamente transferido para os nossos coloridos copinhos plásticos. Fizemos todos um brinde coletivo, depois do qual Kelly continuou nossa prosa:

- So where you gonna go to next?
- Nice.
- Nice is nice, you're gonna like it. No waves, though, mate.

- The water must be too cold, anyway.
- Yeah…
- And you?
- Madrid, I'm leaving tomorow.
- Madri is nice too, you're gonna like it.
- I hope so.
- No waves there, either.
- Not a chance, mate.
- But you could go to Mundaka and score some rides.
- I guess I could… maybe I will, but I wanna go to Portugal first.
- I liked Portugal… good food, good wine, nice people.
- And they speak your language, too.
- Not really, it took me a few days to finally understand what they were saying.
- Is that right?
- Yes, it's like English from England and from the US, or Oz, or Nü Z, they all sound different.
- I guess so… are you planning to visit London?
- Yes, I am. Have you been there?
- That's where I flew to. It's cheaper for us to fly to London than to any other place in Europe.
- Nice… did you like it?
- I sure did, London is a funny place… way too big for me, I would never live there, but it's pretty cool to visit. Half of the people are very serious, all britishy, you know? But the other half are pretty crazy.
- I'll be there on the 2nd week of January. Then I'll go to Amsterdam.
- Another crazy place… **very** crazy, mate.
- I heard about it… Barcelona is a bit crazy too.
- Yeah, but nothing is as crazy as Amsterdam, I'm telling you, C.
- And Paris, have you been there yet?
- I spent a few days there, I should spend some more on my way back to London. It's a pretty city, but the people there are not that nice.
- That's what I heard… so you're a regular or a goofy?
- Goofy, and you?
- Goffy, too.
- We're a minority, mate.
- Yeah, but I guess Nü Z is a good place to be a goffy, after all you have some of the sickest lefts in the world.
- That is correct, mate… but I like my rights, too.
- Does the water get too cold there?
- It gets pretty cold in the wintertime, but I've got rubber.
- I've never used rubber.
- Sometimes you need to use it if you wanna have some fun. It kinda sucks, but you get used to it... the worst thing about it is taking it off when you're done, that stuff sticks to your body, especially when it's wet.

Naquele instante nossa comparsa Amy deu indícios de que estava escutando a nossa prosa, mas não sabia direito do que estávamos falando:

- Are you guys talking about sex?
- No, surfing...! – Kelly esclareceu, com um surpreso olhar.
- I see...

Ela virou o rosto, desconfiada, e nós continuamos nossa surfística conversa:

- What kind of boards do you ride?
- I have a 6' x 19" ½ x 2" ½ thruster, round pin, concave bottom. A friend of mine made it for me. And you?
- I use a 5' 10" twin fish in the summer and a 6' 2" x 19" ¾ x 2" ¾ thruster, wing swallow, twin concave bottom in the winter. I call it winter when the swells are at least shoulder high, and the air temperature is below the water temperature.
- That's an interesting definition, Kelly…
- I also have a funboard for the really small summer days. It has twin concaves too.
- Nice… I never had a twin concave…
- I love them, even my twin has a twin concave… I hate flat bottoms, mate, they just don't have enough push.

Amy outra vez deu indícios de que estava escutando a nossa prosa, mas ainda não sabia direito do que estávamos falando:

- Are you sure you're not talking about sex?

Mike aproveitou a deixa da namorada e entrou na conversa também, um pouco que chutando o pau da nossa (minha e de Kelly) barraca:

- And whar's so great about surfing, anyway? A bunch of people sotting on their boards, waiting to be bitten by a shark, eh?

Kelly, demonstrando que sua bondade estava tendendo ao infinito naquele momento, iniciou uma (quase vã) tentativa de explicar o inexplicável para os não-iniciados:

- Well, mate, there's nothing like going out surfing with your friends, when it's pumping out there, 6 foot clean…

Ela percebeu que não iria convencê-los facilmente, então lançou-me um suplicante olhar, na busca da minha segura cumplicidade, a qual foi cedida de imediato:

- You see that perfect wave coming your way…

E cristalizou uma perfeitamente sincronizada seqüência de complementares frases:

- You turn your board and start paddling as hard as you can, while your mates are rooting for you: go, go, go...
- You catch the wave, go all the way down for a really hard bottom turn…
- Go up again facing the wall, smack the lip…

- Go down again and accelerate just enough to do another quick turn at the wall and get inside the barrel…
- You feel, and hear, the air chanelling out around you, mate, ssss…
- You hear the water moving above your head and breaking around your body, brrrrrr…

Que culminou na clássica, e uníssona, conclusão:

- It's better than sex!

Mudamos de assunto e passamos a conversar sobre algo que todos pudessem opinar. Kelly contou-nos que havia acabado de se formar em Medicina, e que iria começar a trabalhar num hospital da sua cidade natal, em abril. Miltan e eu falamos que éramos estudantes de Engenharia, e falamos sobre as atividades da CV.

O bostejo continuou a rolar solto, regado a vinho de caixinha e curiosos olhares, até o momento em que a sargenta começou a dizer que estava na hora de todo mundo ir dormir. Em 5 idiomas, naturalmente.

Levantamos, destruímos as evidências da nossa transgressão coletiva e despedimo-nos dos novos amigos, afinal de contas todos iríamos zarpar no dia seguinte, para diferentes lugares. Kelly soltou um resignado "bye, mate" e sumiu da minha frente.

E foi naquele exato momento que bateu um não tão leve aperto no meu levelemente abalado ser, pois eu me dei conta de que muito provavelmente nunca, mas nunca mais mesmo, eu iria novamente ver aquela simpaticíssima – e, naquela altura dos acontecimentos, inebriadíssima e deliciosíssima também – surfista/doutora neo-zelandesa.

Eu não sei se foi o efeito do vinho ou da adrenalina, ou da dramática combinação dos mesmos, mas o meu estômago começou a dar giratórios sinais de que eu iria muito em breve cair estatelado no chão, "borracho, pero non cagado".

Ainda bem que o meu fiel escudeiro percebeu a minha abalada situação e segurou o meu braço, senão o meu nome iria entrar na lista dos top 10 vexames da CV:

- Celsan, tá travadan, meu?
- Só…
- Vamos sair daqui senão a sargenta vai começar a pentelhar, meu. Em 5 idiomas.

Miltan aparentemente estava um pouco mais sóbrio, ou melhor, um pouco menos ébrio, do que eu, e antes que eu me desse conta estávamos os 2 perambulando pelos corredores do albergue, numa missão quase impossível:

- Vamos achar a mina, meu.
- Que mina, Miltroncho?
- A surfistinha.
- Que surfistinha, Miltravado?

- A doutora, meu.
- Que doutora, Miltonto?
- Ô louco, meu, tu tá travado mesmo, hein?!

A bem da verdade eu não estava tão travado assim, mas não custava nada exagerar um pouco, pois se o negócio resultasse em vexame mesmo pelo menos eu teria uma (boa) desculpa. E, ainda mais importante, uma testemunha disposta a declarar que eu estava mesmo pra lá de Tavarua, completamente irresponsável pelos meus (tolos) atos.

Mas depois de uns 45 s de inútil caminhada nos labirintosos corredores do albergue e cruzando com n pessoas desconhecidas eu comecei a ficar desesperado:

- Cadê a menina, Miltravadan?!?
- Eu não sei, meu, mas se a gente não achar a mina a gente encara as mexicanas.
- Que mexicanas!?!

Ele me sorriu de lado e cumprimentou 2 sorridentes "muchachas" que cruzaram o nosso caminho naquele crítico momento:

- Buenas noches, señoritas!

Não me perguntem como é que ele sabia que elas eram mexicanas, mas o fato é que elas aparentemente aprovaram sua leve ousadia, e mesmo sem interromper o seu deslocamento cordialmente responderam ao meu fiel escudeiro:

- Buenas noches, guapito.

Minha capacidade cerebral estava um pouco, ou bastante, reduzida, mas na hora eu achei que iria precisar de (muito) mais vinho de caixa para encarar aquelas "chiquitas", então olhei para o meu fiel escudeiro e expressei, ou melhor, tentei expressar, minha indignação com sua descabida proposta:

- Miltonto… hum!?

Meu fiel escudeiro, para minha surpresa, havia desaparecido! Com certeza seqüestrado pelas sorridentes mexicanas, talvez para nunca mais ser encontrado... coitado...

Eu fiquei extremamente preocupado com o seu bem estar, e juro que na hora pensei em dar meia volta e ir socorrê-lo, mas meus heróicos pensamentos foram rapidamente turvados, e logo substituídos, pelas deliciosas imagens kellianas do banho coletivo, e eu não tive o menor receio em dar seguimento à minha desesperada busca, na certeza de que Miltan muito provavelmente não corria (elevado) risco de vida.

Minha angustiada caminhada, no entanto, foi bruscamente interrompida por uma (não tão distante) estridente voz feminina que mandava todo mundo apagar as luzes e ir dormir. Em 5 idiomas, naturalmente. Putz... E o pior era que meus aguçados ouvidos detectaram uma constante elevação da freqüência daquela voz, clara indicação de que eu estava prestes a

tomar um esporro federal – em 5 idiomas, naturalmente – por ainda estar acordado e, pior ainda, fora do meu quarto.

E o pior ainda era que naquela desesperadíssima altura daqueles desesperadíssimos acontecimentos eu não fazia mais a mínima idéia de onde seria o meu quarto! Putz... eu estava mesmo lascado... ou como diria o meu saudoso esperto amigo Seno, “fudido e mal pago, aê”.

Parei e tentei tirar proveito da súbita desaceleração do escoamento temporal causada pela exagerada concentração de adrenalina no meu abalado ser e fiz um hercúleo esforço para poder me concentrar a fim de bolar uma boa desculpa esfarrapada a dar para a sargenta.

E foi naquele elástico momento que a porta à minha esquerda inesperadamente abriu, e por ela irrompeu uma cúmplice mão que vigorosamente me puxou para dentro do escuro quarto. Antes que eu pudesse expressar qualquer protesto, ou agradecimento, dependendo de quem fosse a mão, a porta foi rapidamente fechada pela tal misteriosa mão, e do fundo do quarto despontaram alguns abafados sorrisos, acompanhados de uma reconfortante e amigável advertência:

- Quiet, C, you don’t want to get in trouble, eh?

Apesar do meu abalado estado eu consegui reconhecer os sorrisos, e a voz. E a dona da cúmplice mão, por eliminação. Ficamos todos calados durantes os 60 s seguintes, pois a sargenta continuou sua estridente ronda pelo corredor. Eu aproveitei o clima de suspense e entrelacei meus gelados dedos aos da minha (já não misteriosa) salvadora. A qual, para minha alegria, apertou-os suavemente, aproximou seu corpo ao meu e logo iniciou outra sincronizada seqüência de complementares sussurradas frases antes de começarmos a quebrar mais algumas (bobas) regras:

- With the lights out…
- It’s less dangerous…!
- Here we are now…
- Entertain us…!
- Because you look so fine…
- And I really wanna make you mine…!

In Another Land

Eu estava deitado na minha prancha, fervorosamente remando para pegar uma longa e enorme esquerda. A água estava gelada, mas por um estranho motivo qualquer a minha pele parecia ter adquirido propriedades adiabáticas, pois eu não sentia frio algum. Levantei e iniciei minha descida à base da perfeita onda, mas não consegui finalizar a manobra, pois fui brusca-bizuleicamente interrompido por uma cansada voz masculina mandando-me acordar e levantar. Em Português, naturalmente.

Abri os olhos, ainda injuriado, e um pouco desnorteado, como sempre que eu não dormia na minha própria cama, e olhei ao redor. Logo reconheci onde estava, e também entendi porque sentia-me tão cansado. Meu também detonado comparsa pegou sua mochila e criou coragem para andar:

- Chegamos, Celso.

Apesar do meu lamentável estado de ânimo eu consegui levantar, pegar a mochila e de quebra dar uma leve sacaneada no colega:

- Bom dia pra você também, querido.

Saímos da cabine, saímos do trem... dei uma olhada ao redor:

- Chegamos aonde, Miltan?

Meu desafetado colega nem olhou para mim, apenas apontou para uma placa na parede, aonde eu pude ler onde estávamos:

- Gare de Monaco... e Nice, velho?
- A gente passa lá na volta, são apenas 25 min de trem.
- Falou...

Após uma breve parada para medir estação, e também para satisfazer algumas básicas necessidades matinais, deixamos as mochilas no guarda volumes local e pegamos a saída em direção à place Sainte-Dévote. Demos um breve passeio nos arredores e depois fomos comprar uns poucos mantimentos num simpático mercadinho, aonde tivemos a grata surpresa de sermos recebidos ao som de “Garota de Ipanema”. Meus descolado comparsa fez questão de me explicar o inesperado fenômeno:

- O pessoal aqui se amarra em Bossa Nova, Celso.
- Só... mais uma vez a música brasileira marcando sua destacada presença no cenário mundial...
- Universal, eu diria, afinal de contas a 1ª música a ser tocada no solo marciano foi brasileira. Você sabia disso, né, meu?
- Claro que sim... se bem que eu teria feito uma escolha diferente, tem tanta música brasileira melhor que aquela... inclusive esta que está rolando agora.
- Só...

O dia estava claro, ensolarado mesmo, e a temperatura estava em torno dos 10 ºC, então resolvemos sentar num banquinho e fazer um leve pic-nic: algumas fatias de pão, queijo, presunto e leite achocolatado. E uma pitadinha de bostejo:

- E aí, Celsão, tá gostando da Europa?
- Estou, Milton... muito massa...
- Por onde será que anda o Chico, meu?
- Sei lá... a gente encontra com ele em Paris.
- Só... ele tava meio preocupado com o ITA, tava achando que ia pegar umas segundinhas.
- Ele não é o único... eu também peguei umas...
- Umas quantas, meu?
- Isso eu ainda não sei... a "comissão" ainda vai decidir.
- Puta merda, meu, vai pro inferninho?
- Hum-hum...
- Se eu fosse você eu nem me preocujpava, meu, vai ser acochambrado, o ITA sempre acochambra os "queridinhos".
- Como diria a Marina, "Eu acho que não sei não"...
- Mas se rolar um trancamento você aproveita e fica mais tempo aqui na Europa, meu.
- Boa idéia... eu podia ir pra Eiriceiras, ou Hossegor, ou Mundaka, arrumar um sub-emprego na indústria de surf local.
- Ou então tocar Bossa Nova nos metrôs.
- Eu não sei tocar Bossa Nova não, é muito complicado, Miltan.
- Sambinha...?
- Há-há... por que tu não ficaste aqui?
- Falta de saco, meu, e também a grana acabou.
- Não tem clude de rugby por aqui não, ou uma escolinha? Tu podia ser técnico, ou auxiliar técnico.
- Tem na Inglaterra, mas aquela ilha é fria demais pro meu gosto. Eu preferi voltar pro Brasil e juntar grana pra vir pra Europa de novo, na CV de vocês. Tu podia fazer o mesmo, Celso.
- Até que não seria uma má idéia, Miltan – eu parei um pouco para analisar aquela não tão remota possibilidade – viajar com os caras da minha turma que trancaram: Adriano, D2, Tango, Tartaruga, JD, Miguel, Breno... Bolota...
- E mais os que serão trancados agora por excesso de segundinhas...
- Só... e tu, Milton, pegaste alguma?
- Não... – Miltan fez uma expressão um tanto quanto séria, como se estivesse a ponto de me confessar algum segredo importante – eu nunca peguei uma segunda época, meu.
- Sssss... tu és muito fodan mesmo, Miltan.

Milton nem se comoveu com o meu singelo comentário, e continuou a comer seu delicioso sanduba. Por outro lado, sua inesperada revelação aumentara o mistério em relação ao seu trancamento, mas eu também nem me comovi, pois na hora eu estava mais preocupado com o **meu** possível trancamento.

Mas ele aparentemente estava bastante revelativo naquela ensolarada manhã de inverno, e logo continuou suas intrigantes revelações:

- Não é esta a opinião que a nossa querida escola tem a meu respeito, Celso.
- Sei...
- Eu fui acusado de ter cometido improbidade escolar, meu...
- ...
- E como eles não conseguiram provar nada eles me trancaram, meu...
- Eu sempre achei que ninguém seria “condenado” sem as devidas “evidências”...
- Eu também, mas pelo visto eu estava errado...
- E o DOO, Milton?
- A porra do DOO não me ajudou em nada, meu, eu nem sei pra quê o DOO existe.

Naquele momento eu entendi que, como membro ativo do DOO, eu deveria fazer uma propaganda positiva do mesmo:

- Eu não sei como era antes, velho, mas eu sei que neste ano a gente fez um bom trabalho, até evitamos que um colega nosso da ELE fosse injustamente punido, justamente porque um professor acusou o cara de ter colado. E olha que o professor até apresentou evidência, a qual foi demonstrada ser improcedente pelo DOO, meu caro.
- ...

Eu nem perguntei se ele havia mesmo cometido alguma improbidade escolar, a resposta estava estampada no seu compenentrado olhar. Mas resolvi encerrar o assunto com um quase sutil toque de rivalidade iteana:

- Mas também esses bizuleus só acontecem na ELE, Miltan, vê se na próxima vez tu faz MEC, cara.
- Que próxima vez, meu??
- Na próxima vida, sei lá...

Terminamos nossa frugal refeição fomos e passear pela bela orla mediterrânea, pois Miltan queria me mostrar o tunel, a piscine e outros importantes pontos do circuito de Monac que, segundo ele, eram indiscutíveis focos do orgulho nacional. Nosso, é claro.

- Foi aqui que o Senna venceu 6x, meu, em 87 e de 89 a 93.
- Sei...

Eu nunca entendi muito de F1, de modo que, apesar de reconhecer o valor de uma vitória, ou 6, eu não consegui entender direito a magnitute do feito que o meu nobre colega estava relatando. Fato este que, diga-se de passagem, ficou claramente estampado na minha face, e motivou uma (esclarecedora, numa linguagem que alguém com um limitadíssimo conhecimento esportivo feito eu pudesse entender) explicação por parte dele:

- É como vencer o Pipe Masters 6 vezes, 5 das quais consecutivamente.
- Sssss...

Achamos um acesso ao Mediterrâneo, o qual foi taticamente usado para que eu atigisse o mesmo e executasse um cauteloso experimento científico com as pontas dos meus dedos:

- A água tá fria praca, Miltan.

Depois de invadir a praia dos ricos e famosos saímos do principado em direção a uma agradável tarde em Nice, onde eu fiquei um pouco surpreso ao perceber que a praia local estava cheia de seixos. Mas nem por isso eu deixei de executar um outro esperimento científico, de resultado semelante ao anterior:

- A água tá fria praca, Miltan. Mas o foda mesmo deve ser encarar essas pedrinhas descalço pra entrar no mar, tá ligado?
- Eles põe areia no verão, meu, cobrem tudo.
- Massa... – eu enxuguei a mão, enfiei-a no bolso do casaco, peguei o "patch" que lá se encontrava e fiquei olhando para as vermelhas estrelas do Cruzeiro do Sul – como diria a minha amiga Kelly, "Nice is nice".
- Só...
- Ou como diria o nosso amigo Adalberto, "Olha que lugar bonito, gente!"
- Só... vamos dar umas voltas por aí, meu, relaxar um pouco pra poder encarar outra noite mal dormida em cabine de trem.
- Bora...

La Liberté

Eu já estava esperando algo de suspeito quando Miltan sugeriu uma rápida visita ao seu amigo Napa. Da última vez que fomos visitar um de seus questionáveis amigos europeus – o Cris, em Barcelona – eu passei uns 35 min explicando pra ele que a estátua de Colombo não estava apontando para a América. Nenhuma delas. Então naturalmente que eu fiquei desconfiado quando percebi que estávamos atravessando a Esplanade des Invalides em direção ao Musée de L'Armée:

- Teu amigo Napa mora aí, Miltan?
- Desde 1861...

Dentro de um exageradamente grande sarcófago. Ou pelo menos os restos dele. E durante nossa cultural visita eu descobri que o imperador Bonaparte também tinha um outro animal branco, além do seu famoso cavalo: um cachorro. E ambos estavam lá, serenos, empalhados, indiferentes aos dúbios comentários que fazíamos eu relação ao seu dono.

Depois de percorrermos todos os corredores do museu, ao som de uma improdutiva discussão sobre o que teria acontecido ao Brasil se Napoleão não tivesse existido, resolvemos cair fora do pedaço e andar um pouco pelas redondezas. E foi quando eu sugeri uma rápida visita à uma amiga minha, também residente local. Meu astuto comparsa ficou ligeiramente desconfiado:

- Não vai me dizer que é a minha amiga Mona, meu.
- Não, Miltan, a Lisa a gente visita amanhã. É uma outra figura, alta, elegante. Também fêmea, só pra variar, pois tu parece que só conhece macho por aqui: Cris, Napa... Vizir, o cavalo branco cinzento do Napa...
- Falou... e aonde é que a mina mora, meu?
- Na beira do rio, numa ilha.

Passamos pela Tour Eiffel, admiramos a paisagem, mas não subimos, pois a fila estava enorme. Andamos até a Ile aux Cygnes, e seguimos pela allée des Cygnes.

Eu sabia que estava no caminho certo mas, por insistência da insegurança do meu companheiro de jornada, parei e fiz uma rápida conferida com (e numa) despreocupada moçoila que estava sentada num banquinho, lendo um livro:

- Excusez-moi, mademoiselle, savez-vous où est la petite Statue de la Liberté?
- Bien sûr, monsieur. Vous xxxez xxxx xxx, suivez tout xx droit, xxxxez xxx, elle est située dans un xxxxx xxxxxxx, après la Pont de Grenelle.
- Merci beaucoup, mademoiselle.
- Il n'y a pas de quois, monsieur.

Eu não entendi metade do que a simpática menina havia falado, mas foi o bastante para que Miltan ficasse impressionadíssimo com a magnitude do meu parco domínio do idioma Francês. Principalmente porque ele não entendeu quase nada. E absteve-se de comentários até que finalmente nos deparamos com a ilustre parisiense às margens do Sena:

- E não é que tem uma estátua da liberdade aqui em Paris, meu?
- Mais de 1, Miltan, vai me dizer que tu não sabia disso não...?
- Não...
- Foi doada pelos americanos, em 15/11/1889, dia em que o Brasil virou uma república, diga-se de passagem... uma pequena retribuição pela sua irmã mais velha, e maior. E, como você pode facilmente perceber, está virada pro sudoeste, para a outra, que está na América. Do Norte.

Miltan deu uma olhada ao redor, como que estivesse conferindo sua orientação geográfica a fim de assegurar-se que não estava sendo vítima de uma leve sacaneada. Eu continuei minha humilde explanação:

- Tem outra em Maceió, e outra em Tóquio também... – eu aproveitei a deixa e tirei onda com a sua ignorância sobre aquele assunto – eu sou um poço de cultura mesmo, a-há!
- Cè tá brincando, meu. Ô louco!
- Em verdade existem várias outras espalhadas pelo mundo afora...

Após uns 2 min decidimos partir da ilha. Miltan, ainda impressionado com o meu conhecimento da língua nativa, pediu minha ajuda para comprar alguns objetos de uso pessoal, inclusive um que eu nem sabia como dizer em francês:

- Toalha, Miltan? Perdeste a tua?
- Não, mas é sempre bom ter uma reserva.

Eu aproveitei a ocasião para comprar 2 postais e 1 bloquinho de papel, coisa que logo provocou uma esperada reação do meu espirituoso comparsa:

- Não vai me dizer que você vai começar com essa viadagem de diário de bordo, meu!?
- Por que não? Registrar minhas memórias desta memorável viagem...
- Pra quê?
- Sei lá, vai que daqui a uns 20 anos eu escrevo um livro sobre o assunto – conforme sugestão da minha querida e maravihosa amiga Nádia – se eu anotar tudo fica mais fácil lembrar depois, né?
- Isso na certa foi influência daquela surfistinha neo-zelandesa, meu.
- Há-há...
- Vai mandar postal pra ela?
- Não, vou mandar 1 pra mama e outro pra uma figurinha lá da terrinha.
- Cê não já mandou 1 de Barça pra mina, meu?
- Não, velho, aquele foi pra Carolina... este é pra uma outra pecinha rara, Alícia. E quando eu estiver em Londres eu mando outro pra Camila, tá ligado? E outro de Roma, pra Nádia, de Viena, pra Claudinha, de Veneza, pra Gilda, de Berna, pra Regininha...
- É melhor mandar tudo do mesmo lugar, meu, senão depois cê num lembra mais a correta correlação mina/lugar. E manda logo daqui mesmo, que mulher adora receber cartão postal de Paris.

- Hum... – eu parei um instante para analisar aquela aparentemente absurda teoria – essa tua lógica até que faz sentido, Miltan, vou comprar mais uns 30 postais.
- 30? Cê vai mandar 10 pra cada, por acaso?

Finalizamos nossas modestas comprar e voltamos para o alberque, onde demos uma geral no movimento pra ver ser havia outros colegas na área, mas não encontramos ninguém.

- Isso aqui vai estar cheio de iteano amanhã, Celso.
- Só. Será que Chico e os Sávios já chegaram, Miltan?
- Eu não sei, mais tarde eu vou dar outra checada na área, Vai dormir no apê do Lucio?
- Vou, a gente vai dar um saidão, colocar o papo em dia.
- A gente se vê no Louvre, então. Vê se não atrasa, meu, 9:45.
- Falou, 9:45 em ponto estou na pirâmide.

Lucio sugeriu uma conferida nos bares do Boulevard St-Denis, que foi aceita de pronto, naturalmente, e antes que eu pudesse me dar conta do que estava acontecendo nos arredores eu já estava prestes a saborear a melhor cerveja local. A qual, ironicamente, era belga...

- Santé!
- A la nôtre!
- E como vai a minha namorada, solta lá em São José?
- Agora ela tá solta em Sampameu, Lucio.
- É mesmo...
- Já faz um tempinho que eu não vejo a Rosana, velho, esse final de semestre foi trolhoso.
- É, o 4º ano é bronca mesmo, até hoje eu lembro do sufoco... e aí, deu pra passar em tudo?
- Não, nem dei nem passei, peguei algumas...
- Devia ter dado, então, há-há... mas não se preocupe, que o pessoal da MEC é tudo mãe mesmo, sempre acochambra todo mundo.
- Eu espero que sim, meu velho.
- E a Patrícia, Celsão, já deste uns apertos nela?
- Não, mas apertei uma amiga delas, a Camila.
- Comí-la? A-há!
- Não, ainda não comí-la, a Camila. Está na minha lista, a-há, até mandei um postal pra ela hoje.
- Boa jogada, mulher adora receber cartão postal, ainda mais de Paris.
- Com certeza...
- Aquela menina é muito gracinha... E por falar em gracinha quem teve por aqui foi a Sarinha, Celsão.
- Encontraste com ela?
- Ela passou uns dias lá no apê, me visitando, a-há, a-há!
- Até que enfim tu deste um trato nela, Lulu.
- Pode crer, demorou 7 anos, mas rolou.
- Só...
- Tu vais passar o Natal aqui em Paris?

- Não, a gente vai pra Amesterdão... idéia do Milton...
- Deve ser massa, aquela mulhereda gostosa tudo doidona, e doida pra dar... tem muita gata na Holanda, Celso, tu vais se dar bem por lá.
- Eu espero que sim, a-há.
- Na minha CV eu passei o Natal aqui, parecia que eu estava no H8.
- Só... e tu, vais viajar ou ficar por aqui?
- Vou pra casa duns amigos, fica a 1 h daqui.
- Massa...
- E o Tino, Celsão, conseguiu terminar de escrever o TG?
- Meu irmão, tu não imagina o drama que foi, velho, pense num cabra enrolado...

Passamos o resto da noitada conversando sobre os “velhos tempos”, apesar deles não serem tão velhos assim...

No dia seguinte fui ao encontro do meu companheiro de viagem, exatamente no local marcado, e apenas um pouquinho atrasado. Pouquinho para mim, naturalmente, pois Miltan ficou demasiadamente ofendido com o meu desproposital desleixo:

- Eu falei, 9:45, meu, já são 10:08!!

Obviamente que eu nem me abalei, pois afinal de contas todo mundo sabe que não se deve marcar nada aos 45 min da hora, ou se marca para os 30 ou para os 60, ou seja, 00, hora cheia. Quem marca aos 45 min da hora está automaticamente dando seu consentimento para um atraso de pelo menos 15 min.

O Louvre estava cheio, mas conseguimos nos deslocar razoavelmente bem, e em pouco tempo estávamos defronte da misteriosa Gioconda, a qual estava sendo apreciada por uma centena de pessoas. Miltan passou uns 10 min analisando a obra e soltando seus profundos comentários a respeito da mesma. Eu particularmente gostei mais da Vênus de Milo, e da Nike, mas como já dizia a minha cara amiga Heleninha, “gosto não se discute, se lamenta”.

Seu bostejo foi exageradamente intenso, mas pelo menos aquela maciça dose de cultura artística serviu para neutralizar a (encenada) ira do meu comparsa, o qual preferiu esquecer, ou pelo menos tolerar, os efeitos da minha elástica pontualidade, e voltou a dar sinais de sua aparentemente desafetada civilidade:

- E como foi o saidão de ontem, Celso?
- Foi massa, a gente tomou umas biras e ficou conversando potoca.
- O Lucio vai ficar aqui até quando?
- Pelo menos até o final do ano que vem.
- Ele já está manjando bem o Francês?
- Bem o suficiente para pedir umas rodadas de bira...
- Só... E a mulherada?
- Miltan, meu camarada, essas francesinhas enganam de longe, porque de perto ninguém agüenta o tufum não, tá ligado?
- Só, meu...
- Cheirosinhas mesmo são as mexicanas, a-há!

- Só.
- E o Chico, tava no albergue ontem?
- Tava, mas eu não encontrei com ele.
- E como é que tu sabes que ele estava lá?
- A Valéria me disse.
- Aquela pentelha tava lá?
- Ela e a outra.
- Que outra?
- A Cristina.
- Tina não é pentelha não, velho, ela é gente fina.
- Só...
- Sério, cara, ela apenas tem uma carinha de chata, mas é legal.
- Bom, talvez eu mude de opinião depois que eu der uns apertos nela, meu.
- Como é!?
- Há-há... que nem você, meu, vai que depois de uns amassos ela fica mais simpática.
- Chico é muito fofoqueiro mesmo... eu sempre achei a Cristina legal, Miltan, mesmo antes da gente se agarrar no semestre passado.
- Só... foi ela quem me disse isso, meu, não foi o Chico não.
- A troco de quê que ela foi falar isso pra tu, Milton?
- Sei lá, a gente tava conversando sobre a CV, ela me perguntou se eu tinha te visto recentemente, eu falei que sim... papo vai papo vem ela desmocou esta interessante informação.
- Tu tá de sacanagem, né?
- Sério, meu, pra quê que eu ia inventar uma coisa dessa?
- Pra me sacanear...?
- Mas ela falou numa maneira desprovida de semi-tons libidinosos, meu... como quem comenta algo tipo "eu tive uma tremenda juliana no semestre passado".
- Falou... – "se bem que eu preferia agarrá-la novamente do que ter uma juliana, mas deixa pra lá" – bom, e o que elas iam fazer hoje?
- Elas disseram que iam subir na torre.
- Hoje?? No dia mais movimentado do ano??
- Foi o que eu disse pra elas, mas as pentelhas não deram ouvidos aos meus modestos conselhos...
- Vão se ferrar naquela fila quilométrica.
- Só... ah, tem mais, a Cristina vai com a gente pra Amesterdão, ela praticamente se auto-convidou, Celso.
- Tá de sacanagem...
- Sério, meu!
- E como foi que ela ficou sabendo dos nossos teoricamente secretos planos, Miltan?!
- Sei lá, a gente tava conversando sobre a CV, ela me perguntou o que a gente ia fazer no Natal... papo vai papo vem eu desmoquei esta interessante informação.
- Puta que o pariu, Miltan, agora fudeu a tabaca de chola!
- Ôrra, meu, tá reclamando do quê? Cê acabou de dizer que a mina é legal...!
- Tu tá de sacanagem, né?
- Sério, meu, pra quê que eu ia inventar uma coisa dessa?
- Pra me sacanear...?
- Sério, meu!

- Que roubada, Miltan, levar sanduíche pra banquete... Tu não tá vendo que essa menina vai dar uma de beque pra cima da gente, velho?
- Pra cima da gente não, Celso, pra cima de tu.

Eu sinceramente estava torcendo para que aquela estória mal cheirosa fosse apenas um desagradável sub-produto da ociosa mente do meu bem humorado comparsa, uma elaborada maneira dele se vingar pelos meus 23 min de atraso. Mas não foi, e naquela mesma tarde estávamos os 3 na Gare du Nord, pegando o trem para Amsterdam-Centraal.

Cristina passou metade da viagem narrando-me suas aventuras européias, e a outra metade divagando sobre os seus psicodélicos planos para aquela noite:

- Você vai encarar uns "space cookies", Celso? Eu estou louca pra provar uns.
- Não, Tina, não foi pra ficar doidão que eu vim pra Europa não. Pra isso eu teria ficado no Brasil. Em SJC mesmo, aliás, que produz a melhor droga do mundo. E nem custa nada...
- Ótimo, assim você fica de meu co-piloto! Não me deixa dar vexame muito grande, Celso.

Era só o que faltava mesmo, além de dar uma de beque a minha inocente colega ainda estava supondo por absurdo que eu ia dar uma de babá de aprendiz de lombreira... mas nem fud#$*do.

- Com certeza... – "que deixarei".

Miltan não estava nem se lixando para o meu drama. Aliás, Miltan estava dormindo! Dormindo!! E só acordou quando finalmente chegamos à capital holandesa. Pegou sua mochila e saiu do trem. E como ele era o único que sabia de cor o caminho para o albergue nós achamos de bom proveito seguí-lo de perto.

Pegamos o tram em direção ao Vondelpark, e após uma curta viagem chegamos ao albergue, onde recebemos uma desesperante notícia da atendente de plantão:

- Sorry, we have no beds available for tonight. And tomorrow night is not looking good, either.

Miltan e eu trocamos um triste olhar enquanto a nossa espirituosa colega verbalizava a nossa frustração coletiva:

- Puta merda, agora fudeu a tabaca de chola!

Eu ainda tentei uma alternativa que pudesse salvar nossa noite:

- Será que a gente acha algum hotelzinho por perto?

A menina do albergue aparentemente entendeu o que eu disse, pois logo nos forneceu uma importante informação:

- There’s no available room anywhere in this city tonight.

Não havia nada a ser feito, a não ser pegar o tram de volta para a estação de trem e pegar o trem de volta a Paris. Putz, encarar outras 3 horas chacoalhando... e o pior era que começava a chover.

Chegamos a Amsterdam-Centraal molhados e gelados, e correndo que nem uns loucos, pois se perdêssemos o próximo trem teríamos que esperar mais um tempão pelo seguinte. Mas nosso esforço não foi em vão, ainda conseguimos pegar o mesmo trem que nos trouxera da Gare du Nord, e que nos levaria de volta à Cidade-Luz.

O único detalhe era que o trem estava (quase que) completamente lotado, ou seja, nossa humilhante viagem de volta seria na vertical.

Bom, Cristina achou um lugarzinho lá no fundão, junto de uns gringos tagarelas. Miltan e eu ficamos de pé, perto dos compartimentos de guardar bagagens, onde colocamos nossas mochilas. Havia 3 compartimentos de cada lado, feitos de uma grade metálica, um acima do outro, e cada um media 0,50 m x 0,50 m x 1,50 m. Eu dei uma cuidadosa olhada no que era localizado ao nível do solo do trem, e que, felizmente para mim, ainda estava vazio, e tive uma (no momento) brilhante idéia.

Miltan lentamente girou a cabeça de um lado para o outro, dando indícios de que havia percebido a ingeniosidade do meu aguçado senso de improvisação, ao mesmo tempo que deixava seu quase imperceptível sorriso claramente mostrar que ele seriamente duvidava da minha intenção de colocá-lo em prática.

Mas eu nem dei a mínima para o seu silencioso desafio, sentei junto ao aconchegante guarda-volumes e introduzi-me ao mesmo. Após um delicado contorcionismo eu achei a posição ótima, e logo adormeci. Miltan com certeza estaria rindo da minha ousada manobra, e talvez até considerando a remota possibilidade de acomodar o seu (não tão) esbelto corpinho no 0,375 m3 disponível do outro lado.

Acordei meio desnorteado, sem saber direito onde estava, que horas eram. Minha memória de curto prazo finalmente funcionou quando eu reconheci o par de (amigas) vozes a me sacanear:

- Puta merda, Celso, eu não acretido que você estava dormindo neste cubículo!
- O pior foi a brasileira que passou por aqui e falou pro amigo: “nossa, olha aquele mendigo ali dormindo no compartimento de bagagem, praticamente no chão do trem”.
- A menina chamou o Celso de mendigo, Milton?
- Só, eu fiquei prendendo o riso, meu, com medo de que ela pensasse que eu estava com ele e fosse mendigo também.

Eu até hoje não sei se Miltan estava falando a verdade ou não, mas o fato é que eu consegui descansar um pouco, recobrar um pouco a energia que me seria bastante útil ao final daquela bizuleica noite que estava apenas começando.

Iniciamos nossa emaranhada jornada no metrô parisiense até chegarmos de volta ao albergue, onde novamente recebemos uma desesperante notícia da atendente de plantão:

- Sorry, we have no beds available for tonight. And tomorrow night is not looking good, either.

Miltan e eu trocamos outro triste olhar enquanto a nossa espirituosa colega verbalizava a sua frustração individual:

- Puta merda, agora fudeu a tabaca de chola!

Individual porque eu tinha onde dormir, o apê do Lucio, e Miltan havia tomado uma estratégica medida antes de sair do albergue naquela tarde, coisa que aparentemente Cristina não havia feito:

- Cê não fez uma reserva, meu?
- Claro que eu fiz!

Bom, ela havia feito a reserva, que havia sido devidamente ignorada pela generosa administração do albergue, de modo que o resultado era o mesmo: Cristina estava na rua, e quase desesperada.

Miltan e eu trocamos um outro triste olhar enquanto a nossa espirituosa colega verbalizava a sua frustração individual:

- Puta que o pariu, e agora?? Aonde é que eu vou achar um lugar pra dormir hoje?

Só havia uma coisa a ser feita, e foi o que eu fiz:

- Tem erro não, Tina, você dorme lá no flat do Lulu. Não é muiro espaçoso, mas a gente dá um jeito.
- E o Lucio?
- Ele foi passar o Natal na casa de uns amigos do trabalho, só volta amanhã de noite.
- Ele não vai ficar chateado, Celso?
- Claro que não, imagina se o Lucio ia deixar de estender a sua hospitalidade a uma colega nossa? Vamos nessa, a gente aparece por aqui mais tarde, Miltan.

Cristina sorriu aliviada, e Miltan pegou sua mochila e dirigiu-se ao elevador:

- Falou então, meu, eu vejo vocês mais tarde. Feliz Natal.